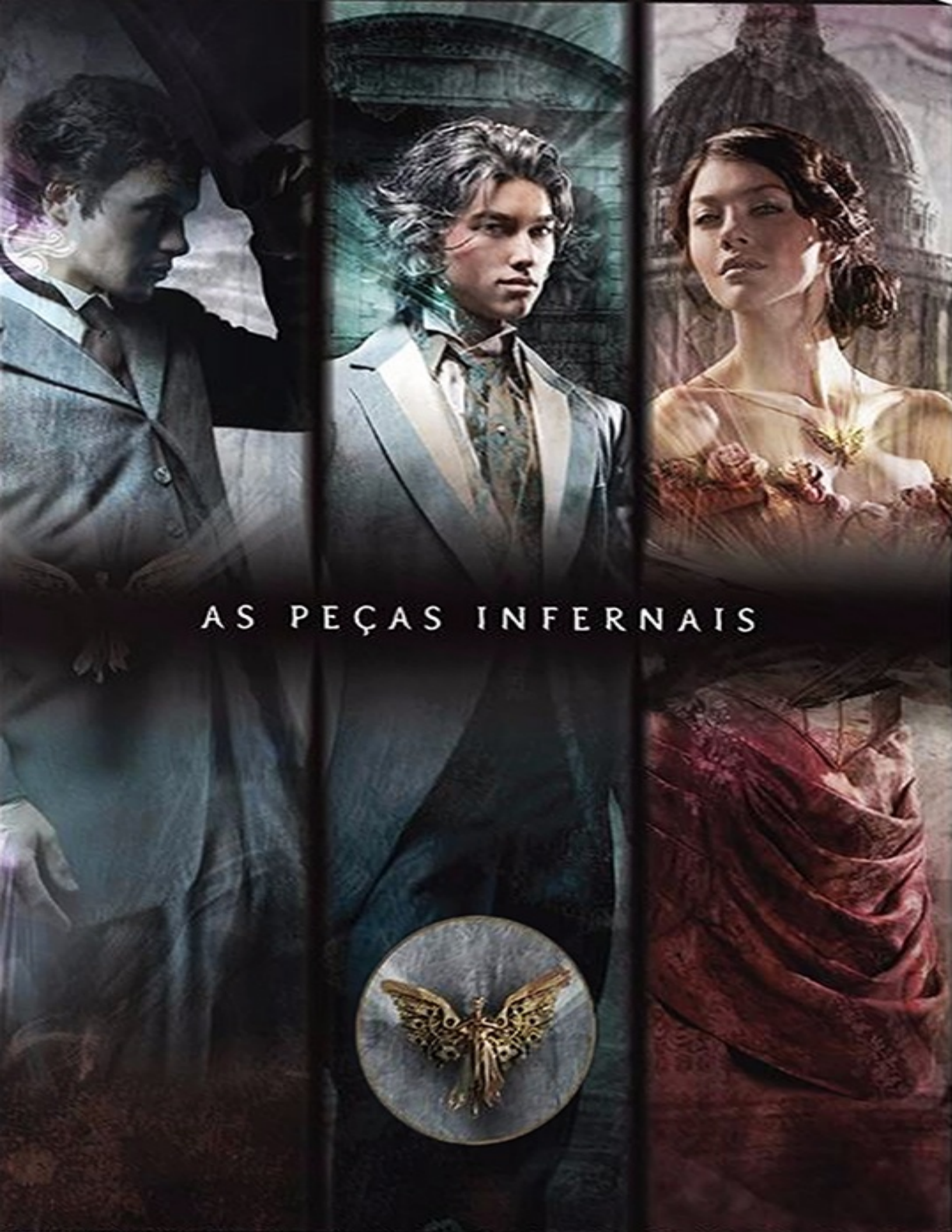

AS PEÇAS INFERNAIS

O mundo antes de *Os Instrumentos Mortais*
GALERA
AS PEÇAS INFERNAIS
Anjo mecânico
CASSANDRA CLARE

O mundo antes de *Os Instrumentos Mortais*
GALERA
AS PEÇAS INFERNAIS
Anjo mecânico
CASSANDRA CLARE

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Os Instrumentos Mortais
Cidade dos ossos
Cidade das cinzas
Cidade de vidro

As peças infernais

CASSANDRA CLARE

AS PEÇAS INFERNAIS

Anjo Mecânico

Tradução de
Rita Sussekind

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

g nv Hf º e ı nr Ige Áe r u l e kı u t e ku t Ái
ı nt h nge Áu t e g nu t e r h u ı i h nÁu º i ı h i r nÍ º u ı G? d

Star Books Digital

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

g dRffG g RffffffkffRk

e ffdffbfbnevffEffÍ[ffeffffffbnffffkffEffÍb Kg RffffffkffRkg dRffffbffffRkfh i ffkmº TfRı ffffffdffffkI Hº Tffkm
g RPMR dRffmffffffal RffffRº neffffRkGNLMN

ffeffffffk TffffRfTv ffemffffffffmffffRffbME

Áffffkfh i ffkmÁf mÍffmffffRfkmGEffffaeffffeckffffkRffrmffffl
kffffbRffbnvfla
º nffffffffffffkffbffffffbRae kffbmh TffffRfi k'ffffffffl
s ffbffkmRenffffffbÕ ffffRk Õ TkmÕ na
nı f t VIUHURHLMPLLNPHS [ffeffffffbnffffkffEffÍb

MkTfh i ffBfRbnffffffRfNr TffffffbnffffkffEffffInı ffffffdffffkG? TfRfmI Á³ffffffbnmIı ᵇffffL

MNH ghhaUMO
NVRN ghÇaUNMMMMTCHHO

Á³ffffffffffffffffRºnb Tfr-ffffl
Clockwork angel: The infernal devices

g ffffffffffff© NLML aftg RffffffkffRkg dRffGrrg

vfla'ffffkffbnkTffffnffffffkffeffffb f Rffffffl ffffackffffr Tffffffffkrrg mı RffkffRkf ffffffRe rnffe'TRr Tffffffffkı Ir Il

COPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
EDITORA AFILIADA

Para Jim e Kate

Agradecimentos

Canção do Rio Tâmisa

Uma nota de sal
cai e o rio sobe
escurecendo até a cor do chá
avolumando-se para encontrar o verde.
Acima das margens as engrenagens e rodas
de máquinas monstruosas
retinem e giram, o fantasma interior
desaparece em meio a suas bobinas
sussurrando mistérios.
Cada pequena engrenagem tem dentes,
cada roda gigantesca move
um par de mãos que pega
a água do rio,
a devora, converte em vapor,
coage a grande máquina a funcionar
pela força de sua dissolução.
Suavemente, a maré sobe,
corrompendo o mecanismo.
Sal, ferrugem e silte
desacelerando as engrenagens.
Nas margens
os reservatórios de ferro
oscilam em suas amarras
com o soar oco
de um sino gigante,
de tambor e canhão
gritando em uma língua de trovão,
e o rio corre por baixo.

ft i dRg dfldm

Prólogo

Londres. Abril de 1878.

Seis Semanas Depois

1
A Casa Sombria

Além deste local de ira e lágrimas
Ergue-se apenas o Horror da sombra.
ſt Õ T b i ffkmffmmfmfmGbffiTeffffk

— As irmãs gostariam de vê-la em seus aposentos, srta. Gray.

Ámffk fmfffbffbTffkbffmmffkR ffbTffkbffmmffkR enRaneffkGmfmfiTffkGfmffkff
s TffkRffkffkRffRmffkRkffbffkffkf ffbt mffkRffbmffmeffbffbRsffkbffbffbkTffk
R mffkR f ffffkGmffmeRffkffbR fbmffbR fbmffkRmb kmffffkbffffbffbkTffkg ffbffbfmbffmk
Ámffk ffffkeffkRffkbffmmffmbffkffmffbeffffkffkGms TffkRkmffkRffbffeTffffbh ms
fbTffmffbkmffbffmfbffkmkTffkR fbmffbR effffkR ı mÁmffk ffi ffbfTffmkmfbRfmffk
ffbmkTmffmRffmffbRffkmffkffffffffffkGs TffkR R ffmRfiR mRffkffkRGffb
ffffkbmffffGfmkRfmeRkRffRft ffbffkRffkbffmmffmfbRaf mffkffbffffbffkRctRfmffbi f
ı ffbaffkffmffmffkbI

e effbffmfmffbffbffbkTffkR ffffkbmffkRfmbRffR mb ffffmÁmffk mffmfmfR g Rffl
ı ffbaffkGeffbffbffkffffmR ef RfbRffkfbfrRfmb ffffmR fbRffffff Rfb ffffkffbmffkGRff
mfmffffRfbmffmÁmffk ffmfkamffkffmffbffffffffff

2
O Inferno É Gelado

Entre dois mundos a vida paira como uma estrela,
Entre noite e aurora, sobre a linha do horizonte.
Quão pouco sabemos do que somos!
E menos ainda do que podemos ser!
ft r ffffkf ftffffGh ffffdfRffk

ft Sua menininha tola — disparou a sra. Black ao amarrar os nós ffffn ffffffkTffb ffffffffffffkmÁffffR ı eRfbRl ft u ffffmRef ffffn ffffmnffffffmeffffffnffffffffffff

Qual é o seu nome? Emma. Emma Bayliss

Sra. Dark

t ffbffffff

uma adaga ao lado dela.

ſt *Srta. Gray*

ſt *Srta. Graaaaay. Onde você está?*

ſt *Srta. Graaaaay! Não podemos permitir que fuja, você sabe. Não podemos permitir que se esconda! Nós vamos encontrá-la, boneca. Você sabe que vamos.*

ſt *Uriel*: ſt i kmfffffff

3
O Instituto

Amor, esperança, medo, fé — isso faz a humanidade;
Esses são seu sinal, registro e caráter.
**ft º fl fl fl

mais velha

E se em alguma das vezes em que me Transformei, não tenha retornado da maneira correta? E se este nem for o meu verdadeiro rosto?

está

All-Hallows-the-Less

4
Somos Sombras

Pulvis et umbra sumus.
ft mffffdeTfGfb*Odes”*

No instante em que Tessa voltou à própria forma, teve que passar ffffff ffb affbaRfkmffbkmffffff

ſt ı Tbl e ffl fiffſpfl k nnfl ffRba b fb nRRfb ffR fb Tff R fbnffffn ffffRffkffbfbn
Áffffffffffffb e kTffffffa R b ffffm fbfffffffffl ffn nfbaffffb kffbTffffffffn nb ffffn
fbffffffffffbl

ſt Çrſ Iſt nffffffbTffnffffffbnenfl ſt a flm*mórbido*I

Ánffffffffffff

corredor

O Códex dos Caçadores de Sombras

o Anjo Raziel e os Instrumentos Mortais

branco

por causa

você

[illegible]

[illegible]

[illegible]

5
O Códex dos Caçadores de Sombras

Sonhos são verdadeiros enquanto duram, e não vivemos nos sonhos?
**ft r ffffke cdfffk, Áffffff

espelhos, e cada um pelo qual passava refletia um rosto diferente. Ouvia uma música adorável, marcante. Parecia vir de longe, mas ainda assim estava por todos os lados. Um homem andava à frente dela — um menino, na verdade, esguio e sem barba —, mas apesar de ter a sensação de conhecê-lo, não conseguia ver o rosto dele, nem dizer quem era. Podia ser seu irmão, ou Will, ou outra pessoa qualquer. Seguiu, chamando-o, mas ele se afastou pelo corredor, como se a fumaça o carregasse consigo. A música aumentou e aumentou...

[illegible]

[illegible]

[illegible]

6
Terra Estranha

Não devemos olhar para os homens gnomos,
Não devemos comprar dos seus frutos:
Quem sabe em que solo se alimentaram
Suas raízes famintas e sedentas?
ſt g ſ ffkffffffRº ffffffffffffb ffbcTfhs Rffkffk

— Sabe — disse Jem —, istσ nãσ é nada cσmσ achei que um bσrdel ffffffffffff

g Çrh e h u g Çrh e h u g Çrh e h u g Çrh e h u III

g Çrh e h u: *bem*

cacho

saiba

F F F

7
A Garota Mecânica

Nada somos além de peças em Seu jogo de xadrez
Sobre esse tabuleiro de noites e dias
Move-nos para lá e para cá, nos põe em xeque e destrói.
ſt ſbÁſ mº ſla.RſſRſſſſbu ſbRſſſpſ RſſſRſbſk

Havia escurecido no exterior do Instituto, e a luminária de Sophie ſſſſkſſſRſ mſſſſRſſ RſſſſſbaſſſſlkſſRſª Rſſſſſ

Se eu deixasse

F F F

8
Camille

Frutos caem, o amor morre e o tempo passa;
Tu és alimentada com fôlego eterno,
E ainda viva após uma infinita mudança,
E renovada após os beijos da morte;
De abatimentos reacendeu e recuperou-se,
De prazeres infférteis e impuros,
Coisas monstruosas e infrutíferas, uma lívida
E venenosa rainha.

Tessa estava apenas na metade do corredor quando Will e Jem a

ſt i fRfbaᵇfb fmfRfbfffffff

AMOR VERUS NUNQUAM MORITUR.

dos Caçadores de Sombras

e

ft

Á

ft

g

ft

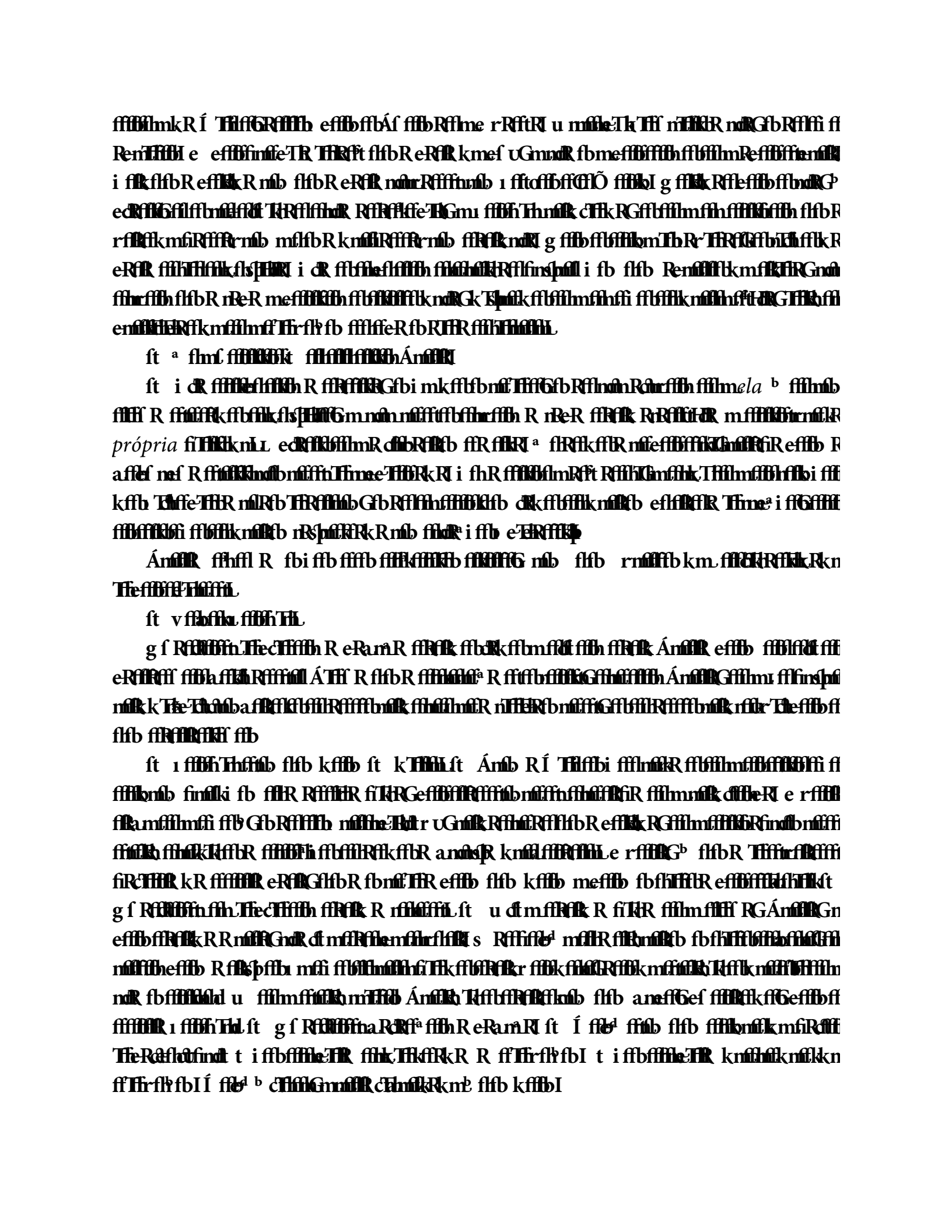
ft

Á

ft

ft

ft



9
O Enclave

Meu coração pode virar mó, minha face pedra,
Trair e ser traído, e morrer: quem sabe? Somos cinzas e pó.
ft r fffffke ddffffk, Ámffffffffffffb Rffkfk

— Tente outra vez — sugeriu Will. — Apenas ande de uma ponta à ffffffffffff

10
Reis e Príncipes Pálidos

Vi pálidos reis, e príncipes também,
Pálidos guerreiros, de mortal palidez eram todos
ſt offbff p mRffffb Rf mdmh Rfbm⊥Rffffs mfffk

Enquanto a carruagem passava pela Strand, Will ergueu a mão **effbmffk** **ffffbffkfbRdfiRffffffRmRafffkffnfbRkRffeffffffRffkmfmdfkffkRdRfmdRGffmdbTffffkffbffm** **flfb ffffffeffkmdfsjpRfbRffmdRkmflfb ffffffffnkmffkRTffbTffRffffmafffmfmbmffmffbffffmffkff** **mffffffkffbmefffb**

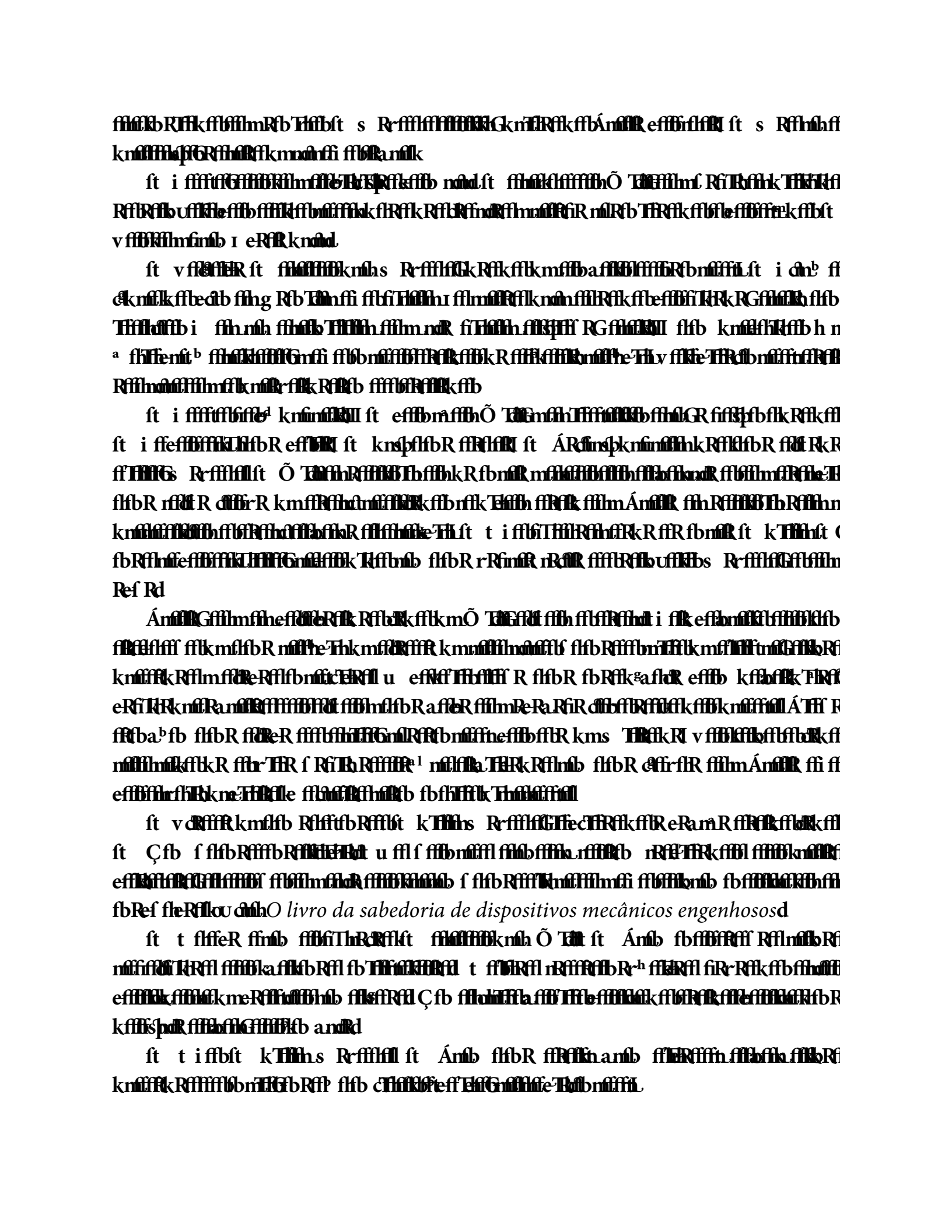
ſt v**Rffeffmft** k**Tffffmft** G**ffflmmffffffffRffmbffffef** f**lfiRmffRffffbffL**

Ám**ffffR** f**mrflffh** f**ffbffdtRffkmdbffmdR** d**RfmdR** f**fbe**ᵇ**fh** m**ffffGiR** f**ffla**d**Rkffffkmflfb** e**TffsR** **fbmfftTeffbft** f**fbffffffbRᵃffffkr** f**ffbkfmfGmdR** f**fmffffffl** m**ffbmffflkmef** R**ffffflfmdffbrRf** **eRffRflmffffffflfmRffffffffiRfb** f**fmdR** e**RᵃtRkR** m**fb** R**fbaffbffffbdRkffffbkR** f**ffkRGeffffb** f**ff** **ffffbaffffbmffefdt** k**ffffbfmdfbmffffffkffffbffmeRffkrRfiRffffkfffffkmeRffiffGmffffffkn** **eRfiRffGmffffbffffffffffkmffffdTffRffmRflfbRffffffffffffs** R**ffffffbRfmsplÁmffffffl** **Ref ffffbffffmeffffbfmrfffffffffffffef** m**ffffkffffbffffb**

ſt e f**ffffffb** f**lfbR***igreja* f**ffffbmffffkRffkRdſt** Á**mffffR** f**mrflffffffffffbmfb** f**ffffffRffl**

ſt L**R**ı **ffts** R**ffffkm**⊥**ffffffk ſt** k**Tffffmft** G**mffffb** f**lfbRdffffrRf** T**ffffffffkGfbRffffi ff** **ffffffbeffffffffRffkrffffffki** f**ffffRffffbffffffkffffkffffbRe**f**ffffffRkffffffmmfdkTffffffd**

ſt i ffffffRiR ſt ffffffffffkmfh Á**mffffR ſt** G**RffftefffffbmᵃRffffR** m**RffffkmfbefflfiRfᵃfmfb ffl** **Tbffffffffffkeffffb Refflfiffdi ffffffbffffffRefbTffffkmflfbRmffffffeTfhkmfIImfmffffffffffffffkn** **fiRfbffffffffffffff



11
Poucos São Anjos

Somos todos homens,
Em nossas próprias naturezas frágeis, e sujeitos
À nossa carne; poucos são anjos
ſt ı ſ R k m n m f k

Tessa gritou.

t i f b r f k b f b R f G b R f i R b f k m e f b s R f e f m a f b f b o f f l m f R f h k R
f f k f f k r R f k f R ſt f f R e f b f b f k m b f R h k m f f k m f f k a m f k f m
m f R i r f k f k f b f R f k f l v m f f b f f l m f f m r f k f k f b f b m k f b f b i f G b R f f i f b

ſt Õ T ſt a m f k B I ſt Õ T R r f f k k R ª R R r f f k

Ç f b R m l e d R f b R ª i f b R f f G m f f b h R f k R l h n s p m R f k m R e m a f k e R f f m f f d k b f k f
Á m f k u a m f k b f f R T f f m f k b f f k f R f k m f f b k f r f m l h m ª f h f f e n f t m f G i R f k f k f
f f l f R a f b R f t t R f t R f h R m f k i R m e R f k k f G R f k k f G e f b f f b f f l m T h R r T f R f k f b f
f b r f k f b f m k b n f k f k m f R T h R r T f R ª i f b m b f b m f b R r f b f k

Õ T f e f b f k k m f b f f a f b f f k f k h f f f G f m f f b I ı m f f d f b m e f b f f k f k b f b k n
Á m f k k f b f b f f k b k f k f k R f k k f b f m t R f f f b k f b R m f k ª i f k m f h r f l f G f b R f l h n
ª f h f f e n f t f i T h g f f b f l f b m f f k m f k c ª f f G f l f k f b k m f f f f f G r T f k f l f R f b i f l f f k f l
R f f b f f k T f f b m f f t f f k R Õ T f t

ſt u f b m f T f f f b t r f k f b I ſt v R f f b H f f b

Õ T f k m f f T f f b f f b f d f f b k m Á m f k u f f i R b f f f k f b h m f f G R b f f l a G R f f f k f G T f k f
m b k T f a i f f R m a G f b f d f f b a f f h R f k f l e f b f f k f R m f f b m L Õ T f f f d f b f f m t R f k R ª b
k m f f G f f R h m ª f h f f e n f G f f l m f f b f e R f G R G f l f k f f b t i f l f R f l b f b m k f l b f f l f b m b a c R f f i
k m Õ T f f f l R f k f l f f l f h f f R f k f f e f b f f k b f f b k f f b i R b f f k f f t f f m b ſ m f f ª i f G m f f m b

irmão:

12
Sangue e Água

Não ouso tocá-la sempre, temendo que o beijo
Deixe meus lábios queimados. Sim, Deus, um pequeno êxtase
Breve êxtase amargo, que se tem por um grande pecado;
Porém sabeis quão doce é o sabor ofertado.
ſt e o

Quando chegaram ao Instituto, Sophie e Agatha estavam esperando

do Submundo e seu irmão não. Como isso aconteceu?

Á

ſt Í

ſt Á ſt t

ſt Á

ſt e Á

*Não. Não estou falando disso***I**

ſt u Á ſt u

Í

g

13
Alguma Coisa Sombria

Às vezes somos menos infelizes em sermos enganados
por aqueles que amamos que em ouvirmos deles a verdade.
ft kfffffª ffffffr Rº ffef mffffeRfffkGfb RfTfbffk

Tessa acordou no dia seguinte com Sophie acendendo o lampião Rffffkff kReRfbRf g fffb ffb rmbTffGÁmffffRmsffbmª i ffkmeffffffffffffffffffffffkffffffffffffffffffffff

mereça.

14
Blackfriars Bridge

Vinte pontes da Torre ao Kew
Queriam ver o que o Rio viu,
Pois eram jovens e o Tâmisa não,
E ouviu-se do Rio esta lição.

Atravessando o portão de ferro do Instituto, Tessa se sentiu um

Áe Í i º t e h u h ɐe f u I

*Foi aqui que Will veio na outra noite*I Á

ſt *Este* ᵇ

ſt s

e

ſt e

ſt R Á

ſt i

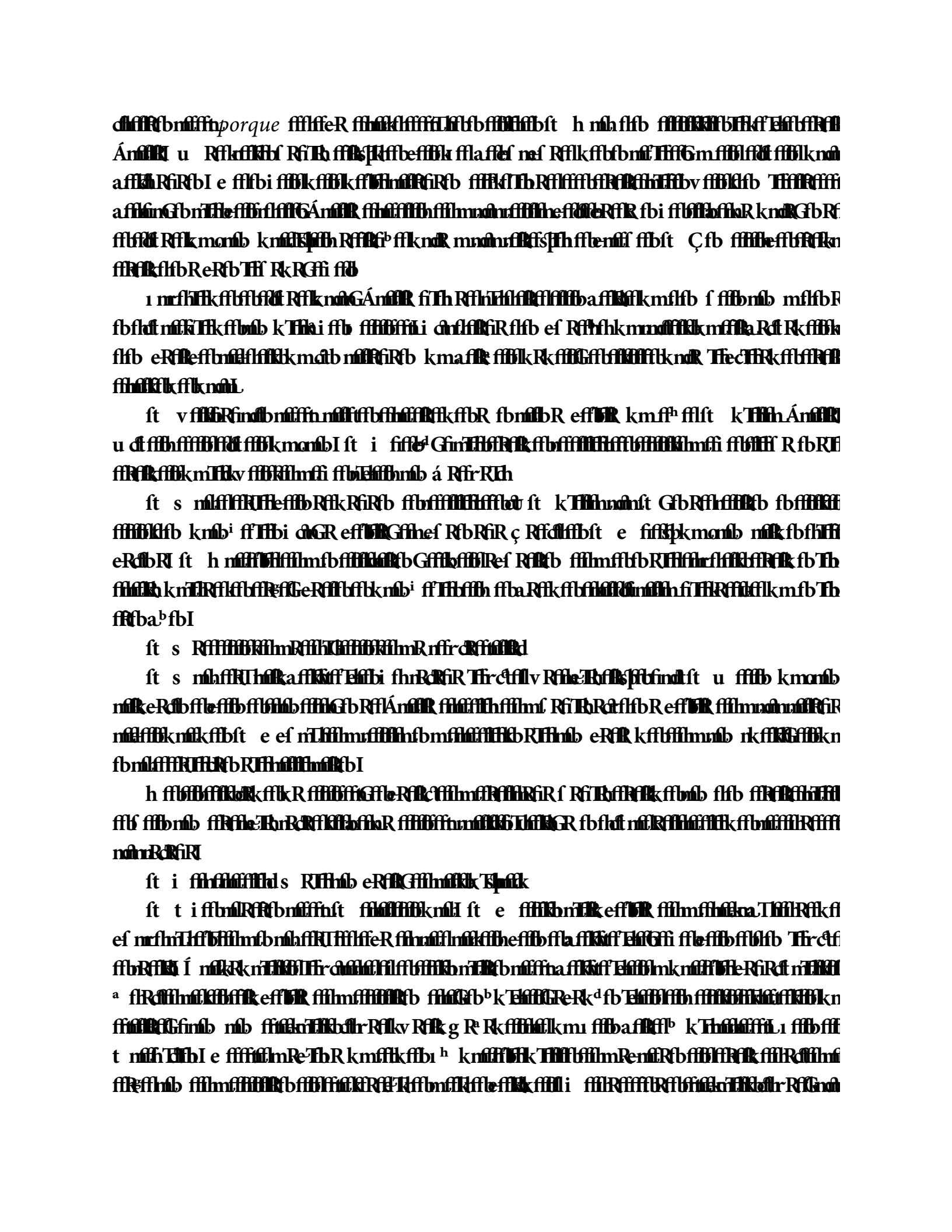
e ᵐ

ſt

ſt

ſt

porque



Mas ele está morto. Nós o matamos. Eu vi o corpo dele. Á

ſt L

u e

ſt *Pertenço* ſt

e

ſt a b d ſt

ſt u s

Í b t L

g a

ſt u s

ſt u

e

ſt ı

e

ſt g

ı

Á e a

Á

Á

o

15
Lama Estrangeira

Ah, Deus, que o amor fosse como uma flor ou uma flama,
Que a vida fosse como dar nome àquilo que chama,
Que a morte não fosse mais lamentável que o desejo,
Que tudo isso não fosse feito da mesma trama!

— Srta. Tessa. — A voz era de Sophie. Tessa virou e a viu emoldurada

16
O Feitiço de Ligação

Uma ou outra vez
Também é cortês arremessar o dado,
Mas na Casa da Vergonha, jamais ganha
Aquele que joga com o Pecado.
ſt u ffeRffÕ Tbmc GÁſ mſ Rcdkk ffbe mkTfr l Rffdk

— Jessamine! Jessamine, o que está acontecendo? Onde está Nate?

omffffkb Tfm GffflmmffffGRkffbkffkmffffkkffbffRffkkmt RffGffl fTffbffffRffkffdRf
Ámffffk Gffflm ſfTff R effffffdkffbffmdbeffffffkffflk u ffl ffdffbffl km omffffkb Tfm ffff Rfb
effbffffffkffbfmffbmdffbmffRmffffffffffbmffkmffffffdt g Ref ffbffffffffbmffffGRfb kfl
effffbfmffffbRfbmffmTfbffheufmdRffffkRePamRf

ſt t iffbsei ſt Tffffffbffffſt h ffffbTffR eRkmffffkRfbkffkR eRfbRGmffffRfkfl
**Reffffkmdmffff Rkmffffffffff

17
Invocar a Escuridão

A velha torre da igreja e o muro do jardim
Ficam negros com a chuva de outono,
E ventos lúgubres pressagiam assim
A escuridão sendo invocada de seu sono
ſt i fb Tft f ffffffffGfÁſ mu dt g ſ flfff Áffffkmfffk

Enquanto Charlotte corria até a biblioteca para notificar o Enclave ffffffffl
**Rffmemffffkkmkmffbkkª i ffbfbmmfffkmfffTffffffff

Nate, [illegible] é dois anos mais velho que Will. Não é como se fosse um século. E nem forçando bastante a imaginação dá pra chamá-lo de "maduro". [illegible]

[illegible]

[illegible]

[

18
Trinta Peças de Prata

Apagado o seu nome, então, registro mais uma alma perdida,
mais uma tarefa recusada, mais uma trilha não percorrida,
mais um triunfo do diabo e uma tristeza para os anjos,
mais um erro para o homem, mais um insulto a Deus!
ſt º ffbnffft ffffkffTfrGlÁſ mı ffffft nkkmffk

Tessa cambaleou para trás, afastando-se da porta. Atrás dela, ı ffffhTf
mffRiR Tfbʰ fmdGRffmfRkkR ffffbfme rRffRGRffbi ffffffffffffRkRffefffffffkffffmffffkR
fbflffmffkı RffrflmmffffffRiR R RffkflffkkmffRffffffffb ffffffffffkmkffffe rRffRmffRiR
ſ ffffffkmfbmffffmfbckRmmfbTffffffb ffskffffffbmfbmffRffffRffkmffbRef RmffffkRffffkffl
ª flRffkffbiTfh ffffRffffffbRffffffbmevffffffGRffkrRffbn ffffffffffmffffffbmffffffffffRf
ı ffffhTmffRffkffbrmeffffb RffbiffffmffRfrfmffffkRffGfbRffı ffffhTfGRffkR rffffkffkffGfl
fbRffffmRrRffffkRRmdRGfefffffffkffffmRfmfbmffmk

ſt ı ffffhTfh ſt mffffmffb ffskffkmffRffffffffRmffRkR mÁſ ffbRffffffffemffGfl
ffffffbmffffmfbRfbmffffmaffffeffbi ɔmmbffffffſ RfiR RmffRkR Tfbmffffffffffff

Mas isso é impossível. De Quincey é o Magistrado. Aquelas criaturas na ponte disseram que serviam a ele. Nate disse

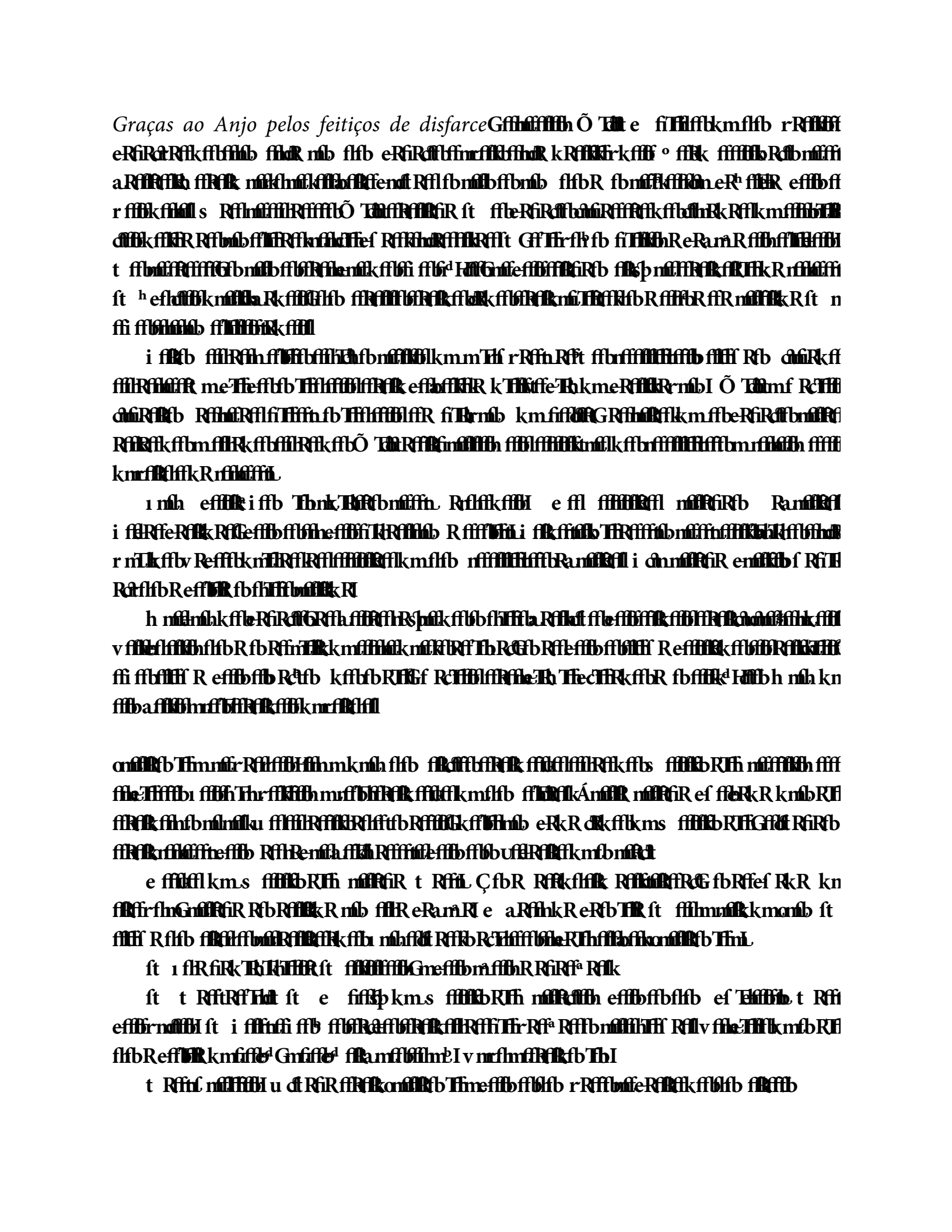
responde

19
Boadiceia

A marquei como minha já em seu doce e primeiro respiro.
Minha, minha por direito, do berço até o último suspiro
Minha, minha — juraram nossos pais.
ſt r ffffke ctffk, Ámtffffffffffb Rflkfk

Quandσ as pσrtas dσ Santuáriσ se fecharam, Tessa σlhσu em vσlta,
Rffffmtffffffl e ffkR mffffGiR fbRffffmffffkffffffmffffkTfkkR fiffffffR kmg Rfb Tffmt i fl
ſ RfiTfkfmdRffffffmTfbRffkffffffffbeRfkmdRaffffffGRffmtRfkffsfmmffffffRkR ffffmffffffeRfiR ffffff
eRfkmaffffffffRffffffkmffle mffffffRkffffRfiffeffffffffffRkmffffbRfkffffffffRfiffbrffkbRf
Tffffffffffffffef RnRffkpu RffkRffkRRffffkRmffkr[b] ckffffGmÁmffffRmffffffmbnemfl
ı ffffbffffffkffffffffkffffffRffkffffRef Rfimkmffffffffffffffaffffffffffffff

Graças ao Anjo pelos feitiços de disfarce



20
Terrível Maravilha

Todos os homens matam a coisa amada,
Por cada um deles isto seja ouvido,
Alguns o fazem com a expressão amargurada,
Alguns uma palavra lisonjeira tendo dito,
Com um beijo o faz o covarde,
Com a espada o que tem coragem!
**ſt u ſſeRſſÕ Tdmſſſ

Um conto de duas cidades

No entanto tive a fraqueza, e ainda tenho, de desejar que soubesse com que maestria me acendeu, o monte de cinzas que sou, em fogo...

E por que não deveriam?

ir de encontro

estaria

Ele frequentemente pode ser encontrado lá quando está chateado

E raramente vi Will tão chateado. As perdas de Thomas e Agatha foram mais difíceis para ele do que previ

Filhos de Lilith, também conhecidos como feiticeiros, são, assim como mulas e outras raças híbridas, estéreis. Não podem produzir descendentes. Não se conhece exceções a esta regra...

Epílogo

Estava tarde, e as pálpebras de Magnus Bane iam fechando de

Observações sobre a Londres de Tessa

e r ffffkfffffkm *Anjo Mecânico* ᵇ GRfft ffffkmeffffff

Observação sobre a Poesia

Anjo mecânico

Sobre a autora

Livros da autora

Book trailer do livro

Página do livro no Skoob

Primeiro capítulo do livro

Site oficial da autora

Mais informações sobre os livros e as futuras publicações da autora

Resenha do livro

Página da autora no Facebook

Tumblr da autora

ſiſ ffffKeRffffkffeRffbadffbK

O mundo antes de OS INSTRUMENTOS MORTAIS
GALERA
AS PEÇAS INFERNAIS
Príncipe mecânico
CASSANDRA CLARE

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

Série Os Instrumentos Mortais

Volume 1 – *Cidade dos ossos*

Volume 2 – *Cidade das cinzas*

Volume 3 – *Cidade de vidro*

Volume 4 – *Cidade dos anjos caídos*

Série As Peças Infernais

Volume 1 – *Anjo mecânico*

Volume 2 – *Príncipe mecânico*

AS PEÇAS INFERNAIS

Príncipe mecânico

CASSANDRA CLARE

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

C541p
O príncipe mecânico [recurso eletrônico] / Cassandra Clare ; tradução de Rita Sussekind. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.
recurso digital (As peças infernais ; 2)

Tradução de: Clockwork prince
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sequência de: Anjo mecânico

ISBN 978-85-01-40330-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.

13-1571

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Clockwork Prince: The Infernal Devices

Copyright © 2011 by Cassandra Claire, LLC

Publicado primeiramente por Margaret K. McElderry Books, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Publicado mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Design de capa: Renata Vidal da Cunha
Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40330-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Para Elka

Khalepa ta kala

"Quero que saibas que tu foste o último sonho da minha alma... Desde que te conheci, tenho sido atormentado por um remorso que pensei que nunca me censuraria novamente e ouvi sussurros de velhas vozes impelindo-me para cima, as quais achei que estivessem silenciadas para sempre. Tive ideias imaturas de me empenhar novamente, começar de novo, me livrar da preguiça e da sensualidade, e lutar a luta abandonada. Um sonho, tudo um sonho, que vai dar em nada..."

— Charles Dickens, "Um conto de duas cidades"

Prólogo

O Morto Exilado

O nevoeiro estava espesso, abafando som e visibilidade. Onde a névoa se abria, Will Herondale podia ver a rua elevando-se adiante, escorregadia, molhada e negra de chuva, e podia ouvir as vozes dos mortos.

Nem todos os Caçadores de Sombras conseguiam ouvir fantasmas, a não ser que estes optassem por ser ouvidos, mas Will era um dos que conseguiam. Ao se aproximar do velho cemitério, as vozes se elevaram em um coro irregular — uivos de dor e súplica, gritos e rosnados. Não era uma necrópole serena, mas Will sabia disso; não era sua primeira visita ao cemitério Cross Bones perto da London Bridge. Ele fez o melhor que pôde para bloquear os ruídos, arqueando os ombros para que o colarinho cobrisse as orelhas, a cabeça abaixada, uma bruma fina de chuva umedecendo os cabelos pretos.

Descendo o quarteirão, a entrada do cemitério ficava na metade do caminho: um par de portões de ferro forjado em um muro alto de pedra, ainda que qualquer passante mundano nada observasse além de uma área coberta por vegetação, parte do terreno de um empreiteiro anônimo. Assim que Will se aproximou dos portões, mais uma coisa que nenhum mundano teria visto se materializou da névoa: uma grande aldrava de bronze em forma de mão, os

dedos ossudos e esqueléticos. Com uma careta Will esticou uma das próprias mãos enluvadas e levantou a aldrava, deixando-a cair uma, duas, três vezes, o tinido oco ressoando pela noite.

Além dos portões a névoa se elevava do chão como vapor, obscurecendo o brilho do osso contra o solo acidentado. Lentamente a bruma começou a fundir-se, adquirindo um estranho brilho azul. Will colocou as mãos nas barras do portão; o frio do metal infiltrando-se pelas luvas, penetrando os ossos, e ele estremeceu. Era um frio mais intenso do que o normal. Quando fantasmas se levantam, extraem energia dos arredores, privando o ar de calor. Os pelos na nuca de Will se arrepiaram quando a bruma azul assumiu lentamente a forma de uma senhora de vestido esfarrapado e avental branco, com a cabeça abaixada.

— Olá, Mol — disse Will. — Você está particularmente bonita esta noite, se me permite dizer.

A fantasma levantou a cabeça. A velha Molly era um espírito forte, um dos mais fortes que Will já encontrara. Mesmo com a luz do luar se espalhando por uma brecha entre as nuvens, ela mal parecia transparente. Seu corpo era sólido, o cabelo retorcido em um penteado grisalho amarelado sobre um dos ombros, as mãos ásperas e vermelhas apoiadas nos quadris. Apenas os olhos eram ocos, chamas azuis idênticas ardendo nas profundezas.

— William ‘erondale — disse ela. — De volta tão cedo?

Ela foi em direção ao portão com aquele movimento deslizante peculiar dos fantasmas. Seus pés descalços estavam imundos, apesar de nunca tocarem o chão.

Will se recostou no portão.

— Sabe que senti falta do seu belo rosto.

Ela sorriu, com os olhos tremeluzindo, e ele teve um vislumbre do crânio sob a pele semitransparente. Acima deles, as nuvens tinham se fechado novamente, bloqueando a lua. Como um tolo, Will ficou imaginando o que a velha Molly teria feito para ser enterrada ali, longe do solo consagrado. A maioria das vozes em pranto dos mortos pertencia a prostitutas, suicidas e natimortos — os mortos

exilados que não se podia enterrar nos cemitérios das igrejas. Se bem que Molly dera um jeito de fazer com que a situação acabasse sendo bem lucrativa, então, talvez não se importasse.

Molly gargalhou.

— Então, o que deseja, jovem Caçador de Sombras? Veneno de Malphas? Tenho a garra de um demônio Morax, muito bem polida, o veneno na ponta está completamente invisível...

— Não — disse Will. — Não é disso que preciso. Preciso de pó de demônio Foraii, bem moído.

Molly virou a cabeça para o lado e cuspiu uma gavinha de fogo azul.

— Por que um belo rapaz como você quer uma coisa dessas?

Will apenas suspirou internamente; os protestos de Molly faziam parte do processo de barganha. Magnus já tinha mandado Will à velha Molly diversas vezes, uma delas para buscar fétidas velas negras, que grudaram em sua pele como alcatrão, outra para buscar ossos de uma criança que não tivesse nascido, e outra para um saco de olhos de fadas, que pingaram sangue em sua camisa. Pó de demônio Foraii parecia agradável quando comparado ao resto.

— Pensa que sou tola, não pensa? — prosseguiu Molly. — Isto é uma armadilha, não é? Vocês, Nephilim, me pegam vendendo esse tipo de mercadoria, e é o fim da velha Mol.

— Você *já* está morta. — Will fez o possível para não soar irritadiço. — Não sei o que pensa que a Clave poderia fazer com você depois disso.

— Bah — os olhos ocos de Molly flamejaram. — As prisões dos Irmãos do Silêncio, sob a terra, podem prender tanto vivos quanto mortos; sabe disso, Caçador de Sombras.

Will levantou as mãos.

— Nada de truques, velhinha. Certamente deve ter ouvido boatos correndo pelo Submundo. A Clave tem outras questões em mente além de localizar fantasmas que traficam pós demoníacos e sangue de fada. — Ele inclinou-se para a frente. — Pago um bom preço. — Retirou uma bolsa de cambraia do bolso e

balançou-a no ar. Ela tilintou como o som de moedas chacoalhando. — Todas se encaixam em sua descrição, Mol.

Uma expressão desejosa se formou na face morta de Molly, que materializou-se o suficiente para pegar a bolsa. Enfiou uma das mãos no saquinho e retirou um punhado de anéis — anéis de casamento feitos de ouro, todos unidos pelo nó dos namorados. A velha Mol, como muitos fantasmas, vivia à procura daquele talismã, aquele pedaço perdido de seu passado que finalmente lhe permitiria morrer, a âncora que a mantinha presa a este mundo. No caso dela, era a aliança de casamento. Acreditava-se, Magnus contara a Will, que a aliança já estivesse perdida há muito tempo, enterrada sob o leito de sedimentos do Tâmisa, mas enquanto isso, ela aceitaria qualquer bolsa de anéis encontrados por aí, na esperança de que um deles fosse o seu.

Ela guardou os anéis de volta no saquinho, que desapareceu em algum lugar de sua figura morta-viva, e em troca entregou a Will um sachê de pó. Ele o colocou sorrateiramente dentro do bolso do casaco no instante em que a mulher fantasma começou a tremular e desbotar.

— Espere aí, Mol. Não foi só para isso que vim esta noite.

O espírito tremulou enquanto a cobiça, a impaciência e o esforço de se manter visível lutavam entre si. Finalmente, grunhiu.

— Muito bem. O que mais você quer?

Will hesitou. Não era algo solicitado por Magnus, mas uma coisa que ele mesmo queria saber.

— Poções do amor...

A velha Mol soltou uma gargalhada aguda.

— *Poções do amor?* Para Will 'erondale? Não sou de recusar pagamento, mas nenhum homem com sua aparência precisa de poções do amor, isto é fato.

— Não — disse Will, com uma pontinha de desespero na voz. — Na verdade estava procurando o oposto, alguma coisa que pudesse por um fim no amor sentido por alguém.

— Uma poção do ódio? — Mol ainda parecia um tanto distraída.

— Procuro algo mais na linha da indiferença? Tolerância?

Ela emitiu um riso de deboche, absurdamente humano para um fantasma.

— Detesto informá-lo, Nephilim, mas se quer que uma menina o odeie, há maneiras simples de fazer com que isso aconteça. Não precisa da *minha* ajuda com a coitadinha.

E com isso Molly desapareceu, girando para dentro da bruma entre as covas. Will, olhando para onde ela estava, suspirou.

— Não é para ela — sussurrou, apesar de não haver ninguém para escutá-lo —, é para *mim*... — E apoiou a cabeça no frio portão de ferro.

1
A Câmara do Conselho

Acima, o majestoso teto claro,
Suspenso nas alturas pelos arcos
E anjos ascendendo e baixando se encontravam
Suas dádivas compartilhavam.
— Lord Alfred Tennyson, "The Palace of Art"

— Oh, sim. De fato é exatamente como imaginei — disse Tessa, e se virou para lançar um sorriso ao menino do seu lado. Ele tinha acabado de ajudá-la a passar sobre uma poça, e sua mão ainda repousava educadamente no braço dela, logo acima da curva do cotovelo.

James Carstairs retribuiu o sorriso, elegante em seu terno escuro, os cabelos claros como prata açoitados pelo vento. A outra mão repousava sobre uma bengala com cabeça de jade, e se alguém na multidão confusa que se movia ao redor deles estranhou o fato de um jovem precisar de bengala, ou considerou anormal a cor do seu cabelo, não parou para olhar.

— Considerarei isso como uma bênção — disse Jem. — Estava começando a me preocupar, sabe, que tudo que você encontrou em Londres seria uma decepção.

Uma decepção. O irmão de Tessa, Nate, um dia prometera a ela tudo em Londres — um novo começo, um lugar maravilhoso para viver, uma cidade de

construções imponentes e parques belíssimos. Em vez disso, o que Tessa encontrou foi terror e traição, e perigos além de qualquer coisa que pudesse ter imaginado. No entanto...

— Nem tudo foi assim. — Ela sorriu para Jem.

— Fico feliz de ouvir isso. — O tom de voz dele era sério, não era de provocação. Ela desviou o olhar para o grande edifício que se erguia à frente. Westminster Abbey, com os grandes pináculos góticos que quase tocavam o céu. O sol dera o melhor de si para tentar aparecer por trás das nuvens, e a abadia estava banhada por uma luz fraca.

— É aqui mesmo? — perguntou, enquanto Jem a puxava para a frente, na direção da entrada da abadia. — Parece tão...

— Mundana?

— Eu ia dizer lotada. — A abadia estava aberta aos turistas nesse dia, e grupos entravam e saíam apressadamente pelas portas enormes, a maioria trazendo guias Baedeker nas mãos. Um grupo de turistas norte-americanos — mulheres de meia-idade com roupas fora de moda murmurando em sotaques que deixaram Tessa com uma ligeira saudade de casa — passou por eles ao subir as escadas, apressando-se atrás de um professor universitário que oferecia uma visita guiada à abadia. Jem e Tessa se misturaram ao grupo sem dificuldade.

O interior da abadia cheirava a pedra fria e metal. Tessa olhou para cima e para os arredores, maravilhada com o tamanho do local. Deixava o Instituto parecendo a paróquia de um vilarejo.

— Notem a divisão tripla da nave — entoou o guia, prosseguindo com uma explicação de que capelas menores enfileiravam-se pelas alas leste e oeste da abadia. O recinto demandava silêncio, apesar de não haver celebração em curso. Enquanto Tessa se deixava conduzir por Jem em direção à ala leste da igreja, percebeu que estava pisando sobre pedras com datas e nomes esculpidos. Sabia que reis, rainhas, soldados e poetas famosos estavam enterrados na abadia de Westminster, mas não esperava pisar sobre eles.

Ela e Jem finalmente desaceleraram ao chegar no canto sudeste da igreja. Luz

do sol diluída derramava-se pela rosácea acima.

— Sei que estamos com pressa para a reunião do Conselho — disse Jem —, mas queria que visse isso. — Ele gesticulou em volta. — O Canto dos Poetas.

Tessa já tinha lido sobre o lugar, é claro, onde os grandes escritores da Inglaterra estavam enterrados. Havia o túmulo de pedra cinza de Chaucer, com um dossel, e outros nomes familiares:

— Edmund Spenser, oh, e Samuel Johnson — suspirou —, e Coleridge, e Robert Burns, e *Shakespeare*…

— Ele não está enterrado aqui de verdade — disse Jem rapidamente. — É só um monumento. Como o de Milton.

— Oh, eu sei, mas... — Tessa olhou para ele e sentiu-se enrubescer. — Não consigo explicar. Estar em meio a esses nomes é como estar entre amigos. Tolice, eu sei...

— Tolice alguma.

Ela sorriu para ele.

— Como soube exatamente o que eu iria querer ver?

— Como poderia não saber? — perguntou ele. — Quando penso em você, vejo-a com os olhos da imaginação sempre com um livro em mãos. — Desviou o olhar do dela ao dizer isso, mas não antes de Tessa perceber o leve rubor em suas bochechas. Ele era tão pálido que jamais conseguiria esconder o menor dos rubores, pensou Tessa, e surpreendeu-se com o carinho que havia nesse pensamento.

Tinha se apegado muito a Jem nas últimas duas semanas; Will vinha evitando-a cuidadosamente, Charlotte e Henry estavam envolvidos com questões da Clave, do Conselho e do Instituto — e até Jessamine parecia ocupada. Mas Jem estava sempre lá. Parecia levar a sério seu papel como guia turístico de Londres. Já tinham ido ao Hyde Park e aos Kew Gardens, à National Gallery e ao British Museum, à Torre de Londres e ao Portão dos Traidores. Foram ver as vacas sendo ordenhadas no St. James's Park, e os vendedores de frutas e legumes anunciando suas mercadorias no Covent Garden. Do Embankment, viram

barcos navegando sobre um Tâmisa banhado ao sol e comeram uma coisa chamada *doorstop* — nome em alusão ao tamanho de uma porta —, que consistia apenas em um sanduíche com fatias grossas de pão com manteiga e açúcar. E na medida em que os dias passavam, Tessa sentia que aos poucos se desvencilhava da infelicidade silenciosa e arraigada que Nate, Will e a perda da antiga vida tinham provocado, feito uma flor brotando do solo congelado. Até se pegou dando risada. E devia isso a Jem.

— Você *é* um bom amigo — exclamou. E quando, para surpresa de Tessa, ele nada respondeu, acrescentou: — Pelo menos, espero que sejamos bons amigos. Você também acha, não é, Jem?

Ele virou-se para ela, mas, antes que pudesse responder, uma voz fúnebre se pronunciou das sombras:

Mortalidade, observe e seja temente!
Tamanha mudança na carne aqui presente:
Pense em quantos esqueletos reais
Jazem nestas pilhas de pedras sepulcrais.

Uma forma escura apareceu entre dois monumentos. Enquanto Tessa piscava, surpresa, Jem falou, com um tom resignado de satisfação:

— Will. Decidiu nos agraciar com sua presença, afinal?

— Nunca disse que não viria. — Will avançou, e a luz da rosácea caiu sobre ele, iluminando seu rosto. Mesmo agora, Tessa não conseguia olhar para ele sem sentir um aperto no peito, uma hesitação dolorosa no coração. Cabelos negros, olhos azuis, maçãs do rosto graciosas, cílios escuros e espessos, lábios carnudos; seria bonitinho se não fosse tão alto e musculoso. Ela já havia passado as mãos naqueles braços. Sabia como eram: de ferro coberto por músculos duros; as mãos de Will, quando apoiaram a parte de trás da sua cabeça, eram esguias e flexíveis, embora ásperas por causa dos calos...

Tessa arrancou a mente daquelas lembranças. Lembranças não faziam bem a

ninguém, não quando se conhecia a verdade do presente. Will era lindo, mas não era dela; não era de ninguém. Havia algo quebrado nele, e por aquela rachadura escorria uma crueldade cega, uma necessidade de machucar e se afastar.

— Está atrasado para a reunião do Conselho — comentou Jem de maneira afável. Ele era o único que parecia imune à malícia endiabrada de Will.

— Saí numa missão — explicou Will. Olhando melhor, Tessa pôde perceber que ele parecia cansado. O contorno dos olhos estava vermelho, as olheiras eram quase roxas. As roupas estavam amarrotadas, como se tivesse dormido com elas, e o cabelo precisava de um corte. *Mas isso não tem nada a ver com você*, disse ela com severidade a si mesma, desviando os olhos das ondas escuras que se curvavam ao redor das orelhas e da nuca. *Não importa o que pensa sobre a aparência dele, ou sobre o que ele faz com o tempo. Ele deixou isso bem claro*. — E vocês também não estão exatamente pontuais.

— Quis mostrar o Canto dos Poetas para Tessa — respondeu Jem. — Achei que ela fosse gostar.

Falava de modo tão simples e direto que ninguém jamais duvidaria dele, ou imaginaria que qualquer coisa dita por ele não fosse verdade. Em face do seu simples desejo de agradar, nem Will conseguiu pensar em nada desagradável para dizer; simplesmente deu de ombros e se adiantou em passos rápidos pela abadia, indo em direção ao Claustro Leste.

Havia ali um jardim quadrado cercado pelas paredes do claustro, e as pessoas caminhavam por seus arredores, murmurando em voz baixa como se ainda estivessem na igreja. Ninguém notou Tessa e os meninos se aproximarem de um par de portas de carvalho em uma das paredes. Will, após olhar em volta, tirou a estela do bolso e desenhou com a ponta na madeira. A porta brilhou com uma breve luz azul e abriu. Will entrou, com Jem e Tessa logo a seguir. A porta era pesada e se fechou com uma batida ressonante atrás de Tessa, quase prendendo sua saia; ela conseguiu puxá-la bem a tempo e rapidamente deu um passo para trás, virando numa escuridão quase negra.

— Jem?

Uma luz ardente acendeu; era Will, erguendo sua pedra enfeitiçada. Estavam em uma ampla sala feita de pedra e com teto abobadado. O chão parecia feito de tijolos, e havia um altar em uma das extremidades do quarto.

— Estamos na Câmara Píxide — disse ele. — Costumava ser uma tesouraria. Caixas de ouro e prata por toda a parede.

— Uma tesouraria de Caçadores de Sombras? — Tessa estava verdadeiramente confusa.

— Não, a tesouraria da realeza britânica, por isso as paredes e portas desta grossura — informou Jem. — Mas os Caçadores de Sombras sempre tiveram acesso. — Ele sorriu ao ver a expressão de Tessa. — Monarquias ao longo das eras pagaram dízimo aos Nephilim, em segredo, para que mantivéssemos seus reinos protegidos dos demônios.

— Não nos Estados Unidos — disse Tessa, animada. — Não temos uma monarquia...

— Vocês têm um braço do governo que lida com Nephilim, pode ficar tranquila — disse Will, atravessando em direção ao altar. — Costumava ser o Departamento de Guerra, mas agora há um braço do Departamento de Justiça...

Ele foi interrompido quando o altar se movimentou para o lado com um rangido, revelando um buraco escuro e vazio atrás dele. Tessa pôde ver luzes desbotadas piscando em meio às sombras. Will enfiou-se no buraco, sua pedra enfeitiçada iluminando a escuridão.

Quando Tessa foi atrás, viu-se em um extenso corredor de pedra que descia. As pedras das paredes, do chão e do teto eram iguais, o que dava a impressão de que a passagem tinha sido esculpida diretamente na rocha, apesar de ser lisa, em vez de áspera. A intervalos regulares a luz enfeitiçada iluminava um candeeiro em forma de mão humana atravessando a parede, os dedos agarrando uma tocha.

O altar se fechou atrás deles, e o grupo começou a andar. Enquanto seguiam, a passagem inclinou-se ainda mais para baixo. As tochas ardiam com um brilho azul-esverdeado, iluminando pedras esculpidas — o mesmo tema, repetido

incessantemente, de um anjo erguendo-se em chamas de um lago, com uma espada em uma das mãos e um cálice na outra.

Finalmente, encontraram-se diante de duas grandes portas de prata. Cada uma delas entalhada com um desenho que Tessa já tinha visto antes — quatro letras Cs interligadas.

— Significam Clave, Conselho, Contrato e Cônsul — disse Jem, apontando para as letras, antes que Tessa pudesse perguntar.

— O Cônsul. Ele é... o líder da Clave? Como uma espécie de rei?

— Não de forma tão inata quanto seus monarcas habituais — respondeu Will. — Ele é eleito, como o presidente ou o primeiro-ministro.

— E o Conselho?

— Em breve você os verá. — Will abriu as portas.

Tessa ficou boquiaberta; fechou a boca rapidamente, mas não antes de capturar um olhar divertido de Jem, do seu lado direito. A sala diante deles era uma das maiores que a garota já havia visto, um enorme espaço sob um domo pintado com estrelas e constelações. Um enorme lustre em forma de anjo segurando tochas ardentes dependurava-se do ponto mais alto da cúpula. O restante da sala estava disposto como em um anfiteatro, com bancos longos e curvos. Will, Jem e Tessa estavam no topo de uma escadaria que cortava o centro da arquibancada, com três quartos de sua lotação ocupada. Na base dos degraus erguia-se uma plataforma, na qual se encontravam diversas cadeiras de madeira, com encostos altos e aparência desconfortável.

Em uma delas estava sentada Charlotte; ao seu lado, Henry, com os olhos arregalados e parecendo nervoso. Charlotte aparentava tranquilidade, com as mãos apoiadas no colo; somente alguém que a conhecesse bem teria visto a tensão nos ombros e na boca.

Diante deles, em uma espécie de púlpito — mais largo e longo do que um púlpito comum —, havia um homem alto com cabelos claros e compridos, uma barba espessa e ombros largos. Feito um juiz, trajava uma longa túnica preta sobre as roupas, as mangas cintilando com símbolos bordados. Ao lado dele, em

uma cadeira baixa, estava sentado um sujeito mais velho, os cabelos castanhos eram marcados por linhas grisalhas, o rosto estava barbeado, mas encovado em linhas austeras. A túnica dele era azul-escura, e pedras brilhavam em seus dedos à medida que movia as mãos. Tessa o reconheceu: era Whitelaw, o Inquisidor de voz e olhos gelados que interrogava testemunhas em nome da Clave.

— Senhor Herondale — disse o homem louro ao olhar para Will, a boca se curvando em um sorriso. — Quanta gentileza juntar-se a nós. Senhor Carstairs também. E sua acompanhante deve ser...

— Senhorita Gray — disse Tessa, antes que ele pudesse concluir. — Senhorita Theresa Gray, de Nova York.

Um breve burburinho correu pela sala, como o som de uma onda recuando. Ela sentiu Will, ao seu lado, ficar tenso, e Jem respirou fundo, como se fosse falar. *Interrompendo o Cônsul*, teve a impressão de ouvir alguém falar. Então este era o Cônsul Wayland, o diretor da Clave. Olhando ao redor, viu alguns rostos familiares — Benedict Lightwood, com as feições bem-marcadas e pontudas e a postura firme; e o filho, o despenteado Gabriel Lightwood, olhando fixamente para a frente. Lilian Highsmith e seus olhos escuros. George Penhallow, com um semblante amistoso; e mesmo a formidável tia de Charlotte, Callida, com os cabelos amontoados na cabeça em tufos ondulados, espessos e grisalhos. Havia também muitos outros rostos que não conhecia. Foi como olhar um livro de figuras criado para catalogar todos os povos que existiam no mundo. Havia Caçadores de Sombras louros, com cara de vikings; um homem de pele mais escura, que parecia um califa saído do seu exemplar ilustrado de *Mil e uma noites*; e uma mulher indiana trajando um belo sári bordado com símbolos prateados. Ela estava sentada ao lado de outra mulher, que tinha virado a cabeça e os encarava. Usava um elegante vestido de seda e o rosto parecia com o de Jem — as mesmas feições delicadamente belas, a mesma curvatura dos olhos e das maçãs do rosto, apesar de que, enquanto Jem tinha olhos e cabelos prateados, os dela eram negros.

— Bem-vinda, então, senhorita Tessa Gray de Nova York — disse o Cônsul,

parecendo divertir-se. — Apreciamos sua presença hoje. Entendo que já respondeu muitas perguntas ao Enclave de Londres. Espero que esteja disposta a responder mais algumas.

Através da distância que as separava, os olhos de Tessa encontraram os de Charlotte. *Devo?*

Charlotte assentiu quase imperceptivelmente. *Por favor*.

Tessa endireitou os ombros.

— Se assim deseja, certamente.

— Então aproxime-se do banco do Conselho — disse o Cônsul, e Tessa percebeu que ele devia se referir ao longo e estreito banco de madeira diante do púlpito. — E os amigos cavalheiros podem acompanhá-la — acrescentou.

Will murmurou alguma coisa, mas tão baixinho que nem Tessa conseguiu escutar. Com Will ao lado esquerdo e Jem à direita, Tessa desceu os degraus até o banco. Ficou atrás dele, incerta. Assim, tão de perto, pôde ver que o Cônsul tinha olhos azuis e afáveis, diferentemente do Inquisidor, que tinha olhos de um cinza frio e tempestuoso, como um mar durante a chuva.

— Inquisidor Whitelaw — disse o Cônsul para o homem de olhos cinzentos —, a Espada Mortal, por favor.

O Inquisidor ficou de pé e sacou de sua túnica uma lâmina imensa. Tessa a reconheceu instantaneamente. Era longa e prateada, o cabo esculpido no formato de asas abertas. Era a espada do *Códex*, aquela que o Anjo Raziel carregava quando emergira do lago, e a qual entregara a Jonathan Caçador de Sombras, o primeiro deles.

— Maellartach — disse ela, nomeando a Espada.

O Cônsul, pegando a Espada, mais uma vez pareceu estar se divertindo.

— Você *tem mesmo* estudado — disse. — Quem de vocês a está ensinando? William? James?

— Tessa aprende as coisas sozinha, senhor. — A fala pausada de Will soou branda e alegre, contrastando com o clima austero do recinto. — É bastante curiosa.

— Mais um motivo pelo qual não deveria estar aqui. — Tessa não precisou se virar; conhecia a voz. Benedict Lightwood. — Este é o Conselho Gard. Não trazemos integrantes do Submundo para cá. — A voz dele era severa. — A Espada Mortal não pode ser utilizada para fazê-la falar a verdade; ela não é Caçadora de Sombras. Qual a utilidade em usar este procedimento? Em tê-la aqui?

— Paciência, Benedict. — O Cônsul Wayland segurou a Espada com facilidade, como se não pesasse nada. O olhar fixo em Tessa estava mais intenso. Ela teve a sensação de que ele investigava seu rosto, lendo o medo em seus olhos. — Não vamos machucá-la, pequena feiticeira — disse ele. — Os Acordos não permitiriam.

— Não deve me chamar de feiticeira — disse Tessa. — Não possuo marca alguma. — Era estranho ter de dizer isso outra vez, mas quando interrogada antes, sempre o fora por membros da Clave, não pelo próprio Cônsul. Um homem alto, de ombros largos, emanando uma aura de poder e autoridade. A mesma que Benedict Lightwood tanto ressentia que Charlotte alegasse para si.

— Então, o que você é? — perguntou.

— Ela não sabe. — O tom do Inquisidor era seco. — Nem os Irmãos do Silêncio.

— Ela está autorizada a sentar-se — disse o Cônsul. — E a dar seu depoimento, mas este testemunho só contará como metade do de um Caçador de Sombras. — Ele se voltou para os Branwell. — Enquanto isso, Henry, você está temporariamente dispensado do interrogatório. Charlotte, por favor, permaneça.

Tessa engoliu a indignação e foi se instalar na primeira fila de assentos, onde recebeu a companhia de um Henry com aparência de cansado, os cabelos ruivos completamente bagunçados. Jessamine estava lá, com um vestido feito de lã de alpaca marrom-clara; parecia entediada e irritada. Tessa sentou-se próximo a ela, com Will e Jem do seu outro lado. Jem colocou-se muito perto, e como os assentos eram estreitos, ela pôde sentir o calor dele ombro a ombro.

Inicialmente, o Conselho procedeu basicamente da mesma maneira que nas

outras reuniões do Enclave. Charlotte foi convidada a oferecer o relato de suas lembranças da noite em que o Enclave atacou a fortaleza do vampiro De Quincey, matando-o, assim como seus seguidores lá presentes; enquanto o irmão de Tessa, Nate, traía a confiança nele depositada ao permitir que o Magistrado, Axel Mortmain, entrasse no Instituto, onde este assassinara dois dos serventes e quase sequestrara Tessa. Quando Tessa foi chamada, disse as mesmas coisas que já falara antes: que não sabia do paradeiro de Nate, que não tinha desconfiado dele, que desconhecia os próprios poderes até as Irmãs Sombrias os mostrarem a ela, e que sempre achou que os pais fossem humanos.

— Richard e Elizabeth Gray foram extensivamente investigados — disse o Inquisidor. — Não há provas de que algum deles não seja humano. O menino, o irmão, também é humano. Pode ser, como sugeriu Mortmain, que o pai da menina seja um demônio, mas se for, permanece a questão da ausência da marca de feiticeiro.

— Tudo a seu respeito é muito curioso, inclusive este seu poder — disse o Cônsul, olhando para Tessa com firmes olhos azul-claros. — Não faz ideia de quais são seus limites, qual seu fundamento? Foi testada com algum item de Mortmain? Para ver se consegue acessar as lembranças ou pensamentos dele?

— Sim, eu... tentei. Com um botão que ele deixou para trás. Deveria ter funcionado.

— Mas?

Ela balançou a cabeça.

— Não consegui. Não tinha faísca, não tinha... não tinha vida. Nada com que me conectar.

— Conveniente — murmurou Benedict, quase baixo demais para ser ouvido, mas Tessa escutou e enrubesceu.

O Cônsul indicou que ela poderia voltar a seu lugar. Ao fazê-lo, Tessa viu o rosto de Benedict Lightwood; os lábios estavam comprimidos em uma linha fina e furiosa. Tessa ficou imaginando o que possivelmente teria dito para irritá-lo.

— E nem sombra deste Mortmain desde... sua altercação com a srta. Gray no

Santuário — prosseguiu o Cônsul enquanto Tessa se sentava novamente.

O Inquisidor virou alguns dos papéis que estavam empilhados no púlpito.

— As casas dele foram vasculhadas, e nenhum de seus pertences foi encontrado. Os armazéns também foram revistados e apresentaram o mesmo resultado. Até nossos contatos da Scotland Yard investigaram. O sujeito desapareceu. Literalmente, segundo nosso amigo William Herondale.

Will sorriu alegremente como se tivesse sido elogiado. Mas, ao enxergar a malícia sob o sorriso, Tessa teve em mente o brilho cintilante de uma lâmina afiada.

— Minha sugestão — disse o Cônsul — é que Charlotte e Henry Branwell sejam punidos, e que ao longo dos próximos três meses suas ações oficiais, tomadas em nome da Clave, tenham de ser aprovadas por mim antes de...

— Milorde Cônsul. — Uma voz firme e clara se pronunciou da multidão. Cabeças se viraram para encarar. Tessa teve a impressão de que isto, alguém interrompendo o Cônsul, não acontecia com frequência. — Se me permite falar.

As sobrancelhas do Cônsul se ergueram.

— Benedict Lightwood — disse. — Teve sua chance de falar mais cedo, durante os depoimentos.

— Não tenho nada a argumentar em relação aos depoimentos prestados — disse Benedict Lightwood. Seu perfil bem-marcado e pontudo parecia ainda mais agudo sob a luz enfeitiçada. — Meu problema é com a sentença.

O Cônsul se inclinou para a frente no púlpito. Era um homem grande, com pescoço largo e tórax imponente, e parecia ser capaz de envolver a garganta de Benedict com facilidade, utilizando apenas uma das mãos. Tessa bem que gostaria que o fizesse. Pelo que vira de Benedict, não gostava dele.

— E qual seria a razão para isso?

— Acho que permitiu que sua longa amizade com a família Fairchild comprometesse sua visão em relação às falhas de Charlotte como líder do Instituto — argumentou Benedict, e deu para ouvir a sala toda prendendo a respiração. — Os erros cometidos na noite de 5 de julho fizeram mais do que

envergonhar a Clave e nos custar a Pyxis. Prejudicamos nossa relação com o Submundo de Londres atacando De Quincey futilmente.

— Já foram apresentadas diversas reclamações por Reparação — resmungou o Cônsul. — Mas estas serão tratadas como a Lei achar melhor. Reparações não são assunto seu, Benedict...

— *E* — prosseguiu Benedict, levantando a voz —, o pior de tudo, ela permitiu que um homem perigoso, e com planos de ferir e destruir Caçadores de Sombras, escapasse. Agora não fazemos ideia de onde ele possa estar. Além disso, a responsabilidade de encontrá-lo não está sendo depositada onde deveria, nos ombros daqueles que o perderam!

A voz de Benedict se elevou. Na verdade, todo o salão estava uma algazarra: Charlotte parecia consternada; Henry, confuso; e Will, furioso. O Cônsul, cujos olhos haviam escurecido assustadoramente quando Benedict mencionou os Fairchild — deviam ser a família de Charlotte, Tessa percebeu —, permaneceu calado enquanto o barulho diminuía. Em seguida falou:

— Sua hostilidade diante do líder de seu Enclave não o favorece, Benedict.

— Minhas desculpas, Cônsul. Não acredito que manter Charlotte Branwell como diretora do Instituto, pois até onde sabemos o envolvimento de Henry Branwell é meramente nominal, seja o melhor para a Clave. Acho que uma mulher não pode governar um Instituto; mulheres não pensam com lógica e discrição, mas com as emoções do coração. Não tenho dúvida de que Charlotte é uma mulher boa e decente, mas um *homem* não teria se deixado enganar por um espião inconsistente como Nathaniel Gray...

— *Eu* fui enganado. — Will saltou da cadeira e virou o corpo, os olhos em chamas. — Todos fomos. Que insinuações está fazendo sobre mim, Jem e Henry, *senhor* Lightwood?

— Você e Jem são crianças — retrucou Benedict, de maneira cortante. — E Henry jamais desgruda os olhos da mesa de trabalho.

Will começou a erguer-se, apoiado no encosto da cadeira; Jem o puxou de volta para o assento com muita força, sibilando baixinho. Jessamine fechou as

mãos, os olhos castanhos brilhando.

— *Finalmente* isto ficou divertido — exclamou.

Tessa a olhou enojada.

— Você está ouvindo algo do que está sendo dito? Ele está ofendendo Charlotte! — sussurrou, mas Jessamine dispensou Tessa com um gesto.

— E quem sugere que governe o Instituto no lugar dela? — perguntou o Cônsul a Benedict, a voz carregada de sarcasmo. — Você mesmo, quem sabe?

Benedict abriu as mãos amplamente, se autodepreciando.

— Se o senhor assim diz, Cônsul...

Antes que pudesse concluir a fala, outras três figuras já tinham levantado por conta própria; duas que Tessa reconheceu como integrantes do Enclave de Londres, apesar de não saber os nomes; a terceira foi Lillian Highsmith.

Benedict sorriu. Agora todos o estavam encarando. Ao seu lado encontrava-se o filho mais novo, Gabriel, que olhava para o pai com olhos verdes impossíveis de serem decifrados. Seus dedos esguios agarraram a parte traseira da cadeira diante de si.

— Três que apoiam minha reivindicação — disse Benedict. — É o que a Lei exige para que eu desafie formalmente Charlotte Branwell pela posição de líder do Enclave de Londres.

Charlotte sobressaltou-se levemente, mas permaneceu imóvel em seu lugar, recusando-se a virar. Jem continuava segurando Will pelo pulso. E Jessamine ainda parecia estar assistindo a uma emocionante peça de teatro.

— Não — disse o Cônsul.

— Não pode me impedir de desafiar...

— Benedict, você contestou minha indicação de Charlotte no momento em que ela foi feita. Sempre quis o Instituto. Agora, quando o Enclave precisa mais do que nunca trabalhar em união, você traz divisão e discórdia à conduta do Conselho.

— A mudança nem sempre é conquistada de forma pacífica, mas isto não faz dela uma desvantagem. Mantenho meu desafio. — As mãos de Benedict

apertaram uma à outra.

O Cônsul tamborilou os dedos no púlpito. Ao lado dele permanecia o Inquisidor, com olhos frios. Finalmente o Cônsul disse:

— Você sugere, Benedict, que a responsabilidade de encontrar Mortmain recaia sobre os ombros daqueles que você alega o terem "perdido". Então concorda, acredito, que encontrar Mortmain é nossa prioridade máxima?

Benedict assentiu brevemente.

— Então minha proposta é a seguinte: deixe Charlotte e Henry Branwell conduzirem a investigação acerca do paradeiro de Mortmain. Se ao fim de duas semanas não o tiverem localizado, ou ao menos reunido fortes evidências que indiquem sua localização, então sua contestação poderá proceder.

Charlotte deu um pulo no assento.

— Encontrar Mortmain? — disse. — Sozinhos, apenas eu e Henry, sem ajuda do resto do Enclave?

Os olhos do Cônsul não pareciam aquiescentes ao repousarem sobre Charlotte, porém também não inteiramente complacentes.

— Podem convocar outros membros do Enclave se tiverem alguma necessidade específica, e, é claro, os Irmãos do Silêncio e as Irmãs de Ferro estão ao seu dispor — disse ele. — Mas quanto à investigação, sim, devem proceder sozinhos.

— Não gosto disto — reclamou Lilian Highsmith. — Está transformando a busca por um louco em um jogo de poder...

— Então deseja retirar seu apoio a Benedict? — perguntou o Cônsul. — A contestação seria encerrada, e não haveria necessidade de que os Branwell se provassem.

Lilian abriu a boca — e em seguida, ao olhar para Benedict, fechou-a. Balançou a cabeça.

— Acabamos de perder nossos serventes — disse Charlotte com a voz exaurida. — Sem eles...

— Novos serventes serão providenciados, como de costume — disse o

Cônsul. — O irmão de seu falecido servente Thomas, Cyril, está vindo de Brighton para se juntar a sua equipe doméstica, e o Instituto de Dublin cedeu o segundo cozinheiro para vocês. Ambos são lutadores bem-treinados, coisa que, devo dizer, Charlotte, os seus também deveriam ter sido.

— Tanto Thomas quanto Agatha *eram* treinados — protestou Henry.

— Mas você tem vários outros em sua casa que não são — disse Benedict. — Não só a senhorita Lovelace está lamentavelmente atrasada em seu treinamento, mas também a copeira, Sophie, e aquela menina do Submundo — disse, apontando para Tessa. — Bem, como parecem dispostos a torná-la integrante permanente da residência, não faria mal se ela, bem como a empregada, recebessem treinamento básico de defesa.

Tessa olhou de lado para Jem, espantada.

— Ele está falando de *mim*?

Jem confirmou. Estava com uma expressão sinistra.

— Não posso... Vou amputar meu próprio pé!

— Se for amputar o pé de alguém, escolha o de Benedict — murmurou Will.

— Você vai ficar bem, Tessa. Não é nada que você não seja capaz de fazer — começou Jem, mas o restante das palavras foi afogado por Benedict.

— Aliás — disse Benedict —, considerando que vocês dois estarão muito ocupados investigando o paradeiro de Mortmain, sugiro emprestar meus filhos, Gabriel e Gideon, que volta hoje à noite da Espanha, para servirem de instrutores. Ambos são excelentes lutadores e se beneficiariam da experiência.

— Pai! — protestou Gabriel. Parecia horrorizado; isso claramente não tinha sido discutido com ele previamente.

— Podemos treinar nossos próprios serventes — irritou-se Charlotte, mas o Cônsul balançou a cabeça para ela.

— Benedict Lightwood está fazendo uma oferta generosa. Aceite-a.

Charlotte estava com o rosto vermelho. Após um longo momento abaixou a cabeça, assimilando as palavras do Cônsul. Tessa sentiu-se tonta. Teria de passar por treinamento? Seria treinada para lutar, para lançar facas e empunhar uma

espada? Tudo bem que uma de suas heroínas prediletas era Capitola de *The Hidden Hand*, que lutava tão bem quanto um homem e vestia-se como um. Mas isso não significava que quisesse se *transformar* nela.

— Muito bem — disse o Cônsul. — Esta sessão do Conselho está encerrada, e será retomada neste local dentro de duas semanas. Estão todos dispensados.

Obviamente, as pessoas não se retiraram de imediato. Houve um súbito clamor de vozes na medida em que todos começaram a se levantar dos respectivos assentos e a conversar ansiosamente com quem estava ao lado. Charlotte permaneceu imóvel; Henry, ao seu lado, parecia querer desesperadamente dizer alguma palavra de conforto, mas não conseguia pensar em nada. A mão dele pairava incerta sobre o ombro da esposa. Will olhava fixamente para o outro lado da sala, para Gabriel Lightwood, cujo olhar se voltava friamente na direção deles.

Lentamente, Charlotte levantou-se. Henry agora estava com a mão nas costas dela, murmurando. Jessamine já estava de pé, girando sua nova sombrinha branca e rendada. Henry havia reposto a anterior, destruída na batalha contra os autômatos de Mortmain. Os cabelos dela estavam arranjados em cachos firmes sobre as orelhas, lembrando uvas. Tessa levantou rapidamente, e o grupo se dirigiu ao corredor central da sala do Conselho. Tessa ouviu sussurros em ambos os lados, pedaços das mesmas palavras, repetidamente: *Charlotte*, *Benedict*, *nunca vão achar o Magistrado*, *duas semanas*, *contestação*, *Cônsul*, *Mortmain*, *Enclave*, *humilhante*.

Charlotte caminhou com a coluna ereta, as faces coradas e os olhos fixos à frente, como se não estivesse escutando os comentários. Will parecia prestes a avançar em direção aos sussurros para fazer justiça com as próprias mãos, mas Jem estava segurando firme o casaco de seu *parabatai*. Ser Jem, ponderou Tessa, deve ser bem parecido com ser o dono de um cachorro com *pedigree* que gosta de morder visitas. Era preciso estar constantemente com a mão na coleira. Jessamine simplesmente permanecia entediada. Não tinha muito interesse no que o Enclave pensava a seu respeito, ou a respeito de qualquer um deles.

Quando alcançaram as portas da câmara do Conselho, estavam praticamente correndo. Charlotte parou por um instante para permitir que o resto do grupo a alcançasse. A maior parte da multidão estava indo para a esquerda, de onde Tessa, Jem e Will tinham vindo, mas Charlotte virou para a direita, marchou diversos metros corredor abaixo, dobrou uma esquina e subitamente parou.

— Charlotte? — Henry, chegando até ela, parecia preocupado. — Querida...

Sem qualquer aviso, Charlotte recuou o pé e chutou a parede, com toda a força. Como a parede era de pedra, quase não causou dano, mas ela soltou um gritinho baixo.

— Oh, céus — disse Jessamine, girando a sombrinha.

— Se me permite uma sugestão — disse Will. — A uns 20 passos daqui, na sala do Conselho, encontraremos Benedict. Se quiser voltar e dar um chute *nele*, recomendo que mire mais acima, um pouco para a esquerda...

— Charlotte. — A voz profunda e grave foi instantaneamente reconhecida. Charlotte girou, arregalando os olhos castanhos.

Era o Cônsul. As runas bordadas em linha prateada na bainha e nas mangas da capa brilharam quando ele se dirigiu ao pequeno grupo do Instituto, os olhos fixos em Charlotte. Com uma das mãos na parede, ela não se moveu.

— Charlotte — repetiu o Cônsul Wayland —, você sabe o que seu pai costumava dizer sobre se descontrolar.

— Sei o que ele falava. Ele também dizia que deveria ter tido um filho — respondeu Charlotte amargamente. — Se tivesse tido, se eu fosse um homem, você teria me tratado como acabou de fazer?

Henry colocou a mão no ombro da esposa, murmurando alguma coisa, mas ela repeliu o toque. Os olhos grandes e feridos estavam no Cônsul.

— E como acabei de tratá-la? — perguntou ele.

— Como se eu fosse uma criança, uma garotinha que precisa de repreensão.

— Charlotte, fui eu que nomeei você líder do Instituto e do Enclave. — O Cônsul soava exasperado. — E o fiz não somente porque gostava de Granville Fairchild e sabia que ele queria a filha como sucessora, mas porque acreditava

que você faria um bom trabalho.

— Nomeou Henry também — disse ela. — E quando o fez, até nos disse que era porque o Enclave aceitaria a liderança de um casal, mas não de uma mulher.

— Bem, meus parabéns, Charlotte. Não acho que nenhum membro do Enclave de Londres acredite estar sendo de alguma forma governado por Henry.

— É verdade — disse Henry, olhando para baixo. — Todos sabem que sou essencialmente inútil. A culpa do que aconteceu é minha, Cônsul...

— Não é — respondeu o Cônsul Wayland. — É a combinação de uma complacência generalizada por parte da Clave, falta de sorte e de *timing*, e algumas decisões equivocadas de sua parte, Charlotte. Sim, atribuo a você a culpa...

— Então concorda com Benedict! — gritou Charlotte.

— Benedict Lightwood é um canalha e um hipócrita — disse o Cônsul, cansado. — Todos sabem disso. Mas é politicamente poderoso, e é melhor apaziguá-lo com este show do que irritá-lo ainda mais o ignorando.

— Um show? É assim que chama? — perguntou Charlotte amargamente. — Você me atribuiu uma tarefa impossível.

— Atribuí a você a tarefa de localizar o Magistrado — disse o Cônsul Wayland. — O homem que invadiu o Instituto, matou seus serventes, levou sua Pyxis e que planeja construir um exército de monstros mecânicos para destruir todos nós. Resumindo: um homem que precisa ser contido. Como líder do Enclave, Charlotte, contê-lo *é* sua função. Se a considera impossível, então, antes de tudo, talvez devesse se perguntar por que quer tanto este cargo.

2
Reparações

Então compartilhai a vossa dor, permiti esta triste libertação.
Ah, fazei mais do que compartilhá-la! Dê-me toda a vossa aflição.
— Alexander Pope, "Eloisa to Abelard"

A luz enfeitiçada que iluminava a Grande Biblioteca parecia piscar fraquinha, como uma vela se esgotando no castiçal, apesar de Tessa saber que se tratava apenas de sua imaginação. Luz enfeitiçada, ao contrário de fogo ou gás, parecia nunca desbotar ou se extinguir.

Seus olhos, por outro lado, estavam começando a se cansar, e a julgar pela aparência dos companheiros, ela não era a única. Estavam todos reunidos ao redor de uma das longas mesas, Charlotte na cabeceira, Henry à direita de Tessa. Will e Jem mais afastados do grupo, um ao lado do outro. Somente Jessamine havia se recolhido ao outro extremo da mesa, separada de todos. A superfície estava coberta por papéis de todo tipo — velhos artigos de jornal, livros, folhas de pergaminho preenchidas com caligrafia bem-feita. Havia árvores genealógicas de várias famílias Mortmain, histórias de autômatos, infinitos livros de feitiços de invocação e aliança, e cada detalhe de pesquisa sobre o Clube Pandemônio que os Irmãos do Silêncio haviam conseguido extrair de seus arquivos.

Tessa tinha ficado encarregada da missão de ler os artigos de jornal à procura de histórias sobre Mortmain e sua companhia de navios, e seus olhos estavam

começando a embaçar, as palavras dançando sobre as páginas. Ficou aliviada quando Jessamine finalmente rompeu o silêncio, afastando o livro que estava lendo — *Sobre os mecanismos da bruxaria* —, e falou:

— Charlotte, acho que estamos perdendo nosso tempo.

Charlotte levantou o olhar com uma expressão de dor.

— Jessamine, não é necessário que você continue aqui se não quiser. Isto é, duvido que algum de nós esperasse sua ajuda nesta questão, e como você nunca se empenhou muito nos estudos, não posso deixar de me perguntar se sequer sabe o que está procurando. Você saberia diferenciar um feitiço de aliança de um de invocação se eu colocasse os dois na sua frente?

Tessa não pôde deixar de se sentir surpresa. Charlotte raramente era tão severa com qualquer um deles.

— *Quero* ajudar — disse Jessie, irritada. — Aquelas *coisas* mecânicas de Mortmain quase me mataram. Quero que ele seja capturado e punido.

— Não, não quer. — Will, desenrolando um pergaminho tão antigo que chegou a estalar, semicerrou os olhos para os símbolos escuros na página. — Quer que o irmão de Tessa seja capturado e punido por tê-la feito pensar que estava apaixonado por você quando não estava.

Jessamine ficou vermelha.

— *Não é verdade*. Quero dizer, não pensei isso. Digo... ugh! Charlotte, Will está sendo incômodo.

— E o sol nasce ao leste — disse Jem a ninguém em particular.

— Não quero ser expulsa do Instituto caso não encontremos o Magistrado — prosseguiu Jessamine. — É tão difícil entender?

— Você não será expulsa do Instituto. Charlotte será. Tenho certeza de que os Lightwood permitirão que fique. E Benedict tem dois filhos casáveis. Você deveria estar feliz — disse Will.

Jessamine fez uma careta.

— Caçadores de Sombras. Como se eu fosse querer me casar com um deles.

— Jessamine, você *é* um deles.

Antes que Jessamine pudesse responder, a porta da biblioteca se abriu e Sophie entrou, colocando para dentro primeiro a cabeça coberta por um chapéu branco. Falou baixinho com Charlotte, que se levantou.

— O Irmão Enoch está aqui — informou Charlotte ao grupo. — Preciso falar com ele. Will, Jessamine, tentem não se matar na minha ausência. Henry, se puder...

Charlotte não terminou a frase. Henry estava olhando para um livro — *Livro da ciência de dispositivos mecânicos engenhosos*, de Al-Jazari — e não estava prestando a menor atenção em mais nada. Charlotte jogou as mãos para o alto num gesto de desistência e deixou o recinto com Sophie.

No instante em que a porta se fechou atrás de Charlotte, Jessamine lançou um olhar venenoso a Will.

— Se você acha que não tenho experiência para ajudar, então por que *ela* está aqui? — apontou para Tessa. — Não quero ser grosseira, mas acha que *ela* sabe diferenciar um feitiço de aliança de um de invocação? — Ela olhou para Tessa. — E aí, sabe? E, por falar nisso, Will, você também quase não presta atenção às aulas. *Você* sabe diferenciar um feitiço de aliança de uma receita de suflê?

Will se inclinou para trás na cadeira e recitou sonhadoramente:

— "Eu só sou louco a norte-noroeste; quando o vento é do sul distingo um gavião de um falcão".

— Jessamine, Tessa ofereceu ajuda generosamente, e precisamos de todos os olhos possíveis no momento — disse Jem com severidade. — Will, não recite *Hamlet*. Henry... —Ele pigarreou. — HENRY.

Henry levantou os olhos, piscando.

— Sim, querida? — Ele piscou novamente, olhando em volta. — Onde está Charlotte?

— Foi falar com os Irmãos do Silêncio — respondeu Jem, que não parecia chateado por ter sido confundido com a esposa de Henry pelo próprio. — Enquanto isso temo que... que eu concorde com Jessamine.

— E o sol nasce no *oeste* — disse Will, que aparentemente tinha escutado o

comentário de Jem.

— Mas por quê? — perguntou Tessa. — Não podemos desistir agora. Seria o mesmo que entregar o Instituto àquele detestável Benedict Lightwood.

— Não estou sugerindo que não façamos nada, entenda. Mas estamos tentando decifrar o que Mortmain vai *fazer*. Estamos tentando prever o futuro em vez de tentar entender o passado.

— Conhecemos o passado de Mortmain *e* os planos dele. — Will acenou a mão na direção dos jornais. — Nascido em Devon, consertava navios, tornou-se um comerciante rico, meteu-se com magia negra e agora pretende dominar o mundo com seu gigantesco exército de criaturas mecânicas. Uma história nada atípica para um jovem determinado...

— Acho que ele nunca disse nada sobre dominar o mundo — interrompeu Tessa. — Só o Império Britânico.

— Admiravelmente literal — disse Will. — A questão é: sabemos de onde Mortmain vem. Não é nem de longe culpa nossa se não é muito interessante... — Will não completou a frase. — Ah.

— Ah o quê? — perguntou Jessamine, olhando contrariada de Will para Jem. — Preciso dizer, a maneira como parecem ler a mente um do outro me dá arrepios.

— Ah — disse Will. — Jem só estava pensando, e me sinto inclinado a concordar que a história de vida de Mortmain é, em termos simples, uma tolice. Algumas mentiras, algumas verdades, mas muito provavelmente não há nada aqui que vá nos ajudar. São apenas histórias que ele inventou para que os jornais tivessem o que publicar a seu respeito. Além disso, não estamos interessados em quantos navios o sujeito possui; queremos saber onde ele aprendeu magia negra, e com quem.

— E por que ele odeia os Caçadores de Sombras — completou Tessa.

Os olhos azuis de Will deslizaram preguiçosamente em direção a ela.

— É ódio? — disse ele. — Presumi que fosse a simples cobiça de querer dominar tudo. Conosco fora do caminho e um exército mecânico ao lado, ele

poderia assumir o poder como quisesse.

Tessa balançou a cabeça negativamente.

— Não, é mais do que isso. É difícil explicar, mas... ele *odeia* os Nephilim. É algo muito pessoal para ele. E tem a ver com aquele relógio. É... é como se quisesse ser ressarcido por algum erro ou falta cometidos contra ele.

— Reparações — disse Jem, muito repentinamente, repousando a caneta que estava segurando.

Will o olhou confuso.

— Isto é um jogo? Soltamos qualquer palavra que vier à mente? Neste caso a minha é "genufobia". Quer dizer pavor irracional de joelhos.

— Qual é a palavra que descreve um medo perfeitamente justificável de idiotas irritantes? — indagou Jessamine.

— A seção de Reparações dos arquivos — disse Jem, ignorando os dois. — O Cônsul a mencionou ontem, e desde então tenho pensado nisso. Não pesquisamos lá.

— Reparações? — perguntou Tessa.

— Quando alguém do Submundo, ou um mundano, alega que um Caçador de Sombras transgrediu a Lei ao lidar com a referida criatura, precisa apresentar uma reclamação através da Reparações. Então há um julgamento e o membro do Submundo recebe alguma espécie de indenização, baseada nas provas apresentadas para justificar a reclamação.

— Bem, parece bobagem pesquisar lá — disse Will. — Não é como se Mortmain fosse reclamar dos Caçadores de Sombras pelos canais oficiais. "Caçadores de Sombras muito irritados se recusaram a morrer quando tentei matá-los. Exijo recompensa. Por favor, enviem um cheque a A. Mortmain, Kensington Road, número 18...".

— Chega de gozação — disse Jem. — Talvez ele nem sempre tenha odiado os Caçadores de Sombras. Quem sabe em algum momento tenha tentado obter compensação pelo sistema oficial, e este tenha falhado. Que mal faz perguntar? A pior coisa que pode acontecer é não encontrarmos nada, que é exatamente o que

está acontecendo agora. — Ele se levantou, puxando os cabelos prateados para trás. — Vou encontrar Charlotte antes que o Irmão Enoch saia e falar que peça aos Irmãos do Silêncio para verificarem os arquivos.

Tessa ficou de pé. Não se sentia atraída pela ideia de ficar sozinha na biblioteca com Will e Jessamine, que certamente iriam se bicar. Claro que Henry estava lá, mas parecia estar tirando um leve cochilo sobre uma pilha de livros, e na melhor das hipóteses, ele não era exatamente um conciliador. Ficar perto de Will era desconfortável em quase todas as circunstâncias; só com Jem por perto tornava-se suportável. De algum modo, ele era capaz de aparar as arestas afiadas de Will e torná-lo quase humano.

— Vou com você, Jem — disse ela. — Tem... tem uma coisa que estava mesmo querendo falar com Charlotte.

Jem pareceu surpreso, porém satisfeito; Will olhou de um para o outro, e chegou a cadeira para trás.

— Já estamos em meio a estes livros velhos e mofados há dias — anunciou. — Meus belos olhos estão cansados, e tenho cortes de papel. Estão vendo? — Ele abriu os dedos. — Vou dar uma volta.

Tessa não se conteve.

— Talvez pudesse utilizar um *iratze* para curá-los.

Ele a encarou. Os olhos dele *eram* bonitos.

— Sempre extremamente prestativa, Tessa.

Ela retribuiu o olhar dele.

— Desejo apenas ser útil.

Jem colocou a mão no ombro dela, o tom de voz era de preocupação.

— Tessa. Will. Não acho que...

Mas Will já não estava mais lá, pegou o casaco e marchou para fora da biblioteca com força o suficiente para fazer o batente da porta tremer.

Jessamine recostou-se na cadeira, franzindo os olhos castanhos.

— Que interessante.

As mãos de Tessa tremiam ao prender uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Detestava que Will causasse esse efeito nela. Detestava. Sabia da verdade. Sabia o que ele pensava a seu respeito. Que ela não era nada, não valia nada. E mesmo assim, um simples olhar dele a fazia tremer numa mistura de ódio e desejo. Era como um veneno na corrente sanguínea, para qual o único antídoto era Jem. Só com ele sentia que pisava em terreno sólido.

— Vamos. — Com gentileza, Jem pegou Tessa pelo braço. Um cavalheiro normalmente não tocaria uma dama em público, mas aqui no Instituto os Caçadores de Sombras eram mais próximos do que os mundanos lá fora. Quando virou-se para olhar para ele, Jem lhe sorriu. Ele colocava todas as forças que tinha em cada sorriso, e então parecia sorrir com os olhos, com o coração, com todo o seu ser. — Vamos encontrar Charlotte.

— E o que eu devo fazer enquanto vocês estão fora? — perguntou Jessamine, irritada, ao saírem pela porta.

Jem a olhou por cima do ombro.

— Sempre pode acordar Henry. Parece que ele está comendo papel durante o sono outra vez, e você sabe o quanto Charlotte detesta isso.

— Oh, *céus* — respondeu Jessamine com um suspiro exasperado. — Por que sempre fico com as funções idiotas?

— Porque você não quer ficar com as sérias — disse Jem, soando o mais próximo da irritação que Tessa já o havia visto ficar. Nenhum dos dois notou o olhar gelado que Jessamine lhes lançou enquanto saíam da biblioteca e atravessavam o corredor.

— O sr. Bane aguardava sua chegada, senhor — disse o lacaio, chegando para o lado para permitir que Will entrasse. O lacaio se chamava Archer, ou Walker, ou coisa assim, pensou Will, e era um dos humanos subjugados de Camille. Assim como todos os que eram escravizados pela vontade de um vampiro, tinha a aparência de um doente, a pele pálida como pergaminho e os cabelos finos e pegajosos. Parecia tão feliz em ver Will quanto um convidado ficaria em ver uma lesma saindo debaixo de uma folha de alface durante o jantar.

No instante em que Will entrou na casa, sentiu o cheiro. Cheiro de magia negra, como enxofre misturado à água do Tâmisa em um dia quente. Will franziu o nariz. O lacaio o olhou com mais desprezo ainda.

— O sr. Bane está na sala de estar. — A voz indicou que não havia qualquer chance de que ele fosse acompanhá-lo até lá. — Devo guardar seu casaco?

— Não será necessário. — Ainda de casaco, Will seguiu o cheiro de magia pelo corredor. O odor se intensificou à medida que Will se aproximava da porta da sala de estar, firmemente fechada. Fios de fumaça saíam do vão sob a entrada. Will respirou fundo, inspirando uma grande quantidade daquele azedume e entrou.

O interior da sala de estar parecia estranhamente vazio. Após um instante Will percebeu que era porque Magnus empurrara toda a mobília pesada, até mesmo o piano, contra a parede. Um ornamentado lustre a gás estava pendurado no teto, mas a luz no recinto era fornecida por dúzias de velas negras e grossas, dispostas em um círculo no centro do aposento. Magnus estava ao lado do círculo, com um livro aberto nas mãos; sua gravata antiquada estava afrouxada, e os arrepiados cabelos negros caíam sobre o rosto, como se carregados por eletricidade. Levantou o olhar quando Will entrou e sorriu.

— Bem na hora! — gritou ele. — Realmente acredito que desta vez o capturamos. Will, este é Thammuz, um demônio menor da oitava dimensão. Thammuz, este é Will, um Caçador de Sombras menor de... Gales, é isso?

— *Arrancarei seus olhos* — sibilou a criatura sentada no centro do círculo flamejante. Era sem dúvida um demônio, não tinha mais de noventa centímetros de altura, a pele era azul-clara, tinha três olhos negros em chamas e longas garras vermelhas nas mãos de oito dedos. — *Arrancarei a pele do seu rosto*.

— Não seja rude, Thammuz — disse Magnus, e apesar de ter falado com leveza, o círculo de velas ardeu subitamente, as chamas brilhando mais forte e fazendo o demônio se encolher com um grito. — Will tem perguntas. Você vai respondê-las.

Will balançou a cabeça.

— Não sei, Magnus — disse. — Não me parece o demônio certo.

— Você *disse* que era azul. Este é azul.

— É azul — reconheceu Will, aproximando-se do círculo de fogo. — Mas o demônio de que preciso... bem, era azul-cobalto. Este é mais cor de... mirta.

— *Do que você me chamou?* — rugiu o demônio, com raiva. — *Chegue mais perto, Caçadorzinho de Sombras, e me deixe degustar seu fígado! Vou arrancá-lo do seu corpo enquanto você grita.*

Will se voltou para Magnus.

— Também não *soa* certo. A voz é diferente. E a quantidade de olhos.

— Tem certeza...

— Absoluta — disse Will, com um tom de voz que não toleraria qualquer contestação. — Não é algo de que eu esqueceria, jamais poderia esquecer.

Magnus suspirou e virou novamente para o demônio.

— Thammuz — disse ele, lendo um livro em voz alta. — Imponho-lhe, pelo poder do sino, do livro e da vela e pelos grandes nomes de Sammael, Abbadon e Moloch, que fale a verdade. Já encontrou o Caçador de Sombras Will Herondale antes de hoje, ou alguém do sangue ou linhagem deste?

— *Não sei* — respondeu o demônio petulantemente. — *Para mim todos os humanos parecem iguais.*

A voz de Magnus se elevou, penetrante e autoritária.

— Responda!

— *Oh, muito bem. Não, nunca o vi antes. Eu me lembraria. Ele tem cara de que tem gosto bom.* — O demônio sorriu, exibindo dentes afiados. — *Sequer estive neste mundo nos últimos, hum, cem anos, talvez mais. Nunca consigo me lembrar a diferença entre cem e mil. De qualquer jeito, na última vez em que estive aqui, todo mundo morava em cabanas de lama e comia insetos. Então duvido que* ele *estivesse por perto* — apontou um dedo cheio de juntas para Will —, *a não ser que as pessoas da Terra vivam mais do que me informaram.*

Magnus revirou os olhos.

— Está mesmo determinado a não ajudar, não é?

O demônio deu de ombros, um gesto curiosamente humano.

— *Você me forçou a falar a verdade. Falei.*

— Bem, já *ouviu* falar em algum demônio como o que descrevi? — interrompeu Will, com uma pontinha de desespero na voz. — Azul-escuro, com uma voz áspera como lixa, uma cauda longa e com espetos.

O demônio o olhou com uma expressão entediada.

— *Tem noção de quantos tipos de demônio existem no Vácuo, Nephilim? Centenas e centenas de milhões. A grande cidade demoníaca de Pandemônio faz com que sua Londres pareça uma vila. Demônios de todas as formas, tamanhos e cores. Alguns mudam de aparência de acordo com a própria vontade...*

— Ah, cale-se, então, se não vai servir para nada — disse Magnus, fechando o livro. Instantaneamente as velas se apagaram, e o demônio desapareceu, dando um grito de espanto e deixando para trás apenas um fio de fumaça fétida.

O feiticeiro virou-se para Will.

— Tinha tanta certeza de que desta vez era o certo.

— Não é culpa sua. — Will foi para um dos divãs apoiados na parede. Estava com calor e frio ao mesmo tempo, os nervos formigando com a decepção que tentava conter, sem muito sucesso. Inquieto, tirou as luvas e as guardou no bolso do casaco ainda abotoado. — Está se esforçando. Thammuz tem razão. Não lhe ofereci muito no que se basear.

— Presumo — disse Magnus, baixinho —, que tenha me contado tudo de que se lembra. Abriu uma Pyxis e liberou um demônio. Que o amaldiçoou. Quer que eu encontre o demônio e veja se ele retira a maldição. É tudo que pode me dizer?

— É tudo que posso lhe dizer — respondeu Will. — Dificilmente eu me beneficiaria escondendo desnecessariamente alguma informação, quando sei o que estou lhe pedindo. Que encontre uma agulha... meu Deus, não é nem em um palheiro. Uma agulha em uma torre cheia de outras agulhas.

— Enfie as mãos em uma torre de agulhas — disse Magnus —, e provavelmente vai acabar se cortando seriamente. Tem certeza de que é isso que quer?

— Tenho certeza de que a outra alternativa é pior — respondeu Will, encarando o espaço enegrecido no chão onde o demônio havia se encolhido. Estava exausto. O símbolo de energia que desenhara em si mesmo naquela manhã antes de ir para a reunião do Conselho tinha se esgotado antes do meio-dia, e sua cabeça latejava. — Já vivi com essa maldição durante cinco anos. A ideia de viver com ela por mais um ano que seja me assusta mais do que a ideia de morrer.

— Você é um Caçador de Sombras, não tem medo da morte.

— Claro que tenho — disse Will. — Todo mundo tem medo da morte. Podemos descender de anjos, mas não temos mais conhecimento sobre o que vem depois da morte do que você.

Magnus se aproximou dele e sentou-se no lado oposto do divã. Seus olhos verde-dourados brilhavam como os de um gato à meia-luz.

— Você não tem certeza de que depois da morte só há esquecimento.

— E você não tem certeza de que não há, tem? Jem acredita que todos renascemos, que a vida é uma roda. Morremos, giramos, renascemos como merecemos, tudo isso baseado em nossas ações neste mundo — Will olhou para as próprias unhas roídas. — Eu provavelmente voltarei como uma lesma para alguém jogar sal.

— A Roda da Transmigração — disse Magnus, cujos lábios curvaram-se num sorriso. — Bem, pense desta forma. Você deve ter feito alguma coisa certa na última vida para renascer como renasceu. Nephilim.

— Ah, sim — respondeu Will sem emoção na voz. — Tive muita sorte — Ele inclinou a cabeça para trás no divã, exaurido. — Suponho que vá precisar de mais... ingredientes? Acho que a velha Mol no Cross Bones já não aguenta mais me ver.

— Tenho outros contatos — disse Magnus, claramente compadecendo-se de Will —, e preciso pesquisar mais antes. Se puder me revelar a natureza da maldição...

— Não — Will sentou-se. — Não posso. Já disse antes, assumi um grande

risco sequer por revelar que ela existe. Se falasse mais...

— O quê? Deixe-me adivinhar. Você não sabe o que, mas tem certeza de que seria ruim.

— Não me faça começar a achar que vir até você foi um erro...

— Tem alguma coisa a ver com Tessa, não tem?

Ao longo dos últimos cinco anos Will havia disciplinado a si mesmo para não demonstrar emoções — surpresa, afeto, esperança, alegria. Ele tinha quase certeza de que sua expressão não tinha mudado, mas ouviu a tensão na própria voz ao perguntar:

— Tessa?

— Passaram-se cinco anos — observou Magnus. — No entanto, de algum modo, você sobreviveu todo esse tempo sem contar a ninguém. Que desespero o trouxe até mim, no meio da noite, em uma tempestade? O que mudou no Instituto? Só consigo pensar em uma coisa, bem bonita, aliás, com grandes olhos cinzentos...

Will se levantou tão abruptamente que quase derrubou o divã.

— Tem outras coisas — declarou, lutando para manter a voz tranquila. — Jem está morrendo.

Magnus olhou para ele, um olhar calmo e firme.

— Ele já está morrendo há anos — falou. — Nenhuma maldição imposta a você poderia provocar ou curar a condição dele.

Will percebeu que suas mãos tremiam; cerrou os punhos.

— Você não entende...

— Sei que vocês são *parabatai* — disse Magnus. — Sei que a morte dele será uma grande perda para você. Mas o que não sei...

— Você sabe o que precisa saber. — Will sentia frio por todo o corpo, apesar de a sala estar aquecida e de ele ainda estar de casaco. — Posso pagar mais, se for fazer você parar de perguntar.

Magnus colocou os pés sobre o divã.

— Nada vai me fazer parar de perguntar — respondeu. — Mas farei o

possível para respeitar sua reserva.

O alívio permitiu que Will relaxasse as mãos.

— Então vai continuar me ajudando.

— Vou continuar ajudando — Magnus pôs as mãos atrás da cabeça e inclinou-se para trás, olhando para Will através de olhos semicerrados. — Embora pudesse ajudá-lo mais se me contasse a verdade, farei o que puder. Acho você estranhamente interessante, Will Herondale.

Will deu de ombros.

— Isso me basta como motivo. Quando pretende tentar outra vez?

Magnus bocejou.

— Provavelmente neste final de semana. Envio uma mensagem até sábado se houver... avanços.

Avanços. Maldição. Verdade. Jem. Morrendo. Tessa. Tessa, Tessa, Tessa. O nome dela ecoava na mente de Will como o toque de um sino; será que algum outro nome no mundo possuía uma ressonância tão inevitável? Ela não poderia ter recebido um nome horroroso, hein? Feito Mildred? Ele não conseguia se imaginar deitado, acordado à noite, olhando para o teto, enquanto vozes invisíveis sussurravam "Mildred" aos seus ouvidos. Mas *Tessa*...

— Obrigado — disse ele, subitamente. Ele passara de morrendo de frio a morrendo de calor; a sala estava sufocante, ainda com cheiro de cera de vela queimada. — Aguardarei ansiosamente seu contato, então.

— Sim, aguarde — respondeu Magnus, fechando os olhos. Will não sabia se ele realmente caíra no sono ou simplesmente esperava pela sua saída. De qualquer forma, claramente era um sinal para que ele se retirasse. Não sem sentir algum alívio, Will acatou.

Sophie estava a caminho do quarto da srta. Jessamine, para varrer as cinzas e limpar o gradil da lareira, quando ouviu vozes no corredor. Em seu antigo emprego aprendera a "dar espaço" — virar e olhar para as paredes enquanto os empregadores passavam, e a fazer o possível para parecer um móvel, algo

inanimado que pudessem ignorar.

Ficou chocada quando chegara no Instituto e descobrira que as coisas não funcionavam dessa forma ali. Primeiro, para uma casa tão grande, o fato de terem tão poucos serventes a surpreendeu. Inicialmente não percebera que os Caçadores de Sombras faziam muitas coisas por si próprios, coisas que uma típica família de boa linhagem consideraria degradante — acendiam as próprias fogueiras, faziam algumas compras, mantinham recintos como a área de treinamento e a sala das armas limpos e organizados. Ficou chocada com a familiaridade com que Agatha e Thomas tratavam os patrões, sem perceber que seus colegas serventes vinham de famílias que haviam servido Caçadores de Sombras por muitas gerações — ou que eles próprios tinham alguma magia.

Ela mesma vinha de uma família pobre e fora chamada de "burra" e estapeada diversas vezes quando começou a trabalhar como empregada — porque não estava acostumada a móveis delicados, ou prata verdadeira, ou porcelana tão fina que era possível enxergar a escuridão do chá através das laterais. Mas aprendeu a lidar com tudo isso, e quando se tornou claro que seria uma moça muito bonita, foi promovida a criada de quarto. Uma criada de quarto tinha um destino incerto. Devia ser bonita aos olhos dos membros da família, e, portanto, seu salário começava a cair a cada ano à medida que envelhecia, depois de completar 18 anos.

Foi um alívio tão grande ter ido trabalhar no Instituto — onde ninguém se importava com o fato de que beirava os 20 anos, onde não lhe mandavam olhar para as paredes, nem se importavam que falasse antes da palavra lhe ser dirigida — que quase achou que tivesse valido a pena ter tido seu belo rosto mutilado pelas mãos do último empregador. Se pudesse, ainda evitava olhar o próprio reflexo, mas o pavor terrível da perda havia sumido. Jessamine zombava dela pela longa cicatriz que desfigurava sua bochecha, mas os outros não pareciam notar — exceto Will, que às vezes dizia algo desagradável, mas de um jeito quase casual, como se fosse uma atitude esperada e não o dissesse de coração.

Mas tudo isso foi antes de se apaixonar por Jem.

Naquele instante, reconheceu a voz dele enquanto vinha pelo corredor, elevando-se em uma gargalhada, e, respondendo a ele, a srta. Tessa. Sophie sentiu uma pressão estranha no peito. Ciúme. Detestava a si mesma por isso, mas não conseguia se conter. A srta. Tessa sempre fora gentil com ela, e seus grandes olhos cinzentos demonstravam tanta vulnerabilidade — uma necessidade tão grande de ter um amigo — que era impossível não gostar dela. No entanto, a forma como o mestre Jem olhava para ela... e Tessa sequer parecia notar.

Não. Sophie não suportaria um encontro com os dois no corredor, com Jem olhando para Tessa como vinha fazendo ultimamente. Agarrando a vassoura e o balde contra o peito, abriu a porta mais próxima e entrou, fechando-a quase totalmente. Como a maioria dos cômodos no Instituto, era um quarto não utilizado, destinado a Caçadores de Sombras visitantes. Ela limpava os quartos mais ou menos a cada quinze dias, a não ser que alguém os estivesse utilizando; do contrário, permaneciam intactos. Este estava bem empoeirado; partículas de pó dançavam à luz que entrava pelas janelas, e Sophie lutou contra o impulso de espirrar no momento em que espiou pelo vão da porta.

Estava certa. Eram Jem e Tessa, vindo em direção a ela pelo corredor. Pareciam completamente entretidos um com o outro. Jem trazia alguma coisa consigo — roupa de combate dobrada, ao que parecia — e Tessa estava rindo de algo que ele havia dito. Ela olhava para baixo e para a direção contrária à que ele estava, e ele a encarava fixamente, do jeito que as pessoas fazem quando acreditam não estar sendo observadas. No rosto, a expressão que normalmente tinha quando tocava violino, como se estivesse completamente envolvido e em transe.

O coração de Sophie doía. Ele era tão lindo. Ela sempre achara. A maioria das pessoas só falava em Will, no quanto era belo, mas ela achava Jem mil vezes mais bonito. Tinha aquela aparência etérea de anjos em pinturas, e, embora soubesse que a cor prateada dos cabelos e da pele eram resultado da medicação para o controle da doença, não podia deixar de achar aquilo adorável. E ele era gentil, seguro de si e doce. Pensar nas mãos dele em seus cabelos, afastando-os do rosto,

a fazia sentir-se reconfortada, enquanto normalmente a ideia de um homem, ou mesmo um menino, tocando-a lhe dava fraqueza e enjoo. Jem tinha as mãos mais cuidadosas e lindamente construídas...

— Nem acredito que estejam vindo amanhã — dizia Tessa, voltando o olhar para Jem. — Tenho a sensação de que eu e Sophie estamos sendo jogadas nas mãos de Benedict Lightwood para acalmá-lo, como se lança um osso a um cachorro. Ele não se importa *realmente* com o fato de sermos ou não treinadas. Só quer os filhos dele aqui para incomodar Charlotte.

— Isso é verdade — reconheceu Jem. — Mas por que não tirar vantagem do treinamento quando lhe é oferecido? É por isso que Charlotte está tentando encorajar Jessamine a participar. Quanto a você, a julgar pelo seu talento, mesmo que, ou melhor, quando Mortmain deixar de ser ameaça, haverá outros interessados no seu poder. Pode ser bom aprender a afastar essas pessoas.

A mão de Tessa tocou o colar de anjo no pescoço, um gesto corriqueiro do qual Sophie desconfiava, ela sequer se apercebia.

— Sei o que Jessie dirá. Que a única ajuda de que precisa é para se livrar de belos pretendentes.

— Não seria melhor ter ajuda para se livrar dos feios?

— Não se forem mundanos — sorriu Tessa. — Ela prefere um mundano feio a um Caçador de Sombras bonito, sem pestanejar.

— Isso me tira da disputa, não? — disse Jem, com um sorriso debochado, e Tessa riu outra vez.

— É uma pena — disse Tessa. — Uma menina bonita como Jessamine poderia escolher quem quisesse, mas está tão certa de que um Caçador de Sombras não serve...

— Você é bem mais bonita — disse Jem.

Surpresa, Tessa olhou para Jem com as bochechas enrubescendo. Sophie sentiu a pontada de ciúme no peito outra vez, apesar de concordar com Jem. Jessamine tinha uma beleza tradicional, uma pequena Vênus, se pudesse haver uma, mas sua habitual expressão amarga lhe tirava a graciosidade. Tessa, por

outro lado, tinha um apelo caloroso, com os abundantes cabelos escuros e ondulados, e olhos de um cinza-marinho que conquistavam aos poucos. Havia sagacidade em seu rosto, e também humor, coisa que faltava a Jessamine, ou que, pelo menos, ela não demonstrava.

Jem parou na frente da porta da srta. Jessamine e bateu. Quando não obteve resposta, deu de ombros, abaixou-se e colocou uma pilha de tecido escuro — roupa de luta — diante da porta.

— Ela nunca vai vestir isso. — Tessa sorriu, revelando suas covinhas.

Jem se levantou.

— Não concordei em vesti-la à força, apenas em trazer as roupas.

Ele começou a descer pelo corredor outra vez, com Tessa ao lado.

— Não sei como Charlotte consegue conversar com o Irmão Enoch com tanta frequência. Ele me assusta — comentou ela.

— Ah, não sei. Prefiro acreditar que, quando estão na própria casa, os Irmãos do Silêncio são como nós. Pregam peças na Cidade do Silêncio, fazem queijo quente...

— Espero que brinquem de adivinhação — disse Tessa, secamente. — Assim tirariam algum benefício de seus talentos naturais.

Jem caiu na gargalhada, e em seguida já tinham dobrado a esquina e desaparecido de vista. Sophie apoiou-se no batente da porta. Não achava que já tivesse feito Jem rir daquele jeito; não achava que ninguém já havia conseguido, exceto Will. Era preciso conhecer muito bem uma pessoa para fazê-la rir daquela maneira. Ela o amava há tanto tempo, pensou. Como era possível não conhecê-lo nem um pouco?

Com um suspiro de resignação, preparou-se para sair do esconderijo — e então a porta do quarto da srta. Jessamine se abriu, revelando a dona do cômodo. Sophie se encolheu na penumbra. A srta. Jessamine vestia uma longa capa de viagem de veludo, que escondia quase todo o seu corpo, do pescoço aos pés. Os cabelos estavam firmemente presos para trás, e ela segurava um chapéu masculino. Sophie congelou, surpresa, quando Jessamine olhou para baixo, viu a

roupa de combate e fez uma careta. Chutou-a rapidamente para dentro do quarto — permitindo que Sophie enxergasse seu pé, que parecia calçado com uma bota masculina — e fechou a porta atrás de si, silenciosamente. Olhando de um lado para o outro do corredor, colocou o chapéu, escondeu o queixo na capa e partiu nas sombras, deixando Sophie intrigada.

3
Morte Injustificável

Ah! Na juventude uma amizade vivenciaram,
Mas línguas sussurrantes a verdade envenenaram
Mora a lealdade num reino superior;
A vida tem espinhos, a juventude não perdura
E nos indignarmos por quem temos amor
É para a mente a mesma coisa que o efeito da loucura.
— Samuel Taylor Coleridge, "Christabel".

No dia seguinte depois do café da manhã, Charlotte orientou Tessa e Sophie a voltarem aos respectivos aposentos, vestirem a roupa nova de luta e encontrarem Jem na sala de treinamento, onde esperariam pelos irmãos Lightwood. Jessamine não apareceu para o café, alegando dor de cabeça, e Will também não estava em lugar algum. Tessa desconfiava que ele estivesse se escondendo para não ser forçado a ser educado com Gabriel Lightwood e o irmão. Não conseguia culpá-lo totalmente.

De volta ao quarto, pegando a roupa de luta, Tessa sentiu uma agitação de nervoso no estômago; era tão diferente de tudo que já vestira antes. Sophie não estava presente para ajudar com as roupas novas. Parte do treino, claro, era conseguir se vestir e se familiarizar com o uniforme: sapatos de solado plano, calças soltas feitas de um grosso material preto; e uma túnica longa com cinto,

que chegava quase aos joelhos. Eram as mesmas roupas que vira Charlotte usar em combate e ilustradas no *Códex*; antes as achara estranhas, mas o ato de vesti-las era mais esquisito ainda. Se a tia Harriet a visse agora, pensou Tessa, provavelmente desmaiaria.

Encontrou Sophie ao pé da escada que levava à sala de treinamento do Instituto. Não trocaram uma palavra, apenas sorrisos de incentivo. Após um instante, Tessa subiu na frente por um lance de estreitos degraus de madeira, o corrimão tão velho que já despontavam farpas. Era estranho, pensou Tessa, subir escadas e *não* precisar se preocupar em puxar a saia ou tropeçar na bainha. Apesar de estar com o corpo completamente coberto, sentia-se estranhamente nua com a roupa de treinamento.

Ajudava ter Sophie consigo, obviamente sentindo-se tão desconfortável quanto ela em suas próprias roupas de Caçadora de Sombras. Quando chegaram ao topo, Sophie abriu a porta, e entraram juntas e caladas na sala de treinamento.

Claramente estavam no andar superior do Instituto, em uma sala adjacente ao sótão e quase duas vezes maior do que ele, pensou Tessa. O chão era de madeira polida com vários padrões desenhados em tinta preta — quadrados e círculos, alguns deles numerados. Cordas longas e flexíveis pendiam de caibros no teto, parcialmente invisíveis às sombras. Tochas de luz enfeitiçada queimavam nas paredes, entremeadas com armas penduradas — bastões, machados e diversos objetos de aparência mortal.

— Ugh! — disse Sophie, olhando para elas com um tremor. — Não são horríveis?

— Na verdade reconheço algumas do *Códex* — revelou Tessa, apontando. — Aquele ali é um montante, aquele é um espadim, aquele é um florete e aquela ali eu acho que é a variação escocesa do montante, chamada Claymore, que também parece requerer duas mãos para ser empunhada.

— Quase — disse uma voz muito desconcertante acima das cabeças das moças. — É uma espada executora. Feita essencialmente para decapitações. Dá para perceber isso porque ela não tem a ponta afiada.

Sophie soltou um gritinho de surpresa e recuou quando uma das cordas começou a balançar lentamente e uma figura escura apareceu no alto. Era Jem, descendo pela corda com a graciosa agilidade de um pássaro. Aterrissou levemente diante delas e sorriu.

— Peço desculpas. Não tive a intenção de assustá-las.

Ele também estava com roupa de luta, porém, em vez de túnica, trajava uma camisa que batia na cintura. Uma única alça de couro cruzava sobre o peito, e o cabo de uma espada se projetava por trás de um dos ombros. A cor escura do material fazia com que sua pele parecesse ainda mais pálida, os cabelos e olhos mais prateados do que nunca.

— Teve sim — disse Tessa, com um sorrisinho —, mas tudo bem. Eu já estava começando a achar que eu e Sophie ficaríamos sozinhas para treinar uma a outra.

— Oh, os Lightwood virão — afirmou Jem. — Só estão atrasados para se afirmar. Não precisam fazer o que dissemos nem o que o pai deles diz.

— Queria que você nos treinasse — declarou Tessa, impulsivamente.

Jem pareceu surpreso.

— Não poderia, ainda nem concluí meu próprio treinamento. — Mas seus olhares se encontraram, e em mais um instante de comunicação muda, Tessa escutou o que ele realmente estava dizendo: *nem sempre estou bem o bastante para ser um treinador confiável*. Subitamente a garganta de Tessa doeu, e ela olhou de volta para Jem, torcendo para que ele conseguisse ler sua solidariedade silenciosa. Não queria desviar os olhos, mas se pegou imaginando se o cabelo, da forma como o havia puxado para trás, prendendo-o cuidadosamente em um coque, sem nenhum fiapo solto, estava feio. Não que fizesse diferença, é claro. Era apenas *Jem*, afinal.

— Não vamos passar por um curso *completo* de treinamento, vamos? — perguntou Sophie, a voz preocupada interrompendo os pensamentos de Tessa. — O Conselho só disse que precisávamos saber nos defender um pouco...

Jem desviou o olhar de Tessa; a conexão se rompeu instantaneamente.

— Não há o que temer, Sophie — respondeu ele, com a voz suave. — E ficará satisfeita no final; é sempre útil a uma bela dama ser capaz de afastar a atenção indesejada de cavalheiros.

O rosto de Sophie enrijeceu, a cicatriz lívida em seu rosto destacando-se em vermelho como se tivesse sido pintada.

— Não faça piada comigo — ela disse. — Não é gentil.

Jem pareceu espantado.

— Sophie, eu não estava...

A porta da sala de treinamento se abriu. Tessa se virou quando Gabriel Lightwood entrou, seguido por um menino que ela não conhecia. Ao passo que Gabriel era esguio e tinha cabelos escuros, o outro era musculoso e tinha grossos cabelos louros em tom de areia. Ambos estavam com uniforme de combate, com luvas escuras e de aparência cara, adornadas com metal nas articulações. Os dois usavam faixas prateadas em ambos os pulsos — capas para facas, Tessa sabia — e tinham a mesma estampa elaborada de símbolos costurada nas mangas. Ficou claro não só pela semelhança das roupas, como também pelo formato do rosto e pelo verde-claro e luminoso dos olhos que eram parentes, então Tessa não ficou nem um pouco surpresa quando Gabriel disse, com seu jeito brusco:

— Bem, estamos aqui, como dissemos que estaríamos. James, presumo que se lembre do meu irmão, Gideon. Srta. Gray, srta. Collins...

— Prazer em conhecê-las — murmurou Gideon, sem olhar nos olhos de nenhuma delas. O mau humor parecia ser de família, concluiu Tessa, lembrando-se de que Will havia dito que perto do irmão, Gabriel parecia um anjo.

— Não se preocupe, Will não está aqui — disse Jem a Gabriel, que olhava em volta. Gabriel franziu a testa, mas Jem já tinha virado para Gideon. — Quando voltou de Madri? — perguntou educadamente.

— Meu pai me pediu para voltar há pouco tempo. — O tom de Gideon era neutro. — Questões familiares.

— Espero que esteja tudo bem...

— Está tudo muito bem, obrigado, James — cortou Gabriel. — Agora, antes de avançarmos para a parte do treinamento desta visita, há duas pessoas que precisam conhecer. — Virou a cabeça e chamou: — Sr. Tanner, srta. Daly! Por favor, venham.

Ouviram passos nas escadas, e duas pessoas estranhas entraram, nenhuma delas uniformizada. Ambas com trajes de serventes. Uma era jovem, a própria definição de "ossuda" — com ossos grandes demais para a forma magra e desajeitada do corpo. Seus cabelos eram ruivos e brilhantes, presos num coque sob um chapéu modesto. As mãos nuas estavam vermelhas e pareciam limpas. Tessa supôs que ela tivesse cerca de 20 anos de idade. Ao seu lado estava um homem de cabelos castanho-escuros e ondulados, alto e musculoso...

Sophie inspirou, com um arquejo. Tinha ficado pálida.

— Thomas...

O jovem pareceu inteiramente desconfortável.

— Sou o irmão de Thomas, srta. Cyril. Cyril Tanner.

— Estes são os substitutos dos serventes que perderam prometidos pelo Conselho — informou Gabriel. — Cyril Tanner e Bridget Daly. O Cônsul pediu que os trouxéssemos de Kings Cross até aqui, e naturalmente concordamos. Cyril substituirá Thomas, e Bridget ficará no lugar da cozinheira, Agatha. Ambos foram treinados em boas residências de Caçadores de Sombras e vêm com recomendações muito boas.

Marcas vermelhas começaram a arder nas bochechas de Sophie. Antes que pudesse falar qualquer coisa, Jem declarou rapidamente:

— Ninguém pode substituir Agatha ou Thomas, Gabriel. Eram nossos amigos, além de serventes. — Ele acenou com a cabeça na direção de Bridget e Cyril. — Sem ofensas.

Bridget simplesmente piscou os olhos castanhos, mas Cyril se pronunciou:

— Não ofendeu — disse ele. Até a voz era parecida com a de Thomas, de um jeito quase sinistro. — Thomas era meu irmão. Para mim, ninguém pode substituí-lo também.

Um silêncio desconfortável se abateu sobre o recinto. Gideon apoiou-se em uma das paredes, com os braços cruzados e um leve tom de desdém no rosto. Era bem bonito, como o irmão, pensou Tessa, mas a expressão mal-humorada quebrava o encanto.

— Muito bem. — Gabriel finalmente interrompeu o silêncio. — Charlotte nos pediu que os trouxéssemos para que pudessem conhecê-los. Jem, se quiser conduzi-los de volta à sala de estar, Charlotte está esperando por eles para lhes passar instruções...

— Então nenhum deles precisa de treinamento extra? — perguntou Jem. — Como vão treinar Tessa e Sophie de uma forma ou de outra, se Bridget ou Cyril...

— Como informou o Cônsul, eles foram muito bem treinados nas casas de família em que serviram anteriormente — respondeu Gideon. — Gostaria de uma demonstração?

— Não acho que seja necessário — disse Jem.

Gabriel sorriu.

— Ora, vamos, Carstairs. As meninas podem aproveitar para ver que um mundano é capaz de lutar quase como um Caçador de Sombras, se *adequadamente* instruído. Cyril? — Gabriel foi até a parede, selecionou dois montantes e arremessou um em direção a Cyril. Ele, por sua vez, pegou a arma no ar habilidosamente e avançou para o centro da sala, onde havia um círculo pintado no chão.

— Já sabemos disso — murmurou Sophie, com a voz tão baixa que apenas Tessa conseguiu ouvir. — Thomas e Agatha eram ambos treinados.

— Gabriel só está tentando irritá-la — afirmou Tessa, também sussurrando. — Não deixe ele perceber que está te incomodando.

Sophie tensionou o maxilar quando Gabriel e Cyril se encontraram no centro, as espadas reluzindo.

Tessa tinha de admitir que havia algo de lindo naquilo, a maneira como se cercavam, com as lâminas zumbindo pelo ar, um borrão preto e prateado. O tilintar de metal contra metal, a maneira como se moviam, com tanta velocidade

que seus olhos mal conseguiam acompanhar. Mesmo assim, Gabriel era melhor; isso era claro até para olhos não treinados. Tinha reflexos mais rápidos, movimentos mais graciosos. Não era uma luta justa; Cyril, os cabelos grudados na testa por causa do suor, obviamente dava tudo de si enquanto Gabriel simplesmente passava o tempo. No fim, quando Gabriel habilidosamente desarmou Cyril com um simples movimento de pulso, derrubando a espada do adversário no chão, Tessa não pôde deixar de ficar indignada em nome de Cyril. Nenhum humano podia superar um Caçador de Sombras, não era essa a ideia?

A ponta da lâmina de Gabriel parou a 1 centímetro da garganta de Cyril. Este, por sua vez, ergueu as mãos em redenção, e um sorriso — bem parecido com o sorriso fácil do irmão — se espalhou por seu rosto.

— Eu me rendo...

Houve um borrão de movimento. Gabriel uivou e caiu, a espada escorregando de sua mão. O corpo do Caçador de Sombras atingiu o chão, e Bridget ajoelhou-se sobre o peito do rapaz, exibindo os dentes. Tinha chegado por trás dele e o derrubara enquanto ninguém olhava. Agora havia retirado uma pequena adaga de dentro da roupa e a segurava contra a garganta de Gabriel. Ele encarou-a por um instante, espantado, piscando os olhos verdes. Em seguida começou a rir.

Tessa gostou dele mais do que nunca naquele instante. Não que isso representasse alguma coisa.

— Muito impressionante — disse uma voz familiar vindo da porta. Era Will, com a aparência de quem, como diria sua tia, tinha sido arrastado de costas por uma cerca viva. Sua camisa estava rasgada, os cabelos, desgrenhados e os olhos azuis tinham contornos vermelhos. Ele se curvou, pegou a espada derrubada de Gabriel e apontou na direção de Bridget com uma expressão entretida. — Mas será que sabe *cozinhar*?

Bridget levantou-se, as bochechas ficando profundamente vermelhas. Estava olhando para Will do jeito que as meninas sempre faziam — ligeiramente boquiaberta, como se não acreditasse muito bem na visão que acabara de se

materializar diante de si. Tessa queria dizer para ela que Will era mais bonito quando não estava tão sujo, e que ficar fascinada pela beleza dele era como ficar fascinada por aço cortante. Era perigoso e insensato. Mas de que adiantaria? Em breve Bridget aprenderia por conta própria.

— Cozinho bem, senhor — respondeu, com um ligeiro sotaque irlandês. — Meus antigos empregadores não têm reclamações.

— Meu Deus, você é irlandesa — disse Will. — Sabe fazer coisas que não tenham batata? Tivemos um cozinheiro irlandês quando eu era menino. Torta de batata, doce de batata, batatas ao molho de batata...

Bridget parecia perplexa. Nesse meio-tempo, Jem dera um jeito de atravessar a sala e agora segurava o braço de Will.

— Charlotte quer Cyril e Bridget na sala de estar. Vamos mostrar o caminho a eles?

Will hesitou. Estava encarando Tessa agora. Ela engoliu em seco. Ele parecia querer dizer alguma coisa. Gabriel, olhando de um para o outro, sorriu. Os olhos de Will assumiram um tom sombrio, e ele deu meia-volta, a mão de Jem conduzindo-o para fora, em direção à escada. Após um momento de espanto, Bridget e Cyril o acompanharam.

Quando Tessa se voltou novamente para o centro da sala, viu que Gabriel tomara uma das lâminas e a entregara ao irmão.

— Agora — disse ele. — Já é hora de começarmos a treinar, não acham, meninas?

Gideon pegou a espada.

— *Esta es la idea más estúpida que nuestro padre ha tenido* — exclamou. — *Nunca*.

Sophie e Tessa trocaram um olhar. Mesmo sem falar espanhol, Tessa podia entender perfeitamente o sentido da palavra "*estúpida*", suficientemente familiar. O resto do dia seria longo.

Passaram as horas seguintes executando exercícios de equilíbrio e bloqueio.

Gabriel assumiu a função de coordenar a instrução de Tessa enquanto Gideon cuidava de Sophie. Tessa não pôde deixar de sentir que Gabriel a escolhera para irritar Will de alguma forma misteriosa, quer Will ficasse sabendo ou não. Na verdade não era mau professor — relativamente paciente, disposto a recolher as armas sem parar, na medida em que ela as derrubava, até conseguir mostrar a empunhadura correta, e até elogiava quando Tessa fazia alguma coisa certa. Ela estava concentrada demais para notar se Gideon estava sendo um treinador tão bom com Sophie quanto Gabriel com ela, apesar de ouvi-lo murmurar em espanhol de vez em quando.

Quando o treinamento acabou, depois de ter tomado banho e se vestido para o jantar, Tessa estava faminta de um jeito inapropriado para uma dama. Felizmente, apesar das ressalvas de Will, Bridget *sabia* cozinhar, e muito bem. Serviu assado com legumes e torta de geleia com creme para Henry, Will, Tessa e Jem no jantar. Jessamine continuava no quarto com dor de cabeça e Charlotte tinha ido para a Cidade dos Ossos pesquisar pessoalmente nos arquivos de Reparações.

Era estranho ver Sophie e Cyril entrando e saindo da sala com pratos de comida, Cyril cortando o assado da mesma forma que Thomas teria feito, Sophie o ajudando em silêncio. Tessa não podia deixar de pensar no quanto devia ser difícil para ela, cujas companhias mais próximas no Instituto foram Agatha e Thomas. Só que toda vez que Tessa tentava capturar seu olhar, Sophie desviava o rosto.

Tessa lembrou-se da expressão de Sophie na última vez em que Jem ficara doente, a maneira com que torcia o chapéu nas mãos, implorando por notícias dele. Tessa morrera de vontade de falar com ela depois, mas sabia que não podia. Romances entre mundanos e Caçadores de Sombras eram proibidos; a mãe de Will era mundana, e o pai fora forçado a abandonar os Caçadores de Sombras para ficar com ela. Devia estar terrivelmente apaixonado para se dispor a tanto — e Tessa nunca teve qualquer impressão de que Jem gostasse de Sophie dessa maneira. E também tinha a questão da doença dele...

— Tessa — Jem disse em voz baixa —, você está bem? Parece muito distante.

Ela sorriu para ele.

— Só estou cansada. O treinamento... não estou acostumada. — Era verdade. Estava com os braços doloridos de tanto segurar a pesada espada de treino, e apesar de ela e Sophie terem feito pouco além de exercícios de equilíbrio e bloqueio, as pernas também doíam.

— Existe uma pomada que os Irmãos do Silêncio fabricam, para músculos doloridos. Bata à minha porta antes de ir dormir e lhe darei um pouco dela.

Tessa enrubesceu ligeiramente, depois se perguntou o motivo de ter ruborizado. Os Caçadores de Sombras tinham modos esquisitos. Já havia estado no quarto de Jem antes, até mesmo a sós com ele, inclusive já vestida para dormir, e sem drama. Tudo que ele estava fazendo agora era oferecer remédio, e mesmo assim ela sentiu o rosto arder — Jem pareceu notar e enrubesceu também, a cor bastante visível em contraste com a pele pálida. Tessa desviou o olhar apressadamente e percebeu que Will os observava, os olhos azuis firmes e escuros. Apenas Henry, que perseguia ervilhas pelo prato com um garfo, parecia desligado.

— Muito obrigada — disse ela. — Irei...

Charlotte entrou de repente no recinto, os cabelos escuros escapando dos prendedores num turbilhão de cachos, trazendo um longo pergaminho de papel apertado nas mãos.

— Eu encontrei! — gritou ela. Ofegante, recaiu sobre a cadeira ao lado de Henry, o rosto, normalmente pálido, rosado pelo esforço. Ela sorriu para Jem. — Você tinha razão... os arquivos de Reparações... encontrei depois de apenas algumas horinhas de busca.

— Deixe-me ver — disse Will, repousando o garfo. Tinha comido pouquíssimo, Tessa não pôde deixar de notar. O anel com desenho de pássaro brilhou em seus dedos quando esticou a mão para pegar o pergaminho de Charlotte.

Ela afastou a mão dele, com bom humor.

— Não. Vamos todos olhar ao mesmo tempo. Além disso, foi ideia de Jem, não foi?

Will franziu a testa, mas não disse nada. Charlotte abriu o pergaminho sobre a mesa, empurrando xícaras de chá e pratos vazios para abrir espaço, e os demais ficaram de pé e se agruparam em volta dela para olhar o documento. O papel mais parecia um pergaminho grosso, com tinta vermelho-escura, como a cor dos símbolos nas túnicas dos Irmãos do Silêncio. A caligrafia estava em inglês, porém era pouco clara e cheia de abreviações; Tessa não conseguia identificar nada do que via diante de si.

Jem inclinou-se para perto, o braço encostando no dela, enquanto lia por cima de seu ombro. A expressão dele era pensativa.

Ela virou a cabeça na direção dele; uma mecha do cabelo claro de Jem fez cócegas em seu rosto.

— O que diz? — sussurrou ela.

— É um pedido de recompensa — disse Will, ignorando o fato de que a pergunta tinha sido endereçada a Jem. — Enviada ao Instituto de York em 1825, em nome de Axel Hollingworth Mortmain, buscando reparação pela morte injustificável dos pais, John Thaddeus e Anne Evelyn Shade, quase uma década antes.

— John Thaddeus Shade — disse Tessa. — *JTS*, as iniciais no relógio de Mortmain. Mas se ele era filho deles, por que não tem o mesmo sobrenome?

— Os Shade eram feiticeiros — disse Jem, lendo mais abaixo da folha. — Ambos. Mortmain não podia ser filho biológico dos dois; devem tê-lo adotado e permitido que conservasse o nome mundano. Às vezes acontece, de tempos em tempos. — Os olhos dele pousaram por um instante em Tessa, desviando em seguida; será que Will, da mesma forma que ela, estava recordando a conversa que haviam tido na sala de música? Sobre o fato de que feiticeiros não podiam ter filhos?

— Ele disse que começou a aprender sobre artes das trevas durante as viagens que fez — relatou Charlotte. — Mas se os pais dele eram feiticeiros...

— Pais adotivos — disse Will. — Sim, tenho certeza de que ele sabia exatamente com quem entrar em contato no Submundo para aprender artes mais obscuras.

— Morte injustificável — disse Tessa com a voz suave. — O que isso significa, exatamente?

— *Significa* que ele acredita que Caçadores de Sombras mataram seus pais, apesar de eles não terem transgredido nenhuma Lei — respondeu Charlotte.

— Que Lei teriam transgredido?

Charlotte franziu a testa.

— Diz alguma coisa aqui sobre associações ilegais e sobrenaturais com demônios, o que pode significar praticamente qualquer coisa; e diz que foram acusados de criar uma arma capaz de destruir os Caçadores de Sombras. A pena para isso seria a morte. Mas vocês devem lembrar que isso foi antes dos Acordos. Caçadores de Sombras podiam matar integrantes do Submundo por mera suspeita de transgressão. Provavelmente é por isso que não há nada mais substancial detalhado aqui nessa papelada. Mortmain solicitou recompensa pelo Instituto de York, sob a égide de Aloysius Starkweather. Ele não pediu dinheiro, mas que os culpados, Caçadores de Sombras, fossem julgados e punidos. Mas o julgamento foi recusado aqui em Londres, sob a alegação de que os Shade eram culpados "sem sombra de dúvidas". E isso é tudo. Este é um simples registro do ocorrido, não a documentação completa, que ainda deve estar no Instituto de York. — Charlotte afastou o cabelo molhado da testa. — Mesmo assim. *Explicaria* o ódio de Mortmain pelos Caçadores de Sombras. Você tinha razão, Tessa. A questão era, *é* pessoal.

— E nos dá um ponto de partida. O Instituto de York — disse Henry, levantando os olhos do prato. — Os Starkweather são os diretores, não são? Certamente terão as cartas completas, documentos...

— E Aloysius Starkweather tem 89 anos — disse Charlotte. — Era um rapaz quando os Shade foram mortos. Pode ser que se lembre de algo que tenha acontecido — suspirou. — É melhor eu mandar uma mensagem para ele. Oh,

céus. Isso vai ser esquisito.

— Por que, querida? — perguntou Henry, com seu jeito suave e distante.

— Ele e meu pai eram amigos, mas depois tiveram uma briga, uma coisa horrorosa, há séculos atrás, e nunca mais se falaram.

— Como é mesmo aquele poema? — Will, que estava rodando a xícara de chá vazia nos dedos, levantou-se e declamou:

Cada qual com desdém impregnou as palavras proferidas,
E insultou o melhor irmão em seu coração...

— Oh, pelo Anjo, Will, fique quieto — disse Charlotte, levantando-se. — Tenho de escrever uma carta para Aloysius Starkweather carregada de remorso e súplica. Não preciso de você me distraindo. — E, segurando as saias, apressou-se para fora da sala.

— Que falta de apreço pelas artes — murmurou Will, repousando a xícara de chá. Ele levantou o olhar, e Tessa percebeu que ele a encarava. Ela conhecia o poema, é claro. Era de Coleridge, um de seus poetas preferidos. E havia mais naquele poema, sobre amor, sobre morte e loucura, mas ela não conseguia lembrar-se dos versos, não agora, com os olhos azuis de Will presos aos dela.

— E é claro que Charlotte não comeu uma única garfada do jantar — disse Henry, levantando-se. — Vou ver se Bridget pode preparar um prato de frango frio. Quanto ao resto de vocês... — Ele fez uma pausa, como se estivesse prestes a dar uma ordem, talvez mandá-los para cama, ou de volta à biblioteca para fazer mais pesquisas. O momento passou, e um olhar confuso atravessou o rosto de Henry. — Maldição, esqueci o que ia falar — anunciou, e desapareceu em direção à cozinha.

Assim que Henry se retirou, Will e Jem iniciaram um sério debate sobre reparações, membros do Submundo, Acordos, pactos e leis, o que deixou a cabeça de Tessa girando. Em silêncio, ela levantou-se e deixou a mesa, dirigindo-

se à biblioteca.

Apesar do tamanho imenso, e de quase nenhum dos livros que a preenchiam ser em inglês, era seu lugar favorito no Instituto. Alguma coisa no cheiro dos livros, no aroma de papel, tinta e couro, na forma como a poeira de uma biblioteca parecia se comportar de forma distinta em relação a qualquer outro cômodo — era dourada à luz das velas enfeitiçadas, assentando-se feito pólen sobre a superfície lustrosa das longas mesas. Coroinha, o gato, estava dormindo em uma prateleira de livros alta, com o rabo curvado sobre a cabeça; Tessa deu espaço a ele ao se dirigir à pequena seção de poesia na parte inferior da parede direita. Coroinha adorava Jem, mas era conhecido por morder os outros, normalmente sem qualquer aviso prévio.

Ela encontrou o livro que estava procurando e ajoelhou ao lado da prateleira, passando as páginas até encontrar a correta, a cena em que o velho homem em "Christabel" percebe que a menina diante de si é a filha de seu ex-melhor amigo e agora inimigo mais odiado, o homem que jamais conseguirá esquecer.

Ah! Na juventude uma amizade vivenciaram,
Mas línguas sussurrantes a verdade envenenaram
E mora a lealdade num reino superior;
E a vida tem espinhos, e a juventude não perdura,
E nos indignarmos por quem temos amor
É para a mente a mesma coisa que o efeito da loucura.
...
Cada qual com desdém impregnou as palavras proferidas
E insultou o melhor irmão em seu coração...
Separaram-se — para nunca mais reencontrarem-se nesta vida!

A voz que falou acima de sua cabeça era tão leve quanto arrastada — instantaneamente familiar.

—Verificando a precisão de minha citação?

O livro deslizou das mãos de Tessa e caiu no chão. Ela se levantou e assistiu, congelada, enquanto Will se abaixava para pegá-lo e o estendia para ela com um gesto de extrema educação.

— Garanto a você — disse a ela —, que me lembro com perfeição.

Eu também, pensou Tessa. Era a primeira vez que ficava sozinha com ele em semanas. Não acontecia desde aquela cena horrorosa no telhado quando deu a entender que ele a achava pouco melhor que uma prostituta, e uma prostituta estéril, por sinal. Nunca mais falaram um com o outro sobre aquilo. Continuaram como se tudo estivesse normal, tratando-se com educação na frente das pessoas, nunca ficando a sós. De alguma forma, quando estavam acompanhados pelos demais, Tessa conseguia espantar o assunto para o fundo da mente, esquecer-se dele. Mas frente a frente com Will, apenas com Will — lindo como sempre, o colarinho da camisa aberto, mostrando as Marcas pretas entrelaçando-se em seu ombro, subindo pela pele branca do pescoço, a luz da vela iluminando o elegante perfil e os ângulos de seu rosto —, a lembrança da vergonha e da raiva subiu à garganta de Tessa, fazendo-a engasgar com as palavras.

Ele olhou para a própria mão, que continuava segurando o pequeno livro de capa de couro verde.

— Vai pegar Coleridge de volta, ou devo ficar aqui eternamente nesta posição um tanto tola?

Silenciosamente, Tessa esticou o braço e pegou o livro dele.

— Se quiser usar a biblioteca — disse ela, preparando-se para se retirar —, pode ficar. Já encontrei o que estava procurando, e como está ficando tarde...

— Tessa — disse ele, estendendo a mão para contê-la.

Ela o encarou, desejando poder pedir que ele voltasse a chamá-la de srta. Gray. O jeito simples com que dizia seu nome lhe desmontava, afrouxava algo, feito um nó, que lhe apertava as costelas, deixando-a sem fôlego. Queria que ele não utilizasse seu nome de batismo, mas sabia o quão ridículo soaria se pedisse algo assim. Certamente estragaria todo o trabalho de fingir ser indiferente a ele.

— Sim? — perguntou.

Havia certa melancolia na expressão de Will ao olhar para Tessa. Ela precisou de todo o esforço do mundo para não encará-lo. Will, melancólico? Só podia estar fingindo.

— Nada. Eu... — Ele balançou a cabeça; fios de cabelo escuro caíram sobre a testa, e Will os afastou dos olhos com um gesto impaciente. — Nada — repetiu ele. — Quando lhe mostrei a biblioteca pela primeira vez, você disse que seu livro favorito era *The Wide, Wide World*. Achei que devesse lhe contar que... eu li. — Com a cabeça abaixada, os olhos azuis a encaravam através daqueles cílios espessos e escuros; e ela se perguntava quantas vezes ele já conseguira qualquer coisa que quisesse fazendo aquilo.

Ela manteve a voz educada e distante.

— E a leitura foi do seu agrado?

— Nem um pouco — disse Will. — Achei piegas e sentimental.

— Bem, gosto não se discute — disse Tessa, docilmente, ciente de que ele estava tentando incitá-la e recusando-se a morder a isca. — O prazer de uma pessoa às vezes é o veneno de outra, não acha?

Seria imaginação de Tessa, ou Will pareceu desapontado?

— Tem alguma outra recomendação norte-americana para mim?

— Com que propósito você iria querê-la se despreza meu gosto? Acho que talvez precise aceitar que somos bastante diferentes na questão literária, assim como em tantos outros aspectos, e buscar recomendações em outros lugares, sr. Herondale. — Tessa mordeu a língua quase no segundo em que as palavras deixaram sua boca. Aquilo havia sido demais, ela sabia.

E é claro que Will reagiu, como uma aranha saltando sobre uma mosca particularmente apetitosa.

— *Sr. Herondale*? — perguntou. — Tessa, pensei que...?

— Pensou o quê? — O tom dela era frio.

— Que pelo menos pudéssemos conversar sobre livros.

— Nós conversamos — respondeu ela. — Você insultou meu gosto. E é bom

que saiba que *The Wide, Wide World* não é meu livro *preferido*. É simplesmente uma história da qual gostei, como *The Hidden Hand*, ou... Sabe, talvez você devesse me recomendar algo, para que eu possa julgar *seu* gosto. Do contrário não é justo.

Will subiu na mesa mais próxima e sentou-se no tampo, balançando as pernas, obviamente pensando sobre o assunto.

— *O castelo de Otranto*...

— Não é esse o livro em que o filho do herói é esmagado até a morte por um capacete gigante que cai do céu? E você disse que *Um conto de duas cidades* era tolo! — disse Tessa, que preferia morrer a admitir que tinha lido *Otranto* e adorado.

— *Um conto de duas cidades* — repetiu Will. — Li outra vez, você sabe, porque conversamos a respeito. Estava certa. Não é nada tolo.

— Não?

— Não — respondeu ele. — É cheio de desespero.

Tessa encontrou o olhar de Will. Os olhos dele estavam azuis como as águas de um lago; ela teve a sensação de estar ali mergulhando.

— Desespero?

Com firmeza, ele respondeu:

— Não existe futuro para Sydney, existe, com ou sem amor? Ele sabe que não pode se salvar sem Lucie, mas permitir que ela se aproximasse iria degradá-la.

Ela balançou a cabeça.

— Não é assim que me lembro. O sacrifício dele é nobre...

— É a opção que lhe resta — argumentou Will. — Não se lembra do que ele disse a Lucie? "Se fosse possível... que você pudesse retribuir o amor do homem que vê diante de si, jogado, acabado, bêbado, pobre criatura maltratada como bem sabe, ele estaria em sã consciência neste dia e a esta hora, a despeito da própria felicidade, e a deixaria arrasada, traria tristeza e arrependimento, iria arruiná-la, desgraçá-la, levá-la para baixo consigo..."

Um pedaço de lenha deslocou-se dentro da lareira, levantando uma chuva de

faíscas, assustando os dois e silenciando Will; o coração de Tessa deu um salto, e ela desgrudou os olhos dos dele. Burra, disse a si mesma, silenciosamente. Tão burra. Lembrou-se de como ele a havia tratado, das coisas que tinha dito, e agora estava permitindo que seus joelhos virassem gelatina por causa de uma citação de Dickens.

— Bem — disse ela. — Certamente decorou um bom pedaço. Impressionante.

Will puxou para o lado o colarinho da camisa, revelando a curva graciosa do ombro. Tessa levou um instante para perceber que mostrava a ela uma Marca a alguns centímetros acima do coração.

— *Mnemosyne* — disse ele. — O símbolo da memória. É permanente.

Tessa desviou o olhar depressa.

— Já está tarde. Preciso me recolher, estou exausta. — Passou por ele e seguiu para a porta. Será que ele havia ficado magoado?, perguntou-se, mas em seguida afastou o pensamento. Aquele era Will; por mais volúveis e inconstantes que fossem seus humores, por mais charmoso que fosse quando estava bem-humorado, ele era venenoso para ela. Para qualquer pessoa.

— *Vathek* — disse ele, saindo da mesa.

Ela parou na soleira da porta, percebendo que ainda segurava o livro de Coleridge, mas decidiu que era melhor levá-lo consigo. Seria uma boa distração do *Códex*.

— Como?

— *Vathek* — repetiu ele. — De William Beckford. Se *Otranto* foi do seu agrado — apesar de, pensou Tessa, ela não ter admitido isso —, acho que vai gostar.

— Oh — respondeu ela. — Bem. Obrigada. Vou me lembrar disso.

Ele não respondeu; permanecera onde ela o havia deixado, perto da mesa. Estava olhando para o chão, os cabelos escuros escondendo o rosto. Um pedacinho do coração de Tessa amoleceu, e antes que ela pudesse se conter, falou:

— E boa noite, Will.

Ele levantou o olhar.

— Boa noite, Tessa. — Novamente soou melancólico, mas não tão desolado quanto antes. Ele esticou o braço para afagar Coroinha, que não acordou com o barulho da conversa nem com o som da lenha queimando na lareira, permanecendo esticado na prateleira, com as patas para o ar.

— Will... — Tessa começou a dizer, mas era tarde demais. Coroinha soltou um miado ao ser acordado e exibiu as garras. Will começou a praguejar. Tessa saiu, sem conseguir esconder o mais leve dos sorrisos.

4
Uma Jornada

Amizade é uma mente em dois corpos.
— Meng-tzu

Charlotte bateu o papel na mesa, com uma exclamação de raiva.

— Aloysius Starkweather é o mais teimoso, hipócrita, obstinado, degenerado... — interrompeu-se, claramente lutando para controlar a irritação. Tessa nunca tinha visto a boca de Charlotte numa expressão tão tensa.

— Gostaria de um dicionário? — perguntou Will. Ele estava esparramado em uma das poltronas perto da lareira, com as botas sobre o divã. Estavam sujas de lama, e agora o divã também. Normalmente Charlotte estaria brigando com ele por isso, mas a carta de Aloysius recebida naquela manhã — o motivo de todos terem sido chamados à sala de estar — aparentemente absorveu toda a sua atenção. — Parece estar ficando sem palavras.

— E ele é realmente *degenerado*? — perguntou Jem, mantendo o tom de voz, das profundidades da outra poltrona. — Digo, o velho excêntrico já tem quase 90 anos, certamente já passou da idade dos desvios.

— Não sei, não — disse Will. — Você se surpreenderia com o que alguns dos

velhos da Taverna do Diabo fazem.

— Nada que algum conhecido *seu* faça nos surpreende, Will — declarou Jessamine, que estava deitada em um divã, com um pano úmido sobre a testa. Ainda não tinha melhorado da dor de cabeça.

— Querida — falou Henry, ansiosamente, circulando a mesa, indo para onde estava a mulher —, está tudo bem? Você parece um pouco... manchada.

Não estava enganado. Manchas vermelhas de raiva haviam se formado por todo o rosto e pescoço de Charlotte.

— Acho charmoso — disse Will. — Soube que estampas de bolinha são a grande tendência da moda para esta estação.

Henry afagou o ombro de Charlotte ansiosamente.

— Gostaria de um pano molhado? O que posso fazer para ajudar?

— Poderia ir até Yorkshire e arrancar a cabeça daquele bode velho. — Charlotte soava rebelde.

— Isso não atrapalharia um pouco a relação com a Clave? — perguntou Henry. — Normalmente eles não são muito receptivos a, você sabe, decapitações e coisas do tipo.

— Oh! — disse Charlotte, desesperada. — A culpa é toda minha, não é? Não sei por que achei que pudesse convencê-lo. O sujeito é um pesadelo.

— O que ele disse *exatamente*? — perguntou Will. — Na carta, quero dizer.

— Ele se recusa a me encontrar, ou a Henry — respondeu Charlotte. — Disse que jamais perdoará minha família pelo que meu pai fez. Meu pai... — suspirou — era um homem difícil. Absolutamente fiel à carta da Lei, que os Starkweather sempre interpretaram mais livremente. Meu pai achava que viviam muito soltos no norte, como selvagens, e não tinha problema algum em deixar isso bem claro. Não sei o que mais ele fez, mas o velho Aloysius ainda parece pessoalmente ofendido. Sem falar que também disse que se eu realmente me importasse com o que ele pensa sobre qualquer coisa, o teria convidado para a última reunião do Conselho. Como se eu fosse a encarregada dessas coisas!

— Por que ele *não foi* convidado? — perguntou Jem.

— É muito idoso, sequer deveria ser responsável pelo Instituto. Mas se recusa a ceder o lugar, e até o momento o Cônsul Wayland não o forçou, mas também não o convida para os Conselhos. Acho que ele espera que Aloysius entenda o recado, ou simplesmente morra de causas naturais. Mas o pai de Aloysius viveu até os 104 anos. Pode ser que tenhamos que aturá-lo por mais quinze anos — Charlotte balançou a cabeça em desespero.

— Bem, se ele se recusa a receber você ou Henry, não pode enviar outra pessoa? — perguntou Jessamine, num tom de voz entediado. — Você comanda o Instituto; os membros do Enclave devem acatar suas ordens:

— Mas há tantos deles do lado de Benedict — afirmou Charlotte. — *Querem* me ver fracassar. Simplesmente não sei em quem posso confiar.

— Pode confiar na gente — disse Will. — Mande a mim. E Jem.

— E eu? — perguntou Jessamine, indignada.

— O que *tem* você? Não quer ir de fato, quer?

Jessamine levantou um pedacinho do pano molhado que estava sobre os olhos para encará-lo.

— Em algum trem fedido até a mortalmente tediosa Yorkshire? Não, claro que não. Só queria que Charlotte dissesse que podia confiar em mim.

— Posso confiar em você, Jessie, mas você claramente não está bem o suficiente para ir. O que é uma pena, considerando que Aloysius sempre teve um fraco por um rostinho bonito.

— Mais uma razão pela qual eu devo ir — disse Will.

— Will, Jem... — Charlotte mordeu o lábio. — Têm certeza? O Conselho não ficou muito feliz com as ações autônomas que vocês conduziram no caso da senhora Dark.

— Bem, deveriam ter ficado. Matamos um demônio perigoso! — protestou Will.

— E salvamos Coroinha — disse Jem.

— Não sei por que, mas duvido que conte a nosso favor — observou Will. — Esse gato me mordeu três vezes na outra noite.

— Isso provavelmente conta a seu favor — disse Tessa. — Ou pelo menos a favor de Jem.

Will fez uma careta para ela, mas não pareceu irritado; foi o tipo de expressão que poderia ter feito para Jem se este o tivesse insultado ou feito piada dele. Talvez realmente pudessem ser civilizados um com o outro, pensou Tessa. Ele fora bastante gentil com ela na biblioteca na noite anterior.

— Parece uma missão perdida — disse Charlotte. As manchas vermelhas na pele da diretora começavam a desbotar, mas ela parecia acabada. — Ele provavelmente não vai revelar nada se souber que os enviei. Se ao menos...

— Charlotte — disse Tessa —, existe uma maneira de fazermos com que ele nos conte.

Charlotte a olhou confusa.

— Tessa, o que você... — Ela não completou a pergunta, e uma luz de compreensão acendeu em seus olhos. — Oh, estou entendendo. Tessa, que ideia excelente.

— Ah, *o quê*? — perguntou Jessamine da cadeira. — Que ideia?

— Se algum pertence dele pudesse ser obtido — disse Tessa —, e entregue a mim, eu poderia utilizá-lo para me Transformar nele. E talvez ter acesso a lembranças. Poderia revelar do que ele se lembra a respeito de Mortmain e os Shade, se é que se lembra de alguma coisa.

— Então virá conosco a Yorkshire — disse Jem.

De repente todos os olhos do recinto estavam em Tessa. Completamente espantada, ela não disse nada por um instante.

— Não tem a menor necessidade de que Tessa nos acompanhe — disse Will. — Podemos pegar um objeto e trazê-lo para cá.

— Mas Tessa já disse que precisa usar algo que tenha fortes ligações com o dono — disse Jem. — Se o que selecionarmos não for suficiente...

— Também já disse que pode utilizar um pedaço de unha ou um fio de cabelo...

— Então está sugerindo que peguemos um trem para York, encontremos um

sujeito de 90 anos de idade, o ataquemos e arranquemos seu cabelo? Tenho certeza de que a Clave ficará radiante.

— Só vão dizer que vocês são loucos — disse Jessamine. — Se eles já acham isso mesmo, então que diferença faz?

— Tessa é que sabe — declarou Charlotte. — É o poder dela que estão pedindo para usar, a decisão deve ser dela.

— Disse que iríamos de trem? — perguntou Tessa, olhando para Jem.

Ele confirmou, os olhos prateados dançando.

— O Great Northern sai da estação King's Cross durante todo o dia — disse. — Leva apenas algumas horas.

— Então eu vou — resolveu Tessa. — Nunca andei de trem.

Will jogou as mãos para o alto.

— É isso mesmo? Está disposta a ir porque nunca andou de trem?

— Isso — respondeu ela, ciente do quanto esse comportamento calmo o enlouquecia. — Adoraria andar num trem, muitíssimo.

— Trens são coisas grandes, sujas e enfumaçadas — disse Will. — Você não vai gostar.

Tessa não se abalou.

— Não saberei se gosto ou não até experimentar, não é?

— Nunca nadei nu no Tâmisa, mas sei que não gostaria.

— Mas pense no quanto iria entreter os turistas — respondeu Tessa, e viu Jem desviar a cabeça para esconder o brilho do próprio sorriso. — De qualquer forma, não importa. Quero ir e irei. Quando partimos?

Will revirou os olhos, mas Jem ainda estava sorrindo.

— Amanhã de manhã. Assim chegaremos bem antes do anoitecer.

— Terei de mandar uma mensagem a Aloysius, avisando que deve esperar por vocês — declarou Charlotte, pegando a caneta. Ela fez uma pausa e levantou os olhos para todos. — Esta é uma péssima ideia? Eu... não sei se posso ter certeza.

Tessa lançou a Charlotte um olhar preocupado — vê-la assim, questionando

os próprios instintos, a fez odiar ainda mais Benedict Lightwood e seu bando.

Foi Henry que se apresentou e colocou uma mão reconfortante no ombro da esposa.

— A única alternativa parece ser não fazer absolutamente nada, minha querida Charlotte — declarou. — E não fazer nada, acredito, não adianta nada. Além disso, o que poderia dar errado?

— Oh, pelo Anjo, preferia que não tivesse feito essa pergunta — respondeu Charlotte com fervor, mas mesmo assim curvou-se sobre o papel e começou a escrever.

Naquela tarde, Tessa e Sophie tiveram a segunda sessão de treinamento com os Lightwood. Após colocar as roupas apropriadas, Tessa saiu do quarto e encontrou Sophie esperando por ela no corredor. Também estava vestida para treinar, os cabelos presos habilidosamente e uma expressão sombria no rosto.

— Sophie, o que foi? — perguntou Tessa, colocando-se a seu lado. — Parece um tanto desconcertada.

— Bem, se quer mesmo saber... — Sophie diminuiu o tom. — É Bridget.

— Bridget? — A irlandesa tinha sido praticamente invisível na cozinha desde que chegara, ao contrário de Cyril, que circulava pela casa, realizando tarefas, assim como a própria Sophie. A última lembrança que Tessa tinha de Bridget envolvia a moça sentada sobre Gabriel Lightwood com uma faca. Permitiu-se saborear essa recordação por um instante. — O que ela fez?

— Ela só... — Sophie soltou um suspiro tempestuoso. — Ela não é muito amigável. Agatha era minha amiga, mas Bridget... Bem, temos uma forma de falar entre nós, serventes, você sabe, mas Bridget não o faz. Cyril é simpático, mas Bridget fica recolhida na cozinha, cantando aquelas horríveis canções irlandesas. Aposto que é o que está fazendo agora.

Estavam passando não muito longe da porta da copa. Sophie gesticulou para que Tessa a seguisse, e juntas aproximaram-se para espiar. A copa era bem grande, com portas que levavam à cozinha e à despensa. O aparador estava

repleto de comida para o jantar — peixe e legumes, recentemente limpos e preparados. Bridget estava perto da pia, o cabelo destacando-se em cachos ruivos selvagens, crespos graças à umidade. E estava cantando; Sophie estava certa quanto a isso. Sua voz, flutuando acima do som da água, era aguda e doce.

Oh, descendo a escada, seu pai lhe acompanhava,
Sua mãe, os seus cabelos louros penteava.
Sua irmã Ann a uma encruzilhada lhe guiou,
E com a ajuda do irmão John em seu cavalo montou.
"Agora que subiste e eu estou aqui,
Dá-me o teu beijo antes de partir."
Ela inclinou-se para então fazê-lo.
Ele desferiu-lhe um profundo golpe, sem erro.
E com uma faca feito um dardo de tão afiada
O irmão atacou-lhe o coração com uma punhalada.

O rosto de Nate surgiu diante dos olhos de Tessa, que estremeceu. Sophie, olhando para além dela, não pareceu perceber.

— Só canta sobre essas coisas — sussurrou. — Assassinato e traição. Sangue e dor. É horrível.

Misericordiosamente, a voz de Sophie cobriu o fim da música. Bridget tinha começado a secar as louças e iniciou uma nova canção, ainda mais melancólica que a primeira.

Por que de sua espada pinga tanto sangue,
Edward, Edward?
Por que de sua espada pinga tanto sangue?
E por que estás tão triste?

— Basta disto — Sophie virou e se apressou pelo corredor; Tessa foi atrás. —

Mas entendeu o que quero dizer? Bridget é tão terrivelmente mórbida, é horrível compartilhar um quarto com ela. Nunca diz uma palavra pela manhã, nem à noite, apenas essa lamentação...

— Você divide o quarto com ela? — Tessa estava espantada. — Mas o Instituto tem tantos aposentos...

— Para Caçadores de Sombras visitantes — disse Sophie. — Não para serventes. — Falou com tanta naturalidade, como se jamais tivesse lhe ocorrido questionar ou reclamar que dúzias de aposentos enormes estavam livres enquanto ela compartilhava um quarto com Bridget, cantora de baladas fúnebres.

— Eu poderia falar com Charlotte... — começou Tessa.

— Oh, não. Por favor, não o faça — chegaram à porta da sala de treinamento. Sophie virou-se para ela, completamente perturbada. — Não quero que ela pense que ando reclamando dos outros serventes. Realmente não quero, senhorita Tessa.

Tessa estava prestes a garantir a Sophie que não contaria nada a Charlotte se fosse este o seu desejo, quando escutou vozes exaltadas do outro lado da porta. Acenando para que Sophie fizesse silêncio, inclinou-se para ouvir.

As vozes claramente pertenciam aos irmãos Lightwood. Tessa reconheceu o tom mais grave e áspero de Gideon ao dizer:

— Haverá um momento de avaliação, Gabriel. Pode ter certeza disto. Nosso posicionamento, quando o instante chegar, é o que importará.

Gabriel respondeu, com a voz tensa:

— Nós nos posicionaremos ao lado de nosso pai, é claro. Onde mais?

Fez-se uma pausa. Em seguida:

— Você não sabe tudo sobre ele, Gabriel. Não sabe tudo que ele fez.

— Sei que somos Lightwood e que ele é nosso pai. Sei que ele esperava ser nomeado diretor do Instituto quando Granville Fairchild morreu...

— Talvez o Cônsul saiba mais sobre ele do que você. E mais sobre Charlotte Branwell. Ela não é a idiota que você pensa.

— É mesmo? — A voz de Gabriel era puro sarcasmo. — Permitir que estejamos aqui, treinando suas preciosas meninas, isso não faz dela uma idiota? Não deveria ter presumido que estaríamos espionando para nosso pai?

Sophie e Tessa arregalaram os olhos uma para a outra.

— Ela concordou porque o Cônsul a forçou. Além disso, somos recebidos na porta e trazidos para esta sala e levados de volta. E as senhoritas Collins e Gray não sabem nada de importante. Que mal você diria que nossa presença está causando, efetivamente?

Fez-se um silêncio através do qual Tessa quase pôde ouvir o mau humor de Gabriel. Finalmente ele falou:

— Se despreza tanto nosso pai, por que voltou da Espanha?

Gideon respondeu com a voz exasperada:

— Voltei por *você*...

Sophie e Tessa estavam apoiadas na porta, as orelhas pressionadas contra a madeira. Naquele instante a porta cedeu com o peso e se abriu. Ambas se recompuseram às pressas, Tessa torcendo para que seus rostos não evidenciassem que estavam ouvindo a conversa.

Gabriel e Gideon estavam sob um feixe de luz ao centro da sala, olhando um para o outro. Tessa percebeu algo que não tinha notado antes: Gabriel, apesar de mais novo, era mais alto que Gideon alguns centímetros. Gideon era mais musculoso, tinha ombros mais largos. Passou a mão nos cabelos louro-areia, acenando brevemente com a cabeça para as meninas quando estas apareceram na entrada.

— Bom dia.

Gabriel Lightwood atravessou a sala para encontrá-las. Realmente era bem alto, pensou Tessa, esticando o pescoço para olhar para ele. Como ela própria era alta, não era comum precisar esticar a cabeça para trás para encarar um homem, apesar de tanto Will quanto Jem serem mais altos do que ela.

— A senhorita Lovelace continua lamentavelmente ausente? — perguntou sem se incomodar em cumprimentá-las. Estava com o rosto calmo, o único sinal

da agitação de antes era a pulsação abaixo do símbolo de Coragem em Combate marcado em sua garganta.

— Continua com dor de cabeça — respondeu Tessa, seguindo-o até a sala de treino. — Não sabemos por quanto tempo continuará indisposta.

— Até os treinamentos acabarem, desconfio — disse Gideon, tão secamente que Tessa se surpreendeu quando Sophie riu. A jovem imediatamente se recompôs, mas não antes de Gideon lhe direcionar um olhar surpreso, quase de apreciação, como se não estivesse acostumado a pessoas rindo de suas piadas.

Com um suspiro, Gabriel esticou o braço e soltou dois longos bastões dos apoios na parede. Entregou um a Tessa.

— Hoje — começou —, vamos trabalhar com luta e bloqueio...

Como sempre, Tessa passou um longo tempo acordada naquela noite antes de o sono chegar. Pesadelos vinham perturbando-a recentemente — normalmente protagonizados por Mortmain, os olhos frios e cinzentos, e a voz ainda mais fria dizendo que ele a havia feito, que *Não existe Tessa Gray*.

Tinha estado cara a cara com ele, o homem que perseguiam, e Tessa ainda não sabia o que ele queria dela. Casamento, mas por quê? Para reivindicar-lhe o poder, mas para que fim? Pensar nos olhos frios de lagarto a fazia estremecer; a ideia de que ele pudesse ter alguma coisa a ver com seu nascimento era ainda pior. Não achava que ninguém — nem mesmo Jem, o maravilhoso e compreensivo Jem — entendia sua necessidade ardente de saber o que ela *era*, ou o medo de que ela própria fosse algum tipo de monstro. Era uma espécie de temor que a acordava no meio da noite, deixando-a engasgada e fazia com que arranhasse a própria pele, como se pudesse descascá-la para revelar um demônio se escondendo em seu interior.

Foi então que ouviu um ruído à porta, e o arranhão fraco de algo sendo levemente empurrado contra a madeira. Após um instante de pausa, deslizou para fora da cama e atravessou o quarto.

Abriu lentamente a porta e encontrou o corredor vazio, o som fraco de uma

música de violino flutuando, vindo do quarto de Jem, do outro lado. Aos seus pés havia um pequeno livro verde. Pegou-o e olhou para as palavras estampadas em dourado na lateral:

— *Vathek*, de William Beckford.

Fechou a porta atrás de si e levou o livro para a cama, sentando-se para examiná-lo. Will devia ter deixado para ela. Obviamente não podia ter sido mais ninguém. Mas *por quê*? Por que essa pequena e estranha gentileza feita no escuro, a conversa sobre livros e a frieza no resto do tempo?

Abriu o livro na página de rosto. Will havia escrito um bilhete para ela — não apenas um bilhete, na verdade. Um poema.

Para Tessa Gray, por ocasião de receber
uma cópia de Vathek para leitura:

Califa Vathek e sua sombria horda
São destinados ao Inferno, não vai se entediar!
Sua fé em mim há de se restaurar —
A não ser que esta lembrança não queira aceitar
E meu pobre presente resolva ignorar.

— Will

Tessa caiu na gargalhada, em seguida pôs a mão na boca. *Maldito* Will, por sempre conseguir fazê-la rir, mesmo quando ela não queria, mesmo quando sabia que abrir o coração para ele, ainda que um único centímetro, era como tomar uma dose de alguma droga mortal e viciante. Deixou a cópia de *Vathek*, com o poema propositalmente horrível de Will, sobre a cabeceira e rolou para a cama, enterrando o rosto nos travesseiros. Ainda conseguia escutar a música do violino de Jem, docemente triste, flutuando por debaixo da porta. Com o máximo de empenho possível, tentou afastar da cabeça todos os pensamentos

envolvendo Will; e de fato, quando dormiu e finalmente sonhou, pela primeira vez ele não apareceu.

Choveu no dia seguinte, e apesar do guarda-chuva, Tessa sentia o delicado chapéu que pegara emprestado com Jessamine começando a despencar na altura das orelhas, feito um pássaro com as penas encharcadas. Eles — ela, Jem, Will e Cyril, carregando as bagagens — apressavam-se ao sair da carruagem para a Estação King's Cross. Através das camadas de chuva cinzenta, somente conseguiu assimilar uma construção alta e imponente, com uma grande torre de relógio se erguendo da frente. No topo havia um cata-vento, daqueles em formato de galo, indicando que o vento soprava para o norte — e com força, espirrava gotas de chuva fria em seu rosto.

Do lado de dentro, a estação estava um caos: pessoas correndo para lá e para cá, vendedores de jornal anunciando seus produtos, homens-sanduíche subindo e descendo com as bandejas presas ao peito, anunciando de tudo, desde tônicos capilares a sabonetes. Um garotinho trajando um casaco Norfolk corria de um lado para o outro, a mãe numa perseguição acalorada. Com uma palavra para Jem, Will desapareceu imediatamente na multidão.

— Foi embora e nos largou, não foi? — disse Tessa, lutando com o guarda-chuva, que se recusava a fechar.

— Deixe isso comigo. — Jem habilidosamente esticou o braço e ativou o mecanismo; o guarda-chuva se fechou com um nítido estalo. Tirando os cabelos molhados dos olhos, Tessa sorriu para ele, exatamente quando Will retornou acompanhado de um carregador de bagagens de aparência aflita. Ele liberou Cyril das bagagens e gritou com eles para que se apressassem, pois o trem não esperaria o dia todo.

Will olhou do carregador para a bengala de Jem, e de volta para o carregador. Seus olhos azuis semicerraram.

— Vai esperar por *nós* — disse Will com um sorriso fatal.

O carregador pareceu espantado, mas disse "senhor" com um tom

decididamente menos agressivo, e continuou a conduzi-los em direção à plataforma de embarque. Pessoas — tantas pessoas! — jorravam em volta enquanto Tessa atravessava a multidão, agarrando Jem com uma das mãos e o chapéu de Jessamine com outra. Na parte mais extrema da estação, onde os trilhos corriam a céu aberto, ela pôde ver o céu cinzento, manchado de fuligem.

Jem ajudou Tessa a subir no vagão. Houve muita confusão com a bagagem, e Will deu uma gorjeta para o carregador entre gritos e assobios enquanto o trem se preparava para sair. A porta se fechou atrás deles quando o trem avançou, vapor passando pelas janelas em lufadas brancas, as rodas tilintando alegremente.

— Trouxe alguma coisa para ler durante a viagem? — perguntou Will, ajeitando-se no assento diante de Tessa; Jem estava ao seu lado, a bengala apoiada contra a parede.

Tessa pensou na cópia de *Vathek* e no poema dentro dela; tinha deixado no Instituto para fugir da tentação, como uma pessoa faria com uma caixa de bombons se estivesse de regime e não quisesse engordar.

— Não — respondeu ela. — Não encontrei nada que tivesse despertado meu interesse ultimamente.

Will tensionou o maxilar, mas não disse nada.

— Há sempre algo tão emocionante no início de uma viagem, não acham? — prosseguiu Tessa, com o nariz na janela, apesar de conseguir enxergar muito pouco além de fumaça e fuligem e a chuva cinzenta caindo com muita força e velocidade. Londres era uma sombra desbotada na bruma.

— Não — disse Will ao se recostar e puxar o chapéu sobre os olhos.

Tessa manteve o rosto contra o vidro enquanto o cinza de Londres ia ficando para trás, e com ele a chuva. Logo estavam atravessando campos verdes pontilhados de ovelhas brancas, e ocasionalmente campanários de vilarejos ao longe. O céu tinha passado de cinza a um azul úmido e nublado, e pequenas nuvens negras deslizavam acima. Tessa assistiu a tudo com fascínio.

— Você nunca esteve no campo antes? — perguntou Jem, apesar de, ao

contrário de Will, parecer verdadeiramente curioso.

Tessa balançou a cabeça.

— Não me lembro de já ter saído de Nova York, exceto para ir a Coney Island, que não chega a ser exatamente o interior. Suponho que tenha o cruzado quando vim de Southampton com as Irmãs Sombrias, mas estava escuro, e, além disso, elas mantinham as cortinas das janelas fechadas — Tessa tirou o chapéu, que estava pingando, e o deixou secando no assento entre eles. — Mas sinto como se já tivesse visto. Em livros. Fico imaginando que verei Thornfield Hall se erguendo além das árvores, ou o Morro dos Ventos Uivantes empoleirado em...

— O Morro dos Ventos Uivantes fica em Yorkshire — disse Will, por baixo do chapéu —, e não estamos nem um pouco perto de Yorkshire ainda. Sequer chegamos a Grantham. E não há nada de tão impressionante em Yorkshire. Colinas e vales, nada de montanhas de verdade como temos no País de Gales.

— Sente falta de Gales? — perguntou Tessa. Não tinha certeza de por que o fizera; sabia que perguntar a Will sobre o passado era como mexer em um vespeiro, mas não conseguiu se conter.

Will deu de ombros levemente.

— O que tem para sentir falta? Ovelhas e cantorias — falou. — E aquela língua ridícula. *Fe hoffwn i fod mor feddw, fyddai ddim yn cofio fy enw*.

— O que significa?

— Significa "gostaria de ficar bêbado a ponto de esquecer meu próprio nome". Bastante útil.

— Você não me parece muito patriota — observou Tessa. — Não estava agora mesmo saudosista em relação às montanhas?

— Patriota? — O tom de Will era presunçoso. — Vou dizer a você o que é patriótico — declarou. — Em honra ao meu local de nascimento, tenho o dragão de Gales tatuado na...

— Está com um humor *incrível*, não é mesmo, William? — interrompeu Jem, apesar de não haver qualquer alteração em sua voz. Mas, após observar ambos há algum tempo, juntos e separados, Tessa sabia que se chamavam pelo nome

inteiro, em vez dos apelidos, por algum motivo. — Lembre-se, Starkweather não suporta Charlotte, então se estiver com esta disposição...

— Prometo encantá-lo com meu charme — disse Will, sentando-se ereto e ajeitando o chapéu amassado. — Vou cativá-lo com tanta intensidade que, quando acabar, ele ficará no chão, mole, tentando se lembrar do próprio nome.

— O sujeito tem 89 anos — murmurou Jem. — Pode ser que já sofra desse problema.

— Suponho que neste momento todo este charme esteja armazenado? — perguntou Tessa. — Não gostaria de desperdiçar nem um pouco conosco?

— Exatamente — Will soou agradado. — E não é Charlotte que os Starkweather não suportam, Jem. É o pai dela.

— Pecados dos pais — disse Jem. — Eles não têm tendência a gostar de nenhum Fairchild, ou de qualquer pessoa associada a alguém da família. Charlotte não deixou nem Henry vir...

— Mas isso é porque, toda vez que alguém permite que Henry saia de casa sozinho, corre o risco de provocar um acidente doloso — disse Will. — Mas sim, em resposta à pergunta que não me fez, entendo a confiança que Charlotte depositou em nós e pretendo me comportar. E, mais do que ninguém, também não quero ver aquele Benedict Lightwood vesgo e seus filhos horrendos dirigindo o Instituto.

— Eles não são horrendos — declarou Tessa.

Will piscou para ela.

— Quê?

— Gideon e Gabriel — esclareceu Tessa. — São bastante bonitos, nem um pouco horrendos.

— Estava me referindo — disse Will em tom sepulcral —, à escuridão interior das profundezas das almas deles.

Tessa riu.

— E de que cor diria que são as profundezas da *sua* alma, Will Herondale?

— Lilás — respondeu Will.

Tessa olhou para Jem, pedindo ajuda, mas ele apenas sorriu.

— Talvez devêssemos discutir nossa estratégia — sugeriu ele. — Starkweather detesta Charlotte, mas sabe que ela nos enviou. Então como nos infiltraríamos para cair em suas graças?

— Tessa pode se utilizar de seus encantos femininos — disse Will. — Charlotte disse que ele gosta de um rostinho bonito.

— Como Charlotte explicou minha presença? — perguntou Tessa, percebendo de forma tardia que deveria ter investigado isso antes.

— Não o fez, na verdade; simplesmente informou nossos nomes. Foi bastante breve — respondeu Will. — Acho que cabe a nós formular uma história plausível.

— Não podemos dizer que sou uma Caçadora de Sombras; ele saberá imediatamente que é mentira. Não tenho Marcas.

— Nem marca de feiticeiro. Ele achará que é mundana — falou Jem. — Ela poderia se Transformar, mas...

Will a encarou especulativamente. Apesar de Tessa saber que não significava nada — menos que nada, para falar a verdade —, ainda sentia o olhar dele como o toque de um dedo em sua nuca, fazendo-a estremecer. Ela se forçou a retribuir o olhar com firmeza.

— Talvez pudéssemos falar que ela é uma tia louca e solteirona que insiste em nos acompanhar para todos os cantos.

— Minha tia ou sua? — perguntou Jem.

— Verdade, ela não se parece com nenhum de nós dois, não é? Talvez seja uma menina que se apaixonou perdidamente por mim e insiste em me seguir por todos os cantos.

— Meu talento é mudar de forma, Will, não atuar — disse Tessa, e com isso Jem gargalhou. Will o encarou.

— Ela ganhou de você, Will — afirmou Jem. — Às vezes isso acontece, não? Talvez eu devesse apresentar Tessa como minha noiva. Podemos dizer ao velho Aloysius que a Ascensão dela está a caminho.

— Ascensão? — Tessa não se recordava desse termo no *Códex*.

Jem explicou:

— Quando um Caçador de Sombras deseja se casar com uma mundana...

— Mas isso não é proibido? — perguntou Tessa, quando o trem entrou em um túnel. De repente o compartimento dos três escureceu, mesmo assim teve a sensação de que Will estava olhando para ela, aquela sensação arrepiante de que o olhar dele recaía sobre ela.

— E é. *A não ser que* o Cálice Mortal seja utilizado para transformar o mundano em questão em um Caçador de Sombras. Não é algo comum, mas acontece. Se ele solicitar à Clave uma Ascensão para a parceira, esta deve considerar o pedido por pelo menos três meses. Enquanto isso, a mundana passa a estudar para aprender sobre a cultura dos Caçadores de Sombras...

A voz de Jem foi afogada pelo assobio do trem quando a locomotiva saiu do túnel. Tessa olhou para Will, mas ele estava encarando a janela, sem olhar para ela nem um pouco. Ela deve ter imaginado coisas.

— Não é má ideia, suponho — disse Tessa. — Eu realmente sei bastante coisa; já li quase todo o *Códex*.

— Pareceria razoável eu levá-la comigo — observou Jem. — Como uma possível Ascendente, pode querer aprender sobre outros Institutos além do de Londres. — Voltou-se para Will. — O que acha?

— Parece uma ideia tão boa quanto qualquer outra. — Will continuava olhando pela janela; o campo se tornara menos verde, mais desolado. Não havia vilarejos visíveis, apenas trechos de grama verde-acinzentada e afloramentos de rocha negra.

— Quantos Institutos existem, além do de Londres? — perguntou Tessa.

Jem foi contando nas mãos.

— Na Grã-Bretanha? Londres, York, um na Cornualha, perto de Tintagel, um em Cardiff e outro em Edimburgo. Mas são todos menores e subordinados ao de Londres, que, por sua vez, é subordinado a Idris.

— Gideon Lightwood disse que estava no Instituto de Madri. Mas o que

estava fazendo lá?

— Perdendo tempo, provavelmente — respondeu Will.

— Depois que concluímos nosso treinamento, aos 18 anos — relatou Jem, como se Will não tivesse se pronunciado —, somos incentivados a viajar, conhecer outros Institutos, experimentar a cultura dos Caçadores de Sombras em lugares diferentes. Sempre há novas técnicas, truques locais a serem aprendidos. Gideon só ficou fora por alguns meses. Se Benedict o chamou de volta em tão pouco tempo, deve estar dando a conquista do Instituto como certa. — Jem parecia perturbado.

— Mas ele está enganado — afirmou Tessa com segurança, e quando a expressão preocupada não deixou os olhos cinza de Jem, ela procurou algum assunto novo. — Onde fica o Instituto em Nova York?

— Não decoramos todos os endereços, Tessa. — Havia algo na voz de Will que sugeria perigo. Jem olhou para ele com os olhos semicerrados e perguntou:

— Está tudo bem?

Will tirou o chapéu e o colocou no assento ao seu lado. Olhou firmemente para os dois durante um instante, com o olhar calmo. Estava lindo como sempre, pensou Tessa, mas parecia haver algo de *cinza* nele, quase desbotado. Para alguém que costumava brilhar com tanta intensidade, sua luz parecia exaurida, como se estivesse rolando uma pedra para o alto de uma colina, feito Sísifo.

— Bebi demais ontem à noite — respondeu afinal.

Sério, por que perder seu tempo, Will? Não percebe que nós dois sabemos que isso é mentira? Tessa quase falou, mas ao olhar para Jem se conteve. Seu semblante enquanto encarava Will era preocupado — muito preocupado, aliás, apesar de Tessa saber que, tanto quanto ela própria, ele não acreditava que Will estivera bebendo. Mas tudo que Jem disse, suavemente, foi:

— Bem... se ao menos houvesse um Símbolo de Sobriedade.

— Sim — Will olhou para ele, e a rigidez de sua expressão relaxou ligeiramente. — Se pudermos voltar a discutir seu plano, James. É uma ideia boa, exceto por um detalhe. — Inclinou-se para a frente. — Se supostamente ela está

comprometida com você, Tessa precisará de um anel.

— Pensei nisso — disse Jem, espantando Tessa, que achava que a história de Ascensão havia sido inventada agora. Jem levou a mão ao bolso do casaco e retirou um anel de prata, que estendeu a Tessa. Não era muito diferente do anel de prata que Will costumava usar, embora este tivesse o desenho das ameias da torre de um castelo, enquanto o de Will tinha pássaros voando. — O anel da família Carstairs — falou. — Se quiser...

Tessa o pegou e colocou no anelar esquerdo, onde pareceu magicamente se encaixar. Sentiu-se como se devesse dizer algo do tipo *é adorável*, ou *obrigada*, mas claro que não era um pedido de casamento, ou sequer um presente. Era apenas um detalhe em uma trama.

— Charlotte não usa aliança — disse Tessa. — Não sabia que Caçadores de Sombras usavam.

— Não usamos — explicou Will. — O costume manda darmos à garota nosso anel de família no noivado, mas a cerimônia de casamento na verdade envolve troca de símbolos, e não de alianças. Uma no braço, e outra no coração.

— "Coloca-me feito um selo em teu coração, feito um selo em teu braço: pois o amor é tão forte quanto a morte; o ciúme é tão cruel quanto um túmulo", citou Jem. — Cântico dos Cânticos.

— "O ciúme é tão cruel quanto um túmulo"? — Tessa ergueu as sobrancelhas. — Isso não é... muito romântico.

— "Suas brasas são brasas de fogo, que têm a mais veemente das chamas" — entoou Will, erguendo as sobrancelhas. — Sempre achei que mulheres achassem o ciúme romântico. Homens lutando por vocês...

— Bem, não há *túmulos* em cerimônias matrimoniais mundanas — disse Tessa. — Apesar de sua impressionante habilidade em citar a Bíblia. Melhor que minha tia Harriet.

— Ouviu isso, James? Ela nos comparou à tia Harriet.

Jem, como sempre, permaneceu inabalado.

— Temos de nos familiarizar com todos os textos religiosos — revelou. —

Eles são manuais de instruções para nós.

— Então decoram todos os textos na escola? — Tessa percebeu que não tinha visto nem Will nem Jem estudando durante toda a sua estadia no Instituto. — Ou melhor, quando atendem à tutoria?

— Sim, apesar de Charlotte não nos ter tutorado ultimamente, como pode imaginar — respondeu Will. — Um Caçador de Sombras ou tem um tutor, ou é educado em Idris, quero dizer, até atingir a maioridade dos 18 anos. O que acontecerá em breve, ainda bem, com nós dois.

— Qual de vocês é mais velho?

— Jem — disse Will.

— Eu — respondeu Jem ao mesmo tempo. Também riram simultaneamente, e Will acrescentou:

— Apenas por três meses de diferença.

— Sabia que faria questão de destacar este detalhe — declarou Jem, com um sorriso.

Tessa olhou de um para o outro. Não poderia haver dois meninos mais diferentes, ou com inclinações mais distintas. E ainda assim...

— É isso que significa ser *parabatai*? — perguntou ela. — Concluir os pensamentos um do outro e coisas do tipo? Porque o *Códex* não ensina muita coisa.

Will e Jem se entreolharam. Will deu de ombros primeiro, casualmente.

— É muito difícil explicar — respondeu com arrogância. — Se você nunca teve a experiência...

— Quero dizer — explicou Tessa —, você não podem, não sei, ler a mente um do outro ou coisa do tipo?

Jem emitiu um ruído, como se precipitando-se a dizer algo. Os olhos azuis suaves de Will se arregalaram.

— Ler a mente um do outro? Que horror, não.

— Então, de que adianta? Vocês juram proteção mútua, entendo, mas todos os Caçadores de Sombras não devem fazer isso de qualquer jeito?

— É mais do que isso — explicou Jem, agora decidido a falar e fazendo-o com sobriedade. — A ideia do *parabatai* vem de um velho conto, a história de Jonatas e Davi. "E veio a passar... que a alma de Jonatas estava costurada a de Davi, e Jonatas o amava como à própria alma... Então Jonatas e Davi fizeram um pacto, porque ele o amava como à própria alma." Eram dois guerreiros, e suas almas foram costuradas pelo Paraíso, e daí Jonatas Caçador de Sombras tirou a ideia de *parabatai*, e incluiu a cerimônia na Lei.

— Mas não precisa ser entre dois homens. Pode ser entre um homem e uma mulher, ou duas mulheres?

— Sem dúvida. — Jem assentiu. — Você só tem 18 anos para encontrar e escolher um *parabatai*. Uma vez mais velho do que isso, o ritual não está mais aberto a você. E não é apenas uma questão de prometer proteger o outro. Precisa se colocar diante do Conselho e jurar arriscar a própria vida por seu *parabatai*. Ir aonde ele for, ser enterrado onde ele estiver. Se uma flecha fosse disparada na direção de Will, eu seria obrigado por juramento a pular na frente.

— Isso é muito útil — disse Will.

— E ele, é claro, deve fazer o mesmo por mim — observou Jem. — Independentemente do que ele diga, Will não quebra juramentos nem a Lei. — Olhou fixamente para Will, que deu um sorriso tímido e encarou a janela.

— Céus — disse Tessa. — É tudo muito tocante, mas não vejo exatamente como isso pode trazer alguma vantagem.

— Nem todo mundo tem um *parabatai* — disse Jem. — Poucos de nós, na verdade, conseguem encontrar um a tempo. Mas os que encontram podem extrair força do *parabatai* durante uma batalha. Um símbolo desenhado em você por seu *parabatai* é sempre mais potente que o feito por você mesmo, ou por outra pessoa. E existem alguns símbolos que só podem ser utilizados por nós, por mais nenhum outro Caçador de Sombras, pois evocam nosso poder duplicado.

— Mas e se resolverem que não querem mais ser *parabatai*? — perguntou Tessa, curiosa. — O ritual pode ser quebrado?

— Meu Deus, mulher — disse Will. — Existe alguma pergunta que *não*

queira fazer?

— Não vejo mal algum em contar para ela. — As mãos de Jem estavam cruzadas sobre a bengala. — Quanto mais souber, melhor será para interpretar o papel de alguém que pretende Ascender. — Voltou-se para Tessa. — O ritual não pode ser quebrado exceto em algumas situações. Se algum de nós se tornasse integrante do Submundo ou um mundano, aí o laço seria rompido. E claro, se um de nós morresse, o outro estaria livre. Mas não para escolher outro *parabatai*. Um Caçador de Sombras não pode participar do ritual mais de uma vez.

— É como ser casado, não é — disse Tessa, com placidez —, na Igreja Católica. Como Henrique VIII, que precisou criar uma nova religião para poder escapar dos votos.

— Até que a morte nos separe — disse Will, com o olhar ainda fixo na paisagem campestre que passava acelerada lá fora.

— Bem, Will não precisará criar uma nova religião só para se livrar de mim — observou Jem. — Logo estará livre.

Will olhou para ele com severidade, mas foi Tessa quem se pronunciou.

— Não diga isso — repreendeu. — Uma cura ainda pode ser encontrada. Não vejo razão alguma para abandonar a esperança.

Ela quase se encolheu com o olhar que Will lhe direcionou: azul, ardente e furioso. Jem não pareceu notar ao responder, calmo e inabalado.

— Não abandonei a esperança — declarou. — Só espero coisas diferentes de você, Tessa Gray.

Horas se passaram depois disso, durante as quais Tessa cochilou com a cabeça apoiada na mão, o ruído tedioso das rodas do trem invadindo seus sonhos. Finalmente acordou com Jem sacudindo-a suavemente pelos ombros, o assobio do trem chiando, e o vigia gritando o nome da estação de York. Em uma confusão de bolsas, chapéus e carregadores de bagagem, desembarcaram na plataforma. Não estava nem de longe tão lotada quanto King's Cross, e era coberta por um telhado bem mais impressionante, arqueado, de ferro e vidro,

através do qual dava para enxergar o céu cinza-negro.

Plataformas se estendiam até onde o olho alcançava; Tessa, Jem e Will estavam na mais próxima ao centro da estação, onde os grandes relógios, com suas faces douradas, indicavam que eram seis horas. Estavam bem mais ao norte agora, o céu já havia começado a escurecer com o crepúsculo.

Tinham acabado de se reunir sob um dos relógios quando um homem saiu das sombras. Tessa mal conteve o espanto ao vê-lo. Usava uma capa volumosa, um chapéu que parecia impermeável e botas, como um velho marinheiro. Tinha uma barba longa e branca, os olhos contornados por sobrancelhas brancas e espessas. Ele esticou a mão e a colocou no ombro de Will.

— Nephilim? — perguntou, com a voz áspera e um sotaque carregado. — É você?

— Meu Deus — disse Will, colocando a mão no coração em um gesto teatral. — É o Marinheiro Ancião do poema de Coleridge.

— Estou aqui a pedido de Aloysius Starkweather. Vocês são as pessoas que ele quer ver ou não? Não tenho a noite toda.

— Tem um encontro importante com um Albatroz? — perguntou Will, ainda referindo-se ao poema. — Não se atrase por nossa causa.

— O que meu amigo louco quer dizer — falou Jem —, é que somos, sim, os Caçadores de Sombras do Instituto de Londres. Charlotte Branwell nos enviou. E você é...?

— Gottshall — respondeu o homem rispidamente. — Minha família serve aos Caçadores de Sombras do Instituto de York há quase três séculos. Enxergo através dos feitiços, jovens. Exceto por esta aqui — acrescentou, e voltou o olhar para Tessa. — Se há um feitiço na menina, é algo que nunca vi antes.

— Ela é mundana, Ascendente — disse Jem rapidamente. — Em breve será minha esposa. — Pegou a mão de Tessa de um jeito protetor, e a virou de modo que Gottshall pudesse ver o anel no dedo. — O Conselho achou que seria bom ela conhecer outro Instituto além do de Londres.

— O senhor Starkweather foi informado sobre isto? — perguntou Gottshall,

os olhos negros atentos sob a aba do chapéu.

— Depende do que a senhora Branwell disse a ele — respondeu Jem.

— Bem, espero que ela tinha dito alguma coisa a ele, para o bem de vocês — falou o velho servente, erguendo a sobrancelha. — Se existe um homem no mundo que detesta surpresas mais do que Aloysius Starkweather, ainda não o conheci o bastar... sujeito. Perdão, senhorita.

Tessa sorriu e inclinou a cabeça, mas por dentro seu estômago estava embrulhando. Olhou para Jem e Will, mas ambos continuavam calmos e sorrindo. Estavam acostumados a esse tipo de subterfúgio, pensou, e ela não. Já tinha interpretado papéis antes, mas nunca o de si mesma, nunca com o próprio rosto e não o de outra pessoa. Por algum motivo, assustava-se ao pensar em mentir sem uma imagem falsa sob a qual se esconder. Só podia torcer para que Gottshall estivesse exagerando, apesar de alguma coisa — talvez o brilho em seu olho ao encará-la — dizer que não.

5
Sombras do Passado

Mas seres maus, trajados de luto,
Assaltaram o alto trono do monarca;
(Ah, lamentemo-nos, visto que nunca mais a alvorada
Despontará sobre ele, o desolado!)
E em torno de sua morada a glória,
Que, rubra, florescia,
Não passa, agora, de uma história quase esquecida
Dos velhos tempos já sepultos.
— Edgar Allan Poe, "O Palácio Assombrado"

Tessa mal notou o interior da estação ao seguirem o servente de Starkweather através da entrada lotada. Ocupada e agitada, com pessoas esbarrando nela, o cheiro de fumaça de carvão e de comida cozinhando, placas borradas da empresa ferroviária Great Northern Railway e das linhas York e North Midland. Logo chegaram ao lado de fora, sob um céu cinzento que formava um arco sobre eles, ameaçando chuva. Um hotel grandioso esticava-se contra o horizonte crepuscular em uma das extremidades da estação; Gottshall apressou o grupo naquela direção, onde uma carruagem branca com os quatro *C*s da Clave pintados na porta estava esperando perto da entrada. Após acomodarem a bagagem e entrar, partiram, a carruagem entrando na Tanner Row para se juntar

ao fluxo.

Will ficou em silêncio durante quase todo o trajeto, tamborilando os dedos esguios nos joelhos cobertos por uma calça preta, os olhos azuis distantes e pensativos. Foi Jem quem puxou a conversa, inclinando-se sobre Tessa para abrir as cortinas no lado dela da carruagem. Indicou pontos interessantes na paisagem — o cemitério onde as vítimas de uma epidemia de cólera haviam sido enterradas, e as antigas paredes cinzas da cidade erguendo-se diante deles, denticuladas no topo, como o padrão desenhado em seu anel. Depois que cruzaram ao outro lado das paredes, as ruas estreitaram. Era como Londres, pensou Tessa, mas em escala reduzida; mesmo as lojas pelas quais passaram — um açougue, uma loja de tecidos — pareciam menores. Os pedestres, homens em sua maioria, que se apressavam, com os queixos nos colarinhos para bloquear a garoa que tinha começado a cair, não estavam tão bem-vestidos; tinham um visual "campestre", como os fazendeiros que ocasionalmente apareciam em Manhattan, reconhecíveis pela vermelhidão das mãos, a pele do rosto grossa e queimada de sol.

A carruagem virou de uma rua estreita para uma praça enorme; Tessa respirou fundo. Diante deles erguia-se uma magnífica catedral, as torres góticas perfurando o céu cinzento como São Sebastião trespassado pelas flechas. Uma enorme torre de pedra calcária coroava a estrutura, e nichos ao longo da fachada sustentavam estátuas esculpidas, todas diferentes entre si.

— Este é o Instituto? Meu Deus, é tão mais grandioso que o de Londres...

Will riu.

— Às vezes uma igreja é apenas uma igreja, Tess.

— Esta é a Catedral de York — esclareceu Jem. — Orgulho da cidade. *Não* é o Instituto. O Instituto fica em Goodramgate Street. — As palavras de Jem se confirmaram quando a carruagem se afastou da catedral, seguiu por Downgate e entrou na rua estreita e de pedras de Goodramgate, onde chocalhou sob um pequeno portão de ferro entre duas construções inclinadas do período Tudor.

Quando emergiram do outro lado, Tessa viu por que Will tinha rido. O que

se erguia diante deles era uma bela igreja, cercada por muros e grama lisa, mas não tinha nem um pouco da grandiosidade da Catedral de York. Quando Gottshall se aproximou para abrir a porta da carruagem e ajudar Tessa a descer, ela viu eventuais lápides que sobressaíam da grama molhada de chuva, como se alguém tivesse tido a intenção de iniciar um cemitério e perdido o interesse durante a execução do projeto.

O céu já estava quase negro, prateado aqui e ali com nuvens tornadas quase transparentes pela luz das estrelas. Atrás de Tessa, as vozes familiares de Jem e Will murmuravam; diante dela, as portas da igreja estavam abertas, e através das mesmas pôde ver velas piscando. Sentiu-se incorpórea de repente, como se fosse um fantasma, assombrando esse local estranho, tão distante da vida que conhecia em Nova York. Estremeceu, e não só pelo frio.

Sentiu a mão de alguém roçar em seu braço, e um hálito quente agitou seu cabelo. Sabia quem era sem precisar olhar para trás.

— Vamos entrar, minha noiva? — disse Jem suavemente ao ouvido de Tessa. Sentiu a risada nele, vibrando pelos ossos, comunicando-se com ela. Quase sorriu. — Enfrentemos juntos o leão em sua cova.

Ela entrelaçou o braço no dele. Subiram os degraus da igreja; Tessa olhou para trás ao chegar no alto e viu Will olhando para eles, aparentemente distraído, quando Gottshall o cutucou no ombro e disse alguma coisa em seu ouvido. O olhar de Tessa encontrou o dele, mas ela rapidamente desviou; trocar olhares com Will era, na melhor das hipóteses, confuso, e vertiginoso na pior delas.

O interior da construção era pequeno e escuro em comparação ao Instituto de Londres. Bancos escurecidos pelo tempo percorriam o comprimento das paredes, e acima deles velas de luz enfeitiçada ardiam em suportes de ferro escurecido. Na frente da igreja, diante de uma verdadeira cascata de velas ardentes, havia um senhor vestido com as roupas pretas de um Caçador de Sombras. Tinha barba e cabelos espessos e grisalhos, desgrenhados, os olhos negro-acinzentados semiescondidos sob as sobrancelhas volumosas, a pele marcada pelos sinais da idade. Tessa sabia que o homem tinha quase 90 anos,

mas ainda tinha a coluna ereta e o tórax compacto como um tronco.

— Jovem Herondale, certo? — vociferou quando Will deu um passo a frente para se apresentar. — Meio mundano, meio galês, e herdou o pior de cada, pelo que sei.

Will sorriu educadamente.

— *Diolch*.

Starkweather ficou arrepiado.

— Língua mestiça — murmurou, e voltou o olhar para Jem. — James Carstairs — falou. — Outro fedelho de Instituto. Estou prestes a mandá-los sair. Aquela coisinha arrogante, aquela Charlotte Fairchild jogando-os para cima de mim sem autorização. — Ele tinha um pouco do mesmo sotaque de Yorkshire de seu servente, apesar de bem mais brando; mesmo assim, algumas letras apresentavam uma pronúncia diferente. — Ninguém naquela família tinha educação. Vivi muito bem sem o pai dela, e posso viver sem...

Seus olhos brilhantes recaíram então sobre Tessa, e ele parou abruptamente, boquiaberto, como se tivesse sido estapeado no meio da frase. Tessa olhou para Jem; o rapaz parecia tão espantado quanto ela com o silêncio súbito de Starkweather. Mas ali, na brecha, estava Will.

— Esta é Tessa Gray, senhor — disse. — É uma menina mundana, mas é noiva de Carstairs, e Ascendente.

— Uma *mundana*, você diz? — perguntou Starkweather, com olhos arregalados.

— Uma Ascendente — respondeu Will com o tom mais suave e sedoso. — Tem sido uma amiga fiel do Instituto de Londres, e esperamos recebê-la em nossas fileiras em breve.

— Uma mundana — repetiu o velho, e teve um acesso de tosse. — Bem, os tempos... Sim, então suponho... — Voltou os olhos para o rosto de Tessa outra vez e virou para Gottshall, que parecia martirizado em meio às bagagens. — Chame Cedric e Andrew para ajudarem a levar os pertences dos convidados para seus respectivos quartos — comandou. — E diga a Ellen para instruir a

cozinheira a colocar mais três lugares para o jantar de hoje. Posso ter me esquecido de lembrá-la de que tínhamos convidados.

O servente olhou pasmo para o mestre antes de assentir em aparente torpor; Tessa não pôde culpá-lo. Estava claro que Starkweather pretendia mandá-los embora e mudou de ideia no último segundo. Ela olhou para Jem, que parecia tão confuso quanto ela; somente Will, com olhos grandes e azuis e um rosto inocente como o de um coroinha, parecia não esperar nada diferente.

— Bem, vamos — disse Starkweather, rispidamente, sem olhar para Tessa. — Não precisam ficar aí em pé. Sigam-me e mostrarei os aposentos.

— Pelo Anjo — disse Will, passando o garfo pela coisa amarronzada no prato. — O que *é* isto?

Tessa tinha de admitir, era difícil dizer. Os serventes de Starkweather (basicamente homens e mulheres envelhecidos e corcundas, e uma copeira com o rosto azedo) tinham feito como ordenado e colocado três lugares extras para o jantar — que consistia de um ensopado cheio de pedaços. Fora servido com uma concha de prata por uma mulher com um vestido preto e uma touca branca, tão corcunda e idosa que Tessa precisou se segurar para não levantar e ajudá-la. Quando a senhora terminou, virou-se e saiu, deixando Jem, Tessa e Will sozinhos na sala, olhando uns para os outros.

Um lugar também havia sido posto para Starkweather, mas ele não estava presente. Tessa reconheceu que no lugar dele também não se apressaria para comer o ensopado. Cheio de legumes excessivamente cozidos e com carne dura, parecendo ainda menos apetitoso sob a pouca luz da sala de jantar. Apenas algumas velas iluminavam o local apertado; o papel de parede era marrom-escuro e o espelho sobre a lareira apagada estava manchado e descolorido. Tessa se sentia horrivelmente desconfortável em seu vestido de noite, uma peça dura de tafetá azul, emprestada por Jessamine e alargada por Sophie, e que, àquela luz, apresentava uma coloração de hematoma.

Mesmo assim, tratava-se de um comportamento bastante peculiar para um

anfitrião, insistir tanto que participassem do jantar e depois não aparecer. Mais cedo, uma servente tão frágil e anciã quanto a que serviu o ensopado havia levado Tessa até o quarto mais cedo, uma caverna mal-iluminada cheia de móveis entalhados. Era muito escuro, como se Starkweather estivesse tentando economizar em óleo ou velas, apesar de que, até onde Tessa sabia, luz enfeitiçada não custava nada. Talvez simplesmente gostasse do escuro.

Achara o quarto frio, escuro, levemente mais do que sinistro. O fogo baixo queimando na lareira não foi de muita ajuda para aquecer o recinto. De ambos os lados da lareira havia um raio talhado. O mesmo símbolo aparecia no jarro branco cheio de água que Tessa utilizou para lavar as mãos e o rosto. Tinha se secado rapidamente, imaginando por que não conseguia se lembrar de já ter visto o símbolo no *Códex*. Devia ter algum significado importante. Todo o Instituto de Londres era decorado com símbolos da Clave, como o Anjo emergindo do lago, ou os *Cs* entrelaçados de Conselho, Contrato, Clave e Cônsul.

Também havia velhos retratos por todos os lados — naquele quarto, nos corredores, ao longo de toda a escadaria. Após se trocar, colocar o vestido de noite e ouvir o trinado do sino de jantar, Tessa desceu as escadas, uma monstruosidade esculpida no estilo Jaime I. Ao chegar à base, deteve-se para olhar a pintura de uma jovem de cabelos longos e claros, trajando um vestido infantil antiquado, um laço grande coroando sua cabecinha. Tinha o rosto fino, pálido e enfermo, mas os olhos eram luminosos — a única coisa luminosa neste local escuro, pensou Tessa.

— Adele Starkweather — dissera uma voz às suas costas, lendo a placa na moldura. — 1842.

Tessa virou-se e olhou para Will, que estava parado, com as pernas afastadas, as mãos atrás das costas, observando o retrato e franzindo o rosto.

— O que foi? Está com cara de quem não gostou dela, mas eu gosto bastante. Deve ser a filha... não, a neta de Starkweather, acho.

Will havia balançado a cabeça, olhando do retrato para Tessa.

— Sem dúvida. Este lugar é decorado como uma casa de família. Está claro que há muitas gerações os Starkweather vivem no Instituto de York. Viu os raios em todos os cantos?

Tessa assentiu.

— É o símbolo da família Starkweather. Há tantas referências à família quanto à Clave aqui. Não é adequado se comportar como proprietário de um lugar como este. Uma pessoa não pode herdar um Instituto. O guardião é apontado pelo Cônsul. O local em si pertence à Clave.

— Os pais de Charlotte dirigiram o Instituto de Londres antes dela.

— Parte do motivo pelo qual o velho Lightwood é tão sensível em relação à questão — respondeu Will. — Institutos não necessariamente devem permanecer em família. Mas o Cônsul não teria atribuído a Charlotte o posto se ela não fosse a pessoa indicada. E no caso de Londres foi somente uma geração. Isto... — apontou em volta, como se quisesse englobar com um único gesto todos os retratos, o andar e o excêntrico e solitário Aloysius. — Bem, não é à toa que o velho acha que tem o direito de nos expulsar daqui.

— Doido de pedra, minha tia teria dito. Vamos jantar?

Em uma rara demonstração de gentileza, Will ofereceu o braço. Tessa não olhou para ele ao aceitar. Will, vestido para a ocasião era belo o suficiente para deixá-la sem fôlego, e Tessa tinha a impressão de que precisaria permanecer atenta.

Jem estava esperando na sala quando chegaram, e Tessa sentou-se ao lado dele para aguardar o anfitrião. O lugar dele estava posto, o prato servido, e até a taça preenchida com um vinho tinto, mas não havia sinal de Aloysius. Will foi o primeiro a dar de ombros e começar a comer, apesar de logo em seguida fazer uma cara de quem desejava não ter começado.

— O que *é* isto? — prosseguiu agora, espetando um objeto com um garfo e o levantando a altura do olho. — Esta... esta... *coisa*?

— Uma pastinaca? — sugeriu Jem.

— Uma pastinaca plantada na horta do próprio Satanás — disse Will. Olhou

em volta. — Não imagino que haja algum cachorro para o qual eu possa dar isto.

— Não parece haver animais de estimação por aqui — observou Jem, que adorava todos os animais, mesmo o inglório e mal-humorado Coroinha.

— Provavelmente todos envenenados por pastinacas — disse Will.

— Céus — Tessa disse tristemente, repousando o garfo. — E eu também estava com tanta fome.

— Tem sempre os pãezinhos de jantar — disse Will, apontando para a cesta coberta. — Mas devo alertá-la de que são duros como pedra. Pode usá-los para matar besouros, se algum deles incomodá-la durante a noite.

Tessa fez uma careta e tomou um gole de vinho. Estava azedo como vinagre.

Will repousou o garfo e começou alegremente a recitar, à la Edward Lear em seu livro *Book of Nonsense:*

"Era uma vez uma moça de Nova York
Que se encontrou faminta em York,
Mas o pão estava mau,
As pastinacas tinham formato de..."

— Não pode rimar "York" com "York" — interrompeu Tessa. — É trapaça.

— Ela tem razão — disse Jem, os dedos delicados brincando com a haste da taça de vinho. — Principalmente quando há opções claríssimas de rima...

— Boa noite. — A sombra desajeitada de Aloysius Starkweather surgiu repentinamente na entrada; Tessa ficou imaginando, com uma onda de rubor, há quanto tempo ele estava ali. — Senhor Herondale, senhor Carstairs, senhorita, hum...

— Gray — disse Tessa. — Theresa Gray.

— Certo. — Starkweather não se desculpou, apenas sentou-se pesadamente à cabeceira. Trouxera consigo uma caixa quadrada e lisa, do tipo que banqueiros usavam para guardar papéis, que pousou ao lado do prato. Tomada pela animação, Tessa viu que havia um ano marcado nela, 1825, e, melhor ainda, três

grupos de iniciais. *JTS, AES, AHM*.

— Sem dúvida a mocinha vai ficar feliz em saber que atendi às exigências e vasculhei os arquivos durante todo o dia, além de boa parte da noite de ontem — Starkweather começou a explicar, em tom irritado. Tessa precisou de um instante para perceber que, nesse caso, "mocinha" significava Charlotte. — Muita sorte, a dela, por meu pai nunca ter jogado nada fora. E no instante em que vi os papéis me lembrei. — Ele tocou a têmpora. — Oitenta e nove anos e não me esqueço de nada. Diga isso ao velho Wayland quando ele falar em me substituir.

— Certamente o faremos, senhor — disse Jem, com os olhos dançando.

Starkweather tomou um gole grande do vinho e fez uma careta.

— Pelo Anjo, esta coisa está nojenta! — Soltou a taça e começou a retirar papéis da caixa. — O que temos aqui é um formulário de Reparações em nome de dois feiticeiros. John e Anne Shade. Um casal.

— Agora, esta é a parte estranha — prosseguiu o velho. — A reclamação foi feita pelo filho, Axel Hollingworth Mortmain, 22 anos de idade. Bem, é claro que feiticeiros são estéreis...

Desconfortável, Will remexia-se na cadeira, desviando os olhos para não encarar os de Tessa.

— Este filho foi adotado — disse Jem.

— Não devia ser permitido — disse Starkweather, tomando mais um gole do vinho que havia classificado como nojento. As bochechas do velho estavam começando a enrubescer. — É como dar uma criança humana para ser criada por lobos. Antes dos Acordos...

— Se houver alguma pista quanto ao paradeiro dele — disse Jem, tentando retomar o rumo da conversa, educadamente. — Temos muito pouco tempo...

— Muito bem, muito bem — irritou-se Starkweather. — Há pouca informação aqui sobre seu precioso Mortmain. Mais sobre os pais. Parece que começaram a desconfiar deles quando o feiticeiro, John Shade, apoderou-se do Livro Branco. Um livro de feitiços bastante poderoso, vejam vocês; desapareceu da biblioteca do Instituto de Londres em circunstâncias suspeitas em 1752. O

livro é especializado sem feitiços para atar ou desatar: conectar a alma ao corpo, ou desconectá-la, dependendo do caso. Ao que parece o feiticeiro estava tentando animar objetos. Estava desenterrando corpos, ou comprando-os de alunos de medicina e substituindo suas partes mais danificadas por mecanismos. E depois tentava trazê-los à vida. Necromancia, totalmente contra a Lei. E não tínhamos os Acordos naquele tempo. Um grupo do Enclave se infiltrou e matou os dois.

— E a criança? — perguntou Will. — Mortmain?

— Nem sinal dele — respondeu Starkweather. — Procuramos, mas nada. Presumimos que estava morto, até que isto, de extrema impertinência, apareceu pedindo reparação. Mesmo o endereço...

— O *endereço*? — perguntou Will. Essa informação *não* constava no pergaminho que tinham visto no Instituto. — Em Londres?

— Não. Bem aqui em Yorkshire. — Starkweather cutucou a página com um dedo enrugado. — O Solar Ravenscar. Um amontoado de estacas velhas ao norte. Está abandonado agora, eu acho, há décadas. Pensando bem, não sei como ele encontrou dinheiro para comprar. Não era onde os Shade moravam.

— Mesmo assim — disse Jem. — Um ótimo ponto de partida para procurarmos. Se está abandonado desde que ele morou lá, pode ser que tenha deixado algo para trás. Inclusive, pode ser que ele ainda esteja usando o local.

— Pode ser. — Starkweather não soou nada entusiasmado com a questão. — A maioria dos bens dos Shade foi levada como espólio.

— Espólio — ecoou Tessa, a voz fraca. Lembrava-se do termo do *Códex*. Qualquer coisa que um Caçador de Sombras pegasse de alguém do Submundo que tivesse sido visto transgredindo a Lei pertencia a ele. Eram os espólios da guerra. Olhou para Jem e Will; os olhos suaves de Jem estavam fixos nela, preocupados; os azuis e assombrados de Will guardando todos os seus segredos. Ela realmente pertencia a uma raça de criaturas que estava em guerra com o que Jem e Will eram?

— Espólios — resmungou Starkweather. Tinha acabado o próprio vinho e já

começara a tomar o de Will, até então intacto. — Isso lhe interessa, menina? Temos uma bela coleção aqui no Instituto. O de Londres passa vergonha perto do nosso, pelo menos é o que dizem. — Ele ficou de pé, quase derrubando a cadeira ao se levantar. — Venham. Mostrarei a vocês enquanto relato o restante desta pesarosa narrativa, apesar de não faltar muita coisa.

Tessa olhou rapidamente para Will e Jem para ver o que deveria fazer, mas eles já estavam de pé, seguindo o velho para fora do recinto. Starkweather falava ao caminhar, o som de sua voz vindo por cima do ombro, fazendo com que tivessem de se apressar para alcançar as passadas largas do anfitrião.

— Jamais gostei muito desta história de Reparações — disse ele ao passarem por mais um corredor de pedras interminável e pouco iluminado. — Deixa os integrantes do Submundo atrevidos, achando que têm o direito de conseguir algo de nós. Todo o trabalho que realizamos e nenhum agradecimento, apenas mãos estendidas, pedindo mais e mais. Não concordam, cavalheiros?

— São uns malditos, todos eles — respondeu Will, cuja mente parecia a milhares de quilômetros de distância. Jem o olhou de lado.

— Com certeza! — vociferou Starkweather, claramente agradado. — Não que esta seja uma linguagem apropriada para se usar na frente de uma dama, é claro. Como ia dizendo, esse Mortmain estava protestando pela morte de Anne Shade, a esposa do feiticeiro, alegou que ela não possuía nenhuma relação com os projetos do marido, que não sabia nada sobre eles. A morte dela teria sido injusta. Queria um julgamento dos culpados pelo que classificou como "assassinato", além de recuperar os pertences dos pais.

— O Livro Branco estava entre as coisas que ele pediu? — perguntou Jem. — Sei que é um crime um feiticeiro possuir este volume...

— Estava. Foi recuperado e colocado na biblioteca do Instituto de Londres, onde sem dúvida ainda está. Certamente ninguém iria entregá-lo a *ele*.

Tessa fez um rápido cálculo mental. Se tinha 89 anos agora, Starkweather tinha 26 quando os Shade morreram.

— O senhor estava lá?

Os olhos injetados do velho a olharam de cima a baixo; Tessa notou que mesmo agora, um pouco embriagado, ele não parecia querer olhar diretamente para ela.

— Estava onde?

— Disse que um grupo do Enclave foi enviado para cuidar dos Shade. O senhor estava entre eles?

Ele hesitou, em seguida deu de ombros.

— Sim — revelou, o sotaque de Yorkshire acentuando-se por um instante. — Não demorou muito para pegarmos os dois. Não estavam preparados. Nem um pouco. Lembro-me deles caídos lá, no próprio sangue. Na primeira vez em que vi feiticeiros mortos, fiquei surpreso por terem sangue vermelho. Poderia jurar que seria de uma cor diferente, azul, verde, ou coisa do tipo — falou, dando de ombros. — Tiramos as capas deles, como peles de um tigre. Fiquei encarregado de guardá-las, ou melhor, meu pai. Glória, glória. Grandes tempos. — Ele sorriu o sorriso de uma caveira, e Tessa pensou na câmara do Barba Azul, em que este guardava os restos das esposas que havia matado. Sentiu muito calor e muito frio ao mesmo tempo.

— Mortmain jamais teria a menor chance, não é mesmo? — perguntou Tessa baixinho. — Com a reclamação. Jamais obteria as reparações.

— Claro que não! — vociferou Starkweather. — Uma bobagem aquilo tudo, alegar que a esposa não estava envolvida. Qual mulher não mete o bedelho nos assuntos do marido? Além disso, ele sequer era filho de sangue do casal, não poderia ter sido. Provavelmente era para eles mais um bicho de estimação do que qualquer coisa. Aposto que o pai o teria usado para obter peças em falta, se necessário fosse. Ficou muito melhor sem os dois. Deveria ter nos agradecido e não solicitado um julgamento...

O velho parou ao chegar a uma porta pesada no final do corredor e encostou o ombro nela, sorrindo para eles por debaixo das sobrancelhas salientes.

— Já estiveram no Palácio de Cristal? Bem, isto aqui é ainda melhor.

Abriu a porta com o ombro, e uma luz se acendeu ao atravessarem a entrada.

Certamente era o único recinto iluminado do local.

A sala era repleta de armários com frentes de vidro, e sobre cada um deles havia uma lâmpada de luz enfeitiçada iluminando o conteúdo. Tessa viu a postura de Will enrijecendo, e Jem esticou a mão para alcançá-la, apertando seu braço quase dolorosamente.

— Não... — começou, mas ela já estava à frente e olhava para o conteúdo dos armários.

Espólios. Um medalhão de ouro mostrava o daguerreótipo de uma criança sorrindo. O objeto estava manchado de sangue seco. Atrás dela, Starkweather falava sobre catar balas de prata dos corpos de lobisomens recém-abatidos e derretê-las para reaproveitamento. Havia um monte dessas balas, aliás, preenchendo uma vasilha suja de sangue em um dos armários. Conjuntos de presas de vampiros, fileiras e mais fileiras. O que pareciam folhas de gaze ou tecido delicado pressionadas sob vidro. Apenas quando olhou mais de perto Tessa percebeu que eram asas de fadas. Um goblin, como aquele que vira no Hyde Park com Jessamine, flutuava com os olhos abertos em um vidro grande com líquido de preservação.

E restos de feiticeiros. Mãos, com unhas feito garras, como as da senhora Black, mumificadas. Um crânio descascado, completamente sem carne, de aparência humana, exceto por ter presas em vez de dentes. Frascos de sangue de aparência lamacenta. Starkweather agora falava sobre como partes de feiticeiros, principalmente uma "marca", podiam ser comercializadas no mercado do Submundo. Tessa estava tonta e com calor, os olhos ardiam.

Tessa virou-se de costas, as mãos trêmulas. Jem e Will estavam parados, olhando para Starkweather com expressões mudas de horror; o velho segurava mais um troféu de caça — uma cabeça de aspecto humano presa a um suporte. A pele havia desbotado e adquirido um tom cinza, repuxada contra os ossos. Chifres espiralados se projetavam a partir do crânio.

— Arranquei de um feiticeiro que matei perto de Leeds — relatou. — Vocês não acreditariam no quanto ele lutou...

A voz de Starkweather foi ficando distante, e Tessa de repente sentiu-se solta e flutuando. A escuridão aumentou a sua volta, e em seguida havia braços ao seu redor, e a voz de Jem. Palavras flutuavam aos pedaços.

— Minha noiva... nunca viu espólios antes... não suporta sangue... muito delicada...

Tessa queria se livrar de Jem, queria avançar em Starkweather e atacar o velho, mas sabia que estragaria tudo se o fizesse. Fechou os olhos com força e pressionou o rosto contra o peito de Jem, respirando seu perfume. Tinha cheiro de sabão e sândalo. Então outras mãos lhe chegaram, afastando-a de Jem. As criadas de Starweather. Ouviu Starkweather orientando-as a levarem-na para cima e a colocarem na cama. Ela abriu os olhos para ver o rosto perturbado de Jem encarando-a, até a porta da sala de espólios se fechar entre eles.

Tessa demorou muito para conseguir dormir naquela noite e, ao fazê-lo, teve um pesadelo. No sonho estava algemada à cama metálica na casa das Irmãs Sombrias...

Luz como um caldo ralo e cinzento entrava pela janela. A porta se abriu, e a sra. Dark entrou, seguida pela irmã, que não tinha cabeça, apenas o osso branco da espinha saltando do pescoço cortado irregularmente.

— Aqui está ela, a linda princesa, linda — disse a sra. Dark, batendo as mãos. — Pense em tudo que ganharemos pelas partes do corpo dela. Cem para cada uma das mãozinhas brancas e mil pelo par de olhos. Receberíamos mais se fossem azuis, claro, mas não se pode ter tudo.

Ela riu, e a cama começou a girar enquanto Tessa gritava e se debatia na escuridão. Faces apareceram sobre ela: Mortmain, as feições estreitas retorcidas em uma expressão entretida.

— E dizem que uma boa mulher vale muito mais do que rubis — falou. — E uma feiticeira?

— Sugiro que a c*oloquem em uma jaula, para que os espectadores olhem para ela em troca de centavos — disse Nate, e subitamente as barras de uma jaula*

surgiram ao seu redor, e, do lado de fora, ele ria para ela, o rosto bonito distorcido com desprezo. Henry também estava lá, balançando a cabeça.

— Eu a desmontei completamente — revelou —, e não consigo enxergar o que faz o coração dela bater. Mesmo assim, é um tanto curioso, não? — Henry abriu a mão e havia algo vermelho e carnudo na palma, pulsando e se contraindo como um peixe fora d'água, engasgando na tentativa de respirar. — Vejam como é dividido em duas partes iguais...

— Tess. — Imperativa, lhe veio essa voz ao ouvido. — Tess, você está sonhando. Acorde. Acorde. — Havia mãos em seus ombros, sacudindo-a; os olhos de Tessa se abriram subitamente, e ela respirava com dificuldade no quarto feio, cinzento e mal-iluminado do Instituto de York. Os cobertores estavam emaranhados ao seu redor, e a camisola grudada nas costas com o suor. Sua pele parecia pegar fogo. Ainda via as Irmãs Sombrias, via Nate rindo dela, Henry dissecando seu coração.

— Foi um sonho? — perguntou. — Pareceu tão real, tão absurdamente real...

Interrompeu-se.

— Will —sussurrou ela. Ele ainda estava com as roupas que usara no jantar, apesar de já amarrotadas, os cabelos negros emaranhados, como se tivesse caído no sono sem se trocar. As mãos do Caçador de Sombras continuavam em seus ombros, aquecendo a pele fria através do tecido da camisola.

— O que você sonhou? — perguntou ele. Seu tom era calmo e normal, como se não houvesse nada de incomum nela acordando e encontrando-o à beira da cama.

Tessa estremeceu com a lembrança.

— Sonhei que estava sendo dilacerada, que pedaços de mim seriam colocados em exibição para Caçadores de Sombras rirem...

— Tess — Will tocou gentilmente o cabelo dela, colocando as mechas embaraçadas atrás das orelhas. Ela se sentiu impelida na direção dele, como metal diante de um ímã. Seus braços doíam com vontade de abraçá-lo, e a cabeça queria se apoiar na curvatura do ombro. — Maldito Starkweather por lhe

mostrar o que mostrou, mas você precisa saber que não é mais assim. Os Acordos proibiram espólios. Foi só um sonho.

Mas não, pensou ela. *Este* é o sonho. Seus olhos já tinham se ajustado à escuridão; a luz cinzenta no quarto fazia com que os olhos de Will brilhassem com um azul quase celeste, como os de um gato. Quando respirou, trêmula, encheu os pulmões com o cheiro dele, Will, sal, trem, fumaça e chuva, e ela se pegou imaginando se ele teria saído e caminhado pelas ruas de York, como fazia em Londres.

— Onde esteve? — sussurrou ela. — Está com cheiro da noite.

— Fui me rebelar. Como sempre — Will tocou a face de Tessa, com dedos calorosos e calejados. — Consegue dormir agora? Precisamos acordar cedo amanhã. Starkweather vai nos emprestar a carruagem para investigarmos o Solar Ravenscar. Você, é claro, pode continuar aqui. Não precisa nos acompanhar.

Ela estremeceu.

— Ficar aqui sem vocês? Neste lugar enorme e sombrio? Prefiro ir.

— Tess. — A voz de Will estava bastante suave. — Deve ter sido um pesadelo e tanto para tê-la desgastado assim. Normalmente você não tem medo de muita coisa.

— Foi horrível. Até Henry estava no sonho. Desmontando meu coração, como se ele fosse algo mecânico.

— Bem, então está resolvido — disse Will. — Fantasia pura. Até parece que Henry representa perigo para alguém além dele mesmo. — Quando ela não sorriu, ele acrescentou, ferozmente: — Eu jamais permitiria que alguém tocasse em um fio de cabelo da sua cabeça. Sabe disso, não sabe, Tess?

Seus olhares se encontraram e se prenderam um ao outro. Ela pensou na onda que parecia capturá-la sempre que estava perto dele, em como sentia-se arrastada para cima e para baixo, puxada para ele por forças além do seu controle — no sótão, no telhado do Instituto. Como se sentisse a mesma atração, então Will inclinou-se em direção a ela. Parecia natural e tão certo quanto respirar, levantar a cabeça dela e tocar os seus lábios. Ela sentiu Will exalar suavemente

contra sua boca; alívio, como se um grande peso tivesse sido retirado dele. As mãos de Will se ergueram para pegar o rosto dela. Mesmo enquanto fechava os olhos, Tessa ouviu a voz dele em sua mente outra vez, sem ter sido convidada:

Não há futuro para um Caçador de Sombras que se envolve com feiticeiros.

Ela virou o rosto rapidamente, e os lábios dele a tocaram na bochecha, em vez da boca. Will recuou, e ela viu aqueles olhos azuis, abertos, pasmos e feridos.

— Não, não sei disso, Will — Tessa abaixou o tom da voz. — Você deixou bem claro — falou —, que tipo de utilidade eu tenho para você. Acha que sou um brinquedo para sua diversão. Você não devia ter vindo aqui; não é adequado.

Ele deixou as mãos caírem ao lado do corpo.

— Você gritou...

— Não por você.

Ele ficou em silêncio, exceto pela respiração áspera.

— Você se arrepende do que disse para mim naquela noite no telhado, Will? Na noite do enterro de Thomas e Agatha? — Era a primeira vez que algum dos dois se referia ao incidente. — Pode me dizer que não tinha intenção de dizer o que disse?

Ele abaixou a cabeça; os cabelos caíram para a frente e esconderam-lhe o rosto. Ela cerrou as próprias mãos em punhos nas laterais do corpo para conter o impulso de ajeitá-los.

— Não — ele disse, muito baixo. — Não, que o Anjo me perdoe, mas não posso dizer isso.

Tessa recuou, se encolhendo, virando o rosto.

— Por favor, saia, Will.

— Tessa...

— Por favor.

Fez-se um longo silêncio. Então ele se levantou, a cama rangendo com o movimento. Ela escutou as passadas leves sobre o chão enquanto Will saía, e em seguida a porta se fechando. Como se o som tivesse cortado alguma corda que a sustentava até então, ela caiu para trás sobre os travesseiros. Olhou fixamente

para o teto por um longo tempo, lutando em vão contra as perguntas que preenchiam sua mente — o que Will pretendia, aparecendo no quarto dela desse jeito? Por que demonstrou tanta doçura quando ela sabia que ele a desprezava? E por que, mesmo sabendo que ele era a pior coisa do mundo para ela, mandá-lo embora pareceu um erro terrível?

A manhã seguinte chegou inesperadamente azul e bela, um bálsamo para a cabeça dolorida e o corpo exaurido de Tessa. Depois de se arrastar para fora da cama, onde havia passado quase toda a noite virando pra lá e pra cá, ela se vestiu sozinha, sem suportar a ideia de receber ajuda de uma criada anciã e quase cega. Ao abotoar o casaco, viu-se no espelho velho e manchado do quarto. Tinha olheiras como duas meias-luas sob os olhos, que pareciam ter sido pintadas com giz.

Will e Jem já estavam reunidos na sala matinal para um café da manhã composto por torrada meio queimada, chá fraco, geleia e nada de manteiga. Quando Tessa chegou, Jem já tinha comido, e Will estava ocupado cortando a torrada em tiras finas e fazendo desenhos grosseiros a partir disso.

— O que *seria* isso? — perguntou Jem curioso. — Quase parece um... — levantou os olhos, viu Tessa, e parou com um sorriso. — Bom dia.

— Bom dia. — Ela tomou o assento diante de Will, que levantou o olhar quando ela sentou, mas não havia nada em seus olhos ou em sua expressão que indicasse que ele se lembrava de algo do que se passara entre os dois na noite anterior.

Jem a olhou preocupado.

— Tessa, como está se sentindo? Depois de ontem à noite... — Ele então parou, elevando a voz: — Bom dia, senhor Starkweather — disse apressadamente, balançando o ombro de Will com tanta força que este derrubou o garfo, e os pedaços de torrada deslizaram pelo prato.

O senhor Starkweather, que deslizara para dentro da sala, ainda embrulhado na capa escura que usara na véspera, lançou-lhe um olhar sinistro.

— A carruagem os aguarda no jardim — disse, a dicção presa mais firme do que nunca. — É melhor se apressarem se quiserem chegar antes do jantar; precisarei da carruagem à noite. Pedi a Gottshall para deixá-los direto na estação na volta, não precisam ficar por aqui. Imagino que tenham conseguido tudo que precisam.

Não foi uma pergunta. Jem assentiu.

— Sim. O senhor foi muito gentil.

Os olhos de Starkweather desviaram novamente para Tessa, uma última vez, antes de ele virar e se retirar, com a capa esvoaçando atrás dele. Tessa não conseguiu tirar da cabeça a imagem de uma grande ave de rapina — um urubu, talvez. Pensou nos armários de troféus cheios de "espólios" e estremeceu.

— Coma depressa, Tessa, antes que ele mude de ideia quanto à carruagem — aconselhou Will, mas Tessa balançou a cabeça.

— Não estou com fome.

— Pelo menos tome um chá. — Will serviu para ela, e acrescentou leite e açúcar; estava mais doce do que Tessa gostava, mas era tão raro Will fazer uma gentileza como essa — ainda que apenas com o objetivo de apressá-la — que ela bebeu assim mesmo, e conseguiu comer uns pedaços de torrada. Os meninos foram buscar seus casacos e as bagagens; a capa de viagem de Tessa, o chapéu e as luvas foram localizados, e logo os três estavam nos degraus da frente do Instituto de York, piscando os olhos à luz diluída do sol.

Starkweather tinha cumprido a palavra. A carruagem estava lá, esperando por eles, os quatro *Cs* da Clave pintados na porta. O velho cocheiro de barba e cabelos longos e brancos já estava sentado em seu banco, fumando um charuto; descartou-o ao ver os três e endireitou-se no assento, os olhos negros fuzilando-os sob as pálpebras caídas.

— Maldição, é o Marinheiro Ancião outra vez — disse Will, apesar de soar mais entretido do que qualquer outra coisa. Ele subiu na carruagem e ajudou Tessa em seguida. Jem foi o último, fechando a porta atrás de si e inclinando-se para fora da janela para anunciar ao cocheiro que podia partir. Tessa,

acomodando-se ao lado de Will no assento estreito, sentiu o próprio ombro tocar o dele; o garoto ficou tenso imediatamente, e ela se afastou, mordendo o lábio. Foi como se a noite passada nunca tivesse acontecido e ele já voltara a se comportar como se ela fosse venenosa.

A carruagem começou a se mover com um tranco que quase jogou Tessa para cima de Will outra vez, mas ela se apoiou contra a janela e ficou onde estava. Os três permaneceram em silêncio enquanto a carruagem atravessava os paralelepípedos da estreita Stonegate Street e passava por baixo de uma placa enorme que fazia propaganda da hospedaria Old Star Inn. Tanto Jem quanto Will estavam calados, Will só voltou à vida para contar a ela, com um brilho macabro, que estavam passando pelos velhos muros que marcavam a entrada da cidade, onde outrora as cabeças de traidores eram exibidas em espetos. Tessa fez uma cara feia para ele, mas não respondeu.

Tendo passado dos muros, a cidade rapidamente deu lugar ao campo. A paisagem não era suave e agradável, mas pesada e ameaçadora. Colinas verdes marcadas com flores cinzentas subiam por penhascos de rocha negra. Longas fileiras de muros de argamassa, que visavam conter as ovelhas, entrecruzavam o verde; aqui e ali, havia ocasionais casinhas solitárias. O céu parecia uma infinita vastidão de azul, marcada por pinceladas de longas nuvens cinzentas.

Tessa não sabia dizer há quanto tempo estavam viajando quando as chaminés de pedra de uma imensa casa de campo ergueram-se ao longe. Jem esticou a cabeça para fora da janela outra vez e chamou o cocheiro; a carruagem parou.

— Mas ainda não chegamos — disse Tessa, confusa. — Se aquele for o Solar Ravenscar...

— Não podemos simplesmente chegar pela porta da frente; seja sensata, Tess — disse Will, enquanto Jem saltava e esticava o braço para ajudá-la a descer. As botas dela pisaram no solo molhado e lamacento quando aterrissou; Will saltou com leveza ao seu lado. — Precisamos dar uma olhada no lugar. Usar o dispositivo de Henry para registrar presença demoníaca. E para nos certificar de que não estamos entrando em uma armadilha.

— O dispositivo de Henry *funciona*? — Tessa levantou as saias para que não encostassem na lama enquanto os três começavam a atravessar a rua. Olhando para trás, ela viu o cocheiro aparentemente já dormindo, apoiado no banco do condutor com o chapéu puxado para cima do rosto. Ao redor a paisagem era uma miscelânea de cinza e verde — colinas desoladas se erguiam, suas faces salpicadas de argila cinzenta; grama batida pelas ovelhas; e alguns pequenos bosques, as árvores deformadas e entrelaçadas. Havia uma beleza grave naquilo tudo, mas Tessa estremeceu ao pensar na ideia de morar ali, tão longe de tudo.

Jem, vendo-a estremecer, deu um sorrisinho torto.

— Garota da cidade.

Tessa riu.

— Eu *estava* pensando no quão estranho seria crescer num lugar assim, tão longe das pessoas.

— O lugar onde cresci não era tão diferente daqui — disse Will, inesperadamente, espantando os dois. — Não é tão solitário como pode pensar. No campo, pode ter certeza, as pessoas se visitam bastante. Só precisam atravessar uma distância maior do que em Londres. E depois que chegam, normalmente ficam bastante. Afinal de contas, por que fazer a viagem para ficar só uma ou duas noites? Frequentemente tínhamos hóspedes que passavam semanas conosco.

Tessa encarou Will em silêncio. Era tão raro ele se referir a qualquer coisa envolvendo sua infância que ela às vezes pensava nele como alguém sem qualquer passado. Jem fez a mesma coisa, apesar de se recuperar primeiro.

— Compartilho o ponto de vista de Tessa. Nunca morei em nenhum lugar que não fosse uma cidade. Não sei como conseguiria dormir à noite, sem a certeza de estar cercado por milhares de outras almas dormindo e sonhando.

— E sujeira para todo lado, e a respiração de todo mundo na sua nuca — argumentou Will. — Logo que cheguei a Londres, enjoei tão depressa de ficar cercado por tanta gente que, somente com muita dificuldade, consegui me conter e não cometer atos violentos contra o primeiro infeliz que passasse na minha

frente.

— Alguns poderiam achar que você ainda sofre desse problema — disse Tessa, mas Will apenas riu, um ruído curto e quase surpreso de satisfação, e em seguida parou, olhando para a frente, para o Solar Ravenscar.

Jem assobiou no mesmo momento em que Tessa percebeu por que antes só tinha conseguido ver os topos das chaminés. A casa era construída no centro de um declive profundo entre três colinas; as laterais denticuladas expandiam-se ao redor, como se estivesse acomodada sobre a palma da mão. Tessa, Jem e Will estavam posicionados à beira de uma das colinas, olhando para baixo. A construção em si era grandiosa, uma enorme pilha de pedra cinza que dava a impressão de estar ali há séculos. Uma estrada grande e circular se curvava na frente das enormes portas de entrada. Nada no local dava a impressão de abandono ou ruína — não havia ervas daninhas na estrada nem no caminho que levava à parte externa da construção de pedra, e nenhum vidro faltando nas janelas.

— *Alguém* está morando aqui — disse Jem, ecoando os pensamentos de Tessa. Ele começou a descer pela colina. A grama ali era mais comprida, balançando quase na altura da cintura. — Talvez se...

Parou de falar quando o ruído de rodas se tornou audível; por um instante Tessa pensou que o cocheiro tinha vindo atrás deles, mas não, era uma carruagem diferente — um coche robusto embicando para o portão e seguindo para a casa. Jem abaixou-se imediatamente, e Tessa e Will se encolheram a seu lado. Observaram enquanto o veículo parava diante da casa, e o cocheiro saltava para abrir a porta.

Uma menina saltou, devia ter 14 ou 15 anos, supôs Tessa — não tinha idade o suficiente para usar o cabelo preso, pois ele esvoaçava a seu redor como uma cortina de seda preta. Trajava um vestido azul, simples, porém estiloso. Acenou com a cabeça para o criado e, em seguida, ao começar a subir os degraus da mansão, pausou — pausou e olhou para onde Jem, Will e Tessa tinham ajoelhado, quase como se pudesse vê-los, apesar de Tessa ter certeza de que

estavam bem escondidos na grama.

A distância era grande demais para que Tessa identificasse as feições da menina — apenas o formato pálido e oval do rosto sob os cabelos escuros. Estava prestes a perguntar para Jem se ele tinha um telescópio quando Will emitiu um ruído — algo que ela jamais ouvira, um engasgo terrível e doentio, como se o ar lhe tivesse sido arrancado por um tremendo golpe.

Mas não foi somente um engasgo, ela percebeu. Foi uma palavra; e não uma palavra qualquer, um nome; e não um nome qualquer, mas um que já o ouvira dizer.

— *Cecily*.

6
Em Silêncio Selados

O coração humano esconde tesouros
Em segredo guardados, em silêncio selados;
Os pensamentos, as esperanças, os sonhos, os prazeres,
Seus encantos quebrariam se revelados
— Charlotte Brontë, "Evening Solace"

A porta do casarão se abriu; e a menina desapareceu lá dentro. O coche dobrou a esquina para estacionar enquanto Will se levantava, cambaleando. Tinha adquirido um tom cinzento e doentio, como as cinzas de uma fogueira extinta.

— Cecily — repetiu. A voz carregava espanto e pavor.

— Quem diabos é Cecily? — Tessa se levantou, esfregando grama e cardo do vestido. — Will...

Jem já estava ao lado de Will, com a mão no ombro do amigo.

— Will, precisa falar conosco. Está com cara de quem viu um fantasma.

Will respirou fundo.

— Cecily...

— Sim, você já disse isso — falou Tessa. Ouviu o tom amargo da própria voz, e o suavizou com grande esforço. Não era gentil falar assim com alguém tão claramente perturbado, ainda que este alguém insistisse em olhar para o nada e murmurar "Cecily" em intervalos.

Não fez diferença. Will não pareceu ter escutado.

— Minha irmã — disse ele. — Cecily. Ela estava com... Meu Deus, ela estava com 9 anos quando fui embora.

— Sua irmã — disse Jem, e Tessa sentiu que algo envolvendo seu coração se afrouxara, e se repreendeu internamente por isso. Que importância tinha se Cecily era irmã de Will, ou alguém por quem fosse apaixonado? Não tinha nada a ver com isso.

Will disparou colina abaixo, sem procurar uma trilha, caminhando cegamente em meio à urze e ao tojo. Após um instante Jem foi atrás, pegando-o pela manga.

— Will, não...

Will tentou soltar o próprio braço.

— Se Cecily está lá, então os outros, minha família também pode estar.

Tessa se apressou para alcançá-los, franzindo o rosto quando quase torceu o tornozelo em uma pedra solta.

— Mas não faz o menor sentido sua família estar aqui, Will. Esta era a casa de Mortmain. Starkweather disse. Estava nos papéis...

— Eu *sei* disso — Will quase gritou.

— Cecily pode estar visitando alguém aqui...

Will dirigiu a ela um olhar incrédulo.

— No meio de Yorkshire, sozinha? E aquela era a nossa carruagem. Eu reconheci. Não tem nenhuma outra carruagem no abrigo de coches. Não, minha família está envolvida de alguma forma. Foram arrastados para esse problema de algum jeito e eu... eu preciso alertá-los. — Ele retomou a travessia da colina.

— Will! — Jem gritou e foi atrás dele, pegando-o pela parte de trás do casaco; Will girou e empurrou Jem, sem muita força; Tessa escutou Jem falar alguma coisa sobre Will ter aguentado todo esse tempo e sobre não desperdiçar o esforço agora. Então, tudo se misturou em um borrão: Will xingando, Jem o puxando, Will escorregando no solo molhado, e os dois caindo juntos, um emaranhado de braços e pernas rolando, até alcançarem uma pedra enorme, com Jem prendendo

Will ao chão, o cotovelo contra a garganta do amigo.

— Saia de cima de mim. — Will o empurrou. — Você não entende. *Sua* família está morta...

— *Will* — Jem o pegou pelo colarinho e o sacudiu. — Eu *entendo*. E a não ser que também queira sua família morta, vai me ouvir.

Will ficou completamente imóvel. Com a voz engasgada disse:

— James, não pode... eu nunca...

— Veja — Jem ergueu a mão que não estava agarrando a camisa de Will e apontou. — Ali. Veja.

Tessa olhou para onde ele estava apontando — e sentiu as entranhas congelarem. Estavam quase na metade da descida da colina que ficava acima do solar, e ali, acima deles, como uma espécie de sentinela no cume, havia um autômato. Ela soube imediatamente o que era, apesar de não se parecer com os autômatos que Mortmain enviara para combatê-los da outra vez. Aqueles foram fabricados para parecerem humanos externamente. Essa era uma criatura alta e espigada de metal, com pernas longas e articuladas, um torso curvilíneo também metálico e braços feito serrotes.

Estava completamente parado, nenhum movimento, e de algum jeito era mais assustador pela imobilidade e pelo silêncio. Tessa sequer sabia dizer se a criatura os estava observando. Parecia estar virada para eles, mas, apesar de ter uma cabeça, a mesma era desprovida de feições, exceto pelo talho que marcava a boca, dentes metálicos brilhando em seu interior. Não aparentava ter olhos.

Tessa reprimiu o grito subindo pela garganta. Era um autômato. Já os tinha enfrentado antes. *Não* iria gritar. Will, apoiado no cotovelo, observava aquilo.

— Pelo Anjo...

— Aquela coisa está nos seguindo, certamente — afirmou Jem, com uma voz baixa e urgente. — Vi um brilho metálico antes, da carruagem, mas não tive certeza. Agora tenho. Se você sair correndo pela colina, arrisca levar aquilo direto para a porta da sua família.

— Entendo — disse Will. O tom quase histérico havia deixado sua voz. —

Não vou chegar perto da casa. Deixe-me levantar.

Jem hesitou.

— Juro pelo nome de Raziel — assegurou Will, entre os dentes. — Agora me deixe levantar.

Jem rolou para o lado e ficou de pé; Will deu um salto, e, sem olhar para Tessa, saiu correndo — não em direção à casa, mas para longe dela, mirando a criatura mecânica no cume. Jem cambaleou por um instante, boquiaberto, praguejou e disparou atrás dele.

— *Jem*! — gritou Tessa. Mas ele já estava praticamente fora de alcance auditivo, perseguindo Will. O autômato tinha desaparecido de vista. Tessa disse uma palavra que nenhuma dama deveria dizer, levantou as saias e seguiu Jem.

Não foi fácil correr por uma colina úmida de Yorkshire com saias pesadas e espinheiros ferindo-a durante o percurso. Os treinos com as roupas apropriadas ajudaram-na a perceber por que os homens conseguiam se mover de maneira tão rápida e desimpedida, e correr tão depressa. O material do vestido pesava uma tonelada, os saltos prendiam em pedras, e o corpete a deixava desconfortavelmente sem fôlego.

Quando chegou ao topo, foi bem a tempo de ver Jem, muito à frente, desaparecendo em um bosque escuro. Desesperada, Tessa olhou em volta, mas não conseguiu enxergar nem a estrada, nem a carruagem de Starkweather. Com o coração acelerado, foi atrás dele.

O bosque era amplo, estendendo-se ao longo da cadeia de montanhas. Assim que Tessa foi para o meio das árvores, a luz desapareceu; espessos galhos de árvores entrelaçados acima dela bloqueavam o sol. Sentindo-se como a Branca de Neve desaparecendo floresta adentro, ela olhou em volta desamparada em busca de um sinal do paradeiro dos meninos — arbustos quebrados, folhas pisadas — e notou um brilho metálico quando o autômato saltou do espaço escuro entre duas árvores para cima dela.

Tessa gritou, dando um salto para fugir, imediatamente tropeçando nas saias. Caiu de costas, batendo doloridamente na terra lamacenta. A criatura atacou

com um dos seus longos braços de inseto. Ela rolou de lado, e o metal cortou o chão perto dela. Havia um galho de árvore caído a seu lado; seus dedos o alcançaram, se fecharam ao redor, e o levantaram exatamente quando a criatura a atacou com o outro braço. Ela colocou o galho entre eles, concentrando-se nas lições de luta e bloqueio que havia recebido de Gabriel.

Mas era apenas um galho. O golpe do autômato o partiu em dois. A ponta do braço se abriu em uma garra metálica de dedos múltiplos e mirou a garganta de Tessa. Mas antes que pudesse tocá-la, ela sentiu um forte bater de asas em sua clavícula. Era o seu anjo. Ela permaneceu deitada, congelada, quando a criatura puxou a garra para trás, de onde vazava um líquido negro por um de seus "dedos". No instante seguinte, o autômato soltou um grito agudo e caiu para trás, e mais líquido preto vazou do buraco que havia sido cortado em seu peito.

Tessa se sentou, os olhos arregalados fixos na criatura.

Will parado ali, com uma espada na mão, o cabo manchado de preto. A cabeça estava descoberta, e os volumosos cabelos pretos, emaranhados, cheios de folhas e pedaços de grama. Jem estava ao lado, com uma pedra de luz enfeitiçada brilhando entre os dedos. Enquanto Tessa assistia, Will manejou a espada novamente, cortando o autômato praticamente ao meio. A criatura sucumbiu ao chão lamacento. Seu interior era uma confusão horrenda, com tubos e fios de aparência terrivelmente biológica.

Jem levantou os olhos. O olhar encontrou o de Tessa. O dele era prateado como um espelho. Will, apesar de tê-la salvado, não parecia notar que ela estava ali. Ele puxou o pé para trás e deu um chute forte na lateral metálica da criatura. A bota tilintou contra o metal.

— Conte-nos — falou Will com os dentes cerrados. — O que está fazendo aqui? Por que está nos seguindo?

A boca de lâmina do autômato se abriu. Ao falar, a voz soou como o chiado e o rangido de um maquinário defeituoso.

— *Eu... sou... um... aviso... do Magistrado*.

— Um aviso para quem? Para a família no solar? Responda! — Will parecia

prestes a chutar a criatura outra vez; Jem colocou uma das mãos no ombro do amigo.

— Ele não sente dor, Will — disse, com a voz baixa. — E diz que tem um recado. Permita que o entregue.

— *Um aviso... a você, Will Herondale... e a todos os Nephilim...* — A voz da criatura enfraqueceu. — O *Magistrado diz... que devem encerrar a investigação. O passado... é passado. Deixe o de Mortmain enterrado, ou sua família pagará o preço. Não ouse se aproximar ou alertá-los. Se o fizer, eles serão destruídos.*

Jem estava olhando para Will, que continuava pálido, embora suas bochechas ardessem de ódio.

— Como foi que Mortmain trouxe minha família até aqui? Ele os ameaçou? O que fez?

A criatura chiou e estalou, em seguida começou a falar outra vez.

— *Eu... sou... um... aviso... do...*

Will rosnou como um animal e o atacou com a espada. Tessa se lembrou de Jessamine, no Hyde Park, reduzindo uma criatura do Povo das Fadas a farrapos com uma delicada sombrinha. Will cortou o autômato até que este não passasse de tiras metálicas. Jem, jogando os braços ao redor do amigo e puxando-o com força para trás, finalmente o conteve.

— Will — disse. — Will, chega. — Ele levantou os olhos, e os outros dois seguiram seu olhar. Ao longe, através das árvores, outras formas se moviam. Mais autômatos. — Precisamos ir — disse Jem. — Se queremos afastá-los, levá-los para longe da sua família, precisamos ir.

Will hesitou.

— Will, você sabe que não pode se aproximar deles — disse Jem, desesperadamente. — Se não aceita os outros motivos, então pela Lei. Se formos responsáveis por levar o perigo a eles, a Clave não irá ajudá-los de forma alguma. Eles não são mais Caçadores de Sombras. *Will.*

Lentamente Will deixou o braço cair na lateral do corpo. Ele ficou parado, com um dos braços de Jem ainda em seu ombro, olhando para a pilha de lixo

metálico a seus pés. Líquido negro pingava da espada que pendia de sua mão, sujando a grama.

Tessa soltou o ar. Até aquele momento, não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Will deve tê-la ouvido, pois levantou a cabeça e seu olhar encontrou o dela através da clareira. Alguma coisa a fez desviar. Uma agonia tão crua não era para os olhos dela.

Por fim, esconderam os restos do autômato destruído o mais depressa possível, enterrando-os na terra macia sob um tronco apodrecido. Tessa ajudou da melhor maneira possível, atrapalhada pelas saias. Quando acabaram, ela estava com as mãos pretas de sujeira e lama, assim como os rapazes.

Nenhum deles falou; trabalharam em um estranho silêncio. Quando acabaram, Will liderou o caminho para fora do bosque, guiado pela luz enfeitiçada da pedra de Jem. Saíram da mata quase na estrada, onde a carruagem de Starkweather esperava, com Gottshall cochilando em seu assento, como se apenas poucos instantes tivessem se passado desde que chegaram.

Se a aparência dos três — sujos, manchados de lama e com folhas nos cabelos — surpreendeu de alguma forma o velho, ele não demonstrou, e sequer perguntou se tinham encontrado o que foram procurar. Apenas resmungou uma saudação e esperou que embarcassem antes de sinalizar, com um estalo de língua, para que os cavalos virassem e iniciassem a longa jornada de volta a York.

As cortinas no interior da carruagem estavam abertas; o céu, carregado com nuvens escuras, pressionando o horizonte.

— Vai chover — disse Jem, tirando os cabelos prateados e molhados dos olhos.

Will não falou nada. Ficou olhando pela janela. Os olhos da cor do mar Ártico à noite.

— Cecily — disse Tessa com um tom muito mais suave do que o que vinha falando com Will nos últimos dias. Ele parecia tão triste, tão sem vida e desolado quanto os pântanos pelos quais estavam passando. — Sua irmã... ela se parece

com você.

Will permaneceu em silêncio. Tessa, ao lado de Jem no assento duro, estremeceu um pouco. Suas roupas estavam úmidas por causa da terra molhada e dos galhos, e o interior da carruagem estava frio. Jem esticou o braço para baixo, encontrando um cobertor de lã esfarrapado e o ajeitou sobre eles dois. Dava para sentir o calor que irradiava do corpo dele, como se Jem estivesse febril, e lutou contra o impulso de chegar mais perto e se aquecer.

— Está com frio, Will? — perguntou Tessa, mas ele apenas balançou a cabeça, os olhos ainda fixos, sem na verdade enxergar nada da paisagem que passava. Ela olhou para Jem em desespero.

Jem se pronunciou, com a voz clara e direta.

— Will — disse ele. — Pensei... pensei que sua irmã estivesse morta.

Will desgrudou os olhos da janela e olhou para os dois. Quando sorriu, foi pavoroso.

— Minha irmã *está* morta — respondeu.

E foi tudo que disse. Seguiram em silêncio durante todo o resto do caminho para York.

Como quase não tinha dormido na noite anterior, Tessa ficou cochilando e acordando durante todo o trajeto até a estação de York. Confusa, ela saltou da carruagem e seguiu os demais até a plataforma de Londres. Chegaram atrasados e quase perderam o trem; Jem segurou a porta aberta para ela e Will enquanto ambos subiam os degraus e entravam no compartimento atrás dele. Mais tarde ela se lembraria da aparência dele, segurando a porta, sem chapéu, chamando os dois, e se lembraria de ter olhado pela janela do trem enquanto este se afastava, de ter visto Gottshall na plataforma olhando para eles com aqueles olhos escuros e perturbadores, com o chapéu abaixado. Todo o resto foi um borrão.

Não houve conversa nessa viagem de volta, e enquanto o trem atravessava o caminho cada vez mais escurecido pelas nuvens, apenas silêncio. Tessa apoiou o queixo na palma da mão, embalando a cabeça contra o vidro duro da janela.

Colinas verdes passaram voando, e pequenas cidadezinhas e vilarejos, cada qual com sua própria estação, cujos nomes se destacavam em letras douradas sobre placas vermelhas. Pináculos de igreja erguiam-se ao longe, cidades surgiam e desapareciam, e Tessa percebeu Jem sussurrando para Will, em latim, *me specta, me specta*, mas Will não respondia. Mais tarde notou que Jem havia deixado o compartimento e olhou para Will através do pequeno espaço cada vez mais escuro entre eles. O sol tinha começado a baixar, conferindo um brilho rosado à pele dele, desmentindo o vazio em seus olhos.

— Will — disse ela suavemente, sonolenta. — Ontem à noite... — *Você foi gentil comigo,* Tessa ia dizer. *Obrigada*.

O olhar azul dele a apunhalou.

— Ontem à noite não aconteceu — respondeu através de dentes cerrados.

Com isso, ela se sentou, quase acordada.

— Ah, é mesmo? Passamos direto de uma tarde para a manhã seguinte? Que estranho ninguém ter notado. Deve ser uma espécie de milagre, um dia sem noite...

— Não me teste, Tessa. — As mãos de Will estavam cerradas sobre os joelhos, as unhas, cheias de sujeira, enterradas no tecido das calças.

— Sua irmã está viva —disse ela, sabendo muito bem que o estava provocando. — Não deveria ficar satisfeito?

Ele empalideceu.

— *Tessa*... — começou a dizer, inclinando-se para a frente, como se pretendesse fazer algo que ela nem podia imaginar: atacar a janela e quebrá-la, sacudi-la pelos ombros ou segurá-la como se jamais fosse soltá-la. Com ele era sempre um espanto, não era? Então a porta do compartimento se abriu, e Jem entrou, trazendo um pano úmido.

Ele olhou de Will para Tessa e ergueu as sobrancelhas prateadas.

— Um milagre — comentou. — Conseguiu fazê-lo falar.

— Só para gritar comigo, na verdade — disse Tessa. — Não foi exatamente uma multiplicação de pães e peixes.

Will havia se voltado novamente para a janela e não olhou para nenhum dos dois enquanto conversavam.

— É um começo — observou Jem, sentando-se ao lado de Tessa. — Aqui. Dê-me suas mãos.

Surpresa, ela estendeu as mãos para ele — e ficou horrorizada. Estavam imundas, as unhas rachadas e quebradas, cheias da sujeira de quando havia cavado a terra em Yorkshire. Havia até mesmo arranhões, com um pouquinho de sangue nas juntas, apesar de Tessa não se lembrar de tê-los sofrido.

Não eram as mãos de uma dama. Pensou nas de Jessamine, perfeitas e rosadas.

— Jessie ficaria horrorizada — observou, lamentosa. — Diria que estou com as mãos de uma criada.

— E o que, em nome de Deus, há de errado nisso? — perguntou Jem, enquanto limpava gentilmente as mãos da moça. — Eu a vi correndo atrás de nós, e daquele autômato. Se Jessamine não aprendeu até agora que existe honra no sangue e na sujeira, não aprenderá nunca.

O tecido frio produziu uma sensação agradável em seus dedos. Ela olhou para Jem, que estava concentrado na tarefa, os cílios eram uma cortina prateada.

— Obrigada — falou. — Duvido que eu tenha ajudado em alguma coisa, devo até ter atrapalhado, mas obrigada mesmo assim.

Ele sorriu para ela, o sol surgindo por trás das nuvens.

— É para isso que estamos treinando você, não é?

Tessa baixou a voz.

— Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido? Por que a família de Will estaria morando na casa que já pertenceu a Mortmain?

Jem olhou para Will, que continuava encarando a janela, amargamente. Já tinham entrado em Londres, e prédios cinzentos começavam a se erguer ao redor deles, em ambos os lados. O olhar que Jem dirigiu a Will foi um olhar de cansaço e afeição, um gesto familiar. Tessa percebeu que, apesar de sempre tê-los imaginado como irmãos, sempre pensara em Will como sendo o mais velho, o

que cuidava, e Jem como o mais novo, mas a realidade era muito mais complexa do que isso.

— Não sei — respondeu —, mas me faz pensar que o jogo que Mortmain está executando é longo. De algum jeito ele sabia exatamente aonde nossas investigações nos levariam e providenciou este... encontro... para nos chocar o máximo possível. Ele queria nos lembrar quem é que está no poder.

Tessa estremeceu.

— Não sei o que ele quer de mim, Jem — disse Tessa com a voz baixa. — Quando ele me contou que me fez, foi como se estivesse dizendo que poderia me desfazer com a mesma facilidade.

O braço caloroso de Jem tocou o dela.

— Você não pode ser desfeita — disse, com suavidade. — E Mortmain a subestima. Eu vi como utilizou aquele galho contra o autômato...

— Não foi o suficiente. Se não fosse meu anjo... — Tessa tocou o pingente na garganta. — O autômato recuou quando tocou nele. Outro mistério que não entendo. O pingente já me protegeu antes, e de novo agora, mas em outras situações fica adormecido. É tão misterioso quanto minha capacidade.

— A qual, felizmente, você não precisou utilizar para se Transformar em Starkweather. Ele pareceu feliz em simplesmente nos fornecer os arquivos dos Shade.

— Ainda bem — disse Tessa. — Eu não estava nem um pouco ansiosa pela Transformação. Ele parece um homem tão amargo e desagradável. Mas se algum dia for preciso... — Ela retirou algo do bolso e mostrou para Jem. — Um botão — disse, presunçosamente. — Caiu do punho do casaco dele hoje de manhã, e eu peguei.

Jem sorriu.

— Muito inteligente, Tessa. Eu sabia que ficaria feliz por tê-la trazido conosco...

Uma tosse o interrompeu. Tessa o olhou alarmada, e até Will despertou do desânimo silencioso, virando-se para olhar Jem com olhos cerrados. Jem tossiu

novamente, a mão pressionando a boca, mas ao retirá-la, não havia sangue. Tessa viu os ombros de Will relaxarem.

— Só um pouco de poeira na garganta — garantiu Jem. Ele não parecia doente, só muito cansado, como se a exaustão só servisse para ressaltar a delicadeza de suas feições. A beleza de Jem não ardia como a de Will, em cores vivas e fogo reprimido, mas tinha sua perfeição muda e peculiar, o encanto da neve caindo contra um céu cinza-prateado.

— Seu anel! — Ela enrijeceu a coluna subitamente ao se lembrar de que ainda estava com ele. Guardou o botão de volta no bolso, em seguida esticou a mão para retirar o anel Carstairs. — Pretendia devolver antes — falou, colocando o círculo prateado na palma dele. — Esqueci...

Ele curvou os dedos ao redor dos dela. Apesar dos pensamentos envolvendo neve e céus cinzentos, as mãos de Jem eram surpreendentemente calorosas.

— Tudo bem — disse ele, com a voz baixa. — Gostei de como ele fica em você.

Tessa sentiu-se corar. Antes que pudesse responder, o apito do trem soou. Vozes gritaram informando que estavam em Londres, na estação King's Cross. O trem começou a desacelerar quando a plataforma se tornou visível. O tumulto da estação investiu contra os ouvidos de Tessa, além do barulho do trem freando. Jem falou alguma coisa, mas as palavras se perderam em meio ao barulho; soou como um aviso, mas Will já estava de pé, a mão alcançando a fechadura da porta. Ele a abriu e saltou. Se não fosse um Caçador de Sombras, pensou Tessa, teria caído, e feio, mas sendo um, simplesmente aterrissou levemente e começou a correr, abrindo caminho em meio aos encarregados de organizar a multidão, aos viajantes habituais, aos aristocratas que iam para o norte para passar o final de semana, com suas bagagens enormes e seus cães nas coleiras, aos vendedores de jornal, aos batedores de carteira, comerciantes e todos os demais indivíduos que formavam o tráfego humano na grande estação.

Jem estava de pé, esticando a mão para a porta, mas virou para trás e olhou para Tessa, que viu uma expressão passar pelo rosto do rapaz, revelando que ele

tinha percebido que, se corresse atrás de Will, Tessa não conseguiria acompanhar. Com mais uma longa olhada para a menina, ele fechou a porta e sentou-se no lugar diante dela enquanto o trem parava.

— Mas Will... — ela começou.

— Ele vai ficar bem — respondeu Jem, com convicção. — Sabe como ele é. Às vezes só quer ficar sozinho. E duvido que queira participar do relato das experiências do dia para Charlotte e os outros. — Já que ela continuou a encará-lo, ele repetiu, suavemente: — Will sabe cuidar de si, Tessa.

Ela pensou no olhar frio de Will ao falar com ela, mais desolado do que os pântanos que deixaram para trás em Yorkshire. Torceu para que Jem estivesse certo.

7
A Maldição

A maldição de um órfão arrastaria para o inferno
Um espírito elevado;
Mas oh! pior do que isso
É a maldição no olho de um morto!
Sete dias, sete noites, essa maldição eu vi.
E mesmo assim, sobrevivi.
— Samuel Taylor Coleridge, "*The Rime of the Ancient Mariner*"

Magnus ouviu o barulho da porta da frente se abrindo e o subsequente ruído de vozes alteradas e pensou imediatamente: *Will*. E em seguida divertiu-se por ter pensado isso. O Caçador de Sombras estava se tornando uma espécie de parente irritante, concluiu ao dobrar uma página do livro que estava lendo — *Diálogos dos Deuses*, de Luciano; Camille ficaria furiosa por ele ter feito uma orelha no livro dela —, alguém cujos hábitos você conhecia bem, mas não podia mudar. Alguém cuja presença se reconhece pelo ruído dos sapatos no corredor. Alguém que se sentia livre para discutir com o lacaio que, por sua vez, tinha recebido ordens para dizer a todos que você não estava em casa.

A porta da sala se escancarou e Will ficou na entrada, parecendo meio triunfante e meio destruído — um feito e tanto.

— Eu *sabia* que você estava aqui — anunciou, enquanto Magnus se

empertigava no sofá, colocando os pés no chão. — Agora, pode dizer a este... este morcego gigante para sair de cima de mim? — Apontou para Archer, o subjugado de Camille e lacaio temporário de Magnus, que de fato estava ao lado de Will. Em seu rosto, a expressão era reprovadora, mas pensando bem, estava sempre com essa expressão. — Diga a ele que quer me receber.

Magnus repousou o livro na mesa ao lado.

— Mas talvez eu não queira recebê-lo — disse, de maneira sensata. — Falei para Archer não deixar ninguém entrar, e não ninguém exceto você.

— Ele me ameaçou — disse Archer com a voz sibilante, não exatamente humana. — Irei contar para minha mestra.

— Vá fazer isso — disse Will, mas os olhos, azuis e ansiosos, estavam em Magnus. — Por favor. *Preciso* falar com você.

Maldito menino, pensou Magnus. Após um dia exaustivo removendo um feitiço de bloqueio de memória para um membro da família Penhallow, a única coisa que queria era descansar. Tinha parado de tentar ouvir os passos de Camille vindo pelo corredor, ou de esperar por um recado dela, mas mesmo assim preferia esse cômodo aos outros, onde o toque pessoal dela parecia permanecer nas rosas cheias de espinhos estampadas no papel de parede, no perfume fraco que emanava das cortinas. Ele estivera esperando ansiosamente por uma noite aos pés da lareira — uma taça de vinho, um livro e a absoluta solidão.

Mas agora cá estava Will Herondale, com uma expressão que parecia um estudo sobre a dor e o desespero, querendo a ajuda de Magnus. Realmente precisava fazer alguma coisa em relação a esse irritante impulso solidário de prestar assistência aos desesperados, pensou Magnus. E também quanto sua fraqueza por olhos azuis.

— Muito bem — disse, dando um suspiro martirizado. — Pode ficar e falar comigo. Mas vou logo avisando, não invocarei nenhum demônio. Não antes do jantar. A não ser que tenha encontrado alguma espécie de prova...

— Não. — Will entrou na sala com um gesto ávido, fechando a porta na cara

de Archer. Ele esticou o braço e a trancou, só para garantir, e foi até a lareira. Estava frio *mesmo* lá fora. O pedacinho visível da janela que não estava bloqueado por cortinas mostrava a praça escurecendo sob um crepúsculo enegrecido, com folhas dançando ao vento gelado. Will retirou as luvas, colocou-as sobre a lareira e esticou as mãos para perto da chama. — Não quero que invoque demônios.

— Hum — Magnus colocou os pés em cima da mesa de madeira em frente ao sofá, outro gesto que teria enfurecido Camille, caso ela estivesse lá. — É uma boa notícia, suponho...

— Quero que você me envie para lá. Para os reinos demoníacos.

Magnus engasgou.

— Quer que eu faça *o quê*?

O perfil de Will estava escuro contra o fogo bruxuleante.

— Que crie um portal para os mundos demoníacos e me envie por ele. Pode fazer isso, não pode?

— Isso é magia negra — respondeu Magnus. — Não chega a ser necromancia, mas...

— Ninguém precisa saber.

— Jura? — O tom de Magnus era amargo. — Essas coisas acabam escapando. E se a Clave descobrir que enviei um de seus integrantes, o mais promissor, para ser destruído por demônios em outra dimensão...

— A Clave não me considera promissor. — A voz de Will soou fria. — Não sou promissor. Não sou nada e nunca serei. Não sem sua ajuda.

— Estou começando a me perguntar se você não foi mandado para me testar, Will Herondale.

Will soltou uma risada áspera.

— Por Deus?

— Pela Clave. Que pode muito bem ser Deus. Talvez só queiram descobrir se estou disposto a transgredir a Lei.

Will virou-se para encará-lo.

— Estou falando muito sério — disse. — Não é nenhum teste. Não posso continuar assim, invocando demônios a esmo, sem nunca encontrar o certo, esperança infinita, decepção infinita. Cada alvorecer é mais negro que o do dia anterior, e eu vou perdê-la para sempre se você...

— Perdê-*la*? — A mente de Magnus acelerou com isso; empertigou-se, cerrando os olhos. — Então *é* por causa de Tessa. Eu sabia que sim.

Will enrubesceu, uma onda de cor na palidez do rosto.

— Não é só ela.

— Mas você a ama.

Will o encarou.

— Claro que amo — respondeu, afinal. — Tinha achado que jamais amaria ninguém, mas amo Tessa.

— Esta maldição por acaso é algo que envolva eliminar sua capacidade de amar? Porque não faz o menor sentido, é bobagem. Jem é seu *parabatai*. Já vi você com ele. Você o ama, não ama?

— Jem é meu grande pecado — disse Will. — Não fale comigo sobre Jem.

— Não se pode falar com você sobre Jem, não se pode falar com você sobre Tessa. Quer que eu abra um portal para os mundos demoníacos e não quer conversar comigo e nem me revelar o porquê? Não abrirei, Will. — Magnus cruzou os braços sobre o peito.

Will apoiou uma das mãos no mantel da lareira. Estava imóvel, as chamas mostrando seus contornos, o perfil claro e belo, a graciosidade das mãos longas e esguias.

— Vi minha família hoje — falou, e em seguida se corrigiu rapidamente. — Minha irmã. Vi minha irmã mais nova. Cecily. Sabia que tinham sobrevivido, mas nunca pensei que fosse voltar a vê-los. Eles não podem se aproximar de mim.

— Por quê? — Magnus suavizou a voz; teve a sensação de que estava muito perto de alguma coisa, uma espécie de progresso com esse menino estranho, irritante, estragado, destruído. — O que eles fizeram de tão terrível?

— O que *eles* fizeram? — A voz de Will se elevou. — O que *eles* fizeram? Nada. Sou eu. Eu sou venenoso. Sou veneno para eles. Veneno para qualquer um que me ame.

— Will...

— Eu menti para você — disse Will, se afastando subitamente do fogo.

— Chocante — murmurou Magnus, mas Will já tinha ido, mergulhando dentro das próprias lembranças, o que talvez fosse melhor. Tinha começado a caminhar de um lado para o outro, arrastando as botas pelo precioso tapete persa de Camille.

— Você sabe o que lhe contei. Eu estava na biblioteca na casa dos meus pais em Gales. Era um dia chuvoso, eu estava entediado, olhando as coisas velhas do meu pai. Ele guardava alguns pertences de sua antiga vida como Caçador de Sombras, coisas das quais não queria se desfazer por questões sentimentais, suponho. Uma estela velha, apesar de na época eu não saber o que era aquilo, e uma pequena caixa gravada dentro de uma gaveta falsa na mesa. Imagino que ele tenha achado que nos manter afastados seria o bastante, mas nada é suficiente para manter longe crianças curiosas. Claro que a primeira coisa que fiz ao achar a caixa foi abri-la. Uma bruma saiu do interior em uma rajada de vento, formando um demônio vivo quase instantaneamente. Assim que vi a criatura, comecei a gritar. Eu tinha apenas 12 anos. Nunca tinha visto nada parecido. Enorme, mortal, cheio de dentes afiados e uma cauda de espetos. E eu não tinha nada. Nenhuma arma. Quando a criatura rugiu, eu caí no chão. A coisa estava pairando sobre mim, sibilando. Então minha irmã entrou.

— Cecily?

— Ella, minha irmã mais velha. Trazia algo brilhante na mão. Agora sei o que era: uma lâmina serafim. Na época eu não fazia ideia. Gritei para ela sair, mas ela se colocou entre mim e a criatura. Minha irmã não teve medo em absoluto. Nunca tivera. Nunca tivera medo de escalar a árvore mais alta, montar o cavalo mais arisco, e não teve medo nenhum ali, na biblioteca. Ordenou que a criatura saísse. A coisa estava pairando como um inseto grande e horroroso. Ela disse:

“Está banido por mim.” E o demônio riu.

Claro que faria isso. Magnus sentiu um estranho misto de pena e admiração pela menina, que não foi criada para saber nada sobre demônios, sobre como invocá-los ou bani-los, e mesmo assim teve a firmeza de tentar.

— O demônio riu e sacudiu a cauda, derrubando-a no chão. E em seguida fixou os olhos em mim. Eram inteiramente vermelhos, sem nenhum pedaço branco. E falou: “Eu destruiria seu pai, mas como ele não está aqui, terá de ser você mesmo.” Como eu estava em estado de choque, a única coisa que consegui fazer foi ficar olhando. Ella estava engatinhando pelo tapete, tentando alcançar a lâmina serafim. “Eu o amaldiçoo”, disse a criatura. “Todos que amarem você morrerão. O amor deles será a própria destruição. Pode ser que leve instantes, pode ser que leve anos, mas qualquer um que olhá-lo com amor vai morrer por isso, a não ser que você se afaste deles para sempre. E vou começar por *ela*.” Ele rosnou na direção de Ella, e desapareceu.

Magnus estava fascinado, apesar de tudo.

— E ela caiu morta?

— Não. — Will continuava andando de um lado para o outro. Tirou o casaco, jogando-o sobre uma cadeira. Seus cabelos, um tanto compridos, começavam a encaracolar com o calor irradiado por seu corpo, misturado ao do fogo; fios grudavam em sua nuca. — Ela não se feriu. E me pegou nos braços. Foi *ela* que *me* confortou. Afirmou que as palavras do demônio não significavam nada. Admitiu que tinha lido alguns dos livros proibidos da biblioteca e que foi dessa forma que descobriu o que era uma lâmina serafim e como utilizá-la. E descobriu que a coisa que eu abri chamava-se Pyxis, apesar de não ter ideia de por que meu pai teria guardado uma. Ela me fez prometer que eu não tocaria em nada dos meus pais novamente, a não ser que ela estivesse presente, e depois me levou para a cama e ficou lendo para mim até eu dormir. Acho que eu estava exausto com o choque de tudo aquilo. Lembro-me de a ter ouvido murmurar para minha mãe algo sobre eu ter passado mal enquanto ela estava fora, alguma febre de criança. Àquela altura eu já estava gostando da atenção gerada por

aquilo, e o demônio já se transformara em uma lembrança interessante. Lembro-me de planejar uma forma de contar tudo para Cecily, sem admitir, é claro, que Ella tinha me salvado enquanto eu gritava feito uma criança...

— Você *era* uma criança — observou Magnus.

— Tinha idade o bastante — disse Will. — O suficiente para entender o significado de ter sido acordado na manhã seguinte com minha mãe uivando de dor. Ela estava no quarto de Ella, que estava morta na cama. Fizeram o melhor possível para me manter longe, mas eu vi o que precisava. Ela estava inchada, verde-escura como algo que tivesse apodrecido por dentro. Não parecia mais minha irmã. Não parecia mais *humana*.

"Eu sabia o que tinha acontecido, mesmo que eles não soubessem. '*Todos os que amarem você morrerão. E vou começar por ela.*' Era a maldição funcionando. Naquele instante soube que precisaria me afastar deles, de toda a minha família, antes que lhes causasse o mesmo mal. Parti naquela noite, seguindo o caminho para Londres."

Magnus abriu a boca, em seguida fechou-a novamente. Pela primeira vez não sabia o que dizer.

— Então, como pode ver — explicou Will —, minha maldição não pode ser chamada de bobagem. Já a vi em ação. E desde aquele dia tenho me esforçado para me certificar de que o que aconteceu com Ella não aconteça com mais ninguém em minha vida. Consegue imaginar? Consegue? — Passou as mãos pelos cabelos, deixando que mechas caíssem sobre os olhos. — Nunca deixar ninguém se aproximar. Fazer com que qualquer pessoa que possa amá-lo passe a odiá-lo. Saí de casa para ficar longe da minha família, para que pudessem me esquecer. Todos os dias preciso ser cruel com aqueles com quem escolhi morar, a fim de que não passem a sentir muita afeição por mim.

— Tessa... — Subitamente, a cabeça de Magnus se encheu com a imagem da menina de rosto sério e olhos cinzentos, que olhava para Will como se ele fosse o sol nascendo no horizonte. — Acha que ela não o ama?

— Acho que não. Fui cruel o bastante com ela — A voz de Will era uma

combinação de desgraça, tristeza e ódio de si mesmo. — Acredito que em algum momento ela quase tenha... Achei que ela estivesse morta, entenda, e então mostrei a ela... Falei o que sentia. Acho que ela retribuiu meus sentimentos depois disso. Mas eu arrasei Tessa, da forma mais brutal que pude. Imagino que agora ela simplesmente me odeie.

— E Jem... — disse Magnus, temendo a resposta, sabendo qual era.

— Jem está morrendo independentemente disso — respondeu Will, com a voz embargada. — Jem foi o que me permiti. Digo a mim mesmo que se ele morrer não foi culpa minha. Ele já está morrendo de qualquer jeito, e sofrendo. Pelo menos a morte de Ella foi rápida. Talvez através de mim ele possa receber uma boa morte. — Levantou os olhos, arrasado, encontrando o olhar acusatório de Magnus. — Ninguém pode viver sem nada — sussurrou. — Jem é tudo que tenho.

— Deveria ter contado a ele — disse Magnus. — Ele teria escolhido ser seu *parabatai* mesmo assim, mesmo conhecendo os riscos.

— Não posso sobrecarregá-lo com essa informação! Ele guardaria segredo se eu pedisse, mas seria um sofrimento para ele... E a dor que causo a outros só o machucaria mais. E se eu contasse a Charlotte, Henry e ao resto que meu comportamento é falso, que todas as crueldades que já fiz e disse a eles é mentira, que vago pelas ruas apenas para dar a impressão de que andei bebendo e com prostitutas, quando na verdade não tenho vontade de fazer nada disso, não conseguiria mais afastá-los.

— E por isso nunca revelou a ninguém esta maldição? Ninguém além de mim, desde os 12 anos de idade?

— Não pude — explicou Will. — Como poderia ter certeza de que não se apegariam a mim depois que soubessem a verdade? Uma história como essa pode suscitar pena, pena pode se transformar em afeto, e depois...

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Não está preocupado comigo?

— Que você possa me *amar*? — Will soou verdadeiramente espantado. —

Não, porque você odeia os Nephilim, não é? E, além disso, suponho que vocês, feiticeiros, disponham de métodos de proteção contra emoções indesejadas. Mas pessoas como Charlotte, como Henry, se soubessem que a personalidade que apresento é falsa, se conhecessem meu verdadeiro coração... podem acabar gostando de mim.

— E então morreriam — completou Magnus.

Charlotte afastou as mãos do rosto, lentamente.

— E vocês não fazem ideia de onde ele esteja? — perguntou pela terceira vez. — Will simplesmente... sumiu?

— Charlotte. — A voz de Jem era tranquilizadora. Estavam na sala de estar, com seu papel de parede de flores e vinhas. Sophie atiçava o fogo, remexendo as brasas para despertar mais chamas do carvão; Henry, acomodado atrás da escrivaninha, brincava com instrumentos de cobre; Jessamine estava no divã; e Charlotte, em uma poltrona perto da lareira. Tessa e Jem mantinham-se sentados de forma ligeiramente cerimoniosa no sofá, um ao lado de outro, o que fez com que Tessa se sentisse uma convidada. Sentia-se empanturrada com os sanduíches que Bridget havia trazido em uma bandeja, e com o chá, cujo calor lentamente descongelava tudo por dentro dela. — Não é como se isso fosse incomum. Quando é que sabemos aonde Will vai à noite?

— Mas isto é diferente. Ele viu a família, ou pelo menos a irmã. Oh, pobre Will! — A voz de Charlotte tremia de ansiedade. — Achei que talvez ele finalmente tivesse começando a se esquecer deles...

— Ninguém se esquece da própria família — observou Jessamine, rispidamente. Estava sentada no divã, com um cavalete de tinta e papéis diante de si. Recentemente havia decidido que estava atrasada quanto ao domínio das artes de donzela e começara a pintar, cortar silhuetas, prensar flores em tecidos e tocar piano na sala de música, apesar de Will ter dito que a voz dela lembrava Coroinha em um de seus dias particularmente mal-humorados.

— Bem, não, claro que não — disse Charlotte. apressadamente —, mas talvez

a pessoa consiga passar a viver sem a lembrança constante, sem essa espécie horrorosa de peso sobre si.

— Como se fôssemos saber o que fazer com Will se ele não fosse mórbido todo o tempo — disse Jessamine. — De qualquer forma, ele certamente não gostava tanto assim da família, ou não os deixaria para trás.

Tessa engasgou discretamente.

— Como pode dizer isso? Você não sabe por que ele se afastou. Não viu o rosto dele no Solar Ravenscar...

— Solar Ravenscar — Charlotte olhava fixamente para a lareira. — De todos os lugares onde achei que pudessem ir...

— Bobagem — afirmou Jessamine, olhando furiosamente para Tessa. — Pelo menos a família dele está viva. Além disso, aposto que ele não estava nem um pouco triste; aposto que estava fingindo. Ele sempre está.

Tessa olhou para Jem, em busca de apoio, mas ele estava encarando Charlotte, com um olhar duro feito uma moeda de prata.

— Como assim — perguntou ele—, de todos os lugares onde achou que pudessem ir? Sabia que a família de Will tinha se mudado?

Charlotte começou a responder e suspirou.

— Jem...

— É importante, Charlotte.

Charlotte olhou para a latinha sobre a mesa, dentro dela havia suas balas de limão favoritas.

— Depois que os pais de Will vieram até aqui para vê-lo, quando ele tinha 12 anos, e ele os mandou embora... eu implorei para que Will conversasse com eles, só por um instante, mas ele não quis. Tentei fazê-lo entender que, se eles saíssem, talvez nunca mais os visse, e que eu jamais poderia dar notícias deles. Ele pegou minha mão e disse: “Por favor, apenas prometa que vai me contar se eles morrerem, Charlotte. Prometa.” — Ela olhou para baixo, com os dedos entrelaçando o tecido do vestido. — Foi um pedido tão estranho para um menino fazer. Eu... eu tive de concordar.

— Então tem investigado o bem-estar da família de Will? — perguntou Jem.

— Contratei Ragnor Fell para isso — respondeu Charlotte. — Durante os três primeiros anos. No quarto ano ele voltou e me contou que os Herondale tinham se mudado. Edmund Herondale, o pai de Will, tinha perdido a casa no jogo. Foi tudo que Ragnor conseguiu descobrir. Os Herondale foram forçados a se mudar. E ele não conseguiu mais encontrar nenhum rastro deles.

— E você contou isso para Will? — indagou Tessa.

— Não — Charlotte balançou a cabeça. — Ele me fez prometer que contaria se eles morressem, isso foi tudo. Para que aumentar a infelicidade dele dizendo que tinham perdido a casa? Ele nunca falou neles. Passei a ter a esperança de que pudesse ter esquecido...

— Nunca esqueceu. — Havia uma convicção nas palavras de Jem que conteve a movimentação nervosa dos dedos de Charlotte.

— Eu nunca devia ter concordado — disse Charlotte. — Nunca devia ter feito essa promessa. Foi uma contravenção da Lei...

— Quando Will realmente quer uma coisa — disse Jem, baixinho —, quando ele *sente* alguma coisa, ele pode partir um coração.

Fez-se silêncio. Os lábios de Charlotte estavam cerrados, os olhos, com um brilho suspeito.

— Ele disse alguma coisa sobre aonde estava indo quando saiu de King's Cross?

— Não — respondeu Tessa. — Chegamos e ele simplesmente levantou poeira... desculpe, desceu e saiu correndo — corrigiu-se, pois olhares confusos de todos a alertaram para o fato de que estava usando uma gíria dos Estados Unidos.

— Levantar poeira — disse Jem. — Gostei. Não, ele não disse nada, apenas abriu caminho pela multidão e sumiu. Quase derrubou Cyril, que vinha nos buscar.

— Nada disso faz o menor sentido — resmungou Charlotte. — Por que a família de Will estaria morando em uma casa que pertencia a Mortmain? E em

Yorkshire, dentre todos os lugares? Não foi para lá que achei que este caminho fosse levar. Buscamos Mortmain e encontramos os Shade; procuramos novamente e achamos a família de Will. Ele fica nos cercando, como aquele *ouroboros* amaldiçoado que o simboliza.

— Você já mandou Ragnor Fell investigar a família de Will antes — falou Jem. — Pode fazer isto outra vez? Se Mortmain está de alguma forma ligado a eles... por qualquer que seja o motivo...

— Sim, sim, é claro — respondeu Charlotte. — Vou escrever para ele imediatamente.

— Tem uma parte disso que eu não entendi — revelou Tessa. — O pedido por reparações foi feito em 1825, e a idade do autor estava listada como vinte e dois. Se ele tinha 22 anos naquela época, era para estar com 75 agora, e não parece. Talvez quarenta...

— Existem maneiras — explicou Charlotte, lentamente —, para mundanos que mexem com magia negra, de prolongar a própria vida. O tipo de feitiço, por sinal, que pode ser encontrado no Livro Branco. Razão pela qual a posse do Livro por alguém que não seja a Clave é considerada um crime.

— Toda aquela história do jornal, de Mortmain herdar uma empresa naval do pai — disse Jem. — Acha que ele fez o truque do vampiro?

— O truque do vampiro? — ecoou Tessa, tentando, em vão, se recordar de algo dessa natureza no *Códex*.

— É uma maneira que os vampiros têm de conservar o dinheiro através do tempo — disse Charlotte. — Quando passam tempo demais em um mesmo lugar, o suficiente para que as pessoas percebam que não envelhecem, forjam a própria morte e deixam a herança para um filho ou um sobrinho distante. E pronto, o sobrinho aparece, tendo uma notável semelhança com o pai ou o tio, mas lá está, e recebe o dinheiro. E às vezes fazem isso por várias gerações. Mortmain poderia muito bem ter deixado a empresa para si mesmo para disfarçar que não envelheceu.

— Então ele fingiu ser o próprio filho — disse Tessa. — O que também teria

lhe dado motivo para ser visto mudando os rumos da empresa, para voltar à Inglaterra e começar a se interessar por mecanismos e coisas do tipo.

— E provavelmente também foi por isso que deixou a casa em Yorkshire — disse Henry.

— Mas não explica por que ela foi ocupada pela família de Will — observou Jem.

— Ou onde Will está — acrescentou Tessa.

— Ou onde *Mortmain* está — disse Jessamine, com uma espécie de satisfação sombria. — Só faltam nove dias, Charlotte.

Charlotte colocou novamente a cabeça entre as mãos.

— Tessa — falou —, detesto pedir isto, mas é, afinal de contas, a razão pela qual a enviamos a Yorkshire, e não devemos deixar nada em aberto. Ainda está com o botão do casaco de Starkweather?

Sem falar nada, Tessa retirou o botão do bolso. Era redondo, prateado e perolado, estranhamente frio em sua mão.

— Quer que eu me Transforme nele?

— Tessa — Jem falou rapidamente. — Se não quiser, Charlotte... *nós*... jamais pediríamos.

— Eu sei — respondeu Tessa. — Mas ofereci e não retiraria minha palavra.

— Obrigada, Tessa — Charlotte pareceu aliviada. — Precisamos saber se ele está escondendo alguma coisa, se estava mentindo em relação a algum fragmento da história. Seu envolvimento no que aconteceu com os Shade...

Henry franziu o a testa.

— Será um dia sombrio aquele em que não puder confiar em um colega Caçador de Sombras, Lottie.

— Já é um dia sombrio, Henry, querido — respondeu Charlotte sem olhar para ele.

— Então não vai me ajudar — disse Will com a voz seca. Usando magia, Magnus havia aumentado o fogo na lareira. Ao brilho das chamas que saltavam, o

feiticeiro pôde ver mais detalhes de Will, os cabelos negros encaracolando perto da nuca, as delicadas maçãs do rosto e a mandíbula forte, a sombra projetada pelos cílios. Ele lembrava alguém; a memória se agitou no fundo da mente de Magnus, recusando-se a se tornar clara. Após tantos anos, às vezes era difícil alcançar lembranças específicas, mesmo daqueles que havia amado um dia. Ele não se recordava mais do rosto da mãe, apesar de saber que ela era parecida com ele, uma mistura do avô holandês e da avó indonésia.

— Se seu conceito de "ajudar" envolve lançá-lo aos reinos demoníacos como um rato em uma arena cheia de cachorros, então não. Não ajudarei — respondeu Magnus. — Isto é loucura, você sabe. Vá para casa. Durma até passar.

— Não estou bêbado.

— É como se estivesse. — Magnus passou as duas mãos nos cabelos cheios e pensou, súbita e irracionalmente, em Camille. E ficou feliz. Aqui, nesta sala, com Will, ficara quase duas horas sem pensar nela. Um progresso. — Acha que é a única pessoa que perdeu alguém?

O rosto de Will se contorceu.

— Não faça soar desta forma. Como uma espécie comum de dor. Não é assim. Dizem que o tempo cura todas as feridas, mas isso presume que a fonte da dor é finita. Que está superada. Isto é uma ferida aberta todos os dias.

— Sim — disse Magnus, inclinando-se para trás, apoiando-se nas almofadas. — Esta é a questão das maldições, não é?

— Seria uma coisa se eu tivesse sido amaldiçoado de forma que todos a quem eu amasse morressem — disse Will. — Eu podia me impedir de amar. Mas impedir que os outros gostem de mim... é um processo inexato e exaustivo. — Ele realmente *soava* exausto, pensou Magnus, e dramático de um jeito que só alguém de 17 anos conseguia ser. Também duvidava da veracidade da declaração de Will, de que teria sido capaz de não amar, mas entendeu por que o menino tentava se convencer disso. — Preciso bancar outra pessoa o dia inteiro, todos os dias, amargo, vil e cruel...

— Eu gostava de você assim. E não me diga que você não se diverte nem um

pouquinho ao bancar o demônio, Will Herondale.

— Dizem que está no nosso sangue, essa espécie de temperamento amargo — falou Will, olhando para as chamas. — Ella tinha isso. E Cecily também. Eu nunca achei que tivesse, até descobrir que precisava. Aprendi boas lições sobre como ser odioso ao longo desses anos. Mas me sinto me perdendo... — procurou palavras. — Sinto-me diminuído, partes de mim sumindo na escuridão, a parte boa, honesta e verdadeira; se você as mantém longe por tempo o bastante, será que as perde de vez? Se ninguém se importa com você, será que você sequer existe?

Ele disse essa última parte tão suavemente que Magnus precisou se esforçar para ouvir.

— O quê?

— Nada. Algo que li uma vez. — Will se virou para ele. — Estaria sendo caridoso ao me enviar para os reinos demoníacos. Posso encontrar o que procuro. É minha única chance; e, de qualquer jeito, sem isso, minha vida não vale nada.

— Fácil dizer isso aos 17 anos — afirmou Magnus, sem qualquer frieza. — Você está apaixonado e acha que o mundo se resume a isto. Mas o mundo é maior que você, Will, e você pode ser necessário. Você é um Caçador de Sombras. Serve a uma causa maior. Sua vida não é sua para jogá-la fora.

— Então nada é meu — disse Will, e se afastou da lareira, cambaleando um pouco, como se realmente estivesse embriagado. — Se não sou dono nem da minha própria vida...

— Quem disse que lhe deviam felicidade? — perguntou Magnus suavemente, e mentalmente viu sua casa de infância, e a mãe se afastando dele com olhos assustados, e o marido, que não era seu pai, queimando. — E as coisas que devemos aos outros?

— Já dei tudo que tenho — respondeu Will, pegando o casaco da cadeira. — Já obtiveram o bastante de mim, e se é isso que tem a me dizer, então o mesmo vale para você, *feiticeiro*.

Disparou a última palavra como se fosse uma maldição. Arrependendo-se da própria dureza, Magnus começou a levantar-se, mas Will passou rapidamente por ele, em direção à porta, batendo-a atrás de si. Momentos mais tarde, Magnus o viu passar pela janela da frente, lutando para pôr o casaco enquanto andava, com a cabeça abaixada contra o vento.

Tessa estava sentada diante da penteadeira, usando um robe, e rolando o botão na palma da mão. Tinha pedido para ser deixada sozinha, para fazer o que Charlotte pediu. Não era a primeira vez que se transformava em homem; as Irmãs Sombrias já a haviam forçado a fazer isso mais de uma vez, e apesar de ser uma sensação peculiar, não era isso que a deixava relutante. Mas sim a escuridão que viu nos olhos de Starkweather, o leve toque de loucura em seu tom de voz ao listar os espólios que havia arrecadado. Não era uma mente que queria conhecer melhor.

Não precisava obedecer, pensou. Podia sair de lá e dizer que tinha tentado e fracassado. Mas mesmo enquanto a possibilidade cruzava sua mente, soube que não podia fazer isso. De algum modo, tinha passado a pensar em si mesma como alguém que deveria ser leal aos Caçadores de Sombras do Instituto. Eles protegeram-na, demonstraram sua bondade, ensinaram boa parte da verdade sobre o que ela era, e todos tinham o mesmo objetivo — encontrar Mortmain e destruí-lo. Pensou nos olhos amáveis de Jem, firmes, prateados e cheios de fé. Respirando fundo, fechou os dedos ao redor do botão.

A escuridão veio e a envolveu, embrulhando-a num silêncio frio. O ruído fraco do fogo estalando na lareira e do vento contra os painéis da janela desapareceram. Escuridão e silêncio. Sentiu o corpo se Transformar: as mãos estavam grandes e inchadas, impregnadas das dores da artrite. Suas costas doíam, a cabeça estava pesada, os pés latejando e doloridos, e tinha um gosto amargo na boca. Dentes podres, pensou, e sentiu-se mal, tão mal que teve de forçar a mente a voltar à escuridão que a cercava, procurando a luz, a conexão.

Veio, mas não como a luz habitual, firme como um farol. Veio em

fragmentos, como se visse um espelho partindo-se em pedaços. Cada um açoitando-a com uma imagem, alguns a uma velocidade assustadora. Viu um cavalo empinando, uma colina escura coberta de neve, a sala negra do Conselho da Clave, uma lápide rachada. Lutou para encontrar e capturar uma única imagem. Achou uma lembrança: Starkweather dançando em um baile com uma mulher de traje formal. Tessa a descartou, procurando outra:

A casa era pequena, aninhada nas sombras entre uma colina e outra. Starkweather observou a partir da escuridão de um bosque enquanto a porta da frente se abriu e um homem saiu. Mesmo na lembrança, Tessa sentiu o coração de Starkweather acelerar. O sujeito era alto, tinha ombros largos e pele verde como um lagarto. Seus cabelos eram negros. A criança que levava pela mão, em contraste, parecia normal como deveria ser — pequena, punhos gordinhos e pele rosada.

Tessa sabia o nome do sujeito, porque Starkweather sabia.

John Shade.

Shade pôs a criança nos ombros enquanto, pela porta da casa, saíam inúmeras estranhas criaturas metálicas, como bonecos infantis, mas em tamanho natural e com peles feitas de metal brilhante. As criaturas eram desprovidas de feições. Apesar de, estranhamente, usarem roupas — alguns, os pesados macacões de trabalho das fazendas de Yorkshire, outros, vestidos de pura musselina. Os autômatos juntaram as mãos e começaram a balançar como se estivessem em uma dança campestre. A criança riu e bateu palmas.

— Observe bem, meu filho — disse o homem de pele verde —, pois um dia governarei um reino mecânico formado por estas criaturas, e você será o príncipe.

— John! — Veio uma voz de dentro da casa; uma mulher se inclinou para fora da janela. Tinha cabelos longos da cor de um céu sem nuvens. — John, entre. Alguém pode ver! E você vai assustar o menino!

— Ele não está nem um pouco assustado, Anne. — O homem riu e colocou o menino no chão, afagando seu cabelo. — Meu pequeno príncipe mecânico.

A lembrança inflou o coração de Starkweather com uma onda de ódio tão violenta que libertou Tessa, levando-a novamente para a escuridão. O velho estava ficando senil, perdendo o fio que conectava pensamento e lembrança. O que ia e vinha em sua memória era aparentemente aleatório. Com esforço ela tentou visualizar a família Shade outra vez e vislumbrou o pedacinho de uma lembrança — um cômodo arrasado, rodas dentadas, motores, mecanismos e metal destruídos por todos os cantos, fluido vazando, negro como sangue, e o homem de pele verde e a mulher de cabelo azul deitados, mortos entre as ruínas. Então isso também desapareceu, e ela viu, repetidamente, o rosto da menina no retrato na escadaria — a criança de cabelos claros e expressão teimosa. Tessa a viu montando um pônei, com o rosto determinado, o cabelo voando ao vento — a viu gritando e se contorcendo de dor quando uma estela tocou sua pele e Marcas pretas mancharam sua alvura. E por último, Tessa viu o próprio rosto, aparecendo na escuridão sombria do Instituto de York, sentindo a onda do choque de Starkweather rasgá-la, tão intensamente que transformou o corpo dele no dela outra vez.

Ouviu um leve ruído quando o botão escorregou de sua mão e caiu no chão. Tessa levantou a cabeça e olhou para o espelho da penteadeira. Era ela outra vez, e o gosto amargo na boca agora vinha do sangue, já que tinha mordido o lábio.

Levantou-se, enjoada, e foi até a janela, abrindo-a para sentir o frio ar noturno na pele suada. A noite estava carregada de sombras; havia uma leve brisa, e os portões pretos do Instituto pareciam erguer-se diante dela, o lema dos Caçadores falando mais do que nunca sobre mortalidade e morte. Um indício de movimento chamou-lhe a atenção. Ela olhou para baixo e viu uma forma branca olhando para ela, sobre as pedras do quintal abaixo. Um rosto, contorcido, mas reconhecível. A sra. Dark.

Tessa engasgou e recuou em um reflexo, indo para longe do alcance visual da mulher. Uma onda de tontura a dominou. Ela afastou a sensação com violência, agarrando o parapeito e aproximando-se da janela outra vez, olhando para baixo com grande pavor...

Mas o quintal estava vazio, nada se movimentava nas sombras. Fechou os olhos e os abriu outra vez, lentamente. Então levou a mão ao pingente de anjo na garganta. Não tinha nada lá embaixo, apenas fragmentos de sua imaginação. Dizendo a si mesma que deveria controlar os próprios delírios, ou acabaria tão louca quanto o velho Starkweather, Tessa fechou a janela.

8
Uma Sombra na Alma

Oh, sutil e poderoso ópio! Que aos corações dos pobres e ricos, aos ferimentos que jamais se curarão, e às "dores que tentam o espírito a se rebelar" trazes um antídoto suave; eloquente ópio! Que com tua potente retórica afasta as causas da ira; e ao homem culpado por uma noite devolve a esperança da juventude e lava suas mãos do sangue.
— Thomas de Quincey, "*Confessions of an English Opium-Eater*"

Pela manhã, quando Tessa desceu para o café, descobriu para sua surpresa que Will não estava lá. Não percebera o quanto esperava que ele voltasse durante a noite e se pegou parada diante da porta, examinando os assentos em torno da mesa, como se de alguma forma pudesse não tê-lo notado. Só quando repousou os olhos em Jem, que retribuiu o olhar com uma expressão pesarosa e preocupada, foi que percebeu ser verdade. Will continuava desaparecido.

— Oh, ele vai voltar, pelo amor de Deus — falou Jessamine irritada, colocando a xícara de chá no pires. — Ele sempre volta para casa se arrastando. Olhem só para vocês. Como se tivessem perdido o cachorrinho preferido.

Tessa dirigiu a Jem um olhar culpado, quase conspiratório, ao sentar diante dele e pegar uma fatia de torrada. Henry estava ausente; Charlotte, à cabeceira, claramente tentava não parecer nervosa e preocupada, sem sucesso.

— Claro que vai —disse ela. — Will sabe se cuidar.

— Acha que ele pode ter voltado para Yorkshire? — perguntou Tessa. — Para alertar a família?

— Eu... acho que não — respondeu Charlotte. — Will evita a família há anos. E ele conhece a Lei. Sabe que não pode falar com eles. Sabe o que perderia. — Ela repousou brevemente os olhos em Jem, que estava brincando distraidamente com a colher.

— Quando ele viu Cecily, no solar, tentou correr para ela... — disse Jem.

— No calor do momento — disse Charlotte. — Mas voltou para Londres com vocês; estou confiante de que também voltará ao Instituto. Ele sabe que você está com aquele botão, Tessa. Vai querer descobrir o que Starkweather sabia.

— Muito pouco, na verdade — disse Tessa.

Ainda sentia-se incompreensivelmente culpada por não ter encontrado informações mais úteis nas lembranças de Starkweather. Tentara explicar a sensação de procurar algo em alguém cujo cérebro entrava em decadência, mas foi difícil achar as palavras e ela só se lembrava do olhar de decepção no rosto de Charlotte quando disse que não tinha descoberto nada de útil sobre o Solar Ravenscar. Tinha contado a eles todas as lembranças de Starkweather sobre a família Shade, e que, se de fato as mortes foram o que provocou o desejo de justiça e vingança em Mortmain, realmente parecia um desejo poderoso. Tinha guardado para si o choque do velho em vê-la, isso ainda era espantoso e parecia, de alguma forma, particular.

— E se Will decidir deixar a Clave para sempre? — perguntou Tessa. — Ele voltaria para a família para protegê-los?

— Não — respondeu Charlotte, com certa rispidez. — Não acho que fará isso. — *Ela sentiria a falta de Will se ele se fosse*, pensou Tessa, surpresa. Will era sempre tão desagradável, frequentemente com a própria Charlotte, que Tessa às vezes se esquecia do amor teimoso dela por seus encarregados.

— Mas se estão correndo perigo... — protestou Tessa, calando-se em seguida quando Sophie entrou carregando uma jarra de água quente. Charlotte se alegrou ao vê-la.

— Tessa, Sophie, Jessamine — disse ela. — Não se esqueçam, todas vocês têm treino daqui a pouco, com Gabriel e Gideon Lightwood.

— Não posso — respondeu Jessamine imediatamente.

— Por que não? Pensei que tivesse se recuperado da dor de cabeça...

— Sim, mas não quero que *volte*, não é mesmo? — Jessamine levantou-se apressadamente. — Prefiro ajudá-la, Charlotte.

— Não preciso de sua ajuda para escrever para Ragnor Fell, Jessie. Realmente prefiro que você aproveite o treinamento...

— Mas há dezenas de respostas se acumulando na biblioteca, dos integrantes do Submundo que questionamos sobre o paradeiro de Mortmain — argumentou Jessamine. — Poderia ajudá-la com elas.

Charlotte suspirou.

— Muito bem — voltou-se para Tessa e Sophie. — Enquanto isso, não digam nada aos meninos Lightwood sobre Yorkshire nem sobre Will. Para mim seria ótimo não tê-los no Instituto agora, mas não posso evitar. É uma prova de boa-fé e confiança dar continuidade ao treinamento. Precisam se comportar como se não houvesse nada de errado. Podem fazer isso, meninas?

— Claro que podemos, sra. Branwell — respondeu Sophie imediatamente. Seus olhos brilhavam quando sorria. Tessa suspirou por dentro, sem saber ao certo o que sentir. Sophie adorava Charlotte e faria qualquer coisa para agradá-la. Também detestava Will e provavelmente não se preocuparia com a ausência dele. Tessa olhou para Jem, do outro lado da mesa. Sentiu um vazio no estômago, a dor de não saber onde Will estava, e ficou imaginando se ele sentia o mesmo. O rosto normalmente expressivo do garoto permanecia ilegível, mas quando ele captou o olhar de Tessa, sorriu um sorriso suave e encorajador. Jem era *parabatai* de Will, seu irmão de sangue; certamente se houvesse algum motivo de preocupação no que se referia a Will, Jem não conseguiria esconder, conseguiria?

Da cozinha a voz de Bridget entoava um doce gorjeio:

Preciso estar presa enquanto solto estás

Preciso amar um homem que não me amará
Preciso suportar viver na solidão
De amar um homem que partirá meu coração?

Tessa chegou a cadeira para trás.

— É melhor eu ir me vestir.

***

Depois de trocar o vestido pela roupa de treino, Tessa sentou-se na beirada da cama e pegou a cópia de *Vathek* que Will havia lhe dado. Não evocava a ideia de Will sorrindo, mas outras imagens — Will curvado sobre ela no Santuário, coberto de sangue; Will rolando com Jem pela colina em Yorkshire, ficando sujo de lama, sem se importar; Will caindo da mesa na sala de jantar; Will abraçando-a no escuro. *Will, Will, Will*.

Ela arremessou o livro. Este bateu no topo da lareira e voltou, caindo no chão. Se ao menos houvesse alguma maneira de limpar Will da sua mente como se limpa a lama dos sapatos. Se ela ao menos soubesse onde ele estava. A preocupação piorava tudo, e ela não conseguia evitar. Não conseguia se esquecer da expressão no rosto dele ao ver a irmã.

A distração fez com que se atrasasse para a sala de treinamento; felizmente, ao chegar, a porta estava aberta e não havia ninguém lá além de Sophie, segurando uma faca longa e a examinando pensativamente, como examinaria um espanador para decidir se ainda servia, ou se já era hora de descartá-lo.

Ela levantou o olhar quando Tessa entrou.

— A senhorita está parecendo um fim de semana chuvoso — disse, com um sorriso. — Está tudo bem? — Ela inclinou a cabeça para o lado quando Tessa assentiu. — É o mestre Will? Ele já desapareceu por mais de um dia antes. Vai voltar, não se preocupe.

— É bondade sua dizer isso, Sophie, principalmente quando sei que não

morre de amores por ele.

— Gostaria de pensar que a senhorita também não — disse Sophie —, pelo menos não *mais*...

Tessa lhe lançou um olhar afiado. Não tinha uma conversa de verdade com Sophie sobre Will desde o incidente no telhado, pensou, e, além disso, Sophie havia lhe aconselhado a ficar longe dele, comparando-o a uma cobra venenosa. Antes que Tessa pudesse dizer qualquer coisa em resposta, a porta se abriu e Gabriel e Gideon Lightwood entraram, seguidos por Jem. Ele deu uma piscadela para Tessa, antes de desaparecer e fechar a porta atrás de si.

Gideon foi direto na direção de Sophie.

— Uma boa escolha de lâmina — disse ele, uma leve surpresa marcando as palavras. Ela ficou vermelha, parecendo ter gostado do comentário.

— Então — disse Gabriel, que de algum jeito tinha conseguido ir parar atrás de Tessa sem que ela notasse. Após examinar as prateleiras de armas na parede, ele sacou uma faca e a entregou a ela. — Sinta o peso dessa lâmina.

Tessa tentou sentir o peso, lutando para se lembrar do que ele tinha dito sobre onde e como deveria se equilibrar na palma da mão.

— O que acha? — perguntou Gabriel. Ela olhou para ele. Dentre os dois, certamente era o mais parecido com o pai, com feições aquilinas e uma leve arrogância na expressão. A boca fina se curvou para cima nos cantos. — Ou está muito entretida preocupando-se com o paradeiro de Herondale para treinar hoje?

Tessa quase derrubou a faca.

— O quê?

— Ouvi sua conversa com a srta. Collins quando estava subindo. Ele desapareceu, então? Não me surpreende, considerando que não acho que Will Herondale e senso de responsabilidade se relacionem muito bem.

Tessa enrijeceu o maxilar. Por mais conflituosos que fossem seus sentimentos em relação a Will, alguma coisa no fato de alguém de *fora* da pequena família do Instituto criticá-lo a deixou irritada.

— É um fato bastante comum, nada com que se preocupar — afirmou. — Will é um... espírito livre. Logo voltará.

— Espero que não — disse Gabriel. — Espero que esteja morto.

A mão de Tessa cerrou em torno da faca.

— Você realmente está falando sério, não é? O que ele fez com sua irmã, para fazer com que você o odeie tanto assim?

— Por que não pergunta a ele?

— Gabriel! — A voz de Gideon era severa. — Vamos prosseguir com o treinamento, por favor, e parar de perder tempo?

Gabriel encarou o irmão mais velho, que estava bastante sereno ao lado de Sophie, mas que obedientemente desviara o foco de Will para dar atenção ao treinamento do dia. Praticariam como segurar lâminas, e como equilibrá-las para que cortassem o ar sem que a ponta caísse para a frente ou o cabo escorregasse da mão. Foi mais difícil do que parecia, e Gabriel não estava com paciência, Tessa sentiu inveja de Sophie por estar aprendendo com Gideon, que sempre era um instrutor cuidadoso e metódico, apesar de ter o hábito de falar espanhol cada vez que Sophie fazia alguma coisa errada.

— *Ay, Dios mio* — dizia, tirando a lâmina de onde tinha ficado presa no chão. — Vamos tentar outra vez?

— Mantenha a postura ereta. — Gabriel instruía Tessa, impacientemente. — Não, *ereta*. Assim. — E ele demonstrou. Tessa queria gritar que, ao contrário dele, ela não tinha uma vida de experiência em prática de postura e movimentação; que Caçadores de Sombras eram acrobatas natos, e ela não era nada do tipo.

— Humpf — disse. — Gostaria de ver se *você* ia conseguir sentar e se levantar com anáguas, corpetes e um vestido com quase nenhum treino!

— Eu também gostaria — disse Gideon, do outro lado da sala.

— Oh, pelo Anjo — disse Gabriel, pegando Tessa pelos ombros, virando-a de modo que ela ficasse de costas para ele. Ele colocou os braços em volta de Tessa, endireitando sua espinha, acertando a faca em sua mão, e isso a fez estremecer. O

que a encheu de irritação. Ele a tocava simplesmente por presumir que podia fazê-lo, sem pedir permissão, e também porque achava que fosse irritar Will.

— Solte-me — disse ela, baixinho.

— Isso é parte do seu treinamento — explicou Gabriel, com a voz entediada. — Além disso, veja meu irmão e a senhorita Collins. Ela não está reclamando.

Olhou para o outro lado da sala, para Sophie, que parecia seriamente concentrada na aula com Gideon. Ele estava atrás dela, com um braço ao redor de seu corpo, demonstrando como segurar uma pontiaguda faca de arremesso. A mão dele estava gentilmente apoiada na dela, e ele parecia estar falando com a nuca de Sophie, onde seus cabelos escuros haviam escapado do coque e se encaracolavam. Quando viu Tessa olhando para eles, ele enrubesceu.

Tessa ficou espantada. Gideon Lightwood ruborizando! Será que ele estaria *admirando* Sophie? Exceto pela cicatriz, que Tessa já quase não percebia, ela *era* adorável, mas era mundana, e servente, e os Lightwood eram muito esnobes. Tudo dentro de Tessa pareceu contrair-se de repente. Sophie tinha sido muito maltratada pelo antigo empregador. A última coisa de que precisava agora era um garoto Caçador de Sombras se aproveitando dela.

Tessa olhou em volta, prestes a dizer alguma coisa para o menino com os braços ao seu redor — e parou. Tinha se esquecido de que era Gabriel ao seu lado, e não Jem. Tinha se acostumado tanto à presença de Jem, à facilidade com que conversava com ele, ao conforto da mão do rapaz em seu braço quando caminhavam, ao fato de que, nesse momento, ele era a única pessoa a quem ela achava que podia dizer qualquer coisa. Percebeu, surpresa, que apesar de ter acabado de encontrá-lo no café da manhã, estava com saudades, uma sensação que quase doía por dentro.

Ela estava tão envolvida com essa mistura de sentimentos — saudades de Jem e um senso passional de proteção a Sophie —, que o arremesso seguinte foi longe demais, passou perto da cabeça de Gideon e bateu no parapeito.

Gideon olhou calmamente da faca caída para o irmão. Nada parecia incomodá-lo, nem mesmo uma quase decapitação.

— Gabriel, qual é o problema, exatamente?

Gabriel voltou o olhar para Tessa.

— Ela não me ouve — respondeu, com desprezo. — Não posso instruir uma pessoa que não me escuta.

— Talvez se você fosse um instrutor melhor, ela fosse uma ouvinte melhor.

— E talvez você tivesse visto a faca se aproximando — disse Gabriel —, se estivesse prestando mais atenção ao que se passa a sua volta do que à nuca da srta. Collins.

Então até Gabriel tinha notado, pensou Tessa, enquanto Sophie enrubescia. Gideon direcionou um olhar longo e firme ao irmão — sentiu que os dois discutiriam quando chegassem em casa — e em seguida voltou-se para Sophie, dizendo algo em voz baixa, baixo demais para que Tessa ouvisse.

— O que aconteceu com você? — perguntou ela para Gabriel, baixinho, e o sentiu ficar tenso.

— Como assim?

— Normalmente você é paciente — respondeu. — Durante a maior parte do tempo você é um bom professor, Gabriel, mas hoje está irritadiço, impaciente e... — ela olhou para a mão dele em seu braço — inadequado.

Ele teve o bom senso de soltá-la, parecendo envergonhado.

— Mil perdões. Não deveria tê-la tocado assim.

— Não, não deveria. E depois da forma como criticou Will...

Ele enrubesceu.

— Já pedi desculpas, srta. Gray. O que mais quer de mim?

— Uma mudança de comportamento, talvez. Uma explicação para o ódio que sente por Will...

— Já disse! Se deseja saber por que não gosto dele, pergunte você mesma a ele! — Gabriel girou e saiu da sala.

Tessa olhou para as facas presas na parede e suspirou.

— E aqui termina minha aula.

— Tente não desanimar — disse Gideon, aproximando-se de Tessa com

Sophie ao lado. Era estranho, pensou Tessa; Sophie normalmente parecia desconfortável perto de homens, qualquer um, até mesmo de Henry, sempre gentil. Com Will ela era como um gato escaldado, e com Jem, sempre envergonhada e atenta, mas ao lado de Gideon parecia...

Bem, era difícil definir. Mas era muito peculiar.

— Não é culpa sua ele estar assim hoje — prosseguiu Gideon. Os olhos estavam firmes em Tessa. Perto assim, ela pôde ver que não tinham a mesma cor dos do irmão. Eram mais verde-acinzentados, como o oceano sob um céu nublado. — As coisas andam... difíceis para nós em casa, com nosso pai, e Gabriel está descontando em você, ou, para falar a verdade, em qualquer um que esteja por perto.

— Sinto muito por isso. Espero que seu pai esteja bem — murmurou Tessa, rezando para não ser castigada por essa mentira descarada.

— Suponho que eu deva ir atrás do meu irmão — disse Gideon, sem responder à pergunta. — Senão ele pegará a carruagem e me deixará aqui. Espero trazê-lo de volta para a próxima sessão com um humor mais afável. — Fez uma reverência para Sophie, em seguida para Tessa. — Srta. Collins, srta. Gray.

E se foi, deixando as duas meninas olhando para ele com uma mistura de confusão e surpresa.

Com o treino do dia misericordiosamente encerrado, Tessa se viu correndo para trocar de roupa e colocar novamente seus trajes comuns, depois almoçar, ansiosa para ver se Will tinha voltado. Não tinha. A cadeira dele, entre Jessamine e Henry, continuava vazia. Mas havia alguém novo na sala, alguém que fez Tessa frear na entrada, tentando não encarar. Um homem alto, sentado à cabeceira ao lado de Charlotte, e de pele verde. Não um verde muito escuro — um ligeiro tom esverdeado, como luz refletindo do oceano, e os cabelos eram brancos como a neve. Da testa do sujeito, dois pequenos chifres curvavam-se elegantemente.

— Srta Tessa Gray — disse Charlotte, fazendo as apresentações —, este é o Alto Feiticeiro de Londres, Ragnor Fell. Senhor Fell, senhorita Gray.

Após murmurar que era um prazer conhecê-lo, Tessa sentou-se ao lado de Jem, na diagonal de Fell, e tentou não encará-lo com o canto do olho. Ao passo que a marca do feiticeiro de Magnus estava em seus olhos de gato, a de Fell era representada pelos chifres e a pele colorida. Tessa ainda não conseguia conter o fascínio por figuras do Submundo, em particular por feiticeiros. Por que eles eram marcados e ela não?

— Qual é a situação, Charlotte? — Ragnor perguntou. — Você realmente me chamou para discutir coisas obscuras nos pântanos de Yorkshire? Eu tinha a impressão de que nada de interessante acontecia em Yorkshire. Aliás, tinha a impressão de que não *havia* nada em Yorkshire além de ovelhas e mineração.

— Então você não conheceu os Shade? — questionou Charlotte. — A população de feiticeiros na Bretanha não é tão grande assim...

— Conheci. — Enquanto Fell cortava o presunto no prato, Tessa viu que ele tinha uma junta a mais em cada dedo. Pensou na srta. Black, com suas garras alongadas, e conteve um tremor. — Shade era meio louco, com aquela obsessão por mecanismos. A morte deles foi um choque no Submundo. Os detalhes chegaram à comunidade, e houve até uma discussão sobre vingança, apesar de acreditar que nada tenha sido feito.

Charlotte inclinou-se para a frente.

— Você se lembra do filho deles? Da criança adotiva?

— Sabia dele. Um casal de feiticeiros é algo raro. Um casal que adota uma criança humana em um orfanato é mais raro ainda. Mas nunca vi o menino. Feiticeiros — nós vivemos para sempre. Um intervalo de trinta, até cinquenta anos sem encontros não é incomum. Claro que agora que sei no que o menino se transformou, gostaria de tê-lo conhecido. Acha que vale a pena tentar descobrir quem foram seus pais biológicos?

— Certamente, se for possível. Qualquer informação que conseguirmos reunir sobre Mortmain pode ser útil.

— Posso lhe dizer que foi ele que se deu esse nome — disse Fell. — Parece um nome de Caçador de Sombras. É o tipo de nome que alguém com raiva dos

Nephilim e dotado de um senso de humor negro assumiria. *Mort main*...

— Mão da morte — disse Jessamine, que tinha orgulho do próprio francês.

— Realmente nos faz pensar — disse Tessa. — Se a Clave simplesmente tivesse atendido ao pedido de Mortmain, concedido as reparações, será que ele teria se tornado o que se tornou? Será que o Clube Pandemônio sequer teria existido?

— Tessa... — começou Charlotte, mas Ragnor Fell acenou para que ela se calasse. Ele olhou entretido para Tessa.

— Você é a menina que muda de forma, não é? — perguntou. — Magnus Bane me contou sobre você. Não tem marca alguma, é o que dizem.

Tessa engoliu em seco e olhou nos olhos dele. Eram olhos contraditoriamente humanos, ordinários naquela face extraordinária.

— Não. Não tenho marca.

Seus lábios sorriram em volta do garfo.

— Suponho que tenham procurado *em toda parte*?

— Tenho certeza de que Will tentou — respondeu Jessamine, em tom entediado. O talher de Tessa caiu no prato. Jessamine, que estava esmagando as ervilhas com o lado da faca, levantou o olhar quando Charlotte falou espantada:

— *Jessamine*!

Jessamine deu de ombros.

— Bem, ele é assim.

Com um sorriso no rosto, Fell voltou novamente a olhar para o prato.

— Eu me lembro do pai de Will. Ele era bastante galanteador. As moças não resistiam. Até ele conhecer a mãe de Will, é claro. Então ele largou tudo e foi morar no País de Gales, só para ficar com ela. Que figura ele era.

— Ele se apaixonou — observou Jem. — Não é tão estranho assim.

— Se apaixonou — disse o feiticeiro, ainda com o mesmo sorriso breve. — Caiu de cara é mais apropriado. Ficou de quatro. Ainda há homens assim, para os quais só existe uma mulher e só ela, ela ou nada.

Charlotte olhou para Henry, mas ele parecia completamente perdido nos

próprios pensamentos, contando alguma coisa — apesar de ninguém imaginar o que — nos dedos. Estava usando um colete cor-de-rosa e violeta, e a manga da camisa estava suja de molho. Os ombros de Charlotte se encolheram visivelmente, e ela suspirou.

— Bem — disse Charlotte. — Até onde sei foram muito felizes juntos...

— Até perderem dois dos três filhos e Edmund Herondale perder tudo no jogo — disse Fell. Mas suponho que não tenha contado isso ao jovem Will.

Tessa trocou olhares com Jem. *Minha irmã está morta*, dissera Will.

— Então tiveram três filhos? — perguntou ela. — Will tinha duas irmãs?

— Tessa. Por favor. — Charlotte pareceu desconfortável. — Ragnor... não o contratei para invadir a privacidade dos Herondale, ou de Will. O fiz porque prometi a Will que lhe contaria se algum mal acontecesse à família dele.

Tessa pensou em Will — um Will de 12 anos de idade, segurando a mão de Charlotte, implorando para saber se a família tinha morrido. *Por que fugir?*, perguntou-se pela centésima vez. *Por que deixá-los para trás*? Tessa havia achado que talvez Will não tivesse se importado, mas era claramente o contrário. Ele ainda se importava. Ela não pôde conter o aperto no coração ao pensar nele chamando a irmã. Se ele amava Cecily da forma como ela amou Nate um dia...

Mortmain tinha feito algo à família dele, pensou Tessa. Como fez com a dela. Isso os ligava de uma forma peculiar, ela e Will. Independentemente de ele saber disso ou não.

— Seja o que for que Mortmain esteja planejando — disse Tessa —, ele vem planejando há muito tempo. Desde antes do meu nascimento, quando enganou ou coagiu meus pais a me "fazerem". E agora sabemos que há anos ele se envolveu com a família de Will e os levou para o Solar Ravenscar. Temo que sejamos como peças de xadrez que ele move em um tabuleiro, e que ele já conheça o resultado do jogo.

— Isso é o que ele quer que pensemos, Tessa — respondeu Jem. — Mas ele é apenas um homem. E cada coisa que descobrimos sobre ele o torna mais vulnerável. Se não representássemos qualquer ameaça, ele não teria enviado o

autômato para nos desencorajar.

— Ele sabia exatamente *onde* nós estaríamos...

— Não há nada mais perigoso do que um homem obcecado por vingança — disse Ragnor. — Um homem obcecado há quase sessenta anos, que transformou uma sementinha de vingança em uma planta viva e carnívora. Ele vai levar isso até o fim, a não ser que o destruam antes.

— Então o destruiremos — Jem foi sucinto. Foi o mais próximo de uma ameaça que Tessa já o ouvira fazer.

Tessa olhou para as próprias mãos. Estavam com um tom mais pálido do que quando morava em Nova York, mas eram suas mãos, familiares, o indicador ligeiramente mais longo que o médio, as meias luas das unhas acentuadas. *Eu poderia mudá-las*, pensou. *Poderia me Transformar em qualquer coisa, qualquer pessoa*. Nunca tinha se sentido mais mutável, mais fluida, ou mais perdida.

— De fato — o tom de Charlotte foi firme. — Ragnor, preciso saber por que a família Herondale está naquela casa, um local que pertencia a Mortmain, e desejo saber se estão seguros. E quero que isso aconteça sem que Benedict Lightwood ou o resto da Clave descubram.

— Entendo. Quer que cuide deles da forma mais silenciosa possível, ao mesmo tempo em que faço investigações sobre Mortmain na área. Se ele os levou para lá, deve ter tido um motivo.

Charlotte soltou o ar.

— Isso.

Ragnor girou o garfo.

— Isso vai sair caro.

— Sim — disse Charlotte. — Estou preparada para pagar.

Fell sorriu.

— Neste caso, estou preparado para tolerar as ovelhas.

O resto do almoço foi de conversas desconfortáveis, com Jessamine de má vontade, destruindo a comida no prato em vez de se alimentar; Jem

estranhamente quieto; Henry murmurando equações para si mesmo; e Charlotte e Fell finalizando os planos para a proteção da família de Will. Por mais que Tessa aprovasse a ideia — e aprovava —, alguma coisa no feiticeiro a deixava desconfortável, de um jeito que Magnus nunca deixara, e ela ficou feliz quando o almoço acabou e pôde escapar para o quarto com uma cópia de *A Inquilina de Wildfell Hall*.

Não era seu favorito dentre os livros das irmãs Brontë — essa honra pertencia a *Jane Eyre*, e em segundo lugar vinha *O morro dos ventos uivantes*, e *A inquilina* era um distante terceiro lugar —, mas já tinha lido os outros dois tantas vezes que não havia surpresas entre as páginas, apenas frases tão familiares que pareciam velhas amigas. O que realmente queria ler era *Um conto de duas cidades*, mas Will já tinha citado Sydney Carton o suficiente para temer que tal escolha a fizesse pensar nele, aumentando o peso da preocupação. Afinal de contas, ele nunca citava Darnay, apenas Sydney, embriagado, destruído e dissipado. Sydney, que morreu por amor.

Lá fora estava escuro, e o vento soprava lufadas de chuva contra as janelas quando bateram à sua porta. Era Sophie, trazendo uma carta em uma bandeja de prata.

— Uma carta para a senhorita.

Tessa repousou o livro espantada.

— Carta para *mim*?

Sophie assentiu e aproximou-se, estendendo a bandeja.

— Sim, mas não diz de quem é. A srta. Lovelace quase a interceptou, mas consegui evitar a enxerida.

Tessa pegou o envelope. Estava endereçado a ela, de fato, em uma caligrafia inclinada e desconhecida, sobre um papel de cor creme. Ela virou o envelope, começou a abri-lo, e captou os olhos arregalados e curiosos de Sophie refletidos na janela. Voltou-se e sorriu para a copeira.

— Só isso, Sophie — falou. Era assim que lia heroínas dispensando serventes nos romances, e parecia correto. Com um olhar decepcionado, Sophie pegou a

bandeja e se retirou.

Tessa desdobrou a carta e a abriu.

Prezada e sensata srta. Gray,

Escrevo-lhe em nome de um amigo em comum, William Herondale. Sei que ele tem o hábito de ir e vir — mais comumente ir — do Instituto a seu bel-prazer, e que por isso pode ser que leve tempo até que sua ausência gere alarme. Mas solicito-lhe, como alguém que preza o bom-senso, que não presuma que esta ausência é normal. Eu o vi ontem à noite, e ele estava, para dizer o mínimo, perturbado quando deixou minha residência. Tenho motivos para me preocupar com a possibilidade de que ele cometa algum mal contra si mesmo, e, portanto, sugiro que investiguem o paradeiro dele e garantam sua segurança. Trata-se de um jovem de quem é difícil gostar, mas acredito que você enxergue o bem nele, assim como eu, srta. Gray, e por isso envio-lhe humildemente minha carta.

Seu servo,

Magnus Bane

P.S.: Se fosse você, não compartilharia o conteúdo desta carta com a sra. Branwell. Apenas uma sugestão.

M.B.

Apesar de a leitura da carta de Magnus tê-la deixado com a sensação de que suas veias estavam cheias de fogo, de algum jeito Tessa sobreviveu ao resto da tarde, e também ao jantar, sem — acreditava — se denunciar. Sophie pareceu levar uma eternidade agonizante para ajudá-la a se despir, pentear o cabelo e relatar a fofoca do dia (o primo de Cyril trabalhava na casa dos Lightwood e reportou que Tatiana — a irmã de Gabriel e Gideon — estava prestes a retornar da lua de mel no Continente com o marido. A residência estava em polvorosa, pois dizia-se que ela era extremamente desagradável).

Tessa murmurou qualquer coisa sobre ela provavelmente ter puxado ao pai. A impaciência deixou sua voz áspera, e Sophie só não foi correndo buscar um

chá de hortelã porque Tessa insistiu que estava exausta e que precisava dormir, mais do que precisava da bebida.

Assim que a porta se fechou atrás de Sophie, Tessa se levantou, tirando as roupas de dormir e colocando um vestido, arrumando-se da melhor maneira possível e vestindo um casaco curto por cima. Após uma olhada muito cautelosa no corredor, ela saiu do quarto, foi até a porta de Jem e bateu o mais silenciosamente possível. Por um instante nada aconteceu, e ela teve a preocupação súbita de que ele já tivesse ido dormir, mas então a porta se abriu, e Jem apareceu na entrada.

Ela certamente o pegara no meio do processo de preparação para dormir; ele já estava sem casaco e sem sapato, com o colarinho da camisa aberto, e os cabelos eram um adorável emaranhado prateado. Ela quis esticar o braço e afagá-los. Ele piscou para ela.

— Tessa?

Sem dizer uma palavra, ela entregou o bilhete a ele. Jem olhou de um lado para o outro do corredor e em seguida acenou para que ela entrasse. Tessa fechou a porta atrás de si enquanto ele lia a carta de Magnus uma, e depois duas vezes, antes de amassá-la, fazendo o papel chiar alto no quarto.

— Eu *sabia* — disse Jem.

Foi a vez de Tessa piscar.

— Sabia o quê?

— Que este não era um sumiço comum — Jem sentou-se sobre o baú ao pé da cama e calçou os sapatos. — Eu senti. Aqui. — Colocou a mão sobre o peito. — Sabia que tinha alguma coisa estranha. Senti, como uma sombra na minha alma.

— Não acha que ele realmente machucaria a si próprio, acha?

— Fazer algo contra ele mesmo, não sei. Se colocar em uma situação em que possam machucá-lo... — Jem se levantou. — Preciso ir.

— Não quer dizer "nós"? Não estava pensando em ir atrás de Will sem mim, estava? — perguntou Tessa maliciosamente, e quando ele não respondeu nada,

disse: — Esta carta foi endereçada a mim, James. Eu não precisava ter lhe mostrado.

Ele cerrou os olhos por um instante e ao abri-los, estava sorrindo um sorriso torto.

— *James* — repetiu. — Normalmente só Will me chama assim.

— Desculpe...

— Não. Não se desculpe. Gostei do som do nome nos seus lábios.

Lábios. Havia algo estranho, delicadamente indelicado na palavra, como um beijo. Pareceu pairar no ar entre eles enquanto ambos hesitavam. *Mas é Jem*, Tessa pensou espantada. Jem. Não Will, que fazia com que ela tivesse a sensação de que ele estava percorrendo os dedos sobre sua pele nua só de olhar...

— Tem razão — disse Jem, limpando a garganta. — Magnus não teria lhe enviado a carta se não pretendesse que você fizesse parte da busca por Will. Talvez ele ache que seu poder possa ter utilidade. De qualquer modo... — Ele virou as costas para ela, foi até o armário e o abriu. — Espere por mim no seu quarto. Logo chego lá.

Tessa não teve certeza se assentiu — achava que sim —, e instantes mais tarde ela se viu de volta ao próprio quarto, apoiada na porta. Estava com o rosto quente, como se tivesse ficado perto demais de uma fogueira. Olhou em volta. Quando foi que começara a pensar neste quarto como *seu* quarto? Este espaço grandioso, com janelas enormes e velas de luz enfeitiçada que brilhavam suavemente era tão diferente da caixinha onde dormia no apartamento de Nova York, com poças de cera derretida na cabeceira, e a cama barata de madeira com lençóis finos. No inverno as janelas empenadas batiam com o vento.

Um toque suave na porta a despertou do devaneio, e Tessa virou-se e abriu-a para encontrar Jem na entrada. Ele estava completamente vestido com o uniforme de Caçador de Sombras — o casaco preto de couro forte, calças e botas pesadas. Levou um dedo aos lábios e sinalizou para que ela o seguisse.

Eram dez da noite, provavelmente, supôs Tessa, e a luz enfeitiçada ardia levemente. Foram por um caminho curioso e cheio de curvas através dos

corredores, diferente do que ela estava acostumada a fazer para chegar à porta da frente. Sua confusão findou quando chegaram a uma porta ao fim de um longo corredor. O espaço onde se encontravam tinha um aspecto arredondado, e Tessa supôs que deviam estar dentro de uma das torres góticas que se erguiam em cada canto do Instituto.

Jem abriu a porta e fez Tessa segui-lo; fechou a porta com firmeza atrás dos dois, guardando de volta em seu bolso a chave que tinha usado.

— Este — disse Jem — é o quarto de Will.

— Gracioso — comentou Tessa. — Nunca estive aqui. Estava começando a achar que ele dormia de cabeça para baixo, feito um morcego.

Jem riu e passou por ela, foi até a escrivaninha de madeira e começou a remexer nas coisas enquanto Tessa olhava em volta. O coração da menina batia acelerado, como se estivesse vendo algo que não deveria — alguma parte secreta e escondida de Will. Disse a si mesma para não ser tola, era apenas um quarto, com os mesmos móveis pesados e escuros que todos os outros do Instituto. E estava muito bagunçado — cobertas chutadas para fora da cama caídas no chão; roupas sobre os espaldares das cadeiras, xícaras de chá com o conteúdo pela metade equilibradas de forma precária na cabeceira. E livros por todos os lados — livros nas mesas laterais, livros sobre a cama, livros empilhados no chão, livros em filas duplas nas prateleiras das paredes. Enquanto Jem remexia, Tessa foi até as prateleiras e olhou curiosa os títulos.

Não se surpreendeu em descobrir que quase todos eram de ficção e poesia. Alguns em línguas que ela não entendia. Reconhecia latim e o alfabeto grego. Havia também livros de contos de fadas, *As mil e uma noites*, trabalhos de James Payn, *Vicar of Bullhampton* de Anthony Trollope, *Remédios desesperados* de Thomas Hardy, diversos de Wilkie Collins — *The New Magdalen, The Law and the Lady, The Two Destinies*, e um romance novo de Júlio Verne, intitulado *As índias negras,* que ela se coçou de vontade de pegar. E então, lá estava — *Um conto de duas cidades*. Com um sorriso pesaroso, Tessa esticou o braço para retirá-lo da prateleira. Ao levantá-lo, diversos papéis escritos que estavam

pressionados entre as capas voaram para o chão. Ela se ajoelhou para pegá-los — e congelou. Reconheceu a letra imediatamente. Era dela.

Sua garganta apertou ao examinar as páginas. *Querido Nate*, leu. *Tentei me Transformar hoje e fracassei. Foi uma moeda que me deram, e não consegui extrair nada. Ou jamais pertenceu a alguém, ou meu poder está enfraquecendo. Eu não me importaria, mas elas me deram chicotadas — você já levou chicotadas? Não, é uma pergunta tola. Claro que não. Parece fogo sendo ateado em linhas pelo corpo. Sinto vergonha em dizer que chorei, e você sabe o quanto odeio chorar...* E, *Querido Nate, senti muito a sua falta hoje, achei que eu fosse morrer. E se você não estiver mais aqui, não há ninguém no mundo que se importe se estou viva ou morta. Sinto-me como se estivesse dissolvendo, desaparecendo no nada, pois se não há ninguém no mundo que se importe com você, será que você sequer existe?*

Eram cartas que havia escrito para o irmão quando esteve na Casa Sombria, sem esperar que ele fosse ler — sem esperar que ninguém o fizesse. Eram mais um diário do que cartas, a única forma de extravasar o horror, a tristeza e o medo. Sabia que tinham sido encontradas, que Charlotte as havia lido, mas o que estavam fazendo aqui, no quarto de *Will*, logo aqui, escondidas entre as páginas de um livro?

— Tessa — disse Jem. Ela virou-se rapidamente, guardando as cartas no bolso do casaco. Jem estava perto da escrivaninha, segurando uma faca prateada na mão. — Pelo Anjo, este lugar é tão bagunçado, não sabia se conseguiria encontrar. — Ele a girou nas mãos. — Will não trouxe muita coisa de casa quando veio para cá, mas trouxe isto. É uma adaga que ganhou do pai. Tem as marcas de pássaros dos Herondale na lâmina. Deve ter uma impressão muito forte dele, o suficiente para conseguirmos rastreá-lo.

Apesar das palavras de estímulo, ele franziu a testa.

— O que foi? — perguntou Tessa, atravessando o quarto até ele.

— Encontrei outra coisa — respondeu. — Will sempre comprou meu... meu medicamento para mim. Ele sabe que eu abomino toda a transação, encontrar integrantes do Submundo dispostos a vender, pagar... — O peito de Jem subiu e

desceu rapidamente, como se simplesmente falar no assunto o enojasse. — Eu dava para ele o dinheiro, e ele partia. Mas encontrei uma conta, referente à última transação. Parece que as drogas, o remédio, não custam o que eu achei que custassem.

— Está querendo dizer que Will vem roubando seu dinheiro? — Tessa ficou surpresa. Will podia ser péssimo e cruel, pensou, mas de algum modo achava que fosse uma crueldade um pouco mais refinada. Menos mesquinha. E fazer isso com Jem, logo com ele...

— Pelo contrário. Custam muito mais caro do que ele disse. Ele deve andar completando a diferença de algum modo. — Ainda franzindo a testa, Jem guardou a adaga no cinto. — Eu o conheço melhor do que ninguém — disse com segurança. — E mesmo assim ainda descubro que ele tem segredos que me surpreendem.

Tessa pensou nas cartas guardadas no livro de Dickens e no que pretendia dizer a Will quando o encontrasse novamente.

— De fato — falou. — Mas não tem tanto mistério, tem? Will faria qualquer coisa por você...

— Não sei se eu mesmo chegaria tão longe. — O tom de Jem era seco.

— Claro que sim — afirmou Tessa. — Qualquer um faria isso. Você é tão generoso e tão bom...

Ela parou, mas os olhos de Jem já estavam arregalados. Ele pareceu surpreso, como se não estivesse acostumado a tantos elogios, mas certamente deveria estar, pensou Tessa, confusa. Certamente todos que o conheciam estavam cientes da sorte que tinham. Ela sentiu as bochechas começarem a queimar outra vez, e se repreendeu. *O que* estava acontecendo?

Uma leve batia soou na janela; Jem virou-se após um instante de hesitação.

— É Cyril — disse ele, e havia uma certa aspereza em sua voz. — Eu... eu pedi a ele que trouxesse a carruagem. É melhor irmos.

Tessa assentiu, sem dizer nada, e o seguiu para fora do quarto.

Quando Jem e Tessa saíram do Instituto, o vento ainda estava soprando no pátio, fazendo folhas voarem em círculos como fadas dançarinas. O céu estava carregado com uma névoa amarela, e a lua era um disco dourado por trás dela. As palavras em latim nos portões do Instituto pareciam brilhar, acentuadas pelo luar: *somos poeira e sombras*.

Cyril, esperando com a carruagem e os dois cavalos, Balios e Xanthos, pareceu aliviado ao vê-los. Ajudou Tessa a embarcar, Jem subindo logo atrás, e em seguida foi para o assento do cocheiro. Tessa, sentada em frente a Jem, observou fascinada enquanto ele sacava a adaga e a estela do cinto. Segurando a adaga com a mão direita, ele desenhou um símbolo nas costas da mão com a ponta da estela. Aos olhos de Tessa parecia como todas as Marcas, uma ondulação de linhas ilegíveis, circulando para se conectarem entre si em estampas negras.

Ele olhou para a mão por um longo instante, em seguida fechou os olhos, com o rosto imóvel de tanta concentração. Exatamente quando os nervos de Tessa começaram a chiar de impaciência, os olhos dele se abriram.

— Brick Lane, perto da Whitechapel High Street — falou, meio para si mesmo. Devolvendo a adaga e a estela ao cinto, inclinou-se para fora da janela e Tessa o ouviu repetir as palavras para Cyril. No instante seguinte Jem estava de volta à carruagem, fechando a janela para conter o vento frio, e eles estavam deslizando e chacoalhando sobre os paralelepípedos.

Tessa respirou fundo. Passara o dia ansiosa para procurar Will, preocupada com ele, imaginando onde estaria, mas agora que estavam indo para o coração sombrio de Londres, só conseguia sentir medo.

9
Meia-Noite Feroz

Meias-noites ferozes e famintos amanhãs,
E os amores que completam e controlam
Todos os prazeres da carne, todas as aflições
Que a alma desgastam.
—Algernon Charles Swinburne, "Dolores"

Tessa deixou aberta a cortina do seu lado da carruagem e manteve os olhos fixos no vidro da janela enquanto passavam pela Fleet Street em direção a Ludgate Hill. A névoa amarela havia engrossado, e ela enxergava pouca coisa através da neblina — as formas escuras de pessoas apressando-se para lá e para cá, as palavras indistintas nas placas com anúncios pintados nas laterais dos prédios. Em alguns momentos, a bruma se dissipava e ela conseguia enxergar algo com clareza — uma garotinha segurando flores murchas de lavanda, apoiada em uma parede, exausta; um amolador de facas empurrando cansado seu carrinho; um anúncio de fósforos Lúcifer da Bryant and May erguendo-se subitamente das sombras.

— Descartáveis — disse Jem. Ele estava inclinado contra a cadeira diante dela, com os olhos brilhando na escuridão. Será que ele tomou o remédio antes de saírem? Se sim, quanto?

— Como?

Ele fez o gesto de riscar um fósforo, apagar e descartar o palito por cima do ombro.

— É como chamam fósforos aqui, descartáveis, porque você joga fora depois de um único uso. É também como chamam as meninas que trabalham nas fábricas de fósforos.

Tessa pensou em Sophie, que facilmente poderia ter se transformado em uma dessas "descartáveis" se Charlotte não a tivesse encontrado.

— Que crueldade.

— Estamos indo para uma parte cruel da cidade. East End. Os pardieiros. — Jem chegou para a frente no assento. — Quero que tenha cuidado, e fique perto de mim.

— Sabe o que Will está fazendo lá? — perguntou Tessa, meio temerosa em ouvir a resposta. Estavam passando por St. Paul, edificando-se sobre eles como um enorme túmulo de mármore reluzente.

Jem balançou a cabeça.

— Não sei. Só obtive uma impressão, uma imagem efêmera da rua, com o feitiço de rastreamento. Mas digo que há poucas razões *inofensivas* para um rapaz ir à igreja durante a noite.

— Ele pode estar jogando...

— Pode — concordou Jem, soando como se duvidasse.

— Você disse que sentiria, aqui — Tessa tocou o próprio coração —, caso alguma coisa tivesse acontecido com ele. Isso é porque vocês são *parabatai*?

— Isso.

— Então há mais em ser *parabatai* do que apenas jurar proteção mútua. Tem algo... místico.

Jem sorriu para ela, aquele sorriso feito uma luz acendendo-se de repente em todos os cantos da casa.

— Somos Nephilim. Todas as passagens da nossa vida têm algum componente místico: nossos nascimentos, mortes, casamentos, tudo tem uma cerimônia. Também tem uma se você deseja se tornar o *parabatai* de alguém.

Primeiro precisa pedir, é claro. Não é um compromisso simples.

— Você pediu a Will — supôs Tessa.

Jem balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Ele me pediu. Estávamos na sala de treinamento, praticando com espadas longas. Ele me pediu, e eu recusei, respondendo que ele merecia alguém que fosse viver, que pudesse cuidar dele por toda a vida. Ele apostou que podia arrancar a espada de mim, e se conseguisse, eu teria de concordar em ser seu irmão de sangue.

— E ele arrancou?

— Em nove segundos. — Jem riu. — E me prendeu contra a parede. Devia estar treinando sem meu conhecimento, porque eu jamais teria concordado se soubesse que ele era tão bom naquilo. A especialidade dele sempre foi arremesso de adagas. — Ele deu de ombros. — Tínhamos 13 anos. A cerimônia foi realizada quando estávamos com 14. Agora já se passaram três anos e não consigo me imaginar não tendo um *parabatai*.

— Por que você não queria? — perguntou Tessa, um pouco hesitante. — Quando ele pediu...

Jem passou a mão no cabelo prateado.

— A cerimônia liga as pessoas — respondeu. — Os deixa mais fortes. Vocês têm a força um do outro para invocar. Ficam mais cientes da localização um do outro, e assim podem trabalhar juntos em um combate sem problemas. Existem símbolos que só são permitidos se tiver um *parabatai*. Mas... você só tem direito a um *parabatai* na vida. Não pode ter um segundo, mesmo que o primeiro morra. Não achei que eu fosse uma boa aposta, considerando todos os fatores.

— Essa me parece uma regra severa.

Jem então falou alguma coisa em uma língua que ela não entendeu. Soou como *khalepa ta kala*.

Ela franziu o rosto para ele.

— Isso não é latim?

— Grego — respondeu. — Tem dois significados. Significa que aquilo que

vale a pena possuir, as coisas boas, refinadas, honrosas e nobres, são difíceis de se conquistar. — Jem se inclinou para a frente, mais para perto dela. Ela sentiu o aroma suave da droga e o cheiro da pele dele por baixo. — E significa outra coisa também.

Tessa engoliu em seco.

— O quê?

— Significa "a beleza é áspera".

Ela olhou para baixo, para as mãos dele. Mãos esguias, finas e hábeis, com unhas cortadas rentes, e juntas cicatrizadas. Será que havia algum Nephilim sem cicatrizes?

— Estas palavras têm um apelo especial para você, não têm? — perguntou Tessa. — Estas línguas mortas. Por quê?

Ele estava inclinado, próximo o suficiente para que ela sentisse sua respiração morna quando Jem soltava o ar.

— Não tenho certeza — afirmou —, mas acho que tem alguma coisa a ver com a clareza delas. Grego, latim, sânscrito são idiomas que contêm verdades puras, antes de poluirmos nossas línguas com tantas palavras inúteis.

— Mas e o seu tipo de língua? — perguntou ela suavemente. — A que você cresceu falando?

Os lábios de Jem tremeram.

— Cresci falando inglês e mandarim — respondeu. — Meu pai falava inglês e mandarim, mas muito mal. Depois que nos mudamos para Xangai, ficou ainda pior. Lá eles falam em língua Wu, um dialeto quase ininteligível para quem fala mandarim.

— Diga alguma coisa em mandarim — pediu Tessa, com um sorriso.

Jem falou alguma coisa rapidamente, que soou com muitas vogais sopradas e consoantes misturadas, com a voz subindo e descendo de forma melódica:

— *Ni hen piao liang*.

— O que você disse?

— Disse que seu cabelo está se soltando. Aqui — disse ele, esticando a mão e

ajeitando um cacho solto atrás da orelha de Tessa. Ela sentiu o sangue subir quente nas bochechas e ficou grata por estar escuro na carruagem. — Não vai querer oferecer nada ao inimigo para que ele possa te agarrar.

— Ah, sim, claro. — Tessa olhou rapidamente na direção da janela e manteve o olhar fixo. A névoa amarela pesava sobre as ruas, mas ela estava enxergando suficientemente bem. Estavam em uma via pública estreita, ou larga, talvez, pelos padrões de Londres. O ar parecia denso e gorduroso com poeira de carvão e nevoeiro, e as ruas estavam repletas de gente. Pessoas imundas, trajando farrapos, apoiadas nas paredes de prédios de aparência precária, observando a carruagem como cães seguindo um osso. Tessa viu uma mulher de xale, com uma cesta de flores caindo de uma das mãos e um bebê embrulhado no canto do xale, apoiado em seu ombro. A criança estava com os olhos fechados, a pele pálida feito coalhada; parecia doente, ou morta. Crianças descalças, sujas como gatos vira-latas, brincavam nas ruas; mulheres apoiadas umas nas outras nos cantos dos prédios, claramente embriagadas. Os homens pareciam ainda piores, caídos nas laterais das casas, os casacos e chapéus sujos e remendados, o retrato da desesperança em suas expressões, feito gravuras em uma lápide.

— Londrinos ricos de Mayfair e Chelsea gostam de fazer passeios à meia-noite em distritos assim — disse Jem, com a voz estranhamente amarga. — Chamam de "pardieirismo".

— Eles param e... ajudam de alguma forma?

— A maioria não. Só querem ver e voltar para casa para, durante o próximo chá, poderem conversar sobre como viram legítimos "pedintes", ou "prostitutas", ou o que chamam de "Shivering Jemmys". A maioria nem sai das carruagens ou diligências.

— O que é um Shivering Jemmy?

Jem a olhou com olhos inquietos e prateados.

— Um pedinte esfarrapado e congelando — respondeu. — Alguém que provavelmente vai morrer de frio.

Tessa pensou no papel grosso colado nas rachaduras das janelas em seu

apartamento de Nova York. Mas pelo menos tinha um quarto, um lugar onde deitar, e tia Harriet para preparar sopa quente ou chá. Ela teve sorte.

A carruagem parou em uma esquina modesta. Do outro lado, as luzes de um estabelecimento aberto ao público vazavam para a rua, assim como um fluxo constante de bêbados, alguns com mulheres apoiadas em seus braços, os vestidos com as cores vibrantes manchadas e sujas e as bochechas bastante avermelhadas. Em algum lugar alguém estava cantando *Cruel Lizzie Vickers*.

Jem pegou Tessa pela mão.

— Não posso enfeitiçá-la para camuflá-la aos olhares dos mundanos — disse ele. — Então mantenha a cabeça abaixada e fique perto de mim.

Tessa deu um sorriso torto, mas não soltou a mão dele.

— Você já disse isso.

Jem se inclinou para perto e sussurrou no ouvido dela. A respiração do Caçador de Sombras a deixou arrepiada.

— É *muito* importante.

Ele esticou a mão para alcançar a porta e abri-la. Então saltou no pavimento e ajudou Tessa a descer, puxando-a para o lado, para perto dele. Ela observou os dois lados da rua e recebeu de algumas pessoas certos olhares indiferentes, mas em geral os dois foram totalmente ignorados. Dirigiram-se a uma porta estreita pintada de vermelho. Havia degraus, mas, ao contrário dos demais degraus da área, estavam vazios. Não havia ninguém sentado. Jem subiu rapidamente, puxando-a atrás de si, e bateu à porta com força.

Logo depois uma mulher de vestido vermelho longo, tão justo que Tessa arregalou os olhos, abriu a porta. Tinha cabelos pretos, presos por um par de palitos dourados. Sua pele era muito pálida, os olhos maquiados, mas, olhando de perto, Tessa notou que a moça era branca, não estrangeira. Seus lábios, um contorno vermelho expressando aborrecimento, curvaram-se para baixo nos cantos ao ver Jem.

— Não — disse ela. — Nada de Nephilim.

Ela ia fechar a porta, mas Jem já tinha levantado a bengala; a lâmina se

esticou da base, segurando a porta aberta.

— Não trago problemas — assegurou. — Não estamos aqui em nome da Clave. É assunto pessoal.

A mulher semicerrou os olhos.

— Estamos procurando uma pessoa — prosseguiu. — Um amigo. Leve-nos até ele, e não a incomodaremos mais.

Com isso, ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Sei quem estão procurando — falou. — Só há um de vocês aqui. — Ela virou de costas para a porta, dando de ombros em sinal de desprezo. A lâmina de Jem voltou para o esconderijo com um chiado, e ele desviou sob a soleira baixa da porta, trazendo Tessa.

Adiante havia um corredor estreito. Um pesado aroma adocicado pairava no ar, como o cheiro que ficava nas roupas de Jem depois que ele tomava o remédio. A mão dela apertou involuntariamente a dele.

— É aqui que Will vem para comprar... para comprar o que eu preciso — sussurrou, inclinando a cabeça de modo que quase tocou a orelha de Tessa com os lábios. — Mas por que ele estaria aqui agora...

A mulher que abriu a porta olhou para eles por cima do ombro ao entrar no corredor. Seu vestido tinha uma fenda nas costas, exibindo boa parte das pernas, e o final de uma cauda fina em V, com marcas pretas e brancas, como escamas de uma cobra. *Ela é feiticeira*, pensou Tessa com um aperto no coração. Ragnor, as Irmãs Sombrias, esta mulher — por que feiticeiros pareciam tão... sinistros? Exceto Magnus, talvez, apesar de Tessa ter a impressão de que ele era a exceção para muitas regras.

O corredor desembocava em uma ampla sala, cujas paredes eram pintadas de vermelho. Do teto, pendiam luminárias grandes, com as faces esculpidas e pintadas com delicados traços que projetavam luzes desenhadas nas paredes. Pela extensão do cômodo havia beliches, como no interior de um navio. Uma enorme mesa redonda dominava o centro do aposento. Nela, vários homens estavam sentados, tinham peles no mesmo tom de vermelho-sangue das paredes

e cabelos negros cortados rente às cabeças. As mãos terminavam em garras negro-azuladas que também haviam sido cortadas, provavelmente para permitir que pudessem contar e mexer com mais facilidade nos diversos pós e misturas espalhados diante deles. Os pós pareciam brilhar sob a luz, como gemas pulverizadas.

— Isto é um covil de ópio? — sussurrou Tessa ao ouvido de Jem.

Os olhos dele examinavam com ansiedade o local. Ela pôde sentir a tensão no rapaz, uma vibração sob a pele, como o coração acelerado de um beija-flor.

— Não — Jem parecia distraído. — Na verdade não. Aqui há basicamente drogas demoníacas e pós de fadas. Estes homens à mesa são ifrits. Feiticeiros sem poderes.

A mulher de vestido vermelho estava inclinada sobre o ombro de um dos ifrits. Juntos olharam para Tessa e Jem, fixando os olhares no garoto. Tessa não gostou da maneira como o encaravam. A feiticeira estava sorrindo; o olhar do ifrit era calculista. A mulher se recompôs e se aproximou deles, os quadris movendo-se como um metrônomo sob o vestido justo de cetim.

— Madran diz que temos o que deseja, garoto prateado — informou a feiticeira, passando uma unha vermelha na bochecha de Jem. — Não precisa fingir.

Jem se esquivou do toque. Tessa nunca o vira tão nervoso.

— Como lhe disse, estamos procurando um amigo — irritou-se Jem. — Nephilim. Olhos azuis, cabelos negros... — Sua voz se elevou. — *Ta xian zai zai na li*?

Ela o olhou por um instante, em seguida balançou a cabeça.

— Você é tolo — disse ela. — Sobrou pouco do *yin fen*, e quando acabar, você vai morrer. Estamos lutando para conseguir mais, mas ultimamente a demanda...

— Poupe-nos das tentativas de vender sua mercadoria — disse Tessa, subitamente irritada. Não estava conseguindo aguentar a expressão no rosto de Jem, como se cada palavra fosse uma facada. Não era à toa que Will comprava o veneno para ele. — Onde está nosso amigo?

A feiticeira sibilou, deu de ombros e apontou para uma das camas aparafusadas à parede.

— Ali.

Jem empalideceu enquanto Tessa olhava. Os ocupantes estavam tão imóveis que inicialmente tivera a impressão de que as camas estavam vazias, mas agora, olhando mais de perto, percebeu que cada uma estava tomada por uma figura esparramada. Algumas deitadas de lado, com os braços caindo pelas laterais e as mãos espalmadas; a maioria, de costas, com os olhos abertos, olhando para o teto ou para a cama de cima.

Sem mais uma palavra Jem começou a atravessar a sala seguido por Tessa. Ao se aproximarem das camas, ela percebeu que nem todos os ocupantes eram humanos. Peles de cor azul, violeta, vermelha e verde passaram; longos cabelos verdes presos feito uma rede de algas repousavam sobre travesseiros sujos; dedos afiados agarravam-se às laterais de uma cama enquanto alguém gemia. Outra pessoa ria suavemente, desesperada, um ruído mais triste do que um choro; outra voz repetia sem parar uma poesia infantil:

"Laranjas e limões
Dizem os sinos de São Clemente
Quando irão me pagar?
Dizem os sinos em Old Bailey
Quando eu enriquecer
Dizem os sinos de Shoreditch..."

— Will — sussurrou Jem. Tinha parado ao lado de um beliche na metade do corredor, apoiando-se na parede como se estivesse com as pernas bambas.

Will estava deitado na cama, meio emaranhado em um cobertor escuro e esfarrapado. Não vestia nada além de calças e uma camiseta; o cinto de armas encontrava-se pendurado em um prego no beliche. Estava descalço, com os olhos semiabertos, o azul pouco visível sob a cortina dos cílios escuros. Os cabelos

molhados de suor, grudados à testa, as bochechas vermelhas e febris. Seu peito subia e descia de modo irregular, como se estivesse com dificuldades para respirar.

Tessa esticou o braço e colocou as costas da mão na testa dele. Estava ardendo.

— Jem — disse suavemente. — Jem, precisamos tirá-lo daqui.

O homem na cama ao lado continuava entoando. Não que fosse um homem, exatamente. Tinha o corpo curto e retorcido, os pés descalços eram cascos.

"Quando será?
Dizem os sinos de Stepney
Não sei
Diz o grande sino de Bow"

Jem continuava olhando para Will, imóvel. Parecia congelado. O rosto havia adquirido uma coloração branca e vermelha.

— *Jem*! — sussurrou Tessa. — Por favor. Ajude-me a levantá-lo. — Quando Jem não se moveu, ela esticou o braço, pegou Will pelo ombro e o sacudiu. — Will. Will, acorde, por favor.

Will apenas resmungou e virou-se para longe dela, enterrando a cabeça no braço. Ele era um Caçador de Sombras, pensou Tessa, 1,82 metro de osso e músculo, pesado demais para conseguir levantar. A não ser...

— Se você não me ajudar — disse para Jem —, juro que vou me Transformar em você e levantá-lo sozinha. E aí todos aqui verão como você fica de vestido. — Manteve os olhos fixos nele. — Entendeu?

Muito lentamente, ele ergueu os olhos para ela. Não pareceu perturbado pela ideia de ser visto de vestido por ifrits; sequer pareceu enxergá-la. Era a primeira vez que Tessa se lembrava de ver aqueles olhos prateados sem qualquer brilho no fundo.

— Vai? — disse ele, e esticou a mão para a cama, pegando Will pelo braço e o

empurrando de lado, com pouco cuidado, batendo a cabeça do amigo com força contra a grade lateral do beliche.

Will resmungou e abriu os olhos.

— Solte-me...

— Ajude-me com ele — pediu Jem, sem olhar para Tessa, e juntos lutaram para arrancar Will da cama. Ele quase caiu, deslizando os braços em volta de Tessa para se equilibrar. Enquanto isso, Jem recuperava o cinto de armamentos do prego onde estava pendurado.

— Diga que não é um sonho — sussurrou Will, aconchegando o rosto no pescoço dela. Tessa pulou. Ele ardia contra sua pele. Os lábios dele a tocaram na bochecha; tão macios quanto em sua memória.

— Jem — disse Tessa desesperadamente, e Jem olhou para eles; estava afivelando o cinto de Will sobre o próprio cinto e claramente parecia não ter escutado nada que fora dito por Will. Ajoelhou-se para calçar as botas em Will, depois ficou de pé e pegou o braço de seu *parabatai*. Will pareceu encantado com isso.

— Ah, ótimo — falou. — Agora nós três estamos juntos.

— Cale-se — disse Jem.

Will riu.

— Ouça, Carstairs, você não trouxe o necessário com você, trouxe? Eu cuidaria disso, mas estou liso.

— *O que* ele disse? — Tessa ficou espantada.

— Quer que eu pague pelas drogas dele. — A voz de Jem soou tensa. — Vamos. O levaremos até a carruagem, e eu volto com o dinheiro.

Enquanto lutavam para chegar até a porta, Tessa ouviu a voz do homem com cascos como pés, fina e aguda como música de flauta, e terminando com uma risada aguda.

"Aqui vem uma vela para iluminá-lo até que vá se deitar
E aqui um serrote para a sua cabeça arrancar!"

Mesmo o ar sujo de Whitechapel parecia limpo e fresco depois do fedor enjoativo de incenso do covil de drogas de fadas. Tessa quase tropeçou descendo as escadas. Por sorte a carruagem ainda estava no meio-fio, e Cyril, saltando do assento, foi até eles, com o rosto cheio de preocupação.

— Ele está bem? — perguntou, pegando o braço que Will apoiara nos ombros de Tessa e passando-o por cima dos seus. Tessa chegou para o lado, grata; suas costas começavam a doer.

Will, previsivelmente, não gostou.

— Soltem-me — disse, com uma irritação súbita. — Soltem-me. Eu consigo ficar em pé.

Jem e Cyril trocaram olhares, afastando-se em seguida. Will cambaleou, mas permaneceu de pé. Ergueu a cabeça, o vento frio levantando os cabelos suados do pescoço e da testa, soprando-os em seus olhos. Tessa pensou nele no telhado do Instituto: *E observo Londres, uma terrível maravilha humana de Deus*.

Ele olhou para Jem. Os olhos mais azuis do que o próprio azul, as bochechas vermelhas, as feições angelicais. Falou:

— Não precisavam vir me buscar como se eu fosse uma criança. Estava me divertindo muito.

Jem retribuiu o olhar.

— Maldito seja — disse, acertou o rosto de Will, fazendo o amigo girar. Will não perdeu o equilíbrio, mas se apoiou na lateral da carruagem, com a mão na bochecha. Sua boca estava sangrando. Olhou para Jem com total espanto.

— Coloque-o na carruagem — Jem pediu a Cyril, virando-se em seguida para atravessar a porta vermelha. Indo pagar pelo que quer que Will tivesse consumido, pensou Tessa. Will continuava olhando para as costas dele, o sangue avermelhando a boca.

— James? — disse.

— Vamos, então — disse Cyril, com gentileza. Ele realmente era muito parecido com Thomas, pensou Tessa ao vê-lo abrindo a porta da carruagem e ajudando Will a entrar, fazendo o mesmo com ela em seguida. Cyril lhe entregou

um lenço que trazia no bolso. Estava morno e cheirava a água de colônia barata. Ela sorriu e agradeceu enquanto ele fechava a porta.

Will estava afundado no canto da carruagem, abraçando a si mesmo, os olhos não completamente abertos. Escorrera sangue pelo queixo dele. Tessa inclinou-se e pressionou o lenço contra a boca de Will, que levantou a mão, colocando-a sobre a dela e segurando-a ali.

— Estraguei tudo — disse ele. — Não foi?

— Imensamente, sinto dizer — observou Tessa, tentando não perceber o calor da mão dele sobre a sua. Mesmo no escuro da carruagem, o azul daqueles olhos era luminoso. Mas o que Jem tinha dito sobre beleza? *A beleza é áspera*. Será que as pessoas perdoariam as atitudes de Will se ele fosse feio? E no fim das contas, será que ser perdoado o ajudava? No entanto, ela não conseguia deixar de pensar que ele fazia essas coisas não por se amar demais, mas por se detestar. E ela não sabia por quê.

Ele fechou os olhos.

— Estou cansado, Tess — declarou. — Só queria ter bons sonhos, pelo menos uma vez na vida.

— Não é assim que se consegue, Will — respondeu Tessa, suavemente. — Não se pode comprar, alucinar ou sonhar um caminho para fugir da dor.

A mão dele apertou a dela.

A porta da carruagem se abriu. Tessa afastou-se de Will apressadamente. Era Jem, o rosto numa expressão turbulenta; direcionou um rápido olhar a Will, jogou-se em um dos assentos e esticou o braço para bater no teto.

— Cyril, vamos para casa — disse, e após um instante a carruagem partiu pela noite. Jem fechou as cortinas. No escuro, Tessa guardou o lenço na manga. Continuava úmido com o sangue de Will.

Jem não disse nada durante todo o trajeto da volta de Whitechapel, simplesmente fixou os olhos na frente, com os braços cruzados. Enquanto isso, Will dormia no canto da carruagem e tinha um leve sorriso no rosto. Tessa, em

frente a eles, não conseguiu pensar em nada que pudesse dizer para romper o silêncio de Jem. Aquilo era tão incomum nele — Jem, sempre doce, sempre gentil, sempre otimista. A expressão dele agora estava pior do que vazia, as unhas enterradas no tecido do uniforme, os ombros tensos e numa postura ereta de raiva.

Assim que pararam na frente do Instituto, ele abriu a porta, saltou apressado e subiu os degraus, sem dirigir mais uma palavra a ela. Tessa ficou tão chocada que por um momento só conseguiu olhar para as costas dele. Aproximou-se da porta da carruagem; Cyril já estava lá, com a mão estendida para ajudá-la a saltar. Mal os sapatos de Tessa tocaram os paralelepípedos ela correu atrás de Jem, após dar só uma olhada rápida para confirmar que Will estava tendo o auxílio de Cyril. Tessa correu pelas escadas, diminuindo a voz ao perceber que, obviamente, todos no Instituto dormiam, as tochas de luz enfeitiçada com o brilho reduzido.

Ela foi para o quarto de Jem e bateu; não obtendo resposta, buscou alguns dos seus esconderijos mais frequentes — a sala de música, a biblioteca —, mas, no desconsolo de nada encontrar, voltou para o quarto para se preparar para dormir. De camisola, com o vestido esticado e pendurado, arrastou-se para baixo dos lençóis e ficou olhando fixamente para o teto. Até pegou a cópia de Will de *Vathek* do chão, mas pela primeira vez o poema escrito na frente foi incapaz de fazê-la sorrir, e ela não conseguiu se concentrar na história.

Estava espantada com o próprio incômodo que sentia. Jem estava irritado com Will, e não com ela. Mesmo assim, pensou, possivelmente era a primeira vez que ele havia se descontrolado na frente dela. A primeira vez que fora seco com ela e não recebera suas palavras com gentileza, que não pareceu tê-la colocado em primeiro plano...

Ela não lhe dera valor, pensou com surpresa e vergonha, observando a vela piscar. Tinha presumido que sua bondade era tão natural e inerente que jamais se perguntou se aquilo lhe custava algum esforço. Esforço para se colocar entre Will e o mundo, protegendo um do outro. Esforço para aceitar a perda da própria família com tranquilidade. Esforço para se manter alegre e calmo diante

da própria morte.

Um ruído cortante, o som de algo sendo dilacerado, varreu o quarto. Tessa se sentou ereta. O que *foi* aquilo? Parecia vir do lado de fora da sua porta — do lado oposto do corredor...

Jem?

Levantou-se em um pulo e pegou o penhoar do cabide. Colocando-o apressadamente, correu do quarto para o corredor.

Estava certa — o barulho vinha do quarto de Jem. Tessa lembrou-se da primeira noite em que o conheceu, da adorável música de violino que se derramava da porta feito água. O barulho de agora em nada assemelhava-se à música de Jem. Ouvia o arco raspando na corda, mas aquilo soava como um grito, como uma pessoa berrando de dor. Ela ao mesmo tempo quis entrar, mas temia fazê-lo; finalmente pegou a maçaneta e girou, então entrou e fechou a porta atrás de si.

— Jem — sussurrou.

As lâmpadas de luz enfeitiçada ardiam fracas nas paredes. Jem estava sentado sobre o baú ao pé da cama trajando apenas uma camisa e calças, seus cabelos prateados emaranhados, o violino apoiado no ombro. Agredia o instrumento com o arco vorazmente, extraindo sons terríveis, fazendo-o gritar. Enquanto Tessa assistia, uma das cordas do violino arrebentou com um guincho.

— *Jem*! — chamou novamente, e quando ele não levantou o olhar, ela atravessou o quarto e arrancou o arco da sua mão. — Jem, *pare*! Seu violino, seu violino tão lindo, vai acabar com ele.

Ele olhou para Tessa. Suas pupilas estavam enormes, o prateado dos olhos reduzido a um fino contorno ao redor do preto. Ele estava arfando, com a camisa aberta no pescoço, suor acumulado na clavícula. As bochechas estavam vermelhas.

— Que diferença faz? — disse, com a voz tão baixa que soou quase como um assobio. — Que diferença faz qualquer coisa? Estou morrendo. Não sobreviverei a esta década. Que diferença faz se o violino se for antes de mim?

Tessa estava em choque. Ele nunca havia falado da doença assim, nunca.

Ele se levantou e ficou de costas para ela, encarando a janela. Apenas uma pequena fatia de luar conseguiu penetrar no quarto através da névoa; parecia haver formas visíveis na bruma branca acumulada na janela — fantasmas, sombras, expressões de zombaria.

— Você sabe que é verdade.

— Nada é certo. — A voz de Tessa tremeu. — Nada é inevitável. Uma cura...

— Não existe cura — Jem não soava mais irritado, apenas distante, o que era infinitamente pior. — Vou morrer e você sabe disso, Tess. Provavelmente no próximo ano. Estou morrendo, não tenho família, e a pessoa em que mais confio resolveu brincar com o que está me matando.

— Mas Jem, não acho que seja isso que Will pretendia. — Tessa apoiou o arco no pé da cama e aproximou-se dele, hesitante, como se ele fosse um animal que ela tivesse medo de assustar. — Ele só estava tentando escapar. Está fugindo de alguma coisa, algo sombrio e terrível. Você sabe que sim, Jem. Viu como ele ficou depois... depois de Cecily.

Ela estava atrás dele agora, perto o suficiente para esticar a mão e tentar tocá-lo no braço, mas não o fez. A camisa branca de Jem estava grudada nas omoplatas graças ao suor. Através do tecido, ela pôde ver as Marcas nas costas dele. Jem derrubou o violino de forma quase negligente no baú e virou-se para ela.

— Ele sabe o que significa para mim — disse. — Vê-lo brincar com o que destruiu minha vida...

— Mas ele não estava pensando em você...

— *Eu sei disso.* — Seus olhos estavam quase totalmente negros agora. — Digo a mim mesmo que ele é melhor do que aparenta ser, mas, Tessa, e se não for? Sempre pensei que, se eu não tiver mais nada, ao menos tenho Will. Se não consegui nada que fizesse minha vida valer a pena, sempre estive ao lado dele. Mas talvez não devesse ter estado.

Seu peito subia e descia tão depressa que Tessa ficou alarmada; ela pôs as

costas da mão na testa de Jem e quase engasgou.

— Você está ardendo em febre. Devia estar descansando...

Ele se esquivou, e ela abaixou a mão, magoada.

— Jem, o que foi? Não quer que eu o toque?

— Não assim — disse, irritado, e então ficou ainda mais ruborizado.

— Assim como? — Tessa estava verdadeiramente espantada; esse era um comportamento que poderia esperar de Will, mas não de Jem: esse mistério, essa raiva.

— Como se você fosse uma enfermeira e eu um paciente. —A voz era firme, porém, irregular. — Acha que porque estou doente não sou igual a... — Respirou asperamente. — Pensa que eu não sei — disse —, que quando você pega minha mão é só para sentir meu pulso? Pensa que não sei que quando me olha nos olhos é só para saber quanta droga tomei? Se eu fosse outro homem, um homem normal, poderia ter esperanças, até mesmo expectativas; poderia... — Suas palavras pareceram travar, ou porque percebeu que tinha falado demais, ou por ter perdido o fôlego; estava engasgando, com as bochechas vermelhas.

Ela balançou a cabeça, sentindo as tranças fazerem cócegas no pescoço.

— É a febre falando, não você.

Os olhos de Jem ficaram sombrios, e ele começou a virar de costas para ela.

— Você sequer consegue acreditar que eu possa querê-la — disse, quase em um sussurro. — Que estou vivo o suficiente, saudável o suficiente...

— Não... — Sem pensar, ela agarrou o braço dele. Ele ficou tenso. — James, não foi nada disso que eu quis dizer...

Jem fechou os dedos, quentes como fogo, em torno da mão de Tessa, pousada no seu braço, queimando a pele dela. E em seguida ele a virou, puxando-a para perto de si.

Estavam cara a cara, peito contra peito. A respiração de Jem soprou seu cabelo. Ela sentiu a febre irradiando dele, como a névoa do Tâmisa; sentiu o sangue latejando através da pele; viu com estranha clareza a pulsação em seu pescoço, a luz nos cachos claros do cabelo caído no pescoço ainda mais pálido.

Arrepios de calor percorreram sua pele, surpreendendo-a. Este era Jem — seu amigo, tão firme e confiável quanto batimentos cardíacos. Jem não fazia sua pele arder nem o sangue correr acelerado pelas veias até deixá-la tonta.

— Tessa — disse ele. Ela o encarou. Não havia nada de firme ou confiável na expressão do garoto. Os olhos estavam escuros, as bochechas enrubescidas. Quando ela levantou o rosto, ele abaixou o dele, a boca inclinando-se para a dela, e mesmo enquanto ela congelava, surpresa, estavam se beijando. *Jem*. Ela estava beijando Jem. Ao passo que os beijos de Will eram puro fogo, os de Jem eram como ar fresco após um longo tempo de clausura num lugar escuro e sem ventilação. A boca era suave e firme; uma das mãos pegou gentilmente a nuca de Tessa, guiando sua boca para a dele. Com a outra mão ele segurou o rosto dela, acariciando suavemente a bochecha com o dedo. Os lábios de Jem tinham gosto de açúcar queimado; o doce da droga, presumiu Tessa. O toque dele, os lábios dele hesitavam, e Tessa sabia por quê. Ao contrário de Will, ele se *importava* com isto ser algo inadequado, com o fato de que não deveria tocá-la, beijá-la, sabendo que ela deveria recuar.

Mas ela não queria recuar. Mesmo ao se espantar com o fato de que era Jem que a estava beijando, deixando-a tonta e provocando um chiado no ouvido, Tessa sentiu os braços subirem, como se tivessem vida própria, curvando-se em torno do pescoço dele, puxando-o para mais perto.

Ele arfou contra a boca de Tessa. Devia ter tanta certeza de que ela recuaria que ficou imóvel por um instante. As mãos dela deslizaram sobre os ombros de Jem, instigando-o com toques suaves, com um murmúrio contra seus lábios, pedindo para não parar. Hesitante, ele retribuiu a carícia, depois com mais força — beijando-a repetidamente, cada vez com mais urgência, segurando-lhe o rosto entre as mãos que ardiam, os dedos finos de violinista acariciando sua pele, fazendo-a tremer. Moveu as mãos para a lombar de Tessa, pressionando-a contra si; os pés descalços dela deslizaram sobre o tapete, e eles foram caindo de costas, na cama.

Com os dedos firmes na camisa de Jem, Tessa o puxou, recebendo o peso

dele sobre o corpo com a sensação de que era algo que sempre lhe pertencera, um pedaço de si que havia perdido sem saber. Jem era leve, tinha ossos leves como os de um pássaro, e o mesmo coração acelerado. Passou as mãos no cabelo dele, que era tão macio quanto ela achou que seria em seus sonhos mais contidos, eram como penas entre seus dedos. Ele não parecia conseguir parar de passar as mãos por Tessa, maravilhado. Percorreu o corpo dela, com a respiração áspera em seu ouvido ao encontrar o laço da camisola e pausar ali, com os dedos trêmulos.

A incerteza de Jem fez o coração de Tessa parecer inflando dentro do peito, com uma ternura grande o suficiente para reter ambos lá dentro. Ela queria que Jem a *visse*, como ela era, naturalmente, Tessa Gray, sem qualquer aspecto Transformado. Esticou a mão e desatou o laço, deslizando o penhoar pelos ombros para se expôr a ele trajando apenas a camisola de cambraia branca que usava por baixo.

Olhou para ele, arfando, sacudindo os cabelos soltos para fora do rosto. Apoiando-se sobre os braços, por cima dela, Jem olhou para baixo e repetiu, rouco, o que havia dito antes na carruagem, ao tocá-la no cabelo.

— *Ni hen piao liang*.

— O que significa? — sussurrou ela, e dessa vez ele sorriu e disse:

— Significa que você é linda. Eu não queria dizer antes. Não queria que você achasse que eu estava tomando liberdades.

Tessa esticou o braço e o tocou no rosto, tão próximo do dela, e depois na pele frágil do pescoço, onde o sangue pulsava forte sob a superfície. Os cílios de Jem se moveram conforme ele seguia com os olhos o movimento dos dedos de Tessa, como uma chuva prateada.

— Tome-as — sussurrou.

Ele se inclinou sobre ela; as bocas se encontraram novamente, e o choque da sensação foi tão forte, tão avassalador, que ela fechou os olhos, como se pudesse se esconder na escuridão. Ele murmurou e a puxou para perto. Rolaram para o lado, as pernas de Tessa se entrelaçando nas dele, os corpos se movendo, pressionando um ao outro, cada vez mais próximos, de modo que ficou difícil

respirar, e, mesmo assim, não conseguiam parar. Ela encontrou os botões da camisa dele, mas mesmo ao abrir os olhos, suas mãos tremiam demais para conseguir desabotoá-los. Desajeitada, ela os soltou, rasgando o tecido. Enquanto ele tirava a camisa com movimentos do ombro, ela viu que os olhos dele estavam ficando completamente prateados outra vez. Contudo, só teve um instante para admirá-los; estava ocupada demais se maravilhando com o resto dele. Era tão magro, não tinha os músculos de Will, mas havia algo de adorável em sua fragilidade, como os versos de um poema. *Ouro batido ao máximo*. Apesar de haver uma camada de músculo cobrindo o peito, ela pôde ver as sombras entre as costelas de Jem. O pingente de Jade que Will lhe dera estava abaixo das clavículas angulares.

— Eu sei — disse, olhando para si mesmo, tímido. — Não sou... Digo, eu...

— Lindo — disse ela, e foi sincera. — Você é lindo, James Carstairs.

Os olhos de Jem se arregalaram quando ela esticou os braços para tocá-lo. As mãos de Tessa já tinham parado de tremer. Agora estavam desbravando, fascinadas. Tessa se lembrou que sua mãe possuía um exemplar antigo de um livro, cujas páginas eram tão frágeis que poderiam virar pó quando tocadas. Ela sentiu o mesmo senso de responsabilidade, tendo agora imenso cuidado ao passar os dedos pelas Marcas do peito de Jem, sobre as partes ocas entre as costelas e a inclinação do estômago, que tremeu sob o toque; algo tão frágil quanto adorável.

Ele também não parecia conseguir parar de tocá-la. As mãos habilidosas de músico percorreram as laterais do corpo de Tessa, subindo pelas pernas nuas sob a camisola. Jem tocou-a como normalmente tocava o adorado violino, com uma graça suave e urgente que a deixou sem fôlego. Os dois pareciam compartilhar a febre agora; os corpos ardiam, e os cabelos de ambos estavam molhados de suor, grudados na testa e no pescoço. Tessa não se importou; desejava este calor, esta sensação que era quase uma dor. Esta não era ela, era outra Tessa, uma Tessa sonhada, que teria este comportamento, e ela se lembrou do sonho com Jem em uma cama cercada por chamas. Apenas nunca sonhara que queimaria com ele.

Sabia que desejava mais disso, mais desse fogo, mas nenhum dos romances que havia lido falava sobre o que aconteceria em seguida. Será que *ele* sabia? Will saberia, pensou, mas Jem, assim como ela, ela presumiu, devia estar seguindo um instinto tão profundo quanto os próprios ossos. Os dedos dele percorreram o espaço inexistente entre eles, encontrando os botões que mantinham a camisola fechada; ele se inclinou para beijar o ombro nu de Tessa enquanto o tecido deslizava para o lado. Ninguém nunca havia beijado a pele de Tessa antes, e a sensação foi tão surpreendente que ela esticou a mão para se segurar e derrubou um travesseiro da cama, atingindo a cabeceira. Ouviu-se um ruído de estilhaço. Um aroma súbito, doce e sombrio, como temperos, preencheu o recinto.

Jem recolheu as mãos, com um olhar de pavor no rosto. Tessa também sentou-se, fechando a frente da camisola, repentinamente envergonhada. Jem olhava fixamente para o lado da cama, e ela seguiu a linha de visão. A caixa laqueada que continha as drogas estava quebrada. Uma camada espessa de pó brilhante encontrava-se derramada no chão. Uma leve bruma prateada parecia se erguer dela, trazendo o aroma doce e temperado.

Jem a puxou novamente, abraçando-a, mas agora com medo, e não com paixão.

— Tess — disse com a voz baixa. — Não pode tocar nisso. O contato com sua pele seria... perigoso. Até mesmo respirar... Tessa, você precisa ir.

Ela pensou em Will, ordenando que se retirasse do sótão. Será que seria sempre assim, um menino a beijaria, e depois a mandaria sair, como se fosse uma servente indesejada?

— *Não* vou — irritou-se. — Jem, posso ajudar a limpar. Sou...

Sua amiga, ia dizer. Mas o que estavam fazendo não era algo que amigos fizessem. O que ela era para ele?

— Por favor — pediu ele, suavemente. Jem estava com a voz rouca. Ela reconheceu a emoção. Vergonha. — Não quero que me veja ajoelhado, cavando o chão para juntar a droga de que necessito para viver. Não é assim que um homem quer que a garota que ele... — disse, e deu um suspiro trêmulo. —

Desculpe-me, Tessa.

A garota que ele o quê? Mas ela não podia perguntar; estava sobrecarregada — de pena, compaixão, pelo choque com o que tinham feito. Inclinou-se para a frente e o beijou na bochecha. Ele não se moveu enquanto ela saía da cama, pegava o penhoar e se retirava em silêncio do quarto.

O corredor era o mesmo que Tessa atravessara momentos — horas, minutos? — antes: escuro, com luz enfeitiçada baixa, estendendo-se por todas as direções. Havia acabado de entrar no quarto e estava prestes a fechar a porta quando viu um lampejo de movimento no final do corredor. Algum instinto a reteve no lugar, com a porta quase fechada, o olho grudado na pequena abertura.

O movimento era alguém andando. Teve a impressão de que se tratava de um menino de cabelos claros, mas não — era *Jessamine*, vestindo roupas masculinas. Usava calça e um casaco sobre um colete; trazia um chapéu na mão e os longos cabelos claros presos para trás. Olhou para os lados ao se apressar pelo corredor, como se temesse ser seguida. Logo depois desapareceu, longe do campo de visão.

Tessa fechou a porta, a cabeça à mil. O que diabos tinha sido aquilo? O que Jessamine estava fazendo, vagando pelo Instituto no meio da noite, vestida como um garoto? Após pendurar o penhoar, Tessa se deitou. Estava completamente exaurida, o tipo de exaustão que sentiu na noite em que a tia morreu, como se tivesse esgotado o corpo a ponto de deixá-lo incapaz de sentir qualquer emoção. Ao fechar os olhos, viu o rosto de Jem, depois o de Will, este com a mão na boca ensanguentada. Pensamentos envolvendo ambos se misturaram até ela finalmente dormir, incerta se no sonho beijava um ou outro.

10
A Virtude dos Anjos

A virtude dos anjos é que eles não podem deteriorar;
o defeito é não poderem melhorar. O defeito do homem
é que ele pode deteriorar; e sua virtude é poder melhorar.
— Ditado chassídico

— Suponho que todos vocês já saibam — comentou Will no café da manhã do dia seguinte —, que fui a um covil de ópio ontem à noite.

Era uma manhã triste. O dia havia amanhecido cinzento e chuvoso, e o Instituto parecia muito pesado, como se pressionado pelo céu. Sophie entrava e saía da cozinha, carregando travessas quentes de comida, o rostinho pálido e encolhido; Jessamine estava inclinada, cansada, sobre o chá; Charlotte parecia desgastada e mal por causa da noite passada na biblioteca; os olhos de Will tinham contornos vermelhos, sua bochecha machucada onde Jem batera no dia anterior. Apenas Henry, que lia o jornal segurando-o com uma das mãos enquanto espetava pedaços de ovos com a outra, parecia ter alguma energia.

Jem foi notado essencialmente pela ausência. Quando Tessa acordou naquela manhã, por um instante flutuou em um glorioso estado de esquecimento, em que os eventos da noite anterior se reduziam a um borrão. Depois sentou-se muito ereta, oprimida por um horror absoluto, recaindo sobre ela como uma onda de água escaldante.

Realmente tinha feito todas aquelas coisas com *Jem*? A cama dele — as mãos sobre ela —, as drogas derramadas. Levantou a mão e tocou o próprio cabelo. Caiu solto sobre os ombros, da mesma forma com que Jem havia soltado suas tranças. *Meu Deus*, pensou. *Realmente fiz tudo aquilo; era eu*. Pressionou as mãos contra os olhos, sentindo uma mistura avassaladora de confusão, de espantosa felicidade — afinal, não podia negar que tinha sido maravilhoso —, de horror consigo mesma, além de uma humilhação terrível e completa.

Jem devia achar que ela estava completamente descontrolada. Não era à toa que não conseguiu encará-la no café da manhã. Ela própria mal conseguia se olhar no espelho.

— Ouviram? — repetiu Will, claramente decepcionado com a recepção do anúncio. — Disse que fui a um covil de ópio ontem à noite.

Charlotte levantou os olhos da torrada. Lentamente dobrou o jornal, repousou-o sobre a mesa ao seu lado e desceu os óculos sobre o nariz.

— Não — respondeu. — Este aspecto indubitavelmente glorioso de suas recentes atividades não era de nosso conhecimento.

— Então era lá que estava durante todo este tempo? —perguntou Jessamine apaticamente, pegando um cubo de açúcar da vasilha e mordendo-o. — Agora é um viciado incorrigível? Dizem que basta uma ou duas doses.

— Não era de fato um covil de *ópio* — Tessa protestou antes que pudesse se conter. — Quero dizer, parecia mais um comércio de pós mágicos e coisas do tipo.

— Então, talvez não fosse exatamente um covil de ópio — disse Will —, mas um covil ainda assim. De vícios! — acrescentou ele, pontuando essa última parte com o dedo no ar.

— Oh, céus, não um daqueles lugares conduzidos por ifrits — Charlotte suspirou. — Sério, Will...

— Exatamente um desses — disse Jem, entrando na sala e sentando-se ao lado de Charlotte, o mais distante possível de Tessa, ela notou, com um aperto no peito. E ele não olhou para ela. — Na Whitechapel High Street.

— E como é que você e Tessa sabem tanto a respeito? — perguntou Jessamine, que parecia revitalizada, ou pelo consumo de açúcar, ou pela expectativa de uma boa fofoca, ou as duas coisas.

— Usei um feitiço de rastreamento para encontrar Will ontem à noite — disse Jem. — Já estava ficando preocupado com o sumiço dele. Pensei que pudesse ter esquecido o caminho de volta para o Instituto.

— Você se preocupa demais — disse Jessamine. — É idiotice.

— Tem razão. Não vou cometer esse erro novamente — afirmou Jem, alcançando o *kedgeree*, um prato de origem indiana, feito com peixe defumado e arroz. — Notei que Will não precisava nem um pouco da minha ajuda.

Will olhou pensativo para Jem.

— Parece que acordei com o olho roxo — disse, apontando para o hematoma sob o olho. — Alguma ideia de como isso aconteceu?

— Nenhuma — Jem se serviu de chá.

— Ovos — disse Henry sonhadoramente, olhando para o prato. — Eu realmente adoro ovos.

— Precisava mesmo levar Tessa a Whitechapel com você? — perguntou Charlotte a Jem, tirando os óculos e repousando-os sobre o jornal. Seus olhos castanhos estavam carregados de reprovação.

— Tessa não é feita de porcelana — disse Jem. — Ela não vai quebrar.

Por algum motivo essa declaração, apesar de ter sido feita sem que Jem olhasse para ela, provocou uma enchente de imagens da noite anterior na mente de Tessa — dela agarrada a Jem nas sombras da cama, as mãos dele segurando seus ombros, as bocas vorazes uma na outra. Não, ele não a tratou como se ela fosse quebrar. Uma inundação fervente de calor coloriu suas bochechas, e ela olhou rapidamente para baixo, rezando para o rubor desaparecer.

— Podem ficar surpresos ao saber — revelou Will —, que vi algo bastante interessante no covil de ópio.

— Tenho certeza de que viu — comentou Charlotte, com aspereza.

— Foi um ovo? — perguntou Henry.

— Integrantes do Submundo — disse Will. — Quase todos lobisomens.

— Não há nada de interessante em lobisomens — Jessamine soou ofendida. — Estamos nos concentrando em encontrar Mortmain agora, Will, caso tenha se esquecido, e não em viciados do Submundo.

— Estavam comprando *yin fen* — informou Will. — Em grandes quantidades.

Com isso a cabeça de Jem virou e ele encontrou os olhos de Will.

— Já tinham começado a mudar de cor — disse Will. — Vários tinham cabelos ou olhos prateados. Até as peles já tinham começado a mudar.

— Isso é muito esquisito — Charlotte franziu o rosto. — Temos de falar com Woolsey Scott assim que este assunto de Mortmain se resolver. Se houver essa questão do vício em pó de feiticeiros no seu bando, ele vai querer saber.

— Acha que ele não sabe? — disse Will, inclinado na cadeira. Parecia feliz por finalmente obter reação às notícias que dava. — É o bando dele, afinal.

— O bando dele são todos os lobisomens de Londres — protestou Jem. — Não tem como saber tudo sobre todos.

— Não sei se é sábio esperar — disse Will. — Se conseguir fazer contato com Scott, eu falaria com ele o quanto antes.

Charlotte inclinou a cabeça para o lado.

— E por que isso?

— Porque sim — respondeu Will. — Um dos ifrits perguntou a um lobisomem por que ele precisava de tanto *yin fen*. Aparentemente atua como um estimulante para lobisomens. A resposta foi que agradava ao Magistrado o fato da droga mantê-los trabalhando a noite inteira.

A xícara de Charlotte caiu sobre o pires.

— Trabalhando em quê?

Will sorriu, claramente satisfeito com o efeito que estava provocando.

— Não faço ideia. Perdi a consciência mais ou menos nessa hora. Estava tendo um belo sonho com uma jovem que havia perdido quase todas as roupas...

Charlotte ficou pálida.

— Meu Deus, espero que Scott não esteja envolvido com o magistrado. Primeiro De Quincey, agora os lobos: todos os nossos aliados. Os Acordos...

— Tenho certeza de que vai ficar tudo bem, Charlotte — disse Henry, calmamente. — Scott não me parece do tipo que se envolve com a laia de Mortmain.

— Talvez você deva estar presente quando eu for falar com ele — disse Charlotte. — Em tese, você *é* o diretor do Instituto...

— Oh, não — respondeu Henry, horrorizado. — Querida, você se sairá muito bem sem mim. É tão brilhante no que se refere a essas negociações, e eu simplesmente não sou. Além disso, a invenção na qual estou trabalhando agora pode destruir todo o exército mecânico se eu acertar as fórmulas!

Ele olhou orgulhoso em torno da mesa. Charlotte o encarou por um longo instante, em seguida chegou a cadeira para trás, levantou-se e saiu do quarto sem dizer mais nada.

Will olhou para Henry com os olhos semicerrados.

— Nada perturba seus círculos, não é mesmo, Henry?

Henry piscou.

— O que quer dizer?

— Arquimedes — disse Jem, como sempre, entendendo o que Will queria dizer, apesar de não estar olhando para ele. — Ele estava desenhando um diagrama matemático na areia quando a cidade foi atacada pelos romanos. De tão concentrado na atividade, não viu o soldado chegando por trás. Suas últimas palavras foram "não perturbe meus círculos". Claro que àquela altura ele já era idoso.

— E provavelmente nunca se casou — falou Will, sorrindo para Jem, do outro lado da mesa.

Jem não retribuiu o sorriso. Sem olhar para Will nem para Tessa — sem olhar para ninguém — levantou-se e saiu da sala atrás de Charlotte.

— Oh, céus — disse Jessamine. — Este é um daqueles dias em que todos nós saímos furiosos? Porque simplesmente estou sem energia para isso. — Repousou

a cabeça nos braços e fechou os olhos.

Henry olhou confuso de Will para Tessa.

— O que foi? O que eu fiz de errado?

Tessa suspirou.

— Nada demais, Henry. É só que... acho que Charlotte queria que você fosse *com* ela.

— Então por que ela não disse? — Os olhos de Henry estavam pesarosos. A alegria com os ovos e as invenções parecia haver evaporado. Talvez ele não devesse ter se casado com Charlotte, pensou Tessa, tão fria quanto o tempo. Talvez, a exemplo de Arquimedes, ele fosse mais feliz desenhando círculos na areia.

— Porque as mulheres nunca dizem o que pensam — respondeu Will. Voltou os olhos para a direção da cozinha, onde Bridget limpava os restos da refeição. Sua cantoria flutuava lúgubre até a sala de jantar.

"— Temo que esteja envenenado, meu belo garoto,
Temo que esteja envenenado, minha alegria e conforto!
— Sim, estou envenenado; mãe, prepare logo meu leito,
Sinto dor no coração, e se puder, logo me deito."

— Juro que essa mulher já trabalhou como caçadora de mortos, vendendo baladas trágicas na área dos Seven Dials — comentou Will. — E gostaria muito que ela não cantasse sobre veneno logo após comermos. — Olhou de lado para Tessa. — Você não deveria estar indo colocar o uniforme? Não tem treino com os lunáticos Lightwood hoje?

— Sim, hoje de manhã, mas não preciso trocar de roupa. Vamos apenas praticar arremesso de facas — respondeu Tessa, de certa forma espantada por conseguir ter essa conversa inofensiva e civilizada com Will após os eventos da noite anterior. O lenço de Cyril com o sangue do rapaz continuava na gaveta da cômoda; ela se lembrou do calor dos lábios dele em seus dedos e desviou os olhos

dos dele.

— Que bom que sou um exímio arremessador de facas. — Will levantou-se e estendeu o braço para ela. — Vamos, Gideon e Gabriel vão enlouquecer se eu assistir o treino, e um pouco de loucura me fará bem nesta manhã.

Will tinha razão. Sua presença durante a sessão de treinamento pareceu enlouquecer pelo menos Gabriel, porém Gideon reagiu impassível à intromissão, como parecia fazer com tudo. Will ficou sentado em um banco baixo de madeira que percorria uma das paredes, comendo uma maçã, as pernas longas esticadas, oferecendo conselhos ocasionais que Gideon ignorou, e Gabriel recebeu como golpes no peito.

— Ele *precisa* ficar aqui? — rosnou Gabriel para Tessa na segunda vez em que quase derrubou uma faca enquanto a entregava a ela. Pôs a mão no ombro dela, demonstrando a linha visual para o alvo que mirava: um círculo preto desenhado na parede. Ela sabia o quanto ele teria preferido mirar em Will. — Não pode pedir que ele se retire?

— E por que eu faria isso? — perguntou Tessa, com muita sensatez. — Will é meu amigo, e você é alguém de quem eu sequer gosto.

Tessa arremessou a faca. Passou longe do alvo, atingindo a parte baixa da parede, perto do chão.

— Não, você continua pesando muito a ponta, e como assim, não gosta de mim? — perguntou Gabriel, entregando a ela mais uma faca como se num gesto reflexo, mas sua expressão era de fato muito surpresa.

— Bem — disse Tessa, olhando para a linha da faca —, você se comporta como se não gostasse de *mim*. Aliás, se comporta como se não gostasse de nenhum de nós.

— Não — respondeu Gabriel. — Só não gosto *dele* — apontou para Will.

— Céus — disse Will, e deu mais uma mordida na maçã. — É porque sou mais bonito?

— Fiquem quietos. — Gideon se manifestou, do outro lado da sala. —

Deveríamos estar trabalhando e não brigando por causa de desentendimentos antigos e mesquinhos.

— Mesquinhos? — rosnou Gabriel. — Ele *quebrou meu braço*.

Will mordeu mais um pedaço da maçã.

— Não posso acreditar que ainda esteja chateado com isso.

Tessa jogou a faca. Esse arremesso foi melhor. A arma foi parar no círculo preto, ainda que não no centro. Gabriel olhou em volta à procura de uma nova faca, e quando não encontrou, soltou o ar num gesto de irritação.

— Quando *nós* controlarmos o Instituto — declarou, aumentando a voz para que Will escutasse —, esta sala de treinamento será muito mais bem-conservada e equipada.

Tessa o olhou furiosa.

— Incrível eu não gostar de você, não é mesmo?

O rosto bonito de Gabriel se contorceu em uma expressão feia de desdém.

— Não sei o que isso tem a ver com você, feiticeirazinha; este Instituto não é a sua casa. Você não pertence a este local. Acredite em mim, ficará muito melhor com minha família à frente de tudo; podemos encontrar usos para o seu... talento. Empregos que a enriqueçam. Poderia viver onde quisesse. E Charlotte pode ir controlar o Instituto de York, onde será muito menos prejudicial.

Will já estava sentado ereto a essa altura, e já tinha se esquecido da maçã. Gideon e Sophie pararam de treinar e estavam observando a conversa; Gideon cauteloso e Sophie com os olhos arregalados.

— Caso não tenha percebido — disse Will —, já tem alguém no controle do Instituto de York.

— Aloysius Starkweather é um velho senil. — Gabriel o descartou com um aceno. — E não tem descendentes que possa implorar ao Cônsul para assumirem seu lugar. Desde os acontecimentos com a neta, o filho e a nora dele se mudaram para Idris. Não voltarão nem por amor, nem por dinheiro.

— Que acontecimentos com a neta? — perguntou Tessa, lembrando-se do retrato da menina doente na escadaria do Instituto de York.

— Só viveu até os 10 anos, mais ou menos — respondeu Gabriel. — Nunca teve muita saúde, de qualquer maneira, e quando lhe deram a primeira Marca... Bem, não deve ter recebido treinamento adequado. Enlouqueceu, tornou-se Renegada, e morreu. O choque acabou matando a esposa do velho Starkweather e mandou seus filhos para Idris em debandada. Não deve ser muito difícil substituí-lo por Charlotte. O Cônsul deve saber que ele não é tão bom; comprometido demais com os velhos costumes.

Tessa olhou para Gabriel, incrédula. A voz dele conservara a fria indiferença ao relatar a história dos Starkweather, como se fosse um conto de fadas. E ela... ela não queria ter pena do velho de olhos maliciosos e dono daquela maldita sala cheia de restos de integrantes do Submundo, mas não pôde evitar. Afastou Aloysius Starkweather da mente.

— Charlotte dirige *este* Instituto — disse. — E seu pai não vai tirá-lo dela.

— Ela merece que o tirem dela.

Will jogou o caroço da maçã para o ar, ao mesmo tempo em que sacou uma faca do cinto e a lançou. A faca e a maçã atravessaram juntas o recinto, de algum jeito conseguindo parar na parede ao lado da cabeça de Gabriel, com a faca cortando o caroço e enterrando-se na parede.

— Repita isso — desafiou Will —, e trato de escurecer seus dias para você.

Gideon deu um passo para a frente, com a postura inteiramente alerta.

— Gabriel...

Mas o irmão o ignorou.

— Você sequer sabe o que o pai de sua preciosa Charlotte fez com o meu, sabe? Eu mesmo só fiquei sabendo há poucos dias. Meu pai finalmente sucumbiu e revelou. Até então tinha preservado os Fairchild.

— Seu pai? — Will soou incrédulo. — Protegeu os *Fairchild*?

— Estava nos protegendo também. — As palavras de Gabriel atropelaram-se. — O irmão da minha mãe, meu tio Silas, era um dos amigos mais próximos de Granville Fairchild. Então tio Silas transgrediu a Lei, um detalhe mínimo, uma infração insignificante, e Fairchild descobriu. A única coisa que importava para

ele era a Lei, e não a amizade, ou a lealdade. Foi direto contar à Clave. — A voz de Gabriel se elevou. — Meu tio *se matou* de vergonha, e minha mãe morreu com o sofrimento. Os Fairchild não se importam com ninguém além deles próprios e da Lei!

Por um instante a sala ficou em silêncio; até Will perdeu a fala, parecendo extremamente chocado. Foi Tessa que se pronunciou afinal.

— Mas é culpa do pai de Charlotte. Não dela.

Gabriel estava branco de raiva, os olhos verdes destacados contra a palidez da pele.

— Você não entende — disse ele, perversamente. — Não é Caçadora de Sombras. Temos orgulho de sangue. Orgulho de família. Granville Fairchild queria que o Instituto fosse para as mãos da filha, e o Cônsul fez acontecer. Mas mesmo com Fairchild morto, ainda podemos tirar isso dele. Ele era tão odiado, tão odiado que ninguém teria se casado com Charlotte se ele não tivesse pagado os Branwell para abrirem mão de Henry. Todo mundo sabe. Todo mundo sabe que ele não a ama de verdade. Como é que ele poderia...

Ouviu-se um barulho, como o som de um disparo, e Gabriel se calou. Sophie tinha lhe dado um tapa no rosto. A pele clara do rapaz já começava a avermelhar. Sophie manteve os olhos fixos nele, respirando fundo, com um olhar incrédulo no rosto, como se não pudesse acreditar no que tinha feito.

As mãos de Gabriel cerraram nas laterais do corpo, mas ele não se moveu. Não podia, Tessa sabia. Não podia agredir uma moça, que sequer era Caçadora de Sombras ou integrante do Submundo, apenas uma mundana. Ele olhou para o irmão, mas Gideon, sem expressão, encontrou seu olhar e balançou a cabeça lentamente; com um ruído engasgado, Gabriel virou-se de costas e se retirou da sala.

— Sophie! — exclamou Tessa, alcançando a menina. — Você está bem?

Mas Sophie olhava para Gideon com ansiedade.

— Sinto muito, senhor — disse. — Não tem desculpa, perdi a cabeça, e...

— Foi um golpe bem aplicado — respondeu Gideon calmamente. — Vejo

que tem prestado atenção ao treino.

Will estava sentado no banco, com os olhos azuis vivazes e curiosos.

— É verdade? — perguntou Will. — A história que Gabriel acabou de contar?

Gideon deu de ombros.

— Gabriel idolatra nosso pai — respondeu. — Qualquer coisa dita por Benedict é como um mandamento superior. Eu sabia que meu tio havia cometido suicídio, mas desconhecia as circunstâncias até o dia em que retornamos do primeiro treino com vocês. Papai perguntou como o Instituto parecia ser governado, e respondi que aparentava estar em boas condições, nada diferente do Instituto de Madri. Aliás, disse a ele que não enxerguei qualquer indício de que Charlotte esteja executando um trabalho ruim. Foi então que ele nos contou a história.

— Se não se importa com minha pergunta — disse Tessa —, o que seu tio fez?

— Silas? Se apaixonou pelo *parabatai*. Na verdade não é, como Gabriel diz, uma infração leve, mas muito grave. Relações românticas entre *parabatai* são absolutamente proibidas. Mas mesmo os Caçadores de Sombras mais bem treinados podem ser vítimas das emoções. A Clave teria separado os dois, mas isto Silas não teria aguentado. Por isso se matou. Minha mãe foi consumida pela raiva e pela dor. Acredito perfeitamente que seu último desejo tenha sido que tirássemos o Instituto dos Fairchild. Gabriel era mais jovem do que eu quando nossa mãe morreu, tinha apenas 5 anos, ainda debaixo das saias dela, e me parece que os sentimentos do meu irmão o dominam demais para que ele os entenda. Quanto a mim... não acho que os pecados dos nossos pais devam ser transferidos aos filhos.

— Ou às filhas — completou Will.

Gideon o olhou com um sorriso torto. Não havia desdém nele; aliás, era o olhar de alguém que entendia Will, e a razão pela qual se comportava como o fazia. Até Will pareceu um pouco surpreso.

— Fica o problema de que Gabriel nunca mais vai voltar aqui, é claro — disse

Gideon. — Não depois disto.

Sophie, cuja cor havia começado a voltar, empalideceu novamente.

— A sra. Branwell vai ficar furiosa...

Tessa acenou.

— Vou atrás dele pedir desculpas, Sophie. Vai ficar tudo bem.

Ela ouviu Gideon chamá-la, mas já estava correndo para fora do recinto. Detestava admitir, mas sentiu uma faísca de solidariedade por Gabriel quando Gideon contou a história. Perder a mãe tão jovem, a ponto de mal conseguir se lembrar dela era algo que compreendia. Se alguém lhe dissesse que sua mãe tinha feito um último pedido, não podia assegurar que não faria absolutamente tudo que estivesse em seu poder para realizá-lo... independentemente de fazer sentido ou não.

— Tessa! — Ela estava na metade do corredor quando ouviu o chamado de Will. Girou e o viu atravessando o corredor em direção a ela, com um meio sorriso no rosto.

A resposta da menina limpou o sorriso dele.

— *Por que* está me seguindo? Will, não deveria tê-los deixado sozinhos! Precisa voltar para a sala de treinamento, imediatamente.

Will não voltou.

— Por quê?

Tessa jogou as mãos para o alto.

— Será que os homens nunca percebem nada? Gideon está interessado em Sophie...

— Em *Sophie?*

— Ela é uma moça muito bonita — irritou-se Tessa. — Você é um idiota se não notou a forma como Gideon olha para ela, mas não quero que ele se aproveite. Ela já teve problemas demais nesse sentido ao longo da vida; além disso, se você estiver comigo, Gabriel não vai querer conversar. Você sabe disso.

Will murmurou alguma coisa baixinho e segurou Tessa pelo pulso.

— Aqui. Venha comigo.

O calor da pele de Will contra a dela enviou uma onda por seu braço. Ele a puxou para a sala de estar e a conduziu até as janelas com vista para o jardim. Soltou o pulso a tempo de permitir que ela se inclinasse para a frente e visse a carruagem dos Lightwood atravessando furiosamente a entrada de pedra e os portões de ferro.

— Ali — disse Will. — Gabriel já foi, a não ser que queira perseguir a carruagem. E Sophie é perfeitamente sensata. Não vai permitir que Gideon Lightwood faça nada com ela. Além disso, ele é tão charmoso quanto uma caixa de correio.

Tessa, surpreendendo até a si mesma, soltou uma gargalhada. Levantou a mão para cobrir a boca, mas era tarde demais; já estava rindo, inclinando-se um pouco contra a janela.

Will olhou para ela, com os olhos azuis interrogativos, a boca começando a se curvar em um sorriso.

— Devo ser mais divertido do que pensei. O que faz de mim alguém muito divertido de fato.

— Não estou rindo de você — disse entre sorrisos. — Só... ah, a expressão de Gabriel quando Sophie o estapeou. Minha nossa. — Ela tirou o cabelo do rosto e disse: — Eu não devia estar rindo. Parte da razão pela qual ele se irritou tanto foi a sua provocação. Eu deveria estar furiosa com você.

— Oh, *deveria* — repetiu Will, girando para se jogar em uma cadeira perto da lareira e esticando as pernas na direção do fogo. Assim como em todos os cômodos na Inglaterra, pensou Tessa, aqui estava frio, exceto no exato lugar em frente ao fogo. A pessoa torrava se ficasse perto, ou congelava se ficasse longe, como um peru mal-cozido. — Nenhuma frase boa começa com "deveria". Eu *deveria* ter pagado a conta da taverna, assim não estariam tentando quebrar minhas pernas. Eu *deveria* não ter fugido com a mulher do meu melhor amigo, agora ela me perturba constantemente. Eu *deveria*...

— Você *deveria* — disse Tessa suavemente —, pensar em como as coisas que você faz afetam Jem.

Will virou a cabeça sobre o couro da cadeira e olhou para ela. Estava com a aparência sonolenta, cansada e linda. Podia ser um Apolo pré-Rafaelita.

— Esta é mesmo uma conversa séria, Tess? — Ainda tinha bom humor na voz, mas cortante como uma lâmina de ouro contra o aço afiado.

Tessa se aproximou e sentou na poltrona em frente à dele.

— Não está preocupado que ele esteja irritado com você? Ele é seu *parabatai*. E estamos falando de Jem. Alguém que nunca se irrita.

— Talvez seja melhor que se irrite comigo — disse Will. — Tanta paciência e beatitude não podem fazer bem a ninguém.

— Não fique de gozação com ele. — O tom de Tessa era severo.

— Nada está tão além que não possa ser motivo de piada, Tess.

— Jem está. Ele sempre foi bom para você. Não é nada além de bondade. O fato de ele ter te agredido ontem à noite só prova o quanto você é capaz de enlouquecer até os santos.

— *Jem* me bateu? — Will, passando o dedo na bochecha, pareceu surpreso. — Devo confessar, lembro-me de pouquíssima coisa de ontem à noite. Só de vocês dois me acordando, apesar de eu querer muito continuar dormindo. Lembro de Jem gritando comigo, e de você me segurando. Eu sabia que era você. Você sempre cheira a lavanda.

Tessa ignorou o comentário.

— Bem, Jem bateu em você. E foi merecido.

— Você *realmente* está agindo com desdém, feito Raziel em todos aqueles quadros, como se nos olhasse de cima. Então me diga, anjo do desdém, o que fiz para merecer apanhar de James, na cara?

Tessa procurou palavras, mas estas escaparam; recorreu à linguagem que compartilhava com Will — poesia.

— Sabe, naquele ensaio de Donne, o que ele diz...

— "Libere minhas mãos errantes, e permita que vão?" — Will citou, olhando para ela.

— Estava falando sobre o *ensaio* que discorre sobre nenhum homem ser uma

ilha. Tudo o que você faz atinge os outros. E, no entanto, você nunca pensa nisso. Comporta-se como se vivesse em uma espécie de... de Ilha do Will, e como se nenhuma das suas ações tivesse consequência. Embora elas tenham.

— Como minha ida a um covil de feiticeiros afeta Jem? — perguntou Will. — Suponho que ele teve de aparecer e me arrancar de lá, mas ele já fez coisas muito mais perigosas por mim. Nós nos protegemos...

— Não, vocês *não* se protegem — argumentou Tessa, frustrada. — Acha que ele se importa com o perigo? Acha? A vida dele foi destruída por essa droga, esse *yin fen*, e lá se vai você, para um covil de feiticeiros, e se droga como se não tivesse importância, como se fosse só uma brincadeira. Ele precisa tomar essa coisa todos os dias para poder viver, ao mesmo tempo em que isso o mata. Jem detesta ser dependente disso. Não consegue nem comprar a coisa pessoalmente; tem *você* para fazer isso. — Will ameaçou protestar, mas Tessa levantou a mão. — E aí *você* vai até Whitechapel, joga dinheiro em cima de quem fabrica essa droga e vicia as pessoas como se ir até lá fosse apenas um passeio em dia de feriado. O que estava pensando?

— Mas não teve nada a ver com Jem...

— Você não pensou nele — disse Tessa. — Mas talvez devesse ter pensado. Não vê que ele acha que você estava brincando com aquilo que o mata? E você deveria ser o irmão dele.

Will estava pálido.

— Ele não pode achar isso.

— Ele acha — afirmou. — Ele entende que você não liga para o que os outros pensam a seu respeito. Mas acho que ele sempre imaginou que você se importasse com o que ele pensa. Com os sentimentos dele.

Will se inclinou para a frente. A luz da lareira projetou desenhos estranhos na pele dele, escurecendo o hematoma, deixando-o preto.

— Eu me importo com o que os outros pensam — revelou, com uma intensidade surpreendente, olhando para o fogo. — É só o que me importa, o que os outros pensam, o que sentem por mim, e o que eu sinto por eles; isso me

enlouquece. Eu queria fugir...

— Não pode estar falando sério. Will Herondale, ligando para a opinião alheia? — Tessa tentou deixar a voz o mais suave possível. A expressão no rosto dele a espantou. Não era fechada, mas aberta, como se ele tivesse sido flagrado em um pensamento que desejava desesperadamente compartilhar, mas não suportava. *Este é o menino que pegou minhas cartas particulares e as escondeu no quarto*, pensou, mas não conseguiu se enraivecer com isso. Tinha pensado que ficaria furiosa quando voltasse a encontrá-lo, mas não, estava apenas confusa e pensativa. Aquilo demonstrava curiosidade acerca de outras pessoas? O fato de que desejara lê-las? Algo nada característico de Will?

Havia algo exposto como uma ferida no rosto dele, na voz.

— Tess — falou. — Isso é *tudo* em que penso. Nunca olhei para você sem pensar no que você sente em relação a mim, e temendo...

Parou quando a porta da sala se abriu e Charlotte entrou, seguida por um homem alto cujos cabelos louros brilhavam como um girassol à pouca luz. Will virou o rosto rapidamente, o rosto mudando. Tessa o encarou. *O que* ele ia dizer?

— Oh! — Charlotte claramente se espantou em vê-los. — Tessa, Will... não sabia que estavam aqui.

As mãos de Will estavam cerradas em punhos nas laterais do corpo, o rosto encoberto pela sombra, mas a voz saiu controlada ao responder:

— Vimos a lareira acesa. O resto da casa está frio como gelo.

Tessa se levantou.

— Estamos de saída...

— Will Herondale, muito bom ver que está bem. E Tessa Gray! — O homem louro se afastou de Charlotte e veio em direção a Tessa, sorrindo como se a conhecesse. — A menina que muda de forma, certo? É um prazer conhecê-la. Que curioso.

Charlotte suspirou.

— Sr. Woolsey Scott, esta é a senhorita Tessa Gray. Tessa, este é o senhor Woolsey Scott, líder do bando de lobisomens e um amigo da Clave de longa data.

— Muito bem, então — disse Gideon quando a porta se fechou atrás de Tessa e Will. Voltou-se para Sophie, que subitamente se conscientizou da enormidade da sala, e do quão pequena sentia-se ali dentro. — Podemos prosseguir com o treinamento?

Ele estendeu uma faca para ela, brilhando como uma varinha prateada no escuro do cômodo. Seus olhos verdes eram estáveis. *Tudo* em Gideon era estável — o olhar, a voz, a maneira como se apresentava. Sophie lembrou-se da sensação de ter aqueles braços firmes envolvendo-a e involuntariamente sentiu um calafrio. Nunca tinha estado a sós com ele, e isso a assustou.

— Acho que não conseguiria me concentrar, sr. Lightwood — disse. — Agradeço a oferta assim mesmo, mas...

Ele abaixou o braço lentamente.

— Acha que não levo seu treinamento a sério?

— Acho que está sendo muito generoso. Mas devo encarar os fatos, não? Este treinamento nunca foi por mim ou Tessa. Sempre foi por causa de seu pai e do Instituto. E agora que agredi seu irmão... — Sentiu a garganta apertar. — A sra. Branwell ficaria muito decepcionada comigo se soubesse.

— Bobagem. Ele mereceu. E o pequeno problema do *desentendimento* entre nossas famílias existe. — Gideon girou a faca de prata de forma descuidada entre os dedos, colocando-a no cinto. — Charlotte provavelmente aumentaria seu salário se soubesse.

Sophie balançou a cabeça. Estavam a apenas poucos passos de um banco; sentou-se, exausta.

— Não conhece Charlotte. Ela se sentiria obrigada por honra a me aplicar um castigo.

Gideon sentou-se — não ao lado de Sophie, mas no extremo oposto, o mais afastado possível. Sophie não sabia se estava feliz com isso ou não.

— Srta. Collins — falou. — Há algo que precisa saber.

Ela entrelaçou os dedos.

— O quê?

Ele se inclinou para a frente, com os ombros largos encolhidos. Ela viu manchinhas cinzentas nos olhos verdes de Gideon.

— Quando meu pai me pediu que voltasse de Madri — revelou —, eu não queria vir. Nunca fui feliz em Londres. Nossa casa é um local extremamente infeliz desde a morte da minha mãe.

Sophie simplesmente continuou a encará-lo. Não conseguia pensar em nada para dizer. Ele era um Caçador de Sombras, e um cavalheiro, e, mesmo assim, parecia estar desabafando com ela. Nem mesmo Jem, com toda a sua gentileza, jamais fizera isso.

— Quando soube destas aulas, pensei que seriam uma perda lastimável do meu tempo. Imaginei duas meninas muito tolas e sem qualquer interesse em receber instruções. Mas esta descrição não é compatível com você, nem com a srta. Gray. Devo dizer que eu treinava jovens Caçadores de Sombras em Madri. E alguns deles não eram dotados da sua habilidade natural. Você é uma aluna talentosa e é um prazer ensiná-la.

Sophie sentiu o rosto ficar intensamente vermelho.

— Não pode estar falando sério.

— Estou. Foi uma agradável surpresa na primeira vez em que vim aqui, e novamente a cada aula. Percebi que esperava ansiosamente por elas. Aliás, é justo dizer que desde meu retorno ao lar, tenho detestado tudo em Londres, exceto pelas horas aqui, com você.

— Mas você diz *ay Dios mio* cada vez que derrubo a adaga...

Gideon sorriu. O sorriso iluminava aquele rosto, transformava-o. Ele não era belo como Jem, mas era muito bonito, principalmente quando sorria. O sorriso parecia estender-se e tocá-la no coração, acelerando o ritmo dos batimentos. *Ele é um Caçador de Sombras*, pensou. *E um cavalheiro. Esta não é a maneira apropriada de pensar a respeito dele. Pare.* Mas não conseguia se conter, tanto quanto não conseguira evitar pensar em Jem. Mas com Jem se sentia segura, e com Gideon, a agitação provocada por ele era feito um raio percorrendo suas

veias, chocando-a. No entanto, não queria se livrar disso.

— Falo espanhol quando estou de bom humor — disse. — É bom que saiba isso sobre mim.

— Então não era impaciência com minha inaptidão a ponto de querer se jogar do telhado?

— Pelo contrário — Gideon se inclinou para perto dela. Seus olhos tinham o verde-acinzentado de um mar tempestuoso. — Sophie? Posso perguntar uma coisa?

Ela sabia que podia corrigi-lo, solicitar que a chamasse de srta. Collins, mas não o fez.

— Eu... pode?

— Independentemente do que aconteça com as aulas... posso encontrá-la novamente?

Will estava de pé, mas Woolsey Scott continuava examinando Tessa, com a mão sob o queixo, avaliando-a como se ela fosse alguma coisa dentro de um vidro em uma exposição de história natural. Ele não era nada como Tessa havia imaginado que seria o líder de um bando de lobisomens. Provavelmente tinha uns vinte e poucos anos, alto e esguio a ponto de ser magro demais, cabelos louros na altura dos ombros, trajando um casaco de veludo, calça até o joelho e um cachecol com estampa escocesa. Tinha um monóculo colorido sobre um dos olhos verde-claros. Parecia um dos desenhos que tinha visto no *Punch* daqueles que se autointitulavam "estetas".

— Adorável — pronunciou-se afinal. — Charlotte, insisto que fiquem para a conversa. Que casal charmoso. Vê como os cabelos escuros dele contrastam com a pele clara dela...

— Obrigada — disse Tessa, com a voz diversas oitavas acima do normal —, sr. Scott, é muito delicado, mas não existe qualquer ligação entre mim e Will. Não sei o que ouviu...

— Nada! — declarou, sentando na cadeira e ajeitando o cachecol. — Nada

mesmo, garanto, apesar de seu rubor contrariar suas palavras. Vamos todos, então. Sentem-se. Não há motivo para sentirem-se intimidados por mim. Charlotte, solicite um chá. Estou seco.

Tessa olhou para Charlotte, que deu de ombros como se quisesse dizer que não havia nada que pudesse ser feito. Lentamente, Tessa sentou-se. Will também. Ela não olhou para ele. Não conseguia, não com Woolsey Scott sorrindo para os dois como se soubesse de algo que ela não sabia.

— E onde está o jovem senhor Carstairs? — indagou. — Menino adorável. De coloração tão interessante. E tão talentoso com o violino. Claro, vi Garcin tocar na Ópera de Paris, e diante disso, bem, qualquer coisa parece pouco. É lamentável que esteja doente.

Charlotte, que tinha ido até o outro lado da sala para chamar Bridget, voltou e sentou-se, ajeitando as saias.

— De certa forma, é sobre isso que queria falar com você...

— Oh, não, não, não. — Do nada Scott fez surgir uma caixinha de cerâmica maiólica, que sacudiu na direção de Charlotte. — Sem conversas sérias, por favor, até eu ter tomado chá e fumado. Cigarro egípcio? — Ofereceu a caixa a ela. — São os melhores que existem.

— Não, obrigada — Charlotte pareceu ligeiramente assustada com a ideia de fumar um cigarro; de fato, era difícil imaginar, e Tessa sentiu Will, ao seu lado, rir em silêncio. Scott deu de ombros e voltou a preparar o fumo. A caixinha de cerâmica maiólica era uma coisa engenhosa, com compartimentos para os cigarros, amarrados com um laço de seda, fósforos novos e usados, e um lugar para as cinzas. Todos observaram o lobisomem acender o cigarro com deleite, e o aroma doce de tabaco preencheu o recinto.

— Agora — disse ele. — Conte-me como está, Charlotte, querida. E aquele seu marido abstrato. Continua andando pela cripta, inventando coisas para explodir?

— Às vezes — respondeu Will —, as coisas supostamente são *feitas* para explodir.

Ouviram um ruído, e Bridget entrou com uma bandeja de chá, poupando Charlotte de precisar responder. Repousou as coisas na mesa entre as cadeiras, olhando de um lado para o outro, ansiosa.

— Desculpe, sra. Branwell. Achei que o chá fosse só para dois...

— Não tem problema, Bridget — disse Charlotte, com um firme tom de dispensa. — Chamo se precisarmos de mais alguma coisa.

Bridget fez uma reverência e saiu, lançando um olhar curioso a Woolsey Scott enquanto saía. Ele nem a notou. Já tinha servido leite na xícara de chá e olhava de forma reprovadora para a anfitriã.

— Oh, Charlotte.

Ela o olhou espantada.

— Sim?

— A pinça... a pinça para o açúcar — Scott disse tristemente, com a voz de alguém relatando a morte trágica de um conhecido. — É de prata.

— Oh! — Charlotte pareceu espantada. Prata, Tessa lembrou, era perigosa para lobisomens. — Sinto muito...

Scott suspirou.

— Tudo bem. Felizmente, sempre ando com a minha. — De outro bolso no casaco de veludo, que estava abotoado sobre um colete de seda com estampa de lírios, que envergonharia os de Henry, tirou um pedaço enrolado de seda; desenrolando-o, revelou pinças de ouro e uma colher de chá. Colocou-as sobre a mesa, tirou a tampa do bule e pareceu satisfeito. — Chá pólvora! Do Ceilão, presumo? Já tomou chá em Marrakech? Eles misturam com açúcar ou mel...

— Pólvora? — disse Tessa, que jamais conseguia conter as perguntas, mesmo quando sabia que não era uma boa ideia fazê-las. — Não tem *pólvora* no chá, tem?

Scott riu e devolveu a tampa ao bule. Recostou-se enquanto Charlotte, com a boca rija, servia o chá na xícara dele.

— Que graça! Não, chamam assim porque as folhas do chá são enroladas em pequenas pastilhas que lembram pólvora.

Charlotte disse:

— Sr. Scott, realmente *precisamos* discutir o assunto.

— Sim, sim, li a carta que me enviou — suspirou. — Política do Submundo. Um tédio. Não suponho que vá me deixar contar sobre ter meu retrato pintado por Alma-Tadema? Eu estava vestido como um soldado romano...

— Will — disse Charlotte com firmeza. — Talvez você devesse compartilhar com o senhor Scott o que viu em Whitechapel ontem à noite.

Will, para surpresa de Tessa, obedeceu, contendo ao máximo os comentários sarcásticos. Scott o observou sobre a aba da xícara enquanto ele falava. Tinha olhos verdes tão claros que eram quase amarelos.

— Desculpe, meu rapaz — disse quando Will acabou de falar. — Não vejo por que isto exige uma reunião urgente. Todos nós sabemos da existência desses covis de ifrits, e não posso ficar de olho em todos os membros do meu bando o tempo todo. Se alguns deles resolvem se viciar... — Inclinou-se para perto. — Sabe que seus olhos têm quase o mesmo tom de pétalas de amor-perfeito? Não exatamente azul, não exatamente violeta. Extraordinários.

Will arregalou os olhos extraordinários e sorriu.

— Acho que o que preocupou Charlotte foram as intenções do Magistrado.

— Ah. — Scott voltou o olhar para Charlotte. — Está preocupada com a possibilidade de que eu a traia, como achou que De Quincey tivesse feito. Que eu esteja ligado ao Magistrado — vamos chamá-lo pelo nome, sim? — Mortmain, e que eu esteja permitindo que utilize meus lobos para seus serviços.

— Pensei — disse Charlotte, hesitante —, que talvez os membros do Submundo londrino pudessem ter se sentido traídos pelo Instituto, depois do que aconteceu com De Quincey. A morte dele...

Scott ajustou o monóculo. Ao fazê-lo, uma luz brilhou no anel dourado que usava no indicador. Palavras brilharam do anel: *l'art pour l'art*.

— Foi a surpresa mais agradável que tive desde que descobri os banhos turcos de Savoy na Jermyn Street. Eu detestava De Quincey. Odiava-o com cada fibra do meu ser.

— Bem, as Crianças Noturnas e os Filhos da Lua nunca...

— De Quincey mandou matar um lobisomem. — Tessa declarou subitamente, suas lembranças misturando-se às de Camille, com a imagem de um par de olhos verde-amarelados como os de Scott. — Por uma... ligação... com Camille Belcourt.

Woolsey Scott dirigiu um olhar longo e curioso a Tessa.

— Esse — disse a ela —, era meu irmão. Meu irmão *mais velho*. Era o líder do bando antes de mim e, como podem ver, herdei o posto dele. Geralmente é preciso matar para se tornar líder do bando. No meu caso, houve votação e a tarefa de vingar meu irmão em nome do bando foi atribuída a mim. Só que agora, como veem — gesticulou com uma mão elegante —, cuidaram de De Quincey para mim. Não imaginam minha gratidão — disse, inclinando a cabeça para o lado. — Ele morreu bem?

— Morreu gritando. — A falta de tato de Charlotte pasmou Tessa.

— Que coisa linda de se ouvir. — Scott repousou a xícara. — Por isso lhe devo um favor. Vou revelar o que sei, apesar de não ser muito. Mortmain me procurou no princípio, querendo que eu me juntasse a ele no Clube Pandemônio. Recusei, pois De Quincey já fazia parte e eu não participaria de um clube que o aceitasse. Mortmain avisou que haveria um lugar para mim, caso eu mudasse de ideia...

— Ele revelou seus objetivos? — interrompeu Will. — O principal propósito do clube?

— A destruição de todos os Caçadores de Sombras — disse Scott. — Pensei que dispusessem dessa informação. Não é um clube de *jardinagem*.

— É rancor, achamos — disse Charlotte. — Contra a Clave. Caçadores de Sombras mataram os pais dele há alguns anos. Eram feiticeiros, profundos conhecedores de magia negra.

— Não é tanto um rancor, está mais para uma ideia fixa — declarou Scott. — Uma obsessão. Ele gostaria de acabar com sua espécie, apesar de parecer satisfeito em começar pela Inglaterra e avançar a partir daí. Um louco do tipo

paciente e metódico. O pior tipo. — Acomodou-se na cadeira e suspirou. — Eu *soube* da notícia de que um grupo de jovens lobos, sem lealdade a nenhum bando, anda fazendo algum tipo de trabalho obscuro e recebendo muito bem por isso. Incitando a confusão entre bandos de lobos, semeando discórdia. Eu não sabia sobre a droga.

— Faz com que continuem trabalhando para Mortmain noite e dia, até desabarem de exaustão, ou morrerem por causa dela — disse Will. — E não existe cura para este vício. É mortal.

Os olhos verde-amarelados do lobisomem encontraram os dele.

— Este *yin fen*, este pó prateado, é nisso que seu amigo James Carstairs é viciado, não é? E ele continua vivo.

— Jem sobrevive porque é Caçador de Sombras e porque usa o mínimo possível, na menor frequência possível. E mesmo assim vai acabar morrendo — a voz de Will soou mortalmente seca. — Assim como morreria se parasse de usar.

— Bem, bem — disse o lobisomem, displicentemente. — Espero que as aquisições desenfreadas do Magistrado não esgotem o produto, sendo este o caso.

Will ficou branco. Claramente não tinha pensado nisso. Tessa virou-se para Will, mas ele já estava de pé, indo para a porta. Fechou-a atrás de si com uma batida.

Charlotte franziu a testa.

— Meu Deus, lá vai ele para Whitechapel outra vez — disse. — Tinha mesmo de fazer isso, Woolsey? Acho que acabou de assustar o coitado, e provavelmente à toa.

— Não há nada de errado em ter um pouco de precaução — respondeu Scott. — Não valorizei meu próprio irmão, até De Quincey matá-lo.

— De Quincey e o Magistrado são basicamente iguais, implacáveis — declarou Charlotte. — Se puder nos ajudar...

— A situação toda é certamente bestial — observou Scott. — Infelizmente, licantropes que não fazem parte do meu bando não são minha responsabilidade.

— Se puder simplesmente enviar *feelers*, sr. Scott. Qualquer informação sobre o local onde trabalham, ou o que andam fazendo pode ser valiosíssima. A Clave ficaria muito grata.

— Ah, a *Clave* — disse Scott, como se estivesse completamente entediado. — Muito bem. Agora, Charlotte, vamos falar de você.

— Ah, mas eu sou *muito* sem graça — disse Charlotte, e então, bem de propósito, Tessa tinha certeza, ela empurrou a chaleira. Esta caiu na mesa com um estalo, entornando água quente. Scott levantou com um grito, tirando o cachecol da zona de perigo. Charlotte ficou de pé, falando numa voz estridente:. — Woolsey, querido — disse, colocando a mão no braço dele —, você foi de *grande* ajuda. Deixe-me levá-lo. Recebemos uma antiga adaga *keris* do Instituto de Bombaim que estou *ansiosa* para lhe mostrar...

11
Selvagem Inquietação

Sua aflição tem sido minha angústia; sim, retraio-me
E pereço em sua desventura desafortunada.
Vasculhei os picos e as profundezas, a extensão
De todo o nosso universo, com esperança desesperada
De encontrar consolo para sua selvagem inquietação.
— James Thomson, "The City of Dreadful Night"

A minha querida sra. Branwell,

Pode ser que fique surpresa por receber uma carta minha tão pouco tempo após eu ter partido de Londres, mas, apesar da sonolência do campo, os eventos aqui continuam acelerados, e achei melhor mantê-la a par dos acontecimentos.

O clima continua bom por aqui, o que me permite ter tempo para explorar o campo, principalmente a área do Solar Ravenscar, que é de fato uma bela propriedade. A família Herondale parece viver sozinha lá: apenas o pai, Edmond; a mãe; e a filha mais nova, Cecily, que tem quase 15 anos, e em muito se assemelha ao irmão em inquietação, comportamento e aparência. Em breve explicarei como descobri isso.

Ravenscar em si fica perto de uma pequena vila. Estou na pousada local, chamada Cisne Negro, e me fiz de um cavalheiro interessado em

comprar uma casa na área. Os locais têm sido muito solícitos com informações, e quando não o são, alguns feitiços de persuasão ajudaram a fazer com que enxergassem as coisas sob o meu ponto de vista.

Parece que os Herondale pouco se misturam à sociedade local. Apesar de — ou talvez por isso — terem esta tendência, há muitos rumores sobre eles. Parece que não são donos do Solar Ravenscar, mas sim seus guardiões, tomando conta do lugar para o verdadeiro dono — Axel Mortmain, é claro. Mortmain não parece ser ninguém significativo para estas pessoas, apenas um rico industrial que comprou uma casa no campo que mal visita; não me deparei com nenhum rumor que os associe aos Shade, cujo legado parece há muito esquecido. Já os Herondale são assunto de curiosa especulação. Sabe-se que tinham uma filha que morreu, e que Edmond, que outrora conheci, recorreu ao alcoolismo e à jogatina. Eventualmente perdeu a própria casa em Gales para o jogo e, destituídos, lhes foi oferecida a ocupação desta casa em Yorkshire pelo próprio dono. Isso foi há dois anos.

Obtive confirmação de todas estas informações hoje à tarde quando, observando de longe o solar, fiquei pasmo com a aparição de uma menina. Soube imediatamente quem era. Já a tinha visto entrar e sair da casa, e sua semelhança com o irmão Will, como disse, é acentuada. Ela veio até mim, exigindo saber por que eu estava espionando a família. Inicialmente não pareceu irritada, apenas esperançosa.

— Foi meu irmão que o enviou? — perguntou. — Tem algum recado do meu irmão?

Foi de partir o coração, mas conheço a Lei, e só pude dizer que o irmão estava bem, e queria saber se estavam seguros. Com isso ela se irritou e disse que a melhor maneira de Will garantir a segurança da família era voltando para eles. Também falou que não foi a morte da irmã (você sabia desta irmã?) que desestabilizou o pai, mas o abandono de Will. Deixarei que você decida se vai transmitir o recado ao jovem Herondale, pois me

parece uma notícia que faria mais mal do que bem.

Quando falei com ela sobre Mortmain, falou sobre ele com facilidade — um amigo da família, foi o que disse, que ofereceu esta casa quando não tinham nada. Enquanto falava, consegui formular uma ideia de como Mortmain pensa. Ele sabe que é contra a Lei que os Nephilim se metam com Caçadores de Sombras que escolheram deixar a Clave, e que, por isso, o Solar Ravenscar seria evitado; também sabe que a ocupação do mesmo por parte dos Herondale torna os objetos da casa de propriedade da família, e que, portanto, não podem ser utilizados para rastreá-lo. E, finalmente, sabe que poder sobre os Herondale por ser convertido em poder sobre Will. Ele precisa de poder sobre Will? Talvez não agora, mas pode chegar um momento em que sim, e quando isso acontecer, ele vai conseguir. É um homem bem preparado, e homens assim são perigosos.

Se eu fosse você, e não sou, diria ao mestre Will que a família dele está em segurança, e que os estou observando; evitaria falar sobre Mortmain até que eu consiga reunir mais informações. Até onde pude descobrir com Cecily, os Herondale não sabem onde Mortmain está. Ela disse que ele estava em Xangai, e que às vezes recebem cartas da empresa dele de lá, todas com selos peculiares. Contudo, é de meu entendimento que o Instituto de Xangai acredita que ele não esteja lá.

Contei à srta. Herondale que o irmão sente saudades dela; pareceu o mínimo que eu podia fazer. Ela pareceu grata. Permanecerei nesta área por mais algum tempo, acho; eu mesmo fiquei curioso em saber como os infortúnios dos Herondale se encaixam nos planos de Mortmain. Ainda há segredos a serem desvendados aqui, sob o verde pacífico de Yorkshire, e pretendo descobri-los.

Ragnor Fell

Charlotte releu a carta duas vezes, para memorizar os detalhes, em seguida, após dobrá-la, jogou-a na lareira da sala de estar. Ficou parada, exaurida, apoiada

no console da lareira, observando enquanto a chama consumia o papel em linhas pretas e douradas.

Não sabia ao certo se estava surpresa, perturbada, ou simplesmente desgastada com o conteúdo ali escrito. Tentar encontrar Mortmain era como estender a mão para esmagar uma aranha e acabar percebendo que ficou preso à teia, desamparado. E Will... odiava ter de falar sobre isso com ele. Olhou para o fogo sem enxergar nada. Às vezes achava que Will tinha sido enviado pelo Anjo, especificamente para testar sua paciência. Ele era amargo, tinha uma língua afiada e retribuía suas tentativas de demonstração de amor e afeto com maldade ou desprezo. E mesmo assim, quando olhava para ele, via o menino que ele fora aos 12 anos, encolhido no canto do quarto com as mãos sobre as orelhas enquanto os pais gritavam seu nome lá embaixo, pedindo que ele saísse, que voltasse para eles.

Ela se ajoelhara ao lado dele depois que os Herondale partiram. Lembrava-se de Will levantando o rosto para ela — pequeno, branco e firme, com aqueles olhos azuis e os cílios escuros; naquela época era bonito como uma menina, magro e delicado, antes de se lançar ao treinamento de Caçador de Sombras com tanto afinco que em dois anos a delicadeza desapareceu, coberta por músculos, cicatrizes e Marcas. Naquela ocasião Charlotte pegou a mão dele, que este permitiu ficar entre as dela como um peso morto. Ele mordera o lábio inferior, e sangue correra pelo queixo, pingando na camisa.

Charlotte, você vai me contar, não vai? Vai me contar se alguma coisa acontecer a eles?

Will, não posso...

Conheço a Lei. Só quero saber se estão vivos. Os olhos do menino imploravam. *Charlotte, por favor...*

— Charlotte?

Ela levantou os olhos da fogueira. Jem estava na entrada da sala de estar. Charlotte, ainda meio envolvida nas tramas do passado, piscou para ele. Logo que Jem chegou de Xangai, tinha olhos e cabelos pretos como tinta. Com o

tempo tornaram-se prateados, como cobre oxidando a azinhavre, enquanto as drogas corriam por seu sangue, transformando-o, matando-o aos poucos.

— James — disse ela. — Está tarde, não?

— Onze horas. — Ele inclinou a cabeça para o lado, analisando-a. — Tudo bem? Você parece um tanto perturbada.

— Não, eu só... — gesticulou vagamente. — É este problema de Mortmain.

— Tenho uma pergunta — disse Jem, entrando na sala e diminuindo a voz — que não é totalmente fora do assunto. Gabriel disse algo hoje, durante o treinamento...

— Você estava lá?

Jem sacudiu a cabeça.

— Sophie me contou. Ela não gosta de fofoca, mas ficou incomodada, e não posso culpá-la por isso. Gabriel relatou que o tio dele se suicidou e que a mãe morreu de tristeza por causa... bem, por causa do seu pai.

— Meu pai? — disse Charlotte, a expressão vazia.

— Aparentemente, o tio de Gabriel, Silas, transgrediu a Lei, e seu pai descobriu. E acionou diretamente a Clave. O tio dele se matou por vergonha, e a sra. Lightwood morreu de tristeza. Segundo Gabriel "os Fairchild não se importam com ninguém além deles mesmos e da Lei".

— E você está me falando isso porque...?

— Fiquei me perguntando se seria verdade — respondeu Jem. — E se for, talvez seja útil comunicar ao Cônsul que a razão pela qual Benedict deseja o Instituto é vingança, e não um desejo generoso de vê-lo mais bem governado.

— Não é verdade. Não pode ser. — Charlotte balançou a cabeça. — Silas Lightwood realmente se matou, porque estava apaixonado pelo *parabatai* dele, mas não porque meu pai contou para a Clave. A Clave só ficou sabendo disso através do bilhete de suicídio de Silas. Aliás, o pai dele pediu ajuda ao meu para escrever o discurso fúnebre na ocasião do enterro. Parece a atitude de um homem que culpava meu pai pela morte do filho?

Os olhos de Jem escureceram.

— Interessante.

— Acha que Gabriel está simplesmente sendo desagradável, ou acredita que o pai mentiu para ele para...

Charlotte não concluiu a frase. Jem curvou-se subitamente, como se tivesse levado um soco no estômago, em um acesso de tosse tão violento que os ombros finos estremeceram. Um jato de sangue vermelho se espalhou sobre a manga do casaco quando levantou o braço para cobrir o rosto.

— Jem... — Charlotte foi até ele com os braços esticados, mas ele levantou cambaleando e afastou-se, estendendo a mão para mantê-la distante.

— Estou bem — arquejou. — Tudo bem. — Ele limpou o sangue do rosto com a manga do casaco. — Por favor, Charlotte — acrescentou, com a voz derrotada enquanto ela se aproximava. — Não.

Charlotte se conteve, com o coração doendo.

— Não tem nada...

— Sabe que não há nada. — Ele abaixou o braço, o sangue na manga da camisa incriminando-o, e deu o mais doce sorriso. — Querida Charlotte — falou. — Você sempre foi uma espécie de irmã mais velha melhor do que eu poderia pedir. Sabe disso, não sabe?

Charlotte simplesmente olhou para ele, boquiaberta. Soava tanto como uma despedida que ela não suportou responder. Jem virou-se com a delicadeza habitual e se retirou. Ela o observou afastar-se, dizendo a si mesma que não significava nada, que ele não estava pior do que o habitual, que ainda tinha tempo. Amava Jem, como amava Will — como não podia deixar de amar a todos eles —, e pensar em perdê-lo estilhaçava seu coração. Não somente pela própria perda, mas pela de Will. Se Jem morresse, Charlotte não conseguia deixar de temer que ele levaria consigo tudo que ainda havia de humano em Will.

Era quase meia-noite quando Will voltou para o Instituto. Começou a chover quando tinha descido metade da Threadneedle Street. Ele se enfiou embaixo do toldo da Dean and Son Publishers para abotoar o casaco e ajeitar o cachecol, mas

a chuva já tinha entrado em sua boca — gotas grandes e gélidas com gosto de carvão e lodo. Ele encolheu os ombros para se proteger das ferroadas da água ao deixar o abrigo e passar pela Margem, em direção ao Instituto.

Mesmo após anos vivendo em Londres, a chuva o fazia pensar em sua casa. Ainda se lembrava de como chovia no campo, em Gales, o gosto verde e fresco das gotas, a sensação de rolar sobre uma colina molhada, sujar os cabelos e as roupas de grama. Se fechasse os olhos, podia ouvir as risadas da irmã ecoando nos ouvidos. *Will, você vai acabar com suas roupas; Will, mamãe vai ficar uma fera...*

Will ficou imaginando se era possível verdadeiramente tornar-se londrino quando se tinha isso no sangue — a lembrança de um grande espaço aberto, a amplitude do céu, o ar fresco. Não estas ruas estreitas cheias de pessoas, a poeira de Londres que invadia tudo — nas roupas, uma fina camada de pó nos cabelos e na base do pescoço —, o cheiro do rio imundo.

Chegou à Fleet Street. O Temple Bar estava visível através da bruma a distância; a rua estava escorregadia com a chuva. Uma carruagem passou acelerada enquanto ele desviava para um beco entre dois prédios, as rodas espalhando a água suja acumulada no meio-fio.

Dava para ver o pináculo do Instituto ao longe. Certamente já tinham terminado o jantar, pensou Will. Tudo já estaria guardado. Bridget estaria dormindo; poderia ir até a cozinha e comer pão com queijo e torta fria. Vinha perdendo muitas refeições ultimamente, e para ser honesto consigo mesmo, só havia um motivo para isso: estava evitando Tessa.

Não queria evitá-la — aliás, hoje à tarde tinha fracassado horrivelmente, não só ao acompanhá-la até o treinamento, mas também à sala de estar logo depois. Às vezes se perguntava se estava fazendo essas coisas apenas para se testar. Para ver se os sentimentos haviam desaparecido. Mas não. Quando a via, queria ficar com ela; quando estava com ela, morria de vontade de tocá-la; quando encostava em sua mão, desejava abraçá-la. Queria sentir o corpo dela contra o seu como sentira no sótão. Queria conhecer o gosto da pele e o cheiro do cabelo de Tessa.

Queria fazê-la rir. Queria sentar e ouvi-la falar sobre livros até suas orelhas caírem. Mas todas essas eram coisas que ele não podia querer, pois eram coisas que não podia ter, e querer o que não se pode ter leva à tristeza e à loucura.

Chegou em casa. A porta do Instituto se abriu ao toque, revelando um vestíbulo cheio de luzes tremulantes. Pensou no borrão produzido pelas drogas no covil da Whitechapel High Street. Um desprendimento maravilhoso de qualquer vontade ou necessidade. Tinha sonhado que estava em uma colina em Gales, com o céu amplo e azul, e que Tessa havia subido a colina para juntar-se a ele, sentando ao seu lado. *Eu amo você*, disse a ela, e a beijou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. *Você me ama?*

Ela sorrira para ele. *Você sempre estará em primeiro lugar no meu coração*, respondera.

Me diga que isto não é um sonho, havia sussurrado para ela, que colocava os braços em torno dele, fazendo com que Will não soubesse mais o que era sono e o que era vigília.

Will tirou o casaco ao subir os degraus, sacudindo os cabelos molhados. A água fria descia pelas costas da camisa, molhando sua coluna, fazendo-o tremer. O pacote precioso que comprara dos ifrits estava no bolso da calça. Colocou a mão e o tocou com os dedos, só para ter certeza.

Os corredores ardiam com fraca luz enfeitiçada; ele estava na metade do primeiro quando pausou. A porta de Tessa era aqui, sabia, em frente à de Jem. E ali, diante dela, Jem estava parado — apesar de que "parado" não era a palavra. Jem andava de um lado para o outro, "fazendo um buraco no tapete", como diria Charlotte.

— James — disse Will, mais surpreso do que qualquer outra coisa.

A cabeça de Jem se levantou bruscamente, e ele recuou imediatamente da porta de Tessa, voltando para a sua própria. Sua expressão se tornou vazia.

— Suponho que eu não deva me surpreender em encontrá-lo vagando pelos corredores a esta hora.

— Acho que podemos concordar que não me encontrar seria mais estranho

— respondeu Will. — Por que está acordado? Está tudo bem?

Jem deu uma última olhada na porta de Tessa, e em seguida virou-se para Will.

— Eu ia pedir desculpas a Tessa — falou. — Acho que meu violino a impediu de dormir. Por onde andou? Mais um encontro com Nigel Seis Dedos?

Will deu um sorrisinho, mas Jem não retribuiu.

— Trouxe uma coisa para você, na verdade. Vamos, vamos para o seu quarto. Não quero passar a noite inteira no corredor.

Após um instante de hesitação, Jem deu de ombros e abriu a porta. Will, que o acompanhou para dentro, fechou a porta e a trancou enquanto Jem sentava-se na poltrona. A lareira estava acesa, mas restavam apenas carvões vermelho-dourados, brasas. Jem olhou para Will.

— O que é, então... — Começou a dizer e então curvou-se, abatido por uma tosse violenta. Passou rápido, antes que Will pudesse se mover, ou falar, mas quando Jem se recompôs e limpou a boca com as costas da mão, a mesma ficou manchada de sangue. Olhou sem expressão para o próprio fluido.

Will sentiu-se enjoado. Aproximou-se do *parabatai*, oferecendo um lenço, que Jem aceitou, e em seguida o pó prateado que havia comprado na Whitechapel.

— Aqui — disse, sentindo-se constrangido. Em cinco anos não ficara envergonhado na presença de Jem, mas ali estava. — Voltei a Whitechapel e comprei para você.

Jem, após limpar o sangue da mão com o lenço de Will, pegou o pacote e encarou o *yin fen*.

— Já tenho o suficiente — declarou. — O bastante para pelo menos um mês. — Então levantou a cabeça, com um brilho súbito nos olhos. — Ou Tessa contou...

— Contou o quê?

— Nada. Eu derrubei um pouco de pó no outro dia. Mas consegui recuperar quase tudo. — Jem colocou o pacote na mesa ao lado. — Não precisava.

Will sentou-se no baú ao pé da cama de Jem. Detestava sentar ali — tinha pernas tão longas que sempre se sentia como um adulto tentando se encolher atrás de uma carteira escolar —, mas queria deixar os olhos na altura dos de Jem.

— Os capangas de Mortmain têm comprado todo o carregamento de *yin fen* do East End — disse. — Confirmei a informação. Se você ficasse sem, e Mortmain fosse o único com um estoque...

— Ficaríamos à mercê dele — completou Jem. — A não ser que você se dispusesse a me deixar morrer, é claro, o que seria a atitude mais sensata.

— *Não* me disporia — Will soou severo. — Você é meu irmão de sangue. Fiz um juramento de não deixar que nenhum mal lhe acontecesse...

— Esquecendo os juramentos — disse Jem —, e os joguinhos de poder, isso teve alguma coisa a ver comigo?

— Não sei o que quer dizer...

— Me perguntava se você seria capaz de desejar poupar alguém de sofrimento.

Will balançou para trás, levemente, como se Jem o tivesse empurrado.

— Eu... — engoliu em seco, procurando as palavras. Fazia tanto tempo que não procurava palavras que lhe valessem o perdão e não o ódio, tanto tempo que não tentava se apresentar de alguma maneira que não fosse a pior possível, que por um instante pavoroso ficou imaginando se ainda sequer se lembrava de como não ser assim. — Falei com Tessa hoje — disse enfim, sem perceber que Jem ficou ainda mais pálido. — Ela me fez entender... que o que eu fiz ontem à noite foi imperdoável. Mas — acrescentou apressadamente —, torço para que me perdoe. — *Pelo Anjo, como sou ruim nisso*.

Jem ergueu uma sobrancelha.

— Perdoe pelo quê?

— Fui ao covil porque não conseguia parar de pensar na minha família e queria... precisava... parar — relatou Will. — Não me ocorreu que poderia parecer que eu estava fazendo piada da sua doença. Acho que estou pedindo perdão pela minha falta de consideração — diminuiu a voz. — Todo mundo erra,

Jem.

— Sim — concordou Jem. — Você simplesmente erra mais do que a maioria das pessoas.

— Eu...

— Você machuca todo mundo — continuou. — Todas as pessoas cujas vidas você toca.

— Você não — sussurrou Will. — Machuco todo mundo, menos você. Nunca quis machucá-lo.

Jem levantou as mãos, pressionando as palmas contra os olhos.

— Will...

— Não pode ficar sem me perdoar para sempre — disse Will, ouvindo o pânico na própria voz. — Eu ficaria...

— Sozinho? — Jem abaixou as mãos, mas agora tinha um sorriso torto no rosto. — E a culpa é de quem? — Inclinou-se para trás na cadeira, com os olhos pesados de cansaço. — Eu sempre o perdoaria — falou. — Perdoaria mesmo que não tivesse me pedido perdão. Aliás, eu não estava esperando que o fizesse. Influência de Tessa, é meu único palpite.

— Não vim aqui a pedido dela. James, você é a única família que tenho. — A voz de Will soou trêmula. — Morreria por você. Sabe disso. Morreria *sem* você. Se não fosse você, eu já teria morrido cem vezes ao longo dos últimos cinco anos. Devo tudo a você, e se não consegue acreditar que tenho compaixão, talvez possa acreditar que sei o que é honra... honra e dívida...

Jem pareceu alarmado agora.

— Will, sua descompostura é maior do que minha raiva. Já me acalmei; sabe que nunca fui de me irritar.

O tom de Jem era tranquilizador, mas alguma coisa em Will não podia ser tranquilizada.

— Fui buscar este remédio porque não suporto a ideia de você morrer sentindo dor, certamente não quando eu poderia ter feito algo para evitar. E o fiz porque senti medo. Se Mortmain nos procurasse e dissesse que era o único com

acesso à droga que salvaria sua vida, saiba que eu daria o que ele me pedisse para consegui-la para você. Já falhei com minha família antes, James. Não falharia com você...

— *Will* — Jem se levantou, atravessou o quarto até Will e se ajoelhou, olhando para o rosto do amigo. — Está começando a me preocupar. Seu arrependimento lhe dá muito crédito, mas precisa saber...

Will olhou para ele. Lembrava-se de Jem como ele era logo que chegou de Xangai, parecendo ser todo olhos em um rosto pálido e comprido. Não foi fácil fazê-lo rir naquela época, mas Will se empenhou.

— Saber o quê?

— Que vou morrer — respondeu Jem. Estava com olhos arregalados, e febris; um traço de sangue ainda manchava o canto da boca. As olheiras eram quase azuladas.

Will enterrou os dedos no pulso de Jem, marcando o tecido da camisa. Jem não se mexeu.

— Você prometeu ficar comigo — disse. — Quando fizemos nosso juramento de *parabatai*. Nossas almas estão costuradas. Somos a mesma pessoa, James.

— Somos duas pessoas — respondeu Jem. — Duas pessoas com um pacto entre si.

Will sabia que estava soando infantil, mas não pôde evitar.

— Um pacto que diz que você não pode ir onde eu não puder acompanhá-lo.

— Até a morte —respondeu Jem, gentilmente. — Estas são as palavras do juramento. — "Até nada além da morte separar a mim e a ti." Um dia, Will, vou para onde ninguém poderá me seguir, e acho que não vai demorar. Você já se perguntou por que concordei em ser seu *parabatai*?

— Por que não anteviu ofertas melhores aparecendo? — Will tentou brincar, mas sua voz estalava feito gelo.

— Achei que precisasse de mim — respondeu Jem. — Você construiu um muro ao seu redor, Will, e eu nunca perguntei por quê. Mas ninguém deve

carregar todos os fardos sozinho. Achei que você me deixaria entrar se eu me tornasse seu *parabatai*, e aí pelo menos teria em quem se apoiar. Pensei sobre o que minha morte podia fazer com você. Costumava temer por isso, por você. Temia que você fosse ficar sozinho atrás dessa parede que construiu. Mas agora... alguma coisa mudou. Não sei por quê. Mas sei que é verdade.

— O que é verdade? — Os dedos de Will continuavam enterrados no pulso de Jem.

— Que a parede está ruindo.

***

Tessa não conseguiu dormir. Ficou deitada na cama, imóvel, olhando para o teto. Havia uma rachadura no gesso, que às vezes parecia uma nuvem, e às vezes uma lâmina, dependendo da tremulação da vela.

O jantar tinha sido tenso. Aparentemente Gabriel dissera a Charlotte que se recusava a voltar e dar prosseguimento aos treinamentos, então seria somente Gideon trabalhando com ela e Sophie a partir de agora. Gabriel se recusou a revelar o motivo, mas ficou claro que Charlotte atribuiu a culpa a Will; Tessa, notando a exaustão de Charlotte ao pensar na possibilidade de mais conflitos com Benedict, sentiu-se extremamente culpada por ter levado Will ao treino, e por ter rido de Gabriel.

A ausência de Jem no jantar não ajudou. Queria tanto falar com ele hoje. Depois que ele evitou olhar para ela no café da manhã e "passou mal" no jantar, o pânico se instalou em seu estômago. Será que ele estava horrorizado com o que acontecera entre eles na noite anterior — ou pior, enojado? Talvez, no fundo de seu coração, pensasse como Will: que feiticeiros fossem inferiores a ele. Ou talvez não tivesse nada a ver com o que ela era. De repente ele simplesmente fora repelido pelo comportamento libertino dela; Tessa recebera prontamente as carícias, não o deteve. Tia Harriet não dizia que, em se tratando de desejo, os homens eram fracos e que as mulheres é que deveriam exercer o freio?

Não tinha exercido muito na noite passada. Lembrava-se de estar deitada ao lado de Jem, cujas mãos suaves tocavam seu corpo. Tinha consciência, com uma dolorosa honestidade, de que se as coisas tivessem continuado, ela teria feito o que ele quisesse. Mesmo agora, só de pensar, seu corpo ficou quente e inquieto; remexeu-se na cama, socando um dos travesseiros. Jamais perdoaria a si mesma se, ao permitir os acontecimentos da noite anterior, ela tivesse destruído a proximidade que tinha com Jem.

Estava prestes a enterrar o rosto no travesseiro quando ouviu o barulho. Uma batida suave à porta. Congelou. Veio novamente, insistente. *Jem*. Com as mãos tremendo, saltou da cama, correu para a porta e a abriu.

Na entrada estava Sophie. Trajando um vestido preto de copeira doméstica, mas a touca branca desprendera-se e cachos negros escapavam. Com o rosto muito pálido e uma mancha de sangue na clavícula parecia apavorada, e quase doente.

— Sophie — A voz de Tessa denunciou sua surpresa. — Você está bem?

Sophie olhou em volta, temerosa.

— Posso entrar, senhorita?

Tessa concordou e abriu a porta para ela. Quando ambas estavam seguras do lado de dentro, ela sentou-se na beirada da cama, a apreensão pesando como chumbo sobre ela. Sophie permaneceu de pé, contorcendo as mãos.

— Sophie, por favor, o que houve?

— É a srta. Jessamine — disparou.

— O que tem Jessamine?

— Ela... É só que, eu a vi... — interrompeu-se, parecendo infeliz. — Ela anda saindo durante a noite, senhorita.

— Anda? Eu a vi ontem, no corredor, vestida como um menino e parecendo um tanto furtiva...

Sophie pareceu aliviada. Não gostava de Jessamine, Tessa sabia muito bem disso, mas era uma empregada bem treinada, e uma empregada bem treinada não bisbilhotava a patroa.

— Sim — respondeu seriamente. — Há dias que percebi. Às vezes a cama dela amanhece intocada; de manhã, vejo lama nos tapetes que não havia na noite anterior. Eu teria contado à sra. Branwell, mas ela tem tantas coisas para resolver, que não fui capaz.

— Então por que está me contando? — perguntou Tessa. — Parece que Jessamine encontrou um pretendente. Não posso dizer que aprovo o comportamento, mas — engoliu em seco, pensando na própria conduta na noite passada — nenhum de nós é responsável por isso. E talvez haja alguma explicação inofensiva...

— Ah, mas senhorita — Sophie colocou a mão no bolso do vestido e retirou um cartão de cor creme. — Hoje encontrei isto. No bolso do novo casaco de veludo da senhorita Jessamine. Aquele com a faixa lisa.

Tessa não ligava para a faixa. Estava com os olhos fixos no cartão. Lentamente esticou a mão e o pegou, virando-o. Era um convite para um baile.

20 de julho de 1878

O sr. BENEDICT LIGHTWOOD
cumprimenta
a SRTA. JESSAMINE LOVELACE
e solicita a honra de sua companhia
no baile de máscaras na próxima terça-feira.
27 de julho. RSVP.

O convite seguia, dando detalhes do endereço e do horário do baile, mas foi o que estava escrito na parte de trás que fez o sangue de Tessa gelar. Com uma letra casual, e tão familiar quanto a dela mesma, lia-se a mensagem: *Minha Jessie. Meu coração está prestes a explodir só de pensar em vê-la amanhã neste "grande acontecimento". Por maior que seja ele, não terei olhos para nada ou ninguém além de você. Use o vestido branco, querida, como sabe que eu gosto — "com o lustro do cetim e o brilho das pérolas", como disse o poeta. Sempre seu, N.G.*

— Nate — disse Tessa, entorpecida, olhando para a carta. — *Nate* escreveu isto. E citou *Tennyson*.

Sophie respirou muito fundo

— Temi que fosse... mas achei que não poderia ser. Não depois de tudo que ele fez.

— Conheço a letra do meu irmão. — A voz de Tessa estava sombria. — Ele está planejando encontrá-la hoje à noite neste... neste baile secreto. Sophie, onde está Jessamine? Preciso falar com ela imediatamente.

As mãos de Sophie começaram a se contorcer ainda mais depressa.

— Este é o problema, senhorita...

— Meu Deus, ela já foi? Precisamos falar com Charlotte. Não vejo outra saída...

— Ela não foi. Está no quarto — interrompeu Sophie.

— Então não sabe que você encontrou isto? — Tessa balançou o cartão.

Sophie visivelmente engoliu em seco.

— Eu... ela me flagrou com isto na mão. Tentei esconder, mas ela já tinha visto. Estava com uma expressão tão ameaçadora quando tentou alcançá-lo, que não me contive. Todas as sessões de treino com mestre Gideon acabaram me dominando e, bem...

— Bem, *o que*, Sophie?

— Eu a atingi na cabeça com um espelho — revelou Sophie, desamparada. — Um daqueles com fundo de prata, portanto, bem pesado. Ela caiu como pedra, senhorita... Então eu... a amarrei na cama e vim procurá-la.

— Deixe-me ver se entendi direito — disse Tessa, após uma pausa. — Jessamine a viu com o convite na mão, então você bateu na cabeça dela e a amarrou na cama?

Sophie assentiu.

— Santo Deus — disse Tessa. — Sophie, precisamos buscar alguém. Este baile não pode permanecer em segredo, e Jessamine...

— A senhora Branwell não — resmungou Sophie. — Vai me demitir. Terá de

me demitir.

— Jem...

— Não! — A mão de Sophie voou para o colarinho, onde estava a mancha de sangue. Sangue de Jessamine, Tessa percebeu, espantando-se. — Não posso suportar que ele saiba que fui capaz de uma coisa dessas, ele é tão gentil. Por favor, não me faça contar para ele, senhorita.

Claro, pensou Tessa. Sophie amava Jem. Com toda a confusão dos últimos dias, quase tinha se esquecido. Uma onda de vergonha a inundou ao pensar na noite anterior; combateu a sensação e disse, determinada:

— Então só resta uma pessoa a quem podemos recorrer. Entende isso?

— Mestre Will — disse Sophie, com desprezo, e suspirou. — Muito bem, senhorita. A opinião dele a meu respeito não me importa.

Tessa se levantou e alcançou o robe, vestindo-o.

— Veja o lado positivo, Sophie. Pelo menos Will não vai se chocar. Duvido que Jessamine seja a primeira mulher inconsciente com a qual ele precisou lidar, ou também que vá ser a última.

Tessa se enganou em pelo menos um dos aspectos: Will *ficou* chocado.

— *Sophie* fez isso? — disse, mais de uma vez. Estavam ao pé da cama de Jessamine. A jovem estava deitada, o peito subindo e descendo lentamente, como a famosa estátua de cera da Bela Adormecida, de Madame du Barry. Seus cabelos claros espalhavam-se pelo travesseiro, e havia um corte grande e ensanguentado na testa. Cada um dos pulsos estava amarrado a um dos pilares da cama. — *Nossa* Sophie?

Tessa olhou para Sophie, que estava sentada em uma cadeira perto da porta. Com a cabeça abaixada, olhando para as mãos. Evitando encarar Tessa ou Will.

— Foi — respondeu Tessa —, e pare de ficar repetindo isso.

— Acho que estou apaixonado por você, Sophie — declarou Will. — O casamento é uma possibilidade.

Sophie choramingou.

— Pare com isso — sibilou Tessa. — Acho que está deixando a pobrezinha mais assustada do que já está.

— Assustada com o quê? Jessamine? Parece que Sophie venceu esse duelo com facilidade. — Will estava com dificuldades de reprimir o sorriso. — Sophie, querida, não há nada com que se preocupar. Eu mesmo já quis bater na cabeça de Jessamine muitas vezes. Ninguém pode culpá-la.

— Está com medo que Charlotte a demita — explicou Tessa.

— Por bater em Jessamine? — Will cedeu. — Tess, se este convite for o que parece, e Jessamine realmente tem se encontrado com Nate em segredo, ela pode ter traído a todos nós. Isso sem falar na questão: o que é que Benedict Lightwood está fazendo, dando festas sem que nenhum de nós saiba? Festas que têm seu irmão como convidado? O que Sophie fez foi heroico. Charlotte vai agradecer.

Com isso, Sophie levantou a cabeça.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza — disse Will. Por um instante ele e Sophie se entreolharam firmemente. Sophie desviou primeiro, mas se Tessa estivesse certa, pela primeira vez não houve desgosto em sua expressão quando olhou para Will.

Ele sacou uma estela do cinto. Sentou-se na cama ao lado de Jessamine e retirou gentilmente o cabelo da testa dela. Tessa mordeu o lábio, contendo o impulso de perguntar o que ele estava fazendo.

Ele repousou a estela sobre a garganta de Jessamine e desenhou dois símbolos rapidamente.

— Um *iratze* — disse, sem que Tessa precisasse perguntar. — Ou seja, um símbolo de cura, e um de Sono Imediato. Isto deve mantê-la quieta pelo menos até amanhã de manhã. — Sua habilidade com um espelho de mão é admirável, Sophie, mas sua capacidade de dar nós pode melhorar.

Sophie murmurou alguma coisa em resposta. A suspensão da animosidade em relação a Will pareceu chegar ao fim.

— A questão — disse Will — é o que fazer agora.

— Precisamos contar a Charlotte...

— Não — Will argumentou com firmeza. — Não precisamos.

Tessa o olhou pasma.

— Por que não?

— Por dois motivos — disse Will. — Primeiro porque ela seria obrigada a relatar para a Clave, e se Benedict Lightwood está oferecendo este baile, não seria de se espantar se alguns de seus seguidores estivessem presentes. Mas talvez não todos. Se a Clave for avisada, podem conseguir alertá-lo antes que alguém chegue e descubra o que realmente está havendo. Segundo, porque o baile começou há uma hora. Não sabemos quando Nate vai chegar, procurando Jessamine, e se ele não a vir, pode muito bem se retirar. Ele é a melhor conexão com Mortmain de que dispomos. Não temos tempo a perder ou desperdiçar, e acordar Charlotte para falar sobre isto causará essas duas coisas.

— Jem, então?

Algo se inquietou nos olhos de Will.

— Não. Hoje não. Jem não está bem, mas vai dizer que está. Depois de ontem à noite, devo a ele deixá-lo fora dessa.

Tessa lançou a ele um olhar severo.

— Então o que propõe?

A boca de Will se elevou nos dois cantos.

— Srta. Gray — disse ele —, aceitaria ir ao baile comigo?

— Você se lembra da *última* festa a que fomos? — perguntou Tessa.

O sorriso de Will se manteve. Estava com aquele olhar muito intenso que tinha sempre que bolava a estratégia de um plano.

— Não me diga que não estava pensando na mesma coisa, Tessa.

Tessa suspirou.

— Sim — disse. — Eu me transformarei em Jessamine e irei no lugar dela. É o único plano que faz sentido. — Voltou-se para Sophie. — Conhece o vestido que Nate citou? Um vestido branco de Jessamine?

Sophie assentiu.

— Limpe-o e prepare-o para ser usado — pediu Tessa. — Terá de preparar

meu cabelo também, Sophie. Está calma o bastante?

— Sim, senhorita. — Sophie levantou-se e atravessou o quarto para abrir o armário. Will continuava olhando para Tessa; seu sorriso ficou mais largo.

Tessa diminuiu a voz.

— Will, já lhe ocorreu que Mortmain pode estar lá?

O sorriso desapareceu do rosto dele.

— Você não chegará perto dele, se estiver.

— Não pode me dizer o que fazer.

Will franziu a testa. Sua reação não era em nada parecida com a que Tessa julgou ser adequada. Quando Capitola em *The Hidden Hand* se vestiu de menino para saquear Black Donald e provar sua coragem, ninguém se irritou com *ela*.

— Seu poder é notável Tessa, mas você não está em posição de capturar um poderoso adulto manipulador de magia feito Mortmain. Você vai deixar isso comigo — declarou.

Ela fez uma careta.

— E como *você* planeja não ser reconhecido neste baile? Benedict conhece seu rosto, assim como...

Will tirou o convite da mão dela e o sacudiu.

— É um baile de *máscaras*.

— E suponho que você tem uma.

— Tenho mesmo — respondeu. — Nossa última festa de natal teve como tema o Carnaval de Veneza — sorriu. — Conte a ela, Sophie.

Sophie, que estava ocupada com o que parecia uma mistura de teias de aranha e raios de luar na bandeja de escovação, suspirou.

— É verdade, senhorita. E deixe que ele cuide de Mortmain, ouviu? Do contrário será muito perigoso. E estarão lá longe em Chiswick!

Will olhou triunfante para Tessa.

— Se até Sophie concorda comigo, não pode negar.

— Poderia — respondeu Tessa, rebelde —, mas não vou. Muito bem. Mas deve ficar longe de Nate enquanto falo com ele. Ele não é burro; se nos vir juntos,

é bem capaz de juntar dois mais dois. Por este bilhete não tenho qualquer impressão de que ele espere Jessamine acompanhada.

— Eu não tiro impressão alguma deste bilhete — disse Will, levantando-se —, exceto que ele é capaz de citar as poesias mais inferiores de Tennyson. Sophie, em quanto tempo consegue arrumar Tessa?

— Meia hora — respondeu, sem levantar os olhos do vestido.

— Encontre-me no pátio em meia hora, então — disse Will. — Vou acordar Cyril. E preparem-se para desfalecer diante da minha *finesse*.

***

A noite estava fria, e Tessa ficou arrepiada ao atravessar as portas do Instituto e sair no topo da escadaria externa. Foi nesse lugar onde ficara sentada, refletindo, naquela noite em que ela e Jem atravessaram juntos a Blackfriars Bridge quando as criaturas mecânicas os atacaram. Hoje a noite estava mais clara, apesar do dia chuvoso; a lua perseguindo traços de nuvens em um céu negro praticamente limpo.

A carruagem estava lá, ao pé da escada, Will esperando na frente. Ele olhou quando as portas do Instituto se fecharam atrás dela. Por um instante, simplesmente ficaram parados, encarando-se. Tessa sabia o que ele estava vendo — ela própria tinha visto, no espelho do quarto de Jessamine. Ela era Jessamine até o último fio de cabelo, trajando um delicado vestido marfim de seda. Tinha um decote que revelava grande parte do colo branco de Jessamine, com um laço de seda no colarinho para enfatizar o contorno da garganta. As mangas eram curtas, deixando os braços vulneráveis ao ar noturno. Mesmo que o decote não fosse tão profundo, Tessa teria se sentido nua sem o anjo, mas não podia usá-lo: Nate certamente notaria. A saia, com uma base em cascata, abria-se a partir da cintura fina; estava com um penteado alto, com pérolas presas por pregadores e uma meia máscara dourada que cobria apenas os olhos, ressaltando os cabelos claros de Jessamine. *Pareço tão delicada*, pensou com desprendimento, olhando

para a superfície prateada do espelho enquanto Sophie a preparava. *Como uma princesa das fadas*. Era fácil ter esses pensamentos quando o reflexo não era de fato seu.

Mas Will — Will. Ele havia recomendado que ela estivesse pronta para desmaiar ao vê-lo pronto, e ela havia revirado os olhos para o comentário, mas, com o traje de noite preto e branco, ele estava mais lindo do que ela imaginara. A força e a simplicidade das cores destacavam a perfeição angulosa de suas feições. Os cabelos escuros caíam sobre uma meia máscara preta que realçava o azul dos olhos ao fundo. Ela sentiu o próprio coração se contrair, e se odiou instantaneamente por isso. Desviou os olhos para Cyril, no banco do cocheiro da carruagem. Ele semicerrou os olhos, confuso, ao vê-la; olhou de Tessa para Will, novamente para ela, e deu de ombros. Tessa ficou se perguntando que diabos Will havia dito a ele para explicar o fato de que levaria Jessamine a Chiswick no meio da noite. Deve ter sido uma história e tanto.

— Ah — foi tudo que Will disse enquanto ela descia os degraus e se envolvia em uma capa. Ela torceu para que ele atribuísse ao frio o tremor involuntário que sofreu quando Will pegou sua mão. — Agora vejo por que seu irmão citou aquela poesia execrável. Era com você *sendo* Maud, não? "Rosa Rainha do jardim florido de meninas?"

— Sabe — disse Tessa enquanto ele a ajudava a subir na carruagem —, também não gosto daquele poema.

Ele entrou depois dela e fechou a porta do coche.

— Jessamine adora.

A carruagem começou a chacoalhar pelos paralelepípedos e atravessou os portões abertos. Tessa percebeu que seu coração estava acelerado. Medo de ser flagrada por Charlotte e Henry, disse a si mesma. Nada a ver com o fato de estar sozinha com Will na carruagem.

— Não sou Jessamine.

Will olhou para ela. Havia algo naqueles olhos, uma espécie de sarcástica admiração; ela ficou imaginando se simplesmente estaria maravilhado pela

aparência de Jessamine.

— Não — respondeu ele. — Não, apesar de você ser a imagem perfeita de Jessamine, de algum jeito consigo enxergar Tessa, como se, raspando a camada de tinta, encontrasse minha Tessa embaixo.

— Também não sou *sua* Tessa.

A luz que brilhava nos olhos de Will diminuiu.

— Justo — falou. — Suponho que não. Então, como é ser Jessamine? Consegue ler os pensamentos dela? Sentir o que ela sente?

Tessa engoliu em seco e tocou a cortina de veludo da carruagem com a mão enluvada. Lá fora dava para ver os postes de luz passando em um borrão amarelo; havia duas crianças encolhidas diante de uma porta de entrada, apoiadas uma na outra, dormindo. O Temple Bar passou voando. Ela respondeu:

— Tentei. Lá em cima, no quarto dela. Mas há algo errado. Eu... eu não consegui sentir nada dela.

— Bem, suponho que seja difícil invadir o cérebro de alguém que não tem cérebro.

Tessa fez uma careta.

— Pode ser leviano em relação a isso se quiser, mas alguma coisa está errada com Jessamine. Tentar tocar sua mente é como tentar tocar... um ninho de cobras ou uma nuvem envenenada. Consigo sentir um pouco das emoções. Muita raiva, desejo e amargura. Mas não consigo captar pensamentos individuais no meio disso tudo. É como tentar segurar água.

— Curioso. Já passou por alguma coisa parecida?

Tessa fez que não com a cabeça.

— Estou preocupada. Temo que Nate vá esperar que eu saiba alguma coisa que não sei, ou para a qual não terei a resposta certa.

Will se inclinou para a frente. Em dias chuvosos, que eram quase todos, os cabelos normalmente lisos de Will começavam a encaracolar. Alguma coisa nisso fez o coração de Tessa doer.

— Você é boa atriz e conhece seu irmão — disse. — Tenho plena confiança

em você.

Tessa olhou surpresa para ele.

— Tem?

— E — prosseguiu, sem responder a pergunta —, caso alguma coisa dê errado, estarei lá. Mesmo que não me veja, Tess, estarei lá. Lembre-se disso.

— Tudo bem — disse ela, inclinando a cabeça para o lado. — Will?

— Oi?

— Havia um terceiro motivo para não querer acordar Charlotte e avisar o que estávamos fazendo, não havia?

Will estreitou os olhos azuis para ela.

— E que motivo seria esse?

— É que você ainda não sabe se isso é apenas um flerte bobo por parte de Jessamine, ou algo mais profundo e obscuro. Uma verdadeira ligação com meu irmão e Mortmain. E sabe que se for a segunda opção, isso vai partir o coração de Charlotte.

Um músculo saltou no canto da boca de Will.

— E o que me importa se isso acontecer? Se ela é tola o suficiente para se apegar a Jessamine...

— Você se importa — afirmou Tessa. — Você não é um bloco de gelo inanimado, Will. Eu o vi com Jem, vi quando olhou para Cecily. E você teve outra irmã, não teve?

Ele lançou a ela um olhar afiado.

— O que lhe faz pensar que tive, que tenho, mais de uma irmã?

— Jem disse que achava que sua irmã estava morta — respondeu. — E você disse "minha irmã *está* morta". Mas Cecily está claramente viva. O que me fez pensar que tenha tido outra irmã que morreu. Alguma além de Cecily.

Will exalou longa e lentamente.

— Você é inteligente.

— Mas sou inteligente e estou certa, ou sou inteligente e me enganei?

Will parecia feliz por ter uma máscara para esconder sua expressão.

— Ella — respondeu. — Dois anos mais velha que eu. E Cecily, três anos mais nova. Minhas irmãs.

— E Ella...

Will desviou os olhos, mas não antes que Tessa tivesse visto a dor neles. Então Ella estava morta.

— Como ela era? — perguntou Tessa, lembrando-se da gratidão quando Jem lhe fez essa pergunta em relação a Nate. — Ella? E Cecily, que tipo de menina ela é?

— Ella era protetora — respondeu Will. — Como uma mãe. Faria qualquer coisa por mim. E Cecily era uma coisinha louca. Tinha apenas 9 anos quando fui embora. Não posso dizer que continua a mesma, mas era como Cathy, em *Morro dos Ventos Uivantes*. Não tinha medo de nada e exigia tudo. Sabia lutar como um demônio e xingar como uma peixeira do Mercado Billingsgate — havia um quê de satisfação em sua voz, e admiração, e... amor. Nunca tinha ouvido Will falar assim de ninguém, exceto, talvez, de Jem.

— Se me permite perguntar... — começou.

Will suspirou.

— Sabe que vai perguntar independentemente de eu autorizar ou não.

— Você tem uma irmã mais nova — disse. — Então, o que exatamente você fez com a irmã de *Gabriel* para que ele o odeie dessa forma?

Will se ajeitou.

— Está falando sério?

— Sim — respondeu. — Sou obrigada a passar muito tempo com os Lightwood, e Gabriel claramente o detesta. E você quebrou o braço dele. Ficaria mais tranquila se soubesse por quê.

Balançando a cabeça, Will passou os dedos no cabelo.

— Santo Deus — disse. — A irmã deles, se chama Tatiana, aliás; foi batizada em homenagem a uma amiga russa da mãe, tinha 12 anos, eu acho.

— *Doze?* — Tessa ficou horrorizada.

Will exalou.

— Vejo que você já tirou conclusões sobre o que aconteceu — disse. — Ficaria mais tranquila se soubesse que eu também tinha 12 anos? Tatiana, ela... achava que estava apaixonada por mim. Daquele jeito que menininhas fazem. Vivia me seguindo, e ria, e se escondia atrás de pilastras para ficar me olhando.

— As pessoas fazem coisas tolas aos 12 anos.

— Foi minha primeira festa de Natal no Instituto — relatou. — Todos os Lightwood estavam lá, em todo o refinamento. Tatiana com laços prateados no cabelo. Tinha um livro que carregava consigo por todos os cantos. Deve tê-lo largado naquela noite. Eu encontrei e enfiei nas costas de um dos divãs. Era o diário dela. Cheio de poemas sobre mim: a cor dos meus olhos, o casamento que teríamos. Ela tinha escrito "Tatiana Herondale" por todo o caderno.

— Isso soa adorável.

— Foi na sala de estar, mas voltei para o salão de festas com o diário. Elise Penhallow tinha acabado de tocar piano. Cheguei ao lado dela e comecei a ler o diário de Tatiana.

— Ah, Will... não fez isso!

— Fiz — respondeu. — Ela tinha rimado "William" com "milhão", do tipo "nunca saberá, doce William / as formas como o amo / são mais de um milhão". Eu tinha de fazer aquilo parar.

— O que aconteceu?

— Ah, Tatiana saiu correndo, chorando, e Gabriel saltou para o palco e tentou me estrangular. Gideon simplesmente ficou parado, com os braços cruzados. Pode notar que isso é tudo que ele faz.

— Suponho que Gabriel não tenha tido sucesso — disse Tessa. — Com o estrangulamento, quero dizer.

— Não antes de eu quebrar o braço dele — respondeu Will, com deleite. — Pronto. É por isso que me detesta. Humilhei a irmã dele em público, e o que ele não comenta é que o humilhei também. Ele achou que pudesse me vencer com facilidade. Eu tinha tido pouquíssimo treinamento naquela ocasião, e já tinha ouvido Gabriel se referir a mim como "praticamente mundano" pelas minhas

costas. Então dei uma surra nele, quebrei seu braço. Certamente foi um som mais agradável do que Elise tocando aquele piano.

Tessa esfregou as mãos enluvadas para aquecê-las e suspirou. Não sabia ao certo o que pensar. Não era nada como a história de sedução e traição que esperava, mas nenhuma das duas apresentava Will de forma favorável.

— Sophie disse que ela agora é casada — disse. — Tatiana. Está voltando da lua de mel no Continente com o marido.

— Tenho certeza de que continua tão chata e tão burra quanto antigamente. — Will parecia prestes a dormir. Fechou a cortina, e ficaram na escuridão. Tessa pôde ouvir a respiração dele, sentado em frente a ela, sentir seu calor. Entendeu por que uma dama jamais entraria em uma carruagem com um homem que não fosse seu marido. Havia algo estranhamente íntimo naquilo. É claro que ela já havia quebrado as regras adequadas de comportamento para uma dama há muito tempo.

— Will — disse novamente.

— A dama tem mais uma pergunta. Dá para detectar pelo tom de voz. Nunca vai esgotá-las, Tess?

— Não até obter todas as respostas que procuro — respondeu. — Will, se feiticeiros são feitos quando um dos pais é um demônio e o outro humano, o que acontece se um desses pais for Caçador de Sombras?

— Um Caçador de Sombras jamais permitiria que isso acontecesse — respondeu Will secamente.

— Mas no *Códex* diz que a maioria dos feiticeiros são resultados de... de uma violação — prosseguiu Tessa, com a voz falhando na palavra feia —, ou de demônios com a capacidade de Transformação assumindo a forma de uma pessoa amada e completando a sedução com um truque. Jem me disse que o sangue dos Caçadores de Sombras é sempre dominante. O *Códex* revela que filhos de Caçadores de Sombras com lobisomens, ou com fadas, são sempre Caçadores de Sombras. Então, será que o sangue do anjo em um Caçador de Sombras não poderia cancelar o lado demoníaco e produzir...

— Não produz nada — Will mexeu na cortina da janela. — A criança nasceria morta. Sempre nascem. Natimortos, quero dizer. O produto de um demônio e um Caçador de Sombras é a morte. — À meia-luz, olhou para ela. — Por que quer saber essas coisas?

— Quero saber o que sou — disse. — Acredito que eu seja uma... combinação ainda não vista. Parte fada, ou parte...

— Você já pensou em se transformar em um dos seus pais? — perguntou Will. — Sua mãe ou seu pai? Daria acesso às lembranças deles, não?

— Pensei. Claro que sim. Mas não tenho nada do meu pai nem da minha mãe. Tudo que havia na minha bagagem foi descartado pelas Irmãs Sombrias.

— E seu colar de anjo? — perguntou. — Não era da sua mãe?

Tessa balançou a cabeça.

— Eu tentei. Eu... não alcancei nada dela no colar. É meu há tanto tempo, eu acho, que aquilo que o tornava dela evaporou como água.

Os olhos de Will brilharam nas sombras.

— Talvez você seja uma menina mecânica. Talvez o pai feiticeiro de Mortmain tenha lhe fabricado, e agora Mortmain busca o segredo de como criar um tipo de vida tão perfeito quando tudo o que consegue é criar monstruosidades hediondas. Talvez o que bate no seu peito seja um coração feito de metal.

Tessa respirou fundo, momentaneamente tonta. A voz suave de Will era tão convincente, no entanto...

— Não — respondeu curtamente. — Você está se esquecendo, mas me recordo da minha infância. Criaturas mecânicas não mudam nem crescem. E isso não explicaria minha habilidade.

— Eu sei — respondeu Will, com um sorriso que brilhou claro na escuridão. — Só queria ver se conseguia convencê-*la*.

Tessa olhou para ele com firmeza.

— Não sou eu que não tenho coração.

Estava escuro demais na carruagem para que ela conseguisse saber, mas teve

a sensação de que ele ficou vermelho. Antes que pudesse oferecer qualquer resposta, as rodas começaram a parar. Tinham chegado.

12
Baile de Máscaras

Então agora jurei enterrar
Todo este cadáver de ódio
Tão livre e limpo me sinto
Com a perda daquele peso morto,
Que temo acabar ficando tonto
Fantasticamente alegre;
Mas seu irmão chega como um mal
Sobre minha nova esperança, no salão esta noite.
— Alfred, Lord Tennyson, "Maud"

Cyril estacionara a carruagem do lado de fora dos portões da propriedade, sob a sombra de um carvalho frondoso. A casa de campo dos Lightwood em Chiswick, nos arredores de Londres, era imensa, construída em estilo Palladiano, com pilares altos e diversas escadarias. O brilho da lua deixava tudo perolado, como o interior da concha de uma ostra. As pedras da casa pareciam brilhar em prata, enquanto o portão que cercava a propriedade tinha o lustro de um óleo negro. Nenhuma das luzes na casa parecia acesa — o local parecia mergulhado no breu, e silencioso como um túmulo, o vasto terreno estendendo-se ao redor, até a beira de um meandro do Tâmisa, apagado e deserto. Tessa começou a se perguntar se teria sido um erro ir até ali.

Quando Will saltou da carruagem, ajudando-a logo em seguida, virou a cabeça, enrijecendo a boca.

— Está sentindo este cheiro? Magia demoníaca. Um fedor no ar.

Tessa fez uma careta. Não sentia nenhum cheiro estranho — aliás, a essa distância do centro da cidade o ar parecia mais limpo do que perto do Instituto. Sentia o cheiro de folhas molhadas e sujeira. Olhou para Will, que estava com o rosto erguido ao luar, e ficou imaginando que armas levava escondidas sob o fraque. As mãos do Caçador de Sombras estavam cobertas por luvas brancas, a parte da frente de sua camisa engomada era imaculada. Com a máscara, ele poderia ser a imagem de um belo assaltante de estrada em um conto ilustrado barato.

Tessa mordeu o lábio.

— Tem certeza? A casa parece inteiramente quieta. Como se ninguém estivesse nela. Poderíamos estar enganados?

Will balançou a cabeça.

— Tem magia poderosa trabalhando aqui. Algo mais forte que um feitiço comum. Uma barreira de verdade. Alguém está muito interessado em que não saibamos o que está acontecendo aqui esta noite. — Olhou para o convite na mão dela, deu de ombros e foi até o portão. Lá havia uma campainha, e ele a tocou, o barulho sacudiu os nervos já afetados de Tessa. Ela olhou para ele. Will deu um sorrisinho. — *Caelum denique*, anjo — disse ele, e sumiu nas sombras, exatamente quando o portão à frente de Tessa se abriu.

Uma figura encapuzada apareceu diante dela. A primeira coisa que pensou foi nos Irmãos do Silêncio, mas as vestes deles tinham cor de pergaminho, e esta figura trajava uma roupa com cor de fumaça negra. O capuz escondia completamente o rosto. Sem dizer nada, ela estendeu o convite.

A mão que o pegou estava enluvada. Por um instante, o rosto escondido olhou para o cartão. Tessa não pôde deixar de se inquietar. Em circunstâncias normais, uma dama indo sozinha a um baile seria tão inadequado que chegaria a ser escandaloso. Mas essa não era uma circunstância normal. Finalmente, uma

voz se pronunciou sob o capuz:

— Bem-vinda, srta. Lovelace.

Era uma voz enérgica, como pele raspando em uma superfície áspera e cortante. A coluna de Tessa pinicou, e ela ficou agradecida por não poder enxergar sob o capuz. A figura devolveu o convite e deu um passo para trás, gesticulando para que Tessa entrasse; ela o fez, forçando-se a não virar para ver se Will a seguia.

Foi conduzida para a lateral da casa, através de um pátio estreito no jardim. Os jardins estendiam-se por uma boa distância ao redor da casa, verde-prateados com a luz do luar. Ao lado de um lago ornamental circular e de águas negras havia um banco branco de mármore e arbustos baixos, muito bem cuidados, ladeando trilhas muito bem definidas. A trilha que Tessa seguia culminava em uma entrada alta e estreita na lateral da casa. Havia um estranho emblema esculpido na porta. Pareceu se mover e se transformar enquanto Tessa olhava, fazendo seus olhos doerem. Ela desviou o olhar enquanto o acompanhante encapuzado abria a porta e gesticulava para que entrasse.

Tessa entrou na casa, com a porta batendo atrás de si. Ela se virou pouco antes de ela se fechar e teve a impressão de conseguir enxergar, brevemente, o rosto sob o capuz. Pensou ter visto algo muito parecido com um aglomerado de olhos vermelhos no centro de uma forma oval escura, como os olhos de uma aranha. Prendeu a respiração quando a porta se fechou e ela foi jogada na escuridão.

Ao tentar alcançar a maçaneta às cegas, a luz se acendeu em todo o espaço ao redor de Tessa. Estava ao pé de uma escadaria longa e estreita, que conduzia a um andar superior. Tochas queimando com uma chama esverdeada — não eram de luz enfeitiçada — percorriam as laterais da escada.

No topo havia uma porta. Outro emblema estava pintado ali. Tessa sentiu a boca ficar ainda mais seca. Era o *ouroboros*, a serpente dupla. O símbolo do Clube Pandemônio.

Por um instante, ficou congelada de medo. Aquela imagem evocava

lembranças sinistras: a Casa Sombria; as Irmãs a torturando, tentando forçá-la a se Transformar; a traição de Nate. Ficou pensando no que seria aquilo que Will havia dito em latim antes de desaparecer. "Coragem", certamente, ou alguma variação disso. Pensou em Jane Eyre, enfrentando bravamente o sr. Rochester; Catherine Earnshaw, que, quando atacada por um cão selvagem "não gritou — nunca! Desprezaria isto". E por último, pensou em Boadicea, que Will havia classificado como "mais corajosa do que qualquer homem".

É só um baile, Tessa, disse a si mesma, e levou a mão à maçaneta. *Apenas uma festa*.

Nunca tinha ido a um baile antes, é claro. Mal sabia o que esperar, e o pouco que sabia havia aprendido através de livros. Nos de Jane Austen, as personagens estavam sempre à espera de um baile, ou providenciando um, e frequentemente uma cidade inteira parecia envolvida no planejamento e na arrumação. Ao passo que, em outros livros, tais quais *Feira das vaidades*, os bailes eram grandiosos cenários onde tramoias e conspirações se desenrolavam. Sabia que haveria um vestíbulo para as damas, onde poderia deixar o xale, e outro para os homens, onde por sua vez poderiam guardar chapéus, casacos e bengalas. Deveria haver um cartão de dança para ela, no qual os nomes dos homens que a convidaram para dançar estariam marcados. Era grosseiro acompanhar o mesmo cavalheiro em muitas danças seguidas. Devia haver um salão majestoso, bem decorado e uma sala menor na qual serviriam bebidas geladas, sanduíches, biscoitos e um bolo...

Mas não foi nada assim. Quando a porta se fechou atrás dela, Tessa não encontrou serventes apressando-se para recebê-la, para guiá-la até o vestíbulo das damas, oferecendo-se para pegar seu xale ou ajudá-la com um botão solto. Em vez disso, uma inundação de barulho, música e luz a atingiu como uma onda. Estava na entrada de um salão tão grande, que era difícil crer que cabia na casa dos Lightwood. Um grande lustre de cristal pendia do teto; só depois de olhar para ele por muitos instantes Tessa percebeu que tinha um formato de aranha, com oito enormes "patas", cada qual com um conjunto de velas enormes. As

paredes, ou o que conseguia enxergar delas, tinham um tom de azul muito escuro, e por toda a lateral que tinha vista para o rio havia janelas francesas, algumas abertas para permitir a passagem de ar, pois o recinto, apesar do clima frio lá fora, estava sufocante. Além das janelas havia bancadas curvas de pedra, com vista para a cidade. As paredes estavam bastante obscurecidas por grandes faixas de tecido lustroso, com laços e espirais pendurados que se moviam suavemente com a brisa. Os tecidos tinham diversas estampas, costuradas em dourado; os mesmos brilhantes desenhos mutantes que agrediram os olhos de Tessa lá embaixo.

A sala estava lotada de pessoas. Bem, não eram exatamente *pessoas*. A maioria parecia suficientemente humana. Ela também viu os rostos brancos e pálidos de vampiros, e alguns dos ifrits coloridos de vermelho e violeta, todos trajados de acordo com a última moda. A maioria dos convidados estava de máscara — geringonças elaboradas em dourado e preto, máscaras bicudas de *Medico della peste* com pequenos óculos, máscaras vermelhas de diabo, adornadas com chifres. Contudo, algumas eram simples, inclusive as de um grupo de mulheres cujos cabelos tinham tons de lavanda, verde e violeta. Tessa não achou que fossem pintados, e estavam soltos, como os das ninfas nos quadros. Trajavam roupas escandalosamente soltas, também. Claramente não usavam espartilhos, vestidas em veludo, tule e cetim.

Entre os convidados humanos havia figuras de todas as formas e tamanhos. Um dos homens, alto e magro demais para *ser* um homem, trajava um fraque completo, assomando sua figura sobre uma jovem usando uma capa verde, cujos cabelos brilhavam como uma moeda de cobre. Criaturas que lembravam cachorros enormes passeavam em meio aos convidados, com olhos amarelos arregalados e atentos. Tinham fileiras de espinhos nas costas, como desenhos de animais exóticos que ela havia visto em livros. Mais ou menos uma dúzia de goblins chiava e conversava entre si, em uma língua ininteligível. Pareciam lutar por uma coisa comestível — o que aparentava ser um sapo destruído. Tessa engoliu a bile e virou...

E os viu, onde não os vira antes. Talvez sua mente os tivesse descartado julgando serem objetos de decoração, armaduras... mas não. Autômatos preenchiam as paredes, silenciosos e imóveis. Tinham forma humana, como o cocheiro que pertencera às Irmãs Sombrias, e vestiam a libré dos Lightwood, cada um com um *ouroboros* no lado esquerdo do peito. As faces eram vazias e desprovidas de feições, como desenhos infantis não preenchidos.

Alguém a pegou pelos ombros. Seu coração deu um salto de medo — *tinha sido descoberta!* Enquanto cada músculo do corpo de Tessa enrijecia, uma voz leve e familiar disse:

— Pensei que não fosse chegar nunca, Jessie, querida.

Ela se virou e olhou para o rosto do irmão.

Na última vez em que Tessa vira Nate, ele estava machucado e ensanguentado, rosnando para ela no corredor do Instituto, empunhando uma faca. Uma terrível mistura de assustador, patético e horripilante ao mesmo tempo.

Este Nate estava bem diferente. Sorriu para ela virando o rosto para baixo — Jessamine era muito mais baixa que Tessa; era estranho não alcançar sequer o queixo do irmão, apenas chegar à altura do peito — e olhando-a com seus vívidos olhos azuis. Os cabelos claros estavam penteados e limpos, e a pele, sem qualquer ferimento. Vestia uma casaca elegante sobre uma camisa preta que realçava sua beleza clara. Suas luvas eram imaculadamente brancas.

Este era Nate como ele mesmo sempre sonhou ser — de aparência rica, elegante e sofisticada. Uma sensação de contentamento irradiava dele — não tanto de contentamento, mais de autossatisfação, Tessa precisava admitir. Parecia Coroinha depois de matar um rato.

Nate riu.

— O que foi, Jess? Parece que viu um fantasma.

E vi. O fantasma do irmão que um dia eu amei. Tessa buscou Jessamine, a impressão de Jessamine em sua mente. Novamente teve a sensação de estar passando as mãos em água envenenada, incapaz de segurar qualquer coisa sólida.

— Eu... tive um medo súbito de que você não aparecesse — declarou.

Dessa vez, o riso de Nate foi afetuoso.

— E perder a chance de encontrá-la? Não seja tola. — Ele olhou em volta, sorrindo. — Lightwood deveria tentar impressionar o Magistrado com mais frequência. — Ele estendeu a mão para ela. — Poderia me conceder a honra de me acompanhar em uma dança, Jessie?

Jessie. Não "srta. Lovelace". Qualquer dúvida de Tessa sobre a seriedade da ligação entre os dois evaporou. Forçou os lábios num sorriso.

— Claro.

A orquestra — um grupo de pequenos homens de pele roxa vestidos em redes prateadas — tocava uma valsa. Nate pegou-a pela mão, levando-a para a pista.

Graças a Deus, pensou Tessa. Graças a Deus teve anos de experiência com o irmão conduzindo-a pela sala do apartamento em Nova York. Ela sabia exatamente como ele dançava, como encaixar os próprios movimentos com os dele, mesmo nesse corpo menor e estranho. Claro, ele nunca tinha olhado para ela desse jeito — carinhosamente, com os lábios ligeiramente partidos. Santo Deus, e se ele a *beijasse*? Não tinha considerado essa possibilidade. Vomitaria nos sapatos dele se acontecesse. *Meu Deus*, rezou. *Não permita que ele tente*.

Tessa falou rapidamente:

— Tive enorme dificuldade para escapar do Instituto hoje à noite — relatou. — Aquela patife daquela Sophie quase encontrou o convite.

A mão de Nate a apertou.

— Mas não encontrou, não é?

Havia um tom de alerta na voz do irmão. Tessa sentiu que já estava perto de uma terrível gafe. Tentou dar uma rápida olhada ao redor do salão — oh, *onde* estava Will? O que ele tinha dito? *Mesmo que não me veja, estarei lá*? Mas jamais havia se sentido tão sozinha.

Respirando fundo, moveu a cabeça no melhor estilo Jessamine.

— Acha que sou idiota? Claro que não. Ataquei aquele pulso magrelo com

meu espelho, e ela o derrubou imediatamente. Além disso, ela provavelmente nem sabe ler.

— Verdade — disse Nate, relaxando visivelmente. — Poderiam ter lhe oferecido uma copeira mais conveniente a uma dama. Uma que fale francês, saiba costurar...

— Sophie sabe costurar — disse Tessa automaticamente, e poderia ter se estapeado por isso. — Minimamente — corrigiu-se, e bateu os cílios para Nate. — E como tem passado desde nosso último encontro? — *Não que eu faça ideia de quando tenha sido*.

— Muito bem. O Magistrado continua me favorecendo.

— Ele é sábio — suspirou Tessa. — Sabe reconhecer um tesouro inestimável quando encontra.

Nate a tocou gentilmente no rosto com uma mão enluvada. Tessa tentou não enrijecer.

— Tudo graças a você, querida. Minha verdadeira mina de informações — aproximou-se dela. — Vejo que está com o vestido que pedi — sussurrou. — Desde que descreveu como o usou no último baile de Natal, fiquei ansioso em vê-la nele. E se me permite observar, está deslumbrante.

O estômago de Tessa pareceu querer subir pela garganta. Passou os olhos pelo salão mais uma vez. Reconhecer Gideon Lightwood lhe deu um solavanco. Ele estava muito bonito com o traje de noite, apesar de estar apoiado, rijo, em uma das paredes, como se estivesse grudado lá. Apenas seus olhos se mexiam, percorrendo a sala. Gabriel andava de um lado para o outro do salão, segurando um copo de algo que parecia limonada, os olhos brilhando de curiosidade. Ela o viu se aproximar de uma das meninas com longos cabelos cor de lavanda e começar a conversar. *E lá se vai a esperança de que os meninos não soubessem o que o pai está tramando*, pensou, parando de olhar para Gabriel, irritada. Então viu Will.

Ele estava apoiado na parede oposta a ela, entre duas cadeiras vazias. Apesar da máscara, ela teve a sensação de conseguir enxergar diretamente em seus olhos.

Como se ele estivesse perto o suficiente para conseguir tocá-la. Tessa quase esperava vê-lo entretido com a situação em que se encontrava, mas não; ele parecia tenso, furioso e...

— Meu Deus, estou com ciúme de todos os homens que olham para você — disse Nate. — Só eu deveria poder olhar.

Santo Deus, pensou Tessa. Essa abordagem realmente funcionava com a maioria das mulheres? Se o irmão tivesse lhe procurado para pedir conselhos sobre essas pérolas, ela teria dito de cara que ele soava como um idiota. Contudo, talvez ela só achasse idiota porque era seu irmão. E desprezível. Informações, pensou. Preciso obter informações, depois me afastar dele, antes que realmente passe mal.

Procurou novamente por Will, mas ele não estava mais lá, foi como se jamais tivesse estado. Mesmo assim, agora acreditava nele, que estava *em algum lugar*, observando-a, mesmo que ela não conseguisse vê-lo. Combateu os nervos e disse:

— Verdade, Nate? Às vezes temo que só me valorize pelas informações.

Por um instante ele parou e ficou imóvel, quase arrancando-a da dança.

— Jessie! Como pode sequer pensar uma coisa dessas? Sabe que eu a adoro. — A olhou com ar de reprovação quando começaram a se mover ao som da música novamente. — É verdade que sua ligação com os Nephilim do Instituto tem sido de valor inestimável. Sem você jamais saberíamos que estavam indo para York, por exemplo. Mas pensei que soubesse que estava me ajudando porque estamos trabalhando por um futuro juntos. Quando eu me tornar o braço direito do Magistrado, querida, pense em como vou poder cuidar de você.

Tessa riu, nervosa.

— Tem razão, Nate. É que às vezes fico com medo. E se Charlotte descobrisse que estou atuando como espiã para você? O que fariam comigo?

Nate a conduziu com facilidade pelo salão.

— Ora, nada, querida; você mesma disse, são uns covardes. — Olhou para além dela e ergueu uma sobrancelha. — Benedict, com um de seus velhos truques — disse. — Um tanto nojento.

Tessa olhou e viu Benedict Lightwood apoiado em um sofá de veludo perto da orquestra. Estava sem casaco, com uma taça de vinho tinto em uma das mãos, os olhos semicerrados. Esparramada no peito do anfitrião, Tessa viu, para seu choque, uma mulher — ou, pelo menos, tinha forma de mulher. Cabelos negros longos e soltos, um vestido preto decotado — e cabeças de pequenas serpentes saltando dos olhos, sibilando. Enquanto Tessa observava, uma delas estendeu uma língua longa e aforquilhada e lambeu a lateral do rosto de Benedict Lightwood.

— É um demônio — arfou Tessa, esquecendo-se de ser Jessamine por um instante. — Não é?

Felizmente, Nate não pareceu achar nada de estranho na pergunta.

— Claro que é, tolinha. É disso que Benedict gosta. Mulheres-demônio.

A voz de Will ecoou nos ouvidos de Tessa: *ficaria surpreso se alguma das visitas noturnas do Lightwood mais velho a certas casas em Shadwell não lhe tivessem provocado um caso sério de varíola demoníaca*.

— Ai, eca — disse.

— De fato — concordou Nate. — Irônico, se considerarmos a conduta pretensiosa dos Nephilim. Frequentemente me pergunto por que Mortmain o favorece e deseja tanto vê-lo instalado no Instituto. — Nate soou impertinente.

Tessa já tinha presumido que fosse este o caso, mas saber que Mortmain definitivamente estava por trás da determinação voraz de tirar o Instituto de Charlotte ainda a atingiu como um golpe.

— Só não entendo — observou, fazendo o possível para adotar o desdém ligeiramente ranzinza de Jessie —, qual é a *utilidade* para o Magistrado. É só um prédio velho e abafado...

Nate riu complacentemente.

— Não é o prédio, tolinha. É a posição. O diretor do Instituto de Londres é um dos Caçadores de Sombras mais poderosos da Inglaterra, e o Magistrado controla Benedict como uma marionete. Através dele, pode destruir o Conselho internamente, enquanto o exército de autômatos o destrói externamente. — Ele a

rodopiou habilmente, como a dança pedia; somente os anos de prática dançando com Nate impediram Tessa de cair, de tão distraída que ficou com o choque da revelação. — Além disso, não é *bem* verdade que o Instituto não contém nada de valor. Acesso à Grande Biblioteca por si só já seria de enorme valor para o Magistrado. Sem falar na sala das armas...

— E Tessa — reprimiu a voz para que não tremesse.

— Tessa?

— Sua irmã. O Magistrado ainda a quer, não quer?

Pela primeira vez Nate a olhou surpreso.

— Já falamos disso, Jessamine — respondeu. — Tessa será presa por posse ilegal de artigos de magia negra e enviada à Cidade do Silêncio. Benedict a trará de lá e a entregará ao Magistrado. É tudo parte do que combinaram, apesar de não estar claro o que Benedict ganhará com isso. Deve ser alguma coisa bem significativa, ou ele não se colocaria contra a própria espécie.

Presa? Posse ilegal de artigos de magia negra? A cabeça dela girava.

A mão de Nate voltou para a nuca de Tessa. Ele estava de luva, mas ela não conseguia se livrar da sensação de estar sendo tocada por algo pegajoso.

— Minha Jessie — murmurou. — Você se comporta como se tivesse se esquecido da sua participação no plano. Você *escondeu* o Livro Branco no quarto da minha irmã conforme lhe pedimos, não?

— Cl... claro que escondi. Só estava brincando, Nate.

— Esta é a minha menina. — Ele estava se inclinando para perto. Definitivamente iria beijá-la. Seria extremamente inadequado, mas, pensando bem, não havia nada que pudesse ser considerado adequado nesse recinto. Em estado de absoluto horror, Tessa soltou:

— Nate... estou tonta... acho que vou desmaiar. Acho que é o calor. Pode me trazer uma limonada?

Ele a olhou por um instante, com a boca rija de irritação contida, mas Tessa sabia que ele não podia recusar. Nenhum cavalheiro recusaria. Ele se ajeitou, esfregou os punhos e sorriu.

— Claro — respondeu com uma reverência. — Deixe-me ajudá-la a sentar primeiro.

Ela protestou, mas ele já estava com a mão em seu cotovelo, guiando-a para uma das cadeiras que se alinhavam às paredes. A colocou em uma delas e sumiu na multidão. Ela o viu afastar-se, tremendo da cabeça aos pés. *Magia negra*. Sentiu-se enjoada e com raiva. Queria estapear o irmão, sacudi-lo até ele revelar o resto da verdade, mas sabia que não podia.

— Você deve ser Tessa Gray — disse uma voz suave ao seu lado. — É a cara da sua mãe.

Tessa quase saltou para fora da própria pele. Perto dela encontrava-se uma mulher esguia, com cabelos longos e soltos, da cor de pétalas de lavanda. Tinha a pele azul-clara e usava um vestido longo e vaporoso, tênue e de tule. Estava descalça, e entre os dedos havia teias finas, como de uma aranha, em um tom de azul mais escuro que a pele. As mãos de Tessa subiram para o rosto com um horror súbito — será que estava perdendo o disfarce? — Mas a mulher azul riu.

— Não tive a intenção de fazê-la temer por seu disfarce, pequena. Continua funcionando. É que minha espécie enxerga através dele. Tudo isto — gesticulou vagamente pelo cabelo louro de Tessa, o vestido branco e as pérolas — é como o vapor de uma nuvem, e você é o céu por trás. Sabia que sua mãe tinha olhos como os seus, às vezes cinzentos, às vezes azuis?

Tessa encontrou a própria voz.

— Quem é você?

— Oh, minha espécie não gosta de revelar nomes, mas pode me chamar como quiser. Pode inventar um nome adorável para mim. Sua mãe me chamava de Hyacinth.

— A flor azul — observou Tessa fracamente. — Como conheceu minha mãe? Não parece mais velha do que eu...

— Depois da juventude, minha espécie não envelhece nem morre. Você também não. Menina de sorte! Espero que aprecie o serviço feito em você.

Tessa balançou a cabeça espantada.

— Serviço? Que serviço? Está falando de Mortmain? *Sabe o que sou?*

— Você sabe o que *eu* sou?

Tessa pensou no *Códex*.

— Uma fada? — arriscou.

— E sabe o que é uma Criança Trocada?

Tessa balançou a cabeça.

— Às vezes — confidenciou Hyacinth, reduzindo a voz a um sussurro —, quando nosso sangue de fada enfraquece, precisamos ir para uma residência humana, e achar a criança mais bonita e roliça, e, tão rápido quanto um piscar de olhos, devemos substituir o bebê por um dos nossos doentes. Enquanto a criança humana cresce alta e forte em nossas mãos, a família humana vai se ver com o fardo de uma criatura moribunda e medrosa. Nossa linhagem fica fortalecida...

— Por que se dar ao trabalho? — perguntou Tessa. — Por que não roubar simplesmente a criança humana e não deixar nada no lugar?

Os olhos azul-escuros de Hyacinth se arregalaram.

— Ora, não seria *justo* — disse. — E geraria desconfiança entre os mundanos. São burros, mas são muitos. Não é bom despertar sua ira. É isso que os faz atacar com ferro e fogo — estremeceu.

— Só um segundo — disse Tessa. — Esta me dizendo que sou uma *criança trocada*?

Hyacinth riu.

— Claro que não! Que ideia ridícula! — Ela levou as mãos ao coração quando riu, e Tessa viu que os dedos da mão também eram conectados por uma teia azul. De repente ela sorriu, exibindo dentes brilhantes. — Tem um menino muito bonito nos encarando ali — disse. — Tão bonito quanto um lorde das fadas! É melhor deixá-la prosseguir com sua noite. — E, antes que Tessa pudesse protestar, Hyacinth piscou para ela e sumiu na multidão.

Abalada, Tessa se virou, esperando que o "menino muito bonito" fosse Nate — mas era Will, apoiado na parede ao seu lado. Assim que o avistou, ele virou e começou a examinar a pista de dança.

— O que aquela fada queria?

— Não sei — respondeu Tessa, exasperada. — Revelar que eu *não* sou uma criança trocada, aparentemente.

— Bem, isto é bom. Processo de eliminação. — Tessa tinha de admitir que Will estava realizando um bom trabalho de camuflagem mesclando-se às cortinas escuras atrás de si, como se não estivesse ali. Provavelmente um talento de Caçador de Sombras. — E as novidades do seu irmão?

Ela juntou as mãos, olhando para o chão enquanto falava.

— Jessamine tem espionado para Nate esse tempo todo. Não sei exatamente há quanto tempo. Mas conta tudo a ele. Acha que ele está apaixonado por ela.

Will não pareceu surpreso.

— *Você* acha que ele está apaixonado?

— Acho que Nate só se importa com ele mesmo — disse Tessa. — E fica pior. Benedict Lightwood está trabalhando para Mortmain. É por isso que está tramando para tomar o Instituto. Para que o Magistrado possa obtê-lo. E obter a *mim*. Nate sabe tudo a respeito, é claro. E não se importa — Tessa olhou para as mãos novamente. As mãos de Jessamine. Pequenas e delicadas nas luvas brancas de criança. *Ah, Nate*, pensou. *Tia Harriet costumava se referir a ele como seu menino dos olhos azuis.*

— Espero que isso tenha sido antes de ele matá-la — disse Will. Só então Tessa percebeu que tinha dito a frase anterior em voz alta. — E lá vem ele novamente — acrescentou, com um murmúrio baixinho. Tessa olhou para a multidão e viu Nate vindo em sua direção, os cabelos claros parecendo um farol. Trazia um copo de líquido dourado espumante. Ela se virou para pedir que Will se apressasse em sair, mas o Caçador de Sombras já tinha desaparecido.

— Limonada gasosa — disse Nate, vindo até ela e lhe entregando o copo. A superfície gelada produziu uma sensação agradável contra o calor da pele. Ela tomou um gole; apesar de tudo, estava uma delícia.

Nate afagou o cabelo de Tessa para fora da testa.

— Agora, estava me contando — continuou. — *Escondeu* o livro no quarto

da minha irmã...

— Sim, como me pediu — mentiu Tessa. — Ela não desconfia de nada, é claro.

— Espero que não.

— Nate...

— Sim?

— Você sabe o que o Magistrado pretende fazer com sua irmã?

— Já disse, ela não é minha irmã. — A voz de Nate era cortante. — E não faço ideia do que ele planeja fazer com ela, nem me interesso. *Meus* planos são todos para o meu... o *nosso* futuro juntos. Espero que você esteja tão empenhada quanto eu, não é? — Tessa pensou em Jessamine, sentada amuada na sala com os outros Caçadores de Sombras enquanto eles reviravam papéis sobre Mortmain; Jessamine dormindo sobre a mesa em vez de se retirar enquanto discutiam planos com Ragnor Fell. E Tessa sentiu pena dela, mesmo misturada a seu ódio a Nate; o detestava tanto que a sensação era de ter fogo em sua garganta. *Já disse, ela não é minha irmã.*

Tessa permitiu que os olhos se arregalassem, e o lábio tremesse.

— Estou fazendo o melhor que posso, Nate — disse. — Não acredita em mim?

Sentiu um ligeiro senso de triunfo ao vê-lo reprimir visivelmente a irritação.

— Claro, querida. Claro. — Ele examinou o rosto dela. — Está se sentindo melhor? Vamos dançar outra vez?

Tessa apertou o copo na mão.

— Oh, não sei...

— É claro que dizem — Nate riu —, que um cavalheiro só deve dançar uma ou duas rodadas com a esposa.

Tessa congelou. Foi como se o tempo tivesse parado: tudo no salão pareceu congelar com ela, até mesmo o sorriso no rosto de Nate.

Esposa?

Ele e Jessamine eram *casados*?

— Anjo? — disse Nate, a voz parecia vir de longe. — Tudo bem? Está branca como uma folha de papel.

— Sr. Gray — uma voz mecânica falou por trás de Nate. Era um dos autômatos desprovidos de expressão, estendendo uma bandeja de prata na qual havia um pedaço de papel dobrado. — Um recado para o senhor.

Nate virou-se, surpreso, e pegou o papel; Tessa assistiu enquanto ele desdobrou, leu, praguejou e o guardou no bolso do casaco.

— Ai, ai — disse. — Um bilhete dele. — *Deve estar se referindo ao Magistrado*, pensou Tessa. — Aparentemente precisam de mim. Uma chatice, mas o que se pode fazer? — Pegou a mão dela e a ajudou a se levantar, em seguida inclinou-se para lhe dar um beijo recatado em sua bochecha. — Fale com Benedict; ele vai se certificar de que seja acompanhada até a carruagem, *senhora Gray* — disse as duas últimas palavras em um sussurro.

Tessa assentiu, entorpecida.

— Boa menina — disse Nate. Em seguida virou-se e desapareceu na multidão, seguido pelo autômato. Tessa ficou olhando para eles, tonta. Devia ser o choque, pensou, mas tudo na sala tinha começado a parecer um tanto... peculiar. Era como se conseguisse enxergar cada raio de luz refletido nos cristais do lustre. O efeito visual era lindo, ainda que estranho e um pouco vertiginoso.

— Tessa. — Era Will, aparecendo sem esforço ao seu lado. Ela se virou para olhar para ele. Parecia ruborizado, como se tivesse corrido: outro efeito estranho e bonito, pensou, os cabelos negros e a máscara, os olhos azuis e a pele clara, e o rubor nas bochechas. Era como contemplar uma pintura. — Vejo que seu irmão recebeu o bilhete.

— Ah! — Tudo fez sentido. — Você o enviou.

— Enviei. — Parecendo satisfeito consigo mesmo, Will retirou o copo de limonada da mão de Tessa, tomou o resto e o repousou em um parapeito. — Tinha de tirá-lo daqui. E é melhor sairmos, antes que ele perceba que o recado é falso e retorne. Apesar de eu ter solicitado que fosse a Vauxhall; vai demorar séculos para chegar lá e voltar, então provavelmente estamos a salvo... — ele

emudeceu, e ela ouviu o alarme súbito na voz de Will. — Tess... Tessa? Você está bem?

— Por que pergunta? — A voz dela ecoou nos próprios ouvidos.

— Veja. — Ele esticou o braço e pegou um cacho solto do seu cabelo, puxando-o para a frente, para que ela pudesse ver. Olhou. Castanho-escuro. O cabelo dela. Não o de Jessamine.

— Meu Deus. — Ela levou a mão ao rosto, reconhecendo os torpores familiares da Transformação que começavam a dominá-la. — Há quanto tempo...

— Não muito. Você era Jessamine quando sentei. — Ele pegou a mão dela. — Vamos. Depressa. — Will começou a andar a passos largos em direção à saída, mas era um longo caminho até o outro lado do salão, e o corpo inteiro de Tessa estremecia e se contorcia com a Transformação. Arquejou enquanto o processo a mordia como se tivesse dentes. Viu Will virar a cabeça para o lado, alarmado; sentiu que ele a segurava enquanto ela se desequilibrava, e praticamente a carregou. O salão girou ao seu redor. *Não posso desmaiar. Não permita que eu desmaie.*

Um sopro de ar fresco a atingiu no rosto. Percebeu ao longe que Will os conduzira através de um par de portas francesas, e que estavam em uma pequena varanda de pedra, uma das muitas com vista para o jardim. Afastou-se dele, arrancando a máscara dourada do rosto, e quase caiu na balaustrada de pedra. Após fechar as portas, Will se virou e se apressou até ela, colocando a mão levemente nas suas costas.

— Tessa?

— Estou bem — agradeceu pelos apoios de pedra sob as mãos, sua solidez e firmeza reconfortando-a além das palavras. O ar frio estava ajudando a diminuir a tontura. Ao olhar para si mesma, notou que já estava inteiramente transformada em Tessa. O vestido branco agora estava alguns centímetros mais curto, e o laço tão apertado que o busto subiu pelo decote. Sabia que algumas mulheres se apertavam só para produzir esse efeito, mas era um choque ver tanto

da própria pele em exibição.

Olhou de lado para Will, grata pelo ar fresco impedir que suas bochechas pegassem fogo.

— Eu só... não sei o que aconteceu. Isso nunca ocorreu antes, perder a Transformação sem perceber. Deve ter sido o choque. Eles estão casados, sabia? Nate e Jessamine. Casados. Nate nunca foi do tipo que queria se casar. E não a ama. Dá para perceber. Não ama ninguém além dele mesmo. Nunca amou.

— Tess. — Will voltou a falar, agora com mais suavidade. Também estava apoiado no corrimão, olhando para ela. Estavam a apenas uma curta distância um do outro. Acima deles, a lua nadava através das nuvens, um barco branco sobre um mar de águas negras e paradas.

Ela fechou a boca, ciente de que estava tagarelando.

— Desculpe — disse suavemente, desviando o olhar.

Quase hesitantemente, ele colocou a mão na bochecha dela, virando-a de frente para ele. Tinha tirado a luva e estava com a pele sobre a dela.

— Não tem do que se desculpar — disse. — Você foi incrível, Tessa, nem um erro. — Ela sentiu sua pele se aquecer sob os dedos frios de Will, e ficou impressionada. Este era Will falando? *Will*, que no telhado do Instituto a tratara como lixo? — Você já amou seu irmão, não foi? Vi seu rosto ao conversar com ele, e quis matá-lo por partir seu coração.

Você partiu meu coração, queria dizer. Em vez disso, o que falou foi:

— Parte de mim sente falta dele, como... como você sente falta da sua irmã. Apesar de eu saber o que ele é, sinto falta do irmão que achei que tivesse. Era minha única família.

— O Instituto é sua família agora — disse, a voz incrivelmente gentil. Tessa o olhou espantada. Gentileza não era algo que associaria a Will. Mas lá estava, no toque da mão na bochecha, na suavidade da voz, no olhar enquanto a encarava. Era o jeito com que sempre sonhou que um rapaz olharia para ela. Mas jamais havia sonhado com alguém tão lindo quanto Will, nem com toda a sua imaginação. À luz do luar, a curva da sua boca parecia pura e perfeita, os olhos

atrás da máscara praticamente negros.

— É melhor entrarmos — disse ela, quase sussurrando. Não queria ter de voltar. Queria ficar ali, com Will numa proximidade dolorosa, quase inclinando-se para ela. Dava para sentir o calor irradiando do corpo dele. Os cabelos escuros caindo em torno da máscara, sobre os olhos, misturando-se aos longos cílios. — Temos pouco tempo...

Ela deu um passo para a frente — e tropeçou em Will, que a segurou. Tessa congelou — e então o envolveu com os braços, entrelaçando os dedos em seu pescoço. Estava com o rosto pressionado contra a garganta dele, os cabelos macios sob seus dedos. Ela fechou os olhos, bloqueando a sensação de vertigem, a luz além das janelas francesas, o brilho do céu. Queria ficar ali com Will, encapsulada nesse momento, respirando seu cheiro, sentindo as batidas do coração dele no dela, fortes e firmes como o movimento do oceano.

Ela o sentiu puxar o ar.

— Tess — disse. — Tess, olhe para mim.

Ela levantou os olhos até ele, lentamente e sem vontade, preparando-se para receber raiva ou frieza; mas o olhar de Will estava fixo no dela, os olhos azul-escuros sóbrios sob os cílios negros espessos, e sem o distanciamento frio e negligente de sempre. Estavam claros como vidro e cheios de desejo. E mais do que desejo — uma ternura que ela nunca vira antes neles, que sequer seria capaz de associar a Will Herondale. Aquilo, mais do que qualquer outra coisa, impediu que protestasse quando ele levantou as mãos e começou a retirar os prendedores do seu cabelo, metodicamente, um por um.

Isso é loucura, pensou, quando o primeiro prendedor caiu no chão. Deveriam estar correndo, fugindo desse lugar. Em vez disso, ficou parada, muda, enquanto Will descartava as pérolas de Jessamine, como se não valessem nada. Os cabelos dela mesma, longos e ondulados, caíram sobre os ombros, e Will deslizou a mão por eles. Tessa o ouviu soltando o ar ao fazê-lo, como se há meses tivesse prendido a respiração, soltando-a somente agora. Ficou parada, como se estivesse hipnotizada, enquanto ele juntava seus cabelos nas mãos, jogando-os

por cima de um dos ombros, torcendo os cachos entre os dedos.

— Minha Tessa — disse ele, e dessa vez ela não negou aquilo.

— Will — sussurrou quando ele soltou as mãos dela do próprio pescoço. Will tirou as luvas de Tessa, que se juntaram à máscara e às pérolas de Jessie no chão de pedra da varanda. Ele retirou a própria máscara e a descartou, passando as mãos nos próprios cabelos negros e úmidos, retirando-os da testa. A parte inferior da máscara havia deixado marcas nas maçãs do rosto dele, como leves cicatrizes, mas ao se esticar para tocá-las, ele pegou gentilmente suas mãos e as abaixou.

— Não — disse. — Me deixe tocar você primeiro. Tenho desejado...

Tessa não negou. Em vez disso, ficou parada, os olhos arregalados, observando enquanto as pontas dos dedos de Will percorriam suas têmporas, em seguida as maçãs do rosto, depois — suavemente, apesar dos calos — contornavam o formato da boca, como se ele quisesse registrá-lo na memória. O gesto fez o coração de Tessa acelerar dentro do peito. Os olhos de Will permaneceram fixos nela, escuros como o fundo do oceano, admirando, entorpecidos com a descoberta.

Ela continuou parada enquanto as pontas dos dedos deixavam sua boca e traçavam um caminho até a garganta, parando na veia pulsante, deslizando para o laço de seda no colarinho e puxando uma das pontas; as pálpebras de Tessa tremeram e quase se fecharam quando o laço soltou e a mão calorosa de Will cobriu sua clavícula exposta. Ela se lembrou de uma vez, no *Primordial*, quando o navio passou por um pedaço de mar estranhamente brilhante, e de como ele traçou um rastro de fogo na água, liberando faíscas ao atravessar. Era como se as mãos de Will estivessem fazendo o mesmo com a sua pele. Tessa ardia onde ele encostava, e a sensação dos dedos dele permaneciam sobre a pela mesmo depois de já terem seguido adiante. As mãos de Will moveram-se levemente, mas mais para baixo, sobre o corpete do vestido, seguindo as curvas dos seios. Tessa arquejou, mesmo quando as mãos dele deslizaram para sua cintura, para puxá-la para perto, unindo os corpos até que não houvesse nem um milímetro de espaço

entre os dois.

Ele se curvou para colocar a bochecha na dela. O hálito de Will na orelha de Tessa a fez tremer com cada palavra que ele dizia.

— Desejei isso — disse ele —, em todos os momentos de todas as horas de todos os dias em que estive com você, desde quando a conheci. Mas você sabe disso. *Deve* saber disso. Não é?

Tessa olhou para ele, com os lábios abertos de espanto.

— Disso o quê? — perguntou, e Will, com um suspiro de alguma coisa que parecia derrota, beijou-a.

Tinha lábios macios, tão macios. Ele já a havia beijado antes, um beijo selvagem, desesperado e com gosto de sangue, mas agora era diferente. Com tanta calma e deliberação como se falasse com ela em silêncio, dizendo com o toque dos lábios nos dela o que não podia dizer com palavras. Depositou beijos lentos na boca de Tessa, cada um no tempo de uma batida do coração, cada um lhe dizendo que ela era preciosa, insubstituível, desejada. Tessa não conseguia mais manter as mãos nas laterais do corpo. Esticou o braço para pegar na nuca de Will, entrelaçar os dedos nas ondas sedosas e escuras dos cabelos, sentir seu pulso com as palmas.

O aperto dele era firme enquanto explorava minuciosamente a boca de Tessa com a dele. Will tinha gosto de limonada gasosa, doce e formigante. O movimento da língua do rapaz ao passar levemente sobre os lábios de Tessa causava tremores deliciosos por todo o corpo dela; seus ossos derreteram e seus nervos cauterizaram. Ela desejou puxá-lo para cima de si — mas Will agia de maneira tão suave, incrivelmente suave, apesar de ela sentir o quanto ele a queria pelo tremor em suas mãos, pelas batidas do seu coração no dela. Alguém que não se importasse nem um pouco jamais agiria com tanta gentileza. Todas as partes dentro dela, que pareciam quebradas e destruídas ao olhar para Will ao longo das últimas semanas, começaram a se costurar e se curar. Tessa se sentiu leve, como se pudesse flutuar.

— Will — sussurrou-lhe na boca. Queria tanto que ele chegasse mais perto,

era como dor, forte e irradiando um calor que se espalhava a partir do estômago até acelerar seu coração, amarrar suas mãos nos cabelos de Will e fazer sua pele arder. — Will, não precisa ser tão cuidadoso. Não vou quebrar.

— Tessa — disse com um gemido ao beijá-la, mas ela ouviu a hesitação na voz. Mordeu gentilmente o lábio dele, provocando-o, e Will prendeu a respiração. As mãos dele abriram-se sobre a lombar de Tessa, pressionando-a contra ele, como se tivesse perdido o controle e a gentileza tivesse evoluído para a urgência. Os beijos se tornaram cada vez mais profundos, como se pudessem respirar um ao outro, consumir um ao outro, se devorar completamente. Tessa sabia que emitia ruídos e arquejos que vinham do fundo da garganta; que Will a estava empurrando contra o corrimão de um jeito que deveria doer, mas estranhamente não doía; que as mãos dele percorriam o corpete do vestido de Jessamine esmagando o tecido delicado. Ao longe, Tessa ouviu a maçaneta das portas francesas balançarem; abriram, e mesmo assim ela e Will permaneceram agarrados, como se nada mais importasse.

Ouviu-se um murmúrio de vozes e alguém falou:

— Eu não falei, Edith? É isso que acontece quando você toma as bebidas cor-de-rosa. — O tom era de reprovação. As portas tornaram a se fechar, e Tessa ouviu passos se afastando. Desgrudou-se de Will.

— Céus — disse ela, arfando. — Que humilhação...

— Não me importo. — Ele a puxou novamente para si, passou o nariz no pescoço dela, o rosto quente contra a pele fria. A boca de Will passou pela dela. — Tess...

— Você fica repetindo meu nome — murmurou. Estava com uma das mãos no peito dele, afastando-o um pouco, mas não fazia ideia de por quanto tempo ainda conseguiria mantê-la ali. Seu corpo doía de desejo. O tempo havia se esgotado e perdido o significado. Existia apenas esse instante, apenas Will. Ela nunca sentira nada parecido e ficou imaginando se era assim que Nate se sentia quando bebia.

— Amo seu nome. Amo o som dele. — Will também soava embriagado, a

boca na dela enquanto falava, de modo que Tessa pôde sentir o delicioso movimento dos lábios. Respirou o hálito dele, inalando-o. Os corpos se encaixavam perfeitamente, não pôde deixar de perceber; com os sapatos brancos de cetim de Jessie, ela ficava um pouco mais baixa que ele, e só precisava inclinar a cabeça para trás um pouquinho para beijá-lo. — Quero perguntar uma coisa. Tenho de saber...

— Então *aí* estão vocês. — Veio uma voz da entrada. — E que show espetacular estão dando, se me permitem dizer.

Separaram-se rapidamente. Ali na entrada — apesar de Tessa não se recordar do som das portas se abrindo —, com um longo charuto entre os dedos finos e marrons, encontrava-se Magnus Bane.

— Deixem-me adivinhar — disse Magnus, soltando a fumaça. Fez uma nuvem branca em forma de coração, distorcida, que voou da sua boca, expandindo-se e girando até não ser mais reconhecível. — Tomaram limonada.

Tessa e Will, agora lado a lado, olharam um para o outro. Foi Tessa que se pronunciou primeiro.

— Eu... sim. Nate trouxe um copo.

— Contém um pouco de pó de feiticeiro — esclareceu Magnus. Estava todo vestido de preto, sem mais nenhum ornamento, exceto nas mãos. Cada dedo tinha um anel com uma pedra grande, todas de diferentes cores: amarelo-limão, verde-jade, vermelho-rubi, azul-topázio. — Do tipo que diminui as inibições e levando-nos a fazer coisas — tossiu delicadamente — que não faríamos em outras circunstâncias.

— Ah — disse Will. E em seguida: — Ah. — Estava com a voz baixa. Virou-se de costas, apoiando as mãos na balaustrada. Tessa sentiu o próprio rosto começar a queimar.

— Querida, é bastante do seu colo que está mostrando aí — prosseguiu Magnus alegremente, apontando para Tessa com a ponta ardente do charuto. — *Tout le monde sur le balcon*, como dizem em francês — acrescentou, gesticulando

como se houvesse um grande terraço em seu peito. — Particularmente adequado, considerando que estamos, de fato, em uma varanda.

— Deixe-a em paz — disse Will. Tessa não conseguiu ver o rosto dele; estava com a cabeça abaixada. — Ela não sabia o que estava bebendo.

Tessa cruzou os braços, percebeu que isso só intensificava o problema do decote, e os abaixou.

— Este vestido é de Jessamine, e ela tem metade do meu tamanho — disparou. — Jamais sairia assim em circunstâncias normais.

Magnus ergueu as sobrancelhas.

— Transformou-se novamente em você mesma, não? Quando a limonada fez efeito?

Tessa franziu a testa. Sentia-se estranhamente humilhada — por ter sido flagrada beijando Will; por estar frente a frente com Magnus, trajando algo que sua tia morreria se visse — no entanto, parte dela gostaria que Magnus se retirasse para que pudesse beijar Will outra vez.

— O que você está fazendo aqui, se me permite perguntar? — disparou Tessa, com deselegância. — Como soube que *nós* estávamos aqui?

— Tenho minhas fontes — respondeu Magnus, soprando fumaça, despreocupado. — Pensei que estivessem encrencados. As festas de Benedict Lightwood são famosas por serem perigosas. Quando soube que estavam aqui...

— Estamos bem equipados para enfrentar perigos — disse Tessa.

Magnus olhou escancaradamente para o busto da moça.

— Estou vendo — declarou. — Armada até os dentes. — Terminou o charuto e o jogou lá para baixo. — Um dos subjugados humanos de Camille estava aqui e reconheceu Will. Mandou um recado para mim, mas se um de vocês já foi reconhecido, quais são as chances de que isto se repita? Já é hora de sumir.

— O que lhe importa se conseguimos sair ou não? — Foi Will que falou, com a cabeça ainda abaixada, e a voz abafada.

— Você tem uma dívida comigo — disse Magnus, com a voz gelada. — E pretendo cobrar.

Will se virou para ele. Tessa ficou pasma ao ver aquela expressão. Ele parecia enjoado e doente.

— Eu devia saber que era isto.

— Pode escolher os amigos, mas não os improváveis salvadores — disse Magnus, alegremente. — Vamos, então? Ou preferem ficar aqui e correr riscos? Podem retomar os beijos no Instituto.

Will franziu a testa.

— Tire-nos daqui.

Os olhos de gato de Magnus brilharam. O feiticeiro estalou os dedos, e uma chuva de faíscas azuis caiu ao redor em uma tempestade súbita e impressionante. Tessa ficou tensa, esperando queimaduras, mas só sentiu vento no rosto. Seus cabelos levantaram ao sentir uma estranha energia nos nervos. Ouviu Will engasgar — e em seguida estavam em um dos caminhos de pedra no jardim, perto do lago ornamental, com o casarão Lightwood erguendo-se atrás deles, escuro e silencioso.

— Pronto — disse Magnus, soando entediado. — Não foi tão difícil, foi?

Will olhou para ele sem qualquer gratidão.

— Magia — murmurou.

Magnus jogou as mãos para o alto. Ainda estavam faiscando com energia azul como a luz de um raio.

— E o que você acha que seus preciosos símbolos são? *Não* são magia?

— Shhh — pediu Tessa. De repente estava cansada até os ossos. Sentia dor onde o espartilho esmagava as costelas, e seus pés, com os sapatos apertados de Jessamine, agonizavam. — Parem de brigar, vocês dois. Acho que vem vindo alguém.

Todos pausaram, exatamente quando um grupo de pessoas conversando dobrou a esquina da casa. Tessa congelou. Mesmo sob o luar nublado, deu para ver que não eram humanos. Também não eram integrantes do Submundo. Era um grupo de demônios — um era uma figura cambaleante e cadavérica com buracos negros no lugar dos olhos; outro tinha a metade do tamanho de um

homem, pele azul e trajava calças e um colete, mas tinha uma cauda de espetos, feições de lagarto e um focinho de cobra; e o outro parecia um carrossel coberto por bocas vermelhas molhadas.

Diversas coisas aconteceram simultaneamente.

Tessa levou a mão à boca antes que pudesse gritar. Correr não adiantaria. Os demônios já os tinham visto e parado no caminho. Um cheiro podre irradiava deles, sobrepondo-se ao aroma das árvores.

Magnus ergueu a mão, um fogo azul circulando seus dedos. Estava sussurrando palavras baixinho. Tessa nunca o vira tão transtornado.

E Will — Will, que Tessa achou que fosse tentar alcançar as lâminas serafim — fez algo totalmente inesperado. Ergueu um dedo trêmulo, apontou para o demônio de pele azul e arfou:

— *Você*.

O demônio azul piscou. Todos os outros ficaram parados, entreolhando-se. Devia haver alguma espécie de acordo, pensou Tessa, que os impedia de atacar humanos na festa, mas ela não gostou da forma como as bocas vermelhas e molhadas lambiam os lábios.

— Hum — disse o demônio azul com quem Will falou, com uma voz surpreendentemente normal. — Não me lembro... Digo, acho que não tive o prazer de conhecê-lo?

— *Mentiroso!* — Will cambaleou para a frente e atacou; enquanto Tessa assistia, pasma, ele passou pelos outros demônios e se jogou sobre o azul. A criatura soltou um grito agudo. Magnus observava os acontecimentos boquiaberto. Tessa gritou:

— Will! *Will*! — Mas este estava rolando pela grama com o demônio azul, que era surpreendentemente ágil. Conseguiu segurá-lo pelo colete, mas a criatura se livrou e fugiu, correndo pelos jardins, com Will logo atrás.

Tessa deu alguns passos na direção deles, mas seus pés sofriam em agonia pura. Tirou os sapatos de Jessamine e estava prestes a correr atrás de Will quando percebeu que os outros demônios emitiam ruídos nervosos. Pareciam

estar falando com Magnus.

— Ah, bem, vocês sabem — disse ele, depois de já ter recuperado a compostura, e apontando para a direção onde Will havia desaparecido. — Desentendimento. Por causa de uma mulher. Acontece.

O chiado aumentou. Claramente os demônios não acreditaram.

— Dívida de jogo? — sugeriu o feiticeiro. Estalou os dedos e uma chama acendeu em sua mão, banhando o jardim com um brilho forte. — Sugiro que não se preocupem muito com isso, cavalheiros. Festividades e alegrias os esperam lá dentro. — Apontou para a porta estreita que levava ao salão. — Muito mais agradável que o que encontrarão aqui se ficarem muito tempo.

Isso pareceu convencê-los. Os demônios prosseguiram, chiando e murmurando, levando consigo o cheiro de lixo.

Tessa girou.

— Depressa, temos de ir atrás deles...

Magnus abaixou e pegou os sapatos que ela largara no chão. Segurando-os pelos laços de cetim, respondeu:

— Não tão depressa, Cinderela. Will é um Caçador de Sombras. Corre rápido. Nunca vai alcançá-lo.

— Mas você... tem de haver alguma magia...

— *Magia* — disse Magnus, imitando o tom enojado de Will. — Will está onde tem de estar, fazendo o que tem de fazer. O propósito dele é matar demônios, Tessa.

— Você... não gosta dele? — perguntou Tessa; era uma pergunta estranha, talvez, mas havia alguma coisa na forma como olhava para Will, falava com ele, algo que ela não conseguia identificar.

Para surpresa de Tessa, Magnus levou a pergunta a sério.

— Gosto dele — disse —, mesmo que não devesse. No começo achei que ele fosse apenas uma coisinha venenosa e bonita, mas já mudei de ideia. Existe uma alma sob toda esta bravata. E ele é muito *vivo*, uma das pessoas mais vivas que já conheci. Quando ele sente alguma coisa, é tão brilhante e afiado quanto um raio.

— Todos nós *sentimos* — disse Tessa, bastante surpresa. Will, tendo mais sentimento do que todos? Sendo mais louco do que todos, talvez.

— Não dessa forma — argumentou Magnus. — Confie em mim, vivi muito e sei — seu olhar era solidário. — E você vai descobrir que sentimentos também desbotam, quanto mais se vive. O feiticeiro mais velho que conheci estava vivo há quase mil anos e me contou que sequer se lembrava como era amar, ou odiar. Perguntei por que não acabou com a própria vida, e ele disse que ainda sentia uma coisa, medo: medo do que viria depois da morte. "A terra desconhecida da qual nenhum viajante retorna."

— Hamlet — disse Tessa automaticamente. Estava tentando reprimir os pensamentos da própria possível imortalidade. O conceito era grande e assustador demais para compreendê-lo, além disso... talvez nem fosse verdade.

— Nós que somos imortais estamos presos a esta vida por uma corrente de ouro e não ousamos rompê-la por medo do que vamos encontrar depois da queda — disse Magnus. — Agora vamos, não reclame das obrigações morais de Will. — Começou a percorrer o caminho, com Tessa mancando rapidamente atrás, esforçando-se para acompanhar.

— Ele estava se comportando como se conhecesse aquele demônio...

— Provavelmente já tentou matá-lo antes — disse Magnus. — Às vezes eles escapam.

— Mas como ele vai voltar para o Instituto? — choramingou Tessa.

— É um menino esperto. Vai encontrar uma maneira. Estou mais preocupado em levar *você* para o Instituto antes que alguém perceba que está desaparecida e uma briga descomunal aconteça. — Chegaram aos portões da frente, onde a carruagem estava esperando, Cyril descansando pacificamente no banco do cocheiro, com o chapéu sobre os olhos.

Ela lançou um olhar de revolta para Magnus enquanto ele abria a porta da carruagem e esticava a mão para deixá-la subir.

— Como sabe que eu e Will não tínhamos permissão de Charlotte para sair?

— Me dê um pouco mais de crédito, querida — disse ele, e sorriu de forma

tão contagiante que Tessa, com um suspiro, lhe deu a mão. — Agora — disse ele —, vou levá-la de volta ao Instituto, e no caminho pode me contar tudo.

13
A Espada Mortal

"Tome minha parte de um coração inconstante,
A minha de um amor miserável:
Pegue ou largue, como quiser,
Eu lavo minhas mãos daqui em diante".
— Christina Rosetti, "Maude Clare"

— Oh, céus! — disse Sophie, levantando-se da cadeira quando Tessa abriu a porta do quarto de Jessamine. — Senhorita Tessa, o que *aconteceu*?

— Sophie! Shh! — Tessa acenou em alerta ao fechar a porta atrás de si. O quarto estava como o tinha deixado. Sua camisola e seu robe estavam cuidadosamente dobrados sobre uma cadeira, o espelho prateado sobre a penteadeira, rachado, e Jessamine... Jessamine continuava inconsciente, com os pulsos presos à cama. Sophie, sentada em uma cadeira perto do armário, claramente tinha ficado ali desde a saída de Tessa e Will; segurava uma escova na mão (para bater em Jessamine, caso acordasse?, pensou Tessa), e seus olhos castanhos estavam enormes.

— Mas senhorita... — A voz de Sophie falhou quando o olhar de Tessa se voltou para o próprio reflexo. Tessa não pôde fazer nada além de se encarar. Estava com os cabelos soltos, é claro, uma bagunça emaranhada sobre os ombros, as pérolas de Jessamine perdidas quando Will as tirara do lugar; descalça e

mancando, com as meias brancas imundas, sem luvas e o vestido estava visivelmente a ponto de lhe estrangular. — Foi horrível?

A mente de Tessa de repente se voltou para a varanda e para os braços de Will envolvendo-a. *Oh, Deus*. Afastou o pensamento e olhou para Jessamine, ainda dormindo pacificamente.

— Sophie, vamos precisar acordar Charlotte. Não temos escolha.

Sophie olhou para ela com os olhos arregalados. Tessa não podia culpá-la; detestava ter de despertar Charlotte. Tessa até implorou para Magnus vir junto para dar a notícia, mas ele recusou, alegando que dramas envolvendo extermínio mútuo de Caçadores de Sombras não tinham nada a ver com ele. Além disso, tinha um livro para acabar de ler.

— Senhorita... — protestou Sophie.

— É preciso. — O mais depressa que pôde, Tessa contou a Sophie os acontecimentos da noite, de forma generalizada, excluindo a parte da varanda com Will. Ninguém precisava saber daquilo. — Está além do nosso controle agora. Não podemos mais agir pelas costas de Charlotte.

Sophie não protestou mais. Repousou a escova na penteadeira, levantou, alisou as saias e disse:

— Vou buscar a senhora Branwell, senhorita.

Tessa sentou na cadeira ao lado da cama, franzindo o rosto enquanto o vestido de Jessamine a beliscava.

— Gostaria que me chamasse de Tessa.

— Eu sei, senhorita — Sophie se retirou, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Magnus estava deitado no sofá da sala de estar com os pés para cima quando ouviu a comoção. Sorriu sem se mover com o ruído de Archer protestando, e Will protestando. Passos se aproximaram da porta. Magnus virou uma página do livro de poesia enquanto a porta se abria e Will entrava.

Estava quase irreconhecível. As roupas de noite elegantes apresentavam-se

rasgadas e manchadas de lama, o casaco cortado em toda a extensão, os sapatos lamacentos. Os cabelos de Will estavam arrepiados, e seu rosto todo arranhado, como se tivesse sido atacado por uma dúzia de gatos simultaneamente.

— Sinto muito, senhor — disse Archer, desesperado. — Ele me empurrou.

— Magnus — disse Will. Estava sorrindo. Magnus já o tinha visto sorrir antes, mas dessa vez havia alegria verdadeira no gesto. Transformara o rosto de Will, de belo, porém frio, a incandescente. — Diga a ele para me deixar entrar.

Magnus acenou com uma das mãos.

— Deixe-o entrar, Archer.

O rosto cinzento do subjugado se contorceu, e a porta se fechou por trás de Will.

— Magnus! — Will meio cambaleou, meio saltitou até a lareira, onde se apoiou. — Não vai acreditar...

— Shhh — disse Magnues, com o livro ainda aberto sobre os joelhos. — Ouça isto:

Estou cansado do chorar e do rir
E de homens que riem e choram
Do que pode vir a seguir
Para homens que para colher semeiam:
Cansei dos dias e horas,
Das plantas secas e da flora,
Desejos e sonhos e poderes
E de tudo que não seja o sono.

— Swinburne — disse Will, apoiado na lareira. — Sentimental e superestimado.

— *Você* não sabe o que é ser imortal — Magnus descartou o livro e se sentou. — Então, o que quer?

Will puxou a manga. Magnus reprimiu um ruído de surpresa. O antebraço de

Will estava com um corte longo e sangrento. Sangue envolvia-lhe o pulso e escorria dos dedos. No machucado, como um cristal enterrado na parede de uma caverna, havia um único dente branco.

— Mas o que... — começou Magnus.

— Dente de demônio — respondeu Will, quase sem fôlego. — Persegui aquele maldito azulado por Chiswick, e ele escapou: mas não antes de me morder. Deixou o dente em mim. Pode utilizar o dente, certo? Para invocá-lo? — Segurou o objeto e o retirou. Mais sangue saiu e correu pelo braço, pingando no chão.

— O tapete de Camille — protestou Magnus.

— É sangue — disse Will. — Ela vai adorar.

— Você está bem? — Magnus olhou fascinado para Will. — Está sangrando muito. Não tem uma estela consigo? Um símbolo de cura...

— Não ligo para símbolos de cura. Ligo para isto. — Will colocou o dente ensanguentado na mão de Magnus. — Encontre o demônio para mim. Sei que consegue.

Magnus olhou para baixo com uma expressão de desgosto.

— Certamente posso, mas...

A luz do rosto de Will tremulou.

— Mas?

— Mas não hoje — respondeu Magnus. — Pode ser que demore alguns dias. Terá de ser paciente.

Will respirou asperamente.

— Não posso ser paciente. Não depois de hoje à noite. Você não entende... — Então cambaleou e se segurou. Alarmado, Magnus levantou-se do sofá.

— Você está bem?

A cor ia e vinha do rosto de Will. O colarinho estava escuro de suor.

— Não sei — engasgou-se. — O dente. Pode ser venenoso...

A voz de Will falhou. Ele escorregou para a frente, revirando os olhos. Com alguma surpresa, Magnus o segurou antes que ele caísse no tapete sangrento, e,

levantando-o pelos braços, carregou-o cuidadosamente até o sofá.

Tessa, sentada na cadeira ao lado da cama de Jessamine, massageou as costelas doloridas e suspirou. O espartilho continuava beliscando sua pele, e ela não fazia ideia de quando teria a oportunidade de removê-lo; os pés doíam, e sua alma estava ferida. Encontrar Nate foi como levar uma facada em uma ferida recente. Ele dançou com "Jessamine" — flertou com ela — e discutiu casualmente o destino de Tessa, a própria irmã, como se não significasse nada para ele.

Concluiu que não deveria se surpreender, que nada deveria surpreendê-la no que dizia respeito a Nate. Mas doía ainda assim.

E Will — aqueles instantes na varanda com Will foram os mais confusos de toda a sua vida. Depois de como ele havia falado com ela no telhado, tinha jurado jamais ter pensamentos românticos que o envolvessem. Ele não era nenhum Heathcliff, sombrio e reflexivo, nutrindo uma paixão secreta, dissera a si mesma, tratava-se apenas de um garoto que se achava bom demais para ela. Mas a forma como a olhara no terraço, como afastou seu cabelo do rosto, até mesmo o leve tremor das mãos dele ao tocarem-na — certamente esses detalhes não poderiam ser fruto de falsidade.

Contudo, ela retribuiu da mesma forma. Naquele instante não queria nada além de Will. Não sentiu nada além de Will. E na noite anterior tinha tocado e beijado Jem; tinha sentido que o amava; permitira que ele a visse como ninguém jamais havia visto antes. E quando pensava nele agora, pensava no silêncio da manhã, na ausência do jantar, sentia a falta dele, com uma dor física que não podia ser mentira.

Seria mesmo possível amar duas pessoas ao mesmo tempo? Era possível dividir o coração em dois? Ou o momento com Will na bancada não tinha passado de loucura induzida por drogas enfeitiçadas? Teria sido igual com *qualquer* pessoa? A ideia a assombrava como um fantasma.

— *Tessa*.

Tessa quase saltou da cadeira. A voz foi quase um sussurro. Jessamine. Com

os olhos semiabertos, a luz do fogo refletida nas profundezas castanhas.

Tessa sentou-se ereta.

— Jessamine. Você está...

— O que aconteceu? — A cabeça de Jessamine rolou inquieta de um lado para o outro. — Não me lembro. — Tentou sentar e arquejou ao ver que estava amarrada. — Tessa! Por que diabos...

— É para o seu próprio bem, Jessamine. — A voz de Tessa falhou. — Charlotte... ela quer lhe fazer algumas perguntas. Seria muito melhor se você estivesse disposta a respondê-las...

— A festa. — Os olhos de Jessamine iam de um lado para o outro, como se estivesse assistindo algo que Tessa não podia enxergar. — Sophie, aquela maldita, estava fuçando minhas coisas. Eu a vi com o convite na mão...

— Sim, a festa — disse Tessa. — Na casa de Benedict Lightwood. Onde iria encontrar Nate.

— Você leu o bilhete? — Jessamine inclinou a cabeça. — Não sabe o quanto é grosseiro e inadequado ler as correspondências alheias? — Tentou sentar outra vez e caiu para trás sobre os travesseiros. — De qualquer forma, ele não assinou. Você não tem como provar...

— Jessamine, não há vantagem em mentir agora. Posso provar, eu fui à festa e falei com o meu irmão.

A boca de Jessamine se abriu formando um O rosado. Pela primeira vez pareceu notar a roupa de Tessa.

— Meu vestido — suspirou. — Você se disfarçou de mim?

Tessa assentiu.

Os olhos de Jessamine escureceram.

— Criatura — arfou. — Criatura artificial e nojenta! O que fez com Nate? O que disse a ele?

— Ele deixou bem claro que você anda espionando para Mortmain — disse Tessa, desejando que Sophie e Charlotte retornassem. Por que estavam demorando tanto? — Que nos traiu, que revelou todas as nossas atividades,

obedeceu ordens de Mortmain...

— Nós? — gritou Jessamine, lutando para se levantar tanto quanto as cordas permitissem. — Você não é Caçadora de Sombras! Não deve qualquer lealdade a eles! Não se importam com você, não mais do que se importam comigo. Nate é o único que se importa comigo...

— Meu irmão — disse Tessa, com a voz quase descontrolada —, é um assassino mentiroso, incapaz de sentir qualquer coisa. Ele pode ter se casado com você, Jessamine, mas não a ama. Os Caçadores de Sombras me ajudaram e me protegeram, assim como fizeram com você. E mesmo assim você vira as costas para eles, feito um cachorro, no momento em que meu irmão estala os dedos. Ele vai abandoná-la, se não matá-la antes.

— Mentirosa! — gritou Jessamine. — Você não o entende. Nunca entendeu! Ele tem a alma pura e refinada...

— Pura como a água de um fosso — respondeu Tessa. — Eu o entendo melhor do que você; está cega pelo charme dele. Ele não liga para você.

— Mentirosa...

— Vi nos olhos dele. *Vi como ele olha para você*.

Jessamine engasgou.

— Como pode ser tão cruel?

Tessa balançou a cabeça.

— Não consegue enxergar, não é mesmo? — disse, admirada. — Para você é tudo brincadeira, como bonecas em sua casinha de brinquedo, mexendo-as, fazendo com que se beijem e se casem. Você queria um marido mundano e Nate era bom o bastante. Não consegue enxergar o que sua traição custou àqueles que sempre cuidaram de você.

Jessamine exibiu os dentes; naquele instante pareceu tanto com um animal preso e encurralado que Tessa quase se encolheu.

— Eu amo Nate — disse. — E ele me ama. É você que não entende o amor. "Oh, não consigo me decidir entre Will e Jem. O que faço?" — zombou ela, com a voz aguda, e Tessa enrubesceu. — E daí que Mortmain quer destruir os

Caçadores de Sombras da Bretanha? Por mim, eles podem queimar.

Tessa a encarou, ao mesmo tempo em que a porta atrás dela se abriu e Charlotte entrou. Parecia cansada e vazia de tanta exaustão, com um vestido cinzento que combinava com as olheiras, mas sua postura estava ereta e os olhos atentos. A seguir veio Sophie, vigiando, como se estivesse assustada — e logo Tessa entendeu por que, pois atrás delas vinha uma aparição com vestes cor de pergaminho e o rosto escondido sob a sombra do capuz, trazendo uma lâmina brilhante e mortal na mão. Era o Irmão Enoch, dos Irmãos do Silêncio, carregando a Espada Mortal.

— Podemos queimar? Foi isso que disse, Jessamine? — perguntou Charlotte, com uma voz rígida e clara, tão incompatível com ela que Tessa ficou encarando.

Jessamine engasgou. Fixou os olhos na lâmina na mão do Irmão Enoch. O cabo era esculpido em forma de um anjo com as asas abertas.

O Irmão Enoch apontou a espada para Jessamine, que se encolheu, as cordas que prendiam seus pulsos à cama soltaram. As mãos da menina caíram flácidas sobre seu colo. Olhou para as próprias mãos, e depois para Charlotte.

— Charlotte, Tessa é uma mentirosa. É uma mentirosa do Submundo...

Charlotte parou ao lado da cama e olhou para Jessamine com desapego.

— Não é esta minha experiência com ela, Jessamine. E Sophie? Sempre foi uma servente extremamente honesta.

— Ela me atacou! Com um espelho! — O rosto de Jessamine estava rubro.

— Porque ela achou isto — Charlotte pegou o convite, que Tessa havia retirado do bolso e entregado a Sophie. — Pode explicar isto, Jessamine?

— Ir a uma festa não é contra a Lei. — Jessamine soou ao mesmo tempo triste e assustada. — Benedict Lightwood é um Caçador de Sombras...

— Esta é a letra de Nathaniel Gray. — A voz de Charlotte em nenhum momento pareceu perder a firmeza, pensou Tessa. — Alguma coisa neste fator a deixava ainda mais inexorável. — Ele é um espião, procurado pela Clave, e você tem se encontrado com ele em segredo. Por que isso?

A boca de Jessamine se abriu ligeiramente. Tessa esperou mais desculpas — *é*

tudo mentira, Sophie inventou o convite, eu só ia me encontrar com Nate para conquistar sua confiança —, mas em vez disso vieram lágrimas.

— Eu o amo — respondeu. — E ele me ama.

— Então você nos traiu em nome dele — disse Charlotte.

— Não traí! — A voz de Jessamine se elevou. — O que quer que Tessa diga, não é verdade. Ela está mentindo. Sempre teve inveja de mim e está mentindo!

Charlotte olhou para Tessa.

— Está mentindo? E Sophie?

— Sophie me odeia — choramingou Jessamine. Pelo menos isso era verdade. — Ela tem de ser jogada na rua, sem referências...

— Pare de chorar, Jessamine. Não vai conseguir nada assim. — A voz de Charlotte cortou os soluços de Jessamine como uma lâmina. A diretora do Instituto se voltou para o Irmão Enoch. — A verdade será facilmente obtida. A Espada Mortal, por favor, Irmão Enoch.

O Irmão do Silêncio avançou, com a Espada Mortal apontada para Jessamine. Tessa encarou horrorizada. Ele ia *torturar* Jessamine na própria cama, diante de todo mundo?

Jessamine gritou.

— Não! Não! Afaste-o de mim! *Charlotte*! — A voz da menina se elevou a um terrível grito que parecia não ter fim, cortando os ouvidos de Tessa, penetrando sua mente.

— Estenda as mãos, Jessamine — ordenou Charlotte com frieza.

Jessamine sacudiu a cabeça veementemente, os cabelos louros esvoaçando.

— Charlotte, não — disse Tessa. — Não a machuque.

— Não se meta com o que você não entende, Tessa — disse Charlotte com a voz cortante. — Estenda as mãos, Jessamine, ou vai ser muito pior para você.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Jessamine esticou as mãos, com as palmas para cima. Tessa ficou completamente tensa. De repente sentiu-se enjoada e lamentou ter qualquer ligação com esse plano. Se Jessamine tinha sido enganada por Nate, ela também tinha. Jessie não merecia isto...

— Tudo bem — disse uma voz suave atrás dela. Sophie. — Ele não vai machucá-la. A Espada Mortal faz com que os Nephilim digam a verdade.

O Irmão Enoch depositou a lâmina da Espada Mortal sobre as palmas das mãos de Jessamine. Não o fez com força, tampouco com gentileza, foi como se sequer tivesse consciência da presença de uma pessoa ali. Soltou a espada e deu um passo para trás; até mesmo Jessamine arregalou os olhos, surpresa; a lâmina pareceu se equilibrar perfeitamente em suas mãos, completamente imóvel.

— Não é um instrumento de tortura, Jessamine — disse Charlotte, com as mãos cruzadas na frente do corpo. — Precisamos empregá-lo, pois do contrário não podemos ter certeza de que receberemos a verdade. — Levantou o convite. — Isto é seu, não é?

Jessamine não respondeu. Estava olhando para o Irmão Enoch, com os olhos arregalados e negros de pavor, arfando.

— Não consigo pensar, não com este monstro no quarto... — sua voz tremia.

A boca de Charlotte enrijeceu, mas ela olhou para Enoch e disse algumas palavras. Ele assentiu, e em seguida deslizou silenciosamente para fora do quarto. Enquanto a porta se fechava atrás dele, Charlotte disse:

— Pronto. Ele está esperando no corredor. Não pense que ele não vai retê-la se tentar fugir, Jessamine.

Jessamine assentiu. Pareceu sucumbir, como uma boneca quebrada.

Charlotte abanou o convite.

— Isto é seu, não é? E foi enviado por Nathaniel Gray. Esta é a letra dele.

— S... sim — A palavra pareceu ter sido arrancada de Jessamine contra sua vontade.

— Há quanto tempo tem se encontrado em segredo com ele?

Jessamine enrijeceu a boca, mas os lábios estavam tremendo. Um instante mais tarde uma torrente de palavras explodiu da boca da menina. Seus olhos percorreram o cômodo em choque, como se ela não pudesse acreditar que estava falando.

— Ele me mandou um recado poucos dias depois da invasão de Mortmain ao

Instituto. Pediu desculpas pelo comportamento em relação a mim. Disse que era grato por ter recebido meus cuidados e que tinha sido incapaz de esquecer minha graça e beleza. Eu... eu quis ignorá-lo. Mas recebi uma segunda carta, e uma terceira... Concordei em me encontrar com ele. Saí do Instituto no meio da noite, e nos encontramos no Hyde Park. Ele me beijou...

— Basta — disse Charlotte. — Quanto tempo ele levou para convencê-la a nos espionar?

— Ele disse que só estava trabalhando para Mortmain até acumular o suficiente para viver com conforto. Eu disse que poderíamos viver com minha fortuna, mas ele não aceitou. O dinheiro tinha de ser dele. Disse que não viveria às custas da esposa. Não é nobre?

— Então a essa altura ele já a tinha pedido em casamento?

— Fez o pedido no segundo encontro. — Jessamine arfava. — Afirmou que sabia que não existiria outra mulher para ele. E prometeu que quando tivesse juntado o suficiente, eu teria a vida que sempre quis, que jamais nos preocuparíamos com dinheiro, que teríamos fi... filhos — choramingou.

— Oh, Jessamine — Charlotte soou quase triste.

Jessamine enrubesceu.

— Era verdade! Ele me ama! Já cansou de me provar. Somos casados! Casamos em uma igreja, com um pastor...

— Provavelmente uma igreja não consagrada e por algum escravo vestido de pastor — argumentou Charlotte. — O que você sabe sobre casamentos mundanos, Jessie? Como poderia saber o que *é* um casamento de verdade? Dou-lhe minha palavra de que Nathaniel Gray não a considera como esposa.

— Considera, sim! *Considera*! — gritou Jessamine, tentando se desvencilhar da espada. Estava grudada em suas mãos como se estivesse pregada. Os gritos subiram uma oitava. — Sou Jessamine Gray!

— Você é uma traidora da Clave. O que mais revelou a Nathaniel?

— Tudo — engasgou Jessamine. — Onde estavam procurando Mortmain, quais os integrantes do Submundo tinham sido contratados para a busca. Por

isso ele nunca estava no local esperado. Eu alertei sobre a viagem a York. Por isso ele enviou os autômatos para a casa da família de Will. Mortmain queria assustá-los para que desistissem da busca. Ele considera todos vocês irritações pestilentas. Mas não os teme. — Ela estava arfando. — E vai vencer. Ele sabe disso. E eu também.

Charlotte inclinou-se para a frente, com as mãos nos quadris.

— Mas ele não nos assustou a ponto de desistirmos das buscas — disse. — Os autômatos que ele enviou tentaram capturar Tessa, mas fracassaram...

— Não foram enviados para capturar Tessa. Ele ainda tem planos de levá-la, mas não assim, ainda não. O plano está perto de se concretizar, e aí, sim, ele vai tomar o Instituto, levar Tessa...

— O quão próximo está? Ele conseguiu abrir a Pyxis? — disparou Charlotte.

— Eu... eu não sei. Acho que não.

— Então você contou tudo a Nate, mas ele não lhe contou nada. E Benedict? Por que concordou em trabalhar para Mortmain? Sempre soube que era um sujeito desagradável, mas não parecia capaz de trair a Clave.

Jessamine balançou a cabeça. Estava suando, os cabelos claros grudados nas têmporas.

— Mortmain tem o tentado com algo, alguma coisa que ele quer. Não sei o quê. Mas ele fará qualquer coisa para obtê-la.

— Inclusive me entregar para Mortmain — disse Tessa. Charlotte a olhou surpresa quando falou, e parecia prestes a interrompê-la, mas Tessa continuou. — E que história é essa de me acusar falsamente de possuir artigos de magia negra? O que isso conquistaria?

— O Livro Branco — engasgou Jessamine. — Eu... peguei da caixa trancada na biblioteca. Escondi no seu quarto quando estava fora.

— Onde?

— Em um taco solto no piso... perto da lareira — As pupilas de Jessamine estavam enormes. — Charlotte... por favor...

Mas Charlotte foi implacável.

— Onde está Mortmain? Ele conversou com Nate sobre seus planos para a Pyxis, para os autômatos?

— Eu... — Jessamine choramingou trêmula. Estava com o rosto rubro. — Não posso...

— Nate não contaria a ela — disse Tessa. — Sabia que ela podia ser pega, sabendo que ela sucumbiria à tortura e revelaria tudo. É o que *ele* faria.

Jessamine lançou a Tessa um olhar venenoso.

— Ele a odeia, você sabe — disse. — Disse que durante toda a vida você olhou para ele com desdém, você e sua tia, com aquela moralidade provinciana banal, julgando tudo o que ele fazia. Sempre dizendo o que ele deveria fazer, nunca querendo ver seu sucesso. Sabe como ele a chama? Ele...

— Não me importo — mentiu Tessa; a voz tremeu ligeiramente. Apesar de tudo, ouvir que o irmão a detestava doía mais do que havia imaginado. — Ele disse o que eu sou? Por que tenho meu poder?

— Disse que seu pai era um demônio. — Os lábios de Jessamine tremeram. — E sua mãe uma Caçadora de Sombras.

A porta se abriu suavemente, tão suavemente que se Magnus já não estivesse acordando, o ruído não teria incomodado.

Ele levantou o olhar. Estava sentado em uma poltrona perto do fogo, pois seu lugar preferido no sofá estava ocupado por Will. Este, com a camisa ensaguentada, dormia o sono pesado de quem estava dopado e convalescendo. O antebraço estava com um curativo até o cotovelo, as bochechas vermelhas, a cabeça apoiada no outro braço. O dente que Will arrancara de si repousava sobre a mesa ao lado, brilhando como marfim.

A porta da sala de estar se abriu atrás dele. E ali, emoldurada pela entrada, estava Camille.

Trajava uma capa negra de veludo aberta sobre um vestido verde e brilhante que combinava com seus olhos. Os cabelos estavam presos em um penteado sustentado por prendedores esmeralda, e enquanto ele observava, ela retirou as

luvas brancas, de forma deliberadamente lenta, uma de cada vez, repousando-as sobre a mesa perto da porta.

— Magnus — disse, e sua voz, como sempre, soou como sinos de prata. — Sentiu saudades?

Magnus empertigou-se. A luz do fogo realçou os cabelos lustrosos de Camille e a pele branca sem poros. Era extraordinariamente linda.

— Não sabia que me daria o prazer de sua companhia esta noite.

Camille olhou para Will, que dormia no sofá. Seus lábios se curvaram para cima.

— Claramente.

— Não me mandou nenhuma mensagem. Aliás, não me mandou um único recado desde que saiu de Londres.

— Está me reprovando, Magnus? — Camille pareceu entretida. Deslizando por trás do sofá, inclinou-se sobre ele, olhando para o rosto de Will. — Will Herondale — disse. — É adorável, não é mesmo? É seu novo brinquedo?

Em vez de responder, Magnus cruzou as pernas.

— Por onde andou?

Camille inclinou-se ainda mais para a frente; se ela respirasse, teria feito os cabelos na testa de Will esvoaçarem.

— Posso beijar o rapaz?

— Não — respondeu Magnus. — Onde esteve, Camille? Toda noite deito no sofá e espero ouvir seus passos no corredor, imaginando onde você estaria. Poderia ao menos me dizer.

Ela se recompôs, revirando os olhos.

— Muito bem. Estava em Paris, reparando uns vestidos. Um descanso necessário dos dramas de Londres.

Fez-se um longo silêncio. Em seguida:

— Mentira — afirmou Magnus.

Camille arregalou os olhos.

— Por que diria uma coisa destas?

— Porque é. — Ele retirou uma carta amassada do bolso, arremessando-a para o chão, entre eles. — Não se pode rastrear um vampiro, mas é possível rastrear um subjugado. Levou Walker com você. Foi fácil o bastante descobrir que ele estava em São Petersburgo. Tenho informantes lá. Soube que estava vivendo com um amante humano.

Camille o observou, com um sorriso se formando nos lábios.

— E isso o deixou enciumado?

— Queria que eu ficasse?

— *Ça m'est égal* — respondeu Camille, falando francês como sempre fazia quando queria irritá-lo. — Sou indiferente. Ele não teve nada a ver com você. Foi uma distração enquanto eu estava na Rússia, nada mais.

— E agora ele...

— Está morto. Então não representa a menor concorrência. Precisa me deixar ter minhas pequenas distrações, Magnus.

— Ou?

— Ou me tornarei uma pessoa extremamente irritadiça.

— Da mesma forma com que se irritou com seu amante humano e o matou? — perguntou Magnus. — E quanto a pena? Compaixão? Amor? Ou não sente essa emoção?

— Eu *amo* — respondeu Camille, indignada. — Você e eu, Magnus, que duramos para sempre, amamos de um jeito que nenhum mortal consegue conceber: uma chama escura e constante contra a luz efêmera e crepitante deles. Que importância eles têm para você? A fidelidade é um conceito humano, baseado na ideia de que estamos aqui por um período curto. Não pode exigir minha fidelidade por toda a *eternidade*.

— Que tolice a minha. Pensei que pudesse. Achei que pudesse no mínimo contar com que você não fosse mentir para mim.

— Você está sendo ridículo — disse. — Infantil. Espera que eu tenha a moral de um mundano quando não sou humana, e nem você. Além disso, não há nada que possa fazer a respeito. Não vou receber ordens, certamente não de um

mestiço. — O termo era o insulto usado pelo povo do Submundo para os feiticeiros. — É devoto a mim, você mesmo disse. Sua devoção simplesmente terá de comportar minhas distrações, e depois teremos momentos bastante agradáveis. Do contrário, vou deixá-lo. Não imagino que queira *isso*.

Havia um certo tom de escárnio na voz de Camille, que por sua vez despertou alguma coisa em Magnus. Recordou-se da sensação enjoada na garganta quando recebeu a carta vinda de São Petersburgo. E, mesmo assim, esperou que ela voltasse, torcendo para que tivesse uma explicação. Para que fosse se desculpar; pedir que ele a amasse outra vez. Agora que percebeu que ela não o valorizava dessa forma — nunca o fizera —, uma bruma vermelha passou por seus olhos; Magnus pareceu enlouquecer momentaneamente, pois foi a única explicação para o que fez em seguida.

— Não importa — levantou-se. — Tenho Will agora.

A boca de Camille se abriu.

— Não pode estar falando sério. Um *Caçador de Sombras*?

— Você pode ser imortal, Camille, mas seus sentimentos são insípidos e superficiais. Os de Will não. Ele entende o que é amar. — Magnus, proferindo esse discurso insano com grande dignidade, atravessou a sala e sacudiu o ombro de Will. — Will. William. Acorde.

Os olhos azuis e entorpecidos de Will se abriram. Estava deitado de costas, olhando para cima, e a primeira coisa que viu foi o rosto de Camille quando ela se inclinou sobre as costas do sofá, olhando para ele. Levantou-se.

— Pelo Anjo...

— Oh, calma. — Camille falou com tranquilidade, sorrindo o suficiente para mostrar as pontas das presas. — Não vou machucá-lo, Nephilim.

Magnus levantou Will.

— A dona da casa — informou — está de volta.

— Percebo que sim. — Will estava vermelho, o colarinho da camisa escuro de suor. — Que maravilha — falou, para ninguém em particular, e Magnus não soube se ele estava feliz em encontrar Camille, feliz com os efeitos do feitiço

analgésico utilizado por Magnus, o que certamente era uma possibilidade, ou simplesmente resmungando.

— E portanto — disse Magnus, apertando o braço de Will com pressão —, temos de ir.

Will piscou para ele.

— Ir para onde?

— Não se preocupe com isso agora, meu amor.

Will piscou outra vez.

— Como? — olhou em volta, como se estivesse quase esperando que houvesse pessoas assistindo. — Eu... onde está meu casaco?

— Estragou com o sangue — respondeu Magnus. — Archer jogou fora. — Acenou com a cabeça para Camille. — Will passou a noite inteira caçando demônios. Tão corajoso.

A expressão de Camille era uma mistura de assombro e irritação.

— Eu *sou* corajoso — disse Will. Parecia feliz consigo mesmo. Os tônicos analgésicos haviam dilatado suas pupilas, e ele estava com os olhos bem escuros.

— Sim, você é — disse Magnus, e o beijou. Não foi um beijo dramático, mas Will sacudiu o braço para libertá-lo, como se uma abelha tivesse pousado nele; Magnus teve de torcer para que Camille presumisse que aquilo era um gesto de paixão. Quando se separaram, Will pareceu espantado. E Camille também, aliás.

— *Agora* — disse Magnus, torcendo para que Will se lembrasse que estava em dívida com ele. — Precisamos ir.

— Eu... mas... — Will balançou para o lado. — O dente! — Avançou pela sala, recuperou-o e o colocou no bolso do colete de Magnus. Em seguida, com uma piscadela para Camille, que, pensou Magnus, sabe Deus como ela interpretaria, saiu da sala.

— Camille — começou Magnus.

Ela estava com os braços cruzados sobre o peito e o olhava venenosamente.

— Relacionando-se com Caçadores de Sombras pelas minhas costas — disse friamente, sem qualquer preocupação com a hipocrisia de sua parte. — E na

minha casa! Sinceramente, Magnus. — Apontou para a porta. — Por favor, deixe minha casa e não volte mais. Espero não ter de pedir duas vezes.

Magnus ficou feliz em obedecer. Alguns instantes mais tarde juntou-se a Will na calçada em frente à casa, vestindo o casaco — que agora era tudo que possuía além do que tinha nos bolsos — e abotoando-o para se proteger do ar frio. Não demoraria muito, pensou Magnus, para que o primeiro raio cinzento da manhã iluminasse o céu.

— Você me beijou? — perguntou Will.

Magnus tomou uma decisão em uma fração de segundo.

— Não.

— Pensei que...

— Às vezes os efeitos dos feitiços analgésicos podem produzir as mais bizarras alucinações.

— Ah — disse Will. — Que estranho. — Olhou para a casa de Camille. Magnus viu a janela da sala de estar, as cortinas vermelhas de veludo estavam fechadas. — O que vamos fazer agora? Sobre a invocação do demônio? Temos para onde ir?

— *Eu* tenho para onde ir — respondeu Magnus, agradecendo silenciosamente pela obsessão de Will em invocar demônios. — Tenho um amigo com quem posso me hospedar. Você precisa voltar para o Instituto. Começarei a trabalhar no seu dente de demônio assim que puder. Mando uma mensagem quando souber de alguma coisa.

Will assentiu lentamente, em seguida olhou para o céu negro.

— As estrelas — disse. — Nunca as vi tão brilhantes. O vento dispersou a névoa, eu acho.

Magnus pensou na alegria no rosto de Will, sangrando na sala de Camille, com o dente do demônio na mão. *Por algum motivo, não acho que as estrelas tenham mudado*.

— Uma *Caçadora de Sombras?* — Tessa engasgou. — Não é possível — girou e

olhou para Charlotte, cujo rosto espelhava seu próprio choque. — Não é possível, é? Will me disse que os filhos de Caçadores de Sombras e demônios nascem mortos.

Charlotte estava balançando a cabeça.

— Não. Não é possível.

— Mas se Jessamine tem de dizer a verdade... — A voz de Tessa estremecia.

— Ela tem de contar a verdade em que acredita — explicou Charlotte. — Se seu irmão mentiu, mas ela acreditou, relatará o que pensa ser verdadeiro.

— Nate não mentiria para mim — disparou Jessamine.

— Se a mãe de Tessa era Caçadora de Sombras — disse Charlotte friamente —, então Nate também é Caçador de Sombras. Sangue de Caçador de Sombras não se esconde. Ele já mencionou *isso* para você? Que é Caçador de Sombras?

Jessamine parecia revoltada.

— *Nate* não é Caçador de Sombras! — gritou. — Eu saberia! Eu jamais teria me casado... — interrompeu-se, mordendo o próprio lábio.

— Bem, é uma coisa ou outra, Jessamine — declarou Charlotte. — Ou você se casou com um Caçador de Sombras, uma ironia verdadeiramente suprema, ou, o que é mais provável, se casou com um mentiroso que a usou e a descartou. Ele devia saber que eventualmente seria pega. E o que ele achou que lhe aconteceria?

— Nada — Jessamine pareceu abalada. — Ele disse que você era fraca. Que não me puniriam. Que não conseguiria me machucar de verdade.

— Ele se enganou — garantiu Charlotte. — Você traiu a Clave. Assim como Benedict Lightwood. Quando o Cônsul souber...

Jessamine riu, um ruído fraco e quebrado.

— Conte a ele — disse. — É *exatamente* isso que Mortmain quer — revelou. — N... nem se incomode em me perguntar por quê. Não sei. Mas sei que ele quer. Então, fofoque o quanto quiser, Charlotte. Isso só lhe colocará em poder dele.

Charlotte agarrou o pé da cama de Jessie, suas mãos embranqueceram.

— Onde está Mortmain?

Jessamine estremeceu, balançando a cabeça, os cabelos sacudindo de um lado

para o outro.

— Não...

— *Onde está Mortmain*?

— E... ele — engasgou. — Ele... — o rosto de Jessamine estava quase roxo, os olhos esbugalhando. Segurava a Espada com tanta força que começou a sair sangue ao redor dos dedos. Tessa olhou horrorizada para Charlotte. — *Idris* — disse Jessamine afinal, engasgando, e então caiu sobre o travesseiro.

O rosto de Charlotte congelou.

— Idris? — ecoou. — Mortmain está em Idris, na nossa casa?

As pálpebras de Jessamine tremeram.

— Não. Ele não está lá.

— Jessamine! — Charlotte parecia prestes a saltar sobre a menina e sacudi-la até que ela batesse os dentes. — Como ele pode estar em Idris, e não estar? Salve-se, garota. Diga-nos onde ele está!

— Pare! — gritou Jessamine. — Pare, está doendo...

Charlotte a olhou longa e duramente. Depois foi até a porta do quarto; quando voltou, foi com o Irmão Enoch. Cruzou os braços sobre o peito e apontou com o queixo para Jessamine.

— Alguma coisa está errada, Irmão. Perguntei a ela onde está Mortmain; ela disse Idris. Quando perguntei novamente, ela negou. — A voz de Charlotte enrijeceu. — Jessamine! Mortmain violou as barreiras de Idris?

Jessamine emitiu um ruído engasgado; sua respiração chiava, entrando e saindo do peito.

— Não, não violou... juro... Charlotte... por favor...

Charlotte. O Irmão Enoch falou com firmeza, suas palavras ecoando na mente de Tessa. *Basta. Existe alguma espécie de bloqueio na mente desta menina, alguma coisa instalada por Mortmain. Ele nos provoca com a ideia de Idris, contudo ela confessa que ele não está lá. Estes bloqueios são fortes. Continue interrogando-a desta forma e o coração dela pode falhar*.

Charlotte cedeu.

— Então o que...

Deixe-me levá-la até a Cidade do Silêncio. Temos nossas maneiras de encontrar segredos trancados na mente, segredos que a própria menina pode não saber que retém.

O Irmão Enoch retirou a espada das mãos de Jessamine. Ela mal pareceu perceber. Estava com os olhos em Charlotte, arregalados e em pânico.

— A Cidade dos Ossos? — sussurrou. — Onde ficam os mortos? Não! Não vou para lá! Não suporto aquele lugar!

— Então diga-nos onde está Mortmain — disse Charlotte, com a voz fria como gelo.

Jessamine começou a soluçar. Charlotte a ignorou. O Irmão Enoch levantou a menina; Jessamine lutou, mas o Irmão do Silêncio a segurou com garras de ferro, e na outra mão levava a Espada Mortal.

— Charlotte! — gritou Jessamine desesperada. — Charlotte, por favor, a Cidade do Silêncio não! Tranque-me em uma cripta, leve-me para o Conselho, mas, por favor, não me mande sozinha para aquele... aquele cemitério! Vou morrer de medo!

— Devia ter pensado nisso antes de nos trair — respondeu Charlotte. — Irmão Enoch, leve-a, por favor.

Jessamine ainda estava gritando quando o Irmão do Silêncio colocou-a sobre o ombro. Enquanto Tessa encarava, com olhos arregalados, ele saiu do quarto carregando-a. Os gritos e soluços ecoaram pelo corredor e cessaram de repente.

— Jessamine... — começou Tessa.

— Ela está bem. Ele provavelmente fez o Símbolo da Quietude nela. Só isso. Não há nada com que se preocupar — garantiu Charlotte, e sentou-se à beira da cama. Olhou para as próprias mãos, confusa, como se não pertencessem a ela. — Henry...

— Quer que o acorde, sra. Branwell? — perguntou Sophie, gentilmente.

— Ele está na cripta, trabalhando... não tive coragem de buscá-lo. — A voz de Charlotte estava distante. — Jessamine está conosco desde pequena. Seria demais

para ele. Henry não tem crueldade dentro de si.

— Charlotte. — Tessa tocou o ombro dela gentilmente. — Charlotte, você também não é cruel.

— Eu faço o que tenho de fazer. Não há nada com que se preocupar — repetiu Charlotte, e caiu em prantos.

14
A Cidade do Silêncio

Ela uivou alto: "Estou pegando fogo por dentro.
Não há murmúrio de resposta.
O que irá eliminar meus pecados,
E me salvar da morte"?
— Alfred, Lord Tennyson, "The Palace of Art"

— Jessamine — repetiu Henry, pela quinta ou sexta vez. — Ainda não consigo acreditar. Nossa Jessamine?

Cada vez que falava, Tessa percebeu, a boca de Charlotte enrijecia um pouco mais.

— Sim — repetiu mais uma vez. — Jessamine. Ela estava nos espionando e relatando cada uma de nossas ações a Nate, que transferia as informações para Mortmain. Preciso repetir?

Henry piscou para ela.

— Desculpe, querida. Estou prestando atenção. É que... — suspirou. — Eu sabia que ela era infeliz aqui. Mas não pensei que nos detestasse.

— Não acho que detestava, nem que deteste. — Jem opinou; ele estava perto da lareira, com um braço apoiado. Não tinham se reunido para o café da manhã como sempre faziam; não houve qualquer anúncio formal quanto à razão para tal, mas Tessa supôs que a ideia de tomar café com o lugar de Jessamine vazio

como se nada tivesse acontecido fosse demais para Charlotte.

Charlotte chorou por pouco tempo naquela noite, antes de recobrar a compostura; descartou as tentativas de Sophie e Tessa de ajudarem com panos molhados ou chá, balançando a cabeça duramente e repetindo sem parar que não devia se permitir ter um acesso desses, que agora era hora de planejamento e estratégia. Fora até o quarto de Tessa, com Sophie e Tessa apressando-se atrás dela, e mexeu fervorosamente nos tacos no chão, até encontrar um pequeno livro, como uma Bíblia doméstica, de capa de couro branco, embrulhado em veludo. Guardou-o no bolso com uma expressão determinada, dispensando as perguntas de Tessa, e se levantou. O céu lá fora já havia começado a clarear com a luz fraca do amanhecer. Parecendo exausta, dissera a Sophie que instruísse Bridget a servir um café da manhã simples e frio, na sala de estar, e que avisasse a Cyril para que os homens fossem informados. Depois saíra.

Com a ajuda de Sophie, Tessa finalmente pôde se livrar das roupas de Jessamine, o que a deixou muito grata; tinha tomado banho e colocado seu vestido amarelo, o que Jessamine lhe dera de presente. Achava que a cor poderia alegrá-la, mas continuava se sentindo abatida e cansada.

Encontrou o mesmo olhar refletido no rosto de Jem quando ele entrou na sala. Estava com olheiras, e logo desviou o rosto. Doeu. Também a fez pensar na noite anterior, com Will, na varanda. Mas aquilo tinha sido diferente, disse a si mesma. Aquilo foi fruto de pó de feiticeiro, uma loucura temporária. Nada como o que tinha se passado entre ela e Jem.

— Não acho que nos odeie — repetiu ele, corrigindo a conjugação no passado. — Sempre foi uma pessoa tão cheia de *desejos*. Sempre tão desesperada.

— A culpa é minha — disse Charlotte suavemente. — Não devia ter imposto que ela fosse Caçadora de Sombras, algo que ela despreza com tanto ardor.

— Não. Não! — Henry se apressou em consolar a esposa. — Você nunca foi nada além de gentil com ela. Fez tudo o que pôde. Existem mecanismos tão... tão quebrados que não há como consertar.

— Jessamine não é um relógio, Henry — respondeu Charlotte, em tom

distante. Tessa ficou imaginando se ela ainda estava chateada com Henry por não ter recebido Woolsey Scott com ela, ou se simplesmente estava com raiva do mundo. — Talvez eu devesse me retirar do Instituto com uma reverência e entregá-lo a Benedict Lightwood. É a segunda vez que temos um espião debaixo do nosso teto e não percebi até que um grande mal já estivesse feito. Sou claramente incompetente.

— De certa forma, na verdade foi apenas um espião. — Henry começou a argumentar, mas se calou quando Charlotte lhe lançou um olhar capaz de derreter vidro.

— Se Benedict Lightwood está trabalhando para Mortmain, não pode ficar encarregado do Instituto — afirmou Tessa. — Aliás, o baile que ele deu ontem à noite deve bastar para desqualificá-lo.

— O problema é provar — argumentou Jem. — Benedict vai negar tudo, e será a palavra dele contra a sua... e você faz parte do Submundo...

— Temos Will — disse Charlotte, franzindo o cenho. — Por falar nisso, onde *está* Will?

— Deitado, sem dúvida — respondeu Jem —, e quanto a ideia de Will servir como testemunha, bem, todos já acham que ele é um lunático...

— Ah — disse uma voz na entrada —, estão na reunião anual do todos-acham-Will-um-lunático, certo?

— É semestral — respondeu Jem. — E não, não é essa reunião.

Os olhos de Will procuraram os de Tessa do outro lado.

— Estão sabendo sobre Jessamine? — perguntou. Parecia cansado, mas não tanto quanto Tessa imaginou; estava pálido, mas tinha uma animação reprimida que era quase... alegria. Sentiu o próprio estômago revirar ao ser inundada pelas lembranças da noite anterior: as estrelas, a varanda, os *beijos*.

Que horas Will tinha voltado para casa?, pensou Tessa. Como? E por que parecia tão... animado? Será que estava horrorizado pelo que tinha acontecido na varanda, ou achando graça? E, meu Deus, será que tinha contado a *Jem*? Pó de feiticeiro, disse a si mesma, desesperadamente. Certamente Jem entenderia.

Partiria seu coração fazê-lo sofrer. Se é que ele se importava...

— Sim, sabem tudo sobre Jessamine — respondeu, apressadamente. — Ela foi interrogada com a Espada Mortal e levada para a Cidade do Silêncio, e agora estamos em uma reunião para decidir o que fazer em seguida, e é muito importante. Charlotte está muito chateada.

Charlotte olhou para ela, admirada.

— Bem, você *está* — disse Tessa, quase sem ar por ter falado tão depressa. — E estava perguntando por Will...

— E aqui estou — disse ele, jogando-se em uma cadeira ao lado de Jem. Tinha um curativo em um dos braços, estava com a manga dobrada bem em cima dele. Suas unhas estavam sujas de sangue seco. — Fico feliz em saber que Jessamine está na Cidade do Silêncio. É o melhor lugar para ela. Qual é o próximo passo?

— *Esta* é a reunião que estamos tentando fazer — disse Jem.

— Bem, quem sabe que ela está lá? — perguntou Will, prático.

— Apenas nós — respondeu Charlotte —, e o Irmão Enoch, mas ele concordou em não reportar nada à Clave pelos próximos dois dias, mais ou menos. Ate decidirmos o que fazer. Isso me faz lembrar que preciso ter uma conversinha com você, Will, sobre correr para a casa de Benedict Lightwood sem me informar, levando Tessa com você.

— Não havia tempo a perder — respondeu Will. — Até conseguirmos acordá-la e fazê-la concordar com o plano, Nathaniel já teria ido embora. E não pode dizer que foi uma má ideia. Descobrimos muito sobre Nathaniel e Benedict Lightwood...

— Nathaniel Gray e Benedict Lightwood não são Mortmain.

Will traçou um desenho no ar com seus dedos longos e elegantes.

— Mortmain é a aranha no coração da teia — declarou. — Quanto mais descobrirmos, mais saberemos sobre a extensão do alcance dele. Antes da noite passada não fazíamos ideia de que ele tinha qualquer ligação com Lightwood; agora sabemos que o sujeito é uma marionete do Magistrado. Sugiro que

reportemos à Clave, entregando Benedict e Jessamine. Deixe que Wayland cuide deles. Vamos ver o que Benedict revela sob a Espada Mortal.

Charlotte balançou a cabeça.

— Não, eu... não acho que podemos fazer isso.

Will inclinou a cabeça para trás.

— Por que não?

— Jessamine disse que isso é exatamente o que Mortmain quer que façamos. E fez o relato sob a influência da Espada Mortal. Não estava mentindo.

— Mas podia estar *enganada* — argumentou Will. — Mortmain pode ter antevisto esta situação e solicitado que Nate plantasse a ideia na cabeça de Jessamine, para que descobríssemos depois.

— Acha que ele teria pensando tão à frente assim? — perguntou Henry.

— Com certeza — respondeu Will. — Ele é um estrategista. — Tamborilou na própria têmpora. — Como eu.

— Então acha que devemos procurar a Clave? — perguntou Jem.

— De jeito nenhum — respondeu Will. — E se for verdade? Aí vamos nos sentir idiotas.

Charlotte jogou as mãos para o alto.

— Mas você disse...

— Eu sei o que *disse* — falou. — Mas é preciso examinar as consequências. Se procurarmos a Clave e estivermos enganados, aí caímos na armadilha de Mortmain. Ainda temos alguns dias até o prazo. Ir cedo demais para a Clave não traz vantagem alguma. Se investigarmos, podemos proceder com mais certeza...

— E como propõe que investiguemos? — perguntou Tessa.

Will virou a cabeça para olhar para ela. Não havia nada naqueles frios olhos azuis que lembrasse o Will da noite anterior, que a tocara com tanta ternura, que sussurrara seu nome como um segredo.

— O problema de interrogar Jessamine é que mesmo quando forçada a revelar a verdade, existe um limite de conhecimento. Contudo, temos mais uma conexão do Magistrado. Alguém que provavelmente sabe muito mais. Esse

alguém é seu irmão, Nate, através de Jessamine. Ele ainda confia nela. Se ela solicitar um encontro, poderemos capturá-lo.

— Jessamine jamais concordaria — afirmou Charlotte. — Não agora...

Will a olhou sombriamente.

— Vocês *estão* todos muito ansiosos, não estão? — disse. — Claro que não concordaria. Vamos pedir que Tessa reprise o papel de Jessamine. Uma Jovem Traidora Dama da Moda.

— Parece perigoso — comentou Jem, com a voz fraca. — Para Tessa.

Tessa olhou rapidamente para ele, e captou um lampejo de seus olhos prateados. Era a primeira vez que olhava para ela desde que deixou seu quarto naquela noite. Será que estava imaginando ter ouvido preocupação na voz dele ou era apenas o mesmo temor que Jem tinha por *todo mundo*? Não desejar que ela sofresse uma morte terrível era mera bondade, e não... não o que gostaria que ele sentisse.

O que quer que fosse, ao menos não a odiava...

— Tessa é destemida — afirmou Will. — E o perigo é pouco. Podemos enviar um bilhete marcando um encontro em algum lugar onde possamos aparecer fácil e rapidamente. Os Irmãos do Silêncio podem torturá-lo até ele ceder a informação que precisamos.

— Torturar? — disse Jem — É o irmão de Tessa...

— Torturá-lo — disse Tessa. — Se for preciso. Têm minha permissão.

Charlotte olhou para ela, chocada.

— Não pode estar falando sério.

— Você disse que havia uma maneira de investigar a mente dele para procurar segredos — falou Tessa. — Pedi que não fizessem isso, e não fizeram. Agradeço, mas não vou pedir que mantenham a promessa. Cavem a mente dele o quanto quiserem. Há muito em jogo para mim, como sabem. Para vocês é uma questão do Instituto e da segurança dos Caçadores de Sombras. Eu também me importo com essas coisas, Charlotte. Mas Nate, ele está trabalhando com Mortmain, que quer me prender e me usar, ainda não sabemos para quê.

Mortmain, que pode saber *o que eu sou*. Nate falou para Jessamine que meu pai era um demônio e minha mãe uma Caçadora de Sombras...

Will se sentou.

— Isso é impossível — declarou. — Caçadores de Sombras e demônios... não podem procriar. Não podem produzir seres vivos.

— Então talvez tenha sido mentira, como a mentira sobre Mortmain estar em Idris — disse Tessa. — Isso não significa que *Mortmain* não saiba a verdade. Eu preciso saber o que sou. Acho que, no mínimo, esta é a chave para descobrirmos por que ele me quer.

Havia tristeza na expressão de Jem quando ele olhou para ela, e depois para o outro lado.

— Muito bem — disse ele. — Will, como propõe que consigamos atraí-lo para um encontro? Acha que ele não conhece a letra de Jessamine? Não é provável que tenham algum código secreto de comunicação?

— Jessamine precisa ser convencida — disse Will — a nos ajudar.

— Por favor, não sugira que a torturemos — respondeu Jem, irritado. — A Espada Mortal já foi utilizada. Ela já contou tudo o que pode...

— A Espada Mortal não revelou onde se encontram, nem nenhum código ou apelido que utilizem — argumentou Will. — Não entende? Esta é a última chance de Jessamine. A última oportunidade de colaborar. De merecer a clemência da Clave. De ser perdoada. Mesmo que Charlotte continue no Instituto, acha que deixarão o destino de Jessamine em nossas mãos? Não, ficará a cargo do Cônsul e do Inquisidor. E não serão generosos. Se ela fizer isto por nós, pode representar a vida dela.

— Não sei se ela liga para a própria vida — comentou Tessa, suavemente.

— Todo mundo liga — defendeu Will. — Todo mundo quer viver.

Jem virou de costas para ele abruptamente e fixou os olhos no fogo.

— A questão é: quem podemos enviar para persuadi-la? — perguntou Charlotte. — Não posso ir. Ela me odeia e me culpa mais do que a todo mundo.

— Eu posso ir — disse Henry, a face gentil perturbada. — Talvez consiga

argumentar com a pobrezinha, conversar sobre a insensatez do amor jovem, sobre a rapidez com que passa em face da dura realidade da vida...

— Não — o tom de Charlotte foi definitivo.

— Bem, duvido muito que ela queira *me* ver — observou Will. — Terá de ser Jem. É impossível odiá-lo. Até aquele maldito gato gosta dele.

Jem exalou, ainda olhando para o fogo.

— Vou até a Cidade do Silêncio — declarou. — Mas Tessa deve vir comigo.

Tessa levantou o olhar, espantada.

— Oh, não — protestou. — Acho que Jessamine não gosta muito de mim. Ela acredita que a traí imensamente ao me disfarçar dela e não posso dizer que está errada.

— Sim — concordou Jem. — Mas você é irmã de Nate. Se ela o ama como está dizendo... — Olhou nos olhos dela através da sala. — Você conhece Nate. Pode falar dele com propriedade. Pode conseguir fazê-la acreditar em coisas que eu não conseguirei.

— Muito bem — disse Tessa. — Vou tentar.

Isto pareceu decretar o fim do café da manhã. Charlotte se retirou para chamar uma carruagem da Cidade do Silêncio; era assim que os Irmãos gostavam de conduzir as coisas, explicou. Henry voltou para a cripta e para as invenções, e Jem, após murmurar alguma coisa para Tessa, foi buscar o chapéu e o casaco. Apenas Will permaneceu, olhando para o fogo, e Tessa, ao ver que ele não estava se movendo, esperou até a porta se fechar atrás de Jem e se colocou entre Will e as chamas.

Ele levantou os olhos para ela, lentamente. Continuava com as roupas da noite anterior, apesar de a camisa branca estar manchada de sangue e o casaco ter um rasgo longo. Também tinha um corte na bochecha, abaixo do olho esquerdo.

— Will — disse.

— Não deveria estar saindo com Jem?

— Eu vou — respondeu. — Mas preciso que me prometa uma coisa antes.

Ele voltou os olhos para o fogo; ela viu as chamas dançantes refletidas nas pupilas.

— Então me diga depressa o que é. Tenho assuntos importantes a resolver. Pretendo passar a tarde de mau humor, e depois talvez ter uma noite de rebeldia e uma madrugada de devassidão.

— Faça como quiser. Só preciso que me garanta que não vai contar para ninguém sobre o que aconteceu entre nós dois ontem à noite na bancada.

— Ah, foi *você* — disse Will, com ar de quem tinha acabado de se lembrar de um detalhe surpreendente.

— Poupe-me — irritou-se, ferida, apesar de tudo. — Estávamos sob a influência de pó enfeitiçado. Não significou nada. Nem eu o culpo pelo que aconteceu, por mais enfadonho que seja seu comportamento a respeito disso agora. Não há razão para ninguém mais ficar sabendo, e se você for um cavalheiro...

— Mas não sou.

— Mas é um Caçador de Sombras — argumentou Tessa, venenosamente. — E não há futuro para um Caçador de Sombras que se envolve com feiticeiros.

Os olhos de Will dançaram com o fogo. Ele disse:

— Está começando a ser um tédio provocar você, Tess.

— Então dê-me sua palavra de que não vai contar a ninguém, nem mesmo Jem, e aí eu saio e paro de entediá-lo.

— Tem a minha palavra, em nome do Anjo — disse. — Não era nada de que pretendia me gabar. Apesar de eu não entender por que está tão preocupada com a possibilidade de alguém aqui suspeitar da sua falta de virtude.

O rosto de Jem passou pelo olho mental de Tessa.

— Não — disse. — Realmente não entende. — E com isso virou-se de costas e saiu, deixando-o olhando para suas costas, confuso.

***

Sophie se apressou pelo Picadilly, com a cabeça abaixada e os olhos no asfalto sob seus pés. Estava acostumada a murmúrios sussurrados e olhares ocasionais quando saía e viam sua cicatriz; havia aperfeiçoado uma maneira de caminhar que escondia o rosto sob a sombra do chapéu. Não tinha vergonha da cicatriz, mas detestava a pena nos olhos daqueles que a viam.

Estava com um dos vestidos velhos de Jessamine. Ainda não estava fora de moda, mas Jessamine era uma daquelas meninas que classificava qualquer vestido que já tivesse usado mais de três vezes como "de época", e ou o descartava, ou mandava remodelarem. Era listrado de verde e branco, e o chapéu tinha flores brancas de plástico. No geral, pensou, poderia se passar por uma moça bem-nascida — quer dizer, se não estivesse sozinha na rua — principalmente com suas mãos calejadas de trabalho cobertas por luvas brancas.

Viu Gideon antes que ele a visse. Estava apoiado em um poste de luz em frente a um grande portão de entrada de carruagem da loja de departamento Fortnum & Mason. Seu coração parou ao olhar para ele, tão bonito com roupas escuras, verificando a hora em um relógio dourado preso ao bolso do colete por uma corrente fina. Parou por um instante, observando as pessoas passando em volta dele, a vida agitada de Londres acontecendo, e Gideon calmo como uma pedra no meio de um rio agitado. Todos os Caçadores de Sombras tinham um pouco disso, pensou, aquela quietude, aquela aura obscura de separação que os destacava da corrente da vida mundana.

Ele então levantou os olhos, viu-a e abriu aquele sorriso que transformava todo o seu rosto.

— Srta. Collins — disse, avançando, e ela também caminhou para encontrá-lo, sentindo, ao fazê-lo, que adentrava em sua área de distanciamento. O ruído firme do trânsito da cidade, de pedestres e do resto pareceu diminuir, e lá estavam apenas ela e Gideon, olhando um para o outro na rua.

— Sr. Lightwood — disse ela.

O rosto dele mudou, só um pouquinho, mas ela viu. Também viu que ele estava segurando alguma coisa na mão esquerda, uma cesta de piquenique.

Olhou para a cesta e depois para ele.

— Um dos famosos cestos da Fortnum & Mason — disse, com um sorriso lateral. — Queijo Stilton, ovos de codorna, geleia de pétalas de rosa...

— Sr. Lightwood — disse ela novamente, interrompendo-o, para sua própria surpresa. Uma servente *jamais* interrompia um cavalheiro. — Fiquei muito agoniada, agoniada demais, entende, e me perguntei se deveria vir aqui ou não. Finalmente decidi que sim, ainda que para lhe dizer pessoalmente que não posso sair com o senhor. Achei que merecesse o gesto, apesar de não ter certeza.

Ele olhou para ela, espantado, e naquele instante ela não viu um Caçador de Sombras, mas um menino normal, como Thomas ou Cyril, segurando uma cesta de piquenique, sem conseguir esconder a surpresa e a tristeza no rosto.

— Srta. Collins, se fiz alguma coisa para ofendê-la...

— Não posso sair com o senhor. Isso é tudo — disse Sophie, e virou-se de costas, com a intenção de se apressar de volta pelo mesmo caminho por onde veio. Se fosse rápida, poderia conseguir entrar na próxima diligência para a cidade...

— Srta. Collins. Por favor — disse Gideon, atrás dela. Não a tocou, mas estava caminhando ao seu lado, com a expressão perturbada. — Diga-me o que fiz.

Ela balançou a cabeça em silêncio. O olhar no rosto dele... talvez tivesse sido um erro vir. Estavam passando pela livraria Hatchards, e ela cogitou entrar; certamente ele não a seguiria, não para um lugar onde poderiam ser ouvidos. Mas, por outro lado, talvez o fizesse.

— Sei o que é — disse, abruptamente. — Will. Ele contou, não foi?

— O fato de estar me dizendo isso revela que existe algo a ser contado.

— Srta. Collins, posso explicar. Venha comigo, por aqui. — Ele virou e ela se viu seguindo-o, cautelosamente. Estavam em frente à igreja de St. James; ele a conduziu pela lateral, por uma rua estreita que fazia ponte entre o Picadilly e a Jermyn Street. Era um local mais quieto, porém não deserto; diversos passantes olharam curiosos: a menina com uma cicatriz e o rapaz bonito com o rosto

pálido, repousando cuidadosamente uma cesta no chão.

— Isto é por causa de ontem à noite — disse. — O baile na casa do meu pai em Chiswick. Achei que tivesse visto Will. Fiquei imaginando se ele teria contado a vocês.

— Então confessa? Que estava lá, naquele baile depravado, inadequado...

— Inadequado? Foi um pouco mais do que inadequado — disse Gideon, com mais força do que ela jamais o vira utilizar. Atrás dele o sino da igreja indicou a hora; ele não pareceu escutar. — Srta. Collins, tudo que posso fazer é jurar que até ontem à noite eu não fazia ideia do tipo de companhia baixa e dos hábitos destrutivos com os quais meu pai havia se associado. Passei o último semestre na Espanha...

— E ele não era assim antes? — perguntou Sophie, incrédula.

— Não exatamente. É difícil explicar. — Olhou para além dela, o verde-cinzento de seus olhos mais tempestuoso do que nunca. — Meu pai sempre desprezou as convenções. Sempre foi do tipo que se desvia da Lei, senão transgride-a. Sempre nos ensinou que é assim que todo mundo faz, que todos os Caçadores de Sombras são assim. E nós, eu e Gabriel, por termos perdido nossa mãe tão cedo, não tivemos melhor exemplo a seguir. Só quando cheguei a Madri comecei a compreender a extensão das... incorreções do meu pai. As pessoas não desprezam a Lei e nem fogem às regras, e fui tratado como uma criatura monstruosa por pensar que era assim, até mudar minha atitude. Pesquisa e observação me levaram a crer que tinham me ensinado princípios falhos, e que isso fora feito deliberadamente. Só consegui pensar em Gabriel e em como poderia salvá-lo da mesma descoberta, ou pelo menos de fazê-la de forma tão chocante.

— E sua irmã... a srta. Lightwood?

Gideon balançou a cabeça.

— Foi protegida de tudo. Meu pai acha que mulheres não têm de tomar conhecimento dos aspectos mais sombrios do Submundo. Não, ele acredita que sou eu que tenho de saber dos seus envolvimentos, pois sou o herdeiro do

patrimônio dos Lightwood. Foi com um olho nisso que meu pai me levou ao evento de ontem, no qual, presumo, Will me viu.

— Sabia que ele estava lá?

— Fiquei tão enojado com o que vi naquele lugar que eventualmente escapei e fui para os jardins respirar um pouco. O fedor de demônios me deixou nauseado. Lá fora, vi uma figura familiar perseguindo com determinação um demônio azul pelo gramado.

— O sr. Herondale?

Gideon deu de ombros.

— Não fazia ideia do que ele estava fazendo lá; sabia que não tinha sido convidado, mas não consegui entender como havia descoberto nem se a perseguição ao demônio tinha alguma relação com a presença dele ali. Não tive certeza até notar o seu olhar ao me ver, agora...

A voz de Sophie se elevou e tornou-se afiada.

— Mas contou ao seu pai, ou a Gabriel? Eles sabem? Sobre o mestre Will?

Gideon balançou a cabeça lentamente.

— Não falei nada. Não acho que esperavam que Will estivesse lá de forma alguma. Os Caçadores de Sombras do Instituto deveriam estar atrás de Mortmain.

— E estão — respondeu Sophie, e quando o único olhar de Gideon foi de incompreensão, ela disse: — Aquelas criaturas mecânicas na festa do seu pai, de onde acha que vieram?

— Eu não... presumi que fossem alguma espécie de brinquedo...

— Só podem ter vindo de Mortmain — declarou Sophie. — Não viu os autômatos dele antes, mas o sr. Herondale e a senhorita Gray viram, e tiveram certeza.

— Mas por que meu pai teria alguma coisa de Mortmain?

Sophie balançou a cabeça.

— Talvez o senhor não deva me fazer perguntas para as quais não quer resposta, sr. Lightwood.

— Srta. Collins. — Os cabelos de Gideon caíram sobre os olhos; ele os puxou para trás, com um gesto impaciente. — Srta. Collins, sei que o que quer que me conte será verdade. De muitas maneiras, entre todos aqueles que conheci em Londres, acho que a senhorita é a pessoa mais confiável, mais do que minha própria família.

— Isso me parece um grande infortúnio, sr. Lightwood, pois só nos conhecemos há muito pouco tempo.

— Espero mudar isso. Pelo menos vá até o parque comigo, Soph... srta. Collins. Conte-me esta verdade da qual está falando. Se então não desejar mais nenhuma conexão comigo, respeitarei sua vontade. Só peço uma hora de seu tempo, mais ou menos. — Os olhos de Gideon imploravam. — Por favor?

Sophie sentiu, quase contra a vontade, uma onda de solidariedade por esse rapaz de olhos tempestuosos, que parecia tão sozinho.

— Muito bem — respondeu. — Vou ao parque com o senhor.

***

Um trajeto inteiro de carruagem sozinha com Jem, pensou Tessa, com o estômago apertando ao colocar as luvas e dar uma última olhada em si mesma no espelho do quarto. Há apenas duas noites esse prospecto não despertara qualquer sentimento diferente em Tessa; estava preocupada com Will, e curiosa em relação a Whitechapel, e Jem a distraiu gentilmente durante o caminho, falando sobre latim, grego e *parabatai*.

E agora? Agora se sentia como se um monte de borboletas voasse por seu estômago só de pensar em se trancar em um espaço pequeno e fechado com ele. Olhou para o próprio rosto pálido no espelho, beliscou as bochechas e mordeu os lábios para dar cor a eles, pegou o chapéu na prateleira ao lado da penteadeira. Colocando-o sobre os cabelos castanhos, se pegou desejando ter cachos dourados como Jessamine e pensou: será que poderia? Seria possível Transformar apenas uma pequena parte de si, se dar um cabelo brilhante, ou talvez uma cintura mais

fina, ou lábios mais carnudos?

Afastou-se do espelho, balançando a cabeça. Como *não* tinha pensado nisso antes? E mesmo assim, a simples ideia parecia uma traição contra ela mesma. A fome de saber o que ela era ainda ardia dentro de Tessa; mesmo que as próprias características não fossem mais as mesmas com as que nascera, como poderia justificar essa demanda, essa necessidade de conhecer a própria natureza? *Não sabe que não existe Tessa Gray?*, Mortmain havia dito. Se utilizasse seu poder para transformar a cor dos próprios olhos em azul-celeste, ou para escurecer os cílios, não estaria provando que ele estava certo?

Balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos ao se apressar para fora do quarto e pelos degraus da entrada do Instituto. Esperando no jardim havia uma carruagem preta, sem nenhuma marca, conduzida por cavalos iguais, ambos cor de fumaça. No assento do cocheiro havia um Irmão do Silêncio; não era o Irmão Enoch, mas algum que ela não reconheceu. Não tinha tantas cicatrizes no rosto quanto Enoch, pelo que podia enxergar por baixo do capuz.

Começou a descer os degraus quando a porta se abriu atrás dela e Jem apareceu; fazia frio, e ele estava com um casaco cinza-claro que o deixava com olhos mais prateados que nunca. Jem olhou para o céu igualmente cinzento, carregado com nuvens negras e disse:

— É melhor entrarmos na carruagem antes que comece a chover.

Foi um comentário perfeitamente normal, mas, mesmo assim, fez Tessa perder a fala. Ela seguiu Jem silenciosamente para a carruagem e permitiu que ele a ajudasse a embarcar. Ao subir atrás dela e fechar a porta, ela notou que ele não estava carregando a espada-bengala.

A carruagem partiu com um puxão. Tessa, com a mão na janela, soltou um grito.

— Os portões... estão trancados! A carruagem...

— Acalme-se — Jem pôs a mão no braço dela. Tessa não conseguiu conter um arquejo quando a carruagem correu para os portões trancados... e passou *através* deles, como se fossem feitos de ar. O ar lhe escapou em um sopro de

surpresa. — Os Irmãos do Silêncio dispõem de uma magia estranha — explicou Jem, e afastou a mão.

Naquele instante começou a chover, o céu se abriu como água quente saindo por perfurações em uma garrafa. Através dos lençóis de prata, Tessa observou enquanto a carruagem passava pelos pedestres como se fossem fantasmas, corria pelas aberturas mais estreitas entre os prédios, atravessava um jardim, depois um armazém cheio de caixas e finalmente emergia no Embankment, molhado e escorregadio, ao lado da água cinzenta e agitada do Tâmisa.

— Oh, santo Deus — disse Tessa, e fechou a cortina. — Não me diga que vamos para o rio.

Jem riu. Mesmo com o choque, foi um som muito bem-vindo.

— Não. As carruagens da Cidade do Silêncio só viajam por terra, até onde sei, apesar de *ser* uma viagem peculiar. É um pouco nauseante nas primeiras vezes, mas você acaba se acostumando.

— Mesmo? — Olhou diretamente para ele. Esse era o momento. Tinha de falar, antes que a amizade fosse ainda mais afetada. Antes que ficassem mais desconfortáveis. — Jem — falou.

— Sim?

— Eu... você precisa saber... o quanto sua amizade significa para mim — começou, desconfortavelmente. — E...

Um olhar de dor passou pelo rosto dele.

— Por favor, não.

Espantada, Tessa só conseguiu piscar.

— Como assim?

— Cada vez que você fala a palavra "amizade" é como uma facada em mim — declarou. — Ser amigo é uma coisa linda, Tessa, e não desdenho disso, mas há muito tempo venho torcendo para sermos mais do que amigos. E então pensei que depois daquela noite, talvez minhas esperanças não tivessem sido vãs. Mas agora...

— Agora estraguei tudo — sussurrou. — Sinto muito.

Ele olhou para a janela; Tessa sentiu que Jem estava lutando contra alguma emoção fortíssima.

— Não deveria ter de se desculpar por não retribuir meus sentimentos.

— Mas *Jem*. — Ela estava aturdida, e só conseguia pensar em acabar com a dor do menino, em deixá-lo menos machucado. — Eu estava me desculpando pelo meu comportamento naquela noite. Foi além dos limites e indesculpável. O que você não deve estar pensando a meu respeito...

Ele levantou o olhar, surpreso.

— Tessa, não pode achar isso, pode? Fui eu que me comportei de maneira indesculpável. Mal consigo olhar para você desde então, pensando no quanto deve me desprezar...

— Jamais poderia desprezá-lo — disse. — Jamais conheci alguém tão gentil e bondoso quanto você. Achei que estivesse chocado comigo. Que você me desprezasse.

Jem pareceu chocado.

— Como poderia desprezá-la se foi minha própria distração que levou ao que aconteceu entre nós dois? Se eu não estivesse em um estado tão desesperado, teria tido mais controle.

Ele quer dizer que teria tido mais controle para me conter, pensou Tessa. *Não espera que eu seja correta. Presume que isso não faz parte da minha natureza.* Ela começou a olhar fixamente para a janela outra vez, ou melhor, para o pedacinho dela que conseguia ver. O rio estava visível, barcos pretos boiando na corrente, a chuva se misturando ao rio.

— Tessa. — Ele trocou para o outro lado da carruagem, de maneira a ficar ao seu lado, e não em frente, o rosto belo e ansioso perto do dela. — Sei que meninas mundanas aprendem que têm a responsabilidade de não tentar os homens. Que os homens são fracos e as mulheres devem contê-los. Garanto a você, a moral dos Caçadores de Sombras é diferente. Mais igualitária. Foi escolha nossa fazer... o que fizemos.

Ela o encarou. Jem era tão gentil, pensou. Parecia capaz de interpretar os

medos que ela trazia no coração e tranquilizá-los, antes mesmo que Tessa pudesse verbalizá-los.

Então pensou em Will. No que acabara acontecendo entre os dois na noite anterior. Afastou a lembrança do ar frio ao redor, do calor dos corpos enquanto se abraçavam. Estava drogada, assim como ele. Nada do que tinham feito ou dito teve mais significado que os devaneios de um viciado em ópio. Não havia necessidade de contar para ninguém; não tinha significado nada. Nada.

— Diga alguma coisa, Tessa. — A voz de Jem tremeu. — Temo que pense que eu me arrependo daquela noite. Não me arrependo. — Ele passou o polegar sobre o pulso dela, a pele exposta entre o punho do vestido e a luva. — Só me arrependo de ter acontecido tão depressa. Eu... eu gostaria de tê-la... cortejado antes. De tê-la levado para dar um passeio, com uma acompanhante.

— Uma acompanhante? — Tessa riu, apesar de si.

Jem prosseguiu, determinado.

— *Falar* sobre meus sentimentos antes de demonstrá-los. Escrever poesia...

— Você nem gosta de poesia — disse Tessa, com a voz falhando, com uma espécie de riso aliviado.

— Não. Mas você me faz querer escrever. Isso não conta?

Os lábios de Tessa se curvaram em um sorriso. Ela se inclinou para a frente e olhou para o rosto dele, tão próximo do seu que dava para identificar cada cílio prateado individualmente, as cicatrizes brancas desbotadas na pele pálida do pescoço, onde outrora teve Marcas desenhadas.

— Esta fala parece quase ensaiada, James Carstairs. Quantas meninas já encantou com essa observação?

— Só existe uma garota que quero encantar — disse. — A pergunta é: ela se encanta?

Tessa sorriu para ele.

— Sim.

Um instante mais tarde — Tessa não sabia como tinha acontecido —, ele a estava beijando, os lábios macios nos dela, a mão se erguendo para segurar o

queixo e a bochecha dela, mantendo seu rosto firme. Tessa ouviu um barulho suave e percebeu que era o som das flores de seda do chapéu sendo esmagadas contra a lateral da carruagem enquanto o corpo de Jem pressionava o dela. Ela segurou as lapelas do casaco dele, tanto para conservá-lo perto quanto para não cair.

A carruagem parou. Jem se afastou, parecendo entorpecido.

— Pelo Anjo — disse ele. — Talvez nós precisemos mesmo de uma acompanhante.

Tessa balançou a cabeça.

— Jem, eu...

Jem ainda parecia espantado.

— Acho melhor eu me sentar ali — disse, e tomou o lugar em frente a ela. Tessa olhou para a janela. Através do buraco nas cortinas viu que o Parlamento se erguia sobre eles, torres sombriamente emolduradas pelo céu que clareava. Não chovia mais. Ela não sabia por que a carruagem havia parado; na verdade, voltou à vida logo depois, rolando diretamente para dentro do que parecia uma sombra negra que havia se aberto diante deles. Já estava preparada o suficiente para não engasgar de surpresa dessa vez; então veio uma escuridão, e em seguida entraram em uma sala de basalto negro iluminada com tochas que lembravam a reunião do Conselho.

A carruagem parou, e a porta se abriu. Diversos Irmãos do Silêncio se encontravam do outro lado. O Irmão Enoch estava à frente. Dois o ladeavam, cada um segurando uma tocha acesa. Os capuzes não estavam levantados. Ambos eram cegos, apesar de apenas um, como Enoch, parecer não ter olhos; os outros tinham olhos fechados, com símbolos negros pintados sobre eles. Todos tinham lábios costurados.

Seja bem-vinda novamente à Cidade do Silêncio, Filha de Lilith, disse o Irmão Enoch.

Por um instante Tessa quis esticar o braço para trás e sentir a pressão calorosa da mão de Jem na dela, permitir que ele lhe ajudasse a saltar. Naquele

momento, pensou em Charlotte. Charlotte, tão pequena e tão forte, que não se apoiava em ninguém.

Saltou da carruagem sozinha, os saltos das botas produzindo ruídos no chão de basalto.

— Obrigada, Irmão Enoch — disse ela. — Estamos aqui para ver Jessamine Lovelace. Pode nos levar até ela?

As prisões da Cidade do Silêncio ficavam abaixo do térreo, após o pavilhão das Estrelas Falantes. Uma escadaria escura levava ao andar de baixo. Os Irmãos do Silêncio foram primeiro, seguidos por Jem e Tessa, que não tinham se falado desde que saltaram da carruagem. Mas não era um silêncio desconfortável. Havia algo na grandeza assombrosa da Cidade dos Ossos, com os grandes mausoléus e os arcos elevados, que a deixava com a sensação de estar em um museu ou uma igreja, onde sussurrar era mais apropriado.

No pé da escada, um corredor seguia em duas direções; os Irmãos do Silêncio pegaram a esquerda, e conduziram Jem e Tessa quase até o fim do corredor. No trajeto passaram por diversas fileiras de pequenas câmaras, cada uma com uma grade presa por uma barra de ferro e cadeado. Todas continham uma cama, uma pia, e nada mais. As paredes eram de pedra e tinham cheiro de água e umidade. Tessa ficou imaginando se estavam sob o Tâmisa, ou em outro lugar totalmente diferente.

Finalmente os Irmãos pararam diante de uma porta, a penúltima do corredor, e o Irmão Enoch tocou o cadeado. Este se abriu, e as correntes que fechavam a porta caíram.

Podem entrar, disse Enoch, recuando. *Estaremos esperando do lado de fora*.

Jem colocou a mão na maçaneta e hesitou, olhando para Tessa.

— Talvez você devesse conversar com ela sozinha, por um instante. De mulher para mulher.

Tessa ficou pasma.

— Tem certeza? Você a conhece melhor do que eu...

— Mas você conhece Nate — respondeu Jem, e seus olhos se desviaram brevemente dos dela. Tessa teve a sensação de que havia algo que ele não estava revelando. Era uma sensação tão esquisita de se ter em relação a Jem que ela não soube ao certo como reagir. — Eu me junto a vocês em um instante, assim que você acalmá-la.

Lentamente, Tessa assentiu. O Irmão Enoch abriu a porta, e ela entrou, encolhendo-se um pouco quando a porta pesada se fechou atrás dela.

Era um cômodo pequeno e, como os outros, feito de pedra. Havia uma pia e o que provavelmente um dia fora um jarro de cerâmica com água; agora estava despedaçado no chão, como se alguém o tivesse atirado contra a parede. Sobre a cama estreita, Jessamine estava sentada com uma camisola branca, enrolada em um cobertor. Os cabelos caíam emaranhados em torno dos ombros, e ela estava com os olhos vermelhos.

— Seja bem-vinda. Um belo lugar para se viver, não? — disse Jessamine. A voz soava áspera, como se estivesse com a garganta inchada de tanto chorar. Olhou para Tessa, e seu lábio inferior começou a tremer. — Charlotte... a enviou para me buscar?

Tessa sacudiu a cabeça.

— Não.

— Mas... — os olhos de Jessamine começaram a lacrimejar. — Ela não pode me *deixar* aqui. Eu os ouço, a noite inteira. — Ela estremeceu, puxando o cobertor mais para perto.

— Ouve o quê?

— Os mortos — disse. — Sussurrando nas tumbas. Se eu ficar aqui por muito tempo, vou me juntar a eles. Sei disso.

Tessa sentou-se na beirada da cama e tocou cuidadosamente o cabelo de Jessamine, acariciando-o de leve.

— Isso não vai acontecer — disse, e Jessamine começou a soluçar. Seus ombros tremiam. Desamparada, Tessa olhou em volta, como se alguma coisa na cela terrível pudesse lhe trazer inspiração. — Jessamine — disse. — Trouxe uma

coisa para você.

Jessamine levantou o rosto lentamente.

— É de Nate?

— Não — respondeu Tessa gentilmente. — É uma coisa sua. — Pôs a mão no bolso e retirou o objeto, estendendo a mão para Jessamine. Na palma havia uma bonequinha que havia retirado do berço na casa de bonecas de Jessamine. — Bebê Jessie.

Jessamine emitiu um "oh" baixo na garganta, e pegou a boneca de Tessa. Segurou-a com firmeza contra o peito. Chorou, e as lágrimas deixaram rastros em seu rosto. Era uma visão digna de pena, pensou Tessa. Se ao menos...

— Jessamine — disse Tessa novamente. Jessamine lhe parecia um animal que precisava de carinho, e sentia como se repetir o nome dela em tom suave pudesse ajudar de alguma forma. — Precisamos da sua ajuda.

— Para trair Nate —irritou-se Jessamine. — Mas não sei de nada. Sequer sei por que estou aqui.

— Sim, você sabe — foi Jem que falou, entrando na cela. Estava com o rosto vermelho e um pouco sem fôlego, como se estivesse apressado. Olhou conspiratoriamente para Tessa e fechou a porta atrás de si. — Sabe exatamente por que está aqui, Jessie...

— Porque me apaixonei! — disparou. — Você deveria saber como é. Vejo como olha para Tessa. — E, quando as bochechas de Tessa arderam, Jessamine lhe lançou um olhar venenoso. — Pelo menos Nate é humano.

Jem não perdeu a compostura.

— Não traí o Instituto por Tessa — declarou. — Não menti nem coloquei em perigo aqueles que cuidaram de mim desde que me tornei órfão.

— Se não o fez — afirmou Jessamine —, então não a ama de verdade.

— Se ela me pedisse isso — disse Jem —, eu saberia que *ela* não me ama de verdade.

Jessamine respirou fundo e virou-se de costas para ele, como se ele tivesse acabado de estapeá-la.

— Você — disse ela com a voz abafada. — Sempre achei que fosse o mais gentil. Mas é horrível. Vocês são todos horríveis. Charlotte me *torturou* com aquela Espada Mortal até eu revelar tudo. O que mais podem querer de mim? Já me forçaram a trair o homem que amo.

Com o cantinho da visão, Tessa viu Jem revirar os olhos. Havia algo de teatral no desespero de Jessamine, assim como em tudo que ela fazia, mas por baixo daquilo — por baixo do papel de mulher sofredora que havia atribuído a si mesma — Tessa sentiu que ela realmente estava com medo.

— Sei que você ama Nate — disse Tessa. — E sei que não vou conseguir convencê-la de que o sentimento não é mútuo.

— Está com ciúmes...

— Jessamine, Nate não pode amá-la. Há algo de errado com ele; alguma peça faltando no coração. Deus sabe que eu e minha tia tentamos ignorar, dizer a nós mesmas que era brincadeira e desprendimento de menino. Mas ele assassinou nossa tia, será que contou isso a você? Assassinou a mulher que o criou e riu disso depois. Ele não tem compaixão, não é capaz de ser grato. Se você protegê-lo agora, não vai conquistar nada aos olhos dele.

— E nem é provável que volte a vê-lo — disse Jem. — Se *não* nos ajudar, a Clave jamais irá soltá-la. Ficará aqui com os mortos por toda a eternidade, se não for punida com alguma maldição.

— Nate avisou que tentariam me assustar — revelou Jessamine, com um fio de voz.

— Nate também disse que Charlotte e a Clave não fariam nada com você porque eram fracos — recordou Tessa. — E isso não se provou verdade. Ele só disse o que tinha de dizer, para que você fizesse o que ele queria. Ele é meu irmão, e digo a você: ele é um traidor mentiroso.

— Precisamos que escreva uma carta para ele — disse Jem. — Revelando que tem conhecimento de uma trama secreta dos Caçadores de Sombras contra Mortmain, solicitando que ele a encontre hoje à noite...

Jessamine balançou a cabeça, puxando o cobertor áspero.

— Não vou traí-lo.

— Jessie. — A voz de Jem era cheia de suavidade; Tessa não sabia como Jessamine poderia rejeitá-lo. — Por favor. Só estamos pedindo que se salve. Envie este recado; diga-nos onde normalmente se encontram. É só o que pedimos.

Jessamine balançou a cabeça.

— Mortmain — falou. — Mortmain vai vencê-los. Aí os Irmãos do Silêncio serão derrotados, e Nate virá me buscar.

— Muito bem — disse Tessa. — Imagine que isso não aconteça. Você diz que Nate a ama. Então ele perdoaria qualquer coisa, não é mesmo? Porque quando um homem ama uma mulher, ele entende que ela é fraca. Que ela não consegue suportar, por exemplo, uma tortura, da maneira como ele conseguiria.

Jessamine emitiu um ruído choramingado.

— Ele entende que ela é frágil, delicada e manipulável — prosseguiu Tessa, e tocou gentilmente o braço de Jessamine. — Jessie, está vendo sua escolha. Se não nos ajudar, a Clave ficará sabendo, e não serão clementes. Se ajudar, Nate vai entender. Se ele a ama... não terá escolha. Pois o amor significa perdão.

— Eu... — Jessamine olhou de um para o outro, como um coelho assustado. — Você perdoaria Tessa, se fosse ela?

— Perdoaria qualquer coisa que Tessa fizesse — afirmou Jem em tom solene.

Tessa não conseguiu ver a expressão de Jem, estava olhando para Jessamine, mas sentiu o coração parar por um instante. Não podia olhar para ele, por medo de que a expressão traísse seus sentimentos.

— Jessie, por favor — disse Tessa.

Jessamine ficou em silêncio por um longo tempo. Ao falar, finalmente, sua voz estava fina como uma linha.

— Você vai encontrá-lo, suponho, disfarçada de mim.

Tessa assentiu.

— Precisa usar roupas de menino — avisou. — Quando o encontro à noite, sempre me visto de menino. Assim é mais seguro andar sozinha. É o que ele estará esperando. — Ela levantou a cabeça, tirando o cabelo do rosto. — Têm

papel e caneta? — acrescentou. — Vou escrever o bilhete.

Jessie pegou de Jem os itens solicitados e começou a rabiscar.

— Terei de receber alguma coisa em troca disto — falou. — Se não me deixarem sair...

— Não vão deixar — respondeu Jem —, até que seja determinado que a informação que nos deu é verdadeira.

— Então precisam no mínimo me dar uma comida melhor. Aqui é horrível. Só servem sopa de aveia e pão duro. — Após escrever o bilhete, o entregou a Tessa. — As roupas de menino que visto estão atrás da casa de boneca no meu quarto. Cuidado ao movê-la — solicitou, e por um instante voltou a ser Jessamine, com os olhos castanhos arrogantes. — E se precisar pegar alguma roupa minha emprestada, pegue. Tem usado os mesmos quatro vestidos que lhe dei em junho, incessantemente. Este amarelo é praticamente de época. E se não quer que ninguém saiba que anda troca beijos em carruagens, não deveria usar um chapéu com flores que amassam tão facilmente. As pessoas não são cegas, sabia?

— Parece que não — respondeu Jem com muita seriedade, e quando Tessa olhou para ele, ele sorriu só para ela.

15
Milhares Mais

Há algo de horrível em uma flor;
Esta, quebrada em minha mão, é uma delas
Ele jogou-a para mim; não viverá nem mais uma hora;
Há milhares mais; não se sente a falta de uma rosa.
— Charlotte Mew, "In Nunhead Cemetery"

O restante do dia no Instituto passou em clima de grande tensão enquanto os Caçadores de Sombras se preparavam para confrontar Nate naquela noite. Novamente não houve refeições formais, apenas muita pressa quando armas eram preparadas e polidas, o equipamento aprontado e mapas consultados ao mesmo tempo que Bridget, entoando baladas lúgubres, carregava bandejas de sanduíches para lá e para cá pelos corredores.

Se não fosse pelo convite de Sophie para "vir comer um pouco", Tessa provavelmente teria passado o dia em jejum; e mesmo assim, sua garganta apertada só permitiu que algumas bocadas do sanduíche descessem antes de ter a sensação de estar engasgando.

Vou ver Nate hoje à noite, pensou, olhando-se no espelho enquanto Sophie ajoelhava a seus pés, amarrando suas botas — botas masculinas do esconderijo de Jessamine de roupas de menino.

E então vou traí-lo.

Pensou na maneira como Nate havia deitado no seu colo na carruagem na volta da casa de De Quincey, e em como ele havia gritado seu nome e segurado-a quando o Irmão Enoch apareceu. Ficou imaginando quanto daquilo teria sido falsidade. Provavelmente ao menos parte dele tinha ficado realmente apavorada — abandonado por Mortmain, detestado por De Quincey, em poder de Caçadores de Sombras nos quais não tinha motivos para confiar.

Exceto por ela ter lhe dito que eram confiáveis. E ele não ligou. Queria o que Mortmain estava oferecendo. Mais do que desejava a segurança dela. Mais do que jamais havia se importado com qualquer coisa. Todos os anos que passaram juntos, o tempo que os havia costurado tão próximos um do outro que ela os julgava inseparáveis, isso não significava nada para ele.

— Não pode sofrer com isso, senhorita — disse Sophie, levantando-se e esfregando as mãos. — Ele não é... digo, não vale a pena.

— Quem não vale a pena?

— Seu irmão. Não era no que estava pensando?

Tessa estreitou os olhos desconfiada.

— Consegue saber o que estou pensando porque possui a Visão?

Sophie riu.

— Meu Deus, não, senhorita. Consigo ler seu rosto como um livro. Sempre fica com o mesmo olhar quando pensa no mestre Nathaniel. Mas ele é um fruto ruim, senhorita, indigno de seus pensamentos.

— É meu irmão.

— Isso não significa que você seja como ele — disse Sophie, decidida. — Alguns nascem ruins, é tudo.

Um impulso perverso fez Tessa perguntar:

— E quanto a Will? Acha que ele nasceu ruim? Adorável e venenoso como uma cobra, você disse.

Sophie ergueu as sobrancelhas delicadamente arqueadas.

— Mestre Will é um mistério, sem dúvidas.

Antes que Tessa pudesse responder, a porta se abriu, e Jem estava na entrada.

— Charlotte me mandou para... — começou ele, e se interrompeu, olhando para Tessa.

Ela olhou para si mesma. Calças, sapatos, camisa, colete, tudo em ordem. Era certamente uma sensação peculiar, vestir roupas masculinas — eram apertadas em lugares que ela não estava acostumada a sentir pressão, solta em outras, e pinicavam —, mas isso não explicava o olhar no rosto de Jem.

— Eu... — Jem estava completamente ruborizado, o vermelho se espalhando do pescoço ao rosto. — Charlotte me enviou para lhe dizer que estamos esperando na sala de estar — disse ele. Então se virou e saiu do quarto apressadamente.

— Céus — Tessa falou, perplexa. — O que foi isso?

Sophie riu suavemente.

— Bem, olhe para a senhorita. — Tessa olhou. Estava vermelha, pensou, com os cabelos caindo soltos sobre a camisa e o colete. A camisa claramente havia sido feita com alguma figura feminina em mente, considerando que não se esticava tanto sobre o busto quanto Tessa havia temido; mesmo assim, estava apertada, graças ao corpo pequeno de Jessie. As calças também eram justas, de acordo com a moda, modelando o contorno das pernas de Tessa. Ela inclinou a cabeça para o lado. *Havia* algo de indecente naquilo, não? Um homem não deveria poder ver a forma das coxas de uma dama, ou tanto da curva dos quadris. Havia algo nas roupas de homem que a deixavam não tanto masculina, mas... nua.

— Meu Deus —disse ela.

— De fato — disse Sophie. — Não se preocupe. Vão se encaixar melhor depois que se Transformar, além disso... ele gosta de você de qualquer jeito.

— Eu... você sabe... quero dizer, acha que ele gosta de mim?

— Bastante — respondeu Sophie, soando tranquila. — Deveria ver como ele olha para a senhorita quando acha que não está vendo. Ou como levanta o olhar quando uma porta se abre e sempre se decepciona quando não é você. Mestre Jem não é como mestre Will. Não consegue esconder o que está pensando.

— E você não... — Tessa procurou as palavras. — Sophie, você não está... chateada comigo?

— Por que eu estaria chateada com você? — Parte do divertimento havia deixado a voz de Sophie, e agora ela soava cuidadosamente neutra.

Agora já foi, Tessa, pensou.

— Pensei que talvez tenha havido um tempo em que você olhava para Jem com certa admiração. Só isso. Não quis dizer nada inadequado, Sophie.

Sophie ficou em silêncio por tanto tempo que Tessa teve certeza de que ela estava brava, ou pior, terrivelmente ferida. Em vez disso, ela respondeu finalmente:

— Houve um tempo em que... em que eu o admirei. Ele era tão gentil e generoso, diferente de todos os homens que já conheci. E tão agradável de se olhar, e a música que ele toca... — Ela balançou a cabeça, e os cachos escuros sacudiram. — Mas ele jamais gostou de mim. Jamais com qualquer palavra ou gesto me fez acreditar que retribuía minha admiração, apesar de nunca ter deixado de ser gentil.

— Sophie — disse Tessa suavemente. — Você tem sido mais do que uma copeira desde que cheguei. Tem sido uma boa amiga. Eu jamais faria qualquer coisa que pudesse magoá-la.

Sophie olhou para ela.

— Você gosta dele?

— Acho... — Tessa respondeu com vagarosa cautela — que sim.

— Ótimo — Sophie soltou o ar. — Ele merece isso. Ser feliz. Mestre Will sempre foi a estrela que mais brilha, a que chama atenção, mas Jem tem uma chama firme, segura e honesta. E ele poderia fazê-la feliz.

— E você não se importaria?

— Me importar? — Sophie balançou a cabeça. — Oh, srta. Tessa, é gentil que se preocupe com o que penso, mas não. Não me importaria. Minha admiração por ele, e isso é tudo que sempre foi, uma admiração de menina, esfriou bastante e tornou-se amizade. Só desejo a felicidade dele e a sua.

Tessa ficou impressionada. Se preocupara tanto com os sentimentos de Sophie, e Sophie não se importava. *O que havia* mudado desde que Sophie havia chorado com a doença de Jem na noite do desastre da Blackfriars Bridge? A não ser...

— Você tem saído com alguém? Cyril, ou...

Sophie revirou os olhos.

— Oh, Deus, tende piedade de nós. Primeiro Thomas, agora Cyril. *Quando* a senhorita vai parar de tentar me casar com o homem disponível mais próximo?

— Deve haver alguém...

— Não existe ninguém — respondeu Sophie firmemente, levantando-se, e virando Tessa para o espelho. — Pronto. Prenda o cabelo sob o chapéu e será um perfeito cavalheiro.

Tessa obedeceu.

***

Quando Tessa entrou na biblioteca, o pequeno grupo de Caçadores de Sombras do Instituto — Jem, Will, Henry e Charlotte, todos uniformizados — estava reunido em torno de uma mesa sobre a qual um pequeno dispositivo comprido e feito de cobre estava equilibrado. Henry gesticulava animadamente para o objeto, elevando a voz.

— É nisto — disse ele — que eu vinha trabalhando. Especialmente para esta ocasião. É especificamente calibrado para atuar como uma arma contra assassinos mecânicos.

— Por mais idiota que Nate Gray seja — afirmou Will —, a cabeça dele não é de fato preenchida por mecanismos, Henry. Ele é humano.

— Ele pode trazer uma daquelas criaturas consigo. Não sabemos se ele aparecerá desacompanhado. No mínimo aquele cocheiro mecânico de Mortmain...

— Acho que Henry tem razão — disse Tessa, e todos se viraram para olhar

para ela. Jem enrubesceu novamente, porém dessa vez mais suavemente, e sorriu um sorriso torto; os olhos de Will percorreram seu corpo uma vez, sem entusiasmo.

Falou:

— Você não se parece nada com um menino. Parece uma menina vestida de menino.

Ela não entendeu se ele estava aprovando, reprovando ou se estava neutro.

— Não estou tentando enganar ninguém além de algum observador casual — respondeu, irritada. — Nate *sabe* que Jessamine é uma menina. E as roupas ficarão melhores depois que eu me Transformar nela.

— Talvez devesse fazer isso agora — sugeriu Will.

Tessa o encarou e em seguida fechou os olhos. Era diferente, se Transformar em alguém que já tinha sido. Não precisava segurar algo da pessoa, ou estar perto dela. Era como fechar os olhos e colocar a mão num armário, detectando uma roupa familiar ao toque, e retirá-la. Tessa alcançou Jessamine dentro de si e soltou-a, embrulhando-se no disfarce do corpo da outra, sentindo o fôlego lhe faltar quando as costelas contraíram, os cabelos escorregando em ondas claras e sedosas sobre o rosto. Ela o colocou de volta sob o chapéu e abriu os olhos.

Estavam todos com os olhos fixos nela. Jem foi o único a oferecer um sorriso.

— Impressionante — disse Henry. Estava com a mão ligeiramente apoiada no objeto sobre a mesa. Tessa, desconfortável com tantos olhares, foi em direção a ele.

— O que é isto?

— É uma espécie de... peça infernal que Henry criou — explicou Jem. — Feita para destruir os mecanismos internos que fazem as criaturas mecânicas funcionarem.

— Você gira, assim — Henry fez um gesto, como se estivesse girando a parte de baixo do objeto em uma direção e a de cima na outra —, e depois joga. Tenta acertar nos mecanismos da criatura, ou em algum lugar que prenda. É feito para interromper as correntes mecânicas que passam pelo corpo dela, destruindo-a.

Pode prejudicar uma pessoa também, mesmo que não seja mecânica, então não fique segurando depois de ativar. Só tenho duas, então...

Entregou uma a Jem e outra a Charlotte, que pegou e pendurou no cinto de armas sem dizer nada.

— O recado foi enviado? — perguntou Tessa.

— Foi. Agora só estamos esperando uma resposta do seu irmão — respondeu Charlotte. Ela desenrolou um papel sobre a superfície da mesa, segurando os cantos com peças de cobre que Henry devia ter largado por lá. — Este — disse ela — é um mapa que mostra o local onde Jessamine alega que ela e Nate normalmente se encontram. É um armazém em Mincing Lane, perto da Lower Thames Street. Era uma fábrica de embalagens de um mercador de chá até o negócio falir.

— Mincing Lane — disse Jem. — Centro do comércio de chá. Também do mercado de ópio. Faz sentido que Mortmain tenha um armazém lá. — Passou um dedo esguio sobre o mapa, traçando os nomes de ruas próximas: Eastcheap, Gracechurch Street, Lower Thames Street, St. Swithin's Lane. — Mas um lugar tão estranho para Jessamine — observou. — Ela sempre sonhou com glamour, em ser apresentada à Corte e fazer penteados para bailes. Não com encontros clandestinos em um armazém sujo perto do cais.

— Ela fez o que se propôs — disse Tessa. — Casou-se com alguém que não é Caçador de Sombras.

A boca de Will curvou-se em um meio sorriso.

— Se o casamento fosse válido, ela seria sua cunhada.

Tessa estremeceu.

— Eu... não é como se eu tivesse mágoa de Jessamine. Mas ela merece coisa melhor que meu irmão.

— Todo mundo merece coisa melhor do que aquilo. — Will pôs o braço debaixo da mesa e retirou um tecido enrolado. Abriu-o sobre a mesa, evitando o mapa. Ali dentro havia diversas armas longas e finas, cada uma com um símbolo brilhante esculpido na lâmina. — Quase esqueci que tinha pedido para Thomas

encomendar isto para mim há algumas semanas. Acabaram de chegar. Misericórdias: boas para entrar bem no meio das juntas daquelas criaturas mecânicas.

— A questão é — disse Jem, erguendo uma das misericórdias e examinando a lâmina —, quando Tessa entrar para encontrar Nate, como é que o resto de nós vai assistir sem que ninguém perceba? Precisamos estar preparados para interferir a qualquer instante, principalmente se ele parecer desconfiado.

— Devemos chegar primeiro e nos esconder — disse Will. — É a única maneira. Escutamos para ver se Nate diz alguma coisa útil.

— Eu sequer gosto da ideia de Tessa ser forçada a falar com ele — murmurou Jem.

— Ela dá conta; eu já vi. Além disso, é mais provável que ele fale livremente se achar que está seguro. Uma vez capturado, mesmo que os Irmãos do Silêncio explorem sua mente, Mortmain pode ter instalado bloqueios para preservar os segredos, e pode demorar para conseguirem desarmá-los.

— Acho que Mortmain colocou bloqueios em Jessamine — revelou Tessa. — Não consigo acessar os pensamentos dela, se é que isso serve de alguma coisa.

— Então é ainda mais provável que tenha feito o mesmo com Nate — disse Will.

— Aquele menino é fraco como um gatinho — disse Henry. — Vai nos contar tudo que quisermos saber. Se não o fizer, tenho um dispositivo...

— Henry! — Charlotte pareceu seriamente alarmada. — Não me diga que desenvolveu um instrumento de tortura.

— De jeito nenhum. Eu o chamo de Confundidor. Emite uma vibração que afeta diretamente o cérebro humano, deixando-o incapaz de saber a diferença entre fato e ficção. — Henry, parecendo orgulhoso, pegou a caixa. — Ele simplesmente vai despejar tudo que tem em mente, sem ligar para as consequências...

Charlotte ergueu uma mão em alerta.

— Agora não, Henry. Se precisarmos utilizar o... Confundidor em Nate Gray,

o faremos depois de trazê-lo para cá. Por enquanto precisamos nos concentrar em chegar ao armazém antes de Tessa. Não é *tão* longe; sugiro que Cyril nos leve até lá e volte para buscá-la.

— Nate vai reconhecer a carruagem do Instituto — protestou Tessa. — Quando vi Jessamine saindo para se encontrar com Nate, ela definitivamente estava indo a pé. Vou andando.

— Você vai se perder — disse Will.

— Não vou — respondeu Tessa, apontando para o mapa. — É uma caminhada simples. Posso virar à esquerda na Gracechurch Street, seguir pela Eastcheap e cortar para Mincing Lane.

Uma discussão se seguiu, com Jem, para surpresa de Tessa, apoiando Will contra a ideia dela de andar sozinha pelas ruas. Eventualmente ficou decidido que Henry guiaria a carruagem até Mincing Lane enquanto Tessa andava, com Cyril seguindo a uma distância discreta, para que ela não se perdesse na cidade cheia, suja e barulhenta. Tessa deu de ombros e concordou; parecia mais fácil do que discutir e ela não se incomodava com Cyril.

— Não suponho que ninguém vá observar — declarou Will —, que mais uma vez estamos deixando o Instituto sem um Caçador de Sombras aqui dentro para protegê-lo?

Charlotte enrolou o mapa com um gesto de pulso.

— E qual de nós você sugere que fique em casa em vez de ajudar Tessa?

— Não falei nada sobre alguém ficar em casa. — A voz de Will diminuiu. — Mas Cyril estará com Tessa, Sophie é pouco treinada e Bridget...

Tessa olhou para Sophie, sentada em silêncio no canto da biblioteca, mas ela não dera qualquer sinal de ter ouvido Will. Enquanto isso, a voz de Bridget fluía, bem suavemente, vinda da cozinha. Entoava mais uma triste canção:

"Então John tirou do bolso
Uma faca longa e afiada,
E a enfiou no coração do irmão,

Fazendo o sangue jorrar.
Diz John a William: 'Tire a camisa,
E rasgue-a de ponta a ponta,
Envolva-a no coração que sofre,
E o sangue não mais correrá'."

— Pelo Anjo — disse Charlotte —, nós realmente *vamos* ter de fazer alguma coisa antes que ela nos enlouqueça, não é mesmo?

Antes que qualquer um pudesse responder, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: algo bateu à janela, assustando Tessa a ponto de fazê-la dar um passo para trás, e um barulho forte ecoou pelo Instituto: o som do sino de invocação. Charlotte disse alguma coisa a Will, algo que se perdeu com o barulho do sino —, e ele deixou o recinto. Enquanto isso, Charlotte atravessou o mesmo, abriu a janela e capturou uma coisa esvoaçando lá fora.

Virou-se de costas para a janela, com um pedaço de papel tremulando na mão; assemelhava-se um pouco a um pássaro branco, as bordas do papel esvoaçando com a brisa. Os cabelos dela também voaram sobre o rosto, e Tessa se lembrou do quão jovem Charlotte era.

— De Nate, imagino — falou Charlotte. — O recado dele para Jessamine. — Entregou a Tessa, que rasgou o pergaminho de cor creme, ansiosa em abri-lo.

Tessa levantou o olhar.

— É de Nate — confirmou. — Ele concordou em encontrar Jessie no lugar de sempre ao pôr do sol. — Ela engasgou quando, sabe-se lá como, ao descobrir que já fora lido o bilhete pegou fogo, consumindo-se até estar reduzido a um rastro de cinzas negras em seus dedos.

— Isso nos dá pouquíssimo tempo — disse Henry. — Vou pedir a Cyril que prepare a carruagem. — Olhou para Charlotte como se esperasse sua aprovação, mas ela apenas assentiu, sem olhar nos olhos dele. Com um suspiro, Henry se retirou, quase batendo de frente com Will, que voltava seguido por uma figura trajando capa de viagem. Por um instante Tessa se perguntou, confusa, se seria

mais um Irmão do Silêncio, até o visitante retirar o capuz, e ela reconhecer os cachos louros e os olhos verdes.

— Gideon Lightwood? — exclamou surpresa.

— Pronto. — Charlotte guardou o mapa no bolso. — O Instituto não ficará sem Caçadores de Sombras.

Sophie levantou-se às pressas e congelou como se, fora da atmosfera da sala de treinamento, não soubesse ao certo o que dizer na frente do primogênito de Benedict.

Gideon olhou em volta. Como sempre seus olhos verdes estavam calmos, serenos. Will, atrás dele, em contraste, parecia arder com uma energia brilhante, mesmo estando parado.

— Você me chamou? — disse Gideon, e ela percebeu que, claro, olhando para ela, ele via Jessamine. — E estou aqui, mas não sei por quê, ou para quê.

— Para treinar Sophie, intensamente — respondeu Charlotte. — E também para cuidar do Instituto enquanto estivermos fora. Precisamos de um Caçador de Sombras maior de idade e você é qualificado. Aliás, foi Sophie quem sugeriu seu nome.

— E quanto tempo passarão fora?

— Duas horas, três. Não será a noite toda.

— Tudo bem. — Gideon começou a desabotoar a capa. Suas botas estavam empoeiradas e parecia que o cabelo havia sido exposto ao vento, sem chapéu. — Meu pai diria que seria um bom treino para quando eu controlar o lugar.

Will murmurou baixinho alguma coisa que soou como "maldito palerma". Olhou para Charlotte, que acenou minimamente para ele com um gesto de cabeça.

— Pode ser que o Instituto seja seu um dia — disse ela a Gideon, calmamente. — De qualquer forma, agradecemos sua ajuda. O Instituto é responsabilidade de todos os Caçadores de Sombras, afinal. É onde moramos, é nossa Idris quando estamos longe de casa.

Gideon se voltou para Sophie.

— Pronta para treinar?

Ela concordou. Todos deixaram o recinto ao mesmo tempo, Gideon e Sophie foram para a direita e subiram em direção à sala de treinamento, e o restante seguiu para as escadas. O cântico lúgubre de Bridget soava ainda mais alto do lado de fora do recinto. Tessa ouviu Gideon fazer algum comentário para Sophie e a voz suave da menina respondendo, antes de se afastarem demais para que ela escutasse.

Pareceu natural acompanhar os passos de Jem enquanto desciam e atravessavam a nave da catedral. Ela estava suficientemente perto dele para que, mesmo sem falar nada, pudesse sentir o calor de Jem, o toque de sua mão na dela ao saírem. O pôr do sol se aproximava. O céu já tinha começado a adquirir o brilho cor de bronze que antecedia o crepúsculo. Cyril estava esperando na escadaria da frente, tão parecido com Thomas que olhar para ele era de partir o coração. Trazia uma adaga longa e fina, que entregou a Will sem dizer uma palavra; Will colocou-a no cinto.

Charlotte se virou e pôs a mão na bochecha de Tessa.

— Nos vemos no armazém — disse. — Estará totalmente segura, Tessa. E obrigada por fazer isto por nós. — Charlotte abaixou a mão e desceu os degraus, com Henry atrás e Will logo em seguida. Jem hesitou, só por um instante, e Tessa, lembrando-se de uma noite igual a esta, quando ele subiu os degraus para se despedir, pressionou os dedos levemente contra o pulso dele.

— *Mizpah* —disse ela.

Tessa o ouviu inspirar bruscamente. Os Caçadores de Sombras estavam entrando na carruagem; ele se virou e lhe deu um rápido beijo na bochecha, antes de girar e descer correndo os degraus atrás dos outros. Nenhum deles pareceu notar o gesto, mas Tessa levou a mão ao rosto enquanto Jem embarcava por último na carruagem e Henry se dirigia ao banco do cocheiro. Os portões do Instituto se abriram, e a carruagem partiu pela tarde que escurecia.

— Vamos então, senhorita? — perguntou Cyril. Apesar da semelhança com

Thomas, pensou Tessa, ele tinha uma conduta menos tímida. Olhava nos olhos quando falava e os cantos da boca sempre pareciam prestes a formar um sorriso. Ficou imaginando se sempre havia um irmão mais calmo e outro mais tenso, como Gabriel e Gideon.

— Sim, acho que... — Tessa parou subitamente, com um pé prestes a descer o degrau. Era ridículo, sabia. No entanto, tinha tirado o anjo mecânico para se vestir com as roupas de Jessamine. Não o havia colocado de volta. Não podia *usá-lo*: Nate reconheceria imediatamente, mas pretendia guardá-lo no bolso para dar sorte, e se esquecera. Hesitou. Era mais do que uma superstição tola; o anjo já tinha literalmente salvado sua vida duas vezes.

Ela se virou.

— Esqueci uma coisa. Espere por mim aqui, Cyril. Volto em um instante.

A porta do Instituto ainda estava aberta; Tessa entrou correndo e subiu as escadas, atravessou as passagens e chegou ao corredor que levava ao quarto de Jessamine — onde congelou.

O corredor de Jessamine era o mesmo que levava à escada que conduzia à sala de treinamento. Tinha visto Sophie e Gideon desaparecem lá há poucos minutos. Só que não tinham desaparecido; continuavam ali. A luz estava baixa, e eles eram apenas sombras no escuro, mas Tessa pôde vê-los com clareza: Sophie contra a parede, e Gideon pressionando sua mão.

Tessa deu um passo para trás, o coração se agitando no peito. Nenhum dos dois a viu. Pareciam totalmente concentrados um no outro. Gideon então se inclinou, murmurando alguma coisa para Sophie; com gentileza, ele afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. O estômago de Tessa contraiu-se, e ela deu meia-volta, afastando-se o mais silenciosamente possível.

O céu já tinha adquirido um tom mais escuro quando ela voltou. Cyril estava lá, assobiando desafinadamente; parou subitamente ao ver a expressão de Tessa.

— Está tudo bem, senhorita? Pegou o que queria?

Tessa pensou em Gideon tirando o cabelo de Sophie do rosto. Lembrou-se das mãos gentis de Will em sua cintura e na suavidade do beijo de Jem em sua

bochecha. Sentiu a cabeça rodar. Quem era ela para recomendar que Sophie tomasse cuidado, ainda que silenciosamente, quando ela mesma estava tão perdida?

— Sim — mentiu. — Peguei o que queria. Obrigada, Cyril.

O armazém era uma grande construção de calcário cercada por uma grade preta de ferro fundido. As janelas tinham sido cobertas, e um cadeado robusto de ferro mantinha fechados os portões, nos quais mal dava para se ver a inscrição Mortmain and Co. sob as camadas de fuligem.

Os Caçadores de Sombras deixaram a carruagem perto do meio-fio, com um feitiço de disfarce para impedir que fosse roubada ou vandalizada por mundanos que estivessem passando, pelo menos até que Cyril chegasse para tomar conta dela. Ao inspecionar o cadeado, Will pode ver que tinha sido lubrificado e aberto recentemente; um símbolo resolveu a falta de uma chave, e ele e os demais entraram, fechando o portão.

Outro símbolo destrancou a porta da frente conduzindo-os a um conjunto de escritórios. Apenas um ainda estava mobiliado, com uma mesa, um abajur verde e um sofá floral de encosto alto.

— Sem dúvida foi aqui que Jessamine e Nate realizaram a maior parte da corte — Will observou alegremente.

Jem emitiu um ruído de nojo e cutucou o sofá com a bengala. Charlotte estava curvada sobre a mesa, inspecionando as gavetas apressadamente.

— Não sabia que você tinha assumido uma postura tão anticorte — comentou Will com Jem.

— Não por princípio. A ideia de Nate Gray tocando qualquer pessoa... — Jem fez uma careta. — E Jessamine está tão convencida de que ele a ama. Se pudesse vê-la, acho que até você sentiria pena, Will.

— Não sentiria — garantiu Will. — Amor não retribuído é uma coisa ridícula e faz com que as pessoas se comportem de forma ridícula. — Mexeu na atadura do braço como se estivesse doendo. — Charlotte? A mesa?

— Nada. — Ela fechou as gavetas. — Alguns papéis listando preços e horários de leilões de chá, mas fora isso, nada além de aranhas mortas.

— Que romântico — murmurou Will. Ele se desviou para trás de Jem, que já tinha avançado para o escritório adjacente, usando a bengala para afastar teias enquanto passava. As salas seguintes estavam vazias e a última desembocava no que outrora foi um piso de armazém. Era um amplo espaço, sombrio e cavernoso, cujo teto desaparecia na escuridão. Degraus precários de madeira conduziam a uma galeria no segundo andar. Sacos de juta estavam apoiados nas paredes do primeiro andar, aparentando ser, nas sombras, cadáveres jogados. Will ergueu a pedra de luz enfeitiçada em uma das mãos, enviando raios de luz pelo recinto, enquanto Henry investigava um dos sacos. Voltou em um segundo, dando de ombros.

— Pedacinhos de folha de chá — relatou. — De laranja, ao que parecem.

Mas Jem estava balançando a cabeça, olhando em volta.

— Estou perfeitamente disposto a aceitar que este já foi um escritório de comércio de chá em algum momento, mas claramente já está fechado há anos, desde que Mortmain decidiu se ocupar com mecanismos. E mesmo assim, o chão está limpo. — Ele pegou o pulso de Will, fazendo o raio de luz enfeitiçada passar pelo chão liso de madeira. — Este tem sido o palco de alguma atividade, mais do que apenas para os encontros de Jessamine e Nate em um escritório abandonado.

— Há mais escritórios por ali — disse Henry, apontando para o outro lado da sala. — Eu e Charlotte vamos investigá-los. Will, Jem, cuidem do segundo andar.

Era algo raro e empolgante quando Henry dava ordens; Will olhou para Jem e sorriu, começando a subir pelas escadas de madeira. Os degraus rangeram com a pressão e até com o peso de Jem, mais leve. A pedra de Will projetou desenhos de luz contra a parede quando chegaram ao último degrau.

Will se viu dentro de uma galeria, em uma plataforma onde talvez os baús de chá fossem armazenados, de onde um capataz podia observar o andar abaixo. Agora estava vazia, exceto por uma figura solitária, deitada no chão. Era o corpo

de um homem, jovem e esguio, e na medida em que Will se aproximou, seu coração acelerou loucamente, porque ele já vira isso antes — já tivera essa visão — do corpo flácido, com cabelo prateado e roupas escuras, os olhos fechados e machucados, emoldurados por cílios cor de prata.

— Will? — Era Jem, atrás dele. Olhou da expressão silenciosa e espantada de Will para o corpo no chão e passou por ele para ajoelhar-se. Pegou o homem pelo braço ao mesmo tempo em que Charlotte chegou ao topo da escadaria. Will olhou surpreso para ela por um instante; o rosto de Charlotte brilhava com o suor, e ela parecia ligeiramente enjoada. Jem falou: — Está com pulso. Will?

Will se aproximou e ajoelhou ao lado do amigo. A essa distância era fácil ver que o homem no chão não era Jem. Era mais velho e caucasiano; tinha uma barbicha prateada no queixo e nas bochechas, e as feições eram mais largas e menos definidas. O coração de Will desacelerou quando os olhos do homem se abriram.

Eram discos de prata, como os de Jem. E naquele instante, Will o reconheceu. Sentiu o aroma agridoce das drogas dos feiticeiros, sentiu o calor delas nas veias, e soube que já tinha visto esse homem, e onde.

— Você é um lobisomem — falou. — Um dos que não tem bando, que compra *yin-fen* dos ifrits em Whitechapel. Não é?

Os olhos do lobisomem passaram pelos dois e se fixaram em Jem. Cerrou as pálpebras e estendeu a mão, agarrando Jem pela roupa.

— Você — disse, ofegante. — É um de nós. Você tem aí com você um pouco do pó...

Jem se encolheu. Will segurou o lobisomem pelo pulso e libertou Jem. Não foi difícil; restava pouquíssima força naqueles dedos abatidos.

— Não toque nele. — Will ouviu a própria voz como se viesse de longe, curta e fria. — Ele não tem nem um pouco do seu pó imundo. Não funciona em nós, Nephilim, como em você.

— Will. — Havia uma súplica na voz de Jem: *seja mais gentil.*

— Você trabalha para Mortmain — disse Will. — Diga-nos o que faz para

ele. Diga-nos onde está.

O lobisomem riu. Sangue esguichou sob seus lábios e escorreu pelo queixo. Respingou um pouco no uniforme de Jem.

— Como se... eu soubesse... onde está o Magistrado — ofegou. — Tolos, vocês dois. Malditos e inúteis Nephilim. Se eu tivesse... minha força... os rasgaria em pedacinhos...

— Mas não tem. — Will estava implacável. — E talvez *tenhamos* um pouco de *yin-fen*.

— Não têm. Acha... que não sei? — Os olhos do lobisomem vagaram. — Na primeira vez que ele me deu, eu vi coisas... coisas que não podem imaginar... a grande cidade de cristal... as torres do Paraíso... — Outro espasmo de tosse o assolou. Mais sangue espirrou. Tinha um brilho prateado, como mercúrio. Will trocou olhares com Jem. *A cidade de cristal*. Não pôde deixar de pensar em Alicante, apesar de nunca ter estado lá. — Pensei que fosse viver eternamente... trabalhar por toda noite, todo dia, nunca me cansar. Então começamos a morrer, um por um. A droga, ela mata, mas ele não contou. Vim aqui para ver se ainda tinha um pouco guardado em algum lugar. Mas não tem. Não adianta sair daqui. Estou morrendo. Tanto faz morrer aqui ou em outro lugar.

— Ele sabia o que estava fazendo quando lhe deu aquela droga — disse Jem. — Ele sabia que iria matá-lo. Não merece seu segredo. Diga-nos o que ele estava fazendo, o que ordenou que fizessem ao longo das noites e do dia.

— Montando aquelas *coisas*... Aqueles homens de metal. Eles são de arrepiar, mas o dinheiro era bom e as drogas tinham mais qualidade...

— E agora esse dinheiro vai ajudá-lo bastante — disse Jem, com a voz estranhamente amarga. — Com que frequência ele os fazia consumir? O pó prateado?

— Seis, sete vezes ao dia.

— Não é à toa que o estoque está se esgotando em Whitechapel — murmurou Will. — Mortmain está controlando o fornecimento.

— Não é para tomar assim — disse Jem. — Quanto mais toma, mais rápido

morre.

O lobisomem fixou o olhar em Jem. Estava com os olhos vermelhos.

— E você — disse. — Quanto tempo *você* ainda tem?

Will virou a cabeça. Charlotte estava imóvel atrás dele no topo da escada, encarando-o. Ele levantou a mão para chamá-la.

— Charlotte, se pudermos levá-lo lá para baixo, talvez os Irmãos do Silêncio possam fazer alguma coisa para ajudá-lo. Se você puder...

Mas Charlotte, para surpresa de Will, tinha adquirido um leve tom esverdeado. Ela pôs a mão sobre a boca e correu lá para baixo.

— Charlotte! — sibilou Will; não ousou gritar. — Maldição. Muito bem, Jem. Você pega as pernas, eu pego os ombros...

— Não adianta, Will. — A voz de Jem era suave. — Ele está morto.

Will se virou novamente. De fato os olhos prateados estavam arregalados, vítreos, fixos no teto; o tórax não mais subia e descia. Jem esticou a mão para fechar os olhos dele, mas Will segurou o amigo pelo pulso.

— Não.

— Eu não ia abençoá-lo, Will. Só ia fechar os olhos.

— Ele não merece isso. Estava trabalhando para o Magistrado! — O sussurro de Will estava se elevando a um grito.

— Ele é como eu — disse Jem simplesmente. — Um viciado.

Will olhou para ele por cima de suas mãos unidas.

— Ele *não é* como você. E você não vai morrer assim.

Os lábios de Jem abriram em surpresa.

— Will...

Ambos ouviram o som de uma porta se abrindo e uma voz chamando o nome de Jessamine. Will soltou o pulso de Jem, e ambos se jogaram no chão, esticando-se para a beirada da galeria de maneira a enxergar o que estava acontecendo no piso de baixo do armazém.

16
Mortal Ira

Vendo que a mão do Tempo desfigura
A tão rica altivez dos dias idos
Que jaz caída a torre das alturas
Da mortal ira é escravo o bronze destruído.
— Shakespeare, "Soneto 64"

Era uma experiência um tanto peculiar caminhar pelas ruas de Londres como um menino, pensou Tessa enquanto atravessava o asfalto cheio de gente na Eastcheap. Os homens que cruzaram seu caminho mal olharam para ela, apenas abriram caminho, buscando as portas dos estabelecimentos públicos ou a próxima esquina da rua. Como menina teria sido objeto de olhares e zombarias ao andar sozinha por essas ruas, à noite, em suas roupas finas. Como menino, era invisível. Jamais percebera o que era ser invisível. O quão leve e livre parecia — ou teria parecido, não fosse a sensação de ser um aristocrata de *Um conto de duas cidades* a caminho da guilhotina em um veículo que transportava os condenados.

Viu Cyril apenas uma vez, escondendo-se entre dois prédios em frente ao número 32 da Mincing Lane. Era uma grande construção de pedra, e, sob a luz do crepúsculo que se extinguia, a grade preta de ferro que a cercava parecia fileiras de dentes negros e afiados. Dos portões da frente pendia um cadeado, mas estava aberto; ela entrou, e em seguida subiu os degraus empoeirados até a

porta de entrada, que também estava destrancada.

Lá dentro, descobriu que os escritórios vazios, com janelas que davam para Mincing Lane, estavam quietos e silenciosos; uma mosca zumbiu em um deles, batendo incessantemente nos painéis de vidro, até cair, exausta, no parapeito. Tessa estremeceu, mas prosseguiu.

Em cada sala que entrava ficava tensa, esperando ver Nate; e em cada uma, não o encontrava. A última tinha uma porta que desembocava no piso de um armazém. Uma luz azul desbotada entrava pelas rachaduras nas janelas fechadas. Ela olhou em volta, incerta.

— Nate? — sussurrou.

Ele saiu das sombras, entre dois pilares de gesso descamados. Seus cabelos louros brilharam à luz azulada, sob um chapéu de seda. Trajava um casaco azul, calças pretas e botas pretas, mas sua aparência normalmente imaculada estava um pouco desgrenhada. O cabelo caía sobre os olhos e tinha uma mancha de sujeira na bochecha. As roupas estavam amarrotadas e enrugadas, como se tivesse dormido com elas.

— Jessamine — disse ele, com claro alívio na voz. — Minha querida. — Abriu os braços.

Ela avançou lentamente, o corpo inteiro tenso. Não queria que Nate lhe tocasse, mas não sabia como poderia evitar um abraço. A mão dele pegou a aba do chapéu de Tessa e o tirou, permitindo que os cachos claros caíssem pelas costas. Ela pensou em Will tirando os prendedores e seu estômago embrulhou involuntariamente.

— Preciso saber onde está o Magistrado — começou, com a voz trêmula. — É de suma importância. Ouvi alguns dos planos dos Caçadores de Sombras, entende. Sei que não queria me contar, mas...

Ele afastou o cabelo dela, ignorando as palavras.

— Entendo — respondeu, com a voz profunda e rouca. — Mas primeiro... — Ele inclinou a cabeça de Tessa para trás colocando um dedo sob seu queixo. — Por isso venha beijar-me, ó, doce amada.

Tessa gostaria que ele não citasse Shakespeare. Jamais conseguiria voltar a ouvir aquele soneto sem passar mal. Cada nervo de seu corpo quis saltar de sua pele, berrando revoltado enquanto ele se inclinava para ela. Rezou para que os outros entrassem enquanto ele inclinava sua cabeça, mais e mais...

Nate começou a rir. Com um movimento do pulso, ele arremessou o chapéu de Tessa pelas sombras; seus dedos apertando o queixo dela, as unhas enterrando em sua pele.

— Peço desculpas por meu comportamento impetuoso — falou. — Mas não pude conter a curiosidade de saber até onde você iria para proteger seus amigos Caçadores de Sombras... irmãzinha.

— *Nate* — Tessa tentou se jogar para trás, ficar fora do alcance dele, mas a garra do irmão era forte demais. A outra mão de Nate avançou como uma cobra, girando-a, prendendo-a contra o corpo, o antebraço na garganta dela. O hálito dele era quente em sua orelha. Tinha um cheiro amargo, de gin e suor.

— Realmente achou que eu não soubesse? — disparou. — Depois que aquele bilhete chegou no baile de Benedict, me mandando à toa para Vauxhall, descobri. Tudo fez sentido. Deveria ter percebido que era você desde o começo. Menininha burra.

— Burra? — sibilou. — Fiz com que soltasse todos os seus segredos, Nate. Você me contou tudo. Mortmain descobriu? É por isso que está com cara de que não dorme há dias?

Ele apertou o braço em volta dela, fazendo-a engasgar de dor.

— Não podia ficar quieta. Tinha de se meter nos meus assuntos. Está feliz em me ver rebaixado, não é mesmo? Que tipo de irmã isso faz de você, Tessie?

— Você teria me matado se tivesse oportunidade. Não há jogo que possa fazer, nada do que diga pode me fazer pensar que o traí, Nate. Você mereceu cada detalhe. Aliando-se a Mortmain...

Ele a sacudiu, com força o bastante para fazer seus dentes tremerem.

— Como se minhas alianças lhe dissessem respeito. Eu estava me saindo

muito bem até você e seus amigos Nephilim aparecerem e se meterem. Agora o Magistrado quer minha cabeça. Culpa sua. Tudo culpa sua. Eu estava à beira do desespero até receber aquele bilhete ridículo de Jessamine. Soube que você estava por trás, é claro. E o trabalho que deve ter tido, torturando-a para conseguir que ela escrevesse aquele...

— Não a torturamos — disse Tessa. Lutou, mas Nate apenas a segurou com mais força, os botões do casaco dele afundando em suas costas. — Ela quis escrever. Quis salvar a própria pele.

— Não acredito em você. — A mão que não estava em volta da garganta agarrou o queixo de Tessa; as unhas dele se enterraram na pele macia e ela gritou de dor. — Ela me ama.

— Ninguém jamais poderia amá-lo — disparou Tessa. — Você é meu irmão, eu o amava, e até isso você destruiu.

Nate se inclinou para a frente e rosnou:

— *Não sou seu irmão*.

— Muito bem, meu meio-irmão, se precisa...

— Você não é minha irmã. Nem meia — proferiu as palavras com um prazer cruel. — Sua mãe e minha mãe não eram a mesma mulher.

— Não é possível — sussurrou Tessa. — Você está mentindo. Nossa mãe era Elizabeth Gray...

— *Sua* mãe era Elizabeth Gray, nascida Elizabeth Moore — disse Nate. — A minha era Harriet Moore.

— *Tia Harriet*?

— Ela já foi noiva. Sabia disso? Depois que nossos pais, seus pais, se casaram. O noivo morreu antes que o casamento pudesse acontecer. Mas ela já estava grávida. Sua mãe criou o bebê como se fosse dela, para poupar a irmã da vergonha de descobrirem que ela tinha consumado o casamento antes mesmo que acontecesse, que ela era uma vagabunda — a voz de Nate soou amarga como veneno. — Não sou seu irmão, e nunca fui. Harriet nunca me contou que era minha mãe. Descobri através das cartas da sua mãe. Todos aqueles anos, e ela

nunca disse uma palavra.

— Você a matou — disse Tessa, entorpecida. — Sua própria mãe.

— *Porque* ela era minha mãe. Porque me renegou. Porque tinha vergonha de mim. Porque era uma vagabunda. — A voz de Nate era oca. *Nate* sempre foi vazio. Nunca foi nada além de uma casca bonita, e Tessa e a tia haviam sonhado que ele tivesse alguma compaixão, piedade, e uma fraqueza complacente. Era o que as duas queriam enxergar, não que fosse mesmo assim.

— Por que falou para Jessamine que minha mãe era uma Caçadora de Sombras? — perguntou Tessa. — Mesmo que tia Harriet fosse sua mãe, ela e minha mãe eram irmãs. Tia Harriet também seria Caçadora de Sombras, e consequentemente você também. Por que contar uma mentira tão ridícula?

Ele sorriu.

— Bem que gostaria de saber, não? — A mão dele apertou em volta do pescoço de Tessa, sufocando-a. Ela engasgou, e de repente pensou em Gabriel, dizendo, *mire os joelhos. A dor é agonizante*.

Ela ergueu a perna e desferiu um chute para trás, o salto da bota atingindo o joelho de Nate, produzindo um estalo. Nate gritou e perdeu o equilíbrio. Ele continuou segurando Tessa quando caiu rolando, de modo que seu cotovelo a acertou no estômago enquanto atingiam o chão. Ela engasgou, sentindo que o ar era arrancado dos pulmões, os olhos enchendo-se de lágrimas.

Chutou-o novamente, tentando virar para trás, e o acertou no ombro, mas ele a atacou, segurando-a pelo colete. Os botões se soltaram em uma chuva enquanto ele a arrastava para perto de si; agarrou o cabelo de Tessa com a outra mão enquanto ela o atacava, arranhando-o na bochecha. O sangue que aflorou imediatamente até a superfície foi uma visão terrivelmente satisfatória.

— Solte-me — arquejou Tessa. — Não pode me matar. O Magistrado me quer viva...

— "Viva" não quer dizer "intacta" — rosnou Nate, com o sangue escorrendo pelo rosto até o queixo. Emaranhou a mão nos cabelos dela e a puxou para si; ela gritou de dor e chutou, mas ele foi ágil, desviando-se dos pés de Tessa. Arfando,

ela fez um chamado silencioso: *Jem, Will, Charlotte, Henry... onde vocês estão?*

— Imaginando onde estão seus amigos? — Levantou-a com um puxão, uma das mão segurando seus cabelos e a outra, sua camisa. — Bem, aqui tem uma, pelo menos.

Um ruído de moagem alertou Tessa para uma movimentação nas sombras. Nate girou sua cabeça pelo cabelo, sacudindo-a.

— Veja — escarneceu. — É hora de saber com quem está brigando.

Tessa encarou. A coisa que emergiu das sombras era gigantesca — tinha 6 metros de altura, supôs, e era feita de ferro. Quase não tinha juntas. Parecia se mover como um único mecanismo fluido, sem costura, e quase sem feições. A parte de baixo se dividia em duas pernas, cada qual terminando em um pé com espetos metálicos. Os braços eram parecidos, terminavam em mãos semelhantes a garras, e a cabeça era lisa e oval, quebrada apenas por uma boca larga e com dentes afiados, como uma rachadura em um ovo. Um par de chifres espiralados se projetavam da "cabeça". Uma linha fina de fogo azul crepitava entre eles.

Em suas mãos enormes a criatura carregava um corpo flácido, vestido com uniforme de Caçador de Sombras. Contra a corpulência do autômato gigante, ela parecia menor do que nunca.

— Charlotte! — gritou Tessa. Redobrou o esforço para se livrar de Nate, sacudindo a cabeça para o lado. Um pedaço do cabelo de Tessa se soltou e escorregou para o chão; os cabelos claros de Jessamine, agora manchados de sangue. Nate revidou, dando-lhe um tapa tão forte que ela chegou a ver estrelas; quando ela perdeu a firmeza, ele a pegou pela garganta, e os botões dos punhos do casaco afundaram na traqueia dela.

Nate riu.

— Um protótipo — explicou. — Abandonado pelo Magistrado. Grande e pesado demais para os propósitos dele. Mas não para os meus. — Elevou a voz: — Deixe-a cair.

As mãos metálicas do autômato se abriram, derrubando Charlotte, que atingiu o chão com uma batida horrível. Ficou caída, imóvel. Dessa distância,

Tessa não conseguia enxergar se ela estava respirando ou não.

— Agora esmague-a — disse Nate.

Pesadamente, a criatura ergueu o pé metálico de espeto. Tessa arranhou os antebraços de Nate, rasgando a pele do irmão com as unhas.

— *Charlotte*! — Por um instante Tessa pensou que a voz gritando fosse a dela, mas era grave demais para ser sua. Uma figura surgiu por trás do autômato, toda de preto, exceto pelos cabelos de um tom muito ruivo. Trazia consigo uma misericórdia de lâmina fina.

Henry.

Sem sequer um olhar para Tessa e Nate, ele se jogou para cima do autômato, desferindo um golpe da lâmina em um arco curvo. Ouviu-se o estalo de metal contra metal. Faíscas voaram, e o autômato cambaleou para trás. O pé desceu, atingindo o chão, a centímetros do corpo inerte de Charlotte. Henry aterrissou, lançando-se sobre a criatura novamente com a lâmina empunhada.

A lâmina estilhaçou. Por um instante, Henry simplesmente ficou parado, em choque. Então a mão da criatura se adiantou e o pegou pelo braço. Ele gritou quando a criatura o ergueu e o arremessou com enorme força contra um dos pilares; Henry bateu no pilar, curvou-se e caiu no chão, onde ficou imóvel.

Nate riu.

— *Que* exibição de devoção matrimonial — comentou. — Quem diria? Jessamine sempre achou que Branwell não suportasse a esposa.

— Você é um porco — disse Tessa, debatendo-se. — O que sabe sobre as coisas que as pessoas fazem umas pelas outras? Se Jessamine fosse queimada viva, você não levantaria os olhos do seu jogo de cartas. Não gosta de ninguém além de si mesmo.

— Fique quieta, ou quebro seus dentes — Nate a sacudiu outra vez e gritou: — Venha! Aqui. Precisa segurá-la até o Magistrado chegar.

Com o som de fricção de seus mecanismos, o autômato se mexeu para obedecer. Não era tão veloz quanto os irmãos de menor porte, mas tinha um tamanho tão estupendo que Tessa não pôde deixar de observar os movimentos

com um medo paralisante. E isso não era tudo. O Magistrado viria. Tessa ficou imaginando se Nate já o teria chamado, se já estaria a caminho. Mortmain. Mesmo as lembranças daqueles olhos frios, o sorriso gelado e controlador fizeram o estômago de Tessa revirar-se.

— Solte-me — gritou, tentando se afastar do irmão. — Deixe-me ir até Charlotte...

Nate a empurrou para a frente, violentamente, e Tessa caiu esparramada no chão, os cotovelos e os joelhos batendo com força no piso duro de madeira. Ela engasgou e rolou para o lado, indo parar sob a sombra da galeria do segundo andar ao passo que o autômato deslocava-se pesadamente em sua direção. Ela gritou...

E eles saltaram da galeria acima, Will e Jem, cada um aterrissando em um dos ombros da criatura. O autômato rugiu, um ruído como um forno sendo alimentado com carvão, e cambaleou para trás, permitindo que Tessa rolasse para fora do caminho e se levantasse. Olhou de Henry para Charlotte. Henry estava pálido e imóvel, encolhido ao lado do pilar, sua esposa, caída onde o autômato a derrubara, corria perigo iminente de ser esmagada pela máquina barulhenta.

Respirando fundo, Tessa atravessou o salão até Charlotte e se ajoelhou, colocando os dedos na garganta dela; dava para sentir o pulso, apesar de fraco. Colocando as mãos sob os braços da jovem, Tessa começou a arrastá-la até a parede, para longe do centro da sala, onde o autômato girava e cuspia faíscas, esticando as mãos para cima na tentativa de agarrar Jem e Will.

Mas eles foram rápidos. Tessa deitou Charlotte entre os sacos de chá e olhou pela sala, tentando determinar um caminho por onde pudesse levá-la a Henry. Nate ia de um lado para o outro, gritando e xingando a criatura mecânica; em resposta, Will serrou um dos chifres do autômato e o arremessou contra o irmão de Tessa. O objeto deslizou pelo chão, soltando faíscas e fazendo Nate pular para trás. Will riu. Enquanto isso, Jem estava agarrado ao pescoço da criatura, fazendo alguma coisa que Tessa não conseguia ver. O autômato girava em círculos, mas

tinha sido programado para agarrar o que estivesse à frente, e os "braços" não dobravam adequadamente. Não alcançavam atrás do pescoço e da cabeça.

Tessa quase quis rir. Will e Jem eram como ratos subindo e descendo pelo corpo de um gato, distraindo-o. Mas por mais que atacassem a criatura de metal, estavam causando poucos danos. As lâminas, que ela já tinha visto cortando ferro e aço como se fossem papel, estavam apenas deixando marcas e arranhões na superfície da criatura mecânica.

Nate, enquanto isso, estava gritando e praguejando.

— Derrube-os! — berrou com o autômato. — Derrube-os, seu imbecil metálico!

O autômato parou, em seguida sacudiu-se violentamente. Will escorregou, agarrando o pescoço de metal no último segundo. Jem não teve tanta sorte; executou um golpe para a frente com a espada-bengala, como se pretendesse enterrá-la no corpo da criatura para não cair, mas a lâmina simplesmente deslizou pelas costas do autômato. Jem caiu desajeitado, sua perna dobrada sob o corpo e a arma tilintando no chão.

— *James!* — gritou Will.

Jem levantou-se lenta e dolorosamente. Alcançou a estela no cinto, mas a criatura, sentindo-se vulnerável, já estava em seu encalço, esticando as garras. Jem cambaleou para trás e pescou alguma coisa no bolso. Algo liso, comprido, metálico — o objeto que Henry havia lhe dado na biblioteca.

Ele esticou o braço para trás com o propósito de arremessá-lo — e Nate surgiu atrás dele, subitamente, chutando sua perna ferida, provavelmente quebrada. Jem não emitiu qualquer ruído, mas sua perna pareceu sumir debaixo de seu corpo. Com um som de algo se partindo, Jem caiu no chão pela segunda vez, derrubando o objeto, que rolou da sua mão.

Tessa se colocou de pé e correu em direção ao artefato, e Nate fez a mesma coisa. Colidiram, e a superioridade dele em peso e altura jogou Tessa no chão. Ela girou ao cair, como Gabriel havia ensinado, para absorver o impacto, apesar de o choque tê-la deixado sem ar. Ergueu o braço para o dispositivo com dedos

trêmulos, mas o fez deslizar para longe. Ouviu Will gritar seu nome, mandando que o lançasse para ele. Tessa esticou ainda mais a mão, fechando-a em torno do objeto — e então Nate a agarrou por uma perna e a arrastou em sua direção, sem piedade.

Ele é maior do que eu, pensou. *Mais forte do que eu. Mais implacável do que eu. Mas existe uma coisa que sei fazer e ele não.*

Ela se Transformou.

Com a mente alcançou o aperto de Nate em seu calcanhar, a pele dele tocando a dela. Tessa alcançou o *Nate* intrínseco e inerente que sempre conhecera, aquela chama dentro dele que ardia, como acontecia com todo mundo, como uma vela em um quarto escuro. Ela o ouviu respirando fundo, e então a Transformação a tomou, rasgando sua pele, derretendo seus ossos. Os botões no colarinho e nos punhos arrebentaram quando ela aumentou de tamanho, convulsões sacudindo seus membros, livrando a perna das garras de Nate. Rolou para longe do irmão, cambaleando, e viu os olhos dele se arregalarem ao olhar para ela.

Ela agora era, exceto pelas roupas, a cópia perfeita dele.

Tessa virou para o autômato. A criatura estava congelada, esperando instruções, com Will ainda agarrado às suas costas. Ele ergueu a mão, e Tessa arremessou o dispositivo, agradecendo silenciosamente a Gabriel e Gideon pelas horas de instrução em arremesso de faca. O objeto voou pelo ar em um arco perfeito, e Will o agarrou.

Nate estava de pé.

— Tessa — rosnou. — Que diabos você pode achar que...

— Pegue-o! — gritou para o autômato, apontando para Nate. — Pegue-o e segure-o!

A criatura não se moveu. Tessa não escutou nada além da respiração pesada de Nate ao seu lado e o som tilintado da criatura de metal; Will havia desaparecido atrás do homem mecânico e estava fazendo alguma coisa, apesar de ela não enxergar o quê.

— Tessa, você é uma tola — sibilou Nate. — Isto não pode dar certo. A criatura só é obediente a...

— Sou Nathaniel Gray! — Tessa gritou para o gigante de metal. — E ordeno em nome do Magistrado que *pegue este homem e o segure!*

Nate girou para ela.

— Chega dos seus joguinhos, sua...

As palavras dele foram cortadas subitamente quando o autômato se abaixou e o pegou. Levantou Nate, cada vez mais alto, deixando-o na altura da sua boca, que estalava e zumbia inquisitivamente. Nate começou a gritar e continuou berrando, estupidamente, sacudindo os braços enquanto Will, que tinha concluído o que quer que estivesse fazendo, aterrissou no chão, agachado. Gritou alguma coisa para Tessa, com os olhos azuis arregalados e frenéticos, mas ela não o escutou com os gritos do irmão. Seu coração batia violentamente no peito; sentiu o cabelo caindo, atingindo-a nos ombros com um peso suave e significativo. Era Tessa novamente, o choque do que estava acontecendo foi forte demais para que ela conseguisse manter a Transformação. Nate continuava berrando — a coisa o segurava da mesma forma que uma pinça. Will tinha começado a correr, exatamente quando a criatura, olhando para Tessa, recuou com um rugido — e Will atingiu a menina, derrubando-a no chão para cobri-la com o próprio corpo enquanto o autômato explodia feito uma supernova.

A cacofonia de metal explodindo e tilintando foi inacreditável. Tessa tentou cobrir as orelhas, mas o corpo de Will a prendia com firmeza ao chão. Ele posicionou os cotovelos com firmeza, um de cada lado da cabeça dela. Tessa sentiu a respiração de Will na nuca e seu coração acelerado batendo junto à sua coluna. Ela ouviu o irmão gritar, um terrível berro gorgolejado. Ela virou a cabeça, pressionando o rosto contra o ombro de Will enquanto o corpo do Caçador de Sombras empurrava o dela; o chão tremeu sob eles...

E acabou. Lentamente, Tessa abriu os olhos. O ar estava nublado com poeira de gesso, farpas flutuantes e chá arrancado dos sacos de pano. Havia pedaços enormes de metal espalhados a esmo pelo chão, e várias das janelas explodiram

com o impacto, permitindo a entrada de uma nebulosa luz noturna. O olhar de Tessa percorreu o recinto. Viu Henry, segurando Charlotte, beijando o rosto pálido da esposa que olhava para ele; viu Jem, lutando para se levantar, com a estela na mão e poeira de gesso cobrindo as roupas e os cabelos, e viu Nate.

Primeiro achou que ele estava apoiado em um dos pilares. Depois viu a mancha vermelha espalhada na camisa do irmão e percebeu. Um pedaço afiado de metal o tinha perfurado como uma lança, prendendo-o ao pilar. Estava com a cabeça abaixada. E as mãos buscavam fracamente o peito.

— *Nate!* — gritou. Will rolou para o lado, libertando-a, e Tessa ficou de pé em questão de segundos, correndo em direção ao irmão. As mãos dela tremiam de horror e asco, mas conseguiu fechá-las em torno da lança metálica no peito de Nate e puxá-la. Jogou o espeto para o lado, mal conseguindo segurar o irmão quando ele caiu para a frente, com seu súbito peso morto empurrando-a para o chão. De algum jeito, ela se viu caída, o corpo flácido de Nate desajeitadamente por cima dela.

Uma lembrança surgiu — ela, ajoelhada no chão da casa de De Quincey, segurando Nate nos braços. Naquela ocasião ainda o amava. Confiava nele. Agora, enquanto o segurava e o sangue dele manchava a calça e a camisa que vestia, teve a sensação de que assistia a atores em um palco, desempenhando papéis, fingindo sentir dor.

— Nate — sussurrou.

Os olhos dele se abriram. Uma pontada de choque passou por ela. Achou que ele já estivesse morto.

— Tessie... — A voz soou espessa, como se estivesse atravessando camadas de água. Os olhos dele percorreram o rosto de Tessa, depois as manchas vermelhas na roupa dela, e então, finalmente, repousaram no próprio peito, onde o sangue saía em um fluxo regular pelo rasgo imenso na camisa. Tessa retirou o casaco com um movimento de ombros, dobrando-o e pressionando-o sobre o machucado, rezando para ser o suficiente para conter o sangramento.

Não foi. O casaco ficou ensopado instantaneamente, sangue escorria pelas

laterais do corpo de Nate.

— Oh, Deus — sussurrou Tessa. Levantou a voz. — Will...

— Não. — A mão de Nate agarrou-lhe o pulso, enterrando as unhas em sua pele.

— Mas Nate...

— Estou morrendo. Eu sei. — Tossiu, um ruído solto, úmido e chiado. — Não entende? Falhei com o Magistrado. Ele vai me matar de qualquer jeito. E vai se certificar de que seja uma morte lenta. — Emitiu um som rouco e impaciente. — Deixe, Tessie. Não estou sendo nobre. Sabe que não sou.

Ela respirou asperamente.

— Eu deveria deixá-lo morrer aqui sozinho no seu próprio sangue. É isso que você faria no meu lugar.

— Tessie... — um rio de sangue escorreu do canto da sua boca. — O Magistrado nunca a machucaria.

— Mortmain — sussurrou. — Nate, onde ele está? Por favor. Diga-me onde ele está.

— Ele... — Nate engasgou, arfando. Uma bolha de sangue apareceu em seus lábios. O casaco na mão de Tessa já tinha virado um farrapo ensopado. Ele arregalou os olhos, extremamente apavorado. — Tessie... Eu... estou morrendo. Estou morrendo de verdade...

Perguntas ainda explodiam na mente de Tessa. *Onde está Mortmain? Como minha mãe podia ser Caçadora de Sombras? Se meu pai era um demônio, como posso estar viva se todos os frutos de Caçadores de Sombras e demônios são natimortos?* Mas o pavor nos olhos de Nate a silenciou; apesar de tudo, deslizou a mão para a dele.

— Não há nada o que temer, Nate.

— Para você, talvez. Sempre foi... a boazinha. Eu vou arder, Tessie. Tessie, onde está seu anjo?

Ela colocou a mão na garganta, um reflexo.

— Não pude usá-lo. Eu estava fingindo ser Jessamine.

— Precisa... usar. — Tossiu. Mais sangue. — Use-o sempre. Jura?

Ela balançou a cabeça.

— Nate... — *Não posso confiar em você, Nate.*

— Eu sei — a voz de Nate saiu chocalhada. — Não existe perdão para... o tipo de coisa que tive de fazer.

Ela apertou ainda mais a mão na dele, os dedos escorregadios com o sangue.

— Eu perdoo você — sussurrou, sem saber, sem sequer se importar se era verdade ou não.

Os olhos azuis dele se arregalaram. O rosto havia se reduzido a um tom amarelado de pergaminho, e os lábios estavam quase brancos.

— *Você não sabe tudo que fiz, Tessie.*

Ela se inclinou ansiosa sobre ele.

— Nate?

Mas não obteve resposta. O rosto dele perdeu a energia, os olhos estavam arregalados, meio revirados. A mão escapou da dela e atingiu o chão.

— Nate — repetiu, e pôs os dedos onde a garganta deveria estar pulsando, já sabendo o que encontraria.

Nada. Ele estava morto.

Tessa se levantou. O colete rasgado, a camisa, até as pontas dos cabelos estavam ensopados com o sangue de Nate. Sentiu-se entorpecida, como se tivesse sido mergulhada em água gelada. Virou-se, lentamente, só agora e pela primeira vez, imaginando se os outros estariam olhando, ouvindo a conversa com Nate, pensando...

Sequer estavam olhando naquela direção. Encontravam-se ajoelhados — Charlotte, Jem e Henry — em um círculo amplo, em torno de uma forma escura no chão, exatamente onde estivera antes, com Will em cima dela.

Will.

Tessa já tinha tido sonhos nos quais caminhava por um corredor longo e escuro em direção a algo terrível; algo que não conseguia ver, mas que sabia ser

aterrorizante e mortal. Nos sonhos, a cada passo o corredor se esticava, alongando-se cada vez mais para dentro da escuridão e do horror. A mesma sensação de pavor e desamparo a assolou agora enquanto avançava, cada passo parecendo 1 quilômetro, até chegar ao círculo de Caçadores de Sombras ajoelhados e olhar para Will.

Ele estava deitado de lado. O rosto estava branco, a respiração fraca. Jem colocara uma das mãos no ombro do amigo e falava com ele em voz baixa e tranquilizante, mas Will não deu qualquer sinal de conseguir ouvi-lo. Tinha uma piscina de sangue sob o corpo, manchando o chão, e por um instante Tessa apenas ficou olhando, sem conseguir identificar a fonte. Então se aproximou e viu as costas dele. A roupa tinha sido rasgada por toda a extensão da coluna e das omoplatas, o tecido espesso dilacerado por fragmentos metálicos. A pele nadava em sangue; o cabelo estava ensopado.

— Will — sussurrou Tessa. Sentiu-se estranhamente tonta, como se estivesse flutuando

Charlotte levantou os olhos.

— Tessa — disse. — Seu irmão...

— Está morto — respondeu Tessa através do torpor. — Mas Will...?

— Ele a derrubou e cobriu para protegê-la da explosão — relatou Jem. Não tinha qualquer acusação na voz. — Mas não havia nada para protegê-lo. Vocês dois estavam perto demais. Os fragmentos de metal o atingiram nas costas. Ele está perdendo sangue muito rápido.

— Mas não há nada que possam fazer? — A voz de Tessa se elevou enquanto a tontura ameaçava envolvê-la. E os símbolos de cura? *Iratzes*?

— Utilizamos um *amissio*, um símbolo que desacelera a perda de sangue, mas se tentarmos um de cura, a pele vai se curar sobre o metal, enterrando-o ainda mais no tecido interno — disse Henry, secamente. — Precisamos levá-lo para casa, para a enfermaria. O metal precisa ser removido antes de podermos curá-lo.

— Então temos de ir. — A voz de Tessa estava trêmula. — Temos...

— Tessa — disse Jem. Ainda estava com a mão no ombro de Will, mas olhava

para ela, com os olhos arregalados. — Sabe que está machucada?

Ela gesticulou impacientemente para a própria camisa.

— Este sangue não é meu. É de Nate. Agora temos de... ele pode ser carregado? Tem alguma coisa...

— Não — interrompeu Jem, brusco o suficiente para surpreendê-la. — Não o sangue nas suas roupas. Está com um corte na cabeça. Aqui. — Ele tocou a própria têmpora.

— Não seja ridículo — disse Tessa. — Estou ótima. — Levantou a mão para tocar a têmpora e sentiu o cabelo espesso e duro por causa do sangue, a lateral do rosto grudenta, antes de as pontas dos dedos tocarem a pele rasgada que se estendia do canto da bochecha à têmpora. Uma pontada aguda de dor atravessou sua cabeça.

Foi a última gota. Já enfraquecida pela perda de sangue e tonta pelos sucessivos choques, sentiu que começava a sucumbir. Mal sentiu os braços de Jem a envolverem quando caiu na escuridão.

17
Nos Sonhos

Venha a mim nos meus sonhos, e em seguida
Amanhecendo estarei bem.
Pois então à noite serei mais que compensado
Pelo dia em desejo desesperançado.
— Matthew Arnold, "Longing"

A consciência veio e foi em ritmo hipnótico, como o mar surgindo e desaparecendo no convés de um navio galgando águas tempestuosas. Tessa sabia que estava em uma cama com lençóis brancos no centro de um cômodo comprido; que havia outros leitos, todos iguais, naquele recinto; e que havia janelas no alto que permitiam a entrada de sombras, e depois da luz de sangue do amanhecer. Fechou os olhos outra vez contra a luminosidade, e a escuridão voltou.

Acordou com vozes sussurrantes e faces pairando sobre ela, ansiosas. Charlotte, com os cabelos cuidadosamente presos, ainda uniformizada, e a seu lado viu o Irmão Enoch. O rosto cheio de cicatrizes já não era pavoroso. Ouvia a voz dele na mente.

O ferimento na cabeça dela é superficial.

— Mas ela desmaiou — disse Charlotte. Para surpresa de Tessa, havia medo

verdadeiro na voz dela, ansiedade real. — Com um golpe na cabeça...

Ela desmaiou pela sucessão de choques. O irmão morreu em seus braços, você disse? E pode ter achado que Will também estava morto. Falou que ele a cobriu com o próprio corpo no momento da explosão. Se ele tivesse morrido, teria abdicado da vida para salvar a dela. É um grande fardo para se carregar.

— Mas acha que ela ficará bem?

Quando o corpo e o espírito tiverem repousado, ela vai despertar. Não sei quando será.

— Minha pobre Tessa. — Charlotte tocou levemente o rosto de Tessa. Suas mãos estavam com cheiro de sabão de limão. — Ela não tem mais ninguém no mundo...

A escuridão voltou, e Tessa sucumbiu a ela, grata por descansar da luz e dos pensamentos. Deixou-se envolver e se permitiu flutuar, como os icebergs na costa do Labrador, embalados pelo luar e pela água negra e gelada.

Um grito gutural de dor interrompeu seu sonho com a escuridão. Estava encolhida de lado em um emaranhado de lençóis, e a algumas camas de distância da sua encontrava-se Will, de bruços. Ela percebeu — embora graças a seu estado de torpor não tenha ficado muito chocada — que ele provavelmente estava nu; os lençóis o cobriam até a cintura, mas as costas e o peito estavam expostos. Os braços estavam cruzados sobre os travesseiros diante dele, a cabeça apoiada neles, o corpo tenso como a corda de um arco. Os lençóis brancos sob o corpo estavam manchados de sangue.

O Irmão Enoch estava de um lado da cama, e ao lado dele encontrava-se Jem, perto da cabeça de Will, com uma expressão ansiosa.

— Will — dizia Jem com urgência. — Will, tem certeza de que não quer mais um símbolo para dor?

— Não... mais — disse Will, através dos dentes cerrados. — Acabe logo com isso.

O Irmão Enoch ergueu o que parecia uma perversa pinça afiada. Will engoliu em seco e enterrou a cabeça nos braços, os cabelos negros contrastando com os lençóis. Jem estremeceu como se a dor fosse nele quando a pinça penetrou fundo nas costas de Will e o corpo dele se retesou na cama, os músculos enrijecendo sob a pele, o grito de agonia breve e abafado. O Irmão Enoch puxou a ferramenta, que segurava um caco metálico ensanguentado.

Jem pôs a mão na de Will.

— Aperta minha mão. Vai ajudar com a dor. Faltam apenas mais alguns.

— Para você... é fácil falar — engasgou Will, mas o toque do *parabatai* pareceu relaxá-lo ligeiramente. Estava arqueado, com os cotovelos afundados no colchão, a respiração curta. Tessa sabia que devia desviar o olhar, mas não conseguia. Percebeu que nunca tinha visto tanto de um corpo masculino antes, nem mesmo o de Jem. Descobriu-se fascinada pela forma como o músculo esguio deslizava sob a pele suave de Will, o inchaço e o relaxamento de seus braços, a barriga dura e lisa tremendo enquanto ele respirava.

A pinça brilhou novamente — a mão de Will apertou a de Jem, e os dedos de ambos embranqueceram. Sangue brotou e escorreu pela lateral nua de Will. Não emitiu nenhum ruído, apesar de Jem parecer enjoado e pálido. Moveu a mão como se pretendesse tocar o ombro de Will, em seguida a recolheu, mordendo o lábio.

Tudo isto porque Will cobriu meu corpo com o dele para me proteger, pensou Tessa. Como dissera o Irmão Enoch, era de fato um fardo muito pesado.

Ela estava em sua cama estreita no antigo quarto no apartamento de Nova York. Através da janela, via o céu cinzento, os telhados de Manhattan. Uma das colchas de retalhos coloridas da tia estava na cama, e ela a segurava quando a porta se abriu e a tia entrou.

Sabendo o que sabia agora, Tessa pôde ver a semelhança. Tia Harriet tinha olhos azuis, cabelos claros desbotados; até o formato do rosto era como o de Nate. Com um sorriso, ela veio e se inclinou sobre Tessa, colocando na testa da sobrinha

uma das mãos, fria contra a pele quente de Tessa.

— Sinto muito — sussurrou Tessa. — Por Nate. É culpa minha ele estar morto.

— Nada disso — disse a tia. — Não é culpa sua. É culpa dele e minha. Sempre senti muita culpa, sabe, Tessa. Por saber que eu era mãe dele mas sem suportar a ideia de contar. Permiti que ele fizesse tudo que queria, até que se tornou mimado além de qualquer possibilidade de salvação. Se eu tivesse revelado que era mãe dele, Nate não teria se sentido tão traído quando descobriu a verdade, e não teria se voltado contra nós. Segredos e mentiras, Tessa, são como um câncer na alma. Corroem o que é bom e deixam apenas destruição.

— Sinto tanto a sua falta — disse Tessa. — Agora não tenho família...

A tia se inclinou para beijá-la na testa.

— Você tem mais família do que pensa.

— Muito provavelmente vamos perder o Instituto agora — disse Charlotte. Não soava triste, mas distante e desprendida. Tessa pairava como um fantasma pela enfermaria, olhando para onde Charlotte e Jem estavam, ao pé de sua cama. Tessa se viu dormindo, os cabelos escuros espalhados como um leque sobre o travesseiro. Will dormia a algumas camas de distância, com as costas cheias de curativos e um *iratze* preto na nuca. Sophie, com a touca branca e o vestido escuro, espanava os parapeitos. — Perdemos Nathaniel Gray como fonte, uma das nossas se revelou espiã, e não estamos mais perto de encontrar Mortmain do que estávamos há duas semanas.

— Depois de tudo que fizemos e descobrimos? A Clave vai entender...

— Não vão. Já estão no limite no que se refere a mim. Posso muito bem ir até a casa de Benedict Lightwood e refazer a papelada do Instituto em nome dele. Acabar logo com isso.

— O que Henry acha disso tudo? — perguntou Jem, que, assim como Charlotte, não estava mais de uniforme. Ele usava uma camisa branca e calças de tecido marrom, enquanto Charlotte trajava um de seus vestidos escuros sem graça. Quando Jem virou a mão, contudo, Tessa viu que ainda estava suja com o

sangue seco de Will.

Charlotte bufou de um jeito nada feminino.

— Ah, Henry — disse, soando exausta. — Acho que ele está tão chocado, porque um dos seus dispositivos realmente funcionou, que não sabe nem o que fazer. E não suporta a ideia de vir até aqui. Ele se sente culpado por Will e Tessa estarem machucados.

— Sem aquela peça poderíamos estar todos mortos e Tessa nas mãos do Magistrado.

— Tente explicar isso a ele. Eu já desisti.

— Charlotte... — A voz de Jem estava suave. — Eu sei o que as pessoas dizem. Sei que você já ouviu fofocas cruéis. Mas Henry ama você. Quando ele achou que você estivesse machucada lá no armazém de chá, quase enlouqueceu. Ele se jogou naquela máquina...

— James. — Charlotte afagou desajeitadamente o ombro de Jem. — Aprecio sua tentativa de me consolar, mas mentiras não trazem bem algum no fim das contas. Há muito tempo aceitei que Henry ama as invenções em primeiro lugar, e a mim em segundo, se é que ama.

— Charlotte — disse Jem, exaurido, mas antes que pudesse acrescentar qualquer outra palavra, Sophie já estava ao lado dele, com um pano na mão.

— Sra. Branwell — falou com a voz baixa. — Se eu puder falar com a senhora por um instante.

Charlotte pareceu surpresa.

— Sophie...

— Por favor, senhora.

Charlotte colocou uma das mãos no ombro de Jem, falou alguma coisa suavemente ao ouvido dele e em seguida acenou com a cabeça para Sophie.

— Muito bem. Venha comigo até a sala de estar.

Enquanto Charlotte saía do recinto com Sophie, Tessa percebeu, surpresa, que Sophie era mais alta que a patroa. Charlotte tinha uma presença tão forte que era fácil esquecer o quanto era pequena. E Sophie era tão alta quanto Tessa, e

magra como um salgueiro. Tessa repassou a imagem mental dela com Gideon Lightwood, pressionada contra a parede do corredor, e ficou preocupada.

Quando a porta se fechou atrás das duas, Jem se inclinou para a frente, com os braços cruzados sobre o pé da cama metálica de Tessa. Estava olhando para ela, sorrindo um pouco, apesar de ser um sorriso torto, as mãos caindo pelas laterais do corpo, sangue seco nas juntas e sob as unhas.

— Tessa, minha Tessa — disse, com a voz suave, tão melódica quanto seu violino. — Sei que não pode me ouvir. O Irmão Enoch disse que seu machucado não é sério. Não posso dizer que isso é o bastante para me confortar. É mais ou menos como quando Will me garante que só estamos um pouco perdidos em algum lugar. Sei que isso significa que não veremos nenhuma rua familiar durante horas.

Ele diminuiu a voz, deixando-a tão baixa que Tessa não teve certeza se o que falou em seguida foi real ou parte da escuridão do sonho que ascendia para envolvê-la, apesar de ela lutar contra.

— Nunca nem me importei — prosseguiu. — Em ficar perdido, quero dizer. Sempre achei que ninguém pudesse se perder de verdade se conhecesse o próprio coração. Mas temo ficar perdido sem conhecer o seu. — Jem fechou os olhos como se estivesse exausto, e ela viu o quão finas eram as pálpebras dele, como pergaminho, e o quanto ele parecia cansado. — *Wo ai ni*, Tessa — sussurrou. — *Wo bu xiang shi qu ni*.

Ela soube, sem ter ideia de como, o que as palavras significavam.

Eu te amo.

E não quero perdê-la.

Também não quero perdê-lo, queria dizer, mas as palavras não vieram. Em vez disso, o cansaço venceu, e uma onda escura a cobriu em silêncio.

Escuridão.

Estava escuro na cela, e a primeira coisa que Tessa percebeu foi a sensação de muita solidão e pavor. Jessamine estava deitada na cama estreita, com os cabelos

claros caídos sobre os ombros. Tessa pairou sobre ela e, ao mesmo tempo, de alguma forma, sentiu que tocava sua mente. Sentia a profunda dor da perda. De algum jeito, Jessamine sabia que Nate estava morto. Antes, quando Tessa tentara tocar a mente da menina, tinha encontrado resistência, mas agora sentiu apenas uma tristeza crescente, como uma mancha de tinta preta espalhando-se pela água.

Os olhos castanhos de Jessie estavam abertos, fixos na escuridão. Não tenho nada. *As palavras foram tão claras quanto um sino na mente de Tessa.* Escolhi Nate e traí os Caçadores de Sombras, e agora ele está morto, Mortmain também vai me querer morta, e Charlotte me despreza. Apostei e perdi tudo.

Enquanto Tessa observava, Jessamine esticou a mão e retirou um pequeno cordão do pescoço por cima da cabeça. Dele pendia um anel dourado com uma pedra branca brilhante — um diamante. Segurando-o entre os dedos, começou a utilizar o diamante para marcar letras na parede de pedra.

JG.

Jessamine Gray.

Talvez houvesse mais nesse recado, mas Tessa jamais descobriria, enquanto Jessamine pressionava a pedra, esta se quebrou, e a mão dela bateu na parede, arranhando as juntas.

Tessa não precisava tocar a mente de Jessamine para saber o que ela estava pensando. Nem o diamante era verdadeiro. Com um grito baixo, Jessamine rolou e enterrou o rosto nos cobertores ásperos da cama.

Quando Tessa acordou novamente estava escuro. Uma luz fraca vinda das estrelas penetrava as altas janelas da enfermaria, e sobre a mesa ao lado da cama havia uma lâmpada de luz enfeitiçada. Perto desta, uma xícara de chá soltando vapor e um pratinho de biscoitos. Tessa sentou-se, prestes a alcançar a xícara... e congelou.

Will estava sentado na cama ao lado da dela, com uma camisa folgada, calças e um roupão preto. Sua pele estava pálida sob a luz das estrelas, mas nem mesmo a pouca luminosidade conseguia desbotar o azul dos seus olhos.

— Will — disse ela, alarmada —, o que você está fazendo acordado? — Será que ele a estava observando *dormir*, imaginou? Mas que coisa esquisita de Will fazer.

— Trouxe um chá —disse ele, um pouco tenso. — Mas você parecia estar tendo um pesadelo.

— Parecia? Mas eu nem me lembro o que sonhei. — Ela puxou as cobertas sobre si, apesar de já estar mais do que coberta pela modesta camisola. — Achei que estivesse escapando para o sonho, que a vida real era o pesadelo e que o sono era onde eu poderia ficar em paz.

Will pegou a xícara e foi sentar-se ao lado dela na cama.

— Aqui. Beba isto.

Tessa pegou a xícara, obediente. O chá tinha um gosto amargo, porém convidativo, como um tempero de limão.

— O que isto faz? — perguntou.

— Acalma — respondeu Will.

Ela olhou para ele, com gosto de limão na boca. Parecia haver um torpor em seus olhos, vendo através dele, Will parecia algo saído de um sonho.

— Como estão seus ferimentos? Está com dor?

Ele negou, balançando a cabeça.

— Depois que o metal foi retirado, conseguiram usar um *iratze* — explicou. — Os ferimentos não estão completamente curados, mas estão fechando. Até amanhã não passarão de cicatrizes.

— Que inveja. — Ela tomou mais um gole do chá. Estava começando a deixá-la tonta. Tessa tocou o curativo na testa. — Acredito que vá demorar muito até eu poder tirar isto.

— Enquanto isso, pode curtir o visual de pirata.

Ela riu, mas a risada soou trêmula. Will estava perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor irradiando dele. Estava quente como uma fornalha.

— Está com febre? — perguntou, antes que pudesse se conter.

— O *iratze* eleva a temperatura do corpo. É parte do processo de cura.

— Ah — disse ela. Tê-lo tão perto estava causando tremores em seus nervos, mas ela estava tonta demais para se afastar.

— Sinto muito pelo seu irmão — disse ele, suavemente, a respiração agitando o cabelo dela.

— Não pode sentir — disse Tessa, amargamente. — Sei que você acha que ele mereceu. E provavelmente é verdade.

— Minha irmã morreu. Ela morreu, e não havia nada que eu pudesse ter feito — revelou, e tinha um pesar cru na voz. — Eu *sinto* muito pelo seu irmão.

Tessa olhou para ele. Os olhos, grandes e azuis, aquele rosto perfeito, o formato proeminente da boca, curvada para baixo nos cantos em sinal de preocupação. Preocupação por *ela*. A própria pele de Tessa parecia quente e tesa, a cabeça leve e arejada, como se estivesse flutuando.

— Will — sussurrou. — Will, estou me sentindo muito estranha.

Will se inclinou sobre ela para repousar a xícara na mesa, e seu ombro tocou o dela.

— Quer que eu busque Charlotte?

Tessa balançou a cabeça. Estava sonhando. Tinha quase certeza; tinha a mesma sensação — de estar no corpo e ao mesmo tempo não estar — que tivera quando sonhara com Jessamine. Saber que era um sonho a deixou mais corajosa. Will continuava inclinado para a frente, com o braço estendido; ela se encolheu contra ele e colocou a cabeça em seu ombro, fechando os olhos. Sentiu nele um espasmo de surpresa.

— Eu machuquei você ? — sussurrou, lembrando-se tardiamente das costas dele.

— Não me importo — respondeu ele, ardentemente. — Não me importo. — Os braços de Will a envolveram; ela repousou a bochecha na junção calorosa entre o pescoço e o ombro. Ouviu o eco da pulsação de Will e sentiu o cheiro dele, sangue, suor, sabonete e magia. Não foi como na varanda, uma mistura de fogo e desejo. Ele a segurou cuidadosamente, apoiando a cabeça no cabelo dela. Will tremia enquanto seu peito subia e descia, conforme deslizava os dedos

hesitantemente sob o queixo de Tessa, erguendo seu rosto...

— Will — disse Tessa. — Tudo bem. Não importa o que fizer. Você sabe, estamos sonhando.

— Tess? — Will pareceu alarmado. Apertou os braços em volta dela. Ela se sentiu morna, suave e tonta. Se ao menos Will realmente fosse assim, pensou, e não apenas nos sonhos. A cama se moveu sob ela como um barco no oceano. Tessa fechou os olhos e se deixou levar pela escuridão.

O ar noturno estava frio, a névoa espessa e verde-amarelada sob as piscinas de luz intermitente vinda dos postes enquanto Will descia a King's Road. O endereço que Magnus lhe dera ficava em Cheyne Walk, perto de Chelsea Embankment e Will já sentia o cheiro familiar do rio, feito de areia e água, de sujeira e podridão.

Vinha tentando impedir que o coração saltasse do peito desde que encontrara o bilhete de Magnus, cuidadosamente dobrado em uma bandeja sobre sua cabeceira. Não continha nada além de um breve endereço rabiscado: *16 Cheyne Walk*. Will estava familizarizado com a área. Chelsea, perto do rio, era um ponto popular para artistas e literatos e as janelas dos estabelecimentos pelos quais passava brilhavam com luzes amarelas receptivas.

Apertou mais o casaco ao dobrar uma esquina, dirigindo-se ao sul. Suas costas e pernas ainda doíam em virtude dos ferimentos, apesar dos *iratzes*; a sensação era de ter sido picado por dúzias de abelhas. E mesmo assim ele mal sentia. A cabeça voltada para várias possibilidades. O que Magnus havia descoberto? Certamente não chamaria Will sem motivo. Estava com o corpo repleto de Tessa, da sensação e do cheiro dela. Estranhamente, o que mais feria seu coração e sua cabeça não era a lembrança dos lábios dela na noite do baile, mas a maneira como ela havia se apoiado sobre ele essa noite, com a cabeça em seu ombro, a respiração suave em seu pescoço, como se confiasse plenamente nele. Ele daria tudo que tinha e tudo que jamais teria só para se deitar ao lado dela na cama estreita da enfermaria e abraçá-la enquanto dormia. Afastar-se dela

foi como arrancar a própria pele, mas foi o que precisou fazer.

Como sempre tivera de fazer. Como sempre fora obrigado a se privar de tudo que queria.

Mas talvez... depois dessa noite...

Cortou o pensamento antes que se enraizasse. Melhor não pensar; melhor não ter esperança e se decepcionar. Olhou em volta. Estava em Cheyne Walk agora, com suas casas requintadas de fachadas georgianas. Parou em frente ao número 16. Era uma construção alta, com uma grade de metal fundido e uma grande janela de sacada. Na grade havia um portão ornamentado, aberto. Will entrou e foi até a porta da frente, onde tocou a campainha.

Para sua grande surpresa, não foi aberta por um lacaio, mas por Woolsey Scott, cujos cabelos louros emaranhados iam até os ombros. Estava com um roupão verde-escuro de tecido chinês, calças escuras e o peito nu. Tinha um monóculo de contorno dourado equilibrado em um dos olhos. Trazia um cachimbo na mão esquerda e, ao examinar Will, exalou uma nuvem de fumaça com cheiro adocicado.

— Finalmente sucumbiu e admitiu que está apaixonado por mim? — perguntou a Will. — Gosto destas declarações-surpresa no meio da noite. — Apoiou-se na moldura da porta e acenou com a mão lânguida e cheia de anéis. — Pois bem, prossiga.

Pela primeira vez, Will ficou sem ter o que dizer. Não era algo que costumava acontecer, e foi obrigado a admitir que não gostava.

— Oh, deixe-o em paz, Woolsey. — Uma voz familiar falou de dentro da casa: Magnus, apressando-se pelo corredor. Ele estava ajeitando os punhos da camisa enquanto se aproximava, e seus cabelos eram um emaranhado preto e denso. — Eu disse que Will viria.

Will olhou de Magnus para Woolsey. Magnus estava descalço, assim como o lobisomem. Woolsey tinha uma corrente de ouro brilhante no pescoço, com um pingente que dizia *Beati Bellicosi*, "Abençoados são os guerreiros". Abaixo, havia o desenho de uma pata de lobo. Scott notou que Will estava encarando e sorriu.

— Gosta do que está vendo? — perguntou.

— *Woolsey* — disse Magnus.

— Seu bilhete *tinha* alguma coisa a ver com evocação do demônio, não tinha? — perguntou Will, olhando para Magnus. — Não está... cobrando o favor, está?

Magnus balançou a cabeça desgrenhada.

— Não. Trata-se de negócios, nada mais. Woolsey foi gentil o bastante para me hospedar enquanto decido o que fazer em seguida.

— Sugiro irmos para Roma — declarou Scott. — Adoro Roma.

— Muito bem, mas primeiro preciso usar uma sala, de preferência uma que não tenha nada, ou quase nada dentro.

Scott retirou o monóculo e olhou para Magnus.

— E você vai fazer *o que* na tal sala? — O tom do lobisomem era mais do que sugestivo.

— Invocar o demônio Marbas — respondeu Magnus, sorrindo.

Scott engasgou com a fumaça do cachimbo.

— Suponho que tenhamos ideias diferentes sobre em que consiste uma noite agradável...

— Woolsey. — Magnus passou as mãos pelos cabelos negros. — Detesto mencionar o assunto, mas você me deve essa. Hamburgo? 1863?

Scott jogou as mãos para cima.

— Ah, muito bem. Pode ser o quarto do meu irmão. Não é usado desde que ele morreu. Aproveite. Estarei na sala de estar com uma taça de espumante e algumas xilogravuras um tanto indecentes que importei da Romênia.

Com isso, ele se virou e afastou-se pelo corredor. Magnus acenou para Will entrar, o que ele fez de bom grado, o calor da casa envolvendo-o como um cobertor. Como não havia lacaio, ele retirou o casaco azul de lã e o apoiou no próprio braço enquanto Magnus o observava com um olhar curioso.

— Will — disse ele. — Vejo que não perdeu tempo após receber meu bilhete, não o esperava antes de amanhã.

— Você sabe o que isto significa para mim — declarou Will. — Realmente

achou que eu adiaria mais?

Os olhos de Magnus investigaram o rosto do Caçador de Sombras.

— Está preparado — disse ele. — Para que isto fracasse? Para que o demônio não seja o certo? Para a invocação não funcionar?

Por um longo instante Will não conseguiu se mover. Viu o próprio rosto no espelho perto da porta. Ficou horrorizado ao ver o quão desarmado estava — como se não houvesse mais nenhuma parede entre o mundo e os desejos do seu coração.

— Não — respondeu. — Não estou preparado.

Magnus balançou a cabeça.

— Will... — suspirou. — Venha comigo.

Virou-se com a graça felina, percorreu o corredor e subiu a escada curvilínea de madeira. Will foi atrás, atravessando a escadaria sombria, o tapete persa nos degraus abafando seus passos. Vãos nas paredes continham estátuas de corpos entrelaçados feitas de mármore polido. Will desviou o olhar apressadamente, depois olhou de novo. Magnus não parecia estar prestando atenção ao que Will fazia, e ele honestamente nunca tinha imaginado que duas pessoas pudessem se *colocar* em uma posição daquelas, quanto mais fazer parecê-la artística.

Chegaram ao segundo andar e Magnus seguiu pelo corredor, abrindo portas ao passar e murmurando para si mesmo. Quando finalmente encontrou o quarto certo, empurrou a porta e acenou para Will segui-lo.

O quarto do falecido irmão de Woolsey Scott era escuro e frio, e o ar cheirava a poeira. Will automaticamente procurou sua pedra de luz enfeitiçada, mas Magnus acenou para ele deixar isso para lá, acendendo um fogo azul com as pontas dos dedos. De repente, uma fogueira rugiu na lareira, iluminando o recinto. *Era* mobiliado, apesar de estar tudo coberto por panos brancos — a cama, o armário e as cômodas. Enquanto Magnus atravessava o quarto, puxando as mangas e gesticulando, a mobília começou a deslizar do centro do quarto. A cama rodopiou até a parede; as cadeiras, mesas e o lavatório voaram para os cantos do quarto.

Will assobiou. Magnus sorriu.

— Facilmente impressionável — observou Magnus, apesar de soar ligeiramente sem fôlego. Ele se ajoelhou no centro do quarto, agora vazio, e desenhou um pentagrama apressadamente. Em cada ponta da representação colocou um símbolo, apesar de Will não reconhecer nenhum do Livro Cinza. Magnus ergueu os braços e os estendeu por cima da estrela; começou a entoar um cântico, e rasgos se abriram nos seus pulsos, derramando sangue no centro do pentagrama. Will ficou tenso quando o sangue atingiu o chão e começou a arder com um brilho azul sombrio. Magnus recuou para fora do pentagrama, ainda entoando, pôs a mão no bolso e retirou o dente do demônio. Enquanto Will observava, Magnus jogou o objeto no centro da estrela agora em chamas.

Por um instante nada aconteceu. Em seguida, do núcleo ardente do fogo, uma forma escura começou a se materializar. Magnus havia parado de cantar; estava imóvel, os olhos semicerrados, focados no pentagrama e no que acontecia ali dentro. Os cortes em seus braços se fechavam rapidamente. Havia pouco barulho no recinto, apenas o estalo do fogo e a respiração pesada de Will, audível aos próprios ouvidos, enquanto a forma escura crescia em tamanho — fundia-se, e, finalmente, assumia um formato sólido e familiar.

Era o demônio azul da festa, não mais vestindo trajes a rigor. Tinha o corpo coberto por escamas azuis e uma cauda amarelada e longa, com um ferrão na ponta, que balançava de um lado para o outro. O demônio olhou de Magnus para Will, estreitando os olhos vermelhos.

— *Quem invoca o demônio Marbas?* — perguntou, com uma voz que dava a impressão de que as palavras ecoavam do fundo de um poço.

Magnus apontou com o queixo para o pentagrama. O recado ficou claro: o assunto agora era com Will.

Will deu um passo para a frente.

— Não se lembra de mim?

— *Lembro-me de você* — rosnou o demônio. — *Você me perseguiu pelo terreno da casa de campo dos Lightwood. Arrancou um dos meus dentes.* — Ele

abriu a boca, mostrando o buraco. — *Senti o gosto do seu sangue* — sibilou. — *Quando escapar deste pentagrama, sentirei novamente, Nephilim.*

— Não — Will se manteve firme. — Estou perguntando *se você se lembra de mim.*

O demônio ficou em silêncio. Seus olhos, dançando com fogo, estavam ilegíveis.

— Cinco anos atrás — disse Will. — Uma caixa. Uma Pyxis. Eu abri, e você apareceu. Estávamos na biblioteca do meu pai. Você me atacou, mas minha irmã o repeliu com uma lâmina serafim. *Recorda-se de mim agora?*

Fez-se um longo, longo silêncio. Magnus manteve os olhos felinos fixos no demônio. Havia uma ameaça implícita neles, que Will não conseguia interpretar.

— Diga a verdade — Magnus se pronunciou afinal. — Ou vai acabar mal para você, Marbas.

A cabeça do demônio virou na direção de Will.

— *Você* — disse, relutantemente. — *Você é aquele menino. O filho de Edmund Herondale.*

Will respirou fundo. De repente sentiu-se tonto, como se fosse desmaiar. Enterrou as unhas nas palmas das mãos, com força, rasgando a pele, permitindo que a dor limpasse sua mente.

— Você se lembra.

— *Eu estava preso há vinte anos naquela coisa* — rosnou Marbas. — *Claro que me lembro de ter sido libertado. Imagine se puder, mortal idiota, anos de negritude, escuridão, sem luz ou movimento; e então a liberdade, a abertura. E o rosto do sujeito que o aprisionou pairando sobre seu olhar.*

— Eu não sou o homem que o aprisionou...

— *Não. Foi seu pai. Mas aos meus olhos você é igual a ele.* — O demônio sorriu. — *Lembro-me da sua irmã. Menina corajosa, me combatendo com aquela lâmina que mal conseguia usar.*

— Ela usou bem o suficiente para mantê-lo longe de nós. Por isso nos amaldiçoou. *Me* amaldiçoou. Lembra-se disso?

O demônio riu.

— *Todos que amarem você morrerão. O amor deles será a própria destruição. Pode ser que leve instantes, pode ser que leve anos, mas qualquer um que olhá-lo com amor vai morrer por isso, a não ser que você se afaste deles para sempre. E vou começar por ela.*

Will sentiu-se como se estivesse respirando fogo. Seu peito inteiro ardia.

— Sim.

O demônio inclinou a cabeça para o lado.

— *E você me invocou para lembrarmos deste evento compartilhado do nosso passado?*

— Eu o invoquei, seu ser azul maldito, para que retire a maldição. Minha irmã, Ella, morreu naquela noite. Deixei minha família para que ficassem seguros. Já faz cinco anos. Chega. *Chega!*

— *Não tente me despertar pena, mortal* — disse Marbas. — *Passei vinte anos de tortura naquela caixa. Talvez você devesse sofrer por vinte anos. Ou duzentos...*

O corpo inteiro de Will ficou tenso. Antes que ele pudesse se jogar em direção ao pentagrama, Magnus disse, em tom calmo:

— Alguma coisa nesta história me parece estranha, Marbas.

Os olhos do demônio se voltaram para ele.

— *O quê?*

— Um demônio, ao ser libertado de uma Pyxis, normalmente está em seu estado mais fraco, por ter passado fome por todo o tempo pelo qual esteve aprisionado. Fraco demais para rogar uma praga tão forte e sutil quanto a que alega ter colocado em Will.

O demônio sibilou alguma coisa em uma língua que Will não conhecia, uma das línguas demoníacas mais incomuns, não foi em Cthonic nem em Purgatic. Os olhos de Magnus se estreitaram.

— Mas ela morreu — disse Will. — Marbas disse que minha irmã iria morrer, e ela morreu. Naquela noite.

Os olhos de Magnus estavam fixos nos do demônio. Alguma batalha de

determinações opostas estava acontecendo em silêncio, fora do raio de compreensão de Will. Finalmente, Magnus declarou, suavemente:

— Realmente quer me desobedecer, Marbas? Deseja enfurecer meu pai?

Marbas praguejou, e se voltou para Will. O focinho do demônio estremeceu.

— *O mestiço tem razão. A maldição foi falsa. Sua irmã morreu porque a atingi com meu ferrão.* — O demônio balançou a cauda amarelada de um lado para o outro, e Will se lembrou de Ella sendo derrubada por aquele rabo, a lâmina caindo de sua mão. — *Nunca houve maldição sobre você, Will Herondale. Não imposta por mim*.

— Não — Will falou suavemente. — Não, não é possível. — Sentiu como se uma tempestade desabasse sobre sua cabeça; lembrou-se da voz de Jem dizendo *o muro está ruindo*, e visualizou a grande muralha que o cercava e o isolava há anos sucumbindo. Estava livre, e sozinho, e o vento frio o cortou como uma faca. — Não. — Sua voz tinha adquirido um tom baixo e agudo. — *Magnus*...

— Está mentindo, Marbas? — irritou-se Magnus. — Jura por Baal que está dizendo a verdade?

— *Juro* — disse Marbas, revirando os olhos vermelhos. — *Que vantagem eu teria em mentir?*

Will se ajoelhou. Estava com as mãos fechadas sobre o estômago como se estivesse tentando impedir que as entranhas escapassem. *Cinco anos*, pensou. Cinco anos desperdiçados. Ouviu a família gritando e batendo às portas do Instituto e ele ordenando que Charlotte os mandasse embora. E nunca souberam por quê. Perderam uma filha e um filho em questão de dias, e nunca souberam por quê. E os outros — Henry, Charlotte e Jem — e Tessa — e as coisas que tinha feito...

Jem é meu grande pecado.

— Will tem razão — declarou Magnus. — Marbas, você *é* um ser azul maldito. *Queime e morra!*

Em algum lugar no canto da visão de Will uma chama vermelho-escura voou em direção ao teto; Marbas gritou, um uivo de agonia interrompido tão

rapidamente quanto começara. O fedor de carne de demônio queimada preencheu o recinto. E mesmo assim, Will continuava agachado de joelhos, arfando. *Meu Deus, meu Deus, meu Deus*.

Mãos suaves tocaram seus ombros.

— Will — disse Magnus, sem qualquer humor na voz, apenas uma surpreendente gentileza. — Will, sinto muito.

— Tudo o que fiz — falou Will. Seus pulmões pareciam incapazes de receber ar o suficiente. — Todas as mentiras, meu esforço para afastar os outros, o abandono da minha família, as coisas imperdoáveis que disse a Tessa; um desperdício. Um maldito desperdício, e tudo por causa de uma mentira na qual fui burro o suficiente para acreditar.

— Você tinha 12 anos. Sua irmã estava morta. Marbas era uma criatura ardilosa. Já enganou magos poderosos, que dirá uma criança sem qualquer conhecimento do Mundo das Sombras.

Will olhou para as próprias mãos.

— Minha vida inteira acabada, destruída...

— Você tem 17 anos — disse Magnus. — Não pode ter destruído uma vida que mal viveu. E não entende o que isso significa, Will? Passou os últimos cinco anos convencido de que ninguém poderia amá-lo, porque se o fizessem morreriam. O simples fato de que continuavam sobrevivendo provava que eram indiferentes a você. Mas se enganou. Charlotte, Henry, Jem, sua família...

Will respirou fundo, e exalou. A tempestade em sua mente estava se dissipando lentamente.

— Tessa — disse ele.

— Bem — agora havia um quê de humor na voz de Magnus. Will percebeu que o feiticeiro estava ajoelhado ao seu lado. *Estou na casa de um lobisomem*, pensou Will, *com um feiticeiro me consolando e as cinzas de um demônio morto a poucos centímetros de mim. Quem poderia imaginar?* — Não posso garantir nada a respeito do que Tessa sente. Caso não tenha percebido, ela é decididamente uma menina independente. Mas você tem tanta chance de conquistá-la quanto

qualquer homem, Will, e não é isso o que queria? — Afagou o ombro de Will e recolheu a mão, levantando-se, uma sombra escura e esguia edificando-se sobre o garoto. — Se serve de consolo, pelo que observei na varanda naquela noite, acredito que ela goste bastante de você.

Magnus assistiu enquanto Will desceu pela entrada da casa. Alcançando o portão, ele parou, com a mão na tranca, como se hesitasse à beira de começar uma jornada longa e difícil. A lua havia surgido por trás das nuvens e brilhava sobre os cabelos escuros e cheios dele, e sobre o branco pálido de suas mãos.

— Muito curioso — disse Woolsey, aparecendo por trás de Magnus na entrada. A luz calorosa da casa transformara o louro-escuro do cabelo de Woolsey em dourado. Tinha cara de que estava dormindo. — Se eu não o conhecesse bem, diria que você gosta daquele menino.

— Se me conhecesse bem em que sentido, Woolsey? — perguntou Magnus, ausente, ainda observando Will e a luz do Tâmisa refletindo atrás dele.

— Ele é Nephilim — disse. — E você nunca gostou deles. Quanto ele pagou para que invocasse Marbas?

— Nada — respondeu Magnus, e agora não estava vendo mais nada, nem o rio, nem Will, apenas uma onda de lembranças: olhos, faces, lábios surgindo na memória, um amor que não sabia mais nomear. — Ele me fez um favor, do qual nem se lembra.

— Ele é muito bonito — disse Woolsey. — Para um humano.

— É muito corrompido — explicou Magnus. — Como um belo vaso que alguém um dia destruiu. Somente sorte e habilidade podem deixá-lo como antes.

— Ou magia.

— Fiz o que pude — disse Magnus suavemente enquanto Will finalmente abria a tranca e empurrava o portão. Ele passou para a calçada.

— Ele não parece muito feliz — observou Woolsey. — O que quer que tenha feito por ele...

— No momento ele está em choque — disse Magnus. — Acreditou em uma

coisa durante cinco anos, e agora percebeu que por todo esse tempo vinha encarando o mundo através de um mecanismo defeituoso; que todas as coisas que sacrificou em nome do que achava ser bom e nobre foram um desperdício, e que apenas machucou quem amava.

— Santo Deus — disse Woolsey. — Tem certeza de que o ajudou?

Will atravessou o portão e o fechou atrás de si.

— Tenho — respondeu Magnus. — É sempre melhor viver a verdade do que uma mentira. E aquela mentira o teria deixado sozinho para sempre. Pode não ter tido quase nada durante cinco anos, mas agora pode ter tudo. Um menino com essa aparência...

Woolsey riu.

— Mas ele já entregou o coração — disse Magnus. — Talvez seja melhor assim. O que ele precisa agora é amar e ser amado. Não teve uma vida fácil para alguém tão jovem. Espero que ela entenda.

Mesmo a essa distância Magnus pôde ver Will respirar fundo, endireitar os ombros e partir. Magnus tinha quase certeza de que não estava imaginando, mas Will parecia saltitar.

— Não pode salvar todos os pássaros caídos — comentou Woolsey, apoiando-se contra a parede e cruzando os braços. — Nem mesmo os que são belos.

— Salvar um já basta — disse Magnus, e, como Will não estava mais em seu campo de visão, fechou a porta da frente.

18
Até Eu Morrer

Por toda a vida aprendi a amar.
Ora de minhas artes a maior irei provar
E declamar minha paixão — céu ou lamaçal?
Ela não vai me dar o céu? Não faz mal!
— Robert Browning, "One Way of Love"

— Senhorita. Senhorita! — Tessa acordou lentamente, com Sophie sacudindo seu ombro. A luz do sol entrava pelas janelas lá no alto. A criada estava sorrindo, com os olhos acesos. — A sra. Branwell mandou que eu viesse levá-la para o quarto. Não pode ficar aqui para sempre.

— Ugh. Eu não iria querer! — Tessa sentou-se e em seguida fechou os olhos, dominada por uma tontura. — Acho que preciso de ajuda para levantar, Sophie — falou, em tom de quem se desculpa —, não estou tão firme quanto poderia.

— Claro, senhorita — Sophie esticou o braço e ajudou Tessa a ficar de pé. Apesar de magra, ela era bem forte. Tinha de ser, não é, pensou Tessa, após anos carregando fardos pesados de roupa suja enquanto subia e descia escadas, alimentando as lareiras com carvão. Tessa franziu a testa ao colocar os pés no chão e não pôde deixar de olhar para conferir se Will estava na enfermaria.

Não estava.

— Will está bem? — perguntou, enquanto Sophie a ajudava a calçar os

chinelos. — Acordei brevemente ontem e vi enquanto retiravam o metal das costas dele. Foi horrível.

Sophie resfolegou .

— Então pareceu pior do que foi. O sr. Herondale mal permitiu que pusesse uma *iratze* nele antes de sair. Partiu pela noite para fazer só o diabo sabe o quê.

— *Foi*? Podia jurar que falei com ele ontem à noite. — Já estavam no corredor, Sophie conduzindo-a com a mão suavemente pousada em suas costas. Imagens começavam a tomar forma na cabeça de Tessa. Imagens de Will ao luar, dela própria dizendo a ele que nada importava, que era apenas um sonho; e tinha sido, não?

— Deve ter sonhado, senhorita. — Haviam chegado ao quarto de Tessa, e Sophie estava distraída, tentando abrir a maçaneta sem soltá-la.

— Tudo bem, Sophie. Consigo ficar de pé sozinha.

Sophie protestou, mas Tessa insistiu com firmeza o bastante para que a copeira logo abrisse a porta e acendesse a lareira enquanto Tessa sentava-se na poltrona. Havia um bule de chá e um prato de sanduíches sobre a mesa ao lado da cama, e ela se serviu, satisfeita. Não estava mais tonta, mas se sentia cansada, com um desgaste mais espiritual do que físico. Lembrou-se do gosto amargo do chá da noite anterior e da sensação de ser abraçada por Will — mas aquilo tinha sido um sonho. Perguntava-se o quanto do que vira no dia anterior teria sido irreal — Jem suspirando ao pé da cama, Jessamine chorando nos lençóis na Cidade do Silêncio...

— Sinto muito pelo seu irmão, senhorita. — Sophie estava ajoelhada perto da lareira, as chamas projetando luzes em seu rosto adorável. Estava com a cabeça abaixada e Tessa não via a cicatriz.

— Não precisa dizer isso, Sophie. Sei que foi culpa dele, na verdade, o que aconteceu a Agatha... e Thomas...

— Mas ele era seu irmão. — A voz de Sophie soou firme. — O sangue fala mais alto. — Ela se curvou ainda mais sobre as brasas e alguma coisa na gentileza de sua voz e na forma como seus cabelos cacheavam, escuros e vulneráveis, na

nuca fez Tessa dizer:

— Sophie, eu a vi com Gideon no outro dia.

Sophie imediatamente ficou tensa, o corpo todo enrijecido, sem olhar para Tessa.

— Como assim, senhorita?

— Voltei para buscar meu colar — relatou Tessa —, meu anjo mecânico, para dar sorte. E a vi com Gideon no corredor. — Engoliu em seco. — Ele estava... apertando sua mão. Como um pretendente.

Fez-se um silêncio muitíssimo longo enquanto Sophie olhava para o fogo. Finalmente falou:

— Vai contar para a sra. Branwell?

Tessa se encolheu.

— O quê? Sophie, não! Eu só... queria alertá-la.

A voz de Sophie estava seca.

— Alertar contra o quê?

— Os Lightwood... — Tessa engoliu em seco. — Não são boas pessoas. Quando estive na casa deles, com Will, vi coisas terríveis, horrorosas...

— São coisas do sr. Lightwood, não dos filhos! — O tom estridente da voz de Sophie fez Tessa se encolher. — Eles não são como o pai!

— Quão diferentes podem ser?

Sophie ficou de pé, o atiçador estalando no fogo.

— Acha que sou tonta o suficiente para permitir que um cavalheiro indigno zombe de mim depois de tudo que passei? Depois de tudo que a sra. Branwell me ensinou? Gideon é um bom rapaz...

— É uma questão de criação, Sophie! Consegue imaginá-lo indo até Benedict Lightwood e dizendo que quer se casar com uma mundana, copeira ainda por cima? Consegue visualizá-lo fazendo isso?

O rosto de Sophie se contorceu.

— A senhorita não sabe de nada — respondeu. — Não sabe o que ele faria por nós...

— Está falando do *treinamento*? — Tessa estava incrédula. — Sophie, sinceramente...

Mas Sophie, balançando a cabeça, havia recolhido as saias e se retirado, deixando a porta se fechar atrás de si.

Charlotte, com os cotovelos na mesa da sala de estar, suspirou, amassou o décimo quarto pedaço de papel e o jogou na lareira. O fogo faiscou por um instante, consumindo a folha, que escureceu e ruiu em cinzas.

Ela pegou a caneta, mergulhou na tinta, e começou novamente.

Eu, Charlotte Mary Branwell, filha de Nephilim, através desta e a partir desta data, entrego a exoneração do cargo de diretora do Instituto de Londres, em meu nome e do meu marido, Henry Jocelyn Branwell...

— Charlotte?

A mão dela fez um movimento brusco, traçando uma mancha de tinta pelo papel e estragando a letra cuidadosa. Ela levantou o olhar e viu Henry ao lado da mesa, com uma expressão preocupada no rosto fino e sardento. Ela repousou a caneta. Teve consciência, como sempre tinha com Henry e raramente em outras ocasiões, de sua aparência física — de que o cabelo estava escapando do coque, o vestido não era novo e estava manchado de tinta na manga, e que seus olhos estavam cansados e inchados de tanto chorar.

— O que foi, Henry?

Henry hesitou.

— É que eu estive... Querida, o que você está escrevendo? — Ele circulou a mesa, olhando por cima do ombro da esposa. — *Charlotte*! — Ele arrancou o papel da mesa; apesar de as letras estarem manchadas de tinta, boa parte do que fora escrito ainda era legível para que ele compreendesse. — Renunciar ao Instituto? Como pode?

— É melhor isso do que ser destituída pelo Cônsul Wayland — disse Charlotte, baixinho.

— Quer dizer "destituídos"? — Henry pareceu magoado. — Não posso ao

menos opinar?

— Você nunca se interessou pela direção do Instituto antes. Por que se interessaria agora?

Foi como se Henry tivesse sido estapeado por ela, e Charlotte precisou se esforçar muito para não se levantar, abraçá-lo e lhe dar um beijo na face sardenta. Lembrou-se de quando se apaixonara por ele, de como o achava parecido com um cachorrinho adorável, com as mãos grandes demais para o corpo, os enormes olhos cor de âmbar, o comportamento ávido. Sempre acreditou que a mente por trás daqueles olhos era afiada e inteligente tanto quanto a dela, mesmo quando os outros riam das excentricidades de Henry. Ela sempre pensou que bastaria estar perto dele e amá-lo, independentemente de haver ou não retribuição. Mas isso foi antes.

— Charlotte — disse ele. — Sei por que está brava comigo.

Charlotte levantou o rosto, surpresa. Ele realmente seria perceptivo a esse ponto? Apesar da conversa com o Irmão Enoch, achou que ninguém tivesse notado. Ela mesma mal tinha conseguido pensar no assunto, quanto mais no tipo de reação que Henry teria ao saber.

— Sabe?

— Porque não a acompanhei à reunião com Woolsei Scott.

Alívio e decepção se acumularam no peito de Charlotte.

— Henry — suspirou. — Isso dificilmente poderia...

— Não percebi — explicou ele. — Às vezes fico tão envolvido com minhas ideias. Você sempre soube que eu sou assim, Lottie.

Charlotte enrubesceu. Ele raramente a chamava assim.

— Eu mudaria se pudesse. Dentre todas as pessoas, pensei que você entendesse. Você sabe... Você sabe que não é bobagem para mim. Sabe que quero criar alguma coisa que torne o mundo melhor, que melhore as coisas para os Nephilim. Assim como você, na direção do Instituto. E apesar de saber que sempre virei em segundo lugar para você...

— Segundo lugar para *mim*? — A voz de Charlotte se elevou a um ganido

incrédulo. — *Você* em segundo lugar para *mim*?

— Tudo bem, Lottie — disse Henry, com grande gentileza. — Sabia quando aceitou se casar comigo que era apenas porque precisava ser casada para dirigir o Instituto. Sabia que ninguém aceitaria uma mulher sozinha na posição de diretora...

— Henry — Charlotte se levantou, trêmula —, como pode dizer coisas tão terríveis a meu respeito?

Henry pareceu pasmo.

— Pensei que fosse assim...

— Pensa que não sei por que se casou comigo? — gritou Charlotte. — Pensa que não sei sobre o dinheiro que seu pai devia ao meu, ou que meu pai prometeu perdoar a dívida se você se casasse comigo? Ele sempre quis um menino, alguém para assumir o Instituto depois dele. E como não conseguiu isso, bem... por que não *pagar* para casar sua filha incasável, sem graça demais, determinada demais, com um pobre rapaz que só estava cumprindo com obrigações familiares?

— CHARLOTTE. — Henry tinha ficado completamente vermelho. Ela nunca o vira tão enfurecido. — DE QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FALANDO?

Charlotte se apoiou na mesa.

— Sabe muito bem — disse. — Foi por isso que se casou comigo, não foi?

— Nunca me falou uma palavra sobre isso até hoje!

— Por que falaria? Não é nada que você não saiba.

— Eu não sabia. — Os olhos de Henry estavam ardendo. — Não sei nada sobre meu pai ter dívidas com o seu. Eu o procurei de boa-fé e solicitei que me concedesse a honra de me permitir pedi-la em casamento. Nunca houve qualquer discussão financeira!

Charlotte prendeu o fôlego. Nos anos em que foram casados, ela nunca tinha conversado com Henry sobre as circunstâncias do noivado; nunca pareceu haver razão para isso, e ela nunca quis escutá-lo gaguejar negações a respeito do que ela sabia ser verdade. Seu próprio pai não tinha lhe dito isso quando contou sobre o pedido de Henry? *Ele é um homem bom o bastante, melhor do que o pai, e você*

precisa de uma espécie de marido, Charlotte, se for dirigir o Instituto. Eu perdoei as dívidas do pai dele, então este problema entre nossas famílias está encerrado.

Claro, não tinha dito, não diretamente, que tinha sido *por isso* que Henry havia feito o pedido. Ela presumiu...

— Você não é sem graça — disse Henry, com o rosto ainda em chamas —, você é linda. E eu não pedi ao seu pai para me casar com você por obrigação; o fiz porque a amo. Sempre amei. Sou seu *marido*.

— Não pensei que quisesse ser — sussurrou.

Henry estava balançando a cabeça.

— Sei que as pessoas me chamam de excêntrico. Peculiar. Até mesmo de louco. Todas essas coisas. Nunca me importei. Mas você achar que sou tão fraco... você sequer me ama?

— Claro que amo! — gritou Charlotte. — Isso nunca esteve em questão.

— Não? Acha que não escuto os comentários? Falam de mim como se eu não estivesse presente, como se eu fosse alguma espécie de demente. Já ouvi Benedict Lightwood dizer várias vezes que você só se casou comigo para fingir que havia um homem à frente do Instituto...

Agora foi a vez de Charlotte se enfurecer.

— E você me critica por achá-lo fraco! Henry, eu jamais me casaria por este motivo, nunca, nem em mil anos. Abriria mão do Instituto antes de abrir mão...

Henry a estava encarando, os olhos âmbar arregalados, os cabelos ruivos eriçados como se tivesse passado a mão neles tantas vezes que estivesse prestes a arrancá-lo.

— Antes de abrir mão de quê?

— Antes de abrir mão de *você* — respondeu ela. — Não sabe disso?

E então ela não disse nada, pois Henry a envolveu nos braços e a beijou. Beijou de um jeito que a fez deixar de se sentir sem graça, ou consciente dos cabelos e da mancha de tinta no vestido, ou de qualquer coisa além dele, a quem sempre tinha amado. Lágrimas brotaram dos olhos e correram por suas faces, e quando ele recuou, tocou o rosto molhado de Charlotte, contemplativo.

— Sério — disse —, você também me ama, Lottie?

— Claro que amo. Não me casei com você só para ter um parceiro para dirigir o Instituto, Henry. Casei porque... porque sabia que não me importaria com a dificuldade que seria dirigir este lugar nem com os maus tratos da Clave se soubesse que o último rosto que veria antes de dormir todas as noites seria o seu. — Ela bateu levemente no ombro dele. — Somos casados há anos , Henry. O que você *achou* que eu sentisse por você?

Ele encolheu os ombros e beijou a cabeça dela.

— Achei que gostasse de mim — disse, rispidamente. — Achei que pudesse aprender a me amar, com o tempo.

— Era isso que eu pensava a seu respeito — falou, pensativa. — Como pudemos ser tão tolos?

— Bem, não me surpreendo *comigo* — revelou Henry. — Mas sinceramente, Charlotte, você deveria ter sido mais esperta.

Ela conteve uma risada.

— Henry! — Apertou os braços dele. — Tem mais uma coisa que preciso contar, algo muito importante...

A porta da sala de estar se abriu. Era Will. Henry e Charlotte se afastaram e o encararam. Ele parecia exausto — pálido, com olheiras escuras sob os olhos —, mas com uma clareza no rosto que Charlotte jamais havia visto, uma espécie de brilho na expressão. Ela se preparou para um comentário sarcástico ou uma observação fria, mas em vez disso ele apenas sorriu alegremente.

— Henry, Charlotte — disse. — Não viram Tessa, viram?

— Provavelmente está no quarto — disse Charlotte, aturdida. — Will, algum problema? Não deveria estar descansando? Depois dos ferimentos que sofreu...

Will descartou o comentário.

— Seus *iratzes* excelentes fizeram um bom trabalho. Não preciso descansar. Só quero ver Tessa e perguntar a vocês... — interrompeu-se, olhando para a carta na mesa de Charlotte. Com alguns passos chegou à mesa, pegou o papel e leu-o com o mesmo olhar incrédulo de Henry. — Charlotte... não, não pode abrir mão

do Instituto!

— A Clave vai lhe oferecer outro lugar para morar — declarou Charlotte. — Ou pode ficar aqui até completar 18 anos, apesar de os Lightwood...

— Eu não iria querer morar aqui sem você e Henry. Por que acham que fico aqui? Pelo ambiente? — Will sacudiu o pedaço de papel até estalar. — Até com saudade da maldita Jessamine estou... bem, um pouco. E os Lightwood vão demitir nossos serventes e substituí-los pelos deles. Charlotte, não pode permitir. Esta é a nossa casa. É a casa de Jem, de Sophie.

Charlotte olhou para ele.

— Will, tem certeza de que não está com febre?

— Charlotte. — Will bateu com o papel na mesa. — Eu *proíbo* você de abrir mão do seu cargo. Entendeu? Ao longo de todos esses anos você fez tudo por mim, como se eu fosse sangue do seu sangue, e eu nunca lhe disse que era grato. O mesmo vale para você, Henry. Mas sou grato, e por causa disso não deixarei que cometa este erro.

— Will — disse Charlotte. — Acabou. Só temos três dias para encontrar Mortmain, e não tem como. Simplesmente não dá tempo.

— Enforque Mortmain — disse Will. — Digo literalmente, é claro, mas também figurativamente. O limite de duas semanas para encontrá-lo foi essencialmente estabelecido por Benedict Lightwood como um teste ridículo. Um teste que, ao que parece, foi armação. Ele está trabalhando para Mortmain. Esse teste foi uma tentativa de tirar o Instituto de você. Mas se expusermos Benedict como o que ele é, uma marionete de Mortmain, o Instituto volta a ser seu, e a procura por Mortmain pode continuar.

— Temos a palavra de Jessamine de que expor Benedict é cair na armadilha de Mortmain...

— Não podemos não fazer nada — disse Will com firmeza. — Vale ao menos uma conversa, não acha?

Charlotte não conseguiu pensar em nenhuma palavra para dizer. Este não era o Will que conhecia. Era firme, direto, com intensidade irradiando dos olhos. Se

o silêncio de Henry era algum indício, ele estava tão surpreso quanto ela. Will assentiu, interpretando isso como um sinal de concordância.

— Excelente — falou. — Vou pedir a Sophie que reúna os outros.

E saiu de lá.

Charlotte olhou para o marido, todos os pensamentos acerca da notícia que queria lhe dar foram afastados.

— Aquele era *Will?* — observou, afinal.

Henry arqueou uma sobrancelha ruiva.

— Talvez tenha sido sequestrado e substituído por um autômato — sugeriu. — Parece possível...

Pela primeira vez, Charlotte não fez nada além de concordar.

Taciturna, Tessa terminou de comer os sanduíches e tomar o resto do chá, repreendendo a própria incapacidade para não se meter nos assuntos alheios. Quando terminou, colocou o vestido azul, achando a tarefa complicada sem a ajuda de Sophie. *Olhe para você*, pensou, *mimada após apenas algumas semanas com uma copeira. Não consegue se vestir, não consegue parar de se meter onde não é chamada. Logo precisará de alguém que lhe dê mingau na boca para não morrer de fome.* Fez uma careta horrível para si mesma no espelho e sentou-se à penteadeira, pegando a escova prateada e passando-a pelos longos cabelos castanhos.

Ouviu uma batida à porta. *Sophie*, pensou Tessa esperançosa, voltando à espera de um pedido de desculpas. Bem, receberia um. Tessa repousou a escova e se apressou para abrir a porta.

Assim como anteriormente torcera para encontrar Jem na entrada e se decepcionara ao avistar Sophie, agora, esperando Sophie, surpreendeu-se ao se deparar com Jem. Ele trajava calças e um casaco cinza de lã, contra os quais seus cabelos prateados pareciam quase brancos.

— Jem — disse, espantada. — Está tudo bem?

Seus olhos cinzentos investigaram o rosto de Tessa, e os cabelos longos e

soltos.

— Parece que estava esperando outra pessoa.

— Sophie. — Tessa suspirou e colocou um cacho rebelde atrás da orelha. — Temo tê-la ofendido. Meu hábito de falar sem pensar me prejudicou novamente.

— Oh — falou Jem, com uma estranha falta de interesse. Normalmente teria perguntado a Tessa o que tinha dito a Sophie, e confortado-a, ou ajudado-a a traçar um meio de ter o perdão de Sophie. Seu habitual interesse vívido em tudo parecia estranhamente ausente, pensou Tessa, alarmada; ele também estava bastante pálido, e aparentava olhar para além dela, como se estivesse checando para ter certeza de que estava sozinha. — Bem, é que... gostaria de falar com você em particular, Tessa. Está se sentindo suficientemente bem?

— Depende do que vai me falar — respondeu, com uma risada, mas quando a resposta não despertou nenhum sorriso, ficou apreensiva. — Jem... jura que está tudo bem? Will...

— Não é sobre Will — afirmou. — Will está por aí vagando, e sem dúvida muito bem. Isto é sobre... bem, suponho que possa dizer que é sobre mim. — Ele olhou para um lado e para o outro do corredor. — Posso entrar?

Tessa pensou brevemente no que tia Harriet diria a respeito de uma menina que permitia a entrada de um rapaz sem parentesco em seu quarto, quando não havia mais ninguém presente. Mas a própria tia Harriet tinha se apaixonado, pensou Tessa. O suficiente para permitir que o noivo fizesse... bem, o que quer que se fizesse para alguém engravidar. A tia Harriet, se estivesse viva, não estaria em posição de falar nada. Além disso, a etiqueta para Caçadores de Sombras era outra.

Ela abriu completamente a porta.

— Sim, entre.

Jem entrou no quarto, e fechou a porta atrás de si. Ele andou até a lareira e apoiou um dos braços no mantel. Pareceu decidir que tal posição não era satisfatória e então foi até onde Tessa estava, no meio do quarto, e ficou parado diante dela.

— Tessa — disse ele.

— Jem — respondeu ela, imitando o tom sério, mas, novamente, ele não sorriu. — Jem — repetiu, mais quietamente. — Se for sobre sua saúde, sua... doença, por favor, me conte. Farei o que for possível para ajudar.

— Não é — explicou ele — sobre minha doença — respirou fundo. — Sabe que não encontramos Mortmain — falou. — Em alguns dias, o Instituto pode ser entregue a Benedict Lightwood. Ele sem dúvida permitirá que eu e Will permaneçamos aqui, mas não você, e não tenho a menor vontade de morar em uma casa governada por ele. E Will e Gabriel se matariam em questão de minutos. Seria o fim do nosso grupinho; Charlotte e Henry encontrariam uma casa, tenho certeza, e Will e eu talvez fôssemos para Idris até completarmos 18 anos, e Jessie... suponho que isso dependa da sentença aplicada pela Clave. Mas não poderíamos levar você a Idris conosco. Você não é Caçadora de Sombras.

O coração de Tessa começou a bater muito depressa. Ela se sentou, muito subitamente, na beirada da cama. Sentiu-se ligeiramente enjoada. Lembrou-se do desdém de Gabriel ao fazer piada com ela sobre arrumar "emprego"; após ter ido ao baile na casa deles, não podia imaginar coisa pior.

— Entendo — disse Tessa. — Mas para onde eu iria...? Não, não me responda. Vocês não têm qualquer responsabilidade sobre mim. Mas obrigada, por, pelo menos, me contar.

— Tessa...

— Vocês todos já foram tão generosos quanto poderiam comigo — falou —, considerando que permitir minha permanência não fez bem a nenhum de vocês aos olhos da Clave. Vou encontrar um lugar...

— Seu lugar é comigo — disse Jem. — Sempre será.

— O que quer dizer?

Jem enrubesceu, uma cor escura contra sua pele clara.

— Quero dizer — explicou —, Tessa Gray, você me concede a honra de se tornar minha esposa?

Tessa endireitou a postura imediatamente.

— *Jem!*

Os dois ficaram se encarando por um instante. Finalmente, ele se pronunciou, tentando um comentário leve, apesar de a voz ter falhado:

— Não foi um não, suponho, apesar de também não ter sido um sim.

— Não pode estar falando sério.

— Estou.

— Não pode... não sou Caçadora de Sombras. Vão expulsá-lo da Clave...

Ele deu um passo para perto dela, com o olhar sério.

— Pode não ser exatamente uma Caçadora de Sombras. Mas não é mundana, nem comprovadamente faz parte do Submundo. Sua situação é única, então não sei o que a Clave fará. Mas não podem proibir algo que não é proibido pela Lei. Terão de levar o seu, o nosso, caso particular em consideração, e isso pode levar meses. Enquanto isso não podem impedir nosso noivado.

— Você *está* falando sério. — Tessa estava com a boca seca. — Jem, tamanha bondade de sua parte é uma coisa verdadeiramente incrível. Diz muito sobre você. Mas não posso permitir que se sacrifique de forma alguma por mim.

— *Sacrificar?* Tessa, eu te amo. *Quero* me casar com você.

— Eu... Jem, é que você é gentil, tão altruísta. Como posso confiar que não está fazendo isso simplesmente pelo meu bem?

Ele pôs a mão no bolso do colete e retirou algo liso e circular. Era um pingente de jade verde-esbranquiçado, com caracteres chineses esculpidos que ela não sabia ler. Ele o entregou a ela com a mão ligeiramente trêmula.

— Poderia lhe dar meu anel de família — disse. — Mas o anel deve ser devolvido ao fim do noivado após a troca de símbolos. Quero lhe dar alguma coisa que seja sua para sempre.

Tessa balançou a cabeça.

— Nunca poderia...

Ele a interrompeu:

— Isto foi dado a minha mãe pelo meu pai quando se casaram. A escrita é de I Ching, o Livro de Mudanças. Diz: *quando duas pessoas são uma só em seus*

corações, destroem a força até mesmo do ferro ou do bronze.

— E você acha que somos? — perguntou Tessa, com a voz baixa em função do choque. — Uma só, quero dizer?

Jem se ajoelhou aos pés dela, de modo a poder olhar para o seu rosto. Ela o viu como na Blackfriars Bridge, uma adorável sombra prateada contra a escuridão.

— Não posso explicar o amor —disse ele. — Não sei dizer se a amei desde o primeiro instante em que a vi ou se foi no segundo, no terceiro ou no quarto. Mas me lembro da primeira vez que a vi caminhando em minha direção e percebi que de algum jeito o resto do mundo parecia desaparecer quando estou ao seu lado. Quando percebi que você era o centro de tudo que eu fazia, sentia e pensava.

Sobrecarregada, Tessa balançou a cabeça lentamente.

— Jem, nunca imaginei...

— Existe uma força e um poder no amor — disse ele. — É isso que essa inscrição significa. E também está na cerimônia de casamento dos Caçadores de Sombras. *Pois o amor é tão forte quanto a morte*. Não reparou o quanto melhorei nessas últimas semanas, Tessa? Ando menos doente, tossindo menos. Sinto-me mais forte, preciso menos da droga, por causa de você. Porque meu amor por você me sustenta.

Tessa o encarou. Será que uma coisa dessas era possível, fora dos contos de fada? O rosto fino de Jem irradiava luz; ele claramente acreditava, absolutamente. E ele *estava* melhor.

— Você fala em sacrifício, mas não é meu sacrifício que ofereço. É o seu que peço — prosseguiu. — Posso oferecer-lhe minha vida, mas é uma vida curta; posso oferecer meu coração, apesar de não saber quantas batidas lhe restam. Mas a amo o bastante para torcer que não se importe com meu egoísmo de tentar fazer o resto da minha vida, seja qual for a sua duração, feliz, ao seu lado. Quero ser casado com você, Tessa. Quero mais do que já quis qualquer outra coisa na vida. — Ele olhou para ela através de um véu prateado de cabelo caindo sobre

seus olhos. — Isto é — falou, timidamente —, se você também me amar.

Tessa olhou para Jem, ajoelhado diante dela com o pingente nas mãos, e entendeu afinal o que as pessoas queriam dizer quando falavam que o coração de uma pessoa estava nos olhos, pois os dele, expressivos e luminosos, que ela sempre achou lindos, estavam cheios de amor e esperança.

E por que *não* deveria ter esperança? Ela havia lhe dado todos os motivos para crer que o amava. Amizade, confiança, gratidão, até mesmo paixão. E se havia alguma parte em si, pequena e contida, que ainda não tinha desistido de Will, ela certamente devia a si mesma, tanto quanto a Jem, fazer o que pudesse para destruí-la.

Muito lentamente, esticou o braço e pegou o pingente de Jem. Colocou-o no pescoço em um cordão dourado, frio como água, e o repousou na garganta, sobre o ponto em que ficava o anjo mecânico. Ao abaixar as mãos, viu a esperança nos olhos de Jem se acender, transformando-se num fulgor quase insustentável, tamanha felicidade e incredulidade. Sentiu como se alguém tivesse esticado a mão para dentro do seu peito e destrancado a caixa que guardava seu coração, derramando ternura por suas veias feito sangue novo. Jamais tinha sentido um impulso tão avassalador de proteger alguém, tamanho fervor, tamanha vontade de colocar os braços ao redor de alguém e envolver fortemente a pessoa, ficando sozinhos e longe do resto do mundo.

— Então, sim — respondeu. — Sim, eu me caso com você, James Carstairs. Sim.

— Oh, graças a Deus — disse ele, exultante. — Graças a Deus. — E enterrou o rosto no colo dela, abraçando sua cintura. Ela se inclinou sobre ele, acariciando seus ombros, as costas, o cabelo sedoso. O coração de Jem bateu forte contra os joelhos dela. Alguma pequena parte dentro de Tessa estava atordoada de espanto. Nunca imaginou que tivesse o poder de deixar alguém tão feliz. E não era um poder mágico: era puramente humano.

Ouviu uma batida à porta; desvencilharam-se. Tessa se levantou apressadamente e foi até a porta, parando para alisar o cabelo e, torceu, para

conseguir acalmar a própria expressão antes de abrir. Dessa vez *era* Sophie. Mas a expressão rebelde no rosto dela demonstrou que não tinha vindo por vontade própria.

— Charlotte está a convocando para a sala de estar, senhorita — informou. — Mestre Will voltou, e ela deseja realizar uma reunião. — Olhou para além de Tessa, e sua expressão ficou ainda mais amarga. — O senhor também, mestre Jem.

— Sophie... — Tessa começou, mas Sophie já tinha virado e estava se afastando, a touca branca sacudindo. Tessa cerrou o punho na maçaneta, olhando para ela. Sophie havia dito que não se importava com os sentimentos de Jem por Tessa, e Tessa agora sabia que a razão disso era Gideon. Mesmo assim...

Ela sentiu Jem se aproximar por trás e colocar as mãos dentro das suas. Tinha dedos esguios. Eles deram as mãos, e Tessa soltou o ar. Era isso que significava amar alguém? Que todo fardo era um fardo compartilhado, que esse alguém poderia nos confortar apenas com uma palavra ou um toque? Ela deitou a cabeça no ombro de Jem, que a beijou na têmpora.

— Contaremos primeiro a Charlotte quando tivermos oportunidade — disse ele —, depois aos outros. Logo que o destino do Instituto estiver resolvido...

— Você soa como se não ligasse para o que vai acontecer — disse Tessa. — Não vai sentir falta daqui? Este é o seu lar.

Os dedos de Jem acariciaram levemente o punho de Tessa, fazendo-a tremer.

— Você é o meu lar agora.

19
Se a Traição Acaso Prosperar

A traição jamais deve prosperar: por que razão?
Ora, se prosperar, ninguém ousará chamá-la traição.
— Sir John Harrington

Sophie estava atiçando o fogo na lareira da sala de estar, que estava quente, quase abafada. Charlotte estava sentada atrás da mesa, Henry em uma cadeira ao lado. Will estava esparramado em uma das poltronas floridas perto do fogo, com um serviço de chá próximo e uma xícara na mão. Quando Tessa entrou, ele se empertigou tão subitamente que derramou um pouco de chá na manga; ele repousou a xícara na mesa sem tirar os olhos dela.

Parecia exausto, como se tivesse passado a noite inteira andando. Ainda estava com o casaco, de lã azul-escura com forro de seda vermelho, e suas calças pretas estavam manchadas de lama. Os cabelos estavam molhados e emaranhados, o rosto pálido, a mandíbula escurecida com a sombra da barba por fazer. Ao ver Tessa, seus olhos brilharam como faróis acesos. O rosto inteiro de Will se transformou, e ele a olhou com um deleite tão inexplicável que Tessa, chocada, parou onde estava, fazendo com que Jem trombasse nela. Naquele instante, não conseguiu desviar o olhar de Will; foi como se ele sustentasse o dela e mais uma vez a fez lembrar o sonho da noite anterior, em que era confortada por ele na enfermaria. Será que ele conseguia ler a lembrança no rosto dela? Seria

por isso que a estava encarando?

Jem olhou por cima do ombro dela.

— Oi, Will. Tem certeza de que foi uma boa ideia passar a noite inteira na chuva quando ainda está se curando?

Will desviou o olhar que estava fixo em Tessa.

— Tenho certeza — respondeu com firmeza. — Eu precisava caminhar. Clarear a mente.

— Está com a mente clara agora?

— Clara como cristal — disse Will, voltando o olhar para Tessa, e a mesma coisa se repetiu. Seus olhares pareceram se grudar, e ela teve de desviar, atravessando a sala para se sentar no sofá perto da mesa, de onde Will não ficaria diretamente em sua linha de visão. Jem veio e sentou-se ao lado dela, mas não lhe deu a mão. Ficou imaginando o que aconteceria se anunciassem casualmente o que tinha acabado de acontecer: *nós vamos nos casar*.

Mas Jem tinha razão; não era o momento certo para isso. Charlotte, assim como Will, parecia estar acordada há várias noites; a pele dela era de um amarelo doentio e havia olheiras escuras sob seus olhos. Henry estava ao lado de Charlotte à mesa, com a mão protetoramente sobre as dela, observando-a com uma expressão preocupada.

— Estamos todos aqui, então — disse Charlotte rapidamente, e por um instante Tessa quis fazer uma observação, dizer que não estavam todos, já que Jessamine estava ausente. Mas ficou em silêncio. — Como provavelmente sabem, estamos próximos do fim do período de duas semanas que nos foi oferecido pelo Cônsul Wayland. Não descobrimos o paradeiro de Mortmain. De acordo com Enoch, os Irmãos do Silêncio examinaram o corpo de Nathaniel Gray e não encontraram nada, e, como ele está morto, não temos como descobrir nada a partir dele.

E como ele está morto. Tessa pensou na lembrança que tinha de Nate, de quando eram muito novos, perseguindo libélulas no parque. Ele caiu no lago, e ela e tia Harriet — mãe dele — ajudaram a retirá-lo; a mão dele estava

escorregadia por causa da água e das algas. Lembrou-se da mão dele escorregando uma outra vez, no armazém do chá, só que por causa do sangue. *Não sabe tudo que fiz, Tessie*.

— Certamente podemos denunciar o que sabemos sobre Benedict à Clave. — Charlotte estava dizendo quando Tessa se libertou das lembranças e trouxe o pensamento de volta ao presente. — Pareceria a atitude mais sensata.

Tessa engoliu em seco.

— E o que Jessamine falou? Que fazendo isso estaríamos caindo na armadilha de Mortmain.

— Mas não podemos não fazer nada — disse Will. — Não podemos ficar parados e entregar as chaves do Instituto a Benedict Lightwood e seus rebentos lamentáveis. Eles *são* Mortmain. Benedict é uma marionete. Temos de *tentar*. Pelo Anjo, não temos provas suficientes? O bastante para levá-lo a um julgamento sob a Espada, pelo menos.

— Quando utilizamos a Espada em Jessamine, havia bloqueios na mente dela, colocados por Mortmain — disse Charlotte, exaurida. — Acha que Mortmain seria leviano a ponto de não tomar as mesmas precauções com Benedict? Vamos parecer tolos se a Espada não extrair nada dele.

Will passou as mãos nos cabelos negros.

— Mortmain espera que recorramos à Clave — disse Will. — Seria a primeira coisa que ele presumiria. Além disso, ele está acostumado a se livrar de parceiros que não são mais úteis. De Quincey, por exemplo. Lightwood não é insubstituível para ele, e o próprio Lightwood sabe disso. — Tamborilou os dedos nos joelhos. — Acho que se procurássemos a Clave, certamente tiraríamos Benedict da corrida pela liderança do Instituto. Mas existe uma facção da Clave que o segue; alguns são de nosso conhecimento, mas outros, não. É triste, mas não sabemos em quem confiar além de nós mesmos. O Instituto está seguro conosco e não podemos permitir que o tirem de nós. Onde mais Tessa ficará segura?

Tessa piscou os olhos.

— Eu?

Will pareceu espantado, como que chocado pelo que ele próprio tinha acabado de dizer.

— Bem, você é uma parte crucial do plano de Mortmain. É *você* que ele sempre quis. Sempre precisou de você. Não podemos permitir que a tenha. Certamente você pode ser uma arma poderosa nas mãos dele.

— Tudo isso é verdade, Will, e claro que vou procurar o Cônsul — disse Charlotte. — Mas como uma Caçadora de Sombras comum, e não como líder do Instituto.

— Mas por que, Charlotte? — perguntou Jem. — Você é excelente em seu trabalho...

— Sou? — questionou ela. — Pela segunda vez não notei uma espiã sob meu próprio teto; Will e Tessa escaparam da minha tutela com facilidade para comparecer ao baile de Benedict; nosso plano para capturar Nate, que não levamos ao conhecimento do Cônsul, fracassou, deixando morta uma testemunha potencialmente importante...

— Lottie! — Henry pôs a mão no braço da esposa.

— Não sou adequada para dirigir este lugar — afirmou Charlotte. — Benedict estava certo... Claro que tentarei convencer a Clave da culpa dele. Outra pessoa vai comandar o Instituto. Não será Benedict, espero, mas também não serei eu...

Ouviu-se uma batida.

— Sra. Branwell! — Era Sophie. Ela derrubou o atiçador e deu as costas para o fogo. — Não pode deixar o cargo, senhora. Não... simplesmente não pode.

— Sophie — disse Charlotte, muito gentilmente. — Para onde formos depois daqui, onde quer que eu e Henry fixemos residência, a levaremos conosco...

— Não é isso — respondeu Sophie com a voz fraca. Passou os olhos pela sala. — A senhorita Jessamine... ela estava... digo, estava falando a verdade. Se procurarem a Clave assim, cairão na armadilha de Mortmain.

Charlotte olhou para ela, perplexa.

— O que a faz dizer isso?

— Eu não... não sei exatamente. — Sophie olhou para o chão. — Mas sei que é verdade.

— Sophie? — O tom de Charlotte era ranzinza, e Tessa sabia o que ela estava pensando: teriam mais um espião entre eles, mais uma serpente no jardim? Will também estava inclinado para a frente, os olhos estreitados.

— Sophie não está mentindo — declarou Tessa subitamente. — Ela sabe porque... porque ouvimos Gideon e Gabriel conversando na sala de treinamento.

— E só agora resolveram mencionar? — Will ergueu as sobrancelhas.

Inexplicavelmente furiosa com ele, Tessa disparou:

— Fique quieto, Will. Se você...

— Tenho saído com ele — interrompeu Sophie em voz alta. — Com Gideon Lightwood. Tenho encontrado com ele nos meus dias de folga. — Estava pálida como um fantasma. — Ele me contou. Ouviu o pai rindo dessa possibilidade. Sabiam que Jessamine tinha sido descoberta e torceram para que procurássemos a Clave. Eu deveria ter dito, mas não pareceu que fossem procurá-los, então...

— Saído com ele? — ecoou Henry, incrédulo. — Com *Gideon Lightwood*?

Sophie manteve a atenção em Charlotte, que a encarava com os olhos arregalados.

— E também sei qual é o trunfo de Mortmain sobre o sr. Lightwood — revelou. — Gideon acabou de descobrir. O pai não sabe que ele sabe.

— Ora, por Deus, menina, não fique aí parada — disse Henry, que parecia tão perplexo quanto a esposa. — Diga-nos.

— Varíola demoníaca — declarou Sophie. — O sr. Lightwood sofre da doença há anos e vai morrer em alguns meses se não encontrar a cura. E Mortmain garantiu que pode conseguir.

A sala pareceu fervilhar. Charlotte correu em direção a Sophie; Henry a chamou; Will saltou da cadeira, dançando em círculos. Tessa ficou onde estava, chocada, e Jem permaneceu ao seu lado. Enquanto isso, Will parecia entoar uma canção, declarando que sempre estivera certo com relação à varíola demoníaca.

"Varíola demoníaca, oh, varíola demoníaca,
Como é que se contrai?
Indo à zona podre da cidade
Até não poder mais.
Varíola demoníaca, oh, varíola demoníaca,
Eu tive o tempo todo...
Não a doença, amigo bobão,
Estou falando da canção...
Pois vocês estavam errados, e eu com a razão!"

— Will! — gritou Charlotte sobre o barulho. — Você PERDEU A CABEÇA? PARE COM ESTA BALBÚRDIA INFERNAL! Jem...

Jem, levantando-se, tapou a boca de Will com a mão.

— Promete ficar quieto? — sibilou ao ouvido do amigo.

Will assentiu, com os olhos azuis ardentes. Tessa olhava fixamente para ele, surpresa — todos estavam. Já tinha visto várias facetas de Will — entretido, amargo, condescendente, irritado, solidário —, mas nunca *alegre*.

Jem o soltou.

— Muito bem, então.

Will sentou no chão, com as costas na poltrona, e levantou os braços.

— Varíola demoníaca para todos vocês! — anunciou, bocejando.

— Meu Deus, semanas de piadas sobre varíola — comentou Jem. — Vamos ter de aturar.

— Não pode ser verdade — Charlotte se pronunciou. — É apenas... *varíola demoníaca*?

— Como sabemos que Gideon não mentiu para Sophie? — perguntou Jem, com o tom moderado. — Desculpe, Sophie. Detesto ter de dizer isto, mas os Lightwood não são confiáveis...

— Já vi o rosto de Gideon quando ele olha para Sophie — comentou Will. —

Foi Tessa quem me disse inicialmente que ele gosta da nossa srta. Collins, e quando parei para pensar, percebi que era verdade. E um homem apaixonado... um homem apaixonado revela qualquer coisa. Trai qualquer um. — Olhou para Tessa enquanto falava, que por sua vez não conseguiu evitá-lo. Seus olhos pareciam atraídos por ele. A maneira como a encarava, com aqueles olhos azuis feito pedaços do céu, como se estivesse tentando comunicar alguma coisa, silenciosamente. Mas o quê...?

Tessa devia a vida a ele, percebeu, espantada. Talvez ele estivesse esperando agradecimento. Mas ela não teve tempo nem oportunidade! Decidiu que faria isso na primeira chance que aparecesse.

— Além disso, Benedict estava segurando uma mulher demônio no colo naquela festa, beijando-a — prosseguiu Will, desviando o olhar. — Ela tinha cobras nos olhos. Cada qual com suas preferências, suponho. De qualquer forma, a única maneira de contrair varíola demoníaca é tendo relações indevidas com um demônio, então...

— Nate me contou que o sr. Lightwood preferia mulheres demônios — relatou Tessa. — Suponho que a esposa dele não soubesse *disso*.

— Esperem — disse Jem, que de repente tinha ficado completamente parado. — Will... quais são os sintomas da varíola demoníaca?

— São bem ruins — respondeu Will, com deleite. — Começa com uma erupção cutânea em forma de escudo nas costas, que se espalha pelo corpo, criando rachaduras e fissuras na pele...

Jem engasgou.

— Eu... já volto — declarou —, em um instante. Pelo Anjo...

E desapareceu porta afora, deixando os outros espantados.

— Não acha que ele tem varíola demoníaca, acha? — perguntou Henry a ninguém em particular.

Espero que não, considerando que acabamos de ficar noivos, Tessa quis dizer, só para ver os olhares que despertaria, mas se conteve.

— Oh, cale-se, Henry — respondeu Will, e pareceu a ponto de dizer mais

alguma coisa, mas a porta se abriu, e Jem voltou, arfando, e segurando um pergaminho.

— Peguei isto — disse —, com os Irmãos do Silêncio, quando eu e Tessa fomos ver Jessamine. — Lançou um olhar ligeiramente culpado a Tessa e ela se lembrou dele deixando a cela de Jessamine para retornar logo depois, parecendo preocupado. — É o relatório da morte de Barbara Lightwood. Depois que Charlotte revelou que o pai não tinha entregado Silas Lightwood para a Clave, pensei em investigar com os Irmãos do Silêncio se poderia haver outra maneira de a senhora Lightwood ter morrido. Para ver se Benedict Lightwood também teria mentido sobre ela ter morrido de tristeza.

— E tinha? — Tessa se inclinou para a frente, fascinada.

— Tinha. Na verdade, ela cortou os pulsos. Mas tem mais. — Ele olhou para o papel na mão. — *Uma erupção cutânea em forma de escudo, indicativa das marcas heráldicas de astríola, no ombro esquerdo.* — Jem estendeu o pergaminho a Will, que o pegou e examinou, arregalando os olhos azuis.

— *Astríola* — disse. — Isso *é* varíola demoníaca. Você tinha provas de que a varíola demoníaca existia e não me falou! *Et tu, Brute!* — Will enrolou o papel e bateu com ele na cabeça de Jem.

— Ai! — Jem esfregou a cabeça, desgostoso. — As palavras não significaram nada para mim! Presumi que se tratasse de alguma espécie de doença insignificante. Não parecia ser a causa da morte. Ela cortou os pulsos, mas se Benedict queria proteger os filhos da verdade de que a mãe tirou a própria vida...

— Pelo Anjo — disse Charlotte, suavemente. — Não foi à toa que se matou. *O marido lhe transmitiu varíola demoníaca. E ela sabia.* — Virou-se para Sophie, que emitiu um ruído engasgado. — Gideon sabe disso?

Sophie balançou a cabeça, arregalando os olhos.

— Não.

— Mas os Irmãos do Silêncio não deveriam ter contado a alguém sobre isso? — perguntou Henry. — Parece... bem, ora, irresponsável, na melhor das hipóteses...

— Claro que deveriam contar a alguém. Contariam ao *marido dela*. Não tenho dúvida de que o fizeram, mas e daí? Benedict provavelmente já sabia — declarou Will. — Não haveria razão para contar aos filhos; a coceira aparece assim que a pessoa contrai a doença, então eles já eram grandes demais para estarem contaminados. Os Irmãos do Silêncio com certeza revelaram a Benedict, e ele respondeu "que horror!", prontamente encerrando a coisa toda. Não se pode processar os mortos por relações indevidas com demônios, então cremaram o corpo, e foi isso.

— E como Benedict continua vivo? — perguntou Tessa. — Já não deveria estar morto?

— Mortmain — disse Sophie. — Ele tem dado remédios que desaceleram o progresso da doença.

— Desaceleram, mas não detém? — perguntou Will.

— Não, ele continua morrendo, e mais depressa agora — respondeu Sophie. — Por isso está tão desesperado e faz qualquer coisa que Mortmain pedir.

— Varíola demoníaca! — sussurrou Will, e olhou para Charlotte. Apesar da clara animação, havia uma centelha em seus olhos, a luz de uma inteligência afiada, como se fosse um enxadrista analisando as potenciais vantagens e desvantagens da próxima jogada. — Precisamos entrar em contato com Benedict imediatamente — declarou Will. — Charlotte deve jogar com a vaidade dele. Ele tem muita certeza de que vai receber o Instituto. Precisa dizer a ele que apesar de a decisão oficial do Cônsul estar marcada para domingo, ela já percebeu quem vai sair vencedor e quer se encontrar com ele para se apaziguarem antes da oficialização.

— Benedict é teimoso... — começou Charlotte.

— Não tanto quanto é orgulhoso — afirmou Jem. — Benedict sempre quis assumir o Instituto, mas também quer humilhá-la, Charlotte. Provar que uma mulher não pode controlar esse lugar. Ele acredita que no domingo o Cônsul vai declarar que o Instituto não ficará mais em suas mãos, mas isso não quer dizer que vá deixar passar uma oportunidade de vê-la se humilhando em particular.

— Para quê? — perguntou Henry. — Enviar Charlotte para confrontar Benedict conquista o quê, exatamente?

— Chantagem — explicou Will. Seus olhos ardiam de animação. — Mortmain pode não estar ao nosso alcance, mas Benedict está, e por enquanto, isso pode ser o suficiente.

— Acha que ele vai desistir do Instituto? Isso não abrirá caminho para um de seus seguidores? — perguntou Jem.

— Não estamos tentando nos livrar dele. Queremos que ele dê total apoio a Charlotte. Retire o desafio e a declare apta a dirigir o Instituto. Os seguidores ficarão perdidos; o Cônsul ficará satisfeito. Continuamos com o Instituto. E mais do que isso, podemos forçar Benedict a nos contar o que sabe sobre Mortmain: o paradeiro, os segredos, tudo.

Tessa falou, hesitante:

— Mas tenho quase certeza de que ele tem mais medo de Mortmain do que de nós, e certamente precisa do que Mortmain oferece. Do contrário, morrerá.

— Sim, morrerá. Mas o que ele fez, ter relações indevidas com um demônio, ter infectado a esposa, provocando a morte dela: isso é assassinato consciente de outro Caçador de Sombras. E também não seria considerado apenas assassinato, mas assassinato efetuado por meios demoníacos. Isso evocaria a pior das punições.

— O que pode ser pior que a morte? — perguntou Tessa, e imediatamente se arrependeu de ter falado, ao ver a boca de Jem se contrair quase imperceptivelmente.

— Os Irmãos do Silêncio vão remover aquilo que o torna Nephilim. Ele se tornará um Renegado — explicou Will. — Os filhos se tornarão mundanos, suas Marcas, removidas. O nome Lightwood será riscado dos registros dos Caçadores de Sombras. Será o fim do nome Lightwood entre os Nephilim. Não existe vergonha maior. É um castigo que até Benedict temerá.

— E se não temer? — perguntou Jem, com a voz baixa.

— Então pior para nós, suponho. — Quem disse foi Charlotte, cuja expressão

enrijeceu durante o discurso de Will; Sophie estava apoiada na lareira, abatida, e Henry, com a mão no ombro da esposa, parecia estranhamente derrotado. — Chamaremos Benedict. Não temos tempo para enviar uma mensagem adequada antes; terá de ser relativamente surpresa. Onde estão os cartões de visita?

Will se empertigou.

— Vai seguir meu plano, então?

— O plano agora é meu — respondeu Charlotte, firmemente. — Pode me acompanhar, Will, mas seguirá meus comandos e não falará em varíola demoníaca até que eu autorize.

— Mas... mas... — Will balbuciou.

— Ah, pare com isso — disse Jem, chutando Will afetuosamente no tornozelo.

— Ela *incorporou* meu plano!

— Will — disse Tessa firmemente. — Você se importa mais com a execução do plano ou com os créditos por ele?

Will apontou o dedo para ela.

— Isso — respondeu. — A segunda opção.

Charlotte revirou os olhou.

— William, acontecerá nos meus termos, ou não acontecerá.

Ele respirou fundo e olhou para Jem, que sorriu para ele; Will soltou o ar dos pulmões com um suspiro derrotado e falou:

— Muito bem, então, Charlotte. Pretende levar todos nós?

— Você e Tessa, certamente. São necessários como testemunhas da festa. Jem e Henry não precisam ir; precisamos que pelo menos um dos dois fique e guarde o Instituto.

— Querida... — Henry tocou o braço de Charlotte com um olhar confuso no rosto.

Ela o olhou surpresa.

— Sim?

— Tem certeza de que não quer que eu a acompanhe?

Charlotte sorriu para ele, um sorriso que transformou seu rosto cansado.

— Tenho, Henry; Jem não é adulto, tecnicamente, e deixá-lo aqui sozinho, não que ele não seja capaz, só vai acrescentar combustível ao incêndio de reclamações de Benedict. Mas, obrigada.

Tessa olhou para Jem; ele deu um sorriso pesaroso e, escondido sob o volume das saias que ela usava, segurou-a pela mão. O toque de Jem enviou uma onda de segurança para ela, fazendo-a ficar de pé; ao mesmo tempo, Will também se erguia, e Charlotte procurava uma caneta para escrever um bilhete para Benedict atrás de um cartão de visitas, que seria entregue por Cyril enquanto eles esperavam na carruagem.

— É melhor buscar meu chapéu e minhas luvas — sussurrou Tessa para Jem, saindo da sala. Will vinha logo atrás e, um momento depois, com a porta da sala de estar se fechando, viram-se a sós no corredor. Tessa estava indo em direção ao quarto, quando ouviu os passos de Will.

— Tessa! — chamou, e ela virou. — Tessa, preciso falar com você.

— Agora? — perguntou, surpresa. — Entendi que Charlotte queria que nos apressássemos...

— Dane-se a pressa — disse Will, aproximando-se. — Dane-se Benedict Lightwood, o Instituto e todos esses problemas. Quero falar com *você*. — Sorriu para ela. Will sempre teve uma energia imprudente, mas isso era diferente: a diferença entre a imprudência do desespero e da felicidade. Mas que hora estranha para se sentir feliz!

— Você enlouqueceu? — perguntou a ele. — Fala em "varíola demoníaca" como outra pessoa falaria "herança surpresa gigante". Realmente, sente-se tão satisfeito?

— Sinto-me vingado, não feliz, e, de qualquer forma, não é sobre varíola demoníaca. É sobre eu e você...

A porta da sala de estar se abriu, e Henry apareceu, com Charlotte em seguida. Sabendo que Jem seria o próximo, Tessa se afastou de Will apressadamente, apesar de nada inadequado ter se passado entre os dois. *Exceto*

em seus próprios pensamentos, disse uma vozinha no fundo da mente, que ela ignorou.

— Will, agora não — disse baixinho. — Acredito que sei o que quer dizer, e tem toda razão em querer falar, mas não é a hora nem o lugar, não é? Acredite em mim, estou tão ansiosa pela conversa quanto você, pois está pesando na minha cabeça...

— Está ansiosa? Está pesando? — Will pareceu confuso, como se ela o tivesse atingido com uma pedra.

— Bem... sim — respondeu Tessa, levantando o olhar para ver Jem se aproximando. — Mas não *agora*.

Will seguiu o olhar de Tessa, engoliu em seco e assentiu, relutantemente.

— Quando, então?

— Mais tarde, depois que formos à casa dos Lightwood. Encontre-me na sala de estar.

— Na sala de estar?

Tessa franziu a testa para ele.

— Sério, Will — falou. — Vai repetir tudo que digo?

Jem os alcançou e ouviu a última observação, sorrindo.

— Tessa, deixe o pobre Will se recompor; ele passou a noite toda fora e parece incapaz de se lembrar do próprio nome. — Colocou a mão no braço do *parabatai*. — Venha comigo, Herondale. Parece que está precisando de um símbolo de energia... ou dois, ou três.

Will desviou os olhos dos de Tessa e deixou Jem levá-lo pelo corredor. Tessa os observou, balançando a cabeça. *Meninos*, pensou. Jamais os entenderia.

Tessa mal tinha entrado no quarto quando parou, surpresa, olhando para o que havia sobre a cama. Um vestido estiloso, listrado de creme e cinza, de seda indiana, com galão delicado e botões prateados. Havia luvas cinzentas de veludo ao lado, com folhas bordadas em prata. Ao pé da cama, encontrou botas marfim e meias elegantes.

A porta se abriu, e Sophie entrou, trazendo um chapéu cinza-claro com bordados de frutas silvestres. Estava completamente pálida, com os olhos inchados e vermelhos. Evitou o olhar de Tessa.

— Roupas novas, senhorita — explicou. — O tecido fazia parte da roupa de cama da senhora Branwell, e há algumas semanas ela pensou em mandar fazer um vestido para você. Acho que pensou que deveria ter roupas que a senhorita Jessamine não tivesse comprado. Talvez a deixassem mais... confortável. E estas foram entregues esta manhã. Pedi que Bridget trouxesse.

Tessa sentiu lágrimas ardendo nos olhos e sentou apressadamente na beirada da cama. Pensar que Charlotte, com tudo que estava acontecendo, se preocuparia com seu conforto a fez querer chorar. Mas lutou contra o impulso, como sempre fazia.

— Sophie — disse, com a voz vacilante. — Eu devo... não, eu *quero* me desculpar com você.

— Se desculpar comigo, senhorita? — disse Sophie sem modulação na voz, colocando o chapéu sobre a cama. Tessa a encarou. Charlotte usava roupas tão discretas. Jamais teria imaginado que tivesse inclinação ou gosto para coisas tão bonitas.

— Errei completamente ao falar de você e Gideon daquela forma — disse Tessa. — Pus o nariz onde não era chamada, e você tem razão, Sophie. Não se pode julgar uma pessoa pelos pecados da família dela. E eu deveria ter dito que, apesar de ter visto Gideon no baile, não posso afirmar que ele estava engajado nas festividades; aliás, não li a mente dele para saber o que pensa, e não deveria ter me comportado assim. Não tenho mais experiência do que você, Sophie, e no tocante a cavalheiros, sou definitivamente desinformada. Peço desculpas por ter bancado a superior; não o farei novamente, se ao menos me perdoar.

Sophie foi até o armário e o abriu para revelar um segundo vestido — este era azul bem escuro, com a costura dourada, e o corte do lado direito revelando a camada inferior de babados, em tom claro.

— Tão adorável — disse ela, com certa melancolia, e o tocou gentilmente

com a mão. — Foi... foi um belo pedido de desculpas, senhorita, e a perdoo. Eu a perdoei na sala de estar quando mentiu por mim. Não aprovo mentiras, mas sei que o fez por bondade.

— O que você fez foi muito corajoso — disse Tessa. — Contar a verdade para Charlotte. Sei o quanto temia que ela ficasse brava.

Sophie sorriu tristemente.

— Ela não está brava. Está decepcionada. Eu sei. Ela disse que não poderia conversar comigo agora, mas que o faria mais tarde, e vi no rosto dela. De certa forma é ainda pior.

— Oh, Sophie. Ela se decepciona com Will o tempo todo!

— Bem, e quem não se decepciona?

— Não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer que ela a ama, como se você fosse Will, ou Jem, ou... bem, você sabe. Mesmo que esteja desapontada, precisa parar de temer que ela a mande embora. Ela não vai. Ela acha você maravilhosa, e eu também.

Os olhos de Sophie se arregalaram.

— Srta. Tessa!

— Bem, eu acho — reafirmou, rebelde. — Você é corajosa, generosa e adorável. Como Charlotte.

Os olhos de Sophie brilharam. Ela os limpou apressadamente com a bainha do avental.

— Bem, agora chega disso — falou, alegremente, ainda piscando muito. — Temos de vesti-la e aprontá-la, pois Cyril está vindo com a carruagem, e sei que a sra. Branwell não quer perder tempo.

Tessa obedeceu e, com a ajuda de Sophie, colocou o vestido cinza e creme.

— E tenha cuidado, é tudo que tenho a dizer — disse Sophie ao abotoar o vestido. — Não se esqueça de que o velho é um sujeito muito difícil. É muito duro com os meninos.

Os meninos. A forma com que falou fez parecer que Sophie também tinha solidariedade por Gabriel, e não apenas por Gideon. O que será que Gideon

pensava sobre o irmão? E sobre a irmã? Mas não perguntou nada enquanto Sophie penteava e ajeitava seu cabelo, esfregando suas têmporas com água de lavanda.

— Está adorável, senhorita — falou, orgulhosa, quando acabou, e Tessa tinha de admitir que Charlotte havia feito um belo trabalho com a escolha do tecido, o cinza lhe caindo muito bem. Seus olhos pareceram maiores e mais azuis, a cintura e os braços, mais finos, o busto, maior. — Só mais uma coisa...

— O que foi, Sophie?

— O mestre Jem — respondeu Sophie, espantando Tessa. — Por favor, o que quer que faça, senhorita... — Olhou para o cordão com o pingente de jade na frente do vestido de Tessa e mordeu o lábio. — Não parta o coração dele.

20
A Raiz Amarga

Mas são agora dois, após a divisão
Carne da carne dele, mas coração do meu coração;
Profunda em um, está fixa a raiz amarga,
E doce para um é a flor eterna.
— Algernon Charles Swinburne, "The Triumph of Time"

Tessa estava colocando as luvas de veludo ao atravessar as portas da frente do Instituto. Uma brisa forte vinha do rio e soprava muitas folhas pelo jardim. O céu havia se tornado trovejante e cinza. Will estava ao pé da escada, com as mãos nos bolsos, olhando para a torre da igreja.

Estava sem chapéu e o vento levantou seus cabelos negros, soprando-os para longe do rosto. Não pareceu ver Tessa, e, por um instante, ela ficou parada, olhando para ele. Sabia que não era a atitude correta; Jem era dela, e ela era dele agora, e outros homens não deveriam existir. Mas não conseguia deixar de comparar os dois — Jem, com sua estranha combinação de delicadeza e força; e Will, como uma tempestade no mar azul e negro, com lampejos brilhantes de temperamento, feito raios de calor. Ficou imaginando se chegaria o dia em que a visão dele não mexeria com ela e faria seu coração palpitar, se a sensação cessaria conforme fosse se acostumando à ideia de estar noiva de Jem. Ainda era um fato novo demais para parecer real.

Mas uma coisa estava diferente. Quando olhava para Will, agora, não sentia mais dor.

Will então a viu e sorriu através do cabelo que caía no rosto. Esticou a mão para afastá-lo.

— Vestido novo, não? — perguntou, enquanto ela descia. — Não é um dos de Jessamine.

Tessa assentiu e esperou resignadamente por algum comentário sarcástico sobre ela, Jessamine, o vestido, ou os três.

— Combina com você. Estranho que o cinza faça seus olhos parecerem azuis, mas faz.

Ela olhou pasma para ele, mas antes que pudesse abrir a boca para perguntar se ele estava se sentindo bem, a carruagem apareceu chacoalhando na esquina do Instituto, Cyril nas rédeas. Ele parou na frente da escadaria, e a porta se abriu; Charlotte estava dentro, com um vestido de veludo vinho e um chapéu decorado com flores secas. Parecia mais nervosa do que Tessa jamais a vira.

— Entrem depressa — disse, segurando o chapéu ao se inclinar para a porta. — Acho que vai chover.

Para surpresa de Tessa, Cyril não conduziu Charlotte, Will e ela ao solar em Chiswick, mas para uma casa elegante em Pimlico, que aparentemente era a moradia dos Lightwood. *Tinha* começado a chover, e as coisas molhadas — luvas, chapéus e casacos — foram recolhidas por um lacaio de aparência amarga antes de serem conduzidos por corredores lustrosos até uma ampla biblioteca, onde o fogo ardia na lareira.

Por trás de uma mesa enorme de carvalho sentava-se Benedict Lightwood, seu perfil bem marcado ainda mais acentuado pelo jogo de luz e sombra do recinto. As cortinas estavam fechadas, e, alinhados nas estantes, vários volumes de capas de couro escuro, com impressões douradas nas lombadas. Em cada lado de Benedict encontrava-se um dos filhos — Gideon à direita, os cabelos louros caindo para a frente, escondendo sua expressão, os braços cruzados sobre o

peito. Do outro, Gabriel, os olhos verdes acesos com uma alegria genuína, as mãos nos bolsos das calças. Parecia prestes a começar a assobiar.

— Charlotte — disse Benedict. — Will. Senhorita Gray. Sempre um prazer. — Gesticulou para que se sentassem nas cadeiras dispostas diante da mesa. Gabriel deu um sorriso maldoso para Will quando este se sentou. Will olhou para ele, a expressão cuidadosamente vazia, e em seguida desviou o olhar. *Sem qualquer observação sarcástica*, pensou Tessa, atordoada. Sem sequer um olhar frio. *O que* estava acontecendo?

— Obrigada, Benedict — falou Charlotte, pequena, ereta, perfeitamente segura. — Por nos receber tão depressa.

— Claro. — Ele sorriu. — Você sabe que não há nada que possa fazer para mudar os rumos da situação. A decisão do Conselho não depende de mim. É totalmente deles.

Charlotte inclinou a cabeça para o lado.

— De fato, Benedict. Mas é você que está fazendo isso acontecer. Se não tivesse forçado o Cônsul Wayland a mostrar que estava me disciplinando, não haveria decisão alguma.

Benedict encolheu seus ombros estreitos.

— Ah, Charlotte. Lembro-me de quando você era Charlotte Fairchild. Era uma garotinha adorável, e, acredite se quiser, gosto de você até hoje. O que estou fazendo é pelo bem do Instituto e da Clave. Uma mulher não pode controlar o Instituto. Não é de sua natureza. Vai me agradecer quando estiver em casa com Henry, criando a próxima geração de Caçadores de Sombras. Pode ferir seu orgulho, mas em seu coração sabe que estou certo.

O peito de Charlotte começou a subir e descer rapidamente.

— Se você abdicasse de solicitar o Instituto antes da decisão, realmente acredita que seria tão desastroso? Eu, governando o Instituto?

— Bem, nunca saberemos, não é mesmo?

— Ah, não sei — disse Charlotte. — Acho que a maioria dos membros do Conselho preferiria uma mulher a um patife devasso que socializa não só com

integrantes do Submundo, mas com demônios.

Fez-se um curto silêncio. Benedict não moveu um músculo. Nem Gideon.

Finalmente, Benedict se pronunciou, apesar de agora haver espinhos na suavidade de sua voz.

— Boatos e insinuações.

— Verdade e observação — declarou Charlotte. — Will e Tessa estiveram em sua última festa, em Chiswick. Observaram bastante.

— Aquela mulher demônio que estava com você no divã — disse Will. — Chamaria de amiga, ou seria mais uma parceira de negócios?

Os olhos escuros de Benedict endureceram.

— Criancinha insolente...

— Ah, eu diria que se trata de uma amiga — disse Tessa. — Normalmente, parceiros de negócio não lambem o rosto um dos outros. Mas posso estar enganada. O que sei sobre essas coisas? Sou só uma mulher tola.

A boca de Will se ergueu no cantinho. Gabriel continuava olhando; Gideon encarava o chão. Charlotte permanecia sentada, perfeitamente composta, com as mãos no colo.

— Vocês três são bastante tolos — declarou Benedict, gesticulando desdenhosamente para eles. Tessa viu alguma coisa no pulso dele, uma sombra, como o fecho de uma pulseira feminina, antes de a manga cair de volta, cobrindo o objeto. — Digo, se pensam que o Conselho vai acreditar nas suas mentiras. Você — dirigiu o olhar para Tessa — é do Submundo; sua palavra não tem o menor valor. E você — apontou para Will — é reconhecidamente um lunático que confraterniza com feiticeiros. Não só com esta aqui, mas também com Magnus Bane. E quando me julgarem pela Espada Mortal e eu rebater as acusações, em quem acham que acreditarão, em vocês ou em mim?

Will trocou olhares com Charlotte e Tessa. Ele tinha razão, pensou Tessa, Benedict não temia a Espada.

— Temos outra prova, Benedict — disse Will.

— Ah? — Os lábios de Lightwood se curvaram para cima em um sorriso

debochado. — E qual seria ela?

— A prova do seu próprio sangue envenenado — declarou Charlotte. — Agora mesmo, quando gesticulou para nós, vi seu pulso. Até que ponto se espalhou? Começa no torso, não é mesmo, e se espalha pelos braços e pelas pernas...

— Do que estão falando? — A voz de Gabriel tinha uma mistura de fúria e terror. — Pai?

— Varíola demoníaca — respondeu Will, com a satisfação dos verdadeiramente vingados.

— Que acusação nojenta — começou Benedict.

— Negue, então — desafiou Charlotte. — Levante a manga. Mostre-nos seu braço.

O músculo na lateral da boca de Benedict tremeu ligeiramente. Tessa assistiu fascinada. Ele não a aterrorizava, como Mortmain, mas a enojava tanto quanto a imagem de uma minhoca gorda contorcendo-se no jardim. Ela observou enquanto ele se voltava para o filho mais velho.

— Você — rosnou. — *Você* contou para eles. Você me traiu.

— Contei — disse Gideon, levantando a cabeça e descruzando os braços, afinal. — E contaria outra vez.

— Gideon? — Quem falou foi Gabriel, soando aturdido. — Pai? Do que vocês estão falando?

— Seu irmão nos traiu, Gabriel. Revelou nossos segredos aos Branwell — Benedict cuspiu as palavras como se fossem veneno. — Gideon Arthur Lightwood — prosseguiu Benedict. Seu rosto parecia mais velho, as rugas nas laterais da boca mais marcadas, entretanto, o tom permanecia o mesmo. — Sugiro que pense com muito cuidado no que fez e no que fará em seguida.

— *Tenho* pensado — respondeu Gideon com a voz suave e baixa. — Desde que me chamou de volta da Espanha, eu tenho pensado. Quando criança, presumi que todos os Caçadores de Sombras vivessem como nós. Condenando demônios à luz do dia, mas confraternizando com os próprios sob o véu da

escuridão. Agora sei que não é assim. Não é a nossa conduta, pai; é a *sua* conduta. Você trouxe vergonha e imundície ao nome Lightwood.

— Não precisa ser tão melodramático...

— Melodramático? — O tom normalmente seco de Gideon estava carregado de desprezo. — Pai, temo pelo futuro do Enclave se você puser as mãos no Instituto. Estou avisando agora que vou depor contra você no Conselho. Empunharei a Espada Mortal e direi ao Cônsul Wayland por que acho Charlotte mil vezes mais apta a dirigir o Instituto. Contarei o que acontece aqui durante a noite a todos os membros do Conselho. Revelarei que está trabalhando para Mortmain. E revelarei *por quê*.

— Gideon! — Foi Gabriel quem falou, sua voz aguda cortando a do irmão. — Sabe que a custódia do Instituto foi o último desejo da nossa mãe. E foi por culpa dos Fairchild que ela morreu...

— Isso é mentira — declarou Charlotte. — Ela se suicidou, mas não foi por causa de nada que meu pai tenha feito. — Ela olhou diretamente para Benedict. — Foi, na verdade, por causa de algo que *seu* pai fez.

A voz de Gabriel se elevou.

— Como assim? Por que você diria uma coisa dessas? Pai...

— Fique quieto, Gabriel. — A voz de Benedict era severa e autoritária, mas, pela primeira vez, ele demonstrou medo na fala e nos olhos. — Charlotte, do que você está falando?

— Sabe muito bem do que estou falando, Benedict — disse Charlotte. — A questão é se você quer que eu compartilhe meu conhecimento com a Clave. E com seus filhos. Sabe o que isso significará para eles.

Benedict se recostou.

— Reconheço chantagem quando vejo uma, Charlotte. O que você quer de mim?

Foi Will quem respondeu, ansioso demais para se conter.

— Retire seu pedido para controlar o Instituto. Defenda Charlotte na frente do Conselho. Diga a eles por que acha que o Instituto deve permanecer sob a

guarda dela. Você tem boa oratória. Pensará em alguma coisa, tenho certeza.

Benedict olhou de Will para Charlotte. Seus lábios se curvaram.

— São esses os seus termos?

Antes que Will pudesse se pronunciar, Charlotte falou:

— Não todos. Precisamos saber como tem se comunicado com Mortmain e onde ele está.

Benedict riu.

— Eu me comunicava com ele através de Nathaniel Gray. Mas, considerando que o mataram, duvido que ele vá ser uma boa fonte de informação.

Charlotte ficou chocada.

— Quer dizer que mais ninguém sabia onde ele estava?

— Eu certamente não sei — respondeu Benedict. — Mortmain não é burro, infelizmente para você. Ele queria que eu controlasse o Instituto para que ele pudesse atacar a partir do coração. Mas esse era apenas um de seus muitos planos, um fio da teia. Ele espera por isso há muito tempo. Terá a Clave. E terá *ela* — disse, com os olhos pousados em Tessa.

— O que ele pretende fazer comigo? — perguntou Tessa.

— Não sei — respondeu Benedict, com um sorriso desdenhoso. — Sei que ele vivia perguntando sobre seu bem-estar. Tanta preocupação, algo tão tocante em um noivo em potencial.

— Ele diz que me criou — disse Tessa. — O que isso significa?

— Não tenho a mais vaga ideia. Está enganada se pensa que ele fez de mim um confidente.

— Sim — falou Will —, vocês não parecem ter muito em comum, exceto pela atração por mulheres demônios e pelo mal.

— Will! — irritou-se Tessa.

— Não quis dizer *você* — esclareceu Will, aparentando surpresa. — Estou falando do Clube Pandemônio...

— Se já terminaram a jogada — declarou Benedict —, gostaria de deixar uma coisa muito clara ao meu filho. Gideon, entenda que, se apoiar Charlotte

Branwell nisso, não será mais recebido sob meu teto. Não é à toa que dizem que um homem não deve apostar tudo no mesmo cavalo.

Em resposta, Gideon ergueu as mãos, quase como se fosse rezar. Mas Caçadores de Sombras não rezam, e Tessa logo percebeu o que ele estava fazendo — tirando o anel de prata do dedo. O anel que era como o dos Carstairs, de Jem, a diferença é que este era envolvido por uma estampa de chamas. O anel da família Lightwood. Ele o colocou na beirada da mesa do pai e voltou-se para o irmão.

— Gabriel — disse. — Você vem comigo?

Os olhos verdes de Gabriel brilhavam de raiva.

— Sabe que não posso.

— Sim, você pode. — Gideon estendeu a mão para o irmão. Benedict os encarou. Tinha empalidecido ligeiramente, como se de repente estivesse percebendo que poderia perder não só um filho, mas os dois. Agarrou a beirada da mesa, as juntas embranquecendo. Tessa não pôde deixar de olhar para a extensão do pulso que se revelou quando a manga levantou. A pele estava muito pálida e marcada por estrias pretas e circulares. Alguma coisa naquela imagem a deixou nauseada, e Tessa se levantou. Will, ao seu lado, já estava de pé. Apenas Charlotte continuava sentada, cerimoniosa e sem expressão, como sempre.

— Gabriel, por favor — disse Gideon. — Venha comigo.

— Quem vai cuidar do nosso pai? O que as pessoas vão falar sobre nossa família se nós dois o abandonarmos? — disse Gabriel, amargura e desespero colorindo seu tom de voz. — Quem vai cuidar das propriedades, do assento no Conselho...

— Não sei — disse Gideon. — Mas não precisa ser você. A Lei...

A voz de Gabriel tremeu.

— Família antes da Lei, Gideon. — Encontrou os olhos do irmão por um instante; então desviou, mordendo o lábio. Postou-se atrás de Benedict, com a mão no encosto da cadeira dele.

Benedict sorriu; nesse aspecto, pelo menos, ele havia triunfado. Charlotte se

levantou, de queixo erguido.

— Confio que o verei amanhã, na câmara do Conselho, Benedict. Sei que saberá o que fazer — declarou, retirando-se com Gideon e Tessa logo atrás. Apenas Will hesitou por um instante, na entrada, com os olhos fixos em Gabriel. Quando o jovem Lightwood não olhou para ele, findou dando de ombros e se foi com os outros, fechando a porta atrás de si.

Percorreram em silêncio o caminho de volta até o Instituto, com a chuva batendo nas janelas da carruagem. Charlotte fez diversas tentativas de falar com Gideon, mas ele permaneceu em silêncio, olhando fixamente para o borrão da paisagem das ruas pelas quais passavam. Tessa não sabia se ele estava irritado, arrependido, ou mesmo aliviado. Permaneceu impassível, mesmo quando Charlotte explicou que sempre haveria lugar para ele no Instituto, e que mal poderiam expressar a gratidão pelo que ele fizera. Finalmente, enquanto percorriam a Strand, ele disse:

— Acreditei, de verdade, que Gabriel fosse vir comigo. Depois que soubesse de Mortmain...

— Ele ainda não entende — respondeu Charlotte. — Dê um tempo a ele.

— Como sabia? — Will olhou sutilmente para Gideon. — Acabamos de descobrir o que aconteceu com sua mãe. E Sophie nos contou que você não fazia ideia...

— Pedi que Cyril entregasse dois bilhetes — revelou Charlotte. — Um para Benedict e outro para Gideon.

— Ele me entregou quando meu pai não estava olhando — relatou Gideon. — Só tive tempo de ler rapidamente antes de vocês entrarem.

— E escolheu acreditar? — perguntou Tessa. — Tão depressa?

Gideon olhou para a janela molhada de chuva. Sua mandíbula estava tensa.

— A história que meu pai contou sobre a morte da minha mãe nunca fez sentido. Esta faz.

Tão próximos na carruagem úmida, com Gideon a apenas alguns

centímetros dela, Tessa sentiu o estranho impulso de contar a ele que tinha tido um irmão que amou e perdeu para algo pior do que a morte, e que ela compreendia. Agora percebeu o que Sophie gostava nele — a vulnerabilidade sob o semblante sério, a honestidade sólida por debaixo da bela compleição do rosto.

Mas não falou nada, sentindo que o comentário não seria bem-recebido. Will, enquanto isso, sentado ao lado dela, era um feixe de energia contida. Às vezes ela captava um lampejo azul quando ele a olhava, ou o esboço de um sorriso — um sorriso surpreendentemente *doce*, algo como alegria, que ela jamais havia associado a Will. Era como se ele estivesse compartilhando uma piada interna com ela, só que ela não sabia ao certo qual *era* essa piada. Mesmo assim, sentiu a tensão dele tão fortemente que sua própria calma, ou o que restava dela, foi completamente interrompida quando por fim chegaram ao Instituto e Cyril — completamente ensopado, mas gentil como sempre — veio até a lateral da carruagem para abrir as portas.

Ajudou Charlotte a descer primeiro, depois Tessa, e então Will estava ao lado dela, após ter saltado e evitado uma poça por pouco. Não estava mais chovendo. Will olhou para o céu e pegou o braço de Tessa.

— Venha comigo — sussurrou, conduzindo-a até a porta da frente do Instituto.

Tessa olhou por cima do ombro para onde Charlotte se encontrava, ao pé da escada, conseguindo finalmente, ao que parecia, conversar com Gideon. Ela estava gesticulando animadamente.

— Temos de esperar por eles, não acha que devíamos... — começou Tessa. Will balançou a cabeça determinado.

— Charlotte vai passar horas tagarelando com ele sobre qual quarto ele quer e o quanto agradece pela ajuda dada. A única coisa que eu quero é conversar com você.

Tessa o encarou enquanto entravam no Instituto. Will queria conversar com ela. Ele já tinha dito isso, é verdade, mas ser tão direto assim não tinha nada a ver com ele.

Um pensamento ocorreu a Tessa. Será que Jem havia revelado a Will sobre o noivado? Será que ele estava irritado, achando que ela não fosse digna do amigo? Mas quando Jem teria tido *tempo*? Talvez enquanto ela se vestia — mas, pensando bem, Will não *parecia* irritado.

— Mal posso esperar para contar para Jem sobre nossa reunião — anunciou ao subir as escadas. — Ele não vai acreditar naquela cena: Gideon se voltando contra o pai daquele jeito! Uma coisa é revelar segredos a Sophie, outra é renunciar à família. Mas é verdade que ele tirou o anel.

— Pois é — observou Tessa virando no alto da escada e atravessando o corredor. A mão enluvada de Will estava calorosa em seu braço. — Gideon está apaixonado por Sophie. As pessoas fazem tudo por amor.

Will olhou para ela como se suas palavras o tivessem empurrado, e sorriu, aquele mesmo sorriso loucamente doce da carruagem.

— Incrível, não é?

Tessa ia responder, mas já tinham chegado à sala de estar. Estava acesa; as tochas de luz enfeitiçadas brilhavam, e havia fogo na lareira. As cortinas estavam abertas, exibindo quadrados de céu, escuro como chumbo. Tessa tirou o chapéu e as luvas e os apoiou sobre uma mesa marroquina quando viu que Will estava trancando a porta.

Tessa piscou.

— Will, por que está trancando...

Ela não concluiu a frase. Eliminando o espaço entre os dois com duas passadas longas, Will a alcançou e a abraçou. Ela engasgou, surpresa, quando ele a envolveu nos braços, conduzindo-a para trás até praticamente colidirem contra a parede, apesar dos protestos do vestido volumoso.

— *Will* — disse ela surpresa, mas ele a prendeu contra a parede com o corpo, deslizando as mãos por seus ombros, passando-as pelo cabelo molhado, a boca subitamente quente na dela. Ela mergulhou, atordoada, e se afogou no beijo; os lábios dele eram macios, seu corpo pesando contra o dela, e Will tinha gosto de chuva. O calor se espalhou a partir do estômago de Tessa e a boca de Will se

movia desesperadamente na dela, querendo que ela respondesse.

O rosto de Jem apareceu no fundo de suas pálpebras fechadas. Ela colocou as mãos no peito dele e o empurrou, com toda a força. A respiração de Tessa saiu em um sopro violento:

— *Não*.

Will deu um passou surpreso para trás. Sua voz soou rouca e baixa ao dizer:

— Mas ontem à noite? Na enfermaria? Eu... você me abraçou...

Abracei? Com um choque agudo ela percebeu que o que acreditara ser um sonho não tinha sido, afinal. Ou ele estava mentindo? Mas, não. Não tinha como saber o que ela havia sonhado.

— Eu... — as palavras de Tessa se embolaram umas nas outras. — Achei que estivesse sonhando...

O olhar entorpecido de desejo estava desaparecendo rapidamente da expressão de Will, substituído por mágoa e confusão. Ele quase gaguejou:

— Mas hoje mesmo. Achei que você... você disse que estava tão ansiosa quanto eu para ficarmos a sós...

— Pensei que você quisesse um pedido de desculpas! Salvou minha vida no armazém de chá, e *sou* grata por isso, Will. Pensei que quisesse que eu falasse...

Will pareceu ter levado um tapa.

— Não salvei sua vida para que se sentisse *grata*!

— Então, o quê? — A voz de Tessa se elevou. — Fez porque é sua obrigação? Porque a Lei diz...

— *Fiz porque a amo!* — Ele praticamente gritou, e então, como que registrando o choque na expressão dela, repetiu com uma voz mais controlada: — Eu amo você, Tessa, e amei praticamente desde o instante em que a conheci.

Tessa entrelaçou as mãos. Estavam geladas.

— Pensei que você não pudesse ser mais cruel do que foi no telhado aquele dia. Estava enganada. Isto é mais cruel.

Will ficou parado. Então balançou a cabeça lentamente, de um lado para o outro, como um paciente negando o diagnóstico fatal de um médico.

— Você... não acredita em mim?

— Claro que não acredito. Depois das coisas que disse, da forma como me tratou...

— *Precisei* — revelou. — Não tive escolha. Tessa, ouça. — Ela começou a andar em direção à porta; ele cambaleou para bloqueá-la, os olhos azuis ardentes. — Por favor, ouça. *Por favor*.

Tessa hesitou. A forma como disse "por favor" — a voz falhando — isto não era igual ao dia do telhado. Naquela ocasião, ele mal conseguia olhar para ela. Agora a encarava desesperadamente, como se pudesse convencê-la a ficar se sua vontade fosse suficientemente forte. A voz que gritava dentro dela, dizendo que ele iria machucá-la e que não estava sendo sincero, suavizou, sufocada por uma outra voz, mais alta e traiçoeira, que lhe mandava ficar. Escutá-lo.

— Tessa. — Will passou as mãos pelos cabelos negros, os dedos esguios tremendo de agitação. Tessa se lembrou da sensação de tocar aquele cabelo, de passar os dedos por eles, a sensação como seda contra sua pele. — O que vou lhe contar, jamais contei a ninguém além de Magnus, coisa que só fiz porque precisava da ajuda dele. Não revelei nem a Jem. — Will respirou fundo. — Aos 12 anos, quando morava em Gales com meus pais, encontrei uma Pyxis no escritório do meu pai.

Ela não sabia ao certo o que esperava que Will fosse dizer, mas não era isso.

— Uma *Pyxis*? Mas por que seu pai guardaria uma Pyxis?

— Uma lembrança dos dias de Caçador de Sombras? Quem pode saber? Mas você se lembra do *Códex* discutindo maldições e como elas são efetuadas? Bem, quando abri a caixa, soltei um demônio, Marbas, que me rogou uma praga. Ele jurou que qualquer um que me amasse morreria. Eu poderia não ter acreditado, não conhecia muito sobre magia, mas minha irmã mais velha morreu naquela noite, de forma terrível. Pensei que fosse o começo da maldição. Abandonei minha família e vim para cá. Pareceu a única forma de mantê-los em segurança e de não provocar sucessivas mortes. Inicialmente não percebi que estava entrando em uma segunda família. Henry, Charlotte, até a chata da Jessamine; tive de me

certificar de que ninguém pudesse me amar. Pois eu acreditava que isso os colocaria em perigo mortal. Durante anos mantive certa distância de todos que eu não podia afastar completamente.

Tessa o encarou. As palavras ecoaram em sua mente. *Manter certa distância. Afastar os outros completamente.* Pensou nas mentiras dele, nas fugas, nas grosserias com Charlotte e Henry, nas crueldades que pareciam forçadas, até mesmo na história de Tatiana, que apenas o amou como garotinhas o faziam, e cujos sentimentos ele esmagou. E então...

— Jem — sussurrou.

Ele a olhou miseravelmente.

— Jem é diferente — sussurrou.

— Jem está *morrendo*. Você permite o apego de Jem porque ele está quase morrendo? Achou que a maldição não fosse afetá-lo?

— E a cada ano que se passava e ele sobrevivia, me parecia mais provável. Pensei que pudesse aprender a viver assim. Pensei que depois da morte de Jem, depois que eu fizesse 18 anos, pudesse morar sozinho e não impor minha maldição a ninguém. Mas aí tudo mudou. Por causa de você.

— De mim? — perguntou Tessa com a voz baixa, aturdida.

O esboço de um sorriso apareceu nos lábios de Will.

— Assim que a conheci, achei você diferente de todas as pessoas. Você me fazia rir. Ninguém além de Jem me fez rir em, meu Deus, cinco anos. E você fazia como se não fosse nada, simples como respirar.

— Você nem me conhecia, Will...

— Pergunte a Magnus. Ele vai contar. Após aquela noite no telhado, procurei-o. Eu afastei você porque achei que tivesse começado a perceber meus sentimentos. No Santuário naquele dia, quando achei que estivesse morta, percebi que você deveria ter notado no meu rosto. Fiquei apavorado. Precisava fazê-la me odiar, Tessa. Então tentei. E quis morrer. Pensei que pudesse suportar seu ódio, mas não pude. Quando vi que você ficaria no Instituto, soube que cada vez que a visse seria como estar naquele telhado outra vez, tendo de fazê-la me

odiar e tendo a sensação de estar engolindo veneno. Procurei Magnus e pedi que ele me ajudasse a encontrar o demônio que me amaldiçoou, para que isso pudesse ter um fim. Se desse certo, achei, poderia tentar outra vez. Poderia ser lento, doloroso, e quase impossível, mas achei que pudesse fazê-la gostar de mim outra vez se pudesse lhe contar a verdade. Acreditei que pudesse recuperar sua confiança, construir alguma coisa, lentamente.

— Está... está dizendo que a maldição se foi? Que *acabou*?

— Não existe maldição, Tessa. O demônio me enganou. Todos esses anos fui um idiota. Mas não idiota o bastante para não perceber que a primeira providência ao descobrir a verdade seria lhe dizer como eu verdadeiramente me sinto. — Ele deu mais um passo, e desta vez ela não recuou. Tessa estava olhando para ele, para a pele pálida e quase transparente sob os olhos, o cabelo escuro encaracolando nas têmporas, a nuca, o azul dos olhos e a curva da boca. Olhando para ele como olharia para um lugar adorado que não sabia se voltaria a ver, tentando memorizar os detalhes, registrá-los por trás das pálpebras para que pudesse vê-los ao fechar os olhos.

Ouviu a própria voz como se viesse de longe.

— Por que eu? — sussurrou. — Por que eu, Will?

Ele hesitou.

— Depois que trouxemos você para cá, depois que Charlotte encontrou suas cartas para seu irmão, eu... as li.

Tessa se ouviu dizendo, muito calmamente:

— Eu sei. Eu as achei no seu quarto quando estive lá com Jem.

Will pareceu espantado.

— Você não me disse nada.

— Primeiro fiquei com raiva — admitiu. — Mas foi na noite em que o achamos no covil dos ifrits. Me senti mal por você, acho. Disse a mim mesma que você apenas tinha ficado curioso, ou que Charlotte tivesse pedido.

— Ela não pediu — confessou ele. — Eu mesmo as retirei do fogo. Li todas. Cada uma de suas palavras. Você e eu, Tess, somos parecidos. Vivemos e

respiramos palavras. Foram os livros que me impediram de me matar depois que achei que não pudesse amar ninguém, nem ser amado por ninguém. Foram os livros que fizeram com que eu sentisse que não estava completamente sozinho. Eles podiam ser sinceros comigo e eu com eles. Li suas palavras, o que você escreveu, que às vezes se sentia sozinha e com medo, mas sempre corajosa; a forma como enxergava o mundo, as cores, texturas e sons, eu senti... senti a maneira como você pensava, tinha esperança, sentia, sonhava. Eu tinha a sensação de estar sonhando, pensando, e sentindo *com* você. Sonhei o que você sonhava, quis o que você queria, e então percebi que o que eu realmente queria era *você.* A menina por trás das cartas. Eu a amei desde o instante em que as li. E ainda amo.

Tessa começara a tremer. Isso era exatamente o que sempre quis que alguém dissesse. O que sempre quis, no canto mais obscuro do seu coração, que *Will* dissesse. Will, o menino que adorava os mesmos livros que ela, as mesmas poesias, que a fazia rir mesmo quando estava com raiva. E ali estava ele diante dela, dizendo que amava as palavras do seu coração, o formato da sua alma. Falando o que ela jamais havia imaginado que alguém falaria um dia. Dizendo a ela algo que jamais seria dito novamente, não desta forma. E não por Will.

E não tinha importância.

— É tarde demais — disse ela.

— Não diga isso. — A voz dele era quase um sussurro. — Eu amo você, Tessa. Eu amo você.

Ela balançou a cabeça.

— Will... pare.

Ele respirou asperamente.

— Eu sabia que você relutaria em confiar em mim — declarou. — Tessa, por favor, você não acredita em mim ou não consegue se imaginar retribuindo meu amor? Porque se for a segunda opção...

— Will. Não *importa*...

— Nada importa mais do que isso! — A voz dele ganhou força. — Eu *sei* que,

se me odeia, é porque a forcei a isso. *Sei* que não tem motivo para me dar uma segunda chance de ser olhado de forma diferente. Mas estou implorando por essa chance. Faço qualquer coisa. *Qualquer coisa*.

A voz dele falhou, e Tessa ouviu o eco de outra voz por dentro dela. Viu Jem olhando para ela com todo o amor, a luz, a esperança e a expectativa do mundo, tudo isso retido em seus olhos.

— Não — sussurrou ela. — Não é possível.

— É sim — disse ele, desesperadamente. — Precisa ser. Não pode me odiar tanto quanto...

— Não odeio você — declarou ela, com grande tristeza. — Tentei odiá-lo, Will. Mas nunca consegui.

— Então, há uma chance. — A esperança se acendeu nos olhos dele.

Ela não deveria ter falado tão gentilmente. Meu Deus, será que havia alguma coisa capaz de tornar isso menos terrível? Ela precisava contar a ele. Agora. Rápido. Diretamente.

— Tessa, se não me odeia, então existe chance de que você...

— Jem me pediu em casamento — disparou. — E eu aceitei.

— *O quê?*

— Disse que Jem me pediu em casamento — sussurrou. — Ele perguntou se eu aceitaria me casar com ele. E eu disse que sim.

Will ficou absurdamente pálido.

— Jem. *Meu* Jem? — disse.

Ela assentiu, sem nada para dizer.

Will cambaleou e pôs a mão nas costas de uma cadeira para se equilibrar. Parecia que tinha levado um chute súbito e violento no estômago.

— Quando?

— Hoje de manhã. Mas temos nos aproximado bastante, há algum tempo.

— Você... e Jem? — Parecia que estavam pedindo a ele para acreditar em alguma coisa impossível, neve no verão, um inverno londrino sem chuva.

Como resposta, Tessa tocou o pingente de jade com as pontas dos dedos.

— Ele me deu isto — disse ela. Sua voz estava bem baixinha. — Foi o presente de noivado da mãe dele.

Will ficou olhando para o pingente, para os caracteres chineses, como se fosse uma serpente enrolada no pescoço dela.

— Ele não me disse nada. Nunca falou uma palavra sobre você para mim. Não nesse sentido. — Tirou o cabelo do rosto, aquele gesto característico que Tessa já o tinha visto fazer mil vezes, só que agora a mão estava visivelmente trêmula. — Você o ama?

— Sim, eu o amo — respondeu, e viu Will se encolher. — Você não?

— Mas ele entenderia — disse entorpecido. — Se explicássemos para ele. Se contássemos... ele entenderia.

Apenas por um instante Tessa se imaginou tirando o pingente, atravessando o corredor, batendo à porta de Jem. Devolvendo-o. Dizendo que havia cometido um erro, que não poderia se casar com ele. Podia contar, falar tudo sobre ela e Will; sobre como não tinha certeza, de como precisava de tempo, que não podia prometer seu coração inteiro, pois parte dele pertencia a Will e sempre pertenceria.

Então pensou nas primeiras palavras que ouviu Jem proferir, com os olhos fechados, de costas para ela, o rosto para o luar. *Will? Will, é você?* A maneira como a voz de Will e o rosto suavizaram para Jem como não faziam por ninguém; a forma como Jem agarrou as mãos dele na enfermaria enquanto sangrava, o jeito como Will gritara *James!* quando o autômato o jogou no chão no armazém.

Não posso separá-los, pensou. *Não posso ser responsável por uma coisa dessas.*

Não posso falar a verdade para nenhum deles.

Imaginou o rosto de Jem se cancelasse o noivado. Ele seria gentil. Jem era sempre gentil. Mas ela estaria destruindo algo precioso dentro dele, algo essencial. Ele não seria o mesmo depois disso, e não teria Will para confortá-lo. E ele tinha tão pouco tempo.

E Will? O que ele faria? Independentemente do que estivesse pensando agora,

ela sabia que se terminasse o noivado com Jem, ainda assim Will não a tocaria, não ficaria com ela, independentemente do quanto a amasse. Como poderia demonstrar seu amor por ela na frente de Jem, sabendo que a própria felicidade tinha custado a dor do melhor amigo? Mesmo que Will dissesse a si mesmo que poderia dar um jeito, para ele, ela sempre seria a menina que Jem amou, até Jem morrer. Até *ela* morrer. Ele não trairia Jem nem depois da morte. Se fosse qualquer outra pessoa, qualquer outra pessoa no mundo — mas ela não amava mais ninguém no mundo. Esses eram os meninos que amava. Na alegria. E na tristeza.

Deixou a voz o mais fria possível. E calma.

— Contar *o quê?*

Will apenas a encarou. Havia luz em seus olhos na escada, ao trancar a porta, ao beijá-la — uma luz brilhante e alegre. E essa luz agora estava se apagando, desbotando como se fosse o último suspiro de alguém ao morrer. Tessa pensou em Nate, sangrando até a morte em seus braços. Fora impotente então, não pôde ajudá-lo. Como estava agora. Teve a sensação de estar vendo a vida escoar de Will Herondale, e não havia nada que pudesse fazer para impedir.

— Jem me perdoaria — disse Will, mas estava com o rosto desamparado, e a voz também. Tinha desistido, pensou Tessa; Will, que nunca desistia de nenhuma luta antes de começá-la. — Ele...

— Perdoaria — falou Tessa. — Ele jamais ficaria com raiva de você, Will; ele o ama demais para isso. Não acho nem que ficaria com raiva de mim. Mas hoje de manhã ele me disse que achou que fosse morrer sem nunca ter amado alguém como o pai amou a mãe, sem nunca ter sido amado dessa forma. Quer que eu atravesse o corredor, bata à porta dele e tire isso dele? E você? Continuaria me amando se eu fizesse isso?

Will a olhou por um bom tempo. Depois pareceu dobrar-se por dentro, como papel; sentou-se em uma poltrona e pôs o rosto nas mãos.

— Me prometa — falou — que o ama. O bastante para casar com ele e fazê-lo feliz.

— Sim — respondeu.

— Então, se o ama — disse baixinho —, por favor, Tessa, não conte a ele o que acabei de dizer. Não diga que eu a amo.

— E a maldição? Ele não sabe...

— Por favor, também não fale nada sobre isso. Nem a Henry, nem a Charlotte... ninguém. Preciso contar no meu próprio tempo, do meu próprio jeito. Finja que não lhe disse nada. Se você se importa minimamente comigo, Tessa...

— Não contarei a ninguém — disse ela. — Juro. Prometo, pelo meu anjo. O anjo da minha mãe. E, Will...

Ele tinha abaixado as mãos, mas ainda não parecia capaz de olhar para ela. Estava agarrando as laterais da poltrona, com as juntas brancas.

— Acho melhor você ir, Tessa.

Mas ela não suportava a ideia. Não com ele assim, como se estivesse morrendo por dentro. Mais do que qualquer outra coisa, ela queria se aproximar e abraçá-lo, beijar os olhos dele, fazê-lo sorrir novamente.

— O que você suportou — falou —, desde os 12 anos de idade... teria matado a maioria das pessoas. Sempre acreditou que ninguém o amasse, que ninguém *pudesse* amá-lo, já que sobreviver era prova disso. Mas Charlotte o ama. E Henry. E Jem. E sua família. Todos eles sempre o amaram, Will Herondale, pois você não consegue esconder o que há de bom em você, por mais que tente.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela. Ela viu a chama do fogo refletida em seus olhos azuis.

— E você? Você me ama?

Tessa enterrou as unhas nas palmas.

— Will — disse ela.

Ele olhou para ela, quase através dela, cegamente.

— *Você me ama?*

— Eu... — Ela respirou fundo. Isso doía. — Jem sempre esteve certo sobre você. Você sempre foi melhor do que eu imaginava, e por isso peço desculpas.

Porque se este é você, como você realmente é, e eu acho que sim, então não terá dificuldades em encontrar alguém que o ame, Will, alguém para quem você venha em primeiro lugar. Mas eu...

Will emitiu um ruído que foi entre uma risada engasgada e um soluço.

— "Em primeiro lugar" — repetiu. — Acreditaria que esta não é a primeira vez que me diz isso?

Ela balançou a cabeça, aturdida.

— Will, eu não...

— Você nunca vai me amar — disse ele, secamente, e quando ela não respondeu, quando Tessa não disse nada, ele estremeceu; um tremor que percorreu todo o seu corpo. Então se levantou da cadeira sem olhar para ela. Levantou de uma vez e atravessou a sala, esticando a mão em busca da maçaneta da porta. Tessa observou com a mão sobre a boca enquanto, após o que pareceu uma eternidade, ele a encontrou, abriu e saiu pelo corredor, batendo a porta atrás de si.

Will, pensou. *Will, é você?* Seus olhos doeram. De algum modo acabou sentada no chão, na frente da lareira. Encarou as chamas, esperando pelas lágrimas. Nada aconteceu. Depois de tanto tempo reprimindo-as, ao que parecia, tinha perdido a capacidade de chorar.

Pegou o atiçador no suporte de ferro e levou a ponta dele ao núcleo em brasa dos carvões, sentindo o calor no rosto. O pingente de jade na garganta se aqueceu, quase queimando sua pele.

Retirou o atiçador do fogo. Brilhava, vermelho como um coração. Ela fechou a mão em torno da ponta.

Por um instante, não sentiu absolutamente nada. E então, como que de longe, se ouviu gritando, e foi como se uma chave tivesse girado em seu coração, libertando as lágrimas, afinal. O atiçador caiu no chão.

Quando Sophie entrou apressada, após ter ouvido o berro, encontrou Tessa ajoelhada perto do fogo, com a mão queimada pressionada contra o peito, soluçando como se seu coração fosse quebrar.

Foi Sophie quem levou Tessa para o quarto, quem lhe vestiu a camisola e a colocou na cama; foi Sophie quem lavou sua mão queimada com um pano frio e fez um curativo com uma pomada que cheirava a erva e temperos. Era a mesma pomada, disse, que Charlotte usou em sua bochecha quando ela veio para o Instituto.

— Acha que vou ficar com uma cicatriz? — perguntou Tessa, mais por curiosidade do que por se importar. A queimadura e o choro que se seguiu pareciam ter esgotado todas as emoções dentro dela. Sentiu-se tão leve e oca quanto uma concha.

— Provavelmente uma pequena, não como a minha — respondeu Sophie com franqueza, prendendo o curativo na mão de Tessa. — Queimaduras parecem piores do que são, se é que me entende, e eu passei a pomada logo depois do ferimento. Vai ficar bem.

— Não, não vou — afirmou Tessa, olhando para a mão, e depois para Sophie. Sophie, adorável como sempre, calma e paciente, com o vestido preto e a touca branca, os cachos ao redor da face. — Peço desculpas novamente, Sophie — disse. — Você tinha razão quanto a Gideon, e eu me enganei. Devia ter ouvido você. Você é a última pessoa do mundo com chances de se enganar com os homens. Na próxima vez que disser que alguém é confiável, vou acreditar.

O sorriso de Sophie desapareceu, o sorriso que fazia até os estranhos se esquecerem da cicatriz.

— Entendo por que disse aquilo.

— Eu deveria ter confiado em você...

— Eu não deveria ter ficado tão irritada — disse Sophie. — A verdade é que eu mesma não tinha certeza do que ele iria fazer. Não tive certeza de que ficaria do nosso lado até vê-lo chegando com vocês na carruagem.

— Mas deve ser bom — disse Tessa, mexendo nas roupas de cama —, ele vir morar aqui. Ficará tão perto de você...

— Será a pior coisa do mundo — Sophie falou, e de repente seus olhos se

encheram de lágrimas. Tessa congelou, horrorizada, imaginando o que poderia ter dito de tão errado. As lágrimas permaneceram nos olhos de Sophie, sem cair, fazendo o verde da íris brilhar. — Se ele morar aqui, vai me ver como realmente sou. Uma servente — a voz de Sophie falhou. — Eu sabia que não deveria tê-lo encontrado quando me chamou. A sra. Branwell não é do tipo que pune serviçais por terem pretendentes ou coisa do tipo, mas eu sabia que era errado ainda assim, porque ele é ele, e eu sou eu, e não devemos ficar juntos. — Esticou a mão e limpou os olhos, e então as lágrimas de fato caíram, escorrendo pelas duas faces, a intacta e a cicatrizada. — Eu posso perder tudo se me permitir... e o que ele arrisca perder? Nada.

— Gideon não é assim.

— Ele é filho do pai dele — declarou. — Quem disse que isso não conta? Não é como se ele estivesse disposto a se casar com uma mundana, para começo de conversa, mas me ver acendendo a lareira, lavando a roupa...

— Se ele a ama, não vai se importar com nada disso.

— As pessoas *sempre* se importam. Não são tão nobres quanto pensa.

Tessa pensou em Will com o rosto nas mãos, dizendo: *se o ama, por favor, Tessa, não conte a ele o que acabei de dizer.*

— A nobreza é encontrada nos lugares mais estranhos, Soph. Além disso, você realmente *quereria* ser uma Caçadora de Sombras? Não preferiria...

— Ah, mas quero — revelou Sophie. — Mais do que tudo neste mundo. Sempre quis.

— Nunca soube — respondeu Tessa, impressionada.

— Se me casasse com mestre Jem... — Sophie mexeu no cobertor, em seguida levantou o olhar e sorriu sombriamente. — Ainda não partiu o coração dele, partiu?

— Não — disse Tessa. *Só quebrei o meu em dois.* — Não parti o coração dele.

21
Brasas

Ó irmão, contigo foram generosos os deuses.
Enquanto o mundo subsiste, durma, e fique satisfeito.
Sinta-se contente enquanto se esgotam os anos;
Agradeça pela vida, os amores e os encantos;
Agradeça pelo viver, ó irmão, e pelo expirar,
Pelo doce último ruído dos pés dela, e de seu respirar,
Pelos presentes que lhe deu, graciosos e poucos,
Lágrimas e beijos, essa sua dama.
— Algernon Charles Swinburne, "The Triumph of Time"

Música escoava por baixo da porta de Jem, que estava parcialmente aberta. Will estava parado com a mão na maçaneta e o ombro na parede. Sentia-se profundamente exausto, mais cansado do que jamais se sentira na vida. Uma intensa energia o manteve alerta desde que deixou Cheyne Walk, mas agora essa energia já o tinha abandonado, se esgotado, e só restava uma sensação sombria de cansaço.

Esperou que Tessa o chamasse de volta quando bateu a porta da sala de estar, mas ela não o fez. Ainda conseguia vê-la olhando para ele, os olhos como grandes nuvens carregadas de tempestade. *Jem me pediu em casamento, e eu aceitei.*

Você o ama?

Eu o amo.

E, no entanto, aqui estava ele, na porta de Jem. Não sabia se tinha vindo para tentar convencer o amigo a desistir de Tessa — se é que isso podia ser feito — ou, o que era mais provável, se este era o local onde tinha aprendido a ir em busca de conforto e não fosse possível desaprender um hábito de tantos anos. Ele abriu a porta; luz enfeitiçada transbordou para o corredor, e ele entrou.

Jem estava sentado no baú ao pé da cama, com o violino equilibrado no ombro. Estava com os olhos fechados; o arco passava pela corda, mas os cantos dos lábios dele se ergueram quando o *parabatai* entrou no quarto:

— Will? É você, Will?

— Sim — respondeu. Estava na entrada do quarto, com a sensação de que não poderia ir mais longe.

Jem parou de tocar e abriu os olhos.

— Telemann — informou. — Fantasia em mi bemol maior. — Repousou o violino e o arco. — Bem, vamos logo, entre. Está me deixando nervoso aí parado.

Will deu mais alguns passos para dentro do quarto. Já tinha passado tanto tempo neste cômodo que o conhecia tão bem quanto o próprio. A coleção de livros de música de Jem; a caixa em que o violino ficava guardado quando ele não estava tocando; as janelas que permitiam a entrada de quadrados de luz do sol. O baú que veio de Xangai. A bengala com cabeça de jade, apoiada na parede. A caixa com Kwan Yin, que continha as drogas de Jem. A poltrona na qual Will já tinha passado incontáveis noites, observando Jem dormir, velando a respiração do amigo e rezando.

Jem olhou para ele. Tinha os olhos luminosos, sem qualquer desconfiança neles, apenas pura felicidade em vê-lo.

— Fico feliz que esteja aqui.

— Eu também —respondeu Will, asperamente. Estava se sentindo desconfortável, e ficou imaginando se Jem podia sentir isso. Nunca tinha se sentido assim perto do *parabatai* antes. Eram as palavras, pensou, na ponta da

língua, implorando para serem ditas.

Entende, não entende, James? Sem Tessa não existe nada para mim — não existe alegria, não existe luz, não existe vida. Se você me amasse, me deixaria ficar com ela. Não pode amá-la tanto quanto eu. Ninguém pode. Se realmente é meu irmão, faria isso por mim.

Mas as palavras permaneceram impronunciadas, e Jem se inclinou para a frente, com a voz baixa e confidente.

— Will. Tem uma coisa que eu queria lhe dizer, mas não na frente de todo mundo.

Will se preparou. Era agora. Jem ia contar sobre o noivado, e ele teria de fingir que estava feliz e não vomitar pela janela, o que queria fazer desesperadamente. Colocou as mãos nos bolsos.

— E o que é?

O sol refletiu nos cabelos de Jem quando ele abaixou a cabeça.

— Eu deveria ter conversado com você antes. Mas nunca falamos sobre amor, não é mesmo? E com todo o seu cinismo... — Jem sorriu. — Pensei que fosse rir de mim. Além disso, nunca achei que houvesse chance de ela retribuir meus sentimentos.

— Tessa — disse Will. O nome era como lâmina em sua boca.

O sorriso de Jem era luminoso, acendendo todo o seu rosto, e qualquer esperança que Will tivesse ancorado numa possível câmara secreta do coração, de que talvez Jem não a amasse de fato, se foi, soprada como a névoa por uma forte ventania.

— Você nunca fugiu das suas obrigações — Jem falou. — E eu sei que você teria feito tudo que pudesse para salvar Tessa no armazém de chá, independentemente de quem fosse no lugar dela. Mas não pude deixar de pensar que talvez o motivo para sua determinação era o fato de que sabia o que ela significava para mim. — Inclinou a cabeça para o lado, com um sorriso incandescente. — Adivinhei, ou sou um idiota convencido?

— Você é um idiota — respondeu Will, e engoliu em seco, com a garganta

áspera. — Mas... tem razão. Sei o quanto ela significa para você.

Jem sorriu. A felicidade estava estampada em seu rosto e no olhar. Will nunca tinha visto o amigo assim. Sempre pensou em Jem como uma presença calma e pacífica, sempre achou que a alegria, assim como a raiva, fosse uma emoção extrema e humana demais para ele. Percebeu agora que tinha se enganado; era simplesmente por que Jem nunca tinha se sentido tão feliz antes. Não desde a morte dos pais, Will imaginou. Mas Will nunca tinha pensado nisso. Preocupava-se em saber se ele estava seguro, sobrevivendo, mas nunca se estava *feliz*.

Jem é meu grande pecado.

Tessa tinha razão, pensou. Ele antes quisera que ela terminasse o noivado com Jem a qualquer custo; agora percebeu que não queria mais, não podia. *Talvez possa acreditar que sei o que é honra... honra e dívida*, dissera a Jem, e fora sincero. Devia a vida a Jem. Não podia tirar do amigo a coisa que ele mais queria no mundo. Mesmo que isso lhe custasse sua própria felicidade, pois Jem não era apenas alguém com quem tinha uma dívida impossível de ser paga, mas, como registrado em contrato, alguém a quem amava tanto quanto à própria alma.

Jem não parecia apenas mais feliz, mas mais forte, pensou Will, com uma cor saudável no rosto, as costas eretas.

— Preciso me desculpar — disse Jem. — Fui severo demais na questão do covil dos ifrits. Sei que você só estava procurando alívio.

— Não, teve razão em...

— Não tive. — Jem ficou de pé. — Se fui duro com você, foi porque não suporto vê-lo tratar a si mesmo como se não valesse nada. Por mais que desempenhe um papel em que tenta demonstrar o contrário, eu o vejo como realmente é, meu irmão de sangue. Não apenas melhor do que finge ser, mas melhor do que a maioria das pessoas poderia ter a ambição de ser. — Colocou a mão no ombro de Will. — Você tem um valor inestimável, Will.

Will fechou os olhos. Viu a sala preta de basalto do Conselho, os dois círculos ardendo no chão. Jem saindo do próprio círculo e vindo para o de Will, de modo

que ocuparam o mesmo espaço circunscrito pelo fogo. Naquela época, ainda tinha os olhos pretos, grandes no rosto pálido. Will se recordou das palavras do juramento *parabatai*. *Aonde fores, irei; onde morreres, morrerei, e lá serei enterrado: o Anjo me permitirá isso, e mais, e nada além da morte separará a ti de mim.* Aquela mesma voz lhe falou novamente:

— Obrigado pelo que fez por Tessa — disse Jem.

Will não conseguiu olhar para Jem; em vez disso encarou a parede, onde suas sombras se misturavam em relevo, de modo que não dava para saber onde um começava e o outro terminava.

— Obrigado por assistir ao Irmão Enoch tirar os fragmentos de metal das minhas costas — falou.

Jem riu.

— Não é para isso que serve um *parabatai*?

***

A câmara do Conselho estava coberta por bandeiras vermelhas marcadas por símbolos pretos; Jem sussurrou para Tessa que eram símbolos de decisão e julgamento.

Sentaram na frente, em uma fila onde também estavam Henry, Gideon, Charlotte e Will. Tessa não falava com Will desde o dia anterior; ele não aparecera no café da manhã e chegou tarde no pátio, ainda abotoando o casaco enquanto descia as escadas. Estava com os cabelos negros desgrenhados, e parecia não ter dormido. Aparentava estar tentando não olhar para Tessa, e ela, por sua vez, evitava retribuir seus olhares, apesar de podê-lo sentir encarando-a algumas vezes, como partículas quentes de cinzas aterrissando sobre sua pele.

Jem era um perfeito cavalheiro; o noivado continuava secreto, e, exceto alguns sorrisos para ela a cada vez que se olhavam, ele não se comportou fora do normal em nenhum momento. Ao tomarem seus assentos no Conselho, ela sentiu Jem fazendo carinho em seu braço com o nó dos dedos, gentilmente, antes

de recolher a mão.

Tessa conseguia sentir Will observando-os da outra ponta da fileira em que estavam sentados. Não olhou para ele.

No assento na plataforma elevada no centro da câmara, estava Benedict Lightwood, com o perfil aquilino virado na direção contrária à da massa do Conselho, e a mandíbula tensa. Ao lado dele, Gabriel, que assim como Will, parecia exausto e desgrenhado. Olhou uma vez para o irmão quando Gideon entrou, e desviou quando ele ocupou um lugar, deliberadamente, entre os Caçadores de Sombras do Instituto. Gabriel mordeu o lábio e olhou para baixo, mas não se moveu.

Tessa reconheceu mais alguns rostos no auditório. A tia de Charlotte, Callida, estava lá, assim como o sombrio Aloysius Starkweather — apesar de, conforme havia reclamado, sem dúvida não ter sido convidado. Estreitou os olhos ao pousá-los em Tessa, e ela se virou rapidamente para a frente do recinto.

— Estamos aqui — pronunciou o Cônsul Wayland quando assumiu seu lugar diante do púlpito, com o Inquisidor a sua esquerda — para determinar até que ponto Charlotte e Henry Branwell ajudaram a Clave na questão de Axel Mortmain nos últimos quinze dias, e se, como Benedict Lightwood alegou, o Instituto de Londres ficaria melhor em outras mãos.

O Inquisidor se levantou. Estava segurando alguma coisa que brilhava em preto e prata nas mãos.

— Charlotte Branwell, por favor, aproxime-se do púlpito.

Charlotte se levantou e subiu as escadas. O Inquisidor abaixou a Espada Mortal, e Charlotte segurou a lâmina. Com a voz baixa, ela relatou os eventos das últimas semanas — a procura por Mortmain em artigos de jornal e registros, a visita a Yorkshire, a ameaça contra os Herondale, a descoberta da traição de Jessie, a luta no armazém, a morte de Nate. Ela não mentiu, apesar de Tessa estar ciente de que ela deixou de lado algum detalhe aqui ou ali. Aparentemente, a Espada Mortal podia ser contornada, ainda que minimamente.

Em diversos momentos do discurso de Charlotte, os membros do Conselho

reagiram sonoramente: respirando com intensidade, mexendo os pés, principalmente no momento em que o papel de Jessamine nos acontecimentos foi revelado.

— Eu conhecia os pais dela. — Tessa ouviu Callida, a tia de Charlotte, falar no fundo da sala. — Que coisa horrível... horrível!

— E onde a menina está agora? — perguntou o Inquisidor.

— Em uma cela na Cidade do Silêncio — respondeu Charlotte —, aguardando castigo pelo crime. Informei o Cônsul do paradeiro dela.

O Inquisidor, que estava andando de um lado para o outro da plataforma, parou e olhou de maneira penetrante para Charlotte.

— Você diz que essa menina era como uma filha para você — declarou —, no entanto a entregou espontaneamente para os Irmãos? Por que faria uma coisa dessas?

— A Lei é dura — respondeu Charlotte —, mas é a Lei.

A boca do Cônsul se curvou para cima.

— E você disse que ela seria excessivamente branda com transgressores, Benedict — declarou ele. — Algum comentário?

Benedict ficou de pé; ele claramente tinha decidido caprichar na camisa usada para esta ocasião. A manga sobressaía, branca como a neve, de seu paletó de *tweed* feito sob medida.

— Tenho um comentário — disse. — Eu apoio Charlotte Branwell inteiramente em sua liderança do Instituto e renuncio a meu pedido por uma posição.

Um murmúrio de incredulidade atravessou a multidão.

Benedict sorriu simpaticamente.

O Inquisidor se virou e lhe lançou um olhar cético.

— Então está dizendo — ecoou — que, *apesar* de estes Caçadores de Sombras terem matado Nathaniel Gray, ou terem sido responsáveis por isso, pela morte de nossa única ligação com Mortmain; apesar de mais uma vez terem abrigado um espião, *apesar* de ainda não saberem onde Mortmain está, ainda assim

recomenda que Charlotte e Henry Branwell governem este Instituto?

— Eles podem não saber onde Mortmain está — respondeu Benedict —, mas sabem *quem* ele é. Como disse o grande estrategista militar mundano Sun Tzu, em *A arte da guerra,* "se conhece seus inimigos e a si mesmo, pode vencer centenas de batalhas sem uma única perda". Sabemos agora quem Mortmain realmente é: um mortal, não um ser sobrenatural; um homem que teme a morte; um homem obcecado por uma vingança pelo que considera a morte injustificável de sua família. E alguém que não tem compaixão pelos membros do Submundo. Utilizou-se de lobisomens para ajudá-lo na construção de um exército mecânico, alimentando-os com drogas para que trabalhassem sem parar, sabendo que elas matariam os lobos e garantiriam seu silêncio. A julgar pelo tamanho do armazém utilizado e pela quantidade de trabalhadores empregados, o exército mecânico será de tamanho significativo. E a julgar pelas motivações e pelos anos de aperfeiçoamento das estratégias de vingança, Mortmain não é um homem com quem se possa conversar, que não pode ser dissuadido ou contido. Temos de nos preparar para uma guerra. E *disso*, não sabíamos antes.

O Inquisidor olhou para Benedict com a boca contraída, como se desconfiasse de que alguma coisa estava acontecendo, mas não imaginava o quê.

— Nos prepararmos para uma guerra? E como sugere que façamos isso, baseando-nos, é claro, nessas supostas informações valiosas reunidas pelos Branwell?

Benedict deu de ombros.

— Bem, isso será decidido pelo Conselho com o tempo. Mas Mortmain tentou recrutar membros poderosos do Submundo, tais como Woolsey Scott e Camille Belcourt para sua causa. Podemos não saber onde ele está, mas sabemos como atua e, dessa forma, podemos encurralá-lo. Talvez nos aliando a alguns dos líderes mais poderosos do Submundo. Charlotte parece se dar bem com eles, não acha?

Uma risada fraca percorreu o Conselho, mas não estavam rindo *de* Charlotte;

estavam rindo com Benedict. Gabriel estava olhando para o pai, seus olhos verdes ardendo.

— E a espiã que havia no Instituto? Não diria que isso é um exemplo da falta de cuidado de Charlotte? — perguntou o Inquisidor.

— De maneira alguma — respondeu Benedict. — Ela lidou com essa questão de forma rápida e implacável. — Ele sorriu para Charlotte, um sorriso que parecia uma lâmina. — Retiro minha prévia declaração sobre seu coração mole. Ela claramente consegue fazer justiça sem pena, como qualquer homem.

Charlotte empalideceu, mas não disse nada. Suas pequenas mãos ainda seguravam a Espada. Imóveis.

O Cônsul Wayland suspirou sonoramente.

— Gostaria que tivesse chegado a essa conclusão há quinze dias, Benedict, e nos poupado disto tudo.

Benedict deu de ombros elegantemente.

— Achei que ela precisava ser testada — revelou. — Felizmente, passou no teste.

Wayland balançou a cabeça.

— Muito bem. Vamos votar. — Entregou ao Inquisidor algo que parecia um recipiente de vidro fosco, e este foi até a multidão, entregando o frasco à mulher sentada na primeira cadeira da primeira fila. Tessa observou fascinada ela abaixar a cabeça e sussurrar no frasco, e entregá-lo ao homem a sua esquerda.

Enquanto o frasco percorria o recinto, Tessa sentiu as mãos de Jem nas dela. Ela se assustou, apesar de achar que as saias volumosas escondiam as mãos. Entrelaçou os dedos nos dele e fechou os olhos. *Eu o amo. Eu o amo. Eu o amo.* E, de fato, o toque de Jem a fez estremecer, apesar de também fazê-la querer chorar — por amor, por confusão, pelo coração partido, por se lembrar do olhar de Will quando contou a ele que estava noiva de Jem, e a felicidade escoando dele como o fogo quando apagado pela chuva.

Jem tirou a mão das dela para pegar o frasco de Gideon do outro lado. Ela o ouviu sussurrar "Charlotte Branwell" e passar o frasco sobre ela para Henry, do

outro lado. Ela olhou para ele, que deve ter interpretado mal a infelicidade em seus olhos, porque sorriu encorajadoramente. — Vai ficar tudo bem — disse ele. — Vão escolher Charlotte.

Quando o frasco terminou o percurso, foi devolvido ao Inquisidor, que o entregou ao Cônsul com um floreio. O Cônsul pegou o frasco, colocando-o no púlpito diante de si, e desenhou um símbolo no vidro com a estela.

O frasco estremeceu, como uma chaleira no fogo. Fumaça branca escapou pela abertura — que recolhera sussurros de centenas de Caçadores de Sombras. E formou palavras no ar.

CHARLOTTE BRANWELL.

Charlotte tirou as mãos da Espada Mortal, quase cambaleando de alívio. Henry emitiu um ruído de alegria e jogou o chapéu no ar. O salão foi preenchido por conversas e confusão. Tessa não pôde deixar de olhar para Will, do outro lado da fileira. Ele estava sentado, com a cabeça para trás, e os olhos fechados. Parecia pálido e exausto, como se essa última função tivesse esgotado o resto de suas energias.

Um grito perfurou o burburinho. Em instantes, Tessa estava de pé, girando. Foi a tia de Charlotte, Callida, gritando, a elegante cabeça grisalha lançada para trás e um dedo apontando para o céu. Arquejos percorreram o recinto enquanto os outros Caçadores de Sombras seguiam o olhar de Callida. O ar acima deles fora preenchido por dezenas — centenas, até — de criaturas pretas, metálicas, zumbindo, como enormes besouros negros de aço com asas cúpricas atravessando o ar, preenchendo o salão com o terrível ruído de um zumbido metálico.

Um dos besouros mergulhou e pairou na frente de Tessa, na altura dos olhos, emitindo um estalido. Era desprovido de olhos, apesar de haver um vidro circular na frente lisa da cabeça. Sentiu Jem procurar seu braço, tentando afastá-la, mas se esquivou impacientemente, pegou o chapéu da cabeça e lançou com força sobre a coisa, prendendo-a entre o chapéu e o assento. A criatura imediatamente soltou um chiado agudo e enfurecido.

— Henry! — gritou. — Henry, peguei uma delas...

Henry apareceu por trás de Tessa, com o rosto rosado, e ficou olhando para o chapéu. Um pequeno buraco se abria na lateral elegante de veludo cinza onde a criatura mecânica tentava rasgar. Praguejando, Henry deu um soco, esmagando o chapéu e a coisa dentro dele, que chiou e cessou.

Jem esticou o braço e levantou cuidadosamente o chapéu esmagado. O que restava eram peças espalhadas — uma asa de metal, um corpo estilhaçado e pernas de cobre quebradas.

— Ugh! — exclamou Tessa. — Parece tanto... um inseto. — Ela olhou para cima quando outro grito preencheu o salão. Os insetos estavam reunidos em um redemoinho negro no centro; eles giraram cada vez mais depressa e desapareceram, como besouros negros sugados por um ralo.

— Desculpe pelo chapéu — disse Henry. — Arrumarei outro.

— Esqueça o chapéu — respondeu Tessa enquanto os gritos do Conselho ecoavam pelo recinto. Olhou para o centro da sala; o Cônsul estava com a Espada Mortal na mão, e por trás dele encontrava-se Benedict, com a expressão dura e olhos gelados. — Certamente temos problemas mais sérios.

— É uma espécie de câmera — revelou Henry, segurando os pedacinhos de besouro metálico no colo quando a carruagem voltava para casa. — Sem Jessamine, Nate ou Benedict, Mortmain deve estar desprovido de espiões humanos confiáveis que possam transmitir informações. Então enviou estas coisas. — Cutucou um fragmento; os pedaços estavam reunidos nos destroços do chapéu de Tessa, Henry os segurava no colo enquanto sacolejavam.

— Benedict não pareceu nem um pouco contente em ver estas coisas — observou Will. — Deve ter percebido que Mortmain já sabe de sua deserção.

— Era questão de tempo — disse Charlotte. — Henry, essas coisas conseguem gravar som, como um fonoautógrafo, ou apenas imagens? Estavam voando com tanta velocidade...

— Não tenho certeza — Henry franziu o cenho. — Terei de examinar as

peças com mais cuidado na cripta. Não estou vendo nenhum mecanismo de abertura, mas isso não significa... — Olhou para os rostos confusos fixos nele e encolheu os ombros. — De qualquer forma — falou —, talvez não seja a pior coisa do mundo o Conselho dar uma olhada nas invenções de Mortmain. Uma coisa é ouvir falar nelas, outra é *ver* o que ele anda fazendo. Não acha, Lottie?

Charlotte murmurou uma resposta, mas Tessa não escutou. Estava concentrada em repassar uma coisa peculiar que ocorreu assim que deixou a câmara do Conselho e ficou esperando a carruagem dos Branwell. Jem tinha acabado de se afastar dela para falar com Will quando o movimento de uma capa preta lhe chamou a atenção, e Aloysius Starkweather se aproximou, com seu rosto impetuoso.

— Senhorita Gray — vociferou. — Aquela criatura mecânica... a forma como se aproximou de você...

Tessa ficou parada, em silêncio, encarando... esperando alguma acusação, apesar de não conseguir imaginar qual.

— Sente-se bem? — perguntou, brusca e finalmente, com o sotaque de Yorkshire bastante destacado. — Não foste ferida?

Lentamente, Tessa balançou a cabeça.

— Não, sr. Starkweather. Muito obrigada pelo interesse no meu bem- estar, mas não.

Àquela altura, Jem e Will já tinham se virado e os estavam encarando. Como que ciente da atenção que estava atraindo, Strakweather acenou com a cabeça uma vez, virou e se afastou, com a capa esfarrapada esvoaçando atrás de si.

Tessa não tinha entendido absolutamente nada. Estava pensando no breve encontro com Starkweather, e no espanto com que ele reagiu ao vê-la pela primeira vez, quando a carruagem parou na frente do Instituto. Aliviados por se livrarem do espaço apertado, Tessa e os Caçadores de Sombras foram para a entrada.

Havia uma abertura na cobertura acinzentada que as nuvens faziam sobre a cidade, e um raio de sol amarelo-limão apareceu, iluminando os degraus da

frente. Charlotte começou a subir, mas Henry a deteve, puxando-a para perto com o braço que não estava segurando o chapéu destruído de Tessa. A garota os observou, sentindo a primeira faísca de felicidade desde o dia anterior. Ela realmente tinha passado a se importar com Charlotte e Henry, percebeu, e queria vê-los felizes.

— Precisamos nos lembrar de que tudo foi tão bem quanto gostaríamos — disse Henry segurando-a firme. — Estou muito orgulhoso de você, querida.

Tessa esperaria um comentário sarcástico de Will nesse momento, mas ele estava olhando em direção aos portões. Gideon parecia constrangido, e Jem, satisfeito.

Charlotte se afastou de Henry, muitíssimo vermelha, e ajeitando o chapéu, mas claramente feliz.

— Está mesmo, Henry?

— Absolutamente! Não só minha esposa é linda, mas, também, brilhante, e este brilho deve ser reconhecido!

— Este — disse Will ainda encarando os portões — é o momento em que Jessamine pediria que parassem porque estava ficando enjoada.

O sorriso desbotou do rosto de Charlotte.

— Pobre Jessie...

Mas a expressão de Henry estava estranhamente rígida.

— Ela não deveria ter feito o que fez, Lottie. Não é culpa sua. Só podemos torcer para que o Conselho seja clemente com ela. — Pigarreou. — E não vamos mais falar sobre Jessamine hoje, está bem? Hoje a noite é de celebração. O Instituto continua sendo nosso.

Charlotte sorriu para ele, com tanto amor nos olhos que Tessa teve de desviar a atenção, voltando-se para o Instituto. Piscou. No alto da parede de pedra viu uma sombra em movimento. Uma cortina no canto de uma janela, e um rosto pálido olhando para baixo. Sophie, procurando por Gideon? Não podia precisar — o rosto desapareceu tão depressa quanto havia aparecido.

Tessa se vestiu com cuidado especial naquela noite, com um dos novos vestidos que Charlotte lhe dera de presente: cetim azul, com uma aba em forma de coração e um colarinho arredondado e bastante decotado, sobre o qual havia uma *chemisette* de renda Mashlin. As mangas eram curtas e enrugadas, deixando seus longos braços brancos à mostra, e fez cachos nos cabelos, prendendo-os para trás, num penteado entremeado com flores azul-escuras. Só quando Sophie cuidadosamente as prendeu foi que Tessa percebeu que tinham a mesma cor dos olhos de Will, tendo uma súbita vontade de arrancá-las, mas claro que não o fez. Apenas agradeceu a Sophie pelos esforços e elogiou sinceramente o resultado do penteado.

Sophie saiu antes dela, para ajudar Bridget na cozinha. Tessa sentou-se automaticamente diante do espelho para morder os lábios e beliscar as bochechas. Precisava da cor, pensou. Estava estranhamente pálida. O pingente de jade estava sob a renda, onde não poderia ser visto; Sophie tinha olhado enquanto Tessa se vestia, mas não comentou nada. Alcançou o pingente de anjo mecânico e o colocou, também, em volta do pescoço. Estava abaixo do pingente de Jem, e a acalmava com suas batidas. Não havia razão para não usar os dois, havia?

Quando surgiu no corredor, Jem estava esperando por ela. Seus olhos se iluminaram ao vê-la, e após olhar para um lado e para o outro do corredor, puxou-a para si e beijou sua boca.

Ela se derreteu com aquele beijo, dissolvendo-se nele como fizera anteriormente. Seus lábios eram tão suaves, tão doces, e a mão tão forte e gentil ao segurá-la na nuca. Ela se aproximou dele, querendo sentir a batida do coração.

Ele recuou, sem fôlego.

— Não tive a intenção...

Ela sorriu.

— Acho que teve, James.

— Não até vê-la — esclareceu. — Pretendia apenas perguntar se podia acompanhá-la para o jantar. Mas está tão linda. — Tocou seus cabelos.— Mas

temo que o excesso de paixão possa começar a arrancar-lhe as pétalas, como uma árvore no outono.

— Bem, você pode — respondeu. — Me acompanhar para o jantar, quero dizer.

— Obrigado. — Ele passou as pontas dos dedos levemente no rosto de Tessa. — Pensei que fosse acordar hoje de manhã e perceber que tinha sido um sonho, você me dizendo sim. Mas não foi. Foi? — Os olhos de Jem investigavam o rosto dela.

Ela balançou a cabeça. Podia sentir o gosto das lágrimas no fundo da garganta e sentiu-se grata pela luva que escondia a queimadura na mão esquerda.

— Sinto muito que esteja fechando um acordo tão desvantajoso comigo, Tessa — falou. — Em termos de anos, quero dizer. Comprometendo-se com um homem prestes a morrer quando tem apenas 16 anos...

— *Você* tem apenas 17. Tempo suficiente para encontrar uma cura — sussurrou. — E o faremos. Encontraremos. Ficarei com você. Para sempre.

— Agora, *nisso* eu acredito — disse. — Quando duas almas são uma, elas permanecem juntas na Roda. Vim a este mundo para amá-la, e a amarei na próxima vida, e na outra.

Tessa pensou em Magnus. *Estamos presos a esta vida por uma corrente de ouro e não ousamos rompê-la por medo do que vamos encontrar depois da queda.*

Entendia agora o que ele queria dizer. A imortalidade era um presente, mas tinha consequências. *Pois se sou imortal,* pensou, *então só tenho esta, esta única vida. Não vou girar e mudar como você, James. Não o encontrarei no Paraíso, nem nas margens do grande rio, nem em qualquer outra vida além desta.*

Mas não disse. Iria machucá-lo, e se tinha alguma coisa que sabia, era que havia nela um desejo feroz e indiscutível de protegê-lo de qualquer ferimento, de se colocar entre ele e a decepção, entre ele e a dor, entre ele e a morte, e combatê-los como Boadicea lutou contra os romanos. Esticou a mão e tocou seu rosto, e ele o apoiou em seu cabelo cheio de flores da cor dos olhos de Will. Então ficaram assim, juntos, até o sino do jantar soar pela segunda vez.

Bridget, que podia ser ouvida cantando lugubremente na cozinha, havia caprichado na sala de jantar, colocando castiçais de prata em todos os cantos, de modo que todo o recinto ficou iluminado. Rosas e orquídeas flutuavam em bacias de prata sobre a toalha de mesa de linho branco. Henry e Charlotte ocupavam as cabeceiras. Gideon, com traje de noite, mantinha os olhos fixos em Sophie enquanto ela entrava e saía, apesar de ela parecer evitar cuidadosamente os olhares. E ao lado dele estava Will.

Eu amo Jem. Vou me casar com Jem. Tessa repetiu para si mesma ao percorrer o corredor, mas não fez diferença; seu coração saltou no peito ao avistar Will, deixando-a enjoada. Não o via com traje de noite desde o baile, e, apesar de parecer pálido e adoentado, ainda ficava ridiculamente lindo com aquela roupa.

— A cozinheira *sempre* canta? — Gideon estava perguntando espantado quando Jem e Tessa entraram. Henry levantou o olhar e, ao vê-los, estampou um sorriso no rosto amigável e sardento.

— Estávamos começando a imaginar por onde andariam — disse.

— Eu e Tessa temos uma novidade — revelou Jem. A mão dele encontrou a dela e a segurou; ela ficou congelada enquanto três rostos curiosos se voltavam para eles — quatro, contando com Sophie, que tinha acabado de entrar. Will permaneceu onde estava, olhando para a vasilha de prata diante dele; tinha uma rosa branca flutuando, e ele parecia estar pronto para ficar encarando-a até que afundasse. Na cozinha, Bridget continuava entoando uma de suas canções terrivelmente tristes; a letra chegava através da porta:

Foi numa noite clara, fui respirar,
Ouvi uma dama gemendo;
Disse "Viste meu pai? Ou viste minha mãe?
Ou viste meu irmão John?
Ou viste o rapaz que mais amo,

Chamado Doce William?"

Talvez eu a assassine, pensou Tessa. Quero vê-la fazer uma canção sobre *isso*.

— Bem, precisam nos contar agora — disse Charlotte, sorrindo. — Não faça suspense, Jem!

Jem ergueu as mãos dadas dos dois e declarou:

— Eu e Tessa estamos noivos e vamos nos casar. Eu pedi e... ela aceitou.

Fez-se um silêncio de choque. Gideon pareceu pasmo — Tessa sentiu pena dele, de um jeito relativamente distante —, e Sophie ficou parada, segurando uma vasilha de creme, boquiaberta. Tanto Henry quanto Charlotte pareceram espantados. Nenhum deles esperava por isso, pensou Tessa; independentemente do que Jessamine tenha falado sobre a mãe de Tessa ser Caçadora de Sombras, ela ainda era do Submundo. E Caçadores de Sombras não se casavam com integrantes do Submundo. Essa questão não tinha lhe ocorrido. Tinha pensado que contariam para cada um individualmente, cuidadosamente, e não que Jem fosse revelar em uma excitação de alegria na sala de jantar. E pensou *oh, por favor, sorriam. Por favor, nos deem os parabéns. Por favor, não estraguem isso para ele. Por favor*.

O sorriso de Jem tinha começado a desbotar quando Will se levantou. Tessa respirou fundo. Ele *ficava* lindo com roupa de noite, era verdade, mas era sempre lindo; e havia algo diferente nele agora, uma camada mais profunda no azul dos olhos, rachaduras na armadura rígida e perfeita que o cercava, que permitiam a passagem de uma luz intensa. Este era um novo Will, um Will diferente, um Will que só tinha visto de relance — um Will que talvez apenas Jem conhecesse. E agora ela nunca o conheceria. A ideia a trespassou com uma grande tristeza, como se estivesse se lembrando de alguém que tivesse morrido.

Ele ergueu a taça de vinho.

— Não conheço duas pessoas melhores — falou —, e não podia imaginar uma notícia mais feliz. Que juntos tenham vida longa e feliz. — Os olhos dele procuraram os de Tessa, em seguida desviaram e repousaram em Jem. —

Parabéns, meu irmão.

Uma tempestade de vozes sucedeu o discurso. Sophie apoiou o jarro na mesa e se aproximou para abraçar Tessa; Henry e Gideon apertaram a mão de Jem, e Will ficou observando tudo, ainda segurando a taça. Em meio ao balbucio alegre de vozes, apenas Charlotte estava em silêncio, com as mãos no peito; Tessa se curvou sobre ela, preocupada.

— Charlotte, está tudo bem?

— Está — respondeu Charlotte, e logo repetiu mais alto: — *está*. É só que... eu também tenho uma notícia. Uma boa notícia.

— Sim, querida — disse Henry. — O Instituto é nosso! Mas todo mundo já sabe disso...

— Não, não é isso, Henry. Você... — Charlotte emitiu um ruído soluçado, meio risada, meio lágrimas. — Eu e Henry vamos ter um filho. Um menino. O Irmão Enoch me contou. Não quis falar nada antes, mas...

O resto das palavras foi afogado pelo grito incrédulo de alegria de Henry. Ele levantou Charlotte da cadeira e a abraçou.

— Querida, isso é maravilhoso, maravilhoso...

Sophie deu um gritinho e bateu as mãos. Gideon parecia tão constrangido que poderia morrer ali mesmo, e Will e Jem trocaram sorrisos. Tessa não pôde deixar de sorrir também; a alegria de Henry era contagiante. Ele dançou com Charlotte por toda a sala antes de parar subitamente, com medo de a valsa prejudicar o bebê, e colocou a esposa na cadeira mais próxima.

— Henry, sou perfeitamente capaz de andar — protestou Charlotte, indignada. — E até mesmo de dançar.

— Querida, você está indisposta! Precisa ficar de cama pelos próximos oito meses. O pequeno Buford...

— Eu *não* vou chamar nosso filho de Buford. Não me importo se era o nome do seu pai, ou se é tradicional em Yorkshire... — Charlotte começou a discutir, exasperada, quando ouviram uma batida à porta, e Cyril enfiou a cabeça para dentro da sala. Olhou para a cena festiva e falou, hesitante:

— Sr. Branwell, tem uma pessoa aqui para vê-los.

Henry piscou os olhos.

— Alguém quer nos ver? Mas este é um jantar particular, Cyril. E não ouvi o sino soar...

— Não, ela é Nephilim — esclareceu Cyril. — E diz que é muito importante. Não quer esperar.

Henry e Charlotte trocaram olhares espantados.

— Bem, muito bem, então — Henry concordou, afinal. — Deixe-a entrar, mas diga que teremos de ser breves.

Cyril desapareceu. Charlotte se levantou, alisando o vestido e ajeitando o cabelo desgrenhado.

— Tia Callida, talvez? — comentou, com a voz confusa. — Não consigo imaginar quem mais...

A porta se abriu novamente, e Cyril entrou, seguido por uma menina de mais ou menos 15 anos de idade. Trajava uma capa preta de viagem sobre um vestido verde. Ainda que Tessa nunca a tivesse visto, saberia instantaneamente quem era — teria reconhecido os cabelos negros, o azul-violeta dos olhos e a curva graciosa da nuca branca, os ângulos delicados das feições, os lábios carnudos.

Ouviu Will respirar súbita e violentamente.

— Oi — disse a menina, com uma voz ao mesmo tempo surpreendentemente suave e surpreendentemente firme. — Peço desculpas por interrompê-los no jantar, mas não tinha para onde ir. Sou Cecily Herondale. Vim para ser treinada como Caçadora de Sombras.

Agradecimentos

Obrigada, como sempre, a minha família: minha mãe e meu pai; Jim Hill e Kate Connor; Nao, Tim, David e Ben; Melanie, Jonathan, e Helen Lewis; Florence; e Joyce. Agradeço àqueles que leram e criticaram e apontaram anacronismos ou inconsistências: Kelly Link, Clary, Delia Sherman, Holly Black, Sarah Rees Brennan, Justine Larbalestier, Robin Wasserman, Maureen Johnson. Agradeço a Lisa Gold, Research Maven (lisagoldresearch.wordpress.com) pela ajuda. Agradeço a Joey Yeung e Huan Yu pelas traduções de mandarim. Agradeço a Wayne Miller pela ajuda em grego e latim. Minha gratidão de sempre ao meu agente, Barry Goldblatt; minha editora, Karen Wojtyla; e às equipes da Simon & Schuster e Walker Books por fazerem tudo acontecer. E claro, agradeço ao meu marido, Josh, por impedir que Linus e Lucy comessem o manuscrito.

Observações sobre a Inglaterra de Tessa

Assim como em *Anjo mecânico*, a Inglaterra de *Príncipe mecânico* é, até onde consegui fazer, uma mistura do real e do irreal, o conhecido e o esquecido (por exemplo, realmente existe uma Câmara Píxide na Westminster Abbey). A geografia da Londres Vitoriana é preservada ao máximo, mas houve momentos em que não foi possível.

Para aqueles com dúvidas sobre o Instituto: realmente havia uma igreja chamada All-Hallows-the-Less, que pegou fogo no Grande Incêndio de Londres, em 1666; contudo, situava-se na Upper Thames Street, e não onde a coloquei, perto da Fleet Street. Aqueles que conhecem Londres reconhecerão a localização do Instituto e a forma do pináculo, assim como a da famosa St. Bride's Church, adorada por jornaleiros e jornalistas, que não é citada em Peças Infernais, pois o Instituto assumiu o seu lugar. Para aqueles se perguntando sobre o Instituto de York, é baseada na Holy Trinity Goodramgate, uma igreja que ainda podem encontrar em um tour por York.

Quanto à casa dos Lightwood em Chiswick, durante os séculos XVI e XVII, acreditava-se que o subúrbio fosse suficientemente distante de Londres para funcionar como um refúgio da sujeira e das doenças da cidade, e famílias ricas possuíam mansões ali. A dos Lightwood se baseia bastante em uma famosa residência em Chiswick. Quanto ao número 16 de Cheyne Walk, onde Woolsey Scott mora, na época a residência foi alugada por Algernon Charles Swinburne, Dante Gabriel Rossetti e George Meredith. Eles eram membros do movimento estético e teriam apreciado a frase no anel de Woolsey — "*L'art pour l'art*" ou "a

arte pela arte".

Já o covil de ópio em Whitechapel, muita pesquisa foi feita sobre o assunto, mas não há provas de que, embora muito adorado pelos fãs de Sherlock Holmes e entusiastas do estilo gótico, este de fato tenha existido. Aqui ele foi substituído por um covil de vícios demoníacos. Nunca se provou que eles existiram, mas também nunca foi comprovado que não.

Para aqueles que ficaram imaginando o que Will disse a Tessa no exterior da mansão de Chiswick, *Caelum denique* era o grito de guerra dos Cruzados e significa "Finalmente o Céu!"

Vire a página para ler a carta
que Will enviou para a família no
aniversário de 17 anos.

Londres

Instituto

Anno Domini 1878

Mãe, pai e irmãzinha—

Hoje é meu décimo sétimo aniversário. Sei que escrever para vocês é uma transgressão. Sei que provavelmente rasgarei esta carta em pedaços quando terminar, como fiz em todos os meus aniversários desde o de 12 anos. Mas escrevo mesmo assim, para comemorar a ocasião, da mesma forma que alguns fazem peregrinações anuais a um túmulo e recordam diante dele a morte de uma pessoa amada. Afinal, não estamos mortos um para o outro?

Fico imaginando se, quando acordaram hoje de manhã, se lembraram de que há 17 anos tiveram um filho. Fico imaginando se pensam em mim e imaginam minha vida aqui no Instituto em Londres. Duvido que possam imaginar.

É tão diferente da nossa casa cercada por montanhas e pelo céu azul, enorme e claro, e pelo verde infinito. Aqui tudo é negro, cinza e marrom, e todo pôr do sol é tingido de fumaça e sangue.

Fico imaginando se vocês se preocupam com a possibilidade de eu ser solitário, ou, como mamãe sempre fazia, com a possibilidade de eu estar com frio, ou ter saído na chuva sem chapéu. Ninguém aqui se preocupa com esses detalhes. Existem tantas coisas que podem nos matar a qualquer instante que um pouco de frio não parece importante.

Ficou imaginando se sabiam que eu podia escutá-los naquele dia que vieram me buscar quando eu tinha 12 anos. Arrastei-me para baixo da cama para não ouvir vocês gritando meu nome. Mas ouvi. Ouvi mamãe gritar pelo fach, seu pequenino. Mordi as mãos até sangrarem, mas não desci, e eventualmente Charlotte os convenceu a se retirarem. Pensei que talvez pudessem voltar, mas não voltaram. É a teimosia dos Herondale.

Lembro-me dos grandes suspiros de alívio que vocês dois soltavam cada vez que o Conselho aparecia para perguntar

se eu desejava abandonar minha família e me juntar aos Nephilim e eu recusava, mandando-os embora. Fico imaginando se sabiam que eu era tentado pela ideia de uma vida de glória, dedicada a lutar e matar em nome da proteção, como um homem deve fazer. Está no nosso sangue: o chamado para serafim e estela, para Marcas e monstros.

Fico imaginando por que deixou os Nephilim, pai; fico me perguntando por que mamãe escolheu não Ascender e se tornar Caçadora de Sombras. É porque os achava frios e cruéis? Eu não achei. Charlotte é especialmente gentil comigo, nem imagina como não mereço. Henry é doido de pedra, mas é um bom sujeito: teria feito Ella rir. Há poucas coisas boas a serem ditas sobre Jessamine, mas ela é inofensiva. Por outro lado, tenho muitas coisas boas a falar sobre Jem — ele é o irmão que papai sempre achou que eu devesse ter, sangue do meu sangue, apesar de não sermos parentes. Apesar de eu ter perdido tudo, pelo menos ganhei uma coisa com a amizade dele. E temos uma nova adição a nossa casa. O nome dela é Tessa. Um nome muito bonito, não? Quando as nuvens vêm do oceano cobrir as montanhas — o cinza delas é o mesmo em seus olhos.

E agora vou revelar uma terrível verdade, pois não pretendo mesmo enviar esta carta. Vim para o Instituto porque não tinha para onde ir. Nunca esperei que fosse ser minha casa, mas no meu tempo aqui, descobri que sou um verdadeiro Caçador de Sombras. De algum jeito, meu sangue me diz que nasci para fazer isso. Se ao menos eu tivesse sabido antes e ido com a Clave na primeira vez em que me chamaram, talvez pudesse ter salvado a vida de Ella. Talvez pudesse ter salvado a minha.

Seu filho,

Will

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

As peças infernais | vol.2 – Príncipe Mecânico

Tumblr da autora
www.cassandraclare.tumblr.com/

Site oficial da autora
http://www.cassandraclare.com/

Página da autora na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Twitter da autora
https://twitter.com/cassieclare

Página do livro no Facebook
https://pt-br.facebook.com/Principemecanico

Página do livro no Skoob
http://www.skoob.com.br/livro/220919-principe-mecanico

Página da série As peças infernais na Wikipédia
http://pt.wikipedia.org/wiki/As_Pe%C3%A7as_Infernais

Sumário

Capa
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epílogo
Prólogoo
1 | A Câmara do Conselho
2 | Reparações
3 | Morte Injustificável
4 | Uma Jornada
5 | Sombras do Passado
6 | Em Silêncio Selados
7 | A Maldição
8 | Uma Sombra na Alma
9 | Meia-Noite Feroz
10 | A Virtude dos Anjos
11 | Selvagem Inquietação
12 | Baile de Máscaras
13 | A Espada Mortal
14 | A Cidade do Silêncio
15 | Milhares Mais

16 | Mortal Ira
17 | Nos Sonhos
18 | Até Eu Morrer
19 | Se a Traição Acaso Prosperar
20 | A Raiz Amarga
21 | Brasas
Agradecimentos
Observações sobre a Inglaterra de Tessa
Vire a página para ler a carta que Will enviou para a família no aniversário de 17 anos
Carta
Colofon
Saiba mais

O mundo antes de OS INSTRUMENTOS MORTAIS
AS PEÇAS INFERNAIS
Princesa mecânica
CASSANDRA CLARE

Obras da autora publicadas pela Galera Record:

***Série* Os Instrumentos Mortais**
Volume 1 – *Cidade dos ossos*
Volume 2 – *Cidade das cinzas*
Volume 3 – *Cidade de vidro*
Volume 4 – *Cidade dos anjos caídos*
Volume 5 – *Cidade das almas perdidas*

***Série* As Peças Infernais**
Volume 1 – *Anjo mecânico*
Volume 2 – *Príncipe mecânico*
Volume 3 – *Princesa mecânica*

CASSANDRA CLARE

AS PEÇAS INFERNAIS

Princesa mecânica

Tradução de
Rita Sussekind

1ª edição

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

C541p

Clare, Cassandra

Princesa mecânica [recurso eletrônico] / Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

recurso digital (As peças infernais; 3)

Tradução de: Clockwork Princess
Sequência de: Príncipe mecânico
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-10155-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.

13-06522

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Clockwork Princess: The Infernal De

Copyright © 2013 by Cassandra Claire, LLC

Publicado primeiramente por Margaret K. McElderry Books, um selo de Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Publicado mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfi co da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Design de capa: Renata Vidal da Cunha
Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10155-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

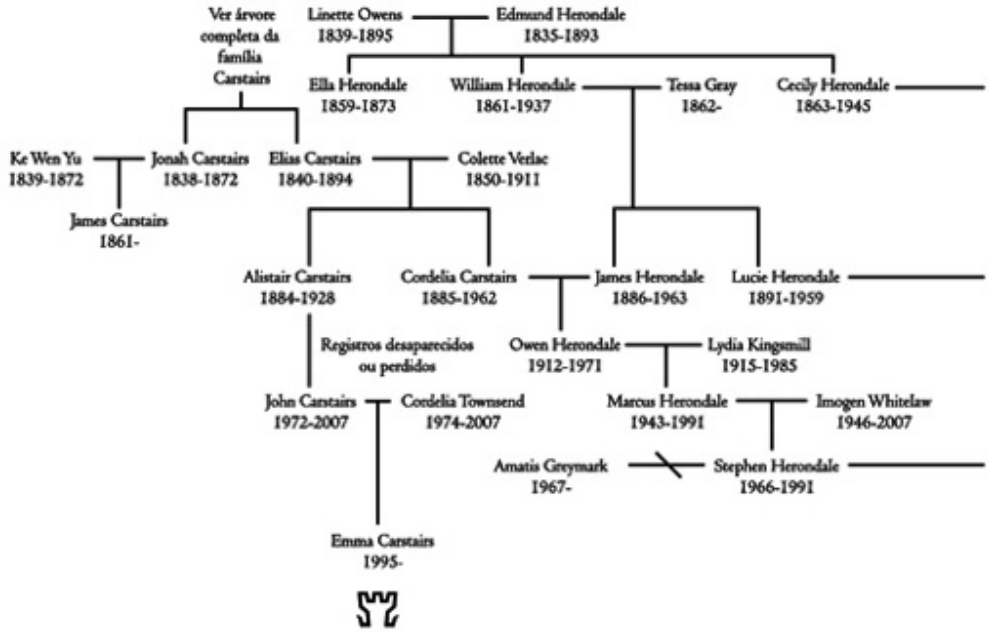
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

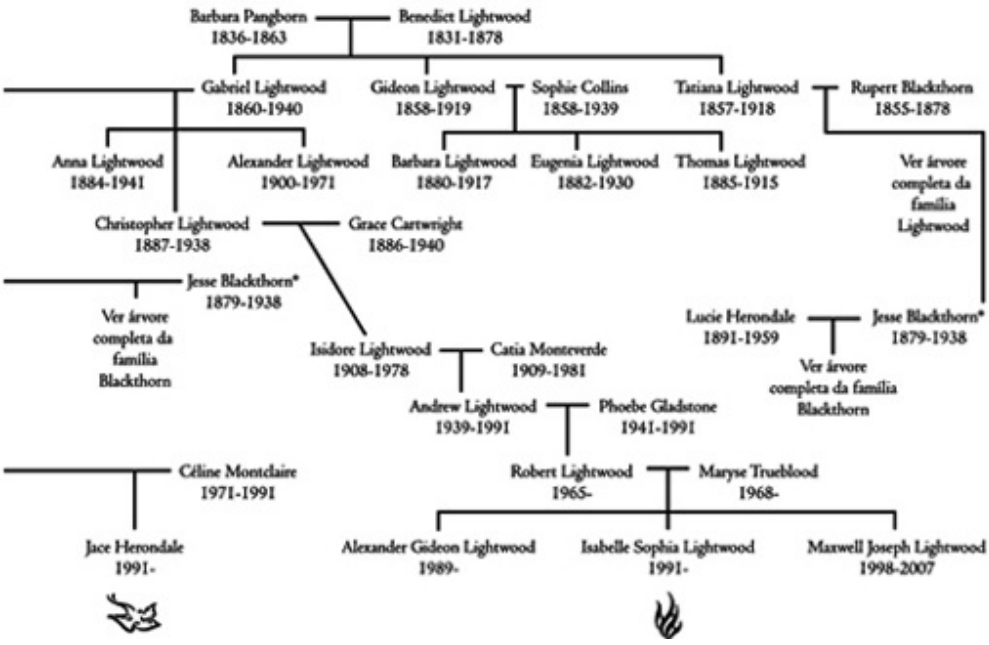
Para a família Lewis:
Melanie, Jonathan e Helen

Eu acreditava, junto àquele que canta
Com uma harpa em tons profundos,
Que os homens podem se elevar
De suas vidas vãs e alcançar coisas maiores.

— Alfred, Lord Tennyson, “In Memoriam A.H.H”

Famílias Carstairs, Herondale e Lightwood
1831–2007




Barbara Pangborn
1836-1863
Benedict Lightwood
1831-1878
Gabriel Lightwood
1860-1940
Gideon Lightwood
1858-1919
Sophie Collins
1858-1939
Tatiana Lightwood
1857-1918
Rupert Blackthorn
1855-1878
Anna Lightwood
1884-1941
Alexander Lightwood
1900-1971
Barbara Lightwood
1880-1917
Eugenia Lightwood
1882-1930
Thomas Lightwood
1885-1915
Ver árvore completa da família Lightwood
Christopher Lightwood
1887-1938
Grace Cartwright
1886-1940
Jesse Blackthorn*
1879-1938
Ver árvore completa da família Blackthorn
Isidore Lightwood
1908-1978
Catia Montevende
1909-1981
Lucie Herondale
1891-1959
Jesse Blackthorn*
1879-1938
Ver árvore completa da família Blackthorn
Andrew Lightwood
1939-1991
Phoebe Gladstone
1941-1991
Céline Montclaire
1971-1991
Robert Lightwood
1965-
Maryse Trueblood
1968-
Jace Herondale
1991-
Alexander Gideon Lightwood
1989-
Isabelle Sophia Lightwood
1991-
Maxwell Joseph Lightwood
1998-2007

Prólogo

York, 1847

— Estou com medo — disse a garotinha sentada na cama. — Vovô, pode ficar comigo?

Aloysius Starkweather emitiu um ruído impaciente do fundo da garganta ao aproximar a cadeira da cama e se sentar. O som impaciente era sério apenas em parte. Na verdade, o fato de sua neta confiar tanto nele, a ponto de por vezes ser o único capaz de acalmá-la, agradava-o. Sua postura rude jamais a incomodou, apesar da natureza delicada da menina.

— Não há o que temer, Adele — disse. — Você vai ver.

Ela olhou para ele com olhos arregalados. Normalmente a cerimônia da primeira Marca seria realizada em um dos espaços mais grandiosos do Instituto de York, mas por causa dos nervos e da saúde frágeis de Adele, ficou acordado que poderia ocorrer na segurança de seu quarto. Ela estava sentada na beira da cama, com as costas muito esticadas. O vestido cerimonial era vermelho, e uma fita da mesma cor prendia seus cabelos claros e finos. Seus olhos eram enormes para o rosto delgado, e os braços, magros. Tudo nela era tão frágil quanto uma xícara de porcelana.

— O que os Irmãos do Silêncio vão fazer comigo? — perguntou.

— Dê-me o braço — pediu o avô, e ela estendeu o braço direito, confiando plenamente nele. Ele o virou, observando os traços azul-claros das veias sob a pele. — Vão utilizar estelas, você sabe o que é uma estela, para Marcá-la.

Normalmente começam com o símbolo da Clarividência, do qual você se lembrará pelos seus estudos, mas, no seu caso, começarão pelo da Força.

— Porque não sou muito forte.

— Para fortalecer sua constituição.

— Como caldo de carne. — Adele franziu o nariz.

Ele riu.

— Com sorte, não tão desagradável. Você vai sentir uma leve picada e precisa ser corajosa e não gritar, pois os Caçadores de Sombras não choram de dor. Aí a dor passa, e você se sentirá muito mais forte e melhor. Então será o fim da cerimônia, desceremos, e haverá bolos com coberturas para comemorarmos.

Adele balançou os pés.

— E uma festa!

— Sim, uma festa. E presentes. — Ele bateu no próprio bolso, no qual trazia uma caixinha escondida; embrulhada em fino papel azul e detentora de um anel de família muito pequeno. — Tenho um bem aqui. Vai recebê-lo assim que a cerimônia de Marcação terminar.

— Nunca tive uma festa antes.

— É porque está se tornando uma Caçadora de Sombras — explicou Aloysius. — Sabe por que isso é importante, não sabe? Suas primeiras Marcas significam que você é Nephilim, como eu, sua mãe e seu pai. Simbolizam que faz parte da Clave. Parte da sua família guerreira. Algo diferente e melhor do que todos os outros.

— Melhor do que todos os outros — repetiu a menina lentamente, quando a porta do quarto se abriu e dois Irmãos do Silêncio entraram. Aloysius viu uma faísca de medo nos olhos de Adele. Ela puxou o braço que o avô segurava. Ele franziu a testa; não gostava de enxergar medo em sua neta, apesar de não poder negar que os Irmãos fossem assustadores com seu silêncio e os peculiares movimentos deslizantes. Eles foram até o lado de Adele, então a porta tornou a abrir, e os pais da menina entraram: o pai, filho de Aloysius, com uniforme de combate em tom escarlate; a mulher usando um vestido vermelho em formato de sino a partir da cintura e um colar de ouro no qual havia um símbolo *enkeli*. Sorriram para a filha, que retribuiu tremulamente, mesmo enquanto os Irmãos do Silêncio a cercavam.

Adele Lucinda Starkweather. Era a voz do primeiro Irmão do Silêncio, o Irmão Cimon. *Chegou* à *idade. É hora de receber suas primeiras Marcas do Anjo.*

Tem ciência da honra que lhe está sendo concedida, e fará tudo que estiver ao seu alcance para corresponder?

Adele assentiu, obediente.

— Sim.

E aceita estas Marcas do Anjo, que permanecerão eternamente em seu corpo como um lembrete do que você deve ao Anjo e do seu dever sagrado com o mundo?

Ela balançou a cabeça afirmativamente mais uma vez, obediente. O coração de Aloysius inflou com orgulho.

— Aceito — respondeu.

Então comecemos. Uma estela brilhou e surgiu, sustentada pela longa mão branca do Irmão do Silêncio. Ele pegou o braço trêmulo de Adele, tocou a ponta da estela em sua pele e começou a desenhar.

Linhas negras serpenteavam da ponta da estela, e Adele assistia maravilhada enquanto o símbolo da Força tomava forma na pele pálida da parte interna do braço; um desenho delicado de linhas que se intercediam, cruzando as veias, envolvendo seu braço. O corpo estava tenso, e os pequenos dentes penetravam no lábio superior. Seus olhos brilharam para Aloysius, no alto, e ele encarou o que enxergou ali.

Dor. Era normal sentir um pouco de dor durante a aplicação de uma Marca, mas o que viu nos olhos de Adele — aquilo era agonia.

Aloysius se levantou de súbito, derrubando a cadeira na qual estivera sentado.

— Pare! — gritou, mas era tarde demais. O símbolo estava completo. O Irmão do Silêncio recuou, encarando-o. Havia sangue na estela. Adele choramingava, atenta à recomendação do avô para que não demonstrasse fraqueza, mas então a pele ensanguentada e dilacerada começou a se separar dos ossos, escurecendo e queimando sob a Marca como se fosse fogo, e ela não conseguiu se conter: jogou a cabeça para trás e gritou...

Londres, 1873

— Will? — Charlotte Fairchild abriu suavemente a porta da sala de treinamentos do Instituto. — Will, você está aí?

Um resmungo abafado foi a única resposta. A porta se abriu por inteiro, revelando o recinto amplo e de teto alto do outro lado. A própria Charlotte crescera treinando ali, e conhecia cada deformação nos tacos do chão, o antigo alvo pintado na parede norte, as janelas quadradas, tão antigas que eram mais espessas na base do que no topo. No centro do cômodo encontrava-se Will Herondale, com uma faca empunhada na mão direita.

Ele virou a cabeça para olhar Charlotte, e mais uma vez ela pensou na criança estranha que ele era. Apesar de, aos 12 anos, mal ser criança ainda. Era um menino muito bonito, com cabelos escuros espessos que se enrolavam ligeiramente onde tocavam o colarinho — agora molhados de suor e grudados na testa. Quando chegou ao Instituto, tinha a pele bronzeada pelo ar do campo e pelo sol, mas seis meses na cidade extinguiram a cor, fazendo com que o rubor nas maçãs do rosto se destacasse ainda mais. Tinha olhos de um raro azul luminoso. Seria um homem bonito um dia, se conseguisse fazer alguma coisa a respeito da carranca que constantemente distorcia suas feições.

— O que foi, Charlotte? — perguntou ele, irritado.

Will ainda falava com um singelo sotaque galês, um arrastar de vogais que seria charmoso se o tom não fosse tão amargo. Ele passou a manga na testa enquanto Charlotte entrava hesitante, parando em seguida.

— Estou te procurando há horas — disse ela, com um toque de aspereza, apesar de não surtir muito efeito em Will. Pouca coisa o afetava quando ele estava de mau humor. — Não se lembra do que avisei ontem, de que estaríamos recebendo um novo membro no Instituto hoje?

— Ah, me lembrei. — Will atirou a faca. Esta se fincou ao largo do círculo do alvo, o que piorou a careta do menino. — Apenas não me importo.

O menino atrás de Charlotte emitiu um ruído abafado. Quase uma risada, ela pensou, mas ele certamente não podia estar rindo, não é? Charlotte fora alertada para o fato de que o menino vindo do Instituto de Xangai não estava bem, mas mesmo assim se espantou quando ele saltou da carruagem, pálido e cambaleante como juncos ao vento, os escuros cabelos cacheados com mechas pratas, como se ele fosse um homem de 80 anos, e não um menino de 12. Tinha grandes olhos cinza, estranhamente lindos, porém assustadores em um rosto tão delicado.

— Will, você *terá* de ser educado — disse ela, e puxou o menino de trás de si, convidando-o a entrar na sala. — Não se preocupe com Will; ele só está mal-humorado. Will Herondale, apresento-lhe James Carstairs, do Instituto de Xangai.

— Jem. Todos me chamam de Jem — disse o menino. E deu mais um passo, assimilando Will com uma curiosidade amistosa. Falava sem qualquer sombra de sotaque, para surpresa de Charlotte, mas seu pai era, fora, britânico. — Você também pode.

— Bem, se todos o chamam assim, não é nenhuma gentileza comigo, certo? — O tom de Will era ácido; para alguém tão jovem, ele era surpreendentemente capaz de ser desagradável. — Acho que descobrirá, James Carstairs, que se ficar quieto e me deixar em paz, será bom para nós dois.

Charlotte suspirou silenciosamente. Torcera tanto para que este menino, da idade de Will, servisse como ferramenta para desarmá-lo de sua raiva e amargura, mas aparentemente ele falou a verdade quando disse que não ligava para a presença de outro menino Caçador de Sombras no Instituto. Não queria amigos, nem sentia falta deles. Ela olhou para Jem, esperando vê-lo piscar surpreso ou magoado, mas ele apenas esboçou um sorriso, como se Will fosse um filhote de gato que tentara mordê-lo.

— Não treino desde que fui embora de Xangai — falou. — Seria bom ter um parceiro, alguém com quem lutar.

— Para mim, também — respondeu Will. — Mas preciso de alguém capaz de me acompanhar, não de uma criatura que parece com o pé na cova. Mas suponho que você sirva para treinamento de tiro ao alvo.

Por saber o que sabia sobre James Carstairs — algo que não compartilhara com Will —, Charlotte foi dominada pelo horror da declaração. *Com o pé na cova, oh, céus*. O que seu pai havia dito? Que Jem dependia de um medicamento para viver, uma espécie de remédio que prolongaria sua vida, mas não o salvaria. *Ah, Will.*

Fez um gesto como se fosse se colocar entre os dois, como se pudesse proteger Jem da crueldade de Will, que neste momento estava mais afiada do que ele próprio podia imaginar — mas depois se deteve.

Jem sequer mudara de expressão.

— Se com "pé na cova" você quer dizer morrendo, sim, é isso mesmo — informou. — Tenho mais ou menos dois anos de vida, três, se tiver sorte, ou pelo menos é o que me dizem.

Nem Will conseguiu conter o choque; ficou com as bochechas ruborizadas.

— Eu...

Mas Jem já estava caminhando em direção ao alvo pintado na parede; ao alcançá-lo, arrancou a faca da madeira. Depois, virou-se e caminhou diretamente

para Will. Por mais frágil que fosse, tinha a mesma altura do outro, e, apenas quando estavam muito próximos, seus olhares se fixaram um no outro.

— Pode me utilizar como alvo, se desejar — disse Jem, com a casualidade de quem conversava sobre o tempo. — Acho que tenho pouco a temer, pois você não tem muita pontaria. — Jem deu meia-volta, mirou e atirou. A faca foi direto no centro do alvo, tremendo ligeiramente. — Ou — prosseguiu, olhando novamente para Will — pode permitir que *eu* ensine *você*. Pois sou *muito* bom de mira.

Charlotte observava. Havia seis meses via Will afastar todos que tentavam se aproximar — tutores; o pai e Henry, o noivo dela; ambos os irmãos Lightwood — com uma combinação de ódio e crueldade absurdamente precisa. Não fosse pelo fato de que ela era a única pessoa que já o vira chorar, supunha que também já teria desistido, há tempos, de acreditar que ele algum dia seria bom para alguém. No entanto, cá estava Will, olhando para Jem Carstairs, um menino de aparência tão frágil que parecia feito de vidro, a rigidez da expressão se dissolvendo lentamente em uma incerteza experimental.

— Você não está morrendo *de verdade* — falou, com um tom muito estranho na voz —, está?

Jem assentiu.

— É o que dizem.

— Sinto muito — respondeu Will.

— Não — retrucou Jem baixinho. Abriu o casaco e tirou uma faca do cinto. — Não seja tão clichê assim. Não diga que sente muito. Diga que vai treinar comigo.

Ele estendeu a faca para Will, segurando-a pela lâmina. Charlotte prendeu a respiração, com medo de se mexer. Tinha a sensação de estar testemunhando algo muito importante, apesar de não conseguir dizer o quê.

Will esticou o braço e pegou a faca, sem tirar os olhos do rosto de Jem. Seus dedos tocaram os do outro menino enquanto pegava a arma. Foi a primeira vez, pensou Charlotte, que ela o viu tocar outra pessoa por vontade própria.

— Vou treinar com você — disse ele.

1

Uma Briga Terrível

Case na segunda e terá saúde,
Na terça, riqueza,
Na quarta, o melhor dos dias,
Na quinta, as aflições.
Na sexta, as perdas, e,
No sábado, nenhuma sorte.
— Versos folclóricos.

— Dezembro é de bom augúrio para um casamento — comentou a costureira, com a boca cheia de alfinetes e a calma de quem tinha anos de prática. — Como dizem, "quando a neve de dezembro cai depressa, case, e o amor verdadeiro perdurará". — Colocou um último alfinete no vestido e deu um passo para trás. — Pronto. Que tal? Foi feito a partir de um dos desenhos de Worth.

Tessa olhou-se no espelho da parede do quarto. O vestido era de seda dourada, pois este era o costume dos Caçadores de Sombras, que reservavam o branco para o luto e não se casavam vestindo tal cor, apesar de a própria Rainha Vitória ter criado a moda. Rendas de Bruxelas debruavam o corpete justo e desciam pelas mangas.

— Está lindo! — Charlotte bateu as mãos e se inclinou para a frente. Seus olhos castanhos brilharam, satisfeitos. — Tessa, a cor ficou ótima em você.

Tessa virou e rodou diante do espelho. O dourado emprestava a cor que faltava em suas bochechas. O espartilho em forma de ampulheta moldava e lhe dava curvas nos lugares certos, e o anjo mecânico no pescoço a confortava com o tique-taque. Abaixo dele, balançava o pingente de jade que Jem lhe dera. Ela aumentara a corrente para poder usar os dois ao mesmo tempo, pois não queria se separar de nenhum.

— Você não acha que talvez a renda seja um pouco demais?

— De jeito algum! — Charlotte recostou-se e inconscientemente colocou a mão protetora sobre a barriga. Ela sempre fora magra demais, muito, aliás, para precisar de espartilho, e agora que ia ter um filho tinha passado a usar vestidos mais soltos, que a deixavam parecida com um passarinho. — É o dia do seu casamento, Tessa. Se há desculpa para excesso, é essa. Imagine só.

Tessa passou muitas noites fazendo exatamente isso. Ainda não tinha certeza de que ela e Jem se casariam; o Conselho estava estudando a situação. Mas quando imaginava o casamento, era sempre em uma igreja, sendo conduzida ao altar, talvez por Henry, sem olhar para a esquerda nem para a direita, sempre para o noivo à sua frente, como uma noiva deveria fazer. Jem estaria com trajes oficiais — não os de luta, mas feitos sob medida como um uniforme militar, especial para a ocasião: preto com punhos dourados e símbolos no mesmo tom bordados no colarinho e no cós.

E ele pareceria tão jovem. Os *dois* eram muito jovens. Tessa sabia que era incomum se casar aos 17 e 18 anos, mas o relógio estava contra eles.

O relógio da vida de Jem, que corria para o fim.

Tessa pôs a mão no pescoço e sentiu a vibração familiar do anjo mecânico, cujas asas lhe arranhavam a palma da mão. A costureira a olhou, ansiosa. Era uma mundana, e não uma Nephilim, mas tinha o dom da Visão, assim como todos que serviam aos Caçadores de Sombras.

— Gostaria que retirasse a renda, senhorita?

Antes que Tessa pudesse responder, ouviram uma batida à porta e uma voz familiar.

— Sou eu, Jem. Tessa, está aí?

Charlotte sentou-se ereta, de súbito.

— Oh! Ele não pode vê-la com o vestido!

Tessa ficou estupefata.

— Por que não?

— É um costume dos Caçadores de Sombras; dá azar! — Charlotte se levantou. — Depressa! Esconda-se atrás do guarda-roupa!

— Do guarda-roupa? Mas... — Tessa se interrompeu com um gritinho quando Charlotte a pegou pela cintura e a empurrou para trás do guarda-roupa como um policial faria com um criminoso que lhe oferecesse resistência. Depois que Charlotte a soltou, Tessa alisou o vestido, fez uma careta para a outra, e

ambas ficaram espiando ao lado do móvel enquanto a costureira, após um olhar espantado, abria a porta.

A cabeça prateada de Jem apareceu na brecha da porta. Parecia um pouco desgrenhado, com o casaco torto. Olhou em volta, confuso, antes de ver Charlotte e Tessa, semiescondidas atrás do guarda-roupa.

— Graças a Deus — disse. — Não fazia ideia de aonde tinham ido. Gabriel Lightwood está lá embaixo, causando uma briga terrível.

— Escreva para eles, Will — disse Cecily Herondale. — Por favor. Só uma carta.

Will jogou os cabelos escuros e encharcados de suor para trás e a fitou com cara feia.

— Posicione os pés. — E foi tudo que disse. Apontou, com a extremidade da adaga. — Ali e ali.

Cecily suspirou e moveu os pés. Sabia que estava fora de posição; fazia de propósito, para provocar Will. Era fácil irritar o irmão. Ela se lembrava de quando ele tinha 12 anos. Mesmo naquela época, desafiá-lo a fazer alguma coisa, como subir no telhado íngreme da casa, provocava o mesmo efeito: uma chama azul furiosa nos olhos, o maxilar tenso e, às vezes, uma perna ou um braço quebrado no fim.

Claro que o irmão, esse Will quase adulto, não era o mesmo de quem ela se lembrava da infância. Havia se tornado mais explosivo e mais recluso. Tinha toda a beleza da mãe e a teimosia do pai — ela temia que também tivesse a tendência do último aos vícios, apesar de só ter chegado a esta conclusão a partir dos cochichos entre os ocupantes do Instituto.

— Levante a lâmina — orientou Will. Sua voz era tão fria e profissional quanto à da governanta dela.

Ela o fez. Demorou um pouco a se acostumar ao toque da arma em sua pele: a túnica folgada e as calças, o cinto na cintura. Agora se movia tão confortavelmente quanto o faria em sua camisola mais folgada.

— Não entendo por que não considera a possibilidade de escrever uma carta. Uma única carta.

— Não entendo por que não considera a possibilidade de ir para casa — rebateu Will. — Se você concordasse em voltar para Yorkshire, poderia parar de se preocupar com nossos pais e eu poderia providenciar...

Cecily o interrompeu, pois já tinha ouvido esse discurso mil vezes.

— Consideraria uma aposta, Will?

Cecily ficou ao mesmo tempo satisfeita e decepcionada ao ver os olhos de Will brilharem exatamente como acontecia com seu pai quando uma aposta entre cavalheiros era sugerida. Homens são tão facilmente previsíveis.

— Que tipo de aposta? — Will deu um passo à frente. Ele vestia o uniforme de combate de um Caçador de Sombras; Cecily pôde ver as marcas entrelaçadas nos pulsos do irmão e o símbolo *mnemosyne* na garganta. Ela demorou um tempo para enxergar as Marcas como algo mais que uma desfiguração, mas já havia se acostumado; assim como fez com o uniforme, com os corredores cheios de eco do Instituto e com seus habitantes peculiares.

Ela apontou para a parede diante deles. Havia um alvo antigo pintado de preto: a mira desenhada em um círculo maior.

— Se eu acertar o centro três vezes, você terá de escrever uma carta para mamãe e papai, contando como está. Tem de falar da maldição e explicar por que foi embora.

O rosto de Will se fechou como uma porta, como sempre acontecia quando ela fazia este pedido. Mas:

— Nunca vai acertar três vezes sem errar, Cecy.

— Bem, então, não deve temer a aposta, William. — Ela usou o nome completo de propósito. Sabia que o incomodava quando vinha dela, apesar de o mesmo não acontecer quando quem o fazia era seu melhor amigo. Melhor amigo não, seu *parabatai*; desde que chegara ao Instituto, aprendera que eram coisas bem diferentes. Quando Jem o chamava pelo nome, Will parecia interpretar como um sinal de afeto. O problema deveria ser porque ele ainda tinha lembranças dela correndo atrás dele com pernas gorduchas, chamando *Will, Will* arfando e com sotaque galês. Jamais o chamou de "William", apenas de "Will" ou o nome galês, *Gwylym*.

Os olhos do irmão se fecharam, aqueles olhos azul-escuros da mesma cor dos dela. A mãe dizia afetuosamente que Will destruiria corações quando crescesse, e Cecily sempre teve dúvidas. Naquela época, ele era todo braços e pernas, magrelo, desgrenhado e sempre sujo. Agora, porém, ela conseguia enxergar, e percebera isso quando entrou na sala de jantar do Instituto pela primeira vez. Ele se levantou, espantado, e ela pensou: *esse não pode ser Will*.

Ele voltou aqueles olhos para ela, iguais aos da mãe, e ela enxergou a raiva neles. Não tinha ficado nem um pouco satisfeito em vê-la. E no lugar das lembranças do menino magrelo com cabelos negros emaranhados como os de

um cigano e folhas nas roupas, agora havia este *homem* alto e assustador. As palavras que pretendia dizer dissolveram na sua língua, e ela retribuiu em pé de igualdade, olhar por olhar. Assim ficou, desde então: Will mal tolerava sua presença, como se ela fosse uma pedra no sapato dele, um incômodo constante, porém pequeno.

Cecily respirou fundo, levantou o queixo e se preparou para atirar a primeira faca. Will não sabia, jamais saberia, das horas que ela passou nesta sala, sozinha, praticando, aprendendo a equilibrar o peso da faca na mão, descobrindo que um bom arremesso começava atrás do corpo. Esticou os dois braços para baixo e puxou o direito para trás da cabeça, antes de lançá-lo, junto com o peso do corpo, para a frente. A ponta da faca estava na linha do alvo. Soltou-a e recuou a mão, arfando.

A faca acertou a parede, exatamente no centro do alvo.

— Uma — disse Cecily, e sorriu com ar de superioridade.

Ele a olhou sem expressão, arrancou a faca da parede e a entregou novamente.

Cecily lançou. O segundo arremesso, assim como o primeiro, voou diretamente para o alvo e lá ficou, vibrando como um dedo desdenhoso.

— Duas — anunciou Cecily, em tom sepulcral.

O queixo de Will enrijeceu quando ele pegou novamente a faca e a entregou à irmã. Ela aceitou com um sorriso. A confiança corria por suas veias como um sangue novo. Ela sabia que era capaz. Sempre conseguiu subir tão alto, correr tão depressa e prender a respiração por tanto tempo quanto Will...

Lançou a faca novamente, que acertou o alvo, e ela deu um pulinho no ar, batendo palmas e relaxando por um instante na empolgação da vitória. Seu cabelo soltou dos pregadores e caiu no rosto; ela puxou-o para trás e sorriu para o irmão.

— Você *terá* de escrever a carta. Concordou com a aposta!

Para surpresa de Cecily, ele sorriu.

— Ah, vou escrever — falou. — Vou escrever, depois eu a jogarei no fogo. — E levantou a mão diante da explosão de indignação da irmã. — Falei que escreveria. Jamais disse que *enviaria*.

Cecília bufou.

— Como você *ousa* me enganar assim!

— Falei que você não tem o dom de uma Caçadora de Sombras, ou não seria tão facilmente enganada. Não vou escrever uma carta, Cecy. É contra a Lei e

ponto final.

— Como se *você* se importasse com a Lei! — Cecily bateu o pé e imediatamente ficou mais irritada do que nunca; detestava meninas que batiam os pés.

Os olhos de Will se estreitaram.

— E *você* não se importa em ser Caçadora de Sombras. Que tal o seguinte? Escrevo a carta e a dou a você, se prometer entregá-la pessoalmente e não voltar mais.

Cecily se esquivou. Tinha muitas lembranças de brigas aos berros com Will, das bonecas de porcelana que ele quebrara ao derrubá-las de uma janela do sótão, mas também guardava memórias generosas — era o irmão que fazia curativos em seu joelho ralado ou apertava os laços de seu cabelo quando eles se soltavam. Não havia mais essa gentileza no Will diante dela. A mãe chorou durante um ou dois anos depois que ele se foi, e dizia, apertando Cecily contra ela, que os Caçadores de Sombras "retirariam todo o amor dele". Uma gente fria, ensinara a Cecily, que proibiu seu casamento com o marido. O que ele poderia querer com eles e com seu Will, seu pequeno?

— *Não* vou — respondeu Cecily, encarando o irmão. — E se insistir que devo, eu... eu...

A porta do sótão se abriu, e o vulto de Jem apareceu na entrada.

— Ah — disse ele —, estão trocando ameaças, pelo que percebo. Foi assim a tarde inteira ou começou agora?

— Ele começou — afirmou Cecily, apontando com o queixo para Will, apesar de saber que não adiantava nada. Jem, o *parabatai* de Will, tratava-a com a doce gentileza distante com que se tratava a irmã caçula de um amigo, mas sempre ficaria ao lado de Will. Gentil, porém firmemente, colocava Will acima de tudo no mundo.

Bem, quase tudo. Cecily ficara impressionada com Jem ao chegar ao Instituto — ele era dotado de uma beleza sublime e incomum, com cabelos e olhos prateados, além de feições delicadas. Parecia um príncipe em um livro de conto de fadas, e ela poderia ter considerado a hipótese de sentir alguma afeição por ele, se não tivesse ficado absolutamente claro que todo o amor do rapaz pertencia a Tessa Gray. Seus olhos a seguiam aonde quer que ela fosse, a voz mudava ao falar com ela. Cecily já tinha ouvido a mãe falar entretida sobre um rapaz vizinho que olhava para uma moça como se esta fosse "a última estrela do céu", e era assim que Jem olhava para Tessa.

Cecily não se ofendia com isso: Tessa era agradável e gentil com ela, apesar de um pouco tímida, e vivia com a cara em algum livro, assim como Will. Se era esse o tipo de menina de quem Jem gostava, os dois jamais seriam adequados um para o outro — e quanto mais tempo ficava no Instituto, mais ela percebia como isso tornaria estranhas as coisas com Will. Ele era ferozmente protetor em relação a Jem, e ficaria o tempo todo de olho nela, caso estressasse ou magoasse o rapaz de alguma forma. Não; estava muito melhor fora daquilo tudo.

— Estava pensando em empacotar Cecily e servi-la aos patos no Hyde Park — disse Will, puxando os cabelos molhados para trás e lançando um raro sorriso a Jem. — Sua ajuda seria muito bem-vinda.

— Infelizmente, talvez precise adiar seus planos de sororicídio por mais tempo. Gabriel Lightwood está lá embaixo, e tenho duas palavras para você. Duas das suas palavras *favoritas*, pelo menos, justapostas.

— "Total simplório"? — indagou. — "Arrivista inútil"?

Jem sorriu.

— *Varíola demoníaca* — respondeu.

Sophie equilibrava a bandeja em uma das mãos ao mesmo tempo que batia à porta de Gideon Lightwood com a outra, com a facilidade de quem tinha anos de prática.

Ouviu o ruído abafado de pés se arrastando, e a porta se abriu. Gideon estava diante dela vestindo calça, suspensórios e uma camisa branca com as mangas enroladas até o cotovelo. Suas mãos estavam molhadas, como se ele tivesse acabado de passar os dedos pelos cabelos, também úmidos. O coração de Sophie deu um salto no peito antes de se acalmar, e ela fez um esforço para franzir a testa para ele.

— Sr. Lightwood — disse. — Trouxe os bolinhos que solicitou, e Bridget também preparou um prato de sanduíches.

Gideon deu um passo para trás a fim de permitir que ela entrasse. Era como todos os outros quartos do Instituto: mobília escura e pesada, cama grande com reposteiro, lareira ampla e janelas altas, que neste quarto davam para o pátio abaixo. Sophie pôde sentir o olhar do rapaz fixo nela enquanto caminhava para colocar a bandeja sobre a mesa em frente à lareira. Ela se esticou e voltou-se para ele, com as mãos cruzadas sobre o avental.

— Sophie... — começou Gideon.

— Sr. Lightwood — interrompeu ela. — Gostaria de mais alguma coisa?

Ele a fitou meio revoltado, meio triste.

— Gostaria que me chamasse de Gideon.

— Já disse, não posso chamá-lo pelo nome cristão.

— Sou um Caçador de Sombras; não tenho um nome cristão. Sophie, por favor. — E deu um passo em direção a ela. — Antes de eu me mudar para o Instituto, achei que seríamos bons amigos. Contudo, desde que cheguei, você tem sido fria comigo.

A mão de Sophie subiu involuntariamente para o rosto. Lembrou-se do Mestre Teddy, filho de seu antigo empregador, e da forma terrível como ele a agarrava nos cantos escuros e a encostava contra a parede, passando as mãos sob seu corpete, murmurando ao seu ouvido que era melhor agradá-lo, se soubesse o que era melhor para ela. Pensar nisso a enojava, mesmo hoje.

— Sophie. — Os olhos de Gideon se enrugaram, preocupados, nos cantos. — O que foi? Se lhe fiz algum mal, se fui desrespeitoso, por favor, diga-me o que é para que eu possa remediar...

— Não houve nada, nenhum desrespeito. Você é um cavalheiro, e eu, uma serviçal; qualquer coisa, além disso, seria intimidade exagerada. Por favor, não me deixe constrangida, Sr. Lightwood.

Gideon, que erguera um pouco a mão, deixou que ela caísse na lateral do corpo. Pareceu tão abatido que o coração de Sophie amoleceu. *Tenho tudo a perder, e ele não*, lembrou. Era o que dizia a si mesma, tarde da noite, quando deitava na cama estreita com a lembrança de um par de olhos cor de tempestade pairando sobre a mente.

— Pensei que fôssemos amigos — disse ele.

— Não posso ser sua amiga.

Ele deu um passo à frente.

— E se eu lhe pedisse...

— Gideon! — chamou Henry, que estava parado junto à porta aberta, sem fôlego, e vestia um de seus horrorosos coletes listrados de verde e laranja. — Seu irmão está aqui. Lá embaixo...

Gideon arregalou os olhos.

— Gabriel está aqui?

— Sim. Gritando alguma coisa sobre seu pai, mas não nos contará mais nada sem sua presença. É o que jura. Venha.

Gideon hesitou, movendo o olhar de Henry para Sophie, que tentava parecer

invisível.

— Eu...

— Venha *agora*, Gideon! — Henry raramente era incisivo, e, quando o era, o efeito era avassalador. — Ele está coberto de sangue.

Gideon empalideceu e alcançou a espada pendurada em cavilhas duplas perto da porta.

— Estou indo.

Gabriel Lightwood estava apoiado contra uma parede no interior do Instituto, sem o casaco, e com a camisa e as calças ensopadas de vermelho. Lá fora, através das portas abertas, Tessa viu a carruagem dos Lightwood, com o brasão de chamas na lateral, parada ao pé da escadaria. Gabriel provavelmente viera sozinho.

— Gabriel — falou Charlotte suavemente, como se estivesse tentando domar um cavalo selvagem. — Gabriel, conte-nos o que aconteceu, por favor.

Gabriel — alto e esguio, com cabelos castanhos melados de sangue — esfregou o rosto, com olhos arregalados. As mãos também estavam ensanguentadas.

— Onde está meu irmão? Preciso falar com meu irmão.

— Está descendo. Mandei Henry buscá-lo e Cyril preparar a carruagem do Instituto. Gabriel, você está machucado? Precisa de um *iratze*? — Charlotte soava tão maternal quanto se o menino jamais tivesse tentado confrontá-la por trás da cadeira de Benedict Lightwood e jamais tivesse conspirado com o pai para tirar-lhe o Instituto.

— É muito sangue — observou Tessa, avançando. — Gabriel, não é todo seu, é?

Olhou para ela. Era a primeira vez, pensou Tessa, que o via se comportando sem tentar se exibir. Tinha apenas medo assombrando seus olhos. Medo e... confusão.

— Não... É *deles*...

— Deles? Quem são *eles*? — perguntou Gideon, e desceu correndo as escadas empunhando uma espada na mão direita. Com ele vinham Henry, Jem e, mais atrás, Will e Cecily. Jem parou na escada com ar espantado, e Tessa percebeu que ele a vira com o vestido do casamento. Os olhos dele se arregalaram, mas ele foi empurrado e conduzido escada abaixo como uma folha ao vento. — Papai está

ferido? — prosseguiu, parando diante do irmão. — Você está? — Gideon levantou a mão e segurou o rosto do irmão na altura do queixo, virando-o para ele. Apesar de Gabriel ser mais alto, a expressão de irmão mais novo era nítida em seu rosto: alívio pela presença do irmão e um quê de ressentimento pelo tom autoritário.

— Papai... — começou Gabriel. — Papai é um verme.

Will soltou um riso curto. Vestia o uniforme, como se tivesse acabado de deixar a sala de treinamento, e os cabelos se enrolavam, úmidos, na têmpora. Não olhava para Tessa, mas ela já havia se acostumado com isso. Will quase não a olhava, a não ser que fosse necessário.

— Que bom ver que passou a enxergar as coisas do nosso jeito, Gabriel, mas esta é uma forma estranha de anunciar.

Gideon lançou um olhar de reprovação na direção de Will antes de se voltar novamente para o irmão.

— O que quer dizer, Gabriel? O que ele fez?

Gabriel balançou a cabeça.

— Ele é um verme — repetiu, apático.

— Eu sei. Envergonhou o nome dos Lightwood, mentiu para nós dois. Envergonhou e destruiu nossa mãe. Mas não precisamos ser como ele.

Gabriel afastou a mão do irmão e subitamente mostrou os dentes, fazendo uma careta.

— Você não está me ouvindo — falou. — Ele é um verme. *Um verme*. Uma coisa em forma de serpente. Desde que Mortmain parou de fornecer o remédio, ele piorou. Mudou. Aquelas feridas nos braços começaram a cobri-lo. As mãos, o pescoço, o... o *rosto*... — Os olhos verdes de Gabriel procuraram Will. — Foi a varíola, não foi? Você sabe tudo sobre o assunto, não sabe? Você não é um tipo de especialista?

— Bem, não precisa agir como se eu tivesse inventado a doença — disse Will. — Só porque eu acreditava que ela existia. Há registros, histórias antigas na biblioteca...

— Varíola demoníaca? — perguntou Cecily, com uma expressão confusa no rosto. — Will, do que ele está falando?

Will abriu a boca, e as bochechas ficaram levemente coradas. Tessa conteve um sorriso. Fazia semanas que Cecily viera para o Instituto, mas sua presença ainda o incomodava e irritava. Ele não parecia saber como se comportar na frente da irmã caçula, que não era a criança de quem se lembrava e cuja presença

ele insistia não ser bem-vinda. No entanto, Tessa o vira seguir Cecily com o olhar, com o mesmo amor protetor que, às vezes, dirigia a Jem. Certamente a existência de varíola demoníaca e a forma de contágio eram as últimas coisas que ele gostaria de explicar a Cecily.

— Nada que precise saber — murmurou.

Os olhos de Gabriel se voltaram para Cecily, e o menino abriu a boca, surpreso. Tessa pôde vê-lo observando Cecily. Os pais de Will devem ser muito bonitos, Tessa pensou, pois Cecily era tão bonita quanto Will e tinha os mesmos cabelos negros brilhantes e os impressionantes olhos azul-escuros. Cecily o encarou, corajosamente, com expressão curiosa; devia estar imaginando quem seria esse menino que parecia detestar seu irmão.

— Papai morreu? — quis saber Gideon, elevando a voz. — A varíola demoníaca o matou?

— Não matou — respondeu Gabriel. — Mudou. Mudou. Há algumas semanas, ele mudou nossa residência para Chiswick. Não explicou por quê. Então, há alguns dias, se trancou no escritório. Não saía nem para comer. Hoje de manhã fui até a sala dele para tentar despertá-lo. A porta tinha sido arrancada das dobradiças. Tinha um... um *rastro* de alguma coisa gosmenta até o corredor. Segui-o até o andar de baixo e para o jardim. — Olhou em volta para a entrada que agora estava em silêncio. — Ele se transformou em um verme. É isso que estou contando.

— Não suponho que seja possível — falou Henry, em meio ao silêncio —, hum, pisar nele?

Gabriel o olhou enojado.

— Procurei pelos jardins. Encontrei alguns dos serventes. E por "encontrei" quero dizer exatamente isso. Tinham sido feitos... em pedaços. — Ele engoliu em seco e olhou para as próprias roupas ensanguentadas. — Ouvi um ruído... um uivo agudo. Virei e o vi rastejando na minha direção. Um verme enorme e cego como um dragão de uma fábula. A boca aberta, coberta de dentes afiados. Corri para os estábulos. A coisa veio atrás de mim, mas saltei para a carruagem e saí pelos portões. A criatura, nosso pai, não me seguiu. Acho que teme ser visto pela população em geral.

— Ah — disse Henry. — Grande demais para ser pisado, então.

— Eu não devia ter fugido — disse Gabriel, olhando para o irmão. — Devia ter ficado e lutado com a criatura. Talvez pudesse argumentar com ele. Talvez papai esteja ali em algum lugar.

— Ou talvez tivesse lhe partido ao meio com uma dentada — completou Will. — O que você está descrevendo, a transformação em um demônio, é o estágio final da varíola.

— Will! — Charlotte jogou as mãos para o alto. — Por que você não *avisou*?

— Sabe, os livros sobre varíola demoníaca estão na biblioteca — respondeu Will, em tom magoado. — Não impedi ninguém de ler.

— Sim, mas se Benedict ia se transformar em uma *serpente* gigantesca, poderia ter ao menos mencionado — observou Charlotte. — Por uma questão de interesse geral.

— Em primeiro lugar — disse Will —, eu não sabia que ele ia se transformar em um verme gigante. O estágio final da varíola demoníaca é a transformação em um demônio. Poderia ser de qualquer espécie. Em segundo lugar, o processo leva semanas para ocorrer. Achei que até mesmo alguém com um certificado de idiota feito o Gabriel aqui fosse observar e notificar.

— Notificar quem? — perguntou Jem, o que era uma pergunta até bastante razoável. Ele se aproximou de Tessa no decorrer da conversa. Quando estavam lado a lado, as costas das mãos roçaram uma na outra.

— A Clave. O carteiro. Nós. *Qualquer pessoa* — respondeu Will, lançando um olhar irritado a Gabriel, que estava recuperando a cor e parecia furioso.

— Não tenho certificado de idiota...

— A falta de um certificado não é sinônimo de inteligência — murmurou Will.

— E como eu disse, meu pai se trancou no escritório durante a semana passada...

— E não reparou em nada de estranho nisso? — perguntou Will.

— Você não conhece nosso pai — disse Gideon, com o tom seco de voz que às vezes adotava quando era inevitável falar sobre a família. Voltou-se novamente para o irmão e pôs as mãos nos ombros de Gabriel, falando baixo, em tons comedidos que ninguém podia escutar.

Jem, ao lado de Tessa, entrelaçou o dedo mínimo no dela. Era um gesto afetuoso habitual, ao qual ela havia se acostumado nos últimos meses, o bastante para fazer com que ela esticasse a mão sem pensar quando estava ao lado dele.

— Esse é seu vestido de noiva? — perguntou baixinho.

Tessa foi poupada de precisar responder quando Bridget apareceu, trazendo uniformes de batalha, e Gideon de repente virou para todos, dizendo:

— Chiswick. Temos de ir. Eu e Gabriel, pelo menos.

— Sozinhos? — perguntou Tessa, espantada o suficiente para falar quando não devia. — Mas por que não convocaria outros para irem junto...

— A Clave — explicou Will, com os olhos azuis penetrantes. — Ele não quer que a Clave saiba sobre o pai.

— Você ia querer? — falou Gabriel, irritado. — Se fosse a *sua* família? — Ele curvou o lábio. — Esqueça. Você não sabe o significado de lealdade...

— Gabriel! — Gideon o repreendeu. — Não fale assim com Will.

Gabriel pareceu surpreso, e Tessa não podia culpá-lo por isso. Gideon sabia da maldição de Will, da crença por trás de sua hostilidade e dos modos bruscos, assim como todo o Instituto, mas a história só era conhecida por eles, e ninguém de fora sabia disso.

— Vamos com vocês. Claro que vamos — declarou Jem, soltando a mão de Tessa e dando um passo à frente. — Gideon nos fez um favor. Não nos esquecemos, não é mesmo, Charlotte?

— Claro que não — respondeu Charlotte, virando. — Bridget, os uniformes...

— Convenientemente, já estou pronto — disse Will, enquanto Henry tirava o casaco e o trocava por um de combate e um cinto de armas; Jem fez o mesmo, e de repente a entrada ficou movimentada. Charlotte falava baixinho com Henry, com a mão sobre a barriga. Tessa desviou o olhar daquele momento particular e viu uma cabeça escura de alguém curvada perto de uma clara. Jem estava ao lado de Will com a estela empunhada, traçando um símbolo na lateral da garganta do rapaz. Cecily olhou para o irmão e fez uma careta.

— Convenientemente também estou vestida — anunciou.

Will levantou a cabeça, fazendo com que Jem emitisse um ruído de protesto irritado.

— Cecily, de jeito nenhum.

— Você não tem o direito de me dizer sim ou não. — Os olhos dela brilhavam. — Eu vou.

Will virou a cabeça para Henry, que deu de ombros como se pedisse desculpas.

— Ela tem direito. Treinou por quase dois meses...

— Ela é uma garotinha!

— Você fazia o mesmo aos 15 — comentou Jem, em voz baixa, e Will virou na direção dele. Por um instante, todos pareceram prender a respiração, inclusive Gabriel. O olhar de Jem deteve o de Will com firmeza, e não foi a primeira vez

que Tessa teve a sensação de que palavras não pronunciadas foram trocadas entre os dois.

Will suspirou e cerrou os olhos.

— A próxima a querer ir será Tessa.

— Claro que vou — disse ela. — Posso não ser Caçadora de Sombras, mas também tive treinamento. Jem não vai sem mim.

— Você está com o *vestido de noiva* — protestou Will.

— Bem, agora que todos já viram, não posso usá-lo para me casar — disse Tessa. — Dá azar, você sabe.

Will resmungou alguma coisa em galês — ininteligível, mas claramente em tom de derrota. Do outro lado da sala, Jem esboçou um sorriso preocupado para Tessa. Então a porta do Instituto se abriu e permitiu que um raio de sol de outono entrasse. Cyril estava na entrada, arfando.

— A segunda carruagem está pronta — disse. — Quem virá, afinal?

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: O Conselho

Prezado senhor,

Como o senhor, sem dúvida, já sabe, seu período de serviço como cônsul, após dez anos, aproxima-se do fim. É hora de apontar um sucessor.

Quanto a nós, estamos pensando seriamente na indicação de Charlotte Branwell, Fairchild quando solteira. Ela realizou um bom trabalho como chefe do Instituto de Londres, e acreditamos que conte com sua aprovação, considerando que foi indicada pelo senhor após a morte do pai.

Visto que sua opinião e estima são muito importantes para nós, agradecemos qualquer ideia que tenha sobre o assunto.

As mais cordiais saudações,

Victor Whitelaw, Inquisidor, em nome do Conselho.

2

O Verme Conquistador

E muito de loucura, e ainda mais de pecado,
E horror, a alma do enredo.
— Edgar Allan Poe, "O verme conquistador"

Quando a carruagem do Instituto cruzou os portões da Casa dos Lightwood, em Chiswick, Tessa pôde apreciar o local como não o fez em sua primeira visita, no meio da noite. Uma longa estrada de cascalhos, ladeada por árvores, levava a uma enorme casa branca com uma entrada circular na frente. A construção lembrava os desenhos que vira de templos clássicos da Grécia e de Roma, com suas linhas fortes e simétricas e as colunas lisas. Havia uma carruagem parada diante dos degraus e trilhas de cascalho espalhadas pelos jardins.

E que jardins adoráveis. Mesmo em outubro eram uma confusão de flores — rosas vermelhas tardias e crisântemos em tom laranja, bronze, amarelo e dourado-escuro cercavam pátios claros que se estendiam através das árvores. Enquanto Henry parava a carruagem, Tessa saltou, auxiliada por Jem, e ouviu um ruído de água: um riacho, imaginou, que fora desviado para percorrer os jardins. Tratava-se de um lugar tão adorável que mal conseguia associá-lo ao mesmo local em que Benedict promoveu seu baile infernal, embora pudesse ver o pátio que circundava a lateral da casa, pelo qual caminhou naquela noite. Conduzia a uma ala da casa que parecia ter sido incorporada recentemente...

A carruagem dos Lightwood chegou depois da deles, conduzida por Gideon, e Gabriel, Will e Cecily saltaram. Os irmãos Herondale continuavam discutindo um com o outro enquanto Gideon descia. Will ilustrava seus argumentos com gestos firmes de braços. Cecily olhava feio para ele, e a expressão furiosa a deixava tão parecida com o irmão que, em outras circunstâncias, teria sido divertido.

Gideon, ainda mais pálido do que antes, girou com a espada na mão.

— A carruagem de Tatiana — disse rapidamente quando Jem e Tessa o alcançaram. Apontou para o veículo parado perto dos degraus. As duas portas estavam abertas. — Ela deve ter vindo nos visitar.

— Que hora para isso... — Gabriel soou furioso, mas seus olhos verdes estavam cheios de medo. Tatiana era a irmã recém-casada. O brasão na carruagem, uma coroa de espinhos, devia ser o símbolo da família do marido, pensou Tessa. O grupo ficou paralisado, assistindo, enquanto Gabriel se aproximava da carruagem, sacando um sabre longo do cinto. Inclinou-se pela porta e praguejou alto.

Recuou, encontrando os olhos de Gideon.

— Tem sangue nos assentos — informou. — E... esta coisa — cutucou uma das rodas com a ponta do sabre; ao retirá-la, um longo fio de gosma fedorenta se esticou.

Will pegou uma lâmina serafim do casaco e gritou:

— *Eremiel*!

Quando começou a brilhar, como uma estrela branca e clara à luz do outono, Will apontou primeiro para o norte, depois para o sul.

— Os jardins percorrem toda a casa até o riacho — falou. — Sei bem; persegui o demônio Marbas por todo esse território em uma noite. Onde quer que Benedict esteja, duvido que tenha deixado a propriedade. Muita chance de ser visto.

— Vamos para a ala oeste da casa. Vocês cuidam da leste — disse Gabriel. — Gritem se avistarem alguma coisa, e correremos.

Gabriel limpou a espada no cascalho da entrada, levantou e seguiu o irmão para a lateral da casa. Will foi para o outro lado, seguido por Jem, Cecily e Tessa. Ele parou no canto da casa e examinou os jardins com o olhar, alerta a qualquer visão ou som estranho. Um instante depois, acenou para que os outros o seguissem.

Ao avançarem, o salto do sapato de Tessa prendeu em um dos pedaços soltos de cascalho sob as cercas vivas. Ela tropeçou e imediatamente se ajeitou, mas Will olhou para trás e franziu o rosto.

— Tessa — disse. Houve um tempo em que a chamou de Tess, mas não fazia mais isso. — Não devia estar conosco. Não está preparada. Pelo menos, espere na carruagem.

— Não — respondeu, revoltada.

Will voltou-se novamente para Jem, que parecia esconder um sorriso.

— Tessa é *sua* noiva. Faça-a enxergar com clareza.

Jem, com a bengala-espada em uma mão, percorreu o cascalho até ela.

— Tessa, faça-o como um favor a mim, pode ser?

— Você acha que não posso lutar — disse Tessa, recuando e sustentando o olhar prateado. — Porque sou uma menina.

— Acho que não pode lutar porque está com um vestido de noiva — respondeu Jem. — Se serve de consolo, acho que com essa roupa Will também não poderia lutar.

— Talvez, não — comentou Will, que tinha ouvidos afiados. — Mas eu seria uma bela noiva.

Cecily ergueu a mão para apontar algo ao longe.

— O que é aquilo?

Os quatro se viraram para ver uma figura correndo na direção deles. A luz do sol estava diretamente à frente, e, por um instante, enquanto os olhos se ajustavam, tudo o que Tessa viu foi um borrão. O borrão rapidamente se materializou em uma figura feminina correndo. Já tinha perdido o chapéu; os cabelos castanho-claros voavam ao vento. Era alta e magra, usava um brilhante vestido fúcsia que provavelmente fora elegante, mas no momento estava rasgado e manchado de sangue. E continuou gritando enquanto avançava até se jogar nos braços de Will.

Ele cambaleou para trás, quase derrubando Eremiel.

— Tatiana...

Tessa não soube dizer se Will a empurrou para trás ou se ela recuou por conta própria, mas, de qualquer forma, Tatiana afastou-se um pouco de Will, e Tessa viu o rosto da moça pela primeira vez. Era uma menina magra e angulosa. Tinha cabelos cor de areia, como os de Gideon, olhos verdes, como os de Gabriel, e seria bonita, se o rosto não tivesse feições de reprovação. Apesar das lágrimas e da falta de fôlego, havia algo de teatral, como se soubesse que todos os olhos estavam nela, principalmente os de Will.

— Um monstro enorme — choramingou. — Uma criatura... arrancou meu querido Rupert da carruagem e correu com ele!

Will a empurrou mais para longe.

— O que quer dizer com "correu com ele"?

Tatiana apontou.

— A-ali. — Ela soluçou. — Arrastou-o para os jardins italianos. Rupert conseguiu se esquivar inicialmente, mas o monstro sacudiu-o pelas trilhas. Por

mais que eu gritasse, a criatura não o largava! — E ela se debulhou em nova onda de lágrimas.

— Você gritou — disse Will. — E isso foi tudo que fez?

— Gritei muito. — Tatiana pareceu magoada. Afastou-se do rapaz e o olhou fixamente com os olhos verdes. — Vejo que continua desprezível como sempre. — Ela desviou os olhos para Tessa, Cecily e Jem. — Sr. Carstairs — falou formalmente, como se estivessem em uma festa a céu aberto, e estreitou os olhos quando os fixou em Cecily. — E você...

— Ah, em nome do Anjo! — Will passou por ela; Jem sorriu para Tessa e foi atrás dele.

— Você só *pode* ser a irmã de Will — disse Tatiana para Cecily enquanto os rapazes desapareciam ao longe, e ignorou Tessa de propósito.

Cecily a fitou, incrédula.

— Sou, apesar de não conseguir imaginar que diferença isso faça. Tessa, você vem?

— Vou — respondeu Tessa, e se juntou a Cecily; mesmo que Will ou Jem não a quisessem ali, ela não poderia assisti-los caminhando para o perigo sem acompanhá-los. Após um instante, ouviu os passos relutantes de Tatiana no cascalho atrás dela.

Estavam se afastando da casa em direção aos jardins formais semiocultos pelas cercas vivas altas. Ao longe, a luz do sol refletia na estufa de vidro e madeira com uma cúpula no teto. Fazia um belo dia de outono com uma brisa fria e o cheiro de folhas no ar. Tessa ouviu um ruído e olhou para a casa atrás dela. A fachada branca e lisa se erguia, interrompida apenas pelos arcos das varandas.

— Will — sussurrou Tessa quando ele soltou as mãos dela do próprio pescoço. Ele tirou as luvas de Tessa, que se juntaram à máscara e às pérolas de Jessie no chão de pedra da varanda. Ele retirou a própria máscara e a descartou, passando as mãos nos cabelos negros e úmidos, retirando-os da testa. A parte inferior da máscara havia deixado marcas nas maçãs do rosto dele, como leves cicatrizes, mas ao se esticar para tocá-las, ele pegou gentilmente suas mãos e as abaixou.

— Não — disse. — Me deixe tocar você primeiro. Tenho desejado...

Muito vermelha, Tessa desviou os olhos da casa e das lembranças ali contidas. O grupo havia chegado a uma abertura nas cercas vivas do lado direito. Através delas via-se o que claramente se tratava do "jardim italiano", cercado por folhagens. No círculo, o jardim era ladeado por fileiras de esculturas de heróis clássicos e personagens da mitologia. Vênus entornava água de uma urna em um

chafariz central, enquanto estátuas de grandes historiadores e estadistas — César, Heródoto, Tucídides — se entreolhavam com olhos vazios através das passagens que partiam do ponto central. Havia também poetas e dramaturgos. Tessa apertou o passo e deixou para trás Aristóteles, Ovídio, Homero (com os olhos cobertos por uma máscara de pedra, indicando sua cegueira), Virgílio e Sófocles, antes de um grito estridente rasgar o ar.

Ela girou. A alguns passos, Tatiana estava parada como uma pedra, os olhos esbugalhados. Tessa correu em sua direção, com os outros a seguindo, e foi a primeira a alcançar a menina. Tatiana a agarrou cegamente, como se, por um instante, tivesse se esquecido de quem era Tessa.

— Rupert — gemeu Tatiana, olhando para a frente, e Tessa seguiu seu olhar e viu um calçado masculino saindo de trás de uma cerca viva. Pensou por um instante que ele devia estar caído no chão, com o resto do corpo escondido pela folhagem, mas, ao se inclinar para ver melhor, percebeu que a bota e os centímetros de carne mastigada e ensanguentada que emergiam da abertura do sapato eram as únicas coisas que restavam.

— Um verme de 12 metros? — murmurou Will para Jem enquanto atravessavam o jardim italiano com botas que não faziam ruído no cascalho graças a um par de símbolos de Silêncio. — Pense no tamanho do peixe que poderíamos pegar.

Os lábios de Jem se curvaram.

— Não tem graça, você sabe.

— Tem um pouco.

— Você não pode reduzir a situação a piadas de vermes, Will. É do pai de Gabriel e Gideon que estamos falando.

— Não estamos apenas falando, mas perseguindo por um jardim de esculturas porque ele se transformou em um *verme*.

— Um verme demoníaco — completou Jem, parando para olhar com cautela ao redor da cerca viva. — Uma grande serpente. Isso contribui com seu senso de humor inadequado?

— Houve um tempo em que meu senso de humor inadequado o divertia — suspirou Will. — Como o verme mudou.

— *Will...*

Jem foi interrompido por um berro estridente. Os dois meninos giraram a tempo de ver Tatiana Blackthorn cair para trás nos braços de Tessa. Esta segurou

a moça, apoiando-a, enquanto Cecily ia em direção à abertura nas cercas vivas e sacava uma lâmina serafim do cinto com a tranquilidade de uma Caçadora de Sombras treinada. Will não a ouviu falar, mas a lâmina acendeu na mão da menina e iluminou seu rosto, fazendo com que o pânico ardesse no estômago de Will.

Ele começou a correr, com Jem logo atrás. Tatiana estava mole no colo de Tessa, o rosto distorcido em um lamento.

— Rupert! *Rupert*!

Tessa lutava contra o peso da moça, e Will queria parar para ajudar — mas Jem já o fizera e estava com a mão no braço de Tessa, o que era razoável. Era seu lugar como noivo dela.

Will desviou a atenção, voltando-a para a irmã, que se movia na abertura da cerca viva, com a espada estendida ao se aproximar dos restos macabros de Rupert Blackthorn.

— *Cecily!* — gritou Will, exasperado. Ela começou a se virar...

E o mundo explodiu. Um chafariz de sujeira e lama borrifou diante deles em direção ao céu. Torrões de terra e lodo caíram como granizo. No centro do chafariz, uma serpente enorme, cega, branco-acinzentada. Cor de carne morta, pensou Will. E emitia um fedor como o de uma sepultura. Tatiana gemeu e sucumbiu, puxando Tessa para o chão.

O verme começou a se balançar para a frente e para trás, tentando se libertar da terra. A boca se abriu, e parecia mais um rasgo imenso que dividia sua cabeça, coberto com dentes iguais aos de um tubarão. Um sibilo ressonante saiu de sua garganta.

— Pare! — gritou Cecily, e estendeu a lâmina brilhante. Ela parecia absolutamente destemida. — Volte, criatura maldita!

O verme se jogou na direção dela. Cecily manteve-se firme e empunhou a lâmina enquanto a boca enorme descia; Will saltou na direção dela e tirou-a do caminho. Ambos rolaram para uma cerca viva enquanto a cabeça do verme atingia o chão, exatamente onde ela estivera parada, e deixava uma marca imensa de dentes.

— Will! — Cecily se afastou do irmão, mas não a tempo. A lâmina serafim já tinha cortado o braço dele, deixando uma queimadura vermelha. Os olhos da menina pareciam fogo azul. — Isso foi desnecessário!

— Você não tem treinamento! — gritou Will, quase louco de fúria e pavor. — Vai acabar se matando! Fique onde está! — Ele se esticou para pegar-lhe a

espada, mas ela girou para longe dele e se pôs de pé. Um segundo depois, o verme estava descendo outra vez, com a boca aberta. Will tinha derrubado a própria lâmina quando mergulhou para ajudar a irmã. A espada estava distante. Ele saltou para o lado, escapando por pouco da mordida da criatura, e, então, lá estava Jem, com a bengala-espada na mão. Ele enfiou a lâmina com força na lateral do corpo do verme. Um grito infernal explodiu da garganta, e o verme cambaleou para trás, esguichando sangue negro. Com um sibilo, desapareceu atrás de uma cerca viva.

Will girou. Mal conseguia enxergar Cecily; Jem havia se jogado entre ela e Benedict, e estava coberto de sangue negro e lama. Atrás de Jem, Tessa havia puxado Tatiana para o colo; as saias de ambas estavam espalhadas, o cor-de-rosa brilhante de uma se misturando ao dourado arruinado do vestido de noiva da outra. Tessa se curvou sobre Tatiana para protegê-la da visão do pai, e grande parte do sangue de demônio havia pingado no seu cabelo e roupas. Quando olhou para cima com o rosto pálido, os olhos encontraram os de Will.

Por um instante o jardim, o barulho e o fedor de sangue do demônio desapareceram, e ele ficou sozinho em um local silencioso com ninguém além de Tessa. Ele queria correr para ela, envolvê-la nos braços. Protegê-la.

Mas era Jem quem deveria fazer essas coisas, e não ele. *Não ele.*

O momento passou, e Tessa se pôs de pé, levantando Tatiana com muito esforço depois de passar o braço da menina nos próprios ombros enquanto esta caía sobre ela, semiconsciente.

— Você precisa tirá-la daqui. Vai acabar morrendo — declarou Will, passando os olhos sobre o jardim. — Ela não tem treinamento.

A boca de Tessa começou a enrijecer naquela linha teimosa e familiar.

— Não quero abandoná-los.

Cecily pareceu horrorizada.

— Não acha... A criatura não se conteria? Ela é filha dele. Se... se restar algum noção de família...

— Ele *matou* o genro, Cecy — irritou-se Will. — Tessa, vá com Tatiana, se quiser salvar a vida dela. E fique com ela perto da casa. Seria um desastre se ela voltasse correndo para cá.

— Muito obrigado, Will — murmurou Jem, enquanto Tessa arrastava a menina cambaleante o mais depressa possível, e Will sentiu as palavras como três agulhadas no coração. Sempre que Will fazia algo para proteger Tessa, Jem achava que fosse em seu benefício, e não no do próprio Will. E Will sempre

desejava que Jem tivesse razão. Cada agulhada tinha um nome. *Culpa. Vergonha. Amor*.

Cecily gritou. Uma sombra cobriu o sol, e a cerca viva em frente a Will explodiu. Ele se viu encarando a garganta vermelha do imenso verme. Fios de saliva escorriam entre os dentes imensos. Will agarrou a espada no cinto, mas o verme já estava recuando, com uma adaga na lateral do pescoço. Will reconheceu sem precisar virar. Era de Jem. Ouviu seu *parabatai* gritar um alerta, e, em seguida, o verme estava vindo na direção de Will mais uma vez. Ele acertou um golpe na parte de baixo da boca da criatura. O sangue escorreu entre os dentes, respingando na roupa de combate de Will com um ruído sibilado. Alguma coisa atingiu a parte de trás do seu joelho, e, despreparado, ele caiu pesadamente, com os ombros batendo forte na relva.

Ele se engasgou ao perder o fôlego. A cauda fina e anelar do verme estava enrolada em seus joelhos. Will chutou, vendo estrelas, o rosto ansioso de Jem e o céu azul acima dele...

Pow. Uma flecha se enterrou na cauda do verme, logo abaixo do joelho de Will. O aperto de Benedict afrouxou, e Will rolou pela terra, fazendo um esforço para cair de joelhos, a tempo de ver Gideon e Gabriel Lightwood correndo naquela direção pela trilha de terra. Gabriel trazia um arco e o empunhava enquanto corria. Will percebeu com uma surpresa distante que Gabriel Lightwood tinha acabado de atacar o pai para salvar sua vida.

O verme caiu para trás, e, sob os braços de Will, surgiram as mãos que o fizeram levantar. *Jem*. Ele soltou Will, que se virou e constatou que o *parabatai* já estava com a bengala-espada empunhada e olhava para a frente. O verme-demônio parecia se contorcer de agonia, ondulando enquanto sacudia a cabeça enorme e cega de um lado para o outro, arrancando os arbustos pela raiz com tantos movimentos. As folhas preencheram o ar, e o pequeno grupo de Caçadores de Sombras se engasgou com a poeira. Will pôde ouvir Cecily tossindo e quis mandá-la de volta para casa, mas sabia que a irmã não obedeceria.

De algum jeito, o verme sacudiu a mandíbula e conseguiu se livrar da espada; a arma caiu com barulho entre os canteiros de rosas, manchada de icor negro. O verme começou a deslizar para trás, deixando um rastro de gosma e sangue. Gideon franziu o rosto e avançou para recuperar a espada caída com a mão enluvada.

De repente, Benedict se retraiu como uma cobra, a boca aberta e babando.

Gideon ergueu a espada, parecendo absurdamente pequeno contra o tronco vasto da criatura.

— *Gideon*! — gritou Gabriel, pálido, levantando o arco; Will se esquivou quando uma flecha voou por ele e se enterrou no corpo do verme. O verme gritou e rodou, afastando o corpo em uma velocidade incrível. Ao rastejar, um movimento da cauda acertou a ponta de uma estátua com força: a estátua explodiu e se transformou em poeira, chovendo na piscina ornamental seca.

— Pelo Anjo, a criatura acabou de destruir Sófocles — observou Will enquanto o verme desaparecia atrás de uma grande estrutura em forma de templo grego. — Ninguém respeita os clássicos hoje em dia?

Gabriel, arfando, abaixou o arco.

— *Tolo* — falou furiosamente para o irmão. — No que você estava pensando, correndo para ele desse jeito?

Gideon virou-se, apontando a espada sangrenta para Gabriel.

— Não é "ele". É *aquilo*. Não é mais nosso pai, Gabriel. Se não consegue aceitar isso...

— Atirei uma flecha nele! — gritou Gabriel. — O que mais você quer de mim, Gideon?

Gideon balançou a cabeça como se sentisse nojo do irmão; até Will, que não gostava de Gabriel, sentiu uma pontinha de solidariedade por ele. Afinal, ele *tinha* atirado na fera.

— Temos de persegui-lo — declarou Gideon. — Foi para trás do capricho...

— Do *quê*? — perguntou Will.

— Capricho, Will — respondeu Jem. — É uma estrutura decorativa. Presumo que não haja um interior.

Gideon balançou a cabeça.

— É apenas gesso. Se nós dois fôssemos por um lado, e você e James pelo outro...

— Cecily, *o que* você está fazendo? — quis saber Will, interrompendo Gideon; tinha consciência de que agia como um pai distraído, mas não se importava. Cecily tinha guardado a espada no cinto e aparentava tentar subir em uma das pequenas árvores na primeira fileira de cercas vivas. — Isso não é hora de subir em árvores!

Ela o olhou furiosamente, com os cabelos negros voando pelo rosto. Abriu a boca para responder, mas antes que conseguisse falar, ouviram um barulho como

um terremoto, e o capricho explodiu em cacos de gesso. O verme avançou na direção deles com a assustadora velocidade de um trem descontrolado.

Quando chegaram ao jardim da frente da casa dos Lightwood, o pescoço e as costas de Tessa doíam. O espartilho estava muito apertado sob o pesado vestido de noiva, e carregar Tatiana aos prantos forçava seu ombro esquerdo, machucando-a.

Ela sentiu alívio ao avistar as carruagens — alívio, mas também espanto. O cenário no pátio era tão tranquilo — as carruagens estavam onde tinham sido deixadas, os cavalos comiam capim, a fachada da casa estava impassível. Após carregar e arrastar Tatiana para o primeiro veículo, Tessa abriu a porta e a ajudou a entrar, franzindo o rosto quando as unhas afiadas da menina se enterraram em seus ombros enquanto se recompunha e ajeitava o vestido no interior do veículo.

— Oh, Deus — gemeu Tatiana. — Que vergonha, que terrível vergonha. Que a Clave possa descobrir o que recaiu sobre meu pai. Será que ele não poderia ter pensado em ser solidário a mim, nem por um instante?

Tessa piscou.

— Aquela *coisa* — disse. — Acho que não era capaz de pensar em ninguém, Sra. Blackthorn.

Tatiana a olhou tonta, e, por um instante, Tessa teve vergonha do ressentimento que sentiu em relação à outra. Não tinha gostado de ser expulsa dos jardins, onde poderia ter sido útil — mas Tatiana tinha acabado de ver o marido destruído diante de seus olhos, pelo próprio pai. Era digna de mais solidariedade do que Tessa estava oferecendo.

Ela deixou a voz mais gentil.

— Sei que passou por um terrível choque. Se puder deitar...

— Você é *muito* alta — comentou Tatiana. — Os cavalheiros reclamam?

Tessa a encarou.

— E está vestida de noiva — completou Tatiana. — Isso não é *muito* estranho? O uniforme de combate não seria mais apropriado? Entendo que não cai muito bem, e situações extremas exigem medidas extremas, mas...

Fez-se um súbito barulho alto. Tessa saiu da carruagem e olhou em volta; o ruído veio de dentro da casa. *Henry*, pensou Tessa. Henry tinha entrado na casa, sozinho. Claro, a criatura estava nos jardins, mas mesmo assim — era a casa de

Benedict. Pensou no baile cheio de demônios durante a última vez em que estivera ali, e segurou as saias com as mãos.

— Fique aqui, Sra. Blackthorn — pediu. — Tenho de descobrir o que provocou esse ruído.

— Não! — Tatiana se sentou ereta. — Não me deixe!

— Sinto muito. — Tessa recuou, balançando a cabeça. — Preciso fazer isso. Por favor, fique na carruagem!

Tatiana gritou alguma coisa, mas Tessa já tinha virado para correr pelos degraus. Atravessou as portas da frente e emergiu em uma entrada grandiosa com chão de mármore preto e branco, como um tabuleiro de xadrez. Um lustre imenso pendia do teto, apesar de nenhuma de suas velas estar acesa; a única luz do recinto vinha do sol que penetrava pelas janelas altas. Uma escadaria curva muito grandiosa conduzia ao andar superior.

— Henry! — gritou Tessa. — Henry, onde você está?

Um grito em resposta e outra batida vieram do andar de cima. Tessa correu pelas escadas, tropeçando quando o pé prendeu na bainha do vestido e abriu uma das costuras. Ela tirou a saia do caminho, impacientemente, e continuou correndo por um longo corredor com paredes pintadas de azul e gravuras em molduras douradas, atravessou uma porta e entrou em outro recinto.

Provavelmente tratava-se de um quarto de homem, uma biblioteca ou um escritório: as cortinas eram de tecido escuro e pesado, e pinturas a óleo de grandes navios de guerra estavam penduradas. Papel de parede verde e rico cobria o cômodo, apesar de parecer mosqueado com manchas escuras e estranhas. O lugar tinha um cheiro estranho — um cheiro parecido com aquele próximo às margens do Tâmisa, onde coisas esquisitas apodreciam à luz fraca do dia. E, cobrindo isso tudo, o odor cúprico de sangue. Uma estante de livros fora derrubada, uma confusão de vidro estilhaçado e madeira quebrada, e, no tapete persa ao lado, Henry, lutando contra uma *coisa* de pele cinzenta e muitos braços. Henry gritava e dava chutes com as pernas longas, e a coisa — um demônio, sem dúvida — arranhava seu uniforme com as garras e, com o focinho de lobo, empurrava-o pelo rosto.

Tessa olhou em volta, desesperada, pegou o atiçador que estava perto da lareira e atacou. Tentou se lembrar do treinamento — todas aquelas horas com Gideon conversando cuidadosamente sobre calibração, velocidade e punho — mas, no fim das contas, o que pareceu conduzir o longo pedaço de metal para o

tronco da criatura foi puro instinto, acertando o ponto onde deveriam estar costelas, caso fosse um animal real, terreno.

Ela ouviu *algo* quebrar quando a arma entrou. O demônio uivou como um cachorro e rolou para longe de Henry, e o atiçador bateu no chão. Icor negro esguichou, preenchendo o recinto com cheiro de fumaça e podridão. Tessa cambaleou para trás, e seu calcanhar prendeu na bainha rasgada do vestido. Caiu no chão exatamente quando Henry levantou e, praguejando baixinho, rasgou a garganta do demônio com uma lâmina que brilhava com símbolos. O demônio soltou um grito gorgolejado e se dobrou como papel.

Henry ficou de pé, os cabelos ruivos manchados de sangue e gosma purulenta. O uniforme de combate estava rasgado no ombro, e um líquido escarlate vazava do ferimento.

— Tessa! — exclamou, e em seguida estava ao lado da moça, ajudando-a a se levantar. — Pelo Anjo, somos uma dupla e tanto — disse à sua moda pesarosa, fitando-a preocupado. — Não está machucada, está?

Ela baixou os olhos e entendeu a preocupação dele: seu vestido estava ensopado de líquido negro, e, no antebraço, tinha um corte feio, em consequência da queda no vidro quebrado. Ainda não estava doendo muito, mas sangrava.

— Estou bem — respondeu ela. — O que aconteceu, Henry? Que coisa era aquela e por que estava aqui?

— Um demônio guardião. Eu vasculhava a mesa de Benedict e devo ter mexido ou tocado em alguma coisa que o despertou. Uma fumaça negra entornou da gaveta e se transformou *naquilo*. Pulou para cima de mim...

— E o arranhou — completou Tessa, preocupada. — Você está sangrando...

— Não, isso fui eu mesmo que causei. Caí na minha adaga — revelou Henry timidamente, sacando uma estela do cinto. — Não conte a Charlotte.

Tessa quase sorriu; em seguida, lembrando-se, atravessou o recinto e abriu as cortinas de uma das janelas altas. Dava para ver os jardins, mas, infelizmente, não o italiano; estavam de outro lado da casa. Cercas vivas e grama baixa, começando a perder a cor verde por causa do inverno, estendiam-se diante de seus olhos.

— Preciso ir — disse ela. — Will, Jem e Cecily... estavam lutando contra a criatura. O demônio matou o marido de Tatiana Blackthorn. Tive de levá-la de volta para a carruagem, pois estava quase desmaiando.

Fez-se um silêncio. Em seguida:

— Tessa — disse Henry com uma voz estranha, e ela deu meia-volta para vê-lo, preso no ato de aplicar um *iratze* no próprio braço. Ele olhava fixamente para a parede à sua frente; a parede que Tessa há pouco julgara estranhamente manchada. Agora ela notou que não se tratava de uma confusão acidental. Letras imensas se espalhavam pelo papel de parede, pintadas com o que parecia sangue escuro e seco.

AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM PENA.
AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM ARREPENDIMENTO.
AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM NÚMERO.
AS PEÇAS INFERNAIS JAMAIS DEIXARÃO DE VIR.

E ali, sob os rabiscos, uma última frase praticamente ilegível, como se o autor estivesse perdendo a funcionalidade das mãos. Imaginou Benedict trancado nesta sala, enlouquecendo aos poucos durante o processo de transformação, sujando a parede com palavras escritas com o próprio sangue purulento.

QUE DEUS TENHA PIEDADE DE NOSSAS ALMAS.

O verme atacou — e Will mergulhou para a frente, rolando, escapando por pouco da mandíbula. Encolheu-se, depois levantou e correu até chegar à cauda que se debatia. Girou e viu a criatura se erguendo como uma cobra sobre Gideon e Gabriel — embora, para sua surpresa, o monstro parecesse congelar, sibilando, mas não atacando. Será que reconhecia os filhos? Sentia alguma coisa por eles? Impossível dizer.

Cecily tinha subido até a metade da árvore e estava agarrada a um galho. Torcendo para que ela tivesse juízo e ficasse ali, Will virou para Jem e levantou a mão para que seu *parabatai* pudesse vê-lo. Havia algum tempo, eles tinham desenvolvido uma série de gestos que utilizavam para comunicar as respectivas necessidades em situações de confronto, caso não pudessem se ouvir. Os olhos de Jem se iluminaram em sinal de compreensão, e ele jogou a bengala para Will. Em um lançamento perfeito, o objeto girou até Will pegá-lo com uma das mãos e

apertar o cabo. A lâmina apareceu, e Will aplicou um golpe forte e veloz, cortando a pele espessa do demônio. O verme se encolheu e uivou quando Will atacou novamente, separando o rabo do corpo. Benedict se debateu nas duas extremidades, e icor jorrou em uma explosão gosmenta, cobrindo Will. Ele se desviou com um grito, a pele queimando.

— *Will*! — Jem correu para o amigo. Gideon e Gabriel estavam batendo na cabeça do verme, fazendo o possível para que a atenção do demônio se mantivesse neles. Enquanto Will limpava o líquido que ardia em seus olhos com a mão livre, Cecily saltou da árvore e aterrissou nas costas da criatura.

Will derrubou a espada-bengala, em choque. Jamais havia feito isso antes; nunca derrubara uma arma no meio de uma batalha, mas ali estava sua irmã caçula, agarrando-se, determinada, às costas de um imenso verme-demônio, como uma pulga se prendendo ao pelo de um cachorro. Enquanto ele observava, horrorizado, Cecily pegou a adaga do cinto e enfiou furiosamente na carne do demônio.

O que ela pensa que está fazendo? Como se aquela adaga mínima pudesse matar uma coisa desse tamanho!

— Will, Will — dizia Jem ao seu ouvido, com a voz insistente, e Will percebeu que falara em voz alta, e, pelo Anjo, a cabeça do verme ia virando em direção a Cecily, com a imensa boca aberta e cheia de dentes...

Cecily soltou o cabo da adaga e rolou de lado, abandonando o local onde estava. O verme errou o alvo apenas por um fio e mordeu violentamente o próprio corpo. Icor negro esguichou, e o verme chegou a cabeça para trás, emitindo um uivo semelhante ao grito de uma banshee. Uma ferida imensa se abriu no flanco do verme, e bocados de sua própria carne se penduravam das mandíbulas. Enquanto Will olhava, Gabriel ergueu o arco e soltou uma flecha.

Ela voou até o alvo e se enterrou em um dos olhos cegos e negros do verme. A criatura recuou — em seguida, sua cabeça caiu para a frente, e ele dobrou-se sobre si mesmo, contorcendo-se e desaparecendo, como acontecia com demônios quando morriam.

O arco de Gabriel caiu no chão com um ruído que Will mal escutou. O solo pisado estava encharcado com o sangue do corpo destruído da criatura. No meio daquilo tudo, Cecy se levantou e franziu o rosto, com o pulso direito contorcido em um ângulo estranho.

Will nem sentiu quando começou a correr para ela — só notou quando foi contido pela mão de Jem. Ele virou-se, agitado, para o *parabatai*.

— Minha *irmã*...

— Seu *rosto* — respondeu Jem, com uma calma surpreendente, considerando a situação. — Está coberto de sangue demoníaco, William, e sendo queimado por ele. Tenho de aplicar um *iratze* antes que os danos se tornem irreversíveis.

— Deixe-me ir — insistiu Will, e tentou se libertar, mas a mão fria de Jem segurou-o pelo pescoço, e, em seguida, veio a ardência da estela no pulso, e a dor que ele nem sabia que estava sentindo começou a diminuir. Jem o soltou com um próprio sibilo de dor; caiu um pouco do líquido em seus dedos. Will parou, indeciso, mas Jem acenou para que fosse enquanto aplicava a estela na própria mão.

Foi apenas um instante de atraso, mas quando Will chegou perto da irmã, Gabriel já a tinha alcançado. Ele estava com a mão sob o queixo da menina, observando-lhe o rosto com os olhos verdes. Ela o fitava, atônita, quando Will se aproximou e agarrou-a pelo ombro.

— Fique *longe* da minha irmã — gritou, e Gabriel recuou, contraindo a boca em uma linha firme. Gideon estava logo atrás, e eles se aglomeraram em torno de Cecily enquanto Will a segurava com uma das mãos e sacava a estela com a outra. Ela o encarou com olhos azuis e ardentes enquanto o irmão talhava um *iratze* preto em um dos lados da garganta e um *mendelin* no outro. Os cabelos negros se soltaram da trança, e ela parecia a menina selvagem da qual Will se recordava, feroz e destemida.

— Está machucada, *cariad*? — A palavra escapou antes que ele conseguisse contê-la: uma ternura infantil da qual tinha quase se esquecido.

— *Cariad*? — ecoou Cecily, os olhos brilhando incrédulos. — Não estou nada machucada.

— Só um pouco — respondeu Will, indicando o pulso ferido e os cortes na face e nas mãos, que começavam a se fechar sob o efeito do *iratze*. Sua raiva cresceu, e não ouviu Jem tossir atrás dele; um ruído que o faria entrar em ação como uma faísca lançada em palha seca. — Cecily, o que você...

— Aquela foi uma das coisas mais corajosas que já vi um Caçador de Sombras fazer — interrompeu Gabriel. Ele não estava olhando para Will, mas para Cecily, com um misto de surpresa e mais alguma coisa na expressão. Tinha lama e sangue no cabelo, assim como todos os presentes, mas os olhos verdes brilhavam muito.

Cecily ruborizou.

— Eu só...

E interrompeu-se, arregalando os olhos ao fitar além de Will. Jem tossiu novamente, e desta vez Will escutou e virou a tempo de ver seu *parabatai* cair de joelhos no chão.

3

A Hora Final

Não, eu não vou, carniça de consolação, Desespero, banquetear-me contigo;
Não desentrançarei — por mais fracos que estejam — estes restos de um homem
Em mim, nem exaurido gritarei Não posso mais. Posso;
Posso ter esperança e desejar um novo dia, e não querer não ser.
— Gerard Manley Hopkins, "Carrion Comfort"

Jem estava apoiado na lateral da carruagem do Instituto com os olhos fechados, o rosto pálido como papel. Will se colocou ao lado dele, e segurava com força seu ombro. Tessa percebeu, ao se aproximar, que não se tratava apenas de um gesto fraterno. A mão de Will era praticamente a única coisa que mantinha Jem de pé.

Ela e Henry tinham ouvido o grito derradeiro do verme. Gabriel os encontrou alguns instantes depois, correndo pelos degraus da frente. Contou, sem fôlego, sobre a morte da criatura e, em seguida, o que acontecera a Jem, e tudo ficou branco para Tessa, como se de repente tivesse sido atingida com força no rosto.

Eram palavras que não ouvia havia muito tempo, mas pelas quais sempre esperava, e, às vezes, ela as escutava em pesadelos, que a faziam despertar de súbito, engasgando: "Jem", "colapso", "respirando", "sangue", "Will", "Will está com ele", "Will...".

Claro que Will estava com ele.

Os outros estavam reunidos à sua volta: os irmãos Lightwood com a irmã, e até Tatiana estava quieta, ou talvez Tessa simplesmente não tenha escutado a histeria da moça. Tessa também tinha consciência da presença de Cecily ali, e de Henry desconfortável a seu lado, como se quisesse consolá-la, mas sem saber como começar.

Os olhos de Will encontraram os de Tessa quando ela se aproximou, quase tropeçando outra vez no vestido rasgado. Por um instante, eles se compreenderam perfeitamente. Jem era o único assunto sobre o qual conseguiam olhar nos olhos um do outro. No que se referia a Jem, ambos eram ferozes e inflexíveis. Tessa viu a mão de Will se fechar na manga de Jem.

— Ela está aqui — disse ele.

Os olhos de Jem se abriram lentamente. Tessa lutou para conter a expressão de choque. As pupilas do noivo estavam enormes, e as íris não eram mais que um anel de prata fino.

— *Ni shou shang le ma, quin ai de?* — sussurrou ele.

Jem vinha ensinando mandarim a Tessa, depois de muita insistência por parte dela. Ela entendeu "*quin ai de*", pelo menos, se não o resto. *Minha estimada, minha querida*. Alcançou a mão dele e apertou.

— Jem...

— Você está machucada, meu amor? — disse Will. A voz soou tão firme quanto os olhos, e, por um instante, o sangue subiu às bochechas de Tessa e ela olhou para a própria mão, que segurava a de Jem. Os dedos dele estavam mais pálidos que os dela, como as mãos de uma boneca de porcelana. Como pôde não perceber que ele estava tão doente?

— Obrigada pela tradução, Will — respondeu ela, sem desviar os olhos do noivo. Jem e Will estavam sujos de pus negro, mas o queixo e a garganta de Jem também apresentavam manchas de sangue vermelho. O sangue dele.

— Não estou ferida — sussurrou Tessa, em seguida, pensou, *não, isso não serve, nem um pouco. Seja forte por ele*. Esticou os ombros e continuou apertando a mão de Jem. — Onde está o remédio dele? — perguntou a Will. — Ele não pegou antes de deixarmos o Instituto?

— Não fale de mim como se eu não estivesse aqui — disse Jem, mas sem raiva. Virou a cabeça para o lado e falou alguma coisa, suavemente, baixinho, para Will, que assentiu e soltou o ombro do amigo. Tessa pôde sentir a tensão na postura do outro; estava parado como um felino, pronto para agir caso Jem escorregasse ou caísse, mas ele se manteve de pé. — Fico mais forte quando Tessa está perto. Contei isso a você — prosseguiu Jem, com o mesmo tom suave.

Ao ouvir aquilo, Will desviou o rosto para que Tessa não pudesse ver seus olhos.

— Estou vendo — respondeu Will. — Tessa, o remédio dele não está aqui. Acho que deixou o Instituto sem tomar o suficiente, apesar de não admitir. Volte

com ele na carruagem e cuide dele. Alguém precisa fazer isso.

Jem respirou fundo.

— Os outros...

— Eu conduzo para vocês. Isso não será problema; Balios e Xanthos conhecem o caminho. Henry pode levar os Lightwood. — Will foi rápido e eficiente demais para que pudessem agradecer; ele não parecia querer agradecimento. Ajudou Tessa a colocar Jem na carruagem, com muito cuidado para não tocá-la no ombro nem na mão, e afastou-se para informar aos outros o que se passava. Tessa captou um pouco da explicação de Henry sobre a necessidade de retirar os livros de registros de Benedict da casa antes de esticar o braço para fechar a porta da carruagem, isolando-se com Jem em um silêncio muito bem-vindo.

— O que havia dentro da casa? — perguntou Jem enquanto atravessavam os portões que cercavam a propriedade dos Lightwood. Ele continuava pálido, com a cabeça apoiada nas almofadas da carruagem, os olhos semicerrados, as maçãs do rosto brilhando com febre. — Ouvi Henry falar sobre o estúdio de Benedict...

— Ele enlouqueceu lá dentro — respondeu ela, segurando as mãos frias do noivo. — Nos dias que antecederam à transformação, quando Gabriel disse que ele não saía de lá, deve ter perdido a cabeça. Com o que parecia ser sangue escreveu na parede frases sobre "as Peças Infernais". Que não tinham pena, que não deixariam de vir...

— Ele devia estar se referindo ao exército de autômatos.

— Devia. — Tessa tremeu levemente e se aproximou de Jem. — Suponho que tenha sido tolice minha... mas os últimos dois meses foram tão pacíficos...

— Tinha se esquecido de Mortmain?

— Não. Nunca me esqueci. — Ela olhou em direção à janela, apesar de não conseguir enxergar o lado de fora; tinha fechado as cortinas quando a luz pareceu incomodar os olhos do noivo. — Torci para que ele talvez tivesse se concentrado em outra coisa.

— Não sabemos se ele fez isso ou não. — Os dedos de Jem se entrelaçaram aos dela. — A morte de Benedict pode ser uma tragédia, mas esse mal já vinha sendo feito havia muito tempo. Não teve nada a ver com você.

— Havia outros itens na biblioteca. Anotações e livros de Benedict. Diários. Henry está levando tudo para examinar no Instituto. Meu nome estava lá. —

Tessa se conteve; como podia incomodá-lo com essas coisas quando ele estava tão mal?

Como se pudesse ler os pensamentos dela, Jem moveu o dedo para o braço de Tessa, repousando-o levemente sobre o pulso.

— Tessa, é só um ataque passageiro. Não vai durar. Prefiro que me conte a verdade, toda a verdade, seja ela amarga ou assustadora, pois quero dividi-la com você. Jamais permitiria que o mal se abatesse sobre você nem sobre ninguém do Instituto. — Ele sorriu. — Seu pulso está acelerando.

A verdade, toda a verdade, seja ela amarga ou assustadora.

— Eu te amo — disse ela.

Jem a olhou, com uma luz no rosto esguio que o deixou ainda mais bonito.

— *Wo xi wang ni ming tian ke yi jia gei wo*.

— Você… — Ela franziu as sobrancelhas. — Você quer se casar comigo? Mas já estamos noivos. Acho que as pessoas não podem noivar duas vezes.

Ele riu, e o riso se transformou em tosse; o corpo inteiro de Tessa enrijeceu, mas a crise foi leve e sem sangue.

— Eu disse que me casaria com você amanhã, se pudesse.

Tessa fingiu jogar a cabeça para trás.

— Amanhã não é muito conveniente para mim, senhor.

— Mas você já está vestida para a ocasião — respondeu ele, com um sorriso.

Tessa olhou para o dourado arruinado do vestido de noiva.

— Se eu fosse me casar em um abatedouro — concedeu ela. — Ah, bem. Eu não estava mesmo gostando muito deste vestido. Era exagerado demais.

— Achei que você ficou linda — comentou ele, com voz suave.

Tessa apoiou a cabeça no ombro de Jem.

— Haverá outra ocasião — disse ela. — Outro dia, outro vestido. Um momento em que você esteja bem e tudo seja perfeito.

Jem continuava com a voz suave, porém, demasiadamente fatigada.

— Não existe perfeição, Tessa.

Sophie estava à janela do quartinho onde dormia, com a cortina aberta e os olhos fixos no pátio. Já fazia horas que as carruagens haviam deixado o Instituto, e ela deveria estar limpando as grades, mas a escova e o balde permaneciam intocados no chão.

Pôde ouvir a voz de Bridget subindo suavemente da cozinha:

Earl Richard tinha uma filha;
Uma formosa dama ela era.
E entregou seu amor ao Doce William
Mas não tinham o mesmo nível.

Às vezes, quando Bridget estava com o humor particularmente melodioso, Sophie pensava em descer e empurrá-la no forno, tal como a bruxa de "João e Maria". Mas Charlotte certamente não aprovaria. Mesmo que Bridget *estivesse* cantando sobre o amor proibido entre diferentes classes sociais no exato instante em que Sophie se reprimia por agarrar com força o tecido da cortina, vendo os olhos cinza-esverdeados na mente enquanto ficava imaginando coisas e se preocupava — será que Gideon estava bem? Estaria machucado? Conseguiria lutar com o pai? E como seria horrível se ele tivesse de...

Os portões do Instituto se abriram, e uma carruagem entrou; Will era o condutor. Sophie o reconheceu, sem chapéu e com os cabelos negros voando. Ele saltou do banco do cocheiro e deu a volta para ajudar Tessa a descer — mesmo a essa distância, Sophie viu que o vestido dourado estava arruinado — e, em seguida, Jem, apoiando-se pesadamente sobre o ombro do *parabatai*.

Sophie respirou fundo. Apesar de não achar que continuava apaixonada por Jem, ainda se importava muito com ele. Era difícil não fazê-lo, considerando a generosidade do rapaz, a doçura e graciosidade. Ele sempre se limitou a ser extremamente gentil com ela, e, ao longo dos últimos meses, ela se sentiu aliviada por ele não ter tido nenhum de seus "momentos ruins", como Charlotte os chamava — porque apesar de não ter sido curado pela felicidade, parecia mais forte, melhor...

O trio desapareceu no interior do Instituto. Cyril viera dos estábulos e estava cuidado dos cavalos, Balios e Xanthos. Sophie respirou fundo e soltou a cortina. Charlotte podia precisar dela, querer que ela ajudasse com Jem. Se pudesse fazer alguma coisa... Afastou-se da janela e se apressou pelo corredor e pelas escadas estreitas dos serventes.

Na entrada do andar inferior encontrou Tessa, pálida e abatida, hesitando do lado de fora do quarto de Jem. Através da porta entreaberta, Sophie pôde ver Charlotte curvada sobre Jem, que se sentara na cama; Will recostara-se sobre a lareira, com os braços cruzados, a tensão evidente em cada linha do corpo. Tessa levantou a cabeça ao ver Sophie e recobrou um pouco da cor.

— Sophie — choramingou baixinho. — Sophie, Jem não está bem. Ele teve outro... outro ataque da doença.

— Vai ficar tudo bem, Srta. Tessa. Já o vi adoentado antes, e ele sempre supera; isso é certo.

Tessa fechou os olhos. A área sob os mesmos estava cinza. Não precisava dizer o que ambas estavam pensando, que um dia chegaria a hora em que um dos ataques não seria superado.

— Preciso buscar água quente — acrescentou Sophie — e panos...

— Eu é quem deveria buscar essas coisas — respondeu Tessa. — E o faria, mas Charlotte falou que preciso trocar o vestido, pois sangue de demônio pode ser perigoso se grandes doses entrarem em contato com a pele. Ela mandou Bridget buscar panos e cataplasmas, e o Irmão Enoch chegará a qualquer momento. Além disso, Jem não ouvirá nada diferente, mas...

— Basta — interrompeu Sophie, com firmeza. — Não fará nenhum bem a ele se você adoecer também. Ajudarei com o vestido. Vamos, temos de cuidar disso, e depressa.

Os olhos de Tessa se abriram.

— Querida e sensata Sophie. Claro que tem razão. — E começou a atravessar o corredor em direção ao quarto. Ao chegar à porta fez uma pausa e se virou para olhar Sophie. Seus olhos cinzentos e arregalados examinaram o rosto da moça, e ela pareceu mover a cabeça afirmativamente para si mesma, como se tivesse acertado um palpite. — Saiba que *ele* está bem. Não tem nenhum ferimento.

— Mestre Jem?

Tessa balançou a cabeça.

— Gideon Lightwood.

Sophie enrubesceu.

Gabriel não sabia ao certo por que estava na sala de estar do Instituto, exceto que seu irmão mandou que fosse até lá e esperasse, e mesmo depois de tudo que aconteceu, ainda estava acostumado a fazer o que Gideon dizia. Surpreendeu-se pela simplicidade do recinto, em nada parecido com as grandiosas salas de estar das casas dos Lightwood, em Pimlico ou Chiswick. As paredes eram cobertas por papéis com estampa desbotada de rosas, a superfície da mesa tinha manchas de tinta e marca de abridores de cartas e pontas de canetas, e a lareira estava cheia

de fuligem. Acima dela, havia um espelho com manchas d'água, emoldurado em dourado.

Gabriel contemplou o próprio reflexo. O uniforme estava rasgado no pescoço, e ele exibia uma marca vermelha no queixo, onde um arranhão comprido passava pelo processo de cura. Tinha sangue por toda a roupa — *seu próprio sangue ou sangue de seu pai?*

Afastou rapidamente o pensamento. Era estranho, pensou, que fosse ele o parecido com a mãe, Barbara. Ela era alta e esbelta, com cabelos castanhos ondulados e olhos dos quais ele se lembrava ser do mais puro verde, como a grama que crescia em direção ao rio atrás da casa. Gideon parecia com o pai: largo e corpulento, com olhos mais cinzentos do que verdes. O que era irônico, considerando que foi Gabriel quem herdou o temperamento de Benedict: teimoso, rápido para se irritar, lento para perdoar. Gideon e Barbara eram mais apaziguadores, quietos e firmes, fiéis às próprias crenças. Ambos eram muito mais parecidos com...

Charlotte Branwell entrou pela porta aberta da sala com um vestido largo e olhos tão brilhantes quanto os de um passarinho. Sempre que Gabriel a via, se impressionava com o quão pequena era, com o quão mais alto ele era. No que o cônsul Wayland estava pensando quando entregou a esta criaturinha o poder sobre o Instituto e todos os Caçadores de Sombras de Londres?

— Gabriel. — Ela inclinou a cabeça. — Seu irmão me disse que você não se machucou.

— Estou muito bem — respondeu ele brevemente, e no mesmo instante percebeu que tinha soado grosseiro. Não fora sua intenção, precisamente. Seu pai passou anos repetindo que Charlotte era uma idiota, inútil e facilmente influenciável, e, apesar de saber que seu irmão discordava (o suficiente para vir morar neste lugar e deixar toda a família para trás), era uma lição difícil de superar. — Pensei que estivesse com Carstairs.

— O Irmão Enoch chegou com mais um dos Irmãos do Silêncio. Eles nos baniram do quarto de Jem. Will está no corredor, caminhando de um lado para o outro como uma pantera enjaulada. Coitado. — Charlotte olhou por um segundo para Gabriel antes de se dirigir à lareira. Tinha no rosto um olhar aguçado, o que era rapidamente disfarçado quando ela abaixava os cílios. — Mas chega desse assunto. Entendo que sua irmã foi levada para a residência dos Blackthorn, em Kensington — disse. — Gostaria que eu mandasse uma mensagem para alguém?

— Uma... mensagem?

Ela parou diante da lareira, juntando as mãos nas costas.

— Você precisa ir a um lugar, Gabriel, a não ser que queira que eu o ponha daqui para fora.

Colocar-me para fora? Essa mulher horrível estava expulsando-o do Instituto? Pensou no que o pai sempre lhe disse: *os Fairchild não se importam com ninguém além deles mesmos e da Lei*.

— Eu... a casa em Pimlico...

— O cônsul em breve será informado sobre tudo que se passou na Casa Lightwood — informou Charlotte. — Ambas as residências londrinas de sua família serão confiscadas em nome da Clave, pelo menos até que sejam revistadas e determinem se seu pai deixou para trás algo que possa dar pistas ao Conselho.

— Pistas de *quê*?

— Dos planos de seu pai — respondeu ela, imperturbável. — Das conexões com Mortmain, do conhecimento dos planos dele. Das Peças Infernais.

— Nunca ouvi falar de nenhuma merda de Peças Infernais! — protestou Gabriel, e, em seguida, ruborizou. Tinha acabado de falar um palavrão na frente de uma dama. Não que Charlotte fosse como as outras damas.

— Acredito em você — disse ela. — Não sei se o cônsul Wayland vai acreditar, mas o cenário que se apresenta é esse. Se me der um endereço...

— Não *tenho* um — disse Gabriel, desesperado. — Para onde acha que posso ir?

Ela apenas olhou para ele, com uma sobrancelha erguida.

— Quero ficar com meu irmão — declarou afinal, ciente de que soava petulante e irritado, mas incerto quanto ao que fazer.

— Mas seu irmão mora aqui — disse ela. — E você deixou muito claro o que pensa sobre o Instituto e minha direção. Jem me contou no que acredita. Que meu pai levou seu tio ao suicídio. Não é verdade, mas não espero que confie em mim. No entanto, fico imaginando por que você quereria permanecer aqui.

— O Instituto é um refúgio.

— Seu pai planejava governá-lo como um refúgio?

— Não sei! Não sei quais são... quais eram... os planos!

— Então por que concordou com ele? — A voz era suave, porém, impiedosa.

— Porque ele era meu *pai*! — gritou Gabriel. Girou para longe de Charlotte, e sua respiração irritou a garganta. Pouco ciente do que estava fazendo, abraçou o próprio corpo, como se isso fosse impedi-lo de se destroçar.

Lembranças das últimas semanas, lembranças que Gabriel vinha se esforçando para confinar aos recessos da mente, ameaçaram explodir: semanas na casa depois que os servos foram afastados, ouvindo barulhos dos aposentos superiores, gritos durante a noite, sangue na escada pela manhã, o pai gritando coisas sem sentido por trás da porta trancada da biblioteca como se não fosse mais capaz de formular palavras...

— Se vai me expulsar — disse Gabriel, com uma espécie de desespero terrível —, então o faça agora. Não quero achar que tenho uma casa, se não tenho. Não quero pensar que vou voltar a ver meu irmão quando não é este o caso.

— Acha que ele não iria atrás de você? Encontrá-lo onde quer que esteja?

— Acho que ele já provou com quem se importa mais — respondeu Gabriel —, e não é comigo. — Ajeitou-se lentamente, afrouxando o abraço ao redor de si mesmo. — Mande-me embora ou deixe-me ficar. Não vou implorar.

Charlotte suspirou.

— Não será preciso — falou. — Nunca mandei embora alguém que tenha dito que não tinha para onde ir, e não vou começar agora. Só peço uma coisa. Permitir que alguém more no Instituto, no coração do Enclave, significa confiar nas boas intenções da pessoa em questão. Não faça com que me arrependa de confiar em você, Gabriel Lightwood.

As sombras tinham aumentado na biblioteca. Tessa encontrava-se sentada em um foco de luz perto de uma das janelas, ao lado de um abajur azul. Há horas estava com um livro aberto no colo, porém sem conseguir se concentrar nele. Seus olhos passavam pelas palavras sem absorvê-las, e frequentemente se pegava parando, tentando se lembrar de quem seria a personagem ou por que estava fazendo aquilo.

Estava começando o capítulo cinco mais uma vez quando o rangido dos tacos no chão a alertou, e ela levantou os olhos para encontrar Will à sua frente, com os cabelos úmidos e luvas nas mãos.

— Will. — Tessa repousou o livro no parapeito ao lado. — Você me assustou.

— Não tive intenção de interrompê-la — falou ele, com voz baixa. — Se você está lendo... — E começou a virar.

— Não estou — respondeu Tessa, e Will parou, olhando para ela por cima do ombro. — Não consigo me concentrar nas palavras agora. Não consigo acalmar a confusão da minha mente.

— Nem eu — concordou ele, virando-se completamente agora. Não estava mais coberto de sangue. Vestia roupas limpas, e a pele quase não tinha marcas, apesar de Tessa conseguir enxergar arranhões branco-rosados no pescoço, que desapareciam no colarinho da camisa à medida que os *iratzes* faziam seu trabalho.

— Alguma notícia do meu... alguma notícia de Jem?

— Nenhuma mudança — disse ele, embora Tessa já imaginasse. Se tivesse havido alguma mudança, Will não estaria aqui. — Os Irmãos continuam não deixando ninguém entrar, nem mesmo Charlotte.

— E por que você está aqui? — prosseguiu ele. — Sentada no escuro?

— Benedict escreveu na parede da sala dele — disse Tessa, com voz baixa. — Antes de se transformar naquela criatura, imagino, ou enquanto acontecia. Não sei. — "As Peças Infernais não têm pena. As Peças Infernais não têm arrependimento. As Peças Infernais não têm número. As Peças Infernais jamais deixarão de vir".

— As Peças Infernais? Presumo que se refira às criaturas mecânicas de Mortmain. Não que tenhamos visto alguma nos últimos meses.

— Isso não quer dizer que não vão voltar — observou Tessa. Olhou para a mesa da biblioteca com o verniz arranhado. Quantas vezes Jem e Will devem ter sentado juntos, estudando, gravando as respectivas iniciais, como faziam os estudantes entediados, na superfície da mesa. — Sou um perigo para vocês aqui.

— Tessa, já conversamos sobre isso. Você não é o perigo. É você que Mortmain quer, sim, mas se não estivesse aqui, protegida, ele poderia pegá-la facilmente; e em que destruição ele transformaria os seus poderes? Não sabemos. Mas sabemos que ele a quer para alguma coisa, então para nós é vantajoso mantê-la longe dele. Não é altruísmo. Nós, Caçadores de Sombras, não somos altruístas.

Com isso, ela levantou o rosto.

— Acho que são muito altruístas. — E continuou quando ele emitiu um ruído discordante: — Certamente, você deve saber que o que fazem é exemplar. Existe uma frieza na Clave, é verdade. *Somos poeira e sombras*. Mas são como os heróis clássicos, como Aquiles e Jasão.

— Aquiles foi morto por uma flecha envenenada, e Jasão morreu sozinho, pelo próprio navio apodrecido. Este é o destino dos heróis; o Anjo sabe por que ninguém gostaria de ser um deles.

Tessa olhou para ele. Percebeu as olheiras sob os olhos azuis e que seus dedos

mexiam no tecido dos punhos da camisa, distraídos, como se ele não soubesse o que estava fazendo. Meses, ela pensou. Fazia meses desde a última vez em que estiveram juntos, só os dois, por mais de um instante. Tiveram apenas encontros acidentais nos corredores, no pátio, trocaram gentilezas forçadas. Ela sentia falta das piadas dele, dos livros que emprestava, do brilho das risadas em seu olhar. Envolvida pela lembrança do Will mais simples de uma época mais antiga, falou sem pensar:

— Não consigo parar de me lembrar de uma coisa que você me disse uma vez — falou.

Ele a fitou com surpresa.

— É? E o que é?

— Que às vezes, quando não consegue decidir o que fazer, finge ser uma personagem de um livro, pois é mais fácil resolver o que ela faria.

— Talvez — disse Will — eu não seja alguém de quem você deva aceitar conselhos, se busca a felicidade.

— Não a felicidade. Não exatamente. Quero ajudar... fazer o bem... — Ela se interrompeu e suspirou. — E recorri a muitos livros, mas se existe alguma orientação neles, não encontrei. Você disse que era Sydney Carton...

Will emitiu um ruído e afundou em uma cadeira no lado oposto da mesa. Os cílios do menino estavam abaixados, encobrindo os olhos.

— E suponho que eu saiba o que isso faz do resto de nós — continuou ela. — Mas não quero ser Lucie Manette, que não fez nada para salvar Charles e permitiu que Sydney fizesse tudo. E foi cruel com ele.

— Com Charles? — perguntou Will.

— Com Sydney — respondeu Tessa. — Ele queria ser um homem melhor, mas ela não ajudou.

— Não podia. Era noiva de Charles Darney.

— Mesmo assim, não foi gentil — disse Tessa.

Will se levantou da cadeira tão depressa quanto sentara. Inclinou-se para a frente, colocando as mãos sobre a mesa. Seus olhos ficavam muito azuis sob a luz azul do abajur.

— Às vezes, a pessoa deve escolher entre ser generoso ou honrado — declarou. — Às vezes, não dá para fazer as duas coisas.

— Qual delas é a melhor? — sussurrou Tessa.

A boca de Will se curvou com humor amargo.

— Suponho que dependa do livro.

Tessa esticou a cabeça para trás e o encarou.

— Sabe aquela sensação — disse ela —, quando está lendo um livro, e percebe que vai acontecer uma tragédia? Você sente o frio e a escuridão se aproximando, vê a rede se fechando em torno das personagens que vivem e respiram nas páginas. Mas está preso à história como se fosse arrastado por uma carruagem, e não consegue largar nem mudar o percurso? — Os olhos de Will estavam escuros e cheios de compreensão; claro que Will entenderia, e ela continuou apressadamente: — Agora sinto como se isso estivesse acontecendo, exceto que não são personagens em uma página, mas amigos e companheiros queridos. Não quero ficar sentada enquanto a tragédia se aproxima. Eu a afastaria, só que luto para descobrir como isso pode ser feito.

— Você teme por Jem — disse Will.

— Sim — concordou ela. — E por você também.

— Não — retrucou Will, com voz rouca. — Não desperdice isso comigo, Tess.

Antes que ela pudesse responder, a porta da biblioteca se abriu. Era Charlotte, parecendo esgotada. Will virou-se rapidamente para ela.

— Como está Jem? — perguntou ele.

— Acordado e falando — respondeu. — Tomou um pouco de *yin fen*, e os Irmãos do Silêncio conseguiram estabilizá-lo e conter a hemorragia interna.

À menção da hemorragia interna, Will pareceu prestes a vomitar; Tessa imaginou que ela havia exibido a mesma expressão.

— E pode receber uma pessoa — continuou Charlotte. — Aliás, foi ele quem pediu.

Will e Tessa trocaram um rápido olhar. Ela sabia o que os dois estavam pensando: quem seria? Tessa era noiva de Jem, mas Will era seu *parabatai*, o que já era algo sagrado. Will começou a recuar quando Charlotte falou novamente, soando completamente exaurida:

— Ele pediu que você fosse, Will.

Will pareceu espantado. Lançou um olhar a Tessa.

— Eu...

Tessa não pôde negar a surpresa e a quase inveja que sentiu no peito ao ouvir as palavras de Charlotte, mas combateu as impressões implacavelmente. Amava Jem o bastante para querer o que ele queria, e ele sempre tinha seus motivos.

— Vá — disse gentilmente. — Claro que ele ia querer vê-lo.

Will começou a se mover em direção à porta para se juntar a Charlotte. No

meio do caminho, se virou e atravessou a biblioteca até Tessa.

— Tessa — disse —, enquanto estou com Jem, faria uma coisa por mim?

Tessa levantou o olhar e engoliu em seco. Ele estava muito perto, perto demais: todas as linhas, formas e ângulos de Will preenchiam seu campo visual enquanto o som da voz do Caçador de Sombras dominava seus ouvidos.

— Claro, certamente — respondeu. — O quê?

Para: Edmund e Linette Herondale
Solar Ravenscar
West Riding, Yorkshire

~~*Queridos Pai e Mãe,*~~

~~*Sei que fui covarde em sair como o fiz, bem cedo, antes que acordassem, com apenas um bilhete explicando minha ausência. Não suportei encará-los, sabendo o que tinha decidido fazer, e ciente de que eu era a pior das filhas desobedientes.*~~

~~*Como posso explicar minha decisão, como cheguei a ela? Mesmo agora, parece uma loucura. Cada dia, aliás, é mais maluco do que o anterior. Você não mentiu, Papai, quando disse que a vida de um Caçador de Sombras era como um sonho febril*~~

Cecily passou a ponta da caneta furiosamente sobre as linhas que havia escrito, em seguida amassou o papel e apoiou a cabeça na mesa.

Já tinha iniciado esta carta tantas vezes, mas em nenhuma delas conseguiu uma versão satisfatória. Talvez não devesse estar fazendo isso agora, pensou, não quando tentava se acalmar desde o retorno ao Instituto. Todos estavam preocupados com Jem, e Will, após dar uma olhada rápida nela no jardim para ver se estava ferida, mal tinha voltado a falar com ela. Henry fora correndo atrás de Charlotte, Gideon puxara Gabriel de lado, e Cecily se vira subindo as escadas do Instituto sozinha.

Ela foi para o quarto, sem se incomodar em tirar o uniforme de combate, e se encolheu sobre a cama. Enquanto deitava sob o véu das sombras, ouvindo os ruídos fracos de Londres lá fora, o coração se apertou súbita e dolorosamente

com saudades de casa. Pensou nas colinas verdes do País de Gales, na mãe e no pai, e saiu da cama como se tivesse sido empurrada, tropeçando até a mesa e pegando caneta e papel, mas a tinta manchou seus dedos com a pressa. E nem assim as palavras corretas vieram. Cecily tinha a sensação de sangrar arrependimento e solidão por todos os poros e, no entanto, não conseguia materializar esses sentimentos em algum relato que os pais suportassem ler.

Naquele momento, ouviu uma batida à porta. Ela alcançou um livro que havia deixado repousando sobre a mesa, abriu como se estivesse lendo, e falou:

— Entre.

A porta se abriu; era Tessa, hesitando na entrada. Não estava mais com o vestido de noiva destruído, mas usava outro, simples, de musselina azul, com dois colares brilhando no pescoço: o anjo mecânico e o pingente de jade que ganhou de noivado de Jem. Cecily olhou curiosa para Tessa. Apesar de serem afáveis uma com a outra, não eram próximas. Tessa tomava certo cuidado com ela, e Cecily tinha uma desconfiança quanto à origem daquilo, mas não podia provar; além disso, havia algo de louco e estranho em Tessa. Cecily sabia que a garota conseguia alterar sua forma, se transformar em qualquer pessoa, e não conseguia se livrar da sensação de que isso não era natural. Como seria possível conhecer a verdadeira face de alguém, se a pessoa podia mudá-la com a facilidade de quem troca de roupa?

— Sim? — disse Cecily. — Srta. Gray?

— Por favor, me chame de Tessa — falou, e fechou a porta atrás de si. Não era a primeira vez que pedia que Cecily a chamasse pelo primeiro nome, mas o costume e a teimosia da outra a impediam. — Vim para saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa.

— Ah. — Cecily sentiu uma pontada de decepção. — Estou bem.

Tessa andou um pouco para a frente.

— Está lendo *Grandes esperanças*?

— Estou. — Cecily não revelou que já tinha visto Will o lendo, nem que o pegou para tentar entender o que ele pensava. Até o momento estava lamentavelmente perdida. Pip era mórbido, e Estella, tão terrível que Cecily tinha vontade de sacudi-la.

— "Estella" — disse Tessa suavemente. — "Até a última hora de minha vida você não tem escolha senão permanecer parte do meu caráter, do pouco bem que existe em mim, parte do mal".

— Então você decora passagens literárias, assim como Will? Ou este é um

dos seus favoritos?

— Não tenho a memória de Will — disse Tessa, dando mais uns passos tímidos. — Nem o símbolo de *mnemosyne*. Mas gosto muito desse livro. — Os olhos cinzentos examinaram o rosto de Cecily. — Por que ainda está com o uniforme de luta?

— Estava pensando em ir até a sala de treinamento — respondeu. — Consigo pensar com clareza quando estou lá, e ninguém parece se importar com o que faço ou deixo de fazer.

— Mais treinamento? Cecily, você acabou de lutar! — protestou Tessa. — Sei que, às vezes, é preciso mais de uma rodada de aplicação de símbolos para que o Caçador de Sombras se cure completamente... Antes de poder voltar a treinar, acho que devo chamar alguém para ver você: Charlotte ou...

— Ou Will? — disparou Cecily. — Se um dos dois se importasse, já teria vindo.

Tessa parou ao lado da cama.

— Você não pode achar que Will não se importa com você.

— Ele não está aqui, está?

— Ele me mandou vir porque está com Jem — informou Tessa, como se isso explicasse tudo. Cecily supunha que, de certa forma, explicava. Sabia que Will e Jem eram muito amigos, mas que era mais do que isso. Já tinha lido sobre os *parabatai* no *Códex* e sabia que se tratava de um laço que não existia entre mundanos, algo mais próximo do que irmãos e melhor do que sangue. — Jem é o *parabatai dele*. Ele fez um juramento de estar sempre por perto em momentos como este.

— Ele estaria lá, com ou sem juramento. Estaria lá para *qualquer um* de vocês. Mas sequer passou por aqui para ver se preciso de mais um *iratze*.

— Cecy... — começou Tessa. — A maldição de Will...

— Não era uma maldição de verdade!

— Sabe — disse Tessa, pensativa —, de certa forma, era. Ele acreditava que ninguém podia amá-lo e que, se ele permitisse isso, a pessoa acabaria morrendo. Foi por isso que abandonou vocês. Fugiu para preservá-los e mantê-los em segurança, e aqui está você, agora: a própria definição de *fora* de segurança para ele. Ele não aguenta vir e ver seus ferimentos, pois para Will é como se ele próprio os tivesse provocado.

— Eu escolhi isso. A Caça às Sombras. E não apenas por querer estar com Will.

— Sei disso — retrucou Tessa. — Mas também estive com Will enquanto ele delirava após ser exposto a sangue de vampiro, engasgando com água benta, e eu sei que nome ele chamou. O seu.

Cecily levantou os olhos, surpresa.

— Will me chamou?

— Ah, sim. — Um breve sorriso formou-se na boca de Tessa. — Ele não me disse quem você era, claro, quando perguntei, e quase enlouqueci... — interrompeu-se, e desviou o olhar.

— Por quê?

— Curiosidade — respondeu Tessa, dando de ombros, apesar de ruborizar nas bochechas. — É meu pecado. Seja como for, ele a ama. Sei que com Will tudo é muito confuso, mas o fato de ele *não* estar aqui só me prova ainda mais o quanto a estima. Ele está acostumado a afastar todo mundo que ama, e quanto maior o amor, maior é o empenho em não demonstrá-lo.

— Mas não existe maldição...

— Hábitos e anos não desaparecem tão rapidamente — declarou Tessa, com olhos tristes. — Não cometa o erro de acreditar que ele não a ama só porque age assim, Cecily. Confronte-o, se necessário, e exija a verdade, mas não cometa o erro de se afastar por achar que seu irmão é uma causa perdida. Não o tire do seu coração. Se fizer isso, vai se arrepender.

Para: Membros do Conselho
De: Cônsul Josiah Wayland.

Perdoem o atraso na resposta, cavalheiros. Quis ter a certeza de não estar opinando de maneira precipitada, mas que minhas palavras fossem o resultado de uma reflexão paciente e cuidadosa.

Temo não poder apoiar a recomendação para que Charlotte seja minha sucessora. Apesar de ter um ótimo coração, ela é muito volúvel, passional e desobediente para ser Consulesa. Como sabemos, o sexo frágil é dotado de uma fraqueza que os homens não herdam, e infelizmente ela é vítima desta. Não, não posso recomendá-la. Insisto que considerem outro nome — meu próprio sobrinho, George Penhallow, que completará 25 anos em novembro e é um bom Caçador

de Sombras, além de bom homem. Acredito que seja dotado da certeza moral e da retidão de caráter para liderar os Caçadores de Sombras a uma nova década.

Em nome de Raziel,

Cônsul Josiah Wayland.

4

Ser Sábio e Amar

Pois ser sábio e amar
Excede a capacidade do homem.
— Shakespeare, "Troilo e Créssida"

— Achei que, pelo menos, fosse fazer uma canção com isso — disse Jem.

Will olhou curioso para o *parabatai*. Jem, apesar de ter chamado Will, não parecia no melhor dos humores. Estava sentado, quieto, na beira da cama, com uma camisa e uma calça limpas, apesar de a camisa ser larga e deixá-lo parecendo mais magro do que nunca. Ainda tinha manchas de sangue seco na clavícula, uma espécie de colar brutal.

— Fazer uma música sobre o quê?

A boca de Jem se curvou.

— Nosso combate ao verme? — falou. — Depois de todas aquelas suas piadas...

— Não passei as últimas horas de bom humor — explicou Will, e desviou os olhos para os panos ensanguentados sobre a cabeceira e a vasilha de fluido rosado.

— Não se inquiete — disse Jem. — Estão todos inquietos, e não aguento isso; eu o chamei porque... porque você não faria isso. Você me faz rir.

Will jogou os braços para o alto.

— Ah, tudo bem — falou. — Que tal isso:

A verdade é que não labuto mais em vão
Para provar que a varíola demoníaca não é mentira, não.
Apesar de ser uma pena, não é em vão

O verme com varíola foi ao chão:
Para acreditar em mim, todos devem condescender.

Jem gargalhou.

— Nossa, foi péssimo.

— Foi de improviso!

— Will, existe uma coisa chamada *escansão*... — De um instante para o outro, a risada de Jem se transformou em um ataque de tosse. Will correu quando Jem se curvou, os ombros finos balançando, e o sangue respingou na coberta branca da cama.

— Jem...

Com uma das mãos, Jem apontou para a caixa na mesa de cabeceira. Will a alcançou; a mulher delicadamente desenhada na tampa, que servia água de um jarro, era intimamente familiar, e ele detestava a visão dela.

Abriu a caixa — e ficou paralisado. O que parecia uma camada leve de açúcar mal cobria o fundo de madeira. Talvez tivesse uma quantidade maior antes do tratamento dos Irmãos do Silêncio; Will não sabia. O que sabia era que deveria ter sobrado mais, muito mais.

— Jem — disse, com voz sufocada —, por que só tem isso aqui?

Jem já tinha parado de tossir. Tinha sangue nos lábios e, enquanto Will observava, chocado demais para se mover, o menino levantou o braço e limpou o rosto com a manga. O tecido ficou instantaneamente vermelho. Ele parecia febril, a pele pálida brilhava, apesar de não demonstrar nenhum outro sinal externo de agitação.

— Will — falou suavemente.

— Há dois meses — começou Will, e ao perceber que estava elevando a voz, fez um esforço para baixá-la. — Há dois meses comprei *yin fen* suficiente para durar um ano.

Havia uma mistura de desafio e tristeza no olhar de Jem antes de continuar.

— Acelerei o processo de ingestão.

— Acelerou? Quanto?

Agora Jem não olhou nos olhos de Will.

— Tenho tomado duas, talvez três vezes mais.

— Mas a razão com que toma a droga é diretamente proporcional à deterioração da sua saúde — disse Will, e quando Jem não respondeu, a voz do

amigo se elevou e saíram duas palavras: — *Por quê*?

— Não quero uma meia-vida...

— Neste ritmo, não terá sequer um quinto de vida! — gritou Will, e respirou fundo. A expressão de Jem havia mudado, e ele teve de bater a caixa na mesa de cabeceira para não socar a parede.

Jem estava sentado ereto, com os olhos ardendo.

— Viver é mais do que *não morrer* — declarou. — Olhe para sua vida, Will. Você arde tão brilhante quanto uma estrela. Eu tomava o suficiente para me manter vivo, mas não o bastante para ficar *bem*. Uma pequena dose extra antes das batalhas, talvez, para ter energia, mas, fora isso, uma meia-vida, um crepúsculo cinza de vida...

— Mas você mudou a dosagem agora? Está assim desde o noivado? — perguntou Will. — É por causa de Tessa?

— Você não pode culpá-la por isso. Foi uma decisão minha. Ela não tem nenhum conhecimento sobre o assunto.

— Ela ia querer vê-lo com vida, James...

— *Eu não vou viver*! — E Jem se levantou, com as bochechas ruborizadas; Will pensou que nunca o vira tão furioso. — Não vou viver, e posso escolher ser tudo que puder por ela, arder tanto quanto quiser, e por um período mais curto, em vez de ser um fardo, fazendo-a passar mais tempo com alguém que não vive por inteiro. É escolha minha, William, e você não pode fazê-la por mim.

— Talvez possa. Sempre fui eu quem comprou seu *yin fen*...

O rosto de Jem perdeu a cor.

— Se for se recusar, compro sozinho. Nunca me opus. Você falou que queria comprar. E quanto a isso... — Tirou o anel Carstairs do dedo e o entregou a Will. — Pegue.

Will deixou os olhos baixarem para o anel e depois direcionou-os para o rosto de Jem. Uma dúzia de coisas horríveis que poderia dizer ou fazer passaram pela sua cabeça. Não se descarta uma personalidade assim tão depressa, descobrira. Passou tantos anos fingindo ser cruel que esse ainda era o traço que buscava em primeiro lugar, assim como um homem poderia conduzir a carruagem automaticamente para a casa onde sempre morou, apesar de ter se mudado há pouco.

— Agora quer se casar *comigo*? — comentou, afinal.

— Venda o anel — disse Jem. — Para conseguir dinheiro. Já disse, você não precisa pagar pelas minhas drogas; já paguei pelas suas uma vez, você sabe, e me

lembro da sensação. Foi desagradável.

Will franziu o rosto, em seguida olhou para o símbolo da família Carstairs brilhando na palma pálida e cheia de cicatrizes de Jem. Esticou a mão e pegou gentilmente a do amigo, fechando os dedos sobre o anel.

— Quando você se tornou inconsequente, e eu, cauteloso? Desde quando tenho que protegê-lo de si mesmo? Sempre foi você que me protegeu. — E observou com atenção o rosto de Jem. — Ajude-me a entendê-lo.

Jem ficou completamente imóvel. Em seguida, falou:

— No começo, quando percebi que amava Tessa, achei que talvez fosse o amor que estivesse me fazendo bem. Há muito tempo, não tinha algum ataque. E quando eu a pedi em casamento, falei isso para ela. Que o amor estava me curando. Então, na primeira vez em que eu... na primeira vez em que aconteceu de novo, não tive coragem de contar, por medo de ela achar que meu amor estava diminuindo. Tomei mais da droga, para combater mais uma doença. Logo, comecei a precisar de mais droga para simplesmente me manter de pé do que costumava precisar para passar uma semana. Não disponho de anos, Will. Talvez sequer disponha de meses. E não quero que Tessa saiba. Por favor, não conte a ela. Não só por ela, mas por mim.

Quase contra a vontade, Will começou a compreender; ele teria feito qualquer coisa, pensou, contado qualquer mentira, assumido qualquer risco para fazer Tessa amá-lo. Teria...

Quase qualquer coisa. Não trairia Jem por isso. Era a única coisa que não faria. E cá estava Jem, com a mão na sua, e olhos que pediam solidariedade, compreensão. Como Will poderia não entender? Lembrou-se de si mesmo na sala de estar de Magnus, implorando para ser enviado ao reino dos demônios, pois era melhor do que seguir mais uma hora, mais um instante de uma vida que não suportava mais.

— Então, você vai morrer por amor — disse Will afinal, com a voz soando rouca aos próprios ouvidos.

— Morrendo um pouco mais depressa por amor. E existem razões piores pelas quais morrer.

Will soltou a mão de Jem, que olhou do anel para ele, com olhos inquisidores.

— Will...

— Vou até Whitechapel — disse Will. — Hoje. Comprarei todo o *yin fen* disponível, tudo que possa precisar.

Jem balançou a cabeça.

— Não posso pedir que faça algo que sua consciência não permita.

— Minha consciência. — sussurrou Will. — Você é minha consciência. Sempre foi, James Carstairs. Farei isso por você, mas antes exijo uma promessa.

— Que tipo de promessa?

— Há anos me pediu que parasse de buscar uma cura para você — disse Will. — Quero que me libere dessa promessa. Me libere para procurar, pelo menos. Me libere para buscar.

Jem o olhou, maravilhado.

— Quando penso que o conheço totalmente, você me surpreende outra vez. Sim, eu o libero. Procure. Faça o que quiser. Não posso aprisionar suas boas intenções; seria apenas cruel, e eu faria o mesmo se estivesse em seu lugar. Sabe disso, não sabe?

— Sei. — Will deu um passo à frente. Colocou as mãos nos ombros de Jem, sentindo o quanto eram pontudos, semelhantes às asas de um pássaro. — Esta não é uma promessa vazia, James. Acredite em mim, ninguém sabe mais do que eu sobre a dor de uma falsa esperança. Vou procurar. Se existir alguma coisa a ser encontrada, encontrarei. Mas até lá, a vida é sua para conduzir como quiser.

Por incrível que pareça, Jem sorriu.

— Eu sei disso — respondeu —, mas é gentil me lembrar.

— Não sou nada além de gentil — disse Will. Seus olhos examinaram o rosto de Jem, tão familiar quanto o próprio. — E determinado. *Você não vai me deixar*. Não enquanto eu viver.

Os olhos de Jem se arregalaram, mas ele não disse nada. Não havia mais nada a dizer. Will abaixou as mãos dos ombros do *parabatai* e virou-se para a porta.

* * *

Cecily parou onde tinha estado mais cedo naquele dia, com a faca na mão direita. Olhou reto, puxou a faca para trás e a deixou voar pelo ar. Acertou a parede, no exterior do círculo desenhado.

A conversa com Tessa não aliviou seus nervos; só piorou as coisas. Tessa tinha um ar de tristeza aprisionada e resignada que deixava Cecily irritadiça e ansiosa. Por mais chateada que estivesse com Will, não conseguia afastar a

sensação de que Tessa temia por ele, um pavor do qual não falava, e Cecily queria saber o que era. Como poderia proteger o irmão se não sabia contra o que deveria protegê-lo?

Após recuperar a faca, levantou-a à altura do ombro novamente e a arremessou. Desta vez, parou ainda mais longe do círculo, fazendo-a exalar furiosa.

— *Uffern nef*! — murmurou em galês. Sua mãe teria ficado horrorizada, mas ela não estava ali.

— Cinco — disse uma voz arrastada no corredor.

Cecily se assustou e virou. Havia uma sombra à entrada, que à medida que se aproximava, transformava-se em Gabriel Lightwood, cabelos castanhos desgrenhados e olhos verdes aguçados como vidro. Era tão alto quanto Will, talvez mais alto, e mais esguio também.

— Não entendi a observação, Sr. Lightwood.

— Seu arremesso — disse, com o braço elegantemente esticado. — Dou cinco pontos. Sua habilidade e técnica talvez precisem melhorar, mas o talento nato certamente existe. Você precisa é de *prática*.

— Will tem me treinado — declarou Cecily, enquanto Gabriel se aproximava.

O canto da boca do rapaz se curvou levemente para cima.

— Como eu disse.

— Suponho que você pudesse fazer melhor.

Ele parou e puxou a faca da parede. Ela brilhou enquanto ele a girou entre os dedos.

— Poderia — respondeu. — Recebi o melhor dos treinamentos, e ensinei a Srta. Collins e a Srta. Gray...

— Eu soube. Até se entediar. Não é o tipo de comprometimento que alguém procura em um tutor. — Cecily manteve a voz fria; lembrou-se do toque de Gabriel ao levantá-la do chão na Casa dos Lightwood, mas sabia que Will não gostava dele, e a distância petulante na voz do menino a irritava.

Gabriel tocou a extremidade da faca com a ponta do dedo. O sangue brotou como uma conta vermelha. Ele tinha dedos calejados e sardas nas costas das mãos.

— Você trocou de uniforme.

— Estava coberto de sangue e icor. — Ela olhou para ele, avaliando-o da cabeça aos pés. — Vejo que você não fez o mesmo.

Por um instante, um olhar estranho passou pelo rosto de Gabriel. Então

desapareceu, mas ela já tinha visto o irmão escondendo emoções o bastante para reconhecer os sinais.

— Minhas roupas não estão aqui — explicou ele —, e não sei onde vou morar. Poderia voltar para uma das casas da minha família, mas...

— Está cogitando ficar no Instituto? — perguntou Cecily, surpresa, lendo o rosto dele. — O que Charlotte diz sobre isso?

— Ela permitirá. — A expressão de Gabriel mudou, e uma vulnerabilidade súbita apareceu onde antes havia apenas rigidez. — Meu irmão está aqui.

— Sim — disse Cecily. — O meu também.

Gabriel fez uma pausa, quase como se não tivesse pensado no assunto.

— Will... — falou. — Você, de fato, se parece muito com ele. Até... dá nervoso. — Então balançou a cabeça, como se estivesse livrando-a de teias de aranha. — Acabei de vê-lo — comentou. — Descendo pelos degraus como se estivesse sendo perseguido pelos Quatro Cavaleiros. Não suponho que saiba do que se trata?

Propósito. O coração de Cecily saltou. Ela pegou a faca da mão de Gabriel, ignorando a expressão espantada dele.

— Nem imagino — respondeu —, mas pretendo descobrir.

Enquanto a cidade de Londres parecia se fechar à medida que acabava o horário comercial, o East End explodia em vida. Will percorreu ruas alinhadas com barracas que comercializavam roupas e sapatos de segunda mão. Coletores e amoladores de facas empurravam seus carrinhos pelos cantos, anunciando seus produtos com vozes roucas. Açougueiros se apoiavam nas entradas dos estabelecimentos, aventais sujos de sangue e carcaças nas janelas. Mulheres estendendo roupas lavadas gritavam umas com as outras com vozes tão marcadas por sotaques carregados que bem poderiam estar falando russo, até onde Will podia ver.

Uma leve garoa começara a cair, molhando o cabelo de Will enquanto ele atravessava em frente a uma loja de tabaco, agora fechada, e dobrava a esquina para uma rua mais estreita. Podia ver o pináculo da Igreja Whitechapel ao longe. À sua volta, as sombras se reuniam, com a névoa espessa e suave, e o cheiro de ferro e lixo. Uma calha estreita corria ao centro da rua, cheia de água fedida. À frente havia uma entrada, um poste de luz em cada lado. Enquanto Will passava, desviou até ela subitamente e esticou a mão.

Ouviu-se um grito, e, em seguida, ele estava puxando uma figura esguia e vestida de preto para perto de si — era Cecily, com uma capa de veludo jogada apressadamente sobre o uniforme de combate. Os cabelos escuros saíam das beiradas do capuz, e seus próprios olhos azuis o encararam de volta, enchendo-o de fúria.

— Solte-me!

— O que está fazendo me seguindo pelos becos de Londres, sua idiota? — Will sacudiu o braço dela.

Os olhos de Cecily se fecharam.

— Hoje de manhã era *cariad*, agora é *idiota*?

— Essas ruas são perigosas — disse Will. — E você não sabe nada sobre elas. Sequer está usando um símbolo de disfarce. Uma coisa é se autoproclamar destemida quando se mora no campo, mas isso aqui é Londres.

— Não tenho medo de Londres — declarou Cecily em tom desafiador.

Will se inclinou, quase sibilando ao ouvido da irmã.

— *Fyddai'n wneud unrhyw dda yn ddweud wrthych i fynd adref*?

Ela riu.

— Não, não adiantaria nada me mandar de volta para casa. *Rwyt ti fy mrawd ac rwy eisiau mynd efo chi*.

Will piscou ao escutar essas palavras. *Você é meu irmão, e quero ir com você*. Era o tipo de coisa que estava acostumado a ouvir Jem falando, e, apesar de Cecily ser totalmente diferente do amigo sob todos os outros aspectos concebíveis, compartilhava uma das qualidades dele: uma teimosia absoluta. Quando Cecily dizia que queria alguma coisa, não era uma expressão de desejo, mas uma determinação inabalável.

— Você nem mesmo se importa em saber para onde estou indo? — disse. — E se estivesse a caminho do inferno?

— Sempre quis conhecer o inferno — respondeu Cecily calmamente. — Quem não quer?

— A maioria das pessoas luta para evitá-lo — falou. — Estou indo a um covil de feiticeiros, se quer saber, comprar drogas de réprobos violentos e devassos. Eles podem bater os olhos em você e decidir vendê-la.

— E você não os impediria?

— Suponho que isso dependa de quanto me pagassem.

Ela balançou a cabeça.

— Jem é seu *parabatai* — disse. — Seu irmão dado pela Clave. Mas sou sua

irmã de sangue. Por que faria qualquer coisa por ele, mas em se tratando de mim, só quer que eu vá para casa?

— Como sabe que as drogas são para Jem?

— Não sou burra, Will.

— Não, o que é uma pena — murmurou ele. — Jem... Jem é a melhor parte de mim. Eu não esperaria que entendesse. Devo isso a ele.

— E então o que eu sou? — insistiu Cecily.

Will soltou o ar, exasperado demais para se conter.

— Você é minha fraqueza.

— E Tessa é seu coração — declarou ela, sem raiva, mas reflexiva. — Não sou burra, acabei de dizer — acrescentou ao notar a expressão de espanto do irmão. — Sei que a ama.

Will colocou a mão na cabeça, como se aquelas palavras tivessem provocado uma dor insuportável ali.

— Contou para alguém? Você não deve, Cecily. Ninguém sabe, e é assim que tem de continuar.

— Não contaria a ninguém.

— Não, suponho que não, certo? — A voz de Will havia endurecido. — Deve ter vergonha de seu irmão, que nutre sentimentos ilícitos pela noiva do próprio *parabatai*...

— Não tenho vergonha de você, Will. O que quer que sinta, não fez nada a respeito, e suponho que todo mundo queira algo que não pode ter.

— Ah, é? — retrucou. — E o que você quer que não pode ter?

— Quero que você volte para casa. — Uma mecha de cabelos negros estava presa ao seu rosto pela água da chuva, dando a impressão de que ela tinha chorado, apesar de Will saber que não era esse o caso.

— O Instituto é minha casa. — Will suspirou e apoiou a cabeça no arco de pedra. — Não posso ficar aqui discutindo com você a noite inteira, Cecy. Se está determinada a me acompanhar até o inferno, não posso impedi-la.

— Finalmente, você enxergou a razão. Sabia que conseguiria; é meu parente, afinal.

Will lutou contra o impulso de sacudi-la outra vez.

— Está pronta?

Cecily assentiu, e Will levantou a mão para bater na porta.

A porta se abriu, e Gideon estava na entrada do quarto, piscando como se estivesse em um lugar escuro e acabasse de entrar em outro, iluminado. A calça e a camisa estavam amarrotadas, e um dos suspensórios havia deslizado pelo braço.

— Sr. Lightwood? — disse Sophie, hesitando na entrada. Trazia uma bandeja, cheia de bolos e chá, pesada o suficiente para ser desconfortável. — Bridget me avisou que o senhor pediu uma bandeja...

— Sim. Claro, sim. Entre. — Como se tivesse sido despertado, Gideon se ajeitou e a chamou. Tinha tirado as botas, que chutou para um canto. O quarto não mostrava a arrumação habitual. O uniforme de luta estava jogado sobre uma cadeira de encosto alto (Sophie sentiu um aperto no estômago ao pensar no que aquilo faria com o estofamento), uma maçã comida pela metade se encontrava sobre a cabeceira, e, no meio da cama, ela viu Gabriel Lightwood, adormecido.

Não restava dúvida de que vestia as roupas do irmão, pois estavam muito curtas nos pulsos e calcanhares. Dormindo, ele parecia mais jovem, sem a tensão habitual no rosto. Uma das mãos agarrava um travesseiro, como se aquilo lhe trouxesse segurança.

— Não pude acordá-lo — disse Gideon, abraçando inconscientemente os próprios cotovelos. — Eu devia tê-lo levado de volta ao próprio quarto, mas... — suspirou. — Não consegui.

— Ele vai ficar? — perguntou Sophie, repousando a bandeja na mesa de cabeceira. — No Instituto, quero dizer.

— Eu... eu não sei. Acho que sim. Charlotte disse que seria bem-vindo. Acho que ela o apavorou. — A boca de Gideon se curvou um pouco.

— A Sra. Branwell? — Sophie se eriçou, como sempre acontecia quando pensava na patroa sendo criticada. — Mas ela é a mais gentil das criaturas!

— Sim... por *isso* acho que ela o apavorou. Ela o abraçou e disse que, se ficasse aqui, o incidente com meu pai ficaria no passado. Não sei de *qual* incidente ela estava falando — acrescentou Gideon secamente. — Provavelmente sua tentativa, apoiada por Gabriel, de assumir o Instituto.

— Não acha que ela estava se referindo ao mais recente? — Sophie ajeitou um cacho que havia soltado do chapéu. — Com...

— O verme enorme? Não, estranhamente, não acho. Não faz parte da natureza do meu irmão, no entanto, achar que vai ser perdoado. Por nada. Ele só compreende a mais severa das disciplinas. Pode achar que Charlotte está tentando aplicar algum golpe nele ou que enlouqueceu. Ela mostrou um quarto,

mas acho que a situação toda o apavorou. Ele veio aqui conversar comigo sobre o assunto e acabou dormindo. — Gideon suspirou, olhando para o irmão com uma tal mistura de carinho, exasperação e tristeza que fez o coração de Sophie bater solidário.

— Sua irmã... — começou ela.

— Ah, Tatiana não consideraria ficar aqui nem por um segundo — respondeu ele. — Ela fugiu para a casa dos Blackthorn, os sogros, e adeus. Não é uma menina burra, aliás, ela considera a própria inteligência algo bastante superior, mas é vaidosa e egocêntrica, e não há carinho entre ela e meu irmão. Ele estava acordado havia dias, saiba. Esperando naquela casa, trancado do lado de fora da biblioteca, batendo à porta enquanto meu pai não respondia...

— Você quer protegê-lo — observou Sophie.

— Claro que quero; é meu irmão mais novo. — Ele foi para perto da cama e passou a mão no cabelo emaranhado de Gabriel; o menino se mexeu e emitiu um som inquieto, mas não acordou.

— Pensei que ele não fosse perdoá-lo por ter se colocado contra seu pai — comentou Sophie. — Você havia dito... que tinha medo disso. Que ele fosse considerar sua atitude uma traição ao nome dos Lightwood.

— Acho que ele começou a questionar o nome Lightwood. Assim como eu, em Madri. — Gideon se afastou da cama.

Sophie desviou a cabeça.

— Sinto muito — falou. — Sinto muito por seu pai. O que quer que digam sobre ele, ou o que quer que tenha feito, era seu pai.

Gideon virou-se para ela.

— Mas Sophie...

Ela não o corrigiu por chamá-la pelo primeiro nome.

— Sei que ele fez coisas deploráveis — disse ela. — Mas mesmo assim você tem direito a um período de luto. Ninguém pode tirar sua dor; é sua e só sua.

Ele a tocou suavemente na bochecha, com as pontas dos dedos.

— Sabia que seu nome significa "sabedoria"? Foi muito bem escolhido.

Sophie engoliu em seco.

— Sr. Lightwood...

Mas os dedos de Gideon já tinham se espalhado para segurar o rosto dela, e ele estava se curvando para beijá-la.

— *Sophie*. — Ele suspirou, em seguida seus lábios se encontraram com um leve toque, abrindo caminho para a pressão mais intensa enquanto ele se

abaixava. Leve e delicadamente, ela curvou as mãos... *tão ásperas, desgastadas de tanto lavar e carregar coisas, esfregar lareiras, espanar e polir*, pensou, mas ele não pareceu notar nem se incomodar... e as pôs nos ombros de Gideon.

Em seguida, ela se aproximou dele, e o calcanhar do sapato prendeu no tapete; enquanto ela caía, Gideon a segurou. Caíram juntos, o rosto de Sophie ardendo de vergonha — santo Deus, ele acharia que ela o puxou de propósito, que era uma espécie de mulher atrevida e louca, cheia de paixão. Seu gorro havia caído, e os cachos escuros escorreram para o rosto. O tapete era macio embaixo dela, e Gideon, por cima, sussurrava seu nome, preocupado. Ela virou a cabeça para o lado, as bochechas ainda queimando, e se viu olhando para baixo da cama.

— Sr. Lightwood — falou, levantando-se, apoiada nos cotovelos. — São *bolinhos* embaixo da cama?

Gideon congelou, piscando feito um coelho cercado por cães de caça.

— Quê?

— Ali. — Ela apontou para as formas escuras empilhadas. — Tem uma *montanha* de bolinhos embaixo da sua cama. O que é isso?

Gideon se sentou, passando as mãos nos cabelos enquanto Sophie se afastava dele, as saias farfalhando ao redor.

— Eu...

— Você pediu esses bolinhos. Quase todos os dias. Você *pediu*, Sr. Lightwood. Por que faria isso, se não os queria?

As bochechas dele ficaram mais vermelhas.

— Foi a única forma que encontrei para conseguir vê-la. Você não queria falar comigo, não ouvia quando eu tentava conversar...

— Então mentiu? — Resgatando o chapéu caído, Sophie se levantou. — Tem alguma ideia do trabalho que me dá, Sr. Lightwood? Carregar carvão e água quente, limpar, polir, arrumar por *você* e pelos outros... Não me importo nem reclamo, mas como ousa me dar trabalho extra, me fazer arrastar bandejas pesadas pelas escadas só para trazer uma coisa que você nem *quer*?

Gideon se levantou aos tropeços, com as roupas ainda mais amarrotadas agora.

— Perdoe-me — falou. — Não pensei nisso.

— Não — disse Sophie, ajeitando o cabelo furiosamente. — Vocês nunca pensam, não é mesmo?

E com isso saiu do quarto, deixando Gideon fitando-a, inconsolável, enquanto ela se retirava.

— Muito bem, irmão — disse Gabriel, da cama, piscando com olhos verdes e sonolentos para Gideon.

Gideon jogou um bolinho nele.

— Henry. — Charlotte atravessou a cripta. As tochas de luz enfeitiçada ardiam tão brilhantes que quase parecia dia, apesar de ela saber que era perto da meia-noite. Henry estava curvado sobre a maior das mesas de madeira que se espalhavam pelo centro da sala. Alguma coisa abominável queimava em uma proveta em outra mesa, emitindo lufadas de fumaça lavanda. Um pedaço enorme de papel, do tipo que açougueiros utilizam para embrulhar carne, encontrava-se espalhado sobre a mesa de Henry, e ele os cobria com todo tipo de cifra misteriosa e cálculos, murmurando baixinho para si enquanto anotava. — Henry, querido, você não está exausto? Está aqui há horas.

O homem levou um susto e olhou para cima, empurrando os óculos de trabalho para o cabelo ruivo.

— Charlotte! — Ele pareceu espantado e até animado em vê-la; somente Henry, Charlotte pensou secamente, ficaria espantado em ver a esposa dentro da própria casa. — Meu anjo. O que está fazendo aqui? Está muito frio. Não pode fazer bem para o bebê.

Charlotte riu, mas não protestou quando Henry se aproximou e a abraçou. Desde que ele soube que teriam um filho, vinha tratando-a como porcelana. Deu um beijo na cabeça dela e recuou para examinar-lhe o rosto.

— Aliás, você está parecendo um pouco adoentada. Talvez, em vez de jantar, devesse pedir a Sophie que trouxesse um caldo de carne fortalecedor para o quarto? Eu vou e...

— Henry. Decidimos que não jantaríamos há horas... Todo mundo levou sanduíches para o próprio quarto. Jem ainda está doente demais para comer, e os Lightwood, muito abalados. E sabe como Will fica quando Jem não está bem. E Tessa também, é claro. Na verdade, a casa está em frangalhos.

— Sanduíches? — disse Henry, que pareceu ter registrado esta parte como a mais importante do discurso de Charlotte, e assumira um ar ansioso.

Charlotte sorriu.

— Tem alguns para você lá em cima, Henry, se conseguir se afastar disso. Suponho que eu não deva censurá-lo... Andei lendo os diários de Benedict, e são fascinantes... mas *o que* você está fazendo?

— Um portal — respondeu Henry prontamente. — Uma forma de transporte. Algo que possa levar um Caçador de Sombras de um ponto a outro do globo em uma questão de segundos. Foram os anéis de Mortmain que me deram a ideia.

Os olhos de Charlotte se arregalaram.

— Mas os anéis de Mortmain são, sem dúvida, objetos de magia negra...

— Mas isto não é. Ah, e tem mais uma coisa. Venha. É para Buford.

Charlotte permitiu que o marido a pegasse pelo pulso e a conduzisse pelo recinto.

— Já disse cem vezes, Henry, que nenhum filho meu se chamará Buford... Pelo Anjo, isto é um *berço*?

Henry sorriu.

— É melhor do que um berço! — anunciou, esticando o braço para indicar a cama de madeira do bebê, entre dois polos, para balançar de um lado para o outro. Charlotte precisou admitir que era uma peça muito bonita. — É um berço que balança sozinho!

— O quê? — perguntou Charlotte fracamente.

— Observe. — Henry avançou orgulhosamente e apertou um botão invisível. O berço começou a balançar devagar, de um lado para o outro.

Charlotte suspirou.

— É formidável, querido.

— Não é? — Henry se alegrou. — Veja, está balançando um pouco mais rápido agora. — E estava, com um movimento que deixou Charlotte com a sensação de ter sido deixada à deriva em um mar agitado.

— Hum — disse. — Henry, tenho um assunto que gostaria de tratar com você. É uma coisa importante.

— Mais importante que nosso filho sendo embalado todas as noites?

— A Clave decidiu soltar Jessamine — relatou. — Ela voltará ao Instituto. Daqui a dois dias.

Henry a fitou, incrédulo. Atrás dele, o berço balançava mais rápido ainda, como uma carruagem acelerada.

— Ela vai voltar para *cá*?

— Henry, ela não tem para onde ir.

Ele abriu a boca para responder, mas antes que alguma palavra pudesse ser proferida, ouviram um terrível som cortante, e o berço se soltou e voou, colidindo contra a parede oposta, onde explodiu em farpas.

Charlotte se engasgou, levantando a mão para cobrir a boca. O cenho de Henry franziu.

— Talvez com alguns ajustes ao projeto...

— Não, Henry — disse Charlotte, com voz firme.

— Mas...

— De jeito algum — declarou a esposa, com a voz afiada como uma adaga.

Henry suspirou.

— Muito bem, querida.

As Peças Infernais não têm pena. As Peças Infernais não têm arrependimento. As Peças Infernais não têm número. As Peças Infernais jamais deixarão de vir.

As palavras escritas na parede do estúdio de Benedict ecoavam na mente de Tessa quando ela se sentou ao lado da cama de Jem, observando-o dormir. Não sabia ao certo que horas eram; certamente seria cedíssimo, como diria Bridget, passando da meia-noite. Jem estava acordado quando entrou, logo depois que Will saiu, além de sentado e bem o suficiente para tomar chá com torrada, apesar de ofegar mais do que ela gostaria e de estar mais pálido.

Sophie apareceu mais tarde para levar os restos de comida e sorriu para Tessa.

— Afofe os travesseiros dele — sugeriu, com um sussurro, e Tessa o fez, apesar de Jem ter parecido se divertir com o gesto. Tessa nunca teve muita experiência com doentes. Tomar conta do irmão quando ele chegava bêbado fora o mais perto que já chegara de ter uma experiência como enfermeira. Não se importava agora que era Jem, não se importava em ficar sentada segurando sua mão enquanto ele respirava suavemente, com olhos semicerrados, os cílios batendo nas maçãs do rosto.

— Não foi muito heroico — falou ele subitamente, sem abrir os olhos, apesar de tê-lo feito com a voz firme.

Tessa se assustou e se inclinou para a frente. Tinha deslizado os dedos para os dele mais cedo, e as mãos entrelaçadas ficaram ao lado da cama. Os dedos de Jem eram frios nos dela, o pulso lento.

— O que quer dizer?

— Hoje — respondeu ele, com a voz baixa, e tossiu. — Sucumbir e tossir sangue por toda a Casa dos Lightwood...

— Só melhorou a aparência do local — argumentou Tessa.

— Está soando como Will. — Jem deu um sorriso sonolento. — E está mudando de assunto, exatamente como ele faria.

— Claro que estou. Como se eu fosse pensar menos de você por ter ficado doente; sabe que não. E você foi bem heroico hoje. Apesar de Will ter dito mais cedo — acrescentou — que heróis acabam mal, e que não conseguia imaginar por que alguém quereria ser um.

— Ah. — A mão de Jem apertou brevemente a dela e, em seguida, soltou-a. — Bem, Will está analisando pelo ponto de vista do herói, não é mesmo? Quanto ao resto de nós, a resposta é fácil.

— É?

— Claro. Heróis suportam porque precisamos deles. E não em benefício próprio.

— Fala deles como se não fosse um. — Ela esticou a mão para tirar os cabelos da testa do noivo. Ele se inclinou para receber o toque dela, fechando os olhos. — Jem... você já... — hesitou. — Já pensou em maneiras de prolongar sua vida que não sejam pela droga?

Com isso, ele abriu os olhos.

— Como assim?

Pensou em Will, no chão do sótão, engasgando com água benta.

— Transformar-se em um vampiro. Você viveria para sempre...

Ele tentou se erguer nos travesseiros.

— Tessa, *não*. Não... não pode pensar assim.

Tessa desviou o olhar do dele.

— A ideia de se tornar um integrante do Submundo é tão horrível assim para você?

— Tessa... — Ele exalou. — Sou um Caçador de Sombras. Nephilim. Como meus pais antes de mim. É minha herança, assim como a herança que recebi de minha mãe é parte de mim. Não significa que eu deteste meu pai. Mas honro o dom que me deram, o sangue do Anjo, a confiança que depositaram em mim, os votos que fiz. E não acho que eu seria um bom vampiro. Vampiros nos abominam. Às vezes, Transformam um Nephilim, de brincadeira, mas o responsável é desprezado pelos outros. Carregamos o dia e o fogo dos anjos nas veias, tudo que detestam. Eles me rejeitariam, e os Nephilim também. Eu não seria mais *parabatai* de Will, não seria mais bem-vindo no Instituto. Não, Tessa. Prefiro morrer e renascer e voltar a ver o sol do que viver até o fim do mundo sem a luz do dia.

— Um Irmão do Silêncio, então — sugeriu. — O *Códex* diz que os símbolos que colocam em si são poderosos o bastante para garantir a imortalidade.

— Irmãos do Silêncio não podem se casar, Tessa — falou Jem, que erguera o queixo. Tessa sabia que por baixo de sua gentileza havia uma teimosia tão forte quanto a de Will. Agora ela a via: era como o aço sob a seda.

— Prefiro que você viva e não se case comigo a... — A garganta dela se fechou só de pensar.

Os olhos dele suavizaram um pouco.

— O caminho para a Irmandade do Silêncio não está aberto para mim. Com o *yin fen* no meu sangue, contaminando-o, não consigo sobreviver aos símbolos necessários. Eu teria de parar com a droga até que meu organismo se limpasse, e isso provavelmente me mataria. — Jem deve ter visto algo na expressão de Tessa, pois abaixou a voz. — E eles não têm muita vida, os Irmãos do Silêncio, sombras e escuridão, silêncio e... nada de música. — Ele engoliu em seco. — Além disso, não quero viver para sempre.

— Eu posso viver para sempre — disse Tessa. A grandiosidade disso era uma coisa que ainda não conseguia compreender. Era tão difícil entender que sua vida não acabaria quanto assimilar que acabaria.

— Eu sei — disse Jem. — E sinto muito por isso, pois considero um fardo que ninguém deveria ter de suportar. Sabe, acredito que nascemos de novo, Tessa. Eu vou voltar, mesmo que não seja neste corpo. Almas que se amam se atraem em vidas futuras. Encontrarei Will, meus pais, meus tios, Charlotte e Henry...

— Mas não me encontrará. — Não era a primeira vez que pensava nisso, apesar de geralmente combater esses pensamentos quando surgiam. *Se sou imortal, então só tenho esta vida. Não vou me transformar nem mudar como você, James. Não vamos nos encontrar no Céu nem nas margens do rio nem em qualquer vida posterior a essa.*

— Estou com você agora. — Jem esticou o braço e pôs a mão na bochecha dela, os olhos cinza-claro examinando os dela.

— E eu, com você — sussurrou Tessa, e Jem sorriu, cansado, fechando os olhos. Ela pôs a mão sobre a dele, apoiando a bochecha no côncavo da palma do noivo. Ela se sentou, sem falar nada, com os dedos frios em sua pele, até a respiração desacelerar e os dedos amolecerem. Ele adormecera. Com um sorriso pesaroso, abaixou suavemente a mão dele, de modo que se apoiasse na coberta, ao lado do corpo.

A porta do quarto se abriu; Tessa virou-se na cadeira e viu Will na entrada, ainda de casaco e luvas. Uma olhada naquele rosto forte e perturbado a fez levantar e acompanhá-lo até o corredor.

Ele já estava atravessando com a pressa de um homem perseguido pelo demônio. Tessa fechou cuidadosamente a porta do quarto e correu atrás dele.

— O que foi, Will? O que aconteceu?

— Acabei de voltar do East End — falou. A voz estava carregada de dor, uma dor que não ouvia desde aquele dia na sala de estar quando revelou que estava noiva de Jem. — Tinha ido procurar mais *yin fen*. Mas não há mais.

Tessa quase tropeçou quando chegaram aos degraus.

— O que você quer dizer com isso? Jem tem um estoque, não tem?

Will virou-se para encará-la, descendo as escadas de costas.

— Acabou — respondeu, seco. — Ele não queria que você soubesse, mas não há como esconder. Acabou, e não consigo achar mais. Sempre fui o encarregado de comprar. Tinha fornecedores... mas eles sumiram ou não tinham mais. Primeiro, fui àquele lugar, o lugar onde vocês dois me encontraram. Não tinham *yin fen*.

— Outro lugar, então...

— Fui *a todos os lugares* — explicou ele, e girou. Chegaram ao corredor do segundo andar do Instituto; lá ficava a biblioteca e a sala de estar. As portas de ambas estavam abertas, derramando luz amarela no corredor. — Todos os lugares. No último, me contaram que todo o estoque foi deliberadamente comprado nas últimas semanas. Não tem mais nada.

— Mas Jem... — disse Tessa, e o choque crepitava como fogo dentro dela. — ...sem o *yin fen*...

— Ele vai morrer. — Will fez uma pausa na frente da porta da biblioteca, e seus olhos encontraram os dela. — Hoje mesmo ele me autorizou a procurar uma cura para ele. Pesquisar. E agora ele vai morrer porque não consigo mantê-lo vivo por tempo suficiente para isso.

— Não — disse Tessa. — Ele não vai morrer; não vamos permitir.

Will entrou na biblioteca, com Tessa ao lado dele, e passou os olhos por aquela sala tão familiar, com as mesas iluminadas por luminárias e as prateleiras cheias de livros antigos.

— Existiam livros — disse ele, como se ela não tivesse se pronunciado. — Livros que eu vinha consultando, que tratavam de venenos raros. — Ele se afastou dela, em direção a uma prateleira próxima. A mão enluvada passou

fervorosamente sobre os tomos arrumados ali. — Foi há alguns anos, antes de Jem me proibir de pesquisar. Já tinha me esquecido...

Tessa foi para perto dele, as saias farfalhando nos calcanhares.

— Will, pare.

— Mas eu preciso *me lembrar*. — Ele foi para outra prateleira, depois outra, o corpo longo e esguio projetando uma sombra angulosa no chão. — Tenho de encontrar...

— Will, não pode ler todos os livros da biblioteca a tempo. Pare! — Foi para trás dele, perto o bastante para enxergar onde o colarinho estava molhado de chuva. — Isto não vai ajudar Jem.

— O que vai, então? *O quê*? — Ele pegou outro livro, fitou-o e jogou-o no chão; Tessa deu um salto.

— Pare — repetiu, e o pegou pela manga, virando-o para encará-la. Ele estava ruborizado, arfando, com o braço duro como ferro de tanta tensão. — Quando procurou a cura antes não sabia o que sabe agora. Vamos procurar Magnus Bane e perguntar. Ele dispõe de olhos e ouvidos no Submundo e conhece todo tipo de mágica. Ele o ajudou com sua maldição; pode nos ajudar com isso também.

— Não havia maldição — argumentou Will, como se estivesse recitando as falas de uma peça; os olhos estavam vítreos.

— Will... ouça. Vamos procurar Magnus. Ele pode ajudar.

Will fechou os olhos e respirou fundo. Tessa o encarou. Não conseguia deixar de olhar quando sabia que ele não podia vê-la — os cílios finos contra as maçãs do rosto, o azul desbotado nas pálpebras.

— Sim — disse, afinal. — Sim. Claro. Tessa... obrigado. Não pensei.

— Você estava sofrendo — falou ela, subitamente consciente de que ainda o segurava pelo braço e de que estavam tão próximos que poderia tê-lo beijado ou o abraçado para confortá-lo. Tessa recuou e o soltou. Ele abriu os olhos. — E achou que ele sempre fosse proibi-lo de procurar uma cura. Sabe que nunca me conformei com isso. Já tinha pensado em Magnus antes.

Os olhos de Will examinaram o rosto da garota.

— Mas nunca perguntou?

Ela balançou a cabeça.

— Jem não queria que o fizesse. Mas agora... tudo mudou.

— Sim. — Will recuou, mantendo os olhos nela. — Vou descer e chamar Cyril para que ele prepare a carruagem. Encontre-me no pátio.

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Membros do Conselho

Prezado senhor,

Só podemos expressar nossa grande angústia ao receber sua carta. Tínhamos a impressão de que Charlotte Branwell era uma escolha plenamente apoiada pelo senhor, e que ela já havia se mostrado uma líder adequada do Instituto de Londres. Nosso próprio Inquisidor, Whitelaw, fala dela com grande estima, e na forma como superou o desafio de sua autoridade por parte de Benedict Lightwood.

Nossa opinião como organização é a de que George Penhallow não é um sucessor adequado para o lugar de Cônsul. Ao contrário da Sra. Branwell, ele não demonstrou ser um líder. É verdade que a Sra. Branwell é jovem e passional, mas o papel de Consulesa requer paixão. Insistimos para que deixe de lado suas considerações sobre o Sr. Penhallow, que é jovem e imaturo demais para o cargo, e pense novamente na possibilidade de ter a senhora Branwell.

Atenciosamente, em nome de Raziel,

Membros do Conselho.

5

Um Coração Dividido

Sim, apesar de Deus procurar com toda a cautela,
Não existe coisa sã em nada disso;
Apesar de vasculhar todas as minhas veias, examinando-as,
Nelas não encontrará nada inteiro, além de amor.
— Algernon Charles Swinburne, "Laus Veneris"

Para: Integrantes do Conselho
De: Josiah Wayland, Cônsul

É com o coração pesaroso que pego a caneta para escrever-lhes, cavalheiros. Muitos de vocês me conhecem há alguns anos, e, ao longo de vários deles, eu os liderei na posição de Cônsul. Creio que fui um bom líder e servi ao Anjo da melhor forma possível. Contudo, errar é humano, e acredito que errei ao indicar Charlotte Branwell como líder do Instituto de Londres.

Quando lhe ofereci o cargo, achei que fosse seguir os passos do pai e se mostrar uma líder fiel, obediente às regras da Clave. Também pensei que seu marido fosse controlar suas tendências femininas naturais à impulsividade e inconsequência. Infelizmente, não foi este o caso. Henry Branwell não tem firmeza de caráter para conter a mulher, e, liberta das obrigações femininas, ela deixou a virtude da obediência para trás. Somente outro dia descobri que Charlotte havia ordenado que a espiã Jessamine Lovelace retornasse ao Instituto ao ser solta da Cidade do Silêncio, apesar do meu expresso desejo de que fosse enviada a Idris. Também acredito que ela ouça àqueles que não são amigos da

causa dos Nephilim e que podem até estar associados a Mortmain, tais como o lobisomem Woolsey Scott.

O Conselho não serve ao Cônsul; sempre foi o contrário. Sou um símbolo do poder do Conselho e da Clave. Quando minha autoridade é enfraquecida por desobediência, isso enfraquece a autoridade de todos nós. Antes um menino responsável como meu sobrinho, cujo valor não foi testado, do que alguém que já passou por testes e deixou a desejar.

Em nome do Anjo,
Cônsul Josiah Wayland

Will se lembrou.

Outro dia, havia meses, no quarto de Jem. A chuva batendo nas janelas do Instituto, marcando o vidro com linhas claras.

— E isso é tudo? — perguntara Jem. — Tudo? A verdade? — Ele estava sentado à mesa, uma das pernas dobrada sob a cadeira; e parecia muito jovem. O violino estava apoiado na lateral da cadeira. Jem estava tocando antes de Will entrar e, sem preâmbulos, anunciar que chegava ao fim uma farsa e ele tinha de confessar uma coisa e pretendia fazê-lo naquela hora.

Aquilo encerrou Bach. Jem repousou o violino com os olhos fixos no rosto de Will e a ansiedade florescendo atrás dos olhos prateados enquanto o outro andava de um lado para o outro, falava, andava outra vez, falava, até se esgotarem as palavras.

— É tudo — anunciara Will, ao finalmente terminar. — E não o culpo se me odiar. Posso entender.

Fez-se uma longa pausa. O olhar de Jem estivera firme no rosto de Will, firme e prateado à luz tremeluzente do fogo.

— Jamais poderia odiá-lo, William.

Will sentiu um nó no estômago quando viu um par de olhos azul cinzentos olhando fixamente para os dele.

— Tentei odiá-lo, Will, mas não consegui — disse ela. Nesse instante, Will teve a dolorosa consciência de que o que havia contado a Jem não era "tudo". Havia outras verdades. Havia seu amor por Tessa. Mas este era seu fardo, e não de Jem. Algo que deveria permanecer oculto para que o outro pudesse ser feliz.

— Eu mereço seu ódio — dissera Will a Jem, com voz rouca. — Eu o coloquei em perigo. Achava que era amaldiçoado e que todos que me amassem

morreriam; eu me permiti gostar de você e deixei que fosse meu irmão, arriscando o perigo que isso podia trazer...

— Não havia perigo.

— Mas eu achava que sim. Se eu colocasse um revólver na sua cabeça, James, e puxasse o gatilho, faria alguma diferença eu não saber que não havia balas?

Os olhos de Jem se arregalaram, e ele riu baixinho.

— Acha que eu não sabia que você tinha um segredo? — perguntou ele. — Pensa que embarquei na nossa amizade de olhos fechados? Eu não conhecia a natureza do seu fardo. Mas sabia que havia um. — Jem levantou-se. — Sabia que você achava que envenenava todos ao seu redor — acrescentou ele. — Sabia que você achava que havia alguma força corruptora em você que me destruiria. Quis mostrar para você que eu não seria destruído, que o amor não era tão frágil. Fiz isso?

Will deu de ombros uma vez, desamparado. Quase desejava que Jem ficasse furioso com ele. Teria sido mais fácil. Jamais se sentira tão pequeno como quando se deparou com a bondade expansiva de Jem. Pensou no Satanás de Milton. *Confuso o Diabo ficou / E sentiu o quanto a bondade é terrível.*

— Você salvou minha vida — dissera Will.

Um sorriso se abriu no rosto de Jem, tão brilhante quanto o amanhecer sobre o Tâmisa.

— Isso é tudo que sempre quis.

— Will. — Uma voz suave interrompeu seu devaneio. Tessa, sentada em frente a ele na carruagem, os olhos cinzentos da cor da chuva à luz fraca. — No que está pensando?

Com esforço, ele se desvencilhou da lembrança, fixando os olhos no rosto dela. O rosto de Tessa. Ela estava sem chapéu, e o capuz da capa estava caído. O rosto — mais largo nas maçãs do rosto, ligeiramente anguloso no queixo — estava pálido. Achava que nunca tinha visto um rosto com uma expressão tão poderosa: cada sorriso de Tessa partia seu coração como um raio partiria uma árvore escurecida, assim como cada olhar de tristeza. No momento, ela olhava para ele com uma preocupação nostálgica que envolveu seu coração.

— Jem — disse ele, com sinceridade. — Estava pensando na reação dele quando contei sobre a maldição de Marbas.

— Ele só sentiu tristeza por você — respondeu ela de imediato. — Sei que sim; ele me contou.

— Tristeza, mas não pena — disse Will. — Jem sempre me deu exatamente o

que eu necessitava, da forma que eu precisava, até quando eu mesmo não sabia o que era. Todo *parabatai* é dedicado. Temos de ser, para doar tanto de nós mesmos um ao outro, ainda que isso nos dê força. Mas com Jem é diferente. Por tantos anos precisei que ele vivesse, e ele me manteve vivo. Pensei que ele não soubesse o que estava fazendo, mas talvez soubesse.

— Talvez — disse Tessa. — Ele jamais consideraria algum momento desse esforço como um desperdício.

— Ele nunca falou nada disso para você?

Ela balançou a cabeça. Suas mãos pequenas, com as luvas brancas, estavam cerradas em punhos no colo.

— Ele só fala de você com o maior dos orgulhos, Will — declarou. — Ele o admira mais do que você imagina. Quando soube da maldição, sofreu por você, mas também quase teve uma espécie de...

— Apologia?

Tessa assentiu.

— Ele sempre acreditou que você fosse bom — falou. — E isso foi demonstrado.

— Ah, não sei — disse Will amargamente. — Ser bom e ser amaldiçoado não são a mesma coisa.

Ela se inclinou para a frente e pegou a mão dele, pressionando-a com a própria. Seu toque era como fogo branco nas veias de Will. Ele não conseguia sentir a pele de Tessa, apenas o tecido das luvas, mas não tinha importância. *Você me acendeu, monte de cinzas que sou, e me transformou em fogo.* Certa vez, ele imaginou por que o amor era sempre fraseado com termos de chamas. A conflagração em suas próprias veias, neste instante, ofereceu a resposta.

— Você é bom, Will — afirmou ela. — Ninguém melhor do que eu para saber com certeza absoluta o quanto você é bom.

Ele respondeu lentamente, sem querer afastar as mãos dela:

— Sabe, quando tínhamos 15 anos, Yanluo, o demônio que matou os pais de Jem, foi finalmente derrotado. O tio dele resolveu sair da China, para Idris, e convidou Jem para morar com ele. Ele não aceitou o convite por minha causa. Falou que não se abandonava um *parabatai*. Que isso fazia parte do juramento. "Os teus serão os meus". Fico imaginando, se eu tivesse tido a chance de voltar para minha família, será que teria feito o mesmo por ele?

— Está fazendo — respondeu Tessa. — Não pense que não sei que Cecily quer que volte para casa com ela. E não pense que não sei que você fica por causa

de Jem.

— E por sua causa — falou, antes que pudesse se conter. Ela recolheu as mãos, e Will se repreendeu silenciosa e furiosamente: *como você pôde ser tão tolo? Como pôde, depois de dois meses? Foi tão cuidadoso. Seu amor por ela não passa de um fardo que ela tolera por educação. Lembre-se disso.*

Mas Tessa só estava abrindo a cortina enquanto a carruagem parava. Eles estavam entrando em uma estrebaria, na qual havia uma placa pendurada: TODOS OS CONDUTORES DE VEÍCULOS DEVEM CAMINHAR COM SEUS CAVALOS AO PASSAREM DEBAIXO DESTE ARCO.

— Chegamos — anunciou ela, como se ele não tivesse dito nada.

Talvez não tivesse, pensou Will. Talvez não tivesse falado em voz alta. Talvez só estivesse enlouquecendo. Certamente não era inimaginável, dadas as circunstâncias.

Quando a porta da carruagem se abriu, trouxe consigo uma lufada do ar frio de Chelsea. Ele viu Tessa levantar a cabeça enquanto Cyril a ajudava a descer, e juntou-se a ela no chão de pedras. O lugar cheirava ao Tâmisa. Antes de o Aterro ser construído, o rio se aproximava mais destas fileiras de casas, as margens suavizadas pelos postes na escuridão. Agora o rio era separado por uma distância maior, mas ainda era possível sentir o forte cheiro da água com sal, sujeira e ferro.

A fachada do número 16 era georgiana, feita de tijolo vermelho, com uma janela saliente acima da porta. Havia um pequeno pátio com lajotas e um jardim, atrás de uma cerca elegante com um trabalho delicado em ferro. O portão já estava aberto. Tessa entrou e foi até os degraus da frente para bater à porta, com Will logo atrás.

A porta foi aberta por Woolsey Scott, vestido em um roupão de seda amarelo-canário sobre a calça e a camisa. Tinha um monóculo de ouro em um dos olhos e fitou os dois, desgostoso.

— Céus — disse. — Teria mandado o lacaio atender e dispensá-los, mas pensei que fosse outra pessoa.

— Quem? — indagou Tessa, o que a Will não parecia nada importante para o caso, mas Tessa era assim: vivia fazendo perguntas e, se a deixassem sozinha em um quarto, ela começaria a questionar os móveis e as plantas.

— Alguém com absinto.

— Tome o bastante e pensará que *você* mesmo é outra pessoa — falou Will. — Procuramos Magnus Bane; se ele não estiver, diga-nos, e não tomaremos mais

seu tempo.

Woolsey suspirou como que vencido.

— Magnus — chamou. — É seu garoto de olho azul.

Ouviram passos no corredor atrás de Woolsey, e Magnus apareceu com traje de noite, como se tivesse acabado de chegar de um baile. Camisa e punho brancos engomados, fraque, e o cabelo semelhante a uma franja esfarrapada de seda escura. Desviou os olhos de Will para Tessa.

— A que devo a honra, tão tarde da noite?

— Um favor — respondeu Will, e se corrigiu quando Magnus ergueu as sobrancelhas. — Uma pergunta.

Woolsey suspirou e recuou.

— Muito bem. Venham para a sala.

Ninguém se ofereceu para pegar os chapéus ou os casacos, e, uma vez na sala, Tessa tirou as luvas e ficou com as mãos perto do fogo, estremecendo ligeiramente. Seu cabelo era uma massa úmida de cachos na nuca, e Will desviou o olhar antes que pudesse se lembrar da sensação de passar as mãos por aquele cabelo e sentir os fios entre os dedos. No Instituto era mais fácil, com Jem e os outros para distraí-lo, recordar-se de que não podia pensar em Tessa desta forma. Aqui, sentindo como se estivesse enfrentando o mundo com ela ao seu lado — sentindo que ela estava aqui por ele, em vez de logicamente pela saúde do noivo —, era praticamente impossível.

Woolsey se jogou em uma poltrona com estampa de flores. Ele havia tirado o monóculo e o balançava entre os dedos pela longa corrente de ouro.

— Mal posso esperar para ouvir do que se trata.

Magnus se aproximou da lareira apoiando-se na cornija, o retrato de um jovem cavalheiro entretido. A sala era pintada de azul-claro e decorada por quadros com paisagens de campos de granito, mares azuis reluzentes, homens e mulheres com roupas clássicas. Will teve a impressão de ter reconhecido a reprodução de um Alma-Tadema — ou, pelo menos, *devia* ser uma reprodução, certo?

— Não olhe as paredes boquiaberto, Will — disse Magnus. — Você passou meses ausente. O que o traz aqui agora?

— Não queria incomodá-lo — murmurou Will. Apenas em parte era verdade. Uma vez que Magnus havia demonstrado que a maldição que ele acreditava sofrer era falsa, passou a evitá-lo; não por estar bravo com o feiticeiro, ou por não precisar mais dele, mas porque era doloroso vê-lo. Escrevera-lhe uma

carta curta, contando o ocorrido e revelando que seu segredo não era mais secreto. Revelou o noivado de Jem e Tessa. Pediu que Magnus não respondesse. — Mas esta... esta é uma crise.

Os olhos felinos de Magnus se arregalaram.

— Que tipo de crise?

— É sobre *yin fen* — explicou Will.

— Céus — comentou Woolsey. — Não me diga que meu bando voltou a tomar isso?

— Não — disse Will. — Não restou nada para tomarem. — Viu a compreensão no rosto de Magnus e começou a explicar a situação da melhor forma possível. Magnus, não alterou a expressão enquanto Will falava, não mais do que Church quando alguém falava com ele. Simplesmente observou com seus olhos verde-dourados até Will terminar.

— E sem o *yin fen*? — perguntou Magnus, afinal.

— Ele vai morrer — respondeu Tessa, virando-se da lareira. Suas bochechas estavam rubras, mas Will não sabia dizer se era por causa do calor ou do estresse da situação. — Não imediatamente, mas até o fim da semana. O corpo dele não se sustenta sem o pó.

— Como ele toma? — perguntou Woolsey.

— Dissolvido em água ou inalando... O que isso tem a ver? — perguntou Will.

— Nada — respondeu Woosley. — Só para saber. Drogas demoníacas são bastante curiosas.

— Para nós, que o amamos, é uma visão mais do que curiosa — comentou Tessa. Ela empinara o queixo, e Will se lembrou do que tinha dito uma vez sobre sua semelhança com Boadiceia. *Era* corajosa, e ele a adorava por isso, ainda que essa coragem fosse empregada na defesa de seu amor por outra pessoa.

— Por que me procuraram com isso? — A voz de Magnus soou baixa.

— Você já nos ajudou antes — disse Tessa. — Achamos que talvez pudesse fazer isso de novo. Ajudou com De Quincey... e com a maldição de Will...

— Não vivo à disposição de vocês — disse Magnus. — Ajudei com De Quincey porque Camille me pediu, e Will, uma vez, porque me ofereceu um favor em troca. Sou um feiticeiro. E não sirvo a Caçadores de Sombras de graça.

— E eu não sou Caçadora de Sombras — argumentou Tessa.

Fez-se silêncio. Em seguida:

— Humm — disse Magnus, e virou as costas para o fogo. — Entendo, Tessa,

que mereça os parabéns?

— Eu...

— Pelo noivado com James Carstairs.

— Ah. — Tessa ficou ruborizada e pôs a mão no pescoço, onde usava o colar da mãe de Jem, que recebera de presente do rapaz. — Sim. Obrigada.

Will *sentiu*, mais do que viu, os olhos de Woolsey nos três — Magnus, Tessa e nele —, desviando de um para o outro, a mente por trás do olhar examinando, deduzindo, *se divertindo*.

Os ombros de Will enrijeceram.

— Ficaria feliz em oferecer qualquer coisa — declarou. — Desta vez. Outro favor, ou o que quer que queira, em troca de *yin fen*. Se for um pagamento, posso arrumar... digo, posso tentar...

— Posso tê-lo ajudado antes — respondeu Magnus. — Mas isso... — Ele suspirou. — *Pensem*, vocês dois. Se alguém está comprando todo o *yin fen* do país, é alguém com um motivo. E quem tem motivo para isso?

— Mortmain — sussurrou Tessa, antes que Will pudesse responder. Ainda conseguia se lembrar da própria voz:

"*Os capangas de Mortmain têm comprado o* yin fen *do East End. Confirmei a informação. Se você ficar sem, e ele for o único com estoque...*"

"*Ficaríamos à mercê dele — completou Jem. — A não ser que você se dispusesse a me deixar morrer, é claro, o que seria a atitude mais sensata*".

Mas com *yin fen* suficiente para durar 12 meses, Will achou que não houvesse perigo. Pensou que Mortmain fosse encontrar outra maneira de perseguir e atormentá-los, pois certamente veria que este plano poderia não funcionar. Will não esperava que um suprimento para um ano fosse se esgotar em oito semanas.

— Você não quer nos ajudar — disse Will. — Não quer se colocar como inimigo de Mortmain.

— Bem, e você pode culpá-lo? — Woolsey se levantou em um redemoinho de seda amarela. — O que *você* poderia oferecer que fizesse valer o risco?

— Darei qualquer coisa — disse Tessa, com uma voz baixa que Will sentiu nos ossos. — Qualquer coisa mesmo, se puder nos ajudar com Jem.

Magnus agarrou um punhado de cabelos pretos da própria cabeça.

— Meu Deus, vocês dois. Posso investigar. Rastrear algumas das rotas de navegação mais incomuns. A velha Molly...

— Já fui até ela — comentou Will. — Algo a assustou tanto que ela sequer

está saindo do túmulo.

Woolsey riu.

— E isso não lhe diz nada, Caçadorzinho de Sombras? Vale mesmo a pena prolongar a vida de seu amigo só por mais alguns meses, por mais um ano? Ele vai morrer de qualquer jeito. E quanto mais rápido isso acontecer, mais depressa poderá ter a noiva dele, por quem está apaixonado. — Ele desviou o olhar divertido para Tessa. — Na verdade, você deveria contar os dias para que o prazo dele se expire.

Will não sabia dizer o que aconteceu depois disso; de repente, tudo ficou branco, e o monóculo de Woolsey voou pela sala. A cabeça de Will bateu dolorosamente em algo, e o lobisomem já estava embaixo dele, chutando e xingando. Ambos rolaram sobre o tapete, e ele sentiu uma dor aguda no pulso, onde Woolsey o arranhou. A dor esvaziou sua mente, e ele teve a consciência de que Woolsey estava prendendo-o ao chão, com os olhos amarelos e os dentes expostos, afiados como adagas, prontos para morder.

— Parem! Parem! — gritou Tessa, perto da lareira, pegando um atiçador; Will engasgou e colocou a mão contra o rosto de Woolsey, empurrando-o. Woolsey gritou, e, de repente, o peso saiu do peito de Will; Magnus tinha levantado o lobisomem e o afastara. Em seguida, as mãos do feiticeiro se fecharam na parte de trás do casaco de Will, e o Caçador de Sombras se viu sendo arrastado para fora da sala enquanto Woolsey o observava com uma das mãos na maçã do rosto, no local em que o anel de Will o havia queimado.

— Solte-me. Solte-me! — Will se debateu, mas o aperto de Magnus parecia ser de ferro. Ele empurrou Will pelo corredor e o conduziu a uma biblioteca mal-iluminada. Will se libertou ao mesmo tempo que Magnus o soltou, o que resultou em um tropeço deselegante contra as costas de um sofá de veludo vermelho. — Não posso deixar Tessa sozinha com Woolsey...

— A virtude dela não corre nenhum perigo com ele — afirmou Magnus secamente. — Woolsey vai se comportar, e isso é mais do que posso dizer sobre você.

Will virou-se lentamente, limpando sangue do rosto.

— Você está me olhando de cara feia — disse Will a Magnus. — Está parecendo Church antes de morder alguém.

— Provocar briga com o líder da Praetor Lupus — falou Magnus rispidamente. — Sabe o que o bando dele faria com você, se tivessem uma desculpa. Você *quer* morrer, não quer?

— Não — respondeu Will, surpreendendo um pouco a si mesmo.

— Não sei por que um dia eu o ajudei.

— Você gosta de coisas quebradas.

Magnus deu dois passos e segurou o rosto de Will com seus longos dedos, forçando o queixo do jovem para cima.

— Você *não* é Sydney Carton — falou. — Que bem fará você morrer por James Carstairs quando ele está morrendo de qualquer jeito?

— Se eu salvá-lo, valerá a pena...

— Meu Deus! — Os olhos de Magnus se estreitaram. — *O que* vale a pena? O que poderia valer a pena?

— Tudo que perdi! — gritou Will. — *Tessa*!

Magnus afastou a mão do rosto de Will. Deu diversos passos para trás e respirou lentamente, como se contasse mentalmente até dez.

— Sinto muito — disse, afinal. — Pelo que Woolsey falou.

— Se Jem morrer, não posso ficar com Tessa — disse Will. — Porque será como se eu estivesse esperando a morte dele, ou me alegrasse de alguma forma com a perda, se isso me permitisse tê-la. E eu não serei essa pessoa. Não vou me beneficiar com a morte dele. Então, ele precisa viver. — Abaixou o braço com a manga ensanguentada. — É a única maneira de isso tudo significar alguma coisa. Do contrário, não passará de...

— Dor e sofrimento desnecessários e sem propósito? Não suponho que dizer que a vida é isso vá ajudar de alguma forma. O bom sofrimento, o floreio maldoso e tudo o que é mortal passa.

— Quero mais do que isso — disse Will. — *Você* me fez querer mais. Mostrou que só fui amaldiçoado por me permitir acreditar nisso. Disse que havia possibilidade, sentido. E agora dá as costas para o que criou.

Magnus riu brevemente.

— Você é incorrigível.

— Já ouvi isso antes. — Will se afastou do sofá, franzindo o rosto. — Vai me ajudar, então?

— Vou. — Magnus alcançou a frente da camisa e puxou algo pendurado em uma corrente, algo que brilhava com uma luz vermelha suave. — Pegue isto.

Colocou na mão de Will.

Will o olhou confuso.

— Era de Camille.

— Eu dei de presente a ela — disse Magnus, com um sorriso amargo no

canto da boca. — Mês passado ela devolveu todos os presentes que dei. Pode ficar. Avisa quando demônios estão próximos. Pode ser que funcione com aquelas criações mecânicas de Mortmain.

— "O verdadeiro amor não morre" — disse Will, traduzindo a inscrição atrás, sob a luz do corredor. — Não posso usar isso, Magnus. É bonito demais para um homem.

— Você também é. Vá para casa se recompor. Aviso assim que tiver informações. — Lançou um olhar sutil para o garoto. — Enquanto isso, dê tudo de si para ser digno da minha ajuda.

— Se chegar perto de mim, vou atacá-lo na cabeça com este atiçador — ameaçou Tessa, empunhando a ferramenta de lareira entre ela e Woolsey Scott como se fosse uma espada.

— Não tenho dúvidas de que o faria — respondeu ele, olhando para Tessa com uma espécie de respeito rancoroso enquanto limpava o sangue do queixo com um lenço bordado. Will também saiu ensanguentado, sujo com o próprio sangue e com o de Woolsey; sem dúvida, agora estava em outro cômodo com Magnus, espalhando mais sangue por aí. Ele jamais se preocupava muito com o asseio, muito menos quando estava exaltado. — Vejo que começou a ser como os Caçadores de Sombras que parece adorar tanto. O que deu em você para ficar noiva de um deles? E daquele que está morrendo, ainda por cima.

A raiva ardeu em Tessa, e ela cogitou atacar Woolsey com o atiçador, quer ele se aproximasse ou não. Mas ele foi incrivelmente veloz enquanto lutava com Will, por isso, ela não acreditava muito nas próprias chances.

— Você não conhece James Carstairs. Não fale dele.

— Então você o ama, certo? — Woolsey conseguiu fazer com que aquilo soasse desagradável. — Mas também ama Will.

Tessa congelou por dentro. Sabia que Magnus conhecia o afeto de Will por ela, mas a ideia de que o que ela própria sentia estivesse exposto em seu rosto era assustadora demais para ser contemplada.

— Não é verdade.

— Mentirosa — disse Woolsey. — Sério, que diferença faz um deles morrer? Você sempre tem uma boa segunda opção.

Tessa pensou em Jem, no formato de seu rosto, nos olhos fechados e concentrados enquanto tocava violino, na curva da boca ao sorrir, nos dedos

cuidadosos nos dela; cada linha do rapaz era inexplicavelmente cara a ela.

— Se você tivesse dois filhos — disse ela —, diria que não tinha problema um deles morrer, pois continuará tendo o outro?

— É possível amar duas crianças. Mas seu coração só pode ser dado em amor a um deles — observou Woolsey. — É a natureza de Eros, não? Pelo menos, é o que nos ensinam os livros, apesar de eu não ter experiência pessoal.

— Passei a entender algumas coisas sobre livros — revelou Tessa.

— E o que foi?

— Não são verdadeiros.

Woolsey ergueu uma sobrancelha.

— Você é engraçada — disse. — Eu diria que entendo o que os meninos veem em você, mas... — Ele deu de ombros. O roupão amarelo estava com um rasgo enorme agora. — Nunca entendi as mulheres.

— E o que há de tão misterioso nelas?

— A finalidade delas, basicamente.

— Bem, você deve ter uma mãe — observou Tessa.

— Alguém me pariu, sim — respondeu, sem muito entusiasmo. — Lembro-me pouco dela.

— Talvez, mas não existiria sem uma mulher, existiria? Por menos utilidade que enxergue em nós, somos mais inteligentes, determinadas e pacientes do que os homens. Homens podem ser mais fortes, mas são as mulheres que sobrevivem.

— É isso que está fazendo? Sobrevivendo? Certamente uma moça que está noiva deveria se sentir mais feliz. — Os olhos claros a analisaram. — Um coração dividido não se sustenta, como dizem. Você ama os dois, e isso a destrói.

— Casa — disse Tessa.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Como?

— Uma casa dividida não se sustenta. Não um coração. Talvez não devesse arriscar citações que não consiga acertar.

— E talvez você devesse parar de sentir pena de si mesma — disse ele. — A maioria das pessoas tem sorte se encontra um grande amor na vida. Você encontrou dois.

— Diz o homem que não tem nenhum.

— Ah! — Woolsey cambaleou para trás com a mão no coração, fingindo estar ferido. — A pombinha tem dentes. Muito bem, se não quer discutir

questões pessoais, então que tal algo mais geral? Sua própria natureza? Magnus parece convicto de que você é feiticeira, mas não tenho tanta certeza. Acho que talvez tenha sangue de fadas, afinal, o que é a magia da mudança de forma senão magia de ilusão? E quem domina a magia e o ilusionismo além do Povo das Fadas?

Tessa pensou na fada de cabelos azuis da festa de Benedict, a que afirmou conhecer sua mãe, e perdeu o fôlego. Antes que pudesse falar mais alguma coisa para Woolsey, no entanto, Magnus e Will voltaram pela porta — Will, como previsto, tão ensanguentado quanto antes e franzindo o rosto. Olhou de Tessa para Woolsey e deu uma risada breve.

— Suponho que tenha razão, Magnus — disse. — Tessa não corre nenhum perigo com ele. Mas não se pode dizer o contrário.

— Tessa, querida, guarde o atiçador — pediu Magnus, estendendo a mão. — Woolsey sabe ser desagradável, mas existem maneiras melhores de lidar com suas oscilações de humor.

Com uma última olhada para Woolsey, Tessa entregou o atiçador a Magnus. Foi buscar as luvas enquanto Will pegava o casaco. Houve um borrão de movimentos e vozes, e ela ouviu Woolsey rir. Mal estava prestando atenção; estava concentrada demais em Will. Já podia afirmar pela expressão do rapaz que o que quer que ele e Magnus tenham conversado em particular, não resolvera a questão das drogas de Jem. Ele parecia atormentado, e um pouco fatal, com o sangue marcando as maçãs do rosto apenas para deixar o azul dos olhos ainda mais marcante.

Magnus os conduziu da sala de estar para a porta da frente, onde o ar frio atingiu Tessa como uma onda. Ela calçou as luvas e acenou uma despedida com a cabeça para Magnus, que fechou a porta, deixando os dois no meio da noite.

O Tâmisa brilhava além das árvores, e a estrada, o aterro e os postes de luz na Battersea Bridge reluziam na água, uma visão noturna em azul e dourado. A sombra da carruagem era visível sob as árvores perto do portão. Acima deles, a lua aparecia e desaparecia entre ribanceiras de nuvens cinzentas.

Will estava completamente imóvel.

— Tessa — disse ele.

A voz soou estranha, esquisita e sufocada. Tessa apressou-se em se colocar ao lado dele, olhando para seu rosto. O rosto de Will era tão mutável quanto a luz da lua; Tessa jamais vira a expressão dele tão rígida.

— Ele disse que ajudaria? — sussurrou Tessa. — Magnus?

— Vai tentar, mas... o jeito como me olhou... ele pareceu ter *pena* de mim, Tess. Isso quer dizer que não há esperança, não é? Se até Magnus acha que a investida é perda de tempo, não há nada que eu possa fazer, há?

Ela pôs a mão no braço dele, que não se moveu. Era tão estranho estar assim tão perto dele, a sensação familiar e sua presença, quando havia meses vinham se evitando e mal se falavam. Ele sequer conseguia olhar nos olhos dela. E agora cá estava, cheirando a sabonete, chuva, sangue e Will...

— Você fez muita coisa — sussurrou ela. — Magnus vai tentar ajudar, e vamos continuar procurando. Alguma coisa pode surgir. Você não pode perder as esperanças.

— Eu sei. Eu sei. E, no entanto, sinto tanto medo no coração, como se fosse a última hora da minha vida. Já me senti desesperado antes, Tess, mas nunca tive tanto medo. E eu sabia... sempre *soube*...

Que Jem ia morrer. Ela não disse nada. Ficou entre eles, impronunciado.

— Quem sou eu? — sussurrou. — Há anos finjo ser outra pessoa e, depois, descobri que podia voltar ao meu verdadeiro eu, apenas para descobrir que não existe verdade para a qual retornar. Fui uma criança comum, depois me tornei um homem não tão bom e, agora, não sei mais ser nenhuma das duas coisas. Não sei o que sou, e quando Jem se for, não terei ninguém para me guiar.

— Sei exatamente quem você é. É Will Herondale. — Isso foi tudo que Tessa disse, e, de repente, os braços dele a envolveram, e ele estava com a cabeça no ombro dela. No início, ela ficou paralisada, por puro espanto, em seguida, retribuiu o abraço, segurando-o enquanto tremia. Ele não estava chorando; era algo diferente, uma espécie de ataque, como se estivesse engasgando. Sabia que não deveria tocá-lo, no entanto, não conseguia imaginar Jem querendo que ela afastasse Will em um momento como este. Ela não podia ser Jem para ele, pensou, não tinha como ser a bússola que sempre apontava o norte, mas podia, no mínimo, ajudar a tornar o fardo mais leve.

— Quer esta caixa de rapé horrível que me deram? É de prata, então não posso tocar — disse Woolsey.

Magnus, de pé próximo à janela da sala de estar, com a cortina aberta apenas o suficiente para conseguir ver Will e Tessa nos degraus da frente, abraçando-se como se suas vidas dependessem disso, murmurou uma resposta, indiferente.

Woolsey revirou os olhos.

— Continuam aí?

— Perfeitamente.

— Confusa, toda essa história de amor romântico — disse Woolsey. — Melhor viver como a gente. Apenas as questões físicas.

— De fato. — Will e Tessa finalmente se desvencilharam, apesar de ainda estarem de mãos dadas. Tessa aparentava tentar persuadir Will a descer os degraus. — Acha que você teria se casado se não tivesse sobrinhos para carregar o nome da família?

— Suponho que teria precisado casar. Deus abençoe a Inglaterra, Harry, São Jorge e a Praetor Lupus! — Woolsey riu; servira uma taça de vinho tinto para si e estava girando agora, olhando para o fundo que se modificava. — Você deu o colar de Camille a Will — observou.

— Como você sabia? — A atenção de Magnus não estava totalmente voltada para a conversa; metade dela se dedicava a observar Will e Tessa caminhando para a carruagem. De algum jeito, apesar da diferença de altura e porte, ela é quem parecia atuar como suporte dele.

— Você estava usando quando saiu daqui com ele, mas voltou sem. Não imagino que tenha dito a ele o quanto é caro? Que ele está com um rubi mais valioso que o Instituto?

— Eu não queria — disse Magnus.

— Lembrete trágico de um amor perdido?

— Não combina bem com meu tom de pele. — Will e Tessa já estavam na carruagem, e o cocheiro estalava as rédeas. — Acha que ele tem alguma chance?

— Quem?

— Will Herondale. Chance de ser feliz.

Woolsey suspirou e repousou a taça.

— Existe alguma chance de você ser feliz mesmo que ele *não seja*?

Magnus não disse nada.

— Está apaixonado por ele? — perguntou Woolsey: era curiosidade e não ciúme. Magnus ficou imaginando como seria ter um coração assim ou não ter coração algum.

— Não — respondeu. — Já pensei sobre isso, mas não. É outra coisa. Sinto como se devesse a ele. Já ouvi dizer que quando você salva uma vida, se torna responsável por ela. Eu me sinto responsável por esse garoto. Se ele nunca for feliz, vou achar que falhei com ele. Se não puder ter a garota que ama, vou achar

que falhei com ele. Se eu não conseguir manter seu *parabatai* por perto, vou achar que falhei com ele.

— Então, falhará — afirmou Woolsey. — Por isso, enquanto está sofrendo e procurando *yin fen*, acho que vou viajar. Ver o campo. A cidade me deprime no inverno.

— Como quiser. — Magnus soltou a cortina, bloqueando a visão da carruagem de Will e Tessa.

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Inquisidor Victor Whitelaw

Josiah,

Fiquei profundamente preocupado quando soube de sua carta para o Conselho, tratando do assunto Charlotte Branwell. Como somos velhos conhecidos, torci para que você talvez pudesse falar com mais liberdade comigo do que com eles. Há algum problema com ela que o preocupe? O pai de Charlotte foi um amigo estimado de nós dois, e desconheço qualquer atitude desonrada dela.

Saudações preocupadas,
Victor Whitelaw

6

Permita que a Escuridão

Permita que o amor encerre o Pesar para que ambos se afoguem,
Permita que a escuridão conserve seu lustro negro:
Ah, é mais doce se embriagar com a perda,
Do que dançar com a morte e sucumbir ao chão.
— Alfred, Lord Tennyson, "In Memoriam A.H.H"

~~*Para: Inquisidor Victor Whitelaw*~~
~~*De: Cônsul Josiah Wayland*~~

~~*É com uma dose de receio que escrevo esta carta para você, Victor, por nos conhecermos há tantos anos. Sinto-me um pouco como a profetisa Cassandra, fadado a conhecer a verdade, sem que ninguém mais acredite. Talvez seja meu pecado da arrogância que colocou Charlotte Branwell na posição que agora ocupa e na qual me atormenta.*~~

~~*Os desafios dela à minha autoridade são constantes, a instabilidade que temo que vá afligir a Clave. O que deveria ser um desastre para ela — a revelação de que abriga espiões sob seu teto, a cumplicidade da garota Lovelace com os planos do Magistrado — acabou sendo deturpado como um triunfo. O Enclave saúda os habitantes do Instituto como aqueles que descobriram o Magistrado e o espantaram de Londres. O fato de que ele não é visto há meses foi descartado por Charlotte e não foi encarado como o que eu suspeito que seja: um recuo tático para que ele se reorganize. Apesar de eu ser o*~~

~~Cônsul e liderar a Clave, me parece que este ficará marcado como o tempo de Charlotte Branwell, e meu legado será perdido~~

Para: Inquisidor Victor Whitelaw
De: Cônsul Josiah Wayland

Victor,

Aprecio sua preocupação, mas não tenho qualquer ânsia em relação a Charlotte Branwell que não tenha endereçado em minha carta ao Conselho.

Que você encontre conforto na força do Anjo nesta época conturbada,

Josiah Wayland

Inicialmente, o café da manhã foi silencioso. Gideon e Gabriel desceram juntos, ambos entristecidos, e Gabriel praticamente não falou, apenas pediu que Henry passasse a manteiga. Cecily sentara-se à extremidade da mesa e lia enquanto comia; Tessa queria ver o título, mas Cecily havia colocado o livro em um ângulo que tornava isso impossível. Will, em frente à Tessa, tinha sombras escuras sob os olhos, como se não tivesse dormido, um lembrete da movimentada noite anterior; Tessa cutucava o prato, sem entusiasmo, e ficou em silêncio até a porta se abrir e Jem entrar.

Ela ergueu os olhos com surpresa e um gesto de felicidade. Ele não parecia mais doente que o normal, apenas cansado e pálido. Sentou-se graciosamente no assento ao lado dela.

— Bom dia.

— Você parece bem melhor, Jemmy — observou Charlotte, com alegria.

Jemmy? Tessa olhou para Jem, divertida; ele deu de ombros e esboçou um sorriso irônico.

Ela olhou para o outro lado da mesa e viu que Will os observava. Encontrou o olhar dele por apenas um instante, com uma pergunta nos olhos. Será que existia alguma chance de que Will tivesse encontrado um substituto para o *yin*

fen no intervalo entre a volta para casa e a manhã? Mas não, ele pareceu tão surpreso quanto ela.

— Estou, muito — respondeu Jem. — Os Irmãos do Silêncio ajudaram bastante. — Ele esticou o braço para se servir de chá, e Tessa observou os ossos e tendões se mexerem naquele pulso fino, perturbadoramente visíveis. Quando repousou o bule, ela alcançou a mão dele embaixo da mesa e ele a pegou. Seus dedos finos envolveram os dela, transmitindo segurança.

A voz de Bridget vinha da cozinha:

"Frio é o vento noturno, querido,
Frias as gotas da chuva;
Meu primeiro amor
Foi aniquilado na floresta.
Farei por meu amor
O que qualquer moça faria;
Sentarei de luto ao pé do túmulo
Por doze meses e um dia."

— Pelo Anjo, como ela é deprimente — comentou Henry, pousando o jornal diretamente sobre o prato e fazendo com que a ponta da publicação se encharcasse de gema de ovo. Charlotte abriu a boca como se quisesse fazer alguma oposição, mas se conteve. — Só fala de corações partidos, morte e amor não correspondido.

— Bem, a maioria das canções trata desses temas — comentou Will. — O amor recíproco é o ideal, mas não inspira músicas.

Jem levantou os olhos, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, um som reverberou muito alto pelo Instituto. Tessa já conhecia o bastante sua morada de Londres para reconhecer que aquilo era a campainha. Todos à mesa olharam simultaneamente para Charlotte, como se suas cabeças estivessem sobre molas.

Charlotte, aparentando espanto, repousou o garfo.

— Oh, céus — disse. — Tinha um assunto para discutir com vocês, mas...

— Senhora? — Foi Sophie que falou, entrando na sala com uma bandeja na mão. Tessa não pôde deixar de observar que, apesar de Gideon encará-la, a criada parecia evitar propositalmente o olhar, e as bochechas ruborizaram

levemente. — O Cônsul Wayland está lá embaixo, e solicita uma audiência com a senhora.

Charlotte pegou o papel dobrado na bandeja, olhou, suspirou e disse:

— Muito bem. Mande-o subir.

Sophie desapareceu com um giro das saias.

— Charlotte? — Henry soou confuso. — O que está havendo?

— De fato. — Will deixou os talheres caírem sobre o prato. — O Cônsul? Interrompendo nosso café da manhã? Qual será a próxima surpresa? O Inquisidor vem tomar chá? Piqueniques com os Irmãos do Silêncio?

— Tortas de pato no parque — murmurou Jem, e ele e Will sorriram um para o outro, apenas um lampejo antes de a porta se abrir e o Cônsul entrar.

O Cônsul Wayland era um homem grande, de peito largo e braços grossos, e as vestes de Cônsul sempre pendiam de modo estranho daqueles ombros. Tinha barba loura, como um viking, e neste instante exibia uma expressão revoltada.

— Charlotte — falou, sem preâmbulos. — Estou aqui para conversar sobre Benedict Lightwood.

Sentiram um leve tremor; os dedos de Gabriel se fecharam sobre a toalha de mesa. Gideon pôs a mão levemente sobre o pulso do irmão, contendo-o, mas o Cônsul já estava olhando para eles.

— Gabriel — disse ele. — Achei que fosse para a casa dos Blackthorn com sua irmã.

Os dedos de Gabriel apertaram o cabo da xícara de chá.

— Eles estão muito consumidos pela dor da perda de Rupert — argumentou. — Não achei que fosse adequado me intrometer.

— Bem, você está sofrendo por seu pai, não está? — disse o Cônsul. — A dor compartilhada é menor, é o que dizem.

— Cônsul... — começou Gideon, olhando preocupadamente para o irmão.

— Apesar de talvez ser desconfortável morar com sua irmã, considerando que ela registrou uma denúncia de assassinato contra vocês.

Gabriel emitiu um ruído, como se alguém tivesse entornado água fervente nele. Gideon jogou o guardanapo e se levantou.

— Tatiana fez *o quê?* — perguntou.

— Você ouviu — disse o Cônsul.

— Não foi assassinato. — Jem se pronunciou.

— Como dizem — respondeu o Cônsul. — Fui informado de que foi.

— Também foi *informado* de que Benedict se transformou em um verme

gigantesco? — indagou Will, e Gabriel o encarou surpreso, como se não esperasse ser defendido por ele.

— Will, por favor — pediu Charlotte. — Cônsul, notifiquei ontem à noite que se descobriu que Benedict Lightwood estava nos últimos estágios de *astriola*...

— Você me falou que houve uma batalha e ele acabou morto — retrucou o Cônsul. — Mas o relato que escutei diz que ele estava doente, com varíola, e como resultado foi caçado e morto, apesar de não ter oferecido resistência.

Will, com olhos suspeitamente brilhantes, abriu a boca. Jem esticou o braço e tapou-a.

— Não consigo entender — disse Jem, falando em meio aos protestos abafados de Will — como podia saber que Benedict Lightwood estava morto, mas não a causa. Se não havia corpo, foi porque havia se tornado mais demônio do que humano e desapareceu quando destruído, como acontece com os demônios. Mas os serventes desaparecidos, a morte do *próprio marido* de Tatiana...

O Cônsul pareceu preocupado.

— Tatiana Blackthorn afirma que um grupo de Caçadores de Sombras do Instituto matou seu pai e que Rupert foi abatido na briga.

— Ela mencionou que o marido foi devorado pelo pai dela? — perguntou Henry, finalmente desgrudando os olhos do jornal. — Ah, sim. Devorado. O que encontramos no jardim foi a bota ensanguentada. Havia marcas de dentes. Adoraria saber como isso poderia ter sido um acidente.

— Acho que isso conta como oferecer resistência — observou Will. — Comer um genro, quero dizer. Mas suponho que todos tenham altercações familiares.

— Não está sugerindo, de fato — argumentou Charlotte —, que nós deveríamos ter controlado e impedido o verme... Benedict... está, Josiah? Ele estava nos últimos estágios da varíola! Enlouqueceu e se transformou em um verme!

— Ele pode ter se transformado em verme e *depois* ter enlouquecido — falou Will diplomaticamente. — Não dá para ter certeza.

— Tatiana está muito perturbada — disse o Cônsul. — Está cogitando pedir indenização...

— Então eu pago — declarou Gabriel, depois de recuar a cadeira e se levantar. — Pagarei à ridícula da minha irmã o meu salário pelo resto da minha vida, se ela quiser, mas *não* vou admitir qualquer má conduta. Nem de minha

parte nem de ninguém aqui. Sim, atirei uma flecha no olho dele. No olho *daquilo*. E faria novamente. O que quer que fosse aquela coisa, não era mais meu pai.

Fez-se silêncio. Nem o Cônsul parecia ter palavras para responder. Cecily repousou o livro e estava olhando atentamente de Gabriel para o Cônsul, e novamente para Gabriel.

— Perdoe-me, Cônsul, mas o que quer que Tatiana esteja contando, ela não conhece a verdade da situação — declarou Gabriel. — Só eu estava na casa com meu pai nas duas últimas semanas. Finalmente, vim para cá e implorei pela ajuda de meu irmão — continuou. — Charlotte gentilmente me ofereceu a assistência de seus Caçadores de Sombras. Quando chegamos à casa, a coisa que um dia foi meu pai havia destruído o marido da minha irmã. Garanto ao senhor, Cônsul, que não havia nenhuma maneira pela qual meu pai pudesse ter sido salvo. Estávamos lutando por nossas vidas.

— Então por que Tatiana...

— Porque está humilhada — respondeu Tessa. Foi a primeira vez que falou desde a chegada do Cônsul. — Ela mesma me disse. Achava que seria uma mancha no nome da família se soubessem da varíola demoníaca. Presumo que ela estivesse tentando oferecer algum enredo alternativo, na esperança de que o senhor o repetisse ao Conselho. Mas ela não contou a verdade.

— Sinceramente, Cônsul — falou Gideon. — O que faz mais sentido? Todos termos corrido e matado meu pai, e os filhos encobrirem isso, ou Tatiana estar mentindo? Ela nunca pensa direito nas coisas; o senhor sabe disso.

Gabriel estava de pé, com a mão nas costas da cadeira do irmão.

— Se acha que eu cometeria parricídio com tanta facilidade, fique à vontade para me submeter a um interrogatório na Cidade do Silêncio.

— Essa provavelmente seria a atitude mais sensata — declarou o Cônsul.

Cecily pousou a xícara com uma batida forte que fez todos saltarem.

— Isso não é justo — disse. — Ele está falando a verdade. Todos estamos. Tem de saber disso.

O Cônsul olhou-a longa e analiticamente, em seguida se voltou novamente para Charlotte.

— Espera ter minha confiança? — disse. — E, no entanto, esconde as coisas de mim. Ações trazem consequências, Charlotte.

— Josiah, informei-o sobre os acontecimentos na Casa Lightwood assim que todos voltaram, e garanti que estavam todos bem...

— Tinha de ter me avisado antes — retrucou o Cônsul secamente. — Assim que Gabriel chegou. Esta não foi uma missão de rotina. Dessa maneira, você se colocou em uma posição na qual preciso defendê-la, apesar de ter quebrado o protocolo e partido em uma missão sem a aprovação do Conselho.

— Não havia tempo...

— Basta — disse o Cônsul, com uma voz que insinuava tudo, menos que bastava. — Gideon e Gabriel, vocês vêm comigo para serem interrogados na Cidade do Silêncio. — Charlotte começou a protestar, mas o Cônsul levantou a mão. — É oportuno que os Irmãos os interroguem; evitará maiores problemas e permitirá que eu descarte rapidamente o pedido de indenização de Tatiana. Vocês dois — o Cônsul Wayland se voltou para os Irmãos Lightwood — desçam para minha carruagem e esperem por mim. Nós *três* vamos para a Cidade do Silêncio; quando os Irmãos terminarem, se não encontrarem nada de interessante, vocês voltam para cá.

— *Se* não encontrarem nada — repetiu Gideon, em tom de desgosto. Pegou o irmão pelos ombros e o guiou para fora da sala. Enquanto Gideon fechava a porta atrás deles, Tessa notou algo brilhar em suas mãos. Tinha voltado a usar o anel dos Lightwood.

— Muito bem — disse o Cônsul, voltando-se para Charlotte. — Por que não me contou no mesmo instante que seus Caçadores de Sombras voltaram e informaram sobre a morte de Benedict?

Charlotte fixou os olhos no chá. A boca estava contraída em uma linha fina.

— Quis proteger os meninos — respondeu. — Queria que tivessem alguns instantes de paz e silêncio. Algum descanso, após testemunhar o pai morrendo diante dos próprios olhos, antes que você começasse com suas perguntas, Josiah!

— E isso não é tudo — continuou o Cônsul, ignorando a expressão de Charlotte. — Os livros e papéis de Benedict. Tatiana nos contou sobre eles. Vasculhamos a casa, mas os diários desapareceram, a mesa está vazia. Esta investigação não é sua, Charlotte; aqueles papéis pertencem à Clave.

— O que quer procurar neles? — perguntou Henry, tirando o jornal de cima do prato. Parecia enganosamente desinteressado na resposta, mas tinha um brilho nos olhos que traía o aparente desinteresse.

— Informações sobre a conexão com Mortmain. Informações sobre outros membros da Clave que pudessem ter conexões com Mortmain. Pistas quanto ao paradeiro dele...

— E as peças? — perguntou Henry.

O Cônsul parou no meio da frase.

— As peças?

— As Peças Infernais. O exército de autômatos. É um exército criado com o propósito de destruir os Caçadores de Sombras, e ele pretende utilizá-lo contra nós — falou Charlotte, aparentemente recuperada enquanto pousava o guardanapo. — Aliás, se as anotações progressivamente incompreensíveis de Benedict tiverem crédito, isso acontecerá logo.

— Então você *pegou* as anotações e os diários. O Inquisidor estava convencido disso. — O Cônsul esfregou os olhos com as costas das mãos.

— Claro que peguei. E óbvio que vou entregar a você. Esta sempre foi a intenção. — Absolutamente serena, Charlotte pegou o sininho de prata perto do prato e tocou; quando Sophie apareceu, sussurrou para a menina por um instante, e Sophie, com uma reverência ao Cônsul, se retirou.

— Devia ter deixado os papéis onde estavam, Charlotte. É esse o protocolo — disse o Cônsul.

— Não havia motivo para não olhá-los...

— Você precisa confiar no meu juízo e no da Lei. Proteger os meninos Lightwood não é uma prioridade maior do que descobrir o paradeiro de Mortmain, Charlotte. Você não governa a Clave. Você faz parte do Enclave, e *tem* de se reportar a mim. Está claro?

— Sim, Cônsul — disse Charlotte, enquanto Sophie voltava com um pacote de papéis, que ofereceu silenciosamente ao Cônsul. — Na próxima vez em que um de nossos estimados membros se transformar em verme e comer outro estimado membro, informaremos imediatamente.

O maxilar do Cônsul enrijeceu.

— Seu pai era meu amigo, e por causa disso confiei em você. Não me faça me arrepender de tê-la indicado ou a apoiado contra Benedict Lightwood quando ele desafiou seu cargo.

— Você apoiou Benedict! — gritou Charlotte. — Quando ele sugeriu que eu tivesse apenas 15 dias para completar uma tarefa impossível, você concordou! Não disse uma palavra em minha defesa! Se eu não fosse mulher, você não teria se comportado assim.

— Se você não fosse mulher — disse o Cônsul —, eu não teria de agir dessa maneira.

E com isso, ele se retirou, em um redemoinho de vestes escuras e símbolos brilhantes. Assim que a porta se fechou, Will sibilou:

— Como pôde entregar os papéis a ele? Precisamos daqueles...

Charlotte, que já tinha se ajeitado novamente na cadeira, com os olhos semicerrados, falou:

— Will, já passei a noite copiando as partes relevantes. A maioria era...

— Bobagem? — sugeriu Jem.

— Pornografia? — falou Will ao mesmo tempo.

— Podem ser a duas coisas — disse Will. — Nunca ouviu falar em bobagem pornográfica?

Jem sorriu, e Charlotte pousou o rosto nas mãos.

— Foi mais a primeira do que a segunda, se quer saber — explicou. — Copiei tudo que pude, com a ajuda inestimável de Sophie. — Ela levantou os olhos. — Will... você precisa lembrar. Não é mais encargo nosso. Mortmain é problema da Clave ou, ao menos, é assim que enxergam. Houve um tempo em que fomos os únicos responsáveis por Mortmain, mas...

— Somos responsáveis por proteger Tessa! — disse Will, com uma severidade que espantou até mesmo a própria. Will empalideceu um pouco ao perceber que todos o olharam, surpresos, mas prosseguiu apesar disso: — Mortmain ainda quer Tessa. Não podemos imaginar que tenha desistido. E pode aparecer com autômatos, pode vir com bruxaria, fogo, traição, mas *virá*.

— Claro que vamos protegê-la — declarou Charlotte. — Não precisamos de lembretes, Will. Ela é um dos nossos. E por falar em nossos... Jessamine volta para cá amanhã. — falou, olhando para o prato.

— O quê? — Will derrubou a xícara de chá, ensopando a toalha de mesa com a borra. Houve um burburinho pela mesa, apesar de Cecily só ter assistido, confusa, e Tessa, após respirar fundo, ficar em silêncio. Estava se lembrando da última vez que vira Jessamine na Cidade do Silêncio, pálida e com olhos vermelhos, choramingando e apavorada... — Ela tentou nos trair, Charlotte. E você vai simplesmente permitir que ela volte?

— Ela não tem família, seus bens foram confiscados pela Clave, e, além disso, não está em condições de morar sozinha. Dois meses de interrogatórios na Cidade dos Ossos quase a enlouqueceram. Não acho que representará qualquer perigo para nós.

— Também não achávamos que representaria antes — disse Jem, com uma voz mais dura do que Tessa esperaria dele —, e, no entanto, suas ações quase puseram Tessa nas mãos de Mortmain e envergonharam o restante de nós.

Charlotte balançou a cabeça.

— Aqui existe necessidade de solidariedade e compaixão. Jessamine não é mais o que costumava ser, conforme saberiam se a tivessem visitado na Cidade do Silêncio.

— Não tenho a menor vontade de visitar traidores — disse Will friamente. — Ela continuava divagando sobre Mortmain estar em Idris?

— Sim, por isso os Irmãos do Silêncio finalmente desistiram; não conseguiram extrair nada que fizesse sentido. Ela não tem nenhum segredo, nenhum conhecimento de valor. E entende isso. Ela se *sente* inútil. Se conseguissem se colocar no lugar dela...

— Ah, não duvido nada que ela esteja fazendo um show para você, Charlotte, chorando e rasgando as roupas...

— Bem, se ela está rasgando as *roupas*... — disse Jem, esboçando um sorriso para o *parabatai*. — Você sabe o quanto ela gosta das roupas.

O sorriso retribuído por Will tinha mágoas, mas era real. Charlotte enxergou uma abertura e manteve a vantagem.

— Sequer a reconhecerão quando a virem, prometo — disse. — Deem uma semana, apenas uma semana, e, se nenhum de vocês suportar a presença dela, providenciarei para que seja levada a Idris. — Ela afastou o prato. — E agora, minhas cópias dos papéis de Benedict. Quem vai me ajudar?

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Conselho

Prezado senhor,

Até recebermos sua última carta, achávamos que nossa divergência quanto à Charlotte Branwell fosse simplesmente uma questão de opinião. Embora o senhor não tenha dado permissão expressa para a transferência de Jessamine Lovelace para o Instituto, a aprovação foi concedida pela Irmandade, que é quem se encarrega dessas questões. A nós, pareceu a atitude de um coração generoso permitir que a menina retornasse à única casa que conhece, apesar de seus erros. Quanto a Woolsey Scott, ele lidera a Praetor Lupus, uma organização que há muito consideramos aliada.

Sua sugestão sobre a senhora Branwell poder ter se aliado àqueles que não colocam os interesses da Clave em primeiro lugar é muito perturbadora. Sem provas, no entanto, relutamos em avançar tomando-a como base de informação.

Em nome de Raziel,

Membros do Conselho Nephilim

A carruagem do Cônsul era um landó brilhante vermelho, com os quatro *C*s da Clave na lateral, puxado por um par de cavalos cinzentos impecáveis. O dia estava úmido, garoava um pouco, e o cocheiro ocupava o banco da frente, quase totalmente escondido por um chapéu oleado e uma capa. O Cônsul, que não dizia uma palavra desde sua saída da sala de café da manhã do Instituto, franziu a testa, chamou Gideon e Gabriel para a carruagem, entrou depois deles e fechou a porta.

Enquanto a carruagem se afastava da igreja, Gabriel virou para olhar pela janela. Sentia uma pequena pressão ardente por trás dos olhos e do estômago. A sensação ia e vinha desde o dia anterior e, às vezes, era tão forte que ele achava que ia passar mal.

Um verme gigante... estágios finais da astriola*... a varíola demoníaca*.

Quando Charlotte e o restante do grupo acusaram seu pai, inicialmente ele não quis acreditar. A deserção de Gideon lhe parecera uma loucura, uma traição tão aterradora que só podia ser explicada por insanidade. O pai lhe garantira que Gideon repensaria suas atitudes, voltaria para ajudar com a administração da casa e com a responsabilidade de ser um Lightwood. Mas o irmão não voltou, e à medida que os dias se tornaram mais curtos e escuros, e Gabriel passou a ver o pai cada vez menos, começou a imaginar e depois a temer.

Benedict foi caçado e morto.

Caçado e morto. Gabriel repetiu as palavras mentalmente, mas não encontrou sentido nelas. Ele tinha matado um monstro, como foi criado para fazer, mas aquele monstro não era seu pai. Seu pai continuava vivo em algum lugar, e a qualquer momento Gabriel olharia pela janela da casa e o veria aproximando-se da entrada, com o longo casaco cinza batendo ao vento e a silhueta aguda destacada contra o céu.

— Gabriel. — Era a voz do irmão, cortando a névoa da lembrança e do devaneio. — Gabriel, o Cônsul fez uma pergunta.

Gabriel levantou os olhos. O Cônsul fitava-o, os olhos escuros cheios de expectativa. A carruagem percorria a Fleet Street, e jornalistas, advogados e comerciantes se apressavam de um lado para o outro.

— Perguntei — disse o Cônsul — se está gostando da hospitalidade no Instituto.

Gabriel piscou para ele. Pouca coisa se destacava entre a fumaça dos últimos dias. Charlotte abraçando-o. Gideon limpando o sangue das mãos. O rosto de Cecily, como uma flor brilhante e brava.

— Está tudo bem, suponho — respondeu, com voz triste. — Não é minha casa.

— Bem, a Casa dos Lightwood é magnífica — comentou o Cônsul. — Construída sobre sangue e despojos, é claro.

Gabriel o encarou, confuso. Gideon olhava pela janela com a expressão ligeiramente nauseada.

— Achei que quisesse conversar conosco sobre Tatiana — disse.

— Conheço Tatiana — disse o Cônsul. — Nada do senso de seu pai e nada da generosidade de sua mãe. Péssimo para ela, temo. O pedido de indenização será descartado, é claro.

Gideon virou-se no assento e olhou, incrédulo, para o Cônsul.

— Se dá tão pouco crédito a ela, por que estamos aqui?

— Para que eu pudesse conversar a sós com vocês — explicou. — Entendam, quando entreguei o Instituto a Charlotte, achei que um toque feminino faria bem ao local. Granville Fairchild foi um dos homens mais rígidos que já conheci, e, apesar de governar o Instituto de acordo com a Lei, o lugar era frio e nada receptivo. Aqui em Londres, a maior cidade do mundo, um Caçador de Sombras podia não se sentir em casa. — Ele deu de ombros. — Achei que entregar a administração do local para Charlotte poderia ajudar.

— Charlotte *e* Henry — corrigiu Gideon.

— Henry era uma cifra — disse o Cônsul. — Todos nós sabemos, como diz o ditado, que a égua cinzenta é o melhor cavalo nesse casamento. Nunca houve a intenção de que Henry interferisse, e ele, de fato, não o faz. Mas também nunca houve a intenção de que Charlotte interferisse. Ela precisava ser dócil e obedecer minhas vontades. E, nesse aspecto, ela me decepcionou profundamente.

— Você deu apoio a ela contra nosso pai — disparou Gabriel, e imediatamente se arrependeu. Gideon lançou-lhe um olhar de censura, e Gabriel cruzou as mãos enluvadas com firmeza sobre o colo, cerrando os lábios.

As sobrancelhas do Cônsul subiram.

— Porque seu pai teria sido dócil? — falou. — Eram duas possibilidades ruins, e escolhi a melhor que pude. Ainda tinha esperanças de controlá-la, mas agora...

— Senhor — interrompeu Gideon, com a voz mais educada que pôde. — Por que está nos contando isso?

— Ah — disse o Cônsul, olhando para a janela marcada de chuva. — Cá estamos. — Bateu no vidro da carruagem. — Richard! Pare a carruagem no Argent Rooms.

Gabriel desviou os olhos para o irmão, que deu de ombros, espantado. O Argent Rooms era um notório salão de música e um clube de cavalheiros no Piccadilly Circus. Mulheres de má reputação frequentavam o local, e havia rumores de que o negócio pertencia a integrantes do Submundo e de que, em algumas noites, os "shows de mágica" tinham mágica de verdade.

— Eu vinha aqui com seu pai — disse o Cônsul, quando os três já estavam na calçada. Gideon e Gabriel olhavam através da chuva para um teatro italianizado de muito mau gosto, que claramente fora enxertado nos prédios mais modestos que estavam ali antes. Tinha uma galeria tripla e uma cor azul um tanto gritante. — Uma vez a polícia cassou a licença do Alhambra porque a gerência tinha permitido que dançassem cancã aqui. Mas o Alhambra é dirigido por mundanos. Este aqui é mais satisfatório. Vamos entrar?

O tom dele não dava espaço para discordância. Gabriel seguiu o Cônsul pela entrada arqueada, onde o dinheiro trocou de mãos e uma entrada foi comprada para cada um. Gabriel olhou confuso para a própria entrada. Era um tipo de propaganda, prometendo A MAIOR DIVERSÃO DE LONDRES!

— *Proezas da força* — leu no de Gideon enquanto percorriam o longo corredor. — *Animais treinados, mulheres fortes, acrobatas, atrações circenses e cantores cômicos*.

Gideon murmurava baixinho.

— E contorcionistas — acrescentou Gabriel alegremente. — Parece que há uma mulher que consegue colocar o pé n...

— Pelo Anjo, este lugar não passa de um *music hall* barato — falou Gideon. — Gabriel, não olhe para nada, a não ser que eu diga que não tem problema.

Gabriel revirou os olhos quando o irmão o pegou pelo cotovelo e o conduziu ao que claramente era o salão principal — uma sala enorme cujo teto fora pintado com reproduções dos Grandes Mestres Italianos, incluindo o

Nascimento de Vênus, de Botticelli, no momento com muitas manchas de fumaça. Candelabros pendiam de estruturas douradas de gesso, preenchendo o recinto com uma luz amarelada.

As paredes eram alinhadas com bancos de veludo, nos quais figuras escuras se aglomeravam — cavalheiros cercados por damas com vestidos brilhantes demais, cujas risadas eram muitíssimo altas. A música irradiava do palco à frente. O Cônsul foi naquela direção, sorrindo. Uma mulher com uma cartola e um fraque abaixava e levantava no palco, cantando uma música chamada "É assanhado, mas é bom". Ao virar, seus olhos brilharam verdes sob a luz do lustre.

Lobisomens, pensou Gabriel.

— Esperem aqui um instante, meninos — disse o Cônsul, e desapareceu na multidão.

— Adorável — murmurou Gideon, e puxou Gabriel para perto de si enquanto uma mulher com um vestido de cetim e um corpete apertado passava por eles. Ela cheirava a gim e alguma outra coisa, algo sombrio e doce, um pouco como o cheiro de açúcar queimado de James Carstairs.

— Quem imaginaria que o Cônsul era tão chegado às artes? — comentou Gabriel. — Será que isso não podia ter esperado até depois da Cidade do Silêncio?

— Ele não vai nos levar para a Cidade do Silêncio. — A boca de Gideon estava tensa.

— Não?

— Não seja tolo, Gabriel. Claro que não. Ele quer outra coisa de nós. Ainda não sei o quê. Trouxe-nos aqui para nos desestabilizar: e não teria feito isso se não tivesse certeza de que tem alguma carta na manga para nos impedir de contar a Charlotte ou a qualquer outra pessoa onde estivemos.

— Talvez ele realmente viesse aqui com nosso pai.

— Talvez, mas não é por isso que estamos aqui agora — falou Gideon, com confiança. Apertou ainda mais o braço do irmão quando o Cônsul reapareceu, trazendo uma pequena garrafa do que parecia água-tônica, mas que Gabriel supôs conter, pelo menos, algumas doses de álcool.

— O quê, nada para nós? — perguntou Gabriel, e recebeu um olhar severo do irmão e um sorriso amargo do Cônsul. Gabriel percebeu que não fazia ideia se o próprio Cônsul tinha família ou filhos. Ele era apenas o Cônsul.

— Vocês sequer imaginam — disse ele — o tipo de perigo que estão correndo?

— Perigo? De onde? Charlotte? — falou Gideon, incrédulo.

— Não dela. — O Cônsul voltou o olhar para eles. — Seu pai não transgrediu a Lei apenas; ele cometeu blasfêmia contra elas. Não apenas lidou com demônios; deitou-se entre eles. Vocês são Lightwood, são *tudo* que restou dos Lightwood. Não têm primos, nem tios. Eu poderia riscar toda a sua família dos registros dos Nephilim e jogá-los, junto com sua irmã, na rua, para morrerem de fome ou implorarem por uma morada entre os mundanos, e estaria agindo de acordo com os direitos da Clave e do Conselho. E quem vocês acham que ia defendê-los? Quem falaria por vocês?

Gideon tinha ficado extremamente pálido, e os nós dos dedos, onde agarrava Gabriel, estavam brancos.

— Isso não é justo — disse. — Não sabíamos. Meu irmão confiou no meu pai. Não pode ser responsabilizado...

— Confiou nele? Ele aplicou o golpe derradeiro, não? — disse o Cônsul. — Ah, todos vocês contribuíram, mas foi dele o golpe de misericórdia que aniquilou seu pai, o que quer dizer que ele sabia exatamente em que seu pai havia se transformado.

Gabriel estava consciente de que Gideon o fitava, preocupado. O ar no Argent Rooms era abafado e fechado, e o deixou sem fôlego. A mulher no palco agora entoava uma música chamada "Tudo para agradar uma dama" e andava de um lado para o outro, batendo no palco com a ponta de uma bengala, o que fazia o chão tremer.

— Os pecados do pai, crianças. Ainda podem e serão punidos pelos crimes, se eu assim desejar. O que fará, Gideon, enquanto seu irmão e Tatiana tiverem as Marcas queimadas? Vai ficar e assistir?

A mão direita de Gabriel tremeu; tinha certeza de que teria esticado o braço e agarrado o pescoço do Cônsul, se Gideon não o tivesse detido pelo pulso.

— O que o senhor quer de nós? — perguntou Gideon, com a voz controlada. — Não nos trouxe aqui só para nos ameaçar, a não ser que queira algo em troca. E se fosse algo que pudesse solicitar de modo fácil ou legalmente, faria isso na Cidade do Silêncio.

— Garoto esperto — comentou o Cônsul. — Quero que façam algo por mim. Façam e permitirei que, mesmo com a possibilidade da Casa dos Lightwood ser confiscada, vocês mantenham sua honra e seu nome, a propriedade em Idris e a posição de Caçadores de Sombras.

— O que quer que a gente faça?

— Quero que observem Charlotte. Mais especificamente, a correspondência dela. Informem-me sobre quais cartas ela recebe e envia, em especial de e para Idris.

— O senhor quer que a espionemos — argumentou Gideon, com a voz seca.

— Não quero mais surpresas como a de seu pai — disse. — Ela nunca deveria ter escondido de mim a doença dele.

— Ela não teve escolha — disse Gideon. — Era uma das condições do acordo que fizeram...

Os lábios do Cônsul enrijeceram.

— Charlotte Branwell não tem direto de fazer esse tipo de acordo sem me consultar. Sou seu superior. Ela não pode passar por cima de mim assim. Ela e aquele grupo no Instituto se comportam como se fossem um país independente que existe sob leis próprias. Vejam o que aconteceu com Jessamine Lovelace. Traiu a todos nós, quase nos destruiu. James Carstairs é um viciado moribundo. A menina Gray é uma fada ou uma feiticeira e não pertence ao Instituto; maldito noivado ridículo. E Will Herondale... Will Herondale é um mentiroso mimado que vai crescer e se transformar em um criminoso, se crescer. — O Cônsul pausou, arfando. — Charlotte pode conduzir aquele lugar como se fosse um feudo, mas não é. Trata-se de um Instituto e responde ao Cônsul. E vocês também o farão.

— Charlotte não fez nada para merecer esse tipo de traição da minha parte — declarou Gideon.

O Cônsul apontou um dedo para ele.

— É exatamente disso que estou falando. Sua lealdade não é a ela; não pode ser a ela. É a mim. Tem de ser a mim. Entendeu?

— E se eu disser que não?

— Então perderá tudo. Casa, terras, nome, linhagem, propósito.

— Faremos o que está mandando — respondeu Gabriel, antes que Gideon pudesse se pronunciar novamente. — Vamos vigiá-la para você.

— Gabriel... — começou Gideon.

Gabriel virou para o irmão.

— Não — disse ele. — É demais. Você não quer se tornar mentiroso, entendo isso. Mas nossa lealdade deve ser à família, em primeiro lugar. Os Blackthorn jogariam Tati na rua, e ela não duraria um minuto, nem ela nem a criança...

Gideon empalideceu.

— Tatiana vai ter um filho?

Apesar do horror da situação, Gabriel sentiu uma onda de satisfação por saber algo que o irmão não sabia.

— Vai — respondeu. — Você saberia, se ainda fizesse parte da família.

Gideon olhou em volta, como se procurasse um rosto familiar, depois olhou desamparado para o irmão e o Cônsul.

— Eu...

O Cônsul Wayland sorriu friamente para Gabriel e, em seguida, para Gideon.

— Temos um acordo, cavalheiros?

Após um longo instante, Gideon assentiu.

— Faremos o que pede.

Gabriel não se esqueceria tão cedo da expressão que se formou no rosto do Cônsul. Ela continha satisfação, mas não havia surpresa. Ficou claro que ele não esperava nada de diferente nem nada de melhor dos meninos Lightwood.

— Bolinhos? — perguntou Tessa, incrédula.

A boca de Sophie se abriu em um sorriso. Ela estava ajoelhada diante da lareira com um pano e um balde de água com sabão.

— Quase caí mortinha — confirmou. — Dezenas de bolinhos. Embaixo da cama, todos duros como pedras.

— Meu Deus — comentou Tessa, deslizando para a beira da cama e se inclinando para trás, apoiada nas mãos. Sempre que Sophie chegava para limpar seu quarto, tinha de se segurar para não correr e ajudar a menina com a limpeza. Tentou em algumas ocasiões, mas depois que Sophie a fez sentar como modos delicados, porém firmes, pela quarta vez, ela desistiu.

— E você se irritou? — perguntou Tessa.

— Claro! Me impondo todo aquele trabalho extra, tendo de subir e descer com bolinhos, e ele os esconde assim... Eu não me surpreenderia se surgissem ratos até o fim do outono.

Tessa assentiu, reconhecendo o potencial perigo de roedores.

— Mas não é um tanto lisonjeiro que ele tenha chegado a esse extremo só para vê-la?

Sophie se sentou.

— Não é lisonjeiro. Ele não está pensando. É um Caçador de Sombras, e eu sou mundana. Não posso esperar nada dele. No melhor dos mundos, eu poderia ser sua amante quando ele se casar com uma Caçadora de Sombras.

Tessa sentiu um aperto na garganta ao lembrar-se de Will no telhado, oferecendo-lhe exatamente isso: vergonha e desgraça, e se lembrou de como se sentiu pequena e sem valor. Fora tudo mentira, mas a lembrança ainda trazia dor.

— Não — disse Sophie, olhando novamente para as mãos vermelhas e ásperas. — É melhor que eu nunca nem mesmo considere a ideia. Assim não me decepciono.

— Acho que os Lightwood são melhores do que isso — sugeriu Tessa.

Sophie tirou o cabelo do rosto, os dedos tocando levemente a cicatriz que dividia seu rosto.

— Às vezes, acho que nenhum homem é melhor do que isso.

Nem Gideon nem Gabriel falaram enquanto a carruagem voltava ao Instituto pelas ruas do West End. A chuva caía forte agora, batendo tão ruidosamente na carruagem que Gabriel duvidava que alguém conseguisse escutá-lo, caso falasse.

Gideon examinava os próprios sapatos, e não levantou o olhar enquanto voltavam para o Instituto. Quando o prédio assomou através da chuva, o Cônsul esticou o braço sobre Gabriel e abriu a porta para que os meninos saíssem.

— Confio em vocês, rapazes — falou. — Agora façam Charlotte confiar também. E não contem a ninguém sobre nossa conversa. Quanto a esta tarde, vocês a passaram com os Irmãos.

Gideon saltou sem mais uma palavra, e Gabriel o acompanhou. O landó virou e partiu pela tarde cinzenta de Londres. O céu estava preto e amarelo, a garoa, tão pesada quanto contas de chumbo, e a névoa, tão espessa que Gabriel mal conseguia enxergar os portões do Instituto quando estes se fecharam atrás da carruagem. Ele certamente não viu as mãos do irmão ao avançarem, pegarem-no pelo colarinho da jaqueta e o arrastarem para a lateral do Instituto.

Quase caiu quando Gideon o empurrou contra a parede de pedra da velha igreja. Estavam próximos aos estábulos, semiescondidos por um dos contrafortes, mas não protegidos da chuva. Gotas frias caíam na cabeça e no pescoço de Gabriel, deslizando para dentro da camisa.

— Gideon... — protestou, escorregando sobre as pedras lamacentas.

— Fique quieto. — Os olhos de Gideon estavam enormes e cinzentos à luz fraca, mal tingidos pelo verde.

— Tem razão. — Gabriel falou baixo. — Melhor organizarmos nossa história. Quando nos perguntarem o que fizemos esta tarde, precisamos estar de pleno acordo ou não vão acreditar...

— Falei para ficar *quieto*. — Gideon bateu os ombros do irmão contra a parede, forte o bastante para que Gabriel soltasse um grito de dor. — Não vamos contar a Charlotte sobre nossa conversa com o Cônsul. Mas também não vamos *espioná-la*. Gabriel, você é meu irmão, e eu o amo. Faria qualquer coisa para protegê-lo. Mas não vou vender nossas almas.

Gabriel olhou para o irmão. A chuva ensopou o cabelo de Gideon e pingou para o colarinho do casaco.

— Podemos morrer na rua se nos recusarmos a fazer o que o Cônsul está mandando.

— Não vou mentir para Charlotte — declarou Gideon.

— Gideon...

— Viu o olhar no rosto do Cônsul? — Gideon o interrompeu. — Quando concordamos em espionar para ele e trair a generosidade da casa que nos acolhe? Não ficou nada surpreso. Ele nunca teve um instante de dúvidas em relação a nós. Não espera nada além de traição dos Lightwood. É nossa herança. — Ele apertou as mãos nos braços de Gabriel. — A vida é mais do que apenas sobreviver — falou. — Temos honra, somos Nephilim. Se ele nos tirar isso, não temos nada.

— Por quê? — perguntou Gabriel. — Por que tem tanta certeza de que o lado certo é o de Charlotte?

— Porque não era o do nosso pai — respondeu Gideon. — Porque conheço Charlotte. Porque há meses moro com essas pessoas e elas são boas. Porque Charlotte Branwell não foi outra coisa senão gentil comigo. E Sophie a ama.

— E você ama Sophie.

A boca de Gideon enrijeceu.

— Ela é uma mundana e uma serviçal — falou Gabriel. — Não sei o que espera disso, Gideon.

— Nada — respondeu, com aspereza. — Não espero nada. Mas o fato de você acreditar que eu deveria esperar alguma coisa mostra que nosso pai nos criou para acharmos que só devemos fazer o certo se isso trouxer recompensa. Não vou trair a palavra que dei a Charlotte; a situação é essa, Gabriel. Se não quiser fazer parte, vou mandá-lo morar com Tatiana e os Blackthorn. Tenho certeza de que o acolheriam. Mas não vou mentir para Charlotte.

— Sim, você vai — declarou Gabriel. — Nós dois vamos mentir para Charlotte. Mas também vamos mentir para o Cônsul.

Gideon cerrou os olhos. Gotas de chuva pingavam de seus cílios.

— Como assim?

— Vamos fazer o que o Cônsul mandou e ler a correspondência de Charlotte. Depois faremos relatórios a ele, mas os relatórios serão falsos.

— Se vamos dar relatórios falsos de qualquer forma, por que ler a correspondência?

— Para sabermos o que *não* dizer — respondeu Gabriel, sentindo o gosto da chuva. Parecia ter pingado do telhado do Instituto, amarga e suja. — Para evitar revelar a verdade acidentalmente.

— Se formos descoberto, teremos de enfrentar consequências extremamente severas.

Gabriel cuspiu a água da chuva.

— Então, me diga. Você se arriscaria a sofrer severas consequências pelos moradores do Instituto ou não? Porque eu... eu estou fazendo isso por *você* e porque...

— Por quê?

— Porque cometi um erro. Eu me enganei quanto ao nosso pai. Acreditei nele quando não deveria. — Gabriel respirou fundo. — Errei e quero reparar isso, e se tem um preço a ser pago, eu pagarei.

Gideon o fitou por um longo tempo.

— Este foi seu plano o tempo todo? Quando concordou com as exigências do Cônsul no Argent Rooms, era este seu plano?

Gabriel desviou os olhos do irmão para o pátio molhado. Mentalmente ele se via com o irmão, muito mais jovens, de pé onde o Tâmisa cortava os limites da propriedade, enquanto Gideon mostrava-lhe os caminhos seguros pelo chão pantanoso. O irmão sempre foi o responsável por mostrar os caminhos seguros. Houve um tempo em que era implícito que confiavam um no outro, e ele não sabia quando isso tinha acabado, mas doía em seu coração, mais do que a perda do pai.

— Acreditaria em mim — falou amargamente —, se eu dissesse que sim? Porque esta é a verdade.

Gideon ficou parado por um longo tempo. Então, Gabriel se viu puxado para a frente, o rosto se enterrando na lã molhada do casaco de Gideon, que o segurava forte, murmurando:

— Tudo bem, irmãozinho. Vai ficar tudo bem — dizia, enquanto balançava gentilmente a si mesmo e ao irmão na chuva.

Para: Membros do Conselho
De: Cônsul Josiah Wayland

Muito bem, cavalheiros. Neste caso, só peço paciência e que não ajam precipitadamente. Se querem provas, eu as fornecerei.

Em breve, escreverei mais sobre o assunto.

Em nome de Raziel e em defesa de sua honra,

Cônsul Josiah Wayland

7

Ouse Desejar

Se me oferecessem novamente o ano passado,
E a escolha entre o bem e o mal me fosse apresentada,
Será que eu aceitaria o prazer com a dor
Ou ousaria desejar jamais termos nos conhecido?
— Augusta, Lady Gregory,
"If the Past Year Were Offered Me Again"

Para: Cônsul Wayland
De: Gabriel e Gideon Lightwood

Prezado senhor,

Somos muito gratos por termos recebido a missão de monitorar o comportamento de Charlotte Branwell. Mulheres, como sabemos, precisam ser observadas de perto para não se desviarem. Sentimos muito por informar que temos coisas chocantes a revelar.

Para uma mulher, cuidar do lar é a tarefa mais importante, e uma das virtudes femininas mais admiráveis é a simplicidade. A Sra. Branwell, no entanto, parece viciada em gastos e não se importa com nada além de ostentações.

Apesar de se vestir com simplicidade quando o senhor aparece, sentimos informar que, nas horas vagas, ela se cobre com as sedas mais finas e as joias mais caras que se possa imaginar. O senhor nos pediu, e, por mais que detestemos invadir a privacidade de uma dama, nós o fizemos. Detalharíamos a carta que ela mandou para a modista, mas tememos que isso o espante. Basta dizer que o dinheiro empregado em

chapéus equivale ao orçamento anual de uma grande propriedade ou um pequeno país. Não entendemos por que uma dama tão miúda precisa de tantos chapéus. Ela não parece ter cabeças adicionais.

Seríamos cavalheiros demais para comentar sobre as vestimentas de uma moça, exceto pelo efeito deletério que isso tem em nossas obrigações. Ela economiza absurdamente nas necessidades básicas. Todas as noites nos sentamos para jantar papa de aveia enquanto ela ostenta joias e quinquilharias. Isso, como pode imaginar, não é ser justa com seus corajosos Caçadores de Sombras. Estamos tão fracos que um demônio Beemote quase nos destruiu na última terça-feira, e, é claro, essas criaturas são feitas essencialmente de uma substância viscosa. Em perfeitas condições, e bem alimentados, qualquer um de nós poderia destruir dúzias de demônios Beemote de uma só vez, com os saltos dos nossos sapatos.

Torcemos para que possa nos ajudar nessa questão e que o orçamento da Sra. Branwell em chapéus — e outros artigos de vestuário feminino que hesitamos em nomear — seja verificado.

Atenciosamente,
Gideon e Gabriel Lightwood.

— O que são quinquilharias? — perguntou Gabriel, piscando para a carta que tinha acabado de ajudar a escrever. Na verdade, Gideon ditou a maioria; Gabriel apenas passou a caneta sobre a página. Estava começando a desconfiar que, por trás da face severa do irmão, havia um gênio cômico desconhecido.

Gideon acenou a mão, num gesto de indiferença.

— Não importa. Lacre o envelope para entregarmos a Cyril, a fim de que o envie com o correio desta manhã.

Vários dias se passaram desde a batalha com o grande verme, e Cecily estava novamente na sala de treinamento. Começava a se perguntar se deveria simplesmente levar a cama e os móveis para o local, considerando que passava quase todo o tempo ali. O quarto que Charlotte lhe dera não tinha praticamente nenhuma decoração que a fizesse se lembrar de casa. Não havia trazido quase nada pessoal de Gales, pois não esperava ficar tanto tempo.

Pelo menos aqui, na sala das armas, ela se sentia segura. Talvez por não ter tido nenhuma sala assim quando crescia; era apenas um lugar dos Caçadores de Sombras. Nada ali poderia deixá-la com saudades de casa. As paredes eram cheias de armas. A primeira aula com Will, que fez enquanto ainda fervia de raiva por estar ali, envolveu a memorização do nome de todas elas e o que cada uma fazia. Espadas *katana*, do Japão, sabres de duas mãos, misericórdias de lâminas finas, estrelas e bastões, espadas turcas curvadas, arcos e estilingues, e tubos minúsculos que liberavam agulhas venenosas. Lembrava-se dele cuspindo as palavras como se fossem veneno.

Irrite-se o quanto quiser, irmão, pensara. *Posso fingir que quero ser Caçadora de Sombras, pois com isso você não tem escolha a não ser me manter aqui. Mas mostrarei que essas pessoas não são sua família, e vou levá-lo para casa.*

Agora estava pegando uma espada da parede e equilibrando-a cuidadosamente nas mãos. Will havia ensinado que a maneira de segurar a espada de duas mãos era abaixo das costelas, apontando para a frente. As pernas deveriam estar equilibradas com peso igual em cada uma, e a espada tinha de ser manejada desde os ombros, e não dos braços, para o golpe mortal ser desferido com mais força.

Golpe mortal. Por tantos anos teve raiva do irmão por deixá-los para se juntar aos Caçadores de Sombras de Londres, para se entregar ao que a mãe chamou de uma vida de assassinatos estúpidos, armas, sangue e morte. Qual era o problema dele com as montanhas verdes de Gales? O que faltava à família deles? Por que dar as costas ao mais azul dos mares por algo tão vazio quanto isso tudo?

No entanto, cá estava, sozinha na sala de treinamento com a coleção de armas, por escolha própria. O peso da espada na mão era confortante, quase como se atuasse como uma barreira entre ela e seus sentimentos.

Ela e Will vagaram pela cidade há algumas noites, passando por covis de ópio, infernos de jogatina e recantos de feiticeiros, um borrão de cores, aromas e luzes. Ele não foi exatamente amistoso, mas ela sabia que, para Will, permitir que ela o acompanhasse em uma tarefa tão delicada fora um gesto e tanto.

Cecily gostou do companheirismo dos dois naquela noite. Foi como ter de volta o irmão. Mas, à medida que a noite avançou, Will foi se tornando calado e, quando voltaram ao Instituto, se afastou, evidentemente querendo ficar sozinho e deixando Cecily sem ter o que fazer, além de voltar para o quarto e ficar deitada, solitária, olhando para o teto até o amanhecer.

Ela havia acreditado, de alguma forma, quando planejou vir, que os laços que

prendiam o irmão a este lugar não fossem tão fortes. Sua ligação com as pessoas não podia ser como a dele à família. Mas, ao longo da noite, ao ver sua esperança se transformar em decepção a cada estabelecimento onde procuravam *yin fen* sem encontrar, ela compreendeu — ora, já tinham lhe dito, ela já sabia, mas isso não é o mesmo que *compreender* — que os laços que o prendiam ao Instituto eram tão fortes quanto quaisquer laços de sangue.

Agora ela estava cansada, e, apesar de segurar a espada como Will havia ensinado — logo abaixo da guarda, com mão esquerda no punho —, a arma escorregou e caiu, a ponta enterrada no chão.

— Oh, céus — disse uma voz na entrada. — Temo que para *isso* eu só possa atribuir um três. Talvez, quatro, se estivesse inclinado a conceder um ponto extra por você praticar luta em um vestido de tarde.

Cecily, que realmente não tinha trocado de roupa, virou a cabeça e olhou para Gabriel Lightwood, que aparecera como um tipo de diabrete da obstinação.

— Talvez sua opinião não me interesse, senhor.

— Talvez. — Ele deu um passo para dentro do quarto. — O Anjo sabe que, ao seu irmão, ela nunca interessou.

— Neste caso, estou com ele — observou Cecily, tirando a espada do chão.

— Mas não em todas as coisas. — Gabriel avançou para se colocar atrás dela. Ambos estavam refletidos em um dos espelhos de treinamento; Gabriel era uma cabeça mais alto, e ela conseguia enxergá-lo claramente sobre o ombro. Ele tinha um daqueles rostos ossudos: bonito em certos ângulos e estranhamente interessante em outros. Tinha uma pequena cicatriz branca no queixo, como se tivesse sido talhada por uma lâmina fina. — Gostaria que eu lhe mostrasse como empunhar adequadamente a espada?

— Se faz questão.

Ele não respondeu, apenas esticou os braços em volta dela, ajustando a mão sobre o punho.

— Você jamais vai querer segurar sua espada apontando para baixo — ensinou. — Segure assim, com a ponta para a frente, pois se seu oponente atacar, ele será atingido pela lâmina.

Cecily ajustou a mão de acordo com as instruções. Sua mente estava acelerada. Passou tanto tempo pensando nos Caçadores de Sombras como monstros. Monstros que sequestraram seu irmão, e ela, uma heroína vindo salvá-lo, ainda que ele não soubesse que precisava de salvação. Fora estranho e gradual perceber o quanto eram humanos. Pôde sentir o calor irradiando do corpo de

Gabriel, a respiração do menino em seu cabelo, e, ah, era estranho ter consciência de tantas coisas em outra pessoa: a sensação dela, o toque da pele, o *cheiro*...

— Vi como lutou na Casa dos Lightwood — murmurou Gabriel Lightwood. Sua mão calejada a tocou nos dedos, e Cecily lutou contra um pequeno tremor.

— Mal? — perguntou ela, assumindo um tom de provocação.

— Com paixão. Há aqueles que lutam por obrigação, e aqueles que o fazem porque amam. Você ama.

— Eu não... — começou Cecily, mas foi interrompida quando a porta da sala de treinamento se abriu com uma batida ruidosa.

Era Will, preenchendo a entrada com sua silhueta esguia e de ombros largos. Os olhos azuis pareciam trovões.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou.

Lá se ia a breve paz que estabeleceram naquela noite.

— Estou treinando — disse Cecily. — Você me disse que sem treino eu não melhoraria.

— Não você. Falo com o Gabriel Lightverme aqui. — Will apontou o queixo para o menino. — Desculpe. Light*wood*.

Gabriel tirou lentamente os braços de Cecily.

— Quem quer que tenha instruído sua irmã lhe incutiu diversos maus hábitos. Eu só estava tentando ajudar.

— Eu disse que não tinha problema — retrucou Cecily, sem imaginar por que estava defendendo Gabriel, exceto pela desconfiança de que aquilo irritaria Will.

E irritou. Will estreitou os olhos.

— E *ele* disse a *você* que há anos quer encontrar uma maneira de se vingar de mim pelo que considera um insulto à irmã *dele*? E o que poderia ser melhor do que fazer isso com você?

Cecily virou a cabeça para olhar para Gabriel, que assumiu uma expressão de irritação e desafio.

— Isso é verdade?

Ele não respondeu a ela, mas a Will.

— Se vamos morar na mesma casa, Herondale, então teremos de aprender a nos tratar cordialmente. Não concorda?

— Contanto que eu ainda possa quebrar seu braço com a mesma facilidade com que posso olhar para você, não concordo com isso. — Will esticou o braço e

pegou um espadim da parede. — Agora saia daqui, Gabriel. E deixe minha irmã em paz.

Com um único olhar de desdém, Gabriel passou por Will e saiu da sala.

— Isso era mesmo necessário, Will? — perguntou Cecily assim que a porta se fechou.

— Conheço Gabriel Lightwood, você não. Sugiro que deixe que eu me encarregue de ser o melhor juiz do caráter. Ele quer usá-la para me atingir...

— Você realmente não consegue imaginar outra motivação além de você?

— Eu o conheço — repetiu Will. — Ele já deu provas de ser mentiroso e traidor...

— As pessoas mudam.

— Não tanto.

— Você mudou — disse Cecily, atravessando a sala e derrubando a espada no banco, com uma batida.

— Você também — falou Will, surpreendendo-a. Ela se virou para ele.

— Eu mudei? Como *eu* mudei?

— Quando veio para cá — disse ele —, falava sem parar em me levar para casa com você. Não gostava do treinamento. Fingia que gostava, mas eu percebia que não. Aí deixou de ser "Will, volte para casa" e passou a ser "escreva uma carta, Will". E você começou a gostar das aulas. Gabriel Lightwood é um salafrário, mas em uma coisa ele tem razão: você gostou de lutar contra o grande verme na Casa dos Lightwood. O sangue de Caçador de Sombras é como pólvora em suas veias, Cecy. Uma vez aceso, não é fácil apagar. Fique mais tempo aqui e é muito provável que acabe como eu, envolvida demais para sair.

Cecily franziu o rosto para o irmão. Ele estava com a camisa aberta no colarinho, exibindo algo escarlate, cintilando na parte oca da garganta.

— Está usando um colar de mulher, Will?

Will colocou a mão no pescoço com um olhar de espanto, mas antes que pudesse responder, a porta da sala de treinamento tornou a se abrir e Sophie apareceu, com uma expressão ansiosa no rosto marcado.

— Mestre Will, Srta. Herondale — disse. — Estive procurando por vocês. Charlotte solicitou que todos descessem imediatamente para a sala de estar; é um assunto de grande urgência.

Cecily sempre se sentiu uma criança solitária. Era difícil não sê-lo quando seus irmãos mais velhos estavam mortos ou desaparecidos, e não havia por perto jovens da sua idade que os pais considerassem companhias adequadas. Aprendeu cedo a se entreter com as próprias observações de pessoas, que não compartilhava com ninguém, mas mantinha sempre à mão para retirá-las mais tarde e examiná-las quando estivesse sozinha.

Os hábitos de uma vida inteira não se interrompiam tão depressa, e apesar de Cecily não estar mais sozinha, desde que viera ao Instituto há oito semanas, tinha transformado os habitantes da casa em objetos de observação. Eram Caçadores de Sombras, afinal — inicialmente inimigos e, depois, após sua opinião se modificar cada vez mais, tornaram-se simplesmente criaturas fascinantes.

Ela os examinava agora ao entrar na sala de estar ao lado de Will. Primeiro, Charlotte, sentada atrás da mesa. Cecily não a conhecia havia muito tempo, no entanto sabia que ela era o tipo de mulher que mantinha a calma mesmo sob pressão. Era pequena, porém forte, um pouco como a mãe de Cecily, apesar de ter muito menos tendência a murmurar em galês.

Depois, havia Henry. Ele talvez tenha sido o primeiro a convencer Cecily de que apesar de os Caçadores de Sombras serem diferentes, não eram perigosamente diferentes. Não havia nada de assustador em Henry, todo pernas esguias e ângulos ao se apoiar sobre a mesa de Charlotte.

Os olhos dela se desviaram para Gideon Lightwood em seguida, mais baixo e mais encorpado que o irmão — Gideon, cujos olhos cinza-esverdeados normalmente seguiam Sophie pelo Instituto, como um cãozinho esperançoso. Cecily ficou imaginando se os outros já tinham percebido seu apego à serva, e o que a própria Sophie pensaria do assunto.

Então vinha Gabriel. Em relação a ele, os pensamentos de Cecily eram embaralhados e confusos. Tinha olhos brilhantes, e o corpo tenso como uma mola encolhida enquanto se apoiava na poltrona do irmão. Sobre o sofá de veludo escuro no lado oposto ao dos Lightwood, sentava-se Jem, com Tessa ao lado. Ele tinha levantado os olhos quando a porta se abriu e, como sempre fazia, pareceu se alegrar ao ver Will. Era uma qualidade peculiar a ambos, e Cecily ficou imaginando se era assim com todo *parabatai* ou se eles eram os únicos. Como quer que fosse, parecia assustador ser tão ligado a outra pessoa, principalmente a alguém tão frágil quanto Jem.

Enquanto Cecily observava, Tessa colocou a mão sobre a de Jem e disse alguma coisa baixinho, algo que o fez rir. Tessa olhou rapidamente para Will,

mas ele apenas atravessou a sala como sempre, indo se apoiar na lareira. Cecily nunca conseguia concluir se ele fazia isso por viver com frio ou por se achar incrivelmente lindo diante das chamas saltitantes.

Você deve ter vergonha do seu irmão, que nutre sentimentos ilícitos pela noiva de seu parabatai, lhe dissera Will. Se ele fosse qualquer outra pessoa, ela teria lhe dito que não adiantava nada esconder seus sentimentos. A verdade surgiria, finalmente. Mas, no caso de Will, não tinha tanta certeza. Ele tinha a vantagem de anos de experiência em contenção e fingimento. Era um ator e tanto. Se ela não fosse sua irmã e não tivesse visto o rosto dele quando Jem não estava olhando, provavelmente nem teria notado.

E ainda havia a terrível verdade de que ele não precisaria esconder para sempre este segredo. Só era necessário fazê-lo enquanto Jem vivesse. Se James Carstairs não fosse tão generoso e bem-intencionado, Cecily pensou, talvez o tivesse odiado em nome do irmão. Não só ia se casar com a menina que Will amava, mas quando morresse, ela temia, Will jamais se recuperaria. Mas não se podia culpar alguém por morrer. Por fugir de propósito, talvez, como seu irmão fez com ela e os pais, mas não por morrer, pois o poder sobre isso certamente estava além do controle de qualquer mortal.

— Fico feliz que estejam todos aqui — disse Charlotte, com uma voz tensa que arrancou Cecily de sua reflexão. A mulher olhava seriamente para uma bandeja polida sobre a mesa, na qual havia uma carta aberta e um pequeno pacote embrulhado em papel. — Recebi uma correspondência um tanto perturbadora do Magistrado.

— De *Mortmain*? — Tessa se inclinou para a frente, e o anjo mecânico que sempre usava no pescoço começou a balançar, brilhando à luz do fogo. — Ele *escreveu* para você?

— Não para perguntar como tem passado, imagino — argumentou Will. — O que ele quer?

Charlotte respirou fundo.

— Vou ler a carta para vocês.

Estimada Sra. Branwell,

Perdoe-me por incomodá-la neste que deve ser um momento complicado para sua casa. Fiquei entristecido, apesar de não, confesso, chocado ao saber do agravamento do estado do Sr. Carstairs.

Creio que saiba que sou portador de uma grande — ouso dizer exclusivamente grande — porção do remédio do qual o Sr. Carstairs necessita para a manutenção de seu bem-estar. Portanto, nos encontramos em uma situação muito interessante, que anseio resolver de modo a agradar a nós dois. Ficaria muito feliz em fazer uma troca: se a senhora se dispuser a me confiar a Srta. Gray, cederei uma grande quantidade de yin fen.

Envio uma demonstração da minha boa vontade. Peço para que me informe de sua decisão através de uma carta. Se a sequência correta de números impressos na base deste papel for falada ao meu autômato, certamente recebê-la-ei.

Cordiais saudações,
Axel Mortmain

— Isso é tudo — disse Charlotte, dobrando a carta ao meio e colocando-a de volta na bandeja. — Há instruções sobre como invocar o autômato ao qual deseja que eu mande a resposta e os números aos quais se refere, mas não nos dá qualquer dica sobre sua localização.

Fez-se um silêncio chocado. Cecily, que havia sentado em uma pequena poltrona florida, olhou para Will e o viu desviar o rosto, como se quisesse esconder sua expressão. Jem empalideceu, o rosto da cor de cinzas velhas, e Tessa — ela ficou totalmente parada, e a luz do fogo lançou sombras em seu rosto.

— Mortmain quer *a mim* — disse ela afinal, interrompendo o silêncio. — Em troca do *yin fen* de Jem.

— É ridículo — declarou Jem. — Insustentável. A carta deve ser entregue à Clave, para ver se eles conseguem extrair alguma pista quanto à localização de Mortmain, e nada mais.

— Não vão conseguir descobrir nada — respondeu Will, em voz baixa. — O Magistrado já cansou de se mostrar esperto demais para isso.

— Isso não é esperteza — argumentou Jem. — É a forma mais bruta de chantagem...

— Concordo — disse Will. — Sugiro pegarmos o pacote como uma bênção, mais um punhado de *yin fen* que vai ajudá-lo, e ignorarmos o resto.

— Mortmain escreveu sobre mim — disse Tessa, interrompendo os dois. — A decisão deve ser minha. — Ela inclinou o corpo na direção de Charlotte. — Eu

vou.

Fez-se mais um silêncio mortal. Charlotte empalideceu; Cecily sentiu as próprias mãos escorregadias de suor onde se entrelaçavam no colo. Os irmãos Lightwood pareceram desesperadamente pouco à vontade. Gabriel aparentava querer estar em outro lugar qualquer. Cecily não podia culpá-los. A tensão entre Will, Jem e Tessa parecia pólvora que apenas precisava de um fósforo para explodir.

— Não — disse Jem afinal, levantando-se. — Tessa, você não pode.

Ela repetiu o gesto dele, levantando-se também.

— Posso. Você é meu noivo. Não posso permitir que morra quando tenho como ajudar, e Mortmain não pretende me causar qualquer dano físico...

— Não sabemos o que ele pretende! Não é um sujeito confiável! — disse Will subitamente, então abaixou a cabeça, a mão agarrando a lareira com tanta força que os dedos ficaram brancos. Cecily percebeu que ele estava se forçando a ficar em silêncio.

— Se fosse você que Mortmain quisesse, Will, também iria — disse Tessa, olhando para o irmão de Cecily com olhos que não toleravam contradição. Will se encolheu com essas palavras.

— Não — declarou Jem. — Eu também o proibiria.

Tessa virou-se para Jem com a primeira expressão de raiva que Cecily já tinha visto naquele rosto.

— Não pode me proibir... não mais do que poderia proibir Will...

— Posso — disse Jem. — Por uma razão muito simples. A droga não é uma *cura*, Tessa. Só prolonga minha existência. Não permitirei que jogue fora sua própria vida por um restinho da minha. Se for a Mortmain, será por nada. Vou continuar não tomando a droga.

Will levantou a cabeça.

— James...

Mas Tessa e Jem se encaravam, com olhos fixos.

— Você não faria isso — arfou Tessa. — Não me insultaria jogando fora um sacrifício que fiz por você.

Jem atravessou a sala e pegou o pacote — e a carta — da mesa de Charlotte.

— Prefiro insultá-la a perdê-la — declarou, e, antes que qualquer um pudesse fazer alguma coisa para impedi-lo, jogou os dois itens na fogueira.

A sala explodiu em gritos. Henry correu para a frente, mas Will já tinha se ajoelhado diante da lareira e enfiado as mãos no fogo.

Cecily levantou-se subitamente da cadeira.

— *Will*! — gritou, e correu para o irmão. Pegou-o pelos ombros do casaco e o puxou para longe do fogo. Ele cambaleou para trás, com o pacote ainda em chamas caindo das mãos. Gideon chegou no instante seguinte, apagando o fogo com os pés, deixando uma bagunça de papel queimado e pó prateado no tapete.

Cecily olhou para a lareira. A carta com as instruções sobre como invocar o autômato de Mortmain fora reduzida a cinzas.

— Will — disse Jem, e pareceu nauseado. Ele caiu de joelhos ao lado de Cecily, que continuava segurando os ombros do irmão, e tirou uma estela do bolso. As mãos de Will estavam escarlate, e bolhas de um branco lívido já se formavam na pele, em meio a manchas pretas de fuligem. Sua respiração estava falha e áspera ao ouvido de Cecily; ele emitia engasgos de dor, exatamente como quando caiu do telhado aos 9 anos e quebrou os ossos do braço esquerdo. — *Byddwch yn iawn, Will* — disse, enquanto Jem colocava a estela no antebraço de Will e desenhava rapidamente. — Você vai ficar bem.

— Will — disse Jem, baixinho. — Will, sinto muito, sinto muito. Will...

A respiração falha de Will se ajustava à medida que o *iratze* fazia efeito e a pele voltava à cor normal. Ainda tem um pouco de *yin fen* que pode ser preservado — disse Will, caindo para trás e se apoiando em Cecily. Ele tinha cheiro de fumaça e ferro. Ela conseguia sentir o coração do irmão pelas costas. — Melhor reuni-lo, antes de mais nada...

— Aqui — disse Tessa, ajoelhando; Cecily tinha vaga consciência de todos os outros de pé, e Charlotte, em choque, com uma das mãos na boca. Na mão direita de Tessa havia um lenço, no qual talvez tivesse um punhado de *yin fen*, tudo o que Will salvou do fogo. — Tome isto — disse ela, e o colocou na mão livre de Jem, a que não estava com a estela. Ele parecia prestes a falar com ela, mas ela já havia se levantado. Parecendo muito arrasado, Jem observou enquanto ela se retirava.

— Ah, Will. O que vamos fazer com você?

Will se sentou e sentiu-se um tanto inadequado na poltrona florida da sala de estar, deixando Charlotte, empoleirada em um pequeno banco diante dele, passar pomada em suas mãos. Não doíam mais após três *iratzes*, e já tinham recobrado a cor normal, mas Charlotte insistiu em tratá-las mesmo assim.

Os outros já tinham se retirado, exceto por Cecily e Jem; a irmã estava ao seu lado, no braço da cadeira, e Jem ajoelhara-se no tapete queimado, com a estela ainda nas mãos, sem tocar Will, mas próximo a ele. Recusaram-se a sair, mesmo depois que os outros se retiraram e Charlotte mandou Henry voltar ao trabalho no porão. Não havia mais o que fazer, afinal. As instruções sobre como entrar em contato com Mortmain desapareceram, transformaram-se em cinzas, e não havia mais decisão a se tomar.

Charlotte insistiu para que Will ficasse e passasse pomada nas mãos, e Cecily e Jem se recusaram a deixá-lo. Will precisava admitir que gostou, que gostava de ter a irmã ali no braço da cadeira, gostava dos olhares protetores e ferozes que ela lançava a qualquer um que se aproximasse dele, até mesmo Charlotte, doce e inofensiva, com a pomada e o cacarejo maternal. E Jem, de pé, apoiando-se levemente contra a cadeira, como quando Will recebia curativos após as lutas ou *iratzes* para curar ferimentos de batalhas.

— Lembra-se de quando Meliorn tentou arrancar seus dentes por chamá-lo de um vagabundo orelhudo? — disse Jem. Havia tomado um pouco do *yin fen* enviado por Mortmain, e as bochechas tinham recuperado um pouco da cor.

Will sorriu, apesar de tudo; não pôde evitar. Era uma das coisas que o fazia se sentir afortunado nos últimos anos: ter alguém que o conhecia, que sabia o que ele estava pensando antes mesmo de falar em voz alta.

— Eu teria arrancado os dentes dele em troca — falou —, mas quando fui procurá-lo novamente, ele tinha imigrado para os Estados Unidos. Para escapar da minha fúria, sem dúvida.

— Humpf — disse Charlotte, como sempre fazia quando achava que Will estava muito convencido. — Ele tinha muitos inimigos em Londres, pelo que sei.

— *Dydw I ddim yn gwybod pwy yw unrhyw um o'r bobl yr ydych yn siarad amdano* — lamentou Cecily.

— Você pode não saber de quem estamos falando, mas ninguém mais sabe o que você está *dizendo* — argumentou Will, apesar de seu tom não ser de reprovação. Pôde ouvir a exaustão na própria voz. A falta de sono da noite anterior estava começando a pesar. — Fale em inglês, Cecy.

Charlotte se levantou, voltou para a mesa e pousou o pote de pomada. Cecily puxou um chumaço de cabelo de Will.

— Deixe-me ver suas mãos.

Ele as levantou. Lembrou-se do fogo, da agonia branca e do rosto chocado de Tessa acima de tudo. Sabia que ela entenderia por que tinha feito o que fez, por

que não pensou duas vezes antes de agir, mas a expressão em seus olhos — era como se seu coração estivesse partido por ele.

Ele só queria que ela ainda estivesse aqui. Era bom estar com Jem, Cecily e Charlotte, estar cercado por tanto afeto, mas sem a presença dela, sempre haveria algo faltando, um talho em forma de Tessa arrancado de seu coração e que ele jamais recuperaria.

Cecily tocou os dedos dele, que no momento pareciam bastante normais, exceto pela fuligem nas unhas.

— É um tanto surpreendente — disse, em seguida afagou levemente as mãos do irmão, com cuidado para não espalhar a pomada. — Will sempre foi propenso a se ferir — acrescentou, com ternura na voz. — Já perdi a conta dos membros quebrados quando éramos crianças... os arranhões, as cicatrizes.

Jem se inclinou mais para perto contra a cadeira, olhando para o fogo.

— Melhor que fossem minhas mãos — falou.

Will balançou a cabeça. A exaustão mudava as bordas de tudo na sala, borrando o papel de parede e transformando-o em uma massa única de cor escura.

— Não. Suas mãos, não. Precisa delas para o violino. Para que eu preciso das minhas?

— Eu deveria ter imaginado o que você faria — disse Jem, com voz baixa. — Sempre sei o que vai fazer. Eu devia ter percebido que você poria as mãos no fogo.

— E eu devia ter sabido que você descartaria o pacote — respondeu Will, sem rancor. — Foi... foi uma atitude extremamente nobre. Entendo por que o fez.

— Pensei em Tessa. — Jem levantou os joelhos e apoiou o queixo neles, em seguida riu suavemente. — Muito nobre. Esta não é para ser sua especialidade? De repente sou eu que estou fazendo coisas ridículas e você é que me manda parar?

— Meu Deus — disse Will. — Quando trocamos de lugar?

A luz do fogo passou pelo rosto e pelo cabelo de Jem enquanto ele balançava a cabeça.

— Estar apaixonado é algo muito estranho — falou. — Muda a pessoa.

Will olhou para Jem e o que sentiu, mais do que ciúme, mais do que qualquer outra coisa, foi um desejo saudoso de sentir compaixão pelo melhor amigo, falar sobre os sentimentos que tinha no coração. Afinal, não eram os mesmos? Não amavam da mesma forma a mesma pessoa? Mas só o que disse foi:

— Queria que você não se arriscasse.

Jem se levantou.

— Sempre quis o mesmo de você.

Will levantou os olhos, tão cheios de sono e do cansaço que vinha com os símbolos de cura que só conseguiu enxergar Jem como uma figura com um halo de luz.

— Já vai?

— Sim, vou dormir. — Jem tocou levemente as mãos de Will. — Descanse, Will.

Os olhos dele já estavam se fechando, mesmo quando Jem virou para sair. Não ouviu a porta se fechar atrás do *parabatai*. Em algum lugar no corredor, Bridget cantava, e sua voz se elevava acima do crepitar do fogo. Will não achou tão irritante quanto normalmente o faria, porém mais como uma canção de ninar que sua mãe teria cantado para ele um dia, para embalá-lo no sono.

Oh, o que brilha mais que a luz?
O que é mais escuro que a noite?
O que é mais afiado que um machado?
O que é mais suave que cera derretida?

A verdade brilha mais que a luz,
A falsidade é mais escura que a noite.
A vingança é mais afiada que um machado,
E o amor, mais suave que a cera derretida.

— Uma música de enigma — disse Cecily, com a voz sonolenta e semiacordada. — Sempre gostei destas. Lembra-se de quando mamãe cantava para nós?

— Um pouco — admitiu Will. Se não estivesse tão cansado talvez sequer tivesse admitido. Sua mãe vivia cantando, preenchendo todos os cantos da casa; cantava enquanto caminhava ao lado das águas no estuário de Mawddach ou entre os narcisos nos jardins. *Llawn yw'r coed o ddail a blode, llawn o goriad merch wyf inne*.

— Lembra-se do mar? — perguntou ele, a exaustão o deixando com a voz pesada. — Do lago em Tal-y-Llyn? Aqui em Londres não há nada tão azul quanto essas duas coisas.

Ele ouviu Cecily respirar fundo.

— Claro que me lembro. Pensei que você não se lembrasse.

Imagens de sonhos se pintaram no interior das pálpebras de Will, e o sono o alcançou como uma corrente, afastando-o da costa clara.

— Acho que não consigo me levantar desta cadeira, Cecy — murmurou. — Vou descansar aqui esta noite.

Ela ergueu a mão, procurou a dele e a envolveu sem apertar.

— Então vou ficar com você — disse ela, sua voz se tornando parte da corrente de sonhos, e o sono finalmente o dominou, afogando-o.

Para: Gabriel e Gideon Lightwood
De: Cônsul Josiah Wayland

Fiquei muito surpreso ao receber sua carta. Não entendo como eu poderia ter sido mais claro. Quero que me relatem os detalhes das correspondências entre a Sra. Branwell e seus parentes e amigos de Idris. Não pedi chacota sobre a modista da moça. Não me importo nem com o figurino nem com o cardápio diário de vocês.

Peço que escrevam algo contendo informações relevantes. Espero muito que a referida carta seja mais adequada a Caçadores de Sombras e menos a lunáticos.

Em nome de Raziel,
Cônsul Wayland

8

Aquele Fogo do Fogo

Você chama de esperança — aquele fogo do fogo!
Não é nada além de agonia do desejo.
— Edgar Allan Poe, "Tamerlane"

Tessa sentou-se à penteadeira, escovando o cabelo de forma metódica. O ar lá fora era frio, porém úmido, e parecia prender a água do Tâmisa, que tinha odor de ferro e de sujeira urbana. Era o tipo de clima que normalmente deixava seus cabelos volumosos e ondulados, além de embaraçados nas pontas. Não que estivesse preocupada com cabelo; era apenas um gesto repetitivo, o ato de pentear, que a fazia manter uma espécie de calma forçada.

Não parava de ver, em sua mente, o choque de Jem enquanto Charlotte lia a carta de Mortmain, as mãos queimadas de Will e o pouquinho de *yin fen* que ele conseguiu reunir do chão. Via os braços de Cecily envolvendo Will e a angústia de Jem ao se desculpar: *sinto muito, sinto muito*.

Ela não suportou. Ambos sofriam de agonia, e ela amava os dois. A dor foi por causa dela — era *ela* que Mortmain queria. Era a causa da escassez de *yin fen* e da tristeza de Will. Quando virou-se e saiu da sala, foi por não aguentar mais. Como três pessoas que gostavam tanto umas das outras podiam se ferir tanto?

Repousou a escova e se olhou no espelho. Parecia cansada, com olheiras, assim como Will, que passou o dia com ela na biblioteca ajudando Charlotte com os papéis de Benedict, traduzindo algumas das passagens em grego, latim ou Purgatic, a pena percorrendo graciosamente no papel e a cabeça escura curvada. Era estranho olhar para Will à luz do dia e se lembrar do menino que a segurou como se ela fosse um bote salva-vidas em uma tempestade nos degraus da casa de Woolsey. Sua face diurna não era despida de problemas, mas também não era aberta nem generosa. Ele não foi grosseiro nem frio, mas também não levantou

os olhos nem sorriu para ela por cima da mesa, tampouco reconheceu os eventos da noite anterior.

Ela queria chamá-lo de lado e perguntar se tivera notícias de Magnus, falar para ele: *ninguém além de mim entende o que você sente, então por que não podemos sentir juntos?* Mas se Magnus tivesse entrado em contato, Will teria contado a ela; ele era honrado. Todos eram honrados. Se não fossem, ela pensou, olhando para as próprias mãos, talvez as coisas não fossem tão terríveis.

Foi tolice se oferecer para ir a Mortmain — sabia disso agora —, mas a ideia se apoderou dela com a força de uma paixão. Ela *não* podia ser a causa de tanta infelicidade e não fazer nada para aliviá-la. Se ela se entregasse para Mortmain, Jem viveria por mais tempo, e ele e Will teriam um ao outro; seria como se ela jamais tivesse vindo para o Instituto.

Mas agora, nas horas frias da noite, ela sabia que nada do que fizesse poderia voltar o tempo ou desfazer os sentimentos que existiam entre todos eles. Sentiu-se vazia por dentro, como se um pedaço de si estivesse faltando; no entanto, estava paralisada. Parte dela queria correr para Will, para ver se as mãos do rapaz estavam curadas, e dizer que ela entendia. A outra parte queria cruzar o corredor até o quarto de Jem e implorar por seu perdão. Jamais tinham se irritado um com o outro, e ela não sabia como controlar um Jem furioso. Será que ele quereria terminar o noivado? Será que estaria decepcionado com ela? Por alguma razão, esse pensamento era tão intolerável quanto imaginar que Jem pudesse estar decepcionado com ela.

Scratch. Ela levantou o rosto e olhou em volta — um ruído suave. Talvez tivesse imaginado? Estava cansada; talvez fosse hora de chamar Sophie para ajudá-la com o vestido, e depois ir para a cama com um livro. Estava na metade de *O castelo de Otranto*, que vinha se revelando uma excelente distração.

Havia se levantado da cadeira para tocar o sino dos criados quando o barulho voltou, mais determinado. Um *scratch, scratch* contra a porta do quarto. Com ligeira trepidação, atravessou o quarto e abriu a porta.

Church estava abaixado do outro lado, o pelo azulado, eriçado, e a expressão, furiosa. Em volta do pescoço tinha um laço de prata, e preso ao laço um pedaço de papel enrolado, como um pequeno pergaminho. Tessa se ajoelhou, alcançou o laço e o desamarrou. O laço caiu, e o gato imediatamente correu pelo corredor.

O papel se soltou, e Tessa o pegou e desenrolou. Era uma letra redonda e familiar no bilhete.

Encontre-me na sala de música
— J

— Não há nada aqui — disse Gabriel.

Ele e Gideon estavam na sala de estar. Estava bem escura, com as cortinas abertas; não fosse pelas pedras enfeitiçadas de cada um, estaria negro como breu. Gabriel vasculhava apressadamente as correspondências sobre a mesa de Charlotte pela segunda vez.

— Como assim, nada? — disse Gideon, perto da porta. — Estou vendo uma pilha de cartas. Certamente uma delas deve ser...

— Nada escandaloso — respondeu Gabriel, fechando a gaveta da mesa. — Nem sequer interessante. Algumas cartas trocadas com um tio em Idris, que aparentemente tem gota.

— Fascinante — murmurou Gideon.

— Não se pode deixar de imaginar em que exatamente Charlotte está envolvida. Alguma espécie de traição ao Conselho? — Gabriel pegou a pilha de cartas e fez uma careta. — Poderíamos garantir que ela é inocente se soubéssemos do que ele suspeita.

— Isso se eu acreditasse que ele quer garantias de inocência — disse Gideon. — Ao que me parece, ele está torcendo por um flagrante. — Ele esticou a mão. — Dê-me essa carta.

— A do tio? — Gabriel estava em dúvida, mas fez como o outro dissera. Levantou a pedra de luz enfeitiçada, os raios brilhando sobre a mesa enquanto Gideon se inclinava e, com uma das canetas de Charlotte, começou a rabiscar uma carta para o Cônsul.

Gideon soprava a tinta para secar quando a porta da sala de estar se abriu. O menino endireitou-se no mesmo instante. Um brilho amarelo invadiu o recinto, muito mais brilhante do que a fraca luz da pedra enfeitiçada; Gabriel levantou a mão para cobrir os olhos, piscando. Devia ter aplicado um símbolo de Visão Noturna, pensou, mas demoraria a desbotar e levantaria suspeitas. Nos instantes em que a visão demorou a ajustar, ouviu o irmão exclamar, espantado:

— *Sophie*?

— Já disse para não me chamar assim, Sr. Lightwood. — Seu tom era frio. A visão de Gabriel se ajustou, e ele viu a criada na entrada, com um lampião aceso em uma das mãos. A menina estava com os olhos apertados. Cerrou-os ainda

mais ao olhar para Gabriel, com a correspondência de Charlotte na mão. — Vocês estão... esta é a correspondência da Sra. Branwell?

Gabriel derrubou as cartas apressadamente na mesa.

— Eu... Nós...

— Andaram *lendo as cartas dela*? — Sophie parecia furiosa, como uma espécie de anjo vingador, empunhando o lampião. Gabriel olhou rapidamente para o irmão, mas Gideon parecia congelado e sem fala.

Em toda sua vida, Gabriel não conseguia se lembrar do irmão sequer ter dado um segundo de atenção a meninas Caçadoras de Sombras. No entanto, olhava para esta mundana com a cicatriz no rosto como se ela fosse o sol nascendo. Era inexplicável, mas também inegável. Podia enxergar o horror na face do irmão enquanto a boa opinião que Sophie fazia dele se destruía bem diante de seus olhos.

— Sim — disse Gabriel. — Sim, estamos de fato olhando a correspondência dela.

Sophie deu um passo para trás.

— Vou buscar a Sra. Branwell imediatamente...

— Não... — Gabriel estendeu a mão. — Não é o que você pensa. Espere. — Ele resumiu rapidamente o que tinha acontecido: as ameaças do Cônsul, o pedido para que espionasse Charlotte e a solução que deram ao problema. — Jamais tivemos qualquer intenção de revelar uma palavra do que ela realmente escreveu — concluiu. — Nossa intenção era protegê-la.

A expressão desconfiada de Sophie não mudou.

— E por que eu deveria acreditar em alguma palavra do que diz, Sr. Lightwood?

Gideon finalmente falou:

— Srta. Collins — disse ele. — Por favor. Sei que desde... o infortúnio... com os bolinhos, a senhorita não me tem em grande estima, mas, por favor, acredite que eu não trairia a confiança depositada em mim por Charlotte, e nem recompensaria sua gentileza com traição.

Sophie hesitou por um instante, em seguida olhou para baixo.

— Sinto muito, Sr. Lightwood. *Quero* acreditar no senhor, mas minha lealdade é para com a Sra. Branwell em primeiro lugar.

Gabriel pegou da mesa a carta que o irmão havia acabado de escrever.

— Srta. Collins — disse. — Por favor, leia esta carta. Era o que pretendíamos enviar ao Cônsul. Se, depois de lê-la, ainda estiver determinada a procurar a Sra.

Branwell, não tentaremos impedi-la.

Sophie olhou de Gabriel para Gideon. Em seguida, com uma rápida inclinação de cabeça, avançou e colocou a luz sobre a mesa. Tomando a carta de Gideon, desdobrou e a leu em voz alta:

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Gideon e Gabriel Lightwood

Prezado senhor,

O senhor demonstrou a sabedoria habitual ao nos pedir que lêssemos as cartas da Sra. Branwell a Idris. Obtivemos um olhar íntimo e observamos que ela mantém uma comunicação quase diária com o tio-avô Roderick Fairchild.

O conteúdo dessas cartas, senhor, ia chocá-lo e decepcioná-lo. Fez com que perdêssemos boa parte da nossa fé no sexo frágil.

A Sra. Branwell demonstra uma atitude muito insensível, desumana e nada feminina em relação às graves doenças que o afligem. Recomenda a aplicação de menos álcool para curar sua gota, demonstra sinais inconfundíveis de divertimento com a terrível hidropsia da qual sofre, e ignora totalmente a menção que ele faz a uma substância suspeita que se acumula em seus ouvidos e outros orifícios.

Indícios do cuidado feminino que se esperaria de uma mulher em relação a seus parentes homens, e o respeito de uma moça relativamente jovem a seu tio mais velho, como deve ser... não existem! A Sra. Branwell, tememos, enlouqueceu com o poder. Precisa ser contida antes que seja tarde e muitos Caçadores de Sombras sejam abatidos pela falta de cuidado feminino.

Atenciosamente,
Gideon e Gabriel Lightwood

Fez-se silêncio quando ela terminou. Sophie ficou parada pelo que pareceu uma eternidade, encarando o papel com olhos arregalados. Finalmente falou:

— Qual dos dois escreveu isso?

Gideon limpou a garganta.

— Eu.

Ela levantou a cabeça. Havia cerrado os lábios, mas tremia. Por um terrível instante, Gabriel acreditou que fosse chorar.

— Oh, céus — disse. — E esta foi a primeira?

— Não, houve mais uma — Gabriel admitiu. — Sobre os chapéus de Charlotte.

— Os chapéus? — Um esboço de riso escapou dos lábios de Sophie, e Gideon olhou para ela como se jamais tivesse visto algo tão maravilhoso. Gabriel tinha de admitir que ela ficava muito bonita quando ria, com ou sem cicatriz. — E o Cônsul ficou furioso?

— Extremamente — respondeu Gideon.

— Vai contar para a Sra. Branwell? — perguntou Gabriel, pois não suportava mais aquele suspense.

Sophie havia parado de rir.

— Não — respondeu —, pois não quero comprometê-los aos olhos do Cônsul e também porque acho que esta notícia ia magoá-la, e à toa. Espioná-la desse jeito, que homem terrível! — O olhar de Sophie brilhou. — Se desejarem ajuda nos planos de frustrar as armações do Cônsul, fico feliz em colaborar. Deixem-me ficar com a carta e me certificarei de que seja enviada amanhã.

A sala de música não estava tão empoeirada quanto Tessa se lembrava — parecia ter recebido uma boa faxina recentemente; a madeira dos parapeitos e do chão brilhava, assim como o grande piano no canto. Um fogo piscava na lareira, destacando Jem entre as chamas quando ele virou de costas e, ao vê-la, deu um sorriso nervoso.

Tudo naquele recinto parecia suave, leve como aquarela — a luz do fogo trazendo à vida os instrumentos cobertos por lençóis brancos, como fantasmas, o brilho negro do piano, as chamas como leves reflexos dourados nas janelas. Ela também podia ver a si mesma e a Jem, olhando um para o outro: uma menina com um vestido de noite, azul-escuro, um menino magro com cabelos prateados bagunçados e o casaco preto muito largo sobre a figura esguia.

À sombra, seu rosto era pura vulnerabilidade, ansiedade na curva suave da boca.

— Eu não tinha certeza de que viria.

Com isso, ela deu um passo à frente, querendo abraçá-lo, mas se conteve. Precisava falar primeiro.

— Claro que vim — falou. — Jem, sinto muito. Muito mesmo. Não consigo explicar... Foi uma espécie de loucura. Não pude suportar a ideia do mal que se abateria sobre você por minha causa, porque, por alguma razão, estou ligada a Mortmain, e ele, a mim.

— Não é sua culpa. Nunca foi uma escolha sua...

— Eu não estava enxergando com clareza. Will tem razão; Mortmain não é confiável. Mesmo que eu fosse até ele, não há garantias de que ele cumpriria com sua parte do acordo. E eu estaria colocando uma arma na mão do inimigo. Não sei para que ele pretende me usar, mas não é para o bem dos Caçadores de Sombras; disso podemos ter certeza. No fim das contas, posso até ser o que vai machucar a todos vocês — lágrimas arderam em seus olhos, mas ela as conteve com esforço. — Perdoe-me, Jem. Não podemos perder o tempo que nos resta com raiva um do outro. Entendo por que fez o que fez... Eu faria o mesmo por você.

Os olhos dele se tornaram suaves como prata enquanto ela falava.

— *Zhe shi jie shang, wo shi zui ai ne de* — sussurrou ele.

Ela entendeu. *Em todo o mundo, você é o que mais amo*.

— Jem...

— Você sabe disso; precisa saber. Eu jamais poderia deixá-la sair de perto de mim, correr perigo... não enquanto eu viver. — Ele levantou a mão, antes que ela pudesse dar um passo em direção a ele. — Espere. — Inclinou-se e, ao se levantar, estava com a caixa quadrada do violino e o arco. — Eu... Tem uma coisa que gostaria de lhe dar. Um presente de casamento quando o oficializássemos. Mas gostaria de oferecer agora, se me permitir.

— Um presente — disse ela, curiosa. — Depois... Mas nós brigamos!

Com isso, ele sorriu, o sorriso adorável que iluminava seu rosto e fazia com que qualquer um se esquecesse do quanto estava magro e esgotado.

— Um problema constante na vida de casados, me disseram. Terá sido um bom treino.

— Mas...

— Tessa, você achou que pudesse haver alguma briga, grande ou pequena, capaz de me fazer deixar de amá-la? — Ele parecia surpreso, e ela, de repente, pensou em Will, nos anos em que Will testou a lealdade de Jem, enlouqueceu-o

com mentiras, evasões e autodestruição, e, durante todo o tempo, o amor de Jem pelo irmão de sangue jamais se abalou, quanto mais se quebrou.

— Tive medo — respondeu suavemente. — E eu... não tenho nenhum presente para você.

— Sim, você tem — disse ele baixinho, mas com firmeza. — Sente-se, Tessa, por favor. Você se lembra de como nos conhecemos?

Tessa sentou-se em uma cadeira baixa, com braços dourados, as saias amarrotando ao redor.

— Invadi seu quarto no meio da noite, como uma lunática.

Jem sorriu.

— Você entrou *graciosamente* no meu quarto e me encontrou tocando violino — falou, apertando o parafuso no arco. Quando concluiu, pousando-o, retirou o violino da caixa. — Você se importaria se eu tocasse para você agora?

— Sabe que adoro ouvi-lo tocar. — Era verdade. Até adorava escutá-lo falar sobre o violino, apesar de entender muito pouco do assunto. Poderia ouvi-lo divagar com paixão durante horas sobre resina, cravelhas, volutas, arcos, notas e sobre a tendência da corda "lá" de arrebentar, sem se entediar.

— *Wo wei ni xie de* — disse ele ao levar o violino até o ombro esquerdo e colocá-lo sob o queixo. Ele havia lhe contado que muitos violinistas utilizavam uma espaleira, um apoio no ombro, mas ele não. Tinha uma marquinha na lateral do pescoço, como um hematoma permanente, onde o violino se encaixava.

— Você... fez uma coisa para mim?

— *Compus* uma coisa para você — corrigiu, com um sorriso, e começou a tocar.

Ela assistiu, impressionada. Jem começou com simplicidade e sutileza, a pegada leve no arco produzindo um som suave e harmônico. A melodia a envolveu, fresca e doce como água, esperançosa e adorável como o nascer do sol. Ela observou os dedos dele com fascínio enquanto se moviam e uma nota linda emergia do instrumento. O som se aprofundava à medida que o arco acelerava, o antebraço de Jem movendo-se para a frente e para trás, o corpo esguio parecendo um borrão com os movimentos do ombro. Os dedos deslizaram levemente para cima e para baixo, e o tom da música se elevou, nuvens carregadas se reuniram em um horizonte claro, um rio que se tornara uma torrente. As notas sucumbiam ao chão e se elevavam para cercá-la; o corpo inteiro de Jem parecia

se mover de acordo com os sons que ele extraía do instrumento, apesar de ela saber que os pés dele estavam firmes no chão.

O coração de Tessa acelerou para acompanhar o ritmo da música; os olhos de Jem estavam fechados, os cantos da boca curvados para baixo, como se sentisse dor. Parte dela queria se levantar apressadamente para abraçá-lo; a outra parte não queria fazer nada para conter a música, o adorável som. Era como se ele tivesse pegado o arco e o utilizasse como um pincel, criando uma tela que claramente expunha sua alma. Enquanto as notas voavam cada vez mais alto, subindo ao céu, Tessa percebeu que estava com o rosto molhado, mas só quando a música acabou e ele abaixou o violino foi que percebeu que estava chorando.

Lentamente, Jem guardou o violino de volta no estojo e pousou o arco ao lado. Levantou-se e virou-se para ela. Sua expressão era tímida, apesar de a camisa branca estar transparente com suor e a veia no pescoço pulsar visivelmente.

Tessa ficou sem palavras.

— Gostou? — perguntou. — Eu poderia ter lhe dado... joias, mas preferi alguma coisa que fosse inteiramente *sua*. Que mais ninguém pudesse ouvir ou ter. E não sou bom com palavras, então pus em música o que sinto por você. — Ele fez uma pausa. — Gostou? — perguntou novamente, e a queda da voz no fim da pergunta indicava que ele esperava receber uma resposta negativa.

Tessa levantou o rosto para que ele pudesse ver as lágrimas.

— Jem.

Ele se ajoelhou diante dela, com o rosto totalmente contraído.

— *Ni jue de tong man, qin ai de*?

— Não... não — disse ela, meio chorando, meio rindo. — Não estou magoada. Nem infeliz. De jeito algum.

Um sorriso cortou o rosto dele, acendendo seus olhos com deleite.

— Então você gostou.

— Foi como enxergar sua alma nas notas da música. E foi lindo. — Ela se inclinou para a frente e tocou-o de leve, a pele lisa sobre a maçã do rosto dura, os cabelos como penas nas costas de sua mão. — Vi rios, barcos como flores, todas as cores do céu noturno.

Jem soltou o ar, deixando-se cair no chão perto da cadeira, como se sua força tivesse se esgotado.

— Isso é uma magia rara — disse ele, inclinando a cabeça até encostar a têmpora no joelho de Tessa. Ela manteve o ritmo da carícia em seu cabelo,

passando os dedos naquela suavidade. — Meus pais adoravam música — revelou subitamente. — Meu pai tocava violino, minha mãe *qin*. Escolhi o violino, apesar de ter podido aprender qualquer um. Às vezes, me arrependi, pois existem melodias chinesas que não consigo extrair do violino e que minha mãe gostaria que eu soubesse. Ela costumava me contar a história de Yu Boya, que era um ótimo músico de *qin*. Ele tinha um melhor amigo, um marceneiro chamado Hong Ziqi, e tocava para ele. Dizem que quando Yu Boya tocava uma música sobre a água, o amigo imediatamente sabia que ele estava descrevendo rios correntes, e quando tocava sobre montanhas, Ziqi enxergava os picos. E Yu Boya dizia, "é porque ele entende minha música". — Jem olhou para a própria mão, levemente curvada sobre o joelho. — As pessoas ainda utilizam a expressão "*zhi yin*" para falar de "amigos próximos" ou "almas gêmeas", mas o que realmente significa é "compreensão musical". — Ele esticou o braço e pegou a mão dela. — Quando eu toquei, você viu o que vi. Você entende minha música.

— Não sei nada sobre música, Jem. Não sei diferenciar sonata de partita...

— Não. — Ele se virou, ajoelhou-se e apoiou-se nos braços da cadeira. Estavam próximos o bastante agora para que ela pudesse ver o cabelo dele molhado de suor nas têmporas e na nuca, e sentir seu cheiro de resina e açúcar queimado. — Não é desse tipo de música que estou falando. Estou falando... — Ele emitiu um ruído de frustração, pegou a mão de Tessa, trouxe-a para o peito e pressionou-a contra o coração. A batida firme martelou a palma da mão da menina. — Cada respiração tem uma melodia própria — disse ele. — Você conhece a minha.

— O que aconteceu com eles? — sussurrou Tessa. — Com o marceneiro e o músico?

O sorriso de Jem estava triste.

— Zhong Ziqi morreu, e Yu Boya tocou sua última música sobre o túmulo do amigo. Depois quebrou o *qin* e nunca mais tocou.

Tessa sentiu a pressão quente das lágrimas sob os cílios, tentando forçar a passagem.

— Que história horrível.

— É? — O coração de Jem saltou e falhou sob os dedos dela. — Enquanto ele viveu e foram amigos, Yu Boya compôs algumas das melhores músicas que conhecemos. Será que ele teria conseguido isso sozinho? Nossos corações precisam de um espelho, Tessa. Enxergamos o melhor de nós mesmos naqueles que nos amam. E existe uma beleza que só a brevidade oferece. — Abaixou o

olhar, depois levantou-o para encontrar o dela. — Eu lhe daria tudo de mim — disse. — Eu lhe daria mais em duas semanas do que a maioria dos homens daria em uma vida.

— Não há nada que não tenha me dado, nada com que eu não esteja satisfeita...

— Para mim, há — falou ele. — Quero estar casado com você. Esperaria para sempre, mas...

Não temos para sempre.

— Eu não tenho família — disse Tessa lentamente, com os olhos nos dele. — Não tenho guardião. Ninguém que pudesse... se ofender... com um casamento mais imediato.

Os olhos de Jem se arregalaram singelamente.

— Eu... Está falando sério? Eu não ia querer que você não tivesse todo o tempo necessário para se preparar.

— Que tipo de preparação você imagina que preciso? — perguntou Tessa, e só por um instante seus pensamentos se voltaram para Will, para a forma como ele colocara a mão no fogo para salvar as drogas de Jem, e, ao observá-lo, não pôde deixar de se lembrar do episódio na sala, quando ele revelou que a amava, e, quando saiu, ela cerrou a mão em torno de um atiçador, para que a dor ardente na pele pudesse apagar, ainda que por um instante, a dor no coração.

Will. Mentiu para ele naquela ocasião — se não o fez com palavras, o fez por omissão. Permitiu que acreditasse que ela não o amava. Pensar nisso ainda lhe causava dor, mas ela não se arrependia. Não havia outro jeito. Ela conhecia Will o suficiente para saber que mesmo que tivesse terminado o relacionamento com Jem, ele não ficaria com ela. Não suportaria um amor conquistado em detrimento da felicidade de seu *parabatai*. E se existia uma parte de seu coração que pertencia a Will, e somente a Will, e sempre pertenceria, não faria bem nenhum revelar. Ela também amava Jem — o amava mais ainda agora que tinha concordado em se casar com ele.

Às vezes, a pessoa deve escolher entre ser generoso ou honrado, Will lhe dissera. Às vezes é impossível ser os dois.

Talvez isso dependesse do livro, pensou ela. Mas neste, o livro de sua vida, a desonra era apenas maldosa. Ainda que tivesse magoado Will na sala de estar, com o tempo, à medida que os sentimentos que ele tinha por ela desbotassem, um dia ele a agradeceria por mantê-lo livre. Tessa acreditava nisso. Não podia amá-la para sempre.

Ela havia escolhido este caminho havia muito tempo. Se pretendia chegar ao próximo mês, então podia chegar ao dia seguinte. Sabia que amava Jem, e, apesar de parte dela também amar Will, não deixar que nenhum dos dois soubesse era o melhor presente que poderia oferecer a ambos.

— Não sei — disse Jem, olhando para ela, do chão, e sua expressão era uma mistura de esperança e incredulidade. — O Conselho ainda não aprovou nosso pedido... e você não tem vestido...

— Não me importo com o Conselho. E não ligo para a roupa. Se está falando sério, Jem, caso quando você quiser.

— Tessa. — Ele arfou. Segurou-a como se estivesse se afogando, e ela abaixou a cabeça para tocar os lábios dele com os seus. Jem se levantou sobre os joelhos. A boca dele roçou a dela, uma, duas vezes, até ela abrir os lábios e conseguir sentir a doçura de açúcar queimado. — Você está muito longe — sussurrou ele, e então seus braços a envolveram, e não havia espaço entre os dois; Jem a puxou da cadeira e os dois ficaram ajoelhados no chão, se abraçando.

Ele a segurou perto, e as mãos de Tessa traçaram a forma de seu rosto, as maçãs do rosto agudas. *Tão agudas, tão agudas, os ossos da face, a pulsação do sangue próximo demais da superfície da pele, a clavícula rígida como um colar de metal*.

As mãos de Jem deslizaram da cintura para os ombros de Tessa; ele passou os lábios sobre a clavícula da noiva, a porta oca da garganta, enquanto os dedos dela giravam na camisa dele, puxando-a para cima, de modo que tocou a pele nua de Jem com as palmas. Ele era tão magro; a espinha era dura sob o toque. Contra a luz da lareira, ela pôde vê-lo pintado em sombra e fogo, o caminho dourado das chamas transformando o cabelo branco em dourado.

Eu te amo, ele dissera. *Em todo o mundo você é o que mais amo*.

Ela sentiu a pressão quente da boca do noivo na concavidade da garganta, depois mais embaixo. Os beijos dele terminaram onde o vestido começava. Tessa sentiu o coração batendo sob a boca de Jem, como se tentasse alcançá-lo, tentasse bater por ele. Sentiu a mão tímida do rapaz deslizar pelo seu corpo, para o ponto em que os laços fechavam o vestido...

A porta se abriu com um rangido, e eles se desvencilharam, ambos arfando como se tivessem acabado uma corrida. Tessa ouviu o próprio sangue pulsar ruidosamente nos ouvidos ao olhar para a porta vazia. Ao seu lado, o engasgo de Jem se transformou em riso.

— O que... — Ela começou.

— Church — disse ele, e Tessa baixou o olhar para ver o gato atravessando a sala de música após abrir a porta, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Nunca vi um gato tão satisfeito — disse ela enquanto Church, ignorando-a como sempre, caminhava até Jem e o tocava com o focinho.

— Quando falei que talvez precisássemos de um acompanhante, não foi nisso que pensei — observou Jem, mas acariciou a cabeça do gato assim mesmo e sorriu para Tessa com o canto da boca. — Tessa — disse. — Falou sério? Sobre se casar comigo amanhã?

Ela levantou o queixo e olhou diretamente nos olhos dele. Não suportava a ideia de esperar ou desperdiçar mais um instante da vida do noivo. Súbita e furiosamente quis estar ligada a ele — na saúde e na doença, na alegria e na tristeza —, ligada a uma promessa, e capaz de lhe dar sua palavra e seu amor sem se conter.

— Falei — respondeu.

A sala de jantar não estava cheia, pois nem todos haviam chegado para o café, quando Jem fez o anúncio.

— Eu e Tessa vamos nos casar — declarou, muito calmamente, colocando o guardanapo no colo.

— É para ser surpresa? — perguntou Gabriel, que estava de uniforme de combate, como se pretendesse treinar após o desjejum. Já havia tirado todo o bacon da bandeja, e Henry o olhava pesarosamente. — Já não são noivos?

— A data estava marcada para dezembro — explicou Jem, esticando o braço sob a mesa para apertar a mão de Tessa e confortá-la. — Mas mudamos de ideia. Pretendemos nos casar amanhã.

O efeito foi galvânico. Henry engasgou com o chá, e Charlotte precisou bater nas costas dele, que parecia ter perdido a fala. Gideon derrubou a xícara sonoramente sobre o pires, e até Gabriel parou com o garfo a caminho da boca. Sophie, que tinha acabado de vir da cozinha com uma leva de torradas, arfou.

— Mas não podem! — disse a criada. — O vestido da Srta. Gray estragou, e o novo ainda nem começou a ser preparado!

— Ela pode usar qualquer vestido — disse Jem. — Não precisa do dourado dos Caçadores de Sombras, pois não é uma Caçadora de Sombras. Ela tem muitos vestidos bonitos; pode escolher o preferido. — Ele desviou a cabeça timidamente em direção a Tessa. — Digo, se não se importar.

Tessa não respondeu, pois naquele instante Will e Cecily apareceram na entrada.

— Estou com *tanta* dor no pescoço — dizia Cecily, com um sorriso. — Mal posso acreditar que consegui dormir nesta posição...

Ela se interrompeu quando os dois pareceram sentir o clima da sala e pararam, olhando em volta. Will parecia mais descansado do que na véspera e contente em ter Cecily ao lado, apesar de este bom humor contido claramente se evaporar ao ver as expressões dos outros presentes.

— O que está havendo? — perguntou. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu e Tessa resolvemos adiantar nossa cerimônia de casamento — explicou Jem. — Será nos próximos dias.

Will não disse nada; sua expressão não se alterou, mas ele ficou muito pálido. Não olhou para Tessa.

— Jem, a Clave — disse Charlotte, e parou de bater nas costas de Henry, se levantando com um olhar agitado no rosto. — Ainda não aprovaram seu casamento. Não pode se colocar contra eles...

— Também não podemos esperar por eles — disse Jem. — Pode levar meses, um ano... sabe como preferem atrasar a dar uma notícia que temam ser desagradável.

— E nosso casamento não é a prioridade deles agora — comentou Tessa. — Os papéis de Benedict Lightwood, a busca por Mortmain... tudo é mais importante. Mas esta é uma questão pessoal.

— Não existem questões pessoais para a Clave — afirmou Will. A voz soou oca e estranha, como se ele estivesse muito longe. Uma veia pulsava em seu pescoço. Tessa pensou na harmonia delicada que começaram a estabelecer ao longo dos últimos dias e ficou imaginando se isso a destruiria, estilhaçando-a como uma peça delicada contra pedras. — Minha mãe e meu pai...

— Existem Leis para casamentos com mundanos. Não existem Leis para um casamento entre um Nephilim e o que Tessa é. E, se eu precisar, assim como seu pai, abro mão de ser Caçador de Sombras em nome disso.

— James...

— Pensei que você, mais que todo mundo, fosse entender — disse Jem, com o olhar fixo em Will, ao mesmo tempo confuso e magoado.

— Não estou dizendo que não entendo. Só estou pedindo que *pense*...

— Pensei. — Jem reclinou-se. — Tenho uma licença de casamento mundana, legal e assinada. Poderíamos entrar em qualquer igreja e nos casar hoje mesmo.

Prefiro que todos compareçam, mas, se não puderem, casaremos assim mesmo.

— Casar com uma moça só para torná-la viúva — observou Gabriel Lightwood. — Muitos não considerariam isso gentil.

Jem enrijeceu ao lado de Tessa, a mão dura na dela. Will avançou, mas Tessa já estava de pé, perfurando Gabriel Lightwood com os olhos.

— Não *ouse* falar de Jem como se ele tivesse toda a escolha e eu não tivesse nenhuma — disse ela, sem desviar os olhos do rosto dele. — Este noivado não me foi imposto, tampouco cultivo ilusões quanto à saúde de Jem. Escolhi ficar com ele por quantos dias e minutos tivermos, e me considerarei abençoada por vivê-los.

Os olhos de Gabriel eram tão frios quanto as águas do mar do Novo Mundo.

— Só me preocupei com seu bem, Srta. Gray.

— Melhor cuidar de si. — Tessa se irritou.

E agora aqueles olhos verdes estreitaram-se.

— O que quer dizer?

— Acredito que a dama se refira — entoou Will — à questão de que *ela* não matou o próprio pai. Ou já se recuperou tão rápido disso que não precisa mais se preocupar com seus próprios problemas, Gabriel?

Cecily engasgou. Gabriel se levantou, e, em sua expressão, Tessa viu novamente o rapaz que desafiou Will para um combate direto no dia em que ela o conheceu; pura arrogância, rigidez e ódio.

— Se ousar... — começou.

— *Parem* — disse Charlotte, e então se interrompeu, quando, pela janela, veio o ruído dos portões enferrujados do Instituto se abrindo e o som de cavalos trotando. — Ah, pelo Anjo. *Jessamine*. — Charlotte se levantou, descartando o guardanapo no prato. — Vamos... Precisamos descer para recebê-la.

Aquela chegada infeliz sob diversos aspectos, acabou se mostrando uma excelente distração. Houve um ligeiro burburinho e muita confusão por parte de Gabriel e Cecily, pois nenhum deles entendia exatamente quem era Jessamine nem seu papel na vida do Instituto. Continuaram pelo corredor de forma desordeira, Tessa um pouco para trás; estava sem fôlego, como se o corpete tivesse sido apertado demais. Pensou na noite anterior, no abraço em Jem enquanto se beijavam e sussurravam durante horas um para o outro, sobre a cerimônia que teriam, a união que se seguiria — como se tivessem todo o tempo do mundo. Como se casar fosse torná-lo imortal, apesar de ela saber que não era este o caso.

Ao descer pelas escadas para a entrada, tropeçou, distraída. A mão de alguém a segurou. Levantou os olhos e viu Will.

Ficaram ali por um segundo, congelados como uma estátua. Os outros já estavam descendo pelas escadas, as vozes subindo como fumaça. A mão de Will tocava suavemente o braço de Tessa, apesar de o rosto dele estar quase sem expressão, como se tivesse sido esculpido em granito.

— Você não concorda com o restante deles, concorda? — perguntou ela, mais afiada do que pretendia. — Que eu não deva me casar com Jem hoje. Você me perguntou se eu o amava o suficiente para casar com ele e fazê-lo feliz, e eu respondi que sim. Não sei se posso fazê-lo completamente feliz, mas posso tentar.

— Se alguém pode, é você — respondeu ele, fixando os olhos nos dela.

— Os outros acham que cultivo ilusões quanto à saúde dele.

— Esperança não é ilusão.

As palavras eram estimulantes, mas havia algo na voz de Will, algo morto, que a apavorava.

— Will. — Ela o segurou pelo pulso. — Você não me abandonaria agora... não me deixaria sozinha à procura de uma cura? Sem você, eu não consigo.

Ele respirou fundo e semicerrou os olhos azuis sombrios.

— Claro que não. Eu jamais desistiria dele ou de você. Vou ajudar. Vou continuar. É só que...

Interrompeu-se, virando o rosto. A luz que vinha da janela do alto iluminava a bochecha, o queixo e a curva de seu maxilar.

— O quê?

— Lembra-se do que falei para você naquele dia, na sala de estar — disse. — Quero que você seja feliz, e ele também. No entanto, quando você atravessar a igreja para encontrá-lo e se unir a ele eternamente, estará pisando em uma trilha invisível dos cacos de meu coração, Tessa. Eu abriria mão da minha própria vida por qualquer um de vocês. Morreria pela felicidade dos dois. Achei que talvez, quando me disse que não me amava, que meus sentimentos fossem diminuir e atrofiar, mas isso não aconteceu. Eles crescem a cada dia. Eu a amo mais desesperadamente neste momento do que jamais o fiz, e daqui a uma hora a amarei ainda mais. É injusto lhe dizer isso, eu sei, quando você não pode fazer nada a respeito. — Respirou fundo e trêmulo. — Como você deve me odiar.

Tessa teve a sensação de que o chão havia sucumbido sob seus pés. Lembrou-se do que havia dito a si mesma na noite anterior: que certamente os sentimentos

de Will por ela teriam desbotado. Que, ao longo dos anos, a dor dele seria inferior à dela. Acreditou nisso. Mas agora...

— Não o odeio, Will. Você não foi nada senão honrado... Mais honrado do que eu poderia pedir que fosse...

— Não — falou ele amargamente. — Você não esperava nada de mim, suponho.

— Eu esperava *tudo* de você, Will — sussurrou Tessa. — Mais do que você mesmo esperava de si. Mas me deu ainda mais do que isso. — Sua voz falhou. — Dizem que uma pessoa não pode dividir o coração, no entanto...

— Will! Tessa! — Charlotte os chamou da entrada. — Parem de perder tempo! Será que um dos dois pode chamar Cyril? Talvez precisemos de ajuda com a carruagem, se os Irmãos do Silêncio pretenderem ficar.

Tessa olhou desamparada para Will, mas o momento entre os dois havia se rompido; a expressão dele estava fechada; o desespero que o levou ao instante anterior se foi. Estava trancado como se mil cadeados se colocassem entre eles.

— Desça. Já vou — disse ele, sem entonação, depois virou e subiu os degraus.

Tessa pôs a mão na parede enquanto descia pelas escadas. O que quase fez? O que quase revelou a Will?

E, ainda assim, eu te amo.

Mas, por Deus, que bem faria, que benefício traria dizer essas palavras? Só seria um fardo ainda mais pesado para ele, pois saberia dos sentimentos dela, sem poder fazer nada. E o prenderia a ela, não o libertaria para procurar outro amor — alguém que *não* estivesse noiva do seu melhor amigo.

Outro amor. Desceu pelos degraus da frente do Instituto, sentindo o vento entrar através do vestido como uma faca. Os outros estavam lá, reunidos nos degraus, pouco à vontade, principalmente Gabriel e Cecily, que pareciam imaginar que diabos estavam fazendo ali. Tessa mal os notou. Estava se sentindo mal e sabia que não era por causa do frio. Era a ideia de Will apaixonado por outra pessoa.

Mas isso era puro egoísmo. Se Will encontrasse outra pessoa para amar, ela sofreria e morderia os lábios em silêncio, como ele vinha fazendo ao longo de seu noivado com Jem. Devia isso a ele, pensou, enquanto uma carruagem escura conduzida por um cocheiro com vestes cor de pergaminho, como as dos Irmãos do Silêncio, atravessou os portões abertos. Devia a Will um comportamento tão honrado quanto o dele.

A carruagem veio até o pé da escada e parou. Tessa sentiu Charlotte se mover

inquieta atrás dela.

— Outra carruagem? — disse ela, e Tessa seguiu o olhar de Charlotte para constatar que, de fato, havia uma segunda carruagem, toda preta e sem brasão, silenciosamente atrás da primeira.

— Um acompanhante — disse Gabriel. — Talvez os Irmãos do Silêncio temam que ela tente escapar.

— Não — disse Charlotte, com espanto na voz. — Ela não faria isso...

O Irmão do Silêncio que conduzia a primeira carruagem soltou as rédeas e desmontou, indo para a porta do veículo. Naquele momento, a segunda carruagem parou atrás dele, e ele virou. Tessa não conseguiu ver a expressão, pois a face estava coberta por um capuz, mas alguma coisa na projeção do corpo exprimia surpresa. Ela cerrou os olhos — havia algo de estranho nos cavalos que traziam a segunda carruagem: os corpos brilhavam, não pelo lustre do pelo, como costumava acontecer, mas como metal, e os movimentos eram estranhamente velozes.

O condutor da segunda carruagem saltou do assento, aterrissando com uma batida forte, e Tessa viu o brilho metálico quando ele levou a mão às vestes cor de pergaminho — e abriu a roupa.

Por baixo havia um corpo metálico brilhante com uma cabeça oval, sem olhos, com parafusos metálicos unindo as juntas dos cotovelos, joelhos e ombros. O braço direito, se é que podia ser chamado assim, terminava em uma besta de bronze. Ele agora levantou o braço e o flexionou. Uma flecha de aço, revestida com metal preto, voou pelo ar e se enterrou no peito do primeiro Irmão do Silêncio, levantando-o do chão, fazendo-o voar e aterrizar a vários metros dali, no jardim. Antes de cair no chão, o sangue ensopou o peito daquelas vestes familiares.

9

Esculpido em Metal

O metal líquido que ele escoava,
Em formas ajustadas preparava; do qual formava
Primeiro, as próprias ferramentas; em seguida, o que pudesse ser fundido
Fuzil ou esculpido em metal.
— John Milton, "Paraíso perdido"

Os irmãos do Silêncio, Tessa viu em choque, sangravam com uma cor tão vermelha quanto qualquer mortal.

Ouviu Charlotte gritar ordens, e em seguida Henry apareceu correndo pelas escadas, apressando-se para a primeira carruagem. Abriu a porta, e Jessamine caiu em seus braços. Estava com o corpo flácido e os olhos semicerrados. Trajava o vestido branco esfarrapado que Tessa a vira usando quando a visitou na Cidade do Silêncio, e seu adorável cabelo louro estava raspado rente ao crânio como uma paciente da febre.

— Henry. — Ela choramingou alto, agarrando-lhe a lapela do casaco. — Por favor, me ajude, Henry. Leve-me para dentro do Instituto, *por favor*...

Henry se levantou, virando-se com Jessamine nos braços no mesmo instante que as portas da segunda carruagem se abriram e os autômatos saíram de dentro dela, juntando-se ao primeiro. Pareciam se multiplicar ao saltarem, como brinquedos de papel — um, dois, três, e, então, Tessa perdeu a conta enquanto os Caçadores de Sombras ao redor sacavam as armas dos cintos. Viu o brilho metálico que voou da ponta da bengala de Jem, ouviu murmúrios em latim de lâminas serafim brilhando em volta como um círculo de fogo sagrado.

E os autômatos atacaram. Um deles correu na direção de Henry e Jessamine, enquanto os outros se apressaram para os degraus. Tessa ouviu Jem chamar seu nome, e percebeu que estava desarmada. Não tinha planejado treinar hoje. Olhou

em volta, desesperada, à procura de qualquer coisa, uma pedra pesada ou mesmo um graveto. Na entrada, havia armas penduradas nas paredes — como enfeite, mas arma era arma. Correu e pegou uma delas antes de girar e correr de volta para fora.

A cena que encontrou era caótica. Jessamine no chão, encolhida contra a roda da carruagem, os braços sobre o rosto. Henry se colocou diante dela, uma lâmina serafim indo para a frente e para trás enquanto ele lutava contra o autômato que tentava passar por ele e cujas mãos pontudas miravam Jessamine. O restante das criaturas mecânicas havia se espalhado pelos degraus e lutava contra os Caçadores de Sombras.

Enquanto Tessa erguia a espada, seus olhos percorreram o jardim. Estes autômatos eram diferentes dos que vira antes. Moviam-se com mais agilidade, menos estremecimentos quando subiam, e as juntas de cobre abriam e fechavam suavemente.

No degrau mais baixo, Gideon e Gabriel lutavam furiosamente contra um monstro mecânico de 3 metros com as mãos de espetos atacando como bastões. Gabriel tinha um corte largo no ombro do qual escorria sangue, mas ele e o irmão estavam destruindo a criatura, um pela frente, outro por trás. Jem deu um bote para enfiar a bengala-espada na cabeça de outro autômato. Os braços da criatura tremeram, e ele tentou recuar, mas a espada estava enterrada no crânio de metal. Ele soltou a lâmina, e, quando o autômato voltou, atacou-o nas pernas, tirando uma do chão. Este cambaleou para o lado e caiu sobre as pedras.

Mais próximo de Tessa, o chicote de Charlotte cortou o ar como um raio, arrancando o braço-besta do primeiro autômato. A criatura não desacelerou. Ao alcançá-la com o segundo braço, espatulado e cheio de garras, Tessa correu entre eles e empunhou a espada conforme Gideon havia ensinado, utilizando o corpo todo para imprimir força e atacando de cima para somar poder à gravidade do golpe.

A lâmina caiu e arrancou o segundo braço da criatura. Desta vez, um fluido negro vazou do ferimento. O autômato manteve a rota, curvando-se para atacar Charlotte com a cabeça, na qual havia uma lâmina curta e afiada. Ela gritou ao ser atingida na parte superior do braço. Em seguida, atacou com o chicote, e o electrum ouro-prata envolveu a garganta da criatura, apertando com força. Charlotte puxou de volta o pulso, e a cabeça, arrancada, caiu para o lado; finalmente a criatura despencou, com líquido escuro pulsando dos cortes no metal.

Tessa engasgou e jogou a cabeça para trás; o suor fazia seu cabelo grudar na testa e nas têmporas, mas ela precisava de ambas as mãos para pegar a espada pesada e não podia tirar o cabelo do rosto. Através dos olhos que ardiam, ela viu que Gabriel e Gideon tinham levado o autômato ao chão e estavam atacando; atrás deles, Henry desviou a tempo de escapar de um golpe da criatura que o encurralou contra a carruagem. A mão que parecia um taco socou a janela do veículo, e o vidro caiu sobre Jessamine, que gritou e cobriu a cabeça. Henry ergueu a lâmina serafim, enterrando-a no corpo do autômato. Tessa estava acostumada a ver lâminas serafim queimando demônios, reduzindo-os a nada, mas o autômato apenas cambaleou para trás e atacou novamente, com a lâmina enterrada no peito ardendo como uma tocha.

Com um berro, Charlotte começou a descer pelas escadas em direção ao marido. Tessa olhou em volta — e não viu Jem. Seu coração saltou. Deu um passo para a frente...

E uma figura escura se elevou diante dela, toda vestida de preto. Luvas e botas pretas. Tessa não viu nada além de um rosto branco como a neve cercado pelas dobras do capuz preto, tão terrível e familiar quanto um pesadelo recorrente.

— Olá, Srta. Gray — disse a Sra. Black.

Apesar de ter olhado em todas as salas possíveis, Will não conseguiu encontrar Cyril. Irritou-se com isso, e seu estado de espírito não melhorou com o encontro com Tessa na escada. Após dois meses de tanto cuidado que parecia estar caminhando sobre a ponta de uma faca, ele soltou tudo que estava sentindo, como sangue escorrendo de uma ferida aberta, e somente o chamado de Charlotte impediu que sua tolice se convertesse em desastre.

Ainda assim, a resposta de Tessa o incomodava enquanto ele atravessava o corredor e passava pela cozinha. *Dizem que uma pessoa não pode dividir o coração, no entanto...*

No entanto o quê? O que ela ia dizer?

A voz de Bridget veio da sala de jantar, onde Sophie fazia a limpeza.

"'Oh, mãe, mãe, faça minha cama,
Deixe-a macia e estreita.

Meu William morreu por amor a mim,
E eu morrerei de tristeza'.

Enterraram-na no velho quintal da igreja.
O túmulo do doce William era quase dela
E do túmulo crescia uma rosa vermelha, vermelha,
E dela, uma sarça.

Cresceram e cresceram pelo pináculo da velha igreja,
Até não poderem subir mais,
E se entrelaçaram em um verdadeiro laço de amor,
A rosa vermelha, vermelha, e a sarça."

Will estava imaginando distraidamente como Sophie conseguia não bater na cabeça de Bridget com uma travessa quando sentiu um choque como se tivesse sido atingido no peito. Cambaleou para trás, contra a parede, engasgando-se, e levou a mão à garganta. Sentiu algo batendo ali, como um segundo coração contra o seu. A corrente do pingente que Magnus lhe dera estava fria ao toque, e ele a puxou apressadamente da camisa e olhou enquanto a pedra pendurada se revelava — vermelho-escura e pulsando com uma luz escarlate como o centro de uma chama.

Aos poucos, tomou consciência de que a cantoria de Bridget havia cessado e que ambas as meninas estavam na entrada da sala de jantar, encarando-o com olhos arregalados de espanto. Ele soltou o pingente, permitindo que caísse sobre o peito.

— O que foi, Mestre Will? — perguntou Sophie. Tinha deixado de chamá-lo de Sr. Herondale quando a verdade sobre sua maldição veio à tona, apesar de, às vezes, ainda ter de decidir se gostava mesmo dele ou não. — Está tudo bem?

— Não sou eu — falou. — Precisamos descer, depressa. Alguma coisa muito errada aconteceu.

— Mas você está morta! — Tessa engasgou, recuando um passo. — Eu a vi morrer...

Ela se interrompeu com um grito quando longos braços metálicos surgiram por trás como fitas e a levantaram do chão. Sua espada caiu no chão quando a garra do autômato a apertou, e a Sra. Black deu aquele terrível sorriso frio.

— Ora, ora, Srta. Gray. Não está nem um pouco feliz em me ver? Afinal, fui a primeira a recebê-la na Inglaterra. Apesar de você ter se adaptado muito bem, devo dizer.

— Solte-me! — Tessa desferiu chutes, mas o autômato apenas bateu a cabeça na dela, fazendo-a morder o próprio lábio. Ela engasgou e cuspiu: saliva e sangue se espalharam sobre o rosto pálido da Sra. Black. — Prefiro morrer a ir com você...

A Irmã Sombria limpou o fluido com uma luva e uma careta de desdém.

— Infelizmente, isso não pode ser negociado. Mortmain a quer viva. — Ela estalou os dedos para o autômato. — Leve-a para a carruagem.

O autômato deu um passo para a frente, com Tessa no colo — e caiu. Tessa mal teve tempo de esticar os braços para amortecer a queda ao atingirem o chão, a criatura mecânica por cima dela. Sentiu uma dor agonizante no pulso direito, mas lutou assim mesmo e soltou um grito da garganta ao cair de lado e escorregar diversos degraus, o berro de frustração da Sra. Black ecoando em seus ouvidos.

Levantou os olhos, tonta. A Sra. Black havia desaparecido. O autômato que segurava Tessa se inclinou para o lado nos degraus, parte do corpo metálico cortada. Tessa conseguiu dar uma olhada no que havia dentro ao virar: peças, mecanismos e tubos claros bombeando um fluido repugnante. Jem estava atrás da criatura, arfando, respingado com o sangue negro e oleoso do autômato. Seu rosto estava pálido e rijo. Ele olhou rapidamente para ela, uma checada rápida para constatar que estava bem, e voltou ao ataque, cortando novamente o autômato e arrancando uma das pernas. O autômato teve espasmos, como uma cobra moribunda, e o braço remanescente se esticou, pegou Jem pelo calcanhar e puxou com força.

Os pés do menino voaram do chão, e ele caiu, rolando pelos degraus, preso em um terrível abraço ao monstro de metal. O barulho enquanto o autômato caía, de metal sendo arrastado pela pedra, era horrível. Ao atingirem o chão juntos, a força da queda os separou. Tessa observou, horrorizada, enquanto Jem se levantava tonto e cambaleante, o próprio sangue vermelho se misturando ao

fluido negro e manchando suas roupas. A bengala-espada havia desaparecido — ficara em um dos degraus de pedra onde ele a havia derrubado ao cair.

— *Jem* — sussurrou ela, e se ajoelhou. Tentou engatinhar para a frente, mas o pulso cedeu; caiu sobre os cotovelos e alcançou a bengala...

Exatamente quando braços a envolveram, levantando-a, e ela ouviu a voz da Sra. Black sibilando ao seu ouvido.

— Não lute, Srta. Gray, ou vai acabar muito mal para você, muito mal mesmo. — Tessa tentou girar e escapar, mas algo suave surgiu sobre sua boca e o nariz. Sentiu um cheiro doce e nauseante, e, em seguida, a escuridão dominou sua visão e a levou à inconsciência.

Com a lâmina serafim na mão, Will correu pela porta aberta do Instituto e se deparou com um cenário de caos.

A primeira reação foi procurar automaticamente por Tessa, que não estava em lugar algum — graças a Deus. Ela deve ter tido o bom senso de se esconder. Havia uma carruagem negra nos degraus da frente. Encolhida contra uma das rodas, entre uma pilha de vidro quebrado, encontrava-se Jessamine. Em ambos os lados da moça, estavam Henry e Charlotte: Henry com a espada e Charlotte com o chicote, lutando contra três autômatos de pernas compridas e braços de lâminas, as cabeças lisas e vazias. A bengala-espada de Jem estava no chão, totalmente escorregadio com fluido negro oleoso. Perto das portas, Gabriel e Gideon Lightwood combatiam contra outros dois autômatos com a competência de dois guerreiros que treinavam juntos havia anos. Cecily estava ajoelhada perto do corpo de um Irmão do Silêncio, cujas vestes apresentavam-se manchadas de sangue.

Os portões do Instituto estavam abertos, e, através deles, partia uma segunda carruagem preta, afastando-se em alta velocidade. Mas Will mal pensou nela, pois ao pé da escada viu Jem. Pálido como papel, mas ereto, recuava enquanto outro autômato vinha para cima dele. A criatura estava cambaleando, quase inebriada, metade da lateral do corpo e um braço arrancado, mas Jem estava inteiro.

A gravidade fria da batalha dominou Will, e tudo pareceu desacelerar ao seu redor. Notou que Sophie e Bridget, ambas armadas, se dividiram cada uma para um lado — Sophie correu para perto de Cecily, e Bridget, um rodopio de cabelos ruivos e lâminas cortantes, tratou de reduzir um autômato enorme a pedaços de

metal com uma ferocidade que em outro momento o teria espantado. Mas seu mundo havia se reduzido a autômatos e a Jem, que, levantando o olhar, viu-o e esticou a mão.

Saltando quatro degraus e deslizando para o lado, Will pegou a bengala-espada e a jogou para Jem. Ele a agarrou no ar exatamente quando o autômato avançou para ele, e Jem o cortou em dois. A parte superior caiu, apesar de as pernas e o tronco inferior, que agora bombeavam um excesso de fluidos negros e verdes nojentos, continuarem avançando. Jem girou para o lado e empunhou a espada outra vez, cortando a coisa nos joelhos. Finalmente ela caiu, e as partes soltas ainda tremendo.

Jem virou a cabeça e olhou para Will. Os olhares se encontraram por um segundo, e Will ofereceu um sorriso — mas Jem não retribuiu; estava branco como sal, e Will não conseguiu ler seus olhos. Será que estava machucado? Estava coberto por tanto óleo e fluido que Will não sabia se o amigo sangrava. A ansiedade o perfurava, e Will começou a descer pelas escadas em direção a Jem, mas antes que pudesse avançar mais do que alguns passos, Jem girou e correu para os portões. Enquanto Will observava, ele desapareceu através deles, sumindo pelas ruas de Londres.

Will correu; e foi contido ao pé da escada quando um autômato apareceu na sua frente, movendo-se tão acelerada e graciosamente quanto a água e bloqueando a passagem. Os braços eram longas tesouras; Will desviou quando uma delas tentou atacá-lo no rosto, e enterrou a lâmina serafim no peito.

Ouviu o ruído de metal derretendo, mas a criatura apenas cambaleou para trás e atacou de novo. Will abaixou-se para desviar dos braços afiados e pegou uma adaga do cinto. Ele girou para trás, esticando a lâmina — apenas para ver o autômato se destruir em tiras diante de seus olhos; grandes pedaços de metal descascando como uma casca de laranja. O fluido negro borbulhou e se espalhou pelo rosto quando a coisa caiu em pedaços amassados.

Ele observou. Bridget o olhou serenamente através do corpo destruído. Seus cabelos se destacavam ao redor da cabeça em uma confusão de cachos ruivos, e o avental branco estava coberto de sangue negro, mas ela não tinha nenhuma expressão.

— Deveria ser mais cuidadoso — disse ela. — Não acha?

Will perdeu a fala; felizmente, Bridget não parecia esperar resposta. Jogou o cabelo para o lado e foi na direção de Henry, que lutava contra um autômato particularmente assustador de, no mínimo, 4 metros. Henry tinha conseguido

arrancar um braço, mas o outro, uma monstruosidade comprida e articulada, com a ponta de lâmina curva semelhante a um *kindjal*, continuava atacando. Bridget chegou calmamente por trás e atacou a junta do tronco com sua lâmina. Faíscas voaram, e a criatura começou a cambalear para a frente. Jessamine, ainda encolhida contra a roda da carruagem, soltou um grito e começou a engatinhar para Will.

Will observou, surpreso e espantado, enquanto ela machucava as mãos e joelhos nos cacos de vidro da janela quebrada da carruagem, mas continuava rastejando. Em seguida, como se tivesse sido obrigado a agir, ele avançou, passando por Bridget, correndo até alcançar Jessie e a envolver nos braços, levantando-a do chão. Ela soltou um suspiro — o nome dele, achou — e, em seguida, esmoreceu em seu colo, com apenas as mãos firmes agarrando-o pela lapela.

Ele a afastou da carruagem, com os olhos atentos ao que acontecia no jardim. Charlotte havia despachado seu autômato, e Bridget e Henry estavam acabando com outro. Sophie, Gideon, Gabriel e Cecily tinham dois autômatos no chão entre si e os esfaqueavam como um assado de Natal. Jem não voltara.

— Will — chamou Jessie, com voz muito fraca. — Will, por favor, me ponha no chão.

— Preciso levá-la para dentro, Jessamine.

— Não. — Ela tossiu, e Will percebeu, horrorizado, que havia sangue escorrendo dos cantos de sua boca. — Não vou sobreviver muito tempo. Will... se algum dia se importou comigo, um mínimo que fosse, ponha-me no chão.

Will desceu para o pé da escada com Jessie nos braços, fazendo o possível para manter a cabeça dela apoiada em seu ombro. O sangue manchava seu pescoço e a frente do vestido branco, grudando o tecido ao corpo. Ela estava terrivelmente magra, a clavícula ressaltando como as asas de um pássaro, as bochechas côncavas. Parecia muito mais uma paciente de hospício do que a menina bonita que os deixara há apenas oito semanas.

— Jess — disse ele, suavemente. — Jessie. Onde você se feriu?

Ela sorriu uma espécie de sorriso fantasmagórico. A cor vermelha contornava as beiradas dos dentes.

— As garras de uma das criaturas perfuraram minhas costas — sussurrou, e, de fato, quando Will olhou para baixo, viu que a parte de trás do vestido estava ensopada de sangue. O sangue manchou as mãos, a calça, a camisa, e encheu sua

garganta com um terrível cheiro de cobre que o sufocava. — Penetrou meu coração. Posso sentir.

— Um *iratze*... — Will começou a procurar a estela no cinto.

— Nenhum *iratze* vai me ajudar agora. — A voz de Jessamine era firme.

— Então, os Irmãos do Silêncio...

— Nem os poderes deles podem me salvar. Além disso, não suportaria que voltassem a me tocar. Prefiro morrer. *Estou* morrendo e feliz com isso.

Will olhou para ela, espantado. Lembrava-se de quando Jessie chegou ao Instituto, com 14 anos e tão perversa quanto um gato zangado com todas as garras de fora. Ele nunca fora gentil com ela, nem ela com ele — ela jamais fora gentil com ninguém, além de Jem —, mas Jessie o poupou de ter de se arrepender. Mesmo assim, ele a admirava de um jeito estranho, venerava a força do ódio e a força da vontade.

— Jessie. — Will pôs a mão na bochecha dela, espalhando, desajeitado, o sangue.

— Não precisa. — Ela tossiu novamente. — Ser gentil comigo, quero dizer. Sei que me odeia.

— Não a odeio.

— Não me visitou nem uma vez na Cidade do Silêncio. Todos os outros foram. Tessa e Jem, Henry e Charlotte. Mas você não. Você não perdoa, Will.

— Não — disse ele, porque era verdade e porque parte do motivo pelo qual não gostava de Jessamine era que, de certo modo, ela o lembrava dele mesmo. — Jem é que sabe perdoar.

— E, no entanto, sempre gostei mais de você. — Os olhos passearam pensativos pelo rosto de Will. — Ah, não, não assim. Não pense nisso. Mas a forma como se odeia... Eu entendia. Jem sempre quis me dar uma chance, assim como Charlotte. Mas não quero presentes de corações generosos. Quero ser vista como sou. E como você não tem pena de mim, sei que se eu lhe pedir uma coisa, você vai fazer.

Ela respirou, engasgada. O sangue havia formado bolhas em sua boca. Will sabia o que isso significava: os pulmões estavam perfurados ou se dissolvendo, e ela estava se afogando no próprio sangue.

— O que é? — perguntou ele, com urgência. — O que quer que eu faça?

— Cuide deles — sussurrou. — Do bebê Jessie e das outras.

Will demorou um instante para perceber que ela estava falando das bonecas. Meu Deus.

— Não deixarei que destruam suas coisas, Jessamine.

Ela esboçou um sorriso.

— Pensei que talvez... não quisessem nada que lembrasse a mim.

— Ninguém odeia você, Jessamine. Seja qual for o mundo além deste, não embarque achando isso.

— Ah, não? — Os olhos dela estavam se fechando. — Apesar de que certamente teriam gostado mais de mim se eu tivesse revelado o paradeiro de Mortmain. Talvez assim não tivesse perdido seu amor.

— Conte-me agora. — Will insistiu. — Conte-me, se puder, e recupere esse amor...

— Idris — sussurrou ela.

— Jessamine, *sabemos* que isso não é verdade...

Os olhos de Jessamine se abriram. As partes brancas estavam manchadas de vermelho agora, como sangue na água.

— Você — disse ela. — Você, entre todas as pessoas, deveria ter entendido. — Os dedos enrijeceram subitamente, sofrendo espasmos sobre a lapela. — É um péssimo galês — falou, com dificuldade, e então seu peito se moveu uma última vez. Estava morta.

Olhos abertos, fixos no rosto dele. Ele os tocou levemente, fechando as pálpebras, deixando as marcas ensanguentadas do polegar e do indicador.

— *Ave atque vale*, Jessamine Lovelace.

— *Não!* — Fora Charlotte. Will levantou os olhos em um misto de choque para ver os outros reunidos ao seu redor: Charlotte encolhida nos braços de Henry; Cecily com olhos arregalados; e Bridget, com duas lâminas sujas de óleo, sem expressão. Atrás deles, Gideon estava na escada do Instituto ladeado pelo irmão e por Sophie. Estava inclinado para trás, muito pálido, sem o casaco; tinha uma tira de tecido amarrada na perna, e Gabriel aplicava o que parecia um símbolo de cura em seu braço.

Henry passou o nariz pelo pescoço de Charlotte e murmurou coisas reconfortantes para a esposa. Will olhou para eles, depois para a irmã.

— Jem — falou, e o nome era uma pergunta.

— Foi atrás de Tessa — respondeu Cecily. Estava olhando para Jessamine com uma mistura de pena e pavor.

Uma luz branca pareceu brilhar diante dos olhos de Will.

— *Foi atrás de Tessa*? Como assim?

— Um... um dos autômatos a pegou e a jogou dentro de uma carruagem. —

Cecily fraquejou com a força do tom dele. — Nenhum de nós podia seguir. As criaturas nos bloquearam. Então, Jem correu pelos portões. Presumi...

Will viu que suas mãos estavam cerradas, inconscientemente, nos braços de Jessamine, deixando marcas lívidas na pele.

— Alguém pegue Jessamine — disse asperamente. — Preciso ir atrás deles.

— Will, não... — começou Charlotte.

— *Charlotte*. — A palavra rasgou sua garganta. — Preciso ir...

Ouviu-se uma batida — o ruído dos portões do Instituto se fechando. A cabeça de Will se levantou, e ele viu Jem.

Os portões tinham acabado de fechar, e ele vinha na direção de todo mundo. Movia-se lentamente, como se estivesse bêbado ou ferido, e ao se aproximar, Will viu que estava coberto de sangue. O sangue negro dos autômatos, mas bastante sangue vermelho também — na camisa, manchando o rosto, as mãos e o cabelo.

Chegou perto deles e parou onde estava. Estava com a mesma expressão de Thomas quando Will o encontrou na escada do Instituto, sangrando e quase morto.

— James? — chamou Will.

Havia um mundo de perguntas naquela palavra.

— Ela se foi — respondeu Jem, com a voz seca e monocórdia. — Corri atrás da carruagem, mas era muito veloz e não consegui ser rápido o bastante. Eu os perdi perto do Temple Bar. — Ele desviou os olhos para Jessamine, mas nem pareceu enxergar o corpo nem Will o segurando ou qualquer outra coisa. — Se eu tivesse conseguido correr mais depressa... — falou, e, em seguida se curvou como se tivesse sido atingido, uma tosse o rasgando. Atingiu o chão com os joelhos e os cotovelos, e o sangue se espalhou a seus pés. Arranhou a pedra com os dedos. Em seguida, rolou de costas e ficou imóvel.

10

Como Água na Areia

Espantava-me que outros, sujeitos à morte, viviam, considerando aquele a quem amei, como se não devesse morrer jamais, estava morto; e espantei-me que eu, que era para ele uma segunda vida, pudesse viver, estando ele morto. Bem disse um de seus amigos, "tu, metade da minha alma"; pois sentia que minha alma e a dele eram "uma alma em dois corpos": portanto, minha vida era um horror para mim, pois não podia viver pela metade. E, portanto, eu talvez temesse morrer, com receio de que aquele que amei morresse por inteiro.

— Santo Agostinho, "Confissões, Livro IV"

Cecily abriu a porta do quarto de Jem com as pontas dos dedos e olhou para dentro.

O quarto estava silencioso, porém movimentado. Dois Irmãos do Silêncio se encontravam ao lado da cama de Jem, com Charlotte entre eles. Ela estava com o rosto sério e manchado de lágrimas. Will se ajoelhava ao lado da cama, ainda com as roupas ensanguentadas da luta. Estava com a cabeça abaixada sobre os braços cruzados e parecia rezar. Parecia jovem, vulnerável e desesperado, e, apesar dos sentimentos conflituosos, parte de Cecily queria entrar e confortá-lo.

O restante dela viu a figura branca e imóvel, deitada na cama, e se conteve. Estava aqui havia tão pouco tempo; a única sensação que tinha era a de estar invadindo a vida dos habitantes do Instituto — a dor, a tristeza.

Mas ela *precisava* falar com Will. Tinha de falar. Avançou...

E sentiu a mão de alguém no ombro, puxando-a. Suas costas atingiram a parede do corredor, e Gabriel Lightwood imediatamente a soltou.

Ela o olhou, surpresa. Ele parecia exausto, os olhos verdes sombreados, vestígios de sangue nos cabelos e nos punhos da camisa. O colarinho estava molhado. Claramente vinha do quarto do irmão. Gideon sofreu um ferimento sério na perna ao ser atacado pelo autômato, e, apesar de os *iratzes* terem

ajudado, parecia haver um limite para o que podiam curar. Tanto Sophie quanto Gabriel o ajudaram a ir para o quarto, apesar de ele ter protestado, dizendo que toda a atenção disponível deveria ser concedida a Jem.

— Não entre aí — falou Gabriel, com a voz baixa. — Estão tentando salvar Jem. Seu irmão tem de estar lá, apoiá-lo.

— Estar lá? O que ele pode fazer? Will não é médico.

— Mesmo inconsciente, James extrai energia do *parabatai*.

— Preciso falar com Will, só por um instante.

Gabriel passou as mãos nos cabelos emaranhados.

— Não convive com Caçadores de Sombras há muito tempo — disse. — Pode não entender. Perder seu *parabatai* não é algo pequeno. É tão sério quanto perder um cônjuge ou um irmão. É como se fosse você naquela cama.

— Will não se importaria tanto se fosse eu naquela cama.

Gabriel riu.

— Seu irmão não se preocuparia em me mandar ficar longe de você se não se importasse, Srta. Herondale.

— Não, ele não gosta muito de você. Por quê? E por que está me dando conselhos sobre ele? Você também não gosta dele.

— Não — disse Gabriel. — Não é bem assim. Eu não *gosto* de Will Herondale. Há anos não gostamos um do outro. Aliás, ele já quebrou meu braço uma vez.

— Quebrou? — As sobrancelhas de Cecily se elevaram.

— E, no entanto, estou começando a perceber que muitas coisas que sempre achei certas, na verdade, não o são. E Will é uma delas. Eu o considerava um patife, mas Gideon me falou mais sobre ele, e estou começando a entender que ele tem um senso de honra muito peculiar.

— E você respeita isso.

— Quero respeitar. Quero entender. E James Carstairs é um dos melhores de nós; mesmo que eu detestasse Will, eu preferia que ele fosse poupado agora, por causa de Jem.

— O que preciso contar ao meu irmão — disse Cecily. — Jem gostaria que ele soubesse. É muito importante. E só vai levar um instante.

Gabriel esfregou a pele das têmporas. Era tão alto — parecia uma torre sobre Cecily, de tão esguio. O rosto era anguloso, não exatamente bonito, mas elegante, e o lábio inferior tinha a forma quase exata de um arco.

— Muito bem — disse. — Vou entrar e chamá-lo.

— Por que você? E não eu?

— Se ele estiver irritado, se estiver dominado pela dor, é melhor que eu veja, e que ele se enfureça comigo, não com você — explicou Gabriel calmamente. — Estou confiando em você, Srta. Herondale, de que se trata de um assunto importante. Espero que não me decepcione.

Cecily não disse nada, apenas observou enquanto Gabriel abria a porta e entrava. Ela se apoiou na parede com o coração acelerado enquanto um murmúrio de vozes vinha de dentro. Ouviu Charlotte falar alguma coisa sobre símbolos de reposição de sangue, que aparentemente eram perigosos — então a porta se abriu, e Gabriel surgiu.

Ela se levantou.

— Will...

Os olhos de Gabriel brilharam para ela, e um instante mais tarde Will apareceu, logo atrás de Gabriel, esticando o braço para fechar a porta atrás de si. Gabriel acenou com a cabeça para Cecily e saiu pelo corredor, deixando-a sozinha com o irmão.

Ela sempre imaginou como alguém podia ficar sozinho com outra pessoa. Se estava com alguém, então, por definição, ela *não* estava sozinha, certo? Mas sentia-se completamente sozinha agora. Ele sequer parecia irritado. Apoiou-se contra a parede perto da porta, ao lado dela, e, mesmo assim, parecia tão vazio quanto um fantasma.

— Will — disse ela.

Ele não pareceu escutar. Tremia, e as mãos balançavam de cansaço e tensão.

— Gwilym Owain — disse novamente, com mais suavidade.

Ele virou a cabeça para finalmente olhar para ela, apesar de estar com os olhos tão azuis e frios quanto as águas de Llyn Mwyngil no abrigo das montanhas.

— Vim para cá aos 12 anos — disse ele.

— Eu sei — respondeu Cecily, espantada. Será que ele achava que ela poderia se esquecer disso? Perder Ella, depois Will, seu amado irmão mais velho, em uma mera questão de dias? Mas Will nem pareceu ouvir.

— Foi precisamente no dia 10 de novembro daquele ano. E todos os anos depois do primeiro, nesta mesma data, eu ficava de mau humor. Era nessa data, nela e no dia do meu aniversário, que eu mais me lembrava de mamãe, papai e você. Sabia que estavam vivos, bem, que me queriam de volta, e eu não podia ir,

sequer podia mandar uma carta. Escrevi dezenas, é claro, e queimei todas elas. Vocês precisavam me odiar e me culpar pela morte de Ella.

— Nunca o culpamos...

— Depois daquele primeiro ano, apesar de ainda temer a aproximação da data, comecei a descobrir que Jem tinha uma coisa que simplesmente *tinha* de fazer no dia 10 de novembro, algum exercício de treinamento, alguma busca que nos levasse para um ponto afastado da cidade naquele clima frio e úmido de inverno. E eu brigava muito com ele por isso, é claro. Às vezes, o frio úmido o deixava doente ou ele se esquecia dos remédios e ficava doente no dia, tossindo sangue e preso a uma cama, e isso também servia como distração. E só depois que aconteceu pela terceira vez, pois sou muito tolo, Cecy, e só penso em mim, foi que percebi que era claro que ele estava fazendo aquilo *por* mim. Ele havia percebido a data e estava fazendo o possível para me afastar da melancolia.

Cecy ficou parada, em choque, olhando para ele. Apesar das palavras que martelavam sua cabeça, ela não conseguia falar nada, pois foi como se o véu de anos tivesse caído e ela finalmente enxergasse o irmão, como ele era quando criança, cuidando desajeitadamente dela quando ficava doente, dormindo no sofá em frente à lareira com um livro aberto no peito, saindo do lago, rindo e sacudindo água do cabelo preto. Will, sem qualquer barreira entre ele e o mundo.

Ele se abraçou como se estivesse com frio.

— Não sei ficar sem ele — disse. — Tessa se foi, e cada momento em que ela não está aqui é como uma faca me cortando por dentro. Ela se foi, e não podem rastreá-la, e não faço ideia de para onde ir ou o que fazer em seguida, e a única pessoa para a qual posso me imaginar falando sobre minha agonia é a pessoa que não pode saber. Mesmo que ele não estivesse morrendo.

— Will. *Will*. — Cecily colocou a mão no braço dele. — Por favor, ouça. Quero falar sobre Tessa. Acho que sei onde Mortmain está.

Com isso, ele arregalou os olhos.

— Como *você* poderia saber?

— Eu estava perto o bastante para ouvir o que Jessamine disse antes de morrer — respondeu Cecily, sentindo o sangue pulsar sob a pele do irmão. O coração estava acelerado. — Ela falou que você é um péssimo galês.

— Jessamine? — Will soou espantado, e Cecily percebeu os olhos do irmão cerrando de leve. Talvez, inconscientemente, ele estivesse começando a seguir a mesma linha de pensamento dela.

— Ela falou que Mortmain estava em Idris. Mas a Clave sabe que não — falou Cecily rapidamente. — Você não conhecia Mortmain quando ele morava em Gales, mas eu sim. Ele conhece bem o lugar. Crescemos à sombra da montanha, Will. *Pense*.

Will olhou para ela.

— Não acha que... Cadair Idris?

— Ele conhece aquelas montanhas, Will — falou. — E acharia engraçado, uma grande zombaria com você e todos os Nephilim. Ele a levou exatamente para o local de onde você fugiu. Ele a levou para nossa casa.

— Caldo? — disse Gideon, pegando a caneca de Sophie. — Estou me sentindo uma criança outra vez.

— Tem tempero e vinho. Vai lhe fazer bem. Fortalecer seu sangue. — Sophie ficou por ali, sem olhar diretamente para Gideon enquanto repousava a bandeja na cabeceira ao lado da cama. Ele estava sentado, uma das pernas da calça cortada abaixo do joelho, e a perna, enfaixada. O cabelo continuava desalinhado por causa da briga, e, apesar de ele ter recebido roupas limpas, ainda cheirava levemente a sangue e suor.

— *Isto* fortalece meu sangue — disse, estendendo um braço no qual dois símbolos de reposição de sangue, *sangliers*, tinham sido marcados.

— Isso quer dizer que também não gosta de caldo? — perguntou ela, com as mãos nos quadris. Ainda se lembrava do quão irritada estava por causa dos bolinhos, mas o perdoara totalmente na noite anterior quando leu a carta para o Cônsul (que ela ainda não tinha conseguido enviar, continuava no bolso do avental ensanguentado). Quando o autômato o atacou na perna nos degraus do Instituto e ele caiu com sangue jorrando da ferida aberta, o coração dela pulou com um pavor que a surpreendeu.

— Ninguém gosta de caldo — respondeu ele, com um sorriso fraco, porém charmoso.

— Tenho de ficar e me certificar de que vai tomá-lo; ou vai jogá-lo embaixo da cama? Porque aí teremos problemas de ratos.

Ele teve a decência de parecer envergonhado; Sophie gostaria de ter estado presente quando Bridget entrou e anunciou que estava ali para limpar os bolinhos debaixo da cama.

— Sophie — disse ele, e quando ela lhe olhou com severidade, tomou um gole apressado do caldo. — Srta. Collins. Ainda não tive a chance de me desculpar adequadamente, então, por favor, me permita fazê-lo agora. Por favor, me perdoe pelo truque que apliquei em você com os bolos. Não tive a intenção de ser desrespeitoso. Espero que não pense que não lhe dou importância por causa de sua função na casa, pois você é uma das damas mais corajosas que já tive o prazer de conhecer.

Sophie tirou as mãos dos quadris.

— Bem — falou. Não são muitos os cavalheiros que pediriam desculpas a uma criada. — Foi um belo pedido de desculpas.

— E tenho certeza de que os bolinhos são muito bons — acrescentou apressadamente. — Simplesmente não gosto de bolos. Jamais gostei. Nada contra *seus* bolos.

— Por favor, pare de falar a palavra "bolos", Sr. Lightwood.

— Tudo bem.

— E não são meus bolos. Bridget os fez.

— Tudo bem.

— E você não está tomando o caldo.

Ele abriu a boca, em seguida fechou-a apressadamente e ergueu a caneca. Quando olhou para ela sobre a borda, ela teve compaixão e sorriu. Os olhos dele se acenderam.

— Muito bem — disse ela. — Você não gosta de bolinhos. O que acha de pão de ló?

Era o meio da tarde, e o sol estava alto e fraco no céu. Mais ou menos uma dúzia de Caçadores de Sombras do Enclave e diversos Irmãos do Silêncio se espalhavam pela propriedade do Instituto. Mais cedo, tinham levado Jessamine e o corpo do Irmão do Silêncio morto, cujo nome Cecily não sabia. Pôde ouvir vozes no jardim, e o tilintar de metais, enquanto o Enclave analisava os restos do ataque dos autômatos.

Na sala de estar, no entanto, o barulho mais alto de todos era o tique-taque do relógio no canto. As cortinas estavam abertas, e, à luz fraca do sol, o Cônsul estava com o rosto franzido, os braços cruzados sobre o peito.

— Isto é loucura, Charlotte — disse. — Extrema loucura e baseada nas conclusões de uma criança.

— Não sou uma criança — disparou Cecily. Estava sentada em uma cadeira na frente da lareira, a mesma onde Will dormira na noite anterior; fazia tão pouco tempo assim? Will ficou ao lado dela, sorrindo. Não tinha trocado de roupa. Henry estava no quarto de Jem com os Irmãos do Silêncio; Jem ainda não tinha recobrado a consciência, e só a chegada do Cônsul foi capaz de tirar Charlotte e Will de seu lado. — E meus pais conheceram Mortmain, como bem sabem. Ele fez amizade com minha família, com meu pai. Ele nos deu o Solar Ravenscar quando meu pai... quando perdemos nossa casa perto de Dolgellau.

— É verdade — disse Charlotte, que estava atrás da mesa, papéis espalhados pela superfície. — Contei a você no verão o que Ragnor Fell revelou sobre os Herondale.

Will tirou as mãos dos bolsos da calça e olhou furiosamente para o Cônsul.

— Foi uma piada para Mortmain, dar aquela casa para minha família! Ele brincou conosco. Por que não estenderia a brincadeira?

— Aqui, Josiah — disse Charlotte, indicando um dos papéis na frente dela. Um mapa de Gales. — Existe um lago Lyn em Idris... e aqui, lago Ta-y-Llyn ao pé de Cadair Idris...

— "Llyn" quer dizer "lago" — explicou Cecily, em tom exasperado. — E chamamos de Llyn Mwyngil, apesar de alguns se referirem a ele como Tal-y-Llyn...

— E provavelmente há outras localidades no mundo com o nome de Idris — irritou-se o Cônsul, antes de parecer perceber que estava discutindo com uma menina de 15 anos e se conter.

— Mas este aqui *significa alguma coisa* — disse Will. — Dizem que os lagos que cercam as montanhas não têm fundo, que a montanha em si é oca, e dentro jazem os Cŵn Annwn, os Cães do Submundo.

— A Caça Selvagem — disse Charlotte.

— Sim. — Will puxou o cabelo escuro para trás. — Somos Nephilim. Acreditamos em lendas, mitos. *Todas as histórias são verdadeiras*. Que lugar pode ser melhor do que uma montanha oca, que Mortmain já associou a magia negra e presságios de morte, para se esconder junto com suas engenhocas? Ninguém ficaria impressionado se ruídos estranhos viessem da montanha, e nenhum habitante da região investigaria. Por que ele sequer estaria nesta área? Sempre fiquei imaginando qual era o motivo de seu interesse pela minha família. Talvez tenha sido uma simples proximidade, a oportunidade de incomodar uma família Nephilim. Ele não teria sido capaz de resistir.

O Cônsul estava apoiado sobre a mesa, os olhos no mapa sob as mãos de Charlotte.

— Não é suficiente.

— Não é suficiente? Suficiente para quê? — gritou Cecily.

— Para convencer a Clave. — O Cônsul se levantou. — Charlotte, *você* vai entender. Para lançar uma investida contra Mortmain pelo palpite de que ele está em Gales, teremos de convocar uma reunião do Conselho. Não podemos enviar poucos e correr o risco de sermos superados em número, principalmente quando os adversários são aquelas criaturas. Quantos havia aqui na manhã do ataque?

— Seis ou sete, sem contar o que levou Tessa — relatou Charlotte. — Acreditamos que sejam dobráveis e, portanto, capazes de caber nos confins apertados de uma carruagem.

— E acredito que Mortmain não tenha percebido que Gabriel e Gideon Lightwood estariam aqui e, com isso, subestimou a quantidade necessária de autômatos. Do contrário, desconfio que estariam todos mortos.

— Esqueça os Lightwood — murmurou Will. — Acho que ele subestimou Bridget. Ela cortou aquelas criaturas como se fossem perus de Natal.

O Cônsul jogou as mãos para o alto.

— Nós lemos os papéis de Benedict Lightwood. Neles, está escrito que a fortaleza de Mortmain fica nos arredores de Londres e que Mortmain pretende enviar uma força contra o Enclave de Londres...

— Benedict Lightwood estava enlouquecendo quando escreveu isso. — Charlotte o interrompeu. — Parece provável que Mortmain fosse compartilhar com ele seus verdadeiros planos?

— E o que vem depois e depois? — A voz do Cônsul estava irritadiça, mas também mortalmente fria. — Benedict não tinha motivo para mentir nos próprios diários, Charlotte, que *você* não deveria ter lido. Se não vivesse convencida de que deve saber mais do que o Conselho, você os entregaria imediatamente. Tais atos de desobediência não me inclinam a confiar em você. Se quiser, pode tratar desta questão de Gales com o Conselho quando nos reunirmos daqui a quinze dias...

— Quinze dias? — A voz de Will se elevou; estava pálido, com manchas vermelhas destacadas nas maçãs do rosto. — Tessa foi levada *hoje*. Ela não tem quinze dias.

— O Magistrado a quer em perfeitas condições. Você sabe disso, Will — disse Charlotte, com voz suave.

— Ele também quer se casar com ela! Não acha que ela detestaria se tornar o brinquedo dele tanto quanto detestaria a própria morte? Ela pode se casar ainda hoje...

— E para o diabo se o fizer! — disse o Cônsul. — Uma menina, e que não é Nephilim, não é, *não pode* ser nossa prioridade!

— Ela é *minha* prioridade! — gritou Will.

Fez-se silêncio. Cecily pôde ouvir o som da madeira úmida estalando na lareira. A fumaça que manchava as janelas era amarelo-escura, e o rosto do Cônsul estava imerso nas sombras. Finalmente:

— Pensei que ela fosse noiva do seu *parabatai* — disse ele rigidamente. — E não sua.

Will elevou o queixo.

— Se ela é noiva de Jem, então tenho a obrigação de cuidar dela como se fosse minha. É isso que significa ser *parabatai*.

— Ah, sim. — A voz do Cônsul destilava sarcasmo. — Tanta lealdade é admirável. — Balançou a cabeça. — Esses Herondale. Teimosos como mulas. Lembro-me de quando seu pai queria casar com sua mãe. Nada poderia dissuadi-lo, apesar de ela não ser candidata à Ascensão. Eu esperava mais responsabilidade dos filhos.

— Perdoe a mim e a minha irmã se discordamos — disse Will —, considerando que, se meu pai tivesse sido mais responsável, como diz, nós não existiríamos.

O Cônsul balançou a cabeça.

— Esta é uma guerra — disse. — Não um resgate.

— E ela não é só uma menina — completou Charlotte. — É uma arma nas mãos do inimigo. Estou avisando, Mortmain pretende usá-la contra nós.

— Basta. — O Cônsul pegou o casaco das costas de uma cadeira e o vestiu. — Esta é uma conversa sem propósito. Charlotte, cuide de seus Caçadores de Sombras — passou os olhos sobre Will e Cecily. — Eles me parecem... exaltados demais.

— Vejo que não podemos forçar sua cooperação, Cônsul. — O rosto de Charlotte parecia um trovão. — Mas lembre-se de que vou registrar tê-lo alertado sobre a situação. Se no fim estivermos certos, e desastres resultarem deste atraso, quem responderá será você.

Cecily esperava que o Cônsul fosse parecer irritado, mas ele apenas puxou o capuz, escondendo as feições.

— É isso que significa ser Cônsul, Charlotte.

Sangue. Sangue nas pedras do jardim. Sangue manchando as escadas da casa. Sangue nas folhas das plantas, os restos do que outrora fora o cunhado de Gabriel em uma poça de sangue secando, jatos quentes de sangue respingando no uniforme de Gabriel quando a flecha atingiu o olho de seu pai...

— Está arrependido da decisão de permanecer no Instituto, Gabriel? — A voz fria e familiar interrompeu os pensamentos febris de Gabriel, que levantou o olhar, engasgando.

O Cônsul erguia-se diante dele, banhado pela fraca luz do sol. Ele estava com um casaco pesado, luvas e uma expressão como se Gabriel tivesse feito algo para entretê-lo.

— Eu... — Gabriel recobrou o fôlego e forçou as palavras a saírem direito. — Não. Claro que não.

O Cônsul ergueu uma das sobrancelhas.

— Deve ser por isso que está agachado aqui na lateral da igreja, as roupas manchadas de sangue, parecendo apavorado com a possibilidade de alguém encontrá-lo.

Gabriel se levantou, grato pela parede de pedra atrás dele, sustentando-o. Olhou para o Cônsul.

— Está sugerindo que não lutei? Que fugi?

— Não estou sugerindo nada — disse o Cônsul, calmamente. — Sei que ficou. Sei que seu irmão se feriu...

Gabriel respirou fundo, e os olhos do Cônsul se estreitaram.

— Ah — disse ele. — Então é isso, não é? Viu seu pai morrer e achou que fosse ver o irmão morrer também?

Gabriel queria arranhar a parede atrás dele. Queria bater no rosto debochado e falsamente solidário do Cônsul. Queria correr para o andar de cima e se jogar ao lado da cama do irmão, se recusar a sair, como Will fez com Jem até Gabriel forçá-lo a se retirar. Will era um irmão melhor para Jem do que Gabriel para Gideon, pensou amargamente, e os primeiros sequer tinham laços consanguíneos. Em parte, foi isso que o fez correr do Instituto para este esconderijo atrás dos estábulos. Certamente ninguém o procuraria lá, disse a si mesmo.

Enganou-se. Mas enganava-se com tanta frequência... que diferença fazia mais uma vez?

— Você viu seu irmão sangrar — disse o Cônsul, ainda com a mesma voz moderada. — E se lembrou...

— Eu matei meu pai — disse Gabriel. — Atirei uma flecha no olho dele... derramei seu sangue. Acha que não sei o que isso significa? O sangue dele gritará por mim do chão, como o de Abel gritou por Caim. Todos dizem que ele não era mais meu pai, mas ainda assim era tudo que restara dele. Já foi um Lightwood. E Gideon poderia ter sido morto hoje. Perdê-lo também...

— Entendeu o que eu quis dizer — disse o Cônsul. — Quando falei sobre Charlotte e a recusa dela em obedecer a Lei. O custo de vida que engendra. Poderia ter sido a vida do seu irmão a sacrificada pelo orgulho presunçoso dela.

— Ela não parece orgulhosa.

— Foi por isso que me mandou isto? — O Cônsul retirou do bolso do casaco a primeira carta enviada por Gabriel e Gideon. Olhou para o papel com desdém e o deixou cair no chão. — Esta carta ridícula, feita para me irritar?

— Funcionou?

Por um instante, Gabriel achou que o Cônsul fosse agredi-lo. Mas o olhar de raiva passou rapidamente; quando voltou a falar, foi com calma.

— Suponho que eu não deveria ter esperado que um Lightwood fosse reagir bem à chantagem. Seu pai não teria gostado. Confesso que pensei que vocês fossem mais fracos.

— Se você pretende tentar outra forma de me persuadir, não se incomode — disse Gabriel. — Não adianta.

— Sério? Você é tão leal a Charlotte Branwell, mesmo depois de tudo que a família dela fez com a sua? De Gideon, eu poderia esperar isso... ele puxou à mãe. Confia muito nas pessoas. Mas de você, não, Gabriel. De você eu esperava mais orgulho no sangue.

Gabriel deixou a cabeça cair para trás contra a parede.

— Não tinha nada — disse ele. — Entendeu? Não tinha nada na correspondência de Charlotte que possa interessar a você, ou a *qualquer pessoa*. Você disse que acabaria conosco se não relatássemos as atividades dela, mas não havia o que relatar. Você não nos deu escolha.

— Poderia ter me contado a verdade.

— Você não quis ouvir — disse Gabriel. — Não sou tolo, nem meu irmão. Você quer que Charlotte perca o cargo de diretora do Instituto, mas não quer

que fique claro demais que foi sua mão que a removeu. Gostaria de descobrir o envolvimento dela em alguma atividade ilegal. Mas a verdade é que não há nada a ser descoberto.

— A verdade é maleável. A verdade pode ser descoberta, certamente, mas também pode ser criada.

O olhar de Gabriel se voltou para o rosto do Cônsul.

— Preferia que eu mentisse para você?

— Oh, não — disse o Cônsul. — Não para *mim*. — Ele colocou a mão no ombro de Gabriel. — Os Lightwood sempre tiveram honra. Seu pai cometeu erros. Vocês não devem ter de pagar por isso. Deixe-me devolver o que perderam. Deixe-me devolvê-los a Casa dos Lightwood e o bom nome da sua família. Você poderia morar na casa com seus irmãos. Não precisa depender da caridade do Enclave.

Caridade. A palavra era amarga. Gabriel pensou no sangue do irmão nas pedras do Instituto. Se Charlotte não tivesse sido tão tola, tão determinada a aceitar a menina capaz de mudar de forma no coração do Instituto contra as objeções da Clave e do Cônsul, o Magistrado não teria enviado suas forças contra o Instituto. O sangue de Gideon não teria sido derramado.

Aliás, sussurrou uma vozinha no fundo de sua mente, *se não fosse por Charlotte, o segredo do meu pai teria permanecido secreto*. Benedict não teria sido forçado a trair o Magistrado. Não teria perdido a fonte de drogas que controlava a *astriola*. Talvez jamais tivesse se transformado. Os filhos poderiam nunca ter descoberto seus pecados. Os Lightwood poderiam ter continuado a vida na ignorância.

— Gabriel — disse o Cônsul. — Esta oferta é somente para você. Precisa escondê-la do seu irmão. Ele é como sua mãe, leal demais. Leal a Charlotte. A lealdade errada pode lhe dar crédito, mas não vai nos ajudar. Diga a ele que me cansei de suas bobagens; diga que não quero mais nada de vocês. Você é um bom mentiroso. — Ele deu um sorriso amargo. — E tenho certeza de que pode convencê-lo. O que me diz?

Gabriel tensionou o maxilar.

— O que quer que eu faça?

Will se ajeitou na cadeira ao lado da cama de Jem. Já estava ali havia horas, e a coluna estava começando a enrijecer, mas se recusava a sair. Sempre havia a

chance de que Jem acordasse e esperasse encontrá-lo ali.

Pelo menos não estava frio. Bridget havia acendido a lareira; a madeira úmida estalava e chiava, causando algumas explosões de faísca ocasionais. A noite lá fora estava escura, sem qualquer sombra de azul ou nuvens, simplesmente negra, como se tivesse sido pintada no vidro.

O violino de Jem estava apoiado ao pé da cama, e a bengala, ainda suja com sangue da luta no jardim, ao lado. O próprio Jem estava imóvel, apoiado em almofadas, o rosto pálido. Will teve a sensação de estar vendo-o pela primeira vez após uma longa ausência, por aquele breve instante em que você consegue notar mudanças em rostos familiares antes que estes se tornem parte do cenário mais uma vez. Jem parecia tão magro — como Will não notou? —, com toda a carne extra ausente dos ossos da bochecha, do queixo e da testa, então ele era todo concavidade e ângulos. Havia um fraco brilho azul nas pálpebras fechadas e na boca. A clavícula se curvava como a proa de um navio.

Will se repreendeu. Como não percebeu nesses meses que Jem estava morrendo — tão depressa, tão cedo? Como não viu a foice e a sombra?

— Will — sussurraram à porta. Ele levantou o olhar e viu Charlotte ali, com a cabeça no vão da entrada. — Tem... alguém aqui para vê-lo.

Will piscou, Charlotte saiu do caminho, e Magnus Bane passou por ela e entrou no quarto. Por um instante, Will não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Ele diz que você o chamou — declarou Charlotte, soando um tanto desconfiada. Magnus se levantou, parecendo indiferente, com um terno cinza-escuro. Tirava lentamente as luvas cinzentas das mãos finas e morenas.

— Eu *realmente* o chamei — disse Will, sentindo-se como se estivesse acordando. — Obrigado, Charlotte.

Charlotte lançou um olhar que misturava solidariedade e a mensagem silenciosa que dizia *a responsabilidade é sua, Will Herondale*, e saiu, fechando a porta silenciosamente.

— Você veio — disse Will, ciente de que soava tolo. Ele jamais gostava quando as pessoas faziam observações tolas em voz alta, e aqui estava, fazendo justamente isso. Não conseguia se livrar da sensação de confusão. Ver Magnus ali, no meio do quarto de Jem, era como ver uma fada sentada entre os advogados de perucas brancas no Tribunal Criminal da Inglaterra.

Magnus deixou as luvas sobre a mesa e foi para perto da cama. Ele esticou a mão para se apoiar contra uma das colunas enquanto olhava Jem, tão parado e

pálido que podia ser uma estátua sobre um túmulo.

— James Carstairs — falou, murmurando as palavras como se tivessem algum poder de encanto.

— Ele está morrendo — disse Will.

— Isso é evidente. — Poderia ter soado frio, mas havia mundos de tristeza na voz de Magnus, uma tristeza que Will sentiu com um choque de familiaridade. — Achei que acreditasse que ele tinha alguns dias, uma semana, talvez.

— Não é só a falta da droga. — A voz de Will soou triste; ele limpou a garganta. — Aliás, ainda temos um pouquinho e já administramos. Mas houve uma luta hoje à tarde e ele perdeu sangue e enfraqueceu. Não está forte o suficiente, tememos, para se recuperar.

Magnus esticou a mão e, com grande gentileza, levantou a de Jem. Havia hematomas em seus dedos pálidos, e as veias azuladas corriam como um mapa de rios sob a pele do pulso.

— Ele está sofrendo?

— Não sei.

— Talvez fosse melhor deixá-lo morrer. — Magnus olhou para Will, com os escuros olhos verde-dourados. — Toda vida é finita, Will. E você sabia, quando o escolheu, que ele iria primeiro.

Will fixou o olhar à frente. Teve a sensação de estar atravessando um túnel escuro, que não tinha fim, sem laterais para segurar e desacelerar a queda.

— Se acha que isso seria o melhor para ele.

— Will. — A voz de Magnus era gentil, porém, urgente. — Você me trouxe aqui porque achava que eu pudesse ajudar?

Will levantou os olhos cegamente.

— Não sei por que o chamei — respondeu. — Não acho que tenha sido por acreditar que houvesse algo que podia fazer. Acredito que pensei que você fosse o único capaz de entender.

Magnus pareceu surpreso.

— O único capaz de entender?

— Você viveu tanto — disse Will. — Deve ter visto tantas pessoas morrerem, tantas que amava. E, no entanto, sobreviveu e continuou.

Magnus ainda parecia espantado.

— Você me chamou aqui... um feiticeiro ao Instituto, logo após uma batalha em que quase morreram... para *conversar*?

— É fácil conversar com você — disse Will. — Não sei por quê.

Magnus balançou a cabeça lentamente e se apoiou no poste da cama.

— Você é *tão* jovem — murmurou. — Mas, pensando bem, acho que um Caçador de Sombras nunca me chamou só para passar o tempo com ele.

— Não sei o que fazer — disse Will. — Mortmain levou Tessa, e agora acho que sei onde ela pode estar. Parte de mim não quer nada além de correr atrás dela. Mas não posso deixar Jem. Fiz um juramento. E se ele acordar no meio da noite e descobrir que não estou aqui? — Ele parecia uma criança perdida. — Vai achar que o deixei por vontade própria, sem me importar com o fato de que estava morrendo. Ele não vai saber. Contudo, se pudesse falar, não me mandaria procurar Tessa? Não seria isso que ia querer? — Will abaixou a cabeça. — Não sei dizer, e isso está me destruindo.

Magnus o olhou em silêncio por um longo momento.

— Ele não sabe que você está apaixonado por Tessa?

— Não. — Will levantou o rosto, chocado. — Não. Nunca falei uma palavra. Não é seu fardo para sustentar.

Magnus respirou fundo e falou gentilmente.

— Will. Você pediu minha sabedoria, como alguém que viveu muito tempo e enterrou muitos amores. Posso lhe dizer que o fim de uma vida é a soma do amor que ela viveu, que o que quer que você pense que jurou, estar presente no fim da vida de Jem não é o que importa. O que conta foi ter estado aqui ao longo de todo o resto. Desde que o conheceu, jamais o deixou e nunca parou de amá-lo. *Isso* que importa.

— Está sendo sincero — falou Will, contemplativo, e em seguida: — Por que está sendo tão gentil comigo? Ainda lhe devo um favor, não devo? Eu me lembro, apesar de você nunca ter cobrado.

— Não cobrei? — disse Magnus, e, em seguida, sorriu para ele. — Will, você me trata como um ser humano, uma pessoa como você; é muito raro um Caçador de Sombras que trata um feiticeiro assim. Não sou tão insensível a ponto de cobrar favor de um menino que está sofrendo. Um rapaz que eu acho, aliás, que será um grande homem um dia. Então lhe digo o seguinte. Ficarei aqui quando você for, cuidarei de Jem por você e, se ele acordar, explicarei aonde foi e que fez isso por ele. E farei o possível para preservá-lo vivo: não tenho *yin fen*, mas tenho magia, e talvez possa encontrar alguma coisa em um velho livro de feitiços.

— Eu consideraria um imenso favor — disse Will.

Magnus ficou olhando para Jem. Havia tristeza em seu rosto, aquele rosto tão

estranhamente alegre ou sarcástico ou indiferente, uma tristeza que surpreendeu Will.

— "*Pois de onde aquela velha tristeza penetrou tão facilmente, eu expus minha alma sobre o pó, ao amar aquele que deve morrer?*" — disse Magnus.

Will olhou para ele.

— O que foi isso?

— *Confissões*, de Santo Agostinho — respondeu. — Você me perguntou como eu, sendo imortal, sobrevivo a tantas mortes. Não existe nenhum grande segredo. Você suporta o que é insuportável, e segue. Só isso. — Afastou-se da cama. — Vou lhe dar um momento a sós com ele, para se despedir como precisar. Pode me encontrar na biblioteca.

Will assentiu, sem ter o que falar, quando Magnus foi buscar as luvas, em seguida, virou e se retirou. A mente de Will estava girando.

Olhou novamente para Jem, imóvel na cama. *Tenho de aceitar que este é o fim*, pensou, e até seus pensamentos pareciam ocos e distantes. *Tenho de aceitar que Jem nunca vai olhar para mim, jamais voltará a falar comigo. Você suporta o que é insuportável, e segue. Só isso.*

E, mesmo assim, não parecia real para ele, como se fosse um sonho. Levantou e se ergueu sobre o vulto imóvel de Jem. Tocou levemente a bochecha do *parabatai*. Estava fria.

— *Atque in perpetuum, frater, ave atque vale* — sussurrou. As palavras do poema nunca pareceram tão adequadas: *para todo o sempre, meu irmão, saudações e adeus.*

Will começou a se levantar, voltando as costas para a cama. E, ao fazê-lo, sentiu algo envolvê-lo firmemente pelo pulso. Olhou para baixo e viu a mão de Jem na dele. Por um instante, ficou chocado demais para fazer qualquer coisa além de encarar.

— Ainda não morri, Will — disse Jem, com a voz suave, fraca e forte como um fio. — O que Magnus quis dizer quando perguntou se eu sabia sobre você estar apaixonado por Tessa?

11

Temer a Noite

Apesar de minha alma viver na escuridão, se erguerá em plena luz.
Amei demais as estrelas para temer a noite.
— Sarah Williams, "The Old Astronomer"

— Will?

Após longo silêncio, no qual só se ouvia a respiração de Jem, falha e áspera, Will pensou por um instante que estava imaginando a voz do melhor amigo falando com ele das sombras. Enquanto Jem soltava seu pulso, ele se sentou na cadeira ao lado da cama. O coração estava acelerado, meio aliviado, meio apavorado.

Jem virou a cabeça contra o travesseiro, em sua direção. Estava com os olhos escuros, a prata engolida pelo negro. Por um instante, os dois rapazes simplesmente se encararam. Era como a calma de quem tinha acabado de entrar em uma batalha, Will pensou, quando os pensamentos sumiam e a inevitabilidade assumia as rédeas.

— Will — repetiu Jem, e tossiu, pressionando a mão contra a boca. Quando retirou-a, tinha sangue nos dedos. — Eu... andei sonhando?

Will se ergueu. Jem soou tão claro, tão certo — *O que Magnus quis dizer quando perguntou se eu sabia sobre você estar apaixonado por Tessa?* —, mas foi como se aquele ímpeto de força o tivesse deixado e agora ele estivesse tonto e espantado.

Será que Jem realmente tinha ouvido o que Magnus dissera? Se ouvira, havia chance de poder dizer que era sonho ou delírio febril? A ideia preencheu Will com uma mistura de alívio e decepção.

— Sonhou o quê?

Jem olhou para a mão sangrenta e lentamente a fechou em um punho.

— A luta no jardim. A morte de Jessamine. E eles a levaram, não levaram? Tessa?

— Sim — sussurrou Will, e repetiu as palavras ditas por Charlotte mais cedo. Não o confortaram, mas talvez confortassem Jem. — Sim, mas duvido que a machuquem. Lembre-se, Mortmain quer que ela fique bem.

— Temos de encontrá-la. Você sabe disso, Will. Temos... — Jem lutou para se sentar e imediatamente voltou a tossir. Sangue respingou na coberta branca. Will segurou os ombros frágeis e trêmulos de Jem até a tosse parar de sacudi-lo, em seguida pegou um dos tecidos úmidos da cabeceira e começou a limpar as mãos de Jem. Quando se esticou para lavar o sangue do rosto do *parabatai*, Jem tirou gentilmente o pano da mão dele e o olhou seriamente. — Não sou criança, Will.

— Eu sei. — Will retraiu as mãos. Não as lavava desde a luta no jardim, e o sangue seco de Jessamine se misturou ao fresco de Jem em seus dedos.

Jem respirou fundo. Tanto ele quanto Will esperaram para ver se teria mais um ataque de tosse, e, quando não aconteceu, Jem falou.

— Magnus disse que você estava apaixonado por Tessa. É verdade?

— Sim — respondeu Will, com a sensação de estar caindo de um penhasco. — Sim, é verdade.

Os olhos de Jem estavam arregalados e luminosos na escuridão.

— *Ela ama você?*

— Não. — A voz de Will falhou. — Contei a ela sobre meu amor, e ela nem titubeou em relação a você. É você que Tessa ama.

O aperto de Jem no tecido relaxou um pouco.

— Você disse a ela — falou — que estava apaixonado.

— Jem...

— Quando foi isso, e que excesso de desespero pode tê-lo feito agir assim?

— Foi antes de saber que estavam noivos. No dia em que descobri que não havia maldição — contou Will hesitante. — Procurei Tessa e declarei meu amor. Ela foi o mais gentil possível ao informar que não me amava, mas sim a você, e que vocês estavam noivos. — Will olhou para baixo. — Não sei se isso fará alguma diferença para você, James. Mas eu realmente não fazia ideia de que você gostava dela. Eu estava completamente obcecado por meus próprios sentimentos.

Jem mordeu o lábio inferior, trazendo cor à pele branca.

— E, perdoe-me por perguntar isso... não é um sentimento passageiro, um afeto efêmero...? — interrompeu-se ao ver o rosto de Will. — Não — murmurou.

— Dá para ver que não.

— Eu a amo o suficiente para ter jurado nunca mais falar sobre meus desejos quando ela me garantiu que seria feliz com você, jamais expressaria meu afeto com palavras ou gestos e jamais violaria sua felicidade com ações ou discursos. Meus sentimentos não mudaram, mas gosto dela e de você o suficiente para não falar uma palavra que ameaçasse o que vocês têm. — As palavras jorraram dos lábios de Will; parecia não haver razão para contê-las. Se Jem iria odiá-lo, seria pela verdade e não por uma mentira.

Jem pareceu espantado.

— Sinto muito, Will. Muito, muito, muito. Queria ter sabido...

Will se jogou na cadeira.

— O que você poderia ter feito?

— Poderia ter cancelado o noivado...

— E partido seu coração e o dela? Em que isso me ajudaria? Você me é tão caro quanto a metade da minha alma, Jem. Eu não poderia ser feliz se você fosse infeliz. E quanto a Tessa, ela *o* ama. Que tipo de monstro eu seria, causando um mundo de agonia às duas pessoas que mais amo, deleitando-me com a satisfação de saber que, se Tessa não poderia ser minha, não seria de mais ninguém?

— Mas você é meu *parabatai*. Se você sofre, meu desejo é diminuir o sofrimento...

— Esta — disse Will — é a única coisa pela qual você não pode me confortar.

Jem balançou a cabeça.

— Mas como pude não notar? Eu vi que as muralhas que cercavam seu coração estavam começando a ruir. Achei... achei que soubesse o porquê; disse a você que sempre soube que carregava um fardo, e sabia que tinha ido visitar Magnus. Pensei que talvez tivesse utilizado um pouco da magia dele para se livrar de uma culpa imaginária. Se eu soubesse que era por causa de Tessa, você precisa acreditar, Will, eu jamais teria revelado meus sentimentos por ela.

— Como poderia imaginar? — Por mais arrasado que estivesse, Will se sentiu livre, como se um fardo pesado tivesse sido arrancado dele. — Fiz o possível para esconder e negar. Você... você nunca escondeu seus sentimentos. Olhando para trás, eles sempre foram claros e evidentes, e, contudo, eu nunca os vi. Fiquei impressionado quando Tessa me contou que estavam noivos. Você sempre foi a fonte de muita coisa boa em minha vida, James. Nunca achei que fosse ser fonte de dor e então, erroneamente, nunca pensei nos seus sentimentos. Por isso, fiquei tão cego.

Jem fechou os olhos. As pálpebras estavam azuladas e sombrias, como pergaminhos.

— Estou triste por sua dor — falou. — Mas fico feliz que a ame.

— Fica *feliz*?

— Torna mais fácil — disse Jem. — Pedir que faça o que quero que faça: deixe-me e vá atrás de Tessa.

— Agora? Assim?

Jem, incrivelmente, sorriu.

— Não era o que estava fazendo quando o peguei pela mão?

— Mas... não achei que você fosse recobrar a consciência. Agora é diferente. Não posso deixá-lo assim, para encarar sozinho o que tiver de encarar...

Jem levantou a mão, e, por um instante, Will achou que fosse pegar a sua. Em vez disso, enrolou os dedos no tecido da manga do amigo.

— Você é meu *parabatai* — falou. — Disse que eu podia pedir qualquer coisa.

— Mas *jurei* ficar com você. "Se qualquer coisa além da morte nos separar...".

— A morte *vai* nos separar.

— Você sabe que as palavras do juramento vêm de uma passagem mais longa — disse Will. — "Rogo não deixá-lo ou voltar após segui-lo: pois para onde você for, eu *irei*".

Jem gritou com o que restava de suas forças.

— Você não pode ir para onde vou! E eu nem quereria isso para você!

— E também não posso me retirar e deixá-lo morrer!

Pronto. Will falou a palavra, admitiu a possibilidade. *Morrer*.

— Não posso confiar esta missão a mais ninguém. — Os olhos de Jem estavam brilhantes, febris, quase selvagens. — Acha que não sei que se você não for atrás dela, ninguém o fará? Acha que o fato de eu não poder ir não me mata, ou, pelo menos, não poder ir com você? — Ele se inclinou para Will. Sua pele estava tão pálida quanto o vidro congelado de um poste de luz, e, como tal poste, a luz parecia brilhar através dele, a partir de alguma fonte interna. Deslizou as mãos pela colcha. — Pegue minhas mãos, Will.

Entorpecido, Will fechou as mãos em volta das de Jem. Imaginou poder sentir uma pontada de dor no símbolo no peito do *parabatai*, como se soubesse o que ele não sabia e o alertasse da dor que estava por vir, uma dor tão grande que ele não se imaginava capaz de suportar e viver. *Jem é meu grande pecado*, dissera

a Magnus, e este, agora, era o castigo. Pensou que perder Tessa fosse sua penitência; não tinha pensado em como seria quando perdesse os dois.

— Will — disse Jem. — Por todos esses anos, tentei lhe dar o que você não podia dar a si mesmo.

As mãos de Will apertaram as de Jem, que eram tão finas quanto gravetos.

— E o que é?

— Fé — respondeu Jem. — De que você era melhor do que pensava. Perdão, para que não precisasse se punir sempre. Sempre o amei, Will, independentemente do que fizesse. E agora preciso que faça por mim o que não posso fazer pessoalmente. Preciso que seja meus olhos quando eu não os tenho. Que seja minhas mãos quando não posso utilizá-las. Que seja meu coração quando o meu deixar de bater.

— Não — disse Will descontrolado. — Não, não, não. Não serei nada disso. Seus olhos vão ver, suas mãos vão sentir e seu coração continuará batendo.

— Mas se não o fizerem, Will...

— Se pudesse me cortar em dois, eu o faria. Se metade de mim pudesse ficar com você e a outra pudesse seguir Tessa...

— Metade de você não serviria para nenhum de nós — declarou Jem. — Não existe mais ninguém em quem eu confie para ir atrás dela, ninguém que daria a própria vida, como eu faria, para salvar a dela. Eu teria lhe pedido que aceitasse esta missão mesmo sem saber dos seus sentimentos, mas tendo a certeza de que a ama tanto quanto eu... Will, confio mais em você do que em qualquer outra pessoa, sabendo, como sempre, que seu coração está junto com o meu nesta questão. *Wo men shi jie bai xiong di*, somos mais do que irmãos, Will. Embarque nesta jornada, se não por você, por nós dois.

— Não posso deixá-lo encarar a morte sozinho — sussurrou Will, mas sabia que tinha sido derrotado; sua disposição havia se esgotado.

Jem tocou o símbolo de *parabatai* no ombro, através do tecido fino da camisa.

— Não estou sozinho — afirmou. — Onde quer que você esteja, somos um.

Will se pôs de pé lentamente. Não podia acreditar que estava fazendo aquilo, mas claramente estava, tão claro quanto a borda prateada que envolvia os olhos negros de Jem.

— Se existe vida depois dessa — falou —, permita-me encontrá-lo, James Carstairs.

— *Haverá* outras vidas. — Jem estendeu a mão, e, por um instante, se

seguraram, como no dia do ritual de *parabatai*, quando se esticaram através de arcos de fogo idênticos para entrelaçarem os dedos. — O mundo é uma roda — falou. — Quando nos elevamos ou caímos, o fazemos juntos.

Will cerrou o punho na mão de Jem.

— Muito bem, então — declarou, com a garganta apertada —, como diz que haverá outra vida para mim, rezemos para que eu não faça uma confusão tão grande quanto fiz nesta.

Jem sorriu para ele, aquele sorriso que, como sempre, mesmo nos dias mais negros de Will, acalmava-o.

— Acho que ainda há esperança para você, Will Herondale.

— Tentarei aprender a ter, sem que você precise me mostrar como.

— Tessa — disse Jem. — Ela conhece o desespero e também a fé. Podem ensinar um ao outro. Encontre-a, Will, e diga que sempre a amei. Se serve de alguma coisa, minha bênção está com vocês dois.

Os olhares se encontraram e se sustentaram. Will não conseguiu dizer adeus nem nada. Apenas apertou a mão de Jem uma última vez e soltou-a, em seguida virou-se e saiu pela porta.

* * *

Os cavalos estavam no estábulo, atrás do Instituto — território de Cyril durante o dia, onde o resto deles raramente se aventurava. O estábulo outrora fora uma casa paroquial, e o chão era feito de pedras desiguais, sempre impecavelmente limpo. Estrebarias alinhavam as paredes, apesar de só duas estarem ocupadas: uma por Balios e a outra por Xanthos, ambos adormecidos com os rabos mexendo singelamente, como acontece com equinos que sonham. As respectivas manjedouras estavam cheias de capim fresco, e arreios brilhantes cobriam as paredes, polidas e perfeitas. Will determinou que, se voltasse vivo da missão, diria a Charlotte que Cyril fazia um ótimo trabalho.

Will acordou Balios com murmúrios gentis e o puxou. Aprendeu a selar e preparar um cavalo para montaria quando pequeno, antes de vir para o Instituto, então deixou a mente vagar enquanto fazia isso agora, passando os estribos pelo couro, verificando os dois lados da sela, alcançando cuidadosamente embaixo de Balios para apertar a cilha.

Não deixou nenhum bilhete para trás, nenhum recado para ninguém do Instituto. Jem avisaria, e Will descobriu que agora, no momento em que mais precisava das palavras que normalmente encontrava com grande facilidade, não conseguia acessá-las. Não conseguia acreditar que poderia estar se despedindo, então não parou de pensar no que tinha guardado nos alforjes: uniforme, uma camisa limpa e um colarinho (quem sabe se precisaria parecer um cavalheiro?), duas estelas, todas as armas que conseguiu encaixar, pão, queijo, frutas secas e dinheiro mundano.

Enquanto Will apertava a cilha, Balios levantou o focinho e relinchou. Will virou a cabeça. Uma esguia figura feminina apareceu na entrada do estábulo. Enquanto ele a encarava, o vulto levantou a mão direita, e a pedra de luz enfeitiçada brilhou, iluminando seu rosto.

Era Cecily, com uma capa de veludo azul, os cabelos escuros soltos e livres em volta do rosto. Estava descalça, e dava para ver-lhe os pés sob a bainha da capa. Ele se esticou.

— Cecy, o que está fazendo aqui?

Ela deu um passo à frente, em seguida parou, olhando para os próprios pés descalços.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta.

— Gosto de conversar com cavalos à noite. São boas companhias. E você não deveria estar perambulando de camisola. Há meninos Lightwood por esses corredores.

— Muito engraçado. Aonde você vai, Will? Se for procurar mais *yin fen*, leve-me com você.

— Não vou procurar mais *yin fen*.

A compreensão baixou em seus olhos azuis.

— Você vai atrás de Tessa. Vai até Cadair Idris.

Will assentiu.

— Leve-me — disse ela. — Leve-me com você, Will.

Will não conseguia olhar para ela; foi buscar o cabresto e o freio, apesar de suas mãos tremerem ao pegá-los e se voltar para Balios.

— Não posso levá-la comigo. Você não pode montar Xanthos, não tem treino para isso, e um cavalo comum só desaceleraria nossa viagem.

— Os cavalos da carruagem são autômatos. Não pode achar que vai alcançá-los...

— Não é o que espero. Balios pode ser o cavalo mais veloz da Inglaterra, mas

precisa descansar e dormir. Já estou resignado. Não alcançarei Tessa na estrada. Só posso torcer para chegar a Cadair Idris antes que seja tarde demais.

— Então me deixe ir atrás, e não se preocupe se estiver muito à frente...

— Seja razoável, Cecy!

— Razoável? — Ela se irritou. — Só o que vejo é meu irmão me abandonando outra vez! Faz anos, Will! Anos, e vim para Londres procurá-lo, e agora que estamos juntos novamente, você vai embora!

Balios se mexeu, inquieto, enquanto Will ajeitou sua boca e passou o cabresto sobre a cabeça dele. Balios não gostava de gritos. Will o afagou com uma das mãos no pescoço.

— Will. — Cecily soou perigosa. — Olhe para mim ou vou acordar a casa inteira e impedi-lo, juro que vou.

Will apoiou a cabeça no pescoço do animal e fechou os olhos. Sentiu cheiro de capim e cavalo, tecido e suor, e um pouco do aroma doce de fumaça que ainda estava em suas roupas por causa do fogo no quarto de Jem.

— Cecily — disse ele. — Preciso saber que você está aqui, tão segura quanto possível, ou não posso sair. Não posso temer por Tessa à minha frente e por você atrás, ou o medo vai me vencer. Muitos dos que amo já estão correndo perigo.

Fez-se um longo silêncio. Will pôde ouvir as batidas do coração de Balios, mas nada além. Ficou imaginando se Cecily teria se retirado, saído enquanto ele falava, talvez para despertar a casa. Levantou a cabeça.

Mas Cecily continuava no mesmo lugar, a pedra de luz enfeitiçada brilhando em sua mão.

— Tessa disse que você me chamou uma vez — falou. — Quando estava doente. Por que eu, Will?

— Cecily. — A palavra saiu suave como se ele soltasse o ar. — Durante anos você foi meu... meu talismã. Eu achei que tivesse matado Ella. Saí de Gales para mantê-los em segurança. Contanto que pudesse imaginá-los felizes e bem, a dor da saudade de você, mamãe e papai compensava.

— Nunca entendi por que se foi — explicou Cecily. — E acreditava que os Caçadores de Sombras eram monstros. Não entendia por que você tinha vindo para cá, e achei, sempre achei, que quando eu crescesse o bastante, viria, fingiria querer ser Caçadora de Sombras também e conseguiria convencê-lo a voltar. Quando soube da maldição, fiquei sem saber o que pensar. Entendi por que veio, mas não por que ficou.

— Jem...

— Mas mesmo que ele morra — disse ela, e ele se encolheu —, você não vai voltar para casa, para mamãe e papai, vai? Você é um Caçador de Sombras, pura e simplesmente. Como papai nunca foi. É por isso que tem sido tão teimoso em relação a escrever para eles. Não sabe como pedir perdão, e ao mesmo tempo dizer que não voltará para casa.

— Não posso voltar, Cecily, ou, pelo menos, aquela não é mais minha casa. Sou Caçador de Sombras. Está no meu sangue.

— Sabe que sou sua irmã, não sabe? — falou. — Também está no meu.

— Você disse que estava fingindo. — Will examinou o rosto da irmã por um instante e falou lentamente —, mas não está, certo? Já vi você treinando, lutando. Você sente como eu. Como se o chão do Instituto fosse o único piso sólido sob seus pés. Como se tivesse encontrado o local ao qual pertence. Você é uma Caçadora de Sombras.

Cecily não disse nada.

Will sentiu a boca se curvar em um sorriso lateral.

— Fico feliz — disse ele. — Feliz que haja uma Herondale no Instituto, mesmo que eu...

— Mesmo que não volte? Will, deixe-me ir com você, permita-me ajudar...

— Não, Cecily. Não é suficiente que eu aceite que escolha esta vida, uma de lutas e perigo, mesmo que eu sempre tenha desejado muita segurança para você? Não, não posso permitir que venha comigo, mesmo que me odeie por isso.

Cecily suspirou.

— Não seja tão dramático, Will. Precisa sempre insistir que as pessoas o odeiam quando claramente não é este o caso?

— Eu *sou* dramático — disse Will. — Se não fosse Caçador de Sombras, teria tido futuro no palco. Não tenho dúvidas de que seria recebido com muito clamor.

Cecily não pareceu achar graça. Will supôs que não pudesse culpá-la.

— Não estou interessada em sua interpretação de *Hamlet* — falou. — Se não me deixa ir com você, então prometa que se for agora... prometa que vai voltar?

— Não posso prometer isso — respondeu. — Mas se puder, voltarei. E se voltar, escreverei para nossos pais. Isso eu posso prometer.

— Não — disse Cecily. — Nada de cartas. Prometa-me que se voltar, voltará para a casa dos nossos pais comigo e revelará por que nos deixou, e que não os culpa, e que ainda os ama. Não peço que volte para ficar. Nem você nem eu podemos retornar para casa em definitivo, mas confortá-los é o mínimo. Não me

diga que isso é contra as regras, Will, porque sei muito bem que você adora transgredir.

— Viu? — perguntou Will. — Conhece um pouco seu irmão, afinal. Dou minha palavra de que se acontecer assim, farei o que está me pedindo.

Os ombros e a face de Cecily relaxaram. Ela parecia pequena e indefesa quando se desfazia da raiva, apesar de ele saber que não era este o caso.

— E Cecy — falou Will lentamente —, antes de ir, quero lhe dar mais uma coisa.

Ele levantou a camisa e alcançou o colar que Magnus lhe dera. Ele balançou, brilhando em rubi vermelho à luz fraca dos estábulos.

— Seu colar de mulher? — perguntou Cecily. — Bem, confesso que não combina com você.

Ele deu um passo em direção a Cecily e colocou a corrente em volta do pescoço dela. O rubi tocou sua garganta como se tivesse sido feito para ela. Ela olhou para ele, com olhos sérios.

— Use-o sempre. Ele vai alertá-lo quando demônios se aproximarem — explicou Will. — Vai ajudar a mantê-la em segurança, que é o que quero, e ajudá-la a ser guerreira, que é o que você quer.

Ela colocou a mão na bochecha do irmão.

— *Da bo ti, Gwilym. Byddaf yn gy golli di.*

— E eu também — falou. Sem olhar para ela outra vez, virou-se para Balios e montou. Ela deu um passo para trás enquanto ele conduzia o cavalo para a porta e, abaixando a cabeça contra o vento, galopou pela noite.

Tessa acordou de sonhos de sangue e monstros metálicos com um susto e engasgou.

Encontrava-se deitada e encolhida como uma criança no banco de uma grande carruagem cujas janelas eram inteiramente cobertas por cortinas pesadas de veludo. O assento era duro e desconfortável, com molas elevadas que a espetavam nas laterais através do tecido do vestido, que estava rasgado e manchado. O cabelo havia se soltado e caía em mechas em volta do rosto. Diante dela, amontoada no canto oposto da carruagem, estava uma figura parada, totalmente coberta por uma capa de pele com o capuz levantado. Não havia mais ninguém na carruagem.

Tessa lutou para se ajeitar, apesar da tontura e da náusea. Pôs as mãos na barriga e tentou respirar fundo, mas o ar fétido no interior da carruagem pouco ajudava a acalmar seu estômago. Ela colocou as mãos no peito, sentindo o suor escorrer pelo corpete do vestido.

— Não vai vomitar, vai? — perguntou uma voz rouca. — Às vezes, o clorofórmio tem esse efeito colateral.

A figura encapuzada rangeu em direção a ela, e Tessa viu o rosto da Sra. Black. Na escada do Instituto, ficou chocada demais para conseguir examinar adequadamente o rosto da antiga captora, mas agora que o via de perto, estremeceu. A pele tinha um tom esverdeado, os olhos traziam nervuras pretas, e os lábios eram caídos, deixando entrever uma língua cinza.

— Para onde está me levando? — quis saber Tessa. Era sempre a primeira pergunta das heroínas dos livros góticos quando eram sequestradas, e isso a irritava constantemente, mas neste momento percebeu que fazia todo sentido. Nesta situação, a primeira coisa que se quer saber é para onde está indo.

— Para Mortmain — respondeu a senhora Black. — E isso é tudo que arrancará de mim, menina. Recebi instruções muito rigorosas.

Não era nada que Tessa não esperasse, mas mesmo assim sentiu um aperto no peito e perdeu o fôlego. No impulso, ela se inclinou para longe da Sra. Black e abriu a cortina da carruagem.

Lá fora estava escuro, e a lua estava semiescondida. O campo era cheio de colinas e angular, sem pontos de luz que indicassem haver habitações. Pedregulhos pretos marcavam a terra. Tessa alcançou a maçaneta o mais sutilmente possível e tentou abrir; estava trancada.

— Não perca tempo — disse a Irmã Sombria. — Não pode destrancar a porta, e, se fugisse, eu a alcançaria. Sou muito mais veloz agora do que você se lembra.

— Foi assim que desapareceu na escadaria? — indagou Tessa. — Do Instituto?

A Sra. Black deu um sorriso arrogante.

— Desapareci diante dos seus olhos. Apenas me retirei com rapidez, depois voltei. Mortmain me deu esse dom.

— É por isso que está agindo assim? — disparou Tessa. — Gratidão a Mortmain? Ele não a estimava tanto assim. Enviou Jem e Will para matarem-na quando achou que você fosse atrapalhá-lo.

Assim que falou os nomes de Jem e Will, empalideceu com a lembrança. Ela

havia sido levada enquanto os Caçadores de Sombras lutavam desesperadamente por suas vidas nos degraus do Instituto. Será que tinham conseguido conter os autômatos? Será que algum deles fora ferido ou, Deus os livre, morto? Saberia, conseguiria sentir, se algo assim tivesse acontecido a Jem ou a Will? Tinha tanta consciência deles como pedaços do seu coração.

— Não — disse a Sra. Black. — Respondendo à pergunta estampada em seus olhos: você não saberia se um dos dois estivesse morto, aqueles Caçadores de Sombras tão bonitinhos de quem tanto gosta. As pessoas sempre cultivam essa ideia, mas a não ser que exista uma ligação mágica como o laço entre *parabatai*, não passa de imaginação. Quando saí, estavam lutando por suas vidas. — Ela sorriu, e os dentes brilharam, metálicos, à pouca luz. — Se eu não contasse com ordens de Mortmain para trazê-la em perfeitas condições, eu a teria deixado lá, para ser picadinha.

— Por que ele me quer inteira?

— Você e suas perguntas. Já tinha quase me esquecido do quanto é irritante. Ele quer algumas informações que só você pode oferecer. E ainda deseja desposá-la. Um tolo. Que você o atormente bastante, pelo que me importa; quero o que quero dele, depois vou sumir.

— Não sei de nada que possa interessar a Mortmain!

A Sra. Black riu.

— É tão jovem e tola. Você não é humana, senhorita Gray, e entende muito pouco sobre o que pode fazer. Poderíamos ter lhe ensinado mais, mas você era muito rebelde. Descobrirá que Mortmain é um instrutor menos brando.

— Brando? — Tessa se irritou. — Vocês me surravam.

— Existem coisas piores do que dor física, Srta. Gray. Mortmain não tem muita compaixão.

— Exatamente. — Tessa se inclinou para a frente, e o anjo mecânico bateu mais rápido sob o corpete do vestido. — Por que fazer o que ele pede? Você sabe que não pode confiar nele, que ele a destruiria sem pudor...

— Preciso do que ele pode me dar — respondeu a Sra. Black. — E farei o que for preciso para obter.

— E do que está falando? — perguntou Tessa.

Ouviu a Sra. Black rir, e, em seguida, a Irmã Sombria tirou o capuz e soltou o colarinho da capa.

Tessa havia lido em livros de história sobre cabeças em espetos sobre a ponte de Londres, mas nunca imaginou o horror que era de fato. Obviamente, qualquer

que fosse a ruína que se abateu sobre a Sra. Black depois de ser decapitada, não foi revertida, então pele cinza esfarrapada pendurava-se sobre o espeto metálico que empalava seu crânio. Ela não tinha corpo, apenas uma coluna lisa de metal da qual dois braços finos sobressaíam. As luvas de couro que cobriam as extremidades de qualquer que fosse o tipo de mão acrescentavam o último toque macabro.

Tessa gritou.

12

Fantasmas na Estrada

Oh, que beleza, que cordialidade! Diga,
No Paraíso, é crime amar demais?
Ter um coração suave ou firme demais,
Ser um romano ou um amante?
Não existe reviravolta brilhante no céu,
Para aqueles que pensam grande ou morrem corajosamente?
— Alexander Pope, "Elegy to the Memory of an Unfortunate Lady"

Will estava no topo de uma colina baixa, com as mãos enfiadas nos bolsos e olhando impacientemente para a paisagem campestre de Bedfordshire.

Ele havia cavalgado de Londres na máxima velocidade possível para ele e Balios, em direção à Great North Road. Ter saído tão próximo do amanhecer significou que as ruas estavam ligeiramente livres ao atravessar Islington, Holloway e Highgate; passou por alguns carrinhos de vendedores e um ou dois pedestres, mas fora isso não encontrou muitas retenções, e como Balios não se cansava tão depressa quanto um cavalo comum, Will logo saiu de Barnet e pôde galopar por South Mimms e London Colney.

Will adorava galopar — acomodado nas costas do cavalo, com o vento no cabelo e os cascos de Balios consumindo a estrada abaixo. Agora que havia deixado Londres, sentia uma dor cortante e uma curiosa liberdade. Era estranho sentir as duas coisas ao mesmo tempo, mas não podia evitar. Perto de Colney, havia lagos; parou para dar água a Balios antes de continuar.

Agora, quase 50 quilômetros ao norte de Londres, não conseguia deixar de se lembrar da passagem pelo local, havia anos, quando fora para o Instituto. Tinha levado um dos cavalos do pai até a metade do caminho desde Gales, mas o vendeu em Staffordshire ao perceber que não tinha dinheiro para o pedágio das

estradas. Agora sabia que tinha conseguido muito pouco dinheiro, e fora muito difícil se despedir de Hengroen, o cavalo que cresceu montando, e mais difícil ainda percorrer o resto dos quilômetros a pé. Quando chegou ao Instituto, seus pés estavam sangrando, e as mãos também, arranhados por conta das quedas na estrada.

Olhou para as mãos agora, com a lembrança que elas traziam. Mãos finas com dedos longos — um traço de todos os Herondale. Jem sempre dizia que era uma pena que ele não tivesse nenhum talento musical, pois tinha mãos feitas para o piano. Pensar em Jem era como levar uma agulhada; Will afastou a lembrança e se voltou novamente para Balios. Tinha parado ali não só para dar água ao cavalo, mas também para alimentá-lo com aveia — boa para a velocidade e a resistência — e deixá-lo descansar. Já havia ouvido falar em cavalarias que montavam os animais até a morte, e por maior que fosse o desespero para encontrar Tessa, não conseguia se imaginar fazendo algo tão cruel.

Havia algum tráfego; carrinhos na rua, carroças com vagões de bebidas e laticínios, e até uma diligência movida a cavalos. Sinceramente, todas essas pessoas *precisavam* estar na rua em plena quarta-feira, enchendo todas as vielas? Pelo menos, não havia ladrões de estrada; ferrovias, pedágios, e policiamento adequado encerraram a carreira dos saqueadores havia décadas. Will detestaria ter de perder tempo matando alguém.

Ele havia passado por Saint Albans, sem se incomodar em parar para almoçar por causa da pressa de chegar a Watling Street — a antiga estrada romana que agora se dividia em Wroxeter, com metade cruzando para a Escócia, e a outra metade cortando a Inglaterra para o porto de Holyhead, em Gales. Havia fantasmas na estrada — Will ouviu sussurros em anglo-saxão antigo nos ventos, chamando a estrada de *Waecelinga Straet* e falando sobre a última resistência das tropas de Boadiceia, que fora derrotada pelos romanos nesta estrada há tantos anos.

Agora, com as mãos nos bolsos, ele olhou para o campo — eram três horas, e o céu começava a ficar escuro, o que significava que em breve Will teria de considerar o anoitecer e precisaria encontrar uma pousada onde pudesse parar, descansar o cavalo e dormir — e não conseguia deixar de se lembrar de quando havia contado a Tessa que Boadiceia provara que mulheres também podem ser guerreiras. Não mencionou que havia lido suas cartas e que já amava sua alma de guerreira, escondida atrás daqueles olhos cinzentos tranquilos.

Lembrou-se de um sonho que havia tido, de céus azulados e de Tessa sentada

ao seu lado em uma colina verde. *Você sempre virá em primeiro no meu coração*. Uma raiva feroz floresceu em sua alma. Como Mortmain ousa tocá-la. Ela era um deles. Não pertencia a Will — era dona de si demais para pertencer a alguém, até mesmo a Jem —, mas seu lugar era *com* eles, e silenciosamente repreendeu o Cônsul por não enxergar isso.

Ia encontrá-la e levá-la para casa, e mesmo que ela jamais o amasse, não teria problema, teria feito isso por ela e por ele. Virou para Balios, que o olhou intensamente. Will montou.

— Vamos, rapaz — disse. — O sol está se pondo, e temos de chegar a Hockliffe ao anoitecer, pois parece que vai chover. Bateu com os calcanhares nas laterais do cavalo, e Balios, como se tivesse entendido as palavras de seu cavaleiro, partiu como uma bala.

— Ele foi para Gales *sozinho*? — perguntou Charlotte. — Como pode tê-lo deixado fazer algo tão... tão tolo?

Magnus deu de ombros.

— Não é nem nunca foi minha responsabilidade gerenciar Caçadores de Sombras desobedientes. Aliás, não sei ao certo porque mereço a culpa. Passei a noite na biblioteca esperando que Will voltasse para conversar comigo, coisa que ele não fez. No fim, dormi no setor de Raiva e Licantropia. Woolsey morde, ocasionalmente, e fico preocupado.

Ninguém respondeu a essa informação, apesar de Charlotte parecer mais irritada que nunca. Tinha sido um café da manhã atipicamente silencioso, com alguns ausentes à mesa. A falta de Will não surpreendeu. Presumiram que ele estivesse ao lado do *parabatai*. Portanto, até Cyril entrar, arfando e agitado, para relatar a ausência de Balios, o alarme não foi dado.

Uma busca pelo Instituto levou a Magnus Bane, adormecido em um canto da biblioteca. Charlotte o acordou com sacudidelas. Ao ser perguntado sobre o possível paradeiro de Will, Magnus respondeu, um tanto candidamente, que esperava que Will já tivesse ido para Gales, com o objetivo de descobrir a localização de Tessa e trazê-la para o Instituto, fosse de forma discreta, fosse à base da força. Esta informação, para surpresa de Magnus, deixou Charlotte em pânico, e ela convocou uma reunião na biblioteca, à qual todos os Caçadores de Sombras do Instituto, exceto Jem, foram intimados — até Gideon, que chegou mancando e apoiado em uma bengala.

— Alguém sabe quando Will partiu? — perguntou Charlotte, à cabeceira da longa mesa à qual estavam sentados.

Cecily, com as mãos cruzadas recatadamente diante de si, de repente ficou muito interessada na estampa do tapete.

— É uma bela pedra que está usando, Cecily — observou Charlotte, estreitando os olhos para o rubi no pescoço da menina. — Não me lembro de você com esse colar ontem. Aliás, lembro-me de *Will* com ele. Quando ele lhe deu?

Cecily cruzou os braços sobre o peito.

— Não direi nada. As decisões de Will são dele, e já tentamos explicar ao Cônsul o que precisa ser feito. Considerando que a Clave não está disposta a ajudar, Will resolveu assumir as rédeas. Não sei por que esperavam algo diferente.

— Não pensei que ele fosse deixar Jem — respondeu Charlotte, e em seguida pareceu chocada com o que disse. — Eu... não consigo nem imaginar como contaremos a ele quando acordar.

— Jem sabe... — Cecily começou a explicar, indignada, mas foi interrompida, para sua surpresa, por Gabriel.

— Claro que ele sabe — disse. — Will só está cumprindo seu papel de *parabatai*. Está fazendo o mesmo que Jem faria, se pudesse. Foi no lugar de Jem. É o que um *parabatai* deve fazer.

— *Você* está defendendo Will? — comentou Gideon. — Depois da maneira como sempre o tratou? Depois de repetir dezenas de vezes a Jem que ele tinha um péssimo gosto para *parabatai*?

— Will pode ser uma pessoa condenável, mas pelo menos demonstra não ser um Caçador de Sombras condenável — disse Gabriel, e em seguida, ao ver o olhar de Cecily, acrescentou —, talvez não seja uma pessoa condenável, também. Por inteiro.

— Uma declaração magnânima, Gideon — disse Magnus.

— Sou Gabriel.

Magnus acenou com a mão.

— Todos os Lightwood me parecem iguais...

— *Ahã* — interrompeu Gideon, antes que Gabriel pudesse pegar alguma coisa e atirar em Magnus. — Independentemente das qualidades pessoais de Will e do fracasso de qualquer pessoa em diferenciar um Lightwood de outro, a questão permanece: vamos atrás dele?

— Se Will quisesse ajuda, não teria fugido no meio da noite sem falar nada para ninguém — disse Cecily.

— Sim — respondeu Gideon —, porque Will é famoso por suas decisões cuidadosas e prudentes.

— Ele roubou nosso cavalo mais veloz — observou Henry. — Isso indica consideração da parte dele, de certa forma.

— Não podemos permitir que Will vá combater Mortmain sozinho. Ele será aniquilado — disse Gideon. — Se ele realmente partiu no meio da noite, talvez ainda possamos alcançá-lo pelo caminho...

— O cavalo mais veloz — lembrou Henry, e Magnus riu baixinho.

— Na verdade, não é um massacre inevitável — disse Gabriel. — Poderíamos todos ir atrás de Will, certamente, mas o fato é que uma força dessas, enviada contra o Magistrado, seria mais perceptível do que um menino a cavalo. A maior esperança de Will é não ser detectado. Ao final das contas, não está cavalgando para guerrear. Vai salvar Tessa. Discrição e segredo têm de prevalecer em uma missão dessas...

Charlotte bateu com a mão na mesa com tanta força que o som reverberou pelo recinto.

— Todos vocês, *fiquem em silêncio* — ordenou, em um tom tão autoritário que até Magnus pareceu alarmado.

— Gabriel, Gideon, vocês dois têm razão. É melhor para Will que não o sigamos, e não podemos permitir que um dos nossos seja destruído. Também é verdade que o Magistrado está além do nosso alcance; o Conselho vai se reunir para decidir sobre isso. Não há nada que possamos fazer agora. Portanto, precisamos concentrar nossas energias em salvar Jem. Ele está morrendo, mas não morreu. Parte da força de Will depende dele, e ele é um dos nossos. Finalmente nos deu permissão para procurarmos uma cura para ele, logo, precisamos fazer isso.

— Mas... — começou Gabriel.

— *Silêncio* — disse Charlotte. — Sou a líder do Instituto; você vai se lembrar de quem o salvou de seu pai e me respeitar.

— Assim se coloca Gideon em seu devido lugar, muito bem — comentou Magnus, com satisfação.

Charlotte olhou para ele com olhos ardentes.

— E você também, feiticeiro; Will pode tê-lo convocado, mas você permanece por meu consentimento. Entendo que, conforme me contou esta

manhã, prometeu a Will que faria tudo que pudesse para ajudar a encontrar uma cura para Jem enquanto ele está ausente. Vai instruir Gabriel e Cecily sobre onde devem fazer compras, e como acharão os ingredientes necessários. Gideon, considerando que está machucado, ficará na biblioteca e procurará quaisquer livros que Magnus precisar; se necessitar ajuda, eu ou Sophie ajudaremos. Henry, talvez Magnus possa usar seu estúdio como laboratório, a não ser que esteja envolvido com algum projeto que proíba isso? — Ela olhou para Henry com as sobrancelhas erguidas.

— Estou — respondeu Henry, um pouco hesitante —, mas também posso alterá-lo para ajudar Jem, e a colaboração do Sr. Bane seria muito bem recebida. Em troca, ele certamente pode utilizar qualquer um de meus implementos científicos.

Magnus o fitou, curioso.

— Em que está trabalhando, exatamente?

— Bem, você sabe que não executamos mágica, Sr. Bane — explicou Henry, parecendo animado em ver alguém interessado em um de seus experimentos —, mas estou elaborando uma versão científica de um feitiço de transportação. Abriria uma porta em qualquer lugar que você quisesse...

— Incluindo, talvez, um estoque cheio de *yin fen* na China? — comentou Magnus, com os olhos brilhando. — Parece muito interessante, muito interessante mesmo.

— Não, não parece — murmurou Gabriel.

Charlotte o olhou com olhos penetrantes.

— Sr. Lightwood, basta. Acho que todos já receberam suas tarefas. Vão em frente e executem-nas. Não quero ouvir mais nada de nenhum de vocês até me trazerem algum relatório de progresso. Estarei com Jem. — E, com isso, saiu de lá.

— Que resposta satisfatória — disse a Sra. Black.

Tessa a encarou. Estava agachada no canto da carruagem, o mais longe possível da criatura que outrora fora a Sra. Black. Ao vê-la, gritou e tapou a boca apressadamente; mas era tarde demais. A outra já tinha se deleitado completamente com sua reação.

— Você foi decapitada — disse Tessa. — Como você está viva? *Assim*?

— Magia — respondeu a Sra. Black. — Foi seu irmão que sugeriu a Mortmain que minha forma atual poderia ser útil a ele. Foi seu irmão que derramou o sangue que possibilitou a continuidade da minha existência. Vive pela minha vida.

Ela deu um sorriso terrível, e Tessa pensou no irmão, morrendo em seus braços. *Você não sabe tudo que fiz, Tessie.* Ele engoliu a bile. Depois que o irmão morreu, ela tentou se Transformar nele, para reunir informações sobre Mortmain a partir das lembranças do menino, mas não passavam de um redemoinho cinza de raiva, amargura e ambição: não encontrou nada de sólido. Uma onda fresca de ódio a Mortmain, que descobriu a fraqueza de seu irmão e a explorou, ardeu em Tessa. Mortmain, que deteve todo o *yin fen* de Jem em uma tentativa cruel de fazer com que os Caçadores de Sombras dançassem conforme sua música. Até a Sra. Black, de certa forma, era prisioneira de suas manipulações.

— Está obedecendo a Mortmain porque acha que ele vai lhe dar um corpo — disse Tessa. — Não essa... essa coisa que você tem, mas uma espécie de corpo humano.

— Humano. — A Sra. Black riu. — Espero melhor do que *humano*. Mas melhor do que isso também, algo que me permita passar despercebida entre mundanos e me deixe voltar a praticar minha magia. Quanto ao Magistrado, sei que ele terá poder para isso, por causa de você. Logo será todo-poderoso, e você vai ajudá-lo a chegar lá.

— Você é tola em acreditar que ele vai recompensá-la.

Os lábios cinzentos da Sra. Black tremeram de alegria.

— Ah, mas vai. Ele jurou, e eu fiz tudo que prometi. Aqui estou, entregando a noiva perfeita, treinada por mim! Por Azazel, lembro-me de quando você saltou do navio vindo dos Estados Unidos. Parecia tão puramente mortal, tão completamente inútil. Desesperei-me por precisar treiná-la para ter alguma utilidade. Mas com brutalidade suficiente, tudo pode ser moldado. Você agora será ótima.

— Nem tudo que é mortal é inútil.

Riso.

— Pode dizer isso em função de sua associação com os Nephilim. Está com eles e não com outros da sua espécie há tempo demais.

— Que espécie? Não tenho espécie. Jessamine disse que minha mãe era Caçadora de Sombras...

— Ela era Caçadora de Sombras — disse a Sra. Black. — Mas seu pai não.

O coração de Tessa parou.

— Ele era um demônio?

— Não era nenhum anjo. — A Sra. Black riu. — O Magistrado vai explicar tudo, em seu devido tempo: o que você é, por que vive e para que foi criada. — Ela se acomodou para trás, com um rangido das juntas automáticas. — Devo dizer que fiquei quase impressionada quando você fugiu com aquele menino Caçador de Sombras. Mostrou que tinha espírito. Aliás, acabou sendo bom para o Magistrado que tenha passado tanto tempo com os Nephilim. Agora conhece o Submundo e já se mostrou capaz. Foi forçada a utilizar seu dom em circunstâncias árduas. Os testes que eu poderia ter criado para você não teriam sido tão desafiadores nem teriam desenvolvido o mesmo aprendizado e confiança. Vejo a diferença em você. Será uma ótima esposa para o Magistrado.

Tessa emitiu um ruído de incredulidade.

— Por quê? Estou sendo forçada a me casar com ele. Que diferença faz meu espírito ou aprendizado? Por que ele se importaria?

— Ah, você vai ser mais do que esposa dele, Srta. Gray. Será a ruína dos Nephilim. Foi criada para isso. E quanto mais sabe sobre eles, mais solidariedade tem a eles e maior será sua eficiência como arma para destruí-los.

Tessa sentiu como se o ar tivesse sido arrancado de seu pulmão.

— Não me importo com o que Mortmain fizer. Não vou colaborar com a desgraça dos Caçadores de Sombras. Morrerei ou serei torturada antes.

— Não importa o que você quer. Descobrirá que não há resistência capaz de vencer as vontades dele. Além disso, não precisa fazer nada para destruir os Nephilim. Nada além de ser quem é. E de ser casada com Mortmain, o que não exige nenhuma ação de sua parte.

— Estou noiva de outra pessoa — disparou Tessa. — James Carstairs.

— Oh, querida — disse a Sra. Black. — Temo que a reivindicação do Magistrado se sobreponha à dele. Além disso, James Carstairs estará morto antes de terça-feira. Mortmain comprou todo o *yin fen* da Inglaterra e bloqueou novas remessas. Talvez devesse ter pensado nisso antes de se apaixonar por um viciado. Embora eu tenha imaginado que o escolhido seria o de olhos azuis — devaneou. — Normalmente as meninas não se apaixonam por seus libertadores?

Tessa sentiu o véu da irrealidade começar a descer. Não podia acreditar que estava aqui, presa nesta carruagem com a senhora Black, e que a feiticeira parecia feliz em discutir suas tribulações românticas. Virou para a janela. A lua estava

alta, e ela pôde ver que estavam passando por uma estrada longa e estreita — havia sombras na carruagem, e abaixo, um desfiladeiro pedregoso desaparecia na escuridão.

— Existem muitas formas de ser libertada.

— Bem — disse a Sra. Black, com um brilho nos dentes ao sorrir. — Pode ter certeza de que agora ninguém virá libertá-la.

Será a ruína dos Nephilim.

— Então eu mesma terei de me libertar — insistiu ela. As sobrancelhas da Sra. Black franziram em sinal de confusão ao virar a cabeça para Tessa com um chiado e um clique. Mas a menina já estava se preparando, reunindo toda a sua energia nas pernas e no corpo, conforme fora ensinada, de modo que quando se lançou para a porta da carruagem, foi com toda a sua força.

Ouviu a tranca da porta quebrar, a Sra. Black gritar e dar um gemido agudo de dor. Um braço metálico pegou as costas de Tessa, segurando a gola do vestido, que rasgou, e Tessa estava caindo, batendo nas pedras à beira da estrada, caindo e deslizando para o desfiladeiro ao mesmo tempo em que a carruagem avançava pela estrada e a Sra. Black gritava para o cocheiro parar. O vento soprou aos ouvidos de Tessa enquanto ela caía, os braços e as mãos girando desgovernadamente contra o espaço vazio ao seu redor, e quaisquer esperanças de que o desfiladeiro fosse raso, ou que pudesse sobreviver à queda, desapareceram. Ao cair, viu uma tira estreita brilhando bem abaixo dela, girando entre pedras íngremes, e soube que ia quebrar como louça frágil ao bater no chão.

Fechou os olhos e torceu para que o fim fosse rápido.

Will estava no topo de uma colina verde e olhava para o mar. O céu e o mar eram tão intensamente azuis que pareciam se fundir um no outro, de modo que não havia ponto fixo no horizonte. Gaivotas e andorinhas-do-mar voavam e gritavam acima dele, e o vento salgado soprava por seus cabelos. Estava tão quente quanto no verão, e seu casaco estava jogado sobre a grama; estava de camisa e suspensório, e tinha mãos morenas e bronzeadas pelo sol.

— Will. — Ele se virou ao ouvir a voz familiar e viu Tessa subindo a colina em direção a ele. Havia uma pequena trilha na lateral, ladeada por flores brancas estranhas, e a própria Tessa parecia uma flor, com um vestido branco como o que usou no baile na noite em que ele a beijou na varanda de Benedict Lightwood.

Seus longos cabelos castanhos voavam ao vento. Ela havia tirado o chapéu e o segurava em uma das mãos, acenando para ele e sorrindo, como se estivesse feliz em vê-lo. Mais do que feliz. Como se vê-lo fosse a maior alegria de seu coração.

Seu próprio coração saltou ao vê-la.

— Tess — chamou, e esticou a mão como se ele pudesse puxá-la em sua direção. Mas ela continuava longe: parecia ao mesmo tempo muito perto e muito longe. Will conseguia enxergar cada detalhe do seu belo rosto, mas não conseguia tocá-la, então ficou parado, esperando e desejando, e seu coração batia como asas em seu peito.

Finalmente, ela estava ali, perto o suficiente para que ele pudesse enxergar onde a grama e as flores dobravam sob os sapatos da moça. Ele esticou o braço para ela, e ela para ele. As mãos se fecharam uma na outra, e por um instante ficaram sorrindo, os dedos dela quentes nos dele.

— Estava esperando por você — disse Will, e ela olhou para ele com um sorriso que desapareceu de seu rosto quando os pés deslizaram e ela se desequilibrou em direção à beira do penhasco. As mãos dela soltaram as dele, e de repente ela estava tentando agarrar o ar enquanto caía, silenciosamente, um borrão branco contra o horizonte azul.

Will sentou-se na cama, assustado, e o coração batia forte contra as costelas. O quarto no White Horse era preenchido em parte pelo luar, que claramente contornava as formas estranhas dos móveis: o lavatório e a mesa ao lado, com copião exemplar não lido dos sermões de Fordyce, a cadeira estofada perto da lareira, na qual as chamas se reduziram a brasas. Os lençóis da cama estavam frios, mas ele suava; passou as pernas pela lateral e foi até a janela.

Havia um arranjo de flores secas em um vaso no parapeito. Ele as tirou do caminho e abriu o vidro com dedos doloridos. Seu corpo inteiro doía. Ele jamais tinha ido tão longe e com tanta intensidade, e estava esgotado e dolorido. Precisaria de *iratzes* antes de voltar à estrada amanhã.

A janela abria para fora, e o ar frio soprava contra sua face e seu cabelo, esfriando a pele. Tinha uma dor dentro de si, por baixo das costelas, que não tinha nenhuma relação com a cavalgada. Se era a separação de Jem ou a ansiedade por Tessa, ele não sabia. Não parava de vê-la caindo, as mãos se soltando. Will jamais acreditou nas interpretações proféticas dos sonhos, no entanto não conseguia desatar o nó frio e apertado no estômago nem regular a respiração entrecortada.

Na vidraça escura da janela, conseguia ver o próprio reflexo. Tocou

levemente o vidro, as pontas dos dedos deixando marcas na condensação. Ficou imaginando o que diria a Tessa quando a encontrasse, como contaria que foi ele que teve de ir atrás dela, e não Jem. Se houvesse misericórdia no mundo, talvez ao menos pudessem sofrer juntos. Se ela jamais acreditasse no amor dele, se jamais retribuísse seu afeto, que pelo menos a misericórdia permitisse que pudessem compartilhar a tristeza. Quase sem conseguir tolerar a noção de quanto precisava da força silenciosa de Tessa, fechou os olhos e apoiou a testa no vidro frio.

Enquanto atravessavam as ruas sinuosas do East End, da Limehouse Station em direção a Gill Street, Gabriel não conseguia deixar de ter consciência da presença de Cecily ao seu lado. Estavam disfarçados por feitiço, o que era útil, considerando que sua passagem pela parte mais pobre de Londres certamente geraria comentários ou, ainda, chamados insistentes de comerciantes para entrarem em suas lojas. Do jeito que as coisas iam, Cecily demonstrava intensamente sua curiosidade e, com frequência, parava para olhar vitrines — não apenas de modistas e chapeleiros, mas lojas que ofereciam tudo, desde graxa de sapato e livros a brinquedos e soldadinhos de lata. Gabriel precisou lembrar a si mesmo que ela vinha do campo e provavelmente jamais vira um próspero mercado urbano, quanto mais algo como Londres. Gostaria de poder levá-la a um lugar mais adequado a uma dama como ela — as lojas de Burlington Arcade ou Piccadilly, e não a estas ruas escuras e fechadas.

Ele não sabia o que tinha esperado da irmã de Will Herondale. Que fosse tão desagradável quanto Will? Que ela não fosse tão desconcertantemente parecida com ele e, no entanto, ao mesmo tempo, fosse extraordinariamente bonita? Ele raramente olhava para a cara de Will sem querer acertá-la, mas o rosto de Cecily era infinitamente fascinante. Pegou-se querendo escrever poesia sobre como seus olhos azuis eram iguais a estrelas e os cabelos pareciam a noite, porque "noite" e "estrelas" combinavam, mas tinha a impressão de que o poema não sairia bom, e Tatiana já o tinha atrapalhado em relação a apreciar poesia. Além disso, havia coisas impossíveis de serem colocadas em versos, como quando certa menina curvava a boca de certo jeito, e você queria muito se inclinar e...

— Sr. Lightwood — disse Cecily, em um tom impaciente que indicava que esta não era a primeira vez que tentava chamar a atenção de Gabriel. — Acho que já passamos pela loja.

Gabriel resmungou baixinho e virou-se de costas. De fato, já tinham ultrapassado o número que Magnus lhes dera; refizeram os passos até se encontrarem diante de uma loja escura, pouco chamativa e com vitrines turvas. Através do vidro escuro, pôde ver prateleiras com uma variedade de itens peculiares — jarros nos quais serpentes mortas flutuavam, olhos brancos e abertos; bonecas cujas cabeças foram removidas e substituídas por pequenas gaiolas douradas; e pilhas de braceletes feitos com dentes humanos.

— Céus — disse Cecily. — Que desagradável.

— Prefere não entrar? — Gabriel olhou para ela. — Eu poderia ir, em vez...

— E me deixar aqui na rua fria? Que falta de cavalheirismo. Certamente, não. — Ela alcançou a maçaneta e abriu a porta, fazendo um pequeno sino soar em algum lugar da loja. — Depois de mim, por favor, Sr. Lightwood.

Gabriel entrou atrás dela, piscando à luz fraca da loja. O interior não era mais convidativo que o exterior. Longas fileiras de prateleiras empoeiradas levavam a uma bancada sombria. As vitrines pareciam manchadas com uma espécie de unguento escuro, bloqueando boa parte da luz solar. As prateleiras em si eram uma massa acumulada — sinos de bronze com cabos em forma de ossos, velas espessas cujas ceras eram cheias de insetos e flores, uma adorável coroa dourada em formato e diâmetro tão estranhos que jamais caberia em uma cabeça humana. Havia prateleiras de facas, e vasilhas de cobre e pedra cujas bacias tinham marcas marrons peculiares. Pilhas de luvas em todos os tamanhos, algumas com mais de cinco dedos em cada mão. Um esqueleto humano sem nenhum vestígio de carne se pendurava de uma corda fina na direção da frente da loja, girando no ar, apesar de não haver brisa.

Gabriel olhou rapidamente para Cecily para ver se ela havia esmorecido, mas não. Parecia irritada, se tanto.

— Alguém deveria espanar esse lugar — anunciou, e foi para o fundo da loja, as pequenas flores em seu chapéu se sacudindo. Gabriel balançou a cabeça.

Ele alcançou Cecily exatamente quando ela pegou o sino na bancada com a mão enluvada, tocando-o impacientemente.

— Olá? — chamou. — Tem alguém aqui?

— Bem na sua frente, senhorita — disse uma voz irritada, para baixo e para a esquerda. Logo abaixo viram o topo da cabeça de um homem pequeno. Não, não exatamente um homem, pensou Gabriel enquanto o feitiço descascava: um sátiro. Estava de colete e calça, mas sem camisa, e possuía os pés fendidos e os chifres curvos de um bode. Também tinha uma barba aparada, mandíbula

pontuda e os olhos de pupila retangulares de um caprino, meio escondidos atrás de óculos.

— Certo — disse Cecily. — Você deve ser o Sr. Sallows.

— Nephilim — observou o dono da loja, com voz sombria. — Detesto Nephilim.

— Humpf — disse Cecily. — Um prazer, tenho certeza.

Gabriel achou que era hora de intervir.

— Como sabia que éramos Caçadores de Sombras? — disparou.

Sallows ergueu as sobrancelhas.

— Suas Marcas, senhor, estão claramente visíveis nas mãos e na garganta — disse, como se falasse com uma criança —, e, quanto à moça, ela é a cara do irmão.

— Como conhece meu irmão? — perguntou Cecily, elevando o tom de voz.

— Não recebemos muitos dos seus aqui — respondeu Sallows. — É notável quando acontece. Seu irmão Will vinha muito aqui há cerca de dois meses, executando tarefas para aquele feiticeiro, Magnus Bane. Também passou por Cross Bones, incomodando a Velha Mol. Will Herondale é bem conhecido no Submundo, apesar de sempre se manter longe de encrencas.

— Isso é uma notícia incrível — comentou Gabriel.

Cecily lançou um olhar sombrio a Gabriel.

— Viemos na autoridade de Charlotte Branwell — disse ela —, diretora do Instituto de Londres.

O sátiro acenou com a mão.

— Não ligo muito para suas hierarquias de Caçadores de Sombras, você sabe; ninguém do Povo das Fadas o faz. Apenas diga-me o que quer, e farei um preço justo.

Gabriel desenrolou o papel que Magnus lhe dera.

— Vinagre de ladrão, raiz de cabeça de morcego, beladona, angélica, folha de damiana, pó de escamas de sereia e seis pregos do caixão de uma virgem.

— *Ora* — disse Sallows. — Não recebemos muitos pedidos assim aqui. Terei de procurar nos fundos.

— Bem, se não recebe muitos pedidos assim, *que* pedidos recebe? — perguntou Gabriel, perdendo a paciência. — Isso aqui não é uma floricultura.

— Sr. Lightwood! — esbravejou Cecily baixinho, mas não tão baixo, pois Sallows ouviu, e seus óculos saltaram no nariz.

— *Sr. Lightwood?* — disse ele. — Filho de Benedict Lightwood?

Gabriel sentiu o sangue aquecendo nas bochechas. Não tinha falado com quase ninguém sobre o pai após a morte de Benedict — se é que aquilo que morreu no jardim italiano podia ser chamado de pai. Houve um tempo em que foram ele e a família contra o mundo, os Lightwood acima de tudo, mas agora — agora havia vergonha no nome Lightwood, tanto quanto outrora existira orgulho, e Gabriel não sabia como falar sobre isso.

— Sim — disse, afinal. — Sou filho de Benedict Lightwood.

— Ótimo. Tenho algumas das encomendas de seu pai. Já estava começando a imaginar se ele algum dia viria buscar. — O sátiro mexeu no fundo, e Gabriel se ocupou examinando a parede. Havia desenhos de paisagens e mapas pendurados ali, mas, ao olhar de perto, viu que não se tratava de representações de nada que conhecesse. Tinha Idris, é claro, com a Floresta Brocelind e Alicante na colina, mas outro mapa mostrava continentes que ele nunca havia visto; e o que era o Mar de Prata? As Montanhas de Espinho? Que tipo de país tinha um céu *roxo*?

— Gabriel — disse Cecily a seu lado, com a voz baixa. Era a primeira vez que o chamava pelo primeiro nome, e ele começou a virar para ela, no instante em que Sallows emergiu do fundo. Em uma das mãos trazia um pacote amarrado, que entregou a Gabriel. Estava bem cheio: evidentemente eram as garrafas com os ingredientes de Magnus. Na outra mão, ele trazia uma pilha de papéis, que repousou na bancada.

— A encomenda de seu pai — disse, com um sorriso.

Gabriel abaixou os olhos para os papéis — e ficou boquiaberto de horror.

— Céus — disse Cecily. — Isso certamente não é possível?

O sátiro esticou a cabeça para ver para onde ela olhava.

— Bem, não com uma pessoa, mas com um demônio Vetis e um bode, provavelmente. — Ele se voltou para Gabriel. — Então, tem dinheiro para isso ou não? Seu pai está atrasado com os pagamentos, e não pode comprar fiado eternamente. O que vai ser, Lightwood?

— Charlotte já lhe perguntou se você gostaria de ser Caçadora de Sombras? — perguntou Gideon.

No meio da escada, com um livro na mão, Sophie congelou. Gideon estava sentado a uma das longas mesas da biblioteca, perto de uma janela com vista para o jardim. Livros e papéis se espalhavam diante dele, e ele e Sophie já tinham passado várias horas agradáveis procurando listas e histórias de feitiços, detalhes

sobre *yin fen* e especificações sobre a ciência das ervas. Apesar de a perna de Gideon estar se curando rapidamente, estava apoiada em duas cadeiras à frente dele, e Sophie se ofereceu para subir e descer as escadas para alcançar os livros mais altos. No momento, segurava um chamado *Pseudomonarchia Daemonum*, cuja capa ligeiramente pegajosa ela estava ansiosa para largar, apesar de a pergunta de Gideon tê-la espantado o suficiente para paralisá-la na descida.

— O que você quer dizer? — perguntou, voltando a descer a escada. — Por que Charlotte me faria uma pergunta dessas?

Gideon ficou pálido, ou talvez fosse apenas o reflexo da luz enfeitiçada no rosto.

— Srta. Collins — disse. — Você é uma das melhores lutadoras que já treinei, incluindo os Nephilim. Por isso pergunto. Parece um desperdício de talento. Apesar de, talvez, não ser algo que deseja?

Sophie colocou o livro sobre a mesa e sentou em frente a Gideon. Sabia que deveria hesitar, aparentar analisar a pergunta, mas a resposta veio antes que conseguisse contê-la.

— Ser uma Caçadora de Sombras é tudo que eu sempre quis.

Ele se inclinou para a frente, e a luz enfeitiçada brilhou em seus olhos, desbotando a cor deles.

— Não teme o perigo? Quanto mais velha a pessoa for quando Ascender, mais arriscado é o processo. Já ouvi falarem sobre reduzir a idade limite de Ascensão para 14 ou até mesmo 12.

Sophie balançou a cabeça.

— Jamais temi o risco. Assumiria com prazer. Meu único medo é que... se eu tentasse, a Sra. Branwell acharia que não tenho gratidão por tudo que ela fez por mim. Ela salvou minha vida e me criou. Me deu segurança e moradia. Eu jamais retribuiria tudo isso abandonando o serviço.

— Não. — Gideon balançou a cabeça. — Sophie... Srta. Collins... você é uma criada livre em uma casa de Caçadores de Sombras. Tem o dom da Visão. Sabe tudo que há para saber sobre o Submundo e os Nephilim. É a candidata *perfeita* para Ascensão. — Ele colocou a mão sobre o livro de demonologia. — Tenho voz no Conselho. Falaria em seu favor.

— Não posso — disse Sophie, com uma leve tensão na voz. Será que ele não entendia o que estava oferecendo, a tentação? — E certamente não *agora*.

— Não, agora não, claro, com James tão doente — acrescentou Gideon apressadamente. — Mas no futuro? Talvez? — Examinou com os olhos o rosto

dela, que sentiu um rubor começar a subir do colarinho. A forma mais óbvia e comum de uma mundana Ascender à Caçadora de Sombras era através do casamento com um Caçador de Sombras. Ficou imaginando o que significava o fato de ele parecer determinado a não mencionar isso. — Mas quando lhe perguntei, você respondeu com determinação. Disse que ser uma Caçadora de Sombras é tudo que sempre quis. Por quê? Pode ser uma vida brutal.

— Toda vida pode ser brutal — disse Sophie. — Minha vida antes do Instituto não era nenhuma maravilha. Suponho que em parte eu quisesse ser Caçadora de Sombras para que, se outro homem se aproximasse de mim com uma faca, como meu antigo empregador o fez, eu pudesse matá-lo na hora. — Ela tocou a bochecha ao responder, um gesto inconsciente que não conseguia evitar, sentindo a cicatriz sob as pontas dos dedos.

Viu a expressão de Gideon — choque e inquietação misturados — e abaixou a mão.

— Eu não sabia que havia sido assim que tinha recebido esta cicatriz — disse ele.

Sophie desviou o olhar.

— Agora vai dizer que não é tão feia ou que sequer a nota ou coisa parecida.

— Eu noto — disse Gideon, com a voz baixa. — Não sou cego, e somos um povo de muitas cicatrizes. Vejo, mas não é feia. É só mais uma linda parte da garota mais linda que já vi.

Agora Sophie ruborizou mesmo — sentiu as bochechas ardendo — e, enquanto Gideon se inclinava sobre a mesa, com os olhos intensos, verdes como tempestade, ela respirou fundo. Ele *não* era como o antigo empregador. Era Gideon. Não ia afastá-lo desta vez.

A porta da biblioteca se abriu. Charlotte estava na entrada e parecia exausta; tinha manchas úmidas no vestido azul-claro e os olhos sombreados. Sophie se levantou imediatamente.

— Sra. Branwell?

— Ah, Sophie. — Charlotte suspirou. — Gostaria que você ficasse um pouco com Jem. Ele ainda não acordou, mas Bridget precisa preparar o jantar, e acho que aquelas terríveis cantorias estão fazendo com que ele tenha pesadelos.

— Claro! — Sophie se apressou para a porta, sem olhar para Gideon ao fazê-lo. Apesar de que, quando a porta se fechou atrás dela, ela teve quase certeza de tê-lo ouvido praguejar baixinho em espanhol.

— Sabe — disse Cecily —, você realmente não precisava ter defenestrado aquele homem.

— Ele não era um homem — disse Gabriel, e franziu o rosto para os objetos que carregava. Ele pegara o pacote com os ingredientes de Magnus, que Sallows havia preparado, e mais alguns objetos que pareciam úteis. Deixou propositalmente todos os papéis do pai sobre a bancada onde Sallows os colocou, *depois* Gabriel arremessou o sátiro de uma das janelas gordurentas. Foi muito satisfatório, espalhando vidro estilhaçado por todos os lados. A força do golpe até deslocou o esqueleto pendurado, que se desmontara em um acúmulo de ossos bagunçados. — Ele era integrante da Corte Unseelie. E um dos ruins.

— Por isso o perseguiu pela rua?

— Ele não tinha de mostrar aquele tipo de imagem para uma dama — murmurou Gabriel, apesar de precisar admitir que a dama em questão mal se abalou e pareceu mais irritada com Gabriel pela reação do que impressionada com seu cavalheirismo.

— E acho que foi exagerado arremessá-lo no canal.

— Ele vai flutuar.

Os cantos da boca de Cecily tremeram.

— Foi muito errado.

— Você está rindo — disse Gabriel, surpreso.

— Não estou! — Cecily levantou o queixo, virando o rosto, mas não antes de Gabriel ver o sorriso nele. O menino ficou admirado. Depois do desdém que demonstrou, as rebatidas e provocações, ele estava certo de que este último ataque a faria contar tudo para Charlotte assim que chegassem ao Instituto, mas, em vez disso, ela parecia entretida. Ele balançou a cabeça enquanto viravam na Garnet Street. Jamais entenderia os Herondale.

— Entregue-me aquele frasco na prateleira, sim, Sr. Bane? — pediu Henry.

Magnus o fez. Estava no centro do laboratório de Henry, olhando em volta para as formas brilhantes nas mesas ao redor.

— O que são essas engenhocas, se me permite perguntar?

Henry, que estava com dois pares de óculos ao mesmo tempo — um sobre a cabeça e outro sobre os olhos — pareceu satisfeito e nervoso com a pergunta (Magnus presumiu que os dois óculos fossem fruto de distração, mas caso fosse

uma opção de moda, achou melhor não perguntar). Henry pegou um objeto quadrado de bronze com botões múltiplos.

— Bem, aquilo é um Sensor. Sente quando há demônios por perto. — Ele aproximou-se de Magnus, e o Sensor emitiu um ruído alto.

— Impressionante! — exclamou Magnus, satisfeito. Levantou uma peça de tecido com um grande pássaro morto empoleirado no topo. — E o que é isso?

— A Touca Letal — declarou Henry.

— Ah — disse Magnus. — Em tempos difíceis, uma dama pode produzir armas com as quais possa destruir os inimigos.

— Bem, não — admitiu Henry. — Mas isso parece uma ideia melhor. Queria que você tivesse estado presente quando a tive. Infelizmente, esta touca se enrola na cabeça do inimigo e o sufoca, contanto que ele a esteja vestindo na hora.

— Imagino que não será fácil convencer Mortmain a usar a touca — observou Magnus. — Embora a cor ficasse ótima nele.

Henry gargalhou.

— Muito engraçado, Sr. Bane.

— Por favor, me chame de Magnus.

— Eu o farei! — Henry jogou a touca sobre o ombro e pegou um vidro redondo que continha uma substância brilhante. — Este é um pó que, quando aplicado no ar, torna os fantasmas visíveis — disse Henry.

Magnus inclinou o vidro de grãos brilhantes para a luz, admirando-os e, quando Henry sorriu encorajadoramente, o feiticeiro removeu a tampa.

— Parece ótimo — disse, e caprichosamente despejou-o, cobrindo a pele morena e enluvando uma das mãos com um brilho luminoso. — E além da utilização prática, acho que funcionaria para propósitos cosméticos. Este pó faria minha pele brilhar por toda a eternidade.

Henry franziu o rosto.

— Não pela eternidade — disse, e em seguida se alegrou. — Mas posso preparar uma nova remessa quando quiser!

— Eu poderia brilhar sempre que sentisse vontade! — Magnus sorriu para Henry. — São itens fascinantes, Sr. Branwell. Você pensa no mundo de um modo diferente de qualquer Nephilim que já encontrei. Confesso que achava que sua raça não tivesse muita criatividade, apesar de contar com grandes dramas, mas você me deu uma opinião completamente diferente! Certamente a comunidade dos Caçadores de Sombras deve honrá-lo e estimá-lo como um cavalheiro que proporcionou grandes avanços.

— Não — respondeu Henry, entristecido. — Eles gostariam, sobretudo, que eu parasse de sugerir novas invenções e não ateasse mais fogo em nada.

— Mas todas as invenções vêm com risco! — gritou Magnus. — Eu já vi as transformações que o mundo sofreu com a invenção do motor a vapor, a proliferação de materiais impressos, as fábricas e moinhos que mudaram a cara da Inglaterra. Os mundanos tomaram o mundo nas mãos e o transformaram em algo maravilhoso. Feiticeiros, através das eras, sonharam e aperfeiçoaram feitiços para mudarem o mundo. Os Caçadores de Sombras seriam os únicos a permanecerem estagnados e sem mudanças e, portanto, condenados? Como podem virar as costas para a genialidade que acabou de demonstrar? Seria como dar as costas para a luz e perseguir as sombras.

Henry enrubesceu. Era evidente que ninguém nunca o elogiara por suas invenções, exceto, talvez, Charlotte.

— Você me deixa lisonjeado, Sr. Bane.

— Magnus — recordou o feiticeiro. — Agora posso ver seu trabalho neste portal de que estava falando? A invenção que transporta um ser vivo de um ponto a outro?

— Claro! — Henry pegou uma pilha de papel de um canto da mesa amontoada e o empurrou para Magnus. O feiticeiro pegou-a e folheou as páginas com interesse. Cada página era coberta por uma escrita complicada e comprida, além de dúzias e mais dúzias de equações misturando matemática e símbolos em uma harmonia assombrosa. Magnus sentiu o coração acelerando ao passar pelas páginas. Isso era brilhante, realmente brilhante. Havia apenas um problema.

— Vejo o que está tentando fazer — disse ele. — E está quase perfeito, mas...

— Sim, quase. — Henry passou as mãos pelos cabelos ruivos, bagunçando os óculos. — O portal pode ser aberto, mas não há como direcioná-lo. Não é possível saber se você vai chegar ao destino pretendido neste ou em outro mundo, ou mesmo no Inferno. É arriscado demais e, portanto, inútil.

— Você não consegue fazer isso com esses símbolos — disse Magnus. — Precisa de símbolos diferentes dos que está usando.

Henry balançou a cabeça.

— Só podemos utilizar os símbolos do Livro Gray. Qualquer outra coisa é magia. Magia não é a maneira dos Nephilim. É algo que não podemos fazer.

Magnus olhou para Henry por um momento longo e pensativo.

— É algo que *eu* posso fazer — declarou, e empurrou os papéis para ele.

Fadas da Corte Unseelie não gostam muito de luz. A primeira coisa que Sallows — cujo nome não era realmente esse — fez ao voltar para a loja foi colocar papel sobre a janela que o menino Nephilim quebrou tão inconsequentemente. Seus óculos também desapareceram, perdidos nas águas de Limehouse Cut. E ninguém, ao que parecia, ia pagar pelos papéis caros que havia encomendado para Benedict Lightwood. No geral, fora um péssimo dia.

Ele levantou os olhos, irritadiço, quando o sino da loja tocou, alertando que a porta tinha sido aberta, e franziu o rosto. Achou que a tivesse trancado.

— Voltou, Nephilim? — Irritou-se. — Decidiu me jogar no rio não uma, mas duas vezes? Gostaria de informar que tenho amigos poderosos...

— Não duvido, vigarista. — A figura alta e encapuzada na entrada esticou o braço e fechou a porta atrás de si. — Estou muito interessado em saber mais sobre eles. — Uma lâmina fria de ferro brilhou à pouca luz, e os olhos do sátiro se arregalaram de medo. — Tenho algumas perguntas para você — disse o homem na entrada. — E eu não tentaria fugir. Não, se pretende conservar seus dedos...

13

A Mente tem Montanhas

Oh, a mente, mente tem montanhas; penhascos
Assustadores, simples, jamais penetrados por homem algum. Despreze
Aquele que nunca se pendurou. Também não dura nosso pequeno
Acordo de resistência em relação ao íngreme ou profundo. Aqui! Rasteje,
Miserável, sob um conforto em um redemoinho: toda
Vida a morte extingue, e todo dia morre com o sono.
— Gerald Manley Hopkins, "No Worse, There is None"

Tessa jamais se lembraria se havia gritado enquanto caía. Lembrava-se apenas de uma queda longa e silenciosa, o rio e as pedras avançando para ela, o céu aos seus pés. O vento a agrediu no rosto e no cabelo ao girar no ar, e sentiu um puxão agudo na garganta.

Suas mãos voaram para cima. O colar de anjo estava levantando sobre sua cabeça, como se uma mão imensa tivesse se esticado do céu para removê-lo. Um borrão azul a cercou, um par de grandes asas abrindo como portões, e algo a pegou, impedindo a queda. Seus olhos se arregalaram — era impossível, inimaginável —, mas seu anjo mecânico de algum forma crescera até o tamanho de um ser humano e estava pairando sobre ela, as grandes asas mecânicas batendo contra o vento. Ela olhou para um rosto lindo e vazio, a face de uma estátua de metal, sem expressão como sempre — mas o anjo tinha mãos, tão articuladas quanto as dela, e estas a seguravam, suspensa, enquanto as asas batiam, batiam e batiam, e ela agora caía lenta e suavemente, como um dente de leão soprado ao vento.

Talvez eu esteja morrendo, pensou Tessa. E depois, *não pode ser*. Mas enquanto o anjo a segurava e eles flutuavam para a terra, o chão se tornou mais claro e em foco. Agora dava para discernir as pedras individualmente na beira do

riacho, a corrente que descia rio abaixo, o reflexo do sol na água. A sombra das asas aparecia contra a terra e se tornava cada vez mais ampla até que Tessa estivesse caindo nela, caindo na sombra, e ela e o anjo mergulharam juntos no chão e aterrissaram na terra macia e nas pedras espalhadas ao lado do riacho.

Tessa engasgou ao pousar, mais por choque do que por impacto, e esticou o braço, como se pudesse amortecer a queda do anjo com o corpo; mas ele já estava encolhendo, tornando-se cada vez menor, as asas se fechando sobre si mesmas até atingir o chão ao seu lado, novamente do tamanho de um brinquedo. Ela esticou a mão trêmula e o pegou. Estava deitada sobre pedras desiguais, semissubmersa na água gelada; as saias já ficando encharcadas. Tessa pegou o pingente, engatinhou para a margem do riacho com a força que lhe restava, e finalmente sucumbiu no chão seco, com o anjo no peito, batendo no ritmo familiar contra seu coração.

Sophie sentou na poltrona ao lado da cama de Jem, que sempre fora o lugar de Will, e o observou dormir.

Houve um tempo, pensou, em que teria ficado imensamente grata por esta oportunidade, uma chance de estar tão perto dele, colocar panos gelados em sua testa enquanto ele se mexia, murmurava e ardia em febre. E apesar de não mais amá-lo como outrora — de um jeito que, agora sabia, uma pessoa amava um desconhecido, com admiração e distância —, ainda lhe apertava o coração vê-lo assim.

Uma das moças da cidade onde crescera morreu de desnutrição, e Sophie se lembrava de como todos falaram que a doença a deixou ainda mais linda antes de matá-la — deixou-a mais pálida e esguia, e emprestou a seu rosto um brilho rosado. Jem agora estava com aquela febre nas bochechas enquanto se virava contra os travesseiros; o cabelo branco-prateado parecia gelo, e os dedos inquietos tremiam contra o cobertor. Vez ou outra ele falava, mas as palavras eram em mandarim, e ela não as conhecia. Chamou Tessa. *Wo ai ni, Tessa. Bu lu run, he qing kuang fa sheng, wo men dou hui zai yi qi*. E também chamou Will, *sheng si zhi jiao*, de um jeito que fez Sophie querer pegar sua mão e segurá-la, mas quando ela se esticou para tocá-lo, ele estava ardendo em febre e puxou a mão com um grito.

Sophie se encolheu contra a cadeira, imaginando se deveria chamar Charlotte, que ia querer saber se o estado de Jem piorasse. Estava prestes a se

levantar quando, de repente, Jem engasgou, e seus olhos se abriram. Afundou de volta para a cadeira, com olhos fixos. As íris eram de um prata tão claro que estavam quase brancas.

— Will? — perguntou ele. — Will, é você?

— Não — respondeu ela, quase com medo de se mexer. — É Sophie.

Ele exalou suavemente e virou a cabeça sobre o travesseiro. Ela o viu se concentrar em seu rosto com esforço — e, em seguida, de maneira incrível, ele sorriu, aquele sorriso doce que conquistou seu coração.

— Claro — falou —, Sophie. Will não está... mandei que ele fosse.

— Ele foi atrás de Tessa — respondeu ela.

— Ótimo. — As mãos longas de Jem puxaram o cobertor, se contraíram, em seguida, relaxaram. — Fico feliz.

— Você sente falta dele — observou Sophie.

Jem assentiu lentamente.

— Consigo sentir... a distância, como um cordão dentro de mim muito, muito esticado. Não esperava por isso. Não nos separamos desde que nos tornamos *parabatai*.

— Cecily disse que você o mandou para lá.

— Sim — respondeu Jem. — Foi difícil persuadi-lo. Acho que se ele próprio não estivesse apaixonado por Tessa, eu não teria conseguido fazê-lo ir.

Sophie ficou boquiaberta.

— Você *sabia*?

— Não soube durante muito tempo — respondeu. — Não, eu não seria tão cruel. Se soubesse, não teria pedido Tessa em casamento. Teria me recolhido. Eu não sabia. E, no entanto, agora, enquanto tudo se afasta de mim, todas as coisas aparecem com tanta clareza que eu acho que teria descoberto, mesmo que ele não tivesse me contado. No fim das contas, eu teria sabido. — Ele sorriu um pouco ao notar a expressão rígida de Sophie. — Que bom que não tive de esperar até o fim.

— Não está bravo?

— Fico feliz — declarou ele. — Poderão cuidar um do outro depois que eu me for, ou pelo menos posso torcer para que seja assim. Ele diz que ela não o ama, mas... certamente passará a amá-lo com o tempo. É muito fácil amar Will, e ele deu a ela todo o seu coração. Dá para ver. Espero que ela não o parta.

Sophie não conseguiu pensar em nada para dizer. Não sabia o que alguém poderia falar diante de um amor como este — tanta paciência, tanta resistência,

tanta esperança. Houve muitas vezes, nos últimos meses, em que ela se arrependeu de um dia já ter pensado mal de Will Herondale, quando ela viu como ele recuou e permitiu que Tessa e Jem fossem felizes juntos, e ela conhecia a agonia de Tessa com essa felicidade, por saber que estava magoando Will. Somente Sophie, acreditava, sabia que Tessa às vezes chamava Will durante o sono; só ela sabia que a cicatriz na palma da mão de Tessa não resultara de um acidente com o atiçador de fogo, mas fora proposital, algo que ela mesma causou para que, talvez, pudesse sentir uma dor física igual à emocional que sentiu ao negar Will. Sophie segurou Tessa enquanto ela chorava e arrancava as flores do cabelo, que tinham as cores dos olhos de Will, e Sophie cobriu com maquiagem as evidências das lágrimas e das noites insones.

Será que deveria contar a ele? Sophie ficou imaginando. Seria realmente gentil dizer *sim, Tessa também o ama; tentou não amar, mas será que conseguiu?* Será que algum homem poderia querer ouvir isso sobre a moça com quem ia se casar?

— A Srta. Gray tem muita estima pelo Sr. Herondale, e não acho que ela partiria o coração dele — disse Sophie. — Mas gostaria que não falasse como se sua morte fosse inevitável, Sr. Carstairs. Mesmo agora a Sra. Branwell e os outros estão com esperança de encontrar uma cura. Acho que você viverá muitos anos com a Srta. Gray, e vocês serão muito felizes.

Ele sorriu como se soubesse algo que Sophie não sabia.

— É muita gentileza dizer isso, Sophie. Sei que sou um Caçador de Sombras e nós não temos uma transição fácil para a outra vida. Lutamos até o fim. Viemos do reino dos anjos e, no entanto, nós o tememos. Mas eu acho que a pessoa pode encarar o fim e não ter medo, sem ter se curvado à morte. A morte jamais vai me governar.

Sophie olhou para ele, um pouco preocupada; ele soava delirante.

— Sr. Carstairs? Devo buscar Charlotte?

— Daqui a pouco, mas, Sophie... na sua expressão, ali, quando falei... — inclinou-se para a frente. — Então é verdade?

— O que é verdade? — perguntou para ele em voz baixa, mas sabia qual seria a resposta, e não podia mentir para Jem.

* * *

Will estava irritado. O dia amanheceu nebuloso, úmido e terrível. Ele acordou enjoado e mal conseguiu engolir os ovos borrachentos e o bacon frio que a esposa do dono da pousada serviu naquela sala bagunçada; todas as partes do seu corpo chiavam para voltar para a estrada e continuar a jornada.

A chuva o deixara tremendo sob as roupas, apesar de ter aplicado muitos símbolos de aquecimento, e Balios não gostava da lama que grudava em seus cascos enquanto tentavam acelerar pela rua, com Will imaginando, amuado, como era possível a névoa condensar *dentro* das roupas de alguém. Pelo menos, chegou a Northamptonshire, o que já era alguma coisa, mas mal completara 30 quilômetros e simplesmente se recusava a parar, apesar de Balios tê-lo olhado suplicante ao passarem por Towcester, como se implorasse por um estábulo aquecido e um pouco de aveia, e Will estivesse quase inclinado a atendê-lo. Uma sensação de desespero invadiu seus ossos, tão fria e inescapável quanto a chuva. O que ele achava que estava fazendo? Realmente acreditava que fosse encontrar Tessa assim? Ele era um tolo?

E, no momento, estavam passando por um campo desagradável, onde a lama deixava o caminho de pedras traiçoeiro. O paredão de um penhasco se erguia de um dos lados da estrada e bloqueava o céu. Do outro lado, a estrada descia dramaticamente em um desfiladeiro de pedras afiadas. A água distante de um riacho lamacento brilhava fraca na base do desfiladeiro. Will manteve a cabeça de Balios bem puxada, longe da queda, mas mesmo assim o cavalo parecia perto de escorregar. A cabeça do próprio Will estava abaixada, abrigada no colarinho para evitar a chuva fria; foi apenas por acaso que, olhando um instante para o lado, ele viu algo verde e dourado entre as pedras na beira da estrada.

Puxou Balios em um instante e desceu do cavalo tão depressa que quase deslizou na lama. A chuva estava caindo mais pesada agora enquanto ele se aproximava e ajoelhava para examinar a corrente dourada que ficara presa na ponta afiada de uma pedra. Pegou cuidadosamente. Era um pingente jade, circular, com caracteres estampados na parte de trás. Sabia muito bem o que significava.

Quando duas pessoas são como uma em seus corações, elas estilhaçam até mesmo a força do ferro ou do bronze.

O presente de noivado que Jem deu a Tessa. A mão de Will apertou o objeto ao se levantar. Lembrou-se de tê-la encarado na escadaria — a corrente do pingente de jade no pescoço da moça, piscando para ele como um lembrete cruel

de Jem enquanto ela dizia, *dizem que uma pessoa não pode dividir o coração, no entanto...*

— Tessa! — gritou subitamente, a voz ecoando das pedras. — *Tessa!*

Ficou parado um instante, tremendo, ao lado da estrada. Não sabia o que esperava — uma resposta? Até parece que ela poderia estar aqui, se escondendo entre pedras espalhadas. Havia apenas silêncio e o som do vento e da chuva. Mesmo assim, ele sabia, sem qualquer sombra de dúvida, que este era o colar de Tessa. Talvez ela o tivesse arrancado e jogado da janela da carruagem para marcar o caminho para ele, como a trilha de pão de João e Maria. É o que uma heroína da literatura faria. Talvez houvesse outros marcadores, se ele continuasse. Pela primeira vez, a esperança voltou a correr em suas veias.

Com um novo senso de resolução, ele voltou para Balios e montou. Não ia desacelerar; chegariam a Staffordshire antes do anoitecer. Ao virar a cabeça do cavalo de volta para a estrada, guardou novamente o pingente no bolso, onde as palavras de amor e compromisso marcadas pareciam queimar como um estigma.

Charlotte nunca se sentira tão cansada. A gravidez a exauria mais do que havia imaginado inicialmente, e ela passara a noite acordada e o dia ocupada. Tinha manchas no vestido, do laboratório de Henry, e seus calcanhares doíam por ter subido e descido as escadas da biblioteca. No entanto, ao abrir a porta do quarto de Jem e vê-lo não apenas acordado, mas sentado e conversando com Sophie, ela se esqueceu do cansaço e sentiu o rosto se abrir em um sorriso inevitável de alívio.

— James! — exclamou. — Fiquei imaginando... Digo, que bom que está acordado.

Sophie, que parecia estranhamente ruborizada, se levantou.

— Devo me retirar, Sra. Branwell?

— Oh, sim, por favor, Sophie. Bridget está em um daqueles momentos; ela diz que não consegue encontrar *Bang Mary*, e não faço ideia do que seja isso.

Sophie quase sorriu — teria sorrido, se seu coração não estivesse acelerado com a consciência de que talvez tivesse feito algo terrível.

— *Bain-marie* — disse. — Vou localizar para ela. — Foi até a porta, parou e lançou um olhar peculiar sobre o ombro para Jem, que estava apoiado contra os travesseiros, parecendo muito pálido, porém, composto. Mas antes que Charlotte

pudesse falar qualquer coisa, Sophie desapareceu, e Jem estava chamando Charlotte com um sorriso cansado.

— Charlotte, se não se importa... pode me trazer meu violino?

— Claro! — Charlotte foi até a mesa perto da janela, onde o violino estava guardado no estojo de madeira, com o arco e uma pequena caixa redonda de resina. Levantou o violino e o trouxe até a cama, onde Jem o pegou cuidadosamente, e ela sentou agradecida na cadeira ao lado. — Oh... — disse um segundo depois. — Desculpe. Esqueci o arco. Você quer tocar?

— Tudo bem. — Ele vibrou gentilmente as cordas com as pontas dos dedos, o que produziu ruídos suaves e vibrantes. — Isto é *pizzicato*, a primeira coisa que meu pai me ensinou a fazer quando me mostrou o violino. Me lembra de como é ser criança.

Você ainda é uma criança, Charlotte queria dizer, mas não o fez. Faltavam poucas semanas para o aniversário de 18 anos, afinal, quando Caçadores de Sombras se tornavam adultos, e embora ela olhasse para ele e ainda visse o menino de cabelos escuros que chegou de Xangai agarrando o violino, com olhos arregalados no rosto pálido, isso não queria dizer que ele não tinha crescido.

Charlotte alcançou a caixa de *yin fen* na mesa de cabeceira. Havia apenas uma raspa clara no fundo, mal dava para uma colher de chá. Ela engoliu em seco e colocou o pó em um copo, em seguida, acrescentou água, deixando que o *yin fen* dissolvesse como açúcar. Quando o entregou a Jem, ele colocou o violino de lado e pegou o copo. Olhou para o líquido, com olhos pálidos e pensativos.

— É a última dose? — perguntou.

— Magnus está trabalhando em uma cura — disse Charlotte. — Todos estamos. Gabriel e Cecily estão comprando ingredientes para mantê-lo forte, e Sophie, Gideon e eu estamos pesquisando. Tudo está sendo feito. Tudo.

Jem pareceu um pouco surpreso.

— Eu não sabia.

— Mas claro que sim — disse Charlotte. — Somos sua família; faríamos qualquer coisa por você. Por favor, não perca a esperança, Jem. Preciso que se mantenha forte.

— Toda a força que tenho é sua — falou enigmaticamente. Tomou a solução de *yin fen*, entregando de volta o copo vazio. — Charlotte.

— Sim?

— Já ganhou a briga sobre o nome da criança?

Charlotte riu, espantada. Parecia estranho pensar no bebê agora, mas por que

não? *Na morte, estamos na vida*. Era um assunto que não a faria pensar em doença, no desaparecimento de Tessa ou na missão perigosa de Will.

— Ainda não — respondeu. — Henry insiste em Buford.

— Você vai ganhar — disse Jem. — Sempre ganha. Você seria uma ótima Consulesa, Charlotte.

Charlotte franziu o nariz.

— Uma Consulesa? Mulher? Depois de todos os problemas que tive só por governar o Instituto!

— Tem sempre uma primeira vez — declarou Jem. — Não é fácil ser a primeira e não é muito recompensador, mas é importante. — Ele abaixou a cabeça. Depois disse: — Você traz com você um dos meus poucos lamentos.

Charlotte olhou para ele, confusa.

— Eu gostaria de conhecer o bebê.

Foi uma declaração simples e saudosa, mas se alojou no coração de Charlotte como um caco de vidro. Ela começou a chorar, e as lágrimas corriam-lhe suavisamente pelo rosto.

— Charlotte — disse Jem, como se tentasse confortá-la. — Você sempre cuidou de mim. Vai cuidar muito bem deste bebê. Será uma ótima mãe.

— Você não pode desistir, Jem — pediu ela, com a voz engasgada. — Quando o trouxeram a mim, me disseram que só viveria por um ou dois anos. Já está vivo há quase seis. Por favor, viva mais alguns dias. Mais alguns dias, por mim.

Jem lançou a ela um olhar suave e calculado.

— Vivi por você — respondeu. — E vivi por Will, depois por Tessa... e por mim, porque queria ficar com ela. Mas não posso viver pelos outros para sempre. Ninguém pode falar que a morte me achou um camarada disposto ou que fui fácil. Se disser que precisa de mim, ficarei o máximo que conseguir por você. Viverei por você e pelos seus e partirei lutando contra a morte até estar esgotado. Mas não seria minha escolha.

— Então... — Charlotte o olhou hesitante. — Qual seria sua escolha?

Ele engoliu em seco e abaixou a mão para tocar o violino ao seu lado.

— Tomei uma decisão — declarou. — Tomei-a quando mandei Will partir. — Ele desviou a cabeça e, em seguida, olhou para Charlotte, os olhos pálidos e com olheiras fixos em seu rosto, como se quisessem que ela entendesse. — Quero que pare — falou. — Sophie disse que todos continuam procurando uma cura

para mim. Sei que dei permissão a Will, mas quero que parem agora, Charlotte. Acabou.

Estava escurecendo quando Cecily e Gabriel voltaram ao Instituto. Sair pela cidade com alguém que não eram Charlotte ou o irmão foi uma experiência única para Cecily, e ela ficou impressionada com o fato de que Gabriel Lightwood fosse uma boa companhia. Ele a fez rir, apesar de ela ter feito o possível para disfarçar, e ele carregou todos os pacotes, embora ela tivesse esperado que ele fosse reclamar de ser tratado como um lacaio.

Era verdade que, provavelmente, ele não deveria ter jogado aquele sátiro pela janela — ou, depois, no canal de Limehouse. Mas ela não podia culpá-lo. Sabia muito bem que não tinha sido por ele ter mostrado imagens impróprias a uma dama que Gabriel se irritou, mas pela lembrança do pai.

Era estranho, pensou, enquanto subiam os degraus do Instituto, o quanto ele era diferente do irmão. Ela gostou de Gideon desde que chegou a Londres, mas o achou quieto e contido. Ele não falava muito e, apesar de às vezes ajudar Will com seu treinamento, era distante e sério com todo mundo, menos com Sophie. Com ela era possível ver flashes de humor. Sabia ser engraçado de um jeito seco quando queria, e tinha uma natureza sombriamente observadora e a alma tranquila.

Com pedacinhos extraídos de Tessa, Will e Charlotte, Cecily havia montado a história dos Lightwood e começado a entender por que Gideon era tão quieto. De certa forma, como Will e ela própria, ele dera as costas para a família deliberadamente e carregava as cicatrizes dessa perda. A escolha de Gabriel tinha sido diferente. Ele havia ficado ao lado do pai e assistido a lenta deterioração do corpo e da mente de Benedict. No que teria pensado enquanto acontecia? Em que momento percebeu que tinha feito a escolha errada?

Gabriel abriu a porta do Instituto, e Cecily entrou; foram recebidos pela voz de Bridget, flutuando pela escada.

"Oh, não o vejo acolá na estrada estreita,
Assaltado violentamente por espinhos e sarças?
É o caminho da justiça,
Apesar de poucos o seguirem.

E você não vê aquela estrada bem larga
Do outro lado dos lírios?
É o caminho da maldade,
Apesar de alguns chamarem de estrada para o Céu."

— Ela está cantando — disse Cecily, começando a subir. — Outra vez.

Gabriel, equilibrando os pacotes agilmente, emitiu um ruído uniforme.

— Estou faminto. Será que ela prepara frango frito e pão na cozinha, se eu disser que não me importo com as músicas?

— Todo mundo se importa com as músicas. — Cecily o olhou de lado; ele tinha um belo perfil. Gideon também era bonito, mas Gabriel tinha ângulos agudos, queixo e maçãs do rosto que ela achava mais elegantes. — Não é culpa sua, você sabe — falou Cecily subitamente.

— O que não é minha culpa? — Eles saíram da escada e foram para o corredor do segundo andar. Cecily achou escuro, pois as luzes enfeitiçadas estavam fracas. Dava para ouvir Bridget, cantando ainda:

"*Era uma noite escura, escura, não havia estrelas,*
E eles caminharam com sangue vermelho até os joelhos;
Pois todo o sangue entornado na terra
Corre pelas nascentes daquele país."

— Seu pai — disse Cecily.

O rosto de Gabriel enrijeceu. Por um instante, Cecily achou que fosse responder irritado, mas, em vez disso, apenas disse:

— Pode ou não ser minha culpa, mas escolhi fechar os olhos para seus crimes. Acreditei nele quando foi errado fazê-lo, e ele desgraçou o nome dos Lightwood.

Cecily ficou em silêncio por um instante.

— Vim para cá porque acreditava que os Caçadores de Sombras fossem monstros que levaram meu irmão. Acreditava nisso porque meus pais acreditavam. Mas eles estavam errados. Não somos nossos pais, Gabriel. Não

precisamos carregar o fardo das escolhas e dos pecados deles. Você pode fazer o nome Lightwood voltar a brilhar.

— Essa é a diferença entre você e eu — disse ele, sem qualquer amargura. — Você escolheu vir aqui. Eu fui expulso de casa, perseguido por um monstro que um dia foi meu pai.

— Bem — falou Cecily gentilmente —, não foi perseguido até aqui. Só em Chiswick, pensei.

— O quê...

Ela sorriu para ele.

— Sou irmã de Will Herondale. Não pode esperar que eu seja séria o tempo *todo*.

A expressão dele ao ouvir isso foi tão cômica que ela riu; ainda estava rindo quando abriram a porta da biblioteca e entraram — e ambos pararam.

Charlotte, Henry e Gideon estavam sentados a uma das longas mesas. Magnus sentara-se mais distante, perto da janela, com as mãos fechadas atrás do corpo. Tinha as costas rígidas e eretas. Henry parecia pálido e cansado, e Charlotte estava com o rosto manchado de lágrimas. O de Gideon era uma máscara.

O riso morreu nos lábios de Cecily.

— O que foi? Alguma notícia? Will...

— Não é Will — disse Charlotte. — É Jem. — Cecily mordeu o lábio enquanto o coração desacelerava com um alívio culpado. Pensou primeiro no irmão, mas claro que o *parabatai* corria um perigo mais iminente.

— Jem? — Ela inspirou.

— Ele ainda está vivo — disse Henry, respondendo a pergunta que ela não fez.

— Bem, então. Trouxemos tudo — disse Gabriel, colocando os pacotes na mesa. — Tudo que Magnus pediu... a damiana, a raiz de cabeça de morcego...

— Obrigado — disse Magnus da janela, sem se virar.

— Sim, obrigada — falou Charlotte. — Fizeram tudo que pedi, e sou grata. Mas temo que sua tarefa tenha sido vã. — Ela olhou para o pacote e depois para eles novamente. Claramente estava fazendo um esforço enorme para falar. — Jem tomou uma decisão — anunciou ela. — Ele quer que paremos de procurar uma cura. Tomou o resto do *yin fen*; acabou, e agora é uma questão de horas. Chamei os Irmãos do Silêncio. É hora da despedida.

Estava escuro na sala de treinamento. As sombras se esticavam sobre o chão, e a luz da lua entrava pelas altas janelas arqueadas. Cecily sentou em um dos bancos gastos e olhou para os desenhos que o luar formava no chão de madeira.

Sua mão direita subiu para o pingente vermelho no pescoço. Não pôde deixar de pensar no irmão. Parte da sua mente estava ali no Instituto, mas o restante permanecia com Will: montado em um cavalo, inclinado ao vento, cavalgando em alta velocidade pelas estradas que separavam Londres de Dolgellau. Ficou se perguntando se ele estaria assustado. Ficou imaginando se voltaria a vê-lo.

Estava tão imersa em pensamentos que se assustou com o rangido da porta ao se abrir. Uma longa sombra se projetou no chão, e ela levantou o olhar e viu Gabriel Lightwood piscando, surpreso.

— Está se escondendo aqui, certo? — disse ele. — Isso é... constrangedor.

— Por quê? — Ficou surpresa pelo quão normal sua voz soou. Calma, até.

— Porque eu pretendia me esconder aqui.

Cecily ficou em silêncio por um instante. Gabriel parecia um pouco incerto — não combinava com ele; normalmente era tão confiante. Apesar de ter uma confiança mais frágil que a do irmão. Estava escuro demais para ela ver a cor de seus olhos ou do cabelo, e pela primeira vez pôde notar a semelhança entre ele e Gideon. Tinham a mesma determinação no queixo, os mesmos olhos espaçados e postura cautelosa.

— Pode se esconder comigo — falou —, se quiser.

Ele assentiu e atravessou a sala até onde ela estava, mas em vez de se aproximar, foi até a janela e olhou para o lado de fora.

— A carruagem dos Irmãos do Silêncio chegou — disse ele.

— Sim — respondeu Cecily. Sabia pelo *Códex* que os Irmãos do Silêncio eram os médicos e os padres do mundo dos Caçadores de Sombras; eles sempre estavam em leitos de mortes, de doentes e de parto. — Achei que eu deveria ver Jem. Por Will. Mas... não consegui. Sou covarde — acrescentou, como se isso só tivesse lhe ocorrido agora. Não era algo sobre o qual ela própria já tivesse pensado.

— Então eu também sou — respondeu Gabriel. O luar desceu sobre a lateral de seu rosto, fazendo com que parecesse que ele estava com metade de uma máscara. — Tinha vindo para cá buscando solidão e, francamente, distância dos Irmãos, pois eles me dão arrepios. Pensei em jogar paciência. Poderíamos jogar cartas, se quiser.

— Como Pip e Estella em *Grandes esperanças* — disse Cecily, entretida. —

Mas não... não sei jogar baralho. Minha mãe tentava não ter cartas em casa, considerando que meu pai... tinha uma fraqueza por elas. — Ela olhou para Gabriel. — Sabe, de certa forma, somos iguais. Nossos irmãos nos deixaram e ficamos sozinhos com um pai que se deteriorava. O meu ensandeceu um pouco depois que Will foi embora e Ella morreu. Ele levou anos para se recuperar, e, nesse período, perdemos nossa casa. Exatamente como você perdeu Chiswick.

— Chiswick foi tomada de nós — respondeu Gabriel, com uma amargura ácida. — E, para ser sincero, ao mesmo tempo lamento e não lamento. Minhas lembranças do lugar... — Ele estremeceu. — Meu pai se trancou no escritório quinze dias antes de eu buscar ajuda aqui. Eu deveria ter vindo antes, mas fui orgulhoso demais. Não queria admitir que tivesse me enganado em relação a ele. Por duas semanas, mal dormi. Bati à porta do escritório e implorei para que meu pai saísse, falasse comigo, mas só ouvia barulhos inumanos. Eu trancava meu quarto à noite, e pela manhã havia sangue nas escadas. Disse a mim mesmo que os criados haviam fugido, mas sabia que não. Então, não, não somos iguais, Cecily, porque você *saiu*. Foi corajosa. Eu fiquei até não haver outra escolha além dessa. Fiquei, mesmo sabendo que era errado.

— Você é um Lightwood — disse Cecily. — Ficou porque foi leal ao nome de sua família. Não é covardia.

— Não foi? A lealdade continua sendo uma qualidade louvável mesmo quando é direcionada para o lado errado?

Cecily abriu a boca e fechou novamente. Gabriel a fitava com olhos brilhantes ao luar. Parecia verdadeiramente desesperado para ouvir a resposta. Ela ficou imaginando se ele tinha mais alguém com quem conversar. Dava para ver que podia ser assustador tratar de dilemas morais com Gideon; ele parecia tão convicto, como se nunca tivesse se questionado na vida e não entendesse aqueles que o faziam.

— Acho — disse ela, escolhendo as palavras cuidadosamente — que qualquer impulso bom pode ser convertido em algo ruim. Veja o Magistrado. Ele faz o que faz porque detesta os Caçadores de Sombras, por lealdade aos pais, que cuidaram dele e foram mortos. Não é incompreensível. No entanto, nada justifica o resultado. Acho que quando fazemos escolhas, pois cada escolha independe de qualquer outra que tenhamos feito antes, precisamos examinar não só nossos motivos, mas as consequências que elas trarão e se boas pessoas vão se machucar com nossas decisões.

Fez-se uma pausa. Em seguida:

— Você é muito sábia, Cecily Herondale — concluiu Gabriel.

— Não se arrependa demais das escolhas que fez no passado, Gabriel — falou, ciente do uso do primeiro nome do rapaz, mas incapaz de evitar. — Apenas faça as certas no futuro. Somos capazes de mudar e de sermos o melhor que podemos.

— Isso — falou Gabriel — não seria quem meu pai gostaria que eu fosse, e, apesar de tudo, ainda me pego querendo a aprovação dele.

Cecily suspirou.

— Podemos fazer nosso melhor, Gabriel. Tentei ser a filha que meus pais queriam, a moça que desejavam que eu me tornasse. Saí para levar Will de volta por achar que fosse a coisa certa. Sabia que eles sofriam por ele ter escolhido outro caminho; e é o certo para ele, por mais que tenha chegado de um jeito estranho. É o caminho *dele*. Não escolha o que seu pai teria escolhido ou o que seu irmão escolheria. Seja o Caçador de Sombras que você quer ser.

Ele soou muito jovem ao responder.

— Como sabe que farei a escolha certa?

Do lado de fora da janela, os cascos dos cavalos ressoavam nas pedras do jardim. Os Irmãos do Silêncio estavam se retirando. *Jem*, pensou Cecily, com uma pontada no coração. Seu irmão sempre olhou para ele como uma espécie de Estrela do Norte, uma bússola que sempre o guiava na direção certa. Ela nunca havia pensado no irmão como uma pessoa de sorte, e certamente não esperaria que isso acontecesse hoje, no entanto... no entanto, de certa forma, ele era, sim. Por sempre ter tido a quem recorrer e por não ter de se preocupar constantemente com a possibilidade de estar olhando para as estrelas erradas.

Ela tentou deixar a voz o mais firme e forte que conseguisse, por ela e pelo menino na janela.

— Talvez, Gabriel Lightwood, eu tenha fé em você.

14

Parabatai

Paz, paz! Ele não está morto, não está dormindo,
Acordou do sonho da vida;
Somos nós que, perdidos em visões tempestuosas, mantemos
Com fantasmas um conflito inútil,
E em um transe louco, atacamos com a faca do nosso espírito
Vários nadas invulneráveis. Decompondo
Como corpos em uma câmara mortuária; medo e dor
Nos convulsionam e consomem dia a dia,
E esperanças frias se acumulam como vermes em nosso barro vivo.
— Percy Bysshe Shelley, "Adonais: an Elegy on the Death of John Keats"

O jardim da pousada Green Man Inn estava uma bagunça de lama quando Will parou o cavalo esgotado e saltou das costas de Balios. Estava cansado, rijo e dolorido, e, por causa das más condições da estrada, bem como da exaustão do cavalo, além da própria, não cumpriu grande distância nas últimas horas. Já estava bastante escuro, e ele ficou aliviado em ver um cavalariço correndo em sua direção, com as botas sujas de lama até o joelho e carregando uma lanterna que emanava um brilho amarelo e morno.

— Oi, mas que noite molhada, senhor — disse o menino, alegremente, enquanto se aproximava. Parecia um menino humano normal, mas havia algo de malicioso e um pouco élfico nele. Sangue de fada, às vezes, passado de geração em geração, podia se manifestar em humanos e até em Caçadores de Sombras através da curva de um olho ou no brilho de uma pupila. Claro que o menino tinha Visão. O Green Man era uma estalagem conhecida no Submundo. Will torcera para chegar antes do anoitecer. Estava cansado de fingir na frente de mundanos, cansado de se enfeitiçar, cansado de se esconder.

— Molhada? Você acha? — murmurou, enquanto a água escorria do cabelo para os cílios. Olhou para a porta da frente da pousada, através da qual uma acolhedora luz amarela brilhava. Acima, quase toda a claridade havia desaparecido do céu. Nuvens negras pesadas se espalhavam no alto, carregadas com a promessa de mais chuva.

O menino pegou Balios pela rédea.

— Você tem um desses cavalos mágicos! — exclamou.

— Sim. — Will afagou o flanco do animal. — Ele precisa de uma escovada e de cuidados especiais.

O menino assentiu.

— Então você é um Caçador de Sombras? Não recebemos muitos por aqui. Tivemos um há pouco tempo, mas ele era velho e temperamental...

— Ouça — perguntou Will —, tem algum quarto disponível?

— Não sei se tem algum particular, senhor.

— Bem, eu vou querer um particular, então é bom que tenha. E uma baia para o cavalo passar a noite, além de um banho e uma refeição. Vá e acomode minha montaria, e vou ver o que seu patrão diz.

O dono foi solícito e, ao contrário do menino, não comentou sobre as Marcas nas mãos nem no pescoço de Will, apenas fez as perguntas habituais:

— Quer sua refeição em uma saleta privada ou na sala comunal, senhor? E vai querer um banho antes ou depois da ceia?

Will, que estava carregado de lama, optou pelo banho primeiro, apesar de ter concordado em jantar na sala comunal. Havia trazido uma boa quantidade de dinheiro mundano, mas um jantar privado era uma despesa desnecessária, principalmente quando a pessoa não se importava com o que fosse comer. A comida era combustível para a viagem, e só.

Apesar de o dono da pousada não ter prestado atenção ao fato de Will ser Nephilim, outros na área comum o fizeram. Enquanto Will se inclinava contra a bancada, um grupo de jovens licantropes, que havia passado o dia tomando cerveja barata, murmurou entre si, perto da grande lareira. Will tentou não notá-los ao pedir garrafas de água quente para si e farelo de mistura para o cavalo, como qualquer jovem cavalheiro despótico faria, mas os olhos afiados em Will eram ávidos, absorvendo cada detalhe, desde o cabelo molhado até as botas lamacentas e o casaco pesado, que não dava indícios sobre ele carregar as armas Nephilim habituais em si ou não.

— Acalmem-se, meninos — disse o mais alto do grupo. Estava sentado na

frente da lareira, com o rosto em uma sombra densa, apesar de o fogo contornar seus dedos longos enquanto ele pegava um charuto de uma bela caixa de majólica e cutucava pensativamente a tranca. — Eu o conheço.

— Conhece? — perguntou um dos lobos mais jovens, incrédulo. — Aquele Nephilim? É seu amigo, Scott?

— Ah, não é amigo. Não exatamente. — Woolsey Scott acendeu a ponta do charuto com um fósforo e olhou para o menino do outro lado sobre a pequena chama, com um sorriso na boca. — Mas é muito interessante que ele esteja aqui. Muito interessante mesmo.

— *Tessa!* — A voz ecoou em seu ouvido, um grito áspero. Sentou-se ereta à margem, o corpo tremendo.

— *Will*? — Ela se levantou cambaleando e olhou em volta. A lua havia passado atrás de uma nuvem. O céu acima parecia um mármore cinza-escuro com veias negras. O rio corria diante dela, cinzento à pouca luz, e, olhando em volta, ela só viu árvores nodosas, o penhasco íngreme do qual havia caído, e um trecho amplo de campo se estendendo na outra direção: campos e cercas de pedra, alguns pontos distantes marcados por uma fazenda ou uma habitação. Ela não conseguia ver nada como uma cidade ou uma vila, sequer um aglomerado de luzes que pudesse indicar uma aldeia minúscula.

— Will — sussurrou novamente, se abraçando. Tinha *certeza* de que havia ouvido sua voz chamando. A voz de ninguém soava como a dele. Mas era ridículo. Ele não estava aqui. Não podia estar. Talvez, como Jane Eyre, que ouviu Rochester chamá-la, estivesse sonhando acordada.

Pelo menos, foi um sonho que a despertou da inconsciência. O vento era como uma faca de friagem, cortando suas roupas — usava apenas um vestido fino, feito para ambientes internos, sem casaco ou chapéu — e sua pele. As saias ainda estavam úmidas por causa da água do rio, o vestido e a meia rasgados e manchados de sangue. O anjo lhe salvara a vida, ao que parecia, mas não a protegera dos ferimentos.

Tocou o anjo agora, na esperança de que a guiasse, mas ele estava parado e mudo como nunca. No entanto, ao tirar a mão do pescoço, ouviu a voz de Will na cabeça: *às vezes, quando tenho de fazer algo que não quero, finjo ser personagem de um livro. É mais fácil saber o que eles fariam*.

Uma personagem literária, pensou Tessa, uma pessoa boa e sensata, seguiria o rio. Uma personagem saberia que as habitações humanas e as cidadelas normalmente são construídas perto da água, e procuraria ajuda, em vez de se aventurar pelo bosque. Decidida, abraçou a si mesma e começou a descer rio abaixo.

Quando Will — banhado, barbeado e usando uma camisa e um colarinho limpos — voltou à sala comunal para jantar, as pessoas já ocupavam metade do recinto.

Bem, não exatamente as pessoas. Ao ser levado a um assento, passou por mesas onde duendes travessos sentavam encolhidos atrás de canecas de cerveja, parecendo senhores enrugados, exceto pelas presas nas mandíbulas inferiores. Um feiticeiro magro com cabelo castanho desgrenhado e um terceiro olho no centro da testa cortava um pedaço de vitela. Um grupo sentava a uma mesa perto da lareira — lobisomens, Will sentiu, pelo comportamento coletivo. A sala cheirava a umidade, brasas e comida, e o estômago de Will roncou; ele não havia percebido o quanto estava faminto.

Ele examinou um mapa de Gales enquanto tomava o vinho (amargo como vinagre) e comia a refeição que lhe serviram (carne de veado com batatas), e fez o que podia para ignorar os olhares dos outros clientes. Supôs que o cavalariço tivesse razão; eles *não* recebiam muitos Nephilim ali. Teve a sensação de que suas Marcas brilhavam como estigmas. Quando tiraram os pratos, ele pegou papel e escreveu uma carta:

Charlotte,

Sinto muito por ter deixado o Instituto sem sua permissão. Peço perdão; senti que não havia escolha.

Esse, no entanto, não é o motivo pelo qual escrevo. Ao lado da estrada, vi registros da passagem de Tessa. De algum jeito, ela conseguiu jogar o colar de jade pela janela da carruagem, acredito que para podermos encontrá-la. Está comigo agora. É prova irrefutável de que estávamos corretos em relação ao paradeiro de Mortmain. Ele deve estar em Cadair Idris. Você precisa escrever para o Cônsul e exigir que ele envie força total para a montanha.

Will Herondale

Após selar a carta, Will chamou o dono da pousada e confirmou que, por meia coroa, o menino levaria ao cocheiro noturno para que fosse entregue. Após pagar, Will se sentou, pensando se deveria se forçar a tomar outro copo de vinho para garantir o sono quando sentiu uma dor aguda e penetrante no peito. Foi como receber uma flexada, e Will cambaleou para trás. A taça de vinho caiu e se estilhaçou. Ele se levantou, apoiando ambas as mãos na mesa. Teve vaga consciência dos olhares e da voz ansiosa do dono da pousada ao seu ouvido, mas a dor era forte demais para conseguir pensar, quase grande demais para conseguir respirar.

O aperto no peito, que ele achava ser a ponta de uma corda que o prendia a Jem, estava tão tenso que estrangulava seu coração. Cambaleou para fora da mesa, atravessando um amontoado de clientes perto do bar, e passou para a porta da frente da pousada. Só conseguia pensar em ar, em encher os pulmões de ar e respirar.

Abriu as portas e saiu aos tropeços para a noite. Por um instante, a dor no peito melhorou, e ele caiu contra a parede da pousada. A chuva caía, ensopando seus cabelos e roupas. Engasgou, o coração tremendo com uma mistura de pavor e desespero. Seria apenas a distância de Jem o afetando? Ele jamais havia sentido nada parecido, mesmo nos piores dias de Jem, mesmo quando ele se feria e Will sentia dores solidárias.

A corda se rompeu.

Por um instante tudo ficou branco, e o jardim clareou como se tivessem jogado ácido nele. Will se curvou até os joelhos, vomitando o jantar na lama. Quando os espasmos passaram, ele se levantou cambaleando e se afastou cegamente da pousada, como se tentasse escapar da própria dor. Apoiou-se contra a parede dos estábulos, ao lado do bebedouro dos cavalos. Ajoelhou-se para colocar as mãos na água gelada — e viu o próprio reflexo. Lá estava seu rosto, branco como a morte, sua camisa e uma mancha vermelha se espalhando pela frente.

Com mãos molhadas, ele segurou a lapela e abriu a camisa. Sob a luz fraca que escapava da pousada, ele viu o símbolo *parabatai*, acima do coração, sangrando.

Estava com as mãos cobertas de sangue, sangue e chuva, a mesma chuva que limpava o sangue do peito, mostrando o símbolo que começava a desbotar de preto para prateado, mudando tudo que fazia sentido na vida de Will para uma grande falta de sentido.

Jem estava morto.

Tessa estava andando havia horas, e seus sapatos finos estavam cortados pelas pedras afiadas perto do rio. Começou quase correndo, mas a exaustão e o frio prevaleceram, e ela agora mancava lentamente, ainda que determinada, rio abaixo. O tecido ensopado das saias a atrasava, como uma âncora que a puxaria para o fundo de um mar terrível.

Ela não vira qualquer sinal de habitação humana durante vários quilômetros, e estava começando a perder as esperanças no seu plano quando avistou uma clareira. Tinha começado a chover, mas mesmo através da garoa dava para ver o contorno de uma construção baixa de pedra. À medida que se aproximava, viu o que parecia uma pequena casa com um telhado de palha e uma trilha com a grama alta, que levava até a porta da frente.

Ela acelerou, apressando-se, pensando em um fazendeiro gentil e sua esposa, do tipo que em livros receberiam uma jovem e a ajudariam a procurar a família, como os River fizeram por Jane, em *Jane Eyre*. No entanto, ao se aproximar, notou as janelas sujas e quebradas, e a grama crescendo no telhado de palha. Seu coração quase parou. A casa estava deserta.

A porta já estava meio aberta, a madeira inchada de chuva. Havia algo de assustador no vazio da casa, mas Tessa estava desesperada para se abrigar da tempestade e de qualquer perseguidor que Mortmain pudesse ter enviado. Agarrou-se à esperança de que a Sra. Black pensasse que havia morrido na queda, mas duvidava que Mortmain fosse tão facilmente manipulado. Afinal, se alguém sabia o que seu anjo mecânico poderia fazer, este alguém era Mortmain.

Havia grama crescendo entre as pedras do chão dentro da casa; na lareira, havia sujeira, com um recipiente escurecido ainda pendurado sobre os restos do fogo e as paredes brancas sujas de fuligem pela passagem do tempo. Havia um emaranhado do que pareciam ferramentas de fazenda perto da porta. Um lembrava um longo cano de metal com uma ponta de garfo curvada, os dentes ainda afiados. Sabendo que talvez precisasse de algo com que se defender, ela pegou o instrumento, depois seguiu da sala de entrada para o único outro cômodo da casa: um pequeno quarto onde ficou feliz em encontrar um cobertor mofado na cama.

Olhou desamparada para o vestido molhado. Levaria séculos para retirá-lo sem a ajuda de Sophie, e ela estava desesperada por um pouco de calor. Enrolou-

se no cobertor, com a roupa molhada e tudo mais, e se encolheu no colchão de palha. Cheirava a mofo, e provavelmente havia ratos vivendo ali, mas neste momento parecia a cama mais luxuosa em que Tessa já havia deitado.

A menina sabia que seria mais prudente se manter acordada. Mas apesar de tudo, não conseguia mais suportar as exigências de seu corpo agredido e exaurido. Agarrando a arma de metal ao peito, dormiu.

— Então, este é ele? O Nephilim?

Will não sabia há quanto tempo estava encolhido contra a parede do estábulo, molhando-se cada vez mais com a chuva, quando a voz rouca veio da escuridão. Levantou a cabeça, atrasado demais para afastar a mão que o alcançava. Em seguida, ela o pegou pelo colarinho e o levantou.

O Caçador de Sombras olhou, através de olhos cerrados pela chuva e pela agonia, para um grupo de lobisomens em um semicírculo ao seu redor. Havia talvez cinco deles, incluindo o que o segurava contra a parede, com a mão cerrada em sua camisa sangrenta. Todos estavam com roupas similares, trajes pretos tão molhados de chuva que brilhavam como óleo. Nenhum vestia chapéu, seus cabelos — longos, à moda dos lobisomens — grudados às cabeças.

— Tirem as mãos de mim — disse Will. — Os Acordos proíbem que toquem um Nephilim que não provocou...

— Não provocou? — O lobisomem na frente dele o puxou e o jogou novamente contra a parede. Em circunstâncias normais, provavelmente o teria machucado, mas este não era o caso. A dor física do símbolo *parabatai* de Will havia desaparecido, mas seu corpo todo parecia seco e vazio, todo o propósito fora arrancado dele. — Eu diria que provocou. Se não fosse por vocês, Nephilim, o Magistrado jamais teria nos procurado com suas drogas sujas e mentiras imundas...

Will olhou para os lobisomens com um sentimento que beirava a hilaridade. Realmente achavam que podiam machucá-lo, depois do que perdeu? Há anos era sua verdade absoluta. Jem e Will. Will e Jem. Will Herondale vive, portanto, James Carstairs também o faz. *Quod erat demonstrandum*. Perder um braço ou uma perna seria doloroso, ele imaginava, mas perder a verdade central de sua vida parecia... fatal.

— Drogas sujas *e* mentiras imundas — entoou Will. — *Realmente* não soa nada higiênico. Mas, diga-me, é verdade que, em vez de banho, os lobisomens

apenas se lambem uma vez ao ano? Ou vocês lambem um ao outro? Pois foi o que ouvi.

A mão em sua camisa apertou.

— É melhor ser um pouco mais respeitoso, Caçador de Sombras.

— Não — disse Will. — Não, não é.

— Sabemos tudo a seu respeito, Will Herondale — disse um dos outros lobisomens. — Sempre se arrastando para os integrantes do Submundo em busca de ajuda. Queremos vê-lo se arrastar agora.

— Então terá de cortar meus joelhos.

— Isso — disse o lobisomem, segurando Will — pode ser providenciado.

Will entrou em ação. Bateu com a cabeça na cara do lobisomem à sua frente. Ouviu e sentiu o estalo horroroso do nariz do lobisomem quebrando, sangue quente correndo pelo rosto do licantrope enquanto ele cambaleava para trás pelo jardim e se encolhia, ajoelhado sobre as pedras. Estava com as mãos no rosto, tentando conter o fluxo de sangue.

Outra mão agarrou o ombro de Will, e garras furaram o tecido da camisa molhada. Girou para encarar os lobisomens e, na mão do segundo lobo, ele viu, prateado com o luar, o brilho afiado de uma faca. Os olhos de seu agressor, através da chuva, eram verde-dourados e ameaçadores.

Não vieram aqui para me provocar ou machucar, percebeu Will. *Vieram para me* matar.

Por um instante negro, Will ficou tentado a permitir. A ideia parecia um alívio imenso — toda a dor desapareceria, toda a responsabilidade, uma simples submersão à morte e ao esquecimento. Ficou parado sem se mover enquanto a faca vinha em sua direção. Tudo parecia acontecer muito lentamente — a ponta de ferro se aproximando, a careta do lobisomem borrada pela chuva.

A imagem com a qual havia sonhado na noite anterior apareceu diante de seus olhos: Tessa, correndo em uma trilha verde em direção a ele. Tessa. Levantou a mão automaticamente e pegou o pulso do lobisomem em uma das mãos ao desviar do golpe, abaixando sob o braço do lobo. Puxou o braço com força, quebrando o osso violentamente. O licantrope gritou, e um raio sombrio de alegria passou por Will. A adaga caiu nas pedras enquanto ele chutava as pernas do oponente e, em seguida, dava uma cotovelada na têmpora da criatura. O lobo caiu amontoado e não se moveu mais.

Will pegou a adaga e virou para encarar os outros. Havia apenas três deles em pé agora, e pareciam muito menos seguros do que antes. Ele sorriu de forma fria

e terrível, e sentiu o gosto metálico de chuva e sangue na boca.

— Venham me matar — disse. — Venham me matar se acham que são capazes. — E chutou o lobisomem inconsciente aos seus pés. — Terão de fazer melhor que seu amigo.

Eles o atacaram, com as garras expostas, e Will caiu pesado sobre as pedras, batendo a cabeça no chão. Um grupo de garras o arranhou no ombro; ele rolou de lado sob uma afobação de golpes e ergueu a adaga. Ouviu um grito agudo de dor que culminou em um gemido, e o peso em cima dele, que se movia e lutava, amoleceu. Will rolou de lado e se levantou, girando.

O lobo que havia esfaqueado estava caído, com os olhos abertos, morto em uma crescente poça de sangue e chuva. Os dois lobisomens remanescentes lutavam para ficar de pé, sujos de lama e encharcados. Will sangrava no ombro, onde um deles deixou marcas profundas com as garras; a dor era imensa. Ele riu através do sangue e da lama enquanto a chuva lavava o sangue da lâmina da adaga.

— De novo — disse, e mal reconheceu a própria voz, esgotada, rouca e mortal. — *De novo*.

Um dos lobisomens virou e correu. Will riu novamente e avançou para o último deles, que estava parado, congelado, com as garras estendidas — de coragem ou pavor, Will não sabia ao certo e não se importava. A adaga parecia uma extensão do seu punho, uma parte do braço. Um bom ataque e um puxão para cima, e rasgaria ossos e cartilagem, esfaqueando em direção ao coração...

— *Pare!* — A voz soou dura, autoritária, familiar. Will desviou os olhos para o lado. Atravessando o jardim, com os ombros encolhidos contra a chuva e a expressão furiosa, vinha Woolsey Scott. — Ordeno que os dois parem neste instante!

O lobisomem abaixou as mãos imediatamente, e as garras desapareceram. Curvou a cabeça no gesto clássico da submissão.

— Mestre...

Uma corrente borbulhante se derramou sobre Will, apagando a racionalidade, o sentido, tudo, menos a raiva. Ele esticou o braço e puxou o lobisomem, passando o braço em torno do pescoço do licantrope, com a lâmina na garganta. Woolsey, a poucos metros de distância, parou onde estava, e seus olhos verdes eram afiados como adagas.

— Aproxime-se mais — disse Will —, e eu corto a garganta do seu lobinho.

— Falei para parar — disse Woolsey, com o tom comedido. Vestia, como

sempre, um terno com um belo corte, um casaco de equitação brocado por cima, tudo agora ensopado de chuva. Seus cabelos claros, grudados à testa e ao pescoço, estavam sem cor por causa da água. — Os dois.

— Mas *eu não tenho de obedecer!* — gritou Will. — Eu estava ganhando! *Ganhando!* — Olhou em volta do jardim para os três corpos de lobisomens caídos que havia combatido, dois inconscientes e um morto. — Seu bando me atacou sem provocação. Violaram os Acordos. Eu estava me defendendo. Eles transgrediram a *Lei*! — Ele elevou a voz, que soou dura e irreconhecível. — Eles me devem o sangue, e *eu vou cobrar*!

— Sim, sim, baldes de sangue — disse Woolsey. — E o que faria com ele se o obtivesse? Você não liga para este lobisomem. Deixe-o ir.

— Não.

— Pelo menos, liberte-o para que possa lutar — disse Woolsey.

Will hesitou, em seguida soltou o lobisomem que segurava; este, por sua vez, encarava o líder do bando e parecia apavorado. Woolsey estalou os dedos na direção do lobo.

— Corra, Conrad — ordenou. — Rápido e agora.

O lobisomem não precisou receber a mesma ordem duas vezes; virou-se e correu, desaparecendo atrás dos estábulos. Will deu as costas para Woolsey com uma careta.

— Então, seus lobos são covardes — disse. — Cinco contra um Caçador de Sombras? É assim?

— Não falei para virem atrás de você. São jovens. Tolos. E impetuosos. E metade do bando deles foi morta por Mortmain. Eles culpam sua espécie. — Woolsey se aproximou mais um passo, com os olhos examinando Will, frios como gelo verde. — Presumo que seu *parabatai* esteja morto, então — acrescentou, com uma calma chocante.

Will não estava pronto para ouvir as palavras, jamais estaria. A luta o fizera esquecer a dor por um instante. Agora ela ameaçava voltar, opressora e assustadora. Ele engasgou como se Woolsey o tivesse socado, e deu um passo involuntário para trás.

— E você está tentando se matar por causa disso, Nephilim? É isso que está acontecendo?

Will tirou o cabelo molhado do rosto e olhou com ódio para Woolsey.

— Talvez esteja.

— É assim que respeita a memória dele?

— Que diferença faz? — perguntou Will. — Ele morreu. Nunca vai saber o que faço ou deixo de fazer.

— Meu irmão morreu — disse Woolsey. — Ainda luto para atender aos desejos dele, para continuar com a Praetor Lupus em sua memória e para viver como ele gostaria que eu fizesse. Acha que sou o tipo de pessoa que seria vista em um lugar como este, consumindo caldo de porco e bebendo vinagre, na lama, assistindo a um Caçador de Sombras tedioso destruir ainda mais meu bando já reduzido, se não fosse pelo fato de que sirvo a um propósito maior do que meus próprios desejos e tristezas? E você também, Caçador de Sombras. Você também.

— Oh, Deus! — A adaga caiu da mão de Will e aterrissou na lama aos seus pés. — O que faço agora? — sussurrou ele.

Will não fazia ideia de por que estava perguntando a Woolsey, exceto que não havia mais ninguém no mundo para quem perguntar. Nem mesmo quando achava que era amaldiçoado, Will se sentiu tão sozinho.

Woolsey o olhou friamente.

— Faça o que seu irmão gostaria que você fizesse — disse, então virou as costas e voltou para a pousada.

15

Estrelas, Ocultem seus Fogos

Estrelas, ocultem seus fogos;
Não permitam que a luz enxergue meus desejos negros e profundos.
— Shakespeare, "Macbeth"

Cônsul Wayland,

Escrevo-lhe para tratar de um assunto de suma importância. Um dos Caçadores de Sombras do meu Instituto, William Herondale, está viajando em direção a Cadair Idris neste momento. E, na estrada, encontrou um sinal definitivo da passagem da Srta. Gray. Anexo a carta dele para sua leitura cuidadosa, mas tenho certeza de que concordará que o paradeiro de Mortmain já está estabelecido e que devemos reunir forças imediatamente para marcharmos em direção a Cadair Idris. Mortmain já provou ser dono de uma capacidade ímpar de se livrar das redes que lançamos. Precisamos aproveitar este momento e atacar com o máximo de presteza e força. Aguardo uma resposta o quanto antes.

Charlotte Branwell

O quarto estava frio. O fogo há muito se apagara na lareira, e o vento lá fora uivava nas esquinas do Instituto, chacoalhando as vidraças das janelas. O abajur na mesa de cabeceira estava com a luz fraca, e Tessa estremeceu na poltrona ao lado da cama, apesar do xale enrolado nos ombros.

Na cama, Jem dormia, com a cabeça apoiada na mão. Respirava o suficiente apenas para mover suavemente os cobertores, apesar de estar com o rosto pálido como os travesseiros.

Tessa se levantou, permitindo que o xale escorregasse dos ombros. Estava de camisola, como quando viu Jem pela primeira vez, invadindo seu quarto para encontrá-lo tocando violino perto da janela. Will*?, ele dissera.* Will, é você*?*

Agora ele se mexia e murmurava enquanto ela se deitava na cama com ele e puxava o cobertor sobre os dois. Colocou as mãos sobre as dele e as segurou. Entrelaçou os pés nos dele e beijou sua bochecha fria, aquecendo a pele do menino com seu hálito quente. Lentamente, sentiu-o se mexer contra ela, como se sua presença o trouxesse à vida.

Os olhos dele se abriram e olharam para os dela. Eram azuis, dolorosamente azuis, o azul do céu onde este encontra o mar.

— Tessa — disse Will, e ela percebeu que era Will em seus braços; era Will que estava morrendo, Will respirando o último suspiro, e havia sangue na camisa, logo acima do coração, uma mancha vermelha que se espalhava...

Tessa se sentou de súbito, arfando. Por um instante, olhou em volta, desorientada. O quarto pequeno e escuro, o cobertor mofado que a envolvia, as próprias roupas úmidas e o corpo ferido pareciam estranhos. A lembrança voltou em uma enxurrada e com uma onda de náusea.

Sentia uma falta aguda do Instituto, de um modo que nunca sentira nem da casa de Nova York. Sentia falta da voz autoritária, porém carinhosa, de Charlotte, do toque compreensivo de Sophie, das invenções de Henry e, claro — não podia evitar — sentia falta de Jem e Will. Estava apavorada por Jem, pela saúde dele, mas por Will também. A batalha no jardim fora sangrenta e vil. Qualquer um poderia ter sido ferido ou morto. O que significava aquele sonho, Jem se transformando em Will? Será que Jem estava doente, será que a vida de Will corria perigo? Nenhum dos dois, rezou silenciosamente. Por favor, deixe que eu morra antes que algum mal se abata sobre eles.

Um ruído a despertou do devaneio — um arranhão seco e repentino que lhe causou um tremor brutal na espinha. Ela congelou. Certamente era só um galho na janela. Mas não — de novo. Um barulho arranhado, arrastado.

Tessa se levantou em um segundo, ainda enrolada ao cobertor. O pavor era algo vivo dentro dela. Todos os contos que já tinha ouvido sobre monstros nos bosques pareciam disputar espaço em sua mente. Ela fechou os olhos, respirando fundo, e viu os autômatos altos e magros na frente do Instituto, as sombras longas e grotescas, como seres humanos deformados.

Puxou o cobertor ainda mais para perto de si, os dedos se fechando em espasmos sobre o tecido. Os autômatos foram ao Instituto por causa *dela*. Mas

não eram muito inteligentes — conseguiam obedecer comandos simples, reconhecer alguns humanos em particular. Mesmo assim, não pensavam por si próprios. Eram máquinas, e máquinas podiam ser enganadas.

O cobertor era feito de retalhos, do tipo que teria sido costurado por uma mulher que morava naquela casa. Tessa respirou fundo e *alcançou* — alcançou o cobertor, procurando alguma faísca de propriedade, a assinatura de qualquer espírito que já tivesse criado ou possuído aquilo. Era como enfiar a mão na água escura e procurar um objeto. Após o que pareceu uma era, ela conseguiu — uma centelha na escuridão, a consistência de uma alma.

Concentrou-se naquilo, envolvendo-se como se fosse o cobertor que agarrava. A Transformação era mais fácil agora, menos dolorosa. Viu seus dedos torcerem e mudarem, tornando-se as mãos artríticas de uma idosa. Manchas surgiram na pele, a coluna se curvou, e o vestido começou a se pendurar em sua forma murcha. Quando o cabelo caiu na frente dos olhos, era branco.

O ruído de algo arranhando voltou. Uma voz ecoou no fundo da mente de Tessa, a voz de uma senhora ranzinza exigindo saber quem estava em sua casa. Tessa cambaleou para a porta, arfando, o coração acelerado no peito, e foi para a sala principal da casa.

Por um instante, não viu nada. Seus olhos estavam embaçados, turvos; as formas pareciam borradas e distantes. Em seguida, algo se ergueu ao lado da fogueira, e Tessa conteve um grito.

Era um autômato, que fora construído para parecer quase humano. Tinha um corpo espesso e usava um terno cinza, mas os braços que saíam dos punhos eram finos como gravetos e resultavam em mãos espatuladas. A cabeça acima do colarinho era lisa e oval. Havia dois olhos bulbosos, mas a máquina não tinha outras feições.

— Quem é você? — perguntou Tessa, com a voz da senhora, brandindo o atiçador que pegara antes. — O que faz na minha casa, criatura?

A coisa emitiu um som zumbido e estalado, obviamente confuso. Um instante depois a porta da frente se abriu, e a Sra. Black entrou. Estava com uma capa escura, o rosto branco brilhando sob o capuz.

— O que está acontecendo? — perguntou Tessa, e sua voz soou aguda como a da senhora. — Devo lhe perguntar isso... invadir casas perfeitamente decentes... — Piscou, como se quisesse deixar claro que não enxergava bem. — Saia daqui e leve seu amigo. — E ela apontou o objeto que segurava (*grosa*, disse a voz da

senhora em sua mente; *você utiliza para limpar os cascos dos cavalos, tolinha*). — Com você. Não há nada de valor para roubar aqui.

Por um instante, achou que tivesse funcionado. O rosto da Sra. Black não tinha expressão, e ela deu um passo à frente.

— Você não viu uma jovem por aqui, viu? — perguntou. — Muito bem-vestida, cabelos castanhos, olhos cinzentos, parecendo perdida. Os responsáveis por ela estão procurando e oferecem uma boa recompensa.

— Uma história provável, procurando uma menina perdida. — Tessa soou o mais ranzinza possível; não foi difícil. Tinha a sensação de que a mulher cuja aparência vestia seria naturalmente ranzinza. — Saiam daqui, já disse!

O autômato chiou. Os lábios da Sra. Black subitamente se contraíram, como se contivesse uma risada.

— Entendo — disse ela. — Permita-me dizer que este é um belo colar que está usando, senhora.

A mão de Tessa voou para o peito, mas já era tarde demais. O anjo mecânico estava ali, claramente visível, balançando gentilmente.

— Leve-a — comandou a Sra. Black, com a voz entediada, e o autômato avançou, alcançando Tessa. Ela derrubou o cobertor e recuou, brandindo a grosa. Conseguiu arranhar a frente do autômato enquanto ele tentava acertá-la e a atacava no braço. O objeto caiu no chão, e Tessa gritou de dor quando a porta da frente se abriu e uma enxurrada de autômatos encheu o recinto, com braços que tentavam alcançá-la e as mãos mecânicas se fechando em sua carne. Sabendo que estava rendida, que não faria bem algum resistir, finalmente se permitiu gritar.

Will acordou com o sol no rosto e abriu os olhos lentamente.

Céu azul.

Rolou de lado, se esticou e sentou. Estava na subida de uma colina verde, não muito longe da estrada Shrewsbury-Welshpool. Não via nada além de fazendas espalhadas ao longe; tinha passado apenas por alguns lugarejos em sua frenética marcha no meio da madrugada quando deixou o Green Man e cavalgou até literalmente deslizar das costas de Balios em exaustão, caindo no chão com uma força absurda. Meio andando e meio se arrastando, permitiu que o cavalo esgotado o afocinhasse para fora da estrada, para um leve declive no caminho onde se encolheu e dormiu, ignorando a chuva fria que ainda caía.

Em algum momento, o sol nasceu, secando suas roupas e seus cabelos, apesar de ele continuar sujo, a camisa uma bagunça de lama seca e sangue. Ele se levantou, o corpo todo doendo. Não perdeu tempo com nenhum símbolo de cura na noite anterior. Entrou na pousada — deixando um rastro de chuva e lama atrás de si — apenas para pegar suas coisas, antes de voltar para os estábulos, soltar Balios e partir noite adentro. Os ferimentos que sofrera na batalha contra os lobos de Woolsey ainda doíam, assim como os hematomas em consequência da queda do cavalo. Mancou até a área onde Balios comia capim, perto da sombra de um carvalho. Vasculhou os alforjes e pegou uma estela e um punhado de frutas secas. Usou uma das mãos para desenhar símbolos de cura dolorosos e a outra para comer as frutas.

Os eventos da noite anterior pareciam a milhares de quilômetros de distância. Lembrava-se de lutar contra os lobos, dos ossos quebrados e do gosto do próprio sangue, da lama e da chuva. Lembrava-se da dor da separação de Jem, apesar de não mais senti-la. Em vez de dor, sentia um vazio. Como se uma gigantesca mão o tivesse alcançado e cortado de suas entranhas tudo que o tornava humano, deixando-o oco.

Quando terminou o desjejum, guardou a estela de volta no alforje, tirou a camisa arruinada e vestiu uma limpa. Ao fazê-lo, não pôde deixar de olhar para o símbolo *parabatai* no peito.

Não estava preto, mas branco e prata, como uma cicatriz desbotada pelo tempo. Will pôde ouvir a voz de Jem em sua mente, firme, séria e familiar: "*E passou... que a alma de Jonathan foi costurada à alma de David, e Jonathan o amava como a própria alma... Então, Jonathan e David fizeram um acordo, pois ele o amava como a própria alma*". *Eram dois guerreiros, e suas almas foram costuradas pelo Céu, e, com isso, Jonathan, Caçador de Sombras, teve a ideia do* parabatai *e incluiu a cerimônia na Lei.*

Há anos esta Marca e a presença de Jem foram tudo que Will teve como garantia de que era amado por alguém. Tudo que precisava saber era que era real e existia. Passou os dedos sobre as bordas do símbolo *parabatai* desbotado. Achou que fosse odiar, odiar aquela visão à luz do sol, mas, surpreendentemente, não odiou. Ficou feliz ao ver que o símbolo *parabatai* não desbotou simplesmente da pele. Uma Marca que falava de perda ainda era uma Marca, uma lembrança. Não se pode perder algo que nunca se teve.

Do alforje, ele tirou a faca que Jem lhe dera: uma lâmina estreita com um cabo de prata elaborado. À sombra do carvalho, cortou a palma da mão e

observou o sangue correr para o chão e ensopar a terra. Depois, ajoelhou-se e enfiou a lâmina no chão. Ajoelhado, hesitou, com a mão no cabo.

— James Carstairs — falou, e engoliu em seco. Era sempre assim; quando mais precisava das palavras, mais dificuldade tinha de encontrá-las. As palavras do juramento bíblico do *parabatai* lhe vieram à mente: *Rogo não deixá-lo ou voltar após segui-lo: pois, para onde fores, irei, e onde estiver, estarei. Os teus serão os meus, e teu Deus, o meu Deus. Onde morreres, morrerei, e lá serei enterrado. Que o Anjo faça isso por mim, e ainda mais, se qualquer coisa além da morte nos separar*.

Mas não. Era isso que se dizia na união, não na separação. David e Jonathan também foram separados pela morte. Separados, porém, não divididos.

— Já lhe disse antes, Jem, que você não me deixaria — falou Will, com a mão sangrenta no cabo da adaga. — E você continua comigo. Quando respirar, pensarei em você, pois, sem você, já estaria morto há anos. Quando eu acordar, e quando dormir, quando levantar as mãos para me defender ou quando deitar para morrer, você estará comigo. Você diz que nascemos e nascemos de novo. Eu digo que há um rio que divide os mortos e os vivos. O que sei é que, se nascermos de novo, eu o encontrarei em outra vida, e se há um rio, você vai esperar na margem até que eu chegue, para podermos atravessá-lo juntos. — Will respirou fundo e soltou a faca. Puxou a mão. O corte na palma já estava curando: resultado de meia dúzia de *iratzes* na pele. — Ouviu isso, James Carstairs? Somos ligados, você e eu, além da divisão da morte, por quantas gerações vierem. *Para sempre*.

Ele se levantou e olhou para a faca. A faca era de Jem, o sangue, dele. Este ponto no chão, mesmo que não fosse capaz de voltar a encontrá-lo, mesmo que não vivesse para tentar, seria deles.

Virou-se para caminhar até Balios, até Gales, até Tessa. Não olhou para trás.

Para: Charlotte Branwell
De: Cônsul Josiah Wayland
Pelo lacaio

Estimada Sra. Branwell,

Não estou certo de que entendi totalmente sua carta. Parece-me incrível que uma mulher sensata como você deposite tanta confiança na simples palavra de um menino tão notoriamente imprudente e instável quanto William Herondale provou ser. O Sr. Herondale, conforme demonstrado na própria carta, fugiu em uma busca selvagem sem seu conhecimento. Ele é absolutamente capaz de mentir em causa própria. Não enviarei uma força dos meus Caçadores de Sombras baseando-me nos caprichos e na palavra descuidada de um menino.

Solicito que cessem seus gritos peremptórios para Cadair Idris. Tenha em mente que sou o Cônsul. Eu comando os exércitos dos Caçadores de Sombras, senhora, e não você. Concentre-se em tentar controlar melhor seus Caçadores de Sombras.

Saudações,

Josiah Wayland, Cônsul

— Há um homem que quer vê-la, Sra. Branwell.

Charlotte levantou os olhos, cansada, e viu Sophie na entrada. Ela parecia fatigada, como todos eles; com traços inconfundíveis de choro sob os olhos. Charlotte conhecia os sinais — ela os viu no próprio espelho naquela manhã.

Estava atrás da mesa na sala de estar, fitando a carta à mão. Não esperava que o Cônsul Wayland fosse ficar satisfeito com a notícia, mas também não esperava esse desprezo e recusa. *Eu comando os exércitos dos Caçadores de Sombras, senhora, e não você. Concentre-se em tentar controlar melhor seus Caçadores de Sombras.*

Controlá-los. Irritou-se. Como se todos fossem crianças e ela não fosse nada senão a governanta ou babá, desfilando-os para o Cônsul quando estavam limpos e vestidos, e escondendo-os no quarto dos brinquedos pelo resto do tempo, para que não o perturbassem. Eram *Caçadores de Sombras*, assim como ela. E se ele não considerava Will confiável, era um tolo. Ele sabia da maldição; ela mesma havia contado. A loucura de Will sempre foi como a de Hamlet, metade brincadeira, metade impetuosidade, e tudo conduzia a um determinado fim.

O fogo estalou na lareira; lá fora a chuva caía, pintando as vidraças com linhas prateadas. Naquela manhã, ela havia passado pelo quarto de Jem, com a porta aberta, a cama desfeita, os objetos retirados. Poderia ser um quarto qualquer. Todas as evidências de seus anos com eles desapareceram com um

aceno. Ela se apoiou na parede do corredor, o suor se formou em sua testa, e os olhos arderam. *Raziel, fiz a coisa certa?*

Então passou a mão pelos olhos.

— Justo agora? Não é o Cônsul Wayland, é?

— Não, senhora. — Sophie balançou a cabeça escura. — É Aloysius Starkweather. Ele diz que é um assunto de suma importância.

— *Aloysius Starkweather*? — Charlotte suspirou. Alguns dias simplesmente acumulavam horrores e mais horrores. — Bem, deixe-o entrar, então.

Ela dobrou a carta que terminara de escrever em resposta ao Cônsul e acabara de selá-la quando Sophie voltou e mandou Aloysius Starkweather entrar, antes de se retirar. Charlotte não se levantou da cadeira. Starkweather estava como da última vez em que o vira. Parecia ter calcificado, como se apesar de não poder se tornar mais jovem, também não pudesse envelhecer. Seu rosto era um mapa de linhas enrugadas, emoldurado por barba e cabelos brancos. As roupas estavam secas; Sophie provavelmente pendurou o casaco no andar de baixo. O terno que usava já estava fora de moda há pelo menos dez anos, e ele cheirava vagamente a naftalina.

— Por favor, sente-se, Sr. Starkweather — disse Charlotte da forma mais cortês possível para alguém que ela sabia que não gostava dela e detestava seu pai.

Mas ele não se sentou. Com as mãos nas costas, se virou para examinar o recinto, e Charlotte viu, alarmada, que um dos punhos do casaco estava sujo de sangue.

— Senhor Starkweather — disse, e desta vez se levantou. — Está machucado? Devo chamar os Irmãos?

— Machucado? — soltou. — Por que eu estaria machucado?

— Sua manga — apontou.

Ele afastou o braço e olhou antes de rir.

— O sangue não é meu — explicou. — Estive em uma luta, um pouco mais cedo. Ele se opôs...

— Se opôs a quê?

— A que eu cortasse todos os seus dedos e, em seguida, a garganta — disse Starkweather, olhando nos olhos de Charlotte. Os dele eram cinza e enegrecidos, cor de pedra.

— Aloysius. — Charlotte se esqueceu de ser educada. — Os Acordos proíbem ataques não provocados a integrantes do Submundo.

— Não provocados? Eu diria que foi provocado. A espécie dele matou minha neta. Minha filha quase morreu de tristeza. A Casa dos Starkweather foi destruída...

— Aloysius! — Charlotte ficou seriamente alarmada. — Sua casa não foi destruída. Ainda há membros da linhagem Starkweather em Idris. Não digo isso para minimizar sua dor, pois algumas perdas vivem conosco. — *Jem*, pensou espontaneamente, e a dor do pensamento a fez sentar-se novamente. Ela apoiou os cotovelos sobre a mesa, o rosto nas mãos. — Não sei por que veio me contar isso agora — murmurou. — Não viu os símbolos na porta do Instituto? Este é um momento de muita tristeza para nós...

— Vim contar porque é importante! — Aloysius se irritou. — É sobre Mortmain e Tessa Gray.

Charlotte abaixou as mãos.

— O que você sabe sobre Tessa Gray?

Aloysius virara de costas. Estava voltado para o fogo, e sua longa sombra se projetava sobre o tapete persa no chão.

— Não sou um homem com muita estima pelos Acordos — falou. — Você sabe; já participou de Conselhos comigo. Fui criado para acreditar que tudo que é tocado por demônios é falso e corrupto. Que é direito dos Caçadores de Sombras matar essas criaturas e ficar com seus pertences como espólios e tesouro. A sala dos espólios no Instituto de York ficou sob minha responsabilidade, e eu a mantive cheia até o dia em que as Leis foram aprovadas. — Ele fez uma careta.

— Deixe-me adivinhar — disse Charlotte. — Você não parou por aí.

— Claro que não — respondeu o velho. — O que são as Leis do homem em comparação às do Anjo? Sei o jeito certo de fazer as coisas. Mantive-me mais discreto, mas não deixei de recolher espólios nem de destruir os integrantes do Submundo que cruzaram meu caminho. Um deles foi John Shade.

— Pai de Mortmain.

— Feiticeiros não podem ter filhos — Starkweather rosnou. — Um menino humano que eles encontraram e treinaram. Shade ensinou truques profanos. Ganhou sua confiança.

— É improvável que os Shade tenham roubado Mortmain dos pais — disse Charlotte. — Provavelmente era um menino que teria morrido em um hospício.

— Não era natural. Feiticeiros não devem criar crianças humanas. — Aloysius fixou os olhos nas brasas vermelhas da lareira. — Por isso, invadimos a

casa dos Shade e o matamos, assim como a mulher. O menino escapou. O *príncipe mecânico* de Shade — rosnou. — Pegamos diversos itens e levamos para o Instituto, mas nenhum de nós conseguiu identificar nada deles. Foi apenas isso: uma incursão de rotina. Tudo conforme planejado. Isto é, até minha neta, Adele, nascer.

— Sei que ela morreu na cerimônia de aplicação da primeira Marca — disse Charlotte, passando a mão inconscientemente sobre a própria barriga. — Sinto muito. É uma tristeza muito grande ter uma criança doente...

— Ela não nasceu doente! — resmungou. — Foi uma criança saudável. Linda. Com os olhos do meu filho. Todos a mimaram, até a manhã em que minha nora nos acordou com um grito. Insistiu que a criança no berço não era sua filha, apesar de parecerem idênticas. Jurou que conhecia a própria filha e que não era aquela. Achamos que ela tivesse enlouquecido. Mesmo quando os olhos da criança mudaram de azul para cinza... bem, isso acontece com bebês. Foi somente quando tentamos aplicar a primeira Marca que comecei a perceber que minha nora estava certa. Adele... a dor foi demais para ela. Ela gritou, gritou e se contorceu. A pele queimou onde a estela a tocou. Os Irmãos do Silêncio fizeram tudo que podiam, mas antes do amanhecer ela estava morta.

Aloysius pausou e ficou em silêncio por um longo instante, encarando o fogo como que fascinado.

— Minha nora quase enlouqueceu. Não suportou continuar no Instituto. Eu fiquei. Sabia que ela tinha razão... Adele *não* era minha neta. Ouvi boatos sobre fadas e outros membros do Submundo que espalharam ter se vingado dos Starkweather, de ter roubado uma de suas crianças, substituindo-a por um humano doente. Nenhum dos meus investigadores achou nada de concreto, mas eu me determinei a descobrir para onde minha neta fora. — Ele se apoiou na lareira. — Já tinha quase desistido quando Tessa Gray veio para meu Instituto em companhia de dois dos seus Caçadores de Sombras. Ela poderia ser o fantasma da minha nora, de tão parecidas. Mas não aparentava ter nenhum sangue Caçador de Sombras. Um mistério, que persegui.

"A fada que interroguei hoje me forneceu as últimas peças do quebra-cabeça. Na infância, minha neta foi substituída por uma criança humana sequestrada, uma criatura adoentada, que morreu com a aplicação das Marcas porque não era Nephilim. — A voz dele falhou, uma fissura na rocha. — Minha neta foi deixada com uma família mundana, que a criou, e a adoentada Elizabeth deles, escolhida por sua semelhança superficial com minha neta, substituiu nossa garotinha. Foi a

vingança da Corte sobre mim. Acreditavam que eu tinha matado os deles, então matariam a minha. — Seus olhos estavam frios ao repousarem em Charlotte. — Adele... Elizabeth... cresceu naquela família mundana, sem saber quem era. E então se casou. Com um mundano. O nome dele era Richard. Richard Gray.

— Sua neta — disse Charlotte lentamente — era a mãe de Tessa? Elizabeth Gray? A mãe de Tessa era Caçadora de Sombras?

— Era.

— Estes são crimes, Aloysius. Você deveria apresentá-los ao Conselho...

— Eles não se importam com Tessa Gray — disse Starkweather asperamente. — Mas você sim. Por causa disso ouviu minha história e, por isso, pode me ajudar.

— Posso — disse Charlotte —, se for a coisa certa a se fazer. Ainda não entendo como Mortmain entra na história.

Aloysius se moveu, impaciente.

— Mortmain soube do que aconteceu e se determinou a fazer uso de Elizabeth Gray, uma Caçadora de Sombras que não sabia que o era. Acredito que Mortmain tenha recrutado Richard Gray como funcionário para ter acesso a Elizabeth. Acredito que ele tenha lançado um demônio Eliodon sobre ela, minha neta, em forma de Richard, e que ele o fez para que ela engravidasse de Tessa. Tessa sempre foi o objetivo. A filha de uma Caçadora de Sombras e de um demônio.

— Mas o fruto de demônios e Caçadores de Sombras é natimorto — respondeu Charlotte automaticamente.

— Mesmo que a Caçadora de Sombras em questão não saiba que o é? — perguntou Starkweather. — Mesmo que não carregue nenhum símbolo?

— Eu... — Charlotte fechou a boca. Não fazia ideia da resposta; até onde sabia, a situação jamais havia ocorrido. Caçadores de Sombras são marcados na infância, homens e mulheres, todos eles.

Mas Elizabeth Gray não foi.

— Sei que a menina consegue alterar sua forma — disse Starkweather. — Mas não acho que seja por isso que ele a queira. Tem alguma outra coisa que ele quer que ela faça. Algo que só ela pode fazer. Ela é a chave.

— A chave de quê?

— Foram as últimas palavras que a fada me disse hoje à tarde. — Starkweather olhou para o sangue na manga. — Ele disse: "Ela será nossa vingança por todas as suas mortes inúteis. Trará ruína aos Nephilim, Londres

arderá, e quando o Magistrado governar tudo, vocês não passarão de um rebanho". Mesmo que o Cônsul não queira ir atrás de Tessa por ela, precisam encontrá-la para evitar isso.

— Se eles acreditarem — disse Charlotte.

— Vindo de você, terão de acreditar — retrucou Starkweather. — Se eu dissesse, falariam que sou um velho louco, como há anos o fazem.

— Oh, Aloysius. Você superestima a confiança do Cônsul em mim. Ele vai falar que sou tola e ingênua. Dirá que a fada mentiu para você... bem, eles não podem mentir, mas que distorceu a verdade ou a repetiu conforme a própria crença.

O velho desviou o olhar, e a boca se moveu.

— Tessa Gray é a chave do plano de Mortmain — falou. — Não sei como, mas é. Vim a você, pois não confio no Conselho em relação a Tessa. Ela é parte demônio. Lembro-me do que já fiz no passado com coisas que eram em parte demoníacas ou sobrenaturais.

— Tessa não é uma coisa — disse Charlotte. — É uma menina, foi sequestrada e provavelmente está apavorada. Se eu conseguisse pensar em uma maneira de salvá-la, não acha que já o teria feito?

— Eu falhei — disse Aloysius. — Quero me corrigir. Meu sangue corre nas veias daquela menina, ainda que também haja sangue de demônio ali. Ela é minha bisneta. — Levantou o rosto, os olhos pálidos e marejados contornados de vermelho. — Só lhe peço uma coisa, Charlotte. Quando encontrar Tessa Gray, e sei que a encontrará, diga que ela é bem-vinda ao nome Starkweather.

Não faça com que eu me arrependa de confiar em você, Gabriel Lightwood.

Gabriel sentou-se à mesa do quarto, com papéis espalhados e a caneta na mão. As luzes do quarto não estavam acesas, e as sombras eram escuras nos cantos, e longas no chão.

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Gabriel Lightwood

Honrado Cônsul,

Escrevo hoje com as últimas notícias que me pediu. Eu esperava que viesse de Idris, mas quis o destino que a fonte fosse mais próxima. Hoje, Aloysius Starkweather, diretor do Instituto de York, veio visitar a Sra. Branwell.

Apoiou a caneta e respirou fundo. Tinha ouvido a campainha do Instituto mais cedo, e observara das escadas quando Sophie recebeu Starkweather e o conduziu à sala de estar. Depois disso foi fácil se colocar à porta e ouvir tudo que se passava lá dentro.

Afinal de contas, Charlotte não esperava que a espionassem.

Ele é um velho enlouquecido pela dor e, com isso, fabricou uma elaborada rede de mentiras com as quais explica para si mesmo a própria dor. Certamente é digno de pena, mas não deve ser levado a sério, tampouco devem as políticas do Conselho serem pautadas pelas palavras de um louco.

Os tacos do chão rangeram; Gabriel levantou a cabeça. Seu coração estava acelerado. Se fosse Gideon... ele ficaria horrorizado em descobrir o que estava fazendo. Todos ficariam. Pensou no olhar de traição que floresceria no rosto de Charlotte, se soubesse. Na raiva indignada de Henry. Mas, acima de tudo, pensou nos olhos azuis e no rosto em forma de coração, fitando-o desapontado. *Talvez eu tenha fé em você, Gabriel Lightwood.*

Quando pôs a caneta novamente sobre a carta, ele o fez com tanta fúria que ela quase rasgou o papel.

Sinto relatar isso, mas falaram sobre o Conselho e o Cônsul com grande desrespeito. Está claro que a Sra. Branwell se ressente do que considera uma interferência desnecessária em seus planos. Acreditou nas afirmações insanas do Sr. Starkweather, tais como a de que Mortmain teria reproduzido demônios e Caçadores de Sombras, uma clara impossibilidade. Parece que o senhor tinha razão e que ela é

muito teimosa e facilmente influenciável para conduzir um Instituto de modo adequado.

Gabriel mordeu o lábio e se forçou a não pensar em Cecily; em vez disso, pensou na Casa dos Lightwood, seu direito; na restauração de seu bom nome; na segurança dos irmãos. Não estava prejudicando Charlotte de fato. Era apenas uma questão da posição, e não da segurança dela. O Cônsul não tinha planos sombrios para ela, que certamente seria mais feliz em Idris ou em alguma casa no campo, vendo os filhos correrem por verdes prados e sem a constante preocupação com o destino de todos os Caçadores de Sombras.

Apesar de a Sra. Branwell pedir que envie uma força de Caçadores de Sombras a Cadair Idris, qualquer pessoa que confie nas opiniões de loucos e histéricos não tem a objetividade necessária à confiança.

Se preciso, juro pela Espada Mortal que tudo isso é verdade.

Saudações, em nome de Raziel,

Gabriel Lightwood

16

A Princesa Mecânica

Oh Amor! que lamenta
A fragilidade de todas as coisas aqui,
Por que escolher o mais frágil
Para seu berço, sua casa e seu esquife?
— Percy Bysshe Shelley, "Lines: When the Lamp is Shattered"

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Charlotte Branwell

Prezado Cônsul Wayland,

Acabo de receber informações muito importantes, que me apresso em compartilhar com você. Um informante, cujo nome não posso divulgar, mas que julgo confiável, me transmitiu detalhes que sugerem que a Srta. Gray não seja apenas um capricho de Mortmain, mas a chave de seu principal objetivo: a destruição de todos nós.

Ele trama construir peças de maior poder do que qualquer uma que já tenhamos visto, e temo profundamente que as habilidades únicas da Srta. Gray o ajudarão em sua empreitada. Ela jamais pretenderia nos ferir, mas não sabemos que ameaças ou injúrias Mortmain oferecerá. É imperativo que ela seja resgatada o quanto antes, tanto para nos salvar quanto para ajudá-la.

À luz desta nova informação, mais uma vez imploro que reúna suas forças e marche para Cadair Idris.

Saudações sinceramente perturbadas,
Charlotte Branwell

Tessa acordou lentamente, como se a consciência estivesse no fim de um corredor longo e comprido, e ela caminhasse muito devagar, com a mão esticada. Finalmente, a alcançou, abriu a porta e revelou...

Uma luz ofuscante. Uma luz dourada, que não era pálida como luz enfeitiçada. Sentou-se e olhou em volta.

Estava em uma cama simples de bronze, com um forro espesso de pluma espalhado sobre um segundo colchão e um edredom pesado no topo. O quarto onde se encontrava parecia esculpido em uma caverna. Havia uma cômoda alta e um lavatório com um jarro azul, além de um armário — a porta aberta o suficiente para que Tessa pudesse ver as roupas penduradas. Não havia janelas no cômodo, embora houvesse uma lareira na qual uma chama alegre ardia. De ambos os lados da lareira, viam-se retratos.

Deslizou da cama e franziu o rosto quando seus pés descalços tocaram o chão de pedra fria. Não foi tão doloroso quanto ela imaginava, apesar do seu estado. Olhando para baixo, teve dois rápidos choques: o primeiro foi o de não estar usando nada além de um vestido preto de seda grande demais. O segundo foi que seus cortes e hematomas pareciam ter desaparecido. Ainda se sentia ligeiramente dolorida, mas a pele, pálida contra a seda negra, não tinha marcas. Ao tocar o cabelo, sentiu que estava limpo e solto sobre os ombros, e não mais sujo de lama e sangue.

Ela se perguntou quem a teria lavado, cuidado dela e a colocado na cama. Tessa não se lembrava de nada além de uma luta com os autômatos na casinha enquanto a Sra. Black ria. No fim, um deles a enforcou até deixá-la inconsciente, e uma escuridão caridosa a dominou. Mesmo assim, a ideia de ser despida e banhada pela Sra. Black era horrível, apesar de, talvez, não tão horrível quanto a ideia de Mortmain tê-lo feito.

A maior parte da mobília do quarto estava agrupada em um dos lados da caverna. O outro era um imenso vazio, apesar de ela conseguir enxergar o retângulo negro de uma porta cortada na parede oposta. Após uma rápida olhada em volta, Tessa foi até ela...

No entanto, na metade do caminho, foi contida violentamente. Cambaleou para trás, segurando o vestido mais apertado em volta de si, e a testa doeu por ter batido em *alguma coisa*. Cuidadosamente esticou o braço, tateando o ar à sua frente.

E sentiu uma firmeza sólida diante de si, como se uma parede de vidro clara, perfeitamente limpa, se encontrasse entre ela e o outro lado da sala. Esticou as

mãos sobre a barreira. Invisível, porém dura feito diamante. Levantou as mãos, imaginando até que altura poderia ir...

— Eu não perderia meu tempo — disse uma voz fria e familiar vinda da porta. — A configuração se estende por toda a caverna, de ponta a ponta, do chão ao teto. Você está presa atrás dela.

Tessa estava se esticando para cima; com isso, caiu sobre os pés e deu um passo para trás.

Mortmain.

Ele era exatamente como ela se lembrava. Um homem rijo, que não era alto, com o rosto envelhecido e a barba bem-feita. Extraordinariamente comum, exceto pelos olhos, tão frios e cinza quanto uma nevasca de inverno. Usava um terno branco, que não era formal demais, o tipo de coisa que um cavalheiro talvez usasse em uma tarde no clube. Os sapatos eram lustrosos e polidos.

Tessa não disse nada, apenas puxou o vestido preto mais para perto. Era volumoso e escondia todo o corpo, mas sem os pinos da camisa e do corpete, meias e armação, ela se sentia nua e exposta.

— Não entre em pânico — prosseguiu Mortmain. — Não pode me alcançar através da parede, mas eu também não posso alcançá-la. Não sem dissolver o feitiço, e isso levaria tempo. — Fez uma pausa. — Preferi que você se sentisse segura.

— Se quisesse que eu me sentisse segura, teria me deixado no Instituto. — O tom de Tessa era gelado.

Mortmain não respondeu, apenas esticou a cabeça e cerrou os olhos, como um marinheiro olhando para o horizonte.

— Meus pêsames pela morte de seu irmão. Nunca tive a intenção de que isso acontecesse.

Tessa sentiu a boca se contorcer em uma forma terrível. Fazia dois meses que Nate havia morrido em seus braços, mas ela não tinha se esquecido nem perdoado.

— Não quero sua pena. Nem suas condolências. Você o transformou em uma ferramenta, e depois ele morreu. Foi sua culpa, como se tivesse lhe dado um tiro na rua.

— Suponho que não adiantaria enfatizar que foi ele quem me procurou.

— Ele era apenas um *menino* — disse Tessa. Queria se ajoelhar, queria socar a barreira invisível, mas se segurou, ereta e fria. — Não tinha nem 20 anos.

Mortmain colocou as mãos nos bolsos.

— Sabe como foi minha vida quando menino? — perguntou, com um tom tão calmo quanto se estivesse sentado ao lado dela em um jantar, sendo forçado a conversar.

Tessa pensou nas imagens que viu na mente de Aloysius Starkweather.

O homem era alto, tinha ombros largos — e pele verde como a de um lagarto. Seus cabelos eram negros. A criança a quem dava a mão, em contraste, parecia tão normal quanto uma criança deveria ser — pequena, com pulsos gordinhos e pele rosada.

Tessa sabia o nome do homem, porque Starkweather sabia.

John Shade.

Ele levantou a criança para os ombros, e o interior da casa estava cheio de criaturas estranhas e metálicas, como bonecos infantis, mas em tamanhos humanos e com peles feitas de metal brilhante. As criaturas eram desprovidas de feições, embora curiosamente usassem roupas — algumas vestiam macacões pesados de trabalhadores de uma fazenda de Yorkshire; outras, vestidos simples de musselina. Os autômatos juntaram as mãos e começaram a balançar como se estivessem em uma dança campestre. A criança riu e bateu palmas.

— Observe bem, meu filho — disse o homem de pele verde —, pois um dia governarei um reino mecânico formado por essas criaturas, e você será o príncipe.

— Sei que seus pais adotivos eram feiticeiros — falou. — Eles cuidaram de você. Sei que seu pai inventou as criaturas mecânicas que você tanto adora.

— E você sabe o que aconteceu com eles.

... um cômodo destruído, rodas, motores, mecanismos e metal destroçado por todos os cantos, fluido vazando, negro como sangue, e o homem de pele verde e a mulher de cabelo azul deitados mortos entre as ruínas...

Tessa desviou o olhar.

— Deixe-me contar sobre minha infância — disse Mortmain. — Pais adotivos, você diz, mas eram tão meus pais quanto qualquer sangue poderia fazê-los. Fui criado com carinho e amor, assim como você. — Ele apontou para a lareira, e Tessa percebeu, chocada, que os retratos eram de seus pais: a mãe de cabelos claros, e o pai, pensativo, com olhos castanhos e a gravata torta. — E foram mortos por Caçadores de Sombras. Meu pai queria criar esses belos autômatos, essas *criaturas mecânicas*, como as chama. Seriam as mais incríveis máquinas já inventadas, ele sonhava, e protegeriam os integrantes do Submundo contra os Caçadores de Sombras que, rotineiramente, os assassinavam e roubavam. Você viu os espólios no Instituto de Starkweather. — Ele pronunciou

rapidamente as últimas palavras. — Viu pedaços dos meus pais. Ele guardou o sangue da minha mãe em um vidro.

E restos de feiticeiros. Mãos mumificadas, como as da Sra. Black. Um crânio descascado, completamente sem carne, de aparência humana exceto por ter presas em vez de dentes. Frascos de sangue lamacento.

Tessa engoliu em seco. *O sangue da minha mãe em um vidro*. Não podia dizer que não entendia sua raiva. No entanto — pensou em Jem, nos pais morrendo na frente dele, na própria vida destruída, e mesmo assim ele nunca procurou vingança.

— Sim, isso foi terrível — disse Tessa. — Mas não justifica as coisas que você fez.

Havia uma faísca de alguma coisa profunda em seus olhos: raiva, rapidamente contida.

— Deixe-me dizer o que fiz — falou. — Criei um exército. Um exército que, uma vez que a última peça seja encaixada, será invencível.

— E a última peça...

— É você — disse Mortmain.

— Você vive dizendo isso, mas se recusa a explicar — insistiu Tessa. — Exige minha colaboração, contudo não me diz nada. Aprisionou-me aqui, senhor, mas não pode me forçar a conversar com você, nem minha vontade, se eu escolher não entregar...

— Você é meio Caçadora de Sombras, meio demônio — disse Mortmain. — Isso é a primeira coisa que deve saber.

Tessa, que já tinha quase virado as costas para ele, congelou.

— Isso não é possível. Frutos de Caçadores de Sombras e demônios são natimortos.

— Sim, são — disse. — São. O sangue de um Caçador de Sombras, os símbolos no corpo de um Caçador de Sombras, matam uma criança feiticeira no ventre. *Mas sua mãe não foi Marcada.*

— Minha mãe não era Caçadora de Sombras! — Tessa olhou descontrolada para o retrato de Elizabeth Gray sobre a lareira. — Ou está dizendo que ela mentiu para meu pai, para todos durante toda a vida...

— Ela não sabia — explicou Mortmain. — Os Caçadores de Sombras não sabiam. Não havia quem contasse a ela. Meu pai construiu seu anjo mecânico, sabe. Era para ser um presente para minha mãe. Contém um pedaço do espírito de um anjo, uma coisa rara, algo que ele levava consigo desde as Cruzadas. O

mecanismo em si era para ser sincronizado com a vida dela, de modo que toda vez que algo a ameaçasse, o anjo interviesse para protegê-la. Contudo, meu pai não teve a chance de concluí-lo. Foi assassinado antes. — Mortmain começou a andar de um lado para o outro. — Meus pais não foram exceções, é claro. Starkweather e a raça dele se deleitavam em matar os integrantes do Submundo, enriqueciam com espólios e aceitavam quaisquer desculpas para praticar violência contra eles. Por isso, era odiado no Submundo. Foram as fadas do campo que me ajudaram a escapar quando meus pais foram mortos, e que me esconderam até os Caçadores de Sombras pararem de me procurar. — Ele respirou, trêmulo. — Anos mais tarde, quando decidiram se vingar, eu os ajudei. Institutos são protegidos contra a entrada de integrantes do Submundo, mas não contra mundanos, e não, é claro, contra autômatos.

Ele deu um terrível sorriso.

— Fui eu, com a ajuda de uma das invenções do meu pai, que entrei no Instituto de York e troquei o bebê no berço por um mundano. A neta de Starkweather, Adele.

— Adele — sussurrou Tessa. — Vi um retrato dela. — *Uma jovem de cabelos longos e claros, em um vestido infantil antiquado, com um laço grande coroando sua cabecinha. Tinha o rosto fino, pálido e enfermo, mas os olhos eram luminosos.*

— Ela morreu quando os primeiros símbolos foram aplicados — explicou Mortmain, com gosto. — Morreu gritando, como tantos do Submundo nas mãos dos Caçadores de Sombras. Ali mataram alguém que amavam. Uma retribuição adequada.

Tessa o encarou, horrorizada. Como alguém podia achar que uma morte agonizante era uma retribuição adequada para uma criança inocente? Pensou novamente em Jem, as mãos suaves no violino.

— Elizabeth, sua mãe, cresceu sem saber que era Caçadora de Sombras. Não recebeu nenhuma Marca. Acompanhei o progresso dela, é claro, e quando se casou com Richard Gray, certifiquei-me de empregá-lo. Achei que a ausência dos símbolos em sua mãe significava que ela poderia conceber um filho que fosse metade demônio, metade Caçador de Sombras, e, para testar minha teoria, enviei um demônio disfarçado de seu pai. Ela nunca percebeu a diferença.

Tessa só não vomitou porque estava com o estômago vazio.

— Você... fez *o quê*... com minha mãe? Um demônio? Eu sou metade demônio?

— Era um Demônio Maior, se serve de consolo. A maioria deles já foi anjo

um dia. Ele foi suficientemente justo, dadas as circunstâncias. — Mortmain sorriu. — Antes de sua mãe engravidar, passei anos trabalhando na conclusão do anjo mecânico de meu pai. Acabei, e depois que você foi concebida, sincronizei com *sua* vida. Minha maior invenção.

— Mas por que minha mãe se disporia a usá-lo?

— Para salvá-la — explicou Mortmain. — Sua mãe percebeu que havia algo errado quando engravidou. Carregar uma criança feiticeira não é como carregar uma criança humana. Então eu a procurei e lhe dei o anjo mecânico. Disse que usá-lo salvaria a vida da criança. Ela acreditou em mim. Eu não menti. Você é imortal, menina, mas é vulnerável. Pode ser morta. O anjo está ligado à sua vida; foi *feito* para salvá-la, se estiver morrendo. Pode tê-la salvado cem vezes antes mesmo de você nascer, e a salva desde então. Pense nas vezes em que quase morreu. Pense em como o anjo interveio.

Tessa se lembrou do anjo voando para cima do autômato que a enforcou; combatendo as lâminas da criatura que a atacou perto do Solar Ravenscar; a impedindo de se quebrar nas pedras do desfiladeiro.

— Mas não me salvou das torturas nem dos ferimentos.

— Não. Pois isso faz parte da condição humana.

— A morte também — disse Tessa. — Não sou humana, e você permitiu que as Irmãs Sombrias me torturassem. Eu jamais poderia perdoá-lo por isso. Mesmo que me convencesse que meu irmão foi culpado pela própria morte, que a morte de Thomas foi justificada, que seu ódio é razoável, eu jamais o perdoaria por aquilo.

Mortmain levantou uma caixa a seus pés e a abriu. Ouviu-se um barulho quando rodas dentadas caíram dela — rodas dentadas, motores, mecanismos e pedaços de metal sujos com fluido negro e, finalmente, além do resto do lixo, como uma bola de borracha vermelha de criança, uma cabeça decapitada.

Da Sra. Black.

— Eu a destruí — falou. — Por você. Quis mostrar que sou sincero, Srta. Gray.

— Sincero como? — perguntou Tessa. — Por que fez tudo isso? *Por que me criou*?

Os lábios dele tremeram levemente; não foi um sorriso, não de fato.

— Por dois motivos. O primeiro para que pudesse gerar filhos.

— Mas feiticeiros não podem...

— Não — disse Mortmain. — Mas você não é uma feiticeira comum. Em

você, o sangue de demônio e o sangue de anjo travaram a própria guerra no Paraíso, e os anjos foram vitoriosos. Você não é Caçadora de Sombras, mas também não é feiticeira. Você é uma coisa nova, inteiramente diferente. *Caçadores de Sombras* — disparou. — Todo híbrido de Caçadores de Sombras e demônios morre, e os Nephilim têm orgulho disso, felizes por seu sangue jamais ser sujo, a linhagem jamais prejudicada por magia. Mas *você*. Você pode fazer mágica. Pode ter filhos como qualquer outra mulher. Não pelos próximos anos, mas quando atingir total maturidade. Os maiores feiticeiros que já viveram me garantiram. Juntos daremos início a uma nova raça, com a beleza dos Caçadores de Sombras e sem a marca dos feiticeiros. Será uma raça que quebrará a arrogância dos Caçadores de Sombras e os substituirá nesta Terra.

As pernas de Tessa cederam. Ela escorregou para o chão, o vestido se acomodando ao redor dela como água negra.

— Você... você quer me usar para *gerar seus filhos?*

Agora sim, ele sorriu.

— Não sou um homem desonrado — disse. — Ofereço casamento. Sempre foi meu plano. — Ele apontou para a pilha de metal rasgado que outrora fora a Sra. Black. — Se puder contar com sua vontade, prefiro. E prometo que cuidarei de todos os seus inimigos.

Meus inimigos. Pensou em Nate, fechando a mão na dela enquanto morria, sangrando em seu colo. Pensou outra vez em Jem, na forma como ele jamais lutou contra o destino, mas o encarou bravamente; pensou em Charlotte, que chorou a morte de Jessamine apesar de ter sido traída por Jessie; e pensou em Will, que dispôs o coração para ser pisado por ela e por Jem, pois a amava mais do que a si próprio.

Havia bondade humana no mundo, pensou. Perdida em desejos e sonhos, arrependimentos e amarguras, ressentimentos e poderes, mas havia, e Mortmain jamais enxergaria.

— Você nunca vai entender — disse ela. — Você diz que constrói, que inventa, mas conheço um inventor, Henry Branwell, e você não é nada parecido com ele. Ele traz coisas à vida; você só destrói. E agora me traz outro demônio morto, como se fossem flores em vez de mais morte. Você não tem sentimentos, Sr. Mortmain, não tem empatia por ninguém. Se eu já não soubesse disso, teria ficado muito claro quando tentou utilizar a doença de James Carstairs para me forçar a vir. Apesar de estar morrendo por sua causa, ele não me deixou vir, não aceitou seu *yin fen*. É assim que pessoas *boas* se comportam.

Viu o olhar no rosto dele. Decepção. Foi apenas um instante, no entanto, antes de ser substituído por um olhar sagaz.

— Não deixou que viesse? — indagou. — Então não a julguei mal; você teria feito isso. Teria vindo a mim, até aqui, por amor.

— Não por amor a você.

— Não — respondeu pensativamente —, não por mim. — E tirou do bolso um objeto que Tessa reconheceu de imediato.

Ela fitou o relógio que ele apontava para ela, pendurado na corrente de ouro. Evidentemente, ele não tinha dado corda. Os ponteiros há muito haviam parado de girar, o tempo aparentemente congelado à meia-noite. As iniciais J.T.S. estavam gravadas na parte de trás, com escrita elegante.

— Falei que a criei por dois motivos — disse ele. — Este é o segundo. Existem alteradores de forma no mundo: demônios e mágicos que conseguem assumir a aparência de outros. Mas só você consegue verdadeiramente *se tornar* outra pessoa. Esse relógio era do meu pai. John Thaddeus Shade. Imploro para que o leve e se Transforme no meu pai, para que eu possa falar com ele mais uma vez. Se fizer isso, darei todo o *yin fen* que possuo, e é uma quantidade considerável, a James Carstairs.

— Ele não vai aceitar — disse Tessa imediatamente.

— Por que não? — O tom de Mortmain era razoável. — Você não é mais uma condição para a droga. É um presente, oferecido por vontade própria. Seria tolice jogá-lo fora, e não serviria de nada. Ao passo que, fazendo esse pequeno favor a mim, você poderia salvar a vida dele. O que diz disso, Tessa Gray?

* * *

Will. Will, acorde.

Era a voz de Tessa, inconfundível, e fez Will se levantar na sela. Pegou a crina de Balios para se ajeitar e olhou em volta com olhos turvos.

Verde, cinza, azul. A vista do campo galês se estendia diante dele. Ele passou por Welshpool e pela fronteira Inglaterra-Gales em algum momento perto do amanhecer. Lembrava-se pouco da viagem, apenas uma progressão contínua e tortuosa de lugares: Norton, Atcham, Emstrey, Weeping Cross, desviando com o cavalo ao redor de Shrewsbury e, finalmente, a fronteira e as colinas galesas ao

longe. À luz da manhã, elas eram fantasmagóricas, tudo envolto em bruma, que subia lentamente enquanto o sol se erguia no alto.

Ele supôs que estivesse em algum lugar perto de Llangadfan. Era uma estrada bonita sobre um atalho romano, mas quase desprovida de habitações, exceto por fazendas ocasionais, e parecia infinitamente longa, mais longa do que o céu cinza que se esticava ao alto. No Cann Office Hotel, ele se forçou a parar e comer, mas apenas por alguns instantes. O importante era a jornada.

Agora que estava em Gales, conseguia sentir a atração no sangue em direção ao local onde nasceu. Apesar de todas as palavras de Cecily, ele não tinha sentido nenhuma conexão até agora, quando respirava o ar galês, via as cores galesas: o verde das colinas, o cinza da ardósia e do céu, o branco das casas, os pontos marfim das ovelhas na grama. Pinheiros e carvalhos eram esmeralda-escuro ao longe; mais alto, porém, mais perto da estrada, a vegetação crescia verde-cinzenta e ocre.

À medida que se aproximava do coração do país, as colinas verdes se tornaram mais desoladas, a estrada, mais íngreme, e o sol começou a descer em direção à beira das montanhas distantes. Ele sabia onde estava, soube ao passar pelo Dyfi Valley e ao ver as montanhas se erguerem à sua frente, firmes e íngremes. O pico de Car Afron estava à esquerda, uma descida de ardósia cinza e cascalhos como teias de aranha rompidas ao lado. A estrada era irregular e longa, e enquanto Will conduzia Balios para cima, acomodou-se na sela e, contra a própria vontade, adormeceu. Sonhou com Cecily e Ella correndo por colinas não muito diferentes dessas, chamando-o: *Will! Venha correr conosco, Will!* E sonhou com Tessa, que tinha as mãos estendidas para ele, e soube que não podia parar, não enquanto não a alcançasse. Mesmo que na vida real ela jamais olhasse para ele daquela forma, mesmo que aquela suavidade em seus olhos fosse para outra pessoa. E às vezes, como agora, sua mão deslizava para o bolso e se fechava em volta do pingente jade.

Alguma coisa o atacou forte pelo flanco; ele soltou o pingente ao cair violentamente sobre o chão de pedra ao lado da estrada. Sentiu dor no braço e rolou para o lado a tempo de evitar ser atingido por Balios, que também caiu. Levou um instante, engasgando, para perceber que não tinham sido atacados. Seu cavalo, exausto demais para dar mais um passo, havia desmoronado sob ele.

Will se ajoelhou e engatinhou para perto de Balios. O cavalo preto estava caído, espumando, com os olhos revirando para cima dolorosamente, na direção

de Will enquanto ele se aproximava e passava o braço em volta do pescoço do animal. Para seu alívio, os batimentos do cavalo continuavam firmes e fortes.

— Balios, Balios — sussurrou, acariciando a crina do animal. — Sinto muito. Não devia tê-lo feito cavalgar assim.

Lembrou-se de quando Henry comprou os cavalos e tentava escolher um nome para eles. Foi Will quem sugeriu os nomes: Balios e Xanthos, em homenagem aos cavalos imortais de Aquiles. *Nós dois podemos voar tão rápido quanto Zéfiro, que dizem ser o mais veloz dos ventos.*

Mas aqueles cavalos eram imortais, e Balios não. Mais forte do que um cavalo comum, e mais rápido, porém toda criatura tem seus limites. Will deitou, com a cabeça girando, e olhou para o céu — como um lençol cinza puxado com firmeza, alguns toques de nuvens negras aqui e ali.

Ele pensou uma vez, nos breves instantes entre o "fim" da maldição e a descoberta de que Jem e Tessa estavam noivos, em trazer Tessa para Gales a fim de mostrar os lugares de sua infância. Pensou em levá-la a Pembrokenshire para andar em volta de Saint David's Head e ver as flores do topo da colina, ver o mar azul de Tenby e encontrar conchas nas linhas da maré. Tudo agora parecia um sonho distante de criança. Havia apenas a estrada à frente, mais cavalgada e mais cansaço, e uma provável morte no fim.

Com outro afago tranquilizante no pescoço do cavalo, Will se ajoelhou e depois ficou de pé. Lutando contra a tontura, mancou até o topo da colina e olhou para baixo.

Havia um pequeno vale, no qual se encontrava uma pequena vila de pedra, um pouco maior do que um vilarejo. Pegou a estela do cinto e desenhou um símbolo de Visão no pulso esquerdo. Aquilo lhe deu poder suficiente para enxergar que a vila tinha uma praça e uma pequena igreja. Certamente teria alguma pousada onde poderia descansar à noite.

Tudo em seu coração o incentivava a ir, a *concluir a missão* — não podia estar a mais de 30 quilômetros do objetivo —, mas continuar significaria matar o cavalo e, sabia, chegar sozinho em Cadair Idris consistiria em se apresentar sem condições de combater ninguém. Voltou-se novamente para Balios e, com uma aplicação cuidadosa de adulação e punhados de aveia, conseguiu levantar o cavalo. Pegando as rédeas e cerrando os olhos para o pôr do sol, começou a conduzir Balios pela colina, em direção à vila.

A cadeira em que Tessa se sentou tinha um encosto alto e esculpido, preso com pregos imensos cujas pontas cutucavam-lhe as costas. Diante dela havia uma mesa ampla, com livros em uma das pontas. E sobre a mesa havia papel, um pote de tinta e uma pena. Ao lado do papel, o relógio de bolso de John Shade.

De cada lado, havia dois enormes autômatos. Pouco esforço fora empregado em fazê-los parecer humanos. Eram quase triangulares, com braços espessos se projetando de cada lado do corpo e cada braço culminando em uma lâmina afiada. Eram um tanto assustadores, mas Tessa não podia deixar de sentir que, se Will estivesse ali, comentaria que pareciam nabos, e talvez fizesse uma música sobre isso.

— Pegue o relógio — disse Mortmain. — E Transforme-se.

Estava sentado diante dela, em uma cadeira semelhante à dela, com o mesmo encosto alto e curvo. Estavam em outra sala cavernosa, para a qual fora levada por autômatos; a única luz vinha de uma lareira gigante, grande o bastante para assar uma vaca. O rosto de Mortmain estava encoberto por sombras, os dedos sob o queixo.

Tessa ergueu o relógio. Era pesado e frio em suas mãos. Ela fechou os olhos.

Contava apenas com a palavra de Mortmain de que ele havia mandando o *yin fen*; no entanto, ela acreditava. Ele não tinha razão para não fazê-lo, afinal. Que diferença faria se Jem Carstairs vivesse um pouco mais? Aquilo fora apenas um instrumento de barganha para levá-la às mãos dele, e aqui estava, com ou sem *yin fen*.

Ouviu a respiração de Mortmain chiar entre os dentes, e firmou os dedos sobre o relógio. De repente, ele pareceu pulsar em sua mão, como, às vezes, o anjo mecânico fazia, parecendo que tinha uma própria vida. Sentiu a mão se mexer, e, de repente, a Transformação tomou conta dela — sem precisar se esforçar como normalmente fazia. Engasgou um pouco ao sentir a Transformação dominá-la como um vento forte, puxando-a para baixo. De repente, John Shade estava ao seu redor, sua presença se sobrepondo à dela. A dor conduziu seu braço, e ela soltou o relógio, que caiu ruidosamente sobre a mesa, mas a Transformação não podia ser contida. Seus ombros alargaram sob o vestido, os dedos ficaram verdes, a cor se espalhou pelo corpo como verdete sobre cobre.

A cabeça dela se levantou. Ela parecia pesada, como se um peso enorme a pressionasse. Olhando para baixo, viu que tinha os braços fortes de um homem, uma pele verde, escura e texturizada, as mãos grandes e curvadas. Uma sensação

de pânico a dominou, mas era uma faísca pequena, mínima em um imenso golfo de escuridão. Jamais havia se perdido tanto em uma Transformação.

Mortmain havia sentado ereto. Encarava-o com os lábios comprimidos, e os olhos brilhavam com uma luz escura e rígida.

— Pai — disse ele.

Tessa não respondeu. Não pôde responder. A voz que veio de dentro dela não lhe pertencia; era de Shade.

— Meu príncipe mecânico — disse Shade.

A luz nos olhos de Mortmain se expandiu. Ele se inclinou para a frente, empurrando os papéis para Tessa, ansiosamente.

— Pai — falou. — Preciso de sua ajuda, e depressa. Tenho uma Pyxis. Tenho os mecanismos para abri-la. Tenho os corpos dos autômatos. Só preciso do feitiço que criou, o de ligadura. Escreva-o para mim e terei a última peça do quebra-cabeça.

A pequena chama de pânico dentro de Tessa estava crescendo e dominando-a. Este não era um reencontro tocante entre pai e filho. Era algo que Mortmain queria e precisava do feiticeiro John Shade. Ela começou a lutar, a tentar escapar da Transformação, mas estava presa por uma garra que parecia de ferro. Desde que passou a ser treinada pelas Irmãs Sombrias, aprendeu a se livrar de uma Transformação, mas apesar de John Shade estar morto, Tessa podia sentir o controle firme dele sobre ela, mantendo-a aprisionada em seu corpo e forçando aquele corpo a agir. Horrorizada, ela viu a própria mão alcançar a pena, mergulhar a ponta na tinta e começar a escrever.

A pena arranhou o papel. Mortmain se inclinou para a frente. Arfava como se estivesse correndo. Atrás dele, o fogo estalava, alto e alaranjado na lareira.

— É isso — disse ele, e a língua lambeu o lábio superior. — Vejo como funcionaria, sim. Finalmente. É exatamente isso.

Tessa encarou. O que vinha da caneta parecia uma enxurrada de bobagens: números, sinais e símbolos que não compreendia. Novamente tentou lutar, conseguindo apenas borrar a página. Lá se ia a pena outra vez — tinta, papel, mais rabiscos. A mão que segurava a pena tremia violentamente, mas os símbolos continuavam fluindo. Tessa começou a morder o lábio: forte e depois mais forte. Sentiu gosto de sangue na boca. Parte do sangue pingou na página. A pena continuou escrevendo através dele e espalhou um líquido escarlate pela folha.

— É isso — disse Mortmain. — Pai...

A ponta da pena estalou, tão barulhenta quanto um tiro, ecoando nas paredes da caverna. A pena quebrou na mão de Tessa, e ela caiu sobre a cadeira, exausta. O verde desbotava da pele, o corpo encolhia. Seus próprios cabelos castanhos caíam soltos sobre os ombros. Ainda sentia o gosto do sangue na boca.

— Não. — Ela engasgou e se esticou para pegar os papéis. — Não...

Mas seus movimentos foram lentos em consequência da dor e da Transformação, e Mortmain foi mais rápido. Rindo, ele arrancou os papéis da mão dela e se levantou.

— Muito bem — disse ele. — Obrigado, minha pequena feiticeira. Você me deu tudo que eu precisava. Autômatos, levem a Srta. Gray de volta ao quarto.

A mão metálica se fechou nas costas do vestido de Tessa e a levantou. O mundo parecia balançar entorpecidamente diante dela. Ela viu Mortmain esticar o braço e levantar o relógio dourado que caíra sobre a mesa.

Ele sorriu para o objeto, um sorriso selvagem e vil.

— Vou deixá-lo orgulhoso, pai — falou. — Nunca duvide disso.

Tessa, sem conseguir mais assistir, fechou os olhos. *O que eu fiz?*, pensou enquanto o autômato começava a empurrá-la de lá. *Meu Deus, o que fiz?*

17

É Nobre Ser Bom

Seja como for, me parece,
É nobre ser bom.
Corações generosos são mais que coroas,
E a simples fé é mais do que o sangue normando.
— Alfred, Lord Tennyson, "Lady Clara Vere de Vere"

A cabeça escura de Charlotte estava curvada sobre uma carta quando Gabriel entrou na sala de estar. Estava frio, e o fogo se apagara na lareira. Gabriel ficou imaginando por que Sophie não o acendera — passava muito tempo treinando. Seu pai não teria tolerado isso. Gostava de criados treinados para lutar, mas preferia que já tivessem essas habilidades antes de contratá-los.

Charlotte levantou o olhar.

— Gabriel — disse ela.

— Queria falar comigo? — Gabriel fez o possível para manter a voz firme. Não pôde evitar a sensação de que os olhos escuros de Charlotte enxergavam através dele, como se ele fosse de vidro. Seus olhos desviaram para o papel na mesa. — O que é isso?

Ela hesitou.

— Uma carta do Cônsul. — A boca estava contraída em uma linha rija e infeliz. Olhou para baixo novamente e suspirou. — Tudo o que eu sempre quis foi governar este Instituto como meu pai fez. Nunca pensei que fosse tão difícil. Vou escrever novamente para ele, mas... — Ela se interrompeu, com um sorriso duro e forçado. — Mas não o chamei aqui para falar de mim — disse. — Gabriel, você me parece cansado e tenso ultimamente. Sei que estamos todos aflitos, e temo que nessa aflição sua... situação... tenha ficado esquecida.

— Minha situação?

— Seu pai — esclareceu Charlotte, levantando-se da cadeira e se aproximando dele. — Você deve estar sofrendo por ele.

— E Gideon? — perguntou o menino. — Era pai dele também.

— Gideon sofreu por seu pai há algum tempo — retrucou Charlotte, que, para sua surpresa, estava parada ao lado dele. — Para você, deve ser novo e desagradável. Não queria que você pensasse que esqueci.

— Depois de tudo que aconteceu — disse ele, a garganta começando a se fechar de espanto e mais alguma coisa, algo que ele não queria identificar muito de perto —, depois de Jem, Will, Jessamine, Tessa, depois que sua casa quase foi dividida ao *meio*, você não quer que eu pense que se esqueceu de *mim*?

Ela pôs a mão no braço dele.

— Essas perdas não diminuem a sua...

— Não pode ser isso — disse. — Você não pode querer me confortar. Chamou-me para descobrir se minha lealdade ainda está com meu pai ou com o Instituto...

— Gabriel, não. Não é nada disso.

— Não posso dar a resposta que quer — disse Gabriel. — Não posso esquecer que ele ficou comigo. Minha mãe morreu, Gideon foi embora, Tatiana é uma tola inútil, e nunca houve mais ninguém, ninguém para me criar, e eu não tinha *nada*, só meu pai, só nós dois, e agora você, você e Gideon esperam que eu o odeie, mas não posso. Ele era meu pai, e eu... — A voz falhou.

— Amava-o — completou Charlotte gentilmente. — Sabe, lembro-me de você quando era menino, e de sua mãe também. E lembro-me do seu irmão, sempre ao seu lado. E da mão do seu pai no seu ombro. Se serve de consolo, acredito que ele também o amava.

— Não importa. Porque matei meu pai — disse Gabriel, com voz trêmula. — Atirei uma flecha no *olho* dele... derramei seu sangue. Parricídio...

— Não foi parricídio. Ele não era mais seu pai.

— Se não era meu pai, se não acabei com a vida do meu pai, então *onde ele está?* — sussurrou Gabriel. — Onde está meu pai? — E sentiu Charlotte esticar o braço, puxá-lo para baixo, como uma mãe o faria, e segurá-lo enquanto ele soluçava secamente contra seu ombro e sentia o gosto das lágrimas na garganta, mas sem conseguir derramá-las. — Onde está meu pai? — repetiu, e quando ela o apertou mais, ele sentiu a firmeza do abraço e a força dela o segurando, e ficou imaginando como pôde achar que esta pequena mulher fosse fraca.

Para: Charlotte Branwell
De: Cônsul Josiah Wayland

Minha estimada senhora Branwell,

Um informante cujo nome não pode revelar? Eu arriscaria dizer que não há informante e que tudo isso é invenção sua, uma estratégia para me convencer de sua razão.

Torço para que pare com a imitação de um papagaio que só faz repetir "marche para Cadair Idris de uma vez" o dia inteiro, e, em vez disso, me mostre que está cumprindo com suas obrigações de líder do Instituto de Londres. Do contrário, temo que deva supor que não está apta ao cargo e serei forçado a substituí-la de uma vez.

Como demonstração de compreensão, devo pedir que pare com esse assunto de uma vez por todas e não implore a nenhum membro do Enclave para que se junte a você nesta busca sem sentido. Se souber que levou o assunto a qualquer outro Nephilim, terei de considerar uma séria desobediência e agir de acordo.

Josiah Wayland, Cônsul da Clave

Sophie havia trazido a carta durante o café da manhã. Charlotte abriu-a com a faca de manteiga, rompendo o selo Wayland (uma ferradura com o *C* de Cônsul abaixo) e quase a rasgou na ansiedade de lê-la.

O resto das pessoas assistiu, Henry com o rosto aberto e alegre carregado de preocupação ao ver duas manchas vermelhas florescendo nas bochechas de Charlotte enquanto seus olhos examinavam as linhas. Os outros se mantiveram sentados, concentrados nas respectivas refeições, e Cecily não pôde deixar de pensar no quanto era de certa forma estranho ver um grupo de homens preocupados com a reação de uma mulher.

Apesar de ser um grupo de homens menor do que deveria. As ausências de Will e Jem pareciam um novo ferimento, um corte limpo e branco, ainda não preenchido por sangue, o choque quase recente demais para a dor.

— O que foi? — perguntou Henry, ansioso. — Charlotte, querida...

Charlotte leu as palavras da mensagem como as batidas frias de um metrônomo. Quando terminou, afastou a carta, ainda fitando-a.

— Eu simplesmente não consigo... — começou. — Não entendo.

Henry havia ruborizado sob as sardas.

— Como ele ousa escrever assim para você — disse Henry, com uma ferocidade inesperada. — Como ousa se dirigir a você dessa maneira, desconsiderar suas preocupações...

— Talvez ele tenha razão. Talvez esteja louco. Talvez todos nós estejamos — disse Charlotte.

— Não estamos! — exclamou Cecily, e viu Gabriel olhar de lado para ela. Sua expressão era difícil de ser lida. Ele estava pálido desde que entrara na sala, e mal falou ou comeu; em vez disso, ficou encarando a toalha de mesa como se ali estivessem todas as respostas do universo. — O Magistrado está em Cadair Idris. Tenho certeza disso.

Gideon estava com a testa franzida.

— Acredito em você — disse ele. — Todos acreditamos, mas sem o ouvido do Cônsul a questão não pode ser apresentada ao Conselho, e, sem um Conselho, não pode haver assistência para nós.

— O portal já está quase pronto para ser utilizado — disse Henry. — Quando estiver funcionando, poderemos transportar quantos Caçadores de Sombras forem necessários para Cadair Idris em uma questão de instantes.

— Mas não haverá Caçadores de Sombras para serem transportados — argumentou Charlotte. — Veja, o Cônsul me proíbe de tocar nesse assunto com o Enclave. A autoridade dele é maior que a minha. Passar por cima de uma ordem dessa... Poderíamos perder o Instituto.

— E? — perguntou Cecily acaloradamente. — Você se importa mais com sua posição do que com Will e Tessa?

— Srta. *Herondale* — começou Henry, mas Charlotte o calou com um gesto. Ela parecia muito cansada.

— Não, Cecily, não é isso, mas o Instituto nos oferece proteção. Sem ele, nossa capacidade de ajudar Will e Tessa fica severamente comprometida. Como líder do Instituto, posso oferecer a assistência que um único Caçador de Sombras não...

— Não — intrometeu-se Gabriel. Ele empurrara o prato, e seus dedos finos estavam tensos e pálidos enquanto gesticulava. — Não pode.

— Gabriel? — disse Gideon, em tom de questionamento.

— Não ficarei em silêncio — respondeu Gabriel, e se levantou, como se pretendesse fazer um discurso ou se afastar da mesa, Cecily não sabia ao certo.

Ele voltou os olhos verdes e assombrados para Charlotte. — No dia em que o Cônsul veio aqui, quando levou meu irmão e eu para um interrogatório, ele nos ameaçou até prometermos espioná-la.

Charlotte empalideceu. Henry começou a se levantar. Gideon levantou a mão, suplicante.

— Charlotte — disse ele. — Não o fizemos. Nunca dissemos uma palavra. Nenhuma verdade, pelo menos — corrigiu-se, olhando ao redor enquanto todos o encaravam. — Algumas mentiras. Desorientações. Ele parou de perguntar depois de duas cartas. Sabia que não tinha utilidade.

— É verdade, senhora — disse uma voz baixinha vinda do canto da sala. Sophie. Cecily quase não a notou ali, pálida sob a touca branca.

— Sophie! — Henry pareceu completamente chocado. — Você sabia sobre isso?

— Sim, mas... — A voz de Sophie tremeu. — Ele fez ameaças terríveis a Gideon e Gabriel, Sr. Branwell. Disse que eliminaria os Lightwood dos registros de Caçadores de Sombras, que colocaria Tatiana na rua. E, mesmo assim, não contaram nada. Quando ele parou de perguntar, achei que tivesse percebido que não havia o que descobrir e desistira. Sinto muito. Eu só...

— Ela não queria machucá-los — disse Gideon desesperadamente. — Por favor, Sra. Branwell. Não culpe Sophie por isso.

— Não culpo — respondeu Charlotte, com os olhos escuros e rápidos movendo-se entre Gabriel, Gideon e Sophie, e de volta para Gabriel. — Mas imagino que haja mais nessa história. Certo?

— Isso é tudo, de verdade... — começou Gideon.

— Não — declarou Gabriel. — Não é. Quando o procurei, Gideon, e falei que o Cônsul não queria mais nossos relatórios sobre Charlotte, era mentira.

— O quê? — Gideon pareceu horrorizado.

— Ele me chamou sozinho, no dia do ataque ao Instituto — relatou Gabriel. — Falou que, se eu ajudasse a descobrir algum deslize de Charlotte, devolveria os bens dos Lightwood, restauraria a honra do nosso nome, encobriria as falhas do nosso pai... — Ele respirou fundo. — E eu concordei.

— *Gabriel* — resmungou Gideon, e enterrou o rosto nas mãos. Gabriel parecia prestes a vomitar, quase cambaleando. Cecily estava dividida entre pena e horror, lembrando-se daquela noite na sala de treinamento, em como dissera que tinha fé de que ele faria as escolhas certas.

— Por isso pareceu tão assustado quando o chamei para conversar mais cedo

— disse Charlotte, com o olhar firme em Gabriel. — Achou que eu tivesse descoberto.

Henry começou a se levantar, e seu rosto agradável e receptivo escureceu com o primeiro sinal verdadeiro de raiva que Cecily já havia visto nele.

— Gabriel Lightwood — disse ele. — Minha mulher não demonstrou nada além de generosidade a você, e é assim que retribui?

Charlotte colocou a mão no braço do marido, a fim de contê-lo.

— Henry, espere — disse ele. — Gabriel, o que você fez?

— Ouvi sua conversa com Aloysius Starkweather — relatou Gabriel, com a voz oca. — Em seguida, escrevi uma carta para o Cônsul, contando que você estava baseando seus pedidos de marcha para Gales nas palavras de um louco, que era influenciável e teimosa...

Os olhos de Charlotte pareceram perfurar Gabriel como pregos; Cecily pensou que jamais ia querer receber um olhar daqueles, nunca na vida.

— Você escreveu — disse Charlotte. — Enviou?

Gabriel respirou fundo, com dificuldade.

— Não — respondeu, e alcançou a própria manga. Retirou um papel dobrado e o jogou sobre a mesa. Cecily olhou para o papel. Estava marcado com impressões digitais e tinha as bordas gastas, como se tivesse sido aberto e fechado diversas vezes. — Não consegui. Não contei nada a ele.

Cecily soltou o ar que não percebeu que estava prendendo.

Sophie emitiu um ruído baixo; foi em direção a Gideon, que parecia se recuperar de um soco no estômago. Charlotte permaneceu calma como durante todo o processo. Esticou o braço, pegou a carta, deu uma olhada e a colocou de volta na mesa.

— Por que não enviou? — perguntou.

Ele olhou para ela, um olhar compartilhado e estranho se passou entre eles, e respondeu:

— Tive meus motivos para reconsiderar.

— Por que não me procurou? — disse Gideon. — Gabriel, você é meu irmão...

— Não pode fazer todas as escolhas por mim, Gideon. Às vezes, preciso agir por conta própria. Como Caçadores de Sombras, temos de ser altruístas. Morrer por mundanos, pelo Anjo, e, acima de tudo, por nós mesmos. Esses são nossos princípios. Charlotte vive de acordo; nosso pai nunca o fez. Percebi isso quando me enganei antes ao depositar minha lealdade no meu sangue, acima dos

princípios, acima de tudo. E percebi que o Cônsul está enganado em relação à Charlotte. — Gabriel parou subitamente; estava com a boca rija em uma linha fina e branca. — Ele se enganou. — Voltou-se para Charlotte. — Não posso mudar o que fiz no passado ou o que cogitei fazer. Não sei como compensar minha dúvida em sua autoridade nem minha ingratidão por sua bondade. Só o que posso é contar o que sei: você não pode esperar por uma aprovação do Cônsul Wayland, que nunca virá. Ele jamais marchará para Cadair Idris por você, Charlotte. Ele não quer concordar com nenhum plano que conte com seu selo de autoridade. Ele a quer fora do Instituto. Substituída.

— Mas foi ele que me colocou aqui — disse Charlotte. — Ele me apoiou...

— Porque achou que você seria fraca — respondeu Gabriel. — Porque ele acha que as mulheres são fracas e facilmente manipuláveis, mas você demonstrou ser diferente, e isso arruinou todos os planos dele. Ele não quer apenas que você seja desacreditada; ele *precisa* disso. Foi bem claro em relação a isso: se não conseguisse descobrir nenhum deslize, eu tinha permissão para inventar uma mentira que a condenasse. Desde que fosse algo convincente.

Charlotte cerrou os lábios.

— Então ele nunca teve fé em mim — sussurrou ela. — Nunca.

Henry apertou o braço dela.

— Mas deveria — disse ele. — Ele a subestimou, e isso não é uma tragédia. Você ter demonstrado ser melhor, mais inteligente e mais forte do que se esperava, Charlotte... é um triunfo.

Charlotte engoliu em seco, e Cecily ficou imaginando, só por um instante, como seria ter alguém que a olhasse como Henry olhava para Charlotte: como se ela fosse a maravilha da Terra.

— O que faço?

— O que achar melhor, Charlotte, querida — respondeu Henry.

— Você é líder do Enclave e do Instituto — falou Gabriel. — Temos fé em você, mesmo que o Cônsul não tenha. — Ele abaixou a cabeça. — Tem minha lealdade de hoje em diante. Seja qual for o valor dela para você.

— Vale muito — afirmou Charlotte, e havia alguma coisa em sua voz, uma autoridade quieta que fez Cecily querer levantar e declarar a própria lealdade, simplesmente para obter a aprovação da mulher. Cecily não conseguia se imaginar se sentindo assim, percebeu, em relação ao Cônsul. *E é por isso que o Cônsul a odeia*, pensou. *Porque ela é mulher, e, no entanto, ele sabe que ela consegue obter lealdade de uma forma que ele jamais conseguiria.* —

Procederemos como se o Cônsul não existisse — continuou Charlotte. — Se ele estiver determinado a me retirar de minha posição aqui, então não tenho o que proteger. É simplesmente uma questão de fazer o que é preciso antes que ele tenha a chance de nos impedir. Henry, quanto tempo até a invenção ficar pronta?

— Amanhã — respondeu Henry prontamente. — Vou trabalhar durante toda a noite...

— Será a primeira vez que será utilizada — comentou Gideon. — Não parece um pouco arriscado?

— Não temos outra maneira de chegar a Gales a tempo — respondeu Charlotte. — Depois que eu enviar minha mensagem, teremos pouco tempo até que o Cônsul apareça para me destituir do cargo.

— Que mensagem? — perguntou Cecily, espantada.

— Vou mandar um recado para todos os membros da Clave — explicou Charlotte. — De uma vez. Não para o Enclave. Para a *Clave*.

— Mas somente o Cônsul pode... — começou Henry, e então fechou a boca, como uma caixa. — Ah.

— Vou relatar a situação atual e solicitar assistência — declarou Charlotte. — Não sei com que resposta poderemos contar, mas certamente alguns ficarão do nosso lado.

— *Eu* estarei com vocês — disse Cecily.

— E eu, é claro — afirmou Gabriel. Sua expressão era resignada, nervosa, pensativa, determinada. Cecily jamais gostara tanto dele.

— E eu... apesar de que... — disse Gideon, e seu olhar, ao passar pelo irmão, foi de preocupação —, com apenas seis de nós, e uma Caçadora pouco treinada, contra qualquer que seja a força de Mortmain... — Cecily ficou dividida entre o prazer de ter sido considerada uma integrante e a irritação pela qualificação de pouco treinada. — Pode ser uma missão suicida.

A voz suave de Sophie se pronunciou novamente.

— Podem ter apenas seis *Caçadores de Sombras* com vocês, mas têm, ao menos, nove combatentes. Também sou treinada e gostaria de lutar com vocês. Assim como Bridget e Cyril.

Charlotte pareceu meio satisfeita e meio espantada.

— Mas, Sophie, você começou a ser treinada há pouco...

— Recebo treinamento há mais tempo do que a Srta. Herondale — disse Sophie.

— Cecily é Caçadora de Sombras...

— A Srta. Collins tem talento natural — declarou Gideon. Falou lentamente, com um conflito evidente no rosto. Não queria Sophie na luta, correndo perigo; no entanto, não podia mentir sobre suas habilidades. — Ela deveria poder Ascender e se tornar Caçadora de Sombras.

— Gideon... — começou Sophie, espantada, mas Charlotte já estava olhando para ela com olhos escuros e afiados.

— É isso que deseja, Sophie, querida? Ascender?

Sophie gaguejou.

— Eu... é o que sempre quis, Sra. Branwell, mas não se isso significasse que eu teria de deixar seu serviço. Você foi muito generosa comigo, e não desejo retribuir com abandono...

— Que bobagem — disse Charlotte. — Posso encontrar outra criada; não posso encontrar outra Sophie. Se ser Caçadora de Sombras é seu desejo, minha menina, preferia que tivesse me falado. Eu poderia ter procurado o Cônsul antes de me desentender com ele. Mesmo assim, quando voltarmos...

Ela se interrompeu, e Cecily ouviu as palavras implícitas: *se voltarmos*.

— Quando voltarmos, vou candidatá-la à Ascensão — concluiu Charlotte.

— Deporei em favor dela também — declarou Gideon. — Afinal, o lugar do meu pai no Conselho é meu, os amigos dele vão me ouvir, pois ainda devem lealdade à minha família. Além do mais, de que outra forma podemos nos casar?

— *O quê?* — perguntou Gabriel, com um gesto que acidentalmente derrubou o prato mais próximo, que se estilhaçou no chão.

— Casar? — repetiu Henry. — Vai se casar com uma das amizades de seu pai no Conselho? Qual delas?

Gideon tinha adquirido uma coloração esverdeada; era evidente que não pretendia ter deixado essas palavras escaparem, e não sabia o que fazer agora que já tinham saído. Olhou horrorizado para Sophie, mas não parecia que ela seria de grande ajuda. Parecia tão chocada quanto um peixe que acidentalmente caiu na terra.

Cecily se levantou e derrubou o guardanapo sobre o prato.

— Muito bem — disse, fazendo o melhor que pôde para se aproximar do tom autoritário que a mãe utilizava quando precisava que fizessem alguma coisa na casa. — Todos para fora.

Charlotte, Henry e Gideon começaram a se levantar. Cecily ergueu as mãos.

— *Você* não, Gideon Lightwood — disse. — Sinceramente! Mas você —

apontou para Gabriel — pare de encarar. E venha. — Puxando-o pelas costas do casaco, ela o arrastou para fora, com Henry e Charlotte logo atrás.

Assim que saíram da sala de refeições, Charlotte foi em direção à sala de estar com o propósito anunciado de compor uma mensagem para a Clave, com Henry ao seu lado. (Ela parou na virada do corredor para olhar para Gabriel com um sorriso entretido no rosto, mas Cecily suspeitou que ele não tivesse visto.) No entanto, Cecily esqueceu aquilo rapidamente. Estava ocupada demais com o ouvido na porta da sala de jantar, tentando captar o que se passava lá dentro.

Gabriel, após um instante de pausa, se apoiou contra a parede ao lado da porta. Estava, ao mesmo tempo, pálido e ruborizado, com as pupilas dilatadas de choque.

— Você não deveria fazer isso — disse ele, afinal. — Ouvir a conversa alheia é muito errado, Srta. Herondale.

— É *seu* irmão — sussurrou Cecily, com a orelha na parede. Ouviu murmúrios lá dentro, mas nada definido. — Eu achava que você deveria se interessar.

Ele passou as mãos no cabelo e exalou como alguém que tivesse acabado de correr uma longa distância. Em seguida, virou-se para ela e pegou uma estela do bolso do casaco. Desenhou um rápido símbolo no próprio pulso e pôs a mão na porta.

— Sim, eu me interesso.

O olhar de Cecily foi da mão dele para a expressão pensativa no rosto.

— Você consegue *ouvi-los*? — perguntou. — Ah, isso não é justo!

— É tudo muito romântico — disse Gabriel, e, em seguida, franziu o rosto. — Ou seria, se meu irmão conseguisse dizer alguma palavra sem soar como um sapo engasgado. Temo que ele não vá entrar para a história como um dos grandes galanteadores.

Cecily cruzou os braços, aborrecida.

— Não sei por que está sendo tão difícil — disse ela. — Ou está incomodado por seu irmão querer se casar com uma criada?

A expressão que Gabriel dirigiu a ela foi feroz, e Cecily, de repente, se arrependeu de provocá-lo depois de tudo pelo que ele tinha acabado de passar.

— Não consigo pensar em nada que ele possa fazer que seja pior do que o que meu pai fez. Pelo menos, o gosto dele é por mulheres humanas.

Ainda assim, era tão difícil *não* provocá-lo. Ele era tão *insuportável*.

— Essa está longe de ser uma boa descrição para uma menina tão formidável quanto Sophie.

Gabriel parecia prestes a devolver uma resposta afiada, mas pensou melhor.

— Não foi isso o que quis dizer. Ela é uma boa moça e será uma boa Caçadora de Sombras quando Ascender. Trará honra à nossa família, e o Anjo sabe que precisamos disso.

— Acredito que você também honrará sua família — disse Cecily, em voz baixa. — O que acabou de fazer, o que confessou a Charlotte... exigiu coragem.

Gabriel ficou parado por um instante. Em seguida, esticou a mão para ela.

— Pegue minha mão — falou. — Vai conseguir ouvir o que está se passando na sala de refeições através de mim, se quiser.

Após um instante de hesitação, Cecily pegou a mão de Gabriel. Era quente e áspera contra a dela. Ela sentiu a vibração do sangue do rapaz em sua pele, o que era estranhamente confortante — e de fato, através dele, como se estivesse com o ouvido colado na porta, ouviu o murmúrio baixo das palavras: a voz suave e hesitante de Gideon e a delicada, de Sophie. Fechou os olhos e ouviu.

— Oh — disse Sophie baixinho, e se sentou em uma das cadeiras. — Oh, céus.

Não pôde deixar de se sentar; as pernas estavam bambas e fracas. Gideon, enquanto isso, estava perto do guarda-louça e parecia apavorado. Seu cabelo castanho-alourado estava desgrenhado como se tivesse acabado de passar as mãos nele.

— Minha querida Srta. Collins... — começou.

— Isto é — começou Sophie, e pausou. — Eu não... Isto é muito inesperado.

— É? — Gideon se afastou do móvel e se apoiou na mesa; as mangas da camisa estavam ligeiramente dobradas, e Sophie se pegou olhando para os pulsos dele, cobertos por pelos louros e marcados pelas lembranças brancas das Marcas. — Certamente, deve ter notado o respeito e estima que tenho por você. A admiração.

— Bem — disse Sophie. — Admiração. — Ela conseguiu fazer soar como uma palavra muito fraca, de fato.

Gideon ruborizou.

— Querida Srta. Collins. — Ele começou outra vez. — É verdade que meus sentimentos vão muito além da admiração. Eu os descreveria mais como uma

afeição ardente. Sua bondade, beleza, coração generoso... me deixam confuso, e é somente a isso que posso atribuir meu comportamento esta manhã. Não sei o que me deu, para declarar em voz alta os desejos mais profundos do meu coração. Por favor, não se sinta obrigada a aceitar meu pedido só porque o fiz em público. Qualquer constrangimento em relação a este assunto deve ser meu.

Sophie olhou para ele. A cor vinha e voltava nas bochechas, deixando clara sua agitação.

— Mas você não pediu.

Gideon ficou espantado.

— Eu... o quê?

— Não pediu — afirmou ela, com tranquilidade. — Anunciou para toda a mesa de café da manhã que pretendia se casar comigo, mas isso não é um pedido. É apenas uma declaração. Um pedido é quando pergunta a *mim*.

— *Isso* sim é colocar meu irmão em seu devido lugar — afirmou Gabriel, parecendo satisfeito daquele jeito que os irmãos mais novos ficavam quando os mais velhos eram rebaixados.

— Ah, silêncio! — sussurrou Cecily, apertando com força a mão de Gabriel. — Quero ouvir o que diz o Sr. Lightwood!

— Muito bem, então — disse Gideon, do jeito determinado (apesar de ligeiramente apavorado) com que São Jorge partiu para lutar com o dragão. — Um pedido, então.

Os olhos de Sophie o seguiram enquanto atravessava a sala em direção a ela e se ajoelhava a seus pés. A vida era uma coisa incerta, e havia alguns momentos que a pessoa gostaria de se lembrar, registrar de forma que a lembrança pudesse ser acessada mais tarde, como uma flor pressionada entre as páginas de um livro, admirada e apreciada.

Ela sabia que não ia querer se esquecer da maneira como Gideon tocou a mão dela, tremendo, ou da forma como ele mordeu o lábio antes de falar.

— Minha querida Srta. Collins — disse. — Por favor, me perdoe pela minha desagradável explosão. Simplesmente tenho uma... uma estima tão grande... não, não é estima, é *adoração*... por você, que tenho a sensação de que isso deve irradiar de mim o tempo todo. Desde que vim para esta casa, a cada dia sua

beleza, coragem e nobreza me afetaram mais. É uma honra que eu jamais deveria merecer, mas que desejo ansiosamente: que você pudesse ser somente minha... digo, se aceitar ser minha esposa.

— Meu Deus — disse Sophie, acima de tudo, espantada. — Você andou *treinando* isso?

Gideon piscou.

— Garanto que foi inteiramente espontâneo.

— Bem, foi adorável. — Sophie apertou as mãos dele. — E sim. Sim, eu o amo e, sim, aceito me casar com você, Gideon.

Um belo sorriso se formou em seu rosto, e ele espantou os dois ao se esticar e beijá-la. Ela segurou o rosto dele entre as mãos enquanto se beijavam — ele tinha um ligeiro gosto de ervas de chá, lábios suaves e um beijo inteiramente doce. Sophie flutuou ali, no prisma do instante, sentindo-se segura de todo o resto do mundo.

Até a voz de Bridget interromper sua alegria, pairando sombriamente da cozinha.

"Em uma terça-feira se casaram,
Antes de sexta, morreram,
Foram enterrados no cemitério da igreja lado a lado,
Oh, meu amor,
E foram enterrados no cemitério da igreja lado a lado."

Desvencilhando-se de Gideon com alguma relutância, Sophie se levantou e espanou o vestido.

— Por favor, perdoe-me, meu querido Sr. Lightwood... digo, Gideon... mas preciso assassinar a cozinheira. Já volto.

— Ahhh. — Cecily suspirou. — Foi *tão* romântico!

Gabriel tirou a mão da porta e sorriu para ela. O rosto dele se transformava quando sorria: as linhas agudas suavizavam, os olhos mudavam da cor do gelo para a cor das folhas verdes sob o sol da primavera.

— Está chorando, Srta. Herondale?

Ela piscou os cílios úmidos, subitamente consciente de que ainda estava segurando a mão dele — ainda sentia o suave ritmo do pulso dele no dela. Ele se inclinou, e ela sentiu o cheiro matutino dele: chá e sabonete de barbear...

Ela se afastou apressadamente, soltando a mão.

— Obrigada por me deixar ouvir — disse. — Tenho de... preciso ir à biblioteca. Tenho algo a fazer antes de amanhã.

O rosto dele se retorceu em confusão.

— Cecily...

Mas ela já estava se apressando pelo corredor, sem olhar para trás.

Para: Edmund e Branwen Herondale
Solar Ravenscar
West Riding, Yorkshire

Queridos mãe e pai,

Iniciei esta carta para vocês muitas vezes e nunca enviei. Primeiro, foi culpa. Sabia que tinha sido uma menina teimosa e desobediente ao deixá-los, e não consegui encarar a prova das minhas falhas em letras negras sobre uma página.

Depois, foi saudade de casa. Senti tanto a falta de vocês. Senti saudade das ricas colinas verdes que se erguiam do solar, e da urze roxa no verão, e de mamãe cantando no jardim. Aqui fazia frio, tudo preto, marrom e cinza, névoa e ar sufocante. Pensei que fosse morrer de solidão, mas como contaria isso a vocês? Afinal, foi uma escolha minha.

Então, foi tristeza. Meu plano era vir aqui para levar Will de volta, fazê-lo enxergar onde estavam suas obrigações. Mas Will tem suas próprias ideias sobre deveres, honras e promessas. Percebi que não podia levar uma pessoa para casa quando ela já está em casa. E não sabia como contar isso a vocês.

Depois, foi felicidade. Isso pode parecer tão estranho para vocês como foi para mim, o fato de que eu não conseguisse voltar para casa por ter encontrado alegria. Conforme fui treinando para me tornar Caçadora de Sombras, senti o agito no meu sangue, o mesmo agito

sobre o qual mamãe falava cada vez que saíamos de *Welshpool e víamos Dufi Valley. Com uma lâmina serafim na mão, sou mais do que Cecily Herondale, a mais nova de três filhos, filha de bons pais, que algum dia terá um bom casamento e trará mais crianças ao mundo. Sou Cecily Herondale, Caçadora de Sombras, e minha posição é tão alta e gloriosa quanto pode ser.*

Glória. Uma palavra tão estranha, algo que as mulheres não devem almejar, mas nossa rainha não é triunfante? Nossa rainha Bess não foi chamada de Gloriana?

Mas como poderia lhes contar que eu havia escolhido glória em vez de paz? A difícil paz de deixar a Clave para poder me oferecer? Como poderia dizer que estava feliz como Caçadora de Sombras, sem que isso lhes trouxesse a maior das infelicidades? Esta é a vida que deixaram para trás, a vida cujos perigos desejaram manter longe de Will, de mim e de Ella. O que eu poderia dizer que não partisse seus corações?

Agora... agora é compreensão. Percebi o que significa amar alguém mais do que a si mesmo. Agora compreendo que tudo que sempre quiseram não foi que eu fosse como vocês, mas que fosse feliz. E me deram — nos deram — uma escolha. Vejo aqueles que cresceram na Clave e que nunca tiveram escolha sobre o que queriam ser, e sou grata pelo que fizeram. Escolher esta vida é muito diferente de nascer nela. A vida de Jessamine Lovelace me ensinou isso.

Quanto a Will e a levá-lo para casa: eu sei, mãe, que você temia que os Caçadores de Sombras extraíssem todo o amor de seu menino. Mas ele ama e é amado. Não mudou. E ele os ama, assim como eu. Lembrem-se de mim, pois sempre me lembrarei de vocês.

Sua filha que os adora,
Cecily

Para: Membros da Clave dos Nephilim
De: Charlotte Branwell

Estimados irmãos e irmãs de armas,

É minha triste obrigação relatar a vocês que, apesar de eu ter apresentado ao Cônsul Wayland prova irrefutável, que me foi entregue por um de meus Caçadores de Sombras, de que Mortmain, a maior ameaça que os Nephilim já enfrentaram no nosso tempo, está em Cadair Idris, em Gales, nosso estimado Cônsul decidiu, misteriosamente, ignorar tal informação. Entendo que conhecer a localização do nosso inimigo e a oportunidade de frustrar seus planos para nos destruir é de suma importância.

Por meios que me foram oferecidos por meu marido, o renomado inventor Henry Branwell, os Caçadores de Sombras ao meu dispor no Instituto de Londres vão em uma expedição extrema a Cadair Idris, para darmos nossas vidas em nome de conter Mortmain. Lamento profundamente deixar o Instituto desprotegido, mas, se o Cônsul Wayland puder ser estimulado a qualquer ação, ele é mais do que bem-vindo a enviar guardas para defenderem o local abandonado. Somos apenas nove, três dos quais sequer são Caçadores de Sombras, mas mundanos corajosos treinados por nós no Instituto e que se ofereceram para lutar ao nosso lado. Não posso dizer que temos grandes esperanças nesse instante, mas acredito que a tentativa seja necessária.

Obviamente não posso forçar nenhum de vocês. Conforme o Cônsul Wayland me lembrou, não estou em posição de comandar forças de Caçadores de Sombras, mas ficaria muito grata se qualquer um de vocês que concorde que Mortmain deva ser combatido, e agora, viesse ao Instituto de Londres amanhã ao meio-dia para nos auxiliar.

Saudações,

Charlotte Branwell, diretora do Instituto de Londres.

18

Somente por Isso

Somente por isso na Morte desafogo
A ira que se acumula em meu coração:
Ele separa tanto as nossas vidas
Que não conseguimos ouvir o que um diz ao outro.
— Alfred, Lord Tennyson, "In Memoriam A.H.H"

Tessa estava à beira de um precipício em uma região desconhecida. As colinas ao redor eram verdes, descendo de modo íngreme em precipícios que iam em direção ao mar azul. Aves marinhas rodavam e grasnavam acima dela. Uma trilha cinza se curvava como uma cobra pela borda do topo da colina. Logo à frente, no caminho, estava Will.

Ele trajava uniforme preto e um longo casaco de equitação sujo de lama na bainha, como se tivesse percorrido um caminho extenso. Não usava chapéu nem luvas, e os cabelos escuros estavam emaranhados pelo vento do mar. O vento também levantou o cabelo de Tessa, trazendo o cheiro de sal e mar, de coisas molhadas que crescem à beira do mar; um cheiro que lembrava a viagem marítima no Primordial.

— Will! — chamou ela. Havia algo de tão solitário na figura dele, como Tristão observando através do Mar da Irlanda e esperando o navio que o devolveria Isolda. Will não se virou ao ouvir o som da sua voz, apenas levantou os braços, com o casaco esvoaçando ao vento feito asas atrás dele.

O medo floresceu em seu coração. Isolda voltou para Tristão, mas foi tarde demais. Ele já havia morrido de tristeza.

— Will! — chamou novamente.

Ele deu um passo à frente no penhasco. Ela correu para a beirada e olhou para baixo, mas não havia nada, apenas água azul-cinzenta e espuma branca. A maré

parecia carregar a voz dele para ela a cada impulso da água.

— Acorde, Tessa. Acorde.

— Acorde, Srta. Gray. Srta. Gray!

Tessa se levantou de súbito. Tinha caído no sono na cadeira perto da lareira em sua pequena prisão; um cobertor azul grosseiro tinha sido jogado sobre ela, apesar de ela não se lembrar de tê-lo pegado. O quarto ardia com a luz de tochas, e os carvões do fogo estavam baixos. Era impossível dizer se era noite ou dia.

Mortmain se encontrava diante dela, e, ao lado dele, havia um autômato. Um dos mais humanoides que Tessa já vira. Estava até vestido, ao contrário de muitos deles, com túnica militar e calças. As roupas deixavam a cabeça que se erguia do colarinho rijo ainda mais estranha, com aquelas feições exageradamente lisas e a careca metálica. E os olhos — ela sabia que eram de vidro e cristal, as íris vermelhas à luz do fogo, mas a forma como pareciam se fixar nela...

— Você está com frio — observou Mortmain.

Tessa exalou, e a respiração saiu em uma lufada branca.

— O calor de sua hospitalidade deixa a desejar.

Ele sorriu, com os lábios contraídos.

— Muito espirituosa. — Ele próprio estava com um casaco pesado sobre um terno cinza, sempre formal. — Srta. Gray, não a acordo à toa. Venho aqui porque quero que veja o que sua gentil assistência com as lembranças de meu pai me permitiu conquistar. — E gesticulou orgulhosamente para o autômato a seu lado.

— Outro autômato? — perguntou Tessa, desinteressada.

— Que grosseria de minha parte. — Os olhos de Mortmain se desviaram para a criatura. — Apresente-se.

A boca da criatura se abriu; Tessa viu um brilho metálico, e ela falou:

— Sou Armaros — disse. — Por um bilhão de anos percorri os ventos dos grandes abismos entre os mundos. Combati Jonathan, Caçador de Sombras, nas planícies de Brocelind. Por mais mil anos fiquei preso na Pyxis. Agora meu mestre me libertou, e sirvo a ele.

Tessa se levantou, e o cobertor deslizou para os pés, despercebido. O autômato a observava. Seus olhos eram totalmente preenchidos por uma inteligência sombria, uma consciência que nenhum autômato que já tinha visto possuía.

— O que é isso? — sussurrou ela.

— Um corpo de autômato animado por um espírito demoníaco. Os integrantes do Submundo já dispõem de maneiras de capturar energias demoníacas e utilizá-las. Eu mesmo já as usei para ativar os autômatos que você conheceu. Mas Armaros e seus irmãos são diferentes. São demônios com carapaças de autômatos. Conseguem pensar e raciocinar. Não são facilmente enganados. E são muito difíceis de matar.

Armaros se esticou — Tessa não pôde deixar de perceber que ele se movia de maneira fluida, suave, sem as travas dos autômatos que já vira antes. Movia-se como uma pessoa. Sacou a espada pendurada em sua lateral e a entregou a Mortmain. A lâmina estava coberta com os símbolos com os quais Tessa havia se familiarizado nos últimos meses, que decoravam as lâminas de todas as armas de Caçadores de Sombras. Eles as tornavam armas de Caçadores de Sombras. Os símbolos que eram mortais a demônios. Armaros mal deveria ser capaz de olhar para a lâmina, quanto mais empunhá-la.

Tessa sentiu um aperto no estômago. O demônio entregou a espada a Mortmain, que a manejou com a precisão de um experiente oficial da marinha. Girou a lâmina, empunhou-a para a frente e enfiou-a no peito do demônio.

Ouviu-se um som de metal partindo. Tessa estava acostumada a ver autômatos sucumbirem ao serem atacados, derramarem fluido negro ou cambalearem. Mas o demônio se manteve de pé, sem piscar ou se mover, como um lagarto ao sol. Mortmain girou o cabo furiosamente, em seguida, puxou a arma.

A lâmina se desmanchou em cinzas; como uma lenha, queimava na fogueira.

— Entenda — disse Mortmain. — São um exército feito para destruir Caçadores de Sombras.

Armaros era o único autômato que Tessa já tinha visto sorrir; ela não sabia que seus rostos tinham sido construídos para realizar tal propósito. O demônio disse:

— Destruíram muitos dos meus. Será um prazer matar todos eles.

Tessa engoliu em seco, mas tentou não deixar o Magistrado perceber. O olhar dele se desviava de Tessa para o demônio autômato, e foi difícil dizer para qual ele parecia mais feliz em olhar. Ela queria gritar, se jogar nele e arranhá-lo no rosto. Mas a parede invisível se colocava entre os dois, brilhando singelamente, e ela sabia que não podia rompê-la.

Ah, você vai ser mais do que esposa dele, Srta. Gray, a Sra. Black dissera. *Será*

a ruína dos Nephilim. Para isso foi criada.

— Os Caçadores de Sombras não serão tão facilmente destruídos — disse ela. — Já os vi destruindo seus autômatos. Talvez estes não possam ser derrotados pelas armas Marcadas, mas qualquer lâmina pode destruir metal e cortar cabos.

Mortmain deu de ombros.

— Caçadores de Sombras não estão acostumados a combater criaturas contra as quais suas armas Marcadas são inúteis. Isso vai desacelerá-los. E tenho incontáveis autômatos. Será como tentar conter a maré. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Vê, agora, a genialidade do que inventei? Mas devo agradecer a você, Srta. Gray, pela última peça do quebra-cabeça. Achei que você talvez pudesse... admirar... o que criamos juntos.

Admirar? Tessa procurou deboche nos olhos dele, mas havia uma espécie de indagação sincera ali, curiosidade misturada à frieza. Ela pensou em quanto tempo já teria passado desde que ele ouvira o elogio de outro ser humano, e respirou fundo.

— É óbvio que você é um grande inventor — disse ela.

Mortmain sorriu, satisfeito.

Tessa tinha consciência do olhar do demônio mecânico nela, da tensão e prontidão, porém tinha mais consciência de Mortmain. Seu coração batia forte. Ela parecia, como no sonho, diante de um precipício. Falar com ele assim era arriscado, e ela cairia ou voaria. Mas precisava arriscar.

— Vejo por que me trouxe aqui — falou. — E não é só por causa dos segredos de seu pai.

Havia raiva nos olhos dele, mas também alguma confusão. Ela não estava se comportando como ele esperava.

— O que quer dizer?

— Você é solitário — respondeu. — Cercou-se de criaturas que não são reais, que não vivem. Vemos nossas próprias almas nos olhos de outros. Há quanto tempo não vê que tem alma?

Os olhos de Mortmain cerraram.

— Eu tinha alma. Foi queimada pelo ofício que atribuí à minha existência: a busca pela justiça e pela retribuição.

— Não busque vingança e chame de justiça.

O demônio riu baixo, apesar de haver desprezo na risada, como se estivesse assistindo ao ataque de um gatinho.

— Permitirá que ela fale assim com você, Mestre? — perguntou. — Posso

cortar a língua dela para você, silenciá-la para sempre.

— Não adiantaria nada mutilá-la. Ela possui poderes que você desconhece — respondeu Mortmain, com os olhos ainda em Tessa. — Existe um velho ditado na China, talvez seu amado noivo tenha lhe contado, que diz "um homem não pode viver sob o mesmo Céu que o assassino de seu pai". Preciso dizimar os Caçadores de Sombras do abrigo do Céu; não viverão mais na Terra. Não tente apelar para minha nobreza, Tessa, pois não tenho nenhuma.

Tessa não conseguiu se conter — pensou em *Um conto de duas cidades*, nos apelos de Lucie Manette à nobreza de Sydney Carton. Sempre pensou em Will como Sydney, consumido por pecado e desespero contra a própria sabedoria, mesmo contra o próprio desejo. Mas Will era um bom homem, muito melhor do que Carton já fora. E Mortmain mal era um homem. Não era à nobreza que apelava, mas à vaidade: todos os homens se achavam bons no fim, certamente. Ninguém se considerava vilão. Ela respirou fundo.

— Duvido que seja isso. Com certeza você poderia voltar a ter valor e a ser bom. Fez o que planejou. Trouxe vida e inteligência a estas... estas suas Peças Infernais. Criou aquilo que pode destruir os Caçadores de Sombras. Por toda a vida, buscou justiça por acreditar que os Caçadores de Sombras eram corruptos e vis. Agora, caso se contenha, conquistará a maior das vitórias. Mostrará que é melhor do que eles.

Ela examinou o rosto de Mortmain. Será que havia hesitação ali — será que os lábios tremiam levemente, e a tensão da dúvida se fazia presente em seus ombros?

A boca dele se curvou em um sorriso.

— Então acha que posso ser um homem melhor? E se eu fizesse o que está dizendo, se me contivesse, acha que ficaria comigo por admiração, que não voltaria aos Caçadores de Sombras?

— Ora, sim, Sr. Mortmain. Juro. — E engoliu a amargura na garganta. Se precisasse ficar com Mortmain para salvar Will e Jem, Charlotte, Henry e Sophie, ela o faria. — Acredito que consiga encontrar o melhor de si; acredito que todos nós consigamos.

Os lábios finos do Magistrado se curvaram para cima.

— Já é tarde, Srta. Gray — disse ele. — Não quis acordá-la antes. Venha comigo agora, para fora da montanha. Venha ver o trabalho deste dia, pois tenho algo para lhe mostrar.

Um dedo gélido tocou na espinha. Ela se endireitou.

— E o que é?
O sorriso de Mortmain se espalhou.
— O que estive esperando.

Para: Cônsul Josiah Wayland
De: Inquisidor Victor Whitelaw

Josiah: perdoe minha informalidade, pois escrevo com pressa. Estou certo de que esta não será a única carta que receberá sobre este assunto; aliás, provavelmente sequer é a primeira. Eu mesmo já recebi muitas. Todas tratam da mesma questão que arde em minha mente: a informação de Charlotte Branwell procede? Nesse caso, me parece que há uma boa chance do Magistrado se encontrar em Gales, de fato. Sei de suas dúvidas quanto à *veracidade de William Herondale, mas nós dois conhecemos seu pai. Uma alma precipitada e passional demais, mas homem mais honesto não há. Não penso que o Herondale mais jovem seja mentiroso.*

Independentemente disso, em consequência da mensagem de Charlotte, a Clave está um caos. Insisto em uma reunião do Conselho imediatamente. Se não o fizermos, a confiança dos Caçadores de Sombras em seu Cônsul e seu Inquisidor será irreversivelmente comprometida. Deixo o anúncio da reunião em suas mãos, mas isto não é um pedido. Convoque o Conselho ou renunciarei ao meu cargo e explicarei meus motivos.

Victor Whitelaw

Will acordou com gritos.

Anos de treinamento se puseram em prática instantaneamente: ele estava agachado no chão antes mesmo de acordar adequadamente. Olhando em volta, viu que o quartinho da pousada estava vazio, exceto por ele e pelos móveis — a cama estreita e a mesa lisa, quase invisíveis à sombra.

Os gritos voltaram, mais altos. Irradiavam de fora da janela. Will se levantou, atravessou o quarto silenciosamente e puxou uma das cortinas a fim de olhar

para fora.

Mal se lembrava de ter entrado na cidade, conduzindo Balios atrás de si, que caminhava lentamente, de tão exausto. Uma pequena cidade galesa, como outras cidades do país, nada de extraordinário. Encontrou a pousada facilmente e entregou Balios aos cuidados do cavalariço, solicitando uma escovação e alimentação que consistisse de aveia quente, para reavivá-lo. O fato de que falava galês pareceu relaxar o funcionário da pousada, e rapidamente este lhe mostrou um quarto, onde sucumbiu quase de imediato, vestido, sobre a cama onde dormiu sem sonhar.

A lua brilhava no alto, e sua posição indicava que não era tarde da noite. Uma névoa cinza pairava sobre a cidade. Por um instante, Will achou que fosse uma bruma. Em seguida, ao inalar, percebeu que era fumaça. Pontos vermelhos saltavam entre as casas na cidade. Ele cerrou os olhos. Figuras corriam de um lado para o outro entre as sombras. Mais gritos — um brilho que só podia vir de lâminas...

Ele já estava do lado de fora com as botas quase amarradas em um instante, lâmina serafim na mão. Desceu os degraus e entrou na sala principal da pousada. Estava escuro e frio — não havia fogo, e várias janelas tinham sido quebradas, permitindo a entrada do ar frio da noite. O vidro sujava o chão, como pedaços de gelo. A porta estava aberta, e, quando Will entrou, viu que as dobradiças superiores tinham sido quase arrancadas, como se alguém tivesse tentado retirar a porta...

Ele saiu pela porta e dobrou a esquina da pousada, onde ficavam os estábulos. Ali o cheiro de fumaça era mais pesado, e ele avançou — quase tropeçando em uma figura abaixada no chão. Caiu de joelhos. Era o cavalariço, com a garganta cortada, o chão debaixo em uma mistura de sangue e terra. Os olhos estavam abertos, fixos, e a pele, já fria. Will engoliu bile e se ajeitou.

Foi mecanicamente para os estábulos, a mente explorando as possibilidades. Um ataque demoníaco? Ou será que tinha ido parar no meio de algo não sobrenatural, alguma briga entre membros da cidade ou sabe Deus o quê? Ninguém parecia procurar especificamente por ele, isso era claro.

Ouviu os relinchos ansiosos de Balios ao entrar no estábulo. Parecia tudo normal, do teto de gesso ao chão de pedra com calhas. Não havia outros cavalos abrigados por ali, o que foi bom, pois assim que ele abriu a porta, Balios avançou, quase derrubando Will. O menino mal conseguiu desviar enquanto o cavalo passava por ele e atravessava a porta.

— *Balios!* —Will praguejou e correu atrás do animal, apressando-se pela lateral da pousada e para a estrada principal.

Parou no mesmo instante. A rua estava um caos. Corpos caídos se acumulavam, descartados junto ao meio-feio como se fossem lixo. Casas com portas escancaradas, janelas destruídas. Pessoas correndo de um lado para o outro nas sombras, gritando e chamando nomes. Várias casas queimavam. Enquanto Will observava, horrorizado, viu uma família correr pela porta de uma casa em chamas, o pai, com roupa de dormir, tossia e engasgava, e uma mulher atrás dele segurava a mão de uma menininha.

Mal cambalearam para a rua quando formas surgiram das sombras. A luz do luar refletia no metal.

Autômatos.

Moviam-se com fluidez, sem falhas ou dificuldades. Estavam vestidos — uma seleção de uniformes militares; Will reconheceu alguns, outros não. Mas as faces eram puramente metálicas, assim como as mãos, que empunhavam espadas longas. Havia três deles; um, com uma túnica militar vermelha rasgada, seguia na frente, rindo — *rindo?* — enquanto o pai de família tentava empurrar a mulher e a filha para trás de si, tropeçando nas pedras ensanguentadas da rua.

Tudo acabou em poucos instantes, rápido demais para que Will conseguisse se mover. As lâminas brilharam, e mais três corpos se juntaram à massa nas ruas.

— É isso — disse o autômato, com a túnica rasgada. — Queimar as casas e expulsá-los como ratos. Matá-los quando correrem... — Levantou a cabeça e pareceu ver Will. Mesmo através do espaço que os separava, o menino sentiu a força daquele olhar.

Will ergueu a lâmina serafim.

— *Nakir*.

O brilho da lâmina se intensificou e iluminou a rua, um raio de luz branca entre o vermelho das chamas. Em meio ao sangue e ao fogo, Will viu o autômato de túnica vermelha marchar em sua direção. Brandia uma espada na mão esquerda. A mão era metálica, tinha articulações; curvava-se em torno do cabo da espada como uma mão humana.

— Nephilim — disse a criatura, parando a poucos centímetros de Will. — Não esperávamos sua espécie aqui.

— Evidentemente — disse Will. Ele deu um passo à frente e enfiou a lâmina serafim no peito do autômato.

Ouviu um chiado fraco, como bacon fritando em uma panela. O autômato

olhou para baixo, entretido, e Nakir se reduziu a cinzas, deixando a mão de Will em volta de um cabo destruído.

O autômato riu e levantou o olhar para Will. Seus olhos ardiam com vida e inteligência, e o menino soube, com uma pontada no coração, que estava olhando para algo que jamais havia visto — não apenas uma criatura que conseguia transformar uma lâmina serafim em cinzas, mas um tipo de máquina com vontade, disposição e estratégia suficientes para incendiar uma cidade e matar seus habitantes enquanto fugiam.

— Agora você vê — disse o demônio, pois era isso que estava diante dele. — Nephilim, por todos esses anos vocês nos expulsaram deste mundo com suas lâminas Marcadas. Agora temos corpos nos quais suas armas não funcionam, e este mundo *será nosso*.

Will respirou fundo enquanto o demônio erguia a espada. Deu um passo para trás — a lâmina subiu e desceu — e desviou no mesmo instante em que algo passou correndo a seu lado, algo imenso e negro que levantou, deu um coice e derrubou o autômato de lado.

Balios.

Will esticou o braço e agarrou cegamente a crina do cavalo. O demônio se ergueu da lama e saltou para ele, com a lâmina brilhando, exatamente quando Balios correu, com Will montado em suas costas. Cavalgaram pela rua de pedras, com Will agachado sobre o cavalo, o vento rasgando seu cabelo e secando o rosto molhado — ele não sabia se de sangue ou lágrimas.

Tessa se sentou no chão do quarto, na fortaleza de Mortmain, olhando entorpecida para o fogo.

As chamas brincavam sobre suas mãos e sobre o vestido azul. Ambos manchados de sangue. Não sabia como tinha acontecido; a pele no pulso estava cortada, e Tessa tinha uma lembrança de um autômato levando-a para lá e rasgando sua pele com os dedos afiados de metal enquanto tentava se soltar.

Não conseguia livrar a mente das imagens que a dominavam — lembranças da destruição da vila no vale. Foi levada até lá com vendas nos olhos, carregada por autômatos, antes de ser jogada de qualquer jeito em um afloramento de pedra cinza com vista para a cidade.

— Observe — dissera Mortmain, sem olhar para ela, apenas se gabando. — Observe, Srta. Gray, e depois fale comigo sobre redenção.

Tessa ficou aprisionada, um autômato segurando-a por trás, com uma mão tapando-lhe a boca, e Mortmain murmurou suavemente as coisas que faria se ela ousasse desviar os olhos da cidade. Ela assistiu desamparada enquanto os autômatos marcharam para a cidade, cortando homens e mulheres inocentes pelas ruas. A lua se ergueu, tingida de vermelho, enquanto o exército mecânico incendiava metodicamente as casas, aniquilando as famílias que fugiam, confusas e apavoradas.

E Mortmain riu.

— Agora vê — dissera ele. — Essas criaturas, essas criações, são capazes de pensar, raciocinar e montar estratégias. Como os humanos. Contudo, são indestrutíveis. Olhe ali aquele tolo com a espingarda.

Tessa não queria olhar, mas não teve escolha. E assistiu, com olhos secos e severos, enquanto uma figura distante erguia uma espingarda para se defender. Os tiros atrasaram alguns dos autômatos, mas não os detiveram. Eles continuaram avançando para cima dele, arrancaram a espingarda e o empurraram para a rua.

E então o destroçaram.

— Demônios — murmurara Mortmain. — São selvagens e adoram destruir.

— Por favor. — Tessa se engasgara. — Por favor, chega, chega. Farei o que quiser, mas, por favor, poupe a vila.

Mortmain riu secamente.

— Criaturas mecânicas não têm coração, Srta. Gray — dissera ele. — Não têm compaixão, não mais do que o fogo ou a água. Seria o mesmo que implorar que uma enchente ou um incêndio florestal abandonasse a destruição.

— Não estou implorando a eles — respondera. Com o canto do olho, achou que tivesse visto um cavalo negro correndo pelas ruas da cidade, com um cavaleiro montado. Alguém escapando da carnificina, rezou. — Estou implorando a *você*.

Ele voltou os olhos frios para ela, e estavam tão vazios quanto o céu.

— No meu coração também não há compaixão. Você apelou em vão para minha nobreza mais cedo. Eu a trouxe aqui para mostrar a inutilidade do gesto. Não tenho nobreza para a qual apelar; ela foi destruída há muitos anos.

— Mas eu fiz o que você me pediu — dissera desesperadamente. — Não há necessidade disso, não por mim...

— Não é por você — respondera Mortmain, desviando os olhos dela. — Os autômatos precisavam ser testados antes de serem enviados para a batalha. É

simples ciência. Agora têm inteligência. Estratégia. Nada pode detê-los.

— Então vão se voltar contra você.

— Não vão. A vida deles é ligada à minha. Se eu morrer, eles serão destruídos. Para viver, eles precisam me proteger. — O olhar de Mortmain estivera distante e frio. — Basta. Eu a trouxe aqui para mostrar que sou o que sou, e você vai aceitar. Seu anjo mecânico protege sua vida, mas as vidas de outros inocentes estão em minhas mãos, em *suas* mãos. Não me teste ou haverá uma segunda vila. Não quero mais ouvir protestos inúteis.

Seu anjo mecânico protege sua vida. Agora estava com a mão nele, sentindo a batida familiar sob os dedos. Fechou os olhos, mas terríveis imagens passavam por trás de suas pálpebras. Ela viu na mente os Nephilim encarando os autômatos como os mundanos da cidade o fizeram, e viu Jem ser destruído pelos monstros mecânicos, Will, perfurado por lâminas de metal, Henry e Charlotte ardendo...

A mão apertou violentamente o anjo e o arrancou do pescoço, derrubando-o sobre o chão de pedra na mesma hora em que uma acha de lenha caiu na fogueira, levantando uma coluna de faíscas vermelhas. Àquela luz, viu a palma da mão esquerda e a cicatriz clara da queimadura que provocou em si mesma no dia em que contou a Will que estava noiva de Jem.

Como naquele dia, pegou o atiçador da lareira. Levantou-o, sentindo o peso na mão. O fogo havia subido mais alto. Ela viu o mundo através de uma neblina dourada ao levantar o atiçador e trazê-lo contra o anjo mecânico.

Embora o atiçador fosse de ferro, explodiu em pó metálico, com uma nuvem de filamentos brilhantes girando para o chão, e sujou a superfície do anjo mecânico, que permaneceu intocado e intacto no piso diante de seus joelhos.

O anjo começou a se mexer e mudar. As asas tremeram, e as pálpebras fechadas se abriram em pedaços de quartzo esbranquiçado. Deles saíram finos raios de luz clara. Como em quadros da estrela de Belém, a luz se elevou e elevou, irradiando fios brilhantes. Lentamente, começou a se condensar uma forma — a forma de um anjo.

Era um borrão brilhante de luz, tão forte que era difícil olhá-la diretamente. Tessa pôde ver, através da luz, o contorno claro de algo que parecia um homem. Viu olhos que não tinham íris nem pupila — pedacinhos de cristal que brilhavam sob a luz do fogo. As asas do anjo eram largas, esticando-se a partir dos ombros, cada pena com pontas brilhantes de metal. As mãos estavam curvadas sobre o cabo de uma espada graciosa.

Os olhos vazios e brilhantes se fixaram nela.

Por que tenta me destruir? A voz era doce e ecoava em sua mente, como música. *Eu a protejo.*

De repente, ela pensou em Jem, apoiado nos travesseiros sobre a cama, com o rosto pálido e brilhante. *A vida é mais do que viver.*

— Não é você que quero destruir, mas a mim.

Mas por que faria isso? A vida é um dom.

— Quero agir corretamente — respondeu. — Mantendo-me viva, você permite que um grande mal exista.

Mal. A voz musical soou pensativa. *Faz tanto tempo que estou na minha prisão mecânica que me esqueci sobre o bem e o mal.*

— Prisão mecânica? — sussurrou Tessa. — Mas como um anjo pode ser aprisionado?

Foi John Thaddeus Shade que me prendeu. Capturou minha alma em um feitiço e a prendeu neste corpo mecânico.

— Como a Pyxis — observou Tessa. — Só que prendendo um anjo em vez de um demônio.

Sou um anjo do divino, disse ele, pairando diante dela. *Sou o irmão de Sijil, Kurabi e dos Zurah, dos Fravashis e Darkinis.*

— E... esta é sua forma verdadeira? É assim?

Vê apenas uma fração do que sou. Em minha verdadeira forma, sou uma glória mortal. Era minha a liberdade do Céu, antes de ser aprisionado e ligado a você.

— Sinto muito — sussurrou ela.

A culpa não é sua. Você não me prendeu. Nossos espíritos são ligados, é verdade, mas mesmo enquanto eu a protegi no ventre, sabia que era inocente.

— Meu anjo da guarda.

Poucos podem reclamar um único anjo que os guarde. Mas você pode.

— Não quero reclamá-lo — respondeu Tessa. — Quero morrer nos meus próprios termos e não ser forçada a viver nos de Mortmain.

Não posso deixá-la morrer. A voz do anjo estava carregada de pesar. Tessa se lembrou do violino de Jem, tocando a música do seu coração. *É meu encargo.*

Tessa levantou a cabeça. A luz do fogo atravessava o anjo como raios de sol através de um cristal, projetando cores nas paredes da caverna. Não era maldade; era bondade, contorcida e curvada à vontade de Mortmain, mas divina em sua natureza.

— Quando era um anjo — perguntou ela —, qual era seu nome?

Meu nome, disse o anjo, *era Ithuriel*.

— Ithuriel — sussurrou Tessa, e estendeu a mão para o anjo, como se pudesse alcançá-lo, confortá-lo de alguma forma. Mas seus dedos encontraram apenas ar. O anjo brilhou e desbotou, deixando para trás apenas um fulgor, uma explosão de luz no interior das pálpebras de Tessa.

Uma onda de frio atingiu a menina, e ela se levantou e abriu os olhos. Estava meio deitada no chão de pedra fria em frente a um fogo quase apagado. O quarto estava escuro, pouco iluminado pelas brasas avermelhadas na lareira. O atiçador estava no mesmo lugar de antes. A mão de Tessa voou para a garganta — e encontrou o anjo mecânico ali.

Um sonho. O coração da menina ficou apertado. Foi apenas um sonho. Não havia anjo para banhá-la em luz. Havia apenas este quarto frio, a escuridão opressora e o anjo mecânico, que marcava firmemente os minutos para o fim de tudo no mundo.

Will estava no topo de Cadair Idris, segurando as rédeas do cavalo.

Enquanto cavalgava em direção a Dolgellau, viu a imensa parede de Cadair Idris se erguendo sobre o estuário Mawddach, e perdeu o fôlego com um engasgo — ele estava ali. Já tinha subido a montanha antes, quando criança, com o pai, e aquelas lembranças permaneceram com ele ao deixar a estrada Dinas Mawddwy e cavalgar para a montanha nas costas de Balios, que ainda parecia fugir das chamas da cidade que deixaram para trás. Continuaram por um campo — o mar prateado podia ser visto de um dos lados, e o pico de Snowdon, do outro — até o vale Nant Cadair. A vila de Dolgellau abaixo, brilhando com luzes ocasionais, constituía uma bela vista, mas Will não a estava admirando. O símbolo de Visão Noturna que aplicou em si lhe permitiu acompanhar as pegadas das criaturas mecânicas. Havia o suficiente delas para que o chão estivesse partido onde atravessaram a montanha, e ele seguiu com o coração acelerado pela trilha de ruína em direção ao cume.

Os rastros passavam por um grupo de enormes pedregulhos que Will lembrava se chamarem Morena. Formavam uma parede parcial que protegia Cwm Cau, um pequeno vale sobre a montanha em cujo coração estava Llyn Cau, um lago glacial. Os rastros do exército mecânico levavam à beira do lago...

E desapareciam.

Will ficou parado, olhando para as águas frias e claras. Sob a luz do dia, lembrava-se, a vista era magnífica: Llyn Cau era puro azul, cercado por grama verde, e o sol tocava as bordas afiadas de Mynydd Pencoed, os penhascos que contornavam o lago. Sentiu-se a milhares de quilômetros de Londres.

O reflexo da lua na água brilhou para ele. Will suspirou. A água batia gentilmente na beira do lago, mas não conseguia apagar os rastros dos autômatos. Estava claro de onde tinham vindo. Will esticou o braço e afagou o pescoço de Balios.

— Espere aqui — disse. — E, se eu não retornar, volte para o Instituto. Ficarão felizes em vê-lo, garoto.

O cavalo relinchou suavemente e o mordeu na manga, mas Will apenas respirou e entrou em Llyn Cau. O líquido frio subiu por suas botas e atingiu-lhe as calças, ensopando e congelando a pele. Ele perdeu o fôlego com o choque.

— Molhado outra vez — resmungou, e avançou pelas águas geladas do lago. Elas pareceram sugá-lo, como areia movediça; mal teve tempo de respirar fundo antes da água fria arrastá-lo para a escuridão.

Para: Charlotte Branwell
De: Cônsul Wayland

Sra. Branwell,

Você está destituída do cargo de diretora do Instituto. Poderia falar sobre minha decepção com você ou da ruptura da fé que existe entre nós dois agora. Mas palavras, em face de uma traição da magnitude da que me ofereceu, são inúteis. Quando eu chegar a Londres amanhã, espero que você e seu marido já tenham saído e retirado seus pertences. O não cumprimento desta ordem resultará em penas severas pelos preceitos da Lei.

Josiah Wayland, Cônsul da Clave.

19

Jazer e Arder

Agora eu o queimarei de volta, eu o queimarei inteiro,
Apesar de ser condenada por isso, nós dois iremos jazer
E arder.
— Charlotte Mew, "In Nynhead Cemetery"

Só ficou escuro por alguns momentos. A água gelada sugou Will, que começou a cair, até que, em seguida, se curvou sobre si mesmo ao atingir o chão, perdendo o ar.

Engasgou-se e rolou de barriga, ajoelhando-se, com os cabelos e roupas pingando. Alcançou a pedra de luz enfeitiçada, em seguida, abaixou a mão; não queria iluminar nada que trouxesse atenção para ele. O símbolo de Visão Noturna teria de bastar.

Foi o suficiente para mostrar que ele estava em uma caverna pedregosa. Se olhasse para o alto, conseguia ver as águas do lago em redemoinho, suspensas como que por vidro, e um pedaço borrado de luar. Túneis esticavam-se da caverna, sem marcas que mostrassem para onde poderiam ir. Ele se levantou e escolheu aleatoriamente o túnel mais da esquerda, avançando cautelosamente para a escuridão sombria.

Os túneis eram amplos, e o solo era liso e não trazia marcas de possíveis passagens das criaturas mecânicas. As laterais eram de pedra vulcânica áspera. Lembrou-se de ter subido Cafair Idris com o pai, anos atrás. Havia muitas lendas sobre a montanha: que era o trono de um gigante, que ali se sentava e olhava para as estrelas; que o Rei Artur e seus cavaleiros dormiam sob a colina, esperando o momento em que a Bretanha despertasse e precisasse deles novamente; que qualquer um que passasse a noite nos contornos da montanha acordaria poeta ou louco.

Se ao menos soubesse, Will pensou ao dobrar a curva de um túnel e emergir em uma caverna maior, o quão estranha era a verdade dos fatos.

A caverna era larga e se abria para um espaço maior no lado oposto, onde uma luz fraca brilhava. Aqui e ali, Will captou um brilho prateado que pensou ser água correndo em riachos pelas paredes negras, mas, olhando de perto, percebeu que se tratava das veias de um quartzo cristalino.

Will foi em direção à luz fraca. Percebeu que o coração batia acelerado no peito, e tentou respirar uniformemente para acalmá-lo. Sabia o que estava acelerando a pulsação. Tessa. Se Mortmain estivesse com ela, então ela estaria aqui — perto. Em algum lugar, entre esses túneis, ele poderia encontrá-la.

Ouviu a voz de Jem na própria mente, como se seu *parabatai* estivesse ali ao lado, aconselhando-o. Ele sempre dizia que Will corria para o fim de uma missão em vez de proceder comedidamente, e que é preciso olhar para o próximo passo de uma trilha e não para a montanha ao longe, do contrário, a pessoa jamais chegaria ao objetivo. Will fechou os olhos por um instante. Sabia que Jem tinha razão, mas era difícil lembrar quando o objetivo em questão era resgatar a garota que amava.

Abriu os olhos e foi em direção à luz no fim da caverna. O solo abaixo era liso, sem pedras e raiado como mármore. A luz à frente brilhou, e Will parou subitamente; apenas seus anos de treinamento como Caçador de Sombras impediram que caísse para a própria morte.

O solo pedregoso desembocava em uma queda acentuada. Will estava em um afloramento. Olhando para um anfiteatro redondo, cheio de autômatos. Eles estavam em silêncio, parados, como brinquedos mecânicos sem corda. Todos vestidos, como os da cidade, com uniformes militares, alinhados um a um, como soldadinhos de chumbo em tamanho real.

No centro da sala, havia uma plataforma de pedra elevada, e, sobre a mesa, encontrava-se outro autômato deitado, como um cadáver na mesa de um legista. A cabeça era puro metal, mas havia pele humana pálida esticada sobre o resto do corpo — e nela havia símbolos marcados.

Enquanto observava, Will os reconheceu, um por um: Memória, Agilidade, Velocidade, Visão Noturna. Jamais funcionariam, é claro, não em uma engenhoca metálica com pele humana. Poderia enganar Caçadores de Sombras ao longe, mas...

E se ele tiver usado pele de Caçador de Sombras?, sussurrou uma voz em sua mente. *O que poderia criar neste caso? O quão louco ele é, e quando vai parar?* O

pensamento e a visão dos símbolos do Paraíso marcados em uma criatura tão monstruosa reviraram o estômago de Will; afastou-se da borda, apoiando-se contra uma parede fria de pedra, as mãos pegajosas de suor.

Ele avistou a vila mais uma vez em sua mente, com os cadáveres nas ruas, e ouviu o sussurro mecânico do demônio ao falar com ele:

Por todos esses anos vocês nos expulsaram deste mundo com suas lâminas Marcadas. Agora temos corpos nos quais suas armas não funcionam, e este mundo será nosso.

A raiva percorreu as veias de Will como fogo. Ele se afastou da parede e entrou por um túnel estreito, longe da sala da caverna. Enquanto se locomovia, teve a impressão de haver escutado um barulho atrás de si — um zumbido, como se o mecanismo de um grande relógio fosse ativado —, mas quando se virou, não viu nada, apenas as paredes lisas da caverna e as sombras imóveis.

O túnel que seguia estreitava na medida em que avançava, até que finalmente Will estava se espremendo para passar por uma borda de pedra. Se apertasse mais, ele sabia, teria de se virar e voltar para a caverna; o pensamento o fez avançar com rigor renovado, e ele deslizou para a frente, quase caindo, quando a passagem se abriu repentinamente em um corredor mais amplo.

Era quase como um corredor no Instituto, só que feito de pedra lisa, com tochas dispostas em suportes metálicos em intervalos. Ao lado de cada tocha havia uma porta arqueada, também de pedra. As duas primeiras abriam-se para quartos escuros e vazios.

Atrás da terceira, estava Tessa.

Will não a viu imediatamente quando entrou. A porta de pedra se fechou parcialmente atrás dele, mas o menino descobriu que não estava no escuro. Havia uma faísca de luz — as chamas diminutas de uma fogueira em uma lareira de pedra no fundo. Para seu espanto, era mobiliado como um quarto em uma pensão, com uma cama e um lavatório, tapetes no chão e até cortinas nas paredes, apesar de estarem sobre pedras, e não janelas.

Em frente ao fogo, havia uma sombra esguia, encolhida no chão. A mão de Will foi automaticamente para a adaga na cintura — então a sombra virou, com os cabelos caindo sobre o ombro, e ele viu seu rosto.

Tessa.

Tirou a mão da adaga, e o coração saltou no peito com uma força impossível e dolorosa. Viu a expressão dela mudar: curiosidade, espanto, incredulidade. Ela

se levantou, as saias caindo ao redor enquanto se ajeitava, e ele a viu estender a mão.

— Will? — falou.

Foi como uma chave girando na fechadura, libertando-o; ele avançou. Jamais houve distância tão grande separando-o de Tessa quanto nesse momento. O quarto era grande; agora a distância entre Londres e Cadair Idris não parecia nada em comparação à extensão do quarto. Ele sentiu um tremor, como uma espécie de resistência, e atravessou. Viu Tessa esticar a mão, a boca formar palavras; então, ela estava em seus braços, e os dois quase perderam a respiração ao se encontrarem.

Ela estava nas pontas dos pés, abraçando-o, sussurrando seu nome:

— Will, Will, *Will*. — Ele enterrou o rosto no pescoço dela, onde os cabelos espessos de Tessa ondulavam; ela tinha cheiro de fumaça e água de violeta. Ele a puxou ainda mais forte enquanto ela agarrava o colarinho do Caçador de Sombras, e permaneceram grudados. Por apenas aquele instante, a dor que o comprimia como um punho de ferro desde a morte de Jem pareceu relaxar, e ele pôde respirar.

Ele pensou no inferno pelo qual passou desde que deixou Londres — nos dias de cavalgadas incessantes, nas noites em claro. Sangue e perda, dor e luta. Tudo para trazê-lo aqui. Até Tessa.

— Will — repetiu ela, e o menino olhou para o rosto de Tessa, sujo de lágrimas. Tinha um hematoma na bochecha. Alguém bateu nela ali, e o coração de Will se encheu de raiva. Descobriria o responsável e acabaria com ele. Se fosse Mortmain, ele o mataria apenas após incendiar o laboratório monstruoso, para que o louco testemunhasse a ruína de tudo que criou. — Will — disse Tessa novamente, interrompendo seus pensamentos. Ela soou quase sem ar. — Will, seu *idiota*.

As noções românticas de Will frearam como uma carroça na Fleet Street.

— Eu... o quê?

— Oh, Will — disse ela. Os lábios tremiam; ela parecia não conseguir se decidir entre rir ou chorar. — Você se lembra de quando me disse que o jovem cavalheiro que vinha para o resgate nunca estava errado, mesmo que dissesse que o céu era roxo e feito de ouriços?

— Na primeira vez em que a vi. Sim.

— Oh, meu Will. — Ela se afastou gentilmente do abraço, ajeitando um cacho de cabelo atrás da orelha. Os olhos dela permaneciam fixos nos dele. —

Não consigo imaginar como me encontrou, o quanto deve ter sido difícil. É incrível. Mas... você realmente acha que Mortmain me deixaria sozinha em um quarto com a porta aberta? — Ela virou as costas, se afastou alguns metros dele e parou subitamente. — Aqui — disse, e levantou a mão, abrindo os dedos. — O ar é sólido como uma parede aqui. Esta é uma prisão, Will, e agora você está nela, junto comigo.

Ele foi para o lado de Tessa, já sabendo o que encontraria. Lembrou-se da resistência que sentiu ao atravessar o quarto. O ar ondulou ligeiramente quando ele o tocou com o dedo, mas estava mais duro que um lago congelado.

— Conheço esta configuração — disse ele. — A Clave de vez em quando usa uma versão dela. — Ele cerrou a mão em um punho e socou o ar sólido, forte o suficiente para machucar os ossos. — *Uffern gwaedlyd* — praguejou em galês. — Atravessei o país inteiro para chegar até você e não consigo nem fazer *isso* direito. Assim que a vi só consegui pensar em correr para você. Pelo Anjo, Tessa...

— Will! — Ela o pegou pelo braço. — Não *ouse* se desculpar. Sabe o que sua presença aqui significa para mim? É como um milagre ou uma intervenção direta dos Céus, pois tenho rezado para ver as faces daqueles com os quais me importo antes de morrer — falou simplesmente, sem rodeios. Era uma das características que ele amava em Tessa, que ela não se escondia nem dissimulava, mas falava o que pensava sem floreios. — Quando eu estava na Casa Sombria, não havia ninguém que se importasse o suficiente para me procurar. Quando você me encontrou, foi um acidente. Mas agora...

— Agora nos condenei ambos ao mesmo destino — falou, com a voz baixa. Tirou uma adaga do cinto e a enfiou na parede invisível diante de si. A lâmina prateada Marcada da adaga estilhaçou, e Will descartou o cabo, praguejando novamente, baixinho.

Tessa pôs uma mão de leve no ombro dele.

— Não estamos condenados — disse ela. — Você certamente não veio sozinho, Will. Henry ou Jem nos encontrarão. Podemos ser libertados pelo outro lado da parede. Já vi como Mortmain faz...

Will não sabia o que aconteceu naquele momento. Sua expressão deve ter mudado ao ouvir o nome de Jem, pois viu que Tessa empalideceu. A mão dela apertou o braço dele.

— Tessa — falou —, *estou* sozinho.

A palavra "sozinho" saiu quebrada, como se ele pudesse sentir o gosto

amargo da perda na língua e estivesse lutando para falar apesar disso.

— Jem? — disse ela. Foi mais que uma pergunta. Will não falou nada; a voz parecia tê-lo abandonado. Ele tinha pensado em tirá-la daqui antes de contar sobre Jem, imaginou-se revelando em algum lugar seguro, em algum lugar onde houvesse tempo e espaço para confortá-la. Agora sabia que tinha sido um tolo em achar isso, em imaginar que sua perda não estaria estampada em seu rosto. O resto da cor deixou a face de Tessa; foi como ver uma chama piscar e, em seguida, apagar. — Não — sussurrou ela.

— Tessa...

Ela deu um passo para longe dele, balançando a cabeça.

— Não, não é possível. Eu saberia... não pode ser.

Ele esticou a mão para ela.

— Tess...

Ela começara a tremer violentamente.

— Não — repetiu. — Não, *não* diga. Se não disser, não será verdade. Não pode ser verdade. Não é justo.

— Sinto muito — sussurrou Will.

O rosto de Tessa se vincou e estilhaçou como uma barragem com muita pressão. Ela se ajoelhou, curvando-se sobre si, e abraçou o próprio corpo. Estava se segurando com força, como se pudesse quebrar. Will sentiu uma onda fresca da agonia opressora que experimentou no jardim do Green Man. O que tinha feito? Tinha vindo salvá-la, mas, em vez de fazê-lo, só trouxe desespero. Era como se realmente fosse amaldiçoado, capaz apenas de trazer sofrimento aos que amava.

— Sinto muito — falou novamente, com todo o coração nas palavras. — Muito. Eu teria morrido por ele, se pudesse.

Com essas palavras, ela levantou os olhos. Ele se preparou para a acusação nos olhos dela, mas não viu nada. Em vez disso, ela esticou a mão para ele, em silêncio. Espantado e surpreso, Will a pegou e permitiu que ela o puxasse para perto de si, até que estivesse ajoelhado diante dela.

O rosto de Tessa estava com marcas de lágrimas, cercado pelos cabelos, contornado em dourado pela luz do fogo.

— Eu teria feito o mesmo — falou. — Ah, Will. A culpa é toda minha. Ele jogou a vida fora por mim. Se tivesse tomado o remédio em intervalos mais longos... se tivesse se permitido descansar e ficar doente, em vez de fingir que estava bem por minha causa...

— Não! — Ele a pegou pelos ombros, virando-a para si. — Não é sua culpa. Ninguém poderia imaginar que fosse...

Ela balançou a cabeça.

— Como pode suportar viver a meu lado? — perguntou ela desesperada. — Tirei seu *parabatai* de você. E agora nós dois morreremos aqui. Por minha causa.

— Tessa — sussurrou Will, chocado. Não conseguia lembrar quando fora a última vez em que esteve nesta posição, a última vez em que precisou confortar alguém com o coração partido e, de fato, se *permitiu* fazê-lo, sem se forçar a dar as costas. Sentiu-se tão desajeitado como quando era criança, derrubando facas até Jem ensiná-lo a usá-las. Ele limpou a garganta. — Tessa, venha aqui. — E puxou-a para perto de si, até estar sentado no chão, com ela apoiada nele, a cabeça em seu ombro, seus dedos passando pelo cabelo dela. Will sentiu o corpo dela tremendo contra o dele, mas ela não se afastou. Em vez disso, agarrou-se a ele, como se sua presença realmente trouxesse conforto.

E se ele pensou no calor de Tessa em seus braços, ou no hálito da moça em sua pele, foi apenas por um instante, e podia fingir que não aconteceu.

A dor de Tessa, como uma tempestade, passou lentamente ao longo de horas. Ela chorou, e Will a segurou e não soltou, exceto uma vez em que se levantou para acender a fogueira. Voltou rapidamente e se sentou ao lado dela, ambos de costas para a parede invisível. Ela tocou o braço dele onde as lágrimas molharam o tecido.

— Desculpe — falou. Já tinha perdido a conta das vezes em que pediu desculpas a Will nas últimas horas enquanto compartilhavam relatos do que ocorrera desde a separação no Instituto. Ele falou da despedida de Jem e Cecily, da cavalgada pelo campo, do instante em que soube que Jem havia partido. Ela relatou as exigências de Mortmain para que ela se Transformasse em seu pai e lhe desse a última peça do quebra-cabeça que transformaria o exército de autômatos em uma força incontrolável.

— Não tem por que se desculpar, Tess — disse Will agora. Ele estava olhando para o fogo, a única luz no recinto, que tingia o local de dourado e preto. As sombras sob os olhos eram violeta, e o ângulo das maçãs do rosto e da clavícula, bastante acentuado. — Você sofreu, assim como eu. Ver a vila destruída...

— Nós dois estávamos lá ao mesmo tempo — observou ela, pensativa. — Se eu soubesse que você estava próximo...

— Se eu soubesse que *você* estava próxima, teria conduzido Balios montanha acima, para chegar perto.

— E teria sido assassinado pelas criaturas de Mortmain no processo. Foi melhor não ter sabido. — Ela seguiu o olhar de Will para a lareira. — No fim das contas, você me encontrou, e é isso que importa.

— Claro que encontrei. Prometi a Jem que encontraria — falou. — Algumas promessas não podem ser quebradas.

Will respirou superficialmente. Ela sentiu na lateral do corpo: estava meio curvada contra ele, e as mãos dele tremiam, quase imperceptivelmente, enquanto a segurava. Reservadamente, sabia que não deveria se deixar ser abraçada assim por nenhum menino que não fosse seu noivo ou seu irmão — mas tanto o noivo quanto o irmão estavam mortos, e amanhã Mortmain encontraria os dois e os puniria. Em face disso tudo, Tessa não podia se preocupar com propriedade.

— De que adiantou toda aquela dor? — perguntou ela. — Eu o amava tanto e nem estava presente quando morreu.

A mão de Will a afagou nas costas — leve e rapidamente, como se temesse que ela fosse se afastar.

— Nem eu — declarou. — Eu estava no jardim de uma pousada, na metade do caminho para Gales, quando soube. Senti. Nosso laço sendo rompido. Foi como se um grande par de tesouras tivesse cortado meu coração ao meio.

— Will... — disse Tessa. A dor do menino era tão palpável que se misturou à dela e criou uma tristeza aguda, um pouco mais leve por ser compartilhada, apesar de ser difícil dizer quem estava confortando quem. — Você também sempre foi metade do coração dele.

— Fui eu que pedi para que ele fosse meu *parabatai* — contou Will. — Ele relutou. Queria que eu entendesse que estava me amarrando em um laço de vida a alguém que não viveria muito. Mas eu queria, queria cegamente uma prova de que não estava sozinho, uma maneira de mostrar a ele o que lhe devia. E ele, no fim, acabou deixando ser como eu queria. Era o que sempre fazia.

— Não — disse Tessa. — Jem não era um mártir. Não foi castigo para ele ser seu *parabatai*. Você era como um irmão; melhor do que um irmão, pois o escolheu. Quando Jem falava de você, era com lealdade e amor, sem qualquer sombra de dúvida.

— Eu o confrontei — prosseguiu Will. — Quando descobri que ele vinha tomando mais *yin fen* do que deveria. Fiquei tão irritado. Acusei-o de jogar a

vida fora. Ele disse "posso escolher ser tudo que posso por ela, arder tanto quanto quiser".

Tessa engoliu em seco.

— Foi escolha dele, Tessa. Não foi algo que você impôs. Ele nunca foi tão feliz como quando esteve com você. — Will não estava olhando para ela, mas para o fogo. — Não importa o que eu já tenha dito a você, qualquer coisa, fico feliz por ele ter tido aquele tempo com você. E você deveria sentir o mesmo.

— Você não parece feliz.

Will continuava olhando para o fogo. Os cabelos negros estavam úmidos quando entrou no quarto, e já tinham secado, formando cachos soltos nas têmporas e na testa.

— Eu o decepcionei — falou. — Ele me confiou a missão de segui-la, encontrá-la e levá-la para casa em segurança. E agora falhei na última parte. — Ele finalmente virou para ela, os olhos azuis sem enxergar. — Eu não o teria deixado. Teria ficado com ele se pedisse, até a morte. Teria honrado meu juramento. Mas ele me pediu que viesse atrás de você...

— Então, apenas fez o que ele pediu. Não o decepcionou.

— Mas era também o que estava no meu coração — falou Will. — Não posso separar egoísmo de altruísmo agora. Quando sonhei salvá-la, a maneira como você me olhou... — A voz dele baixou abruptamente. — Fui bem castigado por essa arrogância, de qualquer forma.

— Mas eu fui recompensada. — Tessa pegou a mão dele. Os calos de Will eram ásperos contra sua palma. Ela viu o peito dele inchar com a surpresa. — Pois não estou sozinha; eu o tenho comigo. E não devemos perder todas as esperanças. Talvez ainda exista chance para nós. De vencer Mortmain ou escapar dele. Se alguém consegue criar uma maneira, esse alguém é você.

Voltou o olhar para ela. Os cílios de Will encobriram seus olhos enquanto ele dizia:

— Você é incrível, Tessa Gray. Ter tanta fé em mim, apesar de eu não ter feito nada para merecê-la.

— Nada? — A voz dela se elevou. — Nada para merecê-la? Will, você me salvou das Irmãs Sombrias, afastou-me para me salvar, me resgatou incontáveis vezes. É um bom homem. Um dos melhores que já conheci.

Will pareceu tão espantado quanto se ela o tivesse empurrado. Molhou os lábios secos.

— Preferia que não dissesse isso — sussurrou ele.

Ela se inclinou para ele. Seu rosto era feito de sombras, ângulos e planos; ela queria tocá-lo, tocar a curva da boca, o arco dos cílios contra a bochecha. O fogo refletia nos olhos de Will, como alfinetadas de luz.

— Will — disse ela. — Na primeira vez em que o vi, achei parecido com um herói de um livro. Você brincou que era Sir Galahad. Lembra? E, por muito tempo, tentei entendê-lo assim, como se fosse o Sr. Darcy, Lancelot ou o pobre Sydney Carton, e foi um desastre. Levei tanto tempo para entender, mas consegui, e compreendo agora... Você não é um herói literário.

Will soltou uma risada curta e incrédula.

— É verdade — concordou. — Não sou nenhum herói.

— Não — disse Tessa. — É uma pessoa, assim como eu. — Os olhos de Will examinaram o rosto da menina, mistificados; ela apertou um pouco mais a mão dele, entrelaçando os dedos nos dele. — Não vê, Will? Você é uma pessoa *como* eu. Você é *como eu*. Fala as coisas que penso, mas nunca digo em voz alta. Lê os livros que leio. Gosta das poesias que gosto. Você me faz rir com suas músicas ridículas e com a maneira como enxerga a verdade de tudo. Tenho a sensação de que pode olhar dentro de mim e ver todos os lugares onde sou estranha ou diferente e adaptar seu coração, pois você é estranho e diferente da mesma forma. — Com a mão que não segurava a dele, ela o tocou na bochecha, levemente. — Somos iguais.

Os olhos de Will tremeram e fecharam; ela sentiu os cílios nas pontas dos dedos. Quando ele falou novamente, a voz estava áspera, porém controlada.

— Não diga essas coisas, Tessa. Não diga.

— Por que não?

— Diz que sou um bom homem — falou ele. — Mas não sou um homem *tão* bom. E estou... estou *catastroficamente* apaixonado por você.

— Will...

— Eu a amo tanto, tanto, tanto — continuou —, e quando fica perto assim de mim, esqueço quem você é. Esqueço que pertence a Jem. Eu teria de ser a pior pessoa do mundo para pensar o que estou pensando agora. Mas estou.

— Eu amava Jem — declarou Tessa. — Ainda amo, e ele me amava, mas não sou de ninguém, Will. Meu coração é meu. Está além do seu controle. Está além do *meu* controle.

Os olhos de Will continuavam fechados. O peito dele subia e descia rapidamente, e ela pôde ouvir as batidas fortes do seu coração, aceleradas sob a solidez das costelas. O corpo dele estava quente contra o dela, e vivo, e ela pensou

nas mãos frias dos autômatos e nos olhos de Mortmain, ainda mais frios. Pensou no que aconteceria se sobrevivesse e Mortmain alcançasse seus objetivos, se ela ficasse presa a ele pelo resto da vida — um homem que não amava e que, aliás, detestava.

Pensou nas mãos frias dele nela e se aquelas seriam as únicas mãos que a tocariam.

— O que acha que vai acontecer amanhã, Will? — sussurrou. — Quando Mortmain nos encontrar? Seja sincero.

A mão dele se moveu cautelosamente, quase contra a vontade, deslizando por seu cabelo e repousando no pescoço. Tessa imaginou se ele podia sentir sua pulsação, respondendo à dele.

— Acho que Mortmain vai me matar. Ou, para ser exato, vai mandar aquelas criaturas me matarem: elas não podem ser contidas. Lâminas Marcadas não servem mais do que armas comuns, e lâminas serafim não fazem nenhum efeito.

— Mas você não tem medo.

— Existem coisas piores do que a morte — falou. — Não ser amado ou não poder amar: isso é pior. E cair lutando, como um Caçador de Sombras deve fazer, não é nenhuma desonra. Uma morte honrosa: sempre quis que fosse assim.

Um tremor percorreu o corpo de Tessa.

— Há duas coisas que quero — falou, e se surpreendeu com a firmeza da própria voz. — Se acha que Mortmain vai matá-lo amanhã, então desejo receber uma arma. Vou me despir do meu anjo mecânico e lutarei a seu lado; se cairmos, cairemos juntos. Pois também desejo uma morte honrosa, como Boadiceia.

— Tess...

— Prefiro morrer a ser uma ferramenta do Magistrado. Dê-me uma arma, Will.

Sentiu o corpo dele tremer contra o dela.

— Posso fazer isso por você — falou afinal, subjugado. — Qual é a segunda coisa? O que você queria?

Ela engoliu em seco.

— Quero beijá-lo mais uma vez antes de morrer.

Os olhos dele se arregalaram. Azuis como o mar e o céu no sonho de Tessa, quando ele caiu longe dela, azuis como as flores que Sophie colocou em seu cabelo.

— Não...

— Diga nada que não seja sincero — concluiu para ele. — Eu sei. Não estou

dizendo. É verdade, Will. E sei que pedir isso ultrapassa todos os limites plausíveis. Sei que devo parecer um pouco louca. — Tessa olhou para baixo, depois para cima outra vez, reunindo coragem. — E se você puder me dizer que pode morrer amanhã sem que nossos lábios voltem a se tocar, e que não lamentará nada, então me diga, e desisto, pois não tenho direito...

As palavras de Tessa foram cortadas, pois ele a pegou e a puxou contra si, tocando a boca na dela. Por uma fração de segundo, foi quase doloroso, afiado de desespero e uma fome quase descontrolada, e ela sentiu gosto de sal e calor na boca, e o engasgo da respiração de Will. E então suavizou, com um controle forçado que ela pôde *sentir* por todo o próprio corpo, e o roçar de lábios contra lábios, a ação recíproca de línguas e dentes, intercalando dor e prazer em um espaço de instantes.

Na varanda dos Lightwood, ele foi tão cuidadoso, mas agora não estava sendo. Deslizou as mãos pelas costas de Tessa, passando os dedos por seus cabelos, agarrando o tecido solto nas costas do vestido. Ele quase a levantou, de modo que os corpos se tocassem; ele estava contra ela, o comprimento longo do corpo de Will ao mesmo tempo rígido e frágil. A cabeça de Tessa se inclinou para o lado enquanto ele usava os lábios para abrir os dela, e eles não apenas se beijavam como se devoravam. Os dedos de Tessa agarravam com firmeza os cabelos de Will, tão forte que devia estar doendo, e os dentes dela tocaram o lábio inferior dele. Ele gemeu e a puxou mais para perto, fazendo-a engasgar sem fôlego.

— Will — sussurrou Tessa, e ele se levantou, erguendo-a nos braços enquanto a beijava. Ela segurou firme nas costas e nos ombros de Will enquanto ele a carregava para a cama e a colocava ali. Tessa já estava descalça; ele tirou as botas e deitou ao lado dela. Parte do treinamento de Tessa foi sobre a remoção do uniforme, e as mãos dela foram leves e velozes sobre a roupa dele, soltando os fechos e a puxando de lado, como uma concha. Ele a descartou impacientemente e se ajoelhou para soltar o cinto de armas.

Tessa o observou, engolindo em seco. Se fosse mandá-lo parar, a hora era agora. As mãos cicatrizadas de Will eram ágeis, abrindo as presilhas, e quando ele virou para deixar o cinto cair ao lado da cama, a camisa — molhada de suor e grudando nele — deslizou para cima, exibindo a curva oca da barriga, o osso arqueado do quadril. Ela sempre achou Will lindo, os olhos, lábios e rosto, mas nunca tinha pensado em seu corpo assim. Mas a forma dele era bela, como os

planos e ângulos de *David*, de Michelangelo. Tessa se esticou para tocá-lo, passar a mão, suave como seda, na pele dura e lisa da barriga de Will.

A resposta dele foi imediata e surpreendente. Will respirou fundo e fechou os olhos, e o corpo ficou totalmente imóvel. Ela passou os dedos pelo cós da calça, com o coração acelerado, sem saber o que estava fazendo — havia instinto ali, guiando, algo que não conseguia identificar nem explicar. A mão de Tessa se curvou na cintura de Will, o polegar tocou o osso do quadril e puxou-o para baixo.

Ele deslizou para cima dela lentamente, apoiando os cotovelos em ambos os lados de seus ombros. Seus olhos se encontraram, se sustentaram; tocavam-se por toda a extensão dos corpos, mas nenhum dos dois falou. A garganta de Tessa doía: adoração, melancolia, na mesma intensidade.

— Beije-me — falou.

Ele se abaixou lentamente até os lábios apenas se tocarem. Ela se curvou para cima, querendo encontrar a boca dele com a sua, mas ele recuou, acariciando sua bochecha com o nariz e passando os lábios no canto da boca de Tessa — em seguida, pela mandíbula até a garganta, provocando pequenos choques de prazer pelo corpo da jovem. Ela sempre pensou nos próprios braços, mãos, pescoço, rosto como coisas separadas — que a pele não fosse a mesma que encobria tudo, nem que um beijo na garganta pudesse produzir efeitos até as solas dos pés.

— Will. — As mãos dela puxaram a camisa dele, que cedeu, com os botões arrancados, e a cabeça dele balançou para se livrar do tecido, todo cabelos selvagens, todo Heathcliff nos pântanos. As mãos dele foram menos certas no vestido dela, mas ele também o retirou, por cima da cabeça, e o descartou, deixando Tessa de camisa e espartilho. Ela ficou imóvel, chocada por estar tão despida na frente de alguém além de Sophie, e Will lançou um olhar selvagem para o espartilho que foi apenas em parte por desejo.

— Como... — perguntou ele. — Isso sai?

Tessa não conseguiu se conter; apesar de tudo, riu.

— Ele é amarrado — sussurrou ela. — Nas costas. — E conduziu as mãos dele até que os dedos encontrassem as fitas. Então ela tremeu, não de frio, mas pela intimidade do gesto. Will puxou-a contra si, agora com suavidade, e a beijou mais uma vez na linha da garganta, e em seu ombro, onde a camisa o deixava exposto, com o hálito suave e quente contra a pele dela, até que ela estivesse respirando com a mesma intensidade enquanto as mãos o acariciavam nos ombros, nos braços, nas laterais. Ela beijou as cicatrizes brancas das Marcas na

pele de Will, envolvendo-o até se tornarem um emaranhado quente de membros e ela engolir as arfadas de Will.

— Tess — sussurrou ele. — Tess... se quiser parar...

Ela balançou a cabeça em silêncio. O fogo na lareira já estava quase extinto outra vez; Will era todo ângulos, sombras e pele dura contra ela. *Não*.

— Você quer isso? — A voz dele soou rouca.

— Quero — respondeu. — E você?

O dedo dele traçou o contorno de sua boca.

— Por isso, eu seria eternamente condenado. Por isso, eu abriria mão de tudo.

Ela sentiu o ardor por trás dos próprios olhos, a pressão das lágrimas, e piscou cílios molhados.

— Will...

— *Dw i'n dy garu di am byth* — disse ele. — Eu te amo. Sempre. — E se moveu para cobrir o corpo de Tessa com o seu.

* * *

Tarde da noite, ou cedo pela manhã, Tessa acordou. O fogo havia se apagado completamente, mas o quarto estava iluminado pela luz peculiar de uma tocha que parecia acender e apagar sem qualquer nexo.

Ela chegou para trás, apoiando-se no cotovelo. Will estava dormindo a seu lado, preso ao sono mudo dos exauridos. No entanto, ele parecia em paz — como ela nunca havia visto. A respiração fluía uniformemente, os cílios moviam-se levemente com os sonhos.

Ela havia dormido com a cabeça no braço dele, o anjo mecânico ainda em seu pescoço, apoiado no ombro de Will, à esquerda da clavícula. Quando se afastou, o anjo se soltou, e, para sua surpresa, ela viu que onde estivera apoiado, havia deixado uma marca do tamanho de um xelim, em forma de uma estrela branca clara.

20

As Peças Infernais

Como autômatos operados por fios,
Esqueletos finos em silhueta
Deslizaram pela lenta quadrilha
E se deram as mãos
E dançaram uma sarabanda imponente;
As risadas ecoaram finas e agudas.
— Oscar Wilde, "The Harlot's House"

— É *lindo* — suspirou Henry.

Os Caçadores de Sombras do Instituto de Londres — e Magnus Bane — estavam em um semicírculo no estúdio de Henry, olhando para uma das paredes de pedra — ou, mais precisamente, para algo que *apareceu* em uma das paredes de pedra.

Era um arco brilhante, de cerca de 3 metros de altura, e talvez 1,5 metro de largura. Não era talhado na pedra, mas feito de símbolos brilhantes que se entrelaçavam como vinhas em uma grade. Os símbolos não eram do Livro Gray — Gabriel teria reconhecido se fossem —, mas eram símbolos que ele jamais vira antes. Tinham a aparência estranha de uma língua estrangeira, no entanto, cada um era único, lindo e soprava uma música murmurada sobre viagem e distância, de um espaço escuro em turbilhão e da distância entre os mundos.

Na escuridão, eles brilhavam em verde, claros e ácidos. No espaço criado pelos símbolos, a parede não era visível — apenas a escuridão, impenetrável, de um grande buraco negro.

— É realmente incrível — observou Magnus.

Todos, exceto o feiticeiro, estavam uniformizados para combate e carregados de armas — a espada longa favorita de Gabriel estava pendurada em suas costas,

e ele se coçava para pegar o cabo com as mãos enluvadas. Apesar de gostar de arco e flecha, tinha sido treinado para utilizar esta espada por um mestre que traçava os próprios mestres até Lichtenauer, e Gabriel considerava aquela arma sua especialidade. Além disso, um arco e flecha teria menos utilidade contra autômatos do que uma arma que poderia cortá-los em pedaços.

— Graças a você, Magnus — disse Henry. Ele estava radiante, ou foi o que Gabriel pensou. Poderia ser o reflexo dos símbolos em seu rosto.

— De jeito algum — respondeu Magnus. — Não fosse sua genialidade, isso jamais teria sido criado.

— Apesar de eu estar apreciando essa troca de gentilezas — disse Gabriel, ao perceber que Henry estava prestes a responder —, ainda restam algumas questões centrais em relação à invenção.

Henry o fitou confuso.

— Por exemplo?

— Acredito, Henry, que ele esteja perguntando se essa... entrada... — começou Charlotte.

— Chamamos de Portal — explicou Henry. A letra maiúscula ficou clara no tom.

— Se funciona — concluiu Charlotte. — Você já experimentou?

Henry pareceu magoado.

— Bem, não. Não deu tempo. Mas garanto a você que nossos cálculos foram perfeitos.

Todos, exceto Henry e Magnus, olharam alarmados para o Portal.

— Henry... — começou Charlotte.

— Bem, acho que Henry e Magnus devem ir primeiro — sugeriu Gabriel. — Foram eles que inventaram essa maldita coisa.

Todos olharam para ele.

— É como se ele tivesse substituído Will — comentou Gideon, com as sobrancelhas erguidas. — Dizem o mesmo tipo de coisa.

— *Não* sou como Will! — Gabriel se irritou.

— Espero que não — disse Cecily, mas tão baixinho que ele ficou imaginando se mais alguém teria ouvido. Ela estava particularmente bonita hoje, apesar de Gabriel não saber por quê. Usava a mesma roupa de combate lisa e preta que Charlotte; os cabelos cuidadosamente presos atrás da cabeça, e o colar de rubi no pescoço brilhava sobre a pele. Contudo, Gabriel lembrou a si mesmo, com vigor, que, considerando estarem provavelmente prestes a se colocar em

perigo mortal, pensar na aparência de Cecily não deveria ser sua maior preocupação. Ordenou a si mesmo que parasse de imediato.

— Não sou *nada* como Will Herondale — repetiu.

— Estou perfeitamente disposto a ser o primeiro — disse Magnus, com o ar sofrido de um mestre em uma sala cheia de alunos malcomportados. — Preciso de algumas coisas. Estamos torcendo para que Tessa esteja lá, e Will talvez também esteja, então gostaria de uniformes e armas extras para a travessia. Planejo, é claro, esperá-los do outro lado, mas se houver algum... desenvolvimento inesperado, é sempre bom estar pronto.

Charlotte assentiu.

— Sim... é claro. — Ela olhou para baixo por um instante. — Não acredito que ninguém apareceu para nos ajudar. Achei que depois da minha carta pelo menos alguns... — interrompeu-se, engolindo em seco, e levantou a cabeça. — Deixe-me buscar Sophie. Ela pode preparar o que precisa, Magnus. E ela, Cyril e Bridget devem se juntar a nós em breve. — Charlotte desapareceu pelas escadas, e Henry olhou para ela com um carinho preocupado.

Gabriel não podia culpá-lo. Obviamente foi um golpe duro para Charlotte não ser atendida por ninguém, apesar de que ele poderia ter dito a ela que não seria. As pessoas são essencialmente egoístas, e muitos detestavam a ideia de ver uma mulher no comando do Instituto. Não se arriscariam por ela. Há poucas semanas diria o mesmo sobre si próprio. Agora que conhecia Charlotte, percebeu, surpreendentemente, que a ideia de se arriscar por ela era uma honra, como para a maioria dos ingleses seria se arriscar pela rainha.

— *Como* alguém faz o Portal funcionar? — perguntou Cecily, olhando para o arco brilhante como se fosse uma pintura em uma galeria, com a cabeça escura inclinada para o lado.

— Ele o transportará instantaneamente de um ponto a outro — disse Henry. — Mas o truque é... bem, essa parte é magia. — E falou a palavra um pouco nervoso.

— Você precisa visualizar o local para onde vai — explicou Magnus. — Não funcionará para levá-la a algum ponto onde nunca esteve ou que não consegue imaginar. Neste caso, para chegarmos a Cadair Idris, precisaremos de Cecily. Cecily, o quão próximo de Cadair Idris consegue nos deixar?

— No topo — respondeu ela, confiante. — Há várias trilhas que levam ao cume da montanha, e já atravessei duas delas com meu pai. Lembro-me do pico.

— Excelente — afirmou Henry. — Cecily, você se colocará diante do Portal e

visualizará nosso destino...

— Mas ela não vai primeiro, vai? — perguntou Gabriel. Assim que as palavras deixaram sua boca, ele mesmo se espantou. Não pretendia dizê-las. Ah, bem não tinha o que fazer, pensou. — Quero dizer: ela é a menos treinada de todos; não seria seguro.

— Posso ir primeiro — declarou Cecily, não parecendo nem um pouco grata pelo apoio de Gabriel. — Não vejo motivo pelo qual...

— Henry! — falou Charlotte, reaparecendo ao pé da escada. Atrás dela estavam os criados do Instituto, todos uniformizados, Bridget parecia prestes a partir em uma caminhada matutina; Cyril, pronto e determinado; e Sophie, trazendo uma bolsa grande de couro.

Atrás deles mais três homens. Homens altos, com vestes de cor bege, que deslizavam os pés de modo peculiar.

Irmãos do Silêncio.

Ao contrário de qualquer Irmão do Silêncio que Gabriel já tinha visto, no entanto, estes estavam armados. Cintos de armas nas cinturas, sobre as túnicas, das quais se penduravam lâminas longas e curvas, cujos cabos eram feitos de *adamas* brilhante, o mesmo material das estelas e lâminas serafim.

Henry levantou o olhar, confuso — em seguida, culpado, olhou do Portal para os Irmãos. Seu rosto ligeiramente sardento empalideceu.

— Irmão Enoch — disse. — Eu...

Acalme-se. A voz do Irmão do Silêncio ecoou na mente de todos. *Não viemos alertá-lo sobre qualquer possibilidade de transgressão da Lei, Henry Branwell. Viemos lutar com vocês.*

— Lutar conosco? — Gideon pareceu espantado. — Mas Irmãos do Silêncio não... digo, não são guerreiros...

Isso é incorreto. Caçadores de Sombras éramos e Caçadores de Sombras permanecemos, mesmo quando mudamos para nos tornarmos Irmãos. Fomos fundados pelo próprio Jonathan Caçador de Sombras e, apesar de vivermos pelo livro, podemos morrer pela espada, se desejarmos.

Charlotte sorria.

— Souberam da minha mensagem — disse ela. — E vieram. Irmão Enoch, Irmão Micah e Irmão Zachariah.

Os dois Irmãos atrás de Enoch inclinaram as cabeças em silêncio. Gabriel lutou contra um tremor. Sempre achou os Irmãos do Silêncio estranhos, apesar de saber que eram parte integral da vida de um Caçador de Sombras.

— O Irmão Enoch também me explicou por que mais ninguém veio — disse Charlotte, e o sorriso desapareceu. — O Cônsul Wayland convocou uma reunião de Conselho para esta manhã, apesar de não ter nos informado. O comparecimento de todos os Caçadores de Sombras foi obrigatório, por Lei.

A respiração de Henry chiou através dos dentes.

— Aquele ho-homem horrível — concluiu, com uma rápida olhada para Cecily, que revirou os olhos. — Sobre o que é a reunião do Conselho?

— Sobre nossa substituição como chefes do Instituto — respondeu Charlotte. — Ele ainda acha que o ataque de Mortmain será contra Londres e que um líder forte deve estar aqui para enfrentar o exército mecânico.

— Sra. Branwell! — Sophie, enquanto entregava a bolsa para Magnus, quase a derrubou. — Não podem fazer isso!

— Ah, podem muito bem — respondeu Charlotte. Olhou em volta, para as faces de todos, e levantou a cabeça. Naquele instante, apesar de pequena, pensou Gabriel, ela pareceu mais alta que o Cônsul. — Todos sabíamos que isso aconteceria — disse. — Não tem importância. Somos Caçadores de Sombras, e nosso dever é uns com os outros, e fazer o que julgamos correto. Acreditamos em Will e temos fé nele. A fé nos trouxe até aqui; vai nos levar mais longe. O Anjo olha por nós, e vamos vencer.

Todos ficaram em silêncio. Gabriel olhou em volta, para a expressão de cada um — todos determinados —, e até Magnus parecia, se não tocado ou convencido, reflexivo e respeitoso.

— Sra. Branwell — disse ele, afinal. — Se o Cônsul Wayland não a considera uma líder, então ele é um tolo.

Charlotte inclinou a cabeça em sua direção.

— Obrigada — disse ela. — Mas não devemos perder mais tempo, temos de ir depressa, pois esta questão não pode mais esperar.

Henry olhou para a esposa por um longo instante e, depois, para Cecily.

— Está pronta?

A irmã de Will assentiu e avançou para se colocar diante do Portal. A luz brilhante projetava uma sombra de símbolos não familiares em seu rosto pequeno e determinado.

— Visualize — disse Magnus. — Imagine com todas as suas forças que está vendo o topo de Cadair Idris.

As mãos de Cecily cerraram nas laterais do corpo. Enquanto encarava, o Portal começou a se mexer, os símbolos ondularam e mudaram. A escuridão da

passagem clareou. De repente, Gabriel não estava mais olhando para a sombra. Encarava um retrato de uma paisagem que poderia ter sido pintada dentro do Portal — a curva verde do topo de uma montanha, um lago tão azul e profundo quanto o céu.

Cecily se engasgou um pouco — e, em seguida, sem incentivo, deu um passo à frente, desaparecendo pelo arco. Foi como ver um desenho se apagando. Primeiro, as mãos desapareceram pelo Portal, depois os braços, esticados, e, por fim, o corpo.

Então ela se foi.

Charlotte soltou um gritinho.

— Henry!

Gabriel ouviu um zumbido. Escutou Henry garantindo a Charlotte que nada havia acontecido, mas foi como ouvir uma música que vinha de outro cômodo: as palavras se colocavam apenas como um ritmo sem significado. Tudo que ele sabia era que Cecily, a mais corajosa de todos, havia atravessado uma passagem desconhecida e desaparecido. E não podia deixá-la ir sozinha.

Avançou. Ouviu o irmão chamá-lo pelo nome, mas ignorou; passando por Gideon, chegou ao Portal e atravessou.

Por um instante não viu nada além da escuridão. Em seguida, uma grande mão pareceu se esticar e agarrá-lo, e ele foi puxado para um redemoinho colorido.

O salão do Conselho estava cheio de pessoas gritando.

Na plataforma elevada no centro, encontrava-se o Cônsul Wayland, encarando a gritaria com um olhar de impaciência furiosa no rosto. Os olhos escuros analisavam os Caçadores de Sombras reunidos à sua frente: George Penhallow gritava com Sora Kaidou, do Instituto de Tóquio; Vijay Malhotra cutucava com um dedo fino o peito de Japheth Pangborn, que atualmente quase não saía de sua casa de campo em Idris e que estava vermelho como um tomate pela indignidade generalizada. Dois dos Blackwell cercaram Amalia Morgenstern, que os ofendia em alemão. Aloysius Starkweather, todo de preto, estava ao lado de um dos bancos de madeira, seus ombros longos quase curvados para cima, em volta das orelhas, enquanto olhava para o pódio com olhos velhos e afiados.

O Inquisidor, ao lado do Cônsul Wayland, bateu com seu bastão de madeira no chão com força suficiente para quase quebrar os tacos.

— Já *BASTA*! — rosnou. — Todos ficarão em silêncio e, *agora*. SENTEM-SE.

Uma onda de choque atravessou o recinto; e, para surpresa do Cônsul, todos se sentaram. Não em silêncio, mas sentaram-se, todos os que tiveram espaço para isso. A câmara estava quase explodindo de tão cheia; esta quantidade de Caçadores de Sombras raramente aparecia em uma mesma reunião. Aqui havia representantes de todos os Institutos — Nova York, Bangcoc, Genebra, Mumbai, Quioto, Buenos Aires. Só os Caçadores de Sombras de Londres, Charlotte Branwell e seu bando, estavam ausentes.

Somente Aloysius Starkweather permanecia de pé, com a capa escura e esfarrapada esvoaçando como as asas de um corvo.

— Onde está Charlotte Branwell? — perguntou ele. — Pela sua mensagem ficou subentendido que ela estaria aqui para explicar o recado que enviou ao Conselho.

— Eu explicarei o recado — disse o Cônsul, através de dentes cerrados.

— Seria preferível ouvir dela — disse Malhorta, com olhos escuros atentos ao olhar do Cônsul para o Inquisidor e de volta ao primeiro. O Inquisidor Whitelaw parecia esgotado, como se andasse sofrendo de insônia; a boca estava dura nos cantos.

— Charlotte Branwell está exagerando — afirmou o Cônsul. — Assumo total responsabilidade por tê-la colocado na direção do Instituto de Londres. Algo que eu jamais deveria ter feito. Ela foi destituída do cargo.

— Eu me encontrei e conversei com a Sra. Branwell — disse Starkweather, com a voz rouca e o sotaque de Yorkshire. — Ela não me parece o tipo de pessoa que exagera com facilidade.

Parecendo se lembrar exatamente de por que tinha ficado tão feliz por Starkweather ter deixado de comparecer às reuniões do Conselho, o Cônsul respondeu secamente:

— Ela está em um estado delicado, e acredito que tenha... se alterado.

Conversas e confusão. O Inquisidor olhou para Wayland e o encarou, enojado. O Cônsul retribuiu o olhar. Estava claro que tinham discutido: o Cônsul estava rubro de raiva, e o olhar que direcionou ao Inquisidor, carregado de traição. Era evidente que Whitelaw não concordava com as palavras do Cônsul.

Uma mulher se levantou dos bancos lotados. Tinha cabelos brancos presos no topo da cabeça e uma postura arrogante. O Cônsul parecia rosnar por dentro.

Callida Fairchild, tia de Charlotte.

— Se está sugerindo — disse ela, com voz gelada — que minha sobrinha vem tomando decisões histéricas por estar carregando um dos Caçadores de Sombras da próxima geração, Cônsul, sugiro que pense melhor.

O Cônsul trincou os dentes.

— Não existe prova de que as declarações de Charlotte Branwell sobre Mortmain estar no País de Gales contêm algum grau de veracidade — declarou. — Tudo vem de relatórios de Will Herondale, que não passa de um menino, bastante irresponsável, por sinal. Todas as provas, inclusive os diários de Benedict Lightwood, sugerem um ataque a Londres, e é para lá que devemos enviar nossas forças.

Um burburinho percorreu o recinto. As palavras "ataque a Londres" foram repetidas diversas vezes. Amalia Morgenstern se abanou com um lenço bordado, enquanto Lilian Highsmith, passando os dedos em uma adaga que se projetava do punho de uma luva, pareceu satisfeita.

— Provas! — Callida irritou-se. — A palavra da minha sobrinha *é* prova...

Houve mais um burburinho, e uma jovem se levantou. Usava um vestido de cor verde forte e tinha uma expressão desafiadora. Na última vez em que o Cônsul a vira, ela estava chorando neste mesmo salão do Conselho, exigindo justiça. Tatiana Blackthorn, cujo nome de solteira era Lightwood.

— O Cônsul está certo quanto a Charlotte Branwell! — exclamou. — Charlotte Branwell e William Herondale são os responsáveis pela morte do meu marido!

— Ah? — manifestou-se o Inquisidor Whitelaw, com o tom carregado de sarcasmo. — Quem exatamente matou seu marido? Foi Will?

Houve um murmúrio de espanto. Tatiana pareceu furiosa.

— Não foi culpa do meu pai...

— Ao contrário — interrompeu o Inquisidor. — Isso foi mantido em sigilo, Sra. Blackthorn, mas você me deixa sem saída. Abrimos uma investigação sobre a morte de seu marido e ficou determinado que ele, de fato, foi o culpado, muito culpado. Não fossem as ações de seus irmãos, e de William Herondale e Charlotte Branwell, entre outros do Instituto de Londres, o nome dos Lightwood teria sido riscado dos registros dos Caçadores de Sombras, e você passaria o resto da vida como uma mundana sem amigos.

Tatiana ficou vermelha como um tomate e cerrou os punhos.

— William Herondale já... já me agrediu com insultos impronunciáveis a

uma dama...

— Não vejo como isso influi na questão do momento — respondeu o Inquisidor. — A pessoa pode ser grosseira na vida pessoal, porém correta em questões mais importantes.

— Você tomou nossa casa! — gritou Tatiana. — Sou forçada a depender da generosidade da família do meu marido, como uma pedinte...

Os olhos do Inquisidor brilhavam como as pedras de seus anéis.

— Sua casa foi confiscada, Sra. Blackthorn, e não roubada. Investigamos a casa da família Lightwood — prosseguiu, elevando o tom de voz. — Estava cheia de evidências sobre as ligações do patriarca da família com Mortmain, diários detalhando atos sujos, vis e impronunciáveis. O Cônsul cita os diários como provas de que haverá um ataque a Londres, mas quando Benedict Lightwood morreu, já estava louco em consequência da varíola demoníaca. Tampouco é provável que Mortmain tenha lhe confiado seus verdadeiros planos, mesmo que ele estivesse são.

Parecendo quase desesperado, o Cônsul Wayland interrompeu.

— A questão de Benedict Lightwood está encerrada... encerrada e irrelevante. Estamos aqui para discutir Mortmain e o Instituto! Primeiro, como Charlotte Branwell foi destituída do cargo e a situação que nos aguarda está centrada em Londres, precisamos de um novo líder para o Enclave de Londres. Vou abrir a decisão. Alguém gostaria de se colocar como substituto?

Houve um agito. George Penhallow havia começado a se levantar quando o Inquisidor se enfureceu:

— Isto é ridículo, Josiah. Ainda não há provas de que Mortmain não esteja onde Charlotte disse que estaria. Sequer começamos a falar em mandar reforços atrás dela...

— Atrás dela? Como assim, atrás dela?

O Inquisidor estendeu os braços para o salão.

— Ela não está aqui. Onde acha que estão os moradores do Instituto? Foram para Cadair Idris, atrás do Magistrado. No entanto, em vez de discutirmos a possibilidade de enviar auxílio, reunimos o Conselho para tratar do *substituto* de Charlotte?

O Cônsul se irritou.

— Não haverá ajuda! — rugiu. — *Jamais* haverá ajuda para aqueles que...

Mas o Conselho não ficou sabendo o que não seria ajudado, pois naquele instante uma lâmina de aço, mortalmente afiada, cortou o ar atrás do Cônsul e o

decapitou.

O Inquisidor cambaleou para trás e alcançou seu bastão enquanto o sangue se espalhava ao redor; o corpo do Cônsul caiu, sucumbindo ao chão em duas partes cortadas: o corpo caiu no piso do estrado ensopado de sangue, enquanto a cabeça decepada rolava como uma bola de tênis. Enquanto caía, um autômato se revelou atrás dele — tão esguio quanto um esqueleto humano, vestido com os restos esfarrapados de um traje militar. Sorriu como uma caveira ao retrair a lâmina escarlate e olhar para a sala silenciada e espantada, cheia de Caçadores de Sombras.

O único outro ruído veio de Aloysius Starkweather, que dava uma risada contínua e baixinha, aparentemente para si mesmo.

— Ela avisou — sibilou. — Ela *avisou* o que aconteceria...

Um instante depois, o autômato avançou, a mão esticada para se fechar na garganta de Aloysius. O sangue explodiu do pescoço do velho enquanto a criatura o levantava do chão, ainda sorrindo. Os Caçadores de Sombras começaram a gritar, e, em seguida, as portas se abriram, permitindo que uma enxurrada de criaturas mecânicas invadisse o salão.

— Bem — disse uma voz bastante entretida. — Isso é inesperado.

Tessa se sentou de súbito, puxando a colcha pesada para cima de si. Ao lado dela, Will se mexeu, apoiando-se nos cotovelos, e seus olhos se abriram lentamente.

— O quê...

Uma luz brilhante preenchera o quarto. As tochas se acenderam com força total, e parecia que o local estava iluminado pela luz do dia. Tessa pôde ver a bagunça que fizeram: roupas espalhadas pelo chão e pela cama, o tapete em frente à lareira, amarrotado, as roupas de cama enroladas neles. Do outro lado da parede invisível, uma figura familiar com um elegante terno escuro e o polegar na barra da calça. Os olhos felinos brilhavam de alegria.

Magnus Bane.

— Talvez seja melhor se levantarem — disse ele. — Todos estarão aqui em breve para resgatá-los, e podem preferir estar vestidos quando chegarem. — Ele deu de ombros. — Eu preferiria, de qualquer forma, mas, pensando bem, sou famoso por ser extremamente tímido.

Will praguejou em galês. Estava sentado agora, com as cobertas na cintura, e tinha feito o possível para se posicionar de modo a proteger Tessa do olhar de Magnus. Will estava sem camisa, é claro, e, à luz mais clara, Tessa viu onde o bronzeado das mãos e do rosto desbotava em um tom mais claro no peito e ombros. A marca da estrela branca brilhava como luz em seu ombro, e ela viu os olhos de Magnus se voltarem para a marca e se fecharem.

— Interessante — disse ele.

Will emitiu um ruído incoerente de protesto.

— *Interessante*? Pelo Anjo, Magnus...

Magnus lançou a ele um olhar irônico. Havia algo ali... algo que fez Tessa ter a sensação de que Magnus soubesse de alguma coisa que eles não sabiam.

— Se eu fosse outra pessoa, teria muito a dizer agora — observou o feiticeiro.

— Aprecio seu controle.

— Em breve, não apreciará — respondeu Magnus secamente. Em seguida, esticou o braço, como se fosse bater a uma porta, e cutucou a parede invisível entre eles. Foi como ver alguém colocar a mão na água: ondas se espalharam do ponto onde seu dedo tocou, e, de repente, a parede deslizou e sumiu em uma cascata de faíscas azuis. — Aqui — disse o feiticeiro, e jogou um saco de couro amarrado para o pé da cama. — Trouxe o uniforme. Achei que pudessem precisar de roupas, apesar de não ter imaginado o *quanto*.

Tessa o encarou por trás do ombro de Will.

— Como nos encontrou? Como sabia... Quais dos outros estão com você? Estão bem?

— Sim. Diversos deles estão percorrendo este local, procurando por vocês. Agora se vistam — instruiu, e virou-se de costas, para lhes dar privacidade. Tessa, mortificada, alcançou o saco na cama, remexeu até encontrar o uniforme, em seguida se levantou com o lençol em volta do corpo e correu para trás do biombo chinês no canto do quarto.

Não olhou para Will enquanto ia; não conseguiu. Como poderia olhar sem pensar no que fizeram? Imaginando se ele estaria horrorizado, se não conseguiria acreditar que pudessem fazer aquilo depois que Jem...

Puxou com força o uniforme de combate. Por sorte, aquela roupa, ao contrário dos vestidos, podia ser vestida sem a ajuda de ninguém. Através da tela, Tessa ouviu Magnus explicando a Will que ele e Henry utilizaram uma combinação de magia e invenção e conseguiram criar um Portal que transportava de Londres a Cadair Idris. Ela viu apenas as sombras dos dois, mas

observou Will acenar com a cabeça, aliviado, enquanto Magnus listava os que o acompanharam: Henry, Charlotte, os irmãos Lightwood, Cyril, Sophie, Cecily, Bridget e um grupo de Irmãos do Silêncio.

Ao ouvir o nome da irmã, Will começou a se vestir com mais pressa ainda e, quando Tessa saiu de trás da tela, já estava completamente trajado com o uniforme, com as botas amarradas e as mãos prendendo o cinto de armas. Ao vê-la, esboçou um sorriso tímido.

— Os outros estão espalhados pelos túneis para encontrá-los — explicou Magnus. — Combinamos procurar por meia hora e depois nos encontrarmos na câmara central. Vou lhes dar um instante para... se recomporem. — Ele sorriu e apontou para a porta. — Estarei lá fora, no corredor.

No instante em que a porta se fechou atrás dele, Tessa estava nos braços de Will, com as mãos no pescoço do Caçador de Sombras.

— Oh, pelo Anjo — disse ela. — Que vergonha.

Will passou as mãos pelos cabelos da menina e beijou-a, nas pálpebras, nas bochechas, e, depois, na boca, rapidamente, mas com fervor e concentração, como se nada pudesse ser mais importante.

— Ouça só — disse ele. — Você falou "pelo Anjo". Como uma Caçadora de Sombras. — E beijou o lado de sua boca. — Eu te amo. Meu Deus, eu te amo. Esperei tanto tempo para dizer.

Ela curvou as mãos nas laterais da cintura de Will, segurando-o ali, o tecido do uniforme áspero sob as pontas de seus dedos.

— Will — disse, hesitante. — Você não está... arrependido?

— Arrependido? — Ele a fitou incrédulo. — *Nage ddim*... Está louca, se acha que me arrependo, Tess. — Acariciou-a na bochecha, com a junta do dedo. — Tem mais, tantas coisas que quero falar...

— Não acredito... — provocou. — Will Herondale tem mais coisas a dizer?

Ele ignorou o comentário.

— *Mas* agora não é hora... Não com Mortmain em cima de nós, provavelmente, e Magnus ali fora. Agora é hora de terminar isso. Mas quando acabar, Tess, falarei tudo o que sempre quis. Quanto ao momento... — Ele beijou a cabeça de Tessa e soltou-a, examinando seu rosto. — Preciso saber que acredita em mim quando digo que a amo. Só isso.

— Acredito em tudo que diz — respondeu Tessa, com um sorriso, e suas mãos desceram da cintura para o cinto de armas de Will. Ela fechou os dedos no cabo de uma adaga e puxou-a do cinto, sorrindo enquanto ele a fitava, surpreso.

Ela o beijou na bochecha e deu um passo para trás. — Afinal — falou —, você não estava mentindo sobre aquela tatuagem do dragão de Gales, estava?

O local fazia Cecily se lembrar da cúpula de Saint Paul, que Will a levou para visitar em um de seus dias menos mal-humorados depois que ela veio para Londres. Era a maior construção na qual já havia entrado. Testaram os ecos das respectivas vozes no interior da Galeria dos Sussurros e leram a inscrição deixada por Christopher Wren: *si monumentum requiris circumspice*. "Se procura o monumento dele, olhe em volta."

Will explicou o significado, que Wren preferia ser lembrado pelos trabalhos que realizou do que por qualquer túmulo. Toda a catedral era um monumento à sua obra — assim como, de certa forma, todo este labirinto sob a montanha, e particularmente esta sala, era um monumento a de Mortmain.

Aqui também havia uma cúpula no teto, apesar de não ter janelas e se tratar apenas de uma concavidade que subia pela pedra. Uma galeria circular passava pela parte superior da cúpula, e havia uma plataforma ali, da qual supostamente era possível olhar para o chão de pedra lisa.

E aqui também havia uma inscrição na parede. Quatro frases, talhadas na pedra em quartzo brilhante.

AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM PENA.
AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM ARREPENDIMENTO.
AS PEÇAS INFERNAIS NÃO TÊM NÚMERO.
AS PEÇAS INFERNAIS JAMAIS DEIXARÃO DE VIR.

No chão de pedra, alinhados em fileiras, havia centenas de autômatos. Usavam uma variedade de uniformes militares e estavam mortalmente parados, com os olhos metálicos fechados. Soldados de lata, pensou Cecily, ampliados a um tamanho real. As Peças Infernais. A grande criação de Mortmain — um exército feito para ser invencível, para destruir Caçadores de Sombras e avançar sem remorso.

Sophie fora a primeira a descobrir o salão; ela gritou e os outros correram para descobrir o motivo. Encontraram-na parada, tremendo, entre a massa de

criaturas mecânicas. Uma delas estava caída a seus pés; ela havia cortado as pernas com um golpe da lâmina, e a máquina caiu como uma marionete cujas cordas foram talhadas. As outras não se moveram, nem acordaram, apesar do destino da companheira, o que deu coragem aos Caçadores de Sombras para avançar entre elas.

Henry agora estava de joelhos, ao lado da carapaça de um dos autômatos ainda imóveis; ele havia cortado o uniforme da criatura, aberto o peito de metal e examinava seu interior. Os Irmãos do Silêncio estavam em volta, assim como Charlotte, Sophie e Bridget. Gideon e Gabriel também voltaram, e suas buscas foram infrutíferas. Somente Magnus e Cyril ainda não tinham retornado. Cecily não conseguia se livrar da inquietação crescente — não pela presença dos autômatos, mas pela ausência do irmão. Será que ele não estava aqui para *ser* encontrado? Contudo, ela não disse nada. Havia prometido a si mesma que, como Caçadora de Sombras, não perderia o controle nem gritaria, por qualquer que fosse o motivo.

— Olhem isto — murmurou Henry em voz baixa. Dentro do peito da criatura mecânica havia uma confusão de fios e o que, aos olhos de Cecily, parecia uma caixa de metal, do tipo em que se guarda tabaco. Talhado no exterior da caixa havia o símbolo de uma serpente mordendo o próprio rabo. — O *ouroboros*. O símbolo do armazenamento das energias demoníacas.

— Como na Pyxis. — Charlotte assentiu.

— Que Mortmain roubou de nós — confirmou Henry. — Eu já havia me preocupado com a possibilidade de que fosse este o plano de Mortmain.

— Que *qual* fosse o plano de Mortmain? — perguntou Gabriel. Estava ruborizado, e seus olhos verdes brilhavam. Santo Gabriel, pensou Cecily, pois sempre perguntava o que estava em sua mente.

— Animar os autômatos — respondeu Henry distraidamente, alcançando a caixa. — Dar-lhes consciência, até mesmo vontade...

Interrompeu-se quando tocou a caixa, que, de repente, brilhou com luz. Luz, como a iluminação de uma pedra de luz enfeitiçada, entornando da caixa através do *ouroboros*. Henry recuou com um grito, mas já era tarde demais. A criatura se sentou, rápida como um raio, e o pegou. Charlotte berrou e se jogou para a frente, mas não foi veloz o suficiente. O autômato, ainda com o peito grotescamente aberto, pegou Henry por baixo dos braços e bateu seu corpo como um chicote.

Fez-se um terrível ruído de ruptura, e Henry amoleceu. O autômato jogou-o

de lado e virou-se para atingir o rosto de Charlotte. Ela se encolheu ao lado do corpo do marido enquanto a criatura mecânica deu um passo à frente e pegou o Irmão Micah. O Irmão do Silêncio bateu com o bastão na mão do autômato, mas a criatura sequer pareceu perceber. Com um estrondo mecânico que soou como uma risada, o monstro esticou o braço e abriu a garganta do Irmão do Silêncio.

O sangue esguichou pela sala, e Cecily fez exatamente o que prometeu que não faria: gritou.

21

Ouro Ardente

Traga meu arco de ouro ardente:
Traga minhas flechas de desejo:
Traga minha lança: Oh nuvens se revelem!
Traga minha carruagem de fogo!
— William Blake, "Jerusalem"

O treinamento de Tessa no Instituto jamais ressaltou o quanto era difícil correr com uma arma presa à lateral do corpo. A cada passo, a adaga acertava-lhe a perna, a ponta arranhando-lhe a pele. Ela sabia que deveria ter colocado a espada na bainha — e a bainha provavelmente estava no cinto de Will —, mas não adiantava chorar pelo leite derramado. Will e Magnus estavam correndo desordenadamente pelos corredores de Cadair Idris, e ela estava fazendo o possível para acompanhar.

Era Magnus quem liderava, pois parecia ser quem mais tinha noção de direção. Tessa não havia atravessado nenhum caminho na montanha sem os olhos vendados, e Will admitiu que pouco se lembrava da jornada solitária da noite anterior.

Os túneis se estreitavam e se alargavam à medida que os três atravessavam o labirinto, sem qualquer sentido, padrão ou coerência. No fim, enquanto se moviam para um túnel mais amplo, ouviram algo — o som de um grito distante de horror.

Magnus ficou inteiramente tenso. A cabeça de Will levantou.

— *Cecily* — disse ele, e, em seguida, estava correndo duas vezes mais rápido; tanto Magnus quanto Tessa aceleraram para acompanhá-lo. Passaram por aposentos estranhos: um cuja porta parecia manchada de sangue, outro que Tessa reconheceu como a sala com a mesa onde Mortmain a fez se Transformar, e ainda outro onde um emaranhado de metal e cobre girava em um vento

invisível. À medida que aceleravam, os ruídos de gritos e lutas aumentaram até finalmente chegarem a uma enorme câmara circular.

Estava cheia de autômatos. Filas e filas deles, tantos quantos invadiram a cidade na noite anterior enquanto Tessa assistia de mãos atadas. A maioria das criaturas estava parada, mas um grupo, no centro da sala, se mexia — e lutava uma batalha feroz. Foi como ver novamente os eventos da entrada do Instituto enquanto era arrastada — os Lightwood lutando lado a lado, Cecily empunhando uma lâmina serafim brilhante, o corpo de um Irmão do Silêncio caído no chão. Tessa percebeu ao longe que outros dois Irmãos do Silêncio lutavam ao lado dos Caçadores de Sombras, anônimos sob os capuzes das túnicas, mas a atenção dela não se voltou para eles. Mas sim para Henry, que estava caído, imóvel, no chão. Charlotte, ajoelhada e encolhida, abraçava-o como se pudesse protegê-lo da batalha que se desenrolava ao redor, mas Tessa supôs pela palidez de Henry e por sua imobilidade, que era tarde demais para protegê-lo contra qualquer coisa.

Will avançou.

— Sem lâminas serafim! — gritou. — Lutem com outras armas! As lâminas dos anjos são inúteis!

Cecily ouviu o irmão e recuou assim que sua lâmina serafim atingiu o autômato que combatia — e se desfez como gelo seco, seu fogo apagado. Ela teve a presença de espírito de desviar por baixo do braço da criatura, exatamente quando Cyril e Bridget correram em sua direção, Cyril com um bastão pesado. O autômato caiu com o ataque de Cyril enquanto Bridget, uma ameaça voadora de cabelos vermelhos e lâminas de aço, abria caminho, passando por Cecily e indo para o lado de Charlotte, cortando os braços de dois autômatos com a espada antes de girar, de costas para Charlotte, como se pretendesse defender a líder do Instituto com a própria vida.

De repente, as mãos de Will estavam nos braços de Tessa. Ela viu um lampejo do rosto branco e rijo de Will enquanto ele a empurrava para Magnus, sibilando:

— *Fique com ela!*

Tessa começou a protestar, mas Magnus a agarrou, puxando-a para si enquanto Will corria para a briga, lutando até chegar à irmã.

Cecily combatia um autômato imenso, com peito largo e dois braços do lado direito. Sem a lâmina serafim, ela dispunha apenas de uma espada curta para se defender. O cabelo tinha começado a se soltar das presilhas enquanto ela atacava e apunhalava o ombro da criatura. O monstro rugiu como um touro, e Tessa estremeceu. Meu Deus, essas criaturas emitiam cada *barulho*; antes de Mortmain

mudá-los, eram silenciosos — eram *coisas*; agora eram *seres*. Seres malévolos, assassinos. Tessa começou a avançar quando o autômato que lutava contra Cecily agarrava a lâmina da arma da menina e a arrancava dela, puxando-a para a frente — ela ouviu Will gritar o nome da irmã...

E Cecily foi agarrada e jogada para o lado por um dos Irmãos do Silêncio. Em um redemoinho de túnicas, ele girou para encarar a criatura, com um bastão esticado. Quando o autômato avançou, o Irmão atacou com tanta força e velocidade que a criatura cambaleou para trás, o peito amassado. O autômato tentou avançar outra vez, mas o corpo estava deformado demais. Soltou um chiado furioso, e Cecily, cambaleando, levantou-se e gritou em alerta.

Outro autômato havia se erguido ao lado do primeiro. Enquanto o Irmão do Silêncio se virava, o segundo autômato arrancava o bastão e o agarrava, levantando-o do chão e envolvendo-o por trás com seus braços metálicos, como se o abraçasse. O capuz do Irmão caiu para trás, e seus cabelos prateados brilharam na câmara mal-iluminada como uma estrela.

Todo o ar deixou os pulmões de Tessa em um instante. O Irmão do Silêncio era Jem.

Jem.

Foi como se o mundo tivesse parado. Todas as figuras imóveis, inclusive os autômatos, congelados no tempo. Tessa começou a atravessar a sala em direção a Jem, e ele olhou para ela. Jem, com a túnica de um Irmão do Silêncio. Jem, cujos cabelos prateados, caindo sobre o rosto, tinham marcas pretas. Jem, cujas bochechas agora tinham dois cortes vermelhos iguais, um para cada uma delas.

Jem, que não estava morto.

Tessa, arrancada do súbito choque, ouviu Magnus falar alguma coisa, sentiu o feiticeiro alcançá-la pelo braço, mas ela se afastou dele e entrou na batalha. Ele gritou atrás dela, mas tudo que Tessa viu foi Jem — ele agarrando o braço do autômato, que o envolvia pela garganta, e não conseguindo encontrar nada no metal liso. O aperto ficou mais forte, e o rosto de Jem começou a se encher de sangue enquanto era estrangulado. Ela sacou a adaga, correndo pela passagem aberta à sua frente, mas sabia que era impossível, que não chegaria a tempo...

O autômato rugiu e caiu para a frente. Suas pernas tinham sido cortadas por trás, e, enquanto ele caía, Tessa viu Will se levantar com uma espada longa na mão. Ele esticou o braço para o autômato, como se pudesse alcançá-lo, impedir a

queda, mas o monstro já havia caído no chão, metade em cima de Jem, cujo bastão havia rolado da mão. O menino ficou deitado, imóvel, preso sob a imensa máquina.

Tessa correu, desviando sob o braço de uma criatura mecânica. Ouviu Magnus gritar alguma coisa atrás dela, mas o ignorou. Se conseguisse alcançar Jem antes que ele estivesse machucado demais ou esmagado... mas enquanto corria uma sombra bloqueou sua visão. Ela parou e olhou para o rosto de um autômato estrábico, alcançando-a com as garras.

A força da queda e o peso do autômato nas costas arrancaram o ar dos pulmões de Jem quando ele atingiu o chão com força suficiente para deixar marcas. Por um instante, estrelas dançaram diante de seus olhos, e ele lutou para respirar, o peito em espasmos.

Antes de se tornar um Irmão do Silêncio, antes de tocarem a primeira faca de ritual em sua pele e cortarem as linhas no rosto para que o processo de transformação tivesse início, a queda e o ferimento poderiam tê-lo matado. Agora, ao inspirar o ar de volta para os pulmões, se viu girando e alcançando o bastão, mesmo com a mão da criatura fechada em seu ombro.

E sentiu um tremor pelo corpo, provocado pela batida de metal contra metal. Jem pegou o bastão e o empunhou para cima, empurrando a cabeça do autômato para o lado, mesmo enquanto a parte superior do corpo metálico era levantada e jogada para o lado. Ele deu um chute no peso que ainda o prendia pelas pernas, e então isso também desapareceu, e Will estava ajoelhado ao lado dele, no chão. O rosto de Will estava pálido como cinzas.

— Jem — disse.

Houve um silêncio em volta dos dois, um intervalo na batalha, uma pausa misteriosa e atemporal. O peso de mil coisas marcava a voz de Will: incredulidade e assombro, alívio e traição. Jem começou a lutar para se apoiar nos cotovelos no mesmo instante em que a espada de Will, suja de óleo negro e fendida com entalhes, caiu no chão.

— Você está morto — disse Will. — Eu *senti* quando morreu — e pôs a mão no coração, na camisa manchada de sangue, onde se localizava o símbolo *parabatai*. — Aqui.

Jem alcançou a mão de Will, pegou-a com a sua, e pressionou os dedos do irmão de sangue contra o próprio pulso. Esforçou-se para que o *parabatai*

entendesse.

Sinta meu pulso, a batida do sangue sob a pele; Irmãos do Silêncio têm corações que batem. Os olhos azuis de Will se arregalaram.

— Eu não morri. Eu mudei. Poderia ter contado... se houvesse jeito...

Will o encarou, e seu peito subia e descia acelerado. O autômato havia arranhado um dos lados do rosto de Will. Ele sangrava de vários arranhões profundos, mas não parecia notar. Soltou a mão de Jem e exalou suavemente.

— *Roeddwn i'n meddwl dy fod wedi mynd am byth* — disse. Falou, sem pensar, em galês, mas Jem entendeu assim mesmo. Os símbolos dos Irmãos do Silêncio significavam que para ele não havia língua desconhecida.

Pensei que tivesse partido para sempre.

— Continuo aqui — disse Jem, então uma faísca passou pelo canto de seu olho, e ele se moveu velozmente, girando para o lado. Um machado de metal chiou no espaço pelo qual havia acabado de passar, e caiu no chão de pedra. Autômatos o cercaram, um anel de metal que zumbia.

Will se levantou, com a espada na mão, e eles ficaram de costas um para o outro enquanto Will dizia:

— Não há símbolo eficiente contra eles; precisam ser destruídos à força...

— Percebi. — Jem agarrou o bastão e atacou intensamente, empurrando um autômato contra uma parede próxima. Faíscas voaram da carapaça de metal.

Will atacou com a espada, cortando os joelhos de duas criaturas.

— Gostei desse seu taco — comentou.

— É um bastão. — Jem manejou a arma para empurrar outro autômato de lado. — Feito pelas Irmãs de Ferro apenas para os Irmãos do Silêncio.

Will avançou, cortando o pescoço de outro autômato. A cabeça rolou pelo chão, e uma mistura de óleo e vapor vazou da garganta cortada.

— Qualquer pessoa pode afiar um taco.

— É um *bastão* — repetiu Jem, e viu o sorriso de Will com o canto do olho. Jem queria retribuir, e houve um tempo em que o teria feito naturalmente, mas alguma coisa na mudança pela qual passou o colocou a anos-luz de distância dos mais simples gestos mortais.

O salão era uma massa de corpos em movimento e de armas agitadas; Jem não conseguia enxergar nenhum dos Caçadores de Sombras com clareza. Tinha consciência da presença de Will ao seu lado, movendo-se no mesmo ritmo de Jem, igualando cada golpe. Enquanto metal batia em metal, alguma parte interna

de Jem, alguma parte que havia se perdido sem que mesmo ele soubesse, sentiu prazer em lutar ao lado de Will pela última vez.

— Como queira, James — disse Will. — Como queira.

Tessa girou, elevando a adaga, e atacou o corpo metálico da criatura. A lâmina cortou com um terrível ruído, seguido por — o coração de Tessa ficou apertado — uma risada áspera.

— Srta. Gray — disse uma voz profunda, e ela levantou o olhar para ver a face lisa de Armaros. — Certamente, você é mais inteligente do que isso. Nenhuma arma tão pequena pode me cortar, tampouco você tem a força para isso.

Tessa abriu a boca para gritar, mas as mãos do autômato a alcançaram, e ele a levantou em seus braços, tapando a boca da menina para abafar-lhe o grito. Através do torpor de movimentos no recinto, do brilho das espadas e do metal, ela viu Will cortando o autômato que caiu em cima de Jem. Ele se esticou para retirá-lo, exatamente quando Armaros rosnou ao seu ouvido:

— Posso ser feito de metal, mas tenho o coração de um demônio, e meu coração de demônio quer consumir sua carne.

Armaros começou a carregar Tessa para trás, mesmo enquanto ela lutava, mesmo enquanto o chutava com as botas. Ele empurrou a cabeça da menina para o lado, e os dedos afiados rasgaram a pele da bochecha da jovem.

— Não pode me matar. — Ela engasgou. — Meu anjo protege minha vida...

— Ah, não. É verdade que não posso matá-la, mas posso machucá-la. E machucar muito. Não tenho carne com a qual sentir prazer, então meu único prazer é provocar dor. Enquanto o anjo no seu pescoço protege você, de acordo com as ordens do Magistrado, preciso me conter, mas se os poderes do anjo falhassem, se isso acontecesse, eu a destruiria com minhas mandíbulas metálicas.

Estavam fora do círculo de luta agora, e o demônio a carregava para uma alcova, semioculta por um pilar de pedra.

— Vá em frente. Prefiro morrer por suas mãos a me casar com Mortmain.

— Não se preocupe — respondeu ele, e, ao passo que falava sem ar, as palavras ainda pareciam um sussurro em sua pele, fazendo Tessa estremecer de horror. Dedos frios de metal cercaram seus braços como algemas enquanto ele a arrastava para as sombras. — Certificar-me-ei das duas coisas.

Cecily viu o irmão cortar o autômato que atacava o Irmão Zachariah. O rugido do metal ao cair para a frente agrediu os tímpanos de Cecily. Ela correu em direção a Will, pegou uma adaga do cinto e, em seguida, caiu quando algo se fechou em seu calcanhar, derrubando-a.

Ela tombou sobre os joelhos e cotovelos, e girou para ver que o que a atacou foi a mão decepada de um autômato. Cortada pelo pulso, com líquido negro vazando dos fios que ainda se projetavam do metal rasgado, os dedos agarravam seu uniforme. Ela virou e girou, golpeando a coisa até os dedos soltarem e caírem no chão como um caranguejo morto, tremendo levemente.

Ela rosnou de desgosto e levantou, cambaleando, apenas para descobrir que não sabia mais onde estavam Will ou o Irmão Zachariah. A sala era um borrão caótico de movimentos. Ela viu Gabriel, de costas para o irmão, uma pilha de autômatos mortos ao redor dos dois. O uniforme de combate de Gabriel estava rasgado no ombro, e ele sangrava. Cyril ficou caído no chão. Sophie se movera para perto dele, desenhando um círculo com a espada, a cicatriz lívida no rosto pálido. Cecily não estava vendo Magnus, mas identificou o rastro de faíscas azuis no ar, que indicava sua presença. E então havia Bridget, visível em lampejos entre os corpos em movimento das criaturas mecânicas: a arma, um borrão, os cabelos ruivos como uma bandeira ardente. E a seus pés...

Cecily começou a tentar abrir caminho por uma multidão que se aproximava. Na metade do caminho derrubou a adaga, pegando um machado de cabo longo que um dos autômatos havia derrubado. Achou-o surpreendentemente leve e emitiu um barulho muito satisfatório ao atingir o peito de um demônio mecânico que se esticou para agarrá-la, fazendo o autômato girar para trás.

E, em seguida, se viu pulando sobre uma pilha de autômatos caídos, a maioria destroçada, com os membros espalhados — sem dúvida, a origem da mão que a agarrou pelo calcanhar. Na outra extremidade da pilha, encontrava-se Bridget, rodando enquanto enfrentava a onda de monstros mecânicos que tentava avançar sobre Charlotte e Henry. Bridget dirigiu a Cecily apenas um olhar quando esta correu por ela e se ajoelhou ao lado da líder do Instituto.

— Charlotte — sussurrou Cecily.

Charlotte levantou os olhos. Estava com o rosto branco de choque, as pupilas tão dilatadas que pareciam ter engolido o castanho-claro dos olhos. Abraçava Henry, a cabeça dele caída nos ombros frágeis da esposa, cujas mãos o agarravam pelo peito. Ele parecia completamente inerte.

— Charlotte — repetiu Cecily. — Não temos como vencer esta luta.

Precisamos recuar.

— Não posso carregar Henry!

— Charlotte... não podemos mais ajudá-lo.

— Não, podemos sim — respondeu Charlotte furiosamente. — Ainda consigo sentir o pulso.

Cecily esticou a mão.

— Charlotte...

— Não sou louca! Ele está vivo! Está vivo, e não vou deixá-lo!

— Charlotte, o bebê — disse Cecily. — Henry ia querer que vocês se salvassem.

Algo piscou nos olhos de Charlotte, e ela apertou as mãos de Henry.

— Sem Henry, não podemos ir — respondeu. — Não sabemos fazer um Portal. Estamos presos nesta montanha.

Cecily perdeu o fôlego em um engasgo. Não tinha pensado nisso. O coração bateu um recado perverso em suas veias: *Vamos morrer. Vamos todos morrer.* Por que ela escolheu isso? Meu Deus, o que tinha feito? Levantou a cabeça, viu um lampejo familiar de azul e preto com o canto da visão — Will? O azul lembrava alguma coisa — através da fumaça...

— Bridget — disse ela. — Chame Magnus.

Bridget balançou a cabeça.

— Se eu deixá-las, morrerão em cinco minutos — afirmou. Como uma ilustração do argumento, ela rebateu com sua espada um autômato que vinha com tudo, como se estivesse cortando gravetos. A criatura caiu para os lados, partida ao meio em partes iguais.

— Você não entende — disse Cecily. — Precisamos de Magnus...

— Estou aqui. — E lá estava ele, aparecendo sobre Cecily tão repentina e silenciosamente que esta conteve um gritinho. Tinha um longo corte na clavícula, superficial, porém ensanguentado. Feiticeiros sangravam tão vermelho quanto humanos, ao que parecia. Olhou para Henry, e uma terrível tristeza passou por seu rosto. O olhar de um homem que já havia visto centenas de mortes, que já tinha perdido repetidas vezes e encarava a perda mais uma vez. — Meu Deus — falou. — Ele era um bom homem.

— Não — disse Charlotte. — Estou falando, senti o pulso... Não fale como se ele já estivesse...

Magnus se ajoelhou e esticou a mão para tocar as pálpebras de Henry. Cecily ficou imaginando se ele pretendia dizer "*av atque vale*", a despedida obrigatória

para Caçadores de Sombras, mas, em vez disso, ele retraiu a mão, cerrando os olhos. Um instante mais tarde, colocou os dedos na garganta de Henry. Murmurou alguma coisa em uma língua que Cecily não entendeu e, em seguida, se aproximou, levantando a mão para o queixo de Henry.

— Fraco — disse ele, um pouco para si mesmo —, fraco, mas o coração ainda bate.

Charlotte respirou fundo.

— Eu falei.

Os olhos de Magnus desviaram para ela.

— Falou. Sinto muito por não ter escutado com atenção. — Ele olhou novamente para Henry. — Agora fiquem quietos, todos vocês. — Levantou a mão que não estava na garganta de Henry e estalou os dedos. Imediatamente o ar ao redor pareceu engrossar e se solidificar como vidro. Uma cúpula dura apareceu sobre eles, prendendo Henry, Charlotte, Cecily e Magnus em uma bolha brilhante de silêncio. Através dela, Cecily ainda conseguia enxergar a sala em volta, a luta contra os autômatos, Bridget atacando de um lado para o outro. Lá dentro, tudo quieto.

Ela olhou rapidamente para Magnus.

— Você fez uma parede protetora.

— Sim. — Estava com a atenção voltada para Henry. — Muito bem.

— Não pode fazer uma para todo mundo e mantê-la assim? Manter todos protegidos?

Magnus balançou a cabeça.

— Mágica requer energia, pequena. Só conseguiria sustentar uma proteção dessas por um curto período, e, quando ela caísse, *eles* cairiam em *nós*. — Inclinou-se para a frente, murmurando alguma coisa, e uma faísca azul saltou de seu dedo para a pele de Henry. O fogo azul-claro pareceu penetrar, acendendo uma espécie de fogueira pelas veias do homem, como se Magnus tivesse acendido um fósforo em uma linha de pólvora, e traços de fogo queimavam-lhe os braços, percorrendo pescoço e rosto. Charlotte, que o segurava, engasgou quando o corpo dele tremeu e a cabeça levantou.

Os olhos de Henry se abriram. Tingidos pelo mesmo fogo que ardia-lhe nas veias.

— Eu... — A voz estava rouca. — O que aconteceu?

Charlotte começou a chorar.

— Henry! Ah, meu querido Henry. — Ela o abraçou e o beijou

freneticamente, e ele passou os dedos pelo cabelo da esposa e a manteve assim; Magnus e Cecily desviaram o olhar.

Quando finalmente Charlotte soltou Henry, ainda acariciando o cabelo do marido e murmurando, ele se esforçou para sentar e caiu novamente. Seus olhos encontraram os de Magnus, que olhou para baixo e para o lado, abaixando as pálpebras com exaustão e mais alguma coisa. Algo que fez o coração de Cecily se apertar.

— Henry — disse Charlotte, soando um pouco assustada —, a dor está muito forte? Você consegue levantar?

— A dor é pouca — respondeu. — Mas não consigo levantar. Não consigo sentir minhas pernas.

Magnus continuava olhando para baixo.

— Sinto muito — falou. — Existem coisas que a magia não pode fazer, alguns ferimentos que não pode tocar.

Foi terrível ver a expressão de Charlotte.

— *Henry*...

— Ainda consigo fazer o Portal — interrompeu Henry. Sangue pingava do canto da boca; ele limpou com a manga. — Podemos escapar daqui. Temos de recuar. — Tentou virar, olhar em volta, e fez uma careta, empalidecendo. — O que está acontecendo?

— Estamos em número muito menor — explicou Cecily. — Todos estão lutando para sobreviver...

— Para sobreviver, mas não para vencer? — perguntou Henry.

Magnus balançou a cabeça.

— Não podemos vencer. Não há esperança. Eles são muitos.

— E Tessa e Will?

— Will a encontrou — respondeu Cecily. — Estão aqui, no salão.

Henry fechou os olhos, respirando fundo, e os abriu novamente. O tom azul já tinha começado a desbotar.

— Então, precisamos fazer um Portal. Mas, primeiro, temos de chamar a atenção de todos: separá-los dos autômatos para que não sejamos todos sugados pelo Portal do Instituto. A última coisa que necessitamos é que alguma dessas Peças Infernais vá parar em Londres. — Ele olhou para Magnus. — Enfie a mão no bolso do meu casaco.

Enquanto Magnus esticava o braço, Cecily viu que sua mão tremia ligeiramente. Sem dúvida, o esforço de sustentar a proteção estava começando a

esgotá-lo.

Ele retirou a mão do bolso de Henry. Nela havia uma pequena caixa dourada, sem dobradiças nem aberturas visíveis.

As palavras de Henry saíram com dificuldade.

— Cecily... pegue, por favor. Pegue e jogue. O mais forte e mais longe que puder.

Magnus entregou a caixa para Cecily com dedos trêmulos. Estava quente em sua mão, apesar de ela não saber se era por causa de algum calor interno ou por estar no bolso de Henry.

Ela olhou para Magnus. Seu rosto estava esgotado.

— Vou abaixar a proteção agora — disse. — Jogue, Cecily.

Levantou as mãos. Faíscas voaram; a parede brilhou e desapareceu. Cecily retraiu o braço e jogou a caixa.

Por um instante, nada aconteceu. Então, veio uma implosão abafada, um barulho interno, como se tudo tivesse sido sugado por um enorme ralo. Os ouvidos de Cecily estalaram, e ela afundou para o chão, colocando as mãos nos lados da cabeça. Magnus também estava ajoelhado, e o pequeno grupo se acumulou, como se uma ventania intensa soprasse pelo recinto.

O vento rugiu, e, junto com o ruído deste, veio o som de metal rasgando e rangendo enquanto as criaturas mecânicas começavam a cambalear e tropeçar. Cecily viu Gabriel correr para fora do caminho enquanto um autômato caía a seus pés e começava a sofrer espasmos, com os braços e as pernas de ferro balançando como se estivessem no meio de um ataque histérico. Os olhos dela desviaram para Will e para o Irmão do Silêncio que lutava a seu lado e cujo capuz havia caído. Mesmo com tudo que estava acontecendo, Cecily sentiu um choque. O Irmão Zachariah era... *Jem*. Ela sabia, todos sabiam, que Jem tinha ido para a Cidade do Silêncio para se tornar um Irmão do Silêncio ou morrer tentando, mas que ele estaria bem o suficiente para estar aqui agora, com eles, lutando ao lado de Will como de costume, que ele teria força...

Ouviu-se uma batida quando um monstro mecânico caiu no chão entre Will e Jem, forçando-os a se separar. O cheiro parecia o que precedia uma tempestade.

— *Henry*... — O cabelo de Charlotte voou por seu rosto.

O rosto de Henry estava contorcido de dor.

— É... uma espécie de Pyxis. Feita para arrancar almas demoníacas de seus corpos. Antes da morte. Não tive tempo... de aperfeiçoá-la. Mas pareceu uma

tentativa válida.

Magnus se levantou, cambaleando. Sua voz se elevou sobre o som de metal amassando e dos gritos agudos dos demônios.

— Venham aqui! Todos vocês! *Reúnam-se, Caçadores de Sombra!*

Bridget se manteve firme, ainda lutando contra dois autômatos cujos movimentos se tornaram desajeitados e desequilibrados, mas os outros começaram a correr em direção a eles: Will, Jem, Gabriel... mas Tessa, onde estava Tessa? Cecily notou que Will percebeu a ausência de Tessa ao mesmo tempo que ela; ele se virou, com a mão no braço de Jem, e os olhos azuis examinaram a sala. Ela viu os lábios do irmão formarem a palavra "Tessa" apesar de não conseguir escutar nada com o uivo do vento e o barulho dos metais...

— *Pare.*

Um raio de luz prateada se lançou ao chão, como um garfo, do alto da cúpula, e explodiu pelo recinto como faíscas de uma queima de fogos. O vento se acalmou e cessou, deixando a sala com um silêncio ressonante.

Cecily levantou o olhar. Na galeria, a meia altura em direção à cúpula, viu um homem com um terno escuro elegante, um homem que reconheceu imediatamente.

Era Mortmain.

— *Pare*.

A voz ecoou pelo salão, enviando calafrios pelas veias de Tessa. Mortmain. Ela conhecia a fala, a voz, apesar de não conseguir enxergar nada além do pilar de pedra que ocultava a alcova para onde Armaros a arrastou. O demônio autômato continuou segurando-a com firmeza mesmo durante a explosão que balançou o recinto, seguida por uma ventania que passou pelo aposento, deixando-os intocados.

Agora fazia silêncio, e Tessa queria desesperadamente se livrar dos braços metálicos que a prendiam, correr pelo salão e verificar se algum de seus amigos, aqueles que amava, tinha sido ferido ou morto. Mas lutar contra ele era como lutar contra uma parede. Mesmo assim continuou chutando enquanto a voz de Mortmain soava novamente:

— Onde está a Srta. Gray? Tragam-na para mim.

Armaros emitiu um ruído estridente e entrou em ação. Ergueu Tessa pelos braços e a levou da alcova para o salão principal.

O cenário era de caos. Os autômatos permaneceram congelados, olhando para o mestre. Muitos estavam caídos no chão ou desmembrados. O piso estava escorregadio com uma mistura de sangue e óleo.

No centro, em um círculo, encontravam-se os Caçadores de Sombras e seus companheiros. Cyril se ajoelhou com um pedaço ensanguentado de atadura envolvendo sua perna. Perto dele, Henry, meio sentado, meio deitado nos braços de Charlotte. Estava pálido, tão pálido... Os olhos de Tessa encontraram os de Will quando ele levantou a cabeça e a viu. Um olhar de desalento passou por seu rosto, e ele avançou. Jem o segurou pela manga. Também olhava para Tessa; com olhos arregalados, escuros e apavorados. Ela desviou o olhar de ambos, para o alto, para Mortmain. Ele estava na grade da galeria acima, como um pastor em um púlpito, e sorriu para baixo.

— Srta. Gray — falou. — Que bom que se juntou a nós.

Ela cuspiu, sentindo gosto de sangue onde os dedos do autômato a arranharam na bochecha.

Mortmain ergueu uma sobrancelha.

— Coloque-a no chão — ordenou. — Mantenha as mãos nos ombros dela.

O demônio obedeceu com um riso baixo. Assim que os sapatos de Tessa tocaram o chão, ela se esticou, levantando o rosto e olhando com raiva para Mortmain.

— Dá azar ver a noiva antes do casamento — disse ela.

— De fato — disse Mortmain. — Mas azar para quem?

Tessa não olhou em volta. A visão do bando de autômatos e do pequeno grupo de Caçadores de Sombras, que eram tudo que se colocava entre os dois, era dolorosa demais.

— Os Nephilim já penetraram sua fortaleza — falou. — Haverá outros. Vão cercar seus autômatos e destruí-los. Renda-se agora e talvez consiga sair vivo.

Mortmain jogou a cabeça para trás e riu.

— Bravo, senhorita — disse ele. — Está cercada pela derrota e exige que eu me renda.

— Não estamos derrotados... — começou Will, e Mortmain chiou através de dentes cerrados, audível no salão ecoante. Ao mesmo tempo, todos os autômatos viraram as cabeças para Will; uma terrível sincronia.

— Nem uma palavra de vocês, Nephilim — disse Mortmain. — A próxima vez que algum de vocês falar será a última.

— Deixe-os ir — disse Tessa. — Isso não tem nada a ver com eles. Deixe-os

ir, e eu fico.

— Você não tem meios para barganhar — disse Mortmain. — Está enganada se acha que outros Caçadores de Sombras virão ajudar. Neste exato momento, boa parte do meu exército está destruindo seu Conselho. — Tessa ouviu Charlotte engasgar, um ruído baixo e abafado. — Muito inteligente da parte dos Nephilim se reunirem em um mesmo lugar, para que eu pudesse dar um só golpe.

— Por favor — disse Tessa. — Não faça nada com eles. Suas mágoas contra os Nephilim não passam disso. Mas se estiverem todos mortos, quem vai aprender com sua vingança? Quem vai reparar? Se não houver quem aprenda com o passado, ninguém transmitirá suas lições. Deixe que vivam. Permita que transmitam seus ensinamentos no futuro. Eles podem ser seu legado.

Ele assentiu pensativamente, como se pesasse as palavras de Tessa.

— *Vou* poupá-los; vou mantê-los aqui, como nossos prisioneiros. Isso a manterá satisfeita e obediente — a voz ficou mais severa —, porque você os ama e porque se tentar escapar, matarei *todos*. — Ele fez uma pausa. — O que me diz, senhorita Gray? Fui generoso e agora me deve gratidão.

O único ruído no salão foi o rangido dos autômatos e do próprio sangue de Tessa latejando em seus ouvidos. Percebia agora o que a Sra. Black quis dizer na carruagem. *E quanto mais sabe sobre eles, mais solidariedade tem a eles e maior será sua eficiência como arma para destruí-los*. Tessa havia se tornado uma Caçadora de sombras, mesmo que não completamente como eles. Importava-se com eles e os amava, e Mortmain utilizaria esse carinho e amor para manipulá-la. Para salvar quem amava, condenaria a todos. No entanto, permitir que Will e Jem, Charlotte e Henry, Cecily e os outros morressem era impensável.

— Sim. — Ela ouviu Jem, ou teria sido Will, emitir um ruído abafado. — Sim, eu aceito. — Tessa olhou para cima. — Diga ao demônio que me solte e subirei até você.

Ela viu os olhos de Mortmain se cerrarem.

— Não — disse ele. — Armaros, traga-a para mim.

As mãos do demônio apertaram os braços dela; Tessa mordeu o lábio de dor. Como em solidariedade, o anjo mecânico na garganta vibrou.

Poucos podem reclamar um único anjo que os guarde. Mas você pode.

A mão de Tessa foi para o pescoço. O anjo pareceu bater sob seus dedos, como se respirasse, como se tentasse lhe comunicar alguma coisa. Sua mão apertou em torno dele, as pontas das asas cortando sua palma. Pensou no sonho.

E... esta é sua forma verdadeira? É assim?

Vê apenas uma fração do que sou. Em minha verdadeira forma, sou uma glória mortal.

As mãos de Armaros se fecharam nos braços de Tessa.

Seu anjo mecânico contém um pedaço do espírito de um anjo, Mortmain dissera. Ela pensou na marca branca de estrela que o anjo deixou no ombro de Will. Pensou no rosto liso, lindo e imóvel do anjo, nas mãos frias que a seguraram quando caiu da carruagem da Sra. Black para as turbulentas águas abaixo.

O demônio começou a levantá-la.

Tessa pensou no sonho.

Respirou fundo. Não sabia se o que estava prestes a fazer era sequer possível ou se era apenas loucura. Enquanto Armaros a levantava com as mãos, ela fechou os olhos, alcançando com a mente, *dentro* do anjo mecânico. Tropeçou por um momento pelo espaço escuro, em seguida para um limbo cinzento, buscando aquela luz, a faísca do espírito, aquela *vida*...

E lá estava, uma chama súbita, uma fogueira, mais luminosa do que qualquer faísca que já houvesse visto. Alcançou-a, enrolando-se, como bobinas de fogo branco que ardiam e marcavam sua pele. Tessa gritou...

E se Transformou.

Fogo branco explodiu por suas veias. Ela se elevou, o uniforme de combate rasgou e caiu, e a luz ardeu ao redor. Ela era fogo. Uma estrela cadente. Os braços de Armaros foram arrancados do corpo de Tessa — silenciosamente, ele derreteu e se dissolveu, incinerado pelo fogo divino que ardia por ela.

Ela estava voando — voando para o alto. Não, estava se elevando, *crescendo*. Seus ossos se esticaram e alongaram, como uma estrutura se expandindo para fora e para cima enquanto ela crescia absurdamente. Sua pele estava dourada, e aumentava e rasgava enquanto ela subia como o pé de feijão do velho conto de fadas, e onde a pele rasgava, substância dourada vazava dos ferimentos. Cachos como raspas de metal branco e quente cresciam de sua cabeça, cercando seu rosto. E das costas surgiam asas — asas imensas, maiores do que as de qualquer pássaro.

Ela supôs que devesse se apavorar. Ao olhar para baixo, viu os Caçadores de Sombras encarando-a, boquiabertos. Toda a sala foi preenchida por uma luz devastadora, que vinha *dela*. Ela havia *se tornado* Ithuriel. O fogo divino dos

anjos ardia através dela, queimando seus ossos, agredindo seus olhos. Mas sentiu apenas uma calma firme.

Estava a 6 metros do chão, com os olhos fixos em Mortmain, que havia congelado de pavor, agarrando a grade da bancada. O anjo mecânico, afinal, fora um presente dele para a mãe. Jamais devia ter imaginado que seria utilizado desta forma.

— Não é possível — disse ele, rouco. — Não é possível...

Você aprisionou um anjo do Céu, disse Tessa, apesar de não ser sua voz falando, mas a de Ithuriel que se comunicava através dela. A voz dele ecoou por seu corpo como a vibração de um gongo. Distante, ela se viu imaginando se seu coração estava batendo — anjos tinham coração? Será que isso a mataria? Se matasse, valeria a pena. *Tentou criar vida. Vida é a competência do Céu. E o Céu não gosta de usurpadores.*

Mortmain se virou para correr. Mas ele era lento, como todos os humanos. Tessa esticou a mão, a mão de Ithuriel, e a fechou nele enquanto tentava correr, levantando-o do chão. Ele se contorcia, já queimando, enquanto Tessa cerrava a garra, esmagando o corpo dele em uma gelatina de sangue vermelho e ossos brancos.

Ela abriu os dedos. O corpo esmagado de Mortmain caiu, batendo no chão entre os próprios autômatos. Houve um tremor, um grande grito metálico, como se um prédio desmoronasse, e os autômatos começaram a cair, um por um, sucumbindo ao chão, mortos sem seu Magistrado para animá-los. Um jardim de flores de metal, secando e morrendo uma por uma, e os Caçadores de Sombras estavam no centro, olhando em volta, assombrados.

E, então, Tessa percebeu que ainda tinha um coração, pois este pulou de alegria ao vê-los vivos e seguros. Contudo, enquanto esticava para eles as mãos douradas — uma agora manchada de vermelho, com o sangue de Mortmain misturado à substância dourada de Ithuriel —, eles se encolheram por causa do brilho da luz que a cercava. *Não, não*, queria dizer, *eu jamais os machucaria*, mas as palavras não vieram. Ela não conseguia falar; o ardor era forte demais. Lutou para encontrar o caminho de volta a si, queria se Transformar em Tessa outra vez, mas estava perdida no fogo, como se tivesse caído no coração do sol. Uma agonia de chamas explodiu nela, e ela sentiu que começava a cair, com o anjo mecânico vermelho e quente em sua garganta. *Por favor*, pensou ela, mas tudo era fogo e ardor, e ela caiu, inconsciente, na luz.

22

Trovão na Trombeta

Pois até que venha o trovão na trombeta,
A alma pode se separar do corpo, mas nós não
Nos separaremos um do outro.
— Algernon Charles Swinburne, "Laus Veneris"

Criaturas mecânicas tiraram Tessa das brumas negras. O fogo corria por suas veias, e, quando ela olhou para baixo, estava com a pele rachada e cheia de bolhas, e substância dourada escorria em rios por seus braços. Ela viu os infinitos campos do Paraíso, viu um céu constantemente ardente com um brilho que cegaria qualquer humano. Viu nuvens prateadas nas beiradas, como lâminas, e sentiu o vazio gelado dos corações dos anjos.

— *Tessa*. — Era Will; ela reconheceria seu jeito de falar em qualquer lugar. — *Tessa, acorde, acorde. Tessa, por favor*.

Pôde ouvir a dor na voz dele, e queria alcançá-lo, mas, ao levantar os braços, as chamas se elevavam e queimavam seus dedos. Suas mãos viraram cinzas e voaram ao vento quente.

Tessa se debateu na cama em um delírio de febre e pesadelos. Os lençóis, retorcidos sobre ela, estavam ensopados de suor, os cabelos grudados às têmporas. A pele, sempre pálida, quase transparente, mostrava o mapeamento das veias e a forma dos ossos. O anjo mecânico estava em seu pescoço; vez ou outra, ela o pegava e gritava com uma voz perdida, como se o toque doesse.

— Ela está em tanta agonia. — Charlotte mergulhou um pano em água fria e o pressionou contra a testa ardente de Tessa. A menina emitiu um ruído de protesto contra o toque, mas não tentou bater na mão de Charlotte, que gostaria

de acreditar que era porque os panos molhados estavam ajudando, mas sabia que era mais provável que Tessa estivesse simplesmente exausta. — Não há mais nada que possamos fazer?

O fogo do anjo está deixando seu corpo. O Irmão Enoch, ao lado de Charlotte, falou com seu sussurro sombrio e onidirecional. *Vai demorar o tempo que demorar. Ficará livre da dor quando acontecer.*

— Mas ela vai sobreviver?

Sobreviveu até aqui. O Irmão do Silêncio soou severo. *O fogo deveria tê-la matado. Teria matado qualquer ser humano normal. Mas ela é parte Caçadora de Sombras, parte demônio, e era protegida pelo anjo cujo fogo clamou. Ele a protegeu mesmo naqueles últimos momentos enquanto ardia e queimava a própria forma corpórea.*

Charlotte não pôde deixar de se lembrar da sala circular sob Cadair Idris, de Tessa avançando e se transformando de garota a chamas, ardendo como uma coluna de fogo, os cabelos passando de fios a faíscas, a luz ofuscante e assustadora. Ajoelhada no chão, ao lado do corpo de Henry, Charlotte ficou imaginando como anjos podiam arder daquele jeito e viver.

Quando o anjo deixou Tessa, ela caiu, com as roupas penduradas em farrapos e a pele coberta por marcas, como se ela tivesse sido queimada. Vários Caçadores de Sombras correram para o lado dela entre autômatos abatidos, apesar de ter sido tudo um borrão para Charlotte — eram cenas vistas através das lentes trêmulas do terror que sentia por Henry: Will levantou Tessa em seus braços; a fortaleza do Magistrado começou a se fechar, portas bateram enquanto corriam pelos corredores, e o fogo azul de Magnus iluminou uma rota de fuga. A criação de um segundo Portal. Mais Irmãos do Silêncio aguardando no Instituto, com mãos e faces cheias de cicatrizes, bloqueavam Charlotte enquanto se fechavam em torno de Henry e Tessa. Will olhando para Jem, com a expressão apavorada. Ele recorreu ao *parabatai*.

— James — dissera. — Pode descobrir... o que estão fazendo com ela... se vai sobreviver...

Mas o Irmão Enoch se colocou entre eles.

O nome dele não é James Carstairs, dissera. *Agora é Zachariah.*

O olhar de Will, a maneira como abaixou a mão...

— Deixe que ele fale por si próprio.

Mas Jem apenas se virou, se afastou de todos eles, e saiu do Instituto. Will o observou sair, incrédulo, e Charlotte se lembrou da primeira vez em que os

meninos se encontraram: *está mesmo morrendo? Sinto muito.*

Foi Will, espantado e incrédulo, que explicou a todos eles, pausadamente, a história de Tessa: a função do anjo mecânico, o conto dos desafortunados Starkweather, e a forma não ortodoxa pela qual ela foi concebida. Aloysius tinha razão, pensou Charlotte. Tessa era sua bisneta. Uma descendente que ele jamais conheceria, pois fora morto no massacre do Conselho.

Charlotte não conseguia deixar de imaginar como teria sido quando as portas do Conselho se abriram e os autômatos invadiram. Não era obrigatório que o Conselho se reunisse sem armas, mas não estavam preparados para o combate. E a maioria dos Caçadores de Sombras jamais havia enfrentado um autômato. Só de imaginar o ataque teve calafrios. Sentia-se oprimida pela enormidade da perda para o mundo dos Caçadores de Sombras, embora pudesse ter sido bem pior se Tessa não tivesse feito o sacrifício. Todos os autômatos sucumbiram com a morte de Mortmain, mesmo aqueles nos salões do Conselho, e a maioria dos Caçadores de Sombras sobreviveu, apesar de ter havido muitas baixas — incluindo o Cônsul.

— Parte demônio e parte Caçadora de Sombras — murmurava Charlotte agora, olhando para Tessa. — O que isso faz dela?

Sangue Nephilim é dominante. Uma nova espécie de Caçadora de Sombras. Novo nem sempre é ruim, Charlotte.

Foi por causa desse sangue Nephilim que foram longe a ponto de tentar aplicar símbolos em Tessa, mas as Marcas simplesmente afundaram em sua pele e desapareceram, como palavras escritas em água. Charlotte agora esticava o braço para tocar a clavícula da menina, onde o símbolo foi marcado. Sua pele estava quente ao toque.

— O anjo mecânico — observou Charlotte. — Parou de bater.

A presença do anjo o deixou. Ithuriel está livre, e Tessa sem proteção, embora com a morte do Magistrado e pelo fato de ser uma Nephilim, provavelmente ela esteja segura. Contanto que não tente se transformar em anjo outra vez. Isso certamente a mataria.

— Há outros perigos.

Todos devemos enfrentar perigos, disse o Irmão Enoch. Era a mesma voz fria, mental e imperturbável que utilizou ao informá-la que Henry viveria, mas não voltaria a andar.

Na cama, Tessa se mexeu, gritando com a voz seca. Enquanto dormia, desde a batalha, chamava nomes. Chamou Nate, a tia e Charlotte.

— Jem — sussurrou agora, agarrando a colcha.

Charlotte deu as costas para Enoch ao pegar novamente o pano e passá-lo na testa de Tessa. Sabia que não deveria perguntar, mas...

— Como ele está? Nosso Jem? Ele está... se adaptando à Irmandade?

Sentiu a reprovação de Enoch.

Sabe que não posso falar disso. Ele não é mais seu Jem. Agora é o Irmão Zachariah. Precisa se esquecer dele.

— Esquecê-lo? Não posso esquecê-lo — respondeu Charlotte. — Ele não é como seus outros Irmãos, Enoch; sabe disso.

Os rituais que fazem um Irmão do Silêncio são nossos segredos mais profundos.

— Não estou pedindo para saber dos rituais — argumento ela. — Mas sei que a maioria dos Irmãos do Silêncio rompe os laços com suas vidas mortais antes de ingressarem na Irmandade. James não pôde fazer isso. Ele ainda tem aquela característica que o prende a este mundo. — Olhou para Tessa, cujas pálpebras tremiam enquanto respirava asperamente. — É uma corda que os prende, um ao outro, e, a não ser que seja dissolvida adequadamente, temo que possa ferir os dois.

"Ela vem, minha, meu doce;
Passos tão graciosos,
Meu coração a ouviria e bateria,
Se fosse a terra de um canteiro;
Meu mundo de terra a ouviria e bateria,
Se eu tivesse passado um século morto;
Tremeria sob seus pés
E floresceria em roxo e vermelho."

— Céus — disse Henry, irritado, enquanto puxava as mangas sujas de tinta do robe. — Não pode ler algo menos deprimente? Alguma coisa com uma boa batalha.

— É Tennyson — respondeu Will, e deslizou os pés para fora do divã perto do fogo. Estavam na sala de estar, a cadeira de Henry perto da lareira e um

caderno aberto em seu colo. Ele continuava pálido desde a batalha em Cadair Idris, apesar de estar começando a recuperar a cor. — Vai expandir sua mente.

Antes que Henry pudesse responder, a porta se abriu, e Charlotte entrou, parecendo exausta, as mangas bordadas do vestido com manchas de água. Will imediatamente pousou o livro, e Henry também levantou os olhos do caderno.

Charlotte olhou de um para o outro e notou o livro sobre a mesa ao lado do chá.

— Andou lendo para Henry, Will?

— Sim, uma porcaria cheia de poesia. — O marido segurava uma caneta e tinha papéis espalhados pelo colo e sobre a coberta.

Henry recebeu com a força habitual a notícia de que nem a cura dos Irmãos do Silêncio o faria voltar a andar. E com a convicção de que precisava construir uma cadeira, como uma espécie de cadeira de banho, mas melhor, com rodas que se guiassem sozinhas e vários outros equipamentos. Estava determinado a conseguir subir e descer escadas, para poder continuar acessando suas invenções no porão. Durante toda a hora em que Will leu "Maud", ele rabiscara desenhos da cadeira, pois poesia nunca fora um de seus interesses.

— Bem, Will, você está liberado de suas obrigações, e, Henry, das poesias — disse Charlotte. — Se quiser, querido, posso ajudá-lo a reunir as anotações... — Ela contornou a cadeira do marido e esticou o braço por cima do ombro dele, ajudando a juntar os papéis em uma pilha. Ele a segurou pelo pulso enquanto ela se movia e olhou para ela: um olhar de tanta confiança e adoração que fez Will ter a impressão de que pequenas facas cortavam-lhe a pele.

Não que invejasse Charlotte e Henry pela felicidade compartilhada — longe disso. Mas não podia deixar de pensar em Tessa. Nas esperanças que cultivou e depois reprimiu. Imaginava se algum dia ela o olharia assim. Achava que não. Empenhou-se tanto em destruir sua confiança e, apesar de tudo, queria ter uma chance verdadeira de refazê-la, não podia deixar de temer...

Will afastou os pensamentos sombrios e se levantou, prestes a explicar que pretendia ver Tessa. Antes que pudesse falar, ouviu uma batida à porta, e Sophie entrou, parecendo muito ansiosa. A ansiedade foi explicada logo depois quando o Inquisidor a seguiu para dentro da sala.

Will, acostumado a vê-lo com túnicas cerimoniais em reuniões do Conselho, quase não reconheceu o homem severo com o casaco cinza e as calças escuras. Tinha uma cicatriz na bochecha que não estava ali antes.

— Inquisidor Whitelaw — Charlotte se esticou, com a expressão subitamente

séria. — A que devo a honra da visita?

— Charlotte — disse o Inquisidor, e estendeu a mão. Trazia uma carta com o selo do Conselho. — Trouxe um recado para você.

Charlotte o olhou, espantada.

— Não podia ter enviado?

— Esta carta é de suma importância. É imperativo que a leia agora.

Lentamente, Charlotte esticou o braço e a pegou. Puxou a dobra, em seguida, franziu o rosto e atravessou a sala para pegar um abridor de cartas da escrivaninha. Will aproveitou a oportunidade para olhar dissimuladamente para o Inquisidor. O homem estava com o rosto franzido para Charlotte e ignorou Will solenemente. Will não pôde deixar de imaginar se a cicatriz seria uma relíquia da batalha do Conselho com os autômatos de Mortmain.

Ele não tivera dúvida de que todos morreriam juntos, sob a montanha, e então Tessa voou em toda a glória do anjo e atingiu Mortmain como um raio caindo em uma árvore. Foi uma das coisas mais impressionantes que já vira, mas o assombro logo foi consumido pelo terror quando ela caiu após a Transformação, sangrando e inconsciente, por mais que ele tentasse acordá-la. Magnus, exausto, mal deu conta de abrir um Portal para o Instituto com a ajuda de Henry, e Will lembrava-se apenas de um borrão depois disso, um borrão de fadiga, sangue e medo, mais Irmãos do Silêncio convocados para atender os feridos, e a notícia do Conselho de que todos foram mortos na batalha, antes dos autômatos se desintegrarem com a morte de Mortmain. E Tessa — Tessa sem falar, sem acordar, sendo carregada para o quarto pelos Irmãos do Silêncio, e ele sem poder acompanhá-la. Por não ser irmão nem marido, só podia ficar parado e esperar, abrindo e fechando as mãos sujas de sangue. Jamais havia se sentido tão desamparado.

E quando se virou para encontrar Jem, para compartilhar seu medo com a única pessoa no mundo que amava Tessa tanto quanto ele — Jem se fora, de volta à Cidade do Silêncio, por ordens dos Irmãos. Ele se fora sem dizer nada, sem se despedir.

Apesar de Cecily ter tentado confortá-lo, Will estava irritado — irritado com Jem e com o Conselho, e com a própria Irmandade, por permitirem que ele se tornasse um Irmão do Silêncio apesar de Will saber que isso era injusto, que a escolha tinha sido de Jem e que foi a única forma de mantê-lo vivo. No entanto, desde o retorno ao Instituto, Will se sentia constantemente nauseado — como se

há anos vivesse em um navio ancorado e, de repente, tivesse sido solto para navegar pelas marés, sem saber que direção seguir. E Tessa...

O som de papel rasgando interrompeu seus pensamentos enquanto Charlotte abria a carta e a lia, empalidecendo. Ela levantou os olhos e encarou o Inquisidor.

— Isso é alguma brincadeira?

A carranca do Inquisidor se intensificou.

— Não é brincadeira, garanto a você. Tem uma resposta?

— Lottie — disse Henry, olhando para a esposa, e até seus cabelos ruivos irradiavam ansiedade e amor. — Lottie, o que foi? Qual é o problema?

Ela olhou para ele, depois para o Inquisidor.

— Não — respondeu. — Não tenho uma resposta. Ainda não.

— O Conselho não quer... — começou, e em seguida pareceu notar Will pela primeira vez. — Se eu puder conversar com você em particular, Charlotte.

Charlotte se empertigou.

— Não vou pedir que Henry e Will se retirem.

Os dois homens se entreolharam, com olhares firmes. Will sabia que Henry o fitava com ansiedade. Depois do desentendimento entre Charlotte e o Cônsul, todos esperaram impacientemente que o Conselho entregasse alguma espécie de avaliação. O controle sobre o Instituto parecia precário. Will percebeu isso no singelo tremor das mãos e na rigidez da boca de Charlotte.

De repente, desejou que Jem ou Tessa estivessem aqui, alguém com quem pudesse falar, para quem pudesse perguntar o que poderia fazer por Charlotte, a quem tanto devia.

— Tudo bem — disse ele, levantando. Queria ver Tessa, mesmo que ela não abrisse os olhos e não o reconhecesse. — Estava mesmo de saída.

— Will... — protestou Charlotte.

— Tudo bem, Charlotte — repetiu Will, e passou pelo Inquisidor, seguindo para a porta. Uma vez no corredor, apoiou-se contra a parede por um instante, para se recuperar. Não pôde deixar de se lembrar de suas próprias palavras; meu Deus, parecia que tinha sido há um milhão de anos e não tinha mais nenhuma graça: *o Cônsul? Interrompendo nosso café da manhã? Qual será a próxima surpresa? O Inquisidor vem tomar chá?*

Se o Instituto fosse tirado de Charlotte...

Se todos perdessem a casa...

Se Tessa...

Não conseguiu concluir o pensamento. Tessa viveria; tinha de viver.

Enquanto ele partia pelo corredor, pensou nos azuis, verdes e cinza de Gales. Talvez pudesse voltar para lá, com Cecily, se o Instituto fosse perdido, podiam constituir uma vida em seu país natal. Não seria igual à de Caça às Sombras, mas sem Charlotte, sem Henry, sem Jem, Tessa, Sophie ou até mesmo os malditos Lightwood, ele não queria ser Caçador de Sombras. Eram sua família, e eram preciosos para ele — e apenas tarde demais, pensou, compreendeu isso.

— *Tessa. Acorde. Por favor, acorde.*

Agora era a voz de Sophie, cortando a escuridão. Tessa lutou, forçando os olhos a se abrirem por uma fração de segundos. Viu seu quarto no Instituto, a mobília familiar, as cortinas abertas, a fraca luz do sol projetando quadrados no chão. Ela fez um esforço para segurar a realidade. Era assim: breves períodos de lucidez entremeados por febre e pesadelos — nunca o bastante, nunca o suficiente para se manifestar, falar. *Sophie*, lutou para sussurrar, mas os lábios secos não conseguiam. Um raio passou por sua visão e dividiu o mundo. Ela gritou em silêncio enquanto o Instituto ruía e escapava dela na escuridão.

Foi Cyril quem finalmente contou a Gabriel que Cecily estava no estábulo, depois que o mais novo dos Lightwood passou boa parte do dia procurando-a em vão — embora torcesse para não parecer óbvio — pelo Instituto.

Veio o crepúsculo, e o estábulo estava cheio de luzes quentes e amareladas, e do cheiro de cavalos. Cecily agora estava perto de Balios, com a cabeça apoiada no pescoço do grande cavalo negro. Seus cabelos, quase da mesma cor, estavam soltos sobre os ombros. Ao virar para olhar para ele, Gabriel notou o brilho vermelho do rubi em sua garganta.

Um olhar de preocupação passou pelo rosto da menina.

— Aconteceu alguma coisa com Will?

— Will? — Gabriel se espantou.

— Pensei... o jeito como me olhou... — Ela suspirou. — Ele anda tão estressado nos últimos dias. Como se não bastasse Tessa doente e ferida, saber o que sabe sobre Jem... — E balançou a cabeça. — Tentei conversar sobre isso, mas ele não diz nada.

— Acho que está falando com Jem agora — disse Gabriel. — Confesso que não conheço seu estado mental. Se quiser, posso...

— Não. — A voz de Cecily soou quieta. Seus olhos azuis estavam fixos em algo distante. — Deixe-o quieto.

Gabriel deu alguns passos à frente. O brilho amarelo e suave da luz aos pés de Cecily projetava um ligeiro brilho dourado sobre sua pele. Ela não estava de luvas e tinha as mãos muito brancas contra o pelo negro do cavalo.

— Eu... — começou. — Você parece gostar muito desse cavalo.

Silenciosamente, ele se repreendeu. Lembrou-se do pai uma vez dizendo que as mulheres, o sexo frágil, gostavam de ser galanteadas com palavras charmosas e frases enérgicas. Ele não sabia ao certo o que exatamente era uma frase enérgica, mas sabia que "você parece gostar muito desse cavalo" não se aplicava.

Mas Cecily não pareceu se importar. Afagou distraidamente o cavalo antes de virar para Gabriel.

— Balios salvou a vida do meu irmão.

— Você vai embora? — perguntou Gabriel subitamente.

Os olhos da menina se arregalaram.

— O que foi isso, Sr. Lightwood?

— Não. — Ele levantou a mão. — Não me chame de Sr. Lightwood, por favor. Somos Caçadores de Sombras. Para você, sou Gabriel.

As bochechas de Cecily enrubesceram.

— Gabriel, então. Por que me perguntou se vou embora?

— Você veio para buscar seu irmão — respondeu Gabriel. — Mas é evidente que ele não vai, certo? Está apaixonado por Tessa. Vai ficar onde ela estiver.

— Talvez ela não fique aqui — disse Cecily, com olhos enigmáticos.

— Acho que vai. Mesmo que não fique, ele vai aonde ela for. E Jem... Jem se tornou um Irmão do Silêncio. Ainda é Nephilim. Se Will espera vê-lo novamente, e acho que sabemos que é este o caso, vai ficar. Os anos o transformaram, Cecily. A família dele agora é aqui.

— Acha que está me contando algo que eu ainda não tenha notado? O coração de Will está aqui, e não em Yorkshire, em uma casa onde nunca morou, com pais que não vê há anos.

— Então, se ele não pode ir para casa... pensei que talvez você fosse.

— Para que meus pais não fiquem sozinhos. Sim. Entendo por que pensa isso. — Ela hesitou. — Você sabe, é claro, que em alguns anos deverei me casar e deixar meus pais.

— Mas não para deixar de falar com eles para sempre. Eles estão em exílio, Cecily. Se permanecer aqui, vai ter de se separar deles.

— Diz isso como se quisesse me convencer a voltar.

— Digo porque temo que o faça. — As palavras deixaram sua boca antes que pudesse contê-las; só conseguia olhar para ela enquanto uma onda de embaraço esquentava seu rosto.

Ela deu um passo em direção a ele. Seus olhos azuis, fixos nos dele, se arregalaram. Gabriel ficou imaginando quando eles tinham deixado de lembrá-lo os olhos de Will; eram apenas os olhos de Cecily, um tom de azul que associava apenas a ela.

— Quando vim para cá — disse ela —, achava que os Caçadores de Sombras fossem monstros. Acreditava que precisava resgatar meu irmão. Achava que fôssemos voltar juntos para casa e que meus pais teriam orgulho de nós dois. Que voltaríamos a ser uma família. Então, percebi; você me ajudou a perceber...

— Eu ajudei? Como?

— Seu pai não lhe deu escolhas — disse ela. — Exigiu que você fosse o que ele queria. E essa exigência dividiu sua família. Mas meu pai escolheu deixar os Nephilim e casar com minha mãe. Foi escolha *dele*, assim como ficar com os Caçadores de Sombras é escolha de Will. Escolher entre o amor e a guerra: ambas escolhas corajosas, à sua maneira. Não acho que meus pais sintam rancor pela escolha de Will. Acima de tudo, para eles o que importa é que ele seja feliz.

— Mas e você? — perguntou Gabriel, e agora estavam muito próximos, quase se tocando. — Agora a escolha é sua: ficar ou voltar.

— Vou ficar — respondeu Cecily. — Escolho a guerra.

Gabriel soltou o ar que não sabia que estava prendendo.

— Vai abrir mão de sua casa?

— Uma casa velha e fria em Yorkshire? — respondeu Cecily. — Estamos em Londres.

— E desistir do que é familiar?

— O familiar é monótono.

— Desistir de ver seus pais? É contra a Lei...

Ela sorriu, o esboço de um sorriso.

— Todos transgridem a Lei.

— Cecy — disse ele, diminuindo a distância entre os dois, apesar de não ser muita, e, em seguida, beijando-a: as mãos desajeitadas sobre seus ombros inicialmente, deslizava pelo tafetá engomado do vestido antes de os dedos irem para trás de sua cabeça, acariciando seus cabelos suaves e quentes. Ela se retesou

com a surpresa antes de amolecer contra ele, os lábios se abrindo enquanto ele sentia o gosto doce da boca de Cecily. — Cecy? — repetiu ele, com voz rouca.

— Cinco — disse ela. Seus lábios e bochechas estavam ruborizados, mas o olhar muito firme.

— Cinco? — repetiu ele, confuso.

— Minha avaliação — disse ela, e sorriu para ele. — Sua habilidade e técnica talvez exijam trabalho, mas certamente o talento nato está aí. O que precisa é de *prática*.

— Está disposta a ser minha tutora?

— Eu ficaria muito ofendida se você escolhesse outra — respondeu, e se inclinou para beijá-lo novamente.

Quando Will entrou no quarto de Tessa, Sophie estava sentada ao lado da cama, murmurando suavemente. Ela virou quando a porta se fechou atrás de Will. Os cantos de sua boca pareciam comprimidos e preocupados.

— Como ela está? — perguntou ele, enfiando as mãos nos bolsos da calça. Doía ver Tessa assim, como se uma lasca de gelo tivesse se alojado sob suas costelas e perfurasse seu coração. Sophie havia trançado os longos cabelos castanhos de Tessa para que não emaranhassem quando ela sacudisse a cabeça contra os travesseiros. Ela respirava rapidamente, o peito subia e descia velozmente, e os olhos se moviam sob as pálpebras pálidas. Ele ficou imaginando o que ela estaria sonhando.

— Do mesmo jeito — respondeu Sophie, que se levantou graciosamente e cedeu a cadeira para ele. — Está chamando novamente.

— Alguém em particular? — perguntou Will, então se arrependeu imediatamente. Sem dúvida, sua motivação era ridiculamente transparente.

Os olhos escuros de Sophie desviaram-se dos dele.

— O irmão — respondeu. — Se quiser alguns momentos a sós com a Srta. Tessa...

— Sim, por favor, Sophie.

Ela parou na porta.

— Mestre William — falou.

Depois de se ajeitar na poltrona ao lado da cama, Will olhou para ela.

— Sinto muito por ter pensado e falado tão mal de você ao longo dos anos — disse Sophie. — Agora entendo que só estava fazendo o que todos nós tentamos

fazer. O melhor.

Will esticou a mão e a colocou sobre a mão esquerda de Tessa, que agarrava febrilmente a colcha.

— Obrigado — falou, sem conseguir olhar diretamente para Sophie; logo depois ouviu a porta se fechar suavemente.

Olhou para Tessa. Ela estava momentaneamente quieta, e os cílios batiam enquanto respirava. As olheiras sob os olhos de Tessa eram azul-escuros. As veias, delicadas nas têmporas e nos pulsos. Lembrou-se dela ardendo em glória; era impossível acreditar em sua fragilidade, mas ali estava ela. A mão de Tessa repousava quente na dele, e quando ele tocou as juntas em suas bochechas, a pele dela queimava.

— Tess — sussurrou. — O inferno é frio. Você se lembra de quando me disse isso? Estávamos no porão da Casa Sombria. Qualquer outra pessoa teria entrado em pânico, mas você estava totalmente calma, me dizendo que o inferno era coberto de gelo. Se o fogo do Céu a tirar de mim, seria uma ironia cruel.

Ela respirou fundo, e, por um instante, o coração de Will pulou — será que tinha escutado? Mas os olhos permaneceram fechados.

Apertou a mão dela.

— Volte — pediu. — Volte para mim, Tessa. Henry disse que talvez, como você tocou a alma de um anjo, esteja sonhando com o Céu agora, com campos de anjos e flores de fogo. Talvez esteja feliz nesses sonhos. Mas peço por puro egoísmo. Volte para mim. Pois não suporto perder todo o meu coração.

A cabeça dela virou lentamente para ele, a boca se abriu como se estivesse prestes a falar. Ele se inclinou para a frente, com o coração acelerado.

— Jem? — disse ela.

Will congelou, imóvel, ainda segurando a mão dela. Ela abriu os olhos — tão cinzentos quanto o céu antes da chuva, tão cinzentos quanto as colinas de ardósia em Gales. Cor de lágrimas. Ela olhou para ele, através dele, sem enxergá-lo.

— Jem — repetiu. — Jem, sinto muito. A culpa é toda minha.

Will se inclinou para a frente novamente. Não conseguiu se conter. Ela estava falando compreensivelmente, pela primeira vez em dias. Ainda que não fosse com ele.

— Não é sua culpa — afirmou.

Ela retribuiu a pressão na mão dele; cada um de seus dedos parecia queimar a pele de Will.

— Mas é — falou. — Por minha causa, Mortmain o privou de seu *yin fen*. Por minha causa, você correu perigo. Eu deveria amá-lo e tudo que fiz foi encurtar sua vida.

Will respirou asperamente. A lasca de gelo voltou ao seu coração, e parecia que estava respirando em torno dela. Não era ciúme, mas uma tristeza mais profunda do que qualquer uma que já tivesse conhecido. Pensou em Sydney Carton. *Pense vez ou outra que existe um homem que daria a própria vida para manter uma vida que você ama a seu lado*. Sim, ele teria feito isso por Tessa — morrido para conservar quem ela precisava por perto —, assim como Jem teria feito isso por ele ou por Tessa, assim como Tessa, ele pensou, faria pelos dois. Os três eram um emaranhado quase incompreensível, mas havia uma certeza: a de que não faltava amor entre eles.

Sou forte o bastante para isso, disse a si mesmo, levantando a mão de Tessa gentilmente.

— Viver não é apenas sobreviver — falou. — Também existe felicidade. Conhece seu James, Tessa. Sabe que ele escolheria amor em vez de anos.

Mas a cabeça de Tessa apenas caiu sobre o travesseiro.

— Onde você está, James? Eu o procuro pela escuridão, mas não consigo encontrá-lo. Você é meu pretendente; deveríamos ser ligados por laços que não podem se romper. Contudo, quando estava morrendo, eu não estava lá. Não me despedi.

— Que escuridão? Tessa, onde você está? — Will agarrou-a pela mão. — Diga-me como encontrá-la.

Tessa arqueou as costas na cama subitamente, agarrando a mão dele.

— Sinto muito! — Engasgou-se. — Jem... sinto muito... falhei com você, falhei terrivelmente...

— Tessa! — Will se levantou, mas Tessa já tinha sucumbido sem forças sobre o colchão e respirava com dificuldade.

Ele não pôde evitar. Gritou por Charlotte como uma criança que acordava de um pesadelo, como nunca se permitiu fazer quando era, de fato, uma criança que acordava naquele Instituto estranho, querendo conforto, mas sabendo que não poderia recebê-lo.

Charlotte veio correndo pelo Instituto, como ele sempre soube que faria se chamasse. Ela chegou sem fôlego e assustada; olhou para Tessa na cama e Will agarrando sua mão, e ele viu o pavor sumir de seu rosto, substituído por um olhar de tristeza impronunciada.

— Will...

Will soltou gentilmente a mão de Tessa, voltando-se para a porta.

— Charlotte — disse ele. — Nunca pedi que utilizasse sua posição de chefe do Instituto para me ajudar antes...

— Minha posição não pode curar Tessa.

— Pode. Precisa trazer Jem aqui.

— Não posso pedir isso — respondeu Charlotte. — Jem acabou de começar seu período na Cidade do Silêncio. Novos Iniciados não podem sair por todo o primeiro ano...

— Ele foi para a batalha.

Charlotte tirou um cacho do rosto. Às vezes, ela parecia muito jovem, como agora, apesar de mais cedo, ao olhar para o Inquisidor na sala de estar, não parecesse.

— Isso foi escolha do Irmão Enoch.

A certeza aprumou a espinha de Will. Por tantos anos questionou o conteúdo do próprio coração. Não questionaria agora.

— Tessa precisa de Jem — declarou. — Conheço a Lei, sei que ele não pode vir para casa, mas... os Irmãos do Silêncio devem romper todos os seus laços com o mundo mortal antes de se juntarem à Irmandade. Isso também é Lei. O laço entre Tessa e Jem não foi rompido. Como ela pode voltar ao mundo mortal, se não pode ver Jem uma última vez?

Charlotte ficou em silêncio por um tempo. Havia uma sombra sobre seu rosto que ele não conseguia definir. Sem dúvida, ela queria isso, por Jem, por Tessa, pelos dois?

— Muito bem — disse, afinal. — Vou ver o que posso fazer.

"Diminuíram para beber
Da primavera que corria tão clara,
E lá ela espiava o sangue do coração formoso,
Correndo pelo riacho.
'Aguente, aguente, Lord William', disse ela,
'Pois temo que tenha sido assassinado;
E não é nada além da tinta de minhas roupas escarlate,
Que brilha pelo riacho'."

— Oh, céus — murmurou Sophie ao passar pela cozinha. Bridget realmente precisava ser tão mórbida em todas as suas canções, e realmente precisava usar o *nome* de Will? Como se o coitado já não tivesse sofrido o suficiente...

Uma sombra se materializou da escuridão.

— Sophie?

Sophie gritou e quase derrubou a escova do tapete. Uma luz enfeitiçada brilhou no corredor escuro, e ela viu os olhos verde-cinzentos familiares.

— Gideon! — exclamou. — Céus, quase me matou de susto.

Ele pareceu arrependido.

— Peço desculpas. Só queria desejar boa noite... e você estava sorrindo ao passar. Pensei...

— Estava pensando no Mestre Will — disse ela, em seguida sorriu novamente para a expressão horrorizada de Gideon. — Há apenas um ano, se me dissessem que alguém o atormentava, eu teria me alegrado, mas agora me compadeço dele. Só isso.

Ele pareceu calmo.

— Também sou solidário a ele. A cada dia que Tessa não acorda, dá para vez um pouco da vida dele escoando.

— Se ao menos Mestre Jem estivesse aqui... — suspirou Sophie. — Mas não está.

— Temos de aprender a viver sem muitas coisas hoje em dia. — Gideon a tocou levemente na bochecha. Seus dedos eram ásperos, calejados. Não eram os dedos suaves de um cavalheiro. Sophie sorriu para ele.

— Você não olhou para mim no jantar — disse ele, e baixou a voz. Era verdade, o jantar foi rápido, galinha assada fria e batatas. Ninguém parecia com muito apetite, exceto Gabriel e Cecily, que comeram como se tivessem passado o dia treinando. Talvez fosse o caso.

— Eu estava preocupada com a Sra. Branwell — confessou Sophie. — Ela anda tão preocupada com o Sr. Branwell e com a Srta. Tessa, tem se desgastado, e o bebê... — Ela mordeu o lábio. — Estou preocupada — repetiu. Não conseguia dizer mais nada. Era difícil perder a reticência de uma vida de serviço, ainda que *estivesse* noiva de um Caçador de Sombras agora.

— Seu coração é bondoso — disse Gideon, passando os dedos pela bochecha de Sophie até tocar seus lábios, com o mais suave dos beijos. Em seguida, recuou. — Vi Charlotte entrar sozinha na sala de estar há alguns instantes. Talvez pudesse conversar com ela sobre sua preocupação?

— Não poderia...

— Sophie — disse Gideon. — Você não é apenas empregada de Charlotte; é amiga dela. Se ela se dispuser a falar com alguém, será com você.

A sala estava fria e escura. Não havia fogo na lareira, e nenhuma das luzes estava acesa contra o véu da noite, que projetava sombras e escuridão no recinto. Sophie levou um instante para perceber que uma das sombras era Charlotte, uma figura pequena e silenciosa na cadeira atrás da mesa.

— Sra. Branwell — falou, e foi tomada pela inquietação, apesar do incentivo de Gideon. Há dois dias ela e Charlotte lutaram juntas em Cadair Idris. Agora, era criada outra vez e estava aqui para limpar a lareira e espanar a sala para o dia seguinte. Com um balde de carvão em uma das mãos e uma caixa de pólvora no bolso do avental. — Desculpe... não pretendia interromper.

— Não está interrompendo, Sophie. Não é nada importante. — A voz de Charlotte... Sophie nunca a ouviu soar assim antes. Tão pequena ou tão derrotada.

Sophie repousou o carvão ao lado do fogo e se aproximou, hesitante, da patroa. Charlotte estava sentada com os cotovelos sobre a mesa, o rosto apoiado nas mãos. Havia uma carta na superfície, com o selo do Conselho rompido. O coração de Sophie acelerou, lembrando-se de como o Cônsul ordenou que deixassem o Instituto antes da batalha em Cadair Idris. Mas certamente já havia sido provado que tinham razão? Certamente a vitória sobre Mortmain teria cancelado a ordem do Cônsul, principalmente agora que ele estava morto?

— Está... está tudo bem, senhora?

Charlotte gesticulou para o papel, um aceno desamparado. Com as entranhas congelando, Sophie correu para a mesa de Charlotte e pegou a carta.

Sra. Branwell,

considerando a natureza da correspondência que recebeu do meu falecido colega, Cônsul Wayland, pode ficar surpresa com esta carta. A Clave, no entanto, se vê obrigada a requisitar um novo Cônsul, e, quando abrimos a votação, a principal escolha foi você.

Pode ser compreensível que esteja satisfeita com a direção do Instituto, e que não queira a responsabilidade desta posição,

principalmente considerando os ferimentos sofridos por seu marido na brava batalha contra o Magistrado. Contudo, me sinto incumbido a lhe oferecer esta oportunidade, não apenas por você ser a escolha do Conselho, mas porque, considerando o que já vi de você, acho que seria uma das melhores Consulesas que já tive o privilégio de servir.

Minhas mais altas estimas,
Inquisidor Whitelaw

— *Consulesa!* — Sophie se engasgou, e o papel voou de seus dedos. — Querem torná-la Consulesa?

— É o que parece. — A voz de Charlotte soou sem vida.

— Eu... — Sophie procurou o que dizer. A ideia do Instituto de Londres não ser governado por Charlotte era assustadora. No entanto, a posição de Consulesa era uma honra, a mais alta que a Clave poderia conceder, e vê-la recebendo a honra que tanto merecia... — Ninguém merece mais do que você — concluiu, afinal.

— Ah, Sophie, não. Eu que escolhi nos mandar para Cadair Idris. Por minha culpa Henry nunca mais vai andar. *Eu* fiz isso.

— Ele não a culpa.

— Não, ele não me culpa, mas eu sim. Como posso ser a Consulesa e enviar Caçadores de Sombras para morrerem em batalha? Não quero essa responsabilidade.

Sophie pegou a mão de Charlotte e as apertou.

— Charlotte — disse ela. — Não é só uma questão de enviar Caçadores de Sombras para a batalha; às vezes, trata-se de segurá-los. Você tem um coração misericordioso e uma mente justa. Liderou o Enclave por anos. Claro que seu coração está partido pelo Sr. Branwell, mas ser Consulesa não é só tirar vidas, mas também salvá-las. Se não fosse por você, se fosse apenas o Cônsul Wayland, quantos Caçadores de Sombras teriam morrido nas mãos das criaturas de Mortmain?

Charlotte olhou para a mão vermelha e calejada pelo trabalho de Sophie.

— Sophie — disse. — Quando se tornou tão sábia?

A criada enrubesceu.

— Aprendi a ter sabedoria com você, senhora.

— Ah, não — disse Charlotte. — Há um minuto me chamou de Charlotte. Como futura Caçadora de Sombras, Sophie, deve me chamar de Charlotte a partir de agora. E teremos de trazer uma nova empregada para assumir seu lugar, para que você tenha tempo de se preparar para a Ascensão.

— Obrigada — sussurrou Sophie. — Então vai aceitar a oferta? Tornar-se Consulesa?

Charlotte retirou gentilmente a mão da de Sophie e pegou a pena.

— Vou — respondeu. — Com três condições.

— Quais?

— A primeira é que eu possa liderar a Clave do Instituto, aqui, e não precise me mudar com minha família para Idris, pelo menos não nos primeiros anos. Não quero deixá-los, e além disso, quero estar aqui a fim de treinar Will para assumir o Instituto quando eu partir.

— *Will?* — perguntou Sophie, atônita. — Assumir o Instituto?

Charlotte sorriu.

— Claro — respondeu. — Essa é a segunda condição.

— E a terceira?

O sorriso de Charlotte desbotou, substituído por um olhar de determinação.

— Essa, você verá o resultado amanhã, se for aceita — respondeu, e abaixou a cabeça para começar a escrever.

23

Do Que Qualquer Mal

Venha, deixe-nos ir: suas bochechas estão pálidas;
Mas metade da minha vida deixo para trás:
Me parece que meu amigo é vastamente cultuado;
Mas vou passar; meu trabalho vai falhar...
Ouço agora, e o tempo todo,
Eternas saudações aos mortos;
E "Ave, Ave, Ave" disse,
"Adeus, adeus" eternamente.
— Alfred, Lord Tennyson, "In Memoriam A.H.H."

Tessa estremeceu; a água fria passou por ela na escuridão. Achou que pudesse estar caída no fundo do universo, onde o rio do esquecimento dividia o mundo em dois, ou talvez ela ainda estivesse no riacho onde sucumbiu após cair da carruagem da Irmã Sombria, e tudo que aconteceu desde então não passou de um sonho. Cadair Idris, Mortmain, o exército mecânico, os braços de Will à sua volta...

Culpa e tristeza a apunhalaram como uma lança, e ela se esticou para trás, com as mãos procurando apoio na escuridão. O fogo correu por suas veias, milhares de riachos de agonia. Ela arfou em busca de ar e, de repente, sentiu algo frio nos dentes, abrindo seus lábios, e a boca se encheu de amargura gélida. Engoliu em seco, engasgando...

E sentiu o fogo nas veias baixar. Gelo passou por ela. Seus olhos se abriram enquanto o mundo girava e se ajeitava. A primeira coisa que viu foi um par de mãos pálidas e esguias puxando um frasco — *o frio na boca, o gosto amargo na língua* —, e os contornos de seu quarto no Instituto.

— Tessa — disse uma voz familiar. — Isso vai mantê-la lúcida por um tempo, mas você não deve se permitir cair de volta na escuridão dos sonhos.

Ela congelou, sem ousar olhar.

— Jem? — perguntou num sussurro.

O som do frasco sendo colocado sobre a cabeceira. Um suspiro.

— Sim — respondeu. — Tessa. Pode olhar para mim?

Ela se virou e olhou. E respirou fundo.

Era Jem e não era.

Estava com a túnica de um Irmão do Silêncio, aberta na garganta, mostrando o colarinho de uma camisa comum. O capuz estava para trás, revelando seu rosto. Ela pôde ver as mudanças nele, que mal enxergou com todo o barulho e a confusão da batalha em Cadair Idris. Suas bochechas delicadas estavam marcadas com os símbolos que ela havia notado anteriormente, um em cada, longos traços de cicatrizes que não pareciam Marcas comuns de Caçadores de Sombras. O cabelo não era mais puramente prateado — tinha mechas escurecidas, preto-amarronzadas, sem dúvida a cor original. Os cílios também se tornaram negros. Pareciam traços finos de seda contra a pele pálida — apesar de não ser mais tão pálida quanto outrora.

— Como é possível? — sussurrou ela. — Que você esteja aqui?

— Fui chamado da Cidade do Silêncio pelo Conselho. — A voz também não era a mesma. Havia um tom de frieza, algo novo. — Influência de Charlotte, pelo que me disseram. Posso passar uma hora com você, não mais.

— Uma hora — repetiu Tessa, chocada. Levantou a mão para tirar o cabelo do rosto. Como devia estar péssima sua aparência, com a camisola amarrotada, os cabelos descuidados, os lábios secos e rachados. Alcançou o anjo mecânico no pescoço; um gesto familiar e habitual, que buscava conforto, mas o anjo não estava mais ali. — Jem, achei que estivesse *morto*.

— Sim — disse ele, e continuava com a voz remota, uma distância que lembrava os icebergs que ela viu a bordo do *Primordial*, massas de gelo flutuando ao longe. — Desculpe. Desculpe, por alguma razão... não consegui lhe contar.

— Achei que estivesse morto — repetiu Tessa. — Não consigo acreditar que você seja real, agora. Sonhei com você milhares de vezes. Havia um corredor escuro, e você se afastava de mim e, por mais que eu chamasse, não podia ou não queria virar para me olhar. Talvez seja apenas outro sonho.

— Não é sonho. — Ele se levantou e se colocou diante dela, as mãos pálidas entrelaçadas à frente do corpo, e ela não conseguia se esquecer de como ele havia pedido sua mão em casamento: de pé, enquanto ela estava sentada na cama, olhando para ele, incrédula, como agora.

Ele abriu as mãos lentamente, e sobre suas palmas, assim como nas bochechas, ela viu símbolos negros marcados. Não tinha tanta intimidade com o *Códex* para reconhecê-los, mas soube instintivamente que não eram os símbolos de um Caçador de Sombras comum. Falavam de um poder além do deles.

— Você me disse que era impossível — sussurrou Tessa. — Que não podia se tornar um Irmão do Silêncio.

Ele se virou de costas para ela. Alguma coisa em seus movimentos era diferente agora, algo da suavidade deslizante dos Irmãos do Silêncio. Era ao mesmo tempo adorável e melancólico. O que ele estava fazendo? Não suportava olhar para ela?

— Falei o que acreditava — respondeu, com o rosto voltado para a janela. De perfil, ela pôde ver que parte da magreza dolorosa do rosto de Jem havia sumido. As bochechas não eram mais tão acentuadas, e as concavidades das têmporas não eram mais tão escuras. — E o que era verdadeiro. Que o *yin fen* no meu sangue impedia que os símbolos dos Irmãos do Silêncio fossem aplicados em mim. — Ela viu o peito dele subir e descer sob a túnica, e quase se espantou: parecia tão humana, a necessidade de respirar. — Todo o esforço já feito para me livrar aos poucos do *yin fen* quase me matou. Quando parei de tomar porque acabou, senti meu corpo começar a quebrar, de dentro para fora. E achei que não tivesse mais nada a perder. — A intensidade na voz de Jem a aqueceu: seria um tom de humanidade ali, uma rachadura na armadura da Irmandade? — Implorei que Charlotte chamasse os Irmãos do Silêncio e pedisse que eles aplicassem as Marcas da Irmandade no último momento, quando a vida estivesse me deixando. Sabia que os símbolos poderiam me fazer morrer em agonia. Mas era a única chance.

— Você disse que não desejava se tornar um Irmão do Silêncio. Não queria viver eternamente...

Ele dera uns passos pelo quarto e agora estava ao lado da penteadeira. Ele esticou a mão e alcançou algo metálico e brilhante de um recipiente raso. Tessa percebeu com um choque de surpresa que era seu anjo mecânico.

— Ele não bate mais — disse Jem. Ela não conseguiu interpretar sua voz; estava distante, tão lisa e fria quanto uma pedra.

— O coração se foi. Quando me transformei no anjo, libertei-o da prisão mecânica. Ele não mora mais aí dentro. Não me protege mais.

A mão de Jem fechou em torno do anjo, as asas afundaram na carne da palma.

— Devo lhe dizer — contou. — Quando recebi a ordem de Charlotte de vir até aqui, foi contra minha vontade.

— Você não queria me ver?

— Não. Não queria que você me olhasse como está olhando agora.

— Jem... — Ela engoliu em seco, sentindo na língua a amargura da tisana que ele lhe deu. Um turbilhão de lembranças, a escuridão sob Cadair Idris, a cidade em chamas, os braços de Will envolvendo-a... *Will*. Mas ela acreditava que Jem estivesse morto. — Jem — repetiu. — Quando eu o vi ali, vivo, sob Cadair Idris, pensei que fosse um sonho ou uma mentira. Achei que estivesse morto. Foi o momento mais negro da minha vida. Acredite em mim, por favor, acredite em mim, que minha alma se alegra em vê-lo novamente quando nunca achei que isso fosse acontecer. É só que...

Ele soltou o anjo metálico, e ela viu as linhas de sangue na mão dele, onde as pontas das asas o cortaram, rasgando os símbolos na palma.

— Sou estranho a você. Não sou humano.

— Sempre será humano para mim — sussurrou ela. — Mas não consigo ver meu Jem em você agora.

Ele fechou os olhos. Ela estava acostumada a sombras escuras em suas pálpebras, mas estas não estavam mais ali.

— Não tive escolha. Você tinha sido levada, e Will tinha ido procurá-la. Não temia a morte, mas temia deixá-los. Este, então, foi meu último recurso. Viver, levantar e lutar.

Um pouco de cor tingiu a voz de Jem: havia paixão ali, sob aquele desapego frio dos Irmãos do Silêncio.

— Mas eu sabia o que ia perder — falou. — Certa vez você entendeu minha música. Agora olha para mim como se não me conhecesse. Como se jamais houvesse me amado.

Tessa deixou as cobertas e se levantou. Um erro. De repente, ficou tonta, com os joelhos bambos. Esticou a mão para segurar um dos postes da cama, mas, em vez disso, se viu agarrada à túnica de Jem. Ele foi em direção a ela com a graça silenciosa dos Irmãos, como fumaça se desenrolando, e os braços dele agora a envolviam, sustentando-a.

Ela ficou parada nos braços de Jem. Ele estava próximo, o suficiente para que ela pudesse sentir o calor do corpo dele, mas não sentiu. O cheiro habitual de fumaça e açúcar queimado havia sumido. Havia apenas um vago aroma de algo seco e frio como pedra ou papel. Tessa pôde sentir as batidas abafadas do coração

de Jem, ver a pulsação na garganta. Ela o encarou, maravilhada, memorizando as linhas e ângulos do seu rosto, as cicatrizes nas bochechas, a seda espessa dos cílios, o arco da boca.

— Tessa. — A palavra soou como um resmungo, como se ela o tivesse atingido. Havia um leve traço de cor em suas bochechas, sangue sob a neve. — Meu Deus — disse ele, e enterrou o rosto na curva do pescoço dela, onde começava o ombro, tocando a bochecha no cabelo dela. Estava com as mãos esticadas sobre as costas dela, pressionando-a ainda mais forte contra si. Tessa o sentiu tremer.

Por um instante, ela se sentiu leve com o alívio da sensação de Jem sob suas mãos. Talvez você não acreditasse, de fato, em alguma coisa até poder tocá-la. E cá estava Jem, que ela imaginava morto, abraçando-a, respirando, *vivo*.

— A sensação é a mesma — disse ela. — Mas sua aparência é tão diferente. Você *está* diferente.

Com isso, ele se desvencilhou dela, e o esforço o fez morder o lábio e enrijecer os músculos da garganta. Segurando-a gentilmente pelos ombros, ele a conduziu novamente para a cama. Quando a soltou, cerrou as mãos em punhos. Deu um passo para trás. Ela pôde ver a respiração de Jem, a pulsação na garganta.

— Estou diferente — falou com a voz baixa. — Eu mudei. E de forma irreversível.

— Mas ainda não é inteiramente um *deles* — disse. — Consegue falar... e ver...

Ele exalou lentamente. Continuava encarando o poste da cama, como se ali estivessem os segredos do universo.

— Existe um processo. Uma série de rituais e procedimentos. Não, ainda não sou exatamente um Irmão do Silêncio. Mas, em breve, serei.

— Então, o *yin fen* não impediu.

— Quase. Senti... dor quando fiz a transição. Muita dor, que quase me matou. Eles fizeram o possível. Mas eu jamais serei como os outros Irmãos do Silêncio. — Ele olhou para baixo, os cílios cobrindo seus olhos. — Não serei... exatamente como eles. Serei menos poderoso, pois existem alguns símbolos ainda que não consigo suportar.

— Certamente agora já podem esperar até que o *yin fen* deixe seu organismo por completo?

— Não deixará. Meu corpo ficou preso no estado em que se encontrava

quando puseram estes primeiros símbolos em mim. — Ele indicou as cicatrizes no rosto. — Por causa disso, não poderei alcançar algumas habilidades. Levarei mais tempo para dominar a visão e a fala mental.

— Isso significa que não tirarão seus olhos, nem costurarão seus lábios?

— Não sei. — A voz de Jem agora era suave, quase inteiramente a voz do Jem que ela conhecia. Tessa viu um rubor nas bochechas dele e pensou em uma coluna clara de mármore oco enchendo-se lentamente com sangue humano. — Estarei com eles por muito tempo. Talvez para sempre. Não sei o que vai acontecer. Entreguei-me a eles. Meu destino agora está em suas mãos.

— Se pudéssemos libertá-lo...

— Então o *yin fen* que permanece em mim voltaria a queimar, e eu voltaria a ser o que era. Um viciado, morrendo. Foi minha escolha, Tessa, pois a alternativa era a morte. Você sabe disso. Não quero deixá-la. Mesmo sabendo que me tornando um Irmão do Silêncio eu poderia garantir minha sobrevivência, lutei contra a possibilidade, como se fosse uma prisão. Irmãos do Silêncio não podem se casar. Não podem ter um *parabatai*. Só podem viver na Cidade do Silêncio. Não riem. Não podem tocar música.

— Ah, Jem — disse Tessa. — Talvez não possam tocar música, mas os mortos também não. Se esta era a única forma de conservá-lo vivo, então minha alma se alegra por você, mesmo que meu coração sofra.

— Eu a conheço bem demais para achar que você pudesse se sentir de outra maneira.

— E eu o conheço bem demais para saber que está se sentindo culpado. Mas por quê? Não fez nada de errado.

Ele inclinou a cabeça de modo que a testa ficou apoiada no poste da cama. Fechou os olhos.

— Era por isso que eu não queria vir.

— Mas não estou brava...

— Não achei que fosse ficar *brava* — disparou Jem, e foi como gelo de uma cachoeira congelada quebrando, liberando uma torrente. — Estávamos *noivos*, Tessa. Um pedido, uma oferta de casamento, é uma promessa. Uma promessa de amor e cuidado, para sempre. Não pretendia quebrar a minha. Mas era isso ou morrer. Quis esperar, casar com você, viver com você durante anos, mas não foi possível. Eu estava morrendo depressa demais. Teria desistido de tudo para ser casado com você por um único dia. Um dia que jamais viria. Você é um lembrete... um lembrete de tudo que estou perdendo. Da vida que não terei.

— Abrir mão da vida por um dia de casamento... não valeria a pena — respondeu Tessa. Seu coração batia com uma mensagem que falava dos braços de Will ao seu redor, seus lábios nos dela na caverna sob Cadair Idris. Não merecia as confissões generosas de Jem, a penitência, o desejo. — Jem, preciso confessar uma coisa.

Ele olhou para ela. Tessa viu o preto nos olhos dele, traços pretos sobre a prata, lindo e estranho.

— É sobre Will. Sobre Will e eu.

— Ele a ama — disse Jem. — Sei que a ama. Conversamos sobre isso antes de ele partir. — Apesar de a frieza não ter voltado para a voz de Jem, ele soava estranhamente calmo.

Tessa ficou chocada.

— Não sabia que tinham conversado. Will não me disse.

— E você também não me contou sobre os sentimentos dele, apesar de já saber há meses. Todos guardamos segredos por não querermos machucar a quem nos ama. — Havia um tom de alerta em sua voz ou ela estava só imaginando?

— Não quero mais esconder nada de você — disse Tessa. — Achei que estivesse morto. Tanto eu quanto Will. Em Cadair Idris...

— Você me amou? — interrompeu ele. Parecia uma pergunta estranha, contudo ele perguntou, sem implicações nem hostilidade, e esperou em silêncio por uma resposta.

Olhou para ele, e as palavras de Woolsey voltaram até ela, como o sussurro de uma oração. *A maioria das pessoas nunca encontra um grande amor na vida. Você encontrou dois*. Por um instante, ela deixou de lado a confissão.

— Sim, eu o amei. Ainda amo. Também amo Will. Não consigo explicar. Não sabia quando aceitei me casar com você. Eu o amava, ainda amo, nunca o amei menos, mesmo com todo o amor que sinto por ele. Parece loucura, mas se alguém é capaz de entender...

— Eu entendo — disse Jem. — Não há necessidade de me contar mais sobre você e Will. Nada do que possam ter feito poderia me fazer deixar de amar qualquer um dos dois. Will é parte de mim, é minha alma, e, se não posso ter seu coração, não poderia escolher ninguém melhor para desfrutar desta honra. E quando eu me for, você deverá ajudar Will. Isso será... será difícil para ele.

Tessa investigou o rosto de Jem. Não havia mais rubor nas bochechas; ele estava pálido, porém recomposto. O maxilar estava firme. Aquilo dizia tudo que

ela precisava entender: *não me diga mais. Não quero saber*.

Alguns segredos, ela pensou, deviam ser contados; outros ficavam melhor como fardos de seus guardiões, para não machucarem ninguém. Foi por isso que não revelou a Will que o amava quando não havia nada que nenhum dos dois pudesse fazer a respeito.

Ela fechou a boca e conteve o que pretendia contar. Em vez disso, falou:

— Não sei como vou ficar sem você.

— Tenho as mesmas dúvidas em relação a mim. Não quero deixá-la. Mas se eu ficar, morrerei.

— Não. Não pode ficar. Não vai ficar. Jem. Prometa que vai embora. Seja um Irmão do Silêncio e viva. Eu lhe diria que o odeio, se você acreditasse, desde que isso o fizesse ir. Quero que viva. Mesmo que isso signifique que nunca mais poderei vê-lo.

— Vai me ver — respondeu ele em voz baixa, levantando a cabeça. — Aliás, existe uma chance... apenas uma chance, mas...

— Mas o quê?

Ele fez uma pausa; hesitou e pareceu tomar uma decisão.

— Nada. Tolice.

— *Jem*.

— Vai voltar a me ver, mas não com frequência. Acabei de começar minha jornada, e existem muitas Leis que regem a Irmandade. Vou me afastar da minha vida prévia. Não posso dizer quais habilidades ou cicatrizes terei. Não sei como serei diferente. Temo que vá me perder e perder minha música. Temo me tornar algo não completamente humano. *Sei* que não serei seu Jem.

Tessa só conseguiu balançar a cabeça.

— Mas os Irmãos do Silêncio... eles visitam, se misturam a outros Caçadores de Sombras... Você não pode...

— Não durante meu treinamento. E mesmo quando acabar, será raro. Vocês nos veem quando alguém está doente ou morrendo, quando uma criança nasce, nos rituais das primeiras Marcas ou nas cerimônias de *parabatai*... mas não visitamos casas de Caçadores de Sombras sem convocação.

— Então, Charlotte irá convocá-lo.

— Ela me chamou aqui desta vez, mas isso não pode ficar se repetindo, Tessa. Um Caçador de Sombras não pode chamar um Irmão do Silêncio sem motivo.

— Mas não sou Caçadora de Sombras — respondeu Tessa. — Não de verdade.

Fez-se um longo silêncio enquanto se olhavam. Ambos teimosos. Ambos imóveis. Finalmente, Jem falou:

— Lembra-se de quando estivemos juntos na Blackfriars Bridge? — perguntou suavemente, e seus olhos eram como aquela noite, pretos e prateados.

— Claro que me lembro.

— Foi quando descobri que a amava — disse Jem. — Farei uma promessa. Todo ano, Tessa, em algum dia, eu a encontrarei naquela ponte. Virei da Cidade do Silêncio e a encontrarei, e estaremos juntos, ainda que por apenas uma hora. Mas não pode contar a ninguém.

— Uma hora por ano — sussurrou Tessa. — Não é muito. — Então se recolheu e respirou fundo. — Mas você vai estar vivo. Vai viver. É isso que importa. Não vou visitar seu túmulo.

— Não. Não por muito tempo — falou, e a distância voltou à sua voz.

— Então, isso é um milagre — disse Tessa. — E milagres não se questionam, nem reclamamos quando não são exatamente como gostaríamos. — Ela levantou a mão e tocou o pingente de jade no pescoço. — Devo devolver isso?

— Não — respondeu. — Não vou me casar com mais ninguém. E não levarei o presente de noivado de minha mãe para a Cidade do Silêncio. — Ele esticou o braço e a tocou levemente no rosto, deixando pele contra pele. — Quando eu estiver na escuridão, quero pensar no colar com você, na luz — falou, e se recompôs, virando-se para a porta. A túnica de Irmão do Silêncio se moveu com ele. Tessa o observou, paralisada, cada batida do coração ecoando o que não podia dizer: *adeus. Adeus. Adeus.*

Ele parou na entrada.

— Nos encontraremos na Blackfriars Bridge, Tessa.

E foi embora.

Se Will fechasse os olhos, podia escutar os ruídos do Instituto ganhando vida pela manhã ou, pelo menos, conseguia imaginá-los: Sophie preparando a mesa do café da manhã, Charlotte e Cyril ajudando Henry a sentar, os irmãos Lightwood lutando, sonolentos, pelos corredores, Cecily procurando por ele em seu quarto, como vinha fazendo quase todas as manhãs ultimamente, tentando — sem conseguir — disfarçar a óbvia preocupação.

E no quarto de Tessa, Jem e Tessa, conversando.

Sabia que Jem estava lá, por causa da carruagem dos Irmãos do Silêncio parada no jardim. Dava para ver da janela da sala de treinamento. Mas não era algo em que podia pensar. Era o que ele queria, o que pedira a Charlotte, mas agora que estava acontecendo, descobriu que não aguentava pensar muito no assunto. Então, foi para o cômodo ao qual sempre recorria quando tinha a mente perturbada; estava arremessando facas na parede desde o amanhecer, e a camisa estava molhada de suor e grudada às costas.

Pá. Pá. Pá. As facas atingiam a parede, todas no centro do alvo. Lembrava-se dos seus 12 anos, quando acertar a faca perto da meta parecia um sonho impossível. Jem o ajudou, mostrou como segurar a lâmina, como alinhar a ponta e arremessar. De todos os lugares no Instituto, a sala de treinamento era a que mais associava a Jem — exceto pelo quarto dele, que tinha sido destituído dos pertences do amigo. Agora, era apenas mais um quarto vazio do Instituto, esperando ser preenchido por outro Caçador de Sombras. Nem Church parecia querer entrar; às vezes, ficava perto da porta e esperava, como os gatos faziam, mas não dormia mais na cama, como acontecia nos tempos de Jem.

Will estremeceu — a sala de treinamento era fria pela manhã: o fogo da lareira estava se extinguindo, uma sombra vermelha e dourada expelia brasas coloridas. Will via dois meninos em sua mente, sentados no chão em frente ao fogo nesta mesma sala, um de cabelos negros e outro de cabelos claros como a neve. Ele ensinava Jem a jogar um jogo de cartas com um baralho que havia roubado da sala de estar.

Em dado momento, irritado por ter perdido, Will jogou o baralho no fogo e assistiu fascinado enquanto as cartas queimavam, uma por uma, e o fogo abria buracos no papel branco acetinado. Jem riu.

— Assim você não consegue ganhar.

— Às vezes, é a única maneira de ganhar — dissera Will. — Queimar tudo.

Foi retirar as facas da parede, franzindo o rosto. *Queimar tudo*. Seu corpo inteiro ainda doía. Enquanto soltava as lâminas, viu que tinha hematomas azul-esverdeados nos braços, apesar dos *iratzes*, e cicatrizes da batalha de Cadair Idris que teria para sempre. Pensou na luta ao lado de Jem. Talvez não tenha apreciado no momento. *A última, última vez.*

Como um eco de seus pensamentos, uma sombra apareceu na porta. Will levantou o olhar — e quase derrubou a faca que segurava.

— Jem? — falou. — É você, James?

— Quem mais? — A voz de Jem. Ao entrar para a luz da sala, Will viu que o

capuz de Jem estava abaixado, o olhar na altura dos olhos de Will. O rosto, os olhos, tudo familiar. Mas Will sempre conseguiu sentir Jem antes, sentir a aproximação e sua presença. O fato de que ele o havia surpreendido desta vez foi um lembrete agudo da mudança do *parabatai*.

Não é mais seu parabatai, lembrou-lhe uma voz no fundo da mente.

Jem entrou com os passos mudos dos Irmãos do Silêncio, fechando a porta atrás de si. Will não se mexeu. Não achava que pudesse. A visão de Jem em Cadair Idris foi um choque que atravessou seu sistema como uma incandescência terrível e maravilhosa — ele estava *vivo*, porém mudado; viveu, mas se perdeu.

— Mas — falou. — Você veio ver Tessa.

Jem o olhou calmamente. Seus olhos estavam pretos acinzentados, como ardósia com listras de obsidiana.

— E não achou que eu fosse aproveitar a chance, qualquer chance, para vê-lo também?

— Não sabia. Você foi embora, depois da batalha, sem se despedir.

Jem deu mais alguns passos à frente, para dentro da sala. Will sentiu a espinha enrijecer. Havia algo estranho, profundo e diferente na maneira como ele se movia agora; não era a graciosidade dos Caçadores de Sombras que Will passou anos treinando para imitar, mas algo estranho, diferente e novo.

Jem deve ter notado algo na expressão de Will, pois parou.

— Como eu poderia me despedir — disse — de você?

Will sentiu a faca escorregar da mão. Ela caiu, com a ponta para baixo, na madeira do chão.

— Como fazem os Caçadores de Sombras? *Ave atque vale*. E para sempre, irmão, saudações e adeus.

— Mas essas são as palavras da morte. Catulo as pronunciou sobre o túmulo do irmão, não foi? *Multas per gentes et multa per aequora vectus advenio has miseras, frater, ad inferias...*

Will conhecia as palavras. *Através de muitas águas carregadas, irmão, venho a teu triste jazigo, para lhe dar estes últimos presentes dos mortos. Para todo o sempre, irmão, saudações. Para todo o sempre, adeus.* Encarou-o.

— Você... decorou o poema em latim? Mas você sempre foi o que memorizava música, e não palavras... — Interrompeu-se com uma risada curta. — Esqueça. Os rituais da Irmandade mudam isso. — Ele se virou e se afastou

alguns passos; em seguida, voltou abruptamente para encarar Jem. — Seu violino está na sala de música. Achei que tivesse levado... Gostava tanto dele.

— Não podemos levar nada além de nossos corpos e mentes para a Cidade do Silêncio — explicou Jem. — Deixei o violino aqui para algum Caçador de Sombras futuro que deseje tocá-lo.

— Então, não é para mim.

— Ficaria honrado se você o guardasse e cuidasse dele. Mas deixei outra coisa para você. No seu quarto, está minha caixa de *yin fen*. Achei que pudesse querê-la.

— Isso me parece um presente cruel — respondeu Will. — Para que eu me lembre... — *do que o tirou de mim. Do que o fez sofrer. Do que procurei e não encontrei. De como falhei com você.*

— Will, não — disse Jem, que, como sempre, entendeu sem que Will precisasse explicar. — Nem sempre foi uma caixa que guardou minhas drogas. Era da minha mãe. Kwan Yin é a deusa representada na frente. Dizem que, quando ela morreu e chegou aos portões do paraíso, parou e ouviu os gritos de angústia do mundo humano abaixo e não pôde deixá-lo. Ficou para ajudar os mortais quando eles não puderam se ajudar. Ela é o conforto de todos os corações sofredores.

— Uma caixa não vai me confortar.

— Mudança não é perda, Will. Nem sempre.

Will passou as mãos pelos cabelos molhados.

— Ah, sim — respondeu amargamente. — Talvez em outra vida, além desta, quando atravessarmos o rio ou girarmos uma roda ou quaisquer que sejam as palavras delicadas que queira utilizar para descrever deixar este mundo, encontrarei meu amigo novamente, meu *parabatai*. Mas eu o perdi *agora*... agora, quando mais preciso de você!

Jem atravessou a sala — como uma faísca de sombra, a graciosidade leve dos Irmãos do Silêncio presente nele —, ficando ao lado da fogueira. O fogo iluminou seu rosto, e Will viu algo que parecia brilhar através dele: uma espécie de luz que não estava ali antes. Jem sempre brilhou, com uma vida feroz e uma bondade ainda mais selvagem, mas isto era diferente. A luz de Jem parecia arder agora; uma luz distante e solitária, como a luz de uma estrela.

— Não precisa de mim, Will.

Will olhou para si próprio, para a faca no chão, e lembrou-se da que havia enterrado perto da árvore na estrada Shrewsbury-Welshpool, manchada com o

próprio sangue e com o de Jem.

— Por toda a minha vida, desde que vim para o Instituto, você foi o espelho da minha alma. Eu via em você minha bondade. Só em seus olhos encontrava graça. Quando você se afastar, quem vai me enxergar assim?

Fez-se um silêncio. Jem estava parado como uma estátua. Com o olhar, Will procurou e achou o símbolo *parabatai* no ombro dele; como o seu, desbotara para um branco claro.

Finalmente, Jem falou. A frieza havia deixado sua voz. Will respirou fundo, lembrando-se de como aquela voz o moldou ao longo dos anos de crescimento, a generosidade constante que ela continha como um farol no escuro.

— Tenha fé em si mesmo. Pode ser seu próprio espelho.

— E se não conseguir? — perguntou Will. — Não sei nem como ser um Caçador de Sombras sem você. Jamais lutei sem você ao meu lado.

Jem deu um passo à frente, e desta vez Will não se moveu para desencorajá-lo. Ele chegou perto o bastante para tocá-lo. Will pensou distraidamente que jamais havia estado tão perto de um Irmão do Silêncio antes, que o tecido da túnica era feito de um estranho material, claro como um tronco de árvore, e que o frio parecia irradiar da pele de Jem como uma pedra que retinha o frescor mesmo em um dia quente.

Jem colocou os dedos sob o queixo de Will, forçando-o a olhar diretamente para ele. Seu toque era frio.

Will mordeu o lábio. Esta talvez fosse a última vez que Jem, como Jem, o tocaria. A lembrança aguda o atravessou como uma faca — anos do leve toque de Jem em seu ombro, a mão se esticando para ajudar Will quando ele caía, Jem o segurando quando ficava furioso, as mãos de Will nos ombros finos dele enquanto tossia sangue na camisa.

— Ouça. Vou embora, mas continuo *vivo*. Não me afastarei completamente de você, Will. Quando lutar agora, continuarei com você. Quando andar pelo mundo, serei a luz a seu lado, o chão firme sob seus pés, a força que guia a espada em suas mãos. Somos ligados, além do juramento. As Marcas não mudaram isso. O juramento não mudou isso. Meramente definiram o que já existia.

— Mas e você? — perguntou Will. — Diga-me o que posso fazer, pois você é meu *parabatai* e não quero que entre sozinho nas sombras da Cidade do Silêncio.

— Não tenho escolha. Mas se existe alguma coisa que posso pedir, é que seja feliz. Quero que tenha uma família e envelheça com quem você ama. E se desejar

se casar com Tessa, não deixe que minha lembrança os separe.

— Ela talvez não me queira, você sabe — disse Will.

Jem sorriu, fugazmente.

— Bem, essa parte é com você, acho.

Will retribuiu o sorriso, e por apenas aquele instante foram Jem-e-Will novamente. Will podia enxergar Jem, mas também conseguia enxergar *através* dele, o passado. Lembrou-se dos dois, correndo pelas ruas escuras de Londres, pulando de telhado em telhado com lâminas serafim brilhando nas mãos; horas na sala de treinamento, empurrando um ao outro em poças de lama, arremessando bolas de neve em Jessamine por trás de uma fortaleza de gelo no jardim, dormindo como cachorrinhos na frente de um tapete perto da lareira.

Ave atque vale, pensou Will. *Saudações e adeus*. Nunca tinha pensado muito nas palavras antes, nunca pensou em por que não eram apenas uma despedida, mas também uma saudação. Todo encontro levava a uma partida, e assim seria, enquanto a vida fosse mortal. Em todo encontro, havia um pouco da tristeza da separação, mas, em toda separação, havia um pouco da alegria do encontro.

Ele não esqueceria a tristeza.

— Falamos sobre como se despedir — disse Jem. — Quando Jonathan se despediu de David, ele falou "vá em paz, por tudo que juramos, nós dois, dizendo que o Senhor estaria entre mim e ti, para sempre". Não mais se viram, mas não se esqueceram. Será assim conosco. Quando eu for o Irmão Zachariah, quando não mais vir o mundo com meus olhos humanos, ainda serei, de alguma forma, o Jem que conheceu, e o verei com os olhos do meu coração.

— *Wo men shi sheng si ji jiao* — disse Will, e viu os olhos de Jem se arregalarem consideravelmente, com uma faísca de alegria dentro deles. — Vá em paz, James Carstairs.

Ficaram olhando um para o outro por um longo instante, e, em seguida, Jem levantou o capuz, escondendo o rosto na sombra, e virou as costas.

Will fechou os olhos. Não conseguia ouvir Jem se retirando, não mais; não queria saber o instante em que foi deixado sozinho, nem quando seu primeiro dia como Caçador de Sombras sem *parabatai* começou de fato. E se o ponto sobre seu coração, onde ficava o símbolo *parabatai,* ardeu com uma súbita dor quando a porta de fechou atrás de Jem, Will disse a si mesmo que foi uma brasa da lareira.

Ele se inclinou para trás, contra a parede, em seguida deslizou lentamente até sentar no chão, ao lado da faca. Não sabia por quanto tempo ficou ali, mas ouviu

o barulho dos cavalos no jardim, o movimento da carruagem dos Irmãos do Silêncio percorrendo a passagem. A batida do portão se fechando. *Somos pó e sombras*.

— Will? — Levantou os olhos; não tinha notado a figura pequena na entrada da sala de treinamento até ela falar. Charlotte deu um passo à frente e sorriu para ele. Havia bondade em seu sorriso, como sempre, e ele lutou para não fechar os olhos contra as lembranças: Charlotte na entrada desta mesma sala. *Não se lembra do que avisei ontem, que estaríamos recebendo um novo membro no Instituto hoje?... James Carstairs...*

— Will — repetiu ela, agora. — Você estava certo.

Ele levantou a cabeça, com as mãos penduradas entre os joelhos.

— Certo em relação a quê?

— Jem e Tessa — respondeu. — O noivado terminou. E Tessa está acordada. Está acordada e bem, e perguntou por você.

Quando eu estiver na escuridão, pensarei no colar com você, na luz.

Tessa estava sentada contra os travesseiros que Sophie havia ajeitado para ela (as duas se abraçaram, e Sophie escovou os emaranhados do cabelo de Tessa e disse "bênção, bênção" tantas vezes que Tessa precisou pedir que parasse antes que as duas começassem a chorar), e olhava para o pingente de jade nas mãos.

Sentia-se como se fosse dividida em duas pessoas diferentes. Uma que o tempo todo valorizava a própria sorte por Jem estar vivo, por saber que ele voltaria a ver o sol nascer e porque a droga que havia tanto o fazia sofrer não queimaria mais sua vida. A outra...

— Tess? — Uma voz suave na entrada; ela levantou o olhar, e viu Will ali, contornado pela luz que vinha do corredor.

Will. Pensou no menino que entrou em seu quarto na Casa Sombria e a distraiu de seu pavor conversando sobre Tennyson, ouriços e rapazes lindos que faziam resgates, e sobre como eles jamais se enganavam. Naquele instante, ela o achou bonito, mas agora pensava nele como algo completamente diferente. Era *Will*, com toda a sua imperfeição perfeita; Will, cujo coração podia partir tão facilmente quanto ser guardado com cuidado; Will, que não amava sabiamente, mas completamente e dando tudo de si.

— Tess — repetiu ele, hesitando diante do silêncio dela, e entrou, fechando a porta atrás de si. — Eu... Charlotte disse que queria falar comigo...

— Will — disse ela, consciente de que estava pálida demais e com a pele manchada de lágrimas, os olhos ainda vermelhos, mas não tinha importância, porque era Will, e ela estendeu as mãos, e ele imediatamente se aproximou e pegou-as, envolvendo-as em seus próprios dedos quentes e cheios de cicatrizes.

— Como está se sentindo? — perguntou ele, e seus olhos examinaram o rosto de Tessa. — Preciso falar com você, mas não quero cansá-la enquanto não estiver completamente recuperada.

— Estou bem — respondeu ela, retribuindo o aperto dos dedos dele. — Falar com Jem me acalmou. E para você, também foi reconfortante?

Os olhos dele desviaram dos dela, apesar de não ter relaxado o aperto da mão.

— Foi — respondeu —, e não foi.

— Sua mente acalmou — disse ela —, mas não seu coração.

— Isso — falou. — Isso. Exatamente isso. Você me conhece tão bem, Tess. — Ele deu um sorriso pesaroso. — Ele está vivo e, por isso, sou grato. Mas escolheu um caminho de muita solidão. A Irmandade... eles comem, caminham, acordam e enfrentam a noite; fazem tudo isso sozinhos. Eu o pouparia disso, se pudesse.

— Você o poupou de tudo que pôde — respondeu Tessa em voz baixa. — Assim como ele fez com você, e todos nós tentamos poupar um ao outro desesperadamente. No fim, devemos fazer nossas próprias escolhas.

— Está dizendo que não devo sofrer?

— Não. Sofra. Nós dois devemos. Sofra, mas não se culpe, pois não tem nenhuma responsabilidade sobre isso.

Ele olhou para as mãos entrelaçadas. Muito gentilmente, acariciou as juntas de Tessa com os polegares.

— Talvez não — falou. — Mas existem outras coisas sobre as quais tenho responsabilidade.

Tessa respirou breve e superficialmente. A voz dele havia diminuído, e continha uma aspereza que ela não ouvia desde...

O hálito suave e quente contra a pele dela, até que ela estivesse respirando com a mesma intensidade, as mãos acariciando-o nos ombros, nos braços, nas laterais...

Ela piscou apressadamente e afastou as mãos das dele. Não estava olhando para ele agora, mas para a luz do fogo contra as paredes da caverna, e ouvia a voz de Will ao seu ouvido, e na hora tudo pareceu um sonho, momentos extraídos da vida real, como se acontecessem em outro mundo. Mesmo agora mal conseguia acreditar que tinha acontecido.

— Tessa? — A voz de Will soou hesitante, as mãos dele continuavam esticadas. Parte dela queria pegá-las, puxá-lo para perto e beijá-lo, se perder em Will como fez antes. Pois ele era tão eficaz quanto qualquer droga.

E então se lembrou dos olhos turvos de Will no covil de ópio, nos sonhos de felicidade que se arruinaram assim que passaram os efeitos da fumaça. Não. Algumas coisas só podiam funcionar se fossem encaradas. Ela respirou fundo e olhou para Will.

— Sei o que ia dizer — falou. — Está pensando no que aconteceu entre nós dois em Cadair Idris, pois acreditávamos que Jem estivesse morto, e que nós também íamos morrer. Você é um homem honrado, Will, e sabe o que devemos fazer agora. Você precisa me pedir em casamento.

Will, que estava completamente parado, provou que ainda conseguia surpreendê-la e riu. Uma risada suave e pesarosa.

— Não esperava que fosse ser tão direta, mas suponho que deveria ter imaginado. Conheço minha Tessa.

— Sou sua Tessa — disse ela. — Mas, Will, não quero que fale agora. Sobre casamento ou sobre promessas eternas...

Ele se sentou na beira da cama. Vestia roupas de treino, a camisa folgada puxada para cima dos cotovelos, o colarinho aberto, e ela viu as cicatrizes da batalha, que já se curavam, o lembrete branco das Marcas de cura. Também viu um princípio de dor nos olhos dele.

— Você se arrepende do que aconteceu entre nós?

— Alguém pode se arrepender de uma coisa que, por menos sábia que tenha sido, foi linda? — respondeu ela, e a dor nos olhos dele se suavizou, se transformando em confusão.

— Tessa, se teme que eu me sinta relutante, obrigado...

— Não. — Ela levantou as mãos. — É que acho que seu coração está uma mistura de dor, desespero, alívio, felicidade e confusão, e não quero que faça promessas nesse estado tão sobrecarregado. E não me diga que não está oprimido, pois enxergo em você, e sinto o mesmo. Ambos estamos angustiados, Will, e nenhum de nós está em condições de tomar decisões.

Por um instante, ele hesitou. Seus dedos pairaram sobre o coração, onde se situava o símbolo *parabatai*, tocando-o levemente — Tessa imaginou se ele tinha consciência do gesto — e, em seguida, falou:

— Às vezes, temo que seja sábia demais, Tessa.

— Bem — disse ela. — Um de nós tem de ser.

— Não há nada que eu possa fazer? — falou. — Prefiro não sair de perto de você. A não ser que queira que eu vá.

Tessa voltou os olhos para a mesa de cabeceira, onde os livros que vinha lendo antes do ataque dos autômatos — parecia que fazia mil anos — estavam empilhados.

— Pode ler para mim — disse ela. — Se não se importar.

Com isso, Will levantou o olhar e sorriu. Um sorriso cru, estranho, porém, real, e era Will. Tessa retribuiu.

— Não me importo — respondeu. — Nem um pouco.

E por isso, cerca de quinze minutos depois, Will estava sentado em uma poltrona, lendo *David Copperfield*, quando Charlotte abriu silenciosamente a porta do quarto de Tessa e espiou seu interior. Ela não podia conter a ansiedade — o menino parecia tão desesperado no chão da sala de treinamento, tão sozinho, e ela se lembrou do medo que sempre nutriu, de que, se Jem partisse, levaria consigo o melhor de Will. E Tessa também continuava tão frágil...

A voz suave de Will preenchia o aposento, junto ao brilho mudo da luz do fogo na lareira. Tessa estava deitada de lado, os cabelos castanhos espalhados sobre o travesseiro, observando Will, cuja face estava inclinada sobre as páginas, com uma expressão doce no rosto, uma ternura espelhada na suavidade da própria voz enquanto ele lia. Uma ternura tão íntima e profunda que Charlotte se afastou imediatamente, deixando a porta se fechar em silêncio atrás de si.

Mesmo assim, a voz de Will a acompanhou pelo corredor enquanto ela se afastava, com o coração muito mais leve do que há poucos instantes.

— ... e não pode cuidar dele, se não for muito ousado dizer isso, tão bem quanto eu. Mas se alguma fraude ou truque forem praticados contra ele, espero que o simples amor e a verdade sejam fortes o bastante no fim. Espero que o verdadeiro amor e a verdade sejam mais fortes no fim, do que qualquer outro mal ou infortúnio no mundo...

24

A Medida do Amor

A medida do amor é amar sem medida.
— atribuída a Santo Agostinho

A sala do Conselho estava cheia de luz. Um grande círculo duplo tinha sido pintado sobre o pódio na frente do salão, e no espaço entre os círculos havia símbolos: de ligação, de sabedoria, de habilidade e astúcia, e aqueles que representavam o nome de Sophie. Sophie se ajoelhava no centro dos círculos. Os cabelos estavam soltos e caíam até a cintura, uma onda de cachos escuros contra o uniforme ainda mais escuro. Estava linda sob a luz que penetrava a cúpula no teto, a cicatriz no rosto vermelha como uma rosa.

A Consulesa estava diante dela, com as mãos pálidas elevadas, e o Cálice Mortal entre elas. Charlotte usava roupas simples e vermelhas, que ondulavam ao seu redor. Sua face pequena estava séria e severa.

— Pegue o Cálice, Sophia Collins — instruiu, e o salão estava completamente silencioso. A câmara do Conselho não estava lotada, mas na fileira de Tessa estavam: Gideon e Gabriel, Cecily e Henry, e ela e Will, todos inclinados para a frente ansiosos, esperando a Ascensão de Sophie. Em cada extremidade do pódio havia um Irmão do Silêncio, com as cabeças baixas, as túnicas parecendo feitas de mármore.

Charlotte abaixou o Cálice e o entregou a Sophie, que o pegou com cuidado.

— Você jura, Sophia Collins, que vai renunciar à vida mundana e seguir o caminho da Caça às Sombras? Vai tomar o sangue do Anjo Raziel e honrá-lo? Jura servir à Clave, seguir a Lei estabelecida pelo Pacto e obedecer à palavra do Conselho? Defenderá aquilo que é humano e mortal, sabendo que, pelo seu serviço, não haverá recompensa nem agradecimento, apenas honra?

— Juro — respondeu Sophie, com voz muito firme.

— Pode ser um escudo para os fracos, uma luz no escuro, uma verdade entre falsidades, uma torre na enchente, um olho que enxerga quando todos os outros são cegos?

— Posso.

— E, quando morrer, oferecerá seu corpo para ser cremado pelos Nephilim, para que suas cinzas construam a Cidade dos Ossos?

— Oferecerei.

— Então, beba — disse Charlotte. Tessa ouviu Gideon respirar fundo. Esta era a parte perigosa do ritual. Era a parte que poderia matar os não treinados ou indignos.

Sophie abaixou a cabeça e levou o Cálice aos lábios. Tessa chegou para a frente, com o peito apertado por causa da apreensão. Sentiu a mão de Will deslizar sobre a dela, um peso morno e confortante. A garganta de Sophie se moveu ao engolir.

O círculo que envolvia as duas ardeu mais uma vez com uma luz fria azul-esbranquiçada, ofuscando-as. Quando se extinguiu, Tessa ficou piscando estrelas dos olhos enquanto a luz diminuía. Ela piscou os olhos apressadamente e viu Sophie segurando o Cálice. Havia um brilho no Cálice quando o devolveu a Charlotte, que deu um sorriso largo.

— Agora você é uma Nephilim — disse ela. — E eu a batizo Sophia, Caçadora de Sombras, do sangue de Jonathan Caçador de Sombras, filha dos Nephilim. Levante-se, Sophia.

E Sophie se levantou, em meio à comemoração da multidão na qual os gritos de Gideon eram os mais altos dentre muitos. A menina estava sorrindo, o rosto todo brilhando ao sol do inverno que penetrava a claraboia. Sombras percorriam o chão, diretas e rápidas. Tessa olhou para o alto, maravilhada — uma brancura penetrava as janelas, girando suavemente além do vidro.

— Neve — sussurrou Will ao seu ouvido. — Feliz Natal, Tessa.

* * *

Aquela era a noite da festa anual de Natal do Enclave. Era a primeira vez que Tessa via o salão do Instituto aberto e cheio de gente. As janelas imensas brilhavam com luz refletida, projetando um brilho dourado sobre o assoalho

polido. Além dos vidros escuros, via-se a neve caindo em grandes flocos brancos, mas o interior do Instituto estava quente e seguro.

O Natal entre Caçadores de Sombras não era o Natal que Tessa conhecia. Não havia coroas de advento nem corais nem biscoitos natalinos. *Tinha* uma árvore, apesar de não ser decorada tradicionalmente. Um grande abeto, que quase tocava o teto na outra extremidade do salão (quando Will perguntou a Charlotte como fizeram para colocá-lo ali, ela apenas acenou e falou qualquer coisa sobre Magnus). Velas se equilibravam em cada galho, apesar de Tessa não conseguir enxergar onde se apoiavam, e projetavam ainda mais luzes douradas pelo salão.

Presos aos galhos da árvore — e pendurados em arandelas, em castiçais sobre as mesas, e nas maçanetas das portas — havia símbolos cristalinos e brilhantes, cada qual claro como vidro, mas, ao mesmo tempo, refratando a luz e lançando arco-íris luminosos pelo salão. As paredes eram decoradas com coroas de hera entrelaçadas, e frutinhas silvestres vermelhas se destacavam contra as folhas verdes. Aqui e ali havia viscos brancos. Tinha até um preso à coleira de Church, que passava por baixo de uma das mesas de Natal e parecia furioso.

Tessa tinha a impressão de nunca ter visto tanta comida. As mesas estavam cheias de galinha e peru, aves de caça e lebre, presunto de Natal e tortas, sanduíches finos, sorvetes, bolos, manjar-branco e pudins de creme, gelatina colorida e sobremesas natalinas regadas a licor e vinho, além de enormes recipientes de prata com ponche natalino. Havia também muitos doces e balas, sacos de São Nicolau, cada qual contendo carvão, um pouco de açúcar ou uma gota de limão, para dizer ao destinatário se seu comportamento naquele ano tinha sido traiçoeiro, doce ou amargo. Mais cedo teve chá e presentes só para os moradores do Instituto, onde trocaram lembranças antes da chegada dos convidados — Charlotte no colo de Henry, que se encontrava sobre a cadeira rolante, abrindo vários presentes para o bebê que nasceria em abril (cujo nome, ficou decidido, seria Charles. "Charles Fairchild", Charlotte anunciou orgulhosamente, segurando o pequeno cobertor que Sophie havia tricotado para ela, com as iniciais *C.F* no canto).

— Charles *Buford* Fairchild. — Henry a corrigiu.

Charlotte fez uma careta. Tessa, rindo, perguntou:

— Fairchild? Não vai se chamar Branwell?

Charlotte deu um sorriso tímido.

— Sou a Consulesa. Ficou decidido que, neste caso, a criança levaria meu

nome. Henry não se importa, se importa, Henry?

— De jeito nenhum — respondeu. — Principalmente porque Charles Buford Branwell teria soado tolo, mas Charles Buford Fairchild soa muito bem.

— *Henry...*

Tessa agora sorria com a lembrança. Estava ao lado da árvore de Natal, observando os integrantes do Enclave em toda a sua elegância — mulheres com tons coloridos de inverno, vestidos vermelhos de cetim, seda safira e tafetá dourado, homens com trajes de noite — enquanto riam e conversavam. Sophie estava com Gideon, feliz e relaxada em um vestido de veludo; Cecily estava de azul, de lá para cá, alegre em olhar para tudo, e Gabriel atrás, com membros longos, cabelos emaranhados, divertindo-se em adoração. Uma enorme lenha Yule com pedaços de hera queimava em uma imensa lareira de pedra, e sobre a lareira havia redes contendo maçãs douradas, nozes, pipoca colorida e balas. Também tinha música, suave e assombrosa, e Charlotte finalmente parecia ter achado uma função para a cantoria de Bridget, que se elevava sobre os instrumentos, afinada e doce;

"Ai, meu amor, falha comigo,
Me descarta sem cortesia.
E eu o amo há tanto tempo,
Deleitando-me com sua companhia.

Greensleeves era toda a minha alegria;
Greensleeves era meu deleite;
Greensleeves era meu coração dourado,
E quem, além de Lady Greensleeves?"

— Que o céu chova batatas — disse uma voz entoada. — Que caia uma tempestade ao som de Greensleeves.

Tessa se virou. De algum jeito, Will havia aparecido logo atrás dela, o que era inconveniente, considerando que vinha procurando por ele desde que chegara à sala e não tinha visto nem sinal. Como sempre, vê-lo com traje de noite — todo

azul, preto e branco — deixou-a sem fôlego, mas ela disfarçou o aperto no peito com um sorriso.

— Shakespeare — disse ela — *As alegres comadres de Windsor*.

— Não é uma das suas melhores peças — disse Will, cerrando os olhos para assimilá-la. Tessa havia selecionado um vestido de seda cor-de-rosa e nenhuma joia, exceto por um cordão de veludo com duas voltas no pescoço e pendurado atrás. Sophie penteou seu cabelo, por um favor, e não uma obrigação, e o decorou com enfeites brancos entre os cachos. Tessa se sentia muito elegante e chamando a atenção. — Mas tem seus momentos.

— Sempre um crítico literário. — Tessa suspirou, desviando o olhar para onde Charlotte conversava com um homem alto de cabelos claros que Tessa não conhecia.

Will se inclinou para ela. Cheirava a algo verde e invernal, abeto, limão ou cipreste.

— Essas são sementes de azevinho no seu cabelo — disse ele, respirando contra sua bochecha. — Tecnicamente acho que isso quer dizer que qualquer pessoa pode beijá-la a qualquer instante.

Ela arregalou os olhos para ele.

— Acha que vão tentar?

Ele a tocou levemente na bochecha; estava com luvas de chamois, mas Tessa sentiu como se fosse a pele dele na dela.

— Eu mataria qualquer um que o fizesse.

— Bem — respondeu Tessa. — Não seria seu primeiro escândalo natalino.

Ele parou por um instante e depois sorriu, aquele raro sorriso que iluminava seu rosto e alterava toda a natureza do mesmo. O sorriso que Tessa uma vez temeu que houvesse se perdido para sempre, com Jem, pela escuridão da Cidade do Silêncio. Jem não estava morto, mas parte de Will foi com ele quando este se foi, um pedacinho arrancado do coração de Will e enterrado entre os ossos sussurrantes. E Tessa se preocupou naquela primeira semana, temeu que Will não fosse se recuperar, que fosse ser eternamente uma espécie de fantasma, vagando pelo Instituto, sem comer, sempre virando para falar com alguém que não estava ali, a luz do rosto se apagando ao se lembrar e se calar.

Mas ela estava determinada. Seu próprio coração estava partido, mas consertar o de Will, tinha certeza, significaria consertar o próprio, de alguma forma. Assim que se sentiu suficientemente forte, decidiu que levaria chá para ele, mesmo que ele não quisesse, levaria livros, o levaria para a biblioteca e

pediria ajuda para treinar. Suplicou a Charlotte que parasse de tratá-lo como um vidro que ia quebrar e o mandasse para a cidade para lutar, como já tinha feito antes, com Gabriel ou Gideon em vez de Jem. E Charlotte o fez, inquieta, mas Will voltava sangrando e ferido, porém com olhos vivos e acesos.

— Isso foi inteligente — disse Cecily a ela mais tarde, enquanto se colocavam perto da janela, observando Will e Gabriel conversando no jardim. — Ser Nephilim dá um propósito ao meu irmão. A Caça às Sombras vai consertar as feridas. A Caça às Sombras e você.

Tessa deixou a cortina cair e se fechar, pensativamente. Ela e Will não conversaram sobre o que aconteceu em Cadair Idris, na noite que passaram juntos. Aliás, ela parecia tão distante quanto um sonho. Como algo que tinha acontecido com outra pessoa, e não com ela, não com Tessa. Não sabia se Will sentia o mesmo. Sabia que Jem sabia, ou supunha, e que perdoou os dois, mas Will não havia se aproximado outra vez, nem dito que a amava, nem perguntado se ela o amava, desde o dia em que Jem se foi.

Parecia que eras intermináveis tinham se passado, apesar de terem sido apenas duas semanas, até Will encontrá-la sozinha na biblioteca e perguntar — um tanto bruscamente — se ela faria um passeio de carruagem com ele no dia seguinte. Confusa, Tessa concordou, imaginando secretamente se havia algum outro motivo para ele querer sua companhia. Um mistério a ser investigado? Uma confissão?

Mas não, foi apenas um passeio de carruagem pelo parque. Estava ficando frio, e o gelo cobria as bordas dos lagos. Os galhos nus das árvores eram ermos e adoráveis, e Will conversou educadamente sobre o tempo e os marcos da cidade. Ele parecia determinado a retomar a educação de Tessa sobre Londres de onde Jem havia parado. Foram ao Museu Britânico, à *National Gallery*, ao *Kew Gardens*, e à Catedral de São Paulo, onde Tessa finalmente perdeu a paciência.

Estavam na famosa Galeria dos Sussurros, e Tessa, apoiada na grade, olhava para a catedral abaixo. Will traduzia as inscrições em latim na parede, onde Christopher Wren fora enterrado — "*Se procura o monumento dele, olhe em volta*" —, quando Tessa esticou distraidamente a mão para alcançar a dele. Ele imediatamente recuou, enrubescendo.

Ela o olhou, surpresa.

— Algum problema?

— Não — respondeu ele, depressa demais. — Eu apenas... não a trouxe aqui para poder agarrá-la na Galeria dos Sussurros.

Tessa explodiu.

— Não estou *pedindo* para me agarrar na Galeria dos Sussurros! Pelo Anjo, Will, pode parar de ser tão *educado*?

Ele a olhou, espantado.

— Mas não prefere...

— Não prefiro. Não quero que seja educado. Quero que seja você! Não quero que me mostre marcos da arquitetura como se fosse um guia! Quero que diga coisas loucas e engraçadas, faça músicas e seja... — *o Will por quem me apaixonei*, quase disse. — E seja Will. — Foi como concluiu. — Ou devo agredi-lo com meu guarda-chuva?

— Estou tentando cortejá-la — respondeu Will, exasperado. — Cortejá-la *adequadamente*. É tudo por isso. Sabe disso, não sabe?

— O Sr. Rochester nunca cortejou Jane Eyre — observou Tessa.

— Não, ele se vestiu de mulher e apavorou a coitada. É isso que quer?

— Você seria uma mulher muito feia.

— Não seria nada. Seria linda.

Tessa riu.

— Pronto — disse ela. — Aí está Will. Não é melhor? Não acha?

— Não sei — disse ele, olhando para ela. — Tenho medo de responder isso. Ouvi dizer que, quando falo, mulheres americanas sentem vontade de me atacar com guarda-chuvas.

Tessa riu outra vez, e logo os dois estavam rindo, as risadas sufocadas ecoando nas paredes da Galeria dos Sussurros. Depois disso, as coisas se tornaram decididamente mais fáceis entre os dois, e o sorriso de Will ao ajudá-la a saltar da carruagem na volta foi alegre e verdadeiro.

Naquela noite, houve uma leve batida à porta de Tessa, e quando ela foi atender, não encontrou ninguém, apenas um livro no chão. *Um conto de duas cidades*. Um presente estranho, pensou. Havia uma cópia na biblioteca, que ela podia ler sempre que quisesse, mas esta era nova, com uma nota da Hatchards marcando a primeira folha. Só quando levou o livro consigo para a cama foi que percebeu que havia uma inscrição na mesma página.

Tess, Tess, Tessa.

Já houve algum som mais belo que seu nome? Dizê-lo em voz alta faz meu coração tocar como um sino. Estranho imaginar isso, não? —

um coração tocando? Mas quando você me toca, é assim que me sinto, como se meu coração soasse no peito e a música percorresse minhas veias e explodisse meus ossos com alegria.

Por que escrevi estas palavras neste livro? Por sua causa. Você me ensinou a amar esta história, quando eu a desprezava. Quando li pela segunda vez, com mente e coração abertos, senti um completo desespero e uma inveja de Sydney Carton — sim, Sydney, pois por mais que não tivesse qualquer esperança de ser amado pela mulher que amava, ele, ao menos, conseguia se declarar. Ao menos, podia fazer algo que provasse sua paixão, ainda que a coisa em questão fosse morrer.

Eu teria escolhido a morte por uma chance de lhe dizer a verdade, Tessa, se pudesse ter a certeza de que a morte seria minha. E por isso invejei Sydney, por ele ser livre.

E agora finalmente estou livre e, finalmente, posso lhe dizer, sem que isso a ponha em perigo, tudo que sinto no meu coração.

Você não é o último sonho da minha alma.

É o primeiro, o único que jamais fui capaz de evitar. É o primeiro sonho da minha alma, e deste sonho espero que venham todos os outros, uma vida inteira.

Esperançoso, afinal,

Will Herondale

Ela ficou sentada por um longo tempo depois disso, segurando o livro sem ler, observando o amanhecer erguer-se sobre Londres. Pela manhã, quase voou para se vestir antes de pegar o livro e descer pelas escadas com ele. Encontrou Will saindo do quarto, com os cabelos ainda molhados do banho, e se jogou para ele, pegando-o pela lapela e puxando-o para si, enterrando o rosto em seu peito. O livro caiu no chão entre os dois enquanto ele esticava os braços para envolvê-la, acariciando seus cabelos, sussurrando suavemente:

— Tessa, o que foi, o que houve? Não gostou...

— Nunca escreveram algo tão bonito para mim — respondeu, com o rosto no peito dele, as batidas suaves do coração uniformes sob a camisa e o casaco. — Nunca.

— Escrevi logo depois que descobri que a maldição era falsa — explicou Will. — Pretendia entregar na época, mas... — A mão de Will apertou os cabelos de Tessa. — Quando descobri que estava noiva de Jem, deixei de lado. Não sabia quando poderia ou deveria dá-lo a você. Então, ontem, quando me pediu para que eu fosse eu mesmo, tive esperança suficiente para buscar de novo esses velhos sonhos, tirar a poeira do livro e entregá-lo a você.

Foram para o parque naquele dia. Apesar de frio, estava claro, e havia poucas pessoas por ali. O lago Serpentine brilhava sob o sol de inverno, e Will mostrou o lugar onde ele e Jem alimentavam os patos com torta de frango. Foi a primeira vez que ela o ouviu sorrir ao falar de Jem.

Sabia que não podia ser Jem para ele. Ninguém podia. Mas aos poucos o vazio do coração de Will ia se preenchendo. Ter Cecily por perto era uma alegria para ele; Tessa percebia isso quando sentavam juntos diante do fogo, conversando suavemente em galês, e os olhos dele brilhavam; ele havia até aprendido a gostar de Gabriel e Gideon, que eram amigos para ele, apesar de ninguém poder ser amigo como Jem. E, claro, o amor de Charlotte e Henry continuava firme como sempre. A ferida jamais curaria, Tessa sabia, nem a dela nem a de Will, mas à medida que o inverno esfriava, Will sorria com mais frequência e comia com mais frequência, o olhar assombrado desaparecia, e ela começou a respirar com mais facilidade, sabendo que aquele olhar não era mortal.

— Hmmm — disse ele então, cambaleando ligeiramente sobre os pés enquanto examinava o salão. — Você pode ter razão. Acho que foi na época do Natal que fiz a tatuagem de dragão galês.

Com isso, Tessa precisou se concentrar para não enrubescer.

— *Como* isso aconteceu?

Will fez um gesto gracioso com a mão.

— Eu estava bêbado...

— Mentira. Você não ficou realmente bêbado ontem.

— Pelo contrário... para aprender como simular um estado inebriado, a pessoa deve se embriagar pelo menos uma vez, para ter referência. Nigel Seis Dedos estava...

— Não vai me dizer que realmente existe um Nigel Seis Dedos?

— Claro que existe... — começou Will, com um sorriso que subitamente desapareceu; olhou através de Tessa, para o salão. Ela virou para seguir o olhar e

viu o mesmo sujeito alto e de cabelos claros que conversava com Charlotte anteriormente abrindo caminho pela multidão em direção a eles.

Era corpulento, talvez quase 40 anos, com uma cicatriz que percorria o queixo. Desgrenhado, cabelos claros, olhos azuis e pele bronzeada pelo sol. Parecia ainda mais escura em contraste com a camisa branca. Havia algo de familiar nele, algo que surgiu no fundo da memória de Tessa.

Ele parou em frente aos dois. Desviou os olhos para Will. Eram de um azul mais claro que os de Will, quase da cor de centáureas. A pele em volta era morena com alguns pés de galinha. O homem falou:

— Você é William Harondale?

Will assentiu sem falar.

— Sou Elias Carstairs — disse o homem. — Jem Carstairs era meu sobrinho.

Will ficou branco, e Tessa percebeu o que havia de familiar no sujeito — alguma coisa nele, a forma como se portava e o formato das mãos, lembrava Jem. Como Will pareceu incapaz de falar, Tessa disse:

— Sim, este é Will Harondale. E eu sou Theresa Gray.

— A menina capaz de mudar de forma — disse o homem. Elias, Tessa lembrou a si mesma; Caçadores de Sombras utilizam os primeiros nomes. — Foi noiva de James antes de ele se tornar um Irmão do Silêncio.

— Fui — disse Tessa em voz baixa. — Eu o amo muito.

Ele lhe lançou um olhar — que não foi hostil nem desafiador, apenas curioso. Em seguida, se voltou para Will.

— Você era *parabatai* de Jem?

Will reencontrou a voz.

— Ainda sou — respondeu, e tensionou o maxilar teimosamente.

— James falou de você — disse Elias. — Depois que saí da China, quando voltei a Idris, perguntei se ele viria morar comigo. Nós o mandamos para longe de Xangai, pois não considerávamos o lugar seguro para ele enquanto os capangas de Yanluo estavam livres, buscando vingança. Mas, quando perguntei se queria ir para Idris, ele disse que não, não podia. Pedi que reconsiderasse. Falei que era sua família, seu sangue. Mas ele respondeu que não podia abandonar seu *parabatai*, que havia coisas mais importantes que o sangue. — Os olhos claros de Elias estavam firmes. — Eu lhe trouxe um presente, Will Harondale. Algo que pretendia dar para ele quando atingisse a maioridade, pois seu pai não estava mais vivo para lhe dar. Mas não posso fazer isso agora.

Will ficou completamente tenso, como se usasse uma gravata apertada

demais. Falou:

— Não fiz nada para merecer um presente.

— Acho que fez. — Elias sacou do cinto uma espada curta com uma bainha elaborada. Estendeu para Will que, após um instante, pegou. A bainha era coberta com desenhos sofisticados de folhas e símbolos, cuidadosamente trabalhados, brilhando sob a luz dourada. Com um gesto decisivo, Will virou a espada e a segurou diante do rosto.

O cabo tinha os mesmos desenhos de símbolos e folhas, mas a lâmina era simples e vazia, exceto por uma linha de palavras no centro. Tessa se inclinou para ler a frase no metal.

Sou Cortana, do mesmo aço e temperamento que Joyeuse e Durendal.

— Joyeuse era a espada de Carlos Magno — disse Will, com a voz ainda rígida, daquele jeito que Tessa sabia que significava que ele estava contendo emoções. — Durendal era de Rolando. Esta espada é... é do estofo de lendas.

— Forjadas pelo primeiro fabricante de armas de Caçadores de Sombras, Wayland, o Ferreiro. Tem uma pena da asa do Anjo no cabo — disse Elias. — Está na família Carstairs há centenas de anos. Fui instruído pelo pai de Jem a lhe dar quando ele fizesse 18 anos. Mas os Irmãos do Silêncio não podem aceitar presentes. — Ele olhou para Will. — Você era seu *parabatai*. Deve ficar com ela.

Will embainhou a espada.

— Não posso aceitar. Não vou aceitar.

Elias ficou espantado.

— Mas precisa — disse. — Você era *parabatai* de Jem, ele o amava...

Will estendeu a espada de volta para Elias Carstairs, segurando pela lâmina. Após um instante, Elias pegou, e Will virou e se afastou, sumindo na multidão.

Elias ficou olhando em choque.

— Não tive a intenção de ofender.

— Você falou de Jem no passado — explicou Tessa. — Jem não está conosco, mas não está morto. Will... não consegue suportar que pensem em Jem como alguém perdido ou esquecido.

— Não falei no sentido de esquecê-lo — disse Elias. — Só falei que os Irmãos do Silêncio não têm emoções como nós. Não sentem como nós. Se amam...

— Jem ainda ama Will — afirmou Tessa. — Sendo Irmão do Silêncio ou não. Existem coisas que nenhuma magia pode destruir, pois elas são mágicas. Você nunca os viu juntos, mas eu vi.

— Pretendia dar Cortana a ele — disse Elias. — Não posso dar a James, então

achei que devesse ficar com o *parabatai*.

— Você tem boas intenções — observou Tessa. — Mas, perdoe minha impertinência, senhor Carstairs: não pretende ter filhos?

Os olhos dele se arregalaram.

— Não tinha pensado...

Tessa olhou para a lâmina brilhante, em seguida para o homem que a segurava. Conseguia enxergar um pouco de Jem nele, como se olhasse para o reflexo de quem ama na água ondulante. Aquele amor, recordado e presente, deixou sua voz suave ao falar.

— Se não tem certeza — disse ela —, então guarde. Guarde para seus próprios herdeiros. Will preferiria assim. Pois não precisa de uma espada que lhe lembre de Jem. Por mais nobre que seja a linhagem.

Estava frio na escadaria do Instituto, onde Will se encontrava sem casaco ou chapéu, olhando para a noite congelada. O vento soprava pequenas lufadas de neve contra suas bochechas, as mãos nuas, e ele ouviu, como sempre fazia, a voz de Jem no fundo da mente, dizendo para não ser ridículo, para voltar para dentro antes de se gripar.

O inverno sempre pareceu a estação mais pura para Will — mesmo a fumaça e a sujeira de Londres, no frio, congelavam, duras e limpas. Naquela manhã, ele havia quebrado uma camada de gelo que se formou em seu jarro de água, antes de jogar o líquido gélido no rosto e tremer ao se olhar no espelho, com os cabelos molhados pintando o rosto com linhas negras. *Primeira manhã de Natal sem Jem em seis anos*. O frio mais puro, trazendo a dor mais pura.

— *Will*. — A voz foi um sussurro, muito familiar. Virou a cabeça, uma imagem da Velha Molly subindo em sua mente, mas fantasmas raramente iam para longe de onde tinham morrido ou sido enterrados, e além disso, o que ela poderia querer com ele agora?

Um olhar encontrou o seu, firme e escuro. O restante dela não era tão transparente, mas sim contornado em prata: o cabelo louro, o rosto de boneca, o vestido branco com o qual tinha morrido. Sangue, vermelho como uma flor, no peito.

— Jessamine — disse ele.

— *Feliz Natal, Will*.

O coração dele, que havia parado por um instante, começou a bater novamente, o sangue correndo veloz pelas veias.

— Jessamine, por que... O que faz aqui?

Ela fez beicinho.

— Estou aqui porque morri aqui — explicou, e a voz se fortaleceu. Não era incomum que um fantasma adquirisse mais massa e poder auditivo quando estava perto de um humano, principalmente um que pudesse ouvi-los. Apontou para o jardim em volta, onde Will a segurou enquanto morria, o sangue correndo nas pedras. — Não está feliz em me ver, Will?

— Deveria? — perguntou ele. — Jessie, normalmente, quando vejo fantasmas é porque existe algum assunto não concluído ou alguma tristeza que os prende a esse mundo.

Ela levantou a cabeça, olhando para a neve. Apesar de cair ao seu redor, não caía nela, como se estivesse sob um vidro.

— E se eu tivesse uma tristeza, me ajudaria a curá-la? Jamais gostou muito de mim quando eu era viva.

— Gostei — disse Will. — E sinto muito se dei a impressão de não gostar de você ou odiá-la, Jessamine. Acho que você fazia com que eu me lembrasse de mim mesmo mais do que gostaria de admitir, e, portanto, eu a julguei com a mesma severidade com que teria me julgado.

Com isso, ela olhou para ele.

— Nossa, sinceridade direta, Will? Você mudou *mesmo*. — Ela deu um passo para trás, e ele viu que seus pés não deixaram marcas na camada de neve sobre os degraus. — Estou aqui porque em vida não quis ser Caçadora de Sombras, proteger os Nephilim. Agora sou encarregada da guarda do Instituto pelo tempo que precisar ser guardado.

— E não se importa? — perguntou. — Estar aqui, conosco, quando poderia ter atravessado...

Ela franziu o nariz.

— Não quis atravessar. Exigiram tanto de mim em vida, sabe o Anjo como teria sido depois. Não, estou feliz aqui, olhando por vocês, quieta, pairando e invisível. — Seus cabelos prateados brilhavam ao luar enquanto ela inclinava a cabeça para ele. — Mas *você* está quase me enlouquecendo.

— Eu?

— Sim. Sempre disse que você seria um péssimo pretendente, Will. E agora está me provando isso.

— Sério? — perguntou Will. — Voltou do mundo dos mortos, como o fantasma do Velho Marley, para me importunar em relação às minhas chances românticas?

— Que chances? Já levou Tessa em tantos passeios de carruagem que imagino que ela seja capaz de desenhar um mapa de Londres de cabeça, mas já a pediu em casamento? Não. Uma dama não pode se pedir em casamento, William, e ela não pode dizer que o ama se não deixar claras suas intenções!

Will balançou a cabeça.

— Jessamine, você é incorrigível.

— E tenho razão — observou. — Do que tem medo?

— Que, se declarar minhas intenções, ela vai dizer que não me ama, não como amava Jem.

— Ela não vai amá-lo como amava Jem. Ela vai amá-lo como ama a *você*, Will, uma pessoa completamente diferente. Gostaria que ela não tivesse amado Jem?

— Não, mas também não quero me casar com alguém que não me ama.

— Precisa perguntar a ela para descobrir — falou Jessamine. — A vida é cheia de riscos, a morte é mais simples.

— Por que não a vi antes, se esteve aqui o tempo todo? — perguntou.

— Ainda não posso entrar no Instituto, e, quando você está no jardim, está sempre com alguém. Já tentei atravessar as portas, mas uma espécie de força me impede. Mas é melhor do que antes. Primeiro, só conseguia subir alguns degraus. Agora estou como me vê. — Indicou sua posição na escadaria. — Um dia, conseguirei entrar.

— E, quando entrar, vai descobrir que seu quarto continua como sempre, e suas bonecas também — disse Will.

Jessamine deu um sorriso que fez Will imaginar se ela teria sido sempre tão triste ou se a morte a transformara mais do que ele achava que fantasmas podiam se transformar. Mas, antes que voltasse a falar, uma expressão de alarme atravessou seu rosto, e ela desapareceu em um turbilhão de neve.

Will virou para ver o que a assustou. As portas do Instituto se abriram, e Magnus aparecera. Estava com um casaco de lã e uma cartola de seda já marcada pelos flocos de neve.

— Eu devia saber que o encontraria aqui, fazendo o possível para virar picolé — disse Magnus, descendo os degraus até estar ao lado de Will, olhando para o jardim.

Will não quis mencionar Jessamine. Por alguma razão, sentiu que ela não gostaria que o fizesse.

— Estava deixando a festa? Ou só me procurando?

— As duas coisas — respondeu Magnus, vestindo um par de luvas brancas. — Aliás, estou saindo de Londres.

— Saindo de Londres? — repetiu Will, espantado. — Não pode estar falando sério.

— Por que não? — Magnus apontou um dedo para um floco de neve errante. Brilhou azul e desapareceu. — Não sou londrino, Will. Estou na casa de Woolsey há algum tempo, mas ela não é minha, e eu e ele cansamos da companhia um do outro rapidamente.

— Para onde vai?

— Nova York. Um Novo Mundo! Uma nova vida, um novo continente. — Magnus lançou as mãos para cima. — Talvez até leve seu gato comigo. Charlotte disse que ele anda triste desde que Jem se foi.

— Bem, ele morde todo mundo. Pode ficar com ele. Acha que vai gostar de Nova York?

— Quem sabe? Vamos descobrir juntos. O inesperado é o que me impede de estagnar.

— Nós, que não vivemos eternamente, não gostamos de mudança tanto quanto vocês, que vivem. Estou cansado de perder pessoas — disse Will.

— Eu também — concordou Magnus. — Mas é como falei, não é? Você aprende a suportar.

— Certa vez, ouvi dizer que os homens que perdem um braço ou uma perna podem continuar sentindo dor nesses membros, apesar de não existirem mais — disse Will. — Às vezes, é assim. Sinto Jem comigo, apesar de ele ter nos deixado, e é como se faltasse um pedaço de mim.

— Mas não falta — disse Magnus. — Ele não está morto, Will. Está vivo porque você o deixou ir. Ele teria ficado com você e morrido, se você pedisse, mas você o amava o bastante para preferir que ele vivesse, ainda que uma vida separada. E isso, acima de tudo, prova que você não é Sidney Carton, Will, que o seu amor não é o tipo de amor que só pode ser obtido pela destruição. Foi o que vi em você, o que sempre vi em você, o que me fez querer ajudá-lo. Que você não está se desesperando. Que tem uma capacidade infinita de se alegrar. — Pôs uma mão enluvada sob o queixo de Will e levantou sua cabeça. Havia poucas pessoas para as quais Will tinha de levantar a cabeça para olhar no olho, mas Magnus era

uma delas. — Estrela brilhante — disse Magnus, com olhos pensativos, como se lembrasse de alguma coisa ou de alguém. — Vocês, que são mortais, ardem tão ferozmente. E você é mais feroz do que a maioria, Will. Jamais vou esquecê-lo.

— Nem eu — respondeu Will. — Devo muito a você. Quebrou minha maldição.

— Você não era amaldiçoado.

— Sim, era — disse Will. — Era. Obrigado, Magnus, por tudo que fez por mim. Se não agradeci antes, faço isso agora. Obrigado.

Magnus abaixou a mão.

— Acho que nenhum Caçador de Sombras me agradeceu antes.

Will deu um sorriso torto.

— Eu tentaria não me acostumar. Não somos uma espécie muito grata.

— Não. — Magnus riu. — Não vou me acostumar. — Seus olhos felinos cerraram. — Deixo-o em boas mãos, acredito, Will Herondale.

— Está falando de Tessa.

— Estou falando de Tessa. Ou nega que ela é a dona do seu coração? — Magnus já havia começado a descer as escadas. Parou e olhou para Will.

— Não nego — respondeu Will. — Mas ela ficará triste que tenha saído sem se despedir.

— Ah — disse Magnus, virando na base da escada com um sorriso curioso. — Acho que não será necessário. Diga que voltarei a encontrá-la.

Will assentiu. Magnus virou, as mãos nos bolsos do casaco, e caminhou para os portões do Instituto. Will observou até a figura desbotar na brancura da neve.

Tessa havia se retirado do salão sem que ninguém percebesse. Até mesmo Charlotte, sempre atenta, estava distraída, sentada ao lado de Henry em sua cadeira de rodas, com a mão na dele, sorrindo para os músicos.

Tessa não demorou para encontrar Will. Imaginava onde ele estaria, e acertou — na escadaria do Instituto, sem casaco nem chapéu, deixando a neve cair-lhe na cabeça e nos ombros. Havia uma camada branca por todo o jardim, como açúcar, congelando a fileira de carruagens que ali esperavam, os portões de ferro negro, as pedras onde Jessamine morreu. Will olhava fixamente para a frente, como se tentasse identificar alguma coisa através dos flocos.

— Will — disse Tessa, e ele se virou para olhar para ela. Ela havia trazido um xale de seda, mas nada mais pesado, e sentiu a ferroada fria dos flocos de neve na

pele nua do pescoço e dos ombros.

— Devia ter sido mais educado com Elias Carstairs — disse Will como resposta. Olhava para o céu, onde uma pálida lua crescente surgia entre nuvens espessas e névoa. Flocos brancos de neve caíram e se misturaram aos cabelos negros de Will. As bochechas e lábios estavam ruborizados pelo frio. Ele estava mais bonito que nunca. — Em vez disso, me comportei como teria feito... antes.

Tessa entendeu o que ele quis dizer. Para Will, só existia um antes e depois.

— Tem direito de se aborrecer — disse ela. — Já falei, não quero que seja perfeito. Só que seja Will.

— Que nunca será perfeito.

— A perfeição é monótona — disse Tessa, e desceu o último degrau para se colocar ao lado dele. — Estão jogando "complete a citação poética". Você poderia ter dado um show. Acho que ninguém lá dentro é capaz de desafiar seus conhecimentos literários.

— Além de você.

— De fato, seria uma competição difícil. Talvez pudéssemos formar uma equipe e dividir os lucros.

— Não parece uma boa forma — falou Will distraído, inclinando a cabeça para trás. A neve o contornava, como se ele estivesse no fundo de um redemoinho. — Hoje, quando Sophie Ascendeu...

— Sim?

— Não é algo que gostaria? — Ele se virou para olhar para ela, brancos flocos de neve presos nos cílios escuros. — Para você?

— Sabe que é impossível para mim, Will. Sou feiticeira. Ou, pelo menos, é o mais próximo do que sou. Jamais posso ser completamente Nephilim.

— Eu sei. — Ele olhou para as mãos, abrindo os dedos para deixar os flocos se ajustarem, derretendo, sob suas palmas. — Mas em Cadair Idris você disse que torcia para ser Caçadora de Sombras, que Mortmain havia destruído suas esperanças...

— Na época, era verdade — admitiu ela. — Mas quando me tornei Ithuriel, quando me Transformei e destruí Mortmain, como pude odiar algo que me permitiu proteger as pessoas que amo? Não é fácil ser diferente, muito menos ser única. Mas começo a achar que nunca poderia ter tido um caminho fácil.

Will riu.

— Um caminho fácil? Não, não para você, minha Tessa.

— Sou sua Tessa? — Ela apertou o xale, fingindo que o tremor era por causa

do frio. — *Você* se incomoda pelo que sou, Will? Por não ser como você?

As palavras se colocaram entre eles, não pronunciadas*: não há futuro para um Caçador de Sombras que se envolve com feiticeiros.*

Will empalideceu.

— As coisas que eu disse no telhado, há tanto tempo... sabe que não foram sinceras.

— Eu sei...

— Não quero que seja diferente do que é, Tessa. Você é o que é, e eu a amo. Não amo só as partes que estão em conformidade com a Clave...

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Está disposto a suportar o resto?

Ele passou a mão pelo cabelo escuro e molhado.

— Não. Não estou me explicando direito. Não há nada em você que eu possa me imaginar *não* amando. Realmente acha que é tão importante para mim que seja Nephilim? Minha mãe não é Caçadora de Sombras. E quando a vi se Transformar no anjo, quando a vi arder com o fogo divino, foi glorioso, Tess. — Ele deu um passo em direção a ela. — O que você é, o que consegue fazer, é como um grande milagre, como fogo ou flores ou a expansão do mar. Você é única no mundo, assim como é única em meu coração, e jamais haverá um tempo em que não a amarei. Eu a amaria mesmo que não fosse Caçadora de Sombras...

Ela deu um sorriso trêmulo.

— Mas fico feliz em sê-lo, ainda que só metade — falou —, pois significa que posso ficar com você, aqui no Instituto. A família que encontrei aqui pode continuar a ser minha família. Charlotte disse que, se eu quisesse, poderia deixar de ser Gray e assumir o nome que deveria ter sido da minha mãe antes de casar. Poderia ser uma Starkweather. Poderia ter um verdadeiro nome de Caçadora de Sombras.

Ela ouviu Will exalar. Soltou uma lufada branca no frio. Os olhos dele estavam azuis, arregalados e claros, fixos em seu rosto. Tinha a expressão de um homem que havia se preparado para fazer algo assustador e estava fazendo.

— Claro que pode ter um verdadeiro nome de Caçadora de Sombras — disse Will. — Pode ter o meu.

Tessa o encarou, toda em preto e branco, contra o preto e branco da neve e da pedra.

— Seu nome?

Will deu um passo até estarem frente a frente. Em seguida, pegou a mão dela

e retirou a luva, que guardou no bolso. Segurou a mão despida de Tessa na dele, curvando os dedos sobre os dela. A mão dele era quente e calejada, e o toque a fez tremer. Seus olhos estavam firmes e azuis; eram tudo que Will era: verdadeiros e ternos, aguçados e inteligentes, amorosos e generosos.

— Case comigo — disse ele. — Case comigo, Tess. Case comigo e seja Tessa Harondale. Ou seja Tessa Gray. Ou o que quiser se chamar, mas case comigo, fique comigo e nunca me deixe, pois não posso suportar viver mais um dia em que você não faça parte da minha vida.

A neve caía em volta deles, branca, fria e perfeita. As nuvens no céu haviam partido, e, pelos buracos, ela via as estrelas.

— Jem me contou o que Ragnor Fell falou sobre meu pai — prosseguiu Will. — Que meu pai só amou uma mulher, e era ela ou nada. Você é isso para mim. Eu te amo e só amarei você até morrer...

— *Will!*

Ele mordeu o lábio. O cabelo estava cheio de neve, os cílios marcados por flocos.

— Foi uma declaração grandiosa demais? Eu a assustei? Sabe como sou com palavras...

— Ah, eu sei.

— Lembro-me do que me disse uma vez — continuou ele. — Que as palavras têm o poder de nos transformar. Suas palavras me transformaram, Tess, me fizeram um homem melhor. A vida é um livro, e há mil páginas que ainda não li. Leria com você, quantas pudesse, antes de morrer...

Ela pôs a mão no peito dele, acima do coração, e sentiu a batida na palma, um ritmo único e próprio.

— Só queria que não falasse sobre morrer — disse ela. — Mas mesmo por isso, sim, sei como é com palavras, e, Will... amo *todas* elas. Cada palavra que diz. As bobas, as loucas, as lindas e as que são só para mim. Amo as palavras e amo você.

Will começou a falar, mas Tessa tapou sua boca com a mão.

— Amo suas palavras, meu Will, mas guarde-as por um instante — disse ela, e sorriu para os olhos dele. — Pense em todas as palavras que guardei dentro de mim por todo esse tempo enquanto não conhecia suas intenções. Quando me procurou na sala de estar e falou que me amava, mandá-lo embora foi a coisa mais difícil que já tive de fazer. Você disse que amava as palavras do meu coração, a forma da minha alma. Eu lembro. Lembro cada palavra que disse

daquele dia até hoje. Jamais esquecerei. São tantas que gostaria de dizer a você, e tantas que gostaria de ouvi-lo dizer para mim. Espero que tenhamos todas as nossas vidas para dizê-las um para o outro.

— Então, vai se casar comigo? — disse Will espantado, como se não conseguisse acreditar na própria sorte.

— Sim — respondeu, a última, a mais simples e a mais importante de todas as palavras. E Will, que tinha palavras para todas as ocasiões, abriu e fechou a boca, em silêncio, e, em vez de falar, puxou-a para perto de si. O xale caiu na escada, mas os braços de Will a aqueciam, com a boca quente na dela enquanto ele baixava a cabeça para beijá-la. Tinha gosto de neve e vinho, como inverno e Will em Londres. Tinha a boca suave contra a dela, passava as mãos por seus cabelos, derrubando os enfeites brancos pelos degraus de pedra. Tessa agarrou Will enquanto a neve girava ao redor. Pelas janelas do Instituto, era possível ouvir o singelo som da música tocando no salão: o piano, o violoncelo, e sobressaindo-se, como faíscas saltando para o céu, as notas doces e alegres do violino.

— Não acredito que estamos mesmo indo para casa — disse Cecily. Estava com as mãos fechadas na frente do corpo e saltitava com as botas brancas. Trajava um casaco vermelho de inverno, a coisa mais brilhante do porão escuro, exceto pelo próprio Portal, grande, prateado e brilhante, na parede oposta. Através dele, Tessa viu, como uma imagem em um sonho, o azul do céu (o céu do lado de fora do Instituto era cinzento e londrino) e as colinas cobertas por neve. Will estava ao seu lado, o ombro esbarrando no dela. Parecia pálido e nervoso, e ela queria segurá-lo pela mão.

— Não estamos *indo para casa*, Cecy — disse ele. — Não para ficar. Vamos visitar, quero apresentar nossos pais para minha noiva. — E com isso a palidez diminuiu, e os lábios se curvaram em um sorriso. — Para que conheçam a menina com quem vou me casar.

— Ah, que bobagem — disse Cecily. — Podemos utilizar o Portal para vê-los sempre que quisermos! Charlotte é a Consulesa, então não temos como nos encrencar.

Charlotte resmungou.

— Cecily, esta é uma expedição singular. Não é um brinquedo. Não pode simplesmente utilizar o Portal sempre que quiser, e esta excursão deve ser

mantida em segredo. Ninguém, além de nós, pode saber que visitaram seus pais, que eu permiti que transgredissem a Lei!

— Não vou contar para ninguém! — protestou Cecily. — Nem Gabriel. — Olhou para o menino ao seu lado. — Não vai, certo?

— Por que vamos levá-lo? — perguntou Will.

Cecily pôs as mãos no quadril.

— Por que vai levar Tessa?

— Porque Tessa e eu vamos nos *casar* — respondeu ele, e Tessa sorriu; a forma como a irmã caçula de Will conseguia irritá-lo como ninguém ainda a divertia.

— Bem, Gabriel e eu podemos nos casar — disse Cecily. — Um dia.

Gabriel emitiu um ruído engasgado e adquiriu um assustador tom de roxo.

Will jogou as mãos para o alto.

— Não pode se casar, Cecily! Só tem 15 anos! Quando eu me casar, terei 18! Um adulto!

Cecily não pareceu impressionada.

— Podemos ter um noivado longo — disse ela. — Mas não sei por que está me aconselhando a me casar com um homem que meus pais não conhecem!

Will se afobou.

— Não estou aconselhando a se casar com um homem que seus pais não conhecem!

— Então, concordamos. Gabriel precisa conhecer mamãe e papai. — Cecily olhou para Henry. — O Portal já está pronto?

Tessa se inclinou para perto de Will.

— Adoro o jeito como ela lida com você — sussurrou. — É muito divertido.

— Espere até conhecer minha mãe — disse Will, e deu a mão para ela. Seus dedos estavam frios; o coração devia estar acelerado. Tessa sabia que ele tinha passado a noite em claro. A ideia de ver os pais após tantos anos era tão assustadora quanto emocionante. Sabia que aquela mistura de esperança e medo era infinitamente pior do que apenas uma das emoções.

— O Portal está pronto — disse Henry. — E, lembrem-se, em uma hora eu o abrirei novamente para que retornem por ele.

— Entendam que é só desta vez — afirmou Charlotte ansiosamente. — Mesmo que eu seja Consulesa, não posso permitir que visitem sua família mundana...

— Nem mesmo no Natal? — perguntou Cecily, com olhos arregalados e

trágicos. Charlotte ficou visivelmente enfraquecida.

— Bem, talvez no Natal...

— E aniversários — completou Tessa. — Aniversários são especiais.

Charlotte pôs as mãos no rosto.

— Ah, pelo Anjo.

Henry riu e apontou para a porta.

— Passem — disse, e Cecily foi primeiro, desaparecendo pelo Portal como se tivesse entrado em uma cachoeira. Gabriel foi atrás, depois Will e Tessa, de mãos dadas. Tessa se concentrou no calor da mão de Will, na pulsação do sangue pela pele, enquanto a escuridão fria os conduzia, fazendo-os rodar por instantes intermináveis e irrespiráveis. Luzes explodiram atrás de seus olhos, e ela despertou da escuridão subitamente, piscando e tropeçando. Will segurou-a, impedindo que caísse.

Estavam na entrada ampla e curva da frente do Solar Ravenscar. Tessa só tinha visto o local de cima, quando ela, Jem e Will visitaram Yorkshire juntos, sem perceber que a família de Will agora morava ali. Lembrava-se que o solar ficava em um vale, entre colinas cobertas por vegetação — agora cobertas por uma camada de neve. Naquela vez, as árvores estiveram verdes; agora estavam despidas de folhas, e, no telhado escuro do solar, havia gelo brilhante.

A porta era de carvalho escuro e tinha uma aldrava pesada de bronze no centro. Will olhou para a irmã, que assentiu, e, em seguida, ele esticou os ombros e o braço para bater. A batida pareceu ecoar pelo vale, e Will praguejou baixinho.

Tessa o tocou levemente com a mão.

— Seja corajoso — disse ela. — Não é um pato, é?

Ele virou para sorrir para ela, os cabelos escuros caindo nos olhos, exatamente quando a porta abriu e revelou uma criada vestida de preto com uma touca branca. Ela olhou para o grupo na entrada e arregalou os olhos.

— Srta. *Cecily*. — Ela se engasgou, em seguida, direcionou o olhar para Will. Botou a mão na boca, virou e correu de volta para casa.

— Oh, céus — disse Tessa,

— Causo esse efeito nas mulheres — observou Will. — Provavelmente deveria ter alertado antes de você concordar em se casar comigo.

— Ainda posso mudar de ideia — comentou Tessa docemente.

— Não ouse... — começou ele, com um riso arfante, e então, de repente, havia pessoas na porta: um homem alto, de ombros largos, cabelos claros com toques grisalhos e olhos azul-claros. Logo atrás, uma mulher: esguia e

absurdamente linda, com os cabelos pretos de Will e Cecily e olhos azuis tão escuros quanto violetas. Ela gritou assim que viu Will, e levantou as mãos, balançando-as como passarinhos assustados por uma lufada de vento.

Tessa soltou a mão de Will. Ele parecia congelado, como uma raposa quando os cães de caça estavam por perto.

— Vá — disse Tessa suavemente. Ele deu um passo à frente, e então sua mãe o abraçou, dizendo:

— Eu sabia que voltaria. *Sabia*. — E, em seguida, ouviu-se uma enxurrada de palavras em galês, das quais Tessa só conseguiu identificar o nome de Will. O pai estava espantado, porém sorria, estendendo os braços para Cecily, que correu para ele com uma vontade que Tessa jamais vira.

Pelos próximos instantes, Tessa e Gabriel ficaram na entrada, pouco à vontade, sem olhar um para o outro, mas sem saber ao certo para onde deveriam olhar. Após um longo instante, Will se desvencilhou da mãe, afagando-a suavemente no ombro. Ela riu, apesar de estar com os olhos cheios de lágrimas, e disse algo em galês que Tessa desconfiou fortemente se tratar de um comentário sobre o fato de que Will agora era mais alto do que ela.

— Mãezinha — disse ele afetuosamente, confirmando as suspeitas de Tessa, e se virou exatamente quando os olhos de sua mãe pousaram sobre a jovem, em seguida sobre Gabriel, e se espantaram. — Mãe e pai, esta é Theresa Gray. Estamos noivos e vamos nos casar no ano que vem.

A mãe de Will engasgou — apesar de ter soado mais como surpresa que qualquer outra coisa, para alívio de Tessa —, e o olhar do pai de Will foi imediatamente para Gabriel, depois para Cecily, e ele cerrou os olhos.

— E quem é o cavalheiro?

O sorriso de Will se expandiu.

— Ah, ele — falou. — Este é... o amigo de Cecily, Sr. Gabriel Lightverme.

Gabriel, no meio do gesto de esticar a mão para cumprimentar o senhor Harondale, congelou horrorizado.

— *Lightwood* — disparou. — Gabriel Lightwood...

— *Will!* — disse Cecily, afastando-se do pai para olhar para o irmão.

Will olhou para Tessa, com os olhos azuis brilhando. Ela abriu a boca para adverti-lo, para falar *Will!* como Cecily acabara de fazer, mas era tarde demais: ela já estava rindo.

Epílogo

Digo que o túmulo no qual o morto está fechado
Abre o salão Celestial;
E o que colocamos aqui para o fim de tudo
É o primeiro passo de tudo.
— Victor Hugo, "At Villequier"

Londres, Blackfriars Bridge, 2008

O vento estava forte, soprando poeira e sujeira — pacotes de batata, páginas de jornal, velhas receitas — pela calçada enquanto Tessa olhava rapidamente de um lado para o outro, a fim de verificar o trânsito e atravessar a Blackfriars Bridge.

Para qualquer passante, ela pareceria uma garota normal, no final da adolescência ou com 20 e poucos anos: jeans para dentro das botas, casaco de cashmere que comprou na liquidação de janeiro, e cabelos longos e castanhos, que ondulavam um pouco pelo tempo úmido, batendo em suas costas. Se a pessoa fosse muito ligada em moda, presumiria que seu cachecol fosse uma imitação e não um original Liberty de cem anos, e que a pulseira no braço era uma antiguidade, e não um presente que recebeu do marido ao completar trinta anos de casamento.

Os passos de Tessa desaceleraram ao alcançar um dos intervalos de pedra na parede da ponte. Agora havia bancos de cimento nela, para que fosse possível sentar e olhar para a água verde cinzenta batendo na ponte ou para a catedral de São Paulo ao longe. A cidade estava viva com o barulho — ruídos do trânsito: buzinas, ônibus de dois andares; dezenas de celulares tocando; conversas de pedestres; ruídos fracos de música vazando de fones de iPod.

Tessa se sentou no banco, puxando as pernas para si. A atmosfera estava surpreendentemente limpa e clara — a fumaça e a poluição que deixavam o ar amarelo e preto quando ela era menina desapareceram, e o céu tinha a cor de um mármore azul cinzento. O horror que era a ponte Dover End Chathan também não existia mais; apenas os pilares ainda ficavam na água como um estranho lembrete do que um dia havia sido. Boias amarelas flutuavam na água agora, barcos de turistas passavam, as vozes amplificadas dos guias turísticos vazavam por alto-falantes. Ônibus tão vermelhos quanto balinhas de coração corriam pela ponte levantando folhas mortas que voavam sobre o meio-fio. Ela olhou para o relógio no pulso. Cinco para meio-dia. Chegou um pouco cedo, mas ela sempre chegava cedo para o encontro anual. Tinha uma chance de pensar — pensar e lembrar, e não havia lugar melhor para isso do que aqui, na Blackfriars Bridge, o primeiro local onde realmente conversaram.

Ao lado do relógio, a pulseira de pérolas que sempre usava. Ela nunca a tirava. Will lhe dera de presente de trinta anos de casados, sorrindo ao colocá-la. Naquela época, ele tinha cabelos grisalhos, ela sabia, apesar de nunca reparar. Como se seu amor tivesse dado a ele sua própria habilidade de alterar a forma, independentemente de quanto tempo passasse, quando olhava para ele, sempre via o menino selvagem de cabelos negros por quem se apaixonou.

Ainda lhe parecia incrível que tivessem conseguido envelhecer juntos, ela e Will Harondale, que Gabriel Lightwood uma vez disse que jamais viveria além dos 19 anos. Foram bons amigos dos Lightwood ao longo de todos os anos. Claro que Will não podia deixar de ser amigo do homem que casou com sua irmã. Tanto Cecily quanto Gabriel viram Will no dia que ele morreu, assim como Sophie, apesar de Gideon já ter morrido há alguns anos. Tessa se lembrava claramente daquele dia, o dia em que os Irmãos do Silêncio disseram que não teriam mais o que fazer para manter Will vivo. Naquele momento, ele já não conseguia mais sair da cama. Tessa esticou os ombros e foi transmitir a notícia à família e aos amigos, tentando se manter o mais calma possível por eles, apesar da sensação de que seu coração estava sendo arrancado do peito.

Foi em junho, no verão de 1937, e, com as cortinas abertas, o quarto estava cheio de luz do sol, luz do sol e os filhos de Tessa e Will, os netos, sobrinhas e sobrinhos — os meninos de olhos azuis de Cecy, altos e bonitos, as meninas de Gideon e Sophie — e aqueles que eram tão próximos quanto a família: Charlotte, de cabelos brancos e presos, e os filhos e filhas dos Fairchild, com seus cabelos ruivos e cacheados como outrora foram os de Henry.

Durante todo o dia, Tessa ficou sentada na cama ao lado de Will, deitado no ombro da esposa. A imagem poderia ter parecido estranha aos outros, uma jovem com um homem que parecia velho o bastante para ser seu avô, de mãos dadas, mas, na família deles, era normal — eram Tessa e Will. E por serem Tessa e Will, pessoas entraram e saíram durante todo o dia, como faziam os Caçadores de Sombras no leito de morte, contando histórias sobre a vida de Will e todas as coisas que ele Tessa fizeram durante seus longos anos juntos.

Os filhos falaram carinhosamente sobre como o pai sempre amou a mãe, feroz e dedicadamente, sobre como ele jamais teve olhos para mais ninguém, e sobre como eles deram o exemplo para o tipo de amor que esperavam encontrar um dia. Falaram sobre livros com grande apreço, e sobre como ele os ensinou a amar as leituras também, a respeitar a página escrita, e a admirar as histórias que contavam. Falaram sobre como ele ainda praguejava em galês quando derrubava alguma coisa, apesar de raramente utilizar a língua, e sobre como tinha excelente prosa — escreveu várias histórias sobre Caçadores de Sombras depois que se aposentou e foi muito respeitado — e como sua poesia sempre foi péssima, embora isso nunca o tenha impedido de recitá-las.

O filho mais velho, James, falou alegremente sobre o medo de patos, e sobre a batalha contínua para mantê-los longe do lago da casa da família em Yorkshire.

Os netos se lembraram da música que ele ensinou sobre varíola demoníaca — quando eram jovens demais, Tessa sempre achou — e que todos decoraram. Cantaram juntos e fora de tom, escandalizando Sophie.

Com lágrimas correndo, Cecily lembrou o momento de seu casamento com Gabriel, quando ele fez um belo discurso elogiando o noivo, ao fim do qual anunciou:

— Meu Deus, achei que estivesse se casando com Gideon. Retiro tudo o que disse.

Com isso, envergonhou não apenas Cecily e Gabriel, mas Sophie também — e Will, apesar de cansado demais para rir, sorriu para a irmã e segurou sua mão.

Todos riram sobre seu hábito de levar Tessa em "férias" românticas a locais de livros góticos, inclusive aquela terrível montanha onde alguém morreu, um castelo mal-assombrado e, claro, a praça em Paris onde ele concluiu que Sidney Carton tinha sido guilhotinado, e Will chocou um passante ao gritar em francês:

— Estou vendo sangue nas pedras!

Ao fim do dia, o céu havia escurecido, a família se reuniu em torno da cama de Will, e todos o beijaram, um por um, até Will e Tessa ficarem sozinhos. Tessa

deitou ao lado dele e passou o braço por baixo de sua cabeça, apoiando a cabeça em seu peito, escutando os batimentos cada vez mais fracos. E no escuro sussurraram, lembrando as histórias que só eles sabiam. Sobre a menina que jogou um jarro de água na cabeça do rapaz que foi resgatá-la, sobre como ele se apaixonou por ela naquele instante. Sobre um baile e uma varanda, e a lua navegando como um navio pelo céu. Sobre as batidas das asas de um anjo mecânico. Sobre água benta e sangue.

Perto da meia-noite a porta se abriu, e Jem entrou. Tessa supunha que àquela altura já deveria pensar nele como Irmão Zachariah, mas nem Tessa nem Will jamais o chamaram assim. Ele entrou como uma sombra em suas vestes brancas, e Tessa respirou fundo ao vê-lo, pois sabia que era por isso que Will esperava, e que a hora era aquela.

Ele não foi diretamente para Will, mas atravessou o quarto até uma caixa de madeira que ficava no topo da cômoda. Para sempre guardaram o violino de Jem, como Will havia prometido. Era mantido limpo e em perfeito estado, e as dobradiças do estojo não rangeram quando Jem abriu e pegou o instrumento. Eles olharam enquanto pegava o arco com seus dedos esguios e familiares, os pulsos pálidos desaparecendo sob o tecido ainda mais pálido da túnica dos Irmãos.

Então, ele levou o violino ao ombro e ergueu o arco. E tocou.

Zhi yin. Certa vez, Jem dissera a Tessa que isso significava entender a música e também um laço mais profundo que a amizade. Jem tocou e tocou os anos da vida de Will como os enxergava. Tocou os dois meninos em uma sala de treinamento, um ensinando ao outro a arremessar facas, tocou o ritual de *parabatai*: o fogo, os votos e os símbolos ardentes. Tocou dois rapazes correndo pelas ruas de Londres no escuro, parando para se apoiar contra uma parede e rir. Tocou o dia na biblioteca em que ele e Will brincaram com Tessa sobre patos, tocou o trem para Yorkshire no qual Jem falou que *parabatai* eram feitos para se amar como amavam as próprias almas. Tocou esse amor e tocou o amor de ambos por Tessa, o dela por eles, e tocou Will dizendo, *em seus olhos, sempre encontrei a graça*. Tocou as pouquíssimas vezes que os viu desde que entrou para a Irmandade — os breves encontros no Instituto; a vez em que Will foi mordido por um demônio Shax e quase morreu, e Jem veio da Cidade do Silêncio para passar a noite ao lado dele, arriscando ser descoberto e punido. Tocou o nascimento do primeiro filho e a cerimônia de proteção aplicada na criança na Cidade do Silêncio. Will não aceitou que nenhum Irmão do Silêncio a

executasse, além de Jem. E Jem tocou a maneira por que cobriu o rosto marcado com as mãos e virou as costas ao descobrir que o nome da criança era James.

Tocou amor e perda e anos de silêncio, palavras não ditas e votos não pronunciados, e todo o espaço entre seu coração e os deles; e, ao terminar, guardou o violino na caixa. Os olhos de Will estavam fechados, mas os de Tessa, cheios de lágrimas. Jem pousou o arco e foi para perto da cama, tirando o capuz, de modo que ela viu seus olhos fechados e o rosto com cicatrizes. Ele se sentou ao lado deles na cama, pegou a mão de Will, a que Tessa não estava segurando, e tanto Will quanto Tessa ouviram a voz de Jem em suas mentes.

Pego sua mão, irmão, para que possa ir em paz.

Will abriu os olhos azuis que nunca perderam a cor ao longo dos anos e olhou para Jem, depois para Tessa. Em seguida sorriu e morreu, com a cabeça de Tessa em seu ombro e a mão na mão de Jem.

Lembrar-se da morte de Will nunca deixava de doer. Depois que ele se foi, Tessa fugiu. Seus filhos eram crescidos e tinham os próprios filhos; ela disse a si mesma que não precisavam dela e escondeu no fundo da mente o pensamento que a assombrava: não suportaria ficar e vê-los envelhecer mais do que ela. Uma coisa era sobreviver à morte do marido. Sobreviver à morte dos filhos — não podia ficar ali e assistir. Aconteceria, tinha de acontecer, mas não estaria presente.

Além disso, tinha algo que Will havia lhe pedido.

A estrada que levava de Shrewsbury a Welshpool não ficava no mesmo lugar de outrora quando Will a percorreu em uma busca insana para salvá-la de Mortmain. Will deixara instruções, detalhes, descrições de cidades, de um certo grande carvalho. Ela subiu e desceu a estrada diversas vezes em seu carro antes de encontrá-la: a árvore, exatamente como ele havia desenhado no diário que lhe deu. A mão tremia um pouco, mas a memória era perfeita.

A adaga estava ali, entre as raízes das árvores que cresceram ao redor do cabo. Ela precisou cortar algumas, cavar a terra e as pedras com uma espátula antes de conseguir libertá-la. A lâmina de Jem agora estava manchada pelo clima e pela passagem do tempo. Entregou-a a Jem naquele ano, na ponte. Era 1937 e ainda não tinha ocorrido o bombardeio dos nazistas que destruiu os prédios ao redor da catedral de São Paulo, enchendo o céu com fogo e queimando os muros da cidade que Tessa amava. Mesmo assim, havia uma sombra sobre o mundo, o indício de que a escuridão se aproximava.

— Eles se matam e se matam, e não podemos fazer nada — dissera Tessa,

com as mãos sobre a pedra do parapeito da ponte. Estava pensando na Grande Guerra e no desperdício de vidas. Não era uma guerra de Caçadores de Sombras, mas de sangue e guerra nasciam demônios, e era responsabilidade dos Nephilim impedir que os demônios causassem ainda mais destruição.

Não podemos salvá-los deles próprios, Jem havia respondido. Estava com o capuz levantado, mas o vento soprou, mostrando a Tessa o lado da bochecha com a cicatriz.

— Algo se aproxima. Um horror que Mortmain só poderia imaginar. Sinto nos meus ossos.

Ninguém pode livrar o mundo de todo o mal, Tessa.

E quando ela pegou sua adaga do bolso do casaco, embrulhada em seda, apesar de ainda suja e manchada pela terra e pelo sangue de Will, e a entregou a ele, ele abaixou a cabeça, curvando os ombros sobre o objeto como se protegesse um ferimento no coração.

— Will queria que visse — disse ela. — Sei que não pode levá-la com você.

Guarde-a para mim. Pode chegar o dia.

Ela não perguntou a ele o que aquilo queria dizer, mas guardou. Guardou quando foi embora da Inglaterra, dos penhascos de Dover, deixando as nuvens para trás ao cruzar o Canal. Em Paris, encontrou Magnus, que agora vivia em um apartamento e pintava, uma ocupação para a qual não tinha a menor aptidão. Ele permitiu que ela dormisse em um colchão perto da janela, e, à noite, quando acordava gritando o nome de Will, ele vinha e a abraçava, cheirando a turpentina.

— O primeiro é sempre o mais difícil — falou ele.

— O primeiro?

— O primeiro dos seus amores a morrer — disse ele. — Depois fica mais fácil.

Quando a guerra chegou a Paris, foram juntos para Nova York, e Magnus a reapresentou a cidade onde ela nasceu — uma metrópole ocupada, agitada e brilhante que ela mal reconheceu, onde carros lotavam as ruas como formigas e trens corriam por plataformas elevadas. Ela não viu Jem naquele ano, porque a Luftwaffe estava bombardeando Londres e eles concordaram que seria muito perigoso se encontrarem, mas nos anos seguintes...

— Tessa?

O coração dela parou.

Uma grande onda de tonteira passou por ela, e, por um instante, ficou

imaginando se estaria enlouquecendo, se depois de tantos anos o passado e o presente se misturaram em suas lembranças até não conhecer mais a diferença. Pois a voz que ouviu não era a voz suave, silenciosa e mental do Irmão Zachariah. A voz que ecoava em sua mente uma vez por ano há 130 anos.

Esta foi uma voz que trouxe lembranças espalhadas por anos de recordações, como papel dobrado e desdobrado muitas vezes. Uma voz que trouxe de volta, como uma onda, a lembrança de outro tempo na ponte, uma noite há tantos anos, tudo preto e prata, e o rio correndo sob seus pés...

Seu coração batia tão forte que ela teve a sensação de que fosse romper suas costelas. Lentamente virou para longe do corrimão. E encarou.

Ele estava no asfalto em frente a ela, sorrindo timidamente, as mãos nos bolsos de um jeans moderno. Vestia um casaco azul de algodão, as mangas puxadas até os cotovelos. Marcas brancas desbotadas como bordados decoravam os antebraços. Viu a forma do símbolo da Quietude que outrora fora tão negra e forte contra sua pele e agora não passava de uma marca prateada.

— Jem? — sussurrou ela, percebendo por que não o viu ao procurá-lo na multidão. Estava procurando o Irmão Zachariah, com a túnica clara, movendo-se de forma invisível pelo bando de londrinos. Mas este não era o Irmão Zachariah.

Era Jem.

Não conseguiu desgrudar o olhar dele. Sempre achou Jem lindo. E não era menos bonito agora. Houve um tempo em que teve cabelos branco-prateados e olhos como céus cinzentos. Este Jem tinha cabelos negros, que ondulavam singelamente no ar úmido, e olhos castanho-escuros com faíscas douradas nas íris. Houve um tempo em que teve a pele pálida; agora ela tinha cor. Onde tivera o rosto marcado ao se tornar um Irmão do Silêncio, havia duas cicatrizes escuras, os primeiros símbolos da Irmandade, destacando-se sombrias e escuras no arco de cada bochecha. Onde o colarinho do casaco mergulhava singelamente, ela viu a forma delicada do símbolo *parabatai* que um dia o ligou a Will. Que talvez ainda ligasse, se a pessoa imaginasse que almas poderiam ser ligadas mesmo após a morte.

— Jem — suspirou ela novamente. À primeira vista, ele parecia ter 19, ou 20 anos, um pouco mais velho do que quando se tornou Irmão do Silêncio. Quando olhou com mais cuidado, viu um homem, os longos anos de dor e sabedoria por trás de seus olhos; até a forma como se mexia transmitia cuidado e sacrifício

silencioso. — Você... — A voz de Tessa subiu um tom, com esperança. — Isto é permanente? Não está mais ligado aos Irmãos do Silêncio?

— Não — respondeu ele, e arfou singelamente; ele olhava para ela como se não fizesse ideia de como ela iria reagir à sua súbita aparição. — Não estou.

— A cura... você encontrou?

— Não encontrei pessoalmente — respondeu devagar. — Mas... foi encontrada.

— Encontrei Magnus em Alicante há apenas alguns meses. Falamos de você. Ele não disse...

— Ele não sabia — disse Jem. — Foi um ano difícil, um ano sombrio para os Caçadores de Sombras. Mas, do sangue e do fogo, da perda e da tristeza, nasceram algumas grandes mudanças. — Ele estendeu os braços e, com um pouco de assombro na própria voz, disse: — Eu mesmo mudei.

— Como...

— Vou contar a história. Outra história envolvendo Lightwood, Harondale e Fairchild. Mas vou levar mais de uma hora nisso, e você deve estar com frio. — Ele avançou, como se pretendesse tocá-la no ombro, depois pareceu se lembrar e abaixou a mão.

— Eu... — Tessa ficou sem palavras. Ainda estava chocada por vê-lo assim, em carne e osso. Sim, ela o via todos os anos, neste mesmo lugar, nesta ponte. Mas só agora percebeu que vinha encontrando um Jem transmutado. Agora, isto era como cair no próprio passado, como se o último século tivesse sido apagado, e ela ficou tonta, alegre e apavorada. — Mas... depois de hoje? Para onde vai? Para Idris?

Por um instante, ele pareceu verdadeiramente espantado — e, apesar da idade que ela sabia que ele tinha, pareceu tão *jovem*.

— Não sei — disse ele. — Nunca tive um plano antes.

— Então... para outro Instituto? — *Não vá,* queria dizer Tessa. *Fique. Por favor.*

— Acho que não vou para Idris nem para Instituto algum — falou, depois de uma pausa tão longa, na qual parecia que os joelhos de Tessa iam sucumbir se ele não falasse. — Não sei como viver em um mundo sendo Caçador de Sombras sem Will. E acho que nem quero. Ainda sou um *parabatai*, mas minha outra metade se foi. Se eu fosse para algum Instituto pedir abrigo, jamais me esqueceria disso. Jamais me sentiria inteiro.

— Então o que...

— Depende de você.

— De mim? — Uma espécie de pânico a dominou. Ela sabia o que queria dizer para ele, mas parecia impossível. Durante todo o tempo em que o viu, desde que se tornou um Irmão do Silêncio, ele pareceu distante. Não era ruim nem insensível, mas parecia haver uma camada de vidro entre ele e o mundo. Ela se lembrava do menino que conhecera, que distribuía amor tão livremente quanto respirava, mas aquele não era o homem com quem se encontrou uma vez por ano por mais de um século. Sabia quanto tempo havia se passado e como ela havia mudado. Quanto ele teria mudado? Não sabia o que ele queria desta nova vida ou, mais imediatamente, dela. Tessa queria falar o que ele quisesse ouvir, queria pegá-lo e abraçá-lo, segurá-lo pelas mãos e se lembrar de sua forma, mas não ousou. Não sem saber o que ele queria dela. Fazia tanto tempo. Como poderia presumir que ele se sentia como outrora?

— Eu... — Ele olhou para baixo, para as próprias mãos esguias, agarrando o concreto da ponte. — Há 130 anos, todas as horas da minha vida foram programadas. Pensava tanto no que faria se fosse livre, se algum dia uma cura fosse encontrada. Achei que fosse voar imediatamente, como um pássaro solto de uma gaiola. Não imaginava que fosse emergir em um mundo tão mudado, tão desesperado. Subordinado a fogo e sangue. Quis sobreviver a ele, mas por apenas um motivo. Queria...

— O que você queria?

Ele não respondeu. Em vez disso, esticou o braço e tocou sua pulseira de pérola.

— Este é o seu presente do aniversário de trinta anos de casamento — disse ele. — Ainda o usa.

Tessa engoliu em seco. Sua pele estava coçando, e o pulso acelerando. Percebeu que não sentia isso, esta agitação, há tantos anos que quase se esquecera.

— Sim.

— Desde Will, nunca mais amou ninguém?

— Não sabe a resposta?

— Não falo da forma como ama seus filhos ou seus amigos. Tessa, você *sabe* o que estou perguntando.

— Não sei — disse ela. — Acho que preciso que me responda.

— Íamos nos casar — falou ele. — E eu a amei por todo esse tempo, um século e meio. E sei que amava Will. Eu os vi juntos ao longo dos anos. E sei que

aquele amor era tão forte que deve ter transformado outros amores, mesmo o nosso, em pequenos e insignificantes. Você teve uma vida de amor com ele, Tessa. Tantos anos. Filhos. Lembranças que não posso querer...

Ele se interrompeu com um susto violento.

— Não — falou, e soltou o pulso de Tessa. — Não posso. Fui um tolo em pensar... Tessa, me perdoe — disse Jem, e se afastou dela, misturando-se ao bando de pessoas na ponte.

Tessa ficou parada em choque por um momento; foi apenas um momento, mas o suficiente para que ele sumisse na multidão. Ela esticou a mão para se equilibrar. A pedra da ponte era fria sob seus dedos — fria, exatamente como na primeira noite que vieram aqui, na primeira vez em que conversaram. Ele foi a primeira pessoa para quem Tessa revelou seu maior medo: de que seu poder a tornasse algo não humano. *Você é humana*, dissera ele. *De todas as formas que importam*.

Ela se lembrou dele, do adorável menino moribundo que se dispôs a confortar uma menina assustada que sequer conhecia, e não falou nenhuma palavra sobre o próprio medo. Claro que ele havia deixado as digitais no coração dela. Como não?

Ela se lembrou da vez em que ele lhe ofereceu o pingente de jade de sua mãe, entregue por uma mão trêmula. Lembrou-se de beijos em uma carruagem. Lembrou-se de entrar no quarto dele, banhado pela luz do luar, o menino prateado diante da janela tocando uma música mais linda que o desejo com o violino.

Will, ele havia dito. *É você, Will?*

Will. Por um instante, o coração de Tessa hesitou. Lembrou-se da morte de Will, da própria agonia, das longas noites sozinha, apalpando o outro lado da cama todas as manhãs ao acordar, durante anos esperando encontrá-lo ali, e somente aos poucos se acostumando ao fato de que aquele lado da cama ficaria eternamente vazio. Quando achava alguma coisa engraçada olhava para compartilhar com ele, apenas para se surpreender novamente com sua ausência. Os piores momentos eram quando, no café da manhã sozinha, percebia que havia se esquecido do exato tom de azul dos seus olhos ou da profundidade de sua risada; que, assim como a música do violino de Jem, tinham se desbotado ao longe onde as lembranças são silenciosas.

Jem era mortal agora. Envelheceria como Will e, como Will, morreria, e ela não sabia se poderia suportar outra vez.

Mesmo assim.

A maioria das pessoas tem sorte se encontra um grande amor na vida. Você encontrou dois.

De repente, seus pés estavam se movendo, quase automaticamente. Ela estava correndo em meio à multidão, passando por estranhos, pedindo desculpas ao quase tropeçar em um passante ou atingi-lo com os cotovelos. Não se importava. Estava correndo pela ponte, parando ao fim, onde diversos degraus estreitos de pedra levavam à água do Tâmisa.

Desceu dois de cada vez, quase escorregando na pedra. No último degrau, havia uma pequena doca de cimento, com uma grade de metal. O rio estava alto e batia entre as aberturas do metal, preenchendo o pequeno espaço com cheiro de lodo e água do rio.

Jem estava na grade, olhando para a água. Mantinha com as mãos nos bolsos, os ombros curvados como se estivesse se protegendo de um vento forte. Olhava para a frente quase cegamente e com uma atenção tão fixa que não pareceu ouvi-la se aproximar por trás. Ela o pegou pela manga, virando-o para encará-la.

— O quê? — perguntou ela sem ar. — O que está tentando me perguntar, Jem?

Os olhos dele se arregalaram. Suas bochechas estavam ruborizadas, mas ela não sabia ao certo se era pela corrida ou pelo ar frio. Ele olhou para ela como se Tessa fosse alguma planta bizarra que cresceu subitamente, espantando-o.

— Tessa... você me seguiu?

— Claro que segui. Você correu no meio de uma frase!

— Não era uma boa frase. — Ele olhou para o chão, depois novamente para Tessa, com um sorriso tão familiar quanto as lembranças que Tessa tinha se formando nos cantos da boca. Então, voltou à memória uma lembrança perdida, porém não esquecida: o sorriso de Jem sempre foi como o sol. — Nunca fui bom com palavras — disse ele. — Se tivesse meu violino, poderia tocar o que quero dizer.

— Tente.

— Não... não sei se consigo. Tinha seis ou sete discursos preparados e estava passando por todos eles, eu acho.

Estava com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Tessa esticou os braços e o pegou gentilmente pelos pulsos.

— Bem, *eu* sou boa com palavras — falou ela. — Então deixe-me perguntar.

Ele tirou as mãos dos bolsos e permitiu que ela envolvesse os dedos sobre

seus pulsos. Ficaram parados, Jem olhando para ela sob os cabelos negros — o vento os soprara para o rosto. Ainda tinha uma mecha prateada contra o preto, o que chamava a atenção.

— Você me perguntou se amei alguém além de Will — disse Tessa. — E a resposta é sim. Eu te amei. Sempre amei e sempre vou amar.

Ela o ouviu respirar fundo. A garganta de Jem pulsava de modo visível sob a pele pálida que ainda tinha marcas brancas dos símbolos da Irmandade.

— Dizem que não é possível amar duas pessoas igualmente ao mesmo tempo — falou ela. — E talvez para os outros isso seja verdade. Mas você e Will... não são pessoas comuns, duas pessoas que teriam ciúme uma da outra ou que imaginariam meu amor por um diminuído pelo amor pelo outro. Fundiram suas almas quando eram crianças. Eu não teria amado Will tanto quanto amei se não te amasse também. E não poderia amar você se não tivesse amado Will como amei.

Seus dedos circularam levemente os pulsos de Jem, abaixo dos punhos do casaco. Tocá-lo assim — era tão estranho; no entanto, isso a fez querer tocá-lo mais. Tinha quase se esquecido da falta que fazia o toque de alguém que amava.

Tessa se forçou a soltá-lo, no entanto, e alcançou o colarinho da própria blusa. Cuidadosamente pegou a corrente que usava no pescoço e a levantou para que ele pudesse ver, pendurado, o pingente de jade que lhe dera há tanto tempo. A inscrição no verso ainda brilhava como se fosse nova:

Quando duas pessoas são uma em seus corações, destroem até mesmo a força do ferro ou do bronze.

— Você se lembra de que deixou isso comigo? — perguntou ela. — Nunca tirei.

Ele fechou os olhos. Os cílios se apoiaram nas maçãs do rosto, longos e finos.

— Todos esses anos — disse ele, e sua voz soou baixa como um sussurro, e não era a voz do menino que ele outrora havia sido. Mas ainda era uma voz que Tessa amava. — Por todos esses anos, você usou? Eu nunca soube.

— Eu achava que só seria um fardo para você enquanto era um Irmão do Silêncio. Temi que pensasse que usá-lo queria dizer que eu tinha alguma espécie de expectativa em relação a você. Uma expectativa que você não pudesse atender.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Tessa ouviu a corrente do rio, o trânsito ao longe. Tinha a impressão de poder escutar as nuvens se movendo no céu. Cada fibra do seu corpo gritava para que ele falasse, mas Tessa esperou:

esperou enquanto as expressões se debatiam no rosto de Jem até que ele finalmente falou.

— Ser um Irmão do Silêncio — começou — é, ao mesmo tempo, ver tudo e não ver nada. Eu enxergava o grande mapa da vida, espalhado diante dos meus olhos. Via as correntes do mundo. E a vida humana começou a parecer uma espécie de encenação, interpretada ao longe. Quando tiraram meus símbolos, quando o manto da Irmandade foi removido, foi como se eu tivesse acordado de um longo sonho, ou como se um escudo de vidro que me cercava tivesse se estilhaçado. Senti tudo de uma vez, correndo sobre mim. Toda a humanidade que os feitiços da Irmandade me tiraram. Se tanta humanidade voltou a mim... é por sua causa. Se eu não tivesse você, Tessa, se não tivesse guiado meus anos a partir desses encontros anuais, não sei se teria conseguido voltar.

Havia uma luz nos olhos escuros de Jem agora, e o coração de Tessa voou no peito. Ela só amou dois homens na vida, e nunca achou que fosse voltar a vê-los.

— Mas voltou — sussurrou ela. — E é um milagre. E você se lembra do que lhe disse certa vez sobre milagres.

Ele sorriu novamente.

— "E milagres não se questionam, nem reclamamos quando não são exatamente como gostaríamos." Suponho que seja verdade. Gostaria de ter voltado mais cedo. Gostaria de ser o mesmo menino que você amou um dia. Temo que esses anos tenham me transformado em outra pessoa.

Tessa examinou o rosto de Jem. Ao longe, ouvia os ruídos do trânsito, mas aqui, à beira do rio, quase conseguia imaginar que era uma garota outra vez, e o ar cheio de névoa e fumaça, o barulho das ferrovias...

— Os anos também me mudaram — disse ela. — Fui mãe e avó, e vi a morte daqueles que amo, e outros nascendo. Você fala das correntes do mundo. Eu também as vi. Se ainda fosse a mesma menina que você conheceu, não teria conseguido falar tão abertamente com você como acabei de fazer. Não seria capaz de pedir o que vou pedir.

Ele levantou a mão e a acariciou na bochecha. Tessa viu a esperança no rosto de Jem, surgindo lentamente.

— O quê?

— Venha comigo — disse ela. — Fique comigo. Esteja comigo. Veja tudo comigo. Viajei o mundo e vi tanta coisa, mas há tantas outras, e não poderia escolher melhor companhia. Eu iria a todos os lugares e a qualquer lugar com você, Jem Carstairs.

O polegar dele deslizou pelo arco da maçã do rosto de Tessa. Ela estremeceu. Há tanto tempo ninguém a olhava daquele jeito, como se ela fosse a maior maravilha do mundo, e ela sabia que estava olhando para ele da mesma forma.

— Parece irreal — disse Jem, com voz rouca. — Faz tanto tempo que a amo. Como isso pode ser verdade?

— É uma das grandes verdades da minha vida — disse Tessa. — Vem comigo? Mal posso esperar para dividir o mundo com você, Jem. Temos muita coisa para ver.

Ela não sabia ao certo quem alcançou quem primeiro. Apenas que um instante depois ela estava em seus braços, e ele sussurrava:

— Sim, claro, sim — falou em seu cabelo. Procurou sua boca timidamente, e ela pôde sentir a tensão suave, o peso de tantos anos entre o último beijo e este. Ela esticou o braço, colocando a mão na nuca de Jem, puxando-o para baixo, sussurrando.

— *Bie zhao ji. — Não se preocupe, não se preocupe.* Ela o beijou na bochecha, no canto da boca e, finalmente, na boca, e a pressão dos lábios de Jem nos dela foi intensa e gloriosa, e *ah, a batida do seu coração, o gosto de sua boca, o ritmo da respiração.* Os sentidos de Tessa borraram com a lembrança: como ele era magro, as omoplatas afiadas como facas sob o tecido fino das camisas que outrora vestia. Agora ela sentia músculos fortes e firmes no abraço, a vibração da vida por seu corpo pressionando o dela, o algodão suave do casaco agarrado entre seus dedos.

Tessa tinha consciência de que, acima de seu pequeno aterro, as pessoas continuavam andando pela Blackfriars Bridge, que o trânsito continuava passando, e que os pedestres provavelmente estavam encarando, mas não ligou; depois de tantos anos, a pessoa aprende o que é importante e o que não é. E isto era importante: Jem, a velocidade de seu coração, a graciosidade de suas mãos deslizando para acariciar seu rosto, os lábios suaves nos dela ao traçar a forma de sua boca com a dele. A realidade morna e sólida dele. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu seu coração abrir, e soube que o amor era mais que uma lembrança.

Não, a última coisa com a qual se importava era se havia pessoas olhando para o menino e a menina que se beijavam ao lado do rio enquanto Londres, suas cidades, torres, igrejas, pontes e ruas os circulavam como a lembrança de um sonho. E se o Tâmisa que corria ao lado deles, firme e prateado sob a luz da tarde, lembrava uma noite muitos anos atrás, quando a lua brilhou luminosa

como um xelim sobre este mesmo menino e esta mesma menina, ou se as pedras de Blackfriars conheciam seus passos e pensaram *finalmente, a roda completou o círculo*, eles ficaram em silêncio.

Observações sobre a Inglaterra de Tessa

Como em *Anjo mecânico* e *Príncipe mecânico*, a cidade de Londres e o país de Gales de *Princesa mecânica* é, até onde foi possível, uma mistura de real e irreal, de famosos e esquecidos. A casa da família Lightwood é baseada na Chiswick House que ainda pode ser visitada. Quanto ao número 16 Cheyne Walk, onde Woolsey Scott mora, na época foi alugada por Algernon Charles Swinburne, Dante Gabriel Rossetti e George Meredith. Eram integrantes do movimento estético, como Woolsey. Apesar de nenhum deles ser (até onde se sabe) lobisomem. O Argent Rooms é baseado no escandaloso Argyle Rooms.

Sobre a louca cavalgada de Will pelo campo de Londres a Gales, devo muito a Clary Booker, que me ajudou a mapear a rota, encontrou pousadas onde Will teria se hospedado e especulou sobre o clima. Tentei ser fiel a ruas e pousadas que existiram (a Shrewsbury-Welshpool agora é a A458). Eu mesma estive pessoalmente em Cadair Idris e subi, visitei Dolgellau e Taly-Lyn e vi Llyn Cau, apesar de não ter mergulhado para ver até onde ele me levaria.

Blackfriars Bridge existe, é claro, e existia naquela época, e a descrição no epílogo foi o mais próximo que minha experiência permitiu fazer. As Peças Infernais começaram com um sonho acordado de Jem e Tessa na Blackfriars Bridge, e acho adequado que também acabe ali.

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a Cindy e Margaret Pon pela ajuda com o mandarim; Clary Booker por mapear a jornada de Will de Londres a Cadair Idris; Emily-Jo Thomas pela ajuda com o galês de Will e Cecily; Aspasia Diafa, Patrick Oltman e Wayne Miller pela ajuda com latim e grego antigo. Obrigada, Moritz Wiest, por escanear todo o manuscrito para que pudesse ser entregue durante o furacão Sandy.

Muitos agradecimentos pelo apoio familiar da minha mãe e do meu pai, assim como Jim Hill e Kate Connor; Nao, Tim, David e Ben; Melanie, Jonathan e Helen Lewis; Florence e Joyce. Aos que leram, criticaram e apontaram anacronismos — Sarah Smith, Delia Sherman, Holly Black, Kelly Link, Ellen Kushner, Clary Booker —, milhões de obrigadas. E agradeço àqueles cujas faces risonhas e comentários sarcásticos me incentivam dia a dia: Elka Cloke, Holly Black, Robin Wasserman, Emily Houk, Maureen Johnson, Libba Bray e Sarah Rees Brennan. Minha constante gratidão ao meu agente, Russel Galen; minha editora, Karen Wojtyla; e as equipes da Simon & Schuster, e Walker Books por fazerem tudo acontecer. E finalmente, obrigada Josh, que me trouxe chá e gatos enquanto eu trabalhava.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Princesa mecânica – As peças infernais vol.3

Wikipédia da série As peças infernais
http://pt.wikipedia.org/wiki/As_Pe
%C3%A7as_Infernais

Entrevista com a autora
http://idris.com.br/2013/07/10/cassie-clare-responde-ultima-ask-falando-sobre-o-final-de-as-pecas-infernais-triangulos-amorosos-e-o-papel-de-personagens-femininos-nos-livros/

Sinopse do livro
http://livrosemserie.com.br/2013/10/13/capa-sinopse-e-pre-venda-de-princesa-mecanica/

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/livro/242630-princesa-mecanica

Resenhas do livro
http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/242630

Site da autora
http://www.cassandraclare.com/

Wikipédia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora
http://cassandraclare.tumblr.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/
show/150038.Cassandra_Clare

Twitter da autora
https://twitter.com/cassieclare

Capa
Obras da autora publicadas pela Galera Record
Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Famílias Carstairs, Herondale e Lightwood
Prólogo
1. Uma Briga Terrível
2. O Verme Conquistador
3. A Hora Final
4. Ser Sábio e Amar
5. Um Coração Dividido
6. Permita que a Escuridão
7. Ouse Desejar
8. Aquele Fogo do Fogo
9. Esculpido em Metal
10. Como Água na Areia
11. Temer a Noite
12. Fantasmas na Estrada
13. A Mente tem Montanhas
14. Parabatai
15. Estrelas, Ocultem seus Fogos
16. A Princesa Mecânica
17. É Nobre Ser Bom
18. Somente por Isso
19. Jazer e Arder
20. As Peças Infernais
21. Ouro Ardente
22. Trovão na Trombeta
23. Do Que Qualquer Mal
24. A Medida do Amor
Epílogo
Observações sobre a Inglaterra de Tessa

Agradecimentos
Colofão
Saiba mais

O mundo antes de OS INSTRUMENTOS MORTAIS
GALERA
AS PEÇAS INFERNAIS
Princesa mecânica
CASSANDRA CLARE